O Conde de Monte-Cristo

Capítulo I

Marselha. - A Checada

Em 24 de Fevereiro de 1815, o vigia de Nossa Senhora da Guarda assinalou o três mastros Pharaon, vindo de Esmirna, Trieste e Nápoles.

Como de costume, um piloto costeiro largou imediatamente do porto, passou rente ao Castelo de If e abordou o navio entre o cabo de Morgion e a ilha de Rion.

Também como de costume, a plataforma do Forte de S. João encheu-se imediatamente de curiosos. Porque em Marselha a chegada de um navio era sempre um grande acontecimento, sobretudo quando esse navio, como no caso do Pharaon, fora construído, aparelhado e estivado nos estaleiros da velha Phocée e pertencia a um armador da cidade.

Entretanto, o navio aproximava-se. Transpusera sem dificuldade o estreito que alguma erupção vulcânica abrira entre a ilha de Calasareigne e a ilha de Jaros, deixara para trás Pomêgue e avançava com os seus três mastros, a sua bojarrona e a sua bergantina, mas tão devagar e com um ar tão triste que os curiosos, com esse instinto que pressente a desgraça, perguntavam a si mesmos que acidente teria acontecido a bordo. No entanto, os entendidos em navegação reconheciam que, se houvera algum acidente, não se dera com o próprio navio, pois este aproximava-se com todas as condições de um navio perfeitamente governado, a âncora prestes a ser largada e os cabos gurupés soltos; e junto do piloto, que se preparava para dirigir o Pharaon através da entrada estreita do porto de Marselha, encontrava-se um jovem desembaraçado e de olhar atento, que vigiava cada movimento do navio e repetia cada ordem do piloto.

A vaga inquietação que pairava sobre a multidão atingira especialmente um dos espectadores da esplanada de S. João, e de tal modo que não lhe permitiu esperar a entrada do navio no porto. Saltou para um barquinho e mandou remar ao encontro do Pharaon, que alcançou defronte da enseada da Reserve.

Ao ver aproximar-se aquele homem, o jovem marinheiro deixou o seu lugar ao pé do piloto e, de chapéu na mão, encostou-se à amurada do navio.

Era um rapaz de dezoito a vinte anos, alto, esbelto, de belos olhos negros e cabelo cor de ébano. Havia em toda a sua pessoa esse ar calmo e resoluto característico dos homens habituados desde a infância a enfrentar o perigo.

- Ah, é você, Dantés! - gritou o homem do barco. - Que aconteceu, a que se deve esse ar de tristeza que paira a bordo?

- Uma grande desgraça, Sr. Morrel! - respondeu o jovem. - Uma grande desgraça, sobretudo para mim. Por alturas de Civita-Vecchia perdemos o nosso querido comandante Leclére.

- E a carga? - perguntou vivamente o armador?

- Chegou a bom porto, Sr. Morrel, e creio que a esse respeito ficará contente; mas o pobre comandante Leclére...

- Que lhe aconteceu? - perguntou o armador com ar visivelmente aliviado. - Que aconteceu a esse digno comandante?

- Morreu.

- Caiu ao mar?

- Não, senhor. Morreu de febre cerebral, no meio de horríveis sofrimentos.

Depois, virando-se para os seus homens:

- Olá, eh! - gritou. - Todos a postos para a ancoragem!

A tripulação obedeceu. Ato contínuo, os oito ou dez marinheiros que a compunham correram uns para as escotas, outros para os braços, outros para as adriças, outros para os cutelos e finalmente outros para as carregadeiras das velas.

O jovem marinheiro deitou um olhar breve ao começo da manobra e, vendo que as suas ordens estavam sendo executadas, tornou a virar-se para o seu interlocutor.

- E como aconteceu essa desgraça? - continuou o armador, retomando o diálogo no ponto em que o jovem marinheiro o deixara.

- Meu Deus, senhor, da forma mais imprevista! Depois de uma longa conversa com o comandante do porto, o comandante Leclére deixou Nápoles muito agitado; passadas vinte e quatro horas a febre atacou-o; três dias depois estava morto... Fizemos-lhe o funeral do costume e repousa, decentemente embrulhado no pano de uma maca, com um pelouro de trinta e seis aos pés e outro à cabeça, por alturas da ilha de El Giglio. Trazemos, para entregar à viúva, a sua Cruz de Honra e a sua espada. Valia bem a pena - continuou o jovem, - com um sorriso melancólico - andar dez anos guerreando com os Ingleses para no fim morrer na cama como toda a gente.

- Pois sim, mas que quer, Sr. Edmond - prosseguiu o armador, que parecia cada vez mais conformado --, somos todos mortais e é preciso que os mais velhos dêem lugar aos novos. Sem isso não haveria progresso; e uma vez que me garante que a carga...

- ...está em bom estado, Sr. Morrel, asseguro-lhe. Aconselho-o a não negociar esta viagem com menos de 25.000 francos de lucro.

Depois, como acabassem de ultrapassar a torre redonda:

- Preparar para colher as velas da gávea, o cutelo e a bergantina! - gritou o

jovem marinheiro. - Vamos!

A ordem foi executada quase com tanta rapidez como num navio de guerra.

- Amainar e colher tudo!

À última ordem todas as velas desceram e o navio avançou quase insensivelmente, impelido apenas pelo impulso que trazia.

- E agora se quiser subir, Sr. Morrel - disse Dantés ao ver a impaciência do armador --, aqui tem o seu guarda-livros, Sr. Danglars, que sai do seu camarote e que lhe dará todas as informações que desejar. Quanto a mim, tenho de vigiar a ancoragem e de pôr o navio de luto.

O armador não esperou que lho dissessem duas vezes. Agarrou o cabo que lhe deitou Dantés e, com uma destreza que faria inveja a um homem do mar, subiu os degraus fixados no bojo do navio, enquanto o jovem, reassumindo o seu lugar de imediato, cedia a palavra àquele que anunciara sob o nome de Danglars e que, saindo do seu camarote, avançava efetivamente ao encontro do armador.

O recém-chegado era um homem de vinte e cinco a vinte e seis anos, de expressão bastante sombria, obsequioso para com os superiores e insolente para com os subordinados. Por isso, além do cargo de guarda-livros, sempre motivo de repulsa para os marinheiros, era geralmente tão malvisto pela tripulação quanto, pelo contrário, Edmond Dantés era estimado.

- Então, Sr. Morrel - disse Danglars --, já sabe a desgraça que nos aconteceu, não é verdade?

- Sei, sei. Pobre comandante Lecléreí Era um excelente e digno homem!

- E um bom marinheiro, sobretudo, envelhecido entre o céu e o mar, como convém a um homem encarregado dos interesses de uma casa tão importante como a casa Morrel e Filhos - respondeu Danglars.

- Mas - disse o armador, seguindo com a vista Dantés, que procurava o seu ancoradouro --, mas parece-me que não é necessário ser tão velho marinheiro como você diz, Danglars, para um homem saber do seu ofício. Aí está o nosso amigo Edmond que me parece saber do seu como um homem que não necessita de pedir conselhos a ninguém.

- Sim - perguntou Danglars, deitando a Dantés um olhar oblíquo onde brilhou um relâmpago de ódio --, sim, é novo e por isso julga-se capaz de tudo. Mal o comandante morreu assumiu o comando sem consultar ninguém e fez-nos perder dia e meio na ilha de Elba, em vez de rumar diretamente para Marselha.

- Quanto a tomar o comando do navio - disse o armador - era o seu dever como imediato; quanto a perder dia e meio na ilha de Elba fez mal; a menos que o navio tenha tido necessidade de reparar alguma avaria.

- O navio estava tão bem como eu estou e como desejo que esteja o Sr. Morrel. Esse dia e meio foi perdido por puro capricho, pelo prazer de ir a terra e mais nada.

- Dantés - disse o armador virando-se para o rapaz --, chegue aqui.

- Perdão, senhor - respondeu Dantés --, irei dentro de um instante.

Depois, dirigindo-se à tripulação:

- Ancorar!

A âncora caiu imediatamente e a corrente deslizou com ruído. Apesar da presença do piloto, Dantés manteve-se no seu posto até esta última manobra estar concluída. Depois:

- Descer a flâmula a meio mastro, pôr a bandeira a meia haste e cruzar as vergas!

- Como vê - disse Danglars --, já se julga comandante, como acabo de lhe dizer.

- E o é de fato - perguntou o armador.

- Sim, caso tenha o seu acordo e o do seu sócio, Sr. Morrel.

- E porque lhe não daríamos o lugar? - replicou o armador. - É novo, bem sei, mas parece-me capaz de desempenhar perfeitamente o cargo.

Passou uma nuvem pela testa de Danglars.

- Perdão, Sr. Morrel - disse Dantés, aproximando-se. - Agora que o navio já está ancorado, estou às suas ordens. Chamou-me, não é verdade?

Danglars deu um passo atrás.

- Queria perguntar-lhe por que motivo se detiveram na ilha de Elba - respondeu Morrel.

-Ignoro-o, senhor. Cumpri apenas a última ordem do comandante Leclére, que ao morrer me entregou um pacote para o grande marechal Bertrand.

- Viu-o, portanto, Edmond?

- Quem?

- O grande marechal.

- Vi.

Morrel olhou à sua volta e puxou Dantés à parte.

- E como está o imperador? - perguntou vivamente.

- Bem, tanto quanto me foi dado julgar pelos meus olhos.

- Quer dizer que também viu o imperador?

- Entrou em casa do marechal quando me encontrava lá.

- E você falou-lhe?

- Bom, quem me falou foi ele, senhor - respondeu Dantés, sorrindo.

- E que lhe disse?

- Interrogou-me acerca do navio, de quando partia para Marselha, da rota seguida e da carga que transportava. Creio que se estivesse vazio e fosse meu a sua intenção seria comprá-lo. Mas disse-lhe que não passava de um simples imediato e que o navio pertencia à casa Morrel e Filhos. “Ah! Ah!, conheço-a!”, exclamou. “Os Morrels são armadores de pais para filhos e houve um Morrel que serviu no mesmo regimento que eu quando estive de guarnição em Valence.”

- Por Deus, é verdade! - exclamou o armador, contentíssimo. - Era Policar Morrel, meu tio, que foi capitão. Dantés, se disser ao meu tio que o imperador se lembrou dele, verá como o velho resmungão desata a chorar. Pronto, pronto - prosseguiu o armador, batendo amistosamente no ombro do rapaz --, fez bem, Dantés, em seguir as instruções do comandante Leclére e escalar a ilha de Elba, embora se se soubesse que entregou um pacote, ao marechal e conversou com o imperador, isso o pudesse comprometer.

- Em que quer o senhor que isso me comprometa - redargüiu Dantes - se nem sequer sei o que continha o pacote e o imperador só me interrogou acerca de coisas que perguntaria ao primeiro que lhe aparecesse? Mas, perdão -prosseguiu Dantés --, aí estão a sanidade e a alfândega. Dá-me licença, não é verdade?

- Claro, claro, meu caro Dantés.

O jovem afastou-se e, como ele se afastasse, Danglars tomou a aproximar-

se.

- Então, parece que lhe deu boas razões acerca da sua escala em Porto Ferraio...

- Excelentes, meu caro Sr. Danglars.

- Ah, tanto melhor! - exclamou este. - Porque é sempre desagradável ver um companheiro não cumprir o seu dever.

- Dantés cumpriu o seu - respondeu o armador - e não há nada a dizer.

- A propósito do comandante Leclére, não lhe entregou uma carta dele?

- Quem?

- Dantés.

- A mim, não! Quer dizer que havia uma carta?

- Julgava que, além do pacote, o comandante Leclére lhe confiara uma carta.

- De que pacote fala, Danglars?

- Daquele que Dantés entregou ao passar por Porto Ferraio.

- Como sabe que tinha de entregar um pacote em Porto Ferraio?

Danglars corou.

- Passava diante da porta do comandante, que estava entreaberta, e vi-o entregar o pacote e a carta a Dantés.

- Não me disse nada a esse respeito - redargüiu o armador mas se tem essa carta entregar-me-á.

Danglars refletiu um instante.

- Nesse caso, Sr. Morrel, peço-lhe que não diga nada disto a Dantés. Provavelmente, enganei-me

Neste momento o jovem regressava. Danglars afastou-se.

- Então, meu caro Dantés, já está livre? - perguntou o armador.

- Estou, sim, senhor.

- Não demorou muito tempo.

- Pois não. Entreguei aos funcionários da Alfândega a lista das nossas mercadorias, e quanto à sanidade mandara com o piloto um homem a quem entreguei os nossos documentos.

- Então já não tem mais nada que fazer aqui?

Dantés deitou um olhar rápido à sua volta.

- Não, está tudo em ordem - respondeu.

- Nesse caso, pode vir jantar conosco?

- Desculpe-me, Sr. Morrel, desculpe-me, peço-lhe, mas devo a minha primeira visita a meu pai. Mas nem por isso fico menos reconhecido pela honra que me concede.

- É justo, Dantés, é justo. Sei que é um bom filho.

- E... sabe se ele está bem... o meu pai? - perguntou Dantés, com certa hesitação.

- Creio que sim, meu caro Edmond, embora o não tenha visto.

- Sim, gosta de estar fechado no seu quartinho.

- O que prova, pelo menos, que não lhe faltou nada durante a sua ausência.

Dantés sorriu.

- Meu pai é orgulhoso, senhor. Mesmo que lhe faltasse tudo duvido que

pedisse qualquer coisa a quem quer que fosse no mundo, exceto a Deus.

- Bom, depois dessa primeira visita contamos consigo.

- Desculpe-me novamente, Sr. Morrel, mas depois desta primeira visita tenho uma segunda que me não é menos grata ao coração.

- Ah, é verdade, Dantés? Esquecia-me de que há nos Catalães alguém que o deve esperar com não menos impaciência do que o seu pai: a bela Mercedes.

Dantés sorriu.

- Ah, ah! - exclamou o armador. - Agora já me não admira que ela tenha vindo três vezes pedir-me notícias do Pharaon. Apre, Edmond, escusa de se queixar, tem ali uma bonita amante!

- Não é minha amante, senhor - observou gravemente o jovem marinheiro --, é minha noiva.

- É tudo a mesma coisa - comentou o armador, rindo.

- Mas não para nós, senhor - respondeu Dantés.

- Pronto, pronto, meu caro Edmond - prosseguiu o armador - não o retenho mais. Cuidou tão bem dos meus negócios que merece que lhe dê todo o tempo de que precisar para tratar dos seus. Precisa de dinheiro?

- Não, senhor. Tenho todos os meus vencimentos de viagem, isto é, perto de três meses de soldo.

- Você é um rapaz ajuizado, Edmond.

- Acrescente que tenho um pai pobre, Sr. Morrel.

- Sim, sim, sei que é um bom filho. Pronto, vá ver o seu pai. Também tenho um filho e levaria muito a mal a quem, depois de uma viagem de três meses, o retivesse longe de mim.

- Nesse caso, se me dá licença... - disse o jovem cumprimentando.

- Dou, se não tem mais nada a dizer-me.

- Não.

- O comandante Leclére não lhe deu, ao morrer, uma carta para mim?

- Foi-lhe impossível escrever, senhor. Mas isso recorda-me que desejo pedir-lhe quinze dias de licença.

- Para se casar?

- Primeiro; depois para ir a Paris.

- Pois sim, pois sim, tome o tempo que quiser, Dantés. Levaremos bem seis semanas a descarregar o navio e não voltaremos ao mar antes de três meses... Mas daqui a três meses tem de estar de volta. O Pharaon - continuou o armador, batendo no ombro do jovem marinheiro - não poderia partir sem o seu comandante.

- Sem o seu comandante! - exclamou Dantés, com os olhos brilhantes de alegria. - Veja bem o que diz, senhor, pois acaba de corresponder às mais secretas esperanças do meu coração. Será sua intenção nomear-me comandante do Pharaon?

- Se fosse sozinho, lhe estenderia a mão, meu caro Dantés, e lhe diria: “Está feito.” Mas tenho um sócio e você conhece o provérbio italiano: “Che a compàgno a padrône.” Mas pelo menos metade do caminho está andado, porque de dois votos já pode contar com um. Confie em mim para obter o outro.

- Oh, Sr. Morrel! - exclamou o jovem marinheiro com as lágrimas nos olhos, pegando nas mãos do armador. -Agradeço-lhe, Sr. Morrel, em nome de meu pai e

de Mercedes.

- Está bem, está bem, Edmond. há um Deus no Céu para as pessoas dignas, que diabo! Vá ver o seu pai, vá ver Mercedes e procure-me depois.

- Não quer que o leve a terra?

- Não, obrigado. Ficarei a tratar das minhas contas com Danglars. Ficou satisfeito com ele durante a viagem?

- Conforme o sentido que dê à pergunta, senhor. Se é como bom camarada, não, pois parece-me que não gosta de mim desde o dia em que cometi a tolice, depois de uma pequena discussão que tivemos, de lhe propor que nos detivéssemos dez minutos na ilha de Monte-Cristo para resolvermos a questão, proposta que não andei bem em fazer-lhe e que ele teve razão em recusar. Se é a respeito do guarda-livros que me faz a pergunta, creio não haver nada a dizer e que ter motivos para se sentir satisfeito com a forma como ele se desempenha da sua tarefa.

- Mas... Vejamos, Dantés, se fosse comandante do Pharaon conservaria Danglars com prazer? - perguntou o armador.

- Comandante ou imediato, Sr. Morrel - respondeu Dantés terei sempre a maior consideração por aqueles que possuírem a confiança dos meus armadores.

- Está bem, está bem, Dantés, vejo que é um excelente rapaz sob todos os aspectos. Não o rebento mais; vá, pois bem vejo que está sobre brasas.

- Posso contar com a minha licença? - perguntou Dantés.

- Pois sim.

- Permite-me que me sirva do seu barco?

- À vontade.

- Adeus, Sr. Morrel, e mil vezes obrigado.

- Adeus, meu caro Edmond, felicidades!

O jovem marinheiro saltou para o barco, sentou-se à popa e mandou seguir para a Cannebiére. Dois marinheiros inclinaram-se imediatamente sobre os remos e a embarcação deslizou tão rapidamente quanto possível por entre os numerosos barcos que obstruíam a espécie de rua estreita que conduzia, através de duas filas de navios, da entrada do porto ao cais de Orleães.

O armador seguiu-o com a vista sorrindo, até Dantés alcançar a muralha, saltar para as lajes do cais e desaparecer imediatamente no meio da multidão variegada que das cinco da manhã às nove da noite enche a famosa Rua da Cannebiére, de que tanto se orgulham os fócios modernos, os quais dizem com a maior seriedade do mundo e com a pronúncia que dá tanto caráter às suas palavras: “Se Paris tivesse a Cannebiére seria uma pequena Marselha.”

Ao virar-se, o armador viu atrás de si Danglars, que aparentemente parecia esperar as suas ordens, mas que na realidade seguia também com a vista o jovem marinheiro.

Simplesmente, havia uma grande diferença na expressão do duplo olhar que seguia o mesmo homem.

Capítulo II

O pai e o filho

Deixemos Danglars, a braços com o gênio do ódio, tentar soprar contra o companheiro alguma maligna suposição ao ouvido do armador e sigamos Dantés, que, depois de percorrer a Cannebiére em todo o seu comprimento, entrou na Rua de Noailles, em seguida numa casita situada ao lado das Alamedas de Meilhan, subiu rapidamente os quatro andares de uma escada escura e, segurando-se ao corrimão com uma das mãos e comprimindo com a outra as pulsações do coração, parou diante de uma porta entreaberta que deixava ver um quarto até ao fundo.

Era naquele quarto que morava o pai de Dantés.

A notícia da chegada do Pharaon ainda não chegara aos ouvidos do velhote, o qual, empoleirado numa cadeira, se entretinha a prender com mão trêmula algumas capuchinhas e clematites que trepavam ao longo do ripado da janela.

De súbito, sentiu-se agarrado pela cintura e ouviu uma voz bem conhecida exclamar atrás dele:

- Meu pai, meu bom pai!

O velho soltou um grito e virou-se; depois, ao ver o filho, deixou-se transportar nos seus braços, muito trêmulo e pálido.

- Que tens, pai? - perguntou o rapaz, inquieto. - Está doente?

- Não, não, não, meu querido Edmond, meu filho, meu menino, não. Mas não te esperava, e a alegria, a surpresa de te ver assim de repente... Ah, meu Deus, parece-me que vou morrer!

- Pronto, sossega, pai! Sou eu, sou mesmo eu! Sempre ouvi dizer que a alegria não faz mal e por isso entrei assim, sem preparação. Vamos, sorri-me em vez de me olhares dessa maneira, com os olhos esgazeados. Estou de volta e vamos ser felizes.

- Ah, ainda bem, rapaz! - exclamou o velho. - Mas vamos ser felizes como? Não me deixas mais? Anda, conta-me em que consiste a tua felicidade!

- Que o Senhor me perdoe - disse o rapaz - por me regozijar com uma felicidade conseguida à custa do luto de uma família! Mas Deus sabe que não desejei essa felicidade. Uma vez, porém, que aconteceu, não está mais na minha mão, não consigo afligir-me. O digno comandante Leclére morreu, meu pai, e é provável que graças à proteção do Sr. Morrel me dêem o seu lugar. Compreende, meu pai? Comandante aos vinte anos! Com cem luíses de soldo e parte dos lucros! Não é mais do que podia realmente esperar um pobre marinheiro como eu?

- Sim, meu filho, sim, de fato é uma felicidade - disse o velhote.

- Por isso, quero que com o primeiro dinheiro que ganhar tenha uma casinha com jardim para plantar as suas clematites, as suas capuchinhas e as suas madressilvas... Mas que tens, pai, dir-se-ia que te sentes mal...

- Calma, calma! Isto não é nada.

Mas as forças faltaram-lhe e o velho deixou-se cair para trás.

- Então, então! - exclamou o rapaz. - Tome um copo de vinho, meu pai; vai

ver que o reanima. Onde tem o vinho?

- Não, obrigado, escusas de o procurar; não é preciso - redargüiu o velho, procurando reter o filho.

- Não é preciso, não é preciso... Então, pai, diga-me onde está - e abriu dois ou três armários.

- Inútil... - murmurou o velho - já não há vinho.

- Como, já não há vinho?! - surpreendeu-se Dantés, empalidecendo por seu turno e olhando alternadamente para as faces cavadas e macilentas do velho e para os armários vazios.

- Como é que já não há vinho? Tiveste falta de dinheiro, meu pai?

- Não tenho falta de nada desde que estás aqui - respondeu o velhote.

- No entanto - balbuciou Dantés, limpando o suor que lhe escorria da testa --, no entanto, deixei-lhe duzentos francos quando parti há três meses.

- Sim, sim, Edmond, é verdade. Mas quando partiste esqueceste-te de uma pequena dívida em casa do vizinho Caderousse. Ele lembrou-ma e disse-me que se a não pagasse por ti iria pedir o pagamento ao Sr. Morrel. Então, compreendes, com medo que isso te prejudicasse...

- Que fez?

- Que fiz? Paguei-a eu.

- Mas eu devia cento e quarenta francos a Caderousse exclamou Dantés.

- Pois devias - balbuciou o velhote.

- E pagou-lhos dos duzentos francos que lhe deixei?

O velhote acenou que sim com a cabeça.

- De modo que viveu três meses com sessenta francos! - murmurou o rapaz.

- Bem sabes que me contento com pouco - disse o velhote.

- Oh, meu Deus, meu Deus, perdoai-me! - exclamou Edmond, caindo de joelhos diante do pobre homem.

- Que fazes?

- Oh, dilacerou-me o coração!

- Mas agora estás aqui - observou o velhote, sorrindo. - Agora está tudo esquecido porque tudo está bem.

- Sim, estou aqui - disse o rapaz. - Estou aqui com um excelente futuro e algum dinheiro. Tome, pai. Tome, tome e mande buscar imediatamente qualquer coisa.

E despejou em cima da mesa as algibeiras, que continham uma dúzia de moedas de ouro, cinco ou seis moedas de cinco francos e alguns trocos.

O rosto do velho Dantés iluminou-se.

- De quem é isso? - perguntou.

- Mas... é meu!... É teu!... É nosso!... Tome, compre comida. Sejamos felizes. Amanhã haverá mais.

- Devagar, devagar... - contrapós o velhote, sorrindo. - Com tua licença, me servirei moderadamente da tua bolsa. Se me vissem comprar demasiadas coisas ao mesmo tempo, julgariam que me vi obrigado a esperar o teu regresso para as adquirir.

- Faça como quiser. Mas antes de mais nada toma uma criada, pai. Não quero que continues sozinho. Tenho café de contrabando e excelente tabaco num

bauzinho no porão. Eu os darei amanhã. Mas caluda que vem aí alguém!

- É Caderousse. Deve ter sabido da tua chegada e vem, sem dúvida, dar-te as boas-vindas.

- Deus nos livre dos lábios que dizem uma coisa enquanto o coração sente outra - murmurou Edmond. - Mas não importa, é um vizinho que noutros tempos nos ajudou; que seja bem-vindo.

Com efeito, quando Edmond acabava esta frase em voz baixa apareceu enquadrada na porta do patamar a cabeça negra e barbuda de Caderousse. Era um homem de vinte e cinco a vinte seis anos. Trazia na mão um bocado de tecido que, na sua qualidade de alfaiate, se preparava para transformar numa banda de casaca.

- Com que então de volta, hem, Edmond - disse com um aceno marselhês dos mais pronunciados e um amplo sorriso que lhe descobriu os dentes brancos como marfim.

- É como vê, vizinho Caderousse, e pronto a ser-lhe agradável no que quer que seja - respondeu Dantés, escondendo mal a sua frieza debaixo desta oferta de serviços.

- Obrigado, obrigado. Felizmente, não preciso de nada, e às vezes até são os outros que precisam de mim...

Dantés esboçou um gesto.

- Não digo isto por ti, rapaz - prosseguiu o outro. - Emprestei-te dinheiro, me pagaste. São coisas que se trazem entre bons vizinhos e estamos quites.

- Nunca estamos quites para com aqueles que nos obsequiaram - declarou Dantés. - Porque quando já lhos não devemos dinheiro devemos-lhe reconhecimento.

- Que adianta falar disso? O que lá vai, lá vai! Falemos antes do teu feliz regresso, rapaz. Passava por acaso pelo porto para ir comprar fazenda castanha quando encontrei o amigo Danglars.

- Você em Marselha?

- Claro, como vê - respondeu-me.

- Julgava-te em Esmirna.

- Acabo de chegar de lá.

- E Edmond, onde está ?

- Em casa do pai, sem dúvida - respondeu Danglars. - E foi então que resolvi vir - continuou Caderousse - para ter o prazer de apertar a mão a um amigo!

- Este bom Caderousse gosta tanto de nós - observou o velhote.

- Claro que gosto de vocês e também que os estimo, atendendo a que as pessoas honestas são raras! Mas parece que enriqueceste, rapaz... - continuou o alfaiate, deitando um olhar de esguelha ao punhado de ouro e prata que Dantés pusera em cima da mesa.

O jovem notou o relâmpago de cupidez que iluminou os olhos negros do vizinho.

-- Por Deus - disse negligentemente --, esse dinheiro não é meu. Manifestava ao pai o receio de que lhe tivesse faltado alguma coisa na minha ausência e, para me tranqüilizar, ele despejou a bolsa em cima da mesa. Vamos, pai - continuou Dantés --, guarde esse dinheiro no seu mealheiro. A não ser que o

vizinho Caderousse tenha, por sua vez, necessidade dele, pois nesse caso está às suas ordens.

- Não - rapaz - disse Caderousse --, não tenho necessidade de nada. Graças a Deus, o Estado cuida dos seus homens. Guarda o teu dinheiro, guarda; nunca é demais. O que me não impede de te agradecer a tua oferta como se a tivesse aceitado.

- Era de boa vontade - declarou Dantés.

- Acredito. Você está com excelentes relações com o Sr. Morrel, hein?... Espertalhão!...

- O Sr. Morrel foi sempre muito bondoso para comigo - respondeu Dantés.

- Nesse caso, não devia recusar o convite para jantar.

- Como recusar o seu convite? - interveio o velho Dantés. - Ele o convidou para jantar?

- Convidou, meu pai - respondeu Edmond, sorrindo do espanto que causava ao pai as grandes honras de que era alvo.

- E por que recusou, filho? - perguntou o velhote.

- Para chegar mais cedo junto de si meu pai - respondeu o rapaz. - Tinha pressa de vê-lo.

- O bom do Sr. Morrel deve ter ficado contrariado com isso - insinuou Caderousse. - E quando se visa ser comandante é um erro contrariar o armador...

- Expliquei-lhe o motivo da minha recusa e ele compreendeu-o, espero - redargüiu Dantés.

- Convém não esquecer que para se ser comandante é necessário adular um bocadinho os patrões...

- Espero ser comandante sem isso - respondeu Dantés.

- Tanto melhor, tanto melhor! Será um prazer para todos os velhos amigos e sei de alguém lá em baixo, atrás da Cidadela de S. Nicolau, que não ficará nada aborrecido com isso...

- Mercedes? - perguntou o velhote.

- Sim, meu pai - respondeu Dantés. - E com sua licença, agora que já o vi, agora que sei que está de saúde e que tem tudo quanto precisa, permita-me que vá visitar os Catalães.

- Vai, meu filho - disse o velho Dantés --, e que Deus te abençoe na tua mulher como me abençoou no meu filho.

- Sua mulher? - interveio Caderousse. - Como vai depressa, Tio Dantés! Ainda não o é, parece-me!

- Não. Mas é muito provável que não tarde a sê-lo -respondeu Edmond.

- Não importa, não importa - observou Caderousse. - Fazes bem em despachar-te, rapaz.

- Porquê?

- Porque Mercedes é uma moça bonita e às moças bonitas não faltam apaixonados. Ela, sobretudo, tem-nos às dúzias.

- Deveras? - disse Edmond, com um sorriso em que se notavam uns ligeiros laivos de inquietação.

- Claro! - confirmou Caderousse. - E bons partidos, até . Mas, compreendes, você será comandante e nessas condições quem é que te recusaria?...

- O que quer dizer - comentou - Dantés com um sorriso que disfarçava mal a sua inquietação - que se não fosse comandante...

- Eh, eh! - gargalhou Caderousse.

- Vamos, vamos - atalhou o rapaz --, tenho melhor opiniãodo que você acerca das mulheres em geral e de Mercedes em particular e estou convencido de que, seja ou não comandante, ela me permanecerá fiel.

- Tanto melhor, tanto melhor! - exclamou Caderousse. - É sempre bom um homem ter fé quando se vai casar. Mas não importa! Acredita no que te digo, rapaz: não percas tempo a ir anunciar-lhe a tua chegada e a dar-lhe conta das tuas esperanças.

- Estou indo - disse Edmond.

Beijou o pai, cumprimentou Caderousse com um aceno e saiu.

Caderousse ficou mais um instante. Depois, despediu-se do velho Dantés, desceu por seu turno e foi ter com Danglars, que o esperava à esquina da Rua Senac.

- Então, você o viu? - perguntou Danglars.

- Acabo de deixá-lo - respondeu Caderousse.

- Falou da sua esperança de ser comandante?

- Falou e como se já o fosse.

- Pois que tenha paciência - redargüiu Danglars. - Parece-me que vai um bocadinho depressa demais...

- Demônio, mas se a coisa lhe foi prometida pelo Sr. Morrel!...

- De maneira que está contentíssimo?

- Será melhor dizer que está insolente. Me ofereceu os seus serviços como se fosse uma grande personagem e ofereceu-se até para me emprestar dinheiro como se fosse um banqueiro.

- E você recusou?

- Evidentemente, embora pudesse muito bem aceitar, atendendo a que fui eu quem lhe pôs na mão as primeiras moedas de prata em que tocou. Mas agora o Sr. Dantés já não precisará de ninguém, vai ser comandante.

- Ora, ainda o não é! - atalhou Danglars.

- Palavra que seria bem feito que o não fosse - declarou Caderousse. - De contrário, ninguém poderá com a sua vida.

- Pois se nós quisermos - insinuou Danglars - ficará o que é e talvez até se torne menos do que é...

- O que você disse?

- Nada, falo comigo mesmo. Continua apaixonado pela bela catalã?

- Está louco por ela. Foi vê-la. Mas ou me engano muito ou espera-o um desgosto desse lado.

- Explique-se.

- Para quê?

- É mais importante do que julga. Não gostas do Dantés, não é verdade?

- Não gosto dos arrogantes.

- Então, desembucha, diga-me o que sabe acerca da catalã.

- Não sei nada de muito positivo; apenas tenho visto coisas que me levam a crer, como te disse, que o futuro comandante terá um desgosto nas imediações do Caminho das Vieilles-infirmeries.

- O que você viu? Vamos, diga.

- Bom, vi que todas as vezes que Mercedes vem à cidade a acompanha um rapaz de olhos negros, corado, muito moreno, muito ardente, com todo o ar de catalão e a quem ela trata por “meu primo”.

- Sim?... E acha que esse primo a corteja?

- Suponho que sim. Que diabo pode fazer um rapaz de vinte e um anos a uma bonita moça de dezessete?

- E você diz que Dantés foi aos Catalães?

- Saiu antes de mim.

- Se fôssemos para o mesmo lado, pararíamos na Réserve e enquanto bebêssemos um copo de vinho de La Malgue esperaríamos notícias...

- E quem as daria?

- Ficaríamos no caminho e veríamos no rosto de Dantés o que se tivesse passado...

- Vamos - disse Caderousse. - Mas é você que paga...

- Claro - respondeu Danglars.

E ambos se dirigiram em passo rápido para o local indicado. Chegando lá, mandaram vir uma garrafa e dois copos.

O Tio Pamphile vira passar Dantés ainda não havia dez minutos.

Certos de que Dantés se encontrava nos Catalães, sentaram-se debaixo da folhagem nascente dos plátanos e dos sicômoros, nos ramos dos quais um alegre bando de pássaros cantava um dos primeiros dias bonitos de Primavera.

Capítulo III

Os Catalães

A cem passos do local em que os dois amigos, de olhos postos no horizonte e ouvido à escuta, saboreavam o vinho espumante de La Malgue, erguia-se atrás de uma colina escalvada e roída pelo sol e pelo mistral a aldeia dos Catalães.

Um dia, uma colônia misteriosa partiu de Espanha e desembarcou na língua de terra onde ainda hoje se encontra. Vinha ninguém sabia donde e falava uma língua desconhecida. Um dos chefes, que entendia o provençal, pediu à comuna de Marselha que lhes dessem aquele promontório nu e árido em que, como os marinheiros antigos, acabavam de varar os seus barcos. O pedido foi satisfeito e três meses mais tarde erguia-se uma aldeiazinha à volta dos doze ou quinze barcos trazidos por aqueles ciganos do mar.

Essa aldeia construída de forma estranha e pitoresca, meio moura, meio espanhola, é aquela que vemos hoje ser habitada por descendentes desses homens, que falam a língua dos pais. Há três ou quatro séculos que se conservam fiéis a esse promontoriozinho, sobre o qual desceram como um bando de aves marinhas, sem se misturarem em nada com a população marselhesa, casando entre si e conservando os costumes e o traje dos seus avós, tal como

conservaram a sua linguagem.

Queiram os nossos leitores seguir-nos através da única rua da aldeiazinha e entrar conosco numa destas casas a que o sol deu por fora essa bela cor de folha morta particular aos monumentos da região e por dentro uma camada de têmpera, essa tinta branca que constitui o único ornamento das pousadas espanholas.

Uma bonita moça de cabelo negro como o azeviche e olhos aveludados como os das gazelas encontrava-se encostada, de pé, a um tabique e esfregava entre os dedos afilados e de um desenho antigo uma urze inocente cujas flores arrancava e cujos restos juncavam já no chão. Além disso, os seus braços nus até ao cotovelo - os seus braços morenos, mas que pareciam modelados pelos da Vênus de Arles - fremiam numa espécie de impaciência febril e ela batia no chão com o pé flexível e arqueado de uma maneira que se entrevia a forma pura, orgulhosa e ousada da perna, metida numa meia de algodão encarnado com baguettes cinzentas e azuis.

A três passos dela, sentado numa cadeira que balançava num movimento brusco, apoiando o cotovelo num velho móvel carunchoso, um rapaz de vinte e dois anos olhava-a com um ar em que se misturavam a inquietação e o despeito. Os seus olhos interrogavam, mas o olhar firme da moça dominava o seu interlocutor.

- Vejamos, Mercedes - dizia o rapaz --, a Páscoa vem aí e é o momento pensar no casamento. Responde-me!

- Já te respondi cem vezes, Fernand, e na verdade é preciso que seja muito inimigo de você mesmo para continuar a perguntar-me!

- Pois repete-o mais uma vez, suplico-te, repete-o novamente para que o acredite. Diga-me pela centésima vez que recusa o meu amor, que a tua mãe aprovava; deixe-me entender que te é indiferente a minha felicidade, que a minha vida e a minha morte não significam nada para ti. Ah, meu Deus, meu Deus! Ter sonhado dez anos em ser teu marido, Mercedes, e perder essa esperança que era o único objetivo da minha vida!

- Pelo menos não fui eu, Fernand, que alguma vez alimentei essa esperança - respondeu Mercedes. - Não tem a censurar-me uma única coqueteria para contigo. Sempre te disse: “Gosto de ti como um irmão, mas não exija de mim outra coisa que não seja esta amizade fraterna, pois o meu coração pertence a outro.” Não foi o que sempre te disse, Fernand?

- Foi, bem sei, Mercedes - respondeu o rapaz. - Sim, tiveste para comigo o mérito cruel da franqueza. Mas esquece que entre os Catalães constitui uma lei sagrada casarem entre si?

- Você se engana Fernand, não se trata de uma lei, trata-se apenas de um hábito. E, acredita no que te digo, não invoques esse hábito a seu favor. Foi chamado às fileiras, Fernand. A liberdade que te concedem não passa de mera tolerância. De um momento para o outro pode ser chamado. Uma vez soldado, que faria de mim, isto é, de uma pobre órfã, triste, sem fortuna, possuindo como única riqueza uma cabana quase em ruínas, onde pendem algumas redes velhas, herança miserável deixada por meu pai à minha mãe e pela minha mãe a mim? Faz um ano que ela morreu e desde então lembre-se, Fernand, vivo quase da caridade pública! Às vezes finge que te sou útil, mas para ter o direito de dividir a

pesca comigo. E eu aceito, Fernand, porque você é filho de um irmão do meu pai, porque fomos criados juntos e sobretudo porque te desgostaria muito se recusasse. Mas sinto bem que o peixe que vou vender e com que obtenho o dinheiro que me permite comprar o cânhamo que fio, sinto bem, Fernand, que é uma esmola.

- E que importa, Mercedes, se, por mais pobre e isolada que seja, me convém assim, mais do que a filha do mais orgulhoso armador ou do mais rico banqueiro de Marselha? De que precisamos nós? De uma mulher honesta e de uma boa dona de casa. Onde encontraria alguém melhor do que você nesses dois aspectos?

- Fernand - respondeu Mercedes abanando a cabeça --, uma mulher torna-se má dona de casa e não pode comprometer-se a ser honesta quando ama outro homem em vez do seu marido. Contente-se com a minha amizade porque, repito-te, é tudo o que posso oferecer, e eu só ofereço aquilo que estou certa de poder dar.

- Compreendo - disse Fernand. - Suporta com paciência a tua miséria, mas tem medo da minha. Pois bem, Mercedes, amado por você tentarei a fortuna; você me dará sorte e enriquecerei. Posso tirar melhor partido da minha profissão de pescador; posso empregar-me numa casa comercial; eu posso próprio tornar-me comerciante!

- Não pode tentar nenhuma dessas coisas, Fernand. Você é um soldado e se ainda está nos Catalães é porque não há guerra. Continua a ser pescador; não se entregue a sonhos que te fariam parecer a realidade ainda mais terrível, e contente-se com a minha amizade, pois não posso dar outra coisa.

- Tem razão, Mercedes, serei marinheiro. Terei, em vez do traje dos nossos pais, que despreza, um chapéu de oleado, uma blusa às riscas e uma jaqueta azul com ancoras nos botões. Não é assim que devo me vestir para te agradar?

- Que quer dizer? - perguntou Mercedes, deitando-lhe um olhar imperioso. - Que quer dizer? Não te compreendo.

- Quero dizer, Mercedes, que você só é tão dura e cruel para mim porque esperas alguém que se veste assim. Mas esse que espera talvez seja inconstante, e se o não é, o mar o será ele.

- Fernand, julgava-te bom, mas me enganei! - gritou Mercedes. - Fernand, só um mau coração chamaria em auxílio do seu ciúme as cóleras de Deus! Sim, não o escondo mais, espero e amo aquele que você diz, e se ele não voltar, em vez de o acusar da inconstância a que te refere, direi que morreu amando-me.

O jovem catalão fez um gesto de raiva.

- Compreendo, Fernand odeia-o porque não te amo e está disposto a cruzar a tua navalha catalã com o seu punhal! Mas onde te levará isso? A perder a minha amizade se sair vencido e a ver a minha amizade transformar-se em ódio se saír vencedor. Acredita no que te digo: procurar brigar com um homem é uma péssima maneira de agradar à mulher que ama esse homem. Não, Fernand, não ceda assim aos seus maus pensamentos. Se não pode me ter como mulher, contente-se com ter-me por amiga e irmã. E depois - acrescentou com os olhos nublados e cheios de lágrimas --, espera, espera, Fernand. Como disseste há pouco, o mar é pérfido, e já lá vão quatro meses que ele partiu; e nesses quatro meses contei muitas tempestades!

Fernand permaneceu impassível. Não procurou enxugar as lágrimas que rolavam pelas faces de Mercedes. E no entanto daria um copo do seu sangue por cada uma dessas lágrimas. Mas essas lágrimas corriam por outro.

Levantou-se, deu uma volta na cabana e tornou a parar diante de Mercedes, de olhos sombrios e punhos fechados.

- Vejamos, Mercedes - disse por fim --, responde-me mais uma vez: isso está decidido?

- Amo Edmond Dantés - respondeu friamente a jovem - e nenhum outro a não ser Edmond será meu marido.

- E o amará sempre?

- Enquanto viver.

Fernand baixou a cabeça como um homem desanimado e soltou um suspiro que mais parecia um gemido. Depois, de repente, levantou a cabeça e perguntou, com os dentes apertados e as narinas frementes:

- E se morreu?

- Se morreu, morrerei também.

- E se te esqueceu?

- Mercedes! - gritou uma voz alegre fora de casa. - Mercedes!

- Ah! - exclamou a jovem, corando de alegria e estremecendo de amor. - Bem vês que não me esqueceu, pois está aqui!

E correu para a porta, que abriu gritando:

- Aqui, Edmond, estou aqui!

Fernand, pálido e fremente, recuou como um viajante à vista de uma serpente e foi de encontro à cadeira, na qual caiu sentado.

Edmond e Mercedes estavam nos braços um do outro. O sol ardente de Marselha, que penetrava através da abertura da porta, inundava-os de uma torrente de luz. De início não viram nada do que os rodeava; uma felicidade imensa isolava-os do mundo e só dirigiam um ao outro frases entrecortadas, impulsos de uma alegria tão viva que chegavam a parecer expressões de dor. Mas de súbito Edmond descobriu a silhueta escura de Fernand, que se recortava na sombra, pálida e ameaçadora. Num gesto de que ele próprio não tinha consciência, o jovem catalão pousava a mão na faca que trazia à cintura.

- Ah, perdão! - exclamou Dantés, franzindo por sua vez o sobrolho. - Não tinha notado que éramos três.

Depois, virando-se para Mercedes, perguntou:

- Quem é este senhor?

- Este senhor será o teu melhor amigo, Dantés, porque é meu amigo, meu primo, meu irmão. É Fernand, isto é, o homem que depois de ti, Edmond, mais amo no mundo. Não o reconhece?

- Ah, com certeza! - respondeu Edmond.

E sem largar Mercedes, cuja mão apertava numa das suas, estendeu num gesto de cordialidade a outra ao catalão.

Mas, em vez de corresponder a esse gesto amistoso, Fernand ficou mudo e imóvel como uma estátua.

Então, Edmond passeou o seu olhar investigador de Mercedes, comovida e trêmula, para Fernand, sombrio e ameaçador. Esse simples olhar revelou-lhe tudo. A cólera subiu-lhe à cabeça.

- Não teria vindo com tanta pressa a tua casa, Mercedes, se soubesse que encontrava nela um inimigo.

- Um inimigo! - exclamou Mercedes, dirigindo um olhar irado ao primo. - Um inimigo em minha casa, você diz, Edmond? Se acreditasse nisso, te daria o braço e iria contigo para Marselha, deixaria esta casa para nunca mais voltar.

Os olhos de Fernand relampejaram.

- E se te acontecesse alguma desgraça, meu Edmond - continuou a jovem, com a mesma fleuma implacável que provava a Fernand que lera até ao mais fundo do seu sinistro pensamento-, se te acontecesse alguma desgraça subiria ao cabo de Morgion e me atiraria de cabeça nos rochedos.

Fernand empalideceu horrivelmente.

- Mas está enganado, Edmond - prosseguiu --, não tem nenhum inimigo aqui. Só Fernand, o meu irmão, que vai apertar a sua mão como a um amigo dedicado.

Proferidas estas palavras, a jovem fixou o seu olhar imperioso no catalão que, como que fascinado por esse olhar, se aproximou lentamente de Edmond e lhe estendeu a mão.

O seu ódio, semelhante a uma vaga impotente, embora furiosa, quebrava-se contra o ascendente que aquela mulher exercia sobre ele.

Mas assim que tocou na mão de Edmond, que sentiu que fizera tudo o que podia fazer, correu para fora de casa.

- Oh! - gritava correndo como um insensato e metendo os dedos nos cabelos. - Oh, quem me livrasse deste homem! Que infelicidade a minha! Que infelicidade a minha!

- Eh, catalão! Eh, Fernand! Aonde vai correndo assim? -perguntou uma voz.

O rapaz parou de repente, olhou à sua volta e viu Caderousse sentado a uma mesa com Danglars, debaixo de uma latada de folhagem.

- Eh! - insistiu Caderousse. - Por que não se aproxima? Está assim com tanta pressa que nem tem tempo de cumprimentar os amigos?

- Sobretudo quando têm ainda uma garrafa quase cheia diante de si - acrescentou Danglars.

Fernand olhou os dois homens com ar aparvalhado e não disse nada.

- Parece muito excitado - observou Danglars, tocando com o joelho em Caderousse. - Não nos teremos enganado e, ao contrário do que previámos, ter sido Dantés; quem levou a melhor?

- Demônio, temos de tirar isso a limpo! - disse Caderousse.

E virando-se para o rapaz:

- Então, catalão, decide ou não?

Fernand enxugou o suor que lhe escorria da testa e entrou lentamente debaixo da latada, cuja sombra pareceu restituir-lhe um pouco de calma aos sentidos e a frescura um pouco de bem-estar ao corpo exausto.

- Bom dia - cumprimentou. - Chamaram-me, não chamaram?

E mais caiu do que se sentou numa das cadeiras que rodeavam a mesa.

- Chamei porque corria como um louco e porque receei que fosse se atirar ao mar - redargüiu Caderousse, rindo. - Que diabo, os amigos não são só para oferecer um copo de vinho, são também para nos impedir de beber três ou quatro litros de água!

Fernand soltou um gemido que mais pareceu um soluço e deixou cair a cabeça nos braços pousados em cruz em cima da mesa.

- Se quer que te diga, Fernand - prosseguiu Caderousse, encetando a conversa com a brutalidade grosseira da gente do povo, a quem a curiosidade faz esquecer toda a diplomacia --, tem o ar de um amante derrotado!

E sublinhou o gracejo com uma grande gargalhada.

- Ora - interveio Danglars --, um rapaz dessa pinta não nasceu para ser infeliz no amor. Está brincando, Caderousse.

- Estou? - perguntou este. - Pois escuta como ele suspira... Então, então, Fernand, levanta o nariz e responde-nos. Não é amável não responder aos amigos que nos perguntam como estamos de saúde.

- A minha saúde vai bem - disse Fernand, crispando os punhos, mas sem levantar a cabeça.

- Ah! Está vendo, Danglars? - disse Caderousse, piscando o olho ao amigo. - Fernand, que vê aqui e é um bom e digno catalão, um dos melhores pescadores de Marselha, está apaixonado por uma linda moça chamada Mercedes. Mas, infelizmente, parece que a linda moça está, por sua vez, apaixonada pelo imediato do Pharaon. E como o pharaon entrou hoje mesmo no porto... compreende?

- Não, não compreendo-respondeu Danglars.

- O pobre Fernand deve ter sido posto com dono - concluiu Caderousse.

- E depois? - interveio Fernand, levantando a cabeça e fitando Caderousse como um homem que procura alguém sobre quem descarregar a sua cólera. - Mercedes não depende de ninguém? É absolutamente livre para amar quem quiser.

- Ah, se encara o caso assim isso é outra coisa! - perguntou Caderousse. - Eo o julgava um catalão; e tinham me dito que os Catalães não eram homens que se deixassem suplantar por um rival. Disseram-me até que sobretudo você, Fernand, era terrível nas suas vinganças.

Fernand sorriu palidamente.

- Um apaixonado nunca é terrível - observou.

- Pobre rapaz! - disse Danglars, fingindo lamentar o jovem do mais fundo do coração. - Que quer, não esperava ver regressar assim Dantés, de repente. Talvez o julgasse morto, infiel, quem sabe! Essas coisas são tanto mais dolorosas quanto mais de surpresa nos acontecem.

- Em todo o caso - insinuou Caderousse, que bebia enquanto falava e em quem o famoso vinho de La Malgue começava a produzir efeito --, em todo o caso, dou-lhes a minha palavra de que Fernand não é o único a quem a feliz chegada de Dantés contraria. Não é verdade, Danglars?

- Claro que é verdade, e quase me atreveria a dizer que isso lhe dará azar...

- Mas não importa - prosseguiu Caderousse, deitando um copo de vinho a Fernand e enchendo pela oitava ou décima vez o seu próprio copo, enquanto Danglars mal tocara no seu. - Não importa porque entretanto ele casa com Mercedes, a bela Mercedes. Pelo menos foi para isso que voltou.

Enquanto Caderousse falava, Danglars envolvia num olhar penetrante o jovem Fernand, no coração do qual as palavras do alfaiate calavam como chumbo derretido.

- Quando é o casamento? - perguntou.

- Oh, ainda não está marcado! - murmurou Fernand.

- Não está, mas estará - salientou Caderousse --, tão certo como Dantés será o comandante do pharaon não é verdade, Danglars?

Danglars acusou a estocada inesperada e virou-se para Caderousse, cujo rosto observou, para ver se o golpe fora premeditado. Mas só viu inveja naquelo rosto já quase estupidificada pela embriaguez.

- Pois bem - disse, enchendo os copos --, bebamos ao comandante Edmond Dantés, marido da bela catalã!

Caderousse levou o copo à boca com mão pouco firme e despejou-o de um gole. Fernand pegou no seu e partiu-o no chão.

-Eh eh, eh! - gargalhou Caderousse. - Mas quem vem ali, no alto da colina, na direção dos Catalães? Olha, Fernand, que tem melhor vista do que eu. Creio que começo a ver tudo turvo e como sabe o vinho é traiçoeiro... Parecem dois namorados que caminham ao lado um do outro, de mãos dadas. Deus me perdoe, não desconfiam que os vemos e beijam-se!

Danglars não perdia nenhum sinal de angústia de Fernand, cujo rosto se descompunha a olhos vistos.

- Conhece-os, Sr. Fernand? - Perguntou.

- Conheço - respondeu este, com voz surda. - São o Sr. Edmond e Mademoiselle Mercedes.

- Ora vejam! - exclamou Caderousse. - E eu que não os reconhecia.. Olá, Dantés! Olá, linda menina! Venham até aqui um bocadinho e digam-nos quando é o casamento, pois o Sr. Fernand é tão teimoso que não quer dizer.

- Faça o favor de se calar? - interveio Danglars, simulando conter Caderousse, que com a tenacidade dos bêbados se inclinava para fora da latada. - Deixe os apaixonados amarem-se tranquilamente. Põe os olhos aqui no Sr. Fernand e segue-lhe o exemplo. É um homem razoável.

Talvez Fernand, de cabeça perdida, aguilhoado por Danglars como o touro pelos bandarilheiros, fosse finalmente explodir, tanto mais que já se levantara e parecia dobrar-se sobre si para saltar sobre o rival; mas Mercedes, risonha e decidida, levantou a bela cabeça e deixou ver o seu olhar puro e resplandecente.

Então Fernand lembrou-se da ameaça que ela fizera, de morrer se Edmond morresse, e deixou-se cair, desanimado, no seu lugar.

Danglars olhou sucessivamente para os dois homens: um embrutecido pela embriaguez, o outro dominado pelo amor.

- Não conseguirei nada destes idiotas - murmurou - e não é muito seguro para mim estar aqui entre um bêbado e um valentão. Eis um invejoso que se embebeda com vinho, quando deveria inebriar-se com fel, e um imbecil a quem acabam de roubar a amante diante do nariz e que se limita a choramingar e a lamentar-se como um garoto. E no entanto possui olhos chamejantes como esses espanhóis, esses sicilianos e esses calabreses, que se vingam tão bem, e punhos capazes de esmagar a cabeça de um boi tão seguramente como a maça de um magarefe. Decididamente, o destino de Edmond está traçado: casará com aquela linda moça, será comandante e rirá de nós. A menos que... - um sorriso lívido desenhou-se nos lábios de Danglars - a menos que eu interfira nele - acrescentou.

- Olá! - continuava a gritar Caderousse, semilevantado e com os punhos na mesa. - Olá, Edmond! Não vê os amigos ou já se tornou tão orgulhoso que não

lhes falas?

- Não, meu caro Caderousse - respondeu Dantés. - Não me tornei orgulhoso, mas sinto-me feliz e a felicidade cega, creio, ainda mais do que o orgulho.

- Ainda bem! Aí está uma boa explicação - admitiu Caderousse.

- Eh, bom dia, Sra Dantés!

Mercedes cumprimentou gravemente.

- Esse não é ainda o meu nome - perguntou - e na minha terra isso da azar, dizem. Não se deve chamar as moças pelo nome do noivo antes do noivo ser seu marido. Trate-me apenas por Mercedes, peço-lhe.

- Temos de perdoar essas coisas ao nosso bom vizinho Caderousse - interveio Dantés. - Engana-se tão pouco!...

- Quer dizer que o casamento será em breve, Sr. Dantés? - perguntou Danglars, cumprimentando os dois jovens.

- Será o mais depressa possível, Sr. Danglars. Hoje se realizarão os esponsais em casa do meu pai e amanhã ou depois de amanhã, o mais tardar, o jantar de noivado, aqui, na Réserve. Espero que os amigos não faltem e escusado será dizer que está convidado, Sr. Danglars. E você também, Caderousse.

- E Fernand? - perguntou Caderousse, rindo com voz pastosa. - E Fernand também?

- O irmão da minha mulher é meu irmão - declarou Edmond - e tanto Mercedes como eu o veríamos com profundo pesar afastar-se de nós em semelhante momento.

Fernand abriu a boca para responder, mas a voz morreu-lhe na garganta e não conseguiu articular uma única palavra.

- Hoje os esponsais, amanhã ou depois de amanhã o noivado... Demônio, está com muita pressa, comandante!

- Danglars - perguntou Edmond, sorrindo --, digo-lhe o mesmo que Mercedes disse há pouco a Caderousse: não me trate pelo posto que ainda não me pertence, pois me daria azar.

- Perdão - respondeu Danglars --, queria dizer simplesmente que parecia com muita pressa. E, que diabo, temos tempo: o pharaon não se fará ao mar antes de três meses.

- Tem-se sempre pressa de ser feliz, Sr. Danglars, porque quando se sofreu durante muito tempo tem-se muita dificuldade em acreditar na felicidade. Mas não é apenas o egoísmo que me impele - também tenho de ir a Paris.

- A Paris?! É a primeira vez que vai até lá, Dantés?

- É.

- O que vai fazer por lá?

- Nada meu, apenas uma última comissão do nosso pobre comandante Leclére. Como deve compreender, Danglars, trata-se de um encargo sagrado. Mas esteja tranquilo, não me demorarei mais do que o tempo de ir e vir.

- Sim, sim, compreendo - disse em voz alta Danglars.

E depois, baixinho:

- Vai a Paris para entregar, sem dúvida, ao seu destinatário a carta que o grande marechal lhe deu. Por Deus, essa carta dá-me uma idéia, uma excelente idéia! Ah!, Dantés, meu amigo, ainda não figura no registo do pharaon sob o

número 1.

Depois virando-se para Edmond, que já se afastava, gritou-lhe:

- Boa viagem!

- Obrigado - respondeu Edmond, virando a cabeça e acompanhando este movimento com um gesto amistoso. Em seguida os dois namorados continuaram o seu caminho, calmos e alegres como dois eleitos que sobem ao Céu.

Capítulo IV

A Conspiração

Danglars seguiu Edmond e Mercedes com a vista até os dois namorados desaparecerem numa das esquinas do Forte de S. Nicolau. Depois virou-se e olhou para Fernand, que se deixara cair, pálido e fremente, na sua cadeira, enquanto Caderousse balbuciava a letra de uma canção báquica.

- Ora aí está, meu caro senhor - disse Danglars a Fernand um casamento que me não parece fazer a felicidade de todos...

- A mim desespera-me - confessou Fernand.

- Quer dizer que ama Mercedes?

- Adoro-a!

- Há muito tempo?

- Sempre a amei, desde que nos conhecemos.

- E está para aí a arrancar os cabelos em vez de procurar remédio para o caso! Que diabo, não julgava que as pessoas da sua nação procedessem assim!

- Que quer que faça? - perguntou Fernand.

- Sei lá! Porventura o caso me diz respeito? Não sou eu, parece-me que estou apaixonado por Mademoiselle Mercedes, mas sim o senhor. Procurai, diz o Evangelho, e encontrareis.

- Já encontrei.

- O quê?

- Desejaria apunhalar o “homem”, mas a mulher disse-me que se acontecesse alguma coisa ao noivo se mataria.

- Ora, ora! Essas coisas se dizem, mas não se fazem!

- Não conhece Mercedes, senhor: desde o momento que ameaçou, cumpriria a sua ameaça.

- Imbecil! - murmurou Danglars. - Quero lá saber que se mate ou não, contanto que Dantés não seja comandante.

- E antes de Mercedes morrer - prosseguiu Fernand em tom de firme decisão --, morreria eu.

- O que é o amor! - exclamou Caderousse em voz cada vez mais avinhada. - Se isso não é amor, já não sei quem sou!

- Vejamos - disse Danglars --, o senhor parece-me um rapaz simpático e diabos me levem se não gostaria de o ajudar; mas...

- Sim - disse Caderousse --, vejamos...

- Meu caro - prosseguiu Danglars --, está três quartos bêbado; acaba a

garrafa e ficará por completo. Beba e não se meta no que fazemos, porque para o fazer é preciso ter a cabeça bem no seu lugar.

- Eu bêbado? - protestou Caderousse. - Ora essa! Fica sabendo que seria capaz de beber mais quatro das tuas garrafas, que não são maiores do que frascos de água-de-colônia! Tio Pamphile, vinho.

E juntando o gesto à palavra, Caderousse bateu com o copo na mesa.

- Dizia então, senhor?... - disse Fernand, esperando com avidez o seguimento da frase interrompida.

- Que dizia eu? Não me lembro. Este bêbado do Caderousse me fez perder o fio dos meus pensamentos.

- Sou tão bêbado como você. Tanto pior para aqueles que têm medo do vinho. É porque têm algum mau pensamento que receiam que o vinho lhes descubra.

E Caderousse pôs-se a cantar os dois últimos versos de uma canção popular na época:

Todos os maus bebem água,

Como bem o provou o dilúvio.

- Dizia, senhor - insistiu Fernand --, que gostaria de me ajudar. Mas acrescentou...

- Sim, mas acrescentei... para ajudá-lo, preciso que Dantés não case com aquela que o senhor ama, e parece-me que o casamento pode muito bem não se realizar sem que Dantés morra.

- Só a morte os separará - disse Fernand.

- Meu amigo, você raciocina como se não tivesse nada na cabeça - atalhou Caderousse --, e aqui Danglars, que é um finório, um manhoso, um espertalhão, vai-lhe provar que está enganado. Prove, Danglars. Respondo por você. Diga-lhe que não é necessário que Dantés morra; aliás, seria uma pena que Dantés morresse. É bom rapaz e gosto dele, à saúde de Dantés!

Fernand levantou-se com impaciência.

- Deixe-o - interveio Danglars, retendo o rapaz. - De resto por mais bêbado que esteja não faz grande diferença. A ausência separa tão bem como a morte... Suponha que existia entre Edmond e Mercedes os muros de uma prisão; estariam tão separados como se houvesse entre eles a pedra de um túmulo.

- Pois sim, mas sai-se da prisão - observou Caderousse, que se agarrava à conversa com os restos da sua inteligência. E quando aquele que sai da prisão se chama Edmond Dantés, vinga-se.

- Que importa! - murmurou Fernand.

- De resto - prosseguiu Caderousse --, sob que acusação se meteria Dantés na prisão? Não roubou, nem matou, nem assassinou.

- Cale-se - ordenou Danglars.

- Não me quero calar - perguntou Caderousse. - Quero que me digam sob que acusação meteriam Dantés na prisão. Gosto de Dantés. À sua saúde, Dantés!

E despejou novo copo de vinho.

Danglars verificou pelos olhos inexpressivos do alfaiate os progressos da embriaguez e prosseguiu, virando-se para Fernand:

- Então, já viu que não há necessidade de matá-lo?

- De fato não há se, como o senhor dizia há pouco, houver maneira de

conseguir que Dantés seja preso. O senhor sabe qual é essa maneira?

- Procurando bem, será possível encontrá-la - respondeu Danglars. - Mas - continuou - por que diabo hei de me meter nisso? Porventura é alguma coisa comigo?

- Não sei se é alguma coisa consigo ou não - replicou Fernand, agarrando-o por um braço --, mas o que sei é que o senhor tem qualquer motivo especial de ódio contra Dantés. Quem odeia não se engana a respeito dos sentimentos dos outros.

- Eu motivos de ódio contra Dantés? Palavra que não tenho nenhum. Eu o vi infeliz, meu amigo, e a sua infelicidade interessou-me, mais nada. Mas unia vez que julga que procedo em meu próprio benefício, passe muito bem, meu caro amigo, desenrasque-se como puder.

E Danglars simulou levantar-se por sua vez.

- Não vá embora, espere! - pediu Fernand, retendo-o. - No fim de contas, pouco me importa que queira ou não queira mal a Dantés; quero-lhe eu, confesso-o bem alto. Descubra a maneira e eu executo-a, contando que não haja morte do homem, pois Mercedes jurou que se mataria se alguém matasse Dantés.

Caderousse, que deixara cair a cabeça em cima da mesa, levantou-a e, olhando Fernand e Danglars com os olhos mortiços e embrutecidos, observou:

- Matar Dantés? Quem fala aqui em matar Dantés? Não consinto que o matem. E meu amigo, ainda esta manhã se ofereceu para compartilhar o seu dinheiro comigo, como compartilhei o meu com ele. Não consinto que matem Dantés!

- E quem fala em matá-lo, imbecil? - perguntou Danglars. - Trata-se apenas de uma brincadeira. Beba à sua saúde - acrescentou, enchendo o copo de Caderousse - e deixe-nos tranquilos.

- Sim, sim, à saúde de Dantés! - exclamou Caderousse, despejando o copo. - à sua saúde!... à sua saúde!...

- Mas o meio... o meio? - insistiu Fernand.

- Ainda o não encontrou?

- Não, o senhor é que se encarregou disso.

- É verdade - concordou Danglars. - Os Franceses têm esta vantagem sobre os espanhóis: enquanto os espanhóis ruminam, os Franceses inventam.

- Então invente - perguntou Fernand, com impaciência.

- Criado, uma pena, tinta e papel! - pediu Danglars.

- Uma pena, tinta e papel... - murmurou Fernand.

- Sim, sou guarda-livros: a pena, a tinta e o papel são as minhas ferramentas, e sem as minhas ferramentas não sei fazer nada.

- Uma pena, tinta e papel! - gritou por sua vez Fernand.

- Têm o que desejam em cima daquela mesa - disse o criado, indicando os objetos pedidos.

- Então nos dê.

O criado pegou o papel, a tinta e a pena e colocou-os em cima da mesa da latada.

- Quando penso - comentou Caderousse, deixando cair a mão em cima do papel - que há aqui com que matar um homem mais seguramente do que se o esperassem no recanto de um bosque para o assassinar!... Sempre tive mais

medo de uma pena, dum tinteiro e de uma folha de papel do que de uma espada ou de uma pistola.

- O velhaco não está ainda tão bêbado como parece - observou Danglars. - Dê-lhe de beber, Fernand.

Fernand voltou a encher o copo de Caderousse e este, como bom bebedor que era, levantou a mão de cima do papel e levou-a ao copo.

O catalão seguiu-lhe o gesto até Caderousse, quase vencido por aquele novo ataque, pousar, ou antes deixar cair, o copo em cima da mesa.

- Então? - perguntou o catalão, vendo que o resto da razão de Caderousse começava a desaparecer depois do último copo de vinho.

- Então, dizia eu - prosseguiu Danglars - que se, por exemplo, depois de uma viagem como a que acaba de fazer Dantés, e durante a qual escalou Nápoles e a ilha de Elba, alguém o denunciasse ao procurador régio como agente bonapartista...

- Denuncio-o eu! - disse vivamente o rapaz.

- Pois sim, mas nesse caso obrigam-no a assinar a denúncia e acareiam-no com o denunciado. E claro que lhe fornecerei o necessário para sustentar a sua acusação, o problema não é esse, mas Dantés não ficará eternamente na prisão, mais dia menos dia sairá, e no dia em que sair... pobre daquele que o fez entrar!

- Oh, não peço outra coisa senão que me procure para lutarmos! - declarou Fernand.

- Claro! E Mercedes? Mercedes que o odiará se você tiver a infelicidade de arranhar sequer a pele do seu bem-amado Edmond?

- Tem razão - admitiu Fernand.

- Não, não - prosseguiu Danglars. - Se está decidido a fazer semelhante coisa o melhor é pegar tranquilamente, como eu faço, nesta pena, molhá-la na tinta e escrever com a mão esquerda, para que a letra não seja conhecida, uma denunciazinha assim concebida...

E Danglars, juntando o exemplo à palavra, escreveu com a mão esquerda, com letra inclinada para trás que não tinha qualquer analogia com a sua caligrafia habitual, as seguintes linhas, que passou a Fernand e que Fernand leu a meia voz:

" O Sr. Procurador Régio é avisado por um amigo do trono e da religião de que um tal Edmond Dantés, imediato do navio Pharaon, chegado esta manhã de Esmirna depois de escalar Nápoles e Porto Ferraio, foi encarregado por Murat de entregar uma carta ao usurpador e pelo usurpador de entregar outra carta ao comitê bonapartista de Paris.

Ter-se-á a prova do seu crime prendendo-o, pois encontrar-se-á essa carta com ele ou em casa do pai, ou no seu camarote a bordo do Pharaon."

- Assim, sim - prosseguiu Danglars. - Assim a sua vingança teria sentido, porque de modo algum recairia sobre si e o caso seguiria o seu curso sozinho. Bastaria dobrar esta carta, como eu faço, e escrever por fora: “Ao Sr. Procurador Régio.” Estaria tudo resolvido.

E Danglars escreveu o endereço, gracejando.

- Sim, estaria tudo resolvido! - gritou Caderousse, que num derradeiro esforço de inteligência seguira a leitura e compreendera instintivamente a desgraça que semelhante denúncia poderia ocasionar. Sim estaria tudo resolvido;

simplesmente, seria uma infâmia!

E estendeu o braço para pegar a carta.

- Por isso - disse Danglars, colocando-a fora do alcance da mão de Caderousse --, por isso, o que digo e o que faço não passa de uma brincadeira, e seria o primeiro a lamentar se acontecesse alguma coisa a esse bom Dantés! Assim, olhe...

Pegou a carta, amarrotou-a nas mãos e atirou-a para um canto da latada.

- Agora estamos de acordo - disse Caderousse. - Dantés é meu amigo e não quero que lhe façam mal.

- E quem diaho pensa fazer-lhe mal? Nem eu nem Fernand! - perguntou Danglars, levantando-se e olhando para o rapaz, que ficara sentado, mas cujos olhos devoravam de soslaio o papel denunciador caído a um canto.

- Nesse caso - acrescentou Caderousse --, que nos dêem vinho. Quero beber à saúde de Edmond e da bela Mercedes.

- Já bebeu demais, bêbado - volveu-lhe Danglars --, e se continuar a beber assim terá de dormir aqui, pois não se aguentará nas pernas.

- Quem, eu? - replicou Caderousse, levantando-se com a fatuidade dos bêbedos. - Eu não me aguentar nas pernas! Aposto que sou capaz de subir ao campanário de Accoules e sem cambalear!

- Está bem, aposto, mas amanhã? - acedeu Danglars. - Hoje são horas de voltar para casa; dê-me o braço e vamos.

- Vamos - concordou Caderousse --, mas não preciso do seu braço para nada. - Vem, Fernand? Vem conosco até Marselha?

- Não, regresso aos Catalães - respondeu Fernand.

- Faz mal. Vem conosco até Marselha, anda.

- Não tenho nada que fazer em Marselha e nem quero ir até lá.

- Como você diz isso! Não quer, hein! Pobre rapaz? Pronto, faça o que quiseres! Liberdade para toda a gente! Anda, Danglars, e deixemos o cavalheiro regressar aos Catalães...

Danglars aproveitou aquele momento de boa vontade de Caderousse para se arrastar na direção de Marselha. Simplesmente, para proporcionar a Fernand um caminho mais curto e mais fácil, em vez de voltar pelo Cais da Rive-Neuve, regressou pela Porta de Saint-Victor. Caderousse segui-o, cambaleando, agarrado ao seu braço.

Depois de dar uma vintena de passos, Danglars virou-se e viu Fernand precipitar-se para o papel, que meteu na algibeira. Em seguida, correu imediatamente para fora da latada e dirigiu-se para o lado do Pillon.

- Aonde é que ele vai? - perguntou Caderousse. - Mentiu, disse que ia para os Catalães e vai para a cidade! Ei, Fernand, está enganado, meu rapaz!

- Você é que não está vendo bem - observou Danglars. - Vai direitinho pelo caminho das Vieilles-infirmeries.

- É verdade - admitiu Caderousse. - Pois olha que juraria que o vi virar à direita. Decididamente, o vinho é um traidor.

- Vamos, vamos - murmurou Danglars. - Agora creio que as coisas estão bem encaminhadas e que basta deixá-las seguir sozinhas.

Capítulo V

O banquete de noivado

No dia seguinte o tempo estava bom. O Sol levantou-se puro e brilhante e os seus primeiros raios, de um vermelho-púrpura, recamaram de rubis as extremidades espumantes das vagas.

O banquete fora preparado no primeiro andar daquela mesma Réserve cuja latada já conhecemos. Era uma grande sala iluminada por cinco ou seis janelas, por cima de cada uma das quais (explique o fenômeno quem puder!) se encontrava escrito o nome de uma das grandes cidades de França.

Uma balaustrada de madeira, como o resto da construção, seguia ao longo das janelas.

Embora o banquete estivesse marcado para o meio-dia, desde as onze horas da manhã que a balaustrada regurgitava de passeantes impacientes. Eram marinheiros privilegiados do pharaon e alguns soldados amigos de Dantés. Para honrar os noivos, todos tinham envergado os seus mais belos trajes.

Entre os futuros convivas circulava o rumor de que os armadores do Pharoan honrariam com a sua presença o banquete de noivado do seu imediato; mas tratava-se da sua parte de tão grande honra concedida a Dantés que ninguém ousava ainda acreditar nisso.

No entanto, quando chegou com Caderousse, Danglars confirmou a notícia. Estivera de manhã com o próprio Sr. Morrel e o Sr. Morrel dissera-lhe que viria almoçar na Réserve.

Com efeito, pouco depois deles o Sr. Morrel entrou por sua vez na sala e foi saudado pelos marinheiros do Pharaon com um “hurra!” unanime de aplauso. A presença do armador era para eles a confirmação do rumor que corria já de que Dantés seria nomeado comandante. E como Dantés era muito estimado a bordo, aquela boa gente agradecia assim ao armador de que uma vez por acaso a sua escolha estivesse de acordo com os desejos deles. Assim que o Sr. Morrel entrou, Danglars e Caderousse foram unanimemente encarregados de prevenir o noivo. Era essa a sua missão: preveni-lo da chegada da importante personagem cujo aparecimento produziria tão viva sensação e dizer-lhe que se apressasse.

Danglars e Caderousse saíram correndo, mas ainda mal tinham dado cem passos quando, próximo do armazém da pôlvora, depararam com um grupinho que se aproximava.

O grupinho era constituído por quatro jovens amigas de Mercedes e catalãs como ela, e acompanhava a noiva, a quem Edmond dava o braço, junto da noiva vinha o Tio Dantés e atrás Fernand com o seu sorriso maligno.

Mas nem Mercedes; nem Edmond reparavam no sorriso maligno de Fernand. As pobres crianças estavam tão felizes que só se viam um ao outro e o céu belo e puro que os abençoava.

Danglars e Caderousse desempenharam-se da sua missão de embaixadores. Em seguida, depois de trocarem um aperto de mão muito enérgico e amistoso com Edmond, retiraram-se, Danglars para tomar lugar junto de

Fernand e Caderousse para se colocar ao lado do Tio Dantés, centro da atenção geral.

O velhote envergava uma bela casaca de tafetá canelado, adornada com grandes botões de aço facetados. As pernas, magras mas nervosas, ostentavam magníficas meias de algodão mosqueado, que cheiravam à léguas a contrabando inglês. Do chapéu de três bicos pendia-lhe um laço de fitas brancas e azuis.

Finalmente, apoiava-se numa bengala torcida e retorcida em cima com o pedum antigo. Dir-se-ia um desses janotas que se pavoneavam em 1796 nos jardins pouco antes reabertos do Luxemburgo e das Tulherias.

Como já dissemos, Caderousse esgueirara-se para junto dele. Caderousse a quem a esperança de uma boa refeição acabara de reconciliar com os Dantés; Caderousse a quem restava na memória uma vaga lembrança do que se passara na véspera, tal como ao acordarmos de manhã e encontramos no espírito da sombra do sonho que tivemos durante o sono.

Aproximando-se de Fernand, Danglars lançara ao amante rejeitado um olhar profundo. Fernand que caminhava atrás do futuro casal completamente esquecido por Mercedes, que no egoísmo juvenil e encantador do amor só tinha olhos para o seu Edmond; Fernand que estava pálido, mas que de vez em quando corava em acessos súbitos, que desapareciam e davam lugar a uma palidez crescente.

A intervalos olhava para os lados de Marselha e então apoderava-se-lhe dos membros um tremor nervoso e involuntário. Fernand parecia esperar ou pelo menos prever qualquer grande acontecimento.

Dantés vestia com simplicidade. Como pertencia à marinha mercante, o seu traje era meio militar, meio civil e dava-lhe um aspecto, para mais realçado pela alegria e pela beleza da noiva, deveras atraente.

Mercedes estava linda, parecia uma dessas gregas de Chipre ou de Keos, de olhos de ébano e lábios de coral. Caminhava com esse passo livre e franco com que caminham as Arlesianas e as Andaluzas. Uma moça citadina talvez procurasse esconder a sua alegria debaixo de um véu ou pelo menos do veludo das pálpebras, mas Mercedes sorria e olhava todos os que a rodeavam e o seu sorriso e o seu olhar diziam tão francamente quanto o poderiam dizer estas palavras: “Se são meus amigos, regozijem-se comigo, porque na verdade sou feliz!”

Assim que os noivos e aqueles que os acompanhavam chegaram à vista da Réserve, o Sr. Morrel desceu e foi por sua vez ao encontro deles, seguido dos marinheiros e dos soldados com que ficara e aos quais renovara a promessa já feita a Dantés de que este sucederia ao comandante Leclére. Ao vê-lo chegar, Edmond largou o braço da noiva e passou-o para o do Sr. Morrel. O armador e a jovem deram então o exemplo e subiram à frente a escada de madeira que levava à sala onde o banquete estava servido e que rangeu durante cinco minutos sob os passos pesados dos convivas.

- Meu pai - disse Mercedes, parando a meio da mesa e dirigindo-se ao velho Dantés --, fique à minha direita, peço-lhe. Quanto à minha esquerda reservo-a para aquele que me serviu de irmão - declarou com uma doçura que penetrou profundamente no coração de Fernand como um punhalada.

Os seus lábios empalideceram e sob o tom bistrado do seu rosto

desagradável foi possível ver mais uma vez o sangue desaparecer pouco a pouco para afluir ao coração.

Entretanto, Dantés executara a mesma manobra: à sua direita colocara o Sr. Morrel: à sua esquerda, Danglars. Depois, com a mão, fizera sinal a todos para se sentarem onde quisessem.

Pouco depois corriam à volta da mesa os salsichões de Arles, de carne bem curada e aroma acentuado: as lagostas de carapaça fascinante; as palurdas de concha rosada; os ouriços-do-mar, que parecem castanhas no seu invôlucro espinhoso; as amêijoas, que têm a pretensão de substituir com vantagem, na opiniãodos gastrônomos do Meio-Dia, as ostras do Norte; enfim, todos esses acepipes delicados que as vagas lançam nas margens arenosas e
que os pescadores reconhecidos designam pelo nome genérico de mariscos.

- Que estranho silêncio! - observou o velhote, saboreando um copo de vinho dourado como o topázio que o Tio Pamphile em pessoa acabava de colocar diante de Mercedes. - Não se diria que não estão aqui trinta pessoas que só desejam rir...

- Eh, um marido nem sempre está alegre! - exclamou Caderousse.

- A verdade - confessou Dantés - é que me sinto neste momento demasiado feliz para estar alegre. Se é isto que quer dizer, vizinho, tem razão. A alegria causa às vezes um efeito estranho, oprime como a dor.

Danglars observou Fernand, cuja natureza impressionável absorvia e refletia todas as emoções.

- Então, ainda receia alguma coisa? - perguntou a Dantés. - Parece-me, pelo contrário, que tudo corre de acordo com os seus desejos!

- É precisamente isso que me assusta - respondeu Dantés. - Parece-me que o homem não nasceu para ser tão facilmente feliz! A felicidade é como esses palácios das ilhas encantadas que têm as portas guardadas por dragões. É necessário lutar para conquistá-la e eu, para ser franco, não sei por que mereci a felicidade de ser marido de Mercedes.

- O marido, o marido... - interveio Caderousse, rindo - ainda não, meu comandante. Experimente se fazer de marido e verá como será recebido!

Mercedes corou.

Fernand agitava-se na cadeira, estremecia ao mais pequeno ruído e de vez em quando limpava as grossas bagas de suor que lhe perlavam a testa como as primeiras gotas de uma chuvada tempestuosa.

- Palavra, vizinho Caderousse - perguntou Dantés --, que não vale a pena desmentir-me por tão pouco. Mercedes ainda não é minha mulher, é certo... - puxou do relógio - mas o será dentro de hora e meia!

Todos soltaram um grito de surpresa, com excepção do Tio Dantés, que exibiu os dentes, ainda bonitos, numa grande gargalhada. Mercedes sorriu e não corou. Fernand apertou convulsivamente o cabo da sua faca.

- Dentro de uma hora? - sobressaltou-se Danglars, empalidecendo por seu turno. - Como assim?

- Sim, meus amigos - respondeu Dantés. - Graças ao crédito do Sr.
Morrel, o homem, depois do meu pai, a quem mais devo no mundo, todas as dificuldades estão aplanadas. Compramos os banhos e o maire de Marselha espera-nos às duas e meia na Câmara Municipal. Ora como acaba de dar uma

hora e um quarto, não creio enganar-me muito dizendo que dentro de uma hora e trinta minutos Mercedes se chamará Sra Dantés.

Fernand fechou os olhos. Uma nuvem de fogo queimou-lhe as pálpebras. Encostou-se à mesa para não desfalecer e, apesar de todos os seus esforços, não pôde conter um gemido abafado que se perdeu no meio do ruído dos risos e dos parabéns dos convivas.

- Isto é que é desembaraço, hem? - comentou o Tio Dantés. - É o que se chama não perder tempo, não acham? Chegado ontem de manhã, casado hoje às três horas! Não me venham dizer que os marinheiros não são despachados!

- Mas as outras formalidades? - objetou timidamente Danglars. - O contrato, as escrituras?...

- O contrato? - perguntou Dantés, rindo. - O contrato está pronto. Mercedes não tem nada e eu também não! Casamo-nos em regime de comunhão e pronto! Foi coisa que não levou muito tempo a escrever nem custar muito cara.

Esta saída suscitou uma nova explosão de alegria e de bravos.

- Portanto, o que tomamos por um banquete de noivado é muito simplesmente um banquete de casamento - observou Danglars.

- Não - contrapôs Dantés. - Não perderão nada com isto, estejam tranqüilos. Amanhã de manhã parto para Paris. Quatro dias para ir, quatro dias para voltar, um dia para me desempenhar conscienciosamente da missão de que estou encarregado e em 1 de Março estarei de volta; em 2 de Março, portanto, o verdadeiro banquete de casamento.

A perspectiva de novo festim redobrou a hilaridade ao ponto de o Tio Dantés, que no início do banquete se queixava do silêncio reinante, fazer agora, no meio da conversação geral, vãos esforços para formular o seu voto de prosperidade a favor dos futuros esposos.

Dantés adivinhou o pensamento do pai e correspondeu-lhe com um sorriso cheio de amor. Mercedes começou a ver as horas no relógio de cuco da sala e fez um sinalzinho a Edmond.

Havia à roda da mesa a hilaridade ruidosa e a liberdade individual que acompanham, entre as pessoas de condição inferior, o fim dos repastos. Aqueles que não gostavam do seu lugar tinham-se levantado da mesa e procurado outros vizinhos. Todos começavam a falar ao mesmo tempo e ninguém se dava ao trabalho de responder ao que o seu interlocutor lhe dizia, mas apenas aos seus próprios pensamentos.

A palidez de Fernand quase passara para as faces de Danglars. Quanto ao próprio Fernand, já não vivia e parecia um condenado às penas eternas no meio de um mar de fogo. Fora um dos primeiros a levantar-se e passeava de um lado para o outro da sala procurando isolar o ouvido do barulho das canções e do choque dos copos.

Caderousse aproximou-se dele no momento em que Danglars, que parecia fugir, acabava de se lhe juntar a um canto da sala.

- Na verdade - disse Caderousse, a quem a modéstia de Dantés e sobretudo o bom vinho do Tio Pamphile tinham levado todos os restos de rancor que a felicidade inesperada de Dantés lhe fizera germinar na alma --, na verdade, Dantés é um excelente rapaz. E quando o vejo sentado ao pé da noiva digo para comigo que não estaria certo pregar-lhe a partida que vocês tramavam ontem.

- Por isso, bem viste que a coisa não teve seguimento - perguntou Danglars. - O pobre Sr. Fernand estava tão transtornado que a princípio me fez pena; mas uma vez que tomou a sua decisão, a ponto de apadrinhar o seu rival, não tenho mais nada a dizer.

Caderousse olhou para Fernand, que estava lívido.

- O sacrifício é tanto maior - continuou Danglars - quanto mais bonita é, na realidade, a noiva. Sempre me saiu um felizardo o espertalhão do meu futuro comandante! Gostaria de me chamar Dantés apenas durante doze horas.

- Vamos? - perguntou a voz meiga de Mercedes. - São duas horas e esperam-nos dentro de um quarto de hora.

- Sim, sim, vamos! - disse Dantés, levantando-se vivamente.

- Vamos! - repetiram em coro todos os convivas.

No mesmo instante, Danglars, que não perdia de vista Fernand, sentado no bordo da janela, viu-o abrir muito os olhos, levantar-se como que convulsivamente e voltar a cair sentado no parapeito da janela. Quase imediatamente soou na escada um ruído abafado: o eco de passos pesados e um rumor de vozes confuso, misturados com o tinir de armas, sobrepuseram-se às exclamações dos convivas, apesar de ruidosas, e atraíram a atenção de todos, que se remeteram a um silêncio inquieto.

O barulho aproximou-se. Soaram três pancadas na porta. Cada um olhou para o vizinho com ar atônito.

- Em nome da lei! - gritou uma voz vibrante à qual nenhuma outra respondeu.

A porta abriu-se imediatamente e um comissário, com a sua faixa à cintura, entrou na sala seguido de quatro soldados armados, comandados por um cabo.

A inquietação cedeu o lugar ao terror.

- Que se passa? - perguntou o armador indo ao encontro do comissário, que conhecia. - Trata-se com certeza de algum equívoco, senhor.

- Se houver equívoco, Sr. Morrel - respondeu o comissário creia que será prontamente reparado. Entretanto, sou portador de um mandado de captura. E embora seja com pesar que me desempenho da minha missão, nem por isso tenho menos de desempenhá-la. Qual dos senhores é Edmond Dantés?

Todos os olhares se viraram para o jovem que, muito impressionado, mas sem perder a dignidade, deu um passo em frente e disse:

- Sou eu, senhor.

- Edmond Dantés - prosseguiu o comissário --, em nome da lei, está preso!

- Prende-me? - perguntou Edmond, com uma ligeira palidez. - Mas prende-me porquê?

- Ignoro, senhor, mas saberá- no seu primeiro interrogatório.

O Sr. Morrel compreendeu que não havia nada a fazer contra a inflexibilidade da situação. Um comissário com a sua faixa à cintura já não é um homem, é a estátua da lei, fria, surda e muda.

O velho, pelo contrário, precipitou-se para o oficial; há coisas que o coração de um pai ou de uma mãe nunca compreendem. Pediu e suplicou, mas as suas lágrimas e as suas súplicas não podiam nada. Contudo, o seu desespero era tão grande que o comissário se comoveu.

- Senhor - disse-lhe --, sossegue. Talvez o seu filho se tenha esquecido de

cumprir alguma formalidade aduaneira ou sanitária e muito provavelmente, depois de prestar todas as informações que pretendam dele, será posto em liberdade.

- Oh!... Que significa isto? - perguntou, franzindo o sobrolho, Caderousse a Danglars, que simulava surpresa.

- Sei lá! - respondeu Danglars. - Estou como você: vejo o que se passa, não compreendo nada e fico confuso.

Caderousse procurou com a vista Fernand: desaparecera.

Toda a cena da véspera se lhe apresentou então no espírito com terrível lucidez.

Poderia se dizer que a catástrofe acabava de afastar o véu que a embriaguez da véspera colocara entre ele e a sua memória.

- Oh, oh!... - exclamou com voz rouca. - Será isto o resultado da brincadeira de que falavam ontem, Danglars? Nesse caso, ai de quem a pôs em prática, porque é muito triste.

- Não diga isso! - protestou Danglars. Sabe perfeitamente que rasguei a carta.

- Não a rasgou - corrigiu Caderousse. Limitou-se a atirá-la a um canto.

- Cale-se, você não viu nada, estava bêbado.

- Onde está Fernand? - perguntou Caderousse.

- Sei lá! - respondeu Danglars. - Provavelmente foi cuidar da sua vida. Mas em vez de perdermos tempo com isso vamos ajudar esses pobres infelizes.

Com efeito, durante esta conversa, Dantés apertara, sorrindo, a mão a todos os seus amigos e constituíra-se prisioneiro dizendo:

- Fiquem tranqüilos, o erro será corrigido e provavelmente nem sequer entrarei na cadeia.

- Com certeza, estou convencido disso! - disse Danglars, que naquele momento se aproximava, como dissemos, do grupo principal.

Dantés desceu a escada, precedido pelo comissário de polícia e rodeado pelos soldados. Uma carruagem com a portinhola aberta esperava à porta. Subiu para ela, dois soldados e o comissário subiram depois dele, a portinhola fechou-se e a carruagem tomou o caminho de Marselha.

- Adeus, Dantés! Adeus, Edmond! - gritou Mercedes debruçando-se da balaustrada.

O prisioneiro ouviu este último grito, saído como um soluço do coração dilacerado da noiva. Colocou a cabeça fora da portinhola e gritou, antes de desaparecer numa das esquinas do Forte de S. Nicolau:

- Até à vista, Mercedes!

- Esperem aqui por mim - disse o armador. - Pegarei a primeira carruagem que encontrar, correrei a Marselha e voltarei com notícias.

- Vá! - gritaram todas as vozes. - Vá e volte depressa! Depois das duas saídas houve um momento de terrível torpor entre todos os que ficaram.

O velho e Mercedes permaneceram durante algum tempo absortos, cada um na sua própria dor. Mas por fim os seus olhos reencontraram se, ambos se reconheceram como duas vítimas atingidas pelo mesmo golpe e lançaram-se nos braços um do outro.

Entretanto, Fernand regressou, encheu um copo de água, bebeu-o e foi

sentar-se numa cadeira.

O acaso fez com que, ao sair dos braços do velhote, Mercedes se deixasse cair numa cadeira vizinha.

Num momento instintivo, Fernand recuou a dele.

- Foi ele - disse a Danglars o alfaiate Caderousse, que não perdera de vista o catalão.

- Não creio - respondeu Danglars. - Seria demasiado estúpido. Em todo o caso, que o golpe recaia sobre quem o desferiu.

- Se esquece daquele que o aconselhou - perguntou Caderousse.

- Diabos te levem, como se um homem fosse responsável por tudo o que diz no ar!

- E é, quando o que diz no ar fere alguém.

Entretanto, os grupos comentavam a prisão em todos os tons.

- E você, Danglars, que pensa disto? - perguntou uma voz.

- Por mim - respondeu Danglars - creio que terá trazido alguns fardos de mercadorias proibidas.

- Mas se fosse isso você deveria saber, Danglars, visto ser o guarda-livros.

- Sim, é verdade, mas o guarda-livros só conhece as mercadorias que lhe declaram. Sei que carregamos algodão e mais nada; que o carregamento foi embarcado em Alexandria pelo Sr. Pastret e em Esmirna pelo Sr. Pascal; não me perguntem mais nada.

- Oh, agora me lembro! - murmurou o pobre pai, agarrando-se a esse destroço. - Agora me lembro ter-me dito ontem que trazia para mim uma caixa de café e uma caixa de tabaco.

- Vê? - disse Danglars. - Deve ser isso. Na nossa ausência a alfândega terá feito uma visita a bordo do Pharaon e descoberto a caixa.

Mas Mercedes não acreditava em nada daquilo. Se contera até ali, a sua dor desfez-se de súbito em soluços.

- Então, então, é preciso ter esperança! - disse sem saber muito bem o que dizia o Tio Dantés.

- Sim, esperança - repetiu Danglars.

- Esperança - tentou murmurar Fernand.

Mas a palavra sufocava-o. Agitou os lábios e não conseguiu que nenhum som lhe saísse da boca.

- Senhores! - gritou um dos convivas que ficara de atalaia na balaustrada. - Senhores, uma carruagem! Ah, é o Sr. Morrel! Coragem, coragem! Traz-nos com certeza boas notícias.

Mercedes e o velho pai correram ao encontro do armador, que encontraram à porta. O Sr. Morrel estava muito pálido.

- Então? - perguntaram ao mesmo tempo.

- Então, meus amigos - respondeu o armador abanando a cabeça - o caso é mais grave do que nós pensávamos.

- Mas, senhor, ele é inocente! - gritou Mercedes.

- Acredito - respondeu o Sr. Morrel. - Mas acusam-no...

- De quê? - perguntou o velho Dantés.

- De ser agente bonapartista.

Aqueles dos meus leitores que viveram na época em que se passa esta história se recordarão que terrível acusação era então aquela que o Sr. Morrel acabava de formular. Mercedes soltou um grito; o velho deixou-se cair numa cadeira.

- Ah! - murmurou Caderousse. - Vocês enganaram-me, Danglars, e pregaram a partida a Dantés. Mas não quero ver morrer de dor esse velho e essa garota e vou dizer-lhes tudo.

- Cale-se, desgraçado - ordenou-lhe Danglars, agarrando a mão de Caderousse --, ou não respondo por mim. Quem te disse que Dantés não é realmente culpado? O navio escalou a ilha de Elba e ele desembarcou e ficou um dia inteiro em Porto Ferraio. Se lhe encontrassem alguma carta comprometedora, aqueles que o tivessem defendido passariam por seus cúmplices.

Com o instinto apurado do egoísmo, Caderousse compreendeu a perfeita solidez deste raciocínio. Fitou Danglars com olhos embrutecidos pelo medo e pela dor e por um passo que dera em frente deu dois atrás.

- Esperemos então - murmurou.

- Sim, esperemos - disse Danglars. - Se estiver inocente, o colocarão em liberdade; se for culpado, é inútil nos comprometermos por um conspirador.

- Então saiamos porque não posso ficar mais tempo aqui.

- Sim, vamos - concordou Danglars, encantado por encontrar um companheiro de retirada. - Vamos e eles que se arranjem como puderem.

Saíram. Fernand, que reassumira o seu papel de amparo da jovem, pegou na mão de Mercedes; e reconduziu-a aos Catalães. Os amigos de Dantés, pela sua parte, acompanharam às Alamedas de Meilhan o velho quase desfalecido.

Em breve se espalhou por toda a cidade o boato de que Dantés fora preso como agente bonapartista.

- Pode acreditar em semelhante coisa, meu caro Danglars? - perguntou o Sr. Morrel, juntando-se ao seu guarda-livros e a Caderousse, pois ele próprio regressava apressadamente à cidade a fim de procurar saber alguma notícia direta de Edmond através do substituto do procurador régio, Sr. de Villefort, que conhecia superficialmente. - Acredita em semelhante coisa?

- Ora essa, senhor! - respondeu Danglars. - já lhe tinha dito que Dantés, sem nenhum motivo, aportara à ilha de Elba e que essa escala me parecera suspeita.

- Mas deu conta das suas suspeitas a mais alguém além de mim?

- Nem por sombras, senhor - respondeu Danglars, baixinho. - O senhor bem sabe que por causa do seu tio, Sr. Policar Morrel, que serviu o outro e que não oculta as suas idéias, há quem desconfie que lamenta a sorte de Napoleão. Recearia prejudicar Edmond e depois o senhor. Há coisas que um subordinado tem o dever de dizer ao seu armador e esconder rigorosamente dos outros.

- Muito bem, Danglars, muito bem! - aprovou o armador. - Você é um excelente rapaz. Por isso, pensei antecipadamente em si, no caso do pobre Dantés vir a ser comandante do Pharaon.

- Como assim, senhor?

- Sim, perguntei previamente a Dantés o que pensava a seu respeito e se teria alguma repugnância em conservá-lo no seu lugar. Porque, não sei porquê,

julguei ter notado certa frieza entre vocês.

- E que lhe respondeu ele?

- Que efetivamente julgava ter tido, numa circunstância que me não revelou, algumas razões de queixa a seu respeito, mas que qualquer pessoa que tivesse a confiança do armador teria a dele.

- Hipócrita! - murmurou Danglars.

- Pobre Dantés! - suspirou Caderousse. - Não há dúvida que era um excelente rapaz.

- Pois sim, mas entretanto o Pharaon está sem comandante - observou o Sr. Morrel.

- Oh - disse Danglars --, é preciso esperar, pois só podemos partir daqui a três meses e entretanto Dantés será posto em liberdade!

- Decerto. Mas até lá ?

- Bom, até lá estou às suas ordens, Sr. Morrel - respondeu Danglars. - Sabe perfeitamente que sou capaz de dirigir um navio tão bem como qualquer comandante de longo curso de fresca data. Além disso, utilizando os meus préstimos terá a vantagem de não estar em favor com ninguém quando Edmond sair da prisão: ele ocupará o seu lugar e eu o meu e pronto.

- Obrigado, Danglars - disse o armador. - De fato, isso concilia tudo. Tome, pois, o comando com minha autorização e vigie o desembarque. Não é forçoso que sempre que acontece alguma catástrofe aos indivíduos os negócios sofram.

- Esteja descansado, senhor. Mas poderemos ao menos ver o pobre Edmond?

- Lhe responderei daqui a pouco, Danglars. Vou procurar falar com o Sr. de Villefort e interceder junto dele a favor do prisioneiro. Bem sei que é um monárquico arrebatado, mas que diabo, por mais monárquico e procurador régio que seja também é um homem e não o creio mau.

- Pois não - admitiu Danglars --, mas ouvi dizer que era ambicioso e isso assemelha-se muito.

- Enfim, veremos - disse o Sr. Morrel, suspirando. - Vá para bordo que irei ter com ele.

E deixemos os dois amigos para tomar o caminho do Palácio da Justiça.

- Está vendo o aspecto que o caso adquiriu? - disse Danglars a Caderousse. - Ainda quer defender Dantés?

Capítulo VI

O substituto do Procurador Régio

Na Rua do Grand-Cours, defronte da Fonte das Medusas, numa dessas velhas casas de arquitetura aristocrática edificadas por Puget, celebrava-se também no mesmo dia e à mesma hora um banquete de noivado.

Simplesmente, em vez dos atores desta outra cena serem gente do povo, marinheiros e soldados, pertenciam à alta sociedade marselhosa. Eram antigos magistrados que se tinham demitido dos seus cargos durante a usurpação, velhos

oficiais que tinham desertado das fileiras para se alistarem nas do exército de Cond, e jovens educados pela família ainda mal tranqüilizada acerca da sua existência, apesar dos quatro ou cinco substitutos que pagara, no ódio a esse homem de que cinco anos de exílio fariam um mártir e quinze anos de restauração um deus.

Estava-se à mesa e a conversa seguia o seu curso, animada por todas as paixões, as paixões da época, paixões tanto mais terríveis, vivas e encarniçadas no Meio-Dia quanto é certo que havia quinhentos anos os ódios religiosos alimentavam os ódios políticos.

O imperador, rei da ilha de Elba depois de ter sido soberano de parte do mundo, reinando sobre uma população de cinco a seis mil almas depois de ter ouvido gritar “Viva Napoleão!” por cento e vinte milhões de súditos e em dez línguas diferentes, era tratado ali como um homem perdido para sempre para a França e para o trono. Os magistrados salientavam os erros políticos, os militares falavam de Moscou e Leipzig e as mulheres do seu divórcio de Josefina. Parecia àquela sociedade monárquica alegre e triunfante, não pela queda do homem, mas sim pelo aniquilamento do príncipe, que a vida recomeçava para ela e que saía de um sonho desagradável.

Um velho, condecorado com a cruz de S. Luís, levantou-se e propôs aos convivas um brinde à saúde do rei Luís XVIII. Era o marquês de Saint-Méran.

Por via desse brinde, que recordava ao mesmo tempo o exilado de Hartwell e o rei pacificador da França, estabeleceu-se grande rumor, os copos ergueram-se à moda inglesa e as mulheres desmancharam os seus ramalhetes e juncaram com eles a toalha. Foi um entusiasmo quase poético.

- Eles teriam de admitir, se estivessem aqui - disse a marquesa de Saint-Méran, mulher de olhar severo, lábios finos e aspecto aristocrático e ainda elegante, apesar dos seus cinqüenta anos --, teriam de admitir, todos esses revolucionários que nos expulsaram e que por nossa vez deixamos conspirar tranquilamente nos nossos velhos castelos que compraram por uma cãdea no tempo do Terror, que a verdadeira dedicação esteve no nosso lado, pois nós ligamos o nosso destino ao da monarquia que se desmoronava, ao passo que eles, pelo contrário, saudaram o sol nascente e fizeram a sua fortuna enquanto nós perdíamos a nossa. E também teriam de admitir que para nos o nosso rei era unicamente Luís, o Bem-amado, enquanto para eles o seu usurpador nunca passou de Napoleão, o maldito. Não é verdade, Villefort?

- Que diz, Sra Marquesa?... Perdoai-me, mas não estava seguindo a conversa.

- Então, deixe essas crianças, marquesa - interveio o velho que fizera o brinde. - Essas crianças vão se casar e muito naturalmente têm mais de que falar do que de política.

- Peço-lhe perdão, minha mãe - disse uma linda moça de cabelo louro e olhos de veludo nadando num fluido nacarado. - Restituo-lhe o Sr. de Villefort, que monopolizei por um instante. Sr de Villefort, a minha mãe está falando consigo.

- Estou pronto a responder-lhe, minha senhora, se se dignar repetir a sua pergunta, que mal ouvi - disse o Sr. de Villefort.

- Está perdoada, Renée - declarou a marquesa, com um sorriso terno que

se não esperaria ver florir naquele rosto severo. Mas o coração da mulher é assim: por mais árido que o bafo dos preconceitos e as exigências da etiqueta o tornem, possui sempre um recanto fértil e ridente, aquele que Deus consagrou ao amor materno. - Estão perdoados... Pois eu dizia, Villefort, que os bonapartistas não tinham nem a nossa convicção, nem o nosso entusiasmo, nem a nossa dedicação.

- Mas, minha senhora, têm pelo menos uma coisa que substitui tudo isso: o fanatismo. Napoleão é o Maomé do Ocidente; é para todos esses homens vulgares, mas de ambições supremas, não só um legislador e um mestre, mas também um modelo, o modelo da igualdade.

- Da igualdade! - exclamou a marquesa. - Napoleão o modelo da igualdade! E que reserva então para o Sr. de Robespierre? Parece-me que lhe rouba o lugar para o dar ao corso; de qualquer modo, parece-me que se trata pelo menos de uma usurpação.

- Não, minha senhora - respondeu Villefort. - Deixo cada um no seu pedestal: Robespierre coloca Luís XVI no seu cadafalso; Napoleão coloca Vedame na sua coluna, simplesmente, um praticou a igualdade que rebaixa e o outro a igualdade que eleva. Um rebaixou os reis ao nível da guilhotina, o outro o povo ao nível do trono... Mas isso não significa - acrescentou Villefort, rindo - que ambos não sejam infames revolucionários e que o 9 do Termidor e o 4 de Abril de 1814 não constituam dois dias felizes para a França e dignos de ser igualmente festejados pelos amigos da ordem e da monarquia. E explica também por que motivo, apesar de ter caído para nunca mais se levantar, assim espero, Napoleão conservou os seus fanáticos. Que quer, marquesa? Cromwell, que não era mais de metade de tudo o que foi Napoleão, também tinha os seus!

- Sabe que tudo isso que acaba de dizer, Villefort, cheira a revolução à distância? Mas perdoo-lhe: não se pode ser filho de girondino sem se conservar alguns dos seus gostos.

A fronte de Villefort cobriu-se de vivo rubor.

- Meu pai era girondino, minha senhora, é verdade - perguntou --, mas foi proscrito por esse mesmo Terror que vos proscrevia, e pouco faltou para não lhe colocarem a cabeça no mesmo cadafalso que viu cair a do pai da Sra Marquesa.

- É verdade - admitiu a marquesa, sem que tão sangrenta recordação provocasse a menor alteração no seu rosto. - Em todo o caso, seria por motivos diametralmente opostos que ambos subiriam ao cadafalso, e a prova é que toda a minha família permaneceu fiel aos príncipes exilados, enquanto o seu pai se apressou a aderir ao novo governo e depois de o cidadão Noirtier ser girondino o conde Noirtier tornou-se senador.

- Minha mãe - interveio Renée --, bem sabe que se combinou não voltar a falar dessas más recordações.

- Minha senhora - prosseguiu Villefort --, junto-me a Mademoiselle de Saint-Méran para lhe pedir muito humildemente o esquecimento do passado. Que adianta estarmos com recriminações a respeito de coisas em que a própria vontade de Deus é importante? Deus pode modificar o futuro, mas não pode modificar o passado. Nós, homens, o que podemos, senão renegá-lo, pelo menos deitar-lhe um véu por cima. Pela minha parte afastei-me não só da opinião, mas também do nome do meu pai. Meu pai foi ou até talvez ainda seja bonapartista e chama-se Noirtier; eu sou monárquico e chamo-me Villefort. Deixe

morrer no velho tronco um resto de seiva revolucionária e veja apenas, minha senhora, o rebento que se afasta desse tronco, sem poder, e quase direi sem querer, separar-se dele por completo.

- Bravo, Villefort! - exclamou o marquês. - Bravo, bem respondido! Também eu tenho pregado constantemente à marquesa o esquecimento do passado sem nunca o conseguir. Espero que seja mais feliz do que eu.

- Sim, está bem - condescendeu a marquesa --, esqueçamos o passado. Não desejo outra coisa e foi, de fato, o que se combinou. Mas que pelo menos Villefort seja inflexível no futuro. Não se esqueça, Villefort, de que respondemos por si perante Sua Majestade; de que também Sua Majestade se dignou esquecer, a nosso pedido, e estender-lhe a mão, tal como eu esqueço a seu pedido. Simplesmente, se lhe cair algum conspirador nas mãos, lembre-se que tem tantos mais olhos postos em si quanto se sabe pertencer a uma família que talvez esteja relacionada com esses conspiradores.

- Infelizmente, minha senhora - respondeu Villefort --, a minha profissão e sobretudo o tempo em que vivemos ordenam-me que seja severo. E eu o serei. Tenho já algumas acusações políticas a sustentar a esse respeito tenho dado as minhas provas. Desgraçadamente estamos longe do fim.

- Acha? - perguntou a marquesa.

- Muito o receio. Napoleão, na ilha de Elba, está pertíssimo da França. A sua presença quase à vista das nossas costas alimenta a esperança dos seus partidários. Marselha está cheia de oficiais a meio soldo que todos os dias, sob qualquer pretexto fútil, procuram questões com os monárquicos. Daí duelos entre pessoas de classes elevadas, dai assassínios entre o povo.

- Pois sim - disse o conde de Salvieux, velho amigo do Sr. de Saint-Méran e camareiro do Sr. Conde de Artois --, pois sim, mas como sabem a Santa Aliança pensa transferi-lo.

- Sim, falava-se disso quando da nossa partida de Paris - declarou o Sr. de Saint-Méran. - Mas para onde?

- Para Santa Helena.

- Santa Helena? Que é isso? - perguntou a marquesa.

- Uma ilha situada a duas mil léguas daqui, para lá do equador - respondeu o conde.

- Ainda bem. Como disse Villefort, foi uma grande imprudência deixar semelhante homem entre a Côrsega, onde nasceu, e Nápoles, onde ainda reina o cunhado, e diante da Itália, de que queria fazer um reino para o filho.

- Infelizmente - observou Villefort --, temos os tratados de 1814 e não é possível tocar em Napoleão sem desrespeitar esses tratados.

- Pois vamos desrespeitá-los! - replicou o Sr. de Salvieux. - Acaso ele esteve com tantas contemplações quando se tratou de fuzilar o infeliz duque de Enghien?

- Pronto, está combinado - interveio a marquesa. - A Santa Aliança desembaraça a Europa de Napoleão e Villefort desembaraça Marselha dos seus partidários. O rei reina ou não reina; se reina, o seu governo deve ser forte e os seus agentes inflexíveis. É o único meio de prevenir o mal.

- Infelizmente, minha senhora - observou, sorrindo, Villefort --, um substituto do procurador régio chega sempre quando o mal já está feito.

- Nesse caso, compete-lhe repará-lo.

- Poderia dizer-lhe também, minha senhora, que não reparamos o mal, apenas o vingamos.

- Oh, Sr. de Villefort - exclamou uma jovem e bonita conviva, filha do conde de Salvieux e amiga de Mademoiselle de Saint-Méran, veja se consegue arranjar um bom julgamento enquanto estivermos em Marselha! Nunca entrei num tribunal e dizem que é muito curioso.

- É de fato muito curioso, mademoiselle - concordou o substituto. - Porque em vez de uma tragédia fictícia, se trata de um drama autêntico; em vez de dores fingidas, trata-se de dores reais. O homem que se lá vê, em lugar de, uma vez o pano descido, regressar a casa, jantar em família e deitar-se tranquilamente para recomeçar no dia seguinte, regressa à prisão onde se encontra o carrasco. Como sabe, para as pessoas nervosas, que procuram emoções, não existe espetáculo que se lhe compare. Fique descansada, mademoiselle, se as circunstâncias o permitirem, proporcionar-lho-ei.

- O senhor brinca, mas esse espetáculo causa calafrios! - exclamou Renée, empalidecendo.

- Que quer... trata-se de um duelo... já pedi cinco ou seis vezes a pena de morte para réus políticos ou outros... Pois bem, quem sabe quantos punhais se preparam a esta hora na sombra ou estão já apontados contra mim?

- Oh, meu Deus! - exclamou de novo Renée, empalidecendo cada vez mais. - Fala sério, Sr. de Villefort?

- O mais seriamente possível, mademoiselle - respondeu o jovem magistrado, de sorriso nos lábios. - E com os bons julgamentos que Mademoiselle de Salvieux deseja para satisfazer a sua curiosidade e que eu desejo para satisfazer a minha ambição, a situação só se agravará. Julga que todos esses soldados de
Napoleão, habituados a enfrentar cegamente o inimigo, refletem quando queimam um cartucho ou quando atacam à baioneta? Porventura refletirão mais para matar um homem que julgam seu inimigo pessoal do que para matar um russo, um austríaco ou um húngaro que nunca viram? Aliás, assim é preciso, pois de contrário a nossa profissão não se justificaria. Eu próprio, quando vejo brilhar nos olhos do réu o relâmpago da raiva, sinto-me animadíssimo, exalto-me. Já se não trata de um julgamento, trata-se de um combate; luto contra ele, ele responde, insisto, e o combate termina, como todos os combates, por uma vitória ou uma derrota. Aqui tem o que é pleitear! É o perigo que dá a eloqüência. Um acusado que me sorrisse depois da minha réplica me levaria a supor que falara mal, que o que dissera fora frouxo, sem vigor, insuficiente. Pense, pois, na sensação de orgulho que experimenta um procurador régio convencido da culpabilidade do réu quando vê empalidecer e inclinar-se o seu culpado sob o peso das provas e os raios da sua eloqüência... Essa cabeça que se baixa cairá.

Renée soltou um gritinho.

- Assim é que é falar - disse um dos convivas.

- Eis o homem que é preciso em tempos como os nossos! - observou um segundo.

- Por isso - disse um terceiro --, no seu último julgamento foi soberbo, meu caro Villefort. Lembra-se, retiro-lhe aquele homem que assassinara o pai... Pois o

caso é que você o matou literalmente antes de o carrasco lhe tocar.

- Oh, quando se trata de parricidas pouco me importo! - exclamou Renée. - Não há suplício suficientemente grande para semelhantes homens. Mas para os pobres acusados políticos!...

- Isso é ainda pior, Renée, porque o rei é o pai da nação e querer derrubar ou matar o rei é querer matar o pai de trinta e dois milhões de homens.

- Oh, é a mesma coisa, Sr. de Villefort! - perguntou Renée. - Prometa-me ser indulgente com aqueles que lhe recomendar?

- Fique descansada - respondeu Villefort com o seu sorriso mais encantador --, faremos juntos os meus requisitórios.

- Minha querida - interveio a marquesa --, cuide dos seus colibris, dos seus cães e dos seus trapos e deixe o seu futuro marido cumprir o seu dever. Hoje as armas descansam e é a vez da toga. A este respeito existe uma frase latina de grande profundidade...

- Cedant arma togoe - disse Villefort, inclinando-se.

- Não me atrevo a falar latim - declarou a marquesa.

- Creio que preferiria que fosse médico - prosseguiu Renée. - O anjo exterminador, por mais anjo que seja, sempre me meteu muito medo.

- Querida Renée! - murmurou Villefort, envolvendo a jovem num olhar apaixonado.

- Minha filha - disse o marquês --, o Sr. de Villefort, será o médico moral e político desta província. Acredite que é um papel digno de ser representado.

- E será uma maneira de fazer esquecer o que desempenhou o pai - acrescentou a incorrigível marquesa.

- Minha senhora - perguntou Villefort com um sorriso triste --, tive a honra de lhe dizer que o meu pai abjurara, pelo menos assim o espero, os erros do seu passado; que se tornara um amigo zeloso da religião e da ordem, melhor monárquico do que eu, talvez, pois ele o faz com arrependimento e eu sou apenas com
paixão.

E depois desta frase torneada, Villefort, para apreciar o efeito da sua facúndia, olhou os convivas como depois de uma frase equivalente olharia o auditório no tribunal.

- Bom, meu caro Villefort - interveio o conde de Salvieux foi precisamente isso que respondi anteontem nas Tulherias ao ministro da Casa Real, que me levantava algumas objeções acerca da singular aliança entre a filha de um girondino e a filha de um oficial do exército de Condé. E o ministro compreendeu perfeitamente. Aliás, tal união é do agrado de Luís XVIII, pois o rei, que sem que suspeitássemos escutava a nossa conversa, interrompeu-nos dizendo: “Villefort” - notem que o rei não pronunciou o nome de Noirtier e pelo contrário sublinhou o de Villefort --, “Villefort”, disse o rei, “fará uma boa carreira. Trata-se de um rapaz já amadurecido e da minha confiança. Vi com prazer o marquês e a marquesa de Saint-Méran tomarem-no como genro e lhes teria aconselhado essa aliança se não tivessem sido os primeiros a pedir-me licença para a contrair.” - o rei disse isso, conde? - exclamou Villefort, extasiado.

- Foram as suas próprias palavras, e se o marquês quiser ser franco confessará que o que acabo de dizer se harmoniza perfeitamente com o que o rei

lhe disse a ele próprio quando lhe falou, há seis meses, de um projeto de casamento entre a filha e você.

- É verdade - confirmou o marquês.

- Oh, deverei tudo a esse digno príncipe! Por isso, que não farei para o servir!

- Ora até que enfim! - disse a marquesa. - É assim que gosto de o ver. Se neste momento aparecesse um conspirador, seria bem-vindo.

- Pois eu, minha mãe - atalhou Renée --, peço a Deus que não a escute e envie ao Sr. de Villefort apenas uns ladrõezecos, modestos falidos e tímidos vigaristas. Se assim acontecer, dormirei tranqüila.

- É como se desejasse ao médico enxaquecas, sarampos e picadas de vespas, tudo coisas que afetam apenas a epiderme - observou Villefort, rindo - Ora se, pelo contrário, me quiser ver procurador régio deseje-me dessas doenças terríveis cuja cura honra o médico.

Neste momento, e como se o acaso nada mais tivesse esperado do que a formulação do desejo de Villefort para o satisfazer, entrou um criado que lhe disse algumas palavras ao ouvido. Villefort pediu licença para deixar a mesa e voltou pouco depois de rosto aberto e lábios sorridentes.

Renée olhou-o com amor. Porque visto assim, com os seus olhos azuis, a sua tez mate e as suas suíças pretas, que lhe emolduravam o rosto, era realmente um elegante e bonito jovem. Por isso, todo o espírito da jovem pareceu ficar suspenso dos seus lábios enquanto esperava que ele explicasse a causa do seu desaparecimento momentâneo.

- Bom - disse Villefort --, há pouco ambicionava, mademoiselle, ter por marido um médico. Ora eu tenho com os discípulos de Esculápio (ainda se falava assim em 1815) pelo menos esta semelhança: nunca me pertence o momento que passa, vêm incomodar-me mesmo junto de si, mesmo no meu banquete de noivado.

- E por que motivo o incomodaram, senhor? - perguntou a linda jovem, com uma ligeira inquietação.

- Oh, por causa de um doente que, a crer no que me disseram, se deve encontrar em estado desesperado! Desta vez trata-se de um caso grave e a doença anda perto do cadafalso!

- Oh, meu Deus! - exclamou Renée, empalidecendo.

- Sim?! - disseram em uníssono os convivas.

- Parece que se acaba de descobrir, muito simplesmente, uma conspiraçãozinha bonapartista...

- Será possível? - perguntou a marquesa.

- Aqui está a carta denunciadora.

E Villefort leu:

" O Sr. Procurador Régio é avisado por um amigo do trono e da religião de que um tal Edmond Dantés, imediato do navio Pharaon, chegado esta manhã de Esmirna depois de escalar Nápoles e Porto Ferraio foi encarregado por Murat de entregar unta carta ao usurpador e pelo usurpador de entregar outra carta ao comitê bonapartista de Paris.

Ter-se-á a prova do seu crime prendendo-o pois encontrar-se-á essa carta com ele ou em casa do pai ou no seu camarote a bordo do Pharaon."

- Mas - disse Renée - essa carta, que aliás não passa de uma carta anônima, é dirigida ao Sr. Procurador Régio e não a si.

- Sim, mas o procurador régio está ausente. Na sua ausência a epístola foi entregue ao seu secretário, a quem compete abrir as cartas. Abriu portanto esta, mandou-me procurar e, como se não encontrasse, ordenou a prisão.

- Assim, o culpado está preso? - perguntou a marquesa.

- Quer dizer, o acusado - corrigiu Renée.

- Está, sim, minha senhora - respondeu Villefort --, e como tive a honra de dizer há pouco a Mademoiselle Renée, se se encontrar a carta em questão o doente está muito doente.

- E onde se encontra esse infeliz? - perguntou Renée.

- Em minha casa.

- Vá, meu amigo - disse o marquês --, não falte aos seus deveres por nossa causa, quando o serviço do rei o espera do outro lado. Vá pois onde o espera o serviço do rei.

- Oh, Sr. de Villefort, seja indulgente, lembre-se de que é o dia do seu noivado! - exclamou Renée, juntando as mãos.

Villefort contornou a mesa e, aproximando-se da cadeira da jovem, no espaldar da qual se apoiou, respondeu:

- Para lhe poupar uma preocupação, farei tudo o que puder, querida Renée. Mas se os indícios forem seguros e a acusação verdadeira, terá de se cortar essa erva daninha bonapartista.

Renée estremeceu ao ouvir a palavra “cortar”, porque a erva que se tratava de cortar era uma cabeça.

- Ora, ora! - interveio a marquesa.- Não dê ouvidos a essa menina: ela tem de se ir habituando.

E a marquesa estendeu a Villefort a mão seca, que ele beijou sem desfitar Renée e dizendo-lhe com os olhos: “É a sua mão que beijo, ou pelo menos que desejaria beijar neste momento.”

- Tristes auspícios! - murmurou Renée.

- Na verdade, menina - disse a marquesa --, é de uma infantilidade desesperante. Muito gostaria de saber que tem o destino do Estado a ver com as fantasias sentimentais e as suas pieguices de coração.

- Oh, minha mãe! - murmurou Renée.

- Piedade para a má monárquica, Sra Marquesa - pediu Villefort. - Prometo-lhe desempenhar-me conscienciosamente da minha missão de substituto do procurador régio, isto é, ser horrivelmente severo.

Mas ao mesmo tempo que o magistrado dirigia estas palavras à marquesa o noivo olhava de soslaio para a noiva e o seu olhar dizia; “Esteja tranquila, Renée, em atenção ao seu amor serei indulgente.”

Renée correspondeu a esse olhar com o seu mais terno sorriso e Villefort saiu com o paraíso no coração.

Capítulo VII

O interrogatório

Assim que Villefort se viu fora da sala de jantar tirou a máscara de felicidade e tomou o ar grave de um homem chamado à Suprema função de se pronunciar sobre a vida do seu semelhante. Ora, apesar da mobilidade da sua fisionomia - mobilidade que o substituto, como deve fazer um bom ator, por mais de uma vez estudara diante do espelho --, desta vez teve dificuldade em franzir o sobrolho e carregar o semblante. Com efeito, excetuando a recordação da linha política seguida pelo pai e que podia, se dela não se afastasse completamente, prejudicar-lhe o futuro, Clérard de Villefort era naquele momento tão feliz quanto um homem poderia ambicionar. Rico por si mesmo, ocupava aos vinte e sete anos um lugar elevado na magistratura e ia casar com uma linda moça que amava não apaixonadamente, mas sim com a razão, como um substituto do procurador régio pode amar, e além da sua beleza, que era notável, Mademoiselle de Saint-Méran, sua noiva, pertencia a uma das famílias mais cotadas da época. Por outro lado, sem contar com a influência do pai e da mãe, que como não tinham outro filho podiam reservar toda inteira ao genro, a jovem levaria ainda ao marido um dote de cinqüenta mil escudos que graças às “esperanças”, essa palavra atroz inventada pelos casamenteiros, poderia ser completado um dia com uma herança de meio milhão.

Todos estes elementos reunidos constituíam portanto para Villefort um total de felicidade deslumbrante, a ponto de lhe parecer ver manchas no Sol quando olhara demoradamente a sua vida interior com os olhos da alma.

Encontrou à porta o comissário de polícia que o esperava. A presença do funcionário policial fê-lo cair imediatamente das alturas do terceiro céu na terra material em que nos movemos. Compôs a expressão como dissemos e declarou aproximando-se do oficial de justiça:

- Aqui estou, senhor. Li a carta e fez bem em prender esse homem. Agora dê-me acerca dele e da conspiração todos os pormenores que obteve.

- Acerca da conspiração, senhor, ainda não sabemos nada; todos os papéis que encontramos com o preso foram fechados num único maço e entregues, selados, no gabinete de V. Exª Quanto ao arguido, V. Exª deve ter visto pela própria carta que o denunciado é um tal Edmond Dantés, imediato do três mastros Pharaon que se dedica ao comércio de algodão com Alexandria e Esmirna e pertence à casa Morrel e Filhos, de Marselha.

- Antes de servir na marinha mercante serviu na marinha de guerra?

- Oh, não, senhor? É ainda muito novo.

- De que idade?

- Dezenove ou vinte anos, no máximo.

Neste momento, e como Villefort, seguindo a Grand-Rue, tivesse chegado à esquina da Rua dos Conseils, um homem que parecia esperar a sua passagem abordou-o. Era o Sr. Morrel.

- Ah, Sr. de Villefort! - exclamou o excelente homem ao ver o substituto. - Ainda bem que o encontrei! Imagine que acaba de se cometer o equívoco mais estranho, mais inaudito: prenderam o imediato do meu navio, Edmond Dantés.

- Bem sei - respondeu Villefort - e vou interrogá-lo.

- Oh, senhor - continuou Morrel, levado pela sua amizade para com o jovem --, não conhece o acusado como eu conheço! Imagine o homem mais afável, o mais probo, e quase me atrevo a dizer o homem que melhor sabe do seu oficio de toda a marinha mercante... Oh, Sr. de Villefort, recomendo-lhe muito sinceramente e de todo o meu coração!

Como pudemos ver, Villetort pertencia à classe nobre da cidade e Morrel à classe plebéia. O primeiro era um monárquico ultra e o segundo suspeito de secreto bonapartismo. Villefort olhou desdenhosamente para Morrel e respondeu-lhe com frieza:

- Como sabe, senhor, pode-se ser afável na vida privada, probo nas relações comerciais e sabedor da sua profissão e nem por isso ser menos um grande culpado, politicamente falando. Sabe-o, não é verdade, senhor?

E o magistrado sublinhou as últimas palavras, como se quisesse aplicá-las ao próprio armador, enquanto o seu olhar perscrutador parecia querer penetrar até ao fundo do coração daquele homem que
ousava interceder por outro quando devia saber que ele próprio necessitava de indulgência.

Morrel corou, pois não se sentia com a consciência muito tranqüila a respeito das suas opiniões políticas. Além disso, a confidência que lhe fizera Dantés acerca da sua conversa com o grande marechal e das poucas palavras que lhe dirigira o imperador ainda lhe perturbava um pouco o espírito. No entanto, acrescentou, em tom do mais profundo interesse:

- Suplico-lhe, Sr. de Villefort, seja justo como deve ser, bom como sempre foi e “restitua-nos” depressa o pobre Dantés!

O “restitua-nos” soou revolucionariamente ao ouvido do substituto do procurador régio.

- Eh, eh, restitua-nos!... - disse baixinho. - Esse Dantés será filiado em alguma seita de carbonários para que o seu protetor empregue assim sem pensar a fórmula coletiva? Prenderam-no numa taberna, disse-me, segundo creio, o comissário. Em numerosa companhia, acrescentou. Deve ser alguma loja.

Depois, em voz alta, respondeu:

- Senhor, pode estar absolutamente tranqüilo que não terá recorrido inutilmente à minha justiça se o acusado estiver inocente. Mas se, pelo contrário, for culpado... Vivemos numa época difícil, senhor, em que a impunidade seria um exemplo fatal. Nesse caso, serei obrigado a cumprir o meu dever.

E em seguida, como tivesse chegado à porta de sua casa, contígua ao Palácio da Justiça, entrou majestosamente, depois de cumprimentar com uma polidez gelada o pobre armador, que ficou como que petrificado no lugar onde o deixara Villefort.

A antecâmara estava cheia de guardas e agentes de polícia. No meio deles, guardado à vista e envolto em olhares chamejantes de ódio, via-se de pé, calmo e imóvel, o prisioneiro.

Villefort atravessou a antecâmara, deitou um olhar oblíquo a Dantés e, depois de receber um maço de papéis que lhe entregou um agente, desapareceu dizendo:

-- Tragam o prisioneiro.

Por mais rápido que tivesse sido esse olhar, bastara a Villefort para fazer uma idéia do homem que ia interrogar. Reconhecera a inteligência naquela testa ampla e franca, a coragem naquele olhar fixo e naquele sobrolho franzido e a sinceridade naqueles lábios carnudos e entreabertos que deixavam ver uma dupla fileira de dentes brancos como o marfim.

A primeira impressão fora favorável a Dantés; mas Villefort ouvira dizer tantas vezes, como uma frase de profundo sentido político que se devia desconfiar do primeiro impulso, visto ser o mais prudente, que aplicou a máxima à impressão sem ter em conta a diferença que havia entre as duas palavras.

Sufocou portanto os bons instintos que lhe queriam invadir o coração para dai lhe tomarem de assalto o espírito, compôs diante do espelho a suo rosto dos grandes dias e sentou-se, sombrio e ameaçador, à secretária.

Um instante depois dele entrou Dantés.

O jovem continuava pálido, mas calmo e sorridente. Cumprimentou o seu juiz com natural delicadeza e em seguida procurou com os olhos uma cadeira, como se estivesse na sala do armador Morrel.

Só então encontrou o olhar inexpressivo de Villefort, esse olhar característico dos magistrados, que não querem que lhes leiam o pensamento e que por isso transformam os olhos num vidro despolido. Aquele olhar revelou-lhe que se encontrava diante da justiça, figura de maneiras sombrias.

- Quem é e como se chama? - perguntou Villefort, folheando os apontamentos que o agente lhe entregara ao entrar e que no espaço de uma hora se tinham tornado volumosos, de tal modo a corrupção
da espionagem se apodera depressa do corpo dos infelizes chamados arguidos.

- Chamo-me Edmond Dantés, senhor - respondeu o jovem, em voz calma e sonora --, e sou imediato a bordo do navio Pharaon pertencente à firma Morrel & Filhos.

- A sua idade? - continuou Villefort.

- Dezenove anos - respondeu Dantés.

- Que fazia quando foi preso?

- Assistia ao banquete do meu próprio noivado, senhor - respondeu Dantés em voz ligeiramente comovida, de tal forma era doloroso o contraste entre esses momentos de alegria e aquela cerimônia
lúgubre, de tal forma o rosto sombrio do Sr. de Villefort fazia brilhar em todo o seu esplendor o rosto radiante de Mercedes.

- Assistia ao seu banquete de noivado - repetiu o substituto, estremecendo a seu pesar.

- Sim, senhor, estou prestes a casar com uma mulher que amo há três anos.

Villefort, apesar de se mostrar habitualmente impassível, ficou impressionado com a confidência, com a voz comovida de Dantés, surpreendido no meio da sua felicidade, e essa voz fez-lhe vibrar uma fibra simpática no fundo da alma. Também ele se ia casar, também ele era feliz, e acabavam de perturbar a sua felicidade a fim de o levarem a contribuir para a destruição da alegria de um homem que, como ele, tocava já a felicidade.

Este paralelismo filosófico, pensou, produziria grande efeito no seu regresso ao salão do Sr. de Saint-Méran. E compôs antecipadamente no espírito,

enquanto Dantés esperava novas perguntas, as palavras antitáticas com o auxílio das quais os oradores constroem essas frases sedentas de aplausos que por vezes fazem crer numa verdadeira eloqüência.

Composto o seu pequeno speech interior, Villefort sorriu do efeito e disse, dirigindo-se a Dantés:

- Continue, senhor.

- Que deseja que continue?

- A esclarecer a justiça.

- A justiça que me diga em que ponto deseja ser esclarecida e lhe direi tudo o que sei. Simplesmente - acrescentou também com um sorriso --, previno-a de que não sei grande coisa.

- Serviu no tempo do usurpador?

-- Ia ser incorporado na marinha de guerra quando ele caiu.

- São conhecidas as suas opiniões políticas extremistas - insinuou Villefort, a quem ninguém dissera nada a tal respeito, mas que não achava despropositado afirmá-lo como quem formula uma acusação.

- As minhas opiniões políticas, senhor? Bom, é quase vergonhoso dizê-lo, mas nunca tive o que se chama uma opinião. Tenho apenas dezenove anos, como já tive a honra de lhe dizer; não sei nada, não estou destinado a desempenhar qualquer papel; o pouco que sou e que serei, se me derem o lugar que ambiciono, devê-lo-ei ao Sr. Morrel. Por isso, todas as minhas opiniões, não direi políticas, mas pessoais, limitam-se a estes três sentimentos: amo o meu pai, respeito o Sr. Morrel e adoro Mercedes. Aqui tem, senhor, tudo o que posso dizer à justiça; como vê, é pouco interessante para ela

À medida que Dantés falava, Villefort observava-lhe o rosto, ao mesmo tempo tão afável e tão franco, e sentia acudirem-lhe à memória as palavras de Renée que sem o conhecer lhe pedira indulgência para com o argüido. Com a prática que o substituto já possuía do crime e dos criminosos, via em cada palavra de Dantés surgir a prova da sua inocência. Com efeito, aquele rapaz, quase se poderia dizer, aquela criança, simples, natural e eloqüente, com essa eloqüência do coração que nunca se encontra quando se procura, cheio de afeição para todos porque era feliz e porque a felicidade torna bons os próprios maus, derramava até sobre o seu juiz a suave afabilidade que lhe transbordava do coração Edmond não tinha no olhar, na voz e nos gestos, por mais rude e severo que Villefort tivesse sido para com ele, a não ser atenções e bondade para com aquele que o interrogava.

“Por Deus”, disse Villefort para consigo, “aqui está um rapaz encantador que talvez me permita sem grande dificuldade, assim espero, ser agradável a Renée e satisfazer a primeira recomendação que me fez, o que me poderá valer um bom aperto de mão diante de toda a gente e um beijo terno num canto.”

E com esta doce esperança o rosto de Villefort desanuviou-se. E assim, quando abandonou o fio do seu pensamento e olhou para Dantés, este, que seguia todos os movimentos da fisionomia do seu juiz, sorria como o próprio pensamento de Villefort.

- Tem algum inimigo? - perguntou o substituto.

- Inimigos, eu? - perguntou Dantés. - Tenho a sorte de ser demasiado insignificante para que a minha posição os arranje. Quanto ao meu temperamento,

talvez um pouco vivo, sempre tentei suavizá-lo no trato com os meus subordinados. Tenho dez ou doze marinheiros sob as minhas ordens; interrogue-os, senhor, e lhe dirão que me estimam e respeitam, não como um pai, sou demasiado novo para isso, mas sim como um irmão mais velho.

- Mas, à falta de inimigos, talvez tenha invejosos. Ia ser nomeado comandante aos dezenove anos, o que é um cargo elevado na sua idade, e ia casar com uma linda mulher que o ama, o que é uma felicidade rara em qualquer parte deste mundo. Estas duas preferências do destino podem ter-lhe granjeado invejosos.

- Sim, tem razão. Deve conhecer os homens melhor do que eu é possível. Mas se esses invejosos se encontram entre os meus amigos, confesso-lhe que prefiro não os conhecer para não ser obrigado a odiá-los.

- Engana-se. Tanto quanto possível, devemos ver sempre claramente à nossa volta. E na verdade o senhor parece-me um jovem tão digno que vou me desviar em seu benefício das regras habituais da justiça e ajudá-lo a fazer brotar a luz dando-lhe conhecimento da denúncia que o trouxe à minha presença. Aqui está o papel acusador. Reconhece a letra?

E Villefort tirou a carta da algibeira e apresentou-a a Dantés, que a olhou e leu. Passou-lhe uma sombra pela testa e respondeu:

- Não, senhor, não conheço esta letra; está disfarçada, embora seja bastante firme. De qualquer modo, foi traçada por mão experiente. Sinto-me feliz - acrescentou, olhando com reconhecimento para Villefort - por tratar com um homem como o senhor, pois com efeito o meu invejoso é um autêntico inimigo.

E o relâmpago que passou pelos olhos do jovem ao pronunciar estas palavras permitiu a Villefort distinguir tudo o que havia de violenta energia debaixo da afabilidade inicial.

- E agora - disse o substituto - responda-me francamente, senhor, não como um argüido ao seu juiz, mas sim como um homem numa posição falsa responde a outro homem que se interessa por ele: que há de verdade nesta acusação anônima?

E Villefort atirou com repugnância para cima da mesa a carta que Dantés acabava de lhe restituir.

- Tudo e nada, senhor. Eis a verdade pura, pela minha honra de marinheiro, pelo meu amor por Mercedes e pela vida do meu pai.

- Fale, senhor - disse em voz alta Villefort.

Depois, baixinho, acrescentou:

- Se Renée me pudesse ver, sem dúvida ficaria contente comigo e nunca mais me chamaria cortador de cabeças!

- Bom, o comandante Leclére adoeceu com uma febre cerebral ao sairmos de Nápoles. Como não tínhamos médico a bordo e não quis escalar nenhum porto da costa, pois tinha pressa de chegar à ilha
de Elba, a doença agravou-se e ele chamou-me a sua presença.

- Meu caro Dantés - disse-me --, jure-me pela sua honra fazer o que lhe vou dizer. Estão em jogo altos interesses.

- Juro-lhe, comandante - respondi-lhe.

- Muito bem! Como depois da minha morte lhe pertence o comando do navio, na qualidade de imediato, assuma-o, aproe à ilha de Elba, desembarque

em Porto Ferraio, procure o grande marechal
e entregue-lhe esta carta. É possível que lhe entreguem outra carta e o encarreguem de qualquer missão. Essa missão me estava reservada, Dantés; cumpra-a em meu lugar e toda a honra disso será sua.

- Assim farei, comandante, mas talvez não consiga chegar tão facilmente como pensa junto do grande marechal.

- Aqui tem um anel que lhe mandará entregar - disse o comandante - e que removerá todas as dificuldades.

- E ao dizer estas palavras entregou-me um anel.

- Era tempo: duas horas mais tarde o delírio apoderou-se dele e no dia seguinte morreu.

- Que fez então?

- O que devia fazer, senhor, o que qualquer outro faria no meu lugar. Custe o que custar, as súplicas de um moribundo são sagradas; mas entre os marinheiros os pedidos de um superior são ordens que se devem cumprir. Fiz-me portanto de vela para a ilha de Elba, onde cheguei no dia seguinte, proibi a saída de toda a tripulação e desci sozinho a terra. Como previra, levantaram-me algumas dificuldades para me introduzir junto do grande marechal, mas mandei-lhe o anel que devia servir-me de sinal de reconhecimento e todas as portas se abriram diante de mim. Recebeu-me, interrogou-me acerca das últimas circunstâncias da morte do infeliz Leclére e, como este previra, entregou-me uma carta que me encarregou de levar pessoalmente a Paris. Prometi-lho, porque isso equivalia a cumprir as últimas vontades do meu comandante. Desembarquei e regularizei rapidamente todos os assuntos de bordo; depois, corri a ver a minha noiva, que encontrei mais bonita e apaixonada do que nunca. Graças ao Sr. Morrel, passamos por cima de todas as dificuldades eclesiásticas. Enfim, senhor, assistia como lhe disse ao banquete do meu noivado, ia casar-me dentro de uma hora e contava partir amanhã para Paris quando por via dessa denúncia, que o senhor parece desprezar agora tanto como eu, fui preso.

- Sim, sim - murmurou Villefort --, tudo isso me parece ser verdade, e se o senhor é culpado, é de imprudência, embora essa imprudência seja legítima devido às ordens do seu comandante. Entregue-me essa carta que lhe deram na ilha de Elba, dê-me a sua palavra de que se apresentar à primeira convocação e volte para junto dos seus amigos.

- Quer dizer que estou livre, senhor?! - exclamou Dantés, no cúmulo da alegria.

- Está, mas primeiro dê-me essa carta.

- Deve estar diante de si, senhor, pois apreenderam-na com os meus outros papéis e reconheço alguns deles nesse maço.

- Espere - disse o substituto a Dantés, que pegava as luvas e o chapéu. - Espere. A quem é dirigida?

- Ao Sr. Noirtier, Rua Coq-H,ron, em Paris.

Um raio que caísse sobre Villefort não o fulminaria mais rápida e imprevistamente. Deixou-se cair na poltrona, de onde se soerguera para chegar ao maço de papéis apreendidos a Dantés, remexeu-o precipitadamente e tirou dele a carta fatal, à qual deitou um olhar cheio de indizível terror.

- Sr. Noirtier, Rua Coq-H,ron, nº 13 - murmurou, empalidecendo cada vez

mais.

- Sim, senhor - confirmou Dantés, atônito. - Conhece-o?

- Não - respondeu vivamente Villefort. - Um fiel servidor do rei não conhece conspiradores.

- Trata-se portanto de uma conspiração? - perguntou Dantés, que começava, por se julgar livre, a sentir-se novamente dominado por um terror maior do que ao princípio. - Seja como for, senhor, como já lhe disse ignoro completamente o conteúdo da correspondência de que fui portador.

- Pois sim, mas sabe o nome daquele a quem era dirigida! - perguntou Villefort, com voz abafada.

- Para lha entregar pessoalmente, senhor, era indispensável que o soubesse.

- Não mostrou esta carta a ninguém? - perguntou Villefort, lendo-a e empalidecendo à medida que a lia.

- A ninguém senhor, dou-lhe a minha palavra de honra!

- Todos ignoram que era portador de uma carta vinda da ilha de Elba e endereçada ao Sr. Noirtier?

- Todos gente, senhor, exceto quem me entregou.

- É demasiado, é ainda demasiado! - murmurou Villefort.

A fronte de Villefort nublava-se cada vez mais à medida que se aproximava do fim: os seus lábios brancos, as suas mãos trêmulas e os seus olhos ardentes faziam passar pelo espírito de Dantés as mais dolorosas apreensões. Terminada a leitura, Villefort deixou cair a cabeça nas mãos e ficou um instante acabrunhado.

- Oh, meu Deus! Que se passa senhor? - perguntou timidamente Dantés.

Villefort não respondeu. Mas passados alguns instantes levantou o rosto pálido e descomposto e releu segunda vez a carta.

- E diz que não sabe o que contém esta carta? - insistiu Villefort.

- Dou-lhe a minha palavra de honra, repito, senhor, de que o ignoro - respondeu Dantés. - Mas que tem o senhor, meu Deus? Sente-se mal, quer que toque, quer que chame?

- Não, senhor - respondeu Villefort, levantando-se vivamente.- Não se mexa, não diga nada; é a mim que compete dar ordens aqui e não ao senhor.

- Era apenas para o ajudá-lo, senhor - protestou Dantés, magoado.

- Não preciso de nada, foi apenas uma indisposição passageira. Ocupe-se de si e não de mim, responda.

Dantés esperou o interrogatório anunciado por estas palavras, mas inutilmente: Villefort voltou a deixar-se cair na poltrona, passou a mão gelada pela testa coberta de suor e releu a carta pela terceira vez.

- Oh, se ele soubesse o que contém esta carta? - murmurou. - Se soubesse alguma vez que Noirtier é o pai de Villefort, seria eu quem estaria perdido, perdido para sempre!

E de vez em quando olhava para Edmond, como se o seu olhar pudesse quebrar a barreira invisível que encerra no coração os segredos que a boca guarda.

- Oh, deixemo-nos de hesitações! - exclamou de súbito.

- Mas, em nome do Céu, senhor - pediu o pobre rapaz --, se desconfia de mim, se tem suspeitas a meu respeito, interrogue-me, estou pronto a responder-

lhe.

Villefort fez um esforço violento sobre si mesmo e disse num tom que pretendia tornar firme:

- Senhor, as acusações mais graves resultam para si do seu interrogatório e não está portanto na minha mão, como de início esperei, po-lo imediatamente em liberdade; antes de tomar semelhante medida devo consultar o juiz de instrução. Entretanto, já viu de que forma o tenho tratado...

- Oh, sim, senhor, e agradeço-lhe, pois tem sido para mim muito mais amigo do que um juiz! - declarou Dantés.

- Pois bem, senhor, vou conservá-lo mais algum tempo preso, mas o menos que puder. A principal acusação que existe contra si é esta carta, e como vê...

Villefort aproximou-se da chaminé, lançou-a ao fogo e deixou-se estar até a carta ficar reduzida a cinzas.

- E como vê - continuou - destruo-a.

- Oh, o senhor é mais do que justiça, é a bondade! - exclamou Dantés.

- Mas escute-me - prosseguiu Villefort.-Depois de semelhante ato, decerto compreende que pode confiar em mim, não é verdade?

- Oh, senhor, ordene e cumprirei as suas ordens!

- Não - disse Villefort aproximando-se do rapaz --, não são ordens o que lhe quero dar, são conselhos, compreende?

- Diga-os e me conformarei com eles como se fossem ordens.

- Vou conservá-lo aqui, no Palácio da Justiça, até à noite. Talvez mais alguém o venha interrogar: diga tudo o que me disse, mas nem uma palavra acerca da carta.

- Prometo-lhe, senhor.

Agora era Villefort que parecia suplicar, era o argüido que tranqüilizava o juiz.

- Compreende - disse, deitando um olhar às cinzas, que ainda conservavam a forma do papel e que esvoaçavam por cima das chamas --, agora a carta desapareceu, só o senhor e eu sabemos que ela existiu. Ninguém tornará a apresentá-la. Negue-a, pois, se lhe falarem dela, negue decididamente e estará salvo.

- Negarei, senhor esteja tranqüilo - prometeu Dantés.

- Muito bem, muito bem - aprovou Villefort, levando a mão ao cordão de uma campainha.

Depois, detendo-se um momento de tocar:

- Era a única carta que tinha - perguntou.

- A única.

- Jure.

Dantés estendeu a mão.

- Juro - disse.

Villefort tocou.

O comissário da polícia entrou.

Villefort aproximou-se dele e disse-lhe qualquer coisa ao ouvido a que o comissário respondeu com um simples aceno de cabeça.

- Vá senhor -- disse Villefort a Dantés.

Dantés inclinou-se, deitou um último olhar de reconhecimento a Villefort e

saiu.

Assim que a porta se fechou atrás dele, as forças faltaram a Villefort, que caiu quase sem sentidos numa poltrona.

Passado um instante, murmurou:

- Oh, meu Deus, de que dependem a vida e a fortuna!... Se o procurador régio estivesse em Marselha, se o juiz de instrução tivesse sido chamado em meu lugar, estaria perdido: aquele papel, aquele papel maldito me precipitaria no abismo. Ah, meu pai, meu pai! Será sempre um obstáculo à minha felicidade neste mundo e deverei lutar eternamente com o seu passado?

Depois, de súbito, um clarão inesperado pareceu passar-lhe pelo espírito e iluminou-lhe o rosto; desenhou-se-lhe um sorriso na boca ainda crispada e os seus olhos assustados tornaram-se fixos e pareceram deter-se num pensamento.

- É isso - disse. - Sim, essa carta que me devia perder talvez faça a minha fortuna. Vamos, Villefort, mãos à obra.

E depois de se assegurar de que o argüido já não estava na antecâmara, o substituto do procurador régio saiu por seu turno e dirigiu-se rapidamente para casa da noiva.

Capítulo VIII

O Castelo de If

Ao atravessar a antecâmara, o comissário de polícia fez sinal a dois guardas, os quais se colocaram um à direita e o outro à esquerda da Dantés. Abriu-se uma porta que punha em comunicação
os aposentos do procurador régio com o Palácio da Justiça e seguiram durante algum tempo por um desses grandes corredores sombrios que arrepiam aqueles que os percorrem, mesmo quando não têm nenhum motivo para se arrepiar.

Assim como os aposentos de Villefort comunicavam com o Palácio da Justiça, também o Palácio da Justiça comunicava com a prisão, edifício sombrio contíguo ao palácio e que olhava curiosamente, com todas as suas aberturas medonhas, o campanário dos Accouies que se erguia diante dele.

Depois de várias voltas, Dantés viu o corredor por onde seguia desembocar numa porta com um postigo de ferro. O comissário de polícia bateu com uma aldraba de ferro três pancadas que soaram para Dantés como se fossem desferidas no seu próprio coração. A porta abriu-se e os dois guardas empurraram levemente o prisioneiro, que hesitou novamente. Dantés transpôs o temível limiar e a porta tornou a fechar-se atrás dele. Respirava-se ali outro ar, um ar mefítico e pesado: estava numa prisão.

Conduziram-no a um quarto bastante limpo, mas gradeado e aferrolhado. No entanto, o aspecto do alojamento não o assustou. Aliás, as palavras do substituto do procurador régio, proferidas numa voz que parecera a Dantés tão cheia de interesse, ecoavam-lhe aos ouvidos como uma suave promessa de esperança.

Eram já quatro horas quando Dantés fora conduzido à sua cela. Estava-se, como já dissemos, em 1 de Março. O prisioneiro não tardou a encontrar-se às

escuras.

Então o sentido do ouvido substituiu nele o sentido da vista, que acabava de perder. Ao menor ruído que chegava até ele, convencido de que o vinham pôr em liberdade, levantava-se vivamente e dava um passo para a porta; mas em breve o ruído ia morrendo noutra direção e Dantés tornava a deixar-se cair no banco.

Por fim, cerca das dez horas da noite, quanto Dantés começava a perder a esperança, ouviu-se novo ruído que lhe pareceu dirigir-se para a sua cela. Com efeito, soaram passos no corredor que se detiveram diante da sua porta. Uma chave girou na fechadura, os ferrolhos rangeram e a maciça barreira de carvalho abriu-se e deixou entrar de súbito na cela a luz deslumbrante de dois archotes.

Ao clarão desses dois archotes, Dantés viu brilhar os sabres e os mosquetões de quatro guardas.

Dera dois passos em frente, mas ficou imóvel no seu lugar ao ver aquele aumento de forças.

- Vêm buscar-me? - perguntou Dantés.

- Viemos - respondeu um dos guardas.

- Da parte do Sr. Substituto do Procurador régio?

- Creio que sim.

- Bom, estou pronto a acompanhá-los - declarou Dantés.

A convicção de que vinham buscá-lo da parte do Sr. de Villefort tirava todo o receio do infeliz rapaz. Avançou, pois, de espírito calmo e andar desembaraçado e colocou-se ele próprio no meio da escolta.

À porta esperava uma carruagem com o cocheiro no seu lugar e um polícial sentado ao lado do cocheiro.

- É para mim que esta carruagem está aqui? - perguntou Dantés.

- É para você - respondeu um dos guardas. - Suba.

Dantés quis fazer algumas observações, mas a portinhola abriu-se e sentiu-se empurrado. Não havia possibilidade nem sequer intenção de opor resistência, pelo que se encontrou num instante sentado ao fundo da carruagem, entre dois guardas. Os outros dois sentaram-se no banquinho fronteiro e o pesado veiculo começou a rodar com um ruído sinistro.

O prisioneiro olhou para as janelas; eram gradeadas. Mudara apenas de prisão. A única diferença era aquele rodar e transportá-lo para destino ignorado. Através dos varões apertados a ponto de mal poder passar a mão entre eles, Dantés reconheceu no entanto que percorriam a Rua Caisserie e que pela Rua Tamaris desciam para o cais.

Em breve distinguiu através das suas grades e das do monumento junto do qual se encontrava as luzes da Consigne.

A carruagem parou e o policial desceu e aproximou-se da casa da guarda. Saiu uma dúzia de soldados que formaram alas. Ao clarão dos candeeiros do cais, Dantés viu reluzirem-lhes as espingardas.

“Será por minha causa que se exibe semelhante força militar?”, perguntou Dantés a si mesmo.

Ao abrir a portinhola fechada à chave, o policial respondeu a esta interrogação, embora sem pronunciar uma única palavra, pois Dantés viu entre as duas alas de soldados um caminho aberto para

ele, da carruagem ao porto.

Os dois guardas que estavam sentados no banco da frente foram os primeiros a descer, depois fizeram-no descer a ele e por fim seguiram-no os que se sentavam a seu lado. Encaminharam-se para um escaler que um marinheiro da alfândega mantinha junto do cais, seguro por uma corrente. Os soldados viram passar Dantés com ar de curiosidade aparvalhada. Instalaram-no num instante à popa do barco, sempre no meio de quatro guardas, enquanto o policial se mantinha à proa. Um empurrão violento afastou o barco da muralha e quatro remadores remaram vigorosamente na direção de Pilon. A um grito soltado do barco a corrente que fechava o porto desceu e Dantés encontrou-se no chamado Frioul, isto é, fora do porto.

O primeiro impulso do prisioneiro ao ver-se ao ar livre fora um impulso de alegria. O ar era quase a liberdade. Respirou, pois, a plenos pulmões aquela brisa fresca, que trazia nas asas todos os aromas desconhecidos da noite e do mar. Não tardou, porém, a soltar um suspiro ao passar diante da Réserve, onde fora tão feliz naquela mesma manhã, durante a hora que precedera a sua prisão. Através de duas janelas abertas chegava até ele o barulho alegre de um baile.

Dantés juntou as mãos, ergueu os olhos ao céu e rezou.

O escaler continuava a sua rota. Ultrapassara a Caveira e estava defronte da enseada do Pharao. Ia contornar a bateria, o que era uma manobra incompreensível para Dantés.

- Para onde me levam? - perguntou a um dos guardas.

- Em breve saberá.

- Mas então...

- Estamos proibidos de lhe dar qualquer explicação.

Dantés era meio soldado. Interrogar subordinados aos quais fora proibido responder pareceu-lhe uma coisa absurda e por isso calou-se.

Então, acudiram-lhe ao espírito os pensamentos mais estranhos. Como se não podia fazer grande viagem em semelhante barco e não havia nenhum navio ancorado do lado para onde se dirigiam, pensou que o iam desembarcar num ponto afastado da costa e dizer-lhe que estava livre. Não se encontrava amarrado nem tinham feito qualquer tentativa para o algemar, o que lhe parecia de bom augúrio. Aliás, não lhe dissera o substituto, que tão bom fora para ele, que contanto que não pronunciasse o nome fatal de Noirtier nada tinha a temer? Não destruíra Villefort, na sua presença, aquela carta perigosa, única prova existente contra ele?

Esperou, pois, mudo e pensativo, procurando devassar com os olhos de marinheiro conhecedor das trevas e habituado ao espaço a escuridão da noite.

Tinham deixado à direita a ilha Ratonneau, onde ardia um farol, e, seguindo quase ao longo da costa, haviam chegado à altura da enseada dos Catalães. Ali, os olhares do prisioneiro tornaram-se mais perscrutadores, era ali que estava Mercedes, e parecia-lhe a cada instante ver desenhar-se na margem sombria a forma vaga e indecisa de uma mulher.

Porque não diria um pressentimento a Mercedes que o seu apaixonado passava a trezentos passos dela?

Brilhava uma única luz nos Catalães. Observando a posição dessa luz, Dantés reconheceu que ela iluminava o quarto da noiva. Mercedes era a única

que velava em toda a coloniazinha. Se gritasse com força, o jovem poderia fazer-se ouvir pela noiva.

Uma vergonha injustificada conteve-o. Que diriam os homens que o olhavam se o ouvissem gritar como um insensato? Ficou portanto mudo e com os olhos cravados naquela luz.

Entretanto, o barco continuava a sua rota. Mas o prisioneiro não pensava no escaler, pensava em Mercedes. Um acidente de terreno fez desaparecer a luz. Dantés virou-se e verificou que o barco se dirigia para o largo.

Enquanto olhava, absorto nos seus próprios pensamentos, tinham substituído os remos por velas e o barco avançava agora impelido pelo vento.

Apesar da repugnância que Dantés experimentava em dirigir ao guarda novas perguntas, aproximou-se dele e disse-lhe, pegando-lhe na mão:

- Camarada, em nome da sua consciência e da sua qualidade de soldado peço-lhe que tenha compaixão de mim e me responda. Sou o comandante Dantés, bom e leal francês, apesar de acusado de
não sei que traição. Para onde me levam? Diga-me e, palavra de marinheiro, cumprirei o meu dever e resignar-me-ei com a minha sorte.

O guarda coçou a orelha e olhou para o seu camarada. Este fez um gesto que significava pouco mais ou menos: “Parece-me que no ponto em que estamos não há inconveniente.” O outro virou-se então para Dantés e disse-lhe:

- O senhor é marselhês e marinheiro e ainda nos pergunta para onde vamos?

- Pergunto porque, pela minha honra, ignoro-o.

- Nem, desconfia?

- De modo nenhum.

- Não é possível.

- Juro-lhe pelo que tenho de mais sagrado no mundo. Responda-me, por piedade!

- Mas as ordens?

- As ordens não o proíbem de me informar do que saberei dentro de dez minutos, de meia hora ou talvez de uma hora. Apenas me poupará, entretanto, séculos de incerteza. Peço-lhe como se fosse meu amigo. Repare, não pretendo revoltar-me nem fugir. De resto, não posso. Para onde vamos?

- A menos que tenha uma venda nos olhos ou que nunca tenha saído do porto de Marselha, deve no entanto adivinhar para onde vai.

- Não.

- Nesse caso, olhe à sua volta.

Dantés levantou-se, olhou naturalmente para o ponto para onde parecia dirigir-se o barco e, cem toesas à sua frente, viu erguer-se a rocha negra e escarpada em que se elevava, com uma superfetação do sílex, o sombrio Castelo de If.

Aquela forma estranha, aquela prisão envolta em tão profundo terror, aquela fortaleza que havia trezentos anos impunha as suas lúgubres tradições a Marselha, aparecendo assim de repente a Dantés, que não pensava nela, produziu-lhe o efeito que produz ao condenado à morte o aspecto do cadafalso.

- Ah, meu Deus, o Castelo de If! - exclamou. - E que vamos fazer lá?

O guarda sorriu.

- Vão-me encarcerar lá? - continuou Dantés. - Mas o Castelo de If é uma prisão de Estado destinada apenas aos grandes criminosos políticos. Ora, eu não cometi nenhum crime. No Castelo de If existem, porventura, juízes de instrução ou quaisquer outros magistrados?

- Suponho que só existe um governador, carcereiros, uma guarnição e bons muros. Vamos, vamos, amigo, não mostre tanto espanto; porque na verdade me faria supor que retribui a minha condescendência troçando de mim.

Dantés apertou a mão do guarda como se lha quisesse partir.

- Pretende - insistiu - que me conduzem ao Castelo de If para me encerrar?

- É provável - respondeu o guarda. - Seja como for, camarada, é inútil apertar-me a mão com tanta força.

- Sem mais investigações, sem mais formalidades? - perguntou o jovem.

- As formalidades estão preenchidas e as investigações concluídas.

- Assim, apesar da promessa do Sr. de Villefort?...

- Não sei se o Sr. de Villefort lhe fez alguma promessa - perguntou o guarda --, mas o que sei é que vamos para o Castelo de If. Eh, lá, que está fazendo?! A mim, camaradas, a mim!

Num gesto rápido como um relâmpago, mas que no entanto fora previsto pelo olhar experiente do guarda, Dantés quisera lançar-se ao mar. Mas quatro mãos vigorosas seguraram-no no momento em que os seus pés deixavam o fundo do barco e fizeram-no cair dentro dele bramindo de raiva.

- Ora aí está! - exclamou o guarda, pondo-lhe um joelho no peito. - Ora aí está como cumpre a sua palavra de marinheiro. Isso é o que recebemos por acreditar em gente de fala mansa... Pois agora, meu caro amigo, se fizer um movimento, um só, meto-lhe uma bala na cabeça. Não cumpri a minha primeira ordem, mas garanto-lhe que cumprirei a segunda.

E baixou efetivamente a carabina na direção de Dantés, que sentiu encostar-lhe a ponta do cano à têmpora.

Por um instante sentiu a tentação de fazer o movimento proibido e de acabar assim, violentamente, com a desgraça inesperada que se abatera sobre ele e o tomara de súbito nas suas garras de abutre. Mas precisamente por essa desgraça ser inesperada, Dantés pensou que não podia ser duradoura. Depois, acudiram-lhe ao espírito as promessas do Sr. de Villefort; por último, forçoso é dizê-lo, a morte no fundo de
um barco, dada pela mão de um guarda, pareceu-lhe indecorosa e indigna.

Deixou-se cair no fundo do barco, soltando um bramido de raiva e mordendo as mãos com furor.

Quase no mesmo instante um choque violento sacudiu o escaler. Um barqueiro saltou para a rocha que a proa da embarcação acabava de tocar, uma corda chiou ao desenrolar-se à volta de um moitão e Dantés compreendeu que tinham chegado e amarravam o barco.

Com efeito, os guardas, que o seguravam ao mesmo tempo pelos braços e pela gola da veste, obrigaram-no a levantar-se e a desembarcar e arrastaram-no para os degraus que subiam até à porta da cidadela, enquanto o polícial, armado com um mosquetão de baioneta calada, seguia atrás dele.

Aliás, Dantés não esboçou sequer uma resistência que seria inútil: a sua lentidão devia-se mais à inércia do que à oposição. Estava aturdido e cambaleava

como um ébrio. Viu de novo os soldados escalonarem-se nos taludes íngremes, sentiu os degraus obrigarem-no a levantar os pés e notou que transpunha uma porta e que essa porta se fechava atrás de si, mas tudo isto maquinalmente, como que através de um nevoeiro, sem nada distinguir de positivo. Nem sequer via o mar, essa dor imensa dos prisioneiros, que olham o espaço com o sentimento terrível de que são impotentes para o transpor.

Houve um breve alto, durante o qual procurou concentrar idéias. Olhou à sua volta: estava num pátio quadrado, formado por quatro altas muralhas. Ouvia-se o passo lento e regular das sentinelas e todas as vezes que passavam diante dos dois ou três reflexos que projetavam nas muralhas o clarão de duas ou três luzes que brilhavam no interior do castelo via-se cintilar o cano das suas espingardas.

Esperaram ali dez minutos, pouco mais ou menos. Certos de que Dantés já não podia fugir, os guardas tinham-no largado. Pareciam esperar ordens. Essas ordens chegaram.

- Onde está o prisioneiro? - perguntou uma voz.

- Está aqui - responderam os guardas.

- Que venha comigo; vou conduzi-lo ao seu alojamento.

- Vá - disseram os guardas, empurrando Dantés.

O prisioneiro seguiu o indivíduo, que o conduziu efetivamente a uma sala quase subterrânea cujas paredes nuas e suadas pareciam impregnadas de um vapor de lágrimas. Uma espécie de lampião pousado num banco e cuja mecha nadava numa gordura fétida iluminava as paredes luzidias da horrível sala e mostrava a Dantés o seu acompanhante, espécie de carcereiro subalterno, mal vestido e de cara desagradável.

- Aqui tem o seu quarto para esta noite - informou. É tarde e o Sr. Governador está deitado. Amanhã, quando acordar e tomar conhecimento das ordens que lhe dizem respeito, talvez o mude de instalação. Entretanto, aqui tem pão. Há água naquela bilha e palha ali no canto. É tudo o que um prisioneiro pode desejar. Boa noite.

E antes de Dantés pensar em abrir a boca para lhe responder, antes de ver onde o carcereiro pousava o pão, antes de se dar conta do lugar onde estava a bilha e antes de volver os olhos para o canto onde se encontrava a palha destinada a servir-lhe de cama, o carcereiro pegou no lampião, saiu, fechou a porta e
privou o prisioneiro da luz baça que lhe mostrara como que ao clarão de um relâmpago as paredes encharcadas da sua prisão.

Encontrou-se então sozinho no meio das trevas e do silêncio, tão mudo e tão sombrio como as abóbadas cujo frio glacial sentia descer sobre a testa escaldante.

Quando os primeiros raios da alvorada trouxeram um pouco de claridade àquele antro, o carcereiro voltou com a ordem de deixar o prisioneiro onde se encontrava. Dantés nem sequer mudara de lugar. Uma mão de ferro parecia tê-lo pregado no mesmo local onde na véspera se detivera. Apenas o seu olhar profundo se ocultava debaixo de um inchaço causado pelo vapor úmido das suas lágrimas. Estava imóvel e olhava para o chão.

Passara assim toda a noite de pé e sem dormir um só instante. O carcereiro

aproximou-se dele, andou à sua volta, mas Dantés não pareceu vê-lo.

Bateu-lhe no ombro, Dantés estremeceu e abanou a cabeça.

- Não dormiu? - perguntou-lhe o carcereiro.

- Não sei - respondeu Dantés.

O carcereiro olhou-o com espanto.

- Não tem fome? - continuou.

- Não sei - respondeu novamente Dantés.

- Quer alguma coisa?

- Queria ver o governador.

O carcereiro encolheu os ombros e saiu.

Dantés seguiu-o com a vista, estendeu as mãos para a porta entreaberta, mas a porta fechou-se.

Então o peito pareceu rasgar-se-lhe num longo soluço. As lágrimas que lhe enchiam o peito brotaram como dois riachos. Ajoelhou-se, encostou a testa ao chão e rezou durante muito tempo. Repassou no espírito toda a sua vida passada e perguntou a si mesmo que crime cometera na vida, tão jovem ainda, que merecesse tão cruel punição.

O dia passou-se assim. Comeu apenas alguns nacos de pão e bebeu alguns goles de água. Tão depressa ficava sentado e absorto nos seus pensamentos como caminhava a toda a volta da prisão, qual
fera encerrada numa jaula de ferro.

Havia sobretudo um pensamento que o punha fora de si: o de que durante a travessia, onde, na ignorância do local para onde o conduziam, permanecera tão calmo e tranqüilo, poderia ter-se dez vezes deitado ao mar e, uma vez na água, graças à sua perícia de nadador, graças ao hábito que o tornara um dos mais hábeis mergulhadores de Marselha, desaparecer debaixo d'água, fugir dos guardas, alcançar a costa, escapar, esconder-se em qualquer enseada deserta, esperar um navio genovês ou catalão, alcançar a Itália ou a Espanha, e de lá escrever a Mercedes para que se juntasse a ele. Quanto à sua vida em qualquer pais era coisa que não o preocupava. Em toda a parte os marinheiros eram raros e falava italiano como um toscano e espanhol como um natural de Castela-a-Velha. Viveria livre e feliz com Mercedes e com o pai,
pois o pai também iria ter com ele, ao passo que assim estava prisioneiro, encerrado no Castelo de If, naquela prisão intransponível, sem saber o que era feito do pai nem de Mercedes, e tudo isso porque acreditara na palavra de Villefort. Era de enlouquecer. Por isso, Dantés rebolava-se furioso na palha fresca que lhe trouxera o carcereiro.

No dia seguinte, à mesma hora, o carcereiro voltou.

- Então, está hoje mais razoável do que ontem? - perguntou-lhe.

Dantés não respondeu.

- Que diabo, um pouco de coragem! - insistiu o carcereiro. - Deseja alguma coisa que esteja ao meu alcance? Vamos, diga.

- Desejo falar com o governador.

- O quê? Já lhe disse que é impossível - perguntou o carcereiro com impaciência.

- Impossível porquê?

- Porque pelos regulamentos da prisão não é permitido aos prisioneiros

pedir isso.

- Então, que é permitido aqui? - perguntou Dantés.

- Melhor alimentação, pagando, passear e às vezes livros.

- Não preciso de livros, não tenho nenhuma vontade de passear e acho a minha alimentação boa. Portanto, só quero uma coisa: ver o governador.

- Se continua a repetir-me sempre a mesma coisa, não lhe trago mais de comer - ameaçou-o o carcereiro.

- Se não me trouxeres mais de comer - respondeu Dantés --, morrerei de fome e pronto!

O tom em que Dantés proferiu estas palavras provou ao carcereiro que o seu prisioneiro se daria por feliz se morresse. Por isso, como qualquer prisioneiro rendia, bem feitas as contas, cerca de dez soldos por dia ao seu carcereiro, o de Dantés avaliou o prejuízo que lhe acarretaria tal morte e insistiu em tom mais ameno:

- Ouça, o que deseja é impossível. Portanto, não insista, pois não há exemplo de, a pedido de um prisioneiro, o governador ir à sua cela. Mas se o senhor se portar bem lhe permitirão o passeio e é possível que um dia, enquanto passeia, o governador passe... Então, poderá dirigir-lhe a palavra e se ele lhe quiser
responder é lá com ele.

- Mas quanto tempo posso esperar assim sem que esse acaso se verifique? - perguntou Dantés.

- Sei lá! - respondeu o carcereiro. - Um mês, três meses, seis meses, talvez um ano...

- É demasiado - perguntou Dantés. - Quero vê-lo imediatamente.

- Bom, o melhor é não se entregar assim a um único desejo impossível ou antes de quinze dias estará louco.

- Acha? - perguntou Dantés.

- Sim, louco. É sempre assim que começa a loucura; temos aqui um exemplo disso. Foi por estar constantemente a oferecer um milhão ao governador, se o pusesse em liberdade, que o cérebro do
abade que esteve nesta cela antes do senhor se avariou.

- E há quanto tempo deixou esta cela?

- Dois anos.

- Puseram-no em liberdade?

- Não, meteram-no numa masmorra.

- Escute - disse Dantés. - Não sou um abade nem sou um louco. Talvez venha a ser, mas infelizmente, neste momento, ainda estou em meu perfeito juízo. Vou fazer te outra proposta.

- Qual?

- Não te oferecerei um milhão, porque não poderia lhe dar; mas te oferecerei cem escudos se quiser, na primeira vez que for a Marselha, descer até aos Catalães e entregar uma carta a uma moça chamada Mercedes. Nem sequer uma carta, apenas duas linhas.

- Se levasse essas duas linhas e fosse descoberto, perderia o meu lugar, que é de mil libras por ano, sem contar com os extraordinários e com a alimentação. Como vê, seria um grande imbecil se me arriscasse a perder mil

libras para ganhar trezentas.

- Nesse caso, escuta e toma bem nota disto - disse Dantés. - Se recusa levar duas linhas a Mercedes ou pelo menos preveni-la de que estou aqui, um dia te esperarei escondido atrás da minha porta e quando entrar te quebrarei a cabeça com este banco.

- Ameaças!... - exclamou o carcereiro, dando um passo atrás e pondo-se na defensiva. - Decididamente, não está bom da cabeça. O abade começou como o senhor e dentro de três dias o senhor
estará doido varrido como ele. Felizmente não faltam masmorras no Castelo de If.

Dantés pegou no banco e fê-lo girar à volta da cabeça.

- Está bem, está bem! - disse o carcereiro. - Pronto, uma vez que insiste, vou prevenir o governador.

- Depressa! - perguntou Dantés, voltando a pousar o banco no chão e sentando-se nele, de cabeça baixa e olhos esgazeados, como se realmente tivesse enlouquecido.

O carcereiro saiu e regressou pouco depois com quatro soldados e um cabo.

- Por ordem do governador - disse --, desçam o prisioneiro para o andar por baixo deste.

- Para as masmorras, então - observou o cabo.

- Sim, para as masmorras. Devem pôr-se os loucos junto dos loucos.

Os quatro soldados agarraram Dantés, que caiu numa espécie de atonia e os acompanhou sem resistência.

Fizeram-no descer quinze degraus e abriram a porta de uma masmorra na qual entrou murmurando:

- Tem razão, devem pôr-se os loucos junto dos loucos.

A porta voltou a fechar-se e Dantés caminhou em frente com as mãos estendidas até tocar na parede. Então, sentou-se num canto e ficou imóvel, enquanto os seus olhos se habituavam pouco a pouco à obscuridade e começavam a distinguir os objetos.

O carcereiro tinha razão: faltava muito pouco para que Dantés enlouquecesse.

Capítulo IX

A festa de noivado

Como dissemos, Villefort retomara o caminho da praça Grand-Cours e quando entrou em casa da Sra de Saint-Méran encontrou os convivas, que deixara à mesa, tomando o café na sala.

Renée esperava-o com uma impaciência que era compartilhada por todo o resto da sociedade. Foi, pois, acolhido com uma exclamação geral.

- Então, cortador de cabeças, sustentáculo do Estado, Bruto monárquico, que aconteceu? - perguntou um. - Vamos, diga!

- Estamos ameaçados por um novo regime de Terror? - indagou outro.

- O papão da Côrsega saiu da sua caverna? inquiriu terceiro.

- Sra Marquesa - disse Villefort, aproximando-se da sua futura sogra --, suplico-lhe me desculpe de ser obrigado a deixá-la assim... Sr. Marquês, poderei ter a honra de lhe dizer duas palavras em particular?

- Oh! Quer dizer que o caso é realmente grave? - perguntou a marquesa, notando a sombra que obscurecia a testa de Villefort.

- Tão grave que sou obrigado a pedir-lhes licença para me ausentar uns dias. Por aqui podem ver - continuou, virando-se para Renée - se o caso é ou não grave.

- Parte, senhor? - perguntou Renée, incapaz de ocultar o abalo que lhe causava aquela noticia inesperada.

- Infelizmente, menina - respondeu Villefort. - É preciso.

- E aonde vai? - perguntou a marquesa.

- É segredo de justiça, minha senhora. No entanto, se alguém aqui tem alguma coisa para Paris, um dos meus amigos partirá esta noite e se encarregará disso com prazer. Todos se entreolharam.

- Pediu-me que o ouvisse por um momento? - lembrou o marquês.

- Pedi. Passemos ao seu gabinete, por favor.

O marquês tomou o braço de Villefort e saiu com ele.

- Então, que se passa? - perguntou quando chegaram ao gabinete. - Vamos, fale.

- Coisas que creio da mais alta gravidade e que exigem a minha partida neste instante para Paris. Agora, marquês, desculpe a indiscreta brutalidade da pergunta: possui títulos do Estado?

- Toda a minha fortuna está em títulos da dívida pública; seiscentos a setecentos mil francos, pouco mais ou menos.

- Venda-os marquês. Venda-os ou ficará arruinado.

- Mas como quer que os venda daqui?

- Tem um corretor, não tem?

- Tenho.

- Dê-me uma carta para ele, e que venda sem perda de um minuto, sem perda de um segundo. Poderei chegar até demasiado tarde.

- Demônio, nesse caso não percamos tempo! - exclamou o marquês.

Sentou-se à mesa e escreveu uma carta ao seu corretor na qual lhe ordenava que vendesse a todo o custo.

- Agora que tenho esta carta - disse Villefort, guardando-a cuidadosamente na carteira - preciso de outra.

- Para quem?

- Para o rei.

- Para o rei?

- Sim.

- Mas não me atrevo a escrever assim a Sua Majestade.

- Por isso, não é ao senhor que a peço, mas encarrego-o de a pedir ao Sr. de Salvieux. É necessário que me dê uma carta com o auxílio da qual possa penetrar até junto de Sua Majestade sem ser submetido a todas as formalidades de pedido de audiência que me podem fazer perder um tempo precioso.

- Mas não tem o ministro da Justiça, que entra quando quer nas Tulherias e por intermédio do qual poderá, de dia e de noite, chegar junto do rei?

- Tenho, sem dúvida, mas para quê partilhar com outro o mérito da notícia de que sou portador? Compreende o que quero dizer? O ministro me relegaria muito naturalmente para segundo plano e me privaria de todo o proveito no caso. Só lhe digo uma coisa, marquês: a minha carreira estará assegurada se conseguir ser o primeiro a chegar às Tulherias, porque prestarei ao rei um serviço que lhe não será permitido esquecer.

- Nesse caso, meu caro, vá fazer as malas. Entretanto, chamarei Salvieux e lhe pedirei que escreva a carta que deverá servir-lhe de salvo-conduto.

- Bom, não perca tempo, pois dentro de um quarto de hora tenho de tomar a sege de posta.

- Mande parar a carruagem diante da porta.

- Sem dúvida nenhuma... Desculpar-me-á junto da marquesa, não é verdade? E também junto de Mademoiselle de Saint-Méran, que deixo num dia como este com bem profundo pesar.

- Encontrará ambas no meu gabinete e poderá despedir-se delas.

- Mil vezes obrigado. Trate da minha carta.

O marquês tocou. Apareceu um lacaio.

- Diga ao conde Salvieux que o espero... Vá agora - continuou o marquês dirigindo-se a Villefort.

- Bom, é só o tempo de ir e vir.

E Villefort saiu correndo. Mas à porta pensou que um substituto do procurador régio que fosse visto caminhando em passos precipitados se arriscaria a perturbar o repouso de toda a cidade. Retomou portanto o seu passo normal já dono de si, sua porta distinguiu na sombra como que um branco fantasma que o esperasse de pé e imóvel.

Era a bela moça catalã que, não tendo notícias de Edmond, esgueirara-se ao cair da noite do Pharao para vir saber pessoalmente o motivo da prisão do seu amado.

Ao aproximar-se Villefort, afastou-se da parede a que se encostava e veio cortar-lhe o caminho. Dantés falara da noiva ao substituto e Mercedes não teve necessidade de se apresentar para que Villefort a reconhecesse. Ficou surpreendido com a dignidade daquela mulher e quando ela lhe perguntou que era feito do seu amado pareceu-lhe ser ele o acusado e ela o juiz.

- O homem a que se refere - declarou Villefort, bruscamente - é um grande criminoso e não posso fazer nada por ele, menina.

Mercedes deixou escapar um soluço e como Villefort procurasse seguir o seu caminho ela deteve-o segunda vez.

- Mas ao menos onde está, para que me possa informar se se encontra morto ou vivo? - perguntou.

- Não sei, já me não pertence - respondeu Villefort.

E perturbado por aquele olhar meigo e por aquela atitude suplicante, afastou Mercedes, entrou e fechou rapidamente a porta, como que para deixar do lado de fora aquela dor que lhe traziam.

Mas a dor não se deixou repelir assim. Como o dado mortal de que fala Virgílio, o homem ferido levou-a consigo. Villefort entrou, fechou a porta, mas quando chegou à sala as pernas fraquejaram-lhe por seu turno. Soltou um suspiro que parecia um soluço e deixou-se cair numa poltrona.

Então, no fundo daquele coração doente nasceu o primeiro germe de uma úlcera mortal. Aquele homem que sacrificava à sua ambição, aquele inocente que pagava pelo seu pai culpado, apareceu-lhe
pálido e ameaçador, dando a mão à noiva, pálida como ele, e arrastando atrás de si o remorso, não o que faz saltar o doente como os furiosos da fatalidade antiga, mas sim esse tinido abafado e doloroso que em certos momentos atinge o coração e o deixa contuso, ao recordar uma ação passada, contusão cujas dores lancinantes cavam um mal que se vai aprofundando até à morte.

Então, houve na alma daquele homem ainda um instante de hesitação. Já diversas vezes pedira, e isso sem outra emoção do que a da luta do juiz com o acusado, a pena de morte contra os réus; e esses réus, executados graças à eloquência avassaladora com que dominara os juízes ou o júri, nem sequer lhe tinham
deixado uma sombra na fronte, porque eram culpados, ou pelo menos Villefort assim os considerava.

Mas desta vez o caso era muito diferente: acabava de aplicar a um inocente uma pena de prisão perpétua, a um inocente que ia ser feliz e a quem roubava não só a liberdade, mas também a felicidade. Desta vez já não era juiz, era carrasco.

Pensando nisto, sentia a palpitação abafada que descrevemos, e que até ali desconhecera, ecoar-lhe no fundo do coração e encher-lhe o peito de vagas apreensões. É assim, através do violento sofrimento instintivo, que o ferido é avisado e jamais aproxima sem tremer o dedo da ferida aberta e sangrenta antes de ela fechar.

Mas a ferida que recebera Villefort era daquelas que não fecham, ou que só fecham para reabrir mais sangrentas e dolorosas do que anteriormente.

Se naquele momento a suave voz de Renée lhe tivesse soado aos ouvidos pedindo-lhe compaixão; se a bela Mercedes tivesse entrado e lhe tivesse dito: “Em nome de Deus que nos vê e nos julga, restitua-me o meu noivo"; sim, aquela fronte que as circunstâncias inclinavam até meio teria se curvado por completo e as mãos geladas daquele homem teriam sem dúvida, com risco de tudo o que daí pudesse resultar para ele, assinado o mandado de soltura de Dantés. Mas nenhuma voz murmurou no silêncio e a porta só se abriu para entrar o criado de quarto de Villefort, que veio dizer que os cavalos de posta já estavam atrelados à cabeça
de viagem.

Villefort levantou-se, ou antes, saltou como um homem que vence uma luta intima, correu para a mesa, meteu nas algibeiras todo o ouro que se encontrava numa gaveta, andou um instante sobressaltado, pelo aposento, com a mão na testa e proferindo palavras sem sentido, e por fim, sentindo que o criado acabava de lhe pôr a capa pelos ombros, saiu, meteu-se na carruagem e ordenou com voz breve ao cocheiro que seguisse para a Rua do Grand-Cours, para casa do Sr. de Saint-Méran. O pobre Dantés estava condenado.

Como o Sr. de Saint-Méran lhe prometera, Villefort encontrou a marquesa e Renée no gabinete. Ao ver Renée, o jovem estremeceu, pois julgou que ela lhe tosse pedir de novo a liberdade de Dantés. Mas, ai de nós, devemos confessá-lo para vergonha do nosso egoísmo, a linda moça estava preocupada com uma

coisa: a partida de Villefort.

Amava Villefort e Villefort partia no momento de se tornar seu marido. Villefort não podia dizer quando voltaria e Renée, em vez de lamentar Dantés, amaldiçoou o homem que devido ao seu crime a separava do amado.

E Mercedes?

A pobre Mercedes encontrara Fernand, que a seguira, à esquina da Rua de Loge, regressara aos Catalães e, com a morte na alma, desesperada, atirara-se para cima da cama.

Fernand ajoelhara diante dessa cama e, apertando a mão gelada de Mercedes, que esta não se lembrava de retirar, cobria-lha de beijos ardentes que Mercedes nem sequer sentia.

A jovem passou a noite assim. O candeeiro apagou-se quando o azeite se acabou, mas Mercedes não deu mais pela obscuridade do que dera pela luz e o dia voltou sem que desse por ele. A dor pusera-lhe diante dos olhos uma venda que só a deixava ver Edmond.

- Ah, está aí!... - disse por fim, virando-se para o lado de Fernand.

- Desde ontem que te não deixo - respondeu Fernand, com um suspiro doloroso.

O Sr. Morrel dera-se por vencido. Soubera que depois do seu interrogatório Dantés fora levado para a prisão. Correra então a casa de todos os seus amigos, apresentara-se em casa das pessoas de Marselha susceptíveis de possuírem influência, mas já se espalhara o boato de que o rapaz fora preso como agente bonapartista, e como nessa época os mais otimistas consideravam um sonho insensato qualquer tentativa de Napoleão para recuperar o trono, só encontrara por toda a parte frieza, medo ou repúdio e regressara a casa desesperado e reconhecendo que a situação era grave e ninguém podia fazer nada.

Pela sua parte, Caderousse estava deveras inquieto e atormentado. Em vez de sair, como fizera o Sr. Morrel; em vez de tentar qualquer coisa a favor de Dantés, embora, aliás, nada pudesse fazer por ele, fechara-se em casa com duas garrafas de cássis e procurara afogar a inquietação na embriaguez. Mas no estado de espírito em que se encontrava duas garrafas eram pouquíssimo para o porem inconsciente. Ficara portanto demasiado ébrio para ir buscar mais vinho e insuficientemente embriagado para que a embriaguez lhe extinguisse as recordações, apoiado nos cotovelos diante das duas garrafas vazias postas em cima de uma mesa coxa e vendo dançar, à luz da vela de pavio comprido, todos os espectros que Hoffmann espalhou pelos seus manuscritos úmidos de ponche como uma poalha negra e fantástica.

Só Danglars não estava atormentado nem inquieto. Danglars estava até alegre, pois vingara-se de um inimigo e assegurara a bordo do Pharaon o lugar que temia perder. Danglars era um desses homens calculistas que nascem com uma pena atrás da orelha e um tinteiro no lugar do coração. Neste mundo tudo era para ele subtração ou multiplicação, e um número parecia-lhe muito mais precioso do que um homem, quando esse número podia aumentar o total que o homem podia diminuir.

Portanto, Danglars deitara-se à hora habitual e dormia tranquilamente.

Depois de receber a carta do Sr. Salvieux, beijar Renée nas duas faces,

beijar a mão da Sra de Saint-Méran e apertar a do marquês, Villefort corria pela estrada de Aix. O Tio Dantés morria de dor e inquietação.

Quanto a Edmond, sabemos o que lhe aconteceu.

Capítulo X

O Gabinetezinho das Tulherias

Deixemos Villefort na estrada de Paris, onde, graças a não olhar a despesas, viaja a toda a velocidade, e penetremos através das duas ou três salas que o precedem no gabinetezinho das Tulherias,
de janela arqueada, tão bem conhecido por ter sido o gabinete favorito de Napoleão e de Luís XVIII e ser hoje o de Luís Filipe.

Aí, nesse gabinete, sentado diante de uma mesa de nogueira que trouxera de Hartwell e que, por uma dessas manias familiares às grandes personagens, lhe era especialmente querida, o rei Luís XVIII escutava bastante superficialmente um homem de cinquenta a cinquenta e dois anos, de cabelos grisalhos, figura aristocrática e aspecto impecável, enquanto anotava à margem um volume de Horácio, edição Gryphius, bastante incorreta apesar de valiosa, e que se prestava muito às sagazes observações filológicas de Sua Majestade.

- Diz então, senhor... - interveio o rei.

- Que estou deveras inquieto, sir.

- Sim? Ter sonhado com sete vacas gordas e sete vacas magras?

- Não, Sir, pois isso só nos anunciaria sete anos de fertilidade e sete anos de penúria, e, com um rei tão previdente como Vossa Majestade, a penúria não é de temer.

- Então de que outro flagelo se trata, meu caro Blacas?

- Sire, tenho todos os motivos para crer que se está a formar uma tempestade para os lados do Meio-Dia.

- Não, meu caro duque, creio que está mal informado - respondeu Luís XVIII. - Pelo contrário, sei positivamente que o tempo está excelente para esses lados.

Como homem de espírito que era, Luís XVIII apreciava o gracejo fácil.

- Sire - voltou à carga o Sr. de Blacas --, quanto mais não fosse para tranquilizar um fiel servidor, Vossa Majestade não poderia enviar ao Linguadoque, à Provença e ao Delfinado homens de confiança que lhe fizessem um relatório acerca do estado de espirito dessas três províncias?

- Conimus surdis - respondeu o rei, continuando a anotar o seu Horácio.

- Sire - perguntou o cortesão rindo, para ter o ar de compreender o hemistíquio do poeta de Venúsia --, Vossa Majestade pode ter perfeitamente razão contando com a sensatez da França; mas eu creio não estar completamente enganado receando qualquer tentativa desesperada.

- Da parte de quem?

- Da parte de Bonaparte ou pelo menos do seu partido.

- Meu caro Blacas, impede-me de trabalhar, com os seus terrores -

observou o rei.

- E a mim, Sire, Vossa Majestade impede-me de dormir, com a sua confiança.

- Espere, meu caro, espere. Tenho uma nota muito feliz a respeito do “Pastor quum traheret". Espere e continuará depois.

Fez-se um instante de silêncio, durante o qual Luís XVIII escreveu, com letra tão pequena quanto possível uma nova nota à margem do seu Horácio. Depois dessa nota escrita, disse levantando-se com o ar satisfeito de um homem que julga ter tido uma idéia quando se limitou a comentar a idéia de outro:

- Continue, meu caro duque. Continue, escuto-o.

- Sire - começou Blacas, que por um instante alimentara a esperança de confiscar Villefort em seu proveito --, sou forçado a dizer-lhe que não são de modo algum simples boatos sem fundamento, simples palavras no ar que me preocupam. É um homem bem pensante, merecedor de toda a minha confiança e encarregado por mim de vigiar o Meio-Dia (o duque hesitou ao pronunciar estas palavras), que chega pela posta para me dizer: “Um grande perigo ameaça o rei." é por isso que estou aqui, Sire.

- “Mala ducis ari domum - continuou Luís XVIII a anotar.

- Vossa Majestade ordena-me que não volte a insistir neste assunto?

- Não, meu caro duque; mas estenda a mão.

- Qual?

- A que quiser, ali, à esquerda.

- Aqui, Sire?

- Digo-lhe à esquerda e você procura à direita... Quero dizer à minha esquerda. Aí... Acertou. Deve encontrar aí o relatório do ministro da Polícia datado de ontem... Mas veja, aí está o próprio Sr. Dandré... Não foi o Sr. Dandré que disse? - interrompeu-se Luís XVIII, dirigindo-se ao contínuo que, efetivamente, acabava de anunciar o ministro da Polícia.

- Foi, Sire, o Sr. Barão Dandré - repetiu o contínuo.

- Vem a propósito, barão - prosseguiu Luís XVIII com um sorriso imperceptível. - Entre, barão, e conte ao duque o que sabe de mais recente acerca do Sr. Bonaparte. Não nos dissimule nada da situação, por mais grave que seja. Vejamos, a ilha de Elba é um vulcão do qual vamos ver sair a guerra chamejante e toda
eriçada: “Bella, horrida bella?"

O Sr. Dandré balouçou-se muito graciosamente nas costas de uma poltrona em que apoiava as mãos e disse:

- Vossa Majestade dignou-se consultar o relatório de ontem?

- Sim, sim. Mas diga ao duque, que o não consegue encontrar, o que continha o relatório. Descreva-lhe em pormenor o que faz o usurpador na sua ilha.

- Senhor - disse o barão ao duque --, todos os servidores de Sua Majestade devem se regozijar com as notícias que nos chegaram recentemente da ilha de Elba. Bonaparte...

O Sr. Dandré olhou para Luís XVIII que, ocupado a escrever uma nota, nem sequer levantou a cabeça.

- Bonaparte - continuou o barão - aborrece-se mortalmente. Passa dias inteiros a ver trabalhar os seus mineiros de Porto Longone.

- E coça-se para se distrair - observou o rei.

- Coça-se? - estranhou o duque. - Que quer dizer Vossa Majestade?

- Sim, sim, meu caro duque. Esquece-se de que esse grande homem, esse herói, esse semideus, sofre de uma doença de pele que o devora, o “purigo"?

- Mas há mais, Sr. Duque - continuou o ministro da Polícia. - Temos quase a certeza de que dentro de pouco tempo o usurpador estará louco.

- Louco?

- Doido varrido. A sua cabeça enfraquece; tão depressa se desfaz em lágrimas como ri a bandeiras despregadas. Outras vezes passa horas à beira-mar a lançar seixos na àgua, e quando o seixo faz cinco ou seis ricochetes parece tão satisfeito como se tivesse ganho um outro Marengo ou um novo Austerlitz. Decerto
concordam que se trata de sinais de loucura.

- Ou de sensatez, Sr. Barão, ou de sensatez - observou Luís XVIII rindo. - Era atirando seixos ao mar que se entretinham os grandes capitães da Antiguidade. Vejam Plutarco, na vida de Cipião-o-Africano.

O Sr. de Blacas ficou pensativo entre as duas hipóteses. Villefort, que lhe não quisera dizer tudo para que o outro não lhe roubasse o lucro completo do seu segredo, dissera-lhe no entanto o suficiente para lhe dar graves inquietações.

- Vamos, vamos, Dandré - insistiu Luís XVIII.

- Blacas ainda não está convencido. Passe à conversão do usurpador.

O ministro da Polícia inclinou-se.

- A conversão do usurpador! - murmurou o duque, olhando o rei e Dandré, que alternavam como dois pastores de Virgílio. - O usurpador converteu-se?

- Absolutamente, meu caro duque.

- Aos bons princípios? Explique isso, barão.

- Aqui tem o que aconteceu, Sr. Duque - principiou o ministro com a maior seriedade do mundo. - Ultimamente, Napoleão passou uma revista e como dois ou três dos seus velhos súditos, como lhes chama, manifestassem vontade de regressar a França, autorizou-os e exortou-os a servir o seu bom rei. Foram estas as suas próprias palavras, Sr. Duque, garanto-lhe.

- Então, Blacas, que me diz a isto? - perguntou o rei, triunfante, deixando por um instante de compulsar o calhamaço aberto diante de si.

- Digo, Sire, que ou o Sr. Ministro da Polícia ou eu estamos enganados. Mas como é impossível que seja o ministro da Polícia, que tem à sua guarda a vida e a honra de Vossa Majestade, é provável que o erro seja meu. No entanto, Sire, no lugar de Vossa Majestade gostaria de interrogar a pessoa de quem lhe falei. Insisto até em que Vossa Majestade lhe conceda essa honra.

- Com muito prazer, duque. Sob os seus auspícios, receberei quem o senhor quiser. Mas quero recebê-lo de armas na mão. Sr. Ministro, não tem um relatório mais recente do que este? Este tem já a data de 20 de Fevereiro e estamos em 3 de Março!

- Não, Sire, mas espero um de um momento para o outro. Saí de manhã e talvez tenha chegado na minha ausência.

- Vá à Prefeituria e se não tiver chegado... bom - continuou, rindo, Luís XVIII --, faça um. Não é assim que resolve o problema?

- Oh, Sire! - protestou o ministro. - Graças a Deus, quanto a esse relatório

não é preciso inventar nada. Todos os dias as nossas repartições se enchem com as denúncias mais circunstanciadas, provenientes de uma multidão de pobres diabos que esperam um pouco de reconhecimento por serviços que não prestam, mas que desejariam prestar. Confiam no acaso e esperam que um dia qualquer acontecimento inesperado dê uma espécie de realidade às suas predições.

- Pois sim. V , senhor - disse Luís XVIII --, e lembre-se de que o espero.

- Irei num pé e voltarei noutro, Sire. Dentro de dez minutos estarei de volta.

- E eu, Sire - disse o Sr. de Blacas --, vou buscar o meu mensageiro.

- Espere, espere! - atalhou Luís XVIII. - Na verdade, Blacas, parece-me que devo modificar as suas armas: dar-lhe-ei uma águia de asas abertas segurando nas garras uma presa que procura inutilmente escapar-lhe, com esta divisa: “Tenax".

- Sire, sou todo ouvidos - disse o Sr. de Blacas, que mal continha a sua impaciência.

- Gostaria de consultá-lo acerca desta passagem: “Molli fugiens anhelitu”. Como sabe, trata-se de um veado que foge diante de um lobo. O senhor não é caçador e monteiro-mor? Que lhe parece, a esse duplo titulo, o “molli anhelitu".

- Admirável, Sire. Mas o meu mensageiro é como o veado de que Vossa Majestade fala, pois acaba de percorrer 220 léguas em posta, e isso apenas em três dias.

- Já é vontade de apanhar uma estafa e uma carga de preocupações, meu caro duque, quando temos o telégrafo que não gasta mais de três ou quatro horas, e isso sem que o seu fôlego se altere em absolutamente nada.

- Ah, Sire, recompensa muito mal esse pobre rapaz que vem de tão longe e com tanto ardor para dar a Vossa Majestade um aviso útil. Quanto mais não seja em atenção para com o Sr. de Salvieux, que mo recomenda, recebei-o bem, suplico-vos.

- O Sr. de Salvieux, o camareiro do meu irmão?

- O próprio.

- Com efeito, ele está em Marselha.

- É de lá que me escreve.

- Fala-lhe também dessa conspiração?

- Não, mas recomenda-me o Sr. de Villefort e encarrega-me de o introduzir junto de Vossa Majestade.

- Sr. de Villefort? - sobressaltou-se o rei. - Esse mensageiro chama-se Sr. de Villefort?

- Chama, sire.

- E é ele que vem de Marselha?

- Em pessoa.

- Porque não me disse imediatamente o seu nome? - inquiriu o rei, deixando transparecer no rosto um princípio de inquietação.

- Sire, julgava esse nome desconhecido de Vossa Majestade.

- De modo nenhum, de modo nenhum, Blacas. Trata-se de um espírito sério, elevado, sobretudo ambicioso. E, evidentemente, você conhece de nome o pai dele.

- O pai dele?

- Sim, Noirtier.

- Noirtier, o girondino? Noirtier, o senador?

- Exatamente.

- E Vossa Majestade empregou o filho de semelhante homem?

- Blacas, meu amigo, você não percebe nada disto. Já lhe disse que Villefort era ambicioso. Para levar a água ao seu moinho, Villefort sacrificará tudo, mesmo o pai.

- Então, sire, devo mandá-lo entrar?

- Imediatamente, duque. Onde está ele?

- Deve esperar-me lá em baixo, na minha carruagem.

- Vá buscá-lo.

- Sem demora.

O duque saiu com a vivacidade de um rapaz; o ardor do seu realismo sincero dava-lhe vinte anos.

Luís XVIII ficou só, passando os olhos pelo seu Horácio entreaberto e murmurando: “Justum et tenacem propositi virum."

O Sr. de Blacas tornou a subir com a mesma rapidez com que descera; mas na antecâmara foi obrigado a invocar a autoridade do rei. A sobrecasaca poeirenta de Villefort, todo o seu traje, onde nada estava de acordo com a apresentação de corte, ferira as suas susceptibilidades do Sr. de Brézé, que ficou espantado com a pretensão daquele jovem de aparecer assim vestido diante do rei. Mas o duque arredou todas as dificuldades com uma única palavra: “Ordem de Sua Majestade." E apesar das observações que
continuou a fazer o mestre de cerimônias, para honrar os princípios, Villefort foi introduzido.

O rei estava sentado no mesmo lugar onde o deixara o duque. Ao abrir a porta, Villefort encontrou-se precisamente diante dele. O primeiro impulso do jovem magistrado foi deter-se.

- Entre, Sr. de Villefort, entre - disse o rei.

Villefort cumprimentou, deu alguns passos em frente e esperou que o rei o interrogasse.

- Sr. de Villefort - continuou Luís XVIII --, o duque de Blacas pretende que o senhor tem qualquer coisa importante a dizer-nos.

- Sire, o Sr. Duque tem razão e espero que Vossa Majestade seja o primeiro a reconhecê-lo.

- Antes de mais nada, senhor, o mal é assim tão grande, na sua opnião, como me querem fazer crer?

- Sire, julgo-o instante; mas graças à diligência que fiz, julgo não ser irreparável.

- Fale à vontade, senhor - disse o rei, que começava ele próprio a ceder à emoção que perturbava o rosto do Sr. de Blacas e alterara a voz de Villefort. - Fale e sobretudo comece pelo princípio: gosto de ordem em todas as coisas.

- Sire - disse Villefort --, apresentarei a Vossa Majestade um relatório fiel, mas suplico-lhe me desculpe se a perturbação que me domina lançar alguma obscuridade nas minhas palavras.

Uma olhadela deitada ao rei depois deste exórdio insinuante assegurou a Villefort a benevolência de seu augusto ouvinte. Continuou:

- Sire, dirigi-me o mais rapidamente possível para Paris a fim de informar

Vossa Majestade de que no exercício das minhas funções descobri não uma dessas conspirações vulgares e sem consequências, como as que se tramam todos os dias nas últimas camadas do povo e do Exército, mas sim uma verdadeira
conspiração, uma tempestade que ameaça nada menos do que o trono de Vossa Majestade. Sire, o usurpador armou três navios. Medita qualquer projeto, talvez insensato, mas também terrível, por mais insensato que seja. A esta hora deve ter deixado a ilha de Elba. Para ir aonde? Ignoro, mas com certeza para tentar um desembarque, quer em Nápoles, quer nas costas da Toscana, quer mesmo na França. Vossa Majestade não ignora que o soberano da ilha de Elba conservou relações com a Itália e com a França.

- Sim. senhor, bem o sei - declarou o rei, muito impressionado- e ainda recentemente me avisaram de que se realizavam reuniões bonapartistas na Rua de Saint-Jacques. Mas continue, peço-lhe. Como soube desses pormenores?

- Sire, são o resultado de um interrogatório a que submeti um homem de Marselha que vigiava havia muito tempo e que mandei prender no próprio dia da minha partida. Esse homem, marinheiro turbulento e de um bonapartismo que se me tornou suspeito, esteve secretamente na ilha de Elba, onde falou com o grande
marechal, que o encarregou de uma missão verbal para um bonapartista de Paris cujo nome não consegui obrigá-lo a dizer. Mas a missão consistia em encarregar esse bonapartista de preparar os espíritos para um regresso (note que estou reproduzindo o interrogatório. sire), para um regresso que não pode deixar de estar próximo.

- E onde está esse homem? - perguntou Luís XVIII.

- Na prisão, sire.

- E o caso pareceu-lhe grave?

- Tão grave, sire, que tendo-me surpreendido no meio de uma festa de família, no próprio dia do meu noivado, deixei tudo, noiva e amigos, adiei tudo para outra altura, a fim de vir depor aos pés de Vossa Majestade, juntamente com os meus temores, a certeza da minha dedicação.

- De fato - disse Luís XVIII --, não havia um projeto de união entre o senhor e Mademoiselle de Saint-Méran?

- A filha de um dos mais fiéis servidores de Vossa Majestade.

- Sim, sim. Mas voltemos a essa conspiração, Sr. de Villefort.

- Sire, receio que seja mais do que uma conspiração...

- Nestes tempos - disse o rei, sorrindo --, uma conspiração é coisa fácil de planejar, mas mais difícil de conduzir ao seu fim, exatamente porque recolocados há pouco tempo no trono dos nossos antepassados, temos os olhos abertos ao mesmo tempo para o passado, para o presente e para o futuro. Há dez meses que os meus ministros redobram de vigilância para que o litoral do Mediterrâneo esteja bem guardado. Se Bonaparte desembarcasse em Nápoles, a coligação em peso estaria em pé de guerra antes dele chegar sequer ao Piombino. Se desembarcasse na Toscana, poria o pé em território inimigo. Se desembarcasse na França, será com um punhado de homens, e o venceremos facilmente, execrado como é pela população. Tranquilize-se portanto, senhor. Mas nem por isso conte menos com o nosso reconhecimento real.

- Ah, cá está o Sr. Dandré! - exclamou o duque de Blacas. Nesta altura apareceu, com efeito, no limiar da porta o Sr. Ministro da Polícia, pálido, trêmulo, e cujo olhar vacilava como se tivesse sido vitima de um deslumbramento.

Villefort deu um passo para se retirar, mas um aperto de mão do Sr. de Blacas reteve-o.

Capítulo XI

O Papão da Côrsega

Ao ver o ar transtornado daquele rosto, Luís XVIII empurrou violentamente a mesa diante da qual se encontrava.

- Que tem, Sr. Barão? - perguntou. - Parece muito transtornado. Essa perturbação, essa hesitação, têm alguma coisa a ver com o que dizia o Sr. de Blacas e com o que acaba de me confirmar o Sr. de Villefort?

Pela sua parte, o Sr. de Blacas aproximava-se vivamente do barão, mas o terror do cortesão impedia de triunfar o orgulho do estadista. Com efeito, em semelhantes circunstâncias era muito mais vantajoso para ele ser humilhado pelo ministro da Polícia do que humilhá-lo em tal caso.

- Sire... - balbuciou o barão.

- Fale! - ordenou Luís XVIII.

Cedendo então a um impulso de desespero, o ministro da Polícia precipitou-se aos pés de Luís XVIII, que recuou um passo e franziu o sobrolho.

- Quer fazer o favor de falar? - insistiu.

- Oh, sire, que horrível desgraça! Nunca me penitenciarei suficientemente. Nunca me resignarei!

- Senhor - disse Luís XVIII --, ordeno-lhe que fale.

- Pois bem, sire, o usurpador deixou a ilha de Elba em 28 de Fevereiro e desembarcou em 1 de Março.

- Onde? - perguntou vivamente o rei.

- Na França, sire, num port perto de Antibes, no golfo Juan.

- O usurpador desembarcou na França, perto de Antibes, no golfo Juan, a duzentas e cinquenta léguas de Paris, no dia 1 de Março, e o senhor só sabe disso hoje, 3 de Março!... Senhor, o que me diz é impossível: ou lhe fizeram um relatório falso ou o senhor enlouqueceu.

- Infelizmente, sire, é a pura verdade!

Luís XVIII fez um gesto indizível de cólera e terror e aprumou-se como se um golpe imprevisto o tivesse atingido ao mesmo tempo no coração e no rosto.

- Na França! - exclamou. - O usurpador na França! Mas então ninguém vigiava esse homem? Quem sabe se não estariam feitos com ele...

- Oh, sire - interveio o duque de Blacas --, não se pode acusar de traição um homem como o Sr. Dandré! Sire, estávamos todos cegos e o ministro da Polícia compartilhou a cegueira geral, mais nada.

- Mas... - começou Villefort; depois, detendo-se de súbito. - Ah, perdão, sire! - exclamou inclinando-se. - O meu zelo domina-me. Que Vossa Majestade se

digne desculpar-me.

- Fale, senhor, fale à vontade - disse o rei. - já que foi o único a prevenir-nos do mal, ajude-nos a encontrar-lhe o remédio.

- Sire - declarou Villefort --, o usurpador é detestado no Meio-Dia. Parece-me portanto que se se aventurar no Meio-Dia se poderá sublevar facilmente contra ele a Provença e o Linguadoque.

- Sim, sem dúvida - concordou o ministro --, mas ele avança por Cap e Sisteron.

- Ele avança, ele avança... - repetiu Luís XVIII. - Quer dizer que marcha sobre Paris?

O ministro da Polícia guardou um silêncio que equivalia à mais completa confissão.

- E o Delfinado, senhor? - perguntou o rei a Villefort. - Acha que se poder sublevar como a Provença?

- Sire, custa-me dizer a Vossa Majestade uma verdade cruel, mas o espírito do Delfinado está longe de valer o da Provença e a do Linguadoque. Os montanheses são bonapartistas, sire.

- Claro - murmurou Luís XVIII --, informou-se bem... E quantos homens traz consigo?

- Não sei, sire - respondeu o ministro da Polícia.

- Como? Não sabe?! Esqueceu-se de se informar desse pormenor? Verdade seja que é de pouca importância - acrescentou com um sorriso demolidor.

- Sire, não me pude informar a esse respeito. O despacho anunciava simplesmente o desembarque e a estrada tomada pelo usurpador.

- E como chegou às suas mãos esse despacho? - perguntou o rei.

O ministro baixou a cabeça e um vivo rubor invadiu-lhe a testa.

- Pelo telégrafo, sire - balbuciou.

Luís XVIII deu um passo em frente e cruzou os braços como teria feito Napoleão.

- Assim - disse empalidecendo de cólera --, sete exércitos coligados derrubaram esse homem; um milagre do Céu recolocou-me no trono dos meus avôs depois de vinte anos de exílio; durante esses vinte e cinco anos estudei, sondei, analisei os homens e as coisas desta França que me estava prometida. Para quê? Para no fim de tudo isto uma força que tinha na mão rebentar e destruir-me!

- Sire, é a fatalidade - murmurou o ministro, sentindo que semelhante peso, leve para o destino, bastava para esmagar um homem.

- Mas então é verdade o que diziam de nós os nossos inimigos: “Não aprenderam nem esqueceram nada?" Se tivesse sido atraiçoado por pessoas elevadas por mim às dignidades, que deveriam velar por mim mais cuidadosamente do que por si mesmas, porque a minha fortuna era a sua, antes de mim não eram nada e depois de mim nada seriam, mas cair miseravelmente por incapacidade, por inépcia! Ah, sim, senhor, tem razão, é uma fatalidade.

O ministro mantinha-se curvado debaixo deste espantoso anátema.

O Sr. de Blacas enxugava a testa coberta de suor. Villefort sorria intimamente porque sentia crescer a sua importância.

- Cair - continuava Luís XVIII, que ao primeiro relance de olhos sondava o princípio para onde se inclinava a monarquia --, cair e saber da queda pelo telégrafo! Oh, preferiria subir o cadafalso do meu irmão Luís XVI a descer assim a escadaria das Tulherias, corrido pelo ridículo!... O ridículo, que o senhor não sabe o
que é na França, embora o devesse saber.

- Sire, sire - murmurou o ministro --, por piedade!...

- Aproxime-se, Sr. de Villefort - continuou o rei, dirigindo-se ao jovem que de pé, imóvel e atrás observava o andamento daquele diálogo onde pairava, perdido, o destino de um reino --, e diga a este senhor que se podia saber com antecedência tudo o que ele não soube.

- Sire, era materialmente impossível adivinhar projetos que esse homem ocultava de todos.

- Materialmente impossível! Ora ai está uma grande frase, senhor. Infelizmente, há grandes frases assim como há grandes homens; já medi umas e outros. Materialmente impossível a um ministro, que tem uma administração, repartições, agentes, informadores, espiões e um milhão e quinhentos mil francos de fundos secretos saber o que se passa a sessenta léguas das costas da França! Pois bem, veja, senhor, aqui tem quem não tinha nenhum desses recursos à sua disposição; aqui tem, senhor, um simples magistrado que
a tal respeito sabia mais do que o senhor com toda a sua polícia e que me teria salvado a coroa se tivesse tido como o senhor o direito de dirigir um telégrafo.

O olhar do ministro da Polícia virou-se com expressão de profundo desprezo para Villefort, que inclinou a cabeça com a modéstia do triunfo.

- Não digo isto em sua intenção, Blacas - continuou Luís XVIII --, porque se você nada descobriu, ao menos teve a feliz idéia de perseverar a sua desconfiança. Outro que fosse talvez tivesse considerado a revelação do Sr. de Villefort insignificante ou então sugerida por uma ambição venal.

Estas palavras aludiam às que o ministro da Polícia pronunciara com tanta confiança uma hora antes.

Villefort compreendeu o jogo do rei. Outro talvez se tivesse deixado empolgar pela embriaguez do elogio; mas ele temia fazer do ministro da Polícia um inimigo mortal, embora sentisse que este estava irremediavelmente perdido. Com efeito, o ministro que na plenitude do seu poder não soubera adivinhar o segredo de Napoleão, poderia nas convulsões da sua agonia, descobrir o de Villefort. Para isso, bastar-lhe-ia interrogar Dantés. Veio, pois, em socorro do ministro em vez de o enterrar.

- Sire - disse Villefort --, a rapidez dos acontecimentos deve provar a Vossa Majestade que só Deus os poderia impedir levantando uma tempestade. O que Vossa Majestade julga da minha parte o efeito de uma profunda perspicácia deve-se pura e simplesmente ao acaso. Aproveitei esse acaso como servidor dedicado e mais nada. Não me conceda mais do que mereço, sire, para nunca voltar atrás na primeira idéia que tiver concebido a meu respeito.

O ministro da Polícia agradeceu ao jovem com um olhar eloquente e Villefort compreendeu que tora bem sucedido no seu projeto, isto é, que sem perder nada do reconhecimento do rei acabava de fazer um amigo com que, se fosse caso disso, poderia contar.

- Está bem - disse o rei. - E agora, meus senhores - prosseguiu virando-se para o Sr. de Blacas e para o ministro da Polícia -, já não me são necessários, podem-se retirar. O que resta fazer é da competência do ministro da Guerra.

- Ainda bem, sire - disse o Sr. de Blacas --, que podemos contar com o Exército. Vossa Majestade sabe como todos os relatórios o dão como dedicado ao seu governo.

- Não me venha com relatórios! Agora, duque, - sei a confiança que se pode ter neles. Eh! Mas a propósito de relatórios, Sr. Barão, que soube de novo acerca do caso da Rua Saint-Jacques?

- Acerca do caso da Rua Saint-Jacques! - deixou escapar Villefort, sem conter uma exclamação.

Mas deteve-se de súbito e disse:

- Perdão, sire, a minha dedicação a Vossa Majestade faz-me constantemente esquecer, não o respeito que lhe devo e que está muito profundamente gravado no meu coração, mas sim as regras da etiqueta.

- Não se preocupe com isso, senhor - perguntou Luís XVIII. - Hoje adquiriu o direito de interrogar.

- Sire - respondeu o ministro da Polícia --, vinha precisamente dar hoje a Vossa Majestade as novas informações que recolhi a esse respeito quando a atenção de Vossa Majestade foi desviada para a terrível catástrofe do golfo. Agora essas informações já não têm nenhum interesse para o rei.

- Pelo contrário, senhor, pelo contrário - replicou Luís XVIII. - Esse caso parece-me ter relação direta com aquele de que nos ocupamos e a morte do general Quesnel talvez nos ponha na pista de uma grande conspiração interna.

Ao ouvir o nome do general Quesnel, Villetort estremeceu.

- Com efeito, sire - prosseguiu o ministro da Polícia --, tudo leva a crer que essa morte é o resultado não de um suicídio, como a principio pareceu, mas sim de um assassínio. Ao que parece, o general Quesnel saía de um clube bonapartista quando desapareceu. Nessa mesma manhã fora procurado por um homem desconhecido que lhe marcara encontro na Rua Saint-Jacques. Infelizmente, o criado de quarto do general, que o penteava no momento em que o desconhecido foi introduzido no gabinete, ouviu-o perfeitamente
indicar a Rua Saint-Jacques, mas não fixou o número.

À medida que o ministro da Polícia dava ao rei Luís XVIII estas informações, Villefort, que parecia suspenso dos seus lábios, corava e empalidecia.

O rei virou-se para ele.

- Não lhe parece, como a mim, Sr. de Villefort, que o general Quesnel, que se poderia crer ligado ao usurpador, mas que na realidade me pertencia de corpo e alma, foi vítima de uma cilada bonapartista?

- É provável, sire - respondeu Villefort. - Mas não se sabe mais nada?

- Estamos na pista do homem que marcou o encontro.

- Na sua pista? - repetiu Villefort.

- Sim. O criado deu os seus sinais. E um homem de cinquenta a cinquenta e dois anos, moreno, de olhos negros cobertos de sobrancelhas espessas e bigode. Envergava sobrecasaca azul e usava na lapela uma roseta de oficial da Legião de Honra. Ontem seguiu-se um indivíduo cujos sinais correspondiam

exatamente aos que acabo de dar, mas desapareceu à esquina da Rua da Jussienne com a do Coq-Héron.

Villefort apoiara-se nas costas de uma poltrona. Porque à medida que o ministro da Polícia falava sentia as pernas faltarem-lhe debaixo do corpo. Mas quando viu que o homem escapara à perseguição do agente que o seguia, respirou.

- Procure esse homem, senhor - disse o rei ao ministro da Polícia. - Porque se, como tudo me leva a crer, o general Quesnel, que nos seria tão útil neste momento, foi vítima de um assassino, bonapartista ou não, quero que os seus assassinos sejam cruelmente punidos.

Villefort necessitou de todo o seu sangue-frio para não deixar transparecer o terror que lhe inspirava a recomendação do rei.

- Coisa estranha! - continuou o monarca com um gesto de humor. - A Polícia julga ter dito tudo quando diz: “Cometeu-se um assassínio." E tudo ter feito quando acrescenta: “Estamos na pista dos culpados."

- Sire, pelo menos nesse caso Vossa Majestade ficará satisfeito, assim espero.

- Veremos. Não o retenho mais tempo, barão. Sr. de Villefort, deve estar cansado dessa longa viagem; vá descansar. Instalou-se com certeza em casa de seu pai?

Uma sombra passou pelos olhos de Villefort.

- Não, sire - respondeu. - Hospedei-me no Hotel de Madrid, na Rua de Tournon.

- Mas viu-o?

- Sire, a primeira coisa que fiz foi dirigir-me a casa do Sr. Duque de Blacas.

- Mas o verá, ao menos?

- Não acredito, sire.

- Ah, é justo! - exclamou Luís XVIII, sorrindo de maneira que demonstrava que todas estas perguntas reiteradas não tinham sido feitas sem intenção. - Esquecia-me de que o senhor não está de boas relações com o Sr. Noirtier. Trata-se de um novo sacrifício feito à causa monárquica de que devo recompensá-lo.

- Sire, a bondade que Vossa Majestade me testemunha é recompensa que ultrapassa tanto todas as minhas ambições que não tenho mais nada a pedir ao rei.

- Não importa, senhor, e não o esqueceremos, esteja tranquilo. Entretanto - o rei tirou a cruz da Legião de Honra que usava habitualmente na casaca azul, junto da cruz de S. Luís e por cima da placa da Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo e de S. Lázaro e entregou-a a Villefort --, entretanto tome esta cruz.

- Sire - observou Villefort --, Vossa Majestade engana-se, essa cruz é a de oficial.

- É verdade, senhor - disse Luís XVIII --, mas mesmo assim aceite-a. Não tenho tempo para mandar vir outra. Blacas, não se esqueça de providenciar para que seja passado o alvará ao Sr. de Villefort.

Os olhos de Villefort cobriram-se de lágrimas de orgulhosa alegria. Pegou na cruz e beijou-a.

- E agora - perguntou - quais são as ordens que me faz a honra de me dar

Vossa Majestade?

- Descanse o tempo que precisar e lembre-se de que sem força em Paris para me servir me poderá ser da maior utilidade em Marselha.

- Sire - respondeu Villefort inclinando-se --, deixarei Paris dentro de uma hora.

- Vá, senhor - disse o rei --, e se o esquecer (a memória dos reis é curta) não receie fazer-se-me lembrado... Sr. Barão, mande procurar o ministro da Guerra. Blacas, fique.

- Ah, senhor - disse o ministro da Polícia a Villefort à saída das Tulherias --, entrou com o pé direito, tem a sua fortuna feita!

- Por muito tempo? - murmurou Villefort, despedindo-se do ministro, cuja carreira terminara, e procurando com a vista uma carruagem para regressar a casa.

Passava um fiacre no cais. Villefort fez-lhe sinal e o fiacre aproximou-se. Villefort deu o seu endereço, atirou-se para o fundo da carruagem e deu largas aos seus sonhos de ambição. Dez minutos depois estava em casa. Mandou preparar os cavalos para dali a duas horas e ordenou que lhe servissem o café da manhã.

Ia sentar-se à mesa quando a campainha da porta da rua tocou, acionada por uma mão franca e firme. O criado de quarto foi abrir e Villefort ouviu uma voz pronunciar o seu nome. “Quem poderá saber que estou aqui?", interrogou-se o jovem. Neste momento o criado de quarto voltou a entrar.

- Então -- perguntou Villefort --, quem era? Quem tocou? Quem procura por mim?

- Um desconhecido que não quer dizer o seu nome.

- Como! Um desconhecido que não quer dizer o seu nome? E o que quer esse desconhecido?

- Falar com o senhor.

- Comigo?

- Sim.

- Ele disse o meu nome?

- Perfeitamente.

- E que aparência tem esse desconhecido?

- Trata-se de um homem dos seus cinquenta anos.

- Baixo? Alto?

- Mais ou menos da altura do senhor.

- Louro ou moreno?

- Moreno, muito moreno: cabelo preto, olhos pretos, sobrancelhas pretas.

- E vestido - perguntou vivamente Villefort --, vestido de que maneira?

- Com uma grande sobrecasaca azul abotoada de alto a baixo e condecorado com a Legião de Honra.

- é ele - murmurou Villefort empalidecendo.

- Por Deus - disse aparecendo à porta o indivíduo cujos sinais já demos por duas vezes --, que maneiras! É hábito em Marselha os filhos fazerem o pai esperar na antecâmara?

- Meu pai! - exclamou Villefort. - Não me enganei... já calculava que fosse o senhor.

- Então, se já esperavas que fosse eu - perguntou o recém-chegado, pousando a bengala num canto e o chapéu numa cadeira --, permita-me que te diga, meu caro Gerard, que não é muito amável da tua parte me fazer esperar assim.

- Deixe-nos, germain - disse Villefort.

O criado saiu dando sinais visíveis de espanto.

Capítulo XII

Pai e filho

O Sr. Noirtier, porque era efetivamente ele próprio quem acabava de entrar, seguiu com a vista o criado até ele fechar a porta. Depois, receando sem dúvida que escutasse na antecâmara, foi atrás dele abrir a porta. A precaução não se revelou inútil, pois a rapidez com que mestre Germain se retirou provou que não estava de modo algum isento do pecado que perdeu os nossos primeiros pais.

O Sr. Noirtier deu-se então ao incômodo de ir ele próprio fechar a porta da antecâmara, tornou a fechar a do quarto de cama, correu os ferrolhos e estendeu novamente a mão a Villefort, que seguira todos estes movimentos com uma surpresa de que ainda se não recompusera.

- Demônio, sabes, meu caro Gerard - disse ao jovem, fitando-o com um sorriso cuja expressão era muito difícil de definir --, que não parece estar satisfeito por me ver?

- Claro, meu pai - respondeu Villefort - que estou encantado. Mas estava tão longe de esperar a sua visita que me deixou um pouco surpreendido.

- Mas, meu caro amigo - prosseguiu o Sr. Noirtier sentando-se --, parece-me que te poderia dizer outro tanto. Como! Me anuncia o seu noivado em Marselha para 28 de Fevereiro e em 3 de Março está em Paris?

- Não se queixe por estar aqui, meu pai - disse Gerard aproximando-se do Sr. Noirtier --, pois foi por sua causa que vim e talvez esta viagem o salve.

- Deveras? - perguntou o Sr. Noirtier recostando-se indolentemente na poltrona onde estava sentado. - Deveras? Conte-me isso, Sr. Magistrado, que deve ser curioso.

-- Meu pai, já ouviu falar de certo clube bonapartista situado na Rua Saint-Jacques?

- Número 53? Já e até sou seu vice-presidente.

- Meu pai, o seu sangue-frio arrepia-me.

- Que quer, meu caro, quando se foi proscrito pelos montanheses, se saiu de Paris numa carroça de feno e se foi perseguido nas charnecas de Bordéus pelos esbirros de Robespierre, habituamo-nos a muitas coisas. Continue. Que aconteceu nesse clube da Rua Saint-Jacques?

- O que aconteceu foi que chamaram lá o general Quesnel e que o general Quesnel saiu às nove horas da noite de casa e foi encontrado dois dias depois no Sena.

- Quem te contou essa bonita história?

- O próprio rei, senhor.

- Pois em troca da tua história - continuou Noirtier - vou te dar uma notícia.

- Meu pai, julgo saber já o que me vai dizer.

- Oh! já sabe do desembarque da Sua Majestade o imperador?

- Silêncio, meu pai, suplico-lhe, primeiro por si e depois por mim. Sim, já sabia dessa notícia e até a soube primeiro do que o senhor. Há três dias que percorro a galope o caminho de Marselha a Paris, com a raiva de não poder lançar duzentas léguas à minha frente o pensamento que me queima o cérebro.

- Há três dias! Está louco? Há três dias o imperador ainda não tinha embarcado!

- Não importa, eu sabia do projeto.

- Como?

- Por uma carta dirigida ao senhor vinda da ilha de Elba.

- A mim?

- A você, e que encontrei na carteira do portador. Se essa carta tivesse caído nas mãos doutro, a esta hora, meu pai, talvez já estivesse fuzilado.

O pai de Villefort desatou a rir.

- Vamos, vamos...-disse. - Parece que a Restauração aprendeu com o Império a forma de resolver rapidamente as coisas... Fuzilado! Como vai depressa, meu caro! E essa carta onde está? Conheço-te demasiado para temer que a tenha deixado por aí.

- Queimei-a para que não restasse dela um único fragmento. Porque essa carta era a sua condenação.

- E a perda do teu futuro - respondeu friamente Noirtier. - Sim, compreendo. Mas não tenho nada a temer, visto você me proteger.

- Faço mais do que isso, senhor: salvo-o.

- Oh, diabo, o caso está tornando-se dramático? Explique-se.

- Voltemos a esse clube da Rua Saint-Jacques, senhor.

- Parece que esse clube preocupa muito os senhores da Polícia. Porque o não procuraram melhor? O teriam encontrado.

- Não o encontraram, mas estão no seu rastro.

- E a frase sacramental, já se sabe: quando a Polícia se encontra em apuros, diz que está no rastro e o Governo espera tranquilamente o dia em que ela vem dizer, de orelha murcha, que esse rastro se perdeu.

- Pois sim, mas encontraram um cadáver. O general Quesnel foi assassinado e em todos os países do mundo isso chama-se crime.

- Assassinado, você dizu? Mas nada prova que o general tenha sido assassinado. Todos os dias se encontram pessoas no Sena, umas que se atiraram ao rio por desespero, outras que se afogaram por não saberem nadar.

- Meu pai, sabe muito bem que o general se não afogou por desespero e que ninguém toma banho no Sena em Janeiro. Não, não, não se iluda: essa morte está bem qualificada como assassínio.

- E quem a qualificou assim?

- O próprio rei.

- O rei! Julgava-o suficientemente filôsofo para compreender que em política não há assassínio. Em política, meu caro, você sabe tão bem como eu,

não há homens, mas sim idéias. Não há sentimentos,
mas sim interesses. Em política não se mata um homem, suprime-se apenas um obstáculo, mais nada. Quer saber como as coisas se passaram? Pois bem, vou dizer. Julgávamos poder contar com o general Quesnel; nós o tinhamos recomendado da ilha de Elba. Um de nós foi a sua casa e convidou-o a assistir na Rua
Saint-Jacques a uma reunião onde encontraria amigos. Ele foi e lá revelaram-lhe todo o plano: a partida da ilha de Elba, o desembarque projetado, etc. Depois de ouvir tudo, de se inteirar de tudo, de não haver mais nada a explicar-lhe, respondeu que era monárquico. Então, todos se entreolharam. Pedem-lhe que jure
nada revelar; concorda, mas de tão má vontade, com franqueza, que é de tentar Deus jurar assim. Bom, apesar de tudo deixaram o general sair livre, completamente livre. Se não regressou a casa, que quer que
te diga, meu caro? Não há dúvida que saiu de junto de nós. Pode ter se enganado no caminho, simplesmente. Assassínio! Na verdade, surpreende-me, Villefort. Você, substituto do procurador régio, forjar uma acusação sobre tão más provas... Nunca me passaria pela cabeça te dizer, quando exerces o teu ofício de monárquico
e mandas cortar a cabeça a um dos meus: “Meu filho, cometeste um assassínio!” Não, digo sempre: “Muito bem, senhor, combateste vitoriosamente; nos desforraremos amanhã."

- Mas, meu pai, acautele-se; essa desforra será terrível quando chegar a nossa vez.

- Não te compreendo.

- Conta com o regresso do usurpador?

- Confesso que conto.

- Engana-se, meu pai. Não penetrará dez léguas dentro da França sem ser perseguido, acossado como uma fera.

- Meu caro amigo, neste momento o imperador está na estrada de Grenoble, em 10 ou 12 estará em Lião e em 20 ou 25 em Paris.

- As populações vão se sublevar...

- Para irem ao seu encontro.

- Só tem consigo alguns homens e mandarão exércitos contra ele.

- Que o escoltarão para entrar na capital. Na verdade, meu caro Gerard, não passa ainda de uma criança. Vocês julgam-se bem informados porque um telégrafo lhes disse, três dias depois do desembarque: “O usurpador desembarcou em Cannes com alguns homens; vamos em sua perseguição." Mas onde está ele? Que faz? A esse respeito vocês não sabem nada. Perseguem-no, é tudo o que sabem. Pois o perseguirão assim até Paris sem queimar uma escorva.

- Grenoble e Lião são cidades fiéis e que lhe oporão uma barreira intransponível.

- Grenoble lhe abrirá as portas com entusiasmo e Lião em peso irá ao seu encontro. Acredite-me, estamos tão bem informados como vocês e a nossa polícia vale bem a vossa. Quer uma prova? Vocês
quiseram esconder-me a sua viagem e no entanto soube da sua chegada cerca de meia hora depois de transpor a barreira. Não deste o teu endereço a ninguém,

exceto ao teu postilhão, e como vê sabia onde te encontrar, e a prova disso é que chego a tua casa precisamente no momento em que vai se sentar à mesa.
Toca, pois, e pede segundo talher; comeremos juntos.

- Com efeito - respondeu Villefort, olhando o pai com surpresa --, com efeito parece-me muito bem informado.

- Mas, meu Deus, não há nada mais simples! Vocês, que detêm o poder, só dispõem dos meios que proporciona o dinheiro; nós, que o esperamos, só temos aqueles que proporciona a dedicação.

- A dedicação? - disse Villefort, rindo.

- Sim, a dedicação. É assim que se chama, em termos honestos, a ambição que espera.

E o pai de Villefort estendeu pessoalmente a mão para o cordão da campainha, a fim de chamar o criado que o filho se não resolvia a chamar.

Villefort deteve-lhe o braço.

- Espere meu pai - disse o jovem. - Mais uma palavra.

- Diga.

- Por muito incompetente que seja a Polícia monárquica, sabe no entanto uma coisa terrível.

- Qual?

- Os sinais do homem que na manhã do dia em que desapareceu o general Quesnel se apresentou em sua casa.

- Ah! Ela sabe isso, essa excelente Polícia? E quais são esses sinais?

- Tez morena, cabelo, suíças e olhos negros, sobrecasaca azul abotoada até ao queixo, roseta de oficial da Legião de Honra na lapela, chapéu de abas largas e bengala de bambu.

- Ah, ah! Ela sabe isso? - comentou Noirtier.- Então por que motivo não prendeu esse homem?

- Porque o perdeu de vista ontem ou anteontem à esquina da Rua Coq-Héron.

- Bem te dizia que a vossa Polícia é estúpida.

- Sim, mas pode encontrá-lo de um momento para o outro.

- Claro - concordou Noirtier, olhando despreocupadamente à sua volta. - Claro, se esse homem não estivesse precavido, mas está. E - acrescentou sorrindo - vai mudar de aparência e de traje.

após estas palavras, levantou-se, tirou a sobrecasaca e a gravata, dirigiu-se para uma mesa na qual estavam preparadas todas as peças do necessário à toilette do filho, pegou numa navalha de barba, ensaboou o rosto e com a mão perfeitamente firme cortou as suíças comprometedoras que davam à Polícia uma pista tão preciosa.

Villefort assistia a tudo com um terror que não era isento de admiração.

Cortadas as suíças, Noirtier deu outro arranjo ao cabelo; pôs, em vez da gravata preta, uma gravata de cor que se via à superfície de uma mala aberta; envergou, em vez da sobrecasaca azul abotoada, uma sobrecasaca de Villefort, castanha e ampla; experimentou diante do espelho o chapéu de abas reviradas do filho, pareceu satisfeito com a maneira como lhe ficava e, deixando a bengala de bambu no canto da chaminé onde a largara, fez silvar na mão nervosa um pingalinzinho com o qual o elegante substituto dava aos seus passos a

desenvoltura que era uma das suas principais qualidades.

- Pronto! disse virando-se para o filho, estupefato, quando esta espécie de metamorfose à vista se consumou. - Pronto! Acha que a Polícia me reconhecerá agora?

- Não, meu pai - balbuciou Villefort. - Pelo menos assim o espero.

- Agora, meu caro Gerard - continuou Noirtier --, recorro à tua prudência para fazer desaparecer todos os objetos que deixo à sua guarda.

- Oh, esteja tranquilo, meu pai! - respondeu Villefort.

- Sim, sim! E agora creio que tem razão e que pode, com efeito, ter-me salvado a vida. Mas descansa que te retribuirei o favor proximamente.

Villefort abanou a cabeça.

- Não acredita?

- Espero, pelo menos, que se engane.

- Tornará a ver o rei?

- Talvez.

- Quer passar a seus olhos por um profeta?

- Os profetas da desgraça são mal vistos na corte, meu pai.

- É claro, mas mais dia menos dias far-lhes-ão justiça. E na hipótese de segunda restauração passará por um grande homem.

- Bom, que devo dizer ao rei?

- Diga-lhe isto: “sire, enganam-no acerca das disposições da França, da opiniãodas cidades e do espírito do Exército. Aquele que chamam em Paris o papão da Côrsega, a quem chamam ainda o usurpador em Nevers, chama-se já Bonaparte em Lião e imperador em Crenoble. Julga-o acossado, perseguido, em fuga; ele avança com a rapidez da águia que é o seu símbolo. Os soldados que julga mortos de fome, esmagados de fadiga, prontos a desertar, aumentam como os átomos de neve à volta da bola que se precipita. Sire, parta; abandone a França ao seu verdadeiro senhor, àquele que não a comprou, mas a conquistou. Parta, sire, não porque corre qualquer perigo - o seu adversário é bastante forte para ser
clemente --, mas sim porque seria humilhante para um neto de S. Luís dever a vida ao homem de Arcole, Marengo e Austerlitz. Diga-lhe isto, Gerard, ou antes, não diga nada. Oculte a sua viagem; não se gabe do que veio fazer e do que fez em Paris; retoma a posta; se queimou o caminho para vir, devore o espaço para regressar, reentra em Marselha de noite; penetra em sua casa por uma porta das traseira e deixa-se ficar lá
muito quietinho, muito apagado, muito escondido e sobretudo muito inofensivo, porque desta vez, eu juro, agiremos como pessoas enérgicas e que conhecem os seus inimigos. Vai, meu filho; vai, meu caro Gerard, e mediante esta obediência às ordens paternas ou, se preferires, a deferência para com os conselhos de um
amigo, o manteremos no seu lugar. Será - acrescentou Noirtier sorrindo - uma maneira de me salvar pela segunda vez se a báscula política te recolocar um dia em cima e a mim em baixo. Adeus, meu caro Gerard. Na tua próxima viagem hospede-se em minha casa.

E, ditas estas palavras, Noirtier saiu com a tranquilidade que não o deixara um instante enquanto durara aquela conversa tão difícil.

Villefort, pálido e agitado, correu à janela, entreabriu a cortina e viu-o passar

calmo e impassível pelo meio de dois ou três homens de má catadura, emboscados ao canto dos marcos e à esquina das ruas, que talvez estivessem ali para prender o homem das suíças pretas, da sobrecasaca azul e do chapéu de abas
largas.

Villefort permaneceu assim, de pé e arquejante, até o pai desaparecer no cruzamento da Rua de Bussy. Então, correu para os objetos abandonados por ele, meteu no mais profundo da mala a gravata preta e a sobrecasaca azul, torceu o chapéu que escondeu na parte de baixo de um armário, partiu a bengala de bambu em três pedaços que lançou ao fogo, pôs um boné de viagem, chamou o criado de quarto, proibiu-lhe com um olhar as mil perguntas que tinha vontade de fazer, pagou a conta do hotel e saltou para a sua carruagem, que o esperava pronta a partir. Soube em Lião que Bonaparte acabava de entrar em Grenoble e, no meio da agitação que reinava ao longo de toda a estrada, chegou a Marselha dominado por todas as angústias que entram no coração do homem com a ambição e as primeiras honras.

Capítulo XIII

Os Cem Dias

O Sr. Noirtier era um bom profeta e as coisas caminharam depressa como ele dissera. Todos conhecem o regresso da ilha de Elba, regresso estranho, miraculoso, que sem exemplo no passado,
ficará provavelmente sem imitação no futuro. Luís XVIII só fracamente tentou deter aquele golpe tão rude; a
sua pouca confiança nos homens tirava-lhe a confiança nos acontecimentos. A realeza, ou antes, a monarquia mal acabada de reconstituir por ele, tremeu nos seus alicerces ainda pouco firmes e um único gesto do imperador fez ruir todo o edifício, mistura informe de velhos preconceitos e idéias novas.

Villefort não teve portanto do seu rei mais do que um reconhecimento não só inútil de momento, mas até perigoso, e aquela cruz de oficial da Legião de Honra que teve a prudência de não mostrar, embora
o Sr de Blacas, como lhe recomendara o rei, lhe tivesse mandado enviar oportunamente o alvará.

Napoleão teria decerto destituído Villefort sem a proteção de Noirtier, tornado todo-poderoso na corte dos Cem Dias, devido aos perigos que correra e aos serviços que prestara. Assim, como lhe prometera, o girondino de 93 e o senador de 1806 protegeu aquele que o protegera na véspera.

Todo o poder de Villefort se limitou portanto, durante esta revivescência do Império, cuja segunda queda, aliás, foi bem fácil de prever, a abafar o segredo que Dantés estivera prestes a divulgar.

Só o procurador régio foi demitido, por suspeita de pouco entusiasmo no seu bonapartismo.

Entretanto, mal o poder imperial foi restabelecido, isto é, assim que o imperador se instalou nas Tulherias que Luís XVIII acabava de deixar, e lançou as suas ordens, númerosas e divergentes, do
gabinetezinho onde, juntamente com Villefort, introduzimos os nossos leitores, e em cima de cuja mesa de nogueira encontrou ainda aberta e meio cheia a tabaqueira de Luís XVIII, Marselha, apesar da atitude dos seus magistrados, começou a sentir acenderem-se em si os tachos da guerra civil sempre mal extintos
no Meio-Dia. Pouco falhou então para que as represálias não excedessem alguns apupos com que se importunavam os monárquicos que se fechavam em casa e alguns insultos públicos com que se perseguiam os que se atreviam a sair.

Numa reviravolta muito natural, o digno armador que dissemos pertencer ao Partido Popular encontrou-se por sua vez nesse momento, não diremos todo-poderoso, porque o Sr. Morrel era homem prudente e um bocadinho tímido, com todos aqueles que acumularam uma lenta e laboriosa fortuna comercial, mas em condições, por mais excedido que fosse pelos zelosos bonapartistas que o apodavam de moderado, em condições, dizia, de erguer a voz para fazer ouvir uma reclamação. Essa reclamação, como facilmente
se adivinha, referia-se a Dantés.

Villefort ficara de pé apesar da queda do seu superior, e o seu casamento, embora continuasse decidido, fora no entanto adiado para tempos mais propícios. Se o imperador conservasse o trono,
Gerard precisaria de outra aliança, e o pai se encarregaria de a arranjar; se segunda restauração reconduzisse Luís XVIII a França, a influência do Sr. de Saint-Méran duplicaria, assim como a dele, e a união tornava-se mais vantajosa do que nunca.

O substituto do procurador régio era portanto momentaneamente o primeiro magistrado de Marselha quando uma manhã a sua porta se abriu e lhe anunciaram o Sr. Morrel.

Qualquer outro se apressaria a ir ao encontro do armador e com essa solicitude deixaria transparecer a sua fraqueza. Mas Villefort era um homem superior que possuía, senão a prática, pelo menos o instinto de todas as coisas. Mandou-o, pois, esperar na antecâmara, como faria no tempo da Restauração, embora não
estivesse atendendo ninguém, mas pela simples razão de que era hábito um substituto do procurador régio fazer esperar na antecâmara. Depois, passado um quarto de hora, que empregou a ler dois ou três jornais de tendências diferentes, mandou introduzir o armador.

O Sr. Morrel esperava encontrar Villefort abatido; encontrou-o como o encontrara seis semanas antes, isto é, calmo, firme e cheio de fria polidez, a mais intransponível de todas as barreiras que separam o homem educado do homem vulgar.

Entrara no gabinete de Villefort convencido de que o magistrado tremia ao vê-lo, e era ele, muito pelo contrário, que se encontrava trêmulo e impressionado diante daquela personagem interrogadora que o esperava com o cotovelo apoiado na mesa.

Parou à porta. Villefort olhou-o como se tivesse certa dificuldade em o

reconhecer. Por fim, depois de alguns segundos de exame e silêncio, durante os quais o digno armador virou e revirou o chapéu nas mãos, Villefort disse:

- Sr. Morrel, creio?

- Sim, senhor, eu próprio - respondeu o armador.

- Aproxime-se - continuou o magistrado, fazendo com a mão um gesto protetor - e diga-me a que circunstância devo a honra da sua visita.

- Não adivinha, senhor? - perguntou Morrel.

- Não faço a mais pequena idéia, o que não impede que esteja inteiramente à sua disposição para lhe ser agradável, se for coisa que esteja na minha mão.

- A coisa depende inteiramente de si, senhor - disse Morrel.

- Explique-se então.

- Senhor - continuou o armador, recuperando a presença de espírito à medida que falava e sentindo-se fortalecido pela justiça da sua causa e pela clareza da sua posição --, deve lembrar-se de que dias antes de se saber do desembarque de Sua Majestade, o imperador, vim solicitar a sua indulgência para um pobre rapaz, um marinheiro, imediato a bordo do meu brigue. Era acusado, como se deve recordar, de relações com a ilha de Elba. Ora essas relações, que nessa época eram um crime, são hoje títulos de favor. O senhor servia então Luís XVIII e não o poupou; era o seu dever. Hoje serve Napoleão e deve protegê-lo; é também o seu dever. Venho, pois, perguntar-lhe que é feito dele.

Villefort fez um violento esforço sobre si mesmo.

- O nome desse homem? - perguntou. - Tenha a bondade de me dizer o seu nome.

- Edmond Dantés.

Evidentemente Villefort gostaria tanto de enfrentar, num duelo, o fogo do seu adversário a vinte e cinco passos como de ouvir pronunciar assim aquele nome à queima-roupa. Contudo, nem sequer pestanejou.

“Desta forma não poderão acusar-me de ter feito da prisão desse rapaz uma questão puramente pessoal", disse Villefort para consigo mesmo.

- Dantés? - repetiu. - Edmond Dantés, diz o senhor?

- Sim, senhor.

Villefort abriu então um volumoso registro colocado numa estante próxima, consultou um mapa, do mapa passou a uma pilha de processos e por fim, virando-se para o armador, perguntou-lhe com ar mais natural deste mundo:

- Tem a certeza de não estar enganado, senhor?

Se Morrel fosse um homem mais arguto ou estivesse melhor esclarecido acerca do caso, teria achado estranho que o substituto do procurador régio se dignasse responder-lhe sobre matéria completamente estranha às suas atribuições, e teria perguntado a si mesmo por que motivo Villefort o não remetia para

os registros de presos, para os governadores de prisão ou para o perfeito do departamento. Mas Morrel, procurando em vão o temor em Villefort, não viu mais, desde o momento em que todo o temor parecia ausente, do que a condescendência. Villefort estava bem senhor de si.

- Não, senhor - respondeu Morrel --, não estou enganado. Aliás, conheço o pobre rapaz há dez anos e tenho-o ao meu serviço há quatro. Vim há seis semanas - recorda-se? - pedir-lhe que fosse clemente, como venho hoje pedir-lhe

que seja justo com o pobre rapaz. Por sinal o senhor recebeu-me bastante mal e respondeu-me desabridamente. Oh, como os monárquicos eram duros nesse tempo para com os bonapartistas!

- Senhor - respondeu Villefort, aparando o golpe com a sua presteza e o seu sangue-frio habituais --, fui monárquico enquanto julguei os Bourbons não só os herdeiros legítimos do trono, mas também os eleitos da nação. Mas o regresso miraculoso de que acabamos de ser testemunhas provou-me que me enganava. O gênio de Napoleão venceu: o monarca legítimo é o monarca amado.

- Não imagina o prazer que me dá ouvi-lo falar assim! - exclamou Morrel com a sua ingênua franqueza. - Agora já não temo pela sorte de Edmond.

- Espere - prosseguiu Villefort, folheando outro registo. - Já me lembro: era um marinheiro, não era, e ia casar com uma catalã? Sim, sim... Oh, agora me recordo! O caso era muito grave...

- Como assim?

- Como sabe, depois de sair de minha casa foi conduzido às prisões do Palácio da Justiça.

- Sim, e depois?

- Depois... fiz o meu relatório para Paris e enviei os documentos encontrados em seu poder. Era o meu dever, compreende... E oito dias depois da sua prisão o prisioneiro desapareceu.

- Desapareceu! - exclamou Morrel. - Que terão feito do pobre rapaz?

- Oh, sossegue! Deve ter sido levado para Fenestrelles, para Pignerol ou para as ilhas de Santa Margarida, o que se chama desterrado em termos administrativos, e um belo dia o verá aparecer para reassumir o comando do seu navio.

- Venha quando vier, o lugar está guardado. Mas porque não voltou ainda? Parece-me que o primeiro cuidado da justiça bonapartista deveria ser pôr em liberdade os que foram encarcerados pela justiça monárquica.

- Não acuse precipitadamente, meu caro Sr. Morrel - atalhou Villefort. - Em todas as coisas é preciso proceder legalmente. A ordem de encarceramento veio de cima, é portanto também de cima que deve vir a ordem de libertação. Ora, Napoleão regressou apenas há quinze dias; logo, as cartas de abolição ainda mal tiveram tempo de ser expedidas.

- Mas - perguntou Morrel - não há meio de apressar as formalidades, agora que triunfamos? Tenho alguns amigos, alguma influência; posso obter a anulação do mandado de captura.

- Não houve mandado de captura.

- Do registro, então.

- Em matéria política, não há registro de presos. às vezes, os governos têm interesse em fazer desaparecer um homem sem que deixe vestígios da sua passagem. Mandados e registros guiariam as buscas.

- No tempo dos Bourbons talvez fosse assim, mas agora...

- É assim em todos os tempos, meu caro Sr. Morrel. Os governos seguem-se e assemelham-se. A máquina penitenciária montada no reinado de Luís XIV ainda hoje funciona, excetuando a Bastilha. O imperador tem sido sempre mais rigoroso com o regulamento das suas prisões do que foi o próprio grande rei, e o número de encarcerados de que não há vestígios nos registos é incalculável.

Tanta benevolência teria até desfeito certezas, e Morrel nem sequer tinha suspeitas.

- Mas então, Sr. de Villefort, que conselho me daria para abreviar o regresso do pobre Dantés?

- Apenas um, senhor: faça uma petição ao ministro da justiça.

- Oh, senhor, todos nós sabemos o que acontece às petições!... O ministro recebe duzentas por dia e nem sequer lê quatro.

- Sim - admitiu Villefort --, mas ler uma petição enviada por mim, informada por mim, recomendada diretamente por mim.

- E o senhor se encarregaria de fazer chegar essa petição?

- Com o maior prazer. Dantés podia ser culpado então, mas hoje está inocente e tenho o dever de fazer restituir a liberdade àquele que foi meu dever meter na prisão.

Villefort, precavia-se assim do perigo de um inquérito pouco provável, mas possível, um inquérito que o perderia irremediavelmente.

- Mas como se escreve ao ministro?

- Sente-se aqui, Sr. Morrel - disse Villefort, cedendo o seu lugar ao armador. - Vou-lhe ditar.

- Terá essa bondade?

- Sem dúvida. Não percamos tempo.

- Sim, senhor. Lembremo-nos que o pobre rapaz espera, sofre e desespera talvez.

Villefort estremeceu à idéia daquele prisioneiro amaldiçoando-o no silêncio e nas trevas. Mas fora já demasiado longe para recuar. Dantés devia ser esmagado pelas engrenagens da sua ambição.

- Pronto, senhor - disse o armador, sentado na poltrona de Villefort com uma pena na mão.

Villefort ditou então uma petição em que, como nada tinha a recear, exagerava o patriotismo de Dantés e os serviços por ele prestados à causa bonapartista. Nessa petição, Dantés era transformado num dos agentes mais ativos do regresso de Napoleão. Era evidente que, ao ver semelhante documento, o ministro se apressaria a fazer imediatamente justiça, se justiça ainda não fora feita.

Terminada a petição, Villefort releu-a em voz alta.

- É isto mesmo. E agora confie em mim.

- E a petição partirá brevemente, senhor?

- Hoje mesmo.

- Informada por si?

- A melhor informação que posso dar, senhor, é certificar veracidade de tudo o que diz na petição.

E Villefort sentou-se por seu turno e escreveu num canto da petição o seu certificado.

- E agora, senhor, que mais é preciso fazer? - perguntou Morrel.

- Esperar - respondeu Villefort. - Respondo por tudo.

Esta garantia restituiu a esperança a Morrel, que deixou o substituto do procurador régio encantado com ele e foi anunciar ao velho Tio Dantés que não tardaria a rever o filho.

Quanto a Villefort, em vez de a mandar para Paris, conservou cuidadosamente em seu poder a petição que, sendo capaz de salvar Dantés no presente, o comprometeria irremediavelmente no futuro, supondo uma coisa que o aspecto da Europa e o andamento dos acontecimentos permitiam já supor, isto é, segunda restauração.

Dantés continuou portanto preso. Metido nas profundezas da sua masmorra, nem sequer ouviu o estrondo formidável da queda do trono de Luís XVIII e o ainda mais formidável do desmoronamento do Império.

Mas Villefort, esse, seguiu tudo com olhar vigilante, escutou tudo com ouvido atento. Por duas vezes, durante a curta aparição imperial a que se chamou os Cem Dias, Morrel voltou à carga, insistindo sempre pela libertação de Dantés, e de ambas as vezes Villefort o tranquilizou com promessas e esperanças. Por fim, chegou Waterloo e Morrel não reapareceu em casa de Villefort. O armador fizera pelo seu jovem amigo tudo o que era humanamente possível fazer. Fazer novas tentativas depois da segunda Restauração seria comprometer-se inutilmente.

Luís XVIII voltou a subir ao trono.

Villefort, para quem Marselha estava cheia de recordações que para ele se tinham transformado em remorsos, pediu e obteve o lugar de procurador régio em Toulouse, que se encontrava vago. Quinze dias depois de se instalar na sua nova residência casou com Mademoiselle Renée de Saint-Méran, cujo pai estava melhor visto na corte do que nunca.

Foi assim que Dantés, durante os Cem Dias e depois de Waterloo, permaneceu preso, esquecido, senão dos homens, pelo menos de Deus.

Danglars compreendeu todo o alcance do golpe que vibrara em Dantés, ao ver Napoleão regressar a França. A sua denúncia acertara em cheio e, como todos os homens de certa tendência para o crime e de média inteligência na vida corrente, chamou a essa coincidência estranha um “decreto da Providência".

Mas quando Napoleão chegou a Paris e a sua voz soou de novo, imperiosa e forte, Danglars teve medo. Esperava a cada instante ver aparecer Dantés, Dantés sabedor de tudo, Dantés ameaçador e capaz de todas as vinganças. Então manifestou ao Sr. Morrel o desejo de deixar o serviço do mar e conseguiu que ele o recomendasse a um negociante espanhol, ao serviço do qual entrou como angariador de encomendas, em fins de Março, isto é, dez ou doze dias depois do regresso de Napoleão às Tulherias. Partiu, depois, para Madrid e mais ninguém ouviu falar dele.

Quanto a Fernand, não compreendeu nada. Dantés estava ausente, era tudo o que desejava. Que fora feito dele? Nem sequer o procurou saber. Apenas durante todo o compasso de espera que lhe proporcionava a sua ausência se esforçou em parte por enganar Mercedes acerca dos motivos da sua ausência e em parte a forjar planos de emigração e de fuga. De tempos em tempos também - e essas eram as horas sombrias da sua vida - sentava-se na ponta do cabo Pharo, lugar donde se distinguia simultaneamente Marselha e a aldeia dos Catalães, a pensar, triste e imóvel como uma ave de rapina, se não veria voltar, por um desses dois caminhos, o belo jovem de andar desenvolto e cabeça altiva que para ele se transformara no mensageiro de uma cruel vingança. Então os planos de Fernand detinham-se. Estouraria a cabeça a Dantés com um tiro de espingarda e se suicidaria em seguida, dizia para consigo, procurando disfarçar

o assassínio. Mas Fernand enganava-se: esse homem nunca seria assassinado porque continuava a esperar.

Entretanto, no meio de tantas flutuações dolorosas, o Império convocou uma derradeira classe de soldados e todos os homens em condições de pegar em armas lançaram-se para fora de França à voz
trovejante do imperador. Fernand partiu como os outros, deixou a sua cabana e Mercedes roído pelo sombrio e terrível pensamento de que depois da sua partida o seu rival regressaria e casaria com aquela que ele amava.

Se Fernand alguma vez tivesse de se matar, seria deixando Mercedes que o faria.

As suas atenções para com Mercedes, a compreensão com que parecia aceitar a sua infelicidade, o cuidado com que procurava ir ao encontro dos seus mais pequenos desejos, tinham produzido o efeito que produzem sempre nos corações generosos as aparências do devotamento. Mercedes sempre fora amiga de Fernand, e a essa amizade por ele juntou-se, aumentando-a, um novo sentimento: o reconhecimento.

- Meu irmão - disse ela, prendendo a mochila do soldado nos ombros do catalão --, meu irmão, meu único amigo, não te faças matar, não me deixes sozinha neste mundo, onde choro e ficarei só se não estiveres aqui.

Estas palavras, proferidas no momento da partida, deram algumas esperanças a Fernand. Se Dantés não voltasse, Mercedes poderia vir um dia a ser dele.

Mercedes ficou sozinha naquela terra nua, que nunca lhe parecera tão árida, e com o mar imenso por horizonte. Lavada em lágrimas, com essa multidão de que nos contam a história dolorosa, viam-na vaguear constantemente à volta da aldeiazinha dos Catalães, umas vezes parada debaixo do sol ardente do Meio-Dia, de pé, imóvel, muda como uma estátua, a olhar para Marselha, outras vezes sentada à beira-mar, a escutar os queixumes das águas, eternos como a sua dor, e perguntando-se sem cessar se não valeria mais inclinar-se para a frente, deixar-se levar pelo seu próprio peso, abrir o abismo e engolfar-se nele, do que sofrer assim todas as cruéis alternativas de uma espera sem esperança.

Não foi coragem o que faltou a Mercedes para pôr em prática tal projeto, foi a religião que veio em seu auxílio e a salvou do suicídio.

Caderousse foi convocado, como Fernand. Simplesmente, como tinha mais oito anos do que o catalão e era casado, só fez parte do terceiro turno e enviaram-no para as costas.

O velho Dantés, que já só era amparado pela esperança, perdeu-a com a queda do imperador.

Passados cinco meses, dia a dia depois de ter sido separado do filho e quase à mesma hora em que fora preso, soltou o derradeiro suspiro nos braços de Mercedes.

O Sr. Morrel chamou a si todas as despesas do funeral e pagou as pobres dividazinhas que o velhote fizera durante a sua doença.

Havia mais do que beneficência em proceder assim; havia coragem. O Meio-Dia estava em logo, e socorrer, mesmo no seu leito de morte, o pai de um bonapartista tão perigoso como Dantés era um crime.

Capítulo XIV

O prisioneiro furioso e o prisioneiro louco

Cerca de um ano depois do regresso de Luís XVIII verificou-se a visita do Sr. Inspector-Geral das Prisões.

Dantés ouviu do fundo da sua masmorra arrastar e ranger, todos os preparativos que faziam em cima muito barulho, mas que em baixo seriam ruídos inapreciáveis para qualquer outro ouvido que não fosse o de um prisioneiro, habituado a escutar no silêncio da noite a aranha que tece a sua teia e a queda periódica da
gota de água que leva uma hora a formar-se no teto da sua masmorra.

Adivinhou que se passava entre os vivos qualquer coisa extraordinária. Habitava havia tanto tempo uma tumba que bem se podia considerar morto.

Com efeito, o inspetor visitava um após outro quartos, celas e masmorras. Foram interrogados vários prisioneiros: aqueles que a sua brandura ou a sua estupidez recomendava à benevolência da administração. O inspetor perguntou-lhes como eram alimentados e que reclamações tinham a fazer.

Responderam unanimemente que a alimentação era detestável e que reclamavam a sua liberdade.

O inspetor perguntou-lhos então se não tinham mais nada a pedir-lhe.

Abanaram a cabeça. Que outra riqueza além da liberdade podem reclamar prisioneiros?

O inspetor virou-se sorrindo e disse ao governador:

- Não sei porque nos obrigam a fazer estas inspeções inúteis. Quem vê um prisioneiro vê cem; quem ouve um prisioneiro ouve mil; é sempre a mesma coisa: mal alimentados e inocentes. Tem mais?

- Sim, temos os prisioneiros perigosos ou loucos, que conservamos nas masmorras.

- Bom - disse o inspetor com ar de profundo cansaço cumpramos a nossa missão até ao fim; desçamos às masmorras.

- Espere - contrapós o governador --, deixe ir ao menos buscar dois homens. às vezes os prisioneiros, por estarem fartos da vida e para serem condenados à morte, cometem atos de desespero inúteis. O senhor poderia ser vítima de um desses atos.

- Tome portanto as suas precauções - disse o inspetor.

De fato mandaram buscar - dois soldados e começaram por descer uma escada tão malcheirosa, tão infecta, tão bafienta que só a passagem por semelhante lugar afetava desagradavelmente ao mesmo tempo a vista, o olfato e a respiração.

- Oh! - suspirou o inspector detendo-se a meio da descida. - Quem diabo pode viver aqui?

- Um conspirador dos mais perigosos e que nos está especialmente recomendado como um homem capaz de tudo.

- Está sozinho?

- Certamente.

- Há quanto tempo se encontra aqui?

- Há um ano, pouco mais ou menos.

- E foi metido nesta masmorra logo que entrou?

- Não, senhor, mas sim depois de ter querido matar o chaveiro encarregado de lhe trazer a comida.

- Tentou matar o chaveiro?

- Sim, senhor. Aquele mesmo que nos ilumina. Não é verdade, Antoine? - perguntou o governador.

- Quis matar-me sem motivo - sublinhou o chaveiro.

- Ora vejam! Mas nesse caso esse homem está louco?

- É pior do que um louco, é um demônio - acrescentou o chaveiro.

- Quer apresentar queixa? - perguntou o inspetor ao governador.

- E inútil senhor, já está suficientemente castigado assim. De resto, neste momento encontra-se quase louco e segundo a experiência que nos dão as nossas observações antes de passar outro ano aqui estará completamente alienado.

- Por Deus, tanto melhor para ele - disse o inspector. - Uma vez completamente louco, sofrerá menos.

Era, como se vê, um homem cheio de humanidade este inspetor, e bem digno das funções filantrópicas que desempenhava.

- Tem razão, senhor - concordou o governador - e a sua reflexão prova que estudou profundamente a matéria. Também temos numa masmorra separada desta apenas um vintena de pés e para a qual se desce por outra escada um velho abade, antigo chefe de partido na Itália, está aqui desde 1811, endoideceu por volta de fins de 1813 e que desde esse momento não é fisicamente reconhecível. Antes chorava, agora ri,
emagrecia, engordou. Quer vê-lo em vez deste? A sua loucura é divertida e não o entristecerá nada.

- Verei um e outro - respondeu o inspetor. - É necessário fazer as coisas conscienciosamente.

O inspetor andava na sua primeira inspeção e queria dar boa idéia de si às autoridades.

- Vejamos portanto este em primeiro lugar - acrescentou.

- Como queira - respondeu o governador.

E fez sinal ao chaveiro, que abriu a porta.

Ao ouvir rangerem as fechaduras maciças e chiarem os gonzos ferrugentos ao girarem nos seus eixos, Dantés, que se encontrava agachado a um canto da masmorra onde recebia com indizível prazer o delgado raio de luz que se filtrava através de um estreito respiradouro gradeado, levantou a cabeça. Ao ver um homem
desconhecido, iluminado por dois chaveiros que empunhavam archotes e ao qual o governador falava de chapéu na mão, acompanhado por dois soldados, Dantés adivinhou de quem se tratava e, vendo finalmente apresentar-se uma ocasião de implorar a uma autoridade superior, saltou para a frente com as mãos juntas.

Os soldados cruzaram imediatamente as baionetas, pois julgaram que o prisioneiro avançava para o inspector com más intenções

O próprio inspetor deu um passo atrás.

Dantés viu que o tinham apresentado como um homem temível.

Então, reuniu no olhar tudo o que o coração do homem pode conter de mansidão e humildade e, exprimindo-se numa espécie de eloquência religiosa, que surpreendeu os assistentes, procurou comover a alma do visitante.

O inspetor escutou o discurso de Dantés até ao fim. Depois, virando-se para o governador, disse a meia voz:

- Voltará à devoção; está já disposto a sentimentos mais suaves. Como vê, o medo produz o seu efeito nele. Recuou diante das baionetas; ora, um louco não recua diante de nada. A tal respeito fiz observações muito curiosas em Charenton.

Depois, virando-se para o prisioneiro:

- Em resumo, que pede?

- Peço me digam que crime cometi; peço que me dêem juizes; peço que o meu processo seja instruído; peço finalmente que me fuzilem se sou culpado ou que me ponham em liberdade se estou
inocente.

- É bem alimentado? - perguntou o inspetor.

- Creio que sim; não sei nada a esse respeito, mas isso pouco importa. O que deve importar, não só a mim, pobre prisioneiro, mas também a todos os funcionários que servem a justiça e ao próprio rei que governa, é que um inocente não seja vítima de uma denúncia infame e não morra aferrolhado amaldiçoando os seus carrascos.

- Está hoje muito humilde - observou o governador --, mas nem sempre esteve assim. Falava de modo muito diferente, meu caro, no dia em que quis agredir o seu guarda.

-- É verdade, senhor - reconheceu Dantés --, e peço humildemente perdão a esse homem que sempre foi bom para mim... Mas, que quer, estava louco, estava furioso!

- E já o não está?

- Não, senhor, porque o cativeiro me vergou, quebrou, aniquilou... há tanto tempo que estou aqui!

- Tanto tempo?... Em que data foi preso? - perguntou o inspetor.

- Em 28 de Fevereiro de 1815, às duas horas da tarde.

O inspetor fez as contas.

- Estamos em 10 de Julho de 1816... Que diz? está preso apenas há dezessete meses.

- Qual dezessete meses! - exclamou Dantés. - Ah, o senhor não sabe o que são dezessete meses de prisão! Dezessete anos, dezessete séculos, sobretudo para um homem como eu, prestes a ser feliz, para um homem que, como eu, ia casar com a mulher amada, para um homem que via abrir-se diante de si uma carreira respeitável e que perdeu tudo de um momento para o outro; que do meio do dia mais belo caiu na noite mais profunda, que viu a sua carreira destruída, que não sabe se aquela que o amava o ama ainda, que ignora se o seu velho pai está morto ou vivo. Dezessete meses de prisão para um homem habituado ao ar do
mar, à independência do marinheiro, ao espaço, à imensidade, ao infinito! Senhor, dezessete meses de prisão é mais do que merecem todos os crimes que designam pelos nomes mais odiosos da língua humana. Tenha, pois, piedade de

mim, senhor e obtenha-me não indulgência, mas sim rigor; não o perdão, mas sim um julgamento. Juizes, senhor, só peço juízes. Não se pode recusar juízes a um acusado.

- Está bem, veremos - respondeu o inspetor.

Depois virando-se para o governador:

- Para ser franco, o pobre diabo mete-me pena. Quando subirmos, há-de mostrar-me o seu registro de presos.

- Certamente - concordou o governador --, mas creio que encontrará contra ele notas terríveis.

- Senhor - continuou Dantés --, sei que não pode fazer-me sair daqui por sua própria decisão; mas pode transmitir o meu pedido às autoridades, pode provocar um inquérito, pode, enfim, fazer-me submeter a julgamento. Um julgamento, é tudo o que peço. Que saiba que crime cometi e a que pena sou condenado; porque, como sabe, a incerteza é o pior de todos os suplícios.

- Iluminem-me - disse o inspetor.

- Senhor - gritou Dantés --, adivinho pelo tom da sua voz que está comovido. Senhor, diga-me que tenha esperança.

- Não lhe posso dizer isso - perguntou o inspetor --, posso apenas prometer-lhe examinar o seu processo.

- Oh, então, senhor, estou livre, estou salvo!

- Quem o mandou prender? - perguntou o inspetor.

- O Sr. de Villefort - respondeu Dantés. - Procure-o e fale com ele.

- O Sr. de Villefort já não está em Marselha há um ano, mas sim em Toulouse.

- Não me admira - murmurou Dantés. - O meu único protetor foi afastado.

- O Sr. de Villefort tinha algum motivo de ódio contra si? - perguntou o inspetor.

- Nenhum, senhor, e até foi benevolente comigo.

- Poderei portanto confiar nas notas que deixou a seu respeito ou nas informações que me der?

- Inteiramente, senhor.

- Está bem, aguarde.

Dantés caiu de joelhos, levantou as mãos ao céu e murmurou uma prece na qual recomendava a Deus aquele homem que descera na prisão semelhante ao Salvador ao ir libertar as almas do Inferno.

A porta voltou a fechar-se; mas a esperança que descera com o inspetor ficara fechada na masmorra de Dantés.

- Deseja ver o registro de presos agora ou passar à masmorra do abade? - perguntou o governador.

- Acabemos com as masmorras de uma vez - respondeu o inspetor.

- Se subisse à luz do dia, talvez já não tivesse coragem de continuar a minha triste missão.

- Oh, o abade não é um prisioneiro como o outro! A sua loucura é menos confrangedora do que a razão do seu vizinho.

- E qual é a sua loucura?

- Uma loucura estranha: julga-se possuidor de um tesouro imenso. No primeiro ano do seu cativeiro mandou oferecer um milhão ao Governo se o

Governo o pusesse em liberdade; no segundo ano, dois
milhões; no terceiro, três milhões, e assim sucessivamente. Vai no quinto ano de cativeiro; portanto, pedirá para lhe falar em segredo e oferecerá cinco milhões.

- Ah, ah! é curioso, com efeito! - riu o inspetor. E como tratam esse milionário?

- Por abade Faria.

- O nº 27! - disse o inspetor.

- É aqui. Abra, Antoine.

O chaveiro obedeceu e o olhar curioso do inspetor mergulhou na masmorra do “abade louco". Era assim que se designava geralmente o prisioneiro.

No meio da cela, num círculo traçado no chão com um bocado de gesso tirado da parede, encontrava-se deitado um homem quase nu, de tal forma as suas roupas se tinham transformado em farrapos. Desenhava no círculo linhas geométricas muito nítidas e parecia tão ocupado a resolver o seu problema quanto Arquimedes o estava quando foi morto por um soldado de Marcelo. Por isso, não se mexeu, nem mesmo ao ouvir o barulho que a porta da masmorra fez ao abrir-se, e só pareceu despertar quando a luz dos archotes
iluminou com uma claridade que não era habitual o solo úmido em que trabalhava. Então virou-se e fitou com surpresa a númerosa companhia que lhe acabava de entrar na cela.

Levantou-se precipitadamente, pegou num cobertor colocado aos pés do seu leito miserável e envolveu-se nele rapidamente para aparecer em estado mais decente aos olhos dos estranhos.

- Que deseja? - perguntou o inspetor, sem variar a sua fórmula.

- Eu, senhor? - respondeu o abade com ar surpreendido - Não desejo nada.

- Não compreendeu - prosseguiu o inspector. - Sou agente do Governo e a minha missão é descer às prisões e escutar as reclamações dos prisioneiros.

- Oh, então, senhor, isso é outra coisa! - exclamou vivamente o abade. - Espero que consigamos nos entender.

- Vê? - disse baixinho governador. - Isto não começa como lhe anunciei?

- Senhor - continuou o prisioneiro --, sou o abade Faria, natural de Roma. Fui vinte anos secretário do cardeal Rospigliosi e preso, não sei muito bem porquê, em princípios do ano de 1811. Desde esse momento que reclamo a minha liberdade às autoridades italianas e francesas.

- Porquê às autoridades francesas? - perguntou o governador.

- Porque fui preso no Piombino e presumo que como Milão e Florença o Piombino se tornou a capital de qualquer departamento francês.

O inspetor e o governador entreolharam-se rindo.

- Demônio, meu caro - observou o inspetor --, as suas notícias da Itália não são frescas.

- Datam do dia em que fui preso, senhor - perguntou o abade Faria. - E como Sua Majestade o Imperador criara o reino de Roma para o filho que o céu acabava de lhe dar, presumo que prosseguindo o curso das suas conquistas realizou o sonho de Maquiavel e de César Bórgia, que era tornará toda a Itália um só e único reino.

- Senhor - disse o inspetor --, felizmente a Providência impôs algumas alterações a esse plano gigantesco de que me parece partidário bastante

entusiasta.

- É o único meio de tornar a Itália um Estado forte, independente e feliz - respondeu o abade.

- É possível - admitiu o inspetor --, mas não vim aqui para fazer consigo um curso de política ultramontana e sim para lhe perguntar, o que já fiz, se tem alguma reclamação a apresentar sobre a maneira como é alimentado e se encontra alojado.

- A alimentação é o que é em todas as prisões - respondeu o abade. - isto é, muito má. Quanto ao alojamento, é úmido, como vê, mas mesmo assim bastante aceitável para uma masmorra. Agora, porém, não se trata disso, mas sim de revelações da mais alta importância e do mais alto interesse que desejo fazer ao
Governo.

- Aí está - disse baixinho o governador ao inspetor.

- É por isso que me sinto tão feliz por ve-lo - continuou o abade --, embora me tenha interrompido No momento em que fazia um cálculo muito importante que, se for bem sucedido, talvez modifique o sistema de Newton. Pode conceder-me o favor de uma palavrinha em particular?

- Hein, que dizia eu? - observou o governador ao inspetor.

- O senhor conhece a sua gente - respondeu este último sorrindo.

E dirigindo-se ao abade Faria:

- Senhor, o que me pede é impossível.

- No entanto - insistiu o abade --, trata-se de fazer ganhar ao governo uma importância enorme, uma soma de cinco milhões, por exemplo...

- Formidável! - exclamou o inspetor, virando-se por sua vez para o governador . -O senhor previu até a importância.

- Vejamos - prosseguiu o abade, notando que o inspetor fazia um movimento para se retirar. - Não é necessário que estejamos absolutamente sós; o Sr. Governador poderá assistir à nossa conversa.

- Meu caro senhor - interveio o governador --, para seu mal, sabemos antecipadamente e de cor o que vai dizer. Trata-se dos seus tesouros, não é verdade?

Faria olhou aquele homem zombeteiro com olhos onde um observador desinteressado teria decerto visto brilhar a faísca da razão e da verdade.

- Sem dúvida - respondeu - De que quer o senhor que eu fale a não ser disso?

- Sr. Inspetor - continuou o governador --, posso contar-lhe essa história tão bem como o abade, pois há quatro ou cinco anos que me enche os ouvidos com ela.

- Isso prova, Sr. Governador - perguntou o abade --, que é como essas pessoas de que fala a Escritura, que têm olhos e não vêem e têm ou idos e não ouvem.

- Meu caro senhor - disse o inspetor --, o Governo é rico e graças a Deus, não precisa do seu dinheiro. Guarde-o, pois, para o dia em que sair da prisão.

Os olhos do abade dilataram-se. Pegou na mão do inspetor.

- Mas se não sair da prisão - observou --, se, contra toda a justiça, me retiverem nesta masmorra e aqui morrer sem legar o meu segredo à ninguém,

esse tesouro se perderá? Não é preferível que o Governo o aproveite e eu também? Irei até seis milhões, senhor. Sim, renunciarei a seis milhões e me contentarei com
o resto se me restituírem à liberdade.

- Palavra - disse o inspetor a meia voz --, se não soubéssemos que este homem está louco era caso para acreditar. Fala em tom tão convicto que parece dizer a verdade.

- Não estou louco, senhor, e digo a verdade - insistiu Faria, que, com a finura de ouvido peculiar aos prisioneiros, não perdera uma única das palavras do inspetor. - O tesouro de que lhe falo existe realmente e proponho-me assinar um acordo convosco em virtude do qual me conduzirão ao lugar designado por mim. Escavar-se-á a terra diante dos nossos olhos e se eu mentir, se não se encontrar nada, se eu for um louco, como os senhores dizem, então tornarão a meter-me nesta mesma masmorra, onde ficarei eternamente e morrerei sem pedir mais nada aos senhores nem a ninguém.

O governador desatou a rir.

- Está muito longe daqui o seu tesouro? - perguntou.

- A cem léguas, pouco mais ou menos - respondeu Faria.

- A coisa não está mal imaginada - observou o governador. - Se todos os prisioneiros quisessem divertir-se passeando com os seus guardas durante cem léguas, e se os guardas consentissem em fazer
semelhante passeio, seria uma excelente oportunidade para os prisioneiros arranjarem maneira de se evadir na primeira ocasião, a qual, decerto, não deixaria de surgir.

- É um meio conhecido - comentou o inspetor - e o cavalheiro nem sequer tem o mérito da invenção.

Depois, virando-se para o abade:

- Perguntei-lhe se era bem alimentado.

- Senhor - respondeu Faria --, jure-me sobre o Cristo libertar-me se lhe tiver dito a verdade e indicar-lhe-ei o lugar onde o tesouro está enterrado.

- É bem alimentado? - repetiu o inspetor.

- Senhor, não arrisca nada assim e bem vê que não é para arranjar uma oportunidade de fugir que lhe faço esta proposta, pois ficarei na prisão enquanto fizer a viagem.

- Não respondeu à minha pergunta - observou com impaciência o inspetor.

- Nem o senhor à minha proposta! - exclamou o abade. - Seja portanto maldito como os outros insensatos que me não quiseram acreditar! Já que não quer o meu ouro, eu o guardarei; recusa-me a liberdade, Deus mandar-ma-á . Vá-se embora, não tenho mais nada a dizer.

E o abade largou o cobertor, voltou a pregar no seu bocado de gesso e foi-se sentar de novo no meio do seu círculo, onde continuou entregue às suas linhas e aos seus cálculos.

- Que está fazendo? - perguntou o inspetor ao retirar-se.

- Conta os seus tesouros - respondeu o governador.

Faria retribuiu o sarcasmo com um olhar carregado do mais supremo desprezo.

Saíram. O carcereiro fechou a porta atrás deles.

- Deve ter, com efeito, possuído alguns tesouros - disse o inspetor ao subirem a escada.

- Sim, deve ter sonhado que os possuía -- respondeu o governador - e no dia seguinte acordou louco.

- Efetivamente - admitiu o inspetor com a simplicidade de quem admite a corrupção --, se fosse realmente rico não estaria preso.

Assim terminou a aventura para o abade Faria. Continuou prisioneiro e depois desta visita a sua reputação de louco divertido ainda mais aumentou.

Calígula ou Nero, esses grandes pesquisadores de tesouros, esses desejosos do impossível, teriam dado ouvidos às palavras do pobre homem e teriam lhe concedido o ar que pretendia, o espaço que
avaliava em tão alto preço e a liberdade que se propunha pagar tão cara. Mas os reis dos nossos dias, mantidos nos limites do provável, já não têm a audácia da vontade. Temem o ouvido que escuta as ordens que dão, o olho que perscruta as suas ações; já não sentem a superioridade da sua essência divina; são
homens coroados e mais nada. Dantes, julgavam-se, ou pelo menos diziam-se, filhos de Júpiter e possuíam qualquer coisa do deus seu pai.

Não se controla facilmente o que se passa para lá das nuvens; hoje os reis deixam-se contatar facilmente.

Ora, como sempre repugnou ao governo despótico mostrar à luz do dia os efeitos da prisão e da tortura; como há poucos exemplos de uma vítima das inquisições ter conseguido reaparecer com os ossos esmagados e as carnes cobertas de chagas ensanguentadas, também a loucura, essa úlcera nascida na imundície das masmorras em consequência das torturas morais, se esconde quase sempre cuidadosamente no local onde surgiu ou, se de lá sai, é para se ir encerrar em qualquer hospital sombrio onde os médicos não
reconhecem nem o homem, nem o pensamento no destroço informe que lhe entrega o carcereiro cansado.

O abade Faria, que enlouquecera na prisão, estava condenado, pela sua própria loucura, a prisão perpétua.

Quanto a Dantés, o inspector cumpriu a sua palavra. Quando subiu ao gabinete do governador, quis ver o registro do preso.

A nota respeitante ao prisioneiro era assim concebida:

Edmond Dantés: Bonapartista fanático. Tomou parte ativa no regresso da ilha de Elba.

Manter no maior segredo e sob a mais rigorosa vigilância.

Esta nota estava escrita com letra e tinta diferentes das do resto do registro, o que provava que fora acrescentada depois da encarceração de Dantés.

A acusação era demasiado positiva para tentar contrariá-la. O inspetor escreveu, pois, por baixo:

Nada a fazer.

Esta visita reanimara, por assim dizer, Dantés. Desde que entrara na prisão esquecera-se de contar os dias; mas o inspetor dera-lhe uma nova data e Dantés não a esquecera. Escreveu atrás de si, na parede, com um bocado de gesso tirado do teto, “30 de Julho de 1816", e a partir desse momento fez um risco todos os
dias, para a medida do tempo lhe não escapar.

Os dias passaram, depois as semanas e depois os meses. Dantés continuava a esperar. Começara por fixar à sua libertação um prazo de quinze dias. Se dedicasse ao seu caso metade do interesse que parecera experimentar, quinze dias deviam ser suficientes ao inspetor. Passados esses quinze dias, disse para consigo que era absurdo da sua parte pensar que o inspetor se ocupara dele antes de regressar a Paris. Ora, o seu regresso a Paris só se poderia verificar quando concluísse a inspeção, e esta poderia durar um mês ou dois. Concedeu-se portanto três meses em vez de quinze dias.

Passados os três meses veio em seu auxílio outro raciocínio que o levou a conceder-se seis meses, mas passados esses seis meses, contando os dias um após outro, verificou que esperara dez meses
e meio. E durante esses dez meses e meio nada se modificara no regime da sua prisão, nenhuma notícia animadora lhe fora dada. O carcereiro, interrogado, mostrou-se mudo como de costume. Dantés começou a duvidar dos seus sentidos, a julgar que o que tomava por uma recordação da sua memória não passava de uma alucinação do seu cérebro e que o anjo consolador que aparecera na sua prisão descera nela trazido pela asa de um sonho.

Passado um ano o governador foi substituído; obtivera a direção do forte de Ham. Levou consigo vários dos seus subordinados e entre outros o carcereiro de Dantés. Chegou novo governador. Como
lhe parecesse demasiado trabalhoso fixar os nomes dos prisioneiros, passou a designá-los apenas pelos números. Aquele horrível “hotel" dispunha de cinquenta quartos; os seus ocupantes passaram a ser designados pelo número do quarto que ocupavam, e o infeliz rapaz deixou de se chamar pelo seu nome de Edmond ou pelo seu apelido de Dantés e passou a chamar-se o nº 34.

Capítulo XV

O número 34 e o número 27

Dantés passou por todos os graus do infortúnio a que estão sujeitos os prisioneiros esquecidos numa prisão.

Começou pelo orgulho, que é um complemento da esperança e uma consciência da inocência: em seguida princípiou a duvidar da sua inocência, o que não justificava mal as idéias do governador acerca da alienação mental; por fim, caiu do alto do seu orgulho e pediu, não ainda a Deus, mas sim aos homens: Deus é o derradeiro recurso. O infeliz que deveria começar pelo Senhor, só consegue confiar nele depois de esgotar todas as outras esperanças.

Dantés pediu, pois, que se dignassem tirá-lo da sua masmorra e o metessem noutra, ainda que fosse mais escura e profunda. Uma mudança mesmo desvantajosa, era sempre uma mudança e proporcionaria a Dantés uma distração de alguns dias. Pediu que lhe concedessem o passeio, o ar, livros, instrumentos. Nada
disso lhe foi concedido. Mas não importava, continuava a pedir. Habituara-se a falar ao seu novo carcereiro, embora este fosse ainda, se possível, mais mudo do

que o antigo. Mas falar a um homem, mesmo a um mudo, era também um prazer. Dantés falava para ouvir o som da sua própria voz. Tentara falar quando estava sozinho, mas tivera medo.

Muitas vezes, quando estava em liberdade, Dantés; fizera um bicho de sete cabeças daqueles amontoados de prisioneiros constituídos por vagabundos, bandidos e assassinos, cujos prazeres ignôbeis
incluem orgias indescritíveis e amizades medonhas. Pois acabou por desejar ser lançado numa dessas enxovias, a fim de ver outras caras além da do carcereiro impassível que se recusava terminantemente a falar. Invejava os trabalhos forçados, com o seu fato infamante, a sua corrente no pé e a sua marca no ombro. Ao menos os galerianos viviam no meio dos seus semelhantes, respiravam o ar, viam o céu. Os galerianos eram muito felizes.

Um dia suplicou ao carcereiro que pedisse lhe dessem um companheiro, fosse qual fosse, ainda que esse companheiro tivesse de ser o abade louco de que ouvira falar. Sob a pele do carcereiro, por mais coriácea que fosse, continuava a haver um homem. Este tinha muitas vezes, do fundo do coração, e embora
o seu rosto nada tivesse deixado transparecer a tal respeito, lamentado aquele pobre rapaz para quem o cativeiro era tão duro.

Transmitiu o pedido do 34 ao governador; mas este, prudente como se fosse um político, imaginou que Dantés pretendia amotinar os prisioneiros, tramar qualquer conspiração, ter o auxílio de um amigo em qualquer tentativa de evasão, e recusou.

Dantés esgotara o círculo dos recursos humanos. Como dissemos que acabaria por acontecer, virou-se então para Deus.

Todas as idéias piedosas espalhadas pelo mundo, que buscam os infelizes vencidos pelo destino, vieram então acalmar-lhe o espírito. Recordou-se das preces que a mãe lhe ensinara e encontrou-lhes um sentido que outrora ignorara. Porque para o homem feliz a prece não passa de um conjunto de palavras
monótono e vazio de sentido, até ao dia em que a dor explica ao infortunado a linguagem sublime com o auxílio da qual ele fala a Deus.

Rezou portanto, não com fervor, mas sim com raiva. Rezando em voz alta, já se não assustava com as suas palavras. Então, caía em espécies de êxtases. Via Deus, deslumbrante, em cada palavra que
pronunciava. Todos os Atos da sua vida humilde e perdida atribuía-os à vontade desse Deus poderoso, extraía daí ensinamentos, propunha-se tarefas a cumprir e no fim de cada prece insinuava o pedido interesseiro que os homens encontram com muito mais frequência maneira de dirigir aos homens do que a
Deus: “E perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos tem ofendido."

Mas, apesar das suas preces ferventes, Dantés continuou prisioneiro.

Então, o seu espírito tornou-se sombrio e formou-se-lhe uma nuvem espessa diante dos olhos. Dantés era um homem simples e sem educação; o passado permanecera para ele coberto com esse véu escuro que só a ciência ergue. Na solidão da sua masmorra e no deserto do seu pensamento, não podia reconstituir os tempos passados, ressuscitar os povos extintos, reconstruir as cidades antigas, que a imaginação engrandece e poetisa, e que nos passam diante dos olhos, gigantescas e iluminadas pelo togo do céu,

como os quadros babilônicos de Martinn. Ele só tinha o seu passado, tão curto; o seu presente, tão sombrio, e o seu futuro, tão duvidoso: dezenove anos de luz a meditar talvez numa noite eterna! Nenhuma distração podia portanto vir ajudá-lo. O seu espírito enérgico, ao qual nada seduziria mais do que voar através dos tempos, era obrigado a permanecer prisioneiro como uma águia numa gaiola. Aterrava-se então a uma idéia, à da sua felicidade destruída sem motivo aparente e devido a uma fatalidade inaudita. Encarniçava-se à volta desta idéia, virava-a e revirava-a por todos os lados, devorava-a por assim dizer sofregamente, como no inferno de Dante o implacável Ugolino devora o crânio do arcebispo Roger. Dantés tivera apenas uma fé
passageira baseada no poder; perdeu-a como outros a perdem depois do êxito. Simplesmente, não tirara proveito dela.

A raiva sucedeu ao ascetismo. Edmond proferia blasfêmias que faziam recuar de horror o carcereiro. Quebrava o corpo contra as paredes da sua prisão. Atribuía com furor as culpas a tudo o que o rodeava, e sobretudo a si mesmo, à menor contrariedade que lhe fizesse experimentar um grão de areia uma palhinha ou um sopro de ar. Então, a carta denunciadora que vira, que lhe mostrara Villefort, em que tocara, acudia-lhe de novo ao espírito e cada linha chamejava sobre a muralha como o “Mane, Thecel, Phares" de Baltasar. Dizia para consigo que fora o ódio dos homens e não a vingança de Deus que o mergulhara no abismo onde se
encontrava. Votava esses homens desconhecidos a todos os suplícios forjados pela sua ardente imaginação e ainda lhe parecia que os mais terríveis eram excessivamente suaves e sobretudo demasiado curtos
para eles. Porque depois do suplicio vinha a morte, e a morte era, senão o repouso, pelo menos a insensibilidade, segundo lhe parecia.

A calma era a morte e que quem quer punir cruelmente deve recorrer a outros meios diferentes da morte, caiu na imobilidade sombria das idéias de suicídio. Ai daquele que na vertente da desgraça se detém em tão sombrias idéias! E como um desses mares mortos que se estendem como o azul das torrentes puras, mas nos quais o nadador sente os pés se enterrarem cada vez mais numa vasa betuminosa que o puxa para si, o aspira e engole. Uma vez assim apanhado, se o socorro divino não vem em seu auxílio está tudo acabado, e cada esforço que tenta o mergulha mais profundamente na morte.

Todavia, esse estado de agonia moral é menos terrível do que o sofrimento que o precede e talvez do que o castigo que se lhe seguir . É uma espécie de consolação vertiginosa que nos mostra o abismo escancarado e no fundo do abismo o nada. Chegado ai, Edmond encontrou certa consolação nessa idéia. Todos os seus sofrimentos, bem como o cortejo de espectros que arrastavam atrás de si, pareceram sumir-se do canto da sua prisão onde o anjo da morte podia pousar o pé silencioso. Dantés observou com calma
a sua vida passada, com terror a sua vida futura, e escolheu o ponto intermédio que parecia ser um lugar de asilo.

- Às vezes - dizia então para consigo --, nas minhas viagens longínquas, quando era ainda um homem e esse homem, livre e forte, gritava a outros homens ordens que eram cumpridas, vi o céu cobrir-se, o mar estremecer e bramir, a tempestade formar-se num canto do céu e, como uma águia gigantesca, bater os

dois
horizontes com as suas duas asas. Então sentia que o meu navio não passava de um refúgio impotente, pois o meu navio, leve como uma pena na mão de um gigante, também tremia e estremecia. Não tardava que, acompanhado do barulho medonho das vagas, o aspecto dos rochedos cortantes me anunciasse a morte, e a morte aterrorizava-me. Empregava todos os esforços para lhe escapar e reunia todas as torças do homem e toda a inteligência do marinheiro para lutar com Deus!... Porque então era feliz, porque voltar à vida era voltar à felicidade, porque não chamara aquela morte, não a escolhera, porque, enfim, me parecia duro dormir
naquele leito de algas e seixos, porque me indignava - eu que me julgava uma criatura feita à imagem de Deus - servir depois da minha morte de pasto aos alcatrazes e aos abutres. Mas hoje o caso é diferente: perdi tudo o que podia fazer-me amar a vida, hoje a morte sorri-me como uma ama à criança que vai embalar.
Mas hoje morro como quero, e adormeço exausto e quebrado como adormecia depois de uma daquelas noites de desespero e raiva durante as quais chegava a contar três mil voltas no meu quarto, isto é, trinta mil passos, ou seja cerca de dez léguas.

Desde que este pensamento germinou no espírito do jovem este tornou-se mais tratável, mais sorridente. Aceitou melhor o leito duro e o pão negro, comeu menos, deixou de dormir e achou quase
suportável aquele resto de existência que tinha a certeza de abandonar quando lhe apetecesse, como deixamos uma peça de roupa velha.

Havia duas maneiras de morrer. Uma era simples: tratava-se de prender o lenço a um varão da janela e enforcar-se. A outra consistia em fingir comer e deixar-se morrer de fome. A primeira repugnou profundamente a Dantés.

Criara-se no horror aos piratas, gente que se enforca nas vergas dos navios. O enforcamento era portanto para ele uma espécie de suplício infamante que recusava aplicar a si mesmo. Adotou, pois, a segunda e colocou-a em execução naquele próprio dia.

Tinham decorrido cerca de quatro anos nas alternativas que relatamos. Ao fim do segundo, Dantés deixara de contar os dias e recaíra na ignorância do tempo de que outrora o tirara o inspetor.

Dantés dissera: “Quero morrer", e escolhera o seu gênero de morte. Então, encarara-o bem de frente e, com medo de voltar atrás na sua decisão, jurara a si mesmo morrer assim. “Quando me servirem as refeições da manhã e da tarde", pensara, “atirarei a comida pela janela e parecerá que comi."

Procedeu como prometera a si próprio proceder. Duas vezes por dia, através da aberturazinha gradeada que só lhe permitia distinguir o céu, lançava fora a comida, primeiro alegremente, depois com reflexão e depois com pesar. Precisou recorrer à lembrança do juramento que fizera a si mesmo para ter a
coragem de prosseguir o terrível desígnio. A fome canina tornava-lhe apetecíveis à vista e tentadores ao olfato aqueles alimentos que antes lhe repugnavam. Às vezes, conservava durante uma hora na mão o prato que os continha, ele olhos cravados no naco de carne ou no peixe infecto, bem como no pão negro e bolorento. Eram

os derradeiros instintos da vida que ainda lutavam nele e que de vez em quando derrubavam a sua resolução. Então, a sua masmorra já lhe não parecia tão sombria e o seu estado parecia-lhe menos desesperado. Ainda era novo; devia ter vinte e cinco anos e restavam-lhe pouco mais ou menos cinquenta anos para viver, ou
seja, duas vezes mais do que já vivera. Durante esse enorme lapso de tempo, quantos acontecimentos poderiam forçar as portas, derrubar as muralhas do Castelo de If e restituir-lhe a liberdade! Então, aproximava os dentes da comida que, Tântalo voluntário, ele próprio afastava da boca. A lembrança do seu juramento acudia-lhe ao espírito e aquela natureza generosa tinha demasiado medo de se desprezar a si mesma para faltar a esse juramento. Gastou, pois, rigoroso e implacável, a pouca existência que lhe restava e chegou um dia em que já não teve torças para se levantar e lançar pela janela o jantar que lhe traziam.

No dia seguinte já não via e quase não ouvia. o carcereiro julgou tratar-se de uma doença grave; Edmond esperava uma morte próxima.

O dia passou-se assim. Edmond sentia um vago entorpecimento que não deixava de lhe proporcionar certo bem-estar. Os arrancos nervosos do seu estômago tinham diminuído e os ardores da sede haviam-se acalmado. Quando fechava os olhos via uma quantidade de luzes brilhantes idênticas aos fogos-fátuos que percorrem de noite os terrenos pantanosos. Era o crepúsculo desse pais desconhecido chamado a morte. De súbito, à noite, por volta das nove horas, ouviu um ruído abafado na parede junto da qual estava deitado.

Tantos bichos imundos tinham vindo fazer barulho na prisão que pouco a pouco Edmond habituara-se a dormir sem que o seu sono fosse perturbado por tão pouco. Mas desta vez, quer porque os seus sentidos estivessem excitados pela abstinência, quer porque realmente o ruído fosse mais forte do que de costume, quer ainda porque naquele momento supremo tudo adquirisse importância, Edmond soergueu a cabeça para ouvir melhor.

Tratava-se de um arranhar sempre igual que parecia denotar quer uma garra enorme, quer um dente poderoso, quer finalmente a pressão de qualquer instrumento nas pedras.

Apesar de enfraquecido, o cérebro do jovem foi assaltado por essa idéia banal constantemente presente no espírito dos prisioneiros: a liberdade. Aquele barulho chegava tão precisamente no momento
em que todo o ruído ia cessar para ele que lhe parecia que Deus se mostrava enfim compadecido dos seus sofrimentos e lhe enviava aquele barulho para o avisar de que se detivesse à beira da sepultura onde o seu pé já vacilava. Quem sabe se um dos seus amigos, um desses entes queridos em que pensara tantas vezes,
não se ocupava dele naquele momento e procurava encurtar a distância que os separava.

Mas não, Edmond enganava-se sem dúvida e tratava-se de um desses sonhos que pairam à porta da morte.

Contudo, Edmond continuava a ouvir o ruído. Este durou cerca de três horas e depois Edmond ouviu uma espécie de desmoronamento, depois do qual o ruído cessou.

Poucas horas mais tarde recomeçou mais forte e mais próximo. Edmond se

interessava por aquele trabalho que lhe fazia companhia quando, de súbito, o carcereiro entrou.

Havia cerca de oito dias que resolvera morrer e quatro que começara a pôr o projeto em execução sem que Edmond dirigisse a palavra àquele homem, não lhe respondesse quando lhe perguntara de que doença julgava sofrer e se virasse para a parede quando o outro o olhara com demasiada atenção. Mas naquele dia o carcereiro poderia ouvir aquele barulho abafado, alarmar-se, pôr-lhe termo e destruir assim, talvez, não sei que esperança, cuja simples idéia fascinava os derradeiros momentos de Dantés, o carcereiro trazia o café da manhã.

Dantés soergueu-se na cama, engrossou a voz e desatou a falar de tudo quanto lhe veio à cabeça: da má qualidade da comida que o carcereiro trazia, do frio que se rapava naquela masmorra, etc., sempre murmurando e resmungando para ter o direito de gritar mais alto e cansando a paciência do carcereiro, que precisamente naquele dia solicitara para o prisioneiro doente um caldo e pão fresco e lhe trazia esse caldo e esse pão.

Felizmente, o homem julgou que Dantés delirava, pousou a comida em cima da mesa coxa em que tinha o hábito de a colocar e retirou-se.

De novo livre, Edmond pôs-se a escutar com alegria.

O ruído tornara-se tão distinto que naquele momento o jovem já o ouvia sem esforço.

“Não há dúvida", disse para consigo, “se o ruído continua, apesar de já ser dia, é porque algum pobre prisioneiro como eu trabalha para se libertar. Oh, se estivesse perto dele como o ajudaria!"

Depois, de repente, uma nuvem sombria passou sobre esta aurora de esperança naquele cérebro habituado à desgraça e que só dificilmente poderia recuperar as alegrias humanas: assaltou-o bruscamente a idéia de que o barulho poderia ser provocado pelo trabalho de alguns operários que o Governo empregasse nas reparações de uma cela contígua.

Era fácil assegurar-se disso; mas como arriscar uma pergunta? Claro que era muito simples esperar a chegada do carcereiro, fazê-lo escutar o ruído e ver o rosto que faria. Mas proporcionar-se semelhante satisfação não seria atraiçoar interesses demasiados preciosos por uma satisfação tão curta? Infelizmente a cabeça de Edmond, campânula vazia, estava dominada pelo zumbido de uma idéia. Encontrava-se tão fraco que o seu espírito pairava como um vapor e não conseguia condensar-se à volta de um pensamento. Edmond viu apenas um meio de dar clareza à sua reflexão e lucidez ao seu julgamento. Olhou para o caldo ainda fumegante que o carcereiro acabava de deixar em cima da mesa, levantou-se, aproximou-se dele cambaleante, pegou na tigela, levou-a aos lábios e engoliu a beberagem que continha com uma indizível sensação de bem-estar.

Teve então a coragem de ficar por ali. Ouvira dizer que pobres náufragos recolhidos, extenuados pela fome, tinham morrido por haverem devorado vorazmente uma alimentação demasiado substancial. Edmond pousou em cima da mesa o pão que tinha já quase ao alcance da boca e voltou a deitar-se. Desistira de
morrer.

Não tardou a sentir a luz entrar-lhe no cérebro. Todas as suas idéias vagas e quase inapreensíveis retomavam o seu lugar naquele tabuleiro de xadrez

maravilhoso, onde uma casa a mais talvez seja
suficiente para estabelecer a superioridade do homem sobre os animais. Conseguiu pensar e fortificar o pensamento com o raciocínio.

Então, disse para consigo:

“É necessário tentar a experiência, mas sem comprometer ninguém. Se o trabalhador for um operário vulgar, bastará bater na minha parede e imediatamente ele interromperá a sua tarefa para procurar adivinhar quem bate e com que fim bate. Mas se o seu trabalho não for só lícito, mas também encomendado, o retomará imediatamente. Se, pelo contrário, for um prisioneiro, o barulho que eu fizer irá assustá-lo. Receando ser descoberto, interromperá o seu trabalho e só o retomará à noite, quando julgar que todos estarão deitados e dormindo."

Edmond levantou-se imediatamente de novo. Desta vez as pernas já não lhe vacilavam nem tinha visões de fogos-fátuos. Dirigiu-se para um canto da cela, arrancou uma pedra minada pela umidade e foi bater na parede no mesmo lugar onde o barulho era mais sensível.

Bateu três vezes.

Logo à primeira, o barulho cessou como que por encanto.

Edmond escutou com toda a sua alma. Passou uma, duas horas sem que nenhum novo ruído se ouvisse; Edmond provocara do outro lado da muralha um silêncio absoluto.

Cheio de esperança, Edmond comeu um pouco de pão e bebeu alguns goles de água. Graças à poderosa constituição de que a natureza o dotara encontrou-se pouco depois como anteriormente.

Passou o dia e o silêncio manteve-se.

Anoiteceu e o barulho não recomeçou.

“É um prisioneiro", disse Edmond para consigo com indizível alegria.

Desde então a cabeça exaltou-se-lhe e a vida tornou-se-lhe violenta à força de ser ativa.

A noite passou sem que se ouvisse o menor ruído.

Edmond não pregou olho.

Amanheceu; o carcereiro entrou com a comida. Edmond já devorara os alimentos antigos e devorou os novos escutando sem cessar, à espera de um ruído que não voltava, receando que tivesse cessado para sempre, percorrendo dez ou doze léguas na sua masmorra, sacudindo durante horas inteiras os varões de ferro do seu respiradouro, recuperando a elasticidade e o vigor dos seus membros por meio de um exercício esquecido havia muito tempo, dispondo-se enfim a retomar, corpo a corpo, o seu destino futuro, como faz, estendendo os braços e esfregando o corpo com óleo, o lutador que vai entrar na arena. Depois, nos intervalos desta atividade febril, escutava se o ruído voltava, impacientando-se com a prudência daquele prisioneiro que não adivinhava que fora distraído da sua obra de libertação por outro prisioneiro que tinha, pelo menos, tanta pressa de ser livre como ele.

Passaram-se assim três dias, setenta e duas horas mortais, contadas minuto a minuto.

Por fim, uma noite, quando o carcereiro acabava de fazer a sua última visita e Dantés colava pela centésima vez o ouvido à muralha, pareceu-lhe que um

abalo imperceptível se repercutia na sua cabeça, encostada às pedras silenciosas.

Dantés recuou, para acalmar o cérebro agitado, deu algumas voltas na cela e recolocou o ouvido no mesmo lugar.

Não havia dúvida: fazia-se qualquer coisa do outro lado. O prisioneiro reconhecera o perigo da sua manobra e otara por qualquer outra. Sem dúvida, para continuar a sua obra com mais segurança, substituíra a alavanca pelo escopro.

Animado por esta descoberta, Edmond resolveu ajudar o infatigável trabalhador. Começou por afastar a cama, atrás da qual lhe parecia decorrer a obra de libertação, e procurou com os olhos um objeto com o qual pudesse atacar a muralha, arrancar o cimento úmido, desprender finalmente uma pedra.

Não viu nada. Não tinha faca nem qualquer outro instrumento cortante. De ferro só tinha os varões e quanto a estes já se assegurara muitas vezes que estavam bem presos e não valia a pena
tentar abalá -los.

Todo o seu mobiliário se compunha de uma cama, uma cadeira, uma mesa, um balde e uma bilha.

A cama tinha respigas de ferro, mas essas respigas encontravam-se presas à madeira por parafusos. Seria necessária uma chave de fenda para tirar os parafusos e arrancar as respigas.

Na mesa e na cadeira, nada; o balde tivera noutros tempos uma asa, mas essa asa desaparecera.

Só havia um recurso para Dantés: quebrar a bilha e com um dos bocados de barro talhado em ângulo meter mãos à obra.

Deixou cair a bilha no chão e a bilha voou em pedaços.

Dantés escolheu dois ou três cacos aguçados, escondeu-os na enxerga e deixou os outros espalhados pelo chão. A quebra da bilha era um acidente tão natural que ninguém se preocuparia com ele.

Edmond tinha toda a noite para trabalhar; mas na escuridão a tarefa corria mal, pois tinha de trabalhar às apalpadelas e não tardou a sentir que embotava o instrumento informe numa argamassa mais dura. Recolocou, pois, a cama no seu lugar e esperou que amanhecesse. Com a esperança, voltara-lhe também a paciência.

Durante toda a noite escutou e ouviu o mineiro desconhecido que continuava a sua obra subterrânea.

Amanheceu e o carcereiro entrou. Dantés disse-lhe que ao beber na véspera pela própria bilha esta lhe escapara das mãos, caíra e partira-se. O carcereiro foi, resmungando, buscar uma bilha nova, e nem sequer se deu ao incômodo de levar os pedaços da velha.

Voltou pouco depois, recomendou mais cuidado ao prisioneiro e saiu.

Dantés escutou com indizível alegria o chiar da fechadura, que antes lhe apertava o coração todas as vezes que se fechava. Ouviu afastar-se o ruído dos passos; depois, quando o ruído se extinguiu, saltou para a cama, que desviou, e à claridade do fraco raio de luz que peneirava na cela pode ver o trabalho inútil que fizera na noite anterior, atacando o corpo da pedra em vez da argamassa que lhe rodeava as extremidades.

A umidade tornara essa argamassa friável.

Dantes verificou, com o coração a pulsar-lhe de alegria, que a argamassa se soltava em fragmentos - fragmentos que eram quase átomos é verdade seja... Mas ao cabo de meia hora, porém Dantés já arrancara pouco mais ou menos um punhado. Um matemático poderia calcular que aproximadamente em dois anos daquele trabalho, supondo que se não encontrasse rocha, seria possível abrir uma passagem de dois pés quadrados e vinte pés de profundidade.

O prisioneiro censurou-se por não ter empregado naquele trabalho as longas horas passadas, sempre mais lentas, que perdera na esperança, na oração e no desespero.

Havia cerca de seis anos que se encontrava fechado naquela masmorra: que trabalho, por mais lento que fosse não teria feito!

Esta idéia deu-lhe novo ardor.

Em três dias conseguiu, com inauditas precauções, retirar toda a argamassa e pôr a pedra a nu. A muralha era feita de pequenas pedras de construção, no meio das quais, para aumentar a solidez, tinham colocado, a intervalos, grandes blocos de pedra aparelhados. Era uma dessas pedras que quase descarnara e que se tratava agora de fazer sair do seu alvéolo.

Dantés experimentou com as unhas, mas as unhas eram insuficientes para isso.

Os cacos da bilha, introduzidos nos intervalos, quebravam-se quando Dantés pretendia utilizá-los como alavanca.

Passado uma hora de tentativas inúteis, Dantés levantou-se, com o suor da angústia na testa.

Iria ser detido assim logo ao princípio e teria de esperar, inerte e inútil, que o vizinho, que se esfalfava do seu lado, talvez, fizesse tudo?

Passou-lhe então uma idéia pelo espírito. Ficou de pé sorrindo. A sua testa úmida de suor secou por si mesma.

O carcereiro trazia todos os dias a sopa de Dantés numa caçarola de folha-de-flandres. Essa caçarola continha a sua sopa e a do outro prisioneiro, pois Dantés notara que ou estava completamente cheia ou meio vazia, conforme o carcereiro começava a distribuição da comida por ele ou pelo seu companheiro.

A caçarola tinha um cabo de ferro. Era esse cabo de ferro que Dantés ambicionava e que pagaria, se lhe exigissem em troca, com dez anos de vida.

O carcereiro deitou o conteúdo da caçarola no prato de Dantés. Depois de comer a sopa com uma colher de pau, Dantés lavava o prato, que servia assim todos os dias. À noite, Dantés pôs o prato no chão, a meio caminho entre a porta e a mesa. Ao entrar, o carcereiro pôs o pé em cima do prato e partiu-se em mil pedaços.

Desta vez não havia nada a dizer contra Dantés: fizera mal em deixar o prato no chão, é verdade, mas o carcereiro também não vira onde punha os pés.

O carcereiro limitou-se portanto a resmungar.

Em seguida olhou à sua volta para ver onde poderia deitar a sopa; mas a baixela de Dantés limitava-se àquele único prato e não havia por onde escolher.

- Deixe a caçarola - sugeriu Dantés. - Leve-a quando me trouxer amanhã o café da manhã.

O conselho ia ao encontro da preguiça do carcereiro, que assim não tinha necessidade de subir, descer e tornar a subir. Deixou a caçarola.

Dantés estremeceu de alegria.

Desta vez comeu rapidamente a sopa e a carne que, segundo o hábito das prisões, deitavam na sopa. Em seguida, depois de esperar uma hora para ter a certeza de que o carcereiro não mudava de idéia, afastou a cama, pegou a caçarola, introduziu a ponta do cabo entre a pedra aparelhada liberta de argamassa e as pedras de construção vizinhas e começou a utilizá-la como alavanca.

Uma pequena oscilação provou a Dantés que as coisas corriam bem.

De fato, ao cabo de uma hora a pedra estava fora da parede, onde deixaram um buraco de mais de pé e meio de diâmetro.

Dantés apanhou com cuidado toda a argamassa, transportou-a para os cantos da cela, raspou a terra acinzentada com um dos fragmentos da bilha e cobriu a argamassa de terra.

Depois, disposto a tirar proveito daquela noite em que o acaso, ou antes, o excelente truque que imaginara, lhe pusera nas mãos um instrumento tão precioso, continuou a cavar com energia.

Ao amanhecer, recolocou a pedra no buraco, empurrou a cama contra a parede e deitou-se.

O café da manhã consistia num naco de pão. O carcereiro entrou e deixou-o em cima da mesa.

- Então, não traz outro prato? - perguntou Dantés.

- Não - respondeu o carcereiro. - Parte tudo, já partiu a bilha e foi o causador de lhe partir o prato. Se todos os prisioneiros dessem tanta despesa, não sei aonde o Governo havia de ir buscar dinheiro. Deixo-lhe a caçarola, onde lhe deitarei a sopa. Assim, talvez já não parta a sua baixela.

Dantés ergueu os olhos ao céu e juntou as mãos debaixo do cobertor.

Aquele pedaço de ferro que lhe deixavam fazia-lhe nascer no coração um impulso de reconhecimento ao Céu mais vivo do que o que alguma vez lhe causara no passado as maiores venturas que experimentara.

Notara, porém, que desde que começara a trabalhar o prisioneiro já não trabalhava.

Que interessava, isso não era motivo para interromper a sua tarefa. Se o vizinho não vinha ter com ele, iria ele ter com o vizinho.

Trabalhou todo o dia sem descanso. À noite, graças ao seu novo instrumento, tirara da muralha mais de dez punhados de fragmentos de pedra de construção, gesso e cimento.

Quando chegou a hora de visita, endireitou o melhor que pode o cabo da caçarola e colocou o recipiente no seu lugar habitual. O carcereiro deitou nele a costumada ração de sopa e carne - ou antes, de sopa e peixe, pois aquele era dia de jejum, um dos três dias de jejum semanais a que sujeitavam os prisioneiros. Seria mais um meio de calcular o tempo, se há muito Dantés não tivesse renunciado a tal cálculo.

Deitada a sopa, o carcereiro retirou-se.

Desta vez, Dantés quis ter a certeza se o vizinho deixara realmente de trabalhar.

Escutou.

Estava tudo silencioso como durante os três dias em que o trabalho fora

interrompido.

Dantés suspirou. Era evidente que o vizinho desconfiava dele. No entanto, não desanimou e continuou a trabalhar toda a noite. Mas após duas ou três horas de escavar, encontrou um obstáculo: o ferro já não mordia, deslizava numa superfície plana.

Dantés apalpou com as mãos e reconheceu que atingira uma viga.

A viga atravessava, ou antes, barrava inteiramente o buraco que Dantés começara.

Agora era preciso escavar por cima ou por baixo.

O pobre rapaz nunca pensara em semelhante obstáculo.

- Oh, meu Deus, meu Deus, pedi-vos tanto que esperava me tivesseis ouvido! - exclamou. - Meu Deus, depois de me terdes tirado a liberdade da vida, meu Deus! Depois de me terdes tirado a calma da morte, meu Deus! Por que me chamastes à existência, meu Deus? Tende piedade de mim e não me deixeis morrer no desespero!

- Quem fala de Deus e de desespero ao mesmo tempo? - perguntou uma voz que parecia vir de baixo da terra e que, abafada pelo local, chegava aos ouvidos do jovem com um acento sepulcral.

Edmond sentiu os cabelos eriçarem-se-lhe na cabeça e recuou nos joelhos.

- Oh, ouvi falar um homem!... - murmurou.

Havia quatro ou cinco anos que Edmond só ouvia falar o carcereiro, e para um preso o carcereiro não é homem: é uma porta viva ajustada à sua porta de carvalho; é um varão de carne entre os varões de ferro.

- Em nome do Céu - gritou Dantés --, quem falou, que volte a falar, embora a sua voz me tenha assustado! Quem é o senhor?

- E o senhor? - perguntou a voz.

- Um pobre prisioneiro - respondeu Dantés, que pela sua parte não punha nenhuma dificuldade em responder.

- De que pais?

- Francês.

- O seu nome?

- Edmond Dantés.

- A sua profissão?

- Marinheiro.

- Há quanto tempo está aqui?

- Desde 28 de Fevereiro de 1815.

- O seu crime?

- Estou inocente.

- Mas de que o acusam?

- De conspirar para regresso do imperador.

- Como? Para o regresso do imperador?... O imperador já não está no trono?

- Abdicou em Fontainebleau em 1814 e foi exilado para a ilha de Elba. Mas há quanto tempo está o senhor aqui que ignora tudo isto?

- Desde 1811.

Dantés estremeceu. Aquele homem tinha mais quatro anos de prisão do que ele.

- Bom, não escave mais - disse a voz, falando muito depressa.

- Diga-me apenas a que altura se encontra a escavação que fez.

- Rente ao chão.

- Como está escondida?

- Atrás da minha cama.

- Afastaram alguma vez a sua cama do seu lugar desde que o senhor está na cela?

- Nunca.

- Para onde dá a sua cela?

- Para uma passagem coberta.

- E a passagem coberta?

- Para o pátio.

- Pouca sorte! - murmurou a voz.

- Oh, meu Deus, que diz?! - exclamou Dantés.

- Digo que me enganei, que a imperfeição dos meus desenhos me levou a resultados errados, que a falta de uma bússola me perdeu, que uma linha de erro no meu plano equivaleu na realidade a quinze pés e que tomei a parede que o senhor abriu pela da cidadela!

- Mas então iria dar ao mar!

- Era o que eu queria.

- E se tivesse conseguido?

- Deitava-me a nado, alcançava uma das ilhas que rodeiam o Castelo de If, quer a ilha de Daume, quer a ilha de Tiboulen, quer até a costa, e estava salvo.

- Conseguiria nadar até lá?

- Deus me daria forças. E agora está tudo perdido!

- Tudo?

- Sim. Tape o seu buraco, com precaução, não trabalhe mais, não faça nada e espere as minhas notícias.

- Quem é, ao menos? Ao menos diga-me quem é!

- Sou... sou... nº 27.

- Desconfia de mim? - perguntou Dantés.

Edmond julgou ouvir como que um riso amargo transpor a abôbada e subir até ele.

- Oh, sou um bom cristão! - gritou, adivinhando instintivamente que aquele homem tencionava abandoná-lo. - Juro-lhe por Cristo que mais depressa me deixarei matar do que entrever aos seus carrascos e aos meus a sombra da verdade. Mas em nome do Céu não me prive da sua presença, não me prive da sua voz, suplico-lhe, pois cheguei ao limite das minhas forças e juro-lhe que partirei a cabeça contra a muralha e o senhor será culpado da minha morte.

- Que idade tem? A sua voz parece a de um rapaz.

- Não sei a minha idade, porque não contei o tempo desde que estou aqui. O que sei é que ia fazer dezenove anos quando fui preso, em 28 de Fevereiro de 1815.

- Ainda não completou vinte e seis anos - murmurou a voz. -- bom, nessa idade ainda se não é um traidor.

- Oh, não, não! Juro-lhe - repetiu Dantés. - já lhe disse e repito que mais depressa me deixarei fazer em pedaços do que o atraiçoarei.

- Fez bem em falar-me; fez bem em pedir-me, porque ia formar outro plano e afastar-me de você. Mas a sua idade tranquiliza-me. Irei ter consigo; espere por mim.

- Quando?

- Tenho de calcular as nossas probabilidades. Depois lhe darei sinal.

- Mas não me abandonará, não me deixará sozinho, virá ter comigo ou me permitirá que vá ter consigo? Fugiremos juntos, e se não pudermos fugir falaremos, o senhor das pessoas que lhe são queridas e eu das minhas. Decerto tem alguém que lhe é querido?...

- Estou só no mundo.

- Então, seremos amigos. Se for novo, serei seu camarada; se for velho, serei seu filho. O meu pai deve ter setenta anos, se ainda é vivo. Não amava mais ninguém a não ser ele e uma moça chamada Mercedes. O meu pai não me esqueceu, tenho a certeza; mas ela, só Deus sabe se ainda pensa em mim. Amá-lo-ei como amava o meu pai.

- Pois sim, amanhã - disse o prisioneiro.

Estas poucas palavras foram proferidas com um acento que convenceu Dantés. Não perguntou mais nada, levantou-se, tomou as mesmas precauções com os fragmentos tirados da parede do que as que já tomara com os anteriores e empurrou a cama contra a muralha.

Desde então, Dantés entregou-se por completo à sua felicidade. Nunca mais estaria só, decerto, talvez até conseguisse ser livre. Na pior das hipóteses, se continuasse prisioneiro, teria um companheiro. Ora o cativeiro compartilhado não passa de meio cativeiro. Os queixumes em comum são quase preces; preces que se rezam a dois são quase ações de graças.

Dantés andou durante todo o dia de um lado para o outro na sua cela, com o coração a pular de alegria. De vez em quando, a alegria sufocava-o. Sentava-se então na cama e comprimia o peito com a mão. Ao mais pequeno ruído que ouvia na passagem coberta, saltava para a porta. Uma vez ou duas, o receio de que o separassem daquele homem que não conhecia, mas que no entanto estimava já como um amigo, passou-lhe pela cabeça. Se isso acontecesse, estava decidido: no momento em que o carcereiro afastasse a cama e baixasse a cabeça para examinar o buraco, partir-lha-ia com a laje em que estava pousada a bilha.

O condenariam à morte, bem o sabia; mas não morreria de aborrecimento e desespero desde o momento em que aquele ruído miraculoso o restituíra à vida.

O carcereiro veio à noitinha. Dantés estava na cama, onde lhe parecia que guardava a melhor cobertura inacabada. Decerto fitou o visitante importuno com olhar estranho, pois o homem disse-lhe:

- Então, está cada vez mais louco?

Dantés não respondeu; receava que a emoção da sua voz o atraiçoasse.

O carcereiro retirou-se abanando a cabeça.

Quando anoiteceu, Dantés julgou que o vizinho aproveitaria o silêncio e a escuridão para reatar a conversa consigo, mas enganava-se; a noite passou sem que nenhum ruído respondesse à sua febril expectativa. Mas no dia seguinte, depois da visita da manhã, quando afastou a cama da muralha, ouviu três pancadas a intervalos regulares e precipitou-se de joelhos

- É o senhor? - perguntou. - Estou aqui!

- O seu carcereiro já foi embora? - perguntou a voz.

- Já - respondeu Dantés - e só voltará à tardinha. Temos doze horas de liberdade.

- Posso portanto trabalhar? - insistiu a voz.

- Pode, sim, e imediatamente, agora mesmo, suplico-lhe.

Ato contínuo a porção de terra em que Dantes, meio metido na abertura, apoiava as mãos pareceu ceder debaixo dele. Recuou, enquanto uma massa de terra e pedras soltas se precipitava num buraco acabado de, abrir por baixo da abertura que ele próprio fizera. Então, no fundo desse buraco escuro e cuja profundidade não podia calcular, viu aparecer uma cabeça, ombros e finalmente um homem completo, que saiu com bastante agilidade da escavação praticada.

Capítulo XVI

Um sábio italiano

Dantés recebeu nos braços o novo amigo tanto e tão impacientemente esperado e puxou-o para a sua janela, a fim de que a pouca luz que penetrava na cela o iluminasse por completo.

Era um homem baixinho, de cabelos embranquecidos mais pelo sofrimento do que pela idade, olhos penetrantes ocultos sob sobrancelhas espessas já grisalhas e barba ainda preta que lhe descia até ao peito. A magreza do rosto, sulcado por rugas profundas, e a linha ousada dos seus traços característicos revelavam um homem mais habituado a exercer as suas faculdades morais do que físicas. A testa do recém-chegado estava coberta de suor.

Quanto ao seu vestuário, era impossível distinguir a sua forma primitiva, pois caía em farrapos.

Parecia ter, pelo menos, sessenta e cinco anos, embora certo vigor nos movimentos denotasse que talvez tivesse menos idade do que a que o fazia parecer o longo cativeiro.

Acolheu com uma espécie de prazer as exclamações entusiastas do rapaz; a sua alma gelada pareceu por um instante aquecer e derreter-se ao contato com aquela alma ardente. Agradeceu-lhe a sua cordialidade com certo calor, apesar de a sua decepção ter sido grande por encontrar segunda masmorra onde julgava encontrar a liberdade.

- Antes de mais nada - disse --, vejamos se há maneira de fazer desaparecer aos olhos dos seus carcereiros os vestígios da minha passagem. Toda a nossa tranquilidade futura assenta na ignorância do que se passou.

Inclinou-se então para a abertura, pegou na pedra, que levantou facilmente apesar do seu peso, e meteu-a no buraco.

- Esta pedra foi arrancada com muita negligência - declarou, abanando a cabeça.- Não tem ferramentas?

- E o senhor, as tem? - perguntou Dantés, atônito.

- Arranjei algumas. Excetuando uma lima, tenho tudo o que preciso: escopro, alicate, alavanca...

- Oh, gostaria de ver esses produtos da sua paciência e da sua indústria - declarou Dantés.

- Olhe, para começar aqui tem um formão.

E mostrou-lhe uma lâmina forte e aguçada, encabada num bocado de madeira de faia.

- De que fez isto? - perguntou Dantés.

- De uma das dobradiças da minha cama. Foi com este instrumento que abri todo o caminho que me conduziu aqui: cinquenta pés, aproximadamente.

- Cinquenta pés! - exclamou Dantés, com uma espécie de terror.

- Fale baixo, rapaz, fale mais baixo; é frequente escutarem às portas dos prisioneiros.

- Sabem que estou sozinho.

- Não importa.

- Diz que escavou cinquenta pés para chegar aqui?

- Sim. É, pouco mais ou menos, a distância que separa a minha cela da sua. Simplesmente, calculei mal a minha curva, por falta de instrumento de geometria para estabelecer a minha escala de proporções: em vez de quarenta pés de elipse, encontrei cinquenta. Julgava assim, como lhe disse, chegar à parede exterior, furá-la e atirar-me ao mar. Mas segui ao longo da passagem coberta para onde dá a sua cela, em vez de passar por baixo. Todo o meu trabalho está perdido porque essa passagem dá para um pátio cheio de guardas.

- É verdade - concordou Dantés. - Mas a passagem só acompanha um lado da minha cela e a minha cela tem quatro.

- Sim, sem dúvida, mas em primeiro lugar aqui está um que tem como muralha o rochedo. Seriam precisos dez anos de trabalho a dez mineiros munidos de todas as ferramentas próprias para furar
o rochedo. Este deve ficar encostado aos alicerces dos aposentos do governador. Cairíamos nas caves, que fecham evidentemente à chave, e seriamos apanhados. O outro lado da... Espere, para onde da o outro lado?

- Esse lado era aquele onde se abria a seteira através da qual entrava a luz - seteira que ia sempre estreitando até ao momento que dava entrada à luz e pela qual uma criança não conseguiria decerto passar. Além disso, guarneciam-na três ordens de varões de ferro capazes de tranquilizar a respeito de uma evasão por esse meio o carcereiro mais desconfiado.

Ao mesmo tempo que fazia a pergunta, o recém-chegado ia arrastando a mesa para debaixo da janela.

- Suba para cima da mesa - disse a Dantés.

Dantés obedeceu, subiu para cima da mesa e, adivinhando as intenções do companheiro, encostou-se à parede e estendeu-lhe as mãos.

Aquele que dera como nome o número da sua cela e cujo verdadeiro nome Dantés ainda ignorava, subiu então mais rapidamente do que a sua idade poderia fazer pressagiar, com uma habilidade de gato
ou de lagarto, primeiro para cima da mesa, depois da mesa para as mãos de Dantés e depois das mãos para os ombros, curvado em dois, porque a abôbada da cela o impedia de se endireitar, meteu a cabeça entre a primeira ordem de varões e conseguiu assim ver de cima para baixo.

Passado um instante, retirou vivamente a cabeça.

- Oh, oh! - exclamou. - Bem me parecia...

Deixou-se escorregar ao longo do corpo de Dantés para cima da mesa e da mesa saltou para o chão.

- Bem lhe parecia o que? - perguntou o rapaz, ansioso, saltando por seu turno atrás dele.

O velho prisioneiro meditava.

- Sim, é isso... - disse por fim. - O quarto lado da sua cela da para uma galeria exterior, espécie de caminho de ronda, onde passam as patrulhas e fazem guarda sentinelas.

- Tem certeza?

- Vi a barretina do soldado e a extremidade da espingarda e retirei-me precipitadamente com receio de que ele também me visse.

- E agora? - perguntou Dantés.

- Bem vê que é impossível fugir pela sua cela.

- Então... - continuou o rapaz, em tom interrogativo.

- Então - perguntou o velho prisioneiro --, que seja feita a vontade de Deus!

E uma expressão de profunda resignação espalhou-se pelo rosto do velhote.

Dantés olhou aquele homem que renunciava assim e com tanta filosofia a uma esperança alimentada havia tanto tempo. Olhou-o com um espanto laivado de admiração.

- Quer agora dizer-me quem é? - perguntou Dantés.

- Oh, meu Deus, quero, se isso ainda lhe pode interessar; agora que já não posso lhe ser útil em nada!

- Pode me ser útil confortando-me e amparando-me, pois parece-me forte entre os fortes.

O abade sorriu tristemente.

- Sou o abade Faria - apresentou-se o prisioneiro - e desde 1811 que me encontro, como sabe, no Castelo de If. Mas primeiro estive três anos encerrado na Fortaleza de Fenestrelle. Em 1811 transferiram-me do Piemonte para França. Foi então que soube que o destino, que nessa época lhe parecia submisso, dera um filho a Napoleão e que esse filho fora designado no berço rei de Roma. Estava longe de suspeitar então do que você me disse há pouco, isto é, que passados quatro anos o colosso seria derrubado. Quem reina agora na França? Napoleão II?

- Não, Luís XVIII.

- Luís XVIII, o irmão de Luís XVI! Os decretos do Céu são estranhos e misteriosos. Qual foi a intenção da Providência abaixando o homem que elevara e elevando o que abaixara?

Dantés seguia com os olhos aquele homem que esquecia por instantes o seu próprio destino para se preocupar assim com os destinos do mundo.

- Sim, sim - continuou --., é como na Inglaterra: depois de Carlos I, Cromwell; depois de Cromwell, Carlos II, e depois de Carlos II talvez qualquer genro, qualquer parente, qualquer príncipe de Orange. Um stathouder que se fará rei. E então novas concessões ao povo, então uma constituição, então a liberdade! Você verá isso, rapaz - declarou virando-se para Dantés fitando-o com olhos brilhantes e profundos como deviam ser os dos profetas. - Ainda está em

idade de o ver e o verá.

- Sim, se sair daqui.

- Tem razão - admitiu o abade Faria. - Estamos presos, embora haja momentos em que o esqueço e, porque os meus olhos trespassam as muralhas que me encerram, me julgue em liberdade.

- Mas por que está preso?

- Eu? Porque sonhei em 1807 o projeto que Napoleão quis realizar em 1811. Porque, como Maquiavel no meio de todos esses principelhos que faziam da Itália um ninho de reinozinhos tirânicos e fracos, quis um grande e único império, sólido e forte. Porque julguei encontrar o meu César Bórgia num parvo coroado, que simulou compreender para melhor me trair. Era o projeto de Alexandre VI e Clemente VII. Esse projeto nunca
ir a diante, pois empreenderam-no inutilmente e Napoleão não poderá acabá-lo. Decididamente, a Itália está amaldiçoada!

E o velhote baixou a cabeça.

Dantés não compreendia como podia um homem arriscar a vida por semelhantes interesses. É certo que conhecia Napoleão por o ter visto e lhe ter falado, ignorava completamente, em contrapartida, quem eram Clemente VII e Alexandre VI.

- O senhor não é - perguntou Dantés, começando a perfilhar a opinião do carcereiro, que era a opinião geral no Castelo de If - o padre que dizem estar... doente?

- Que dizem estar louco, é o que quer dizer, não é verdade?

- Não me atrevia... - confessou Dantés, sorrindo.

- Sim, sim - continuou Faria, com um riso amargo. - Sim, sou eu que passo por louco; sou eu que divirto há tanto tempo os hóspedes desta prisão, e que divertiria as criancinhas se houvesse crianças na morada da dor sem esperança.

Dantés permaneceu um instante imóvel e calado.

- Quer dizer que renuncia a fuga? - perguntou.

- Vejo a fuga impossível. E rebelarmo-nos contra Deus tentarmos o que Deus não quer que se realize.

- Não vale a pena desanimar. Seria também pedir demasiado à Providência querer triunfar à primeira tentativa. Não pode recomeçar em sentido contrário a este?

- Sabe porventura o que fiz para falar assim de recomeçar? Sabe que levei quatro anos fazendo as ferramentas que possuo? Sabe que há dois anos que raspo e escavo uma terra dura como o granito?
Sabe que tive de descarnar pedras que noutros tempos julgaria impossível remover, que passei dias inteiros nesse labor titânico e que às vezes à noite me sentia feliz quando tinha retirado uma polegada quadrada dessa velha argamassa, tornada tão dura como a própria pedra? Sabe que para esconder toda essa terra e
todas essas pedras tive de furar a abóbada de uma escada, em cujo tambor todos esses escombros foram pouco a pouco lançados, pelo que agora o tambor está cheio e eu não saberia onde meter nem mais um punhado de pô? Sabe, finalmente, que julgava chegar ao fim de todos os meus trabalhos, que me sentia com a forca exata para executar essa tarefa e que Deus, não só recua esse

objetivo como ainda o transporta não sei para onde? Oh, digo-lhe e repito-lhe que daqui em diante não farei mais nada para tentar reconquistar a minha liberdade, visto a vontade de Deus ser que a perca para sempre!

Edmond baixou a cabeça para não confessar àquele homem que a alegria de ter um companheiro o impedia de compartilhar, como deveria, a dor que experimentava o prisioneiro por não conseguir fugir.

O abade Faria deixou-se cair na cama de Edmond e Edmond fiou de pé.

O jovem nunca pensara na fuga. Há coisas que parecem de tal modo impossíveis que nem sequer nos ocorre a idéia de as tentar e que evitamos instintivamente. Furarmos cinquenta pés debaixo de terra; dedicarmos a essa operação três anos de trabalho para chegarmos, se formos bem sucedidos, a um precipício aberto a pique sobre o mar, precipitarmo-nos de cinquenta, sessenta ou talvez cem pés para nos esmagarmos caindo de cabeça sobre qualquer rochedo, se primeiro nos não matar a bala de uma
sentinela; sermos obrigados, se conseguirmos escapar a todos esses perigos, a nadar uma légua - tudo isso seria mais do que suficiente para nos resignarmos, e como vimos Dantés quase levara essa resignação até à morte.

Mas agora que o jovem vira um velho agarrar-se à vida com tanta energia e dar-lhe o exemplo das soluções desesperadas, pôs-se a refletir e a avaliar a sua coragem. Outro tentara o que ele nem lhe passara pela cabeça fazer; outro, menos novo, menos forte, menos destro do que ele, arranjara, a poder de habilidade e paciência, todos os instrumentos de que necessitara para essa incrível operação que apenas uma medida mal tirada fizera malograr; ora se outro conseguira tudo isso, nada era impossível a Dantés. Faria furara cinquenta pés; ele furaria cem. Aos cinquenta anos, Faria dedicara três à sua obra; ele, que tinha apenas metade da idade de Faria, dedicar-lhe-ia seis. Faria, abade, sébio, homem de igreja, não receava correr o risco da travessia do Castelo de If para a ilha de Daume, de Ratonneau ou de Lemaire; ele, Edmond, marinheiro; ele, Dantés, ousado mergulhador que muitas vezes fora buscar um ramo de coral no fundo do mar, hesitaria em nadar uma légua? De que tempo precisava para nadar uma légua? Uma hora? Pois bem, não
passara horas inteiras no mar sem pôr pé em terra? Não, não, Dantés não necessitava de ser encorajado pelo exemplo. Tudo o que outro fizesse ou pudesse fazer, Dantés faria.

O jovem refletiu um instante.

- Encontrei o que o senhor procurava - disse ao velho.

Faria estremeceu.

- Você? - disse, levantando a cabeça com um ar que indicava que se Dantés dizia a verdade o desânimo do seu companheiro não seria de longa duração. - Você? Vejamos, que foi que encontrou!

- A galeria que furou para vir da sua cela até aqui estende-se no mesmo sentido da galeria exterior, não é verdade?

- É.

- E só deve distar dela uns quinze passos?

- No máximo.

- Bom, mais ou menos a meio da galeria abrimos um caminho que forme como que o braço de uma Cruz. Desta vez, tirará melhor as suas medidas.

Desembocamos na galeria exterior, matamos a sentinela e fugimos. Para que o plano de resultado é preciso apenas coragem, e essa tem-na o senhor; vigor, e esse não me falta. Isto sem falar da paciência, de que já deu provas e eu darei as minhas.

- Um instante - atalhou o abade. - Você ignora, meu caro companheiro, de que espécie é a minha coragem e como tenciono empregar a minha força. Quanto à paciência, creio ter sido bastante paciente recomeçando todas as manhãs a tarefa da noite e todas as noites a tarefa do dia. Mas então, ouça bem o que lhe digo, rapaz, parecia-me que servia Deus libertando uma das suas criaturas que, estando inocente, não pudera ser condenada.

- Mas então - perguntou Dantés --, as coisas não estão no mesmo pé? Foi porventura reconhecido culpado desde que me encontrou?

- Não, mas também não o quero vir a ser. Até aqui julgava ter de me haver apenas com coisas, mas agora você propõe-me haver-me com homens. Furei uma parede e destruí uma escada, mas não furarei
um peito nem destruirei uma existência.

Dantés fez um leve gesto de surpresa.

- Como, podendo ser livre se prenderia com semelhante escrúpulo - perguntou.

- Tal como você próprio - perguntou Faria. - Por que motivo não agrediu, uma noite, o seu carcereiro com o pé da sua mesa, vestiu as roupas dele e tentou fugir?

- Porque a idéia não me acudiu - respondeu Dantés.

- Porque tem tal horror instintivo a semelhante crime, tal horror que nem sequer pensou nele - prosseguiu o velhote.

- Porque nas coisas simples e permitidas os nossos apetites naturais advertem-nos de que nos não devemos desviar da linha do nosso direito. O tigre, que derrama sangue por natureza, porque é essa a sua condição, o seu destino, só precisa de uma coisa: que o faro o previna de que tem uma presa ao seu alcance.
Salta imediatamente sobre ela, cai-lhe em cima e despedaça-a. É o seu instinto e obedece-lhe. Mas ao homem, pelo contrário, repugna o sangue. Não são de modo algum as leis sociais que repudiam o
assassínio, são as leis naturais.

Dantés ficou contuso. Era, com efeito, a explicação do que estava se passando sem ele saber no seu espírito, ou antes, na sua alma, pois há pensamentos que vêm da cabeça e outros que vêm do coração.

- E depois - continuou Faria --, desde que estou preso, há perto de doze anos, já revi em espírito todas as evasões célebres. Só raramente vi as evasões serem bem sucedidas. As evasões que resultam, as evasões coroadas de pleno êxito, são as evasões meditadas com cuidado e preparadas lentamente. Foi assim que o duque de Beaufort fugiu do Castelo de Vincennes, o abade Dubuquoi do Fort-l'evêque e Latude da Bastilha. Há ainda aquelas que se devem ao acaso; essas são as melhores. Acredite em mim: esperemos
uma oportunidade, e se essa oportunidade se apresentar, aproveitemo-la.

- O senhor pode esperar - observou Dantés suspirando. - Esse longo trabalho era para si uma ocupação de todos os instantes e quando não linha o seu

trabalho para se distrair tinha as suas esperanças para se confortar.

- Bom, não me ocupava só disso.

- Que mais fazia?

- Escrevia ou estudava.

- Davam-lhe papel, penas e tinta?

- Não, mas eu os fazia - respondeu o abade.

- O senhor... o senhor faz papel, penas e tinta?! - exclamou Dantés.

- Faço.

Dantés olhou para aquele homem com admiração. Simplesmente, tinha ainda dificuldade em acreditar no que ele dizia. Faria notou essa ligeira dúvida.

- Quando for à minha cela - disse-lhe o abade --, lhe mostrarei uma obra completa, resultado dos pensamentos, das investigações e das reflexões de toda a minha vida, que meditei à sombra do Coliseu de Roma: ao pé da Coluna de S. Marcos, em Veneza; nas margens do Arno, em Florença, etc., e que estava quase certo de que um dia os meus carcereiros me deixariam tempo para executar entre as quatro paredes do Castelo de If. É um Tratado sobre a Possibilidade de Uma Monarquia Geral na Itália. Dará um grande
volume inquarto.

- E como o escreveu?

- Em duas camisas. Inventei um preparado que torna o pano liso e compacto como o pergaminho.- é portanto químico?

- Um pouco. Conheci Lavoisier e Cabanis.

- Mas para escrever semelhante obra precisou proceder a investigações históricas. Tinha livros para isso?

- Em Roma, tinha cerca de cinco mil volumes na minha biblioteca. À força de os ler e reler, descobri que com cento e cinquenta obras bem escolhidas se obtém, senão o resumo completo dos conhecimentos humanos, pelo menos tudo o que é útil a um homem saber. Dediquei três anos da minha vida a ler e reler esses cento e cinquenta volumes, de forma que já os sabia pouco mais ou menos de cor quando fui preso. Na prisão, com um ligeiro esforço de memória, recordei-os por completo. Assim, poderia citar-lhe Tucídides, Xenofonte, Plutarco, Tito Lívio, Tácito, Estrada, Jornandes, Dante, Montaigne, Shakespeare, Espinosa, Maquiavel e Bossuet. E só lhe cito os mais importantes.

- Mas então sabe várias línguas?

- Falo cinco línguas vivas: alemão, francês, italiano, inglês e espanhol. Com o auxílio do grego antigo compreendo o grego moderno; simplesmente falo-o mal, mas estudo-o neste momento.

- Estuda-o? - estranhou Dantés.

- Sim. Fiz um vocabulário das palavras que conheço e as dispus, combinei-as, virei-as e revirei-as de forma a bastarem-me para exprimir o meu pensamento. Sei cerca de três mil palavras, em rigor tudo o que preciso, embora, segundo creio, os dicionários registrem cem mil. Bom, não serei eloquente, mas me farei compreender às mil maravilhas e isso me basta.

Cada vez mais atônito, Edmond começava a achar quase sobrenaturais as faculdades daquele homem estranho. Quis apanh -lo em falta em qualquer coisa e continuou:.

- Mas se não lhe deram penas, como conseguiu escrever esse tratado tão

volumoso?

- Fi-las excelentes, a ponto de serem preferidas às penas vulgares se o material fosse conhecido, com as cartilagens das cabeças dessas enormes pescadas que às vezes nos dão nos dias de jejum. Por isso vejo sempre chegar com grande prazer as quartas-feiras, as sextas-feiras e os sábados, pois me dão a esperança de aumentar a minha provisão de penas, e os meus trabalhos históricos são, confesso-o, a minha mais agradável ocupação. Recuando no passado, esqueço o presente; percorrendo livre e independente a História, esqueço-me de que estou preso.

- Mas a tinta? - insistiu Dantés. - Como obtém a tinta?

- Dantes, havia uma chaminé na minha cela - respondeu Faria. - Essa chaminé foi tapada algum tempo antes da minha chegada, sem dúvida, mas durante longos anos fizera-se fogo nela e todo o interior ficou coberto de fuligem. Dissolvo a fuligem numa porção do vinho que me dão todos os domingos e obtenho uma tinta excelente. Para escrever as notas especiais e que têm necessidade de dar nas vistas, pico os dedos e escrevo com o meu sangue.

- E quando poderia ver tudo isso? - perguntou Dantés.

- Quando quiser - respondeu Faria.

- Oh, imediatamente! - exclamou o rapaz.

- Nesse caso, acompanhe-me - disse o abade.

E penetrou na galeria subterrânea, onde desapareceu. Dantés seguiu-o.

Capítulo XVII

A cela do abade

Depois de passar curvado, mas mesmo assim com bastante facilidade, pela passagem subterrânea, Dantés chegou à extremidade oposta da galeria que dava para a cela do abade. Aí, a passagem estreitava e oferecia apenas o espaço suficiente para um homem poder deslizar rastejando. A cela do abade era lajeada. Fora levantando uma das lajes colocadas no canto mais escuro que ele começara a laboriosa operação de que Dantés vira o fim.

Mal entrou e se pôs de pé, o jovem examinou a cela com grande atenção. À primeira vista, não apresentava nada de especial.

- Bom - disse o abade --, é apenas meio-dia e um quarto e ainda temos aí umas horas diante de nós.

Dantés olhou à sua volta à procura do relógio em que o abade pudera ver as horas de forma tão precisa.

- Veja esse raio de luz que entra pela minha janela - disse o abade - e veja depois as linhas que tracei na parede. Graças a essas linhas, que se combinam com o duplo movimento da Terra e a elipse que ela descreve à volta do Sol, sei mais exatamente a hora do que se tivesse um relógio, porque um relógio desacerta-se, ao passo que o Sol e a Terra nunca se desacertam.

Dantés nada compreendera desta explicação, pois sempre julgara, ao ver o Sol levantar-se detrás das montanhas e pôr-se no Mediterrâneo, que era ele que

andava e não a Terra. O duplo movimento do Globo onde morava e de que no entanto se não apercebia parecia-lhe quase impossível. Em cada palavra do seu interlocutor via mistérios da ciência tão interessantes de aprofundar como as minas de ouro e diamantes que visitara numa viagem que fizera ainda quase criança a Guzarate e a Golconda.

- Vamos - disse ao abade --, tenho pressa de examinar os seus tesouros.

O abade dirigiu-se para a chaminé, deslocou com o formão, que continuava a trazer na mão, a pedra que formava antes a lareira e que ocultava uma cavidade bastante profunda.

Era nessa cavidade que se encontravam guardados todos os objetos de que falara a Dantés.

- Que quer ver primeiro? - perguntou-lhe.

- Mostre-me a sua grande obra sobre a monarquia na Itália.

Faria tirou do precioso esconderijo três ou quatro rolos de pano, enrolados como folhas de papiro. Eram tiras de pano com cerca de quatro polegadas de largura e dezoito de cumprimento. Essas tiras, numeradas, estavam cobertas de uma escrita que Dantés pode ler, pois fora traçada na língua materna do abade, isto é, o italiano, idioma que, na sua qualidade de provençal, Dantés compreendia perfeitamente.

- Veja - disse-lhe ele --, está tudo aqui. Há mais ou menos oito dias que escrevi a palavra “fim" no fundo da sexagésima oitava tira. Para as fazer rasguei duas das minhas camisas e todos os lenços que possuía. Se algum dia voltar a ser livre e houver em toda a Itália um editor que se atreva a editá-la a minha reputação está feita.

- Claro, bem vejo - respondeu Dantés. - E agora mostre-me, peço-lhe, as penas com que escreveu esta obra.

- Veja - disse Faria.

E mostrou ao jovem uma hastezinha de seis polegadas de comprimento e da grossura do cabo de um pincel, na extremidade e à volta do qual se encontrava ligada por uma linha uma das tais cartilagens, ainda suja de tinta, de que o abade falará a Dantés. Era alongada em bico e tendida como uma pena vulgar.

Dantés examinou-a e procurou com a vista o instrumento com que pudera ser talhada tão corretamente.

- Ah, sim! - disse Faria. - O canivete, não é verdade? É a minha obra-prima. Fi-lo, assim como esta faca, de um velho castiçal de ferro.

O canivete cortava como uma navalha de barba. Quanto à faca, tinha a vantagem de poder servir ao mesmo tempo de faca e punhal.

Dantés examinou os diversos objetos com a mesma atenção com que nas lojas de curiosidades de Marselha examinara noutros tempos, vezes, instrumentos executados por selvagens e trazidos dos mares
do Sul pelos comandantes de longo curso.

- Quanto à tinta - disse Faria --, já sabe como procedo. Faço-a à medida que preciso dela.

- Agora há ainda uma coisa que me admira - declarou Dantés - que os dias lhe tenham chegado para fazer tudo isso.

- Também tinha as noites - respondeu Faria.

- As noites? Não me diga que é da natureza dos gatos e vê claro durante a

noite!

- Não, mas Deus deu, ao homem a inteligência para o compensar da pobreza dos sentidos. Arranjei luz.

- Como?

- Retiro a gordura da carne que me dão, derreto-a e obtenho assim uma espécie de óleo grosso. Olhe, aqui tem a minha vela.

E o abade mostrou a Dantés uma espécie de lampião semelhante aos da iluminação pública.

- Mas o lume?

- Aqui tem duas pedras e pano queimado.

- E as acendalhas?

- Simulei uma doença de pele e pedi enxofre, que me deram.

Dantés pousou os objetos que tinha na mão em cima da mesa e baixou a cabeça, esmagado pela perseverança e pela força daquele espírito.

- Mas isto não é tudo - continuou Faria. - Não devemos guardar todos os nossos tesouros num único esconderijo. Fechemos este.

Empurraram a laje para o seu lugar. O abade espalhou um pouco de pô por cima dela e depois passou o pé para fazer desaparecer qualquer vestígio de solução de continuidade, dirigiu-se para a cama e afastou-a.

Atrás da cabeceira, oculto por uma pedra que o fechava com uma hermeticidade quase perfeita, havia um buraco, e nesse buraco uma escada de corda de vinte e cinco a trinta pés de comprimento.

Dantés examinou-a. Era de uma solidez a toda a prova.

- Quem lhe forneceu a corda necessária a este trabalho maravilhoso? - perguntou Dantés.

- Primeiro, utilizei algumas camisas que possuía; depois, os lençóis da minha cama, que desfiei durante os três anos de cativeiro em Fenestrelle. Quando me transferiram para o Castelo de If encontrei maneira de trazer comigo esses fios e continuei aqui o trabalho.

- E nunca descobriram que os lençóis da sua cama não tinham bainha?

- Voltava a fazê-la.

- Com quê?

- Com esta agulha.

E o abade abriu um farrapo do seu vestuário e mostrou a Dantés uma haste comprida, aguçada e ainda enfiada, que trazia consigo.

- Sim - continuou Faria --, primeiro pensei em descravar esses varões e fugir pela janela, que é um bocadinho mais larga do que a sua, como vê, e que teria alargado mais no momento da minha evasão. Mas descobri que a janela dava para o pátio interior e renunciei ao meu projeto por ser demasiado arriscado. No
entanto, conservei a escada para uma circunstância imprevista, para uma dessas evasões de que lhe falei e que o acaso proporciona.

Embora parecesse examinar a escada, Dantés pensava desta vez em outra coisa. Atravessara-lhe o espírito uma idéia. Aquele homem tão inteligente, tão engenhoso, tão profundo, talvez visse claro nas trevas da sua própria desgraça, onde ele mesmo nunca conseguira distinguir fosse o que fosse.

- Em que pensa? - perguntou-lhe o abade sorrindo e tomando o

absorvimento de Dantés por uma admiração levada ao mais alto grau.

- Antes de mais nada penso numa coisa: na soma enorme de inteligência que teve de despender para atingir o fim que se propusera. Que não faria portanto livre?

-- Nada, talvez. Esse extravasamento do meu cérebro se evaporaria em futilidades. É necessário sermos tocados pela desgraça para escavarmos certas minas misteriosas ocultas na inteligência humana; é necessário haver pressão para fazer explodir a pólvora. O cativeiro concentrou num só ponto todas as minhas faculdades que pairavam por aqui e por aí. Entrechocaram-se num espaço acanhado e, como sabe, de choque das nuvens resulta a eletricidade da eletricidade o relâmpago e do relâmpago a luz.

- Não, não sei nada - disse Dantés, abatido pela sua ignorância.

- Parte das palavras que profere são para mim palavras vazias de sentido. Não calcula como é feliz por ser assim tão sábio!

O abade sorriu.

- Pensava em duas coisas, não era o que dizia há pouco?

- Era.

- E deu-me a conhecer a primeira. Qual é a segunda?

- A segunda é que o senhor me contou a sua vida e não sabe nada a respeito da minha.

- A sua vida, rapaz, é muito curta para encerrar acontecimentos de qualquer importância.

- Encerra uma enorme desgraça - declarou Dantés. - Uma desgraça que eu não merecia. E desejaria, para não voltar a blasfemar contra Deus como fiz algumas vezes, poder atribuir aos homens a minha desgraça.

- Diz que está inocente do crime que lhe imputam?

- Completamente inocente, juro sobre a cabeça das duas únicas pessoas que me são queridas: sobre a cabeça de meu pai e sobre a cabeça de Mercedes.

- Vejamos - declarou o abade, fechando o esconderijo e empurrando a cama para o seu lugar --, conte-me a sua história.

Dantés contou então o que chamava a sua história e que se limitava a uma viagem à índia e a duas ou três viagens ao Levante. Finalmente chegou à sua última travessia, à morte do comandante Leclére, ao embrulho entregue por ele para o grande marechal, ao encontro com este, à carta entregue por ele e dirigida ao Sr. Noirtier e finalmente à sua chegada a Marselha, à sua festa de noivado, à sua prisão, o seu interrogatório, à sua detenção provisória no Palácio da Justiça e por último à sua prisão definitiva no Castelo de If. Chegado a este ponto, Dantés não sabia mais nada, nem mesmo o tempo a que já estava preso. Terminado o relato, o abade refletiu profundamente.

- Há - disse ao cabo de um instante - um axioma de direito de uma grande profundidade. Voltando ao que lhe dizia há pouco, a menos que os meus pensamentos provenham de uma organização falseada, à natureza humana repugna o crime. Contudo, a civilização moderna deu-nos necessidades, vícios, apetites fictícios, etc., que por vezes conseguem abafar os nossos bons instintos e conduzir-nos ao mal. Daí esta máxima: “Se quereis descobrir o culpado, começai por procurar aquele a quem o crime cometido possa ser útil!" A quem poderia ser útil o seu desaparecimento?

- A ninguém, meu Deus! Eu era tão insignificante.

- Não responda assim, porque à resposta falta ao mesmo tempo lógica e filosofia. Tudo é relativo, meu caro amigo, desde o rei que incomoda o seu futuro sucessor até ao empregado que incomoda o supranumerário. Se o rei morre, o sucessor herda uma coroa; se o empregado morre, o supranumerário herda mil e duzentas libras de ordenado. As mil e duzentas libras de ordenado são a sua lista civil e são-lhe tão necessárias para viver como os doze milhões de um rei. Cada indivíduo, desde o mais baixo ao mais alto
grau da escala social, reúne à sua volta um pequeno mundo de interesses, com os seus turbilhões e os seus tomos recurvos, como os mundos de Descartes. Simplesmente, esses mundos vão sempre aumentando à medida que sobem. Trata-se de uma espiral invertida que se sustenta na ponta devido a um jogo de equilíbrio. Mas voltemos ao seu mundo. Ia ser nomeado comandante do Pharaon, não ia?

- Ia.

- Ia casar com uma bonita moça, não ia?

- Ia.

- Alguém tinha interesse em que se não tomasse comandante do Pharaon? Alguém tinha interesse em que não casasse com Mercedes? Responda primeiro à primeira pergunta; a ordem é a chave de todos os problemas. Alguém tinha interesse em que se não tornasse comandante do Pharaon?

- Não. Todos gostavam muito de mim a bordo. Se os marinheiros pudessem escolher um chefe, estou certo de que escolheriam a mim. Apenas um homem tinha um motivo para me querer mal; tempos antes discutira com ele e desafiara-o para um duelo que ele recusara.

- Ora aí está! Como se chamava esse homem?

- Danglars.

- Que era a bordo?

- Guarda-livros.

- Se tivesse se tornado comandante o conservaria no seu lugar?

- Não, se isso dependesse de mim, pois julgara notar algumas incorreções nas suas contas.

- Muito bem. Agora outra pergunta: alguém assistiu à sua última conversa com o comandante Leclére?

- Não, estivemos sós.

- Mas alguém poderia ouvir a conversa?

- Podia, porque a porta estava aberta. E até ... espere... sim, sim, Danglars passou precisamente no momento em que o comandante Leclére me entregava o embrulho destinado ao grande marechal.

- Bom, estamos no bom caminho - declarou o abade. - Levou alguém a terra consigo quando aportou à ilha de Elba?

- Ninguém.

- Entregaram-lhe uma carta?

- Entregaram, o grande marechal.

- Que fez dessa carta?

- Meti-a na carteira.

- Tinha portanto a carteira consigo? Como é que o marinheiro podia trazer

no bolso uma carteira destinada a guardar uma carta oficial?

- Tem razão, a carteira estava a bordo.

- Portanto, foi só a bordo que meteu a carta na carteira?

- Foi.

- De Porto Ferraio a bordo, como levou a carta?

- Na mão.

- Quando subiu a bordo do Pharaon todos viram que levava uma carta?

- Sim.

- Danglars como os outros?

- Danglars como os outros.

- Agora escute bem, reuna todas as suas recordações: lembra-se dos termos em que estava redigida a denúncia?

- Oh, perfeitamente! Reli-a três vezes e todas as palavras me ficaram na memória.

- Repita-ma.

Dantés concentrou-se um instante.

- Ei-la textualmente:

O Sr. Procurador régio é avisado por um amigo do trono e da religião de que um tal Edmond Dantés, imediato do navio Pharaon chegado esta manhã de Esmirna depois de escalar Nápoles e Porto Ferraio, foi encarregado por Murat de entregar uma carta ao usurpador e pelo usurpador de entregar outra carta ao comitê bonapartista de Paris.

Ter-se-á a prova do seu crime prendendo-o, pois encontrar-se-á essa carta com ele ou em casa do pai, ou no seu camarote a bordo do Pharaon.

O abade encolheu os ombros.

- É claro como a água - observou. - Só um homem dotado de um coração muito ingênuo e muito bom, como você, não adivinharia imediatamente a tramóia.

- Acha? - perguntou Dantés. - Oh, seria uma grande infâmia!

- Como era a letra habitual de Danglars?

- Uma bonita letra cursiva.

- E a da carta anônima?

- Inclinada para trás.

O abade sorriu.

- Disfarçada, não é verdade?

- Muito perfeita para ser disfarçada.

- Um momento.

Pegou na pena, ou antes, no que chamava assim, molhou-a na tinta e escreveu com a mão esquerda, num pano preparado para o efeito, as duas ou três primeiras linhas da denúncia.

Dantés recuou e olhou quase com terror o abade.

- Oh, é espantoso como essa letra se parece com a outra! - exclamou.

- Porque a denúncia foi escrita com a mão esquerda. Observei uma coisa - continuou o abade.

- Qual?

- Todas as letras traçadas com a mão direita são diferentes, todas as letras traçadas com a mão esquerda assemelham-se.

- Portanto, já viu tudo, já adivinhou tudo?

- Continuamos?
- Oh, sim, sim!
- Passemos à segunda pergunta.
- Às ordens.
- Alguém estava interessado em que você não casasse com Mercedes?
- Sim! Um rapaz que a amava: Fernand.
- Não é um nome espanhol?
- Ele era catalão.
- Acha que ele era capaz de escrever a carta?
- Não! Esse se limitaria a dar-me uma facada.
- Claro, está na natureza espanhola: um assassínio, sim; uma covardia, não.
- De resto - continuou Dantés --, ignorava todos os pormenores consignados na denúncia.
- Você não os revelou a ninguém?
- A ninguém.
- Nem mesmo à sua amante?
- Nem mesmo à minha noiva.
- Foi Danglars.
- Oh, agora tenho certeza disso!
- Espere... Danglars conhecia Fernand?
- Não... Sim... Recordo-me...
- De quê?
- Na antevéspera do meu casamento viu-os sentados juntos em uma mesa debaixo do caramachão do Tio Pamphile. Danglars estava com ar amistoso e brincalhão e Fernand pálido e nervoso.
- Estavam sozinhos?
- Não, tinham consigo um terceiro companheiro, muito meu conhecido, que sem dúvida se juntara a eles, um alfaiate chamado Caderousse. Mas este estava já bêbado. Espere... espere...Como não me lembrei disto? Junto da mesa onde bebiam encontrava-se um tinteiro, papel e penas...

Dantés levou a mão à testa e exclamou:

- Oh, os infames, os infames!
- Quer saber mais alguma coisa? - perguntou o abade rindo.
- Quero, claro que quero! Uma vez que o senhor aprofunda tudo, vê claro em todas as coisas, quero saber por que motivo só fui interrogado uma vez, porque não me deram juízes e como fui condenado sem julgamento.
- Oh, isso é um pouco mais grave! - exclamou o abade. - A justiça tem escaninhos sombrios e misteriosos em que é difícil penetrar. O que fizemos até aqui relativamente aos seus dois amigos não
passou de uma brincadeira de crianças. A esse respeito, terá de me dar indicações mais precisas.
- Pronto, interrogue-me, pois na verdade o senhor vê mais claro na minha vida do que eu próprio.
- Quem o interrogou? Foi o procurador régio, o substituto ou o juiz de instrução?
- Foi o substituto.

- Era novo ou velho?
- Novo: vinte e sete ou vinte e oito anos.
- Bom, ainda não corrompido, mas já ambicioso - comentou o abade.
- Quais foram as suas maneiras para consigo?
- Mais afáveis do que severas.
- Contou-lhe tudo?
- Tudo.
- E as suas maneiras mudaram no decurso do interrogatório?
- Alteraram-se apenas por um instante, quando leu a carta que me comprometia. Pareceu acabrunhado com a minha desgraça.
- Com a sua desgraça?
- Sim.
- Tem certeza de que era a sua desgraça que o preocupava?
- Pelo menos deu-me uma grande prova da sua simpatia.
- Qual?
- Queimou a única peça que me podia comprometer.
- Qual? A denúncia?
- Não, a carta.
- Tem a certeza?
- O fez diante de mim.
- Estranho... Esse homem poderia ser maior celerado do que você imagina.
- Palavra de honra que está me assustando! - exclamou Dantés. - Estará o mundo povoado de tigres e crocodilos?
- Está. Simplesmente os tigres e os crocodilos de dois pés são mais perigosos do que os outros.
- Continuemos, continuemos.
- Com muito gosto. Queimou a carta, diz você?
- Sim, dizendo-me: “Como vê, só existe esta prova contra você e eu destruo-a." - Essa conduta é demasiado sublime para ser natural.
- Parece-lhe?
- Tenho certeza. A quem era endereçada a carta?
- Ao Sr. Noirtier, Rua Coq-Héron, nº 13, em Paris.
- Pode presumir que o seu substituto tivesse algum interesse em que a carta desaparecesse?
- Talvez: porque me fez prometer duas ou três vezes, no meu interesse, dizia ele, não falar a ninguém na carta, e obrigou-me a jurar que não pronunciaria o nome inscrito no endereço.
- Noirtier... - repetiu o abade. - Noirtier... Conheci um Noirtier na corte da antiga rainha da Etrúria, um Noirtier que fora girondino durante a Revolução. Como se chamava o seu substituto?
- Villefort.
O abade desatou a r ir.
Dantés olhou-o estupefato.
- Que tem o senhor? - perguntou.
- Vê esse raio de luz? - inquiriu o abade.
- Vejo.
- Pois bem, agora é tudo mais claro para mim do que esse raio transparente

e luminoso. Pobre criança, pobre rapaz! E esse magistrado foi bom para você?

- Foi.

- Esse digno substituto queimou, destruiu a carta?

- Sim.

- Esse honesto fornecedor do carrasco obrigou-o a jurar que nunca mais pronunciaria o nome de Noirtier?

- Obrigou.

- Esse Noirtier, pobre cego, sabe quem era esse Noirtier? Esse Noirtier era o pai dele!

Um raio que tivesse caído aos pés de Dantés e cavado um abismo no fundo do qual se abrisse o Inferno, teria produzido efeito menos rápido, menos elétrico, menos esmagador, do que aquelas palavras inesperadas. Levantou-se e agarrou a cabeça com as mãos, como se quisesse impedi-la de rebentar.

- Seu pai! Seu pai! - gritou.

- Sim, seu pai, que se chama Noirtier de Villefort - acrescentou o abade.

Então uma luz fulgurante atravessou o cérebro do prisioneiro e tudo o que até ali lhe parecera obscuro foi de súbito iluminado por uma claridade deslumbrante. A perguntas de Villefort durante o interrogatório, a carta destruída, o juramento exigido, a voz quase suplicante do magistrado que, em vez de ameaçar, parecia implorar, tudo lhe veio à memória. Soltou um grito e cambaleou um instante como um homem ébrio. Depois, correu para a abertura que conduzia da cela do abade à sua dizendo:

- Oh, preciso estar só para pensar em tudo isso!

Mal chegou à sua masmorra atirou-se para cima da cama, onde o carcereiro o encontrou à tardinha, sentado, de olhos fixos e as feições contraídas, imóvel e mudo como uma estátua.

Durante as horas de meditação que entretanto tinham passado como segundos tomara uma terrível resolução e fizera um formidável juramento.

Uma voz arrancou Dantés ao seu devaneio; a do abade Faria que, tendo recebido por sua vez a visita do carcereiro, vinha convidar Dantés para jantar com ele. A sua qualidade de louco reconhecido e sobretudo de louco divertido valia ao velho prisioneiro alguns privilégios, como o de receber pão um pouco mais branco e uma garrafinha de vinho no domingo. Ora era justamente domingo e o abade vinha convidar o seu jovem
companheiro a compartilhar o seu pão e o seu vinho.

Dantés seguiu-o. Todas as linhas do seu rosto se tinham recomposto e retomado o seu lugar habitual, mas com uma rigidez e uma firmeza, se assim se pode dizer, que denotavam ter tomado uma resolução. O abade olhou-o fixamente.

- Estou aborrecido por te-lo ajudado nas suas investigações e por ter dito o que disse - confessou.

- Porquê? - perguntou Dantés.

- Porque lhe infiltrei no coração um sentimento que lá não havia: a vingança.

Dantés sorriu.

- Falemos de outra coisa - pediu.

O abade olhou-o mais um instante e abanou tristemente a cabeça. Depois,

como lhe pedira Dantés falou de outra coisa. O velho prisioneiro era um desses homens cuja conversação, como a das pessoas que muito sofreram, continha numerosos ensinamentos e encerrava sempre um interesse sempre renovado. Mas como não era egoísta, aquele infeliz nunca falava das suas desgraças.

Dantés escutava todas as suas palavras com admiração. Umas correspondiam a idéias que já possuía e a conhecimentos que faziam parte da sua condição de marinheiro, mas outras referiam-se a coisas desconhecidas e, como as auroras boreais que iluminam os navegadores nas latitudes austrais, mostravam ao jovem paisagens e horizontes novos iluminados por clarões fantásticos. Dantés compreendeu o prazer que experimentaria uma pessoa inteligente em acompanhar aquele espírito elevado nas alturas morais, filosóficas ou sociais em que tinha o hábito de se lançar.

- Devia ensinar-me um bocadinho do que sabe - declarou Dantés -, quanto mais não fosse para não se aborrecer comigo. Parece-me agora que deve preferir o isolamento a um companheiro sem educação nem cultura como eu. Se concordar com o que lhe peço, comprometo-me a nunca mais lhe falar de fugir.

O abade sorriu.

- Infelizmente, meu filho, a ciência humana é muito limitada e depois de lhe ensinar as matemáticas, a física, a história e as três ou quatro línguas vivas que falo, saberia tanto como eu. Ora toda esta ciência não levaria mais de dois anos a passar do meu espírito para o seu.

- Dois anos! - exclamou Dantés. - Acha que poderia aprender todas essas coisas em dois anos?

- Na sua aplicação, não; nos seus princípios, sim. Aprender não é saber. Há os sabichões e os sábios. Uns são fruto da memória, os outros da filosofia.

- Mas não se pode aprender a filosofia?

- A filosofia não se aprende; a filosofia é a reunião das ciências adquiridas com o talento que as aplica. A filosofia é a nuvem deslumbrante em que Cristo pousou o pé para subir ao Céu.

- Vejamos, o que me ensinará primeiro? - perguntou Dantés. Tenho pressa de começar, sede de ciência.

- Tudo! - respondeu o abade.

Com efeito, logo naquela noite os dois prisioneiros estabeleceram um plano de educação que começaram a executar no dia seguinte. Dantés possuía uma memória prodigiosa e uma facilidade de
concepção extrema. A disposição matemática do seu espírito habilitava-o a compreender tudo através do cálculo, enquanto a poesia do marinheiro corrigia tudo o que pudesse haver de excessivamente material na demonstração, reduzida à secura dos números ou à retidão das linhas. Sabia já, aliás, o italiano e um bocadinho de grego moderno, que aprendera nas suas viagens ao Oriente. Com estas duas línguas, não tardou a compreender sem demora o mecanismo de todas as outras, e ao cabo de seis meses começava a falar espanhol, inglês e alemão.

Como dissera ao abade Faria. Quer porque a distração que lhe proporcionava o estudo substituísse nele a ânsia da liberdade, quer porque fosse, como já vimos rígido observador da sua palavra, nunca falava de fugir e os dias passavam para ele rápidos e instrutivos. Passado um ano, era outro homem.

Quanto ao abade Faria, Dantés notava que, apesar da distração que a sua presença trouxera ao seu cativeiro, entristecia de dia para dia. Uma idéia pertinaz e constante parecia assediar-lhe o espírito. Caía em profundos alheamentos, suspirava involuntariamente, levantava-se de súbito, cruzava os braços e passeava sombrio à volta da cela.

Um dia parou de repente no meio de um desses passeios centenas de vezes repetidos que fazia à roda da cela e exclamou:

- Ah, se não houvesse sentinela!...

- Só haverá sentinela se o senhor quiser - observou Dantés, que lhe seguira o pensamento através da caixa craniana como através de um cristal.

- Já lhe disse que me repugna um assassínio.

- E no entanto esse assassínio, se fosse cometido, sê-lo-ia pelo instinto da nossa conservação, por um sentimento de defesa pessoal.

- Não importa, não o cometeria.

- Mas em todo o caso pensa nele?

- Sem cessar, sem cessar - murmurou o abade.

- E descobriu um meio, não descobriu? - disse vivamente Dantés.

- Descobri, se fosse possível pôr na galeria uma sentinela cega e surda.

- Será cega e surda! - respondeu o rapaz, num tom resoluto que assustou o abade.

- Não, não! - gritou. - Impossível.

Dantés quis levá-lo a falar mais a tal respeito, mas o abade abanou a cabeça e recusou.

Passaram três meses.

- Você é forte? - perguntou um dia o abade a Dantés.

Sem responder, Dantés pegou no formão, torceu-o como uma ferradura e endireitou-o.

- Seria capaz de se comprometer a só matar a sentinela em último caso?

- Seria, palavra de honra.

- Então - disse o abade --, poderemos executar o nosso projeto.

- De quanto tempo precisaremos para o pôr em prática?

- De um ano, pelo menos.

- Quando começamos a trabalhar?

- Imediatamente.

- Está vendo? Com isso tudo já perdemos um ano! - exclamou Dantés.

- Acha que o perdemos? - perguntou o abade.

- Oh, perdão, perdão! - desculpou-se Edmond, corando.

- Caluda! - atalhou o abade. - O homem nunca passa de um homem, e você é ainda um dos melhores que conheci. Veja, aqui está o meu plano.

O abade mostrou então a Dantés um desenho que fizera: era a planta da sua cela, da cela de Dantés e da galeria que ligava uma à outra. A meio da galeria abrira uma passagem estreita semelhante às que se usavam nas minas. Essa passagem serviria para os dois prisioneiros se deslocarem debaixo da galeria onde passeava a sentinela. Uma vez chegados aí, praticariam uma grande escavação e soltariam uma das lajes que formavam o pavimento da galeria. Em dado momento, a laje se abateria debaixo do peso do soldado, que desapareceria engolido pela escavação. Dantés se precipitaria sobre

ele no momento em que, ainda aturdido da queda, o soldado não poderia se defender, o amarraria, amordaçaria, então ambos passariam por uma das janelas da galeria, desceriam ao longo da muralha exterior com o auxílio da escada de corda e fugiriam.

Dantés bateu palmas e os seus olhos cintilaram de alegria. O plano era tão simples que devia dar certo.

Os mineiros deitaram mãos à obra no mesmo dia, com tanto mais ardor quanto é certo o trabalho suceder a um longo repouso e, segundo todas as probabilidades, não ser mais do que a continuação do pensamento íntimo e secreto de cada um.

Nada os interrompia exceto a hora a que ambos eram forçados a regressar às suas celas para receber a visita do carcereiro. Aliás, tinham adquirido o hábito de distinguir, pelo ruído imperceptível dos passos, o momento em que o homem descia e nunca nem um, nem outro fora apanhado de surpresa. A terra que extraíam da nova galeria, e que acabaria por encher a antiga, deitavam-na pouco a pouco e com inauditas precauções por uma ou outra das duas janelas da cela de Dantés ou da cela de Faria. Pulverizam-na com cuidado e o vento da noite levava-a para longe sem deixar vestígios.

Dedicaram mais de um ano a este trabalho executado com um escopo, uma faca e uma alavanca de madeira como únicos instrumentos. Durante esse ano, e sem deixarem de trabalhar, Faria continuou a instruir Dantés, falando-lhe ora numa língua ora noutra, ensinando-lhe a história das nações e dos grandes homens que deixavam de vez em quando atrás de si um desses rastros luminosos chamados glôria. O abade, homem do mundo e da alta sociedade, tinha além disso, nas suas maneiras, uma espécie de majestade melancólica de que Dantés, graças ao espírito de assimilação de que a natureza o dotara, soube extrair a polidez elegante que lhe faltava e os modos aristocráticos que habitualmente só se adquirem no convívio com as classes elevadas ou no contato com homens superiores.

Ao cabo de quinze meses o buraco estava aberto. A escavação era feita por baixo da galeria. Ouvia-se passar e repassar a sentinela, e os dois trabalhadores, forçados a esperar uma noite escura e sem luar para tomar a evasão ainda mais segura, só tinham um receio: que o chão, demasiado delgado, abatesse por si mesmo debaixo dos pés do soldado. Obviou-se a esse inconveniente colocando como suporte uma espécie de vipazinha encontrada nos alicerces. Dantés estava ocupado a colocá-la quando ouviu de súbito o abade Faria, que ficara na cela do rapaz, onde se ocupava por seu turno a aguçar uma cavilha destinada a segurar a escada de corda, chamá-lo em tom angustiado. Dantés regressou rapidamente e deu com o abade de pé no meio da cela, pálido, com a testa coberta de suor e as mãos crispadas.

- Oh, meu Deus! - gritou Dantés. - Que aconteceu, que tem o senhor?

- Depressa, depressa! - atalhou o abade. - Escute.

Dantés olhou o rosto lívido de Faria, os seus olhos rodeados por um círculo azulado, os seus lábios brancos e os seus cabelos eriçados, e ficou tão impressionado que deixou cair no chão o escopo que tinha na mão.

- Mas que se passa? - gritou Edmond.

- Estou perdido! - respondeu o abade. - Ouça-me. Vou ser atacado por um mal terrível, talvez mortal. O acesso aproxima-se, sinto-o. Já uma vez me atacou no ano anterior à minha prisão. Para este mal só há um remédio, o que lhe vou dizer. Corra depressa à minha cela e retire o pé da cama. O pé é oco e encontrará dentro dele um frasquinho de cristal meio cheio de um licor vermelho. Traga-o. Ou antes, não, não poderia ser
surpreendido aqui. Ajude-me a regressar à minha cela enquanto disponho ainda de algumas forças. Quem sabe o que acontecerá durante o tempo que durar o acesso?

Sem perder a cabeça, apesar de ser enorme a desgraça que o atingia, Dantés desceu a galeria arrastando o seu infeliz companheiro atrás de si e conduziu-o, com infinita mágoa, até à extremidade oposta. Logo que entrou na cela do abade deitou-o na cama.

- Obrigado - agradeceu o abade, tremendo tanto como se acabasse de sair de água gelada. - O mal aproxima-se e vou cair em catalepsia. É possível que não faça nenhum movimento, que não solte nem um gemido, mas também é possível que espume, me retese e grite. Procure que não ouçam os meus gritos. Isso é importante, pois nesse caso talvez me mudassem de cela e ficaríamos separados para sempre. Quando me vir imóvel, frio e morto, assim dizer, somente nesse instante, note bem, me descerrar os dentes com a faca e deitar na boca oito a dez gotas desse licor. Talvez depois volte a mim.

- Talvez?! - gritou dolorosamente Dantés.

- Socorro! Acudam-me! - gritou o abade. - Estou morrendo...

O acesso foi tão súbito e tão violento que o pobre prisioneiro nem sequer teve tempo de acabar a frase começada. Passou-lhe uma nuvem pela testa, rápida e escura como as das tempestades no mar, a crise dilatou-lhe os olhos, torceu-lhe a boca e congestionou-lhe as faces. Agitou-se, espumou, gritou. Mas tal como ele próprio recomendara, Dantés abafou-lhe os gritos debaixo do cobertor. O ataque durou duas horas. Então, mais inerte do que uma massa, mais pálido e frio do que o mármore, mais quebrado do que uma cana calcada aos pés, caiu, retesou-se ainda numa derradeira convulsão e ficou lívido.

Edmond esperou que a morte aparente invadisse o corpo e gelasse até ao coração. Nessa altura; pegou na faca, introduziu a lâmina entre os dentes do abade, descerrou com infinito cuidado os maxilares contraídos, contou uma após outra dez gotas do licor vermelho e esperou.

Passou uma hora sem que o velhote fizesse o mais pequeno movimento. Dantés receava ter agido demasiado tarde e olhava-o, com as mãos enterradas no cabelo. Por fim, surgiu uma leve coloração nas faces do abade, os seus olhos, que tinham permanecido constantemente abertos e átonos, recuperaram a
expressão, saiu-lhe da boca um suspiro fraco e tez um movimento.

- Salvo! Salvo! - gritou Dantés.

O doente ainda não podia falar, mas estendeu com visível ansiedade a mão para a porta. Dantés escutou e ouviu os passos do carcereiro. Eram sete horas e Dantés nem tivera oportunidade de calcular o tempo.

O rapaz saltou para a abertura, introduziu-se nela, recolocou a laje por cima da cabeça e regressou à sua cela.

Um instante depois a porta abriu-se e o carcereiro encontrou, como de

costume, o prisioneiro sentado na cama.

Mas assim que ele virou costas, assim que o ruído dos seus passos desapareceu na galeria, Dantés, devorado pela inquietação, retomou, sem pensar em comer, o caminho que acabara de percorrer e, levantando a laje com a cabeça voltou a entrar na cela do abade.

Este recuperara os sentidos, mas continuava estendido, inerte e sem forças, na cama.

- Não esperava tornar a vê-lo - disse a Dantés.

- Porquê? - perguntou o rapaz. - Pensou que eu morreria?

- Não, mas como está tudo pronto para a fuga contava que fugisse.

O rubor da indignação coloriu as faces de Dantés.

- Sem o senhor?! gritou. - Julgou-me realmente capaz disso?

- Agora verifico que me enganei - declarou o doente. - Ah, estou muito fraco, muito quebrado, completamente exausto!

- Coragem, as suas forças voltarão - animou-o Dantés, sentando-se junto da cama de Faria e pegando-lhe nas mãos. O abade abanou a cabeça.

- Da última vez - disse - o ataque durou meia hora e depois dele tive fome e levantei-me sozinho. Hoje, não consigo mexer a perna nem o braço e tenho a cabeça nublada, o que prova um derramamento cerebral. À terceira vez ficarei inteiramente paralítico ou morrerei Ato contínuo.

- Não, não, sossegue que não morrerá. Esse terceiro ataque, se o tiver, o encontrará livre. Nós o salvaremos como desta vez, e melhor do que desta vez, pois teremos todos os meios necessários para isso.

- Meu amigo - perguntou o velho --, não se iluda. A crise que acaba de me atacar condenou-me a prisão perpétua: para fugir é necessário poder andar.

- Pois bem, esperaremos oito dias, um mês, dois meses se for preciso. Entretanto, as suas forças voltarão. está tudo preparado para a nossa fuga e temos a liberdade de poder escolher a hora e o momento. No dia em que se sentir com forças suficientes para nadar, nesse dia poremos o nosso projeto em prática.

- Nunca mais nadarei - perguntou Faria. - Este braço está paralisado, não por um dia, mas sim para sempre. Levante-o você mesmo e veja o que pesa.

O rapaz levantou o braço, que voltou a cair, insensível, e soltou um suspiro.

- Está agora convencido, não é verdade, Edmond? - perguntou Faria. - Acredite que sei o que digo. Desde o meu primeiro ataque deste mal que não tenho deixado de refletir. Esperava-o, trata-se de uma herança de família: o meu pai morreu na terceira crise e o meu avô também. O médico que me preparou este licor, nem mais nem menos do que o famoso Cabanis, predisse-me o mesmo destino.

- O médico enganou-se! - contrapós Dantés. - Quanto à sua paralisia, não me preocupa: colocarei-o nas costas e nadarei segurando-o.

- Criança - disse o abade. - É marinheiro, é nadador, deve portanto saber que um homem carregado com semelhante fardo não daria cinquenta braçadas no mar. Deixe de se iludir com besteiras que num sequer enganam o seu excelente coração. Ficarei aqui até soar a hora da minha libertação, que só pode ser agora a da morte. Quanto a si, fuja, parta! É novo, desembaraçado e forte. Não se preocupe comigo, restituo-lhe a sua palavra.

- Está bem - declarou Dantés. - está bem. Nesse caso, também ficarei.

Em seguida, levantou-se e estendeu solenemente a mão por cima do velho.

- Pelo sangue de Cristo, juro só o deixar depois da sua morte. Faria observou aquele jovem tão nobre, tão simples e tão digno e leu-lhe no rosto, animado pela expressão da mais pura dedicação, a sinceridade do seu afeto e a lealdade do seu juramento.

- Seja - disse o doente. - Aceito, obrigado.

Depois, segurando-lhe na mão:

- É possível que seja recompensado por essa dedicação tão desinteressada - disse-lhe. - Agora, como eu não posso e você não quer fugir, devemos tapar o subterrâneo aberto por baixo da galeria. O soldado pode descobrir ao marchar, pela sonoridade dos seus passos, que o lugar está minado, chamar a atenção de um inspetor e então seríamos descobertos e separados. Encarregue-se dessa tarefa, em que infelizmente não posso ajudá-lo. Trabalhe toda a noite, se for preciso, e só volte amanhã de manhã depois da visita do carcereiro. Terei uma coisa importante para lhe dizer.

Dantés pegou na mão do abade, que o tranquilizou com um sorriso, e saiu com a obediência e o respeito que votava ao seu velho amigo.

Capítulo XVIII

O tesouro

Quando Dantés regressou no dia seguinte de manhã à cela do seu companheiro de cativeiro encontrou Faria sentado, com ar calmo.

Debaixo do raio de sol que se insinuava através da janela estreita da cela, segurava aberto na mão esquerda - a única, recordamos, cujo uso lhe restava - um bocado de papel ao qual o hábito de ser enrolado num delgado volume imprimira a forma de um cilindro rebelde a estender-se.

O abade mostrou sem dizer nada o papel a Dantés.

- Que é isto? - perguntou o rapaz.

- Veja bem - disse o abade, sorrindo.

- Por mais que olhe - perguntou Dantés - vejo apenas um papel semiqueimado em que estão traçados caracteres góticos com uma tinta estranha.

- Este papel, meu amigo - disse Faria --, posso agora confessar-lhe tudo, porque já o pus à prova, este papel é o meu tesouro, do qual a partir de hoje lhe pertence metade.

Um suor frio cobriu a testa de Dantés. Até àquele dia e durante muito tempo evitara falar com Faria a respeito daquele tesouro, origem da acusação de loucura que pesava sobre o pobre abade. Com a sua delicadeza instintiva, Edmond preferira não tocar nessa corda dolorosamente vibrante, e pela sua parte Faria calara-se.

O rapaz tomara o silêncio do velho por um regresso à razão, mas agora, aquelas poucas palavras escapadas a Faria depois de uma crise tão penosa pareciam anunciar uma grave recaída de alienação
mental.

- O seu tesouro? - balbuciou Dantés.

Faria sorriu.

- Sim - respondeu. - De todos os pontos de vista você é um nobre coração, Edmond, e compreendo pela sua palidez e pelo seu estremecimento o que se passa em si neste momento. Não, sossegue, não estou louco. O tesouro existe, Dantés, e se não me foi dado possuí-lo, você o terá. Ninguém quis ouvir nem acreditar porque me julgavam louco; mas você, que deve saber que não estou, ouça-me e acredite-me depois se quiser.

"Valha-me Deus", disse Edmond para consigo, "recaiu! Só me faltava esta desgraça."

E depois, em voz alta:

- Meu amigo - disse a Faria --, o seu ataque talvez o tenha fatigado; não quer descansar um bocadinho? Amanhã, se quiser, ouvirei a sua história, mas hoje só desejo tratar de si. Aliás - continuou sorrindo --, temos assim tanta pressa de um tesouro?

- Muita, Edmond! - respondeu o velho. - Quem sabe se amanhã ou depois de amanhã, talvez, não terei o terceiro ataque? Lembre-se de que então tudo estaria acabado! Sim, é verdade, tenho pensado muitas vezes com um prazer amargo nessas riquezas que fariam a fortuna de dez famílias e perdidas para esses homens que me perseguiram. Esta idéia servia-me de vingança e eu a saboreava lentamente, de noite, na minha masmorra, e no desespero do meu cativeiro. Mas agora que perdoei ao mundo graças a você, agora
que o vejo jovem e cheio de futuro, agora que penso em tudo o que pode resultar para si de felicidade depois de semelhante revelação, receio qualquer demora e temo não ter tempo de assegurar a um proprietário tão digno como você a posse de tantas riquezas ocultas.

Edmond virou a cabeça suspirando.

- Persiste na sua incredulidade, Edmond - prosseguiu Faria. - A minha voz não o convenceu? Vejo que quer provas. Pois hem, leia este papel que ainda não mostrei a ninguém.

- Amanhã, meu amigo - respondeu Edmond, a quem repugnava prestar-se à loucura do velho. - Julguei que tínhamos combinado só falar disso amanhã.

- Falaremos amanhã, mas leia este papel hoje.

"É melhor não irritá-lo", pensou Edmond.

E pegando o papel, a que faltava metade, sem dúvida consumida pelo fogo em qualquer acidente, leu:

Este tesouro, que pode ascender a dois de escudos romanos, no canto mais a da segunda abertura, o qual lego e cedo em propádeiro.

25 de abril de 1498

- Então? - perguntou Faria quando o rapaz terminou a leitura.

- Mas - respondeu Dantés - só vejo aqui linhas truncadas, palavras sem sentido. Os caracteres estão interrompidos pela ação do tempo e são ininteligíveis.

- Para você, meu amigo, que os lê pela primeira vez, mas não para mim que matei a cabeça a estudá-los durante muitas noites, reconstituí cada frase e completei cada pensamento.

- E acredita ter descoberto esse sentido interrompido?

- Estou certo disso, como você mesmo verificará. Mas primeiro ouça a história deste papel.

- Silêncio! - exclamou Dantés. - Passos!... Aproximam-se...Vou-me embora... Adeus!

E Dantés, feliz por escapar da história e da explicação que só serviriam para lhe confirmar a desgraça do amigo, deslizou como uma cobra pela estreita galeria, enquanto Faria, a quem o terror restituíra uma espécie de atividade, empurrava com o pé a laje e a cobria com uma esteira, a fim de ocultar à vista a solução de continuidade que não tivera tempo de fazer desaparecer.

Era o governador que, tendo sabido pelo carcereiro do acidente de Faria, vinha assegurar-se pessoalmente da sua gravidade.

Faria recebeu-o sentado, evitou qualquer gesto comprometedor e conseguiu ocultar ao governador a paralisia que já ferira de morte metade da sua pessoa. O seu receio era que o governador, compadecido dele, o quisesse meter numa cela mais saudável e o separasse assim do seu jovem companheiro. Felizmente isso não aconteceu e o governador retirou-se convencido de que o seu pobre louco, pelo qual experimentava no fundo do coração certa simpatia, tivera apenas uma ligeira indisposição.

Entretanto, sentado na cama com a cabeça entre as mãos, Edmond procurava ordenar os seus pensamentos. Em Faria era tudo tão racional, tão grande e tão lógico desde que o conhecia que não podia compreender tão suprema sensatez sob todos os aspectos aliada ao desatino sob um único. Era Faria que estava enganado acerca do seu tesouro ou era toda a gente que estava enganada acerca de Faria?

Dantés permaneceu na sua cela durante todo o dia, sem ousar voltar à do amigo. Procurava adiar assim o momento em que adquiriria a certeza de que o abade estava louco. Tal convicção seria horrível para ele.

Mas para a noite, depois da hora da visita rotineira, Faria, não vendo aparecer o rapaz, tentou transpor o espaço que o separava dele. Edmond estremeceu ao ouvir os esforços dolorosos que fazia o velho para se arrastar: a perna estava inerte e só se podia ajudar com o braço. Edmond viu-se obrigado a puxá-lo para si,
porque de contrário jamais poderia sair sozinho pela estreita abertura que desembocava na cela de Dantés.

- Estou aqui, impiedosamente encarniçado na sua perseguição - declarou com um sorriso radiante de benevolência. - Julgou que podia escapar à minha magnificência, mas enganou-se. Ora ouça.

Edmond viu que não podia recuar. Ajudou o velho a sentar-se na cama e colocou-se junto dele no banquinho.

- Como sabe - principiou o abade --, eu era o secretário, o familiar, o amigo do cardeal Spada, o último dos príncipes deste nome. Devo a esse digno fidalgo toda a felicidade que tive nesta vida. Não era rico, embora as riquezas da sua família fossem proverbiais e eu tenha ouvido dizer: “Rico como um Spada." Mas
ele, como a voz pública, não tinha nada em que basear essa fama de opulência. O seu palácio foi o seu paraíso. Eduquei-lhe os sobrinhos, que morreram, e quando ficou só no mundo restituí-lhe, por meio de uma submissão absoluta aos seus

desejos, tudo o que fizera por mim havia dez anos.

" A casa do cardeal em breve deixou de ter segredos para mim. Vi muitas vezes Sua Eminência trabalhar, compulsar livros antigos e remexer avidamente na poeira dos manuscritos de família. Um dia, quando lhe censurava as suas vigílias inúteis e a espécie de abatimento que se lhes seguia, olhou-me sorrindo amargamente e abriu-me um livro com a história da cidade de Roma. Aí, no vigésimo capítulo, que tratava da vida do Papa Alexandre VI, havia as seguintes linhas que nunca mais pude esquecer: As grandes guerras da Romanha estavam terminadas. César Bórgia, que concluíra a sua conquista, necessitava de dinheiro para comprar a Itália toda inteira. O papa necessitava igualmente de dinheiro para acabar com Luís XII, rei de França, ainda terrível apesar dos seus últimos reveses. Impunha-se portanto fazer uma boa especulação, o que era difícil nesta pobre Itália enfraquecida."

" Sua Santidade teve então uma idéia: resolveu nomear dois cardeais. Escolhendo duas das grandes personagens de Roma, dois ricos sobretudo, eis o que lucrava o Santo Padre com a especulação: antes de mais nada, podia vender os altos cargos e os empregos magníficos que os dois cardeais possuíssem; além disso, podia contar vender por preço vantajosíssimo os dois chapéus."

" a especulação tinha ainda uma terceira parte, que em breve aparecerá. O papa e César Bórgia arranjaram primeiro os dois futuros cardeais: Jean Rospigliosi, que só por si detinha quatro das mais
altas dignidades da Santa Sé, e César Spada, um dos mais nobres e ricos romanos. Tanto um como outro pressentiam o preço de semelhante favor do papa, mas eram ambiciosos... Arranjados os cardeais, César não tardou a encontrar compradores para os seus cargos.

"Daí resultou que Rospigliosi e Spada pagaram para ser cardeais e que outros oito pagaram para ser o que eram anteriormente os dois novos cardeais. Deste modo, entraram oitocentos mil escudos nos cofres dos especuladores.

- Passemos à última parte da especulação, que já é tempo. Depois de cumular de lisonjas Rospigliosi e Spada e de lhes conferir as insígnias do cardinalato, o papa, certo de que para liquidarem a dívida não fictícia do seu reconhecimento deviam ter reunido e realizado a sua fortuna para se fixarem em Roma - o papa e César Bórgia convidaram para jantar os dois cardeais.

- O caso deu origem a um debate entre o Santo Padre e o filho. César achava que se podia utilizar um dos meios que tinha sempre à disposição dos seus amigos íntimos, a saber: em primeiro lugar a famosa chave com a qual se pedia a certas pessoas que abrissem determinado armário. A chave tinha uma pontinha de ferro, negligência do operário. Quando se fazia força para abrir o armário, cuja fechadura estava emperrada, a pessoa picava-se nessa pontinha e morria no dia seguinte. Havia também o anel de cabeça
de leão que César metia no dedo quando dava certos apertos de mão. O leão mordia a epiderme dessas mãos distinguidas e a mordedura era mortal ao cabo de vinte e quatro horas.

" César propôs portanto ao pai quer que mandassem os cardeais abrir o armário, quer que dessem a cada um um cordial aperto de mão, mas Alexandre VI respondeu-lhe: Não olhemos a um jantar tratando-se desses excelentes cardeais Spada e Rospipliosi. Qualquer coisa me diz que recuperaremos esse dinheiro.

Aliás, esqueceis, César, que uma indigestão se declara imediatamente, enquanto que uma picada ou uma mordedura só resultam passado um dia ou dois.

- César rendeu-se a este raciocínio e por isso os cardeais foram convidados para Jantar.

- Puseram. a mesa na vinha que o papa possuía perto de S. Pedro de Liens, encantadora habitação que os cardeais conheciam bem devido à sua fama.

- Rospigliosi, deslumbrado com a sua nova dignidade, preparou o estômago e compôs a sua melhor expressão. Spada, homem prudente e que amava apenas o sobrinho, jovem capitão diante de quem se
abria um futuro risonho, pegou em papel e numa pena e fez o seu testamento.

- Em seguida mandou dizer ao sobrinho que o esperasse nas imediações da vinha, mas parece que o criado o não encontrou.

- Spada conhecia o hábito dos convites. Desde que o cristianismo, eminentemente civilizador, trouxera os seus progressos até Roma, já não era um centurião que vinha da parte do tirano dizer: César quer que morras, mas sim um legado a latere que, de boca sorridente, vinha comunicar da parte do papa: Sua Santidade deseja que janteis com ele.

- Spada partiu por volta das duas horas para a vinha de S. Pedro de Liens. O papa já o esperava. A primeira pessoa que Spada viu foi o sobrinho, ricamente vestido, muito gracioso, ao qual César Bórgia prodigalizava lisonjas. Spada empalideceu, e César, que lhe deitou um olhar cheio de ironia, deixou transparecer que tudo previra, que a cilada estava bem armada.

- Jantaram. Spada só pudera perguntar ao sobrinho: "Recebestes o meu recado?" O sobrinho respondeu que não e compreendeu perfeitamente o valor da pergunta. Mas era demasiado tarde, pois
acabava de beber um copo de excelente vinho que lhe servira o copeiro do papa. Spada viu no mesmo instante aproximar-se outra garrafa, de que lhe oferecerem liberalmente. Uma hora mais tarde, um médico declarava ambos envenenados por cogumelos venenosos. Spada morreu no limiar da vinha e o sobrinho expirou à sua porta fazendo um sinal que a mulher não compreendeu.

- César e o papa apressaram-se a devassar a herança, a pretexto de procurarem os documentos dos defuntos. Mas a herança consistia nisto: um bocado de papel em que Spada escrevera: "Lego ao meu
sobrinho bem-amado as minhas arcas e os meus livros, entre os quais o meu belo breviário de cantos de ouro, desejando que guarde essa recordação do seu tio afetuoso."

- Os herdeiros procuraram por toda a parte, admiraram o breviário, fizeram mão baixa nos móveis e admiraram-se que Spada, homem rico, fosse efetivamente o mais miserável dos tios. Tesouros, nenhum, exceto os tesouros de ciência encerrados na biblioteca e nos laboratórios.

- Mais nada. César e o pai procuraram, remexeram e espionaram, mas não encontraram nada, ou pelo menos encontraram muito pouca coisa: talvez um milhar de escudos, peças de ourivesaria e aproximadamente outro tanto de dinheiro em prata. Mas o sobrinho tivera tempo de dizer à mulher, ao chegar: "Procura entre os papéis do meu tio; há um testamento autêntico."

- Procuraram talvez ainda mais ativamente do que os augustos herdeiros, mas em vão. Tudo se resumia a dois palácios e uma vinha atrás do Palatino. Mas

naquela época os bens imóveis possuíam um valor medíocre e por isso os dois palácios e a vinha ficaram na posse da família como indignos da capacidade do papa e do filho.

- Os meses e os anos passaram Alexandre VI morreu envenenado, como sabe por engano; César, envenenado ao mesmo tempo que ele, mudou apenas de pele como uma serpente, e na nova o veneno deixou malhas semelhantes às que se vêem na pele dos tigres. Finalmente, obrigado a deixar Roma, viria a morrer obscuramente numa escaramuça noturna e quase esquecida da história.

- Depois da morte do papa e do exílio do filho todos esperavam ver a família retomar a vida principesca que levava no tempo do cardeal Spada; mas não foi assim. Os Spadas mantiveram-se numa abastança duvidosa, um mistério eterno caiu sobre o sombrio caso e a opinião pública declarou que César, melhor político do que o pai, empalmara ao papa a fortuna dos dois cardeais. Digo dos dois porque o cardeal Rospigliosi, que não tomara qualquer precaução, foi completamente espoliado.

Faria interrompeu-se, sorrindo, e observou:

- Até agora, isto não parece ter-lhe interessado muito, não é verdade?

- Oh, meu amigo, parece-me, pelo contrário, que leio uma crônica cheia de interesse! - respondeu Dantés. - Continue, peço-lhe.

- É o que vou fazer. A família habituou-se à obscuridade. Os anos passaram. Dos descendentes, uns foram soldados, outros diplomatas; estes sacerdotes, aqueles banqueiros; uns enriqueceram, outros acabaram de se arruinar. Chego ao último da família, àquele de quem fui secret rio, ao conde de Spada.

- Ouvira-o lamentar-se muitas vezes da desproporção da sua fortuna com a sua categoria e aconselhara-o a colocar os poucos bens que lhe restavam em rendas vitalícias. Ele seguiu o meu conselho e
duplicou assim os seus rendimentos.

- O famoso breviário permanecera na família e era o conde de Spada quem o possuía. Tinham-no conservado de pais para filhos, pois a cláusula estranha do único testamento encontrado transformara-o
numa autêntica relíquia guardada em supersticiosa veneração na família. Era um livro iluminado com as mais belas figuras góticas, e tão pesado, de ouro, que um criado é que o levava sempre diante do cardeal nos dias de grande solenidade.

- Perante documentos de todos os gêneros - títulos, contratos, pergaminhos, etc. - guardados nos arquivos da família e todos provenientes do cardeal envenenado, pus-me por meu turno, como vinte servidores, vinte intendentes e vinte secretários que me tinham precedido, a compulsar os maços formidáveis
constituídos por essa papelada. Mas, apesar da atividade e do cuidado com que me dedicava às minhas pesquisas, não encontrava absolutamente nada. No entanto. Lera e até escrevera uma história exata e
quase efemerídica da família dos Bôrgias, com a única finalidade de me assegurar se a fortuna desses príncipes aumentara à data da morte do meu cardeal César Spada, mas apenas notei a adição dos bens do cardeal Rospijoíiosi, seu companheiro de infortúnio.

- Estava portanto quase certo de que a herança não aproveitara nem aos

Bórgias nem a família, mas sim ficara sem dono, como esses tesouros dos contos árabes que dormem no seio da terra sob a guarda de um gênio. Espiolhei, conferi e calculei milhares e milhares de vezes os rendimentos e as despesas da família durante trezentos anos. Tudo foi inútil: eu fiquei na minha e o conde de Spada na sua miséria.

- O meu patrão morreu. Da sua renda vitalícia excetuara os seus documentos de família, a sua biblioteca constituída por cinco mil volumes e o seu famoso breviário. Legou-me tudo isso, juntamente
com um milhar de escudos romanos que possuía em dinheiro, com a condição de mandar dizer missas anuais e de organizar uma árvore genealógica e uma história da sua casa, o que fiz escrupulosamente...

- Tranquilize-se, meu caro Edmond, aproximamo-nos do fim.

- Em 1807, um mês antes da minha prisão e quinze dias depois da morte do conde de Spada, em 25 de Dezembro - já vai compreender por que motivo esse dia memorável me ficou na memória -, relia pela milésima vez aqueles papéis, que arrumava, pois o palácio pertencia então a um estrangeiro e eu ia deixar Roma para me instalar em Florença, levando comigo uma dúzia de milhares de libras que possuía, a minha biblioteca e o meu famoso breviário, quando, cansado daquele estudo assíduo, maldisposto devido a um
almoço bastante pesado que comera, deixei cair a cabeça nos braços e adormeci. Eram três horas da tarde.

- Acordei quando o relógio deu seis horas.

- Ergui a cabeça e vi-me mergulhado na escuridão mais profunda. Toquei para que me trouxessem luz, mas ninguém apareceu. Resolvi então servir-me a mim mesmo. Seria, de resto, um hábito de filósofo que acabaria por adquirir. Segurei com uma das mãos uma vela já preparada e com outra procurei, à falta de fôsforos que não havia na caixa, um papel que contava acender num resto de chama que dançava na lareira. Hesitava, porém receando, nas trevas pegar num papel precioso em vez de num papel inútil, quando me lembrei de ter visto no famoso breviário, que estava pousado na mesa a meu lado, um papel velho todo amarelecido da parte de cima, que parecia servir de sinal, e que atravessara os séculos conservado no seu lugar pela veneração dos herdeiros. Procurei às apalpadelas essa folha inútil, encontrei-a, torci-a e, chegando-a à chama mortiça, acendi-a.

- Mas como que por magia, à medida que o fogo subia debaixo dos meus dedos, vi saírem do papel branco e aparecerem na folho rostocteres amarelados. Então, o terror apoderou-se de mim. Apertei o papel nas mãos, abafei o fogo, acendi a vela diretamente na lareira, reabri com indizível emoção a carta amarrotada e reconheci que uma tinta misteriosa e simpática traçara aquelas letras, somente visíveis ao contato com o
calor forte. Pouco mais de um terço do papel fora consumido pela chama.

Era o papel que você lera esta manhã. Releia-o, Dantés. Depois de o reler, completarei as frases interrompidas e o sentido incompleto. Faria calou-se e estendeu o papel a Dantés, que desta vez releu
avidamente as seguintes palavras traçadas com uma tinta ruça, semelhante à ferrugem:

Hoje, 25 de Abril de 1498, ten
Alexandre VI, e receando que, não
deseje herdar de mim e me re
e Bentivoglio, mortos envenenados,
meu herdeiro universal, que es
por o ter visitado comigo, isto é nas
ilha de Monte-Cristo, tudo o que pos
drarias, diamantes e jóias; que só
pode ascender a dois mil
encontrar levantando a vigésima roch
enseadazinha do leste, em linha recta. Foram praticadas
nessas grutas; o tesouro está no canto mais a
o qual tesouro lhe lego e cedo em prop
único herdeiro.
25 de Abril de 1498.

CES

- Agora - prosseguiu o abade - leia este outro papel. E apresentou a Dantés segunda folha com outros fragmentos de linhas.

Dantés pegou-lhe e leu:

do sido convidado para jantar por Sua Santidade
contente com ter-me obrigado a pagar o chapéu,
serve o destino dos cardeais Crapara
declaro ao meu sobrinho Guido Spada,
condi num lugar que conhece
gratas da pequena
suo em lingotes ouro amoedado, pe
eu conheço a existência desse tesouro, que
hões de escudos romanos aproximadamente, e que
a a partir da
duas aberturas
fastado da segunda,
riedade plena como meu

AR SPADA.

Faria não despregava dele o olhar ardente.

- E agora - declarou quando ouviu que Dantés chegara a última linha - junte os dois fragmentos e julgue por si mesmo.

Dantés obedeceu. Uma vez juntos, os dois fragmentos davam o seguinte conjunto:

Hoje, 25 de Abril de 1498 ten... do sido convidado para jantar por Sua Santidade... Alexandre VI e receando que não...contente com ter-me obrigado a pagar o chapéu ... deseje herdar de mim e me re... serve o destino dos cardeais Crapara.... e Bentivoglio, mortos envenenados... declaro ao meu sobrinho Cuido

Spada...meu herdeiro universal que es... condi num lugar que conhece... por o ter visitado comigo, isto é nas... grutas da pequena ilha de Monte-Cristo tudo o que pos... suo em lingotes ouro amoedado pe... drarias diamantes e jóias; que só... eu conheço a existência desse tesouro que... pode ascender a dois mil...hões de escudos romanos aproximadamente, e que... encontrará levantando a vigésima rocha... a a partir da... enseadazinha do leste, em linha reta. Foram praticadas... duas aberturas...nessas grutas: o tesouro está no canto mais a... fastado da segunda,... o qual tesouro lhe lego e cedo em prop... riedade plena como meu... único herdeiro.

25 de Abril de 1498.

CES... AR SPADA.

- Então compreende agora? - perguntou Faria.

- Era a declaração do cardeal Spada e o testamento procurado havia tanto tempo? - inquiriu Edmond, ainda incrédulo.

- Sim, mil vezes sim!

- Quem o reconstituiu desta maneira?

- Eu, que, com o auxílio do fragmento restante, adivinhei o resto calculando o comprimento das linhas pelo do papel e penetrando no sentido oculto por meio do sentido visível, tal como nos orientamos num subterrâneo por um raio de luz vindo de cima.

- E que fez quando julgou ter adquirido essa convicção?

- Quis partir e parti imediatamente, levando comigo o princípio da minha grande obra sobre a unidade de um reino de Itália. Mas havia muito tempo que a Polícia imperial me trazia debaixo de olho, pois nesse tempo, ao contrário do que pretendeu depois, quando lhe nasceu um filho, Napoleão queria a divisão das províncias. Por isso, a minha partida precipitada, por motivos que a Polícia estava longe de adivinhar quais fossem, despertou as suas suspeitas e prenderam-me no momento em que embarcava para Piombino. Agora - continuou Faria, olhando Dantés com expressão quase paternal --, agora, meu amigo, sabe tanto como eu a este respeito. Se alguma vez fugirmos juntos, metade do meu tesouro é seu; se eu morrer aqui e você conseguir fugir sozinho, pertence-lhe na totalidade.

- Mas - objetou Dantés, hesitante - esse tesouro não terá neste mundo algum possuidor mais legítimo do que nós?

- Não, não, sossegue; a família extinguiu-se por completo. De resto, o último conde de Spada nomeou-me seu herdeiro. Legando-me o breviário simbôlico, legou-me o que ele continha. Não, não, sossegue: se conseguirmos deitar a mão a essa fortuna, poderemos gozá-la sem remorsos.

- E o senhor diz que o tesouro vale...

- Dois milhões de escudos romanos, mais ou menos treze milhões na nossa moeda.

- Impossível! - exclamou Dantés, assustado com a enormidade da verba.

- Impossível porquê? - prosseguiu o velho. - A família Spada era uma das mais antigas e poderosas famílias do século XV. De resto nesse tempo, em que

não havia qualquer espécie de especulação ou indústria, as acumulações de ouro e jóias não eram raras, e ainda hoje há famílias romanas que morreram de fome ao pé de um milhão de diamantes e pedrarias transmitidos vinculativamente, por não lhe poderem tocar.

Edmond julgava sonhar; pairava entre a incredulidade e a alegria.

- Guardei durante tanto tempo este segredo para consigo - continuou Faria - primeiro para o experimentar e depois para o surpreender. Se nos tivéssemos evadido antes do meu ataque de catalepsia, lê-lo-ia conduzido a Monte-Cristo. Agora - acrescentou com um suspiro - será você quem lá me levará. Então, Dantés, não me agradece?

- Esse tesouro pertence-lhe, meu amigo - declarou Dantés pertence-lhe só a si, e eu não tenho nenhum direito a ele. Não sou seu parente.

- Você é meu filho, Dantés! - gritou o velho. - Você é o filho do meu cativeiro, pois o meu estado condena-me ao celibato. Deus o enviou para confortar ao mesmo tempo o homem que não podia ser pai e o prisioneiro que não podia ser livre.

E Faria estendeu o braço que lhe restava ao rapaz, que se lhe agarrou ao pescoço chorando.

Capítulo XIX

O terceiro ataque

Agora que o tesouro que fora durante tanto tempo objeto das meditações do abade podia assegurar a felicidade futura daquele que Faria amava realmente como filho, duplicara ainda de valor a seus olhos. Todos os dias se referia ao montante do tesouro e explicava a Dantés tudo o que com treze ou catorze milhões de fortuna um homem podia, nos tempos modernos, fazer de bem aos seus amigos. E então o rosto de Dantés ensombrava-se, pois vinha-lhe à memória o juramento de vingança que fizera e pensava pela sua parte quanto nos tempos modernos um homem com treze ou catorze milhões de fortuna podia também fazer de mal aos seus inimigos.

O abade não conhecia a ilha de Monte-Cristo, mas Dantés conhecia-a. Passara muitas vezes diante dela, pois a ilha ficava situada a vinte e cinco milhas da Pianosa, entre a Côrsega e a ilha de Elba, e até lá em cima uma vez. A ilha era, sempre fora e ainda é completamente deserta. Trata-se de um rochedo de forma quase cônica que parece ter sido trazido por qualquer cataclismo vulcânico do fundo do abismo à superfície do mar.

Dantés traçava o mapa da ilha a Faria e Faria dava conselhos a Dantés acerca dos meios a empregar para encontrar o tesouro.

Mas Dantés estava longe de ser tão entusiasta e sobretudo tão confiante como o velho. Claro que estava agora plenamente convencido de que Faria não se estava louco, e a forma como chegara à descoberta que levara a crer na sua loucura aumentava ainda mais a sua admiração por ele; mas também não podia acreditar que esse tesouro, supondo que tivesse existido, ainda existisse, e

embora não visse o tesouro como uma quimera, via-o pelo menos como perdido.

Entretanto, como se o destino quisesse tirar dos prisioneiros a sua última esperança e fazer-lhes compreender que estavam condenados a prisão perpétua, nova desgraça os atingiu: a galeria da beira-mar, que havia muito tempo ameaçava ruína, fora reconstruída. Tinham reparado os alicerces e tapado com enormes blocos de rocha o buraco já meio entulhado por Dantés. Sem essa precaução que, recordemo-nos, fora sugerida ao rapaz pelo abade, o seu infortúnio teria sido ainda muito maior, pois descobririam a sua tentativa de evasão e sem dúvida os separariam. Uma nova porta, mais forte e inexorável do que as outras, teria se fechado sobre eles.

- Como vê dizia o rapaz com suave tristeza a Faria --, Deus quer-me roubar até o mérito do que o senhor chama ainda dedicação por si. Prometi-lhe ficar eternamente consigo e nada me impede agora de cumprir a minha promessa. O tesouro não será mais meu do que seu, pois nem um nem outro sairemos daqui. De resto, o meu verdadeiro tesouro, meu amigo, não é o que me esperava debaixo das rochas enegrecidas de Monte-Cristo, mas sim a sua presença, o nosso convívio de cinco ou seis horas por dia, apesar dos nossos carcereiros; são os clarões de inteligência com que me iluminou o cérebro, as línguas vivas que me implantou na memória e que aí desabrocham com todas as suas ramificações filológicas. As várias ciências que me tornou tão fáceis de aprender dada a profundidade do conhecimento que possui delas e a clareza de princípios a que as reduziu, é que constituem aquilo em que me fez rico e feliz. É esse o meu tesouro. Acredite no que lhe digo e conforme-se: tudo isso vale mais para mim do que toneladas de ouro e caixas de diamantes, mesmo que não fossem problemáticas como as nuvens que vemos de manhã pairar sobre o mar, que as pessoas tomam por terras firmes e que se evaporam, se volatizam e se desvanecem à medida que se aproximam delas. Tê-lo junto a mim o maior tempo possível, ouvir a sua voz eloquente enriquecer o meu espírito, retemperar-me a alma, tornar todo o meu ser capaz de grandes e terríveis coisas se alguma vez for livre, enchê-lo tão bem que o desespero a que estava prestes a entregar-me quando o conheci não encontrou mais lugar em mim, é essa a minha fortuna. E uma fortuna nada quimérica, uma fortuna que lhe devo e que é bem real, uma fortuna que nem todos os soberanos da Terra, mesmo que fossem Césares Bórgias, conseguiriam me roubar.

Assim tiveram os dois infortunados, senão dias felizes, pelo menos dias que passaram com tanta rapidez como os que se seguiram. Faria, que durante tão longos anos guardara o segredo do tesouro, não se cansava agora de falar dele. Como previra, ficara paralítico do braço direito e da perna esquerda e perdera quase toda a esperança de os utilizar. Mas continuava a sonhar para o seu jovem companheiro uma libertação ou uma evasão que lhe permitisse fruir o tesouro por ambos. Com receio de que a carta se perdesse, obrigara Dantés a decorá-la, e Dantés sabia-a da primeira à última palavra. Destruíra então a segunda parte, pois assim, mesmo que alguém se apoderasse da primeira, não conseguiria adivinhar o seu verdadeiro sentido. Às vezes, Faria passava horas inteiras a dar instruções a Dantés, instruções que lhe seriam úteis no dia da sua libertação. Uma vez livre, no dia, na hora, no minuto em

que se visse liberto, só deveria ter um único pensamento: alcançar Monte-Cristo fosse como fosse e ficar sozinho, sob um pretexto que não desse margem a suspeitas, e uma vez lá, uma vez sozinho, procurar encontrar as grutas maravilhosas e revistar o local indicado. (O local indicado, recorde-se, era o canto mais afastado da segunda abertura.)

Entretanto, as horas passavam, senão rápidas, pelo menos suportáveis. Como dissemos, Faria, sem ter recuperado o uso da mão e do pé, recuperara toda a lucidez da sua inteligência e, além dos conhecimentos morais a que já nos referimos em pormenor, ensinara pouco a pouco ao seu jovem companheiro a arte paciente e sublime do prisioneiro, que de nada sabe fazer qualquer coisa. Estavam portanto sempre ocupados, Faria com medo de envelhecer, Dantés com medo de se recordar do seu passado quase extinto e que já só pairava no mais recôndito da sua memória como uma luz longínqua perdida na noite. Tudo corria assim como nessas existências onde o infortúnio nada perturbou e que se escoam maquinais e calmas sob o olhar da Providência.

Mas sob essa calma superficial havia no coração do rapaz, e talvez também no do velho, muitos impulsos contidos, muitos suspiros abafados, que vinham de cima quando Faria ficava sozinho e Edmond regressava à sua cela.

Uma noite, Edmond acordou sobressaltado, julgando ter ouvido chamar por si.

Abriu os olhos e tentou traspassar a densidade das trevas. O seu nome, ou antes, uma voz gemebunda que procurava articular o seu nome, chegou-lhe aos ouvidos.

Ergueu-se na cama, com o suor da angústia a cobrir-lhe a testa, e escutou. Não havia dúvida, os gemidos vinham da cela do companheiro.

- Meu Deus! - murmurou Dantés. - Terá ...?

Afastou a cama, tirou a pedra, meteu pela galeria e chegou à extremidade oposta. A laje estava levantada.

À luz da candeia informe e vacilante de que já falamos, Edmond viu o velho pálido, ainda de pé, agarrado à cama. Tinha o rosto arrepanhado pelos horríveis sintomas que já conhecia e que tanto o tinham assustado quando os vira pela primeira vez.

- Pronto, meu amigo! - disse Faria, resignado. - Compreende, não é verdade? Não preciso lhe ensinar mais nada!

Edmond soltou um grito doloroso e, perdendo por completo a cabeça, correu para a porta gritando.

- Socorro! Socorro!

Faria teve ainda forças para o deter pelo braço.

- Silêncio, ou estará perdido! - disse. - Pensemos apenas em você, meu amigo, em lhe tornar o seu cativeiro suportável ou a sua fuga possível. Precisaria de anos para refazer sozinho tudo o que fiz aqui, e que seria destruído imediatamente quando os nossos guardiões soubessem do nosso entendimento. De resto,
esteja tranquilo, meu amigo, a masmorra que vou deixar não ficará muito tempo vazia; outro desgraçado virá ocupar o meu lugar. A esse aparecerá como um anjo salvador. Talvez seja jovem, forte e paciente como você e possa ajudá-lo na fuga, ao passo que eu a dificultaria. Deixar de ter um meio cadáver agarrado a si e a

paralisar-lhe todos os movimentos. Decididamente, Deus faz enfim qualquer coisa por você: dá-lhe mais do que lhe tira e já é tempo de eu morrer.

Edmond pode apenas juntar as mãos e gritar:

- Oh, meu amigo, meu amigo, cale-se!

Depois, recuperando a energia por um instante abalada por aquele golpe imprevisto e a coragem abatida pelas palavras do velho, disse:

- Oh, se já o salvei uma vez, também o salvarei segunda!

E levantou o pé da cama, donde tirou o frasco ainda um terço cheio de licor vermelho.

- Veja, ainda resta alguma desta beberagem salvadora. Depressa, depressa, diga-me o que devo fazer desta vez. Há novas instruções? Fale meu amigo, eu o escuto.

- Já não há esperança - respondeu Faria abanando a cabeça. - Mas não importa, Deus quer que o homem que criou no coração do qual enraizou tão profundamente o amor à vida faça tudo o que puder para conservar essa existência às vezes tão penosa e tão querida sempre.

- Claro, claro! - exclamou Dantés. - E eu o salvarei, garanto-lhe!

- Pois sim, experimente. O frio apodera-se de mim. Sinto o sangue afluir-me ao cérebro. Este terrível tremor que me faz bater os dentes e parece desconjuntar-me os ossos começa a sacudir-me todo o corpo. Dentro de cinco minutos o mal se manifestará e dentro de um quarto de hora só restará de mim um cadáver.

-Oh!-exclamou Dantés, com o coração pungido de dor.

- Proceda como da primeira vez, só com a diferença de que não esperar tanto tempo. Todas as fontes da vida se encontram já secas e a morte - continuou mostrando o braço e a perna paralisados - terá de se encarregar apenas de metade da sua tarefa. Se depois de me deitar doze gotas na boca, em vez de dez, vir que não volto a mim, deite o resto. Agora leve-me para a cama, porque já não consigo ficar de pé.

Edmond tomou o velho nos braços e deitou-o na cama.

- Agora, amigo, única consolação da minha vida miserável - disse Faria --, você que o Céu me deu um pouco tarde, mas enfim que me deu, presente inestimável que lhe agradeço, no momento de nos separarmos para sempre desejo-lhe toda a felicidade, toda a prosperidade que merece. Meu filho, abençoo-o!

O rapaz ajoelhou e encostou a cabeça à cama do velho.

- Mas sobretudo, ouça bem o que lhe digo neste momento supremo: o tesouro dos Spadas existe. Deus permite-me que não haja mais para mim distância nem obstáculo. Vejo-o no fundo da segunda gruta; os meus olhos traspassam as profundezas da terra e ficam deslumbrados com tanta riqueza. Se conseguir fugir, lembre-se de que o pobre abade que todos julgavam louco não o era. Corra a Monte-Cristo, aproveite a nossa fortuna, aproveite-a pois já sofreu bastante.

Um estremecimento violento interrompeu o velho. Dantés levantou a cabeça e viu que os olhos do abade se injetavam de vermelho; diria-se que uma onda de sangue acabava de lhe subir do peito à cabeça.

- Adeus! Adeus! - murmurou o velho, apertando convulsivamente a mão do rapaz. - Adeus!

- Oh, ainda não, ainda não! - gritou Dantés. - Não nos abandone, meu Deus, socorra-o... ajude-o... eu...

- Silêncio! Silêncio! - murmurou o moribundo. - Que não nos separem se você conseguir me salvar!

-Tem razão. Oh, sim, sim, esteja tranquilo que o salvarei! De resto, embora sofra muito, parece sofrer menos do que da primeira vez.

- Não se engane! Sofro menos porque há em mim menos força para sofrer. Na sua idade tem-se fé na vida, é privilégio da juventude crer e esperar. Mas os velhos vêem mais claramente a morte. Ei-la... vem aí... acabou-se... a vista foge... a razão abandona-me... A sua mão, Dantés!... Adeus!... Adeus!

Erguendo-se num derradeiro esforço em que reuniu todas as suas faculdades:

- Monte-Cristo! Não se esqueça de Monte-Cristo!

E voltou a cair na cama.

A crise foi terrível: membros contorcidos, pálpebras inchadas, uma espuma ensanguentada, um corpo sem movimentos, foi tudo o que restou naquele leito de dor em vez do ser inteligente que nele se deitara pouco antes.

Dantés pegou a candeia e colocou-a na cabeceira da cama, numa pedra saliente e onde a sua luz trêmula iluminava com um reflexo estranho e fantástico aquele rosto descomposto e aquele corpo inerte e rígido.

Com os olhos fixos, esperou intrepidamente o momento de administrar o remédio salvador.

Quando julgou chegado esse momento, pegou na faca, descerrou os dentes do abade, que ofereceram menos resistência do que da primeira vez, contou uma após outra dez gotas e esperou. O frasco continha ainda pouco mais ou menos o dobro do que deitara.

Esperou dez minutos, um quarto de hora, meia hora e nada mexeu. Trêmulo, com os cabelos eriçados e a testa gelada de suor, contava os segundos pelas pulsações do seu coração.

Pensou então que era tempo de tentar a última experiência. Aproximou o frasco dos lábios roxos de Faria e, sem necessidade de lhe descerrar os maxilares, que tinham ficado abertos, despejou lodo o licor que ele continha.

O remédio produziu um efeito galvânico. Um tremor violento sacudiu os membros do velho, os seus olhos abriram-se com expressão assustadora, soltou um suspiro que mais parecia um grito e em seguida todo aquele corpo trêmulo voltou pouco a pouco à imobilidade.

Somente os olhos permaneceram abertos.

Passaram meia hora, uma hora, hora e meia. Durante esta hora e meia de angústia, Edmond, inclinado sobre o amigo com a mão no seu coração, sentiu sucessivamente aquele corpo arrefecer e as pulsações do coração, cada vez mais abafadas e profundas, extinguirem-se.

Por fim, nada sobreviveu; o derradeiro batimento do coração cessou, o rosto enlivideceu e os olhos ficaram abertos, mas o olhar morreu.

Eram seis horas da manhã, o Sol começava a romper e os seus raios mortiços invadiam a masmorra e faziam empalidecer a luz prestes a extinguir-se da candeia. Reflexos estranhos passavam pelo rosto do cadáver, dando-lhe de vez em quando aparências de vida. Enquanto durou aquela luta do dia e da noite,

Dantés ainda pode duvidar; mas logo que o dia levou a melhor compreendeu que estava sozinho com um cadáver.

Então, apoderou-se dele um terror profundo e invencível. Não se atreveu mais a apertar aquela mão que pendia fora da cama, nem ousou mais pausar os olhos naqueles olhos fixos e brancos que tentou várias vezes, mas inutilmente, fechar, e que se reabriam sempre. Apagou a lamparina, escondeu-a cuidadosamente
e fugiu, tendo o cuidado de colocar o melhor possível a laje por cima da cabeça.

Aliás, era tempo, pois o carcereiro aproximava-se.

Desta vez começou a sua visita por Dantés. Depois de sair da sua cela, dirigiu-se para a de Faria, a quem ia levar o café da manhã e roupa.

Nada indicava no homem que tivesse conhecimento do que acontecera. Saiu.

Dantés foi então dominado por uma indizível impaciência de saber o que se iria passar na cela do seu pobre amigo. Voltou portanto a entrar na galeria subterrânea e chegou a tempo de ouvir as exclamações do carcereiro, que pedia socorro.

Não tardaram a entrar os outros carcereiros. Em seguida ouviram-se os passos pesados e regulares habituais dos soldados, mesmo fora do serviço. Atrás dos soldados chegou o governador.

Edmond ouviu o ruído da cama ao sacudirem o cadáver. Ouviu também o governador ordenar que lhe jogassem água no rosto e depois, vendo que apesar disso o prisioneiro não voltava a si, mandara chamar o médico.

O governador saiu. Aos ouvidos de Dantés chegaram algumas palavras de compaixão de mistura com risos de troça.

- Pronto, pronto - dizia um --, o louco foi juntar-se aos seus tesouros. Boa viagem!

- Com todos os seus milhões, nem sequer tem com que pagar a mortalha - dizia outro.

- Oh, as mortalhas do Castelo de If não são caras - acrescentou terceira voz.

-- Como se trata de um padre, talvez façam alguma despesa com ele - observou um dos primeiros interlocutores.

- Nesse caso, terá as honras do saco.

Edmond escutava, não perdia uma palavra, mas não compreendia grande coisa do que se dizia. As vozes não tardaram a extinguir-se e pareceu-lhe que os homens tinham deixado a cela.

Contudo, não se atreveu a entrar; Podiam ter deixado algum carcereiro guardando o corpo.

Manteve-se portanto calado, imóvel e contendo a respiração. Passada uma hora, aproximadamente, o silêncio foi quebrado por um ruído fraco, que foi aumentando.

Era o governador que voltava, acompanhado do médico e de vários oficiais.

Fez-se um momento de silêncio. Era evidente que o médico se aproximava da cama e examinava o cadáver. As perguntas não tardaram a começar.

O médico descreveu a doença a que o prisioneiro sucumbira e declarou que estava morto. Perguntas e respostas sucediam-se com uma despreocupação que

indignava Dantés. Parecia-lhe que todos deviam experimentar pelo pobre abade parte da atenção que lhe dedicava.

- É para mim muito desagradável o que acaba de me anunciar - disse o governador, respondendo à certeza manifestada pelo médico de que o velho estava realmente morto. - Era um prisioneiro pacato, inofensivo, divertido com a sua loucura e sobretudo fácil de guardar.

- Oh - acrescentou o carcereiro --, poderia até não o guardar por completo! Se deixaria ficar cinquenta anos aqui, garanto, sem procurar fazer uma única tentativa de evasão.

- No entanto - prosseguiu o governador --, creio que seria conveniente apesar da sua convicção (não é que duvide da sua ciência, mas para salvaguardar a minha própria responsabilidade), assegurar-nos se o prisioneiro está realmente morto.

Reinou um instante de silêncio absoluto durante o qual Dantés, sempre à escuta, deduziu que o médico examinava e palpava pela segunda vez o cadáver.

- Pode ficar tranquilo - disse então o médico. - está morto, sou eu quem lhe garante.

- Como sabe, senhor - insistiu o governador --, em casos semelhantes a este não nos contentamos com um simples exame. A despeito de todas as aparências, queira portanto concluir a sua missão cumprindo as formalidades prescritas na lei.

- Mandem aquecer os ferros - determinou o médico. - Mas na verdade é uma precaução absolutamente inútil.

A ordem de aquecer os ferros fez estremecer Dantés.

Soaram passos apressados, ouviu-se ranger a porta, algumas idas e vindas interiores e pouco depois um dos carcereiros voltou e disse:

- Aqui está o braseiro com um ferro.

Reinou então um momento de silêncio e em seguida ouviu-se o rechinar das carnes que queimavam e cujo cheiro pesado e nauseabundo transpôs até a parede atrás da qual Dantés escutava horrorizado.

Quando o cheiro a carne humana carbonizada lhe feriu as narinas, o suor brotou da testa do rapaz e este julgou ir desmaiar.

- Como vê, senhor, está bem morto - declarou o médico. - Esta queimadura no calcanhar é decisiva. O pobre louco está curado da sua loucura e liberto do seu cativeiro.

- Não se chamava Faria? - perguntou um dos oficiais que acompanhavam o governador.

- Chamava e, segundo pretendia, tratava-se de um velho nome. Aliás, era muito culto e bastante cordato, até é em tudo o que não dissesse respeito ao seu tesouro. Mas quando se tratava deste, forçoso é reconhecê-lo, era intratável.

- É aquilo a que chamamos monotonia - informou o médico. - Alguma vez tiveram razão de queixa dele? - perguntou o governador ao carcereiro encarregado de trazer a comida ao abade.

- Nunca, Sr. Governador - respondeu o carcereiro. - Nunca por nunca ser! Pelo contrário: antes até me divertia muito com as suas histórias, e um dia em que tinha a minha mulher doente deu-me uma receita que a curou.

- Ah, ah!...-exclamou o médico. - Ignorava que tivesse nele um colega.

Espero, Sr. Governador - acrescentou rindo --, que o trate em conformidade.

- Claro, claro, esteja descansado que será delicadamente amortalhado no saco mais novo que conseguirmos arranjar. Está satisfeito?

- Devemos cumprir essa última formalidade na sua presença, senhor? - perguntou um carcereiro.

- Sem dúvida, mas andem; não posso ficar nesta cela durante todo o dia.

Ouviram-se novas idas e vindas. Um instante depois chegou aos ouvidos de Dantés um ruído de
pano amarrotado, a cama rangeu nas molas, passos pesados como os de um homem que levanta um fardo soaram no lajedo e em seguida a cama rangeu de novo sob o peso que nele depositavam.

- Esta noite - disse o governador.

- Haverá missa? - perguntou um dos oficiais.

- Impossível - respondeu o governador. - O capelão do castelo pediu-me ontem licença para fazer uma viagenzinha de oito dias a Hyêres e até ele voltar não haverá serviço religioso para nenhum dos meus prisioneiros. O pobre abade, se não fosse tão apressado, teria o seu funeral.

- Ora, ora! - exclamou o médico com a impiedade habitual na gente da sua profissão. - Ele era padre: Deus terá em consideração o seu estado e não dará ao Diabo o prazer de lhe enviar um sacerdote.

Uma gargalhada secundou a graça.

Entretanto, a operação de amorta lhamento prosseguia.

- Esta noite! - repetiu o governador quando os homens acabaram.

- A que horas? - perguntou um carcereiro.

- Por volta das dez ou onze.

- Velarão o morto?

- Para quê? Fechem a cela como se estivesse vivo e pronto.

Então, os passos afastaram-se, as vozes foram enfraquecendo, o ruído da porta, com a sua fechadura barulhenta e os seus ferrolhos rangedores, fez-se ouvir e um silêncio mais triste do que o da solidão, o silêncio da morte, invadiu tudo, incluindo a alma enregelada do jovem.

Então, levantou lentamente a laje com a cabeça e lançou um olhar investigador à cela. A cela estava vazia. Dantés saiu da galeria.

Capítulo XX

O cemitério do Castelo de If

Em cima da cama, estendido no sentido do comprimento e fracamente iluminado por uma luz brumosa que penetrava através da janela, via-se um saco de pano grosseiro, debaixo de cujas amplas pregas se desenhava confusamente uma forma longa e rígida. Era a mortalha de Faria, essa mortalha que, no dizer
dos carcereiros, era tão barata. Assim, estava tudo acabado. Entre Dantés e o seu velho amigo existia já uma separação material e era-lhe impossível voltar a ver-lhe os olhos, esses olhos que tinham ficado abertos como que para verem para além

da morte. Também não poderia apertar mais a mão industriosa que lhe erguera o véu que cobria tanta coisa oculta. Faria, o útil, o bom companheiro a quem se afeiçoara tão profundamente
só existia na sua memória. Então, sentou-se à cabeceira daquela cama terrível e mergulhou em sombria e amarga melancolia.

Só! Voltara a ficar só! Tornara a cair no silêncio! Encontrava-se de novo diante do nada!

Só! Sem sequer a vista, sem sequer a voz do único ser humano que o prendia ainda à terra! Não seria preferível fazer como Faria, abalar, ir pedir a Deus a revelação do enigma da vida, embora correndo o risco de passar pela porta lúgubre do sofrimento?

A idéia do suicídio, expulsa pelo amigo, afastada pela sua presença, voltou então a erguer-se como um fantasma junto do cadáver de Faria.

- Se morresse - disse --, iria para onde ele foi e com certeza o encontraria. Mas como morrer? É muito fácil - acrescentou rindo. - Fico aqui e atiro-me ao primeiro que entrar. Estrangulo-o e serei guilhotinado.

Mas como acontece que, nas grandes dores como nas grandes tempestades, o abismo se encontra entre duas vagas. Dantés recuou perante a idéia dessa morte infamante e passou precipitadamente do desespero a uma ânsia ardente de vida e liberdade.

- Morrer! Oh, não! - exclamou. - Não teria valido a pena viver tanto, sofrer tanto para morrer agora! Morrer era bom quando da outra vez tomei essa resolução, há anos. Mas agora seria realmente demasiado ajudar o meu miserável destino. Não, quero viver e lutar até ao fim! Não, quero reconquistar a felicidade
que me roubaram! Antes de pensar em morrer não devo esquecer que tenho de punir os meus carrascos e talvez também (quem sabe?) de recompensar alguns amigos. Mas agora vão me esquecer aqui e só sairei da minha masmorra como Faria.

Mal, porem, acabou de proferir estas últimas palavras Edmond ficou imóvel, de olhos fixos, como um homem a quem ocorreu uma idéia súbita, mas a quem essa idéia assusta. De súbito levantou-se, levou a mão à testa como se tivesse tido uma vertigem, deu duas ou três voltas na cela e voltou a deter-se diante da cama...

- Oh, oh!... - murmurou. - Quem me envia este pensamento? Sois Vós, meu Deus? Uma vez que só os mortos saem livremente daqui, tomemos o lugar dos mortos.

E sem perder tempo analisando esta decisão, como que para não dar ao pensamento tempo de destruir esta resolução desesperada, inclinou-se sobre o horrível saco, abriu-o com a faca que Faria fizera, retirou o cadáver do saco, levou-o para a sua cela, deitou-o na cama, cobriu-lhe a cabeça com o bocado
de pano com que ele próprio tinha o hábito de se cobrir, tapou-o com o cobertor, beijou-lhe pela última vez a testa gelada, tentou mais uma vez fechar aqueles olhos rebeldes, que continuavam abertos, assustadores devido à ausência de vida, virou-lhe o rosto para a parede a fim do carcereiro, quando lhe trouxesse a refeição da noite, julgar que estava dormindo, como acontecia muitas vezes, voltou à galeria, puxou a cama contra a muralha, entrou na outra cela, tirou do armário agulha e linha, desembaraçou-se dos seus andrajos para que cheirasse

debaixo do pano a carne nua, introduziu-se no saco esventrado, colocou-se na posição do cadáver e fechou a costura por dentro.

Ouviria-se bater o seu coração se por azar alguém entrasse naquele momento.

Dantés poderia perfeitamente ter esperado para depois da visita da noite, mas receava que entretanto o governador mudasse de resolução e levassem dali o cadáver.

Então a sua derradeira esperança estaria perdida. Eis o que tencionava fazer:

Se durante o trajeto os coveiros descobrissem que transportavam um vivo em vez de um morto, Dantés não lhes daria tempo de se recomporem da surpresa. Com uma facada vigorosa abriria o saco de alto a baixo e, aproveitando o terror dos homens, fugiria. Se o quisessem deter, se serviria da faca.

Se o conduzissem ao cemitério e o depositassem numa cova, se deixaria cobrir de terra. Depois, como era de noite, assim que os coveiros virassem costas abriria uma passagem através da terra mole e fugiria (esperava que o peso não fosse exagerado, para poder levantá-lo...).

Se se enganasse, se pelo contrário a terra fosse excessivamente pesada, morreria asfixiado e pronto,
tudo estaria acabado.

Dantés não comia desde a véspera, mas assim como não se lembrara da fome de manhã, também agora não pensava nela. A sua posição era tão precária que não lhe deixava tempo de fixar o pensamento em nenhuma outra idéia.

O primeiro risco que Dantés corria era que o carcereiro, quando lhe fosse levar a refeição das sete horas, descobrisse a substituição operada. Felizmente, quer por misantropia, quer por cansaço, Dantés recebera muitas vezes o carcereiro deitado, e quando assim acontecia, habitualmente o homem depositava o pão e a sopa em cima da mesa e retirava-se sem lhe falar.

Mas desta vez o carcereiro poderia renunciar aos seus hábitos de mutismo, falar a Dantés e, vendo que este lhe não respondia, aproximar-se da cama e descobrir tudo.

Quando as sete horas da noite se aproximaram, as angústias de Dantés começaram realmente. Com uma das mãos apoiada no coração procurava conter-lhe as pulsações, enquanto com a outra enxugava o suor da testa, que lhe escorria ao longo das têmporas. De vez em quando, sentia arrepios percorrerem-lhe todo o corpo e apertarem-lhe o coração como num torno gelado. Julgava então que ia morrer. Mas as horas passaram sem trazer qualquer movimento ao castelo e Dantés deduziu que escapara ao primeiro perigo. Era um bom augúrio. Finalmente, por volta da hora fixada pelo governador ouviram-se passos na escada e Edmond compreendeu que chegara o momento. Apelou para toda a sua coragem e conteve a respiração. Seria ótimo se conseguisse reter ao mesmo tempo as pulsações precipitadas das suas artérias.

Pararam à porta. Os passos eram de duas pessoas. Dantés adivinhou que eram os dois coveiros que vinham buscá-lo, e a dedução converteu-se em certeza quando ouviu o barulho que faziam ao pousar a padiola.

A porta abriu-se e uma luz velada chegou aos olhos de Dantés. Através da tela que o cobria viu duas sombras aproximarem-se da cama. Havia uma terceira

à porta, de lanterna na mão. Cada um dos dois homens que tinham se aproximado da cama agarrou o saco por uma extremidade.

- Isto é que ele é ainda pesado para um velhote tão magro! - observou um deles, levantando-o pela cabeça.

- Dizem que cada ano acrescenta meia libra ao peso dos ossos - comentou o outro, agarrando-o pelos pés.

- Já deu o nó? - perguntou o primeiro.

- Muito estúpido seria eu se nos carregasse com um peso inútil - respondeu o segundo. - Darei lá em baixo.

- Tem razão. Vamos lá então.

“A que nó se referiria ele?", perguntou-se Dantés.

Transportaram o pretenso morto da cama para a padiola. Edmond retesava-se para desempenhar melhor o seu papel de defunto. Pousaram-no na padiola, e o cortejo, iluminado pelo homem da lanterna, que ia à frente, subiu a escada.

De súbito, o ar fresco e cortante da noite inundou-o. Dantés reconheceu o mistral. Foi uma sensação cheia ao mesmo tempo de delícias e angústias.

Os carregadores deram uma vintena de passos e por fim pararam e depositaram a padiola no chão.

Um deles afastou-se e Dantés ouviu-lhe os sapatos ecoarem nas lajes.

“Onde estarei?", interrogou-se.

- Sabe que não é nada leve? - declarou o que ficara ao pé de Dantés, sentando-se na beira da padiola.

O primeiro impulso de Dantés fora fugir; felizmente, contivera-se.

- Ilumine-me, animal - ordenou o carregador que se afastara --, ou nunca mais encontro o que procuro.

O homem da lanterna obedeceu à ordem, embora, como vimos, tivesse sido feita em termos pouco convenientes.

“Que procurará ele?", perguntou-se Dantés. “Uma enxada, decerto."

Uma exclamação de satisfação indicou que o coveiro encontrara o que procurava.

- Até que enfim - observou o outro. - Levou tempo.

- Pois levou - respondeu o primeiro --, mas não perdeu demora.

Após estas palavras, aproximou-se de Edmond, que ouviu pousar perto de si um corpo pesado e ressoante. Ao mesmo tempo, uma corda rodeou-lhe os pés com viva e dolorosa pressão.

- Então, o nó está dado? - perguntou o coveiro que permanecera inativo.

-- E bem dado -- respondeu o outro. -- Respondo por ele.

- Nesse caso, a caminho.

E a padiola foi levantada e retomou o seu caminho.

Ao cabo de cinquenta passos, pouco mais ou menos, pararam para abrir uma porta e em seguida recomeçaram a andar. O ruído das vagas quebrando-se contra os rochedos em que se erguia o Castelo chegava mais distintamente aos ouvidos de Dantés à medida que avançavam.

- Está mau o tempo! - observou um dos carregadores. - Não deve ser agradável estar no mar esta noite.

- É verdade, e o abade corre grande risco de se molhar! - perguntou o outro, e ambos desataram a rir.

Dantés não compreendeu muito bem o gracejo, mas nem por isso os cabelos se lhe eriçaram menos na cabeça.

- Pronto, aqui estamos! - disse o primeiro.

- Mais longe, mais longe - contrapós o outro. - Bem sabe que o último ficou pelo caminho, esmagado nos rochedos, e que o governador nos disse no dia seguinte que éramos incompetentes.

Deram ainda quatro ou cinco passos mais, sempre subindo, e depois Dantés sentiu que o agarravam pela cabeça e pelos pés e o balançavam.

- Uma - disseram os coveiros.

- Duas...

- Três!

Ao mesmo tempo, Dantés sentiu-se efetivamente lançado num vácuo enorme, atravessar os ares como uma ave ferida e cair sempre com um terror que lhe gelava o coração. Apesar de puxado por baixo por qualquer coisa pesada que lhe precipitava a rapidez do vôo, pareceu-lhe que a queda durava um século.
Por fim, com um barulho medonho, entrou como uma seta na água gelada que o fez soltar um grito, abafado imediatamente pela imersão.

Dantés fora lançado ao mar, para o fundo do qual o arrastava um pelouro de trinta e seis preso aos pés. O mar era o cemitério do Castelo de If.

Capítulo XXI

A Ilha de Tiboulen

Apesar de aturdido e quase asfixiado, Dantés teve no entanto a presença de espírito de conter a respiração, e como segurava na mão direita, visto como já dissemos estar preparado para todas as eventualidades, a faca que herdara de Faria, esventrou rapidamente o saco e tirou um braço e depois a
cabeça. No entanto, apesar dos seus movimentos para levantar o pelouro, continuou a sentir-se arrastado. Então, curvou-se, procurou a corda que lhe amarrava as pernas e, num esforço supremo, cortou-a precisamente no momento em que sufocava. Em seguida, com um vigoroso golpe de pés, subiu livre à
superfície do mar, enquanto o pelouro arrastava para profundezas desconhecidas o tecido grosseiro que por pouco não se transformara na sua mortalha.

Dantés demorou-se na superfície apenas o tempo indispensável para respirar antes de mergulhar uma segunda vez. Porque a primeira precaução que devia tomar era evitar que o vissem.

Quando reapareceu pela segunda vez encontrava-se já a cinquenta passos, pelo menos do local da queda. Viu por cima da cabeça um céu negro e tempestuoso, à superfície do qual o vento varria algumas nuvens rápidas. Por vezes descobria uma pontinha de azul realçada por uma estrela. Diante de si estendia-se a superfície sombria e murmurante, cujas vagas começavam a aumentar como à aproximação de uma tempestade, ao passo que atrás de si, mais negro do que o mar, mais negro do que o céu, se erguia como um fantasma ameaçador o gigante de granito, cuja extremidade sombria parecia um braço

estendido para voltar a agarrar a sua presa. Na rocha mais alta estava uma lanterna que iluminava duas sombras.

Pareceu-lhe que essas duas sombras se inclinavam para o mar com inquietação. De fato, aqueles estranhos fogueiros deviam ter ouvido o grito que soltara ao atravessar o espaço. Dantés voltou portanto a mergulhar e fez um trajeto bastante longo entre duas águas. Esta manobra era-lhe outrora familiar e atraia habitualmente à sua volta, na enseada do Pharo, numerosos admiradores, os quais o tinham proclamado muitas vezes o mais hábil nadador de Marselha,

Quando tornou à superfície do mar, a lanterna desaparecera.

Precisava se orientar. De todas as ilhas que rodeavam o Castelo de If, Ratonneau e Pommêgue eram as mais próximas. Mas Ratonneau e Pommêgue eram habitadas e o mesmo acontecia com a ilhazinha de Daume. As ilhas mais seguras eram portanto as de Tibouien e Lemaire, mas as ilhas de Tibouien e Lemaire ficavam a uma légua do Castelo de If.

Dantés nem por isso desistiu de alcançar uma dessas ilhas. Mas como encontrá-las no meio da noite que se adensava a cada instante à sua volta?

Nesse momento, viu brilhar como uma estrela o farol de Planier.

Dirigindo-se em linha recta para o farol, deixaria a ilha de Tibouien um pouco à esquerda; derivando portanto um bocadinho para a esquerda, deveria encontrar essa ilha no seu caminho.

Mas, como já dissemos, ia pelo menos uma légua do Castelo de If a Tibouien.

Muitas vezes, na prisão, Faria repetia ao rapaz, ao vê-lo abatido e preguiçoso: “Dantés, não se entregue a esse amolecimento. Se afogará se tentar fugir e não tiver os músculos bem treinados."

Através das ondas pesadas e salgadas estas palavras vieram soar aos ouvidos de Dantés. Apressara-se então a vir à superfície e a fender as vagas para ver se efetivamente não perdera as forças. Verificou com alegria que a sua inação forçada lhe não roubara nada da sua pujança e da sua agilidade e sentiu que continuava a dominar o elemento onde toda a infância brincara.

De resto o medo, esse rápido perseguidor, duplicava o vigor de Dantés. Inclinado sobre a crista das ondas, escutava se algum rumor lhe chegava aos ouvidos. Todas as vezes que se erguia na extremidade de uma vaga, o seu olhar rápido abarcava o horizonte visível e procurava penetrar na espessa escuridão. Cada onda um pouco mais alta do que as outras parecia-lhe um barco em sua perseguição, e então redobrava de esforços, que o afastavam sem dúvida, mas cuja repetição rapidamente lhe esgotaria as forças.

Continuava porém a nadar, embora o castelo terrível estivesse já um pouco diluído no vapor noturno. Porque apesar de o não distinguir, não deixava de senti-lo constantemente.

Passou-se uma hora durante a qual Dantés, exaltado pelo sentimento da liberdade que invadira toda a sua pessoa, continuou a fender as vagas na direcção que se marcara.

“Vejamos", dizia para consigo, “há perto de uma hora que nado, mas como o vento me é contrário devo ter perdido um quarto da minha rapidez. No entanto, a menos que me tenha enganado no rumo, já não devo estar longe de Tibouien... Mas se me enganei?"

Um arrepio percorreu todo o corpo do nadador. Tentou deitar-se de prancha para descansar; mas o mar era cada vez mais forte e não tardou a compreender que esse meio de recuperar forças, com o qual contara, era impossível.

"Pronto, seja!", pensou. "Irei até ao fim, até os meus braços se cansarem, até às caibras me invadirem o corpo, e depois me deixarei ir ao fundo!"

E desatou a nadar com a energia e a velocidade do desespero.

De súbito, pareceu-lhe que o céu, já de si tão escuro, se tornava ainda mais negro, que uma nuvem espessa, pesada, compacta, descia na sua direção. Ao mesmo tempo sentiu uma dor violenta num joelho. A imaginação, com a sua incalculável velocidade, disse-lhe então que se tratava do choque de uma bala e que ia ouvir imediatamente a explosão do tiro de espingarda. Mas a explosão não soou. Dantés estendeu a mão e
sentiu uma resistência, encolheu a outra perna e tocou em terra. Descobriu então qual era o objeto que tomara por uma nuvem.

A vinte passos de si erguia-se uma massa de rochedos estranhos, que se tomaria por uma lareira imensa petrificada no momento da sua mais ardente combustão: era a ilha de Tibouien.

Dantés levantou-se, deu alguns passos em frente e deitou-se, agradecendo a Deus, naquelas pontas de granito que lhe pareceram naquela altura mais macias do que jamais lhe parecera o leito mais macio.

Depois, apesar do vento, apesar da tempestade, apesar da chuva que principiava a cair, quebrado de fadiga como estava, adormeceu, mergulhou nesse sono delicioso do homem que tem o corpo entorpecido, mas cuja alma vela com a consciência de uma felicidade inesperada.

Uma hora depois, Dantés acordou ao som de um enorme trovão. A tempestade desencadeara-se no espaço e fustigava o ar com o seu chicote deslumbrante. De vez em quando, um relâmpago descia do céu como uma serpente de fogo e iluminava as vagas e as nuvens que rolavam ao encontro umas das outras como as vagas de um imenso caos.

Com o seu olho de marinheiro, Dantés não se enganara: abordara a primeira das duas ilhas, que era efetivamente a de Tibouien. Sabia que era escalvada, deserta e sem possibilidade de oferecer o mais pequeno asilo; mas quando a tempestade se acalmasse voltaria a fazer-se ao mar e alcançaria a nado a
ilha Lemaire, também árida, mas mais ampla, e consequentemente mais hospitaleira.

Uma rocha inclinada ofereceu-lhe abrigo momentâneo. Dantés refugiou-se debaixo dela e quase imediatamente a tempestade rebentou em todo o seu furor.

Edmond sentia tremer a rocha sob a qual se abrigava. As vagas quebravam-se contra a base da gigantesca pirâmide e ricocheteavam até ele. Por mais em segurança que estivesse, encontrava-se no centro daquele ruído profundo, no meio daqueles deslumbramentos fulgurantes, dominado por uma espécie
de vertigem. Afigurava-se-lhe que a ilha tremia debaixo dele e que de um momento para o outro, como um navio ancorado, quebraria as amarras e seria arrastada para o meio do imenso turbilhão.

Lembrou-se então que não comia havia vinte e quatro horas: tinha fome e

sede.

Dantés estendeu as mãos e a cabeça e bebeu a água da tempestade na cavidade de uma rocha.

Quando ia se levantar, um relâmpago que pareceu fender o céu até junto do trono deslumbrante de Deus iluminou o espaço. A luz desse relâmpago, entre a ilha Lemaire e o cabo Croisille, a um quarto de légua de distância, Dantés viu aparecer, como um espectro deslizando do alto de uma vaga para o abismo, um barquito de pesca arrastado simultaneamente pela tempestade e pelas ondas. Um segundo mais tarde, na crista doutra vaga, o fantasma reapareceu e aproximou-se com assustadora rapidez. Dantés; quis gritar, procurou qualquer trapo que pudesse agitar no ar para lhes avisar que iam se despedaçar, mas eles próprios viam-no perfeitamente. à luz doutro relâmpago o rapaz viu quatro homens agarrados aos mastros e aos estais; um quinto mantinha-se agarrado à barra do leme quebrado. Aqueles homens que via e que o viam, sem dúvida, soltavam gritos desesperados, trazidos pelo vento sibilante, que lhe ferira o ouvido. No cimo do mastro, torcido como uma cana, batia no ar, em pancadas precipitadas, uma vela em farrapos. De súbito, as cordas que ainda a prendiam quebraram-se e ela desapareceu, arrebatada para as sombrias profundezas do céu, semelhante a essas grandes aves brancas que se desenham sobre nuvens negras.

Ao mesmo tempo, ouviu-se um estalido medonho e gritos de agonia chegaram até Dantés. Agarrado como uma esfinge ao seu rochedo, donde mergulhava no abismo, um novo relâmpago mostrou-se o barquito quebrado e no meio dos destroços cabeças de rostos desesperados e braços estendidos para o céu.

Depois, tudo desapareceu na noite; o terrível espetáculo tivera a duração de um relâmpago.

Dantés precipitou-se pelo declive deslizante dos rochedos, com risco de cair ele próprio ao mar Olhou e escutou, mas não ouviu nem viu mais nada; tinham acabado os gritos e os esforços humanos. Só a tempestade, essa grande obra de Deus, continuava a rugir com os ventos e a espumar com as vagas.

Pouco a pouco o vento amainou e o céu cobriu-se para ocidente de grossas nuvens cinzentas e por assim dizer desbotadas pela tempestade. O azul reapareceu com as estrelas mais cintilantes do que nunca. Em breve, para as bandas do leste, uma comprida faixa avermelhada desenhou no horizonte ondulações de um azul-escuro. As vagas saltaram, uma claridade súbita percorreu-lhes as cristas e transformou as suas franjas espumosas em crinas de ouro.

Nascia o dia.

Dantés ficou imóvel e mudo diante do grandioso espetáculo, como se o visse pela primeira vez. De fato esquecera-o desde que entrara no Castelo de If. Virou-se para a fortaleza e interrogou simultaneamente com um longo olhar circular a terra e o mar.

O sombrio edifício saia do seio das vagas com a majestade imponente das coisas horríveis, que parecem ao mesmo tempo vigiar e comandar.

Deviam ser cinco horas da manhã. O mar continuava a acalmar-se.

“Dentro de duas ou três horas", pensou Edmond, “o carcereiro entrará na

minha cela, encontrará o cadáver do meu pobre amigo, o reconhecerá, me procurará em vão e dará o alarme. Então, descobrirão o buraco, a galeria. Interrogarão os homens que me lançaram ao mar e que devem ter ouvido o grito que
soltei. Ato contínuo, barcos cheios de soldados armados correrão atrás do pobre fugitivo, que se sabe perfeitamente não estar longe. O canhão avisará toda a costa de que ninguém deve dar asilo a um homem que seja encontrado a vaguear, nu e faminto. Os espiões e os alguazis de Marselha serão prevenidos e baterão a costa enquanto o governador do Castelo de If mandará bater o mar. Então, perseguido no mar e cercado por terra, que farei? Tenho fome, tenho frio, perdi até a faca salvadora, que abandonei porque me incomodava para nadar. Estou à mercê do primeiro camponês que queira ganhar vinte francos entregando-me. Não tenho mais forças, nem idéias, nem resolução. Oh meu Deus, meu Deus, vede se já sofri o bastante
e se podeis fazer por mim mais do que eu posso fazer por mim próprio!"

No momento em que Edmond, numa espécie de delírio ocasionado pelo esgotamento das suas energias e pelo vazio do seu cérebro, proferia, ansiosamente virado para o Castelo de If, esta prece ardente, viu aparecer na extremidade da ilha de Pommégue, com a sua vela latina desenhada no horizonte e semelhante a uma gaivota que voa rasando a água, um naviozinho que o olhar de um marinheiro só podia reconhecer como uma tartana genovesa na linha ainda pouco clara do mar. A embarcação vinha do porto de Marselha e dirigia-se para o largo impelindo a espuma cintilante diante da proa aguda que abria caminho mais fácil aos seus flancos arredondados.

- Oh! - exclamou Edmond. - E dizer que dentro de meia hora alcançaria aquele navio se não receasse ser interrogado, reconhecido como fugitivo e reconduzido a Marselha! Que fazer? Que dizer? Que história inventar que possa iludi-los? Estes homens são todos contrabandistas, meio piratas. A pretexto de fazerem cabotagem, saqueiam a costa. Prefeririam vender-me a praticar uma boa ação estéril.

"Esperemos.

"Mas esperar é impossível! Morro de fome; dentro de poucas horas as fracas energias que me restam terão desaparecido. De resto, a hora da visita aproxima-se. O alarme ainda não foi dado talvez por não desconfiarem de nada. Posso fazer-me passar por um dos tripulantes do barquito que naufragou esta noite. A história não deixará de ter a sua verosimilhança. Ninguém vir contradizer-me, pois afogaram-se todos. Vamos.

Depois destas palavras, Dantés olhou para o local onde o barquito naufragara e estremeceu. O barrete frígio de um dos náufragos ficara preso na aresta de um rochedo e pertíssimo dali flutuavam alguns destroços da quilha, traves inertes que o mar impelia contra a base da ilha, onde batiam como impotentes aríetes.

Dantés decidiu-se num instante. Deitou-se ao mar, nadou para o barrete, colocou-o na cabeça, agarrou numa das traves e nadou de forma a cortar a linha de rumo que devia seguir o navio.

- Agora, estou salvo - murmurou.

E esta convicção deu-lhe forças.

Não tardou a ver a tartana que, com o vento quase de proa, bolinava entre o Castelo de If e a torre de Planier. Por instantes, Dantés receou que, em vez de passar perto da costa, o naviozinho ganhasse ao largo, como faria se, por exemplo, o seu destino fosse a Côrsega ou a Sardenha. Mas da forma que manobrava o nadador não tardou a descobrir que desejava passar, como era hábito dos navios que demandavam a Itália,
entre a ilha de Jaros e a ilha de Calaseraigne.

Entretanto, o navio e o nadador aproximavam-se insensivelmente um do outro. Numa das suas bordadas, a embarcação aproximou-se mesmo cerca de um quarto de légua de Dantés. Este ergueu-se
então na água e agitou o barrete em sinal de quem pede socorro. Mas ninguém o viu do navio, que virou de bordo e recomeçou a bolinar. Dantés pensou em chamar, mas calculou a olho a distância e compreendeu que a sua voz não chegaria ao navio: primeiro seria levada e abafada pela brisa do mar e pelo ruído das ondas.

Foi então que se felicitou pela precaução que tomara de se estender numa trave. Enfraquecido como estava, talvez não conseguisse aguentar-se à tona da água até alcançar a tartana. E, com toda a certeza, se a tartana, o que era possível, passasse sem o ver, não teria forças para regressar à costa.

Embora estivesse mais ou menos certo da rota que seguia o navio, Dantés acompanhou-o com a vista com certa ansiedade até ao momento em que o viu mudar, de rumo e dirigir-se ao seu encontro.

Então, lançou-se também ao encontro do navio. Mas antes de se alcançarem mutuamente, a embarcação começou a virar de bordo.

Num esforço supremo, Dantés ergueu-se imediatamente quase de pé na água, agitou o barrete e soltou um desses gritos arrepiantes como os dos marinheiros em perigo e que parecem lamentos de qualquer gênio do mar.

Desta vez viram-no e ouviram-no. A tartana interrompeu a sua manobra e aproou para o seu lado. Ao mesmo tempo, Dantés viu que se preparavam para lançar uma chalupa ao mar.

Pouco depois a chalupa, tripulada por dois homens, dirigiu-se ao seu encontro, batendo o mar com o seu remo duplo. Dantés deixou então deslizar a trave, de que pensava já não necessitar, e nadou vigorosamente para poupar metade do caminho aos que vinham ao seu encontro.

O nadador contara porém com forças quase esgotadas. Foi então que teve consciência de como lhe fora útil o bocado de madeira que flutuava já, inerte, a cem passos de si. Os braços começavam a ficar-lhe dormentes e as pernas tinham perdido a flexibilidade. Os seus movimentos eram rígidos e sacudidos e
tinha o peito arquejante.

Soltou um grande grito, os dois remadores redobraram de energia e um deles gritou-lhe em italiano:

- Coragem!

A palavra chegou-lhe aos ouvidos no momento em que uma vaga que já não tivera força para transpor lhe passava por cima da cabeça e o cobria de espuma.

Reapareceu batendo o mar com os movimentos desencontrados e desesperados de um homem prestes a afogar-se, soltou terceiro grito e sentiu-se

mergulhar no mar como se ainda tivesse agarrado aos pés o pelouro mortal.

A água passou-lhe por cima da cabeça e através dela viu o céu lívido com manchas negras.

Um esforço violento trouxe-o à superfície. Pareceu-lhe então que o agarravam pelos cabelos. Depois, não viu nem ouviu mais nada; desmaiara.

Quando reabriu os olhos, Dantés encontrou-se na coberta da tartana, que continuava a sua rota. O seu primeiro olhar foi para verificar que direção seguia: continuava a afastar-se do Castelo de If.

Dantés estava tão exausto que a exclamação de alegria que soltou foi tomada por um gemido de dor.

Como dissemos, estava deitado na coberta e um marinheiro esfregava-lhe os membros com um cobertor de lã. Outro, que reconheceu ser o que lhe gritara “Coragem!", introduzia-lhe o gargalo de uma garrafa empalhada na boca. Um terceiro, velho marinheiro que era ao mesmo tempo o piloto e o patrão,
olhava-o com o sentimento de compaixão egoísta que experimentam em geral os homens acerca de um infortúnio a que escaparam na véspera e que os pode atingir no dia seguinte.

Algumas gotas do rum que continha a garrafa reanimaram o coração desfalecido do jovem ao mesmo tempo que as fricções que o marinheiro, de joelhos diante dele, continuava a prodigalizar-lhe com o cobertor de lã lhe restituíam a elasticidade aos membros.

- Quem é você? - perguntou-lhe em mau francês o patrão.

- Sou um marinheiro maltês - respondeu-lhe Dantés em mau italiano. - Vínhamos de Siracusa, carregados de vinho e panolina. A borrasca desta noite surpreendeu-nos no cabo Morgiou e despedaçamo-nos contra aqueles rochedos que vê ali adiante.

- De onde veio?

- Desses rochedos, onde tive a sorte de me agarrar, enquanto o nosso pobre comandante quebrava neles a cabeça. Os nossos três outros companheiros afogaram-se. Creio que sou o único sobrevivente. Vi o seu navio e receando ter de esperar muito tempo naquela ilha isolada e deserta arrisquei-me num destroço
do nosso navio a tentar chegar até aqui. Obrigado - continuou Dantés. - Salvaram-me a vida. Estava perdido quando um dos seus marinheiros me agarrou pelos cabelos.

- Fui eu - disse um marinheiro de rosto franco e aberto, emoldurado por longas suíças pretas. - E foi mesmo a tempo, pois você já ia para o fundo.

- É verdade - reconheceu Dantés, estendendo-lhe a mão. É verdade, meu amigo, e agradeço-lhe pela segunda vez.

- Confesso que quase hesitei - declarou o marinheiro. - Com essa barba de seis polegadas de comprimento e esses cabelos de um pé, tinha mais o ar de um bandido do que um homem honesto.

Dantés recordou-se efetivamente de que desde que entrara no Castelo de if nunca mais cortara o cabelo nem fizera a barba.

- Tem razão, mas trata-se de uma promessa que fiz a Nossa Senhora del Pie de la Grotta, num momento de perigo, de passar dez anos sem cortar o cabelo nem a barba. Hoje que expirava a promessa é que estive quase a morrer afogado. Que rico aniversário!

- E agora, que vamos fazer de você? - perguntou o patrão.

- Bom, o que quiser!- respondeu Dantés. - O falucho em que andava embarcado naufragou e o comandante morreu. Como vê, escapei à mesma sorte mas completamente nu. O que vale é que sou bom marinheiro. Deixe-me no primeiro porto em que tocar e arranjarei maneira de embarcar num navio mercante.

- Conhece o Mediterrâneo?

- Navego nele desde a infância.

- E os bons ancoradouros?

- Há poucos portos, mesmos os mais difíceis, em que não possa entrar e sair de olhos fechados.

- Nesse caso, patrão, se o camarada diz a verdade, que o impede de ficar conosco? - perguntou o marinheiro que gritara “Coragem!" a Dantés.

- Sim, se diz a verdade... - respondeu o patrão, com ar de dúvida. - Mas no estado em que se encontra o pobre diabo todos prometem muito na mira de obter o que puder.

- Darei mais do que prometo - perguntou Dantés.

- Oh, oh! - exclamou o patrão, rindo. - Veremos isso.

-- Quando quiser - acrescentou Dantés, levantando-se. - Para onde vão?

- Para Liorne.

- Bom, nesse caso, em vez de andarem aos esses, o que lhes faz perder um tempo precioso, por que não cerram simplesmente o vento de bolina?

- Porque iríamos cair direitinhos na ilha de Rion.

- Passariam, pelo contrário, a mais de vinte braças...

- Sendo assim - disse o patrão --, pegue no leme e mostre-nos a sua ciência.

O jovem foi sentar-se ao leme e assegurou-se por meio de uma leve pressão que o navio era obediente. E vendo que sem ser de primeira categoria não se recusava, comandou:

- Aos braços e às escotas!

Os quatro marinheiros que formavam a tripulação correram para os seus postos, enquanto o patrão os observava.

- Icem! - continuou Dantés.

Os marinheiros obedeceram com bastante precisão.

- E agora, amarrem bem!

Esta ordem foi executada como as duas primeiras e o naviozinho, em vez de continuar a bolinar, começou a rumar para a ilha de Rion, junto da qual passou, como predissera Dantés, deixando-a a estibordo, a uma vintena de braças.

- Bravo! - gritou o patrão.

- Bravo! - repetiram os marinheiros.

E todos olharam com admiração para aquele homem cujo olhar recuperara a inteligência e o corpo um vigor que se estaria longe de supor nele.

- Como vê - disse Dantés, largando o leme --, poderei ser-lhes de alguma utilidade, pelo menos durante a viagem. Se não quiserem mais nada comigo em Liorne, pois bem, deixe-me lá . Prometo com os meus primeiros meses de soldo reembolsá-los da minha alimentação até lá e das roupas que me cederem.

- Está bem, está bem - disse o patrão. - Poderemos entender-nos se for

razoável.

- Um homem vale um homem - declarou Dantés. - Dê-me o mesmo que dá aos camaradas e não se fala mais nisso.

- Não é justo - objetou o marinheiro que tirara Dantés do mar. - Você sabe mais do que nós.

- Por que diabo se mete nisto? Diz-te porventura respeito, Jacopo? - ralhou o patrão. - Cada um é livre de se contratar pelo salário que lhe convém.

- É justo - concordou Jacopo. - Foi uma simples observação da minha parte.

- De acordo, mas faria muito melhor se emprestasse a este valente rapaz, que está todo nu, umas calças e uma blusa, se ainda tem algumas de reserva.

- Não - respondeu Jacopo -- mas tenho uma camisa e umas calças.

- É tudo de que preciso - declarou Dantés. - Obrigado, amigo.

Jacopo deixou-se escorregar pela escotilha e voltou a subir pouco depois com as duas peças de roupa, que Dantés vestiu com indizível prazer.

- E agora, não precisa de mais nada? - perguntou o patrão.

- Um naco de pão e segunda golada desse excelente rum que já provei. Porque há muito tempo que não como nada.

Com efeito, havia quarenta e oito horas, aproximadamente. Trouxeram a Dantés um naco de pão e Jacopo estendeu-lhe a garrafa empalhada.

- Leme a bombordo! - gritou o patrão, virando-se para o timoneiro.

Dantés deitou uma olhadela para o mesmo lado, levando a garrafa à boca, mas a garrafa ficou a meio caminho.

- Olhem! - exclamou o patrão. - Que se passa no Castelo de If?

Com efeito, uma nuvenzinha branca - nuvem que já atraíra a atenção de Dantés - acabava de aparecer coroando as ameias do bastião sul do Castelo de If.

Um segundo mais tarde, o estampido de uma explosão longínqua veio morrer a bordo da tartana.

Os marinheiros ergueram a cabeça e entreolharam-se.

- Que significa aquilo? - perguntou o patrão.

- Deve ter fugido algum prisioneiro esta noite - informou Dantés - por isso disparam o canhão de alarme.

O patrão deitou uma olhadela ao rapaz, que ao mesmo tempo que dizia estas palavras levava a garrafa à boca. Viu-o, porém, a saborear o licor que ela continha com tanta calma e satisfação que, se teve qualquer suspeita, essa suspeita apenas lhe atravessou o espírito e morreu imediatamente.

- Irra, este rum é tremendamente forte! - exclamou Dantés, enxugando com a manga da camisa a testa coberta de suor.

- Seja como for - murmurou o patrão olhando-o --, se é ele, tanto melhor, pois adquiri um excelente homem.

A pretexto de estar cansado, Dantés pediu que o deixassem sentar-se ao leme. O timoneiro, encantado por ser substituído nas suas funções, consultou o patrão com a vista, o qual lhe acenou com a cabeça que podia entregar o leme ao novo companheiro.

Assim colocado, Dantés pode ficar de olhos lixos para o lado de Marselha.

- A quantos do mês estamos hoje? - perguntou Dantés a Jacopo, que viera sentar-se junto dele, perdendo de vista o Castelo de If.

- A 28 de Fevereiro - respondeu o interrogado.

- De que ano? - perguntou ainda Dantés.

- Como, de que ano?! Pergunta de que ano?

- Pergunto - insistiu o rapaz. - Pergunto de que ano.

- Esqueceu-se do ano em que estamos?

- Que quer, apanhei tamanho susto esta noite que quase perdi a cabeça e fiquei com a memória toda embaralhada! Por isso lhe pergunto em 28 de Fevereiro de que ano estamos.

- Do ano de 1829 - respondeu Jacopo.

Havia catorze anos dia a dia, que Dantés fora preso. Entrara com dezanove anos no Castelo de If e saíra com trinta e três.

Passou-lhe pelos lábios um sorriso doloroso. Perguntou a si mesmo que teria sido feito de Mercedes durante aquele tempo, em que decerto o considerara morto.

Depois, brilhou-lhe nos olhos um relâmpago de ódio ao pensar nos três homens a quem devia tão longo e cruel cativeiro.

E renovou contra Danglars, Fernand e Villefort o juramento de implacável vingança que já pronunciara na prisão.

E esse juramento já não era uma ameaça vã, pois naquele momento o melhor veleiro do Mediterrâneo não conseguiria apanhar a pequena tartana que singrava a todo o pano para Liorne.

Capítulo XXII

Os contrabandistas

Ainda não passara um dia a bordo e já Dantés descobrira com quem estava metido. Sem ter frequentado a escola do abade Faria, o digno patrão da Jeune-Amélie, como se chamava a tartana genovesa, sabia quase todas as línguas faladas em redor desse grande lago chamado Mediterrâneo. Desde o árabe ao provençal. Tal fato proporcionava-lhe, por lhe permitir dispensar os intérpretes, gente sempre maçadora e por vezes indiscreta, grandes facilidades de comunicação, quer com os navios que encontrava no mar, quer com os barquitos com que contactava ao longo da costa, quer enfim com a gente sem nome,
sem pátria e sem estado aparente, como existe sempre nas vielas próximas dos portos de mar, e que vive desses recursos misteriosos e ocultos que dir-se-ia receber em linha reta da Providência, visto a olho nu não ter nenhum meio de existência visível. Como se adivinha, Dantés encontrava-se a bordo de um navio de contrabando.

Por isso o patrão recebera Dantés a bordo com certa desconfiança. Era muito conhecido de todos os guardas fiscais da costa e como havia entre ele e esses cavalheiros um jogo de artimanhas mais hábeis umas do que outras, ao princípio pensara que Dantés fosse um emissário dos “pica-chouriços", que empregassem aquele meio engenhoso para devassar alguns segredos do ofício. Mas a maneira brilhante como Dantés se saíra da prova quando comandara a manobra convencera-o por completo. Depois, quando vira aquele fumo ligeiro

pairar como um penacho por cima do bastião do Castelo de if e ouvira o estampido distante da explosão, tivera por um momento a idéia de que acabara de receber a bordo aquele a quem, como nas entradas e saídas dos reis, se concedia as honras do canhão. Isso, diga-se desde já, preocupava-o menos do que se o recém-chegado fosse um guarda-fiscal. Mas a segunda suposição não tardara a desaparecer como a primeira, perante a perfeita tranquilidade do novo tripulante.

Edmond teve portanto a vantagem de saber o que era o patrão sem que o patrão soubesse o que ele era. Por qualquer lado que o atacassem, quer o velho marinheiro, quer os seus camaradas, aguentou-se e não fez qualquer confissão; limitou-se a dar inúmeros pormenores acerca de Nápoles e de Malta, que conhecia tão bem como Marselha, e agora com uma firmeza que fazia honra à sua memória e à sua primeira história. Foi pois o genovês, apesar de toda a sua subtileza, que se deixou enganar por Edmond, a favor do qual se depunham a sua pacatez, a sua experiência náutica e sobretudo a mais hábil dissimulação.

E depois talvez o genovês fosse com essas pessoas prudentes que só sabem o que devem saber e só acreditam no que lhes convém acreditar.

Foi pois nesta situação recíproca que chegaram a Liorne.

Edmond faria lá uma nova experiência: saber se se reconheceria a si mesmo catorze anos depois de não se ver. Conservava idéia bastante precisa de que fora na juventude e desejava ver no que se transformara como homem. Aos olhos dos camaradas a sua promessa estava cumprida. já estivera em Liorne umas vinte
vezes e conhecia um barbeiro na Rua de S. Fernando. Foi aí que entrou para mandar lazer a barba e cortar o cabelo.

O barbeiro olhou com espanto aquele homem de longa cabeleira espessa e negra, que lembrava umas belas cabeças de Ticiano. Naquela época ainda não era moda usar-se a barba e o cabelo tão compridos; hoje um barbeiro apenas se admiraria se um homem dotado de tão notáveis atributos físicos consentisse em privar-se deles.

O barbeiro lionês deitou as mãos à obra sem fazer observações.

Quando a operação terminou, quando Edmond sentiu o queixo inteiramente barbeado e o cabelo reduzido ao comprimento normal, pediu um espelho e olhou-se.

Contava então trinta e três anos, como dissemos, e os catorze anos de prisão tinham por assim dizer ocasionado uma grande transformação moral na sua fisionomia.

Dantés entrara no Castelo de If com o rosto redondo, risonho e despreocupado de um jovem feliz, a quem os primeiros passos na vida foram facilitados e que espera do futuro o que naturalmente deduz do passado. Mas tudo isso mudara.

O seu rosto oval alongara-se, a sua boca risonha adquirira as linhas firmes e decididas que indicam a resolução, as suas sobrancelhas tinham-se arqueado sob uma ruga única, pensativa, os seus olhos estavam impregnados de profunda tristeza, do fundo da qual brotavam de vez em quando relâmpagos sombrios, misantropia e ódio, e a sua tez, durante tanto tempo afastada da luz do dia e dos raios do Sol, adquirira a cor mate característica, quando o rosto é emoldurado por cabelos negros, da beleza aristocrática dos homens do Norte. Além disso, a

ciência profunda que adquirira espalhava-lhe por todo o rosto uma auréola de inteligencia segurança. Mais, embora tosse naturalmente de estatura bastante alta, também adquirira o vigor pesado de um corpo que concentra constantemente as suas forças em si mesmo.

À elegância das formas nervosas e franzinas sucedera a solidez das formas arredondadas e musculosas. Quanto à voz, as preces, os soluços e as imprecações tinham-na modificado, dando-lhe ora um timbre de uma doçura estranha, ora uma acentuação rude e quase rouca.

Por outro lado, por viver constantemente na meia-luz e na escuridão, os seus olhos tinham adquirido a singular faculdade de distinguir os objetos durante a noite, como os da hiena e os do lobo.

Edmond sorriu ao ver-se: era impossível que o seu melhor amigo, se ainda lhe restasse um amigo, o reconhecesse. Nem ele se reconhecia a si próprio.

O patrão da Jeune-Amélie, empenhadíssimo em conservar entre os seus um homem do valor de Edmond, oferecera-lhe alguns adiantamentos sobre a sua parte nos lucros futuros, e Edmond aceitara. O seu primeiro cuidado, assim que saiu do barbeiro que acabava de proceder à sua primeira metamorfose, foi pois entrar numa loja e comprar um traje completo de marinheiro. Tal traje, como se sabe, é muito simples: compõe-se de calças brancas, camisa às riscas e barrete frígio.

Foi assim vestido, depois de restituir a Jacopo a camisa e as calças que lhe emprestara, que Edmond reapareceu diante do patrão da Jeune-Amélie, a quem foi obrigado a repetir a sua história. O patrão não queria reconhecer naquele marinheiro taful e elegante o homem de barba espessa, cabelo coberto de algas e corpo a escorrer água do mar que recolhera nu e moribundo na coberta do seu navio.

Entusiasmado com o seu bom aspecto, renovou a Dantés as suas propostas de contratação. Mas Dantés, que tinha os seus projetos, só as aceitou por três meses.

A tripulação da Jeune-Amélie era muito ativa e estava submetida às ordens de um patrão que adquirira o hábito de não perder tempo. Por isso, decorridos apenas oito dias desde a sua chegada a Liorne, os flancos arredondados do navio encontravam-se cheios de musselinas estampadas, algodões proibidos, pôlvora inglesa e tabaco que a régie do Estado se “esquecera" de selar. Tratava-se de fazer sair tudo isso de
Liorne, porto franco, e de o desembarcar nas costas da Côrsega, donde certos especuladores se encarregariam de fazer passar o carregamento para França.

Partiram. Edmond cruzou de novo aquele mar azulino, primeiro horizonte da sua juventude, que tantas vezes revira em sonhos na prisão. Deixaram à direita a Gôrgona e à esquerda Pianosa e rumaram para a pátria de Paoli e Napoleão.

No dia seguinte, ao subir à coberta, o que fazia sempre muito cedo, o patrão encontrou Dantés encostado à amurada do navio e a olhar com expressão estranha um amontoado de rochedos graníticos que o sol nascente inundava de uma luz rosada: era a ilha de Monte-Cristo.

A Jeune-Amélie deixou-a a três quartos de légua, aproximadamente, a estibordo e continuou a navegar para a Côrsega.

Dantés pensava, enquanto passava ao largo daquela ilha de nome tão

ressoante para ele, que lhe bastaria lançar-se ao mar para dentro de meia hora se encontrar naquela terra prometida. Mas que faria lá, sem instrumentos para descobrir o seu tesouro nem armas para o defender? Além disso, que diriam os marinheiros? Que pensaria o patrão? Era necessário esperar.

Felizmente, Dantés sabia esperar. Esperara catorze anos pela liberdade: podia muito bem, agora que estava livre, esperar seis meses ou um ano pela riqueza.

Não teria aceitado a liberdade sem a riqueza, se a tivessem oferecido?

Aliás, não era essa riqueza uma quimera? Nascida no cérebro enfermo do pobre abade Faria, não teria morrido com ele?

De fato a carta do cardeal Spada era singularmente precisa...

E Dantés repetia de ponta a ponta, na memória, essa carta, de que não esquecera uma palavra.

Anoiteceu. Edmond viu a ilha passar por todas as cores que o crepúsculo traz consigo e desaparecer para todos nas trevas. Mas ele, com o seu olhar habituado à obscuridade da prisão, continuou sem dúvida a vê-la, pois foi o último a deixar a coberta.

No dia seguinte acordaram à vista de Aleria. Mantiveram o mesmo rumo durante todo o dia e à noite acenderam-se fogueiras na costa. Pela disposição dessas fogueiras reconheceu-se, decerto, que se podia desembarcar, porque em vez do pavilhão subiu no rostongueja uma lanterna e o navio aproximou-se da costa até ficar ao alcance de um tiro de espingarda.

Dantés notara que, sem dúvida devido à solenidade daquelas ocasiões, o patrão da Jeune-Amélie montara no seu reparo, ao aproximar-se de terra, duas pequenas colubrinas idênticas a espingardas de fortaleza, que, sem fazerem grande barulho, podiam atirar uma boa bala de quarto de libra a mil passos de distância.

Mas naquela noite a precaução foi supérflua; tudo se passou com a maior calma e correção do mundo. Quatro chalupas aproximaram-se quase sem ruído do navio, que sem dúvida para as honrar deitou a sua própria chalupa ao mar. O caso é que as cinco chalupas trabalharam tão bem que às duas horas da madrugada todo o carregamento passara de bordo da Jeune-Amélie para terra firme.

Nessa mesma noite, de tal modo o patrão da Jeune-Amélie era homem de ordem, procedeu-se à distribuição do bolo: cada homem recebeu cem libras toscanas de quinhão, isto é, cerca de oitenta trancos na nossa moeda.

Mas a expedição ainda não terminara. Aproaram na Sardenha. Tratava-se de ir recarregar o navio que acabava de se descarregar. A segunda operação decorreu com tanto êxito como a primeira; a Jeune-Amélie estava em mar, e com sorte.

O novo carregamento destinava-se ao ducado de Luca e compunha-se quase inteiramente de charutos de Havana e vinho de Xerez e de Málaga.

Mas aí surgiram complicações com os “pica-chouriços", os eternos inimigos do patrão da Jeune-Amélie. Um guarda caiu morto e dois marinheiros ficaram feridos. Dantés foi um desses marinheiros; uma bala atravessou-lhe a carne do ombro esquerdo.

Dantés ficara quase feliz com a escaramuça e quase contente com a ferida.

Ambas lhe tinham ensinado, essas severas professoras, com que olhos devia encarar o perigo e com que ânimo suportar o sofrimento. Enfrentara o perigo rindo e ao ser ferido dissera como o filôsofo grego: “Dor, não és um mal."

Além disso, examinara o guarda ferido de morte e, quer pelo calor do sangue na ação, quer por arrefecimento dos sentimentos humanos, a vista do corpo causara-lhe apenas uma ligeira impressão. Dantés encontrava-se no caminho que queria percorrer e dirigia-se para o objetivo que pretendia atingir: o coração estava em vias de se petrificar no peito.

Ao vê-lo cair, Jacopo julgara-o morto e precipitara-se para ele, levantara-o, e por fim, uma vez levantado, tratara-o como um excelente camarada.

O mundo não era portanto tão bom como o via o Dr. Pangloss, mas também não era tão mau como o via Dantés, uma vez que aquele homem que nada tinha a esperar do companheiro, exceto herdar a sua parte no bolo, experimentava tão viva aflição ao julgá-lo morto.

Felizmente, como dissemos, Edmond encontrava-se apenas ferido. Graças a certas ervas colhidas em determinadas épocas e vendidas aos contrabandistas por velhas sardas, o ferimento não tardou a fechar. Edmond quis então tentar Jacopo: ofereceu-lhe em troca dos seus cuidados a sua parte nos ganhos, mas Jacopo recusou com indignação.

Era devido à espécie de dedicação simpática que Jacopo dedicara a Edmond desde o primeiro momento em que o vira que Edmond concedia a Jacopo uma certa afeição. Mas Jacopo não pedia mais. Adivinhara instintivamente em Edmond a suprema superioridade da sua posição, superioridade que Edmond conseguira esconder dos outros. E com o pouco que Edmond lhe concedia o bravo marinheiro já ficava satisfeito.

Por isso, durante os longos dias passados a bordo, quando o navio, correndo com segurança pelo mar azul não necessitava, graças ao vento de feição que lhe enfunava as velas, mais do que da atenção do timoneiro, Edmond pegava num mapa marítimo e armava em professor de Jacopo, tal como o abade Faria se armara em professor com ele. Mostrava-lhe o recorte da costa, explicava-lhe as variações da bússola e ensinava-o a ler no grande livro aberto por cima das nossas cabeças, a que chamamos céu e onde Deus escreveu no azul com letras de diamante.

E quando Jacopo lhe perguntava:

- Que adianta ensinar todas essas coisas a um pobre marinheiro como eu?

Edmond respondia:

- Quem sabe? Talvez um dia seja comandante de navio. O teu compatriota Bonaparte conseguiu ser imperador!

Esquecemo-nos de dizer que Jacopo era corso.

Tinham se passado já dois meses e meio nestas viagens sucessivas. Edmond tornara-se tão hábil cabotador como fora outrora ousado marinheiro. Estabelecera relações com todos os contrabandistas da costa e aprendera todos os sinais maçônicos com os auxílio dos quais os meio-piratas se reconhecem uns aos outros.

Passara e repassara vinte vezes diante da ilha de Monte-Cristo, mas em todas elas nem uma só vez encontrara oportunidade de lá desembarcar.

Tomara portanto uma resolução: assim que o seu contrato com o patrão da Jeune-Amélie caducasse, alugaria um barco (Dantés podia fazê-lo, pois durante as suas diversas viagens amealhara uma centena de piastras) e, sob qualquer pretexto, se dirigiria para a ilha de Monte-Cristo.

Uma vez lá, procederia com toda a liberdade às suas pesquisas. Não com inteira liberdade, pois seria, sem dúvida nenhuma, espiado por aqueles que o tivessem transportado.

Mas em tais momentos é sempre necessário arriscar alguma coisa. A prisão tornara Edmond prudente e gostaria muito de não arriscar nada.

Mas por mais tratos que desse à imaginação e por mais fecunda que esta fosse, não via outro meio de chegar à ilha tão cobiçada senão fazendo-se transportar para lá.

Dantés debatia-se nestas hesitações quando o patrão, que se habituara a depositar uma grande confiança nele e que desejava muito conservá-lo ao seu serviço, lhe pegou uma noite pelo braço e o levou a uma taberna da Via del Oglio em que habitualmente se reunia a nata dos contrabandistas de Liorne.

Era ali que por via de regra se tratava dos negócios da costa. Dantés já entrara duas ou três vezes naquela bolsa marítima. E ao ver aqueles ousados piratas que forneciam todo um litoral num raio de cerca de duas mil léguas perguntara a si mesmo de que poder não disporia um homem que conseguisse submeter à sua vontade todos aqueles fios reunidos ou divergentes.

Desta vez tratava-se de um grande negócio, de um navio carregado de tapetes turcos, tecidos do Levante e de Caxemira. Era necessário encontrar um terreno neutro onde a permuta se pudesse fazer e depois tentar desembarcar esses objetos nas costas da França.

O bolo cra enorme: cinquenta a sessenta piastras por homem se o negócio fosse bem sucedido.

O patrão da Jeune-Amélie propôs como local de desembarque a ilha de Monte-Cristo, a qual, sendo completamente deserta e não tendo soldados nem guardas-fiscais, parecia ter sido colocada no meio do mar, no tempo do Olimpo pagão, por Mercúrio, o deus dos comerciantes e dos ladrões, classes que tornamos separadas, senão distintas, mas que a Antiguidade, segundo parece, tinha na mesma categoria.

Ao ouvir falar em Monte-Cristo, Dantés estremecera de alegria. Levantou-se para ocultar a sua emoção e deu uma volta pela taberna enfumarada, onde todos os idiomas do mundo conhecidos se fundiam na língua tranca.

Quando voltou a se reunir aos dois interlocutores, estava decidido que se arribaria a Monte-Cristo e que a expedição se iniciaria na noite seguinte.

Edmond, consultado, foi de opinião que a ilha oferecia todas as vantagens possíveis e de que as grandes empresas, para triunfarem, deviam ser conduzidas depressa.

O programa estabelecido não sofreu qualquer alteração. Ficou combinado que se aparelharia no dia seguinte à noite e que se procuraria, visto o mar estar calmo e o vento ser favorável, chegar no outro dia à noite às águas da ilha neutra.

Capítulo XXIII

A ilha De Monte-Cristo

Finalmente, por uma dessas sortes inesperadas que às vezes têm aqueles sobre os quais o rigor do destino se encarniçou durante muito tempo, Dantés ia alcançar o seu objetivo por um meio simples e natural e pôr o pé na ilha sem inspirar a ninguém qualquer suspeita.

Apenas uma noite o separava dessa partida tão esperada.

Essa noite foi uma das mais febris que passou Dantés. Durante ela, todas as possibilidades boas e más lhe acudiram alternadamente ao espírito. Se fechava os olhos, via a carta do cardeal Spada escrita em caracteres chamejantes na parede; se adormecia um instante, os sonhos mais insensatos vinham fervilhar-lhe no cérebro. Descia as grutas pavimentadas de esmeraldas, de paredes de rubis e estalactites de diamantes.

As pérolas caiam gota a gota, tal como habitualmente se filtra a água subterrânea.

Arrebatado, maravilhado, Edmond enchia as algibeiras de pedrarias. Depois regressava à luz do dia e as pedrarias transformavam-se em simples seixos. Então, procurava tornar a entrar nas grutas maravilhosas, apenas entrevistas. Mas o caminho torcia-se em espirais infinitas e a entrada voltara a ser invisível. Procurava em vão na memória fatigada a palavra mágica e misteriosa que abria ao pescador árabe as cavernas esplêndidas de Ali-Bab . Tudo era inútil; o tesouro desaparecido tornara-se novamente propriedade dos gênios da terra, aos quais tivera por instantes a esperança de o arrebatá-lo.

O dia rompeu quase tão febril como o fora a noite; mas trouxe a lógica em auxílio da imaginação e Dantés conseguiu fixar um plano até ali vago e flutuante no seu cérebro.

Veio a noite e com a noite os preparativos da partida. Esses preparativos eram um meio de Dantés ocultar a sua agitação. Pouco a pouco adquirira sobre os companheiros autoridade de comandar como se fosse senhor do navio; e como as suas ordens eram sempre claras, precisas e fáceis de executar, os companheiros obedeciam-lhe não só com prontidão, mas também com prazer.

O velho marinheiro deixava-o agir. Também ele reconhecera a superioridade de Dantés sobre os seus, outros marinheiros e sobre ele próprio. Via no rapaz o seu sucessor natural e lamentava não ter uma filha para prender Edmond por meio dessa aliança.

Às sete horas da noite ficou tudo pronto; às sete e dez dobrava-se o farol, precisamente no momento em que o farol se acendia.

O mar estava calmo, com vento fresco soprando do sudeste. Navegava-se sob céu azul, onde Deus acendia também alternadamente os seus faróis, cada um deles um mundo. Dantés declarou que todos podiam deitar, pois ele encarregaria do leme.

Quando o maltês (era assim que chamavam a Dantés) fazia semelhante declaração, isso bastava e todos se iam deitar tranquilamente.

Isso acontecia algumas vezes: lançado do isolamento no mundo, Dantés experimentava de vez em quando imperiosas necessidades de estar só. Ora, que isolamento haveria que fosse simultaneamente maior e mais poético do que o de um navio que flutua isolado no mar, durante a escuridão da noite, no silêncio da

imensidade e sob o olhar do Senhor?

Desta vez, porém, o isolamento foi povoado pelos seus pensamentos, a noite iluminada pelas suas ilusões e o silêncio animado pelas suas promessas.

Quando o patrão acordou o navio navegava a todo o pano. Não havia um pedacinho de tela que não estivesse enfunado pelo vento. Navegava-se a mais de duas léguas e meia por hora.

A ilha de Monte-Cristo crescia no horizonte.

Edmond entregou o navio ao patrão e foi deitar-se por sua vez na sua rede. Mas, apesar de ter passado a noite em claro, não conseguiu pregar olho um só instante.

Duas horas mais tarde voltou a subir à coberta. O navio preparava-se para dobrar a ilha de Elba. Encontravam-se próximos da Mareciana e para lá da ilha plana e verde da Pianosa. Distinguia-se no azul do céu o cume chamejante de Monte-Cristo.

Dantés ordenou ao timoneiro que virasse a bombordo, a fim de deixar a Pianosa à direita. Calculara que tal manobra encurtaria a viagem duas ou três milhas.

Por volta das cinco horas da tarde a ilha encontrava-se completamente à vista. Distinguiam-se os mais pequenos pormenores graças à limpidez atmosférico rostocterística da luz emitida pelos raios do Sol no acaso.

Edmond devorava com os olhos aquela massa de rochedos que passava por todas as cores crepusculares, do rosa-vivo ao azul-escuro. De vez em quando subiam-lhe à cara golfadas de sangue, a testa purpureava-se-lhe e uma nuvem escarlate passava-lhe diante dos olhos.

Nunca jogador que tivesse arriscado toda a sua fortuna num lance de dados experimentara as angústias que Edmond sentia nos seus paroxismos de esperança.

Anoiteceu. Às dez horas ancorou-se. A Jeune-Amélie era a primeira a comparecer ao encontro.

Apesar do domínio que tinha habitualmente sobre si mesmo, Dantés não se pode conter: foi o primeiro a saltar para terra e se a tanto se atrevesse teria beijado-a como Bruto.

A noite estava escura; mas às onze horas a Lua ergueu-se do mar e cobriu-lhe de prata cada frêmito. Depois os seus raios, à medida que se elevava, começaram a refletir-se, em brancas cascatas de luz, nos rochedos empilhados daquele outro Pélion.

A ilha era familiar à tripulação da Jeune-Amélie, pois constituía uma das suas habituais estações. Quanto a Dantés, vira-a em todas as suas viagens no Levante, mas nunca lá desembarcara.

Interrogou Jacopo:

- Onde passamos a noite?
- Mas... a bordo da tartana - respondeu o marinheiro.
- Não ficaríamos melhor nas grutas?
- Em quais grutas?
- Nas grutas da ilha.
- Não conheço tais grutas - respondeu Jacopo.

Um suor frio inundou a testa de Dantés.

- Não há grutas em Monte-Cristo? - insistiu.

- Não.

Dantés ficou um instante aturdido. Depois pensou que as grutas podiam ter sido entulhadas mais tarde, devido a qualquer acidente, ou até fechadas, para maior precaução, pelo cardeal Spada.

Nesse caso, tudo se resumia em encontrar essa abertura perdida. Mas seria inútil procurá-la durante a noite. Dantés adiou portanto a investigação para o dia seguinte. De resto, um sinal içado a cerca de meia légua no mar, e ao qual a Jeune-Amélie respondeu imediatamente com um sinal idêntico, indicou-lhe que chegara o momento de trabalhar.

O navio retardatário, tranquilizado com o sinal que devia dar-lhe a conhecer que se podia aproximar com toda a segurança, surgiu imediatamente, branco e silencioso como um fantasma, e ancorou a uns duzentos metros da costa.

O transporte começou logo a seguir.

Enquanto trabalhava, Dantés pensava no hurra de alegria que com uma só palavra poderia levar todos aqueles homens a soltar se revelasse em voz alta o pensamento que incessantemente lhe sussurrava baixinho ao ouvido e ao coração. Mas, ao contrário de revelar o magnifico segredo, temia já ter dito demasiado a tal respeito e despertado suspeitas com as suas idas e vindas, as suas perguntas repetidas, as suas observações minuciosas e a sua preocupação contínua. Felizmente, para esta circunstancia pelo menos, que nele um passado deveras doloroso lhe deixara refletida no rosto uma tristeza indelével e que os lampejos de alegria entrevistos através dessa nuvem não passavam realmente de relâmpagos.

Ninguém desconfiava portanto de nada, pelo que no dia seguinte, quando Dantés pegou uma espingarda, chumbo e pôlvora e manifestou o desejo de ir matar uma das numerosas cabras-monteses que se viam saltar de rochedo em rochedo todos atribuiram a excursão apenas ao amor da caça ou ao desejo de isolamento. Só Jacopo o acompanhou. Dantés não quis opor-se à sua presença com receio de que a repugnância em ser acompanhado inspirasse algumas desconfianças. Mas assim que percorreu um quarto de légua e teve oportunidade de atirar a matar a um cabrito, mandou Jacopo levá-lo aos companheiros,
para que o cozinhassem e, quando estivesse pronto, lhe dessem sinal para ir comer a sua parte disparando um tiro de espingarda. Alguns frutos secos e uma garrafa de vinho de Monte Pulciano completariam o banquete.

Dantés continuou o seu caminho, virando-se de vez em quando. Chegado ao topo de uma rocha viu mil pés abaixo de si os companheiros, aos quais acabava de se juntar Jacopo, que se ocupavam já ativamente dos preparativos do almoço, aumentado, graças à destreza de Edmond, com uma peça fundamental.

Edmond olhou-os um instante com o sorriso bondoso e triste do homem superior.

“Dentro de duas horas”, pensou, “voltarão a partir cinquenta piastras mais ricos para irem, arriscando a vida, tentar ganhar mais cinquenta. Depois regressarão seiscentas libras mais ricos e delapidarão esse tesouro em qualquer cidade, com o orgulho de sultões e a despreocupação de nababos. Hoje a esperança leva-me a desprezar a sua riqueza, que me parece a maior miséria; amanhã, talvez a decepção me obrigue a olhar essa grande miséria como a

felicidade suprema... Mas, oh, não, isso não acontecerá! O sábio, o infalível Faria, não se havia de enganar logo nessa única coisa. De resto, mais valeria morrer do que continuar a levar esta vida miserável e inferior.”

Deste modo, Dantés, que havia três meses só aspirava à liberdade, já se não contentava apenas com a liberdade, aspirava também à riqueza. E a culpa não era dele, mas sim de Deus, que limitando o poder do homem lhe provocou desejos infinitos! Entretanto, por um caminho aberto entre duas muralhas de rochas e seguindo um carreiro aberto pela torrente e que, segundo todas as probabilidades, nunca fora pisado por
pé humano, Dantés aproximara-se do local onde supunha que as grutas deviam ter existido. Seguindo junto à costa e examinando os menores objetos com toda a atenção, julgou notar em certos rochedos entalhes feitos pela mão do homem.

O tempo que lança sobre todas as coisas físicas o seu manto de musgo, tal como sobre as coisas morais o seu manto de esquecimento, parecia ter respeitado aqueles sinais traçados com certa regularidade e provavelmente com o fim de indicar uma pista. De tempos a tempos, porém, os sinais desapareciam sob tufos de murta que desabrochava em grandes ramos carregados de flores ou debaixo de íquenes parasitas. Edmond tinha então de afastar os ramos ou de levantar o musgo para reencontrar os sinais indicadores que o conduziam naquele outro labirinto. Esses sinais tinham, de resto, dado boas esperanças a Edmond. Porque não teria sido o cardeal quem os traçara para que pudessem, no caso de uma catástrofe que não pudera prever tão completa, servir de guia ao sobrinho? Aquele lugar solitário era bem o que convinha a um homem que desejasse esconder um tesouro. Simplesmente, não teriam aqueles sinais infiéis atraído outros olhos além daqueles para os quais tinham sido traçados e teria a ilha de sombrias maravilhas guardado fielmente o seu magnífico segredo?

Entretanto, a sessenta passos do porto, aproximadamente, pareceu a Edmond, sempre oculto dos companheiros pelos acidentes do terreno, que os entalhes terminavam. Simplesmente, não conduziam a nenhuma gruta. Um grande rochedo redondo assente numa base sólida era a única coisa a que pareciam conduzir. Edmond pensou que em vez de ter chegado ao fim talvez estivesse, pelo contrário, apenas no princípio; deu, pois, meia volta e regressou por onde viera.

Entretanto, os companheiros preparavam o almoço: iam buscar água à fonte, transportavam pão e fruta para terra e cozinhavam o cabrito. Precisamente no momento em que o tiravam do seu espeto improvisado viram Edmond que, ligeiro e audacioso como uma cabra-montês, saltava de rochedo em rochedo, e dispararam um tiro de espingarda para avisá-lo. O caçador mudou imediatamente de direção e correu para eles. Mas no momento em que todos o seguiam com a vista na espécie de vôo que executava, classificando de temeridade a sua, habilidade, e como que para dar razão aos seus receios, o pé falhou a Edmond. Viram-no cambalear no cume de um rochedo, soltar um grito e desaparecer.

Saltaram todos ao mesmo tempo, pois todos gostavam de Edmond apesar da sua superioridade. No entanto, foi Jacopo quem chegou primeiro.

Encontrou Edmond estendido, sangrando e quase sem sentidos; devia ter caído de doze ou quinze pés de altura. Introduziram-lhe na boca algumas gotas de rum, e este remédio, que já demonstrara tanta eficácia sobre ele, produziu o

mesmo efeito da primeira vez.

Edmond abriu os olhos e queixou-se de uma dor aguda no joelho, de um grande peso na cabeça e de picadas insuportáveis nos rins. Quiseram transportá-lo para a beira-mar, mas quando lhe tocaram, embora fosse Jacopo quem dirigia a operação, declarou gemendo que não se sentia com forças para suportar o transporte.

Todos compreenderam que era natural que Dantés tivesse perdido o apetite para o almoço, mas ele exigiu que os seus camaradas, que não tinham as mesmas razões que ele para fazer dieta, regressassem ao seu lugar. Quanto a ele, afirmou que precisava apenas de um bocadinho de repouso e que quando regressassem o encontrariam melhor.

Os marinheiros não se fizeram demasiado rogados. Tinham fome, e o cheiro do cabrito chegava até eles e entre lobos-do-mar não se fazem muitas cerimônias.

Uma hora depois voltaram. Mas tudo o que Edmond conseguira fazer fora arrastar-se uma dezena de passos para se encostar a uma rocha musgosa. No entanto, longe de diminuírem, as dores de Dantés parece que tinham aumentado de violência. O velho patrão, obrigado a partir de manhã para ir descarregar nas fronteiras do Piemonte e da França, entre Nice e Fréjus, insistiu com Dantés para que tentasse levantar-se. O rapaz fez esforços sobre-humanos para lhe fazer a vontade, mas a cada esforço tornava a cair, a gemer e pálido.

-- Tem os rins partidos - disse baixinho o patrão. - Não importa, é um bom companheiro e não devemos abandoná-lo. Vejamos se conseguimos transportá-lo para a tartana.

Mas Dantés declarou que preferia morrer onde estava do que suportar as dores atrozes que lhe ocasionaria qualquer movimento, por mais ligeiro que fosse.

- Bom - disse o patrão - aconteça o que acontecer, ninguém dirá que deixamos sem socorro um bom companheiro. Só partiremos à tardinha.

Esta decisão surpreendeu muito os tripulantes, embora nenhum deles a desaprovasse, antes pelo contrário. O patrão era um homem muito rígido e viam-no pela primeira vez renunciar a uma empresa ou pelo menos adiar a sua execução.

Por isso Dantés não permitiu que por sua causa se cometesse tão grave infração às regras de disciplina estabelecida a bordo.

- Não - disse ao patrão --, fui imprudente e é justo que sofra as consequências da minha imprudência. Deixem-me uma pequena provisão de bolachas, uma espingarda, pólvora e balas para matar os cabritos, ou mesmo para me defender, e um enxadão para construir, se demorarem muito tempo a virem me buscar, uma espécie de casa.

- Mas morrerás de fome - objetou o patrão.

- Prefiro assim - respondeu Edmond - a sofrer as dores inauditas que um só movimento me ocasiona.

O patrão virou-se para o lado do navio, que balouçava, com um princípio de aparelhagem, no portinho, pronto a fazer-se ao mar logo que a sua toilette estivesse concluída.

- Que havemos de fazer, maltês? - perguntou. - Não podemos te abandonar

assim, mas também não podemos ficar...

- Partam, partam! - gritou Dantés.

- Estaremos pelo menos oito dias ausentes - declarou o patrão - e além disso teremos de nos desviar da nossa rota para vir te buscar.

- Escute - disse Dantés. - Se dentro de dois ou três dias encontrar algum barco de pesca ou outro que venha para estas paragens, recomende-me. Pagarei vinte e cinco piastras pelo meu regresso a Liorne. Se não encontrar nenhum barco, volte para cá.

O patrão abanou a cabeça.

- Ouça, patrão Baldi, há um meio de conciliar tudo - interveio Jacopo. - Partam e deixem-me com o ferido que eu trato dele.

- E renunciarás à tua parte na divisão para ficares comigo? - perguntou Edmond.

- Renuncio e sem pesar - respondeu Jacopo.

- Bom, você é um excelente rapaz, Jacopo - disse Edmond. - Deus recompensará a tua boa vontade; mas não preciso de ninguém, obrigado. Um dia ou dois de repouso me porão bom e espero encontrar nestes rochedos certas ervas muito boas contra as contusões.

E um sorriso estranho passou pelos lábios de Dantés.

Apertou a mão a Jacopo com efusão, mas manteve-se inabalável na resolução de ficar e de ficar sozinho.

Os contrabandistas deixaram a Edmond o que ele pediu e retiraram-se, não sem se virarem várias vezes e fazerem de cada vez que se viravam sinais de um cordial adeus, ao qual Edmond respondia apenas com a mão, como se não pudesse mexer o resto do corpo.

Depois, quando desapareceram, murmurou rindo:

- É estranho que seja entre tais homens que se encontram provas de amizade e atos de dedicação.

Em seguida arrastou-se com cuidado até ao alto de um rochedo que lhe ocultava o aspecto do mar e de lá viu a tartana acabar de aparelhar, levantar ferro, balançar-se graciosamente como uma gaivota prestes a levantar vôo e partir.

Passada uma hora, tinha desaparecido por completo. Pelo menos do lugar onde ficara o ferido era impossível vê-la.

Então Dantés levantou-se, mais rápido e ligeiro do que os cabritos que saltavam por entre as murtas e os lentiscos, naqueles rochedos selvagens, pegou a espingarda com uma das mãos e a enxada com a outra e correu para a rocha onde terminavam os entalhes que descobrira nos rochedos.

- E agora - gritou, lembrando-se da história do pescador árabe que lhe contara Faria --, agora: “Abre-te, Sésamo!”

Capítulo XXIV

Deslumbramento

O Sol chegara a um terço do seu trajeto, aproximadamente, e os seus raios de Maio batiam quentes e vivos nos rochedos, que pareciam sensíveis ao seu calor. Milhares de cigarras, invisíveis nas urzes, faziam ouvir o seu murmúrio monótono e contínuo. As folhas dos mirtos e das oliveiras agitavam-se trêmulas e faziam um ruído quase metálico. A cada passo que dava no granito aquecido, Edmond provocava a fuga de numerosos lagartos que pareciam esmeraldas. Ao longe viam-se saltar sobre os taludes inclinados as cabras-monteses que às vezes atraíam ali os caçadores. Numa palavra, a ilha era habitada, viva, animada, e no entanto Edmond sentia-se nela sozinho e debaixo da mão de Deus.

Experimentava não sei que emoção bastante semelhante à do medo. Tratava-se dessa desconfiança da luz do dia que leva a supor, mesmo no deserto, que olhos inquisidores estão postos em nós.

Tal sensação foi tão forte que no momento de deitar mãos à obra Edmond parou, pousou a enxada, pegou a espingarda, trepou mais uma vez à rocha mais elevada da ilha e daí lançou um olhar atento a tudo o que o rodeava.

Mas, devemos dizê-lo, o que lhe atraiu a atenção não foi nem a Côrsega poética, da qual podia distinguir até as casas, nem a Sardenha quase desconhecida que se lhe seguia, nem a ilha de Elba, de recordações gigantescas, nem finalmente a linha imperceptível que se estendia no horizonte e que ao olhar experimentado do marinheiro revelava Gênova, a soberba, e Liorne, a comercial. Não, o que lhe atraiu a atenção foi o bergantim que partira ao romper do dia e a tartana que acabava de partir.

O primeiro estava prestes a desaparecer no estreito de Bonifácio; a outra, seguindo rumo oposto, costeava a Côrsega, que se preparava para contornar.

O que viu tranquilizou Edmond.

Observou os objetos que o rodeavam mais imediatamente. Viu-se no ponto mais elevado da ilha, cônica e frágil estátua nesse imenso pedestal. Por baixo de si, nenhum homem; à sua volta, nenhum barco, nada exceto o mar azulado que vinha bater na base da ilha e que com esse choque eterno bordava uma franja de prata.

Desceu com passo rápido, mas cheio de prudência. Temia mais do que nunca naquele momento um acidente semelhante ao que tão habilmente e com tanto êxito simulara.

Como dissemos, Dantés voltara para trás quando chegara ao fim dos entalhes deixados nos rochedos e verificara que essa linha conduzia a uma espécie de enseadazinha oculta como um banho de ninfas antigo. A enseada era suficientemente larga na entrada e bastante profunda no centro para que um naviozinho do gênero dos spéronares lá pudesse entrar e permanecer escondido. Então, seguindo o fio das induções - esse fio que nas mãos do abade Faria vira guiar o espirito de forma tão engenhosa no dédalo das probabilidades - pensou que o cardeal Spada, interessado em não ser visto, procurara aquele enseada, escondera o seu barquinho, seguira a linha indicada pelos entalhes e, na extremidade dessa linha, escondera o seu tesouro.

Fora esta suposição que levara Dantés junto do rochedo circular.

Havia, porém, uma coisa que preocupava Edmond e lhe embaralhava todas as idéias que possuía acerca da dinâmica: como fora possível, sem empregar forças consideráveis, içar o rochedo, que devia pesar cinco ou seis toneladas, da

espécie de base onde assentava?

De súbito Dantés teve uma idéia: “Em vez de o fazerem subir, devem tê-lo feito descer”, disse para si mesmo.

Correu para a parte de cima do rochedo e procurou o lugar da sua primeira base.

De fato, não tardou a descobrir que fora praticada uma ligeira rampa. O rochedo deslizara da sua base até se deter no local onde agora se encontrava. Outro rochedo, do tamanho de uma pedra vulgar, servira-lhe de cunha. Pedras e seixos tinham sido cuidadosamente reajustados para fazer desaparecer qualquer solução de continuidade. Essa espécie de pequena obra de pedreiro fora coberta com terra vegetal onde a erva
crescera e o musgo se desenvolvera algumas sementes de murta e lentisco tinham-se fixado e o velho rochedo parecia soldado ao chão.

Dantés retirou a terra com precaução e reconheceu ou julgou reconhecer todo esse engenhoso artifício.

Atacou então com a enxada aquela muralha intermédia cimentada pelo tempo.

Depois de trabalhar durante dez minutos, a muralha cedeu e abriu-se um buraco onde cabia um braço.

Dantés cortou a oliveira mais forte que encontrou, desramou-a, introduziu-a no buraco e utilizou-a como alavanca.

Mas a rocha era não só muito pesada como, ainda por cima, estava calçada tão solidamente pelo rochedo inferior que nenhuma torça humana, mesmo a do próprio Hércules, seria capaz de a deslocar.

Dantés refletiu então que era precisamente o calço que se impunha atacar.

Mas como ?

Dantés olhou à sua volta, como fazem os homens embaraçado e o seu olhar pousou num corno de cabrito-montês cheio de pôlvora que lhe deixara o seu amigo Jacopo.

Sorriu: a invenção infernal ia ser útil.

Com o auxílio da enxada, Dantés abriu entre o rochedo superior e o que lhe servia de base um canal de mina como costumam fazer os sapadores quando querem poupar ao braço do homem uma fadiga demasiado grande, e depois encheu-o de pôlvora. Em seguida, desfiou o lenço, impregnou-o de pólvora e fez dele uma mecha.

Largou fogo à mecha e afastou-se.

A explosão não tardou: o rochedo superior foi por momentos erguido da sua base pela força incalculável desencadeada e o rochedo interior voou em pedaços. Pela aberturazinha que Dantés praticara inicialmente fugiu toda a espécie de insetos palpitantes e uma cobra enorme, guarda daquele caminho
misterioso, rolou sobre as suas volutas azuladas e desapareceu.

Dantés aproximou-se: o rochedo superior, agora sem apoio, inclinava-se para o abismo. O intrépido pesquisador contornou-o, escolheu o lugar mais vacilante, apoiou a alavanca numa das arestas e, como Sísifo, retesou-se com toda a força contra o rochedo.

Este, já abalado pela explosão, cambaleou. Dantés redobrou de esforços. Diria-se um daqueles Titãs que arrancavam montanhas da sua base para

guerrearem o senhor dos deuses. Por fim o rochedo cedeu, rolou, saltou, precipitou-se e desapareceu engolido pelo mar.

Deixou a descoberto um espaço circular e à vista uma argola de ferro cravada no meio de uma laje quadrada.

Dantés soltou um grito de alegria e surpresa. Nunca tão magnífico resultado coroara uma primeira tentativa.

Quis continuar, mas as pernas tremiam-lhe tanto, o coração pulsava-lhe com tanta violência e cobria-lhe os olhos uma nuvem tão ardente que foi obrigado a parar.

Mas esse momento de hesitação teve a duração do relâmpago. Edmond meteu a alavanca na argola, levantou-a vigorosamente e a laje soltou-se, abriu-se e descobriu a rampa inclinada de uma espécie de escada que mergulhava na sombra de uma gruta cada vez mais escura.

Outro teria se precipitado e soltado exclamações de alegria; Dantés deteve-se, pálido e desconfiado.

“Então, sejamos homem!”, disse para consigo. “Habituados à adversidade, não nos deixemos abater por uma decepção. De contrário, teríamos sofrido para nada. O coração fraqueja quando, depois de ser dilatado para além das marcas pelo hálito típido da esperança, reentra e se reencerra na fria realidade. Faria sonhou: o cardeal Spada não escondeu nada nesta gruta, talvez até nunca aqui tenha vindo, ou, se veio,
César Bórgia, o intrépido aventureiro, o infatigável e sombrio ladrão, veio depois dele, descobriu-lhe a pista, seguiu os mesmos sinais que eu segui, levantou esta pedra como eu levantei e, descendo primeiro do que eu, não deixou nada para mim.”

Ficou um momento imóvel, pensativo, de olhos cravados na negra abertura, e continuou:

“Ora, agora que já não conto seja com o que for, agora que já disse para comigo que seria insensato conservar qualquer esperança, o resto desta aventura é para mim um caso de curiosidade e mais nada.”

Permaneceu imóvel e meditativo durante mais algum tempo e prosseguiu:

“Sim, sim, isto é uma aventura que cabe perfeitamente na vida, misto de luz e sombra, desse real bandido; nessa teia de acontecimentos estranhos que constituíam a trama matizada da sua existência. Esse fabuloso acontecimento encadeou-se sem dúvida nenhuma com outras coisas. Sim, Bórgia veio uma noite qualquer aqui, de archote numa das mãos e espada na outra, enquanto a vinte passos dele, talvez ao pé desta rocha, se conservavam, sombrios e ameaçadores, dois esbirros interrogando a terra, o ar e o mar. Entretanto, o seu senhor entrava na gruta, tal como eu vou fazer, e quebrava as trevas com o seu braço temível e chamejante.

“Sim, mas que terá feito César dos esbirros a quem confiou assim o seu segredo?”, perguntou-se Dantés.

“O mesmo que fizeram dos amortalhadores de Alarico, que enterraram com o amortalhado”, respondeu-se sorrindo.

“Todavia, se tivesse vindo aqui”, prosseguiu Dantés, “e tivesse encontrado e roubado o tesouro, Bórgia, homem que comparava a Itália a uma alcachofra e a comia folha a folha; Bórgia sabia tão bem quanto o tempo era precioso que não

perderia o seu a recolocar o rochedo na sua base.

“Desçamos.”

Desceu, com o sorriso da dúvida nos lábios e murmurando esta última palavra da sabedoria humana: “Talvez!...”

Mas em vez das trevas que esperava encontrar, em vez de uma atmosfera opaca, viciada, Dantés viu apenas uma luz suave e azulada. O ar e a luz infiltravam-se não só pela abertura que acabava de ser praticada, mas também pelas fendas dos rochedos, invisíveis do exterior, através das quais se via o azul do céu onde se agitavam os ramos trêmulos das azinheiras e os ligamentos espinhosos e rastejantes das silvas.

Passados alguns segundos de permanência na gruta, cuja atmosfera mais tépida do que úmida, mais perfumada do que bafienta, estava para a temperatura da ilha como a luz azulada estava para o sol, o olhar de Dantés, habituado, como já dissemos, às trevas, pode sondar os recantos mais ocultos da caverna. Esta era de granito e as suas facetas palhetadas cintilavam como diamantes.

“Meu Deus”, disse Edmond para consigo, sorrindo, “estes são sem dúvida todos os tesouros que deixou o cardeal. E aquele bom abade, ao ver em sonhos estas paredes resplandecentes, forjou as suas ricas esperanças.”

Mas Dantés recordou-se dos termos do testamento que sabia de cor: “No canto mais afastado da segunda abertura”, dizia o documento.

Dantés penetrara apenas na primeira gruta; era necessário agora procurar a entrada da segunda.

Dantés orientou-se. A segunda gruta devia, naturalmente, penetrar no interior da ilha. Examinou os aglomerados de pedras e foi bater numa das paredes que lhe pareceu ser aquela onde se devia situar a abertura, disfarçada, sem duvida, para maior precaução.

A enxada ecoou um instante, arrancando ao rochedo um som abafado. Continuou, mas a pedra era tão rija que a testa de Dantés se cobriu de suor. Por fim, pareceu ao mineiro perseverante que uma porção da muralha granítica respondia com um eco mais surdo e profundo ao apelo que lhe dirigiam. Aproximou o olhar ardente da muralha e reconheceu, com o tato do prisioneiro, o que talvez mais ninguém reconhecesse: que
devia haver ali uma abertura.

No entanto, para não fazer um trabalho inútil, Dantés, que como César Bórgia estudara o valor do tempo, sondou as outras paredes com a enxada e o chão com a coronha da espingarda, cavou a areia nos lugares suspeitos e, não tendo encontrado nem reconhecido nada, tornou a atacar a porção da muralha que
emitia o som animador.

Bateu de novo e com mais força.

Viu então uma coisa singular: que debaixo das pancadas do instrumento uma espécie de reboco, idêntico ao que se aplica nas paredes para pintar a fresco, se despegava e caía em palhetas, ao mesmo tempo que descobria uma pedra esbranquiçada e mole, semelhante às nossas vulgares pedras de cantaria.
Fechara-se a abertura do rochedo com pedras de outra natureza e em seguida estendera-se sobre essas pedras uma camada de reboco, e por cima do reboco imitara-se a cor e o aspecto cristalino do granito.

Dantés atacou então a parede com a extremidade aguçada da enxada, que penetrou uma polegada na porta-muralha.

Era ali que se devia atacar.

Por um mistério estranho do comportamento humano, quanto mais as provas de que Faria se não enganara deviam, acumulando-se, tranquilizar Dantés, tanto mais o seu coração desfalecia e se entregava à dúvida e quase ao desânimo. Aquela nova experiência, que lhe deveria dar uma força nova, roubou-lhe a
força que lhe restava. A enxada desceu e quase lhe escapou das mãos. Pousou-a no chão, enxugou a testa e saiu da gruta, dando a si mesmo o pretexto de ver se ninguém o espiava, mas na realidade porque necessitava de ar, porque sentia estar, prestes a desfalecer.

A ilha estava deserta e o Sol, no zênite, parecia cobri-la com o seu olho de fogo. Ao longe, barquitos de pescadores abriam as velas sobre o mar de um azul de safira. Dantés ainda não comera nada; mas estava muito longe de lhe apetecer comer em semelhante altura. Tomou um golo de rum e voltou a entrar na gruta com o coração mais fortalecido.

A enxada, que lhe parecera tão pesada, tornara-se leve. Levantou-a como levantaria uma pena e entregou-se vigorosamente ao trabalho.

após algumas enxadadas, verificou que as pedras não se encontravam cimentadas, mas apenas pousadas umas sobre as outras e cobertas com o reboco a que já nos referimos. Introduziu numa das fissuras a ponta da enxada, carregou no cabo e viu com alegria a pedra cair-lhe aos pés.

Desde então, Dantés não teve mais que tirar cada pedra com o bico de ferro da enxada, e cada uma foi caindo junto da anterior.

Dantés poderia ter entrado logo que fizera a primeira abertura; mas demorar esse momento alguns instantes equivalia a retardar a certeza e agarrar-se à esperança. Por fim, depois de nova hesitação de um instante, Dantés passou da primeira gruta para a segunda.

A segunda gruta era mais baixa e escura e de aspecto mais assustador do que a primeira. O ar, que só penetrava nela pela abertura praticada naquele mesmo instante, tinha o cheiro mefítico que Dantés se admirara, de não encontrar na primeira.

Dantés deu tempo ao ar exterior para reavivar aquela atmosfera de morte e entrou.

À esquerda da abertura ficava um canto profundo e sombrio. Mas, como dissemos, para a vista de Dantés não havia trevas. Sondou com o olhar a segunda gruta. Eslava vazia como a primeira. O tesouro, se existia, encontrava-se enterrado no canto escuro.

Chegara a hora da angústia. Dois pés de terra a resolver era tudo o que restava a Dantés entre a suprema alegria e o supremo desespero.

Avançou para o canto e, como que tomado de uma resolução súbita, atacou o solo ousadamente. À quinta ou sexta enxadada, o ferro encontrou ferro.

Nunca toque a rebate, nunca dobre a finados produziu semelhante efeito sobre quem ouviu. Se nada tivesse encontrado, Dantés não ficaria com certeza mais pálido.

Sondou ao lado do lugar onde já sondara e encontrou a mesma resistência,

mas não o mesmo som.

“ É um cofre de madeira com arcos de ferro”, pensou. Neste momento passou uma sombra rápida que interceptou a luz do dia.

Dantés deixou cair a enxada, pegou na espingarda, transpôs a abertura e correu para fora.

Uma cabra-montês saltara por cima da primeira entrada da gruta e pastava a poucos passos dali.

Era uma excelente oportunidade para assegurar o jantar, mas Dantés receou que a detonação da espingarda atraísse alguém. Refletiu um instante, cortou uma árvore resinosa, correu a acendê-la na fogueira ainda fumegante onde os contrabandistas tinham cozinhado o almoço e voltou com esse archote.

Não queria perder nenhum pormenor do que ia ver. Aproximou o archote do buraco informe e inacabado e verificou que não se enganara: as enxadadas tinham batido alternadamente em ferro e em madeira.

Cravou o archote no chão e entregou-se de novo ao trabalho. Num instante abriu uma cova de três pés de comprido por dois de largo, aproximadamente, e encontrou um cofre de carvalho com arcos de ferro lavrado. No meio da tampa resplandeciam, numa placa de prata que a terra não conseguira embaciar, as armas da família Spada, isto é, uma espada pousada em pala sobre um escudo oval, como são os escudos italianos, e encimada por um chapéu de cardeal.

Dantés reconheceu-os facilmente. O abade Faria desenhara-os tantas vezes! A partir daquele momento não havia qualquer dúvida: o tesouro estava efetivamente ali. Ninguém toma tantas precauções para colocar em semelhante lugar um cofre vazio.

Num instante, todos os lados do cofre foram libertos de terra e Dantés viu aparecer sucessivamente a fechadura do meio, colocada entre dois cadeados, e as asas das faces laterais, tudo lavrado como se lavrava na época, em que a arte tornava preciosos os mais vis metais.

Dantés pegou no cofre pelas asas e tentou levantá-lo. Impossível.

Procurou abri-lo. Fechadura e cadeados eram fortes. Os fiéis guardiães pareciam não querer entregar o seu tesouro. Dantés introduziu a parte cortante da enxada entre o cofre e a tampa, carregou no cabo da enxada e a tampa estalou e rebentou.

Uma ampla abertura nas tábuas tornou as ferragens inúteis e estas acabaram por ceder por seu turno, embora apertando ainda nas suas garras tenazes as tábuas partidas na sua queda, e o cofre ficou destapado.

Apoderou-se de Dantés uma febre vertiginosa. Pegou na espingarda, armou-a e colocou-a junto de si. Primeiro fechou os olhos, como fazem as crianças para distinguir na noite cintilante da sua imaginação mais estrelas do que podem contar num céu ainda claro, depois abriu-os e ficou deslumbrado.

O cofre dividia-se em três compartimentos.

No primeiro brilhavam rutilantes escudos de ouro de reflexos fulvos.

No segundo, lingotes mal polidos e bem arrumados, mas que do ouro só tinham o peso e o valor.

Finalmente no terceiro, meio cheio, Edmond revolveu às mãos-cheias diamantes, pérolas e rubis, os quais, transformados em cascata cintilante, faziam, ao cair uns sobre os outros, o ruído do granizo nos vidros.

Depois de tocar, apalpar e enterrar as mãos trêmulas no ouro e nas pedrarias, Edmond levantou-se e correu novamente através das cavernas com a trêmula exaltação de um homem prestes a enlouquecer. Saltou para um rochedo de onde podia observar o mar e não viu nada; estava só, bem só, com as suas riquezas
incalculáveis, inauditas, fabulosas, que lhe pertenciam. Mas sonhava ou estava acordado? Vivia um sonho fugaz ou abraçava firmemente uma realidade?

Necessitava rever o seu ouro e no entanto sentia que não teria forças, naquele momento, para o olhar. Levou por instantes as mãos ao alto da cabeça, como que para impedir a razão de lhe fugir. Depois correu através da ilha, sem seguir, qualquer caminho, que o não havia na ilha de Monte-Cristo, mas sim uma direção determinada, afugentando as cabras-monteses e assustando as aves marinhas com os seus gritos e as suas gesticulações. Em seguida deu uma volta e regressou, ainda hesitante, até que se precipitou para a primeira gruta, depois para a segunda e por fim se deteve diante daquela mina de ouro e diamantes.

Desta vez caiu de joelhos, comprimiu convulsivamente com as mãos o coração que parecia querer saltar-lhe do peito e murmurou uma prece que só Deus poderia ouvir.

Não tardou a sentir-se mais calmo e portanto mais feliz, pois só naquele momento começava a acreditar na sua felicidade. Pôs-se então a contar a sua fortuna. Havia mil lingotes de ouro de duas a três libras cada um. Em seguida empilhou vinte e cinco mil escudos de ouro, que valeriam, cada um, oitenta
francos da nossa moeda atual, todos com a efígie do Papa Alexandre VI e dos seus predecessores, e verificou que o compartimento estava apenas meio vazio. Finalmente, mediu dez vezes a capacidade das suas mãos em pérolas, pedrarias e diamantes, muitos dos quais montados pelos melhores ourives da
época e por isso mesmo possuíam um valor artístico notável, mesmo comparado com o seu valor intrínseco.

Dantés viu o Sol descer e extinguir-se pouco a pouco. Receava ser surpreendido se permanecesse na caverna e por isso saiu, de espingarda em punho. Algumas bolachas e uns goles de vinho, foram o seu jantar. Depois recolocou a pedra, deitou-se em cima e dormiu apenas algumas horas, tapando com o corpo a
entrada da gruta.

Aquela noite foi ao mesmo tempo uma dessas noites deliciosas e terríveis como aquele homem de emoções fulminantes passara já duas ou três na vida.

Capítulo XXV

O desconhecido

Nasceu o dia. Dantés esperava-o havia muito tempo, acordado. Logo que brilhavam os primeiros raios de Sol, levantou-se e subiu, como na véspera, no rochedo mais alto da ilha, a fim de explorar os arredores. Como na véspera, tudo estava deserto.

Edmond desceu, levantou a pedra, encheu as algibeiras de pedrarias, recolocou o melhor que pode as tábuas e as ferragens do cofre, cobriu-o de terra, calcou-a e deitou-lhe areia por cima, a fim de tornar o lugar recentemente revolvido idêntico ao resto do solo. Saiu da gruta, recolocou a laje e amontoou em cima dela pedras de diversos tamanhos. Introduziu terra nos intervalos, plantou nesses intervalos mirtos e urzes, regou as plantações novas para que parecessem antigas, apagou os sinais dos seus passos, que rodeavam
abundantemente o local e esperou com impaciência o regresso dos companheiros. Com efeito, agora já se não tratava de passar o tempo a admirar o ouro e os diamantes, a permanecer em Monte-Cristo como um dragão que guardasse inúteis tesouros. Agora era necessário regressar à vida entre os homens e tomar na sociedade a categoria, a influência e o poder que dá neste mundo a riqueza, a primeira e a maior das forças de que pode dispor a criatura humana.

Os contrabandistas regressaram no sexto dia. Dantés reconheceu de longe o porte e o andamento da Jeune-Amélie. Arrastou-se até ao porto como Filoctetes ferido e quando os companheiros ancoraram anunciou-lhes embora ainda queixando-se, melhoras sensíveis. Depois escutou por seu turno o relato dos aventureiros. Tinham-se saído bem, era verdade, mas mal a carga fora descarregada tinham sido avisados de que um brigue de vigilância em Toulon acabava de sair do porto e vinha ao encontro deles. Tinham fugido a todo o pano, lamentando que Dantés, que sabia dar ao navio uma velocidade tão superior, não estivesse lá
para dirigir. Com efeito, não tardaram a ver o navio caçador, mas com o auxílio da noite e dobrando o cabo da Côrsega, conseguiram escapar-lhe.

Em suma, a viagem não fora má. E todos, e sobretudo Jacopo, lamentava que Dantés não tivesse ido, a fim de ter a sua parte nos lucros que o negócio rendera, parte que ascendia a cinquenta piastras.

Edmond manteve-se impenetrável; nem sequer sorriu quando enumeraram as vantagens que teria compartilhado se tivesse podido deixar a ilha. Mas como a Jeune-Amélie apenas viera a Monte-Cristo para o buscar, reembarcou naquela mesma noite e acompanhou o patrão a Liorne.

Em Liorne procurou um judeu e vendeu por cinco mil francos cada um quatro dos seus mais pequenos diamantes. O judeu gostaria de salber como é que um marinheiro se encontrava de posse de semelhantes pedras, mas conteve a curiosidade, pois ganhava mil francos em cada uma.

No dia seguinte comprou um barco novinho em folha, que deu a Jacopo, bem como mais cem piastras para que pudesse contratar uma tripulação. E isto com a condição de Jacopo ir a Marselha procurar notícias de um velho chamado Louis Dantés, residente nas Alamedas de Meilhan, e de uma moça moradora na aldeia
dos Catalães e chamada Mercedes.

Jacopo julgou sonhar. Edmond contou-lhe então que se tornara marinheiro devido a uma cabeçada e porque a família lhe recusava o dinheiro necessário à sua manutenção. Mas que ao chegar a Liorne recebera a herança de um tio que o nomeara seu único herdeiro. A educação elevada de Dantés dava a essa história tal verosimilhança que Jacopo nem por um instante duvidou que o seu antigo

companheiro lhe não dissesse a
verdade.

Por outro lado, como o contrato de Edmond a bordo da Jeune-Amélie expirara, o jovem despediu-se do patrão, que começou por tentar retê-lo, mas que ao saber como Jacopo a história da herança perdeu imediatamente a esperança de vencer a resolução do seu antigo marinheiro.

No dia seguinte, Jacopo fez-se de vela para Marselha. Deveria reencontrar-se com Edmond em Monte-Cristo.

No mesmo dia, Dantés partiu sem dizer para onde ia, depois de se despedir da tripulação da Jeune-Amélie com uma esplêndida gratificação e do patrão com a promessa de lhe dar qualquer dia notícias suas.

Dantés seguiu para Gênova.

No momento da sua chegada experimentava-se um iatezinho encomendado por um inglês que, tendo ouvido dizer que os Genoveses eram os melhores construtores do Mediterrâneo, quisera ter um iate construído em Gênova. O inglês ajustara o preço de quarenta mil francos; Dantés ofereceu sessenta mil,
com a condição de o navio lhe ser entregue naquele mesmo dia.

O inglês fora dar uma volta pela Suíça enquanto esperava que o navio fosse construído e só deveria voltar dentro de três semanas ou um mês. O construtor pensou que teria tempo de pôr outro no estaleiro. Dantés levou o construtor a casa de um judeu, entrou com ele para os fundos da loja e o judeu contou
sessenta mil francos ao construtor.

Este ofereceu a Dantés os seus serviços para lhe arranjar uma tripulação, mas Dantés agradeceu-lhe, dizendo-lhe que estava habituado a navegar sozinho e que a única coisa que desejava era que lhe fizessem no camarote, à cabeceira da cama, um armário secreto, com três compartimentos também secretos. Deu
as medidas dos compartimentos e estes foram executados no dia seguinte.

Duas horas mais tarde, Dantés saia do porto de Gênova escoltado pelos olhares de uma multidão de curiosos que queriam ver o cavalheiro espanhol que tinha o hábito de navegar sozinho.

Dantés desvencilhou-se maravilhosamente. Com a ajuda do leme, e sem ter necessidade de o deixar, obrigou o navio a fazer todas as evoluções que quis. Dir-se-ia um ser inteligente pronto a obedecer ao mais pequeno gesto, a ponto de o próprio Dantés concordar que os genoveses mereciam a sua reputação de primeiros construtores navais do mundo.

Os curiosos seguiram o naviozinho com os olhos até o perderem de vista, e então discutiu-se qual seria o seu destino. Uns inclinaram-se para a Côrsega, outros para a ilha de Elba; estes dispuseram-se a apostar que ia para Espanha, aqueles teimaram que seguia para a África. Ninguém pensou em indicar a
ilha de Monte-Cristo.

No entanto, era para Monte-Cristo que ia Dantés. Chegou ao fim do segundo dia. O navio era excelente veleiro e percorrera a distancia em trinta e cinco horas. Dantés reconhecera perfeitamente a costa e, em vez de entrar no porto habitual, lançou ferro na enseadazinha.

A ilha estava deserta. Ninguém parecia ter ali desembarcado desde que

Dantés partira. Foi procurar o seu tesouro; encontrava-se tudo no mesmo estado em que o deixara. No dia seguinte a sua imensa fortuna foi transportada para bordo do iate e fechada nos três compartimentos do armário secreto.

Dantés esperou mais oito dias. Entretanto, manobrou o iate à roda da ilha, estudando-o como um picador estuda um cavalo. Ao fim desse tempo conhecia-lhe todas as qualidades e todos os defeitos. Dantés prometeu a si mesmo aumentar uns e remediar outros.

Ao oitavo dia, Dantés viu um barquinho dirigir-se para a ilha com todas as velas desfraldadas e reconheceu a embarcação de Jacopo. Fez-lhe um sinal a que Jacopo correspondeu e duas horas mais tarde o barco estava junto do iate.

Havia uma triste resposta para cada uma das duas perguntas de Edmond.

O velho Dantés morrera.

Mercedes desaparecera.

Edmond escutou as duas notícias com ar calmo, mas desceu imediatamente a terra e proibiu que o acompanhassem.

Duas horas mais tarde voltou. Dois homens do barco de Jacopo passaram para o iate a fim de ajudarem na manobra e Dantés ordenou que se aproasse a Marselha. Previra a morte do pai; mas que fora feito de Mercedes?

Edmond não poderia dar instruções suficientes a um agente sem divulgar o seu segredo. De resto, havia mais informações que desejava obter e acerca das quais só confiava em si mesmo. O espelho dissera-lhe em Liorne que não corria o perigo de ser reconhecido. Aliás, tinha agora ao seu dispor todos os meios de se disfarçar. Assim, uma manhã, o iate, seguido do barquinho, entrou ousadamente no porto de Marselha e deteve-se precisamente defronte do lugar onde na noite de fatal memória o tinham embarcado para o Castelo de If.

Não foi sem certo estremecimento que Dantés viu aproximar-se um guarda no escaler da Sanidade. Mas com a segurança perfeita que adquirira apresentou-lhe um passaporte inglês que comprara em Liorne e mediante esse salvo-conduto estrangeiro, muito mais respeitado na França do que o nosso, desceu a terra sem dificuldade.

A primeira coisa que Dantés viu ao pôr o pé na Cannebiére foi um dos marinheiros do Pharaon o homem servira sob as suas ordens e vinha a propósito para tranquilizar Dantés a respeito das mudanças que se tinham operado em si. Foi direito ao homem e fez-lhe várias perguntas às quais ele respondeu sem sequer deixar suspeitar, quer nas suas palavras, quer na sua fisionomia, que se lembrava de ter visto alguma vez aquele que lhe dirigia a palavra.

Dantés deu ao marinheiro uma moeda de ouro para lhe agradecer as informações. Um instante depois ouviu o bom homem correr atrás de si.

Dantés voltou-se.

- Desculpe, senhor - disse o marinheiro --, mas com certeza enganou-se. Deve ter querido dar-me uma moeda de quarenta soldos e deu-me um duplo napoleão.

- De fato meu amigo, enganei-me - respondeu Dantés. - Mas como a sua honestidade merece uma recompensa, aqui tem outro que lhe peço aceite para beber à minha saúde com os seus camaradas.

O marinheiro olhou para Dantés tão espantado que nem sequer se lembrou

de agradecer e ficou a vê-lo afastar-se dizendo:

- É algum nabado vindo da índia.

Dantés continuou o seu caminho. Cada passo que dava oprimia-lhe o coração uma emoção nova. Todas as suas recordações de infância recordações indeléveis, eternamente presentes na memória, estavam ali erguiam-se a cada canto da praça, a cada esquina da rua, em cada cruzamento. Ao chegar ao fim da Rua de Noailles e ver a Alameda de Meilhan, sentiu os joelhos vergarem-se e quase caiu debaixo das rodas de uma carruagem. Por fim chegou à casa onde morara o pai. As aristolóquias e as capuchinhas tinham desaparecido da mansarda, onde outrora a mão do pobre homem as tratava com tanto cuidado.

Encostou-se a uma árvore e ficou algum tempo pensativo, a olhar os últimos andares da modesta casinha. Por fim dirigiu-se para a porta, transpôs o limiar, perguntou se havia alguma habitação vaga e, apesar de estar ocupada, insistiu tanto em visitar a do quinto andar que o porteiro subiu e pediu, da parte de um estrangeiro, às pessoas que lá moravam, licença para mostrar as duas divisões que constituíam o andar. As pessoas que ocupavam o pequeno apartamento eram um rapaz e uma moça casados havia apenas oito dias.

Ao ver os dois jovens, Dantés soltou um profundo suspiro.

Nada recordava já a Dantés o apartamento do pai. O papel não era o mesmo e todos os velhos móveis, esses amigos de infância de Edmond, presentes na sua memória em todos os pormenores, tinham desaparecido. Só as paredes eram as mesmas. Dantés virou-se para o lado da cama, que ocupava o mesmo lugar da do antigo inquilino. A seu pesar, os olhos de Edmond encheram-se de lágrimas. Devia ter sido ali que o velho morrera chamando pelo filho.

Os dois jovens olhavam com espanto aquele homem de rosto severo, pelas faces do qual corriam duas grossas lágrimas sem que ele se importasse Mas como toda a dor traz consigo a sua religião, os jovens não perguntaram nada ao desconhecido. Limitaram-se a recuar para o deixar chorar à vontade, e quando se retirou acompanharam-no e disseram-lhe que poderia voltar quando quisesse, pois a sua pobre casa lhe seria sempre hospitaleira.

Ao passar pelo andar de baixo, Edmond parou diante de outra porta e perguntou se continuava a morar ali o alfaiate Caderousse. Mas o porteiro respondeu-lhe que o homem a quem se referia tivera maus negócios e possuía agora uma estalagenzinha na estrada de Bellegarde a Beaucaire.

Dantés desceu, perguntou a morada do proprietário da casa das Alamedas de Meilhan, dirigiu-se para lá, fez-se anunciar sob o nome de Lorde Wimore (o nome e o título inscritos no passaporte) e comprou-lhe o prédio por vinte e cinco mil francos. Eram, pelo menos, mais dez mil francos do que valia. Mas se lhe tivessem pedido meio milhão, Dantés teria dado.

No mesmo dia, os inquilinos do quinto andar foram avisados pelo tabelião que lavrara a escritura de que o novo proprietário lhos dava a escolher um apartamento em todo o prédio, sem aumentar de forma alguma a renda, com a condição de lhe cederem os dois quartos que ocupavam.

Este acontecimento estranho ocupou durante mais de oito dias todos os frequentadores habituais das Alamedas de Meilhan e originou mil e uma conjecturas, nenhuma das quais exata.

Mas o que sobretudo confundiu todos os cérebros e perturbou todos os

espíritos foi ver-se à tardinha o mesmo homem que se vira entrar na casa das Alamedas de Meilhan a passear na aldeola dos Catalães e entrar numa pobre casa de pescadores, onde ficou mais de uma hora a pedir notícias de diversas pessoas que tinham morrido ou desaparecido havia mais de quinze ou dezesseis anos.

No dia seguinte, as pessoas em casa de quem entrara para fazer todas essas perguntas receberam como presente um barco catalão novinho em folha acompanhado de duas chinchas e de uma xávega.

Essa pobre gente bem gostaria de agradecer ao generoso perguntador, mas ao deixá-los tinham-no visto, depois de dar algumas ordens a um marinheiro, montar a cavalo e sair de Marselha pela porta de Aix.

Capítulo XXVI

A Estalagem da Ponte do Gard

Aqueles que como eu percorreram a pé o Meio-Dia da Franca devem ter notado entre Bellegarde e Beaucaire, aproximadamente a meio caminho da aldeia à cidade, mas mais perto de Beaucaire do que de Bellegarde, uma estalagenzinha donde pende, numa chapa metálica que range à menor aragem, uma grotesca representação da ponte de Gard. Tomando como ponto de referência o curso do Rôdano, a
estalagenzinha está situada do lado esquerdo da estrada, de costas viradas para o rio. Completa-a o que no Linguadoque se chama um quintal, isto é, o lado oposto àquele onde se abre a porta destinada aos viajantes dá para um recinto onde vegetam algumas oliveiras enfezadas e outras tantas figueiras-bravas, de folhagem prateada pela poeira. Nos seus intervalos crescem, e é tudo quanto a legumes, alhos, pimentos e chalotas.
Finalmente, num dos cantos, como uma sentinela esquecida, um grande pinheiro manso ergue melancolicamente o tronco flexível, enquanto a copa, aberta em leque, torra sob um sol de trinta graus.

Todas essas árvores, grandes ou pequenas, se inclinam naturalmente na direção onde passa o mistral, um dos três flagelos da Provença. Os outros dois, como se sabe ou como se não sabe, são a Durance e o Parlamento.

Aqui e ali, na planície circundante, que lembra um grande lago de poeira, vegetam algumas espigas de trigo candial, que os horticultores da região cultivam sem dúvida por curiosidade e cada uma das quais serve de poleiro a uma cigarra que persegue com o seu canto spero e monôtono os viajantes perdidos nesta tebaida.

Havia cerca de sete ou oito anos que a estalagenzinha era explorada por um homem e uma mulher que tinham apenas como pessoal uma criada de quartos chamada Trinette e um moço de estrebaria chamado Pacaud - dupla cooperação que de resto chegava amplamente para satisfazer as necessidades do serviço
desde que um canal aberto entre Beaucaire e Aiguemortes fizera suceder vitoriosamente os barcos ao transito acelerado e a embarcação de carga e

passageiros à diligência.

Como que para tornar ainda mais pungentes as queixas do pobre estalajadeiro que arruinava, o canal passava entre o Rôdano, que o alimentava, e a estrada, que exauria, e a cerca de cem passos da estalagem de que acabamos de dar uma breve mas fiel descrição.

O homem que dirigia a estalagenzinha devia contar quarenta a quarenta e cinco anos, era alto, magro e nervoso, autêntico tipo meridional com os seus olhos encovados e brilhantes, o seu nariz aquilino e os seus dentes brancos como os de um animal carnívoro. Os seus cabelos que pareciam, apesar dos primeiros ataques da idade, não se decidirem a embranquecer, eram, assim como a barba que usava em forma de colar, espessos, frisados e entremeados de pouquíssimos cabelos brancos. A sua tez, naturalmente morena, estava ainda coberta por uma camada de bistre, devido ao hábito que o pobre diabo adquirira de se manter de manhã à noite à porta do estabelecimento, para ver se, quer a pé, quer de carruagem, chegava algum cliente - espera quase sempre frustrada e durante a qual se limitava a proteger o rosto do calor escaldante do sol com um lenço de assoar vermelho, atado na cabeça, à maneira dos almocreves espanhóis. Este homem era o nosso velho conhecido Gaspard Caderousse.

A mulher, pelo contrário, que em solteira se chamava Madeleine Radelle, era uma mulher pálida, magra e achacada. Nascida nos arredores de Arles, embora conservasse os traços primitivos da beleza tradicional das suas patrícias, vira o rosto arruinar-se-lhe lentamente devido aos acessos quase contínuos de uma dessas febres inexoráveis tão comuns entre as populações vizinhas das lagoas de Aiguemortes e dos
pântanos da Camarga. Conservava-se portanto quase sempre sentada e a tiritar ao fundo do quarto, situado no primeiro andar, quer estendida numa poltrona, quer encostada à cama, enquanto o marido montava à porta o seu quarto de sentinela habitual, que prolongava com tanto mais prazer quanto é certo que todas as vezes que se encontrava com a sua azeda metade esta perseguia-o com as suas eternas queixas contra o destino,
queixas a que o marido respondia habitualmente apenas com estas palavras filosóficas:

“Cala-te, Carconte! E Deus que assim o quer.”

Esta alcunha devia-se ao fato de Madeleine Radeile ter nascido na aldeia da Carconte, situada entre Salon e Lambesc. Ora, de acordo com um hábito da região, segundo o qual se designam quase sempre as pessoas por uma alcunha em vez de as designar por um nome, o marido substituíra por aquele apelativo o de Madeleine, demasiado suave e eufônico, talvez para a sua linguagem rude.

Todavia, apesar da sua pretensa resignação aos decretos da Providência, não se julgue que o nosso estalajadeiro não sentia profundamente o estado de miséria a que o reduzira o miserável canal de Beaucaire e que era insensível aos incessantes queixumes com que a mulher o perseguia. Era, como todos os meridionais, um homem sóbrio e sem grandes necessidades, mas exibicionista. Por isso, no tempo da sua
prosperidade não deixava passar nem uma ferra de gado, nem uma procissão da tarasca sem nelas se mostrar com a Carconte, um no trajo pitoresco dos homens do Meio-Dia, misto de catalão e andaluz, e a outra com o encantador trajo das

mulheres de Arles, que parece inspirado na Grécia e na Arábia. Mas pouco a pouco, correntes de relógio, colares, cintas de mil cores, corpetes bordados, jaquetas de veludo, meias elegantes, polainas sarapintadas e sapatos com fivelas de prata tinham desaparecido e Gaspard Caderousse, não podendo continuar a mostrar-se à altura do seu esplendor passado, renunciara por si e pela mulher a todas as pompas mundanas cujo estrépido alegre ouvia, roído de inveja, ecoar até à pobre estalagem que continuava a conservar mais como um abrigo do que como um negócio.

Caderousse mantivera-se, como era seu hábito, parte da manhã diante da porta, passeando o olhar melancólico de um relvadozinho pelado, onde debicavam algumas galinhas, até às duas extremidades do caminho deserto, que se dirigia de um lado para o sul e do outro para o norte. De súbito, porém, a voz azeda da mulher obrigou-o a abandonar o seu posto. Entrou na casa resmungando e subiu ao primeiro andar, mas deixou a porta escancarada como se quisesse convidar os viajantes a não a esquecerem quando passassem.

No momento em que Caderousse entrou em casa, a estrada de que falamos e que ele percorria com a vista encontrava-se tão vazia e solitária como o deserto ao meio-dia. Estendia-se, branca e infinita, entre duas alas de árvores enfezadas, e compreendia-se perfeitamente que um viajante, livre de escolher outra hora do dia, se não aventurasse naquele medonho Saara.

No entanto, apesar de todas as probabilidades, se Caderousse tivesse ficado no seu posto poderia ter visto aparecer, do lado de Bellegarde, um cavaleiro e um cavalo no passo respeitável e amistoso que indica as melhores relações entre o cavalo e o cavaleiro. O animal era um cavalo castrado e avançava a passo travado; o cavaleiro era um padre vestido de preto e coberto com um tricórnio, apesar do calor escaldante
do Sol, então no seu zênite. O andamento de ambos não ia além de um trote muito razoável.

Chegado diante da porta o grupo parou. Seria difícil decidir se foi o cavalo que deteve o homem ou o homem que deteve o cavalo; mas em todo o caso o cavaleiro pôs pé em terra e, puxando o animal pela brida, foi prendê-lo ao torniquete de um guarda-vento escalavrado que já só tinha um gonzo. Em seguida dirigiu-se para a porta, enxugando com um lenço de algodão encarnado a testa coberta de suor, e bateu três vezes no
limiar com a ponta ferrada da bengala que segurava na mão.

Ato contínuo, um grande cão preto levantou-se e deu alguns passos rosnando e mostrando os dentes brancos e agudos, dupla demonstração hostil que provava quão pouco habituado estava a conviver.

Imediatamente um passo pesado fez estremecer a escada de madeira que subia ao longo da parede e que descia, curvado e às arrecuas, o dono do pobre estabelecimento à porta do qual se encontrava o padre.

- Já vou! - dizia entretanto Caderousse, surpreendidíssimo. - Já vou! Faça o favor de se calar, Margottin? Não tenha medo, senhor; ladra mas não morde. Deseja vinho, não é verdade? Sempre está um destes calores... Ah, perdão! - interrompeu-se Caderousse ao ver com que espécie de viajante tratava. - Não
sabia quem tinha a honra de receber. Que deseja, em que o posso servir, Sr. Abade? Estou às suas ordens.

O padre olhou o homem durante dois ou três segundos com uma atenção estranha e pareceu até procurar atrair sobre si a atenção do estalajadeiro. Depois, vendo que as feições deste só exprimiam surpresa por não receber resposta, achou que era tempo de pôr termo a essa surpresa e perguntou com um acento italiano muito pronunciado:

- O senhor não se chama Caderousse?

- Chamo, senhor - respondeu o estalajadeiro, talvez ainda mais surpreendido com a pergunta do que com o silêncio. - Sou, com efeito. Gaspard Caderousse para o servir.

- Gaspard Caderousse... Sim, creio serem esses o nome e o apelido. Morou há tempos nas Alamedas de Meilhan, não é verdade? No quarto andar?

- Exato.

- Exercia lá a profissão de alfaiate?

- Exercia, mas o negócio foi por água abaixo. E que faz tanto calor naquela maldita Marselha que, na minha opnião, as pessoas acabarão por andar nuas. Mas a propósito de calor, não deseja refrescar-se, Sr. Abade?

- Pois sim. Dê-me uma garrafa do seu melhor vinho e continuemos a conversa, se não se importa, a partir do ponto onde a deixamos.

- Como quiser, Sr. Abade - respondeu Caderousse.

E para não perder a oportunidade de vender uma das últimas garrafas de vinho de Cahors que lhe restavam, Caderousse apressou-se a levantar um alçapão aberto do próprio soalho daquela espécie de sala do térreo, que servia ao mesmo tempo de cozinha.

Quando passados cinco minutos reapareceu, encontrou o abade sentado num banco, com o cotovelo apoiado numa mesa comprida, enquanto Margottin, que parecia ter feito as pazes com ele, talvez por esperar que, contrariamente ao habitual, aquele viajante singular tomasse qualquer coisa, lhe estendia sobre a coxa o pescoço descarnado e o olhar langoroso.

- Está sozinho? - perguntou o abade ao estalajadeiro enquanto este pousava diante dele a garrafa e um copo.

- Oh, meu Deus! Sim, sozinho ou quase, Sr. Abade! Tenho a minha mulher, mas ela não me pode ajudar em nada, atendendo a que está sempre doente, a pobre Carconte.

- Ah, é casado! - disse o padre, com uma espécie de interesse, e deitando à sua volta um olhar que parecia avaliar no seu escasso valor o modesto mobiliário do pobre casal.

- Parece-lhe que não sou rico, não é verdade, Sr. Abade? - disse, suspirando, Caderousse. - Mas que quer, não basta um homem ser honesto para prosperar no mundo.

O abade cravou nele um olhar penetrante.

- Sim, um homem honesto; posso me gabar disso, senhor - insistiu o estalajadeiro, sustentando o olhar do abade, com uma das mãos no peito e abanando a cabeça de cima para baixo. - Nos tempos que correm, são poucos que podem dizer o mesmo.

-Tanto melhor se é verdade isso que se gaba - perguntou o abade --, pois mais tarde ou mais cedo, é minha firme convicção, o homem honesto é recompensado e o mau punido.

- É próprio do seu estado dizer isso, Sr. Abade; é próprio do seu estado dizer isso - prosseguiu Caderousse com uma expressão amarga --, mas cada qual é livre de não acreditar no que o senhor diz.

- Faz mal em falar assim, senhor - perguntou o abade --, pois talvez eu próprio seja para si, dentro em breve, uma prova do que afirmo.

- Que quer dizer? - perguntou Caderousse com ar atônito.

- Quero dizer que antes de mais nada tenho de me assegurar se o senhor é o homem que procuro.

- Que provas quer que lhe dê?

- Conheceu em 1814 ou 1815 um marinheiro chamado Dantés?

- Dantés!... Se conheci o pobre Edmond! Sem dúvida nenhuma! Era até um dos meus melhores amigos! - exclamou Caderousse, cujo rosto foi invadido por um vermelho-púrpura, enquanto os olhos claros e firmes do abade pareciam dilatar-se para abarcarem por completo aquele que interrogava.

- Sim, creio que efetivamente se chamada Edmond.

- Se se chamava Edmond, o pequeno! Claro que chamava! Tão certo como eu chamar-me Gaspard Caderousse. E que foi feito dele, senhor, desse pobre Edmond? - prosseguiu o estalajadeiro. - Conheceu-o? Ainda está vivo? Está em liberdade? É feliz?

- Morreu prisioneiro, mais desesperado e miserável do que os forçados que arrastam a grilheta na cadeia de Toulon.

Uma palidez mortal sucedeu no rosto de Caderousse ao rubor que inicialmente o cobria. Virou-se e o abade viu-o enxugar uma lágrima com uma ponta do lenço encarnado que lhe servia para cobrir a cabeça.

- Pobre rapaz! - murmurou Caderousse.- Pois aí tem mais uma prova do que lhe dizia, Sr. Abade: Deus só é bom para os maus. Ah - continuou Caderousse, com a linguagem colorida da gente do Meio-Dia --, o mundo vai de mal a pior! Deviam cair do céu dois dias de pólvora e uma hora de fogo, para acabar com isto
tudo!

- Parece que o senhor gostava muito desse rapaz - observou o abade.

- É verdade, gostava muito dele - confirmou Caderousse - embora tenha de me penitenciar de ter por um instante invejado a sua felicidade. Mas depois, juro-lhe, palavra de Caderousse, tenho lamentado muito a sua pouca sorte.

Fez-se um momento de silêncio durante o qual o olhar fixo do abade não cessou um instante de interrogar a fisionomia mutável do estalajadeiro.

- E o senhor conheceu o pobre rapaz? - continuou Caderousse.

- Fui chamado ao seu leito de morte para lhe oferecer os derradeiros socorros da religião - respondeu o abade.

- De que morreu? - perguntou Caderousse, com voz estrangulada.

- De que se morre na prisão quando se morre aos trinta anos, se não da própria prisão?

Caderousse enxugou o suor que lhe corria pela testa.

- O que é estranho no meio de tudo isto - prosseguiu o abade - é que Dantés me jurou sempre no seu leito de morte, sobre o Cristo cujos pés beijava, ignorar a verdadeira causa do seu cativeiro.

- É verdade, é verdade - murmurou Caderousse --, não podia sabê-lo. Não,

Sr. Abade, ele não mentia, o pobre rapaz.

- Foi por isso que me encarregou de esclarecer a sua desgraça, o que ele nunca pode lazer, e de reabilitar a sua memória, se essa memória tivesse recebido qualquer mácula.

E o olhar do abade, cada vez mais fixo, devorou a expressão quase sombria que apareceu no rosto de Caderousse.

- Um rico inglês - continuou o abade - seu companheiro de infortúnio e que saiu da prisão quando da II Restauração possuía um diamante de grande valor. Ao sair da prisão quis deixar a Dantés, que numa doença que contraíra o tratara como um irmão, uma prova do seu reconhecimento e ofereceu-lhe esse diamante. Dantés, em vez de se servir dele para subornar os carcereiros, que Aliás poderiam receber-lhe o diamante e
atraiçoá-lo depois, conservou-o sempre preciosamente, para o caso de sair da prisão. Porque se saísse da prisão a sua fortuna estava assegurada só com a venda do diamante.

- Era portanto, como o senhor disse, um diamante de grande valor? - perguntou Caderousse, com os olhos coruscantes.

- Tudo é relativo - prosseguiu o abade. - De grande valor para Edmond. O diamante estava avaliado em cinquenta mil francos.

- Cinquenta mil francos! - exclamou Caderousse. - Mas então... seria assim do tamanho de uma noz?

- Nem tanto - respondeu o abade. - Mas, vai ver por si mesmo, pois trago-o comigo.

Caderousse pareceu procurar nas vestes do abade onde estaria a pedra preciosa.

O abade tirou da algibeira uma caixinha de chagrém preto, abriu-a e fez brilhar aos olhos deslumbrados de Caderousse a cintilante maravilha, montada num anel de admirável trabalho.

- E isso vale cinquenta mil francos?

- Sem a montagem, que por si só também tem certo valor - respondeu o abade.

Fechou o estojo e voltou a meter na algibeira o diamante, que continuava a brilhar no fundo do cérebro de Caderousse.

- Mas como se explica que tenha esse diamante em seu poder Sr. Abade? - perguntou Caderousse. - Edmond nomeou-o seu herdeiro?

- Não, mas sim seu executor testamentário. “Tenho três bons amigos e uma noiva”, disse-me. “Estou certo de que todos os quatro me lamentam amargamente. Um desses bons amigos chamava-se Caderousse.”

Caderousse estremeceu.

- “Outro...” - continuou o abade sem parecer notar a emoção de Caderousse - “outro chamava-se Danglars e o terceiro” acrescentou, “apesar de meu rival, estimava-me muito.”

Um sorriso diabôlico iluminou as feições de Caderousse, que fez um gesto para interromper o abade.

- Espere - atalhou este --, deixe-me acabar, se tiver alguma observação a fazer-me, faça-a depois. “O outro, apesar de meu rival, também me estimava e chamava-se Fernand. Quanto à minha noiva, o seu nome era...” já não me lembro

do nome da noiva - disse o abade.

- Mercedes - informou Caderousse.

- Ah, sim, é isso! - exclamou o abade, que depois soltou um suspiro abafado. - Mercedes...

- E que mais? - perguntou Caderousse.

- Dê-me uma garrafa de água - pediu o abade.

Caderousse apressou-se a obedecer.

O abade encheu o copo e bebeu uns golos.

- Aonde estávamos? - perguntou, pousando o copo em cima da mesa.

- A noiva chamava-se Mercedes.

- Sim, é isso. “Vá a Marselha...” Continua a ser Dantés quem fala, compreende?

- Perfeitamente.

- “Venda o diamante, faça cinco quinhões e divida-os entre esses bons amigos, os únicos entes que me estimaram no mundo!”

- Como cinco quinhões? - atalhou Caderousse. - O senhor só se referiu a quatro pessoas...

- Porque a quinta morreu, segundo me disseram... A quinta era o pai de Dantés.

- Sim, desgraçadamente! - confirmou Caderousse, impressionado pelos sentimentos que se entrechocavam em si. - Sim, desgraçadamente o pobre homem morreu.

- Soube do seu falecimento em Marselha - declarou o abade, fazendo um esforço para parecer indiferente. - Mas a morte foi há tanto tempo que não pude obter nenhum pormenor... Sabe alguma coisa acerca do fim do velhote?

- Ora, ora!... A tal respeito ninguém sabe mais do que eu! Morava porta com porta com o pobre homem... Sim, meu Deus, passado apenas um ano depois da prisão do filho, o pobre velho morreu!

- Mas de quê?

- Os médicos chamaram à doença... gastrenterite, se me não engano. Mas aqueles que o conheciam disseram que morreu de dor. E eu, que quase o vi morrer, digo que morreu...

Caderousse deteve-se.

- Morreu de quê? - insistiu com ansiedade o padre.

- Bom... morreu de fome!

- De fome?! - gritou o abade, saltando do banco. - De fome? Os mais vis animais não morrem de fome! Os cães que vagueiam pelas ruas encontram uma mão compassiva que lhos atira um bocado de pão. E um homem, um cristão, morre de fome no meio de outros homens que se dizem cristãos como ele! Impossível!

Oh, é impossível.

- O que disse está dito! - perguntou Caderousse.

- Mas não devia ter dito! - exclamou uma voz vinda da escada. - Porque se mete onde não é chamado?

Os dois homens viraram-se e viram através das barras do corrimão o rosto doentia da Carconte. Arrastara-se até ali e escutava a conversa sentada no último degrau, com o rosto apoiada nos joelhos.

- E você, mulher, porque se intromete na conversa? - volveu-lhe Caderousse. - Este senhor pede informações e a delicadeza manda que as dê.

- Pois sim, mas a prudência manda que as recuse. Quem te diz com que intenção te querem fazer falar, imbecil?

- Com a melhor das intenções, minha senhora, garanto-lhe - interveio o abade. - O seu marido não tem nada a temer, desde que responda francamente.

- Ora não tem nada a temer, não tem nada a temer!... Claro que tem! Começa-se com bonitas promessas e depois diz-se apenas que não tem nada a temer... Em seguida desaparece-se sem cumprir nada do que se prometeu e uma boa manhã a desgraça cai sobre um pobre de Cristo sem que ele saiba donde lhe vem.

- Esteja tranquila, boa mulher, que nenhuma desgraça lhos virá da minha parte, garanto-lhe.

A Carconte resmungou algumas palavras que ninguém entendeu, deixou cair novamente nos joelhos a cabeça que levantara por instantes e continuou a tremer de febre, deixando o marido livre para continuar a conversa, mas colocada de maneira a não perder uma palavra.

Entretanto, o abade bebera alguns goles de água e recuperara a serenidade.

- Mas então esse infeliz velho estava assim tão abandonado por toda a gente, a ponto de morrer dessa maneira?

- Oh, senhor, Mercedes, a catalã, e o Sr. Morrel não o abandonaram! - prosseguiu Caderousse. - Mas o pobre velho tomou-se de uma antipatia profunda por Fernand, esse mesmo - acrescentou Caderousse com um sorriso irônico - que Dantés lhe disse ser um dos seus amigos.

- E não o era? - perguntou o abade.

- Gaspard, Gaspard!... murmurou a mulher do cimo da escada. - Preste atenção ao que vai dizer.

Caderousse fez um gesto de impaciência, única resposta que se dignou conceder à mulher, e respondeu ao abade:

- É possível ser amigo daquele cuja mulher se cobiça? Dantés, que era um coração de ouro, chamava a toda essa gente amigos...Pobre Edmond!... Na verdade, é preferível que não tenha sabido de nada. Teria muita dificuldade em lhes perdoar na hora da morte... E, apesar do que dizem - continuou Caderousse na
sua linguagem a que não faltava uma espécie de poesia rude --,ainda tenho mais medo da maldição dos mortos do que do ódio dos vivos.

- Imbecil! - gritou a Carconte.

- Sabe então - continuou o abade - o que Fernand fez contra Dantés?

- Se sei? Creio bem que sim.

- Fale então.

- Gaspard, aja como quiser, pois você é que manda - interveio a mulher --, mas se confia em mim não diga mais nada.

- Desta vez creio que tem razão, mulher - concordou Caderousse.

- Portanto, não quer dizer mais nada? - perguntou o abade.

- Que adianta falar? - perguntou Caderousse. - Se o rapaz fosse vivo e me procurasse para saber concretamente quem eram os seus amigos e os seus

inimigos, não digo que não falasse. Mas ele está debaixo da terra, segundo o senhor me disse, e já não pode ter ódio, já não pode se vingar. Ponhamos uma pedra em cima de tudo isso.

- Quer então - disse o abade - que dê a essa gente, que o senhor considera indigna, a esses amigos que considera falsos, uma recompensa destinada à fidelidade?

- É verdade, tem razão - admitiu Caderousse. - De resto, que representaria agora para eles o legado do pobre Edmond? Uma gota de água no oceano!

- Sem contar que essa gente pode te esmagar com um gesto - salientou a mulher.

- Como assim? Quer dizer que se tornaram ricos e poderosos?

- Então não conhece a sua história?

- Não. Conte-me.

Caderousse pareceu refletir um instante.

- Não. Na verdade, seria demasiado longo - acabou por dizer.

- Tem todo o direito de se calar, meu amigo - disse o abade, em tom da mais profunda indiferença --, e respeito os seus escrúpulos. Aliás, o seu procedimento é o de um homem verdadeiramente bom. Não falemos portanto mais disso. De que estava eu encarregado? De uma simples formalidade. Venderei
pois o diamante.

E tirou o diamante da algibeira, abriu o estojo e fê-lo brilhar nos olhos deslumbrados de Caderousse.

- Venha , mulher! - disse o estalajadeiro, com voz rouca.

- Um diamante! - exclamou a Carconte, levantando-se e descendo com passo bastante firme a escada. - Que diamante é esse?

- Não ouviu, mulher? - disse Caderousse. - É um diamante que o pequeno nos legou: ao pai, em primeiro lugar, e depois aos seus três amigos, Fernand, Danglars e eu, e a Mercedes, sua noiva. O diamante vale cinquenta mil francos.

- Oh, que linda jóia! - exclamou a mulher.

- Pertence-nos então a quinta parte dessa importância? - perguntou Caderousse.

- Pertence - respondeu o abade. - Mais a parte do pai de Dantés, que me julgo autorizado a repartir pelos quatro.

- E porquê pelos quatro? - perguntou a Carconte.

- Porque são os quatro amigos de Edmond.

- Os amigos não são aqueles que atraiçoam! - murmurou surdamente, por sua vez, a mulher.

- Claro, claro - acrescentou Caderousse. - Era exatamente o que eu dizia. É quase uma profanação, quase um sacrilégio, recompensar a traição, o crime talvez.

- Vocês assim querem... - perguntou tranquilamente o abade, voltando a guardar o diamante na algibeira da sotaina. - Agora dêem-me as moradas dos amigos de Edmond, a fim de poder executar as suas últimas vontades.

O suor corria em grandes gotas pela testa de Caderousse. Viu o abade levantar-se e dirigir-se para a porta, como que para deitar uma olhadela ao cavalo, e voltar.

Caderousse e a mulher entreolhavam-se com expressão indizível.

- O diamante seria inteirinho para nós - disse Caderousse.

- Acha - respondeu a mulher.

- Um padre não viria aqui para nos enganar.

- Faça como quiser - disse a mulher. - Quanto a mim, não me meto nisso.

E retomou o caminho da escada, sempre tiritando. Batia os dentes, apesar do calor escaldante que fazia. No último degrau parou um instante.

- Pense bem, Gaspard! - aconselhou ao marido.

- Estou decidido! - respondeu Caderousse.

Carconte reentrou no quarto suspirando. Ouviu-se o soalho ranger-lhe debaixo dos pés até chegar à poltrona, onde se sentou pesadamente.

- Está decidido a quê? - indagou o abade.

- A dizer-lhe tudo - respondeu o estalajadeiro.

- Na verdade, parece-me que é o melhor que tem a fazer - concordou o padre. - Não porque me interesse saber as coisas que me queria esconder; mas enfim, se puder ajudar-me a distribuir os legados de acordo com os desejos do testador, será melhor.

- Assim espero - respondeu Caderousse, com as faces incendiadas pelo rubor da esperança e da cupidez.

- Escuto-o - disse o abade.

- Espere - pediu Caderousse. - Poderiam interromper-nos no ponto mais interessante e seria desagradável. Aliás, ninguém precisa saber que o senhor esteve aqui.

Dirigiu-se para a porta da estalagem e fechou-a, e para maior precaução trancou-a também.

Entretanto, o abade escolheu um bom lugar para ouvir tudo à vontade: sentou-se a um canto, de modo a ficar na sombra, enquanto a luz cairia em cheio no rosto do seu interlocutor. Com a cabeça inclinada e as mãos juntas, ou antes, crispadas, preparava-se para ouvir com toda a atenção.

Caderousse puxou um banco e sentou-se diante dele.

- Lembre-se de que não te incitei a nada - disse a voz trêmula da Carconte, como se pudesse ver, através do sobrado, a cena que se preparava.

- Está bem, está bem - perguntou Caderousse. - Não falemos mais disso. Assumo toda a responsabilidade.

E começou.

Capítulo XXVII

O relato

- Antes de mais nada - disse Caderousse - devo, senhor, pedir-lhe que me prometa uma coisa.

- Qual? - perguntou o abade.

- Se alguma vez utilizar algum dos fatos que lhe vou revelar, que ninguém saiba que soube esses fatos por mim, pois aqueles de quem lhe vou falar são

ricos e poderosos e se me tocassem só que fosse com a ponta de um dedo me quebrariam como vidro.

- Esteja descansado, meu amigo - declarou o abade. - Sou padre e as confissões morrem comigo. Lembre-se de que o nosso objetivo é apenas cumprir dignamente as últimas vontades do nosso amigo. Fale pois à vontade, mas sem ódio. Diga a verdade, toda a verdade. Não conheço e provavelmente nunca conhecerei as pessoas de que vai falar. De resto, sou italiano e não francês. Pertenço a Deus e não aos homens e vou regressar ao meu convento, donde saí apenas para cumprir as últimas vontades de um moribundo.

Esta promessa positiva pareceu dar a Caderousse um pouco de confiança.

- Bom, nesse caso, quero, direi mesmo mais, devo desenganá-lo a respeito dessas amizades que o pobre Edmond julgava sinceras e dedicadas.

- Comecemos pelo pai, se não se importa - sugeriu o abade. - Edmond falou-me muito do velhote, pelo qual nutria profundo amor.

- A história é triste, senhor - observou Caderousse, abanando a cabeça. - Conhece-lhe provavelmente os princípios.

- Conheço - respondeu o abade. Edmond contou-me tudo até o momento de ser preso, num restaurantezinho perto de Marselha.

- Na Reserva! Oh, meu Deus, sim! Ainda vejo tudo tal qual como se passou.

- Não foi no próprio banquete de noivado?

- Foi. E o banquete, que tivera um começo alegre, teve um fim triste: um comissário de polícia acompanhado de quatro soldados entrou e prendeu Dantés.

- É exatamente aí que termina o que sei - declarou o padre. - O próprio Dantés não sabia mais nada além do que lhe era estritamente pessoal, pois nunca mais tornou a ver nenhuma das cinco pessoas de que lhe falei, nem ouviu falar delas.

- Bom, uma vez, Dantés preso, o Sr. Morrel correu a obter informações, que foram bem tristes. O velho voltou sozinho para casa, despiu o traje de festa chorando, passou todo o dia andando de um lado para o outro no quarto e à noite não se deitou, pois eu morava por baixo dele e ouvi-o andar toda a noite. Eu próprio, devo dizê-lo, também não dormi, porque a dor do pobre pai me afligia muito e cada um dos seus passos
esmagava-me o coração como se ele me pusesse realmente o pé no peito.

“no dia seguinte, Mercedes veio a Marselha implorar a proteção do Sr. de Villefort, mas não conseguiu nada. Aproveitou no entanto a oportunidade para visitar o velhote. Quando o viu tão triste e abatido e soube que passara a noite sem se meter na cama e que não comia desde a véspera, quis levá-lo para cuidar dele, mas o velho recusou terminantemente.

“- Não - dizia ele --, não sairei de casa, pois é a mim que o meu pobre filho ama antes de mais nada e se sair da prisão é a mim que correrá a ver em primeiro lugar. Que diria se não estivesse aqui à sua espera?

“eu escutava tudo isto do patamar da escada, porque gostaria que Mercedes convencesse o velho a acompanhá-la. O eco daqueles passos todos os dias por cima da minha cabeça não me deixavam um instante de repouso.

- Mas o senhor mesmo não subia a casa do velho para o confortar? - perguntou o padre.

- Ah, senhor, só se confortam aqueles que querem ser confortados e ele

não o queria ser! - respondeu Caderousse. - De resto, não sei porquê, mas parece-me que tinha repugnância em ver-me. Uma noite, ao ouvir os seus soluços, não aguentei mais e subi; mas quando cheguei à porta já não soluçava, rezava. As palavras eloquentes e as súplicas piedosas que encontrava para se exprimir eram tão comoventes que não
saberia repetir-lhas, senhor. Aquilo era mais do que devoção, era mais do que dor. Por isso, eu que não sou beato falso nem gosto dos Jesuítas, disse para comigo naquele dia: “é uma grande sorte, na verdade, ser só e Deus não me ter dado filhos, porque se fosse pai e sentisse dor idêntica à do pobre velho, como não poderia encontrar na memória nem no coração nada do que ele diz a Deus, iria direitinho atirar-me ao mar
para não sofrer mais tempo.”

- Pobre pai! - murmurou o padre.

- De dia para dia vivia mais só e isolado. O Sr. Morrel e Mercedes apareciam muitas vezes para ve-lo, mas a sua porta estava sempre fechada. E embora eu tivesse certeza absoluta de que estava em casa, não respondia. Um dia em que contra o seu hábito recebeu Mercedes e em que a pobre pequena, ela própria desesperada, tentava reconfortá-lo, o velho disse-lhe: “Acredita, minha filha, que ele morreu, e que em vez de o esperarmos é ele quem nos espera. Sinto-me muito feliz porque, como sou o mais velho, serei por consequência quem o verá primeiro.”

“por melhor que uma pessoa seja, como sabe, não tarda a afastar-se daqueles que a entristecem, e o velho Dantés acabou por ficar completamente só. Apenas de tempos a tempos via subir a casa dele pessoas desconhecidas, que desciam com qualquer embrulho mal escondido. Compreendi depois que continham esses embrulhos: o velho vendia pouco a pouco o que possuía para viver. Finalmente, o pobre homem chegou ao fim dos seus míseros haveres. Devia três meses de renda e ameaçaram po-lo na rua. Pediu mais oito dias e concederam-lhe. Soube deste pormenor porque o senhorio foi a minha casa depois de sair da dele.

“durante os três primeiros dias, ouvi-o caminhar como de costume, mas no quarto dia não ouvi mais nada. Arrisquei-me a subir. A porta estava fechada, mas através da fechadura vi-o tão pálido e abatido que, julgando-o muito doente, mandei avisar o Sr. Morrel e corri a casa de Mercedes. Ambos vieram logo. O Sr. Morrel trazia um médico. Este diagnosticou uma gastrenterite e prescreveu dieta. Estava lá, senhor, e nunca
mais esquecerei o sorriso do velho ao ouvir a receita.

“a partir desse dia passou a abrir a porta. Tinha uma desculpa para não comer: o médico prescrevera dieta.

O abade soltou uma espécie de gemido.

- Esta história interessa-lhe, não é verdade, senhor? - perguntou Caderousse.

- Interessa, de fato - respondeu o abade. - É comovente.

- Mercedes voltou. Encontrou-o tão mudado que como da primeira vez quis mandá-lo transportar para casa dela. Essa era também a opinião do Sr. Morrel, que estava disposto a levá-lo à força. Mas o velho gritou tanto que tiveram medo. Mercedes ficou à sua cabeceira. O Sr. Morrel saiu depois de fazer sinal à catalã

de que deixava uma bolsa em cima da chaminé. Mas fazendo finca pé na receita do médico, o velho recusou-se a comer. Por fim, após nove dias de desespero e abstinência, o velho amaldiçoando aqueles que tinham causado a sua desgraça e dizendo a Mercedes: “Se tornares a ver o meu Edmond, diga-lhe que morro abençoando-o.”

O abade levantou-se, deu duas voltas na sala e levou a mão trêmula à garganta seca.

- E o senhor julga que morreu...

- De fome, senhor, de fome - respondeu Caderousse. - Não lhe oculto a verdade porque estamos aqui dois cristãos.

O abade pegou com mão convulsa no copo de água ainda meio cheio, despejou-o de um trago, e conteve-se, com os olhos avermelhados e as faces pálidas.

- Reconheça que foi uma grande infelicidade!- disse com voz rouca.

- Tanto maior, senhor, quanto é certo não ter Deus sido para aí metido nem achado. Os culpados foram apenas os homens.

- Passemos portanto a esses homens - disse o abade. - Mas lembre-se - continuou com ar quase ameaçador - de que se comprometeu a dizer-me tudo. Vejamos, quem são esses homens que fizeram morrer o filho de desespero e o pai de fome?

- Dois homens que o invejavam, um por amor e o outro por ambição: Fernand e Danglars.

- E de que forma se manifestou essa inveja?

- Denunciaram Edmond como agente bonapartista.

- Mas qual dos dois o denunciou, qual dos dois foi o verdadeiro culpado?

- Ambos, senhor. Um escreveu a carta e o outro a colocou no correio.

- E onde foi escrita essa carta?

- Na própria Reserva, na véspera do casamento.

- Está certo, isso está certo. Oh, Faria, Faria, como conhecias bem os homens e as coisas?...

- Que diz, senhor? - perguntou Caderousse.

- Nada - perguntou o padre. - Continue.

- Foi Danglars quem escreveu a denúncia com a mão esquerda, para que a sua letra não fosse conhecida, e Fernand quem a enviou.

- Mas o senhor também estava lá! - gritou de súbito o abade.

- Eu? - disse Caderousse, atônito. - Quem lhe disse que também lá estava?

O abade viu que avançara demasiado.

- Ninguém - respondeu. - Mas para conhecer tão bem todos esses pormenores é necessário que os tenha testemunhado.

- É verdade - admitiu Caderousse com voz sufocada. - Eu estava lá.

- E não se opôs a essa infâmia? - indagou o abade. - Nesse caso é seu cúmplice.

- Senhor - disse Caderousse --, ambos me tinham feito beber a ponto de quase não saber o que fazia. Via apenas através de uma nuvem. Disse tudo o que pode dizer um homem em semelhante estado, mas responderam-me ambos que era uma brincadeira que queriam pregar a Dantés e daí não adviria quaisquer consequências.

- Mas no dia seguinte, senhor, no dia seguinte bem viu o que aconteceu. E no entanto não disse nada, embora estivesse presente quando o prenderam.

- Tem razão, senhor, de fato estava lá e quis falar, quis dizer tudo, mas Danglars não me deixou. “E se por acaso é culpado?”, disse-me. “Se realmente aportou à ilha de Elba e o encarregaram de trazer uma carta para o comitê bonapartista de Paris? Se encontram essa carta em seu poder, aqueles que o defenderem passarão por seus cúmplices.”

“Eu temia a política, tal como ela se fazia então, confesso, e calei-me. Foi uma covardia, admito, mas não foi um crime.”

- Compreendo, limitou-se a deixar as coisas seguirem o seu curso e mais nada.

- É verdade, senhor - confessou Caderousse-, e esse é o meu remorso de dia e de noite. Peço muitas vezes perdão a Deus, juro-lhe, tanto mais que essa ação, a única que tenho seriamente a censurar-me em toda a minha vida, é sem dúvida a causa da minha adversidade. Expio um instante egoísmo. Por isso, digo sempre à Carconte quando se queixa: “Cale-se, mulher, é Deus que assim quer.”

E Caderousse baixou a cabeça, com todos os sinais de verdadeiro arrependimento.

- Bem, senhor - disse o abade --, falou com franqueza. Quem se acusa assim, merece perdão.

- Infelizmente - observou Caderousse --, Edmond morreu e não me perdoou!

- Por ignorância... - atalhou o abade.

- Mas agora talvez saiba - acrescentou Caderousse. - Dizem que os mortos sabem tudo.

Fez-se um instante de silêncio. O abade levantara-se e passeava pensativo. Voltou para o seu lugar e sentou-se.

- Já se referiu duas ou três vezes a um tal Sr. Morrel. Quem é esse homem? - perguntou.

- Era o armador do Pharaon, o patrão de Dantés.

- E que papel teve esse homem em todo esse triste caso? - perguntou o abade.

- O papel de um homem honesto, corajoso e amigo, senhor. Intercedeu vinte vezes por Edmond. Quando o imperador regressou, escreveu, suplicou e ameaçou, de tal forma que na II Restauração o perseguiram encarniçadamente como bonapartista. Dez vezes, como já lhe disse, foi a casa do Tio Dantés; para o retirar de lá, e ainda na véspera da sua morte, como também já lhe disse, deixou em cima da chaminé uma bolsa com a qual se pagaram as dívidas do pobre homem e se fez face ao seu funeral. Assim, o infeliz velho pode morrer ao menos como vivera, sem prejudicar ninguém. Sou eu que tenho a bolsa, uma grande bolsa de rede encarnada.

- E esse Sr. Morrel ainda é vivo? - perguntou o abade.

- É - respondeu Caderousse.

- Nesse caso - prosseguiu o abade --, deve ser um homem abençoado por Deus, rico... feliz...

Caderousse sorriu amargamente.

- Sim, feliz como eu - perguntou.

- O Sr. Morrel deveria ser feliz! - exclamou o abade.

- Está quase na miséria, senhor, e, pior do que isso, quase desonrado.

- Como assim?

- Sim - prosseguiu Caderousse --, é como lhe digo. Depois de vinte e cinco anos de trabalho; depois de adquirir a mais respeitável reputação na praça de Marselha, o Sr. Morrel está completamente arruinado. Perdeu cinco navios em dois anos, passou por três falências terríveis e a sua única esperança cifra-se apenas nesse mesmo Pharaon que comandava o pobre Dantés e que deve regressar da índia com um carregamento de cochonilha e índigo. Se esse navio naufragar como os outros, estará perdido.

- E esse infeliz tem mulher e filhos? - quis saber o abade.

- Tem uma mulher que no meio de tudo aquilo se comporta como uma santa, uma filha que ia casar com o homem que amava, mas cuja família já não o quer deixar desposar uma moça arruinada, e também um filho que é tenente do Exército. Mas. como deve calcular, tudo isto aumenta a sua dor, em vez de a diminuir. Pobre e digno homem! Se não tivesse ninguém, daria um tiro nos miolos e pronto.

- Que coisa horrível! - murmurou o padre.

- Aí está como Deus recompensa a virtude, senhor - comentou Caderousse. - Veja, eu que nunca pratiquei uma má ação, excetuando a que lhe contei, estou na miséria; eu, depois de ver morrer a minha pobre mulher da febre, sem poder fazer nada por ela, morrerei de fome como morreu o Tio Dantés, enquanto Fernand e Danglars nadam em ouro.

- Porque diz isso?

- Porque tudo lhes correu bem, ao passo que às pessoas honestas tudo corre mal.

- Que foi feito de Danglars, o mais culpado, não é verdade, o instigador?

- Que foi feito dele? Deixou Marselha e empregou-se por recomendação do Sr. Morrel, que ignorava o seu crime, como secretário de um banqueiro espanhol. Durante a guerra de Espanha encarregou-se de parte dos fornecimentos ao Exército francês e enriqueceu. Então, com esse primeiro dinheiro, jogou na Bolsa e triplicou, quadruplicou os seus capitais. Viúvo da filha do seu banqueiro, casou com uma viúva, a Sra de Nargonne, filha do Sr. de Servieux, camareiro do atual rei, e que goza de enorme influência. Tornou-se milionário e fizeram-no barão. Portanto, agora é o barão Danglars, tem um palácio na Rua do Mont-Blanc, dez cavalos nas cavalariças, seis lacaios na sua antecâmara e não sei quantos milhões nos seus cofres.

- Ah! - exclamou o abade num tom singular. - E é feliz?

- Se é feliz? Quem pode garantir isso? A felicidade ou a infelicidade é o segredo das paredes. As paredes têm ouvidos, mas não têm língua. Se se é feliz com uma grande fortuna, Danglars é feliz.

- E Fernand?

- Fernand já não é o mesmo, também.

- Mas como pode enriquecer um pobre pescador catalão sem recursos nem educação? Não compreendo, confesso.

- Nem compreende ninguém. Deve ter na vida qualquer segredo estranho que ninguém sabe.

- Mas, enfim, por meio de que degraus visíveis subiu a essa alta fortuna ou a essa alta posição?

- A ambas, senhor, a ambas! Possui ao mesmo tempo fortuna e posição.

- O que me diz parece um conto de fadas.

- A verdade é que o caso tem todo o aspecto disso. Mas escute que já vai compreender.

"Alguns dias antes do regresso de Napoleão, Fernand foi às sortes. Os Bourbons deixaram os Catalães muito quietinhos, mas quando Napoleão chegou decretou um recrutamento extraordinário
e Fernand foi obrigado a partir. Eu também parti, mas como era mais velho do que Fernand e acabava de casar com a minha pobre mulher, mandaram-me apenas para a costa.

"Fernand foi arregimentado nas tropas ativas, passou a fronteira com o seu regimento e assistiu à batalha de Ligny.

"Na noite que se seguiu à batalha estava de plantão à porta do general que tinha relações secretas com o inimigo. Nessa mesma noite o general deveria juntar-se aos Ingleses. Propôs a Fernand que o acompanhasse. Fernand aceitou, abandonou o seu posto e seguiu o general.

"o que levaria Fernand a um conselho de guerra se Napoleão tivesse permanecido no trono, serviu-lhe de recomendação junto dos Bourbons. Regressou a França com a dragona de alferes; e como a proteção do general, que gozava de grande influência, o não abandonou, era capitão em 1823, aquando da guerra de
Espanha, isto é, no preciso momento em que Danglars arriscava as suas primeiras especulações. Fernand era espanhol e mandaram-no a Madrid observar o estado de espírito dos seus compatriotas. Voltou a encontrar Danglars, entendeu-se com ele, prometeu ao seu general o apoio dos monárquicos da
capital e das províncias, recebeu promessas, assumiu pela sua parte compromissos, guiou o seu regimento por caminhos só dele conhecidos nos desfiladeiros guardados pelos monárquicos, e enfim prestou naquela curta campanha tais serviços que depois da tomada do Trocadero o nomearam coronel e concederam-lhe a
cruz de oficial de Legião de Honra, bem como o título de conde.

- Que sorte! Que sorte! - murmurou o abade.

- Sim, mas escute que ainda não é tudo. Terminada a guerra de Espanha, a carreira de Fernand encontrava-se comprometida devido à longa paz que prometia reinar na Europa. Apenas a Grécia se encontrava sublevada contra a Turquia e acabava de iniciar a guerra da sua independência. Todos os olhos estavam postos em Atenas. Era moda lamentar e apoiar os Gregos. O Governo francês, sem os proteger abertamente, como sabe, tolerava as migrações parciais. Fernand solicitou e obteve licença para ir servir na Grécia, embora permanecendo sempre sob o controlo do Exército.

"Passado algum tempo soube-se que o conde de Morcerf, como então se chamava, entrara ao serviço de Ali Pax com o posto de general instrutor.

"Ali Pax foi assassinado, como sabe; mas antes de morrer recompensou os serviços por Fernand com uma importância considerável, com a qual Fernand regressou a França, onde o seu posto de tenente-general lhe foi confirmado.

- De modo que hoje... - começou o abade.

- De modo que hoje - prosseguiu Caderousse - possui um magnífico palácio em Paris, na Rua do Helder, nº 27.

O abade abriu a boca, permaneceu um instante como um homem que hesita, mas fazendo um esforço sobre si mesmo perguntou:

- E Mercedes? Garantiram-me que desaparecera...

- Sim, desapareceu - respondeu Caderousse --, mas como desaparece o Sol para surgir no dia seguinte mais brilhante.

- Quer dizer que também fez fortuna? - inquiriu o abade com um sorriso irônico.

- Neste momento, Mercedes é uma das maiores damas de Paris - respondeu Caderousse.

- Continue - pediu o abade. - Parece-me ouvir o relato de um sonho. Mas eu próprio já vi coisas tão extraordinárias que as que me conta me surpreendem menos.

- Ao princípio, Mercedes ficou desesperada com o golpe que lhe roubava Edmond. Já lhe falei das suas instâncias junto do Sr. de Villefort e da sua dedicação ao pai de Dantés. No meio do seu desespero atingiu-a nova dor a partida de Fernand, de Fernand cujo crime ignorava e que considerava um irmão.

“Fernand partiu e Mercedes ficou sozinha.

“Passou três meses chorando, sem notícias de Edmond nem de Fernand, tendo apenas diante dos olhos um velho que morria de desespero.

“Uma noite, depois de estar todo o dia sentada, como era seu costume, no cruzamento dos dois caminhos que ligam Marselha aos Catalães, regressou a casa mais abatida do que nunca: nem o noivo, nem o amigo regressavam por um ou por outro desses dois caminhos e não tinha notícias de nenhum deles.

“De súbito, pareceu-lhe ouvir passos conhecidos. Virou-se com ansiedade, a porta abriu-se e apareceu Fernand com o seu uniforme de alferes.

“Não era o homem por quem ela chorava, mas era parte do seu passado que vinha ao seu encontro.

“Mercedes agarrou nas mãos de Fernand com um transporte que este tomou por amor, embora não passasse da alegria de já se não encontrar sozinha no mundo e de tornar a ver finalmente um amigo, após longas horas de triste solidão. E depois, deve-se dizê-lo, Fernand nunca fora odiado; não era apenas amado.

Outro possuía todo o coração de Mercedes, mas esse estava ausente... desaparecera... talvez tivesse morrido. Sempre que lhe ocorria esta última idéia, Mercedes rompia em soluços e torcia as mãos de dor, mas tal idéia, que antes repelia quando lhe era sugerida por outrem, acudia-lhe agora por si só o espírito. De resto, pela sua parte o velho Dantés não se cansava de lhe dizer: "O nosso Edmond morreu, porque se não
tivesse morrido voltaria para junto de nós."

“O velho morreu, como já lhe disse. Se tivesse vivido, talvez Mercedes nunca se tivesse tornado a mulher de outro, pois ele estaria presente para lhe censurar a sua infidelidade. Fernand compreendeu isso. Quando soube da morte do velho, voltou. Desta vez era tenente. Na primeira viagem não dissera a Mercedes uma palavra de amor; na segunda recordou-lhe que a amava.

“Mercedes pediu-lhe mais seis meses para esperar e chorar Edmond.

- Tudo somado - disse o abade com um sorriso amargo - dava dezoito meses ao todo. Quem pode exigir mais à noiva mais adorada?

Depois murmurou as palavras do poeta inglês: Frailty thy name is woman!

- Passados seis meses - prosseguiu Caderousse --, realizou-se o casamento na Igreja dos Accoules.

- A mesma igreja onde devia casar com Edmond - murmurou o padre. - Só havia que mudar o noivo, e pronto.

- Mercedes casou-se, portanto - continuou Caderousse. - Mas embora aos olhos de todos parecesse calma, nem por isso deixou de desmaiar ao passar diante da Reserva, onde dezoito meses antes fora festejado o seu noivado com aquele que verificaria amar ainda se se atrevesse a olhar o fundo do seu coração.

“Fernand, mais feliz mas não mais tranquilo, pois vi-o nessa época e temia constantemente o regresso de Edmond, Fernand tratou imediatamente de expatriar a mulher e de se exilar ele próprio. Os Catalães ofereciam ao mesmo tempo demasiados perigos e demasiadas recordações.

“Partiram oito dias depois do casamento.

- Tornou a ver Mercedes? - inquiriu o padre.

- Tornei, No momento da guerra de Espanha, em Perpinhão, onde Fernand a deixara. Ela ocupava-se então da educação do filho.

O abade estremeceu.

- Do filho? - disse.

- Sim - respondeu Caderousse --, do pequeno Albert.

-Mas para instruir esse filho - continuou o abade - tinha ela própria de se instruir primeiro... Ora, parece-me ter ouvido dizer a Edmond que era filha de um modesto pescador, bela mas inculta.

- Oh, nesse caso conhecia muito mal a sua própria noiva! - observou Caderousse. - Mercedes poderia ser rainha, senhor, se a coroa devesse assentar apenas nas cabeças mais belas e inteligentes. A sua fortuna progredia já e ela progredia com a sua fortuna. Aprendia desenho, música... aprendia tudo. Aliás, aqui para nós, creio que fazia tudo isso só para se distrair, para esquecer, que metia tantas coisas na cabeça apenas para combater o que tinha no coração. Mas agora tudo deve ser dito - continuou Caderousse. - A riqueza e as honrarias confortaram-na, sem dúvida. É rica, é condessa, e no entanto...

Caderousse deteve-se.

- No entanto, o quê? - perguntou o abade.

- No entanto, estou certo de que não é feliz - respondeu Caderousse.

- Que o leva a supor isso?

- Bom... quando me encontrei na mó de baixo, pensei que os meus antigos amigos me ajudariam em qualquer coisa. Apresentei-me em casa de Danglars, que nem sequer me recebeu. Fui a casa de Fernand, que me mandou cem francos pelo seu criado de quarto.

- Então não viu nem um nem outro?

- Não. Mas viu-me a Sra de Morcerf.

- Como assim?

- Quando saí, caiu-me aos pés uma bolsa. Continha vinte e cinco luíses. Levantei rapidamente a cabeça e vi Mercedes fechar a persiana.

- E o Sr. de Villefort? - indagou o abade.

- Oh, esse não fora meu amigo, a esse não o conhecia, a esse não tinha nada a pedir!

- Mas não sabe o que foi feito dele e a parte que tomou na desgraça de Edmond?

- Não. Sei apenas que algum tempo depois de o mandar prender casou com Mademoiselle de Saint-Méran e em breve deixou Marselha.

"Decerto a felicidade lhe sorriu, como aos outros; decerto é rico como Danglars e considerado como Fernand. Só eu, como vê, fiquei pobre, miserável e esquecido de Deus.

- Engana-se, meu amigo - perguntou o abade. - às vezes, Deus pode parecer esquecer, quando a sua justiça descansa, mas chega sempre um momento em que Ele se recorda, e aqui está a prova.

Ao dizer estas palavras, o abade tirou o diamante da algibeira e apresentou-o a Caderousse.

- Tome, meu amigo - disse-lhe --, tome este diamante porque ele pertence-lhe.

- Como, a mim só?! - exclamou Caderousse. - Vamos, senhor, não está brincando?

- Este diamante devia ser vendido entre os seus amigos. Como Edmond só tinha um amigo, a divisão é portanto inútil. Tome este diamante e venda-o. Vale cinquenta mil francos, repito-lhe, importância que, assim espero, bastar para o tirar da miséria.

- Oh, senhor! - disse Caderousse, estendendo timidamente uma das mãos e enxugando com a outra o suor que lhe perlava testa! - Oh, senhor, não brinque com a felicidade ou o desespero de um homem!

- Sei o que é a felicidade e o que é o desespero e nunca brincarei sem motivo com os sentimentos das pessoas. Tome, pois, mas em troca...

Caderousse, que tocava já no diamante, retirou a mão.

O abade sorriu.

- Em troca - continuou - dê-me essa bolsa de seda encarnada que o Sr. Morrel deixou em cima da chaminé do velho Dantés e que me disse encontrar-se ainda em seu poder.

Cada vez mais atônito, Caderousse dirigiu-se para um grande armário de carvalho, abriu-o e deu ao abade uma bolsa comprida, de seda vermelha desbotada, com duas argolas de cobre que em tempos tinham sido douradas.

O abade pegou-lhe e em seu lugar deu o diamante a Caderousse.

- Oh, o senhor é um enviado de Deus! - exclamou Caderousse. - Na verdade, ninguém sabia que Edmond lhe dera este diamante e o senhor poderia ficar com ele.

- Ao que parece, era o que farias - disse baixinho o abade.

Depois levantou-se e pegou no chapéu e nas luvas.

- Ah! Tudo o que me disse é bem verdade, não é? Posso acreditar inteiramente nas suas palavras? - perguntou ainda.

- Olhe, Sr. Abade - respondeu Caderousse - aqui tem ao canto desta parede um Cristo de madeira benzida, e em cima deste baú o livro dos Evangelhos da minha mulher. Abra o livro e jurarei sobre ele, com a mão

estendida para o crucifixo, pela salvação da minha alma e pela minha fé de cristão, que lhe contei tudo
como realmente se passou e como o anjo dos homens lhe contar ao ouvido de Deus no dia do Juízo Final!

- Está bem - disse o abade - convencido pelo seu tom de que Caderousse dizia a verdade. - está bem, que esse dinheiro lhe aproveite! Adeus, volto para longe dos homens, que tanto mal fazem uns aos outros.

Esquivando-se com grande dificuldade aos entusiásticos agradecimentos de Caderousse, o abade retirou pessoalmente a tranca da porta, saiu, montou a cavalo, cumprimentou pela última vez o estalajadeiro, que se confundia em despedidas ruidosas, e partiu na mesma direção em que viera.

Quando se virou, Caderousse viu atrás de si a Carconte, mais pálida e trêmula do que nunca.

- É bem verdade o que ouvi? -perguntou ela.

- O quê? Que nos dava o diamante só para nós? -- perguntou Caderousse, quase louco de alegria.

- Sim.

- Nada mais verdadeiro, porque... ei-lo!

A mulher olhou-o um instante. Depois, perguntou em voz abafada:

- E se for falso?

Caderousse empalideceu e cambaleou.

- Falso - murmurou --, falso... E por que motivo me daria esse homem um diamante falso?

- Para saber o teu segredo sem o pagar, imbecil!

Caderousse ficou um instante aturdido sob o peso desta hipótese.

- Oh - disse passado um instante, pegando no chapéu que colocou por cima do lenço encarnado atado à volta da cabeça --, vamos já sabê-lo!

- Como?

- Hoje é dia de feira em Beaucaire e estão lá joalheiros de Paris. Vou mostrar-lhes. Você, mulher, guarda a casa. Dentro de duas horas estarei de volta.

E Caderousse correu para fora de casa e meteu, sempre correndo, pela estrada oposta à que pouco antes tomara o desconhecido.

- Cinquenta mil francos! - murmurou a Carconte a sós. - É dinheiro... mas não é uma fortuna.

Capítulo XXVIII

Os registos das prisões

No dia seguinte àquele em que se passou na estrada de Bellegarde a Beaucaire a cena que acabamos de contar, um homem de trinta a trinta e dois anos, envergando fraque azul-claro, calças amarelo-torrado e colete branco, tendo ao mesmo tempo aspecto e sotaque britânicos, apresentou-se no gabinete do maire de Marselha.

- Senhor - disse-lhe --, sou chefe de escritório da casa Thompson & French,

de Roma. há dez anos que mantemos relações com a casa Morrel & Filhos, de Marselha. Temos aproximadamente uma centena de milhar de francos comprometidos nessas relações, e não sem alguma preocupação, atendendo a que se
diz a casa ameaça ruína. Venho portanto propositadamente de Roma para lhe pedir informações acerca dessa casa.

- Senhor - respondeu o maire --, sei efetivamente que há quatro ou cinco anos o azar parece perseguir o Sr. Morrel. Perdeu sucessivamente quatro ou cinco navios e passou por três ou quatro falências. Mas não me compete, embora eu próprio seja seu credor por uma dezena de milhar de francos, dar qualquer informação a respeito do estado da sua fortuna. Pergunte-me o que penso do Sr. Morrel como maire e lhe responderei que é um homem correto até ao exagero e que até agora satisfez todos os seus compromissos com perfeita pontualidade. É tudo o que lhe posso dizer, senhor. Se deseja saber mais, dirija-se ao Sr. de Boville, inspetor das prisões, Rua de Noailles, nº 15, que tem, segundo creio, duzentos mil francos colocados na casa Morrel. Se há realmente alguma coisa a temer, como esta importância é mais considerável do que a minha o encontrará provavelmente melhor informado do que eu a respeito.

O inglês pareceu apreciar tão grande delicadeza, cumprimentou, saiu e dirigiu-se no andamento especial dos filhos da Grã-Bretanha para a rua indicada.

O Sr. de Boville estava no seu gabinete. Ao vê-lo, o inglês fez um gesto de surpresa que parecia indicar não ser a primeira vez que se encontrava diante da pessoa que vinha visitar. Quanto ao Sr. de Boville, estava tão desesperado que era evidente que todas as faculdades do seu espírito, absorvidas no pensamento que o ocupava naquele momento, não deixavam nem à sua memória nem à sua imaginação vagar para se ocupar do passado.

Com a fleuma da sua nação, o inglês fez-lhe pouco mais ou menos nos mesmos termos a pergunta que fizera ao maire de Marselha.

- Oh, senhor, infelizmente os seus receios não podem ser mais fundados e tem na sua presença um homem desesperado! - exclamou o Sr. de Boville. - Tinha duzentos mil francos colocados na casa Morrel, todo o dote da minha filha que contava casar dentro de quinze dias. Esses duzentos mil francos eram reembolsáveis, cem mil em 15 deste mês e cem mil em quinze do próximo mês. Avisei o Sr. Morrel de que desejava que o reembolso fosse feito pontualmente e ele veio aqui apenas há meia hora dizer-me que se o navio Pharaon não entrar aqui até ao dia 15 lhe será impossível pagar-me.

- Mas isso assemelha-se muito a um subterfúgio - observou o inglês.

- Diga antes, senhor, que se assemelha a uma falência! - gritou o Sr. de Boville, desesperado.

O inglês pareceu refletir um instante e depois perguntou:

- Assim, senhor, esse crédito inspira-lhe receios?

- Para ser mais exato, considero-o perdido.

- Bom, nesse caso compro-lho.

- O senhor?

- Sim, eu.

- Mas com uma desvalorização enorme, sem dúvida?

- Não, por duzentos mil francos. A nossa casa - acrescentou o inglês, rindo

não se dedica a esse gênero de negócios.

- E o senhor paga...

- Em dinheiro.

E o inglês tirou da algibeira um maço de notas de banco que devia ascender ao dobro da importância que o Sr. de Boville receava perder. Um relâmpago de alegria passou pelo rosto do Sr. de Boville. No entanto, fez um esforço sobre si mesmo e disse:

- Senhor, devo preveni-lo de que segundo todas as probabilidades, não cobrará mais de seis por cento dessa importância.

- Isso não é comigo - respondeu o inglês. - Isso é com a casa Thomson & French, em nome da qual procedo. Talvez a ela interesse precipitar a ruína de uma casa rival. Tudo o que sei senhor, é que estou pronto a entregar-lhe essa importância em troca da sua transmissão. Apenas pretendo uma comissão de corretagem.

- Claro, senhor, é justíssimo! - exclamou o Sr. de Boville. - A comissão é habitualmente de um e meio; quer dois! Quer três? Quer cinco? Quer mais, enfim? Diga!

- Senhor - respondeu o inglês, rindo --, sou como a minha casa, também não me dedico a essa espécie de negócios. Não, a minha comissão de corretagem é de natureza muito diferente.

- Diga, senhor. Estou às suas ordens.

- O senhor não é inspetor das prisões?

- Sou, há mais de catorze anos.

- Possui registros de entrada e saída?

- Sem dúvida.

- A esses registos devem estar juntas notas relativas aos prisioneiros?

- Cada prisioneiro tem o seu processo.

- Bom, senhor, fui educado em Roma pelo pobre diabo de um abade que desapareceu de súbito. Soube mais tarde que estivera detido no Castelo de If e desejaria conhecer alguns pormenores acerca da sua morte.

- Como se chamava?

- Abade Faria.

- Oh, lembro-me perfeitamente dele! - exclamou o Sr. de Boville. - Estava louco.

- Dizia-se.

- Oh, estava-o, sem dúvida nenhuma!

- É possível. E qual era o seu gênero de loucura?

- Pretendia saber da existência de um tesouro imenso e oferecia importâncias astronômicas ao Governo se o pusessem liberdade.

- Pobre diabo! Morreu?

- Sim, senhor, há cinco ou seis meses pouco mais ou menos, em Fevereiro último.

- Possui uma excelente memória, senhor, para se lembrar assim das datas.

- Lembro-me desta porque a morte do pobre diabo foi acompanhada de uma circunstância singular.

- Pode-se saber qual? - perguntou o inglês com uma expressão de curiosidade de um observador profundo se admiraria de encontrar em rosto tão

fleumático.

- Oh, meu Deus, claro que sim, senhor! A cela do abade ficava distante quarenta e cinco a cinquenta pés, aproximadamente, da de um antigo agente bonapartista, um dos que mais tinham contribuído para o regresso do usurpador em 1815, homem muito resoluto e perigoso.

- Deveras? - disse o inglês.

- Sim - respondeu o Sr. de Boville. - Eu próprio tive a oportunidade de ver esse homem em 1816 ou 1817 e só se descia à sua cela com um piquete de soldados. Esse homem causou-me profunda impressão e nunca esquecerei a suo rosto.

O inglês sorriu imperceptivelmente.

- Mas dizia, senhor - atalhou --é que as duas celas...

- Estavam separadas por uma distância de cinquenta pés. Mas parece que Edmond Dantés...

- Esse homem perigoso chamava-se?...

- Edmond Dantés. Sim, senhor, parece que Edmond Dantés arranjara ferramentas ou fabricara-as, porque se encontrou uma galeria através da qual os prisioneiros comunicavam um com o outro.

- Essa galeria fora sem dúvida praticada com uma finalidade de evasão?

-- Exato. Mas infelizmente para os prisioneiros o abade Faria teve um ataque de catalepsia e morreu.

- Compreendo. Isso deve ter frustrado os planos de evasão.

- Quanto ao morto, sim - respondeu o Sr. de Boville. - Mas quanto ao vivo, não. Pelo contrário, Dantés viu nisso um meio de antecipar a sua fuga. Pensava sem dúvida que os prisioneiros que morriam no Castelo de if eram enterrados num cemitério vulgar. Por isso, levou o defunto para a sua cela, tomou o lugar dele no saco onde fora encerrado e esperou o momento do funeral.

- Era um meio arriscado e que indicava certa coragem - observou o inglês.

- Oh, como já lhe disse, senhor, era um homem forte e perigoso! Felizmente, ele próprio desembaraçou o Governo dos receios que nutria a seu respeito.

- Como assim?

- Como? Não compreende?

- Não.

- O Castelo de If não tem cemitério. Os mortos são pura e simplesmente lançados ao mar depois de se lhos prender aos pés um pelouro de trinta e seis.

- E depois? - perguntou o inglês, como se fosse de raciocínio lento.

- E depois?... Prenderam-lhe um pelouro de trinta e seis aos pés e atiraram-no ao mar!

- Deveras?! - exclamou o inglês.

- É verdade, senhor - continuou o inspector. - Decerto compreende qual foi a surpresa do fugitivo quando se sentiu precipitado do alto dos rochedos. Gostaria de ver a suo rosto nesse momento.

- Seria difícil...

- Mas não tem importância! - exclamou o Sr. de Boville, a quem a certeza de recuperar os seus duzentos mil francos punha de bom humor. - Não tem importância! Imagino-a...

E desatou a rir.

-- E eu também - disse o inglês.

E desatou igualmente a rir, mas como riem os Ingleses, isto é, entredentes.

- Assim - continuou o inglês, o primeiro a deixar de rir --, assim, o fugitivo morreu afogado?

- Evidentemente.

- De modo que o governador do castelo se livrou ao mesmo tempo do furioso e do louco?

- Exato.

- No entanto, deve ter sido lavrada uma espécie de ata do sucedido, não? - perguntou o inglês.

- Claro, claro, passou-se uma certidão de óbito. Compreende, os parentes de Dantés, se os tinha, podiam ter interesse em se assegurar se estava morto ou vivo.

- De forma que podem estar agora tranquilos, se houver herança. Está morto e bem morto.

- Oh, meu Deus, se está! Atestarão quando quiserem.

- Perfeitamente - disse o inglês. - Mas voltaremos aos registros.

- É verdade. Esta história desviou-nos disso. Perdão.

- Perdão de quê? Da história? De modo nenhum, até a achei curiosa.

- E ela é de fato. Portanto, deseja ver, senhor tudo o que se relaciona com o seu pobre abade, que era a bondade personificada, não é verdade?

- Me daria prazer.

- Entre no meu gabinete que eu mostro-lhe o que pretende.

Ambos entraram no gabinete do Sr. de Boville, onde efetivamente tudo se encontrava em perfeita ordem: cada registro tinha o seu número e cada processo o seu cacifo. O inspetor convidou o inglês a sentar-se na sua poltrona, colocou diante dele o registro e o processo relativos ao Castelo de if e deu-lhe todo o tempo que quisesse para os consultar, enquanto ele próprio, sentado num canto, lia o seu jornal.

O inglês encontrou facilmente o processo relativo ao abade Faria. Mas parece que a história que lhe contara o Sr. de Boville o interessava vivamente, porque depois de tomar conhecimento das primeiras peças continuou a folhear até chegar ao processo de Edmond Dantés. Encontrou aí cada coisa no seu lugar: denúncia, interrogatório, petição de Morrel e despacho do Sr. de Villefort. Dobrou muito devagarinho a
denúncia e meteu-a na algibeira. Leu o interrogatório e verificou que o nome de Noirtier não era mencionado nele; percorreu a petição de 10 de Abril de 1815, em que Morrel, de acordo com o conselho do substituto, exagerava com excelente intenção, visto Napoleão reinar então, os serviços que Dantés prestara à causa imperial, serviços que o certificado de Villefort tornava incontestáveis, e compreendeu tudo: aquela
petição dirigida a Napoleão e guardada por Villefort tornara-se depois da II Restauração uma arma terrível nas mãos do procurador régio. Não estranhou portanto, ao folhear o registo, encontrar esta nota aposta ao seu nome:

Edmond Dantés: Bonapartista fanático, tomou parte ativa no regresso da ilha de Elba. Manter no maior segredo e sob a mais rigorosa vigilância.

Por baixo destas linhas estava escrito com outra letra: “Em vista da nota supra, nada a fazer”.

No entanto, comparando a letra da nota com a do certificado escrito por baixo da petição de Morrel, adquiriu a certeza de que a nota fora escrita pela mesma pessoa que escrevera o certificado, ou seja, por Villefort.

Quanto à segunda nota, o inglês deduziu que fora escrita por algum inspetor que tomara interesse passageiro pela situação de Dantés, mas que a recomendação da primeira colocara na impossibilidade de dar seguimento a esse interesse.

Como dissemos, o inspetor, por descrição e para não incomodar o pupilo do abade Faria nas suas investigações, afastara-se e lia Le Drapeau blanc.

Não viu portanto o inglês dobrar e meter na algibeira a denúncia escrita por Danglars debaixo do caramanchão da Reserva, que tinha o carimbo dos correios de Marselha, com a data de 27 de Fevereiro e a hora de tiragem das 6 da tarde.

Mas, devemos dizê-lo, mesmo que o tivesse visto ligava tão pouca importância àquele papel e tanta aos seus duzentos mil francos que se não oporia ao que fizesse o inglês, por mais incorreto que fosse.

- Obrigado - disse este fechando ruidosamente o registro. - Já tenho aquilo de que precisava. Agora compete-me cumprir a minha promessa. Faça-me uma simples transferência do seu crédito, em que declare ter recebido o seu montante. Vou entregar-lhe o dinheiro.

Cedeu o seu lugar à mesa ao Sr. de Boville, que se sentou sem hesitar e se apressou a lazer a transferência pedida, enquanto o inglês contava as notas de banco a um canto da papeleira.

Capitulo XXJX

A casa Morrel

Quem tivesse deixado Marselha alguns anos antes e conhecesse o interior da casa Morrel, teria encontrado uma grande mudança se regressasse e a visse na época a que chegamos.

Em vez do ar de vida, abastança e felicidade que se exala, por assim dizer, de uma casa próspera; em vez de caras alegres mostrando-se por detrás das cortinas das janelas e de escriturários atarefados atravessando os corredores de pena atrás da orelha; em vez do pátio a abarrotar de fardos e cheio de gritos e risos dos carregadores, encontraria à primeira vista não sei quê de triste e de morto. No corredor deserto e
no pátio vazio, dos numerosos empregados que outrora enchiam os escritórios, só dois restavam: um era um rapaz de vinte e três ou vinte e quatro anos, chamado Emmanuel Raymond, que estava apaixonado pela filha de Morrel e que ficara e ficaria na casa fizessem o que fizessem os pais para o tirar de lá; o outro era um velho cobrador zarolho chamado Coclés, alcunha que lhe tinham posto os rapazes que povoavam outrora aquela grande colmeia zumbidora, hoje quase desabitada, e que substituíra tão bem e tão completamente o seu verdadeiro nome que havia

todas as probabilidades de nem sequer se virar se alguém o chamasse actualmente por esse nome.

Coclés permanecera ao serviço do Sr. Morrel, embora se tivesse verificado na situação do excelente homem uma mudança singular: subira ao mesmo tempo ao posto de tesoureiro e descera à categoria de criado.

Mas nem por isso deixara de ser o mesmo Coclés, bom paciente e dedicado, embora inflexível a respeito da aritmética, o único ponto em que não recearia enfrentar o mundo inteiro, mesmo o Sr. Morrel. Só conhecia a sua tábua de Pitágoras, que sabia na ponta da unha, fosse qual fosse a forma como lha virassem e o erro em que tentassem fazê-lo cair.

No meio da tristeza geral que invadira a casa Morrel, Coclés era o único que permanecia impassível. Mas que ninguém se engane a tal respeito: essa impassibilidade não era consequência de falta de amizade, mas sim, pelo contrário, de uma convicção inquebrantável. Como os ratos que, segundo dizem, abandonam pouco a pouco o navio antecipadamente, condenado pelo destino a perecer no mar, de maneira que esses
hóspedes egoístas já o deixaram por completo no momento em que levanta ferro, também, como dissemos, toda a multidão de escriturários e empregados que ganhavam a vida em casa do armador tinham pouco a pouco abandonado o escritório e o armazem. Ora, Coclés vira-os afastarem-se todos sem pensar sequer em averiguar o motivo da sua partida. Como dissemos, para Coclés tudo se resumia numa questão de números, e como, nos vinte anos que tinha de casa, sempre vira os pagamentos efetuarem-se pontualmente e com toda a regularidade, não admitia que essa regularidade se pudesse interromper e esses pagamentos suspender, tal como um moleiro que possui uma azenha alimentada pelas águas de uma ribeira caudalosa não admite que essa ribeira possa deixar de correr. Com efeito, até ali nada viera ainda desmentir a convicção de Coclés. No último fim de mês, os pagamentos tinham-se efetuado com rigorosa pontualidade. Coclés descobrira um erro de setenta cêntimos cometido pelo Sr. Morrel em seu prejuízo, e no mesmo dia restituíra os catorze soldos excedentes ao Sr. Morrel que, com um sorriso melancólico, os recebera e deixara cair numa gaveta quase vazia, dizendo:

- Obrigado, Coclés. Você é a pérola dos tesoureiros.

E Coclés retirara-se satisfeitíssimo, porque um elogio do Sr. Morrel, a pérola das pessoas honestas de Marselha, lisonjeava mais Coclés do que a gratificação de cinquenta escudos.

Mas depois daquele fim de mês tão vitoriosamente concluído, o Sr. Morrel passara por momentos cruéis. Para fazer face a esse fim de mês, reunira todos os seus recursos, e ele próprio, temendo que a noticia da sua penúria se espalhasse em Marselha se o vissem recorrer a semelhantes extremos, fizera uma viagem à feira de Beaucaire para vender algumas jóias pertencentes à mulher e à filha e parte das suas pratas. Graças a esse sacrifício, tudo se passara ainda dessa vez com a maior honra para a casa Morrel. Mas a caixa ficara completamente vazia. O crédito, assustado pelos boatos que corriam, retirara-se com seu egoísmo habitual, e para fazer face aos cem mil francos a reembolsar em 15 do mês corrente ao Sr. de Boville, bem como aos outros cem mil francos vencíveis em 15 do mês seguinte, o Sr. Morrel só podia contar, na realidade, com a esperança do

regresso do Pharaon, de cuja partida soubera por um navio que levantara ferro ao mesmo tempo que ele chegara a bom porto.

Mas esse navio, vindo como o Pharaon de Calcutá, já chegara havia quinze dias, ao passo que do Pharaon não havia nenhuma notícia.

Foi neste estado de coisas que no dia seguinte àquele em que fechara com o Sr. de Boville o importante negócio a que nos referimos o enviado da casa Thomson & French, de Roma, se apresentou em casa do Sr. Morrel.

Foi Emmanuel quem o recebeu. O rapaz, a quem cada novo rosto assustava, porque cado rosto nova anunciava um novo credor que, na sua preocupação, vinha atormentar o patrão, o rapaz, dizíamos, quis poupar a esse mesmo patrão os incômodos daquela visita e perguntou ao visitante o que pretendia. Mas o
visitante declarou que não tinha nada a dizer ao Sr. Emmanuel e que era com o Sr. Morrel em pessoa que desejava falar Emmanuel chamou, suspirando, Coclés. Coclés apareceu e o rapaz ordenou-lhe que acompanhasse o estrangeiro ao Sr. Morrel.

Coclés foi à frente e o estrangeiro seguiu-o.

Na escada encontraram-se com uma bonita moça de dezesseis a dezessete anos, que olhou o estrangeiro com inquietação.

Coclés não notou tal expressão do rosto da jovem, que no entanto pareceu não ter escapado ao estrangeiro.

- O Sr. Morrel está no seu gabinete, não esté, Mademoiselle Julie? - perguntou o tesoureiro.

- Está... Pelo menos creio que está - respondeu a moça, hesitando. - Veja primeiro, Coclés, e se o meu pai lá estiver anuncie esse senhor.

- Anunciar-me seria inútil, menina - respondeu o inglês. - o Sr. Morrel não conhece o meu nome. Este bom homem tem de dizer apenas que sou o chefe de escritório da firma Thomson & French, de Roma, com a qual a casa do senhor seu pai mantem relações.

A jovem empalideceu e continuou a descer, enquanto Coclés e o estrangeiro continuavam a subir.

Ela entrou no escritório onde se encontrava Emmanuel e Coclés puxou de uma chave de que era possuidor, o que denotava a confiança que o patrão depositava nele, abriu a porta situada no canto do patamar do segundo andar, introduziu o estrangeiro numa antecâmara, abriu segunda porta que fechou atrás de si e, depois de ter deixado por um instante sozinho o enviado da casa Thomson & French reapareceu e fez-lhe sinal de que podia entrar.

O inglês entrou. Encontrou o Sr. Morrel sentado a uma mesa, pálido perante as colunas assustadoras do registro onde estava inscrito o seu passivo.

Ao ver o estrangeiro, o Sr. Morrel fechou o registro, levantou-se e puxou uma cadeira. Depois, quando viu o estrangeiro sentar-se, sentou-se também.

Catorze anos tinham modificado muito o digno negociante, o qual contava trinta e seis anos no início desta história e estava agora prestes a chegar aos cinquenta. Os cabelos tinham-lhe embranquecido e a sua testa estava sulcada de rugas de preocupação. Por último, o seu olhar, outrora tão firme e decidido, tornara-se vago e irresoluto e parecia recear constantemente ser forçado a deter-se numa idéia ou num homem.

O inglês olhou-o com um sentimento de curiosidade evidentemente laivada de interesse.

- Senhor - disse Morrel, a quem tal exame pareceu aumentar o mal-estar --, pediu para me falar?

- Pedi, senhor. Já sabe da parte de quem venho, não é verdade?

- Da parte da casa Thomson & French. Foi pelo menos o que me disse o meu tesoureiro.

- E disse-lhe a verdade, senhor. A casa Thomson & French tem de pagar na França, durante o corrente mês e no próximo, trezentos ou quatrocentos mil francos e, conhecedora da rigorosa pontualidade da casa Morrel, reuniu todo o papel que encontrou com a sua assinatura e encarregou-me de, à medida
que esse papel se vencer, o cobrar e dar destino a tais fundos.

Morrel soltou um profundo suspiro e passou a mão pela testa coberta de suor.

- Portanto, senhor, possui letras assinadas por mim? - perguntou Morrel.

- É verdade, senhor, e de montante bastante considerável.

- Quanto? - perguntou Morrel em voz que procurara tornar firme.

- Vejamos primeiro - atalhou o inglês, tirando um maço de papéis da algibeira - uma transferência de duzentos mil francos feita para a nossa casa pelo Sr. de Boville, o inspetor das prisões. Reconhece dever esta importância ao Sr. de Boville?

- Reconheço, senhor. Trata-se de um investimento feito por ele em minha casa, a quatro e meio por cento, vai para cinco anos.

- E que o senhor deve reembolsar...

- Metade em 15 deste mês e metade em 15 do mês próximo.

- Exato. Depois temos aqui trinta e dois mil e quinhentos francos, a liquidar em fins do mês corrente. Trata-se de letras assinadas pelo senhor e endossadas à nossa ordem por terceiros portadores.

- Também reconheço esses débitos - declarou Morrel, a quem o rubor da vergonha subia à cara ao pensar que pela primeira vez na sua vida talvez não pudesse honrar a sua assinatura. - É tudo?

- Não, senhor. Tenho ainda para o fim do mês próximo estes valores que nos foram cedidos pelas casas Pascal e Wild & Turner, de Marselha, no montante de cerca de cinquenta e cinco mil francos. Ao todo, duzentos e oitenta e sete mil e quinhentos francos.

É impossível de descrever o que sofria o pobre Morrel durante esta enumeração.

- Duzentos e oitenta e sete mil e quinhentos francos - repetiu maquinalmente.

- Sim, senhor - respondeu o inglês. - Ora - continuou depois de um momento de silêncio --, não lhe ocultarei, Sr. Morrel, que sem deixar de ter em conta a sua probidade, até agora sem mácula, é voz pública em Marselha que o senhor não está em condições de satisfazer os seus compromissos.

Perante esta declaração quase brutal, Morrel empalideceu horrivelmente.

- Senhor - perguntou --, até agora, e há mais de vinte e quatro anos que recebi esta casa das mãos do meu pai, que ele próprio geriu durante trinta e cinco anos, até agora nenhuma letra assinada por Morrel & Filhos foi apresentada à

cobrança sem ser paga.

- Sim, sei isso - respondeu o inglês. - Mas fale francamente, de homem de honra para homem de honra: pagaria estas com a mesma pontualidade?

Morrel estremeceu e olhou aquele que lhe falava, assim, com mais convicção do que ele.

- As perguntas feitas com essa franqueza deve-se dar uma resposta franca. Sim, senhor, pagarei se, como espero, o meu navio chegar a bom porto, pois a sua chegada proporcionar-me- o crédito que os sucessivos acidentes de que tenho sido vítima me privaram. Mas se por desgraça o Pharaon, o último recurso com que conto, não chegar...

As lágrimas subiram aos olhos do pobre armador.

- Se esse último recurso lhe faltasse?... - insistiu o seu interlocutor.

- Bom - continuou Morrel --, é cruel dizê-lo, senhor... mas como já estou habituado à desgraça, é mister que me habitue também à vergonha. Nesse caso, creio que seria obrigado a suspender os meus pagamentos.

- Não tem amigos que o possam ajudar nessa circunstância?

Morrel sorriu tristemente.

- Nos negócios não há amigos, senhor, bem sabe, há apenas correspondentes.

- É verdade -- murmurou o inglês. - Portanto, é essa a sua única esperança?

- A única.

- A derradeira?

- A derradeira.

- De forma que se essa esperança falhar...

- Estarei perdido, senhor, completamente perdido.

- Quando vinha para cá havia um navio a entrar no porto.

- Bem sei, senhor. Um rapaz que permaneceu fiel à minha pouca sorte passa parte do seu tempo num mirante situado no cimo da casa, na esperança de me vir anunciar em primeira mão uma boa notícia. Soube por ele da entrada desse navio.

- E não é o seu?

-- Não, é um navio bordelês, a Gironde. Também vem da índia, mas não é o meu.

- Talvez tenha avistado o Pharaon e lhe traga alguma notícia.

- Confesso-lhe, senhor, que receio quase tanto ter noticias do meu três mastros como permanecer na incerteza. A incerteza ainda é esperança.

Depois, o Sr. Morrel acrescentou com voz abalada:

- Este atraso não é natural - O Pharaon partiu de Calcutá em 5 de Fevereiro; há mais de um mês que deveria estar aqui.

- Que é isto? - perguntou o inglês, apurando o ouvido. - Que significa este barulho?

- Oh, meu Deus, meu Deus! - exclamou Morrel, empalidecendo. - Que mais haverá ainda?

De fato, ouvia-se um grande barulho na escada: idas e vindas e até se ouviu um grito de dor.

Morrel levantou-se para ir abrir a porta, mas as forças faltaram-lhe e voltou

a cair na poltrona.

Os dois homens ficaram diante um do outro. Morrel tremendo como vara verde, o estrangeiro olhando-o com expressão de profunda compaixão. O barulho cessara, mas se diria que Morrel esperava qualquer coisa. Aquele baralho tinha uma causa e devia ter um efeito.

Pareceu ao estrangeiro que alguém subia suavemente a escada e que os passos de várias pessoas se detinham no patamar.

Foi introduzida uma chave na fechadura da primeira porta e ouviu-se essa porta chiar nos gonzos.

- Só duas pessoas têm a chave daquela porta - murmurou Morrel. - Coclés e Julie.

Ao mesmo tempo a segunda porta abriu-se e viu-se aparecer a moça, pálida e lavada em lágrimas.

Morrel ergueu-se muito trêmulo e apoiou-se no braço da poltrona, pois de contrário não conseguiria ter-se de pé. Queria interrogar, mas não tinha voz.

- Oh, meu pai! - exclamou a jovem, juntando as mãos. - Perdoe à sua filha ser a portadora de uma má notícia!

Morrel empalideceu horrivelmente. Julie lançou-se-lhe nos braços.

- Oh, meu pai, meu pai, coragem!

- Assim, o Pharaon naufragou? - perguntou Morrel em voz estrangulada.

A moça não respondeu, mas fez um sinal afirmativo com a cabeça encostada ao peito do pai.

- E a tripulação? - indagou Morrel.

- Salva - respondeu a jovem. - Foi salva pelo navio bordelês que acaba de entrar no porto.

Morrel levantou ambas as mãos ao céu com uma expressão de resignação e reconhecimento sublime.

- Obrigado, meu Deus! - disse Morrel. - Ao menos só a mim feris.

Por mais fleumático que fosse o inglês, nem por isso uma lágrima deixou de lhe umedecer as pálpebras.

- Entrem - disse Morrel. - Entrem, pois presumo que estão todos à porta.

Com efeito, mal pronunciou estas palavras, a .Sra Morrel entrou soluçando. Emmanuel seguia-a. Ao fundo da antecâmara viam-se as figuras rudes de sete ou oito marinheiros seminus. Ao ver aqueles homens, o inglês estremeceu. Deu um passo em frente como que para se lhos dirigir, mas conteve-se e ocultou-se, pelo contrário, no canto mais escuro e afastado do gabinete.

A Sra Morrel foi sentar-se na poltrona e tomou uma das mãos do marido nas suas, enquanto Julie continuava encostada ao peito do pai. Emmanuel ficara a meio caminho do gabinete e parecia servir de ligação entre o grupo da família Morrel e os marinheiros que se encontravam à porta.

- Como foi que aconteceu? - perguntou Morrel.

- Aproxime-se, Penelon - disse o rapaz --, e conte como as coisas se passaram.

Um velho marinheiro bronzeado pelo sol do equador, adiantou-se rodando nas mãos os restos de um chapéu.

- Bom dia, Sr. Morrel - disse, como se tivesse saído de Marselha na véspera e chegasse de Aix ou Toulon.

- Bom dia, meu amigo - respondeu o armador, sem poder deixar de sorrir apesar das lágrimas. - Mas onde está o comandante?

- O comandante, Sr. Morrel, ficou doente em Palma. Mas se Deus quiser não será nada e o verá chegar um dia destes de tão boa saúde como o senhor ou eu.

- Está bem... Agora fale, Penelon - pediu o Sr. Morrel.

Penelon passou o tabaco de mascar do lado direito para o lado esquerdo da boca, pôs a mão diante desta, virou-se, lançou na antecâmara um longo jato de saliva negra, adiantou um pé e disse, gingando-se:

- No momento, Sr. Morrel, encontravamo-nos qualquer coisa como entre o cabo Branco e o cabo Bojador, navegando com uma linda brisa de su-sudoeste, depois de oito dias de calmaria, quando o comandante Gaumard se aproximou de mim, que ia ao leme, e me disse: “Tio Penelon, que lhe parecem aquelas nuvens que se erguem lá adiante no horizonte?”

“- Eu estava precisamente naquele momento a olhar para elas.

“- Que me parecem, comandante? Parece-me que sobem um bocado mais depressa do que têm direito e que são mais negras do que conviria a nuvens que não tivessem más intenções.

“- É também a minha opinião- disse o comandante - e vou já tomar as minhas precauções. Temos demasiadas velas para o vento que não tarda a soprar... Ol ? Eh? Preparar para ferrar os sobrejoanetes e içar baixo a giba!

“- Era tempo. Ainda a ordem não estava cumprida e já o vento estava sobre nós e o navio ficava de querena.

“- Demônio, ainda temos demasiado pano! - disse o comandante. - Preparar para ferrar a vela grande.

“- Cinco minutos depois a vela grande estava ferrada e navegamos com a mezena, as gáveas e os joanetes.

“- Que é isso, Tio Penelon, porque está a abanar a cabeça - perguntou-me o comandante.

“- No seu lugar não ficaria por aí...

“- Creio que tem razão, velho, vamos ter vendaval - disse ele.

“- Com a breca, comandante - respondi-lhe eu --, quem comprasse o que se passa lá adiante por um vendaval faria um rico negócio? Trata-se de uma tempestade de se lhe tirar o chapéu ou eu já não percebo nada disto!

“- Quer dizer, via-se vir o vento como se vê vir a poeira em Montredon. Felizmente tinha diante de si um homem que o conhecia.

“- Preparar para colocar dois rizes nas gáveas! - gritou o comandante. - Largar bolinas, bracear ao vento, amainar as gáveas e carregar as talhas sobre as vergas!

- Isso não era o suficiente nessas paragens - interveio o inglês. - Eu teria colocado quatro rizes e ter-me-ia desembaraçado da mezena.

Esta voz firme, sonora e inesperada fez estremecer toda a gente. Penelon pôs a mão em pala sobre os olhos e olhou aquele que criticava com tanta arrogância a manobra do seu comandante.

- Fizemos ainda melhor do que isso, senhor - perguntou o velho marinheiro com certo respeito. - Ferramos a brigantina e metemos o leme ao vento para correr diante da tempestade. Dez minutos depois, ferramos as gáveas; e deixamo-

nos ir em árvore seca.

- O navio era muito velho para arriscar isso - observou o inglês.

- Exatamente! Foi o que nos perdeu. Depois de sermos sacudidos durante doze horas como se o Diabo tivesse tomado conta de nós, o navio abriu água. “Penelon”, disse-me o comandante, “parece-me que nos afundamos, meu velho. De-me o leme e desce ao porão.”

“- Dei-lhe o leme e desci. Havia já três pés de água. Tornei a subir, gritando: “As bombas! As bombas!” Mas era já demasiado tarde. Mesmo assim deitamos mãos à obra, mas creio que quanto mais água tiravamos mais água havia.

“- Com a breca -- disse ao cabo de quatro horas de trabalho --, já que nos afundamos deixemo-nos afundar, pois só se morre uma vez!

“- É assim que dá o exemplo, mestre Penelon? - disse o comandante. - Pois já vai ver...

“E foi buscar um par de pistolas no meu camarote.

“- Estouro os miolos do primeiro que largar a bomba! - gritou.

- Muito bem - disse o inglês.

- Não há nada para dar coragem como as boas razões - continuou o marinheiro-, tanto mais que entretanto o tempo melhorara e o vento amainara. Mas também não era menos verdade que a água
continuava a subir, não muito, talvez duas polegadas por hora, mas enfim, subia. Duas polegadas por hora, veja o senhor, parece coisa de nada, mas em doze horas são pelo menos vinte e quatro polegadas e vinte e quatro polegadas são dois pés... Com mais dois ou três pés que já tínhamos, eram cinco. Ora quando um navio tem cinco pés de água no ventre, pode passar por hidrôpico.

“- Pronto já basta -- disse o comandante. -- O Sr. Morrel não terá nada a censurar-nos; fizemos o que pudemos para salvar o navio. Agora é preciso tentar salvar os homens. Para a lancha, rapazes, e mais depressa do que nunca!

- Escute, Sr. Morrel - continuou Penelon --, nós gostavamos muito do Pharaon; mas por muito que um marinheiro goste do seu navio, gosta ainda mais da sua pele. Por isso, não esperamos que o comandante nos desse a ordem duas vezes. Mesmo assim, veja o senhor, o navio gemia e parecia dizer-nos: “Andem, Vão-se embora! Vão-se embora!” E tinha razão, o pobre Pharaon, pois sentíamo-lo literalmente afundando debaixo dos pés. Num abrir e fechar de olhos a lancha estava no mar e nós oito dentro dela.

“- O comandante foi o último a descer, ou antes, não, não desceu, porque não queria deixar o navio. Eu é que o agarrei pela cintura e o atirei aos camaradas, e em seguida saltei. Era tempo. Mal acabei de saltar a coberta partiu-se com um barulho que parecia a bordada de um navio de guerra de quarenta e oito.

“- Dez minutos depois, mergulhou de proa, em seguida de popa e depois pôs-se a girar sobre si mesmo como um cão a correr atrás do rabo. E por fim, acabou-se. Pronto, está tudo dito, acabou-se o Pharaon!

“- Quanto a nós, passamos três dias sem comer nem beber, e já falavamos em tirar à sorte quem alimentaria os outros quando vimos a Cironde. Fizemos-lhe sinais, ela viu-nos, aproou a nós, mandou-nos a sua lancha e recolheu-nos. Aqui tem o que se passou, Sr. Morrel, palavra de honra! Palavra de marinheiro!
Não é verdade, rapazes?

Um murmúrio geral de aprovação indicou que o narrador conquistara todos os sufrágios pela veracidade do fundo e pelo pitoresco dos pormenores.

- Bom, meus amigos - disse o Sr. Morrel --, todos vocês são homens honrados e eu sabia antecipadamente que na desgraça que me atingia só havia um culpado: o meu destino. Trata-se da vontade de Deus e não de culpa dos homens. Respeitemos a vontade de Deus. Agora, quanto lhes é devido de soldo?

- Ora, não falemos disso, Sr. Morrel!

- Pelo contrário, falemos - perguntou o armador, com um sorriso triste.

- Bom, devem-no três meses... - disse Penelon.

- Coclés, pague duzentos francos a cada um destes dignos homens. Noutra época, meus amigos - continuou Morrel -, acrescentaria: “E dê a cada um duzentos francos de gratificação.” Mas os tempos estão maus, meus amigos, e o pouco dinheiro que me resta já não me pertence. Desculpem-me portanto e não sejam menos meus amigos por isso.

Penelon fez uma careta de comoção, virou-se para os companheiros, trocou algumas palavras com eles e voltou-se de novo:

- Quanto a isso, Sr. Morrel - disse passando o tabaco de mascar de um lado para o outro da boca e lançando na antecâmara segundo jato de saliva que foi emparelhar com o primeiro --, quanto a isso...

- Quanto a isso o quê?

- Do dinheiro...

- Sim...

- Bom, Sr. Morrel, os camaradas dizem que de momento lhes chega cinquenta francos a cada um e que esperarão pelo resto.

- Obrigado, meus amigos, obrigado! - exclamou o Sr. Morrel, profundamente comovido. - Têm todos excelente coração. Mas recebam, recebam, e se arranjarem um bom lugar aproveitem-no, pois estão livres.

Esta última parte da frase produziu efeito prodigioso sobre os dignos marinheiros, que se entreolharam com ar desorientado. Penelon, que ficara sem fôlego, quase engoliu o rolo de tabaco.

Felizmente, levou a tempo a mão à garganta.

- Como, Sr. Morrel? - disse com voz estrangulada. - Como, o senhor despede-nos?! Isso quer dizer que não está satisfeito conosco?

- Não, meus filhos - respondeu o armador. - Não estou descontente com vocês, muito pelo contrário, nem os despeço. Mas que querem, já não tenho navios e portanto já não necessito de marinheiros.

- Como é que já não tem navios? - replicou Penelon. - Pois mandará construir outros e nós esperaremos! Graças a Deus, sabemos o que é navegar de bolina.

- Já não tenho dinheiro para mandar construir navios, Penelon - confessou o armador com um sorriso triste. - Não posso portanto aceitar essa resposta, por mais generosa que seja.

- Pois bem, se não tem dinheiro escusa de nos pagar. Faremos como o pobre Pharaon, correremos em árvore seca e pronto!

- Basta, basta, meus amigos - pediu Morrel, sufocado de emoção. - Vão, peço-lhes. Voltaremos a encontrar-nos em tempos melhores. Emmanuel -

acrescentou o armador -, acompanhe-os e providencie para que os meus desejos sejam satisfeitos.

- Pelo menos até breve, não é verdade, Sr. Morrel? - disse Penelon.

- Sim, meus amigos. Pelo menos assim espero. Vão.

E fez um sinal a Coclés, que saiu à frente. Os marinheiros seguiram o tesoureiro e Emmanuel seguiu os marinheiros.

- Agora - disse o armador à mulher e à filha --, deixem-me só um instante. Tenho de conversar com este senhor.

E indicou com os olhos o mandatário da casa de Thomson & French, que permanecera de pé e imóvel no seu canto durante toda a cena, na qual apenas participara com as poucas palavras que reproduzimos. As duas mulheres ergueram os olhos para o estrangeiro, que tinham esquecido por completo, e retiraram-se. Mas ao sair a jovem lançou ao visitante um sublime olhar de súplica a que ele respondeu com um sorriso
que um observador frio se admiraria de ver desabrochar naquele rosto de gelo. Os dois homens ficaram sós.

- Pronto, senhor! - disse Morrel, voltando a deixar-se cair na poltrona. - Viu tudo, ouviu tudo, não tenho mais nada a dizer-lhe.

- Vi, senhor - perguntou o inglês --, que foi vítima de uma nova desgraça, tão imerecida como as outras, e isso reforçou o desejo que já tinha de lhe ser agradável.

- Oh, senhor! - exclamou Morrel.

- Vejamos - continuou o estrangeiro. - Sou um dos seus principais credores, não é verdade?

- É pelo menos o que possui os valores a mais curto prazo.

- Deseja um prazo para me pagar?

- Um adiamento poderia salvar-me a honra e consequentemente a vida.

- Que prazo deseja?

Morrel hesitou.

- Dois meses - respondeu.

- Bom - disse o estrangeiro -, concedo-lhe três.

- Mas acha que a casa Thomson & French...

- Esteja tranquilo, senhor. Responsabilizo-me por tudo. Estamos hoje a 5 de Junho.

- É verdade.

- Portanto, reformemos todas estas letras para 5 de Setembro. E no dia 5 de Setembro, às onze horas da manhã (o relógio da sala marcava onze horas precisamente naquele momento), me apresentarei em sua casa.

- Eu o esperarei, senhor - disse Morrel --, e será pago ou estarei morto.

Estas últimas palavras foram pronunciadas tão baixo que o estrangeiro as não pode ouvir.

As letras foram reformadas, rasgaram-se as antigas e o pobre armador encontrou-se pelo menos com três meses à sua frente para reunir os seus últimos recursos.

O inglês recebeu os seus agradecimentos com a fleumo rostocterística da sua nação e despediu-se de Morrel, que o acompanhou, manifestando-lhe a sua gratidão, até à porta.

Na escada, o inglês voltou a encontrar Julie. A moça simulava descer, mas na realidade esperava-o.

- Oh, senhor! - exclamou, juntando as mãos.

- Menina - disse-lhe o estrangeiro --, um dia receberá uma carta assinada por Simbad, o Marinheiro... Faça ponto por ponto, o que lhe disser essa carta, por mais estranha que lhe pareça a recomendação.

- Sim, senhor - respondeu Julie.

- Promete-me que o fará?

- Juro-lhe.

- Muito bem! Adeus, menina. Seja sempre uma boa e santa filha, como é, e tenho muita esperança de que Deus a recompensará dando-lhe Emmanuel por marido.

Julie soltou um gritinho, corou como uma cereja e agarrou-se ao corrimão para não cair.

O estrangeiro continuou o seu caminho depois de lhe fazer um aceno de adeus.

No pátio encontrou Penelon com um maço de notas no valor de cem francos em cada mão, que parecia não poder decidir-se a guardar.

- Venha, meu amigo - disse-lhe. - Preciso de falar contigo.

Capítulo XXX

O 5 de Setembro

O prazo concedido pelo mandatário da casa Thomson & French no momento em que Morrel esperava o pior pareceu ao pobre armador uma dessas reviravoltas do destino que anunciam ao homem que o azar se cansou finalmente de se encarniçar contra ele. No mesmo dia contou o que lhe acontecera à filha, à mulher e a
Emmanuel, e um pouco de esperança, senão de tranquilidade, reentrou na família. Mas infelizmente Morrel não tinha apenas negócios com a casa Thomson & French, que se mostrara tão transigente para consigo. Como dissera, no comércio têm-se correspondentes e não amigos. Quando pensava profundamente no caso, nem sequer compreendia o comportamento generoso da firma Thomson & French para consigo e só explicava por meio desta reflexão inteligentemente egoísta que essa teria feito: “Mais vale amparar um homem que nos deve cerca de trezentos mil francos, e receber esses trezentos mil francos ao fim de três
meses, do que apressar-lhe a ruína e receber apenas seis ou oito por cento do capital.”

Infelizmente, quer por ódio, quer por cegueira, nem todos os correspondentes de Morrel fizeram a mesma reflexão, e alguns até fizeram a reflexão contrária. As letras aceites por Morrel foram portanto apresentadas a pagamento com escrupuloso rigor e, graças ao adiamento concedido pelo inglês, pagas por Coclés à boca do cofre. Coclés continuou portanto a viver na sua

tranquilidade fatídica e só o Sr. Morrel viu com terror que se tivesse tido de reembolsar, em 15, os cem mil francos de Boville e, em 30, os trinta e dois mil e quinhentos francos de letras para as quais, assim como para o crédito do inspetor das prisões, dispunha de um adiamento, seria naquele mês um homem perdido.

A opinião de todo o comércio de Marselha era que Morrel não resistiria aos sucessivos revezes que tinham desabado sobre si. A surpresa foi portanto grande quando o viram satisfazer no fim do mês, com a pontualidade habitual, todos os seus compromissos. Apesar disso, a confiança não reentrou nos espíritos e foi unanimemente adiada para o fim do próximo mês a declaração de falência do infeliz armador.

Passou-se todo o mês em esforços inauditos da parte de Morrel para reunir todos os seus recursos. Em outros tempos o seu papel, fosse a que prazo fosse, era aceito com confiança e até solicitado. Morrel tentou negociar papel a noventa dias e encontrou os cofres de todos os bancos fechados. Felizmente,
Morrel tinha algumas cobranças com as quais podia contar. Essas cobranças efetuaram-se e Morrel encontrou-se ainda em condições de fazer face aos seus compromissos quando chegou o fim de Julho.

No tocante ao mandatário da casa Thomson & French, ninguém mais lhe pusera a vista em cima em Marselha. No dia seguinte ou dois dias depois da sua visita a Morrel desaparecera. Ora, como em Marselha só falara com o maire, o inspetor das prisões e o Sr. Morrel, a sua passagem só deixara como sinal a diferente recordação com que ficaram dele essas três pessoas.

Quanto aos marinheiros do Pharaon, parece que tinha encontrado qualquer colocação, pois também haviam desaparecido.

O comandante Gaumard, refeito da indisposição que o retivera em Palma, regressou por seu turno, mas hesitava em se apresentar ao Sr. Morrel. Este soube porém da sua chegada e foi procurá-lo pessoalmente. O digno armador sabia antecipadamente, pela descrição de Penelon, a forma corajosa
como se comportara o comandante durante todo o sinistro e foi ele quem procurou animá-lo. Além disso, levou-lhe o montante do seu soldo, que o comandante Gaumard não ousaria ir receber.

Quando descia a escada, o Sr. Morrel encontrou Penelon, que subia. Penelon fizera, ao que parecia, bom emprego do seu dinheiro, pois estava todo vestido de novo. Ao ver o seu armador, o digno timoneiro pareceu muito embaraçado. Afastou-se para o canto mais distante do patamar, passou alternadamente o rolo de tabaco da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, arregalando os olhos atarantado, e
correspondeu apenas com uma tímida pressão ao aperto de mão que, com a sua cordialidade habitual, lhe ofereceu o Sr. Morrel. Este atribuiu o embaraço de Penelon à elegância da sua indumentária. Era evidente que o excelente homem não se dera por si próprio a semelhante luxo; portanto, estava já sem dúvida contratado a bordo de qualquer outro navio e a sua vergonha provinha, se assim se pode dizer, do fato de não ter usado mais tempo do luto pelo Pharaon. Talvez viesse até informar o comandante Gaumard da sua boa fortuna e apresentar-lhe alguma proposta da parte do seu novo patrão.

“Excelentes homens”, disse Morrel para consigo enquanto se afastava, “oxalá o seu novo patrão seja capaz de os estimar como eu os estimo e ser mais

feliz do que eu!”

Agosto passou em tentativas constantemente renovadas por Morrel para readquirir o seu antigo crédito ou conseguir outro. Em 20 de Agosto soube-se em Marselha que embarcara na mula-posta e disse-se então que a falência deveria ser declarada no fim desse mês e que Morrel partira antecipadamente para não assistir a esse ato cruel, delegado, sem dúvida, ao seu primeiro-escriturário Emmanuel e no seu tesoureiro Coclés. Mas contra todas as previsões quando chegou o dia 31 de Agosto a tesouraria abriu como de costume, Coclés apareceu atrás da rede de arame, calmo como o justo Horácio, examinou com a mesma atenção o papel que lhe apresentavam e depois, da primeira à última, pagou as letras com a habitual
pontualidade. Apareceram até dois reembolsos, como o Sr. Morrel previra, que Coclés pagou com a prontidão com que pagara as letras aceitas pelo armador. As pessoas não compreendiam nada e adiavam, com a tenacidade característica dos profetas da desgraça, a falência para fins de Setembro.

Morrel chegou no dia 1. Toda a família o esperava com grande ansiedade. Daquela viagem a Paris deveria surgir a sua derradeira oportunidade de salvação. Morrel pensara em Danglars. Atualmente milionário e em outros tempos seu protegido, pois fora graças à recomendação de Morrel que Danglars entrara ao serviço do banqueiro espanhol, em casa do qual iniciara a sua imensa fortuna. Atualmente, dizia-se, Danglars possuía seis ou oito milhões e crédito ilimitado. Podia portanto, sem tirar um escudo da algibeira, salvar
Morrel: lhe bastaria garantir um empréstimo e Morrel estaria salvo. Havia muito tempo que Morrel se lembrara de Danglars, mas existem repulsas instintivas de que não somos senhores e Morrel adiara tanto quanto lhe fora possível recorrer a esse meio supremo. E tivera razão, pois regressara abatido pela humilhação de uma recusa.

Mesmo assim, à chegada, Morrel não deixara escapar nenhum queixume nem proferira nenhuma recriminação. Beijara chorando a mulher e a filha, estendera a mão amiga a Emmanuel, fechara-se no seu gabinete do segundo andar e mandara chamar Coclés.

- Desta vez, estamos perdidos - disseram as duas mulheres a Emmanuel.

Depois, num curto conciliábulo entre elas, decidiram que Julie escreveria ao irmão, de guarnição em Noemes, para que viesse imediatamente.

As pobres mulheres sentiam instintivamente que necessitavam de todas as suas forças para aparar o golpe que as ameaçava. Aliás, Maximilien Morrel, apesar de contar apenas vinte e dois anos, tinha já grande influência sobre o pai.

Era um jovem firme e reto. Quando se tratara de abraçar uma carreira, o pai não quisera impor-lhe antecipadamente um futuro e consultara os gostos do jovem Maximilien. Este declarara então que queria seguir a carreira militar, fizera brilhantemente os estudos adequados e entrara por concurso para a Escola Politécnica e saíra de lá alferes do 53º de linha. Havia um ano que tinha esse posto, mas tinha a promessa
de ser promovido a tenente na primeira oportunidade. No regimento, Maximilien Morrel era citado como rígido observador não só de todas as obrigações impostas aos soldados, mas ainda de todos os deveres inerentes ao homem, pelo que só o tratavam por estóco. Escusado ser dizer que muitos daqueles que lhe davam este

epíteto o repetiam por o ter ouvido e nem sequer sabiam o que ele significava.

Era este jovem que a mãe e a irmã chamavam em seu auxílio, para as amparar na circunstância grave em que pressentiam ir encontrar-se.

Não se enganavam acerca da gravidade dessa circunstância, porque pouco depois de o Sr. Morrel entrar no seu gabinete com Coclés, Julie viu sair este último, pálido, trêmulo e de rosto descomposto.

Quis interrogá-lo ao passar por ela, mas o excelente homem continuou a descer a escada com uma precipitação que lhe não era habitual e limitou-se a exclamar, erguendo os braços ao céu:

- Oh, menina, menina, que horrível desgraça! Quem esperaria alguma vez uma coisas destas!

Pouco depois, Julie viu-o tornar a subir carregado como dois ou três volumosos registros, uma pasta e um saco de dinheiro.

Morrel consultou os registros, abriu a pasta e contou o dinheiro.

Todos os seus recursos ascendiam a seis ou oito mil francos e as suas cobranças até ao dia cinco a quatro ou cinco mil, o que totalizava, avaliando por alto, um ativo de catorze mil francos para pagar uma letra de duzentos e oitenta e sete mil e quinhentos francos. Nem sequer havia meio de oferecer semelhante amortização.

No entanto, quando desceu para jantar, Morrel parecia bastante calmo. Mas tal calma assustou mais as duas mulheres do que o faria o mais profundo abatimento. Depois do jantar, Morrel tinha o hábito de sair. Ia tomar o café ao Círculo dos Fôcios e ler o Sémaphore. Naquele dia, porém, não saiu e tornou a subir para o seu gabinete.

Quanto a Coclés, parecia completamente estupidificado. Durante parte do dia conservara-se no pátio, sentado numa pedra, de cabeça descoberta debaixo de um sol de trinta graus.

Emmanuel tentava tranquilizar as mulheres, mas era pouco eloquente. O rapaz encontrava-se tão ao corrente dos negócios da casa que não podia deixar de adivinhar que uma grande catástrofe estava prestes a desabar sobre a família Morrel.

Anoiteceu. As duas mulheres não se deitaram, esperando que quando descesse do seu gabinete Morrel fosse ter com elas. Mas ouviram-no passar diante da sua porta e estugar o passo, receando, sem dúvida, que o chamassem.

Escutaram e ouviram-no entrar no seu quarto e fechar a porta por dentro.

A Sra Morrel mandou a filhe deitar. Em seguida, cerca de meia hora depois de Julie se retirar, levantou-se, descalçou os sapatos e deslizou pelo corredor, a fim de ver através da fechadura o que fazia o marido.

No corredor notou uma sombra que se retirava: era Julie que, também inquieta, precedera a mãe.

A jovem foi ao encontro da Sra Morrel.

- Está escrevendo - disse-lhe.

As duas tinham-se adivinhado sem trocar palavra.

A Sra Morrel inclinou-se ao nível da fechadura. Com efeito, Morrel escrevia. Mas o que não notara a filha notou-o a Sra Morrel: o marido escrevia em papel selado.

Assaltou-a a idéia terrível de que fazia o seu testamento. Estremeceu da

cabeça aos pés, mas teve a coragem de não dizer nada.

No dia seguinte, o Sr. Morrel parecia absolutamente calmo. Esteve no seu gabinete como de costume, desceu para almoçar como habitualmente e apenas depois do jantar fez sentar a filha junto de si, tomou-lhe a cabeça nos braços e manteve-a assim durante muito tempo apertada ao peito. À noite, Julie disse à mãe que, embora na aparência calmo, notara que o coração do pai batia violentamente.

Os dois outros dias decorreram de forma mais ou menos idêntica. No dia 4 de Setembro à noite, o Sr. Morrel pediu à filha a chave do seu gabinete.

Julie estremeceu ao ouvir tal pedido, que lhe pareceu sinistro. Por que motivo lhe pediria o pai uma chave que ela sempre tivera e que só lhe tiravam na infância para a castigar?

A jovem fitou o Sr. Morrel.

- Que mal fiz eu, meu pai, para que me tire a chave?

- Nada, minha filha - respondeu o pobre Morrel, a quem esta pergunta tão simples da filha fez brotar as lágrimas dos olhos. - Nada, apenas necessito dela.

Julie simulou procurar a chave.

- Devo tê-la deixado no meu quarto.

E saiu. Mas em vez de ir ao quarto, desceu e correu para consultar Emmanuel.

- Não entregue a chave ao seu pai - disse-lhe Emmanuel - e amanhã de manhã, se for possível, não o deixe.

Ela procurou interrogar o rapaz, mas ou este não sabia mais nada ou não queria dizer outra coisa.

Durante toda a noite de 4 para 5 de Setembro a Sra Morrel esteve de ouvido colado à parede. Até às três da madrugada ouviu o marido passear agitadamente no quarto.

Só às três horas se atirou para cima da cama.

As duas mulheres passaram a noite juntas. Desde a véspera à noite que esperavam Maximilien. Às oito horas, o Sr. Morrel entrou no quarto da mulher e da filha. Estava clamo, mas a agitação da noite transparecia-lhe no rosto pálido e desfeito.

As duas mulheres não ousaram perguntar-lhe se dormira bem. Morrel foi melhor para a mulher e mais paternal com a filha do que em qualquer outra ocasião. Não se cansava de olhar e beijar a pobre criança.

Julie recordou-se da recomendação de Emmanuel e quis acompanhar o pai quando este saiu. Mas ele repeliu-a com doçura e disse-lhe.

- Fica com a tua mãe.

Julie quis insistir.

- Quero que fiques! - atalhou Morrel.

Era a primeira vez que Morrel dizia à filha: “Quero!”, mas disse-o em tom impregnado de tão paternal doçura que Julie não ousou dar um passo em frente.

Ficou onde estava, de pé, muda e imóvel. Pouco depois a porta abriu-se e a jovem sentiu dois braços rodearam-na e uma boca colar-se-lhe à testa.

Ergueu os olhos e soltou uma exclamação de alegria.

- Maximilien, meu irmão!

Ao ouvir este grito a Sra Morrel acorreu e lançou-se nos braços do filho.

- Minha mãe - disse o rapaz, olhando ora para a Sra Morrel, ora para a irmã. - Que aconteceu? A vossa carta assustou-me e vim imediatamente.

- Julie - disse a Sra Morrel, fazendo sinal ao rapaz para esperar --, vai dizer ao teu pai que Maximilien acaba de chegar.

A jovem correu para fora do apartamento, mas encontrou no primeiro degrau da escada um homem com uma carta na mão.

- É Mademoiselle Julie Morrel? - perguntou o homem com um sotaque italiano deveras pronunciado.

- Sou, sim, senhor - respondeu Julie balbuciante. - Que me quer? Não o conheço...

- Leia esta carta - disse o homem, estendendo-lha.

Julie hesitava.

- Está nela a salvação do seu pai - acrescentou o mensageiro.

A moça arrancou-lhe a carta da mão.

Em seguida abriu-a rapidamente e leu:

Vá imediatamente às Alamedas de Meilhan, entre no prédio nº 15, peça à porteira a chave do quarto do quinto andar, entre nesse quarto, pegue numa bolsa de rede de seda encarnada que está no canto da chaminé e leve-a ao seu pai.

É importante que ele a receba antes das onze horas.

Prometeu obedecer-me cegamente, lembro-lhe a sua promessa.

SIMBAD, O MARINHEIRO

A jovem soltou um grito de alegria, levantou os olhos e procurou, para o interrogar, o homem que lhe entregara a carta, mas ele desaparecera.

Voltou então a olhar para a carta, a fim de a ler segunda vez, e descobriu que tinha um pôs-escrito. Leu-o:

É importante que desempenhe esta missão pessoalmente e sozinha. Se fosse acompanhada ou mandasse outra pessoa, a porteira responderia que não sabia que queriam dizer.

Este pós-escrito diminuiu consideravelmente a alegria da moça. Não teria nada a temer? Não quereriam armar-lhe alguma cilada? A sua inocência fazia-a ignorar quais eram os perigos que podia correr uma moça da sua idade, mas ninguém precisa de conhecer o perigo para ter medo. Deve-se até notar que são precisamente os perigos desconhecidos aqueles que inspiram os maiores terrores.

Julie hesitava e resolveu pedir conselho.

Mas, por um sentimento estranho, não foi nem à mãe nem ao irmão que recorreu, foi a Emmanuel.

Desceu e contou-lhe o que lhe acontecera no dia em que o mandatário da casa Thomson & French viera procurar o pai. Contou-lhe a cena da escada, revelou-lhe a promessa que lhe fizera e mostrou-lhe a carta.

- Deve ir, menina - disse Emmanuel.

- Acha? - murmurou Julie.

- Acho. Eu a acompanharei.

- Mas não vê que devo ir sozinha? - observou Julie.

- Irá sozinha - respondeu o rapaz. - Eu esperarei à esquina da Rua do Museu e se a sua demora começar a preocupar-me irei procurá-la e ai daquele ou

daqueles de que me disser ter razão de queixa!

- Assim, Emmanuel - perguntou hesitante a moça --, acha que devo fazer o que me indicam?

- Acho. O mensageiro não lhe disse que ia nisso a salvação do seu pai?

- Mas, Emmanuel, que perigo corre ele? - perguntou a moça.

Emmanuel hesitou um instante, mas o desejo de decidir Julie sem delongas levou a melhor.

- Ouça, hoje são 5 de Setembro, não é verdade?

- São.

- Pois hoje às onze horas o seu pai tem de pagar cerca de trezentos mil francos.

- Pois tem, bem o sabemos.

- Mas não tem nem quinze mil em caixa! - disse Emmanuel.

- Então, que vai acontecer?

- Vai acontecer que se hoje, antes das onze horas, o seu pai não encontrar alguém que o ajude, ao meio-dia será obrigado a declarar-se falido.

- Oh, venha, venha! - gritou a moça, arrastando o rapaz consigo.

Entretanto, a Sra Morrel contara tudo ao filho.

O jovem sabia bem que em consequência das sucessivas desgraças que tinham acontecido ao pai haviam sido feitos grandes cortes nas despesas da casa, mas ignorava que as coisas tivessem chegado a tal ponto.

Ficou aniquilado.

Depois, de repente, correu para fora do apartamento e subiu rapidamente a escada, porque julgava o pai no gabinete, mas bateu em vão.

Junto da porta do gabinete ouviu a do apartamento abrir-se, virou-se e viu o pai. Em vez de subir direito ao seu gabinete, o Sr. Morrel entrara no seu quarto, do qual saía apenas naquele momento.

O Sr. Morrel soltou um grito de surpresa ao ver Maximilien, pois ignorava a chegada do rapaz. Ficou imóvel onde estava, apertando com o braço esquerdo um objeto que tinha escondido debaixo da sobrecasaca.

Maximilien desceu rapidamente a escada e lançou-se ao pescoço do pai. Mas de repente recuou, deixando apenas a mão direita apoiada no peito do pai.

- Meu pai - disse, fazendo-se pálido como a morte --, porque traz um par de pistolas debaixo da sobrecasaca?

- Pronto, aí está o que eu temia! - exclamou Morrel.

- Meu pai, meu pai, em nome do Céu! - gritou o rapaz. - Para que são essas armas?

- Maximilien - respondeu Morrel, olhando fixamente o filho --, você é um homem e um homem de honra. Anda comigo, vou te contar tudo.

E Morrel subiu com passo firme ao seu gabinete, enquanto Maximilien o seguia cambaleando.

Morrel abriu a porta e fechou-a atrás do filho. Depois atravessou a antecâmara, aproximou-se da mesa, depositou as pistolas à ponta do móvel e indicou ao filho, com o dedo, um registro aberto.

Nesse registro encontrava-se consignado o estado exato da firma.

Morrel tinha de pagar dentro de meia hora duzentos e oitenta e sete mil e quinhentos francos.

E possuía ao todo quinze mil duzentos e cinquenta e sete francos.

- Leia - disse Morrel.

O rapaz leu e ficou um momento como que esmagado.

Morrel não disse nem uma palavra. Que poderia dizer que contrariasse a inexorável eloquência dos números?

- E fez tudo, meu pai, para evitar esta desgraça? - perguntou o rapaz passado um instante.

- Tudo - respondeu Morrel.

- Não espera nenhuma entrada de fundos?

- Nenhuma.

- Esgotou todos os seus recursos?

- Todos.

- E dentro de meia hora o nosso nome estará desonrado? - continuou o jovem, com voz sombria.

- O sangue lavará a desonra - declarou Morrel.

- Tem razão, meu pai, e compreendo-o.

Depois, estendendo a mão para as pistolas:

- Há uma para si e outra para mim - disse. - Obrigado!

Morrel deteve-lhe a mão.

- E a tua mãe... e a tua irmã... quem as sustentará ?

Um arrepio percorreu todo o corpo do rapaz.

- Meu pai, tenciona pedir-me que viva?

- Sim, tenciono - respondeu Morrel --, porque é esse o teu dever. Possui um espírito calmo, forte, Maximilien... Maximilien, você não é um homem vulgar. Não te recomendo nada, não te ordeno nada, apenas te digo: examina a situação como se te tosse estranha e julgue-a por si mesmo.

O rapaz refletiu um instante e em seguida passou-lhe pelos olhos uma expressão de resignação sublime. Apenas tirou, com um gesto lento e triste, a dragona e a contradragona, insígnias do seu posto.

- Está bem - disse, estendendo a mão a Morrel --, morra em paz, meu pai! Eu viverei.

Morrel esboçou o gesto de se lançar aos joelhos do filho, mas Maximilien puxou-o para si e aqueles dois nobres corações bateram um instante um contra o outro.

- Sabe que a culpa não é minha, não sabe? - perguntou Morrel.

Maximilien sorriu.

- Sei, meu pai, que é o homem mais honesto que jamais conheci.

- Pronto, está tudo dito. Agora, volta para junto da tua mãe e da tua irmã.

- Meu pai, abençoe-me - pediu o jovem, dobrando o joelho. Morrel tomou a cabeça do filho nas mãos, aproximou-a de si e beijou-a diversas vezes.

- Oh, sim, sim! - exclamou. - Abençoo-te em meu nome e em nome de três gerações de homens irrepreensíveis. Ouve o que te dizem por meu intermédio: o edifício que a desgraça destruiu pode ser reconstruído pela Providência. Quando me virem morto de semelhante morte os mais inexoráveis terão compaixão de ti. A ti talvez dêem o tempo que me recusariam. Então, procura que a palavra infame não seja pronunciada. Mete ombros à obra. Trabalhe, rapaz, lute ardente e corajosamente. Vivam, você, a sua mãe e a sua irmã, com o estritamente

necessário para que, dia a dia, o capital daqueles a quem devo aumente e frutifique nas suas mãos. Lembre-se de que será um belo dia, um grande dia, um dia solene o da reabilitação, o dia em que, neste mesmo gabinete, dirá: “O meu pai morreu por não poder fazer o que eu faço hoje. Mas morreu tranquilo e calmo, porque sabia ao morrer que eu o faria.”

- Oh, meu pai, meu pai! - exclamou o rapaz. - Se apesar de tudo pudesse viver!...

- Se viver, tudo se modificará. Se viver, o interesse se transformará- em dúvida, a compaixão em encarniçamento. Se viver, não passarei de um homem que faltou à sua palavra, que não respeitou os seus compromissos, não passarei, enfim, de um falido. Pelo contrário, se morrer (pensa nisto Maximilien), o meu cadáver será apenas o de um homem honesto infeliz. Vivo, os meus melhores amigos evitarão esta casa; morto, Marselha em peso me acompanhará chorando à minha última morada. Vivo, se envergonhará do meu nome; morto, levantará a cabeça e dirá: “Sou filho daquele que se matou porque, pela primeira vez, foi obrigado a faltar à sua palavra.”

O rapaz soltou um gemido, mas pareceu resignado. Era a segunda vez que a convicção entrava, não no seu coração, mas sim no seu espírito.

- E agora - disse Morrel - deixe-me sozinho e procure afastar as mulheres.

- Não quer ver mais uma vez a minha irmã? - perguntou Maximilien.

O jovem depositava - derradeira e recôndita esperança nesse encontro e por isso o sugeria. Mas o Sr. Morrel abanou a cabeça.

- Eu a vi esta manhã e despedi-me dela

- Não tem nenhuma recomendação especial a fazer-me, meu pai? - perguntou Maximilien em voz alterada.

- Tenho, sim, meu filho, uma recomendação sagrada.

- Diga, meu pai.

- A casa Thomson & French foi a única que por humanidade ou talvez por egoísmo - mas não sou eu que posso ler no coração dos homens - teve compaixão de mim. O seu mandatário, que dentro de dez minutos se apresentará para cobrar o montante de uma letra de duzentos e oitenta e sete mil e quinhentos francos, não direi que me concedeu, mas ofereceu-me três meses. Quero que essa casa seja a primeira a ser reembolsada, meu filho, e que considere esse homem sagrado.

- Pois sim, meu pai - disse Maximilien.

- E agora, mais uma vez, adeus - disse Morrel. - Vai, vai, preciso estar só. Encontrar o meu testamento na mesa do meu quarto.

O rapaz ficou de pé, imóvel, apenas com a sua força de vontade, mas não de execução.

- Escuta, Maximilien - disse o pai. - Supõe que sou soldado como você, que recebi ordem de tomar um reduto e que sabe que para o tomar terei de morrer. Não me dirias o que me disseste há pouco: “Vá, meu pai, porque se desonrar se ficar, e mais vale a morte do que a desonra!?”

- Sim, sim - admitiu o jovem. - Sim.

E apertando convulsivamente Morrel nos braços:

- Vá, meu pai - disse.

E correu para fora do gabinete.

Depois de o filho sair, Morrel ficou um instante de pé e com os olhos fixos na porta. Em seguida estendeu a mão, encontrou o cordão de uma campainha e tocou.

Pouco depois apareceu Coclés.

Já não era o mesmo homem Aqueles três dias de tortura tinham-no alquebrado. Esta idéia: “A casa Morrel vai cessar os seus pagamentos” curvava-o para o chão mais do que o fariam vinte anos de vida, além dos que já tinha, sobre a sua cabeça.

- Meu bom Coclés - disse Morrel num tom em que seria impossível encontrar expressão --, vai ficar na antecâmara. Quando aquele senhor que veio há três meses (você sabe, o mandatário da casa Thomson & French) chegar, o anunciará.

Coclés não disse nada. Acenou com a cabeça, foi-se sentar na antecâmara e esperou.

Morrel deixou-se cair na sua cadeira. Olhou para o relógio de sala: restavam-lhe apenas sete minutos. O ponteiro andava com uma rapidez incrível; parecia-lhe que o via avançar

O que se passou então, naquele momento supremo, no espírito daquele homem que, ainda novo, em consequência de um raciocínio talvez falso, ou pelo menos especial, se ia separar de tudo o que amava no mundo e deixar a vida, que tinha para si todas as doçuras da família, é impossível exprimir. Seria necessário ver, para se fazer uma idéia, a sua testa coberta de suor, e no entanto resignada, e os seus olhos cheios de lágrimas, e no entanto erguidos ao céu.

O ponteiro continuava a andar e as pistolas estavam carregadas. Estendeu a mão, pegou numa e murmurou o nome da filha.

Em seguida pousou a arma mortífera, pegou na pena e escreveu algumas palavras.

Parecia-lhe que se não despedira o suficiente da filha querida.

Depois tornou a olhar para o relógio. Já não contava os minutos, mas sim os segundos.

Voltou a pegar na arma, com a boca entreaberta e os olhos fixos no ponteiro. Depois estremeceu ao ouvir o ruído que ele próprio fazia ao armar o cão.

Nesse momento cobriu-lhe a testa um suor mais frio e uma angústia mortal apertou-lhe o coração.

Ouviu a porta da escada ranger nos gonzos.

Em seguida abriu-se a do gabinete.

O relógio ia dar onze horas.

Morrel não se virou; esperava apenas que Coclés dissesse estas palavras: “O mandatário da casa Thomson & French.”

Aproximou a arma da boca...

De súbito, ouviu um grito: era a voz da filha.

Virou-se e viu Julie; a pistola caiu-lhe das mãos.

- Pai! - gritou a moça, sem fôlego e quase morta de alegria. - Salvo! está salvo!

E lançou-se-lhe nos braços, erguendo na mão uma bolsa de rede de seda vermelha.

- Salvo, minha filha? Que quer dizer? - perguntou Morrel.

- Salvo, sim! Veja, veja! - respondeu a jovem.

Morrel pegou a bolsa e estremeceu, pois uma vaga recordação lembrou-lhe que aquele objeto já lhe pertencera. De um lado estava a letra de duzentos e oitenta e sete mil e quinhentos francos.

A letra estava paga.

Do outro, estava um diamante do tamanho de uma avelã, com estas três palavras escritas num bocadinho de pergaminho:

“Dote de Julie.”

Morrel passou a mão pela testa. Julgava estar sonhando.

Naquele momento o relógio deu onze horas.

A campainha vibrou para ele como se cada pancada do martelo de aço fizesse vibrar-lhe o próprio coração.

- Vejamos, minha filha, explique-se. Onde encontrou esta bolsa?

- Numa casa das Alamedas de Meilhan, no nº 15, ao canto da chaminé de um pobre quartinho do quinto andar.

- Mas esta bolsa não te pertence! - gritou Morrel.

Julie estendeu ao pai a carta que recebera de manhã.

- E você foi sozinha a essa casa? - perguntou Morrel, depois de ler.

- Emmanuel acompanhou-me, meu pai. Devia esperar-me à esquina da Rua do Museu, mas, coisa estranha, quando voltei não estava lá.

- Sr. Morrel! - gritou uma voz na escada. - Sr. Morrel!

- É a sua voz - disse Julie.

Ao mesmo tempo, Emmanuel entrou. Com o rosto transtornado de alegria emoção.

- O Pharaon! - gritou. - O Pharaon!

- Que diz? O Pharaon? Endoideceu, Emmanuel? Sabe muito bem que naufragou.

- O Pharaon! Senhor, assinalam o Pharaon; o Pharaon está entrando no porto.

Morrel voltou a cair na sua cadeira. Faltavam-lhe as forças e a sua inteligência recusava-se a classificar aquela sucessão de acontecimentos incríveis, inauditos, fabulosos.

Mas o filho entrou por seu turno.

- Pai! - gritou Maximilien. - Não disse que o Pharaon naufragara? Pois o vigia assinalou-o, está entrando no porto!

- Meus amigos - disse Morrel --, se isso fosse verdade, seria necessário acreditar num milagre de Deus. Impossível! Impossível!

Mas o que era real e não menos incrível era aquela bolsa que tinha na mão, era aquela letra resgatada, era aquele magnífico diamante.

- Ah, senhor! - disse Coclés por seu turno. - Que significa isto? O Pharaon...

- Vamos, meus filhos - atalhou Morrel, levantando-se --, vamos ver e que Deus tenha piedade de nós se a notícia é falsa.

Desceram. A meio da escada encontraram a Sra Morrel. A pobre mulher não ousava subir.

Chegaram num instante à Cannebiére.

Havia muita gente no porto.

Todos se afastaram diante de Morrel.

- O Pharaon! o Pharaon! - diziam todas aquelas vozes.

De fato, coisa maravilhosa, inaudita, diante da Torre de S. João um navio, tendo à popa estas palavras escritas em letras brancas Pharaon (Morrel & Filhos, Marselha)", absolutamente idêntico ao outro Pharaon e como o outro carregado de cochonilha e índigo, ancorava e ferrava as velas. Na ponte, o comandante Gaumard dava as suas ordens e mestre Penelon fazia sinais ao Sr. Morrel.

Já não era possível duvidar: o testemunho dos sentidos estava ali e dez mil pessoas confirmavam esse testemunho.

Quando Morrel e o filho se abraçaram no molhe, perante os aplausos de toda a cidade, testemunha daquele prodígio, um homem, com o rosto semicoberto por uma barba preta e que escondido atrás da guarita de uma sentinela assistia à cena enternecido, murmurou estas palavras:

- Seja feliz, nobre coração; seja abençoado por todo o bem que fez e que ainda fará, e que o meu reconhecimento permaneça na sombra como o teu bem-fazer.

E com um sorriso, em que transpareciam a alegria e a felicidade, deixou o seu esconderijo e, sem que ninguém lhe prestasse atenção, de tal modo estavam todos interessados no acontecimento do dia, desceu uma dessas escadinhas que servem de cais e chamou três vezes:

- Jacopo! Jacopo! Jacopo!

Então veio ao seu encontro uma chalupa, que o recebeu a bordo e o transportou para um iate ricamente aparelhado, para a coberta do qual subiu com a ligeireza de um marinheiro. Daí, olhou mais uma vez para Morrel, que chorando de alegria distribuía cordiais apertos de mão a toda a gente e agradecia
com um olhar vago ao benfeitor desconhecido que parecia procurar no Céu.

- E agora - disse o homem desconhecido --, adeus bondade, humanidade, reconhecimento... Adeus a todos os sentimentos que dilatam o coração!... Substituí a Providência para recompensar os bons... que Deus vingador me ceda o seu lugar para castigar os maus!

Depois destas palavras, fez um sinal, e como se esperasse apenas esse sinal para partir, o iate fez-se imediatamente ao mar.

Capítulo XXXI

Itália - Simbad, o marinheiro

Em princípios do ano de 1838 encontravam-se em Florença dois jovens pertencentes à mais elegante sociedade de Paris. Um deles era o visconde Albert de Morcerf e o outro o barão Franz de Epinay. Tinham combinado ir passar o Carnaval do mesmo ano em Roma, onde Franz, que residia em Itália havia perto de
quatro anos, serviria de cicerone a Albert.

Ora, como não é coisa de somenos ir passar o Carnaval em Roma,

sobretudo quando se pretende não dormir na Praça do Povo ou no Campo-Vaccino, escreveram a mestre Pastrini, proprietário do Hotel de Londres, na Praça de Espanha, pedindo-lhe que lhes reservasse aposentos confortáveis.

Mestre Pastrini respondeu que já só dispunha de dois quartos e um gabinete situados al secondo piano, que lhes oferecia mediante a módica quantia de um luís por dia. Os dois jovens aceitaram e em seguida, para aproveitar o melhor possível o tempo que lhe restava, Albert partiu para Nápoles. Quanto a Franz, permaneceu em Florença.

Depois de fruir durante algum tempo a vida que proporciona a cidade dos Médicis, de percorrer em todos os sentidos esses édenes a que chamam casinos e de ser recebido nos palácios magníficos que fazem as honras de Florença, deu-lhe na veneta, como já vira a Côrsega, berço de Bonaparte, de visitar a ilha de Elba, o grande interlúdio de Napoleão.

Portanto, uma tardinha, soltou uma barchetta da argola de ferro que a prendia ao porto de Liorne, deitou-se no fundo em cima da sua capa e disse aos marinheiros estas únicas palavras: “Para a ilha de Elba!”

A embarcação deixou o porto tal como a ave marinha deixa o seu ninho e no dia seguinte desembarcava Franz em Porto Ferraio.

Franz atravessou a ilha imperial, depois de seguir todos os vestígios que a passagem do gigante nela deixara, e foi embarcar em Marciana.

Duas horas depois de deixar terra, retomou-a para desembarcar na Pianosa, onde o esperavam, garantiram-lhe, bandos infinitos de perdizes vermelhas.

A caçada foi ruim. Franz matou com grande dificuldade algumas perdizes magras e, como todo o caçador que se cansou para nada, voltou à sua embarcação de bastante mau humor.

- Ah, se Vossa Excelência quisesse - disse-lhe o patrão - faria uma bela caçada!...

- Onde?

- Vê aquela ilha? - continuou o patrão, estendendo o dedo para o sul e mostrando uma massa cônica que saía do meio do mar pintado do mais belo índigo.

- Vejo. Que ilha é - perguntou Franz.

- A ilha de Monte-Cristo - respondeu o liornês.

- Mas não tenho licença para caçar nessa ilha.

- Vossa Excelência nem precisa dela, a ilha está deserta.

- Por Deus, uma ilha deserta no meio do Mediterrâneo é coisa curiosa - observou o jovem.

- É natural, Excelência. Esta ilha é um banco de rochedos e em toda a sua extensão talvez não haja uma jeira de terra arável.

- A quem pertence a ilha?

- A Toscana.

- Que caça encontrarei lá ?

- Milhares de cabras-monteses.

- Que vivem lambendo as pedras? - observou Franz com um sorriso de incredulidade.

- Não, mas sim pastando as urzes, as murtas e os lentiscos que crescem

nos seus intervalos.

- Mas onde dormiria?

- Em terra, nas grutas, ou a bordo, na sua capa. Aliás, se Vossa Excelência quiser poderemos partir imediatamente a seguir à caçada. Como sabe, navegamos tão bem à vela de noite como de dia, e na falta da vela temos os remos.

Como restava ainda bastante tempo a Franz para se juntar ao companheiro e já não tinha de se preocupar com o seu alojamento em Roma, aceitou a proposta, que talvez lhe permitisse ressarcir-se do mau resultado da primeira caçada.

Ao ouvirem a sua resposta afirmativa, os marinheiros trocaram algumas palavras em voz baixa.

- Então, que temos de novo? - perguntou. - Surgiu alguma impossibilidade?

- Não - respondeu o patrão --, mas devemos prevenir Vossa Excelência de que a ilha está em contumácia.

- Que significa isso?

- Significa que como Monte-Cristo é desabitada e serve às vezes de descanso a contrabandistas e piratas que vêm da Côrsega, da Sardenha ou da África, se qualquer sinal denunciar a nossa presença na ilha seremos forçados, no regresso a Liorne, a fazer uma quarentena de seis dias.

- Diabo, ai está uma coisa que modifica tudo! Seis dias!... Precisamente tanto tempo quanto precisou Deus para criar o mundo. É um bocadinho demais, meus filhos.

- Mas quem dirá que Vossa Excelência esteve em Monte-Cristo?

- Oh, eu não! - exclamou Franz.

- E nós também não - garantiram os marinheiros.

- Nesse caso, vamos para Monte-Cristo.

O patrão comandou a manobra; aproaram à ilha e a embarcação começou a navegar na sua direção.

Franz esperou que a operação estivesse concluída e quando tomaram a nova rota, a vela foi enfunada pela brisa e os quatro marinheiros reocuparam os seus lugares, três à proa e um ao leme, reatou a conversa.

- Meu caro Gaetano - disse o patrão - acaba de me dizer, se me não engano, que a ilha de Monte-Cristo servia de refúgio a piratas, o que me parece uma caça muito diferente das cabras.

- Sim, Excelência, e é verdade.

- Eu sabia da existência de contrabandistas, mas pensava que depois da tomada de Argel e da destruição da Regência os piratas já só existissem nos romances de Cooper e do capitão Marryat.

- Pois Vossa Excelência enganava-se. Existem tanto piratas como bandidos, supostamente exterminados pelo papa Leão XII, mas que no entanto assaltam todos os dias os viajantes, até às
portas de Roma. Não ouviu dizer que apenas há seis meses o encarregado de negócios da França junto da Santa Sé foi roubado a quinhentos passos de Velletri?

- Ouvi.

- Pois bem, se Vossa Excelência morasse em Liorne, como nós, ouviria

dizer de tempos em tempos que um naviozinho carregado de mercadorias ou que um bonito iate inglês, esperados em Bástia, Porto Ferraio ou Civitta-Vecchia, não chegara nem se sabia que lhe acontecera, mas que sem dúvida se despedaçara contra qualquer rochedo. Bom, o rochedo que encontrou foi uma barca baixa e estreita tripulada por seis ou oito homens, que o surpreenderam ou pilharam numa noite escura e tempestuosa, nas imediações de alguma ilha selvagem e desabitada, tal como os bandidos detêm e pilham uma sege de posta no recanto de um bosque.

- Mas sendo assim - perguntou Franz, que continuava deitado na barca - por que motivo é que aqueles a quem acontecem semelhantes acidentes se não queixam, não exigem que recaia sobre os piratas a vingança do governo francês, sardo ou toscano?

- Por que motivo? - repetiu Gaetano com um sorriso.

- Sim, por que motivo?

- Porque primeiro transportam do navio ou do iate para a barca tudo o que tem algum valor; depois, amarram os pés e as mãos da tripulação, prendem ao pescoço de cada homem um pelouro de 24, abrem um buraco do tamanho de uma barrica na quilha do navio capturado, sobem à coberta, fecham as escotilhas e passam para a barca. Ao cabo de dez minutos o navio começa a inclinar-se e a ranger, e afunda-se pouco a pouco. Primeiro, mergulha um dos lados; depois, o outro; em seguida ergue-se, volta a mergulhar e submerge-se sempre mais. De súbito, ouve-se um estampido semelhante a um tiro de canhão: é o ar que quebra a coberta. Então, o navio agita-se como um afogado que se debate e cujos movimentos são cada vez mais pesados. Não tarda que a água, demasiado comprimida nas cavidades, saia pelas aberturas, como as colunas líquidas que lança pelos seus respiradouros qualquer cachalote gigantesco. Finalmente, solta um derradeiro estertor, dá uma última volta sobre si mesmo e desaparece no abismo no meio de um grande turbilhão que gira um instante, diminui pouco a pouco e acaba por se extinguir por completo, de forma que ao cabo de cinco minutos só a vista de Deus descobriria no fundo daquele mar calmo o navio desaparecido. Compreende agora -acrescentou o patrão sorrindo - por que motivo o navio não regressa ao porto e a tripulação se não queixa?

Se Gaetano tivesse contado a história antes de propor a expedição, é provável que Franz tivesse pensado duas vezes antes de a empreender. Mas já tinham partido e pareceu-lhe que seria covardia recuar. Era um desses homens que não procuram as situações perigosas, mas que se essas situações vêm ao seu encontro conservam um sangue-frio inalterável para as combater. Era um desses homens de vontade calma que encaram um perigo na vida como um adversário num duelo, que calculam os seus movimentos, estudam a sua força, se contêm o suficiente para recuperar o fôlego, mas não o bastante para parecerem covardes, que avaliando num só olhar todas as suas vantagens matam de um único golpe.

- Ora! - exclamou. - Atravessei a Sicília e a Calábria, naveguei dois meses no arquipélago e nunca vi a sombra de um bandido ou de um corsário.

- Também não disse isto a Vossa Excelência para o fazer renunciar ao seu projeto - declarou Gaetano. - Interrogou-me e eu limitei-me a responder-lhe, mais nada.

- Claro, meu caro Gaetano, e o que diz é muito interessante, por isso, como desejo ter o prazer de o ouvir o mais tempo possível, sigamos para Monte-Cristo.

Entretanto, aproximavam-se rapidamente do termo da viagem. O vento era fresco e de feição e a embarcação dava sete milhas por hora. A medida que se aproximavam, a ilha parecia sair límpida dos últimos raios do Sol e distinguia-se, como os pelouros num arsenal, o aglomerado de rochedos empilhados uns sobre os outros, em cujos interstícios se viam avermelhar urzes e verdejar árvores. Quanto aos marinheiros, embora parecessem perfeitamente tranquilos, era evidente que se encontravam alerta e que o seu olhar interrogava o vasto espelho sobre o qual deslizavam e em cujo horizonte se viam apenas alguns barcos de pescadores que, com as suas velas brancas, balouçavam como gaivotas na crista das vagas.

Encontravam-se apenas a cerca de quinze milhas de Monte-Cristo quando o Sol começou a pôr-se atrás da Côrsega, cujas montanhas apareciam à direita, recortando no céu o seu sombrio rendilhado. Aquela massa de pedra semelhante ao gigante Adamastor erguia-se ameaçadora diante da embarcação, à qual roubava o sol, cuja parte superior se dourava. Pouco a pouco, a sombra subiu do mar e pareceu expulsar diante de si aquele derradeiro reflexo do dia prestes a findar. Depois o raio luminoso foi repelido até ao cimo do cone, onde se deteve um instante como o penacho incandescente de um vulcão, e por fim a sombra, sempre ascendente, invadiu gradualmente o cume como invadira a base, e a ilha revelou-se como que uma
montanha cinzenta que ia sempre escurecendo. Passada meia hora, era noite cerrada.

Felizmente os marinheiros encontravam-se nos seus lugares habituais e conheciam até o mais pequeno rochedo do arquipélago toscano, pois de contrário, no meio da escuridão profunda que envolvia a embarcação, Franz não deixaria de se sentir inquieto. A Côrsega desaparecera por completo e a própria ilha de Monte-Cristo se tornara invisível. Mas os marinheiros pareciam possuir, como o lince, a faculdade de
ver nas trevas, e o piloto, sentado ao leme, não denotava a menor hesitação.

Decorrera cerca de meia hora desde que o Sol se pusera quando Franz julgou distinguir a um quarto de milha à esquerda uma massa sombria. Mas era tão impossível identificar do que se tratava que, receando provocar a hilaridade dos marinheiros, tomando algumas nuvens flutuantes pela terra firme, guardou silêncio. Mas de súbito surgiu um grande clarão na margem. A terra poderia assemelhar-se a uma nuvem, mas o fogo não era nenhum meteoro.

- Que luz é aquela? - perguntou.

- Caluda! É uma fogueira - respondeu o patrão.

- Mas vocês diziam que a ilha estava desabitada!

- Eu dizia que não tinha população fixa, mas também disse que era um lugar de descanso para os contrabandistas.

- E para os piratas!

- E para os piratas - disse Gaetano, repetindo as palavras de Franz. - Foi por isso que mandei ultrapassar a ilha, pois como vê o fogo está atrás de nós.

- Mas esse fogo - continuou Franz - parece-me um motivo de segurança do que de preocupação. Pessoas que receassem ser vistas não acenderiam uma

fogueira.

- Oh, isso não quer dizer nada! - perguntou Gaetano. - Se Vossa Excelência pudesse avaliar, no meio da obscuridade, a posição da ilha, veria que colocada como está a fogueira não pode ser vista nem da costa, nem da Pianosa, mas apenas do mar alto.

- Assim, receia que essa fogueira nos anuncie má companhia?

- É o que precisamos tirar a limpo - respondeu Gaetano, com os olhos sempre fixos naquela estrela terrestre.

- Mas como?

- Já vai ver.

Depois destas palavras, Gaetano reuniu-se em conselho com os companheiros e ao cabo de cinco minutos de discussão executaram em silêncio uma manobra que lhes permitiu virar de bordo num instante. Retomaram então a rota que acabavam de seguir e poucos segundos depois desta mudança de direção a
fogueira desapareceu, oculta por qualquer ondulação do terreno.

Então, o piloto imprimiu com o leme nova direção ao barcto, que se aproximou visivelmente da ilha, a qual não tardou a encontrar-se apenas a cerca de cinquenta Passos. Gaetano ferrou a vela e a embarcação deteve-se.

Tudo isto foi feito no meio do maior silêncio. Aliás, desde a mudança de rota nem uma só palavra fora pronunciada a bordo.

Gaetano, que propusera a expedição, chamara a si toda a responsabilidade por ela. Os quatro marinheiros não o perdiam de vista enquanto, preparados os remos, se mantinham prontos para remar, o que, graças à obscuridade, não seria difícil.

Quanto a Franz, inspecionava as suas armas com o sangue-frio que lhe conhecemos. Tinha duas espingardas de dois tiros e umo rostobina. Carregou-as, verificou-lhes a fecharia e esperou.

Entretanto, o patrão despira o gabão e a camisa e prendera as calças na cintura. Como estava descalço, não precisava descalçar sapatos nem meias. Um vez nesta indumentária, ou antes, liberto da sua indumentária, pôs um dedo nos lábios recomendando o mais profundo silêncio, deixou-se escorregar para o mar e nadou para a margem com tanta precaução que era impossível ouvir o menor ruído. Apenas devido ao sulco fosforescente provocado pelos seus movimentos era possível seguir-lhe o rasto.

Mas em breve até esse sulco desapareceu. Era evidente que Gaetano chegara a terra.

No barco todos ficaram imóveis durante meia hora, passada a qual viram reaparecer junto da margem e aproximar-se da embarcação o mesmo sulco luminoso. Ao cabo de um instante e em duas braçadas, Gaetano alcançou a embarcação.

- Então - perguntaram ao mesmo tempo Franz e os quatro marinheiros.

- São contrabandistas espanhóis. Têm apenas consigo dois bandidos corsos.

- E que fazem esses dois bandidos corsos com contrabandistas espanhóis?

- Meu Deus, Excelência - respondeu Gaetano em tom de profunda caridade cristã --, as pessoas devem ajudar-se umas às outras! Muitas vezes, os bandidos

encontram-se um bocadinho apertados em terra pelos guardas ou pelos carabineiros. Então, procuram uma embarcação e encontram nessa embarcação bons rapazes como nós a quem pedem hospitalidade na sua casa flutuante. Quem recusaria auxílio a um pobre diabo perseguido? Recebemo-lo e para maior segurança afastamo-nos para o largo. Não nos custa nada e salva a vida, ou pelo menos a liberdade a um dos nossos semelhantes que na primeira oportunidade retribui o favor que lhe prestamos indicando-nos um bom local onde possamos desembarcar as nossas mercadorias sem sermos incomodados pelos curiosos.

- Com que então, meu caro Gaetano, você mesmo também é um bocadinho contrabandista, hem ?... - observou Franz, rindo.

- Que quer Vossa Excelência, faz-se um pouco de tudo!... - confessou Gaetano com um sorriso impossível de descrever. - É preciso viver...

- E você está em boas relações com as pessoas instaladas neste momento em Monte-Cristo?

- Pouco mais ou menos. Nós, marinheiros, somos como os maçons: reconhecemo-nos por certos sinais.

- Nesse caso, parece-lhe que não teríamos nada a temer se desembarcássemos?

- Absolutamente nada. Os contrabandistas não são ladrões.

- Mas esses dois bandidos corsos... - insinuou Franz, calculando antecipadamente todas as probabilidades de perigo.

- Valha-me Deus, eles não têm culpa de ser bandidos! A culpa é das autoridades - perguntou Gaetano.

- Como assim?

- Sem dúvida! Perseguem-nos apenas por furar uma pele!... Como se não estivesse na natureza do corso vingar-se!

- Que entende você por furar uma pele? Assassinar um homem? - inquiriu Franz, continuando as suas investigações.

- Entendo matar um inimigo - respondeu o patrão --, o que é muito diferente.

- Bom, vamos lá pedir hospitalidade aos contrabandistas e aos bandidos - decidiu o jovem. - Acha que a concederão?

- Sem dúvida nenhuma.

- Quantos são?

- Quatro, Excelência, e com os dois bandidos, seis.

- Ótimo, é precisamente o nosso número! Estamos portanto, no caso de esses cavalheiros mostrarem más intenções, em força igual e por consequências em condições de os dominar. Assim e pela última vez, vamos para Monte-Cristo.

- Pois sim, Excelência. Mas ainda assim permite-nos que tomemos certas precauções?

- Claro, meu caro! Seja sábio como Nestor e prudente como Ulisses. Faço mais do que permitir-lhes, exorto-os a tomarem-nas.

- Muito bem. Então, silêncio - ordenou Gaetano.

Todos se calaram.

Para um homem que, como Franz, encarava todas as coisas sob o seu verdadeiro aspecto a situação, sem ser perigosa, não deixava de revestir-se de certa gravidade. Encontrava-se na obscuridade mais profunda, isolado, no meio do mar, com marinheiros que não o conheciam e que não tinham nenhum motivo

para lhe ser dedicados; que sabiam que trazia no cinto alguns milhares de francos e que tinham dez vezes, senão com inveja pelo menos com curiosidade, examinado as suas armas, que eram muito belas. Por outro lado ia desembarcar, escoltado apenas por esses homens, numa ilha que tinha um nome muitíssimo religioso, mas que parecia não prometer a Franz mais hospitalidade do que o Calvário a Cristo, graças aos seus
contrabandistas e aos seus bandidos. Depois, aquela história dos navios afundados, que de dia julgara exagerada, parecia-lhe mais verosímil de noite. Por isso, colocado como estava entre um duplo perigo, talvez imaginário, não perdia os seus homens de vista nem largava a espingarda da mão.

Entretanto os marinheiros tinham içado de novo as velas e a embarcação voltara à esteira que já sulcara nas suas idas e vindas. Através da escuridão, Franz, um pouco mais habituado às trevas, distinguia o gigante de granito que a embarcação costeava. Por fim, ao ultrapassar de novo a esquina de um rochedo, viu a fogueira que brilhava mais ofuscante do que nunca e à sua volta cinco ou seis pessoas sentadas.

A reverberação do fogo estendia-se pelo mar dentro numa centena de passos. Gaetano costeou a luz, mantendo no entanto a embarcação na parte não iluminada; depois, quando ficou exatamente defronte da fogueira, aproou na sua direção e entrou ousadamente no círculo luminoso, entoando uma canção de
pescadores, acompanhado em coro pelos companheiros, que entoavam apenas o estribilho. À primeira palavra da canção os homens sentados à roda da fogueira levantaram-se e aproximaram-se do embarcadouro, de olhos postos na embarcação, cuja força e cujas intenções se esforçavam visivelmente por adivinhar. Em breve pareceram ter feito exame suficiente e foram, com excepção de um que ficou de pé na margem sentar-se de novo à volta da fogueira, na qual assava um cabrito inteiro.

Quando a embarcação chegou a uma vintena de passos da terra, o homem que se encontrava na margem fez maquinalmente com o rostobina o gesto de uma sentinela que espera uma patrulha e gritou “Quem vem lá ?” em dialeto sardo.

Franz armou friamente as suas dois tiros.

Entretanto, Gaetano trocou com o homem algumas palavras de que o jovem não compreendeu nada, mas que evidentemente lhe diziam respeito.

- Vossa Excelência quer dizer o seu nome ou manter o incôgnito? - perguntou o patrão.

- O meu nome deve ser perfeitamente desconhecido. Diga-lhe portanto simplesmente que sou um francês que viaja por prazer - respondeu Franz.

Assim que Gaetano transmitiu a resposta, a sentinela deu uma ordem a um dos homens sentados à fogueira, o qual se levantou imediatamente e desapareceu entre os rochedos.

Fez-se silêncio. Todos pareciam preocupados com o que mais diretamente lhes respeitava: Franz com o seu desembarque, os marinheiros com as suas velas e os contrabandistas com o seu cabrito. No entanto, no meio de tão aparente despreocupação, todos se observavam mutuamente.

O homem que se afastara reapareceu de súbito, do lado oposto àquele por onde desaparecera, e fez um sinal com a cabeça à sentinela, que se virou e

limitou a pronunciar estas palavras:

- s'accommodi.

- O s'accommodi italiano tem diversos significados. Quer dizer ao mesmo tempo: venham, entrem, sejam bem-vindos, façam de conta que estão em sua casa, etc. É como aquela frase turca de MoliÊre que tanto espantava o burguês gentil-homem pela quantidade de coisas que continha.

Os marinheiros não esperaram que os convidassem segunda vez: em quatro remadas, a embarcação chegou a terra. Gaetano saltou para a praia e trocou mais algumas palavras em voz baixa com a sentinela. Os seus companheiros desembarcaram um após outro. Por fim, desembarcou Franz.

Trazia uma das espingardas em bandoleira; Gaetano empunhava a outra e um dos marinheiros o rostobina. A sua indumentária refletia ao mesmo tempo algo de artista e de peralvilho o que inspirou aos anfitriões algumas desconfianças, e consequentemente alguma inquietação.

Amarraram a embarcação à margem e deram alguns passos a fim de procurarem uma instalação cômoda. Mas sem dúvida o ponto para onde se dirigiam não era da conveniência do contrabandista que
fazia de sentinela, pois gritou a Gaetano:

- Pare aí não, por favor!

Gaetano balbuciou uma desculpa e, sem insistir mais, dirigiu-se para o lado oposto, enquanto dois marinheiros iam acender archotes na fogueira a fim de iluminarem o caminho.

Ao fim de cerca de trinta passos detiveram-se numa esplanadazinha toda rodeada de rochedos nos quais tinham sido escavados uma espécie de cadeirões mais ou menos idênticos a pequenas guaritas onde se montaria guarda sentado. Em redor vegetavam em veios de terra vegetal alguns carvalhos-anões e
tufos espessos de murta. Franz abaixou um archote e verificou por um monte de cinzas que não era o primeiro a notar o conforto daquele local, que devia ser uma das estações habituais dos visitantes nômadas da ilha de Monte-Cristo.

Quanto à sua expectativa de acontecimentos, cessara. Logo que pusera pé em terra firme e verificara as disposições, senão amistosas, pelo menos indiferentes dos seus anfitriões, toda a sua preocupação desaparecera, e perante o odor do cabrito que assava no acampamento vizinho a preocupação transformara-se em apetite.

Tocou no assunto a Gaetano, que lhe respondeu não haver nada mais simples de obter do que uma ceia quando se tinha, como eles na sua embarcação, pão, vinho e seis perdizes, e era fácil conseguir um bom fogo para as assar.

- De resto - acrescentou --, se Vossa Excelência acha tão tentador o cheiro do cabrito, posso ir oferecer aos nossos vizinhos duas das nossas aves em troca de um naco do seu quadrúpede.

- Faça isso, Gaetano, faça isso -- aceitou Franz. Você nasceu realmente com o dom da negociação.

Entretanto os marinheiros tinham arrancado braçados de urze e feito molhos de murta e azinheira, aos quais tinham pegado fogo, de modo a conseguirem uma fogueira bastante respeitável.

Franz esperava com impaciência, sem deixar de aspirar o odor do cabrito,

que o patrão regressasse, quando este reapareceu e se lhe dirigiu com ar muito preocupado.

- Então, que há de novo? Recusam a nossa oferta? - perguntou Franz.

- Pelo contrário - respondeu Gaetano. - O chefe, a quem disseram que Vossa Excelência era um jovem francês, convida-o para cear com ele.

- Ótimo! - exclamou Franz. - Esse chefe é um homem deveras civilizado e não vejo motivo para recusar o seu convite, tanto mais que contribuo com a minha parte para a ceia.

- Oh, não se trata disso! Não falta com que cear à farta, mas é que ele põe, para que Vossa Excelência se apresente em sua casa, uma singular condição.

- Em sua casa? - repetiu o jovem. - Quer dizer que mandou construir aqui uma casa?

- Não. Mas nem por isso deixa de possuir algo semelhante muito confortável, pelo menos segundo afirmam.

- Você conhece esse chefe?

- Ouvi falar dele.

- Bem ou mal?

- Das duas maneiras.

- Demônio! E qual é essa condição?

- Deixar que vendem os seus olhos e não tirar a venda senão quando ele próprio o convidar a fazê-lo.

Franz sondou tanto quanto possível o olhar de Gaetano para saber o que ocultava tal proposta.

- Claro! - exclamou o patrão, adivinhando o pensamento de Franz. - Sei isso perfeitamente: a coisa merece reflexão.

- Que faria você no meu lugar? - perguntou o rapaz.

- Eu, como não tenho nada a perder, iria.

- Aceitaria?

- Aceitava, nem que fosse só por curiosidade.

- Há portanto algo curioso a ver em casa do chefe?

- Escute - disse Gaetano, baixando a voz --, não sei se o que dizem é verdade...

Deteve-se para ver se algum estranho o escutava.

- E que dizem?

- Dizem que o chefe habita num subterrâneo ao pé do qual o Palácio Pitti não vale nada.

- Que sonho! - exclamou Franz, voltando a sentar-se.

- Oh, não se trata de um sonho! - continuou o patrão. - Trata-se de uma realidade! Cama, o piloto do Saint-Ferdinand, entrou lá um dia e saiu maravilhado, dizendo que só nos contos de fadas existem semelhantes tesouros.

- Deveras? - ironizou Franz. - Sabe que com essas palavras até me faria descer à caverna de Ali-Babá?

- Estou dizendo o que me disseram, Excelência.

- Então aconselha-me a aceitar?

- Oh, não digo isso! Vossa Excelência fará o que muito bem entender. Não desejaria dar-lhe um conselho nesta ocasião.

Franz refletiu uns instantes, concluiu que aquele homem tão rico não

poderia querer roubá-lo; visto trazer consigo apenas alguns milhares de francos, e como não entrevisse no meio de tudo aquilo senão uma excelente ceia, aceitou. Caetano foi levar-lhe a resposta.

Todavia, como dissemos, Franz era prudente. Por isso, procurou obter o maior número possível de pormenores acerca do seu estranho e misterioso anfitrião. Virou-se pois para o marinheiro que durante o diálogo depenara as perdizes com a gravidade de um homem orgulhoso das suas funções e perguntou-lhe como teriam chegado ali aqueles homens, visto não se ver nem barcas, nem spéronares, nem tartanas:

- A mim isso não me causa nenhuma estranheza - respondeu o marinheiro --, tanto mais que conheço o navio em que navegam.

- É bom, esse navio?

- Tomara Vossa Excelência um assim para dar a volta ao mundo.

- Quantas toneladas desloca?

- Mais de cem. Trata-se, de resto, de um navio extravagante, de um iate, como dizem os Ingleses, mas construído de forma a fazer-se ao mar com qualquer tempo.

- Onde foi construído?

- Ignoro-o, mas julgo-o genovês.

- E como é que um chefe de contrabandistas - continuou Franz - ousa mandar construir no porto de Gênova um iate destinado ao seu comércio?

- Não disse que o proprietário do iate fosse um contrabandista.

- Pois não, mas disse-o Gaetano, parece-me.

- Gaetano vira a tripulação de longe e ainda não falara com ninguém.

- Mas se esse homem não é um contrabandista, que é então?

- Um rico senhor que viaja por prazer.

- "Bom", pensou Franz, "as duas versões são tão diferentes que a personagem ainda se torna mais misteriosa."

- E como se chama?

- Quando lhe perguntam, responde que se chama Simbad, o Marinheiro. Mas duvido que seja esse o seu verdadeiro nome.

- Simbad, o Marinheiro?

- Sim.

- E onde habita esse senhor?

- No mar.

- De que país é?

- Não sei.

- Já o viu?

- Algumas vezes.

- Que homem é?

- Vossa Excelência julgará por si mesmo.

- E onde vai receber-me?

- Sem dúvida no palácio subterrâneo de que vos falou Gaetano.

- E vocês nunca tiveram a curiosidade, quando vieram descansar aqui e encontraram a ilha deserta, de procurar penetrar nesse palácio encantado?

- Oh, decerto, Excelência, e por mais de uma vez! - confessou o marinheiro. - Mas as nossas buscas foram sempre inúteis. Examinamos a gruta por todos os

lados e não encontramos a mais pequena passagem. De resto, dizem que a porta não se abre com uma chave, mas sim com uma palavra mágica.

- Decididamente - murmurou Franz - estou metido num conto das Mil e Uma Noites.

- Sua Excelência espera-vos - disse atrás dele uma voz que reconheceu ser a da sentinela.

O recém-chegado vinha acompanhado de dois homens da tripulação do iate. Como única resposta, Franz tirou um lenço da algibeira e apresentou-o ao que lhe dirigia a palavra.

Sem dizerem nada, vendaram-lhe os olhos com um cuidado denunciador do receio de que cometesse qualquer indiscrição. Depois, pediram-lhe que jurasse que não tentaria de qualquer modo tirar a venda.

Jurou.

Então, os dois homens pegaram-lhe cada um por um braço e ele caminhou, guiado por ambos e precedido pela sentinela.

Após uma trintena de passos adivinhou, pelo cheiro cada vez mais apetitoso do cabrito, que voltava a passar diante do acampamento. Em seguida, fizeram-no continuar o seu caminho durante mais cerca de cinquenta passos, dirigindo-se, evidentemente, para o lado onde não tinha deixado penetrar Gaetano - proibição que se explicava agora. Em breve, pela mudança da atmosfera, compreendeu que entrava num subterrâneo. Ao cabo de alguns segundos de marcha ouviu um estalido e pareceu-lhe que a atmosfera mudava mais uma vez de natureza e se tornava tépida e perfumada. Por fim, sentiu os pés pisarem um tapete espesso e fofo. Os guias deixaram-no. Reinou um momento de silêncio e uma voz disse em bom francês, embora com sotaque estrangeiro:

- Seja bem-vindo a minha casa, senhor. Pode tirar o lenço.

Como facilmente se calcula, Franz não esperou que lhe repetissem o convite. Tirou o lenço e encontrou-se na presença de um homem de trinta e oito a quarenta anos, vestido à tunisina, isto é, de barrete vermelho, com uma grande borla de seda azul, jaqueta de tecido preto toda bordada a ouro, calças cor de sangue de boi largas e tufadas, polainas da mesma cor, bordadas a ouro como a jaqueta, e babuchas amarelas. Apertava-lhe a cintura uma magnífica faixa de caxemira, adornada com um punhalzinho agudo e curvo.

A despeito da sua palidez quase lívida, aquele homem possuía um rosto notavelmente belo: olhos vivos e penetrantes, nariz direito e quase nivelado com a testa, o que indicava o tipo grego em toda a sua pureza, e dentes brancos como pérolas, que se salientavam admiravelmente sob o bigode preto que os enquadrava.

Só a palidez era estranha. Diria-se um homem que estivera fechado durante muito tempo num túmulo e que não conseguira recuperar a carnação dos vivos.

Sem ser alto, era elegante, e como os homens do Sul tinha as mãos e os pés pequenos.

Mas o que surpreendeu Franz, que classificara de sonho a descrição de Gaetano, foi a sumtuosidade do mobiliário.

Toda a sala estava forrada de tecidos turcos de cor carmesim e recamados de flores douradas. Num recanto via-se uma espécie de divã encimado por uma

panóplia de armas árabes de bainhas de prata dourada e punhos resplandecentes de pedrarias. Do teto pendia um candeeiro de cristal de Veneza, de formato e cor encantadores, e os pés repousavam num tapete turco em que se enterravam até aos tornozelos. Pendiam reposteiros diante da porta por onde Franz entrara, bem como diante doutra que
dava passagem para segunda sala que parecia esplendidamente iluminada.

O anfitrião deixou por instantes Franz entregue à sua surpresa, ao mesmo tempo que, retribuindo-lhe exame com exame, não lhe tirava os olhos de cima.

- Senhor - disse-lhe por fim --, mil vezes perdão pelas precauções que lhe exigiram para o introduzir junto de mim. Mas como durante a maior parte do tempo esta ilha está deserta, se o segredo desta residência fosse conhecido encontraria sem dúvida, ao regressar, a minha instalação em bastante mau estado, o que seria mito desagradável, não pelo prejuízo que me causaria, mas sim porque não teria a certeza de poder, quando me apetecesse, isolar-me do resto do mundo. Agora, vou procurar fazer-lhe esquecer essa pequena contrariedade oferecendo-lhe o que de certo não esperaria encontrar aqui: uma ceia menos má e camas bastante boas.

- Garanto-lhe, meu caro anfitrião - respondeu Franz --, que escusa de se desculpar por isso. Sempre vi vendar os olhos às pessoas que penetravam nos palácios encantados. Veja, por exemplo, Raul, nos Huguenotes. Realmente, não tenho de que me queixar, porque o que me mostra compete com as maravilhas
das Mil e Uma Noites.

- Não exagere! Lhe direi como Lúculo: se soubesse que ia ter a honra da sua visita, teria me preparado para ela. Mas enfim, tal como é o meu eremitério, coloco-o à sua disposição, e tal como é a, minha ceia, assim lha ofereço. Ali, estamos servidos?

Quase no mesmo instante o reposteiro levantou-se e um negro núbio, preto como o ébano e envergando uma simples túnica branca, fez sinal ao amo de que podia entrar na sala de jantar.

- Agora - disse o desconhecido a Franz --, não sei se é da minha opnião, mas parece-me que não há nada mais constrangedor do que ficarmos duas ou três horas em amena conversa sem um e outro sabermos por que nome ou por que título nos tratamos. Note que respeito demasiado as leis da hospitalidade para lhe perguntar o seu nome ou o seu título. Peço-lhe apenas que me indique um nome qualquer com a ajuda do qual lhe possa dirigir a palavra. Quanto a mim, para o pôr à vontade, informo-o de que costumam tratar-me por
Simbad, o Marinheiro.

- E eu - perguntou Franz - lhe direi que, como para estar na situação de Aladim só me falta a famosa lâmpada maravilhosa, não vejo nenhum inconveniente em que, de momento, me trate por Aladim. Isso não nos tirarpa do Oriente, onde sou tentado a crer que fui transportado pelo poder de algum gênio.

- Muito bem, Sr. Aladim! - concordou o estranho anfitrião. - Ouvi dizer que estavamos servidos, não é verdade? Queira pois acompanhar-me À sala de jantar. O seu humilíssimo servidor passa-lhe adiante para lhe indicar o caminho.

E, ditas estas palavras, Simbad levantou o reposteiro e passou efetivamente à frente de Franz.

Este ia de encantamento em encantamento. A mesa estava

esplendidamente servida. Uma vez esclarecido acerca deste importante ponto, olhou à sua volta. A sala de jantar não era menos esplêndida do que a que acabara de deixar. Era toda de mámore, adornavam-na baixos-relevos antigos valiosíssimos e
nas duas extremidades da sala, que era oblonga, viam-se duas estátuas magníficas com cestos à cabeça. Os cestos continham duas pirâmides de frutos excelentes: abacaxis da Sicília, romãs de Málaga, laranjas das ilhas Baleares, pêssegos de França e tâmaras da Tunísia.

Quanto à ceia, compunha-se de um faisão assado rodeado de melros da Côrsega, de perna de javali com geléia, de um quarto de cabrito à tártaro, de um rodovalho magnífico e de uma gigantesca lagosta. Os intervalos dos pratos principais eram preenchidos com pratinhos de acepipes.

As travessas eram de prata e os pratos de porcelana do Japão. Franz esfregou os olhos para ter a certeza de que não sonhava.

Aliás só era admitido para cuidar do serviço, do qual se desempenhava muitíssimo bem o hóspede cumprimentou por isso o seu anfitrião.

- Sim - concordou este, sem deixar de fazer as honras da ceia com o maior à-vontade. - Sim, é um pobre diabo que me é muito dedicado e que procura servir-me o melhor que pode. Lembra-se de que lhe salvei a vida, e como parece que tinha a cabeça em grande conta guarda-me algum reconhecimento por lha ter conservado.

Ali aproximou-se do amo, pegou-lhe na mão e beijou-a.

- Seria demasiado indiscreto, Sr. Simbad - disse Franz --, se lhe perguntasse em que circunstâncias praticou essa bela ação?

- Oh, meu Deus, foi muito simples! - respondeu o anfitrião. - Parece que o brejeiro andara rondando as imediações do serralho do bei de Tunes, o que não era conveniente da parte de um figurão da sua cor. De modo que fora condenado pelo bei a cortarem-lhe a língua, a mão e a cabeça. A língua no primeiro dia, a mão no segundo e a cabeça no terceiro. Sempre desejara ter um mudo ao seu serviço. Por isso, esperei que lhe
cortassem a língua e fui propor ao bei que me desse em troca de uma magnífica espingarda de dois tiros que na véspera me parecera despertar os desejos de, sua alteza. Hesitou um instante, de tal modo estava empenhado em acabar com o pobre diabo, mas juntei à espingarda uma faca de caça inglesa com a qual eu levara a melhor ao iatagã de sua alteza. Então, o bei decidiu-se a perdoar-lhe o corte da mão e da cabeça, mas com a condição de nunca mais pôr os pés em Tunes. A recomendação era inútil. Logo que o infiel avista, o mais longe que seja, as costas de África, corre para o fundo do porão e ninguém consegue fazê-lo sair de lá enquanto não está fora de vista a terceira parte do mundo.

Franz ficou um momento mudo e pensativo, sem saber que pensar da bonomia cruel com que o anfitrião acabava de lhe contar o caso.

- E como o respeitável marinheiro cujo nome adotou passa a vida a viajar? - perguntou para mudar de assunto.

- Passo. Foi um juramento que fiz num tempo em que não pensava muito poder cumpri-lo - respondeu o desconhecido, sorrindo. - Fiz outros como este e espero que se cumpram todos a seu tempo.

Embora Simbad tivesse pronunciado estas palavras com o maior sangue-

frio, os seus olhos adquiriram uma expressão de ferocidade estranha.

- Creio que sofreu muito, senhor - disse-lhe Franz.

Simbad estremeceu e olhou-o fixamente.

- Porque diz isso? - perguntou.

- Por tudo - respondeu Franz. - Pela sua voz, pelo seu olhar, pela sua palidez, e até pela vida que leva.

- Eu?! Levo a vida mais feliz que conheço, uma autêntica vida de pax . Sou o rei da criação: se me sinto bem num lugar, fico; se me aborreço parto. Sou livre como os passarinhos, tenho asas como eles, e as pessoas que me rodeiam obedecem-me cegamente. De vez em quando divirto-me a escarnecer a justiça humana roubando-lhe um bandido que procura, um criminoso que persegue. Depois, tenho a minha própria justiça, baixa e alta, sem delongas e sem apelo, que condena ou absolve e com a qual ninguém tem nada a ver! Oh, se tivesse saboreado a minha vida não quereria outra e nunca mais regressaria ao mundo, a menos
que tivesse algum grande projeto a cumprir!

- Uma vingança, por exemplo... - insinuou Franz.

O desconhecido pousou no jovem um desses olhares que mergulham profundamente no coração e no cérebro.

- E porquê uma vingança? - perguntou.

- Porque - respondeu Franz - o senhor tem todo o ar de um homem que, perseguido pela sociedade, tem uma conta terrível a ajustar com ela.

- Pois engana-se! - volveu-lhe Simbad, rindo com o seu riso estranho, que lhe descobria os dentes brancos e agudos. - Aqui onde me vê sou uma espécie de filantropo e talvez um dia vá a Paris fazer concorrência ao Sr. Appert e ao homem da capa azul.

- E será a primeira vez que fará essa viagem?

- Oh, meu Deus, claro que sim! Tenho o ar de ser muito pouco curioso, não tenho? Pois garanto-lhe não ser responsável por tão grande demora. Mas irei lá, mais dia menos dia!

- Peço-lhe que seja mais preciso, conta fazer brevemente essa viagem?

- Ainda não sei. Depende de circunstâncias submetidas a combinações incertas.

- Gostaria de estar lá nesse momento para procurar retribuir-lhe, na medida das minhas possibilidades, a hospitalidade que me dispensou tão generosamente em Monte-Cristo.

- Aceitaria a sua oferta com muito prazer, mas infelizmente, se for, será talvez incógnito.

Entretanto, a ceia continuava e parecia ter sido servida exclusivamente em intenção de Franz, pois o desconhecido mal tocara num ou dois pratos de esplêndido festim que lhe oferecera e ao qual o seu conviva inesperado fazia as mais amplas honras.

Por fim, Ali trouxe a sobremesa, ou antes, tirou os cestos das mãos das estátuas e po-las em cima da mesa.

Entre os dois cestos colocou uma tacinha de prata dourada, com tampa do mesmo metal.

O respeito com que Ali trouxe a taça despertou a curiosidade de Franz.

Levantou a tampa e viu uma espécie de pasta esverdeava que lembrava compota de angélica, mas que lhe era completamente desconhecida.

Recolocou a tampa, tão ignorante do que a taça continha depois de tapá-la como antes de a destapar, e olhou para o seu anfitrião, que sorria da sua decepção.

- Não consegue adivinhar - disse-lhe ele - que espécie de comestível contém essa tacinha e isso intriga-o, não é verdade?

- Confesso que sim.

- Pois bem, essa espécie de compota verde, é nem mais nem menos, a ambrósia que Hebe servia à mesa de Júpiter.

- Mas essa ambrósia - observou Franz - perdeu sem dúvida, ao passar para a mão dos homens, o seu nome celeste para tomar um nome humano. Em linguagem vulgar, como se chama este ingrediente, pelo qual, Aliás, não sinto grande simpatia?

- Ora aí está justamente uma coisa que revela a nossa origem material! - exclamou Simbad. - Muitas vezes passamos assim ao lado da felicidade sem a ver, sem a olhar, ou, se a vemos e olhamos, sem a reconhecer. Se é um homem positivo e o ouro é o seu deus, saboreie isto e se abrirão as minas do Peru, de Guzarate e de Golconda. Se é um homem de imaginação, se é poeta, saboreie também isto e as barreiras do possível desaparecerão. Os campos do infinito se abrirão e passeará de coração e espírito libertos no domínio sem limites da fantasia. Se é ambicioso e corre atrás das grandezas do mundo, saboreie mais uma vez isto e dentro de uma hora será rei, não rei de um reinozinho escondido num recanto da Europa, como a França, a Espanha ou a Inglaterra, mas sim rei do mundo, rei do universo, rei da criação. O seu trono se erguerá na montanha onde Satanás desafia Jesus. E sem necessitar de lhe prestar homenagem, sem ser obrigado a beijar-lhe as patas, ser o senhor supremo de todos os reinos da Terra. Não é tentador o que lhe ofereço, e não é uma coisa facílima, uma vez que basta fazer isto? Ora veja.

Ditas estas palavras, destapou por seu turno a tacinha de prata dourada que continha a substância tão elogiada, tirou uma colher de café da compota mágica, levou-a à boca e saboreou-a lentamente, com os olhos semicerrados e a cabeça inclinada para trás.

Franz deixou-o tomar à vontade o seu manjar favorito. Depois, quando o viu um bocadinho menos absorto, perguntou-lhe:

- Mas afinal que é esse manjar tão precioso?

- Já ouviu falar do Velho da Montanha, aquele que quis mandar assassinar Filipe Augusto? - perguntou-lhe o anfitrião.

- Sem dúvida.

- Como sabe, reinava sobre um rico vale dominado pela montanha de onde lhe veio o seu pitoresco nome. No vale havia jardins magníficos plantados por Hassen-ben-Sabah, e nesses jardins pavilhões isolados. Era nesses pavilhões que fazia entrar os seus eleitos e lhes dava de comer, segundo Marco Polo, certa erva que os transportava ao Paraíso, no meio de plantas sempre floridas, de frutos sempre maduros, de mulheres sempre virgens. Ora, o que esses jovens ditosos tomavam por realidade era um sonho; mas um sonho tão agradável, tão inebriante, tão voluptuoso, que se vendiam de corpo e alma àquele que lhes

proporcionara e, obedecendo às suas ordens como às de Deus, iam ferir no cabo do mundo a vítima indicada, após o que morriam no meio de torturas sem se queixarem, convencidos de que a morte a que se submetiam não passava de um meio de transição para a vida de delícias de que a erva sagrada que tem na sua presença lhos dera um antegosto.

- Então, trata-se de haxixe! - exclamou Franz. - Sim, conheço isso, pelo menos de nome.

- Disse justamente a palavra, Sr. Aladino. É de fato haxixe, tudo o que se fabrica de melhor e mais puro em haxixe em Alexandria, haxixe de Abugor, o grande fabricante, o homem único, o homem a quem se deve ia erguer um palácio com esta inscrição: Ao vendedor da felicidade, o mundo reconhecido.

- Sabe que estou tentado a avaliar por mim mesmo a veracidade ou o exagero dos seus elogios? - disse Franz.

- Avalie por si mesmo, meu hóspede, avalie. Mas não se limite à primeira experiência. Como em todas as coisas, é necessário habituar os sentidos a uma impressão nova, suave ou violenta, triste ou alegre. Há uma luta da natureza contra essa substância divina, da natureza que não nasceu para a alegria e se agarra à dor. É preciso que a natureza vencida sucumba no combate e que a realidade suceda ao sonho. E então o sonho reinará como senhor, o sonho se transformará em vida e a vida em sonho. Mas que diferença nessa transfiguração! isto é, comparando as dores da existência real com os gozos da existência fictícia, o senhor nunca mais quererá viver e quererá sonhar sempre. Quando trocar o seu mundo pelo mundo dos outros, lhe parecerá passar de uma primavera napolitana para um inverno lapão, lhe parecerá trocar o Paraíso pela
Terra, o Céu pelo Inferno. Prove o haxixe, meu hóspede! Prove-o!

Como única resposta, Franz tirou uma colher daquela pasta maravilhosa, idêntica à que tirara o seu anfitrião, e levou-a à boca.

- Demônio! - exclamou depois de engolir a compota divina. - Ainda não sei se o resultado será tão agradável como o senhor diz, mas isto não me parece tão saboroso como afirma.

- Porque as suas papilas gustativas ainda não estão habituadas à sublimidade da substância que saboreiam. Diga-me, gostou logo à primeira vez de ostras, de chá, de cerveja, de trutas, de todas as coisas que mais tarde adorou? Compreende que os Romanos temperassem os faisões com assa-foetica e que os Chineses comam ninhos de andorinha? Não, meu Deus, não, pois bem, acontece o mesmo com o haxixe: coma-o apenas, durante oito dias seguidos e nenhum alimento do mundo lhe parecerá atingir a delicadeza desse gosto que hoje talvez lhe pareça insípido e nauseabundo. Mas passemos à sala ao lado, isto é, ao seu quarto, onde Ali nos servirá o café e dará cachimbos.

Ambos se levantaram e, enquanto aquele que dera a si próprio o nome de Simbad e que também assim temos designado de vez em quando para, como o seu conviva, o designarmos de alguma maneira, dava algumas ordens ao criado, Franz entrou na sala contígua.

Esta estava decorada com mais simplicidade, embora com não menos riqueza. Era redonda e contornava-a por completo um grande divã. Mas divã, paredes, teto e chão estavam todos forrados de peles magníficas, macias e fofas como o mais fofo o tapete. Eram peles de leões do Atlas, de juba abundante;

peles de tigres de Bengala, de listras vivas; peles de pantera do Cabo, caprichosamente mosqueadas, como a daquela que apareceu a Dante, e finalmente peles de ursos da Sibéria, de raposas da Noruega, etc., e todas essas peles se encontravam lançadas em profusão umas sobre as outras, de forma que se julgaria caminhar sobre a relva mais espessa e dormir na cama mais macia.

Ambos se deitaram no divã. Chibuques de tubos de jasmim e pipos de âmbar estavam ao alcance da mão, todos preparados de forma a não ser necessário fumar duas vezes pelo mesmo. Pegou cada um no seu, Ali acendeu-os e saiu para ir buscar o café.

Houve um momento de silêncio durante o qual Simhad se entregou aos pensamentos que pareciam dominá-lo constantemente, mesmo no meio de um diálogo e Franz abandonou-se a esse devaneio mudo em que caímos quase sempre ao fumar excelente tabaco, o qual parece levar com o fumo todas as penas do espírito e proporcionar em troca ao fumador todos os sonhos da alma.

Ali trouxe o café.

- Como o toma? - perguntou o desconhecido. - à francesa ou à turca, forte ou fraco, doce ou amargo, coado ou fervido? É à sua escolha; está preparado de todas as formas.

- Vou tomá-lo à turca - respondeu Franz.

- E tem razão! - exclamou Simbad. - Isso prova que tem disposição para a vida oriental. Ah, os Orientais são os únicos homens que sabem viver! Quanto a mim - acrescentou com um dos seus sorrisos singulares que não escapavam ao jovem --, assim que concluir os meus negócios em Paris irei morrer no
Oriente. Então, se me quiser encontrar terá de me ir procurar no Cairo, a Bagda ou a Ispahan.

- Garanto-lhe que será a coisa mais fácil do mundo - perguntou Franz --, pois creio que me estão a nascer asas de águia, e com tais asas darei a volta ao mundo em vinte e quatro horas.

- Ah, ah, efeitos do haxixe! ... Pois bem, abra as suas asas e voe para as regiões sobre-humanas. Nada receie, pois há quem vele por si. E se, como as de Icaro, as suas asas se derreterem ao sol, e estaremos para o recebe-lo.

Então, disse algumas palavras em árabe a Ali, que fez um gesto de obediência e se retirou, mas sem se afastar.

Quanto a Franz, operava-se nele uma estranha transformação. Toda a fadiga física do dia, toda a preocupação de espírito ocasionada pelos acontecimentos da noite, desapareciam como no primeiro momento de repouso em que estamos ainda suficientemente conscientes para sentir aproximar-se o sono. O
seu corpo parecia adquirir uma leveza imaterial, o seu espírito esclarecia-se de maneira inaudita e as faculdades dos seus sentidos pareciam duplicar. o horizonte ia-se alargando sempre, mas não esse horizonte sombrio sobre o qual pairava um vago terror e que vira antes de adormecer, mas sim um horizonte azul, transparente, vasto, com tudo o que o mar tem de azul com tudo o que o Sol tem de palhetas, com tudo o
que a brisa tem de perfumes. Depois, no meio dos cantos dos seus marinheiros - cantos tão límpidos e tão cristalinos que com eles se comporia uma harmonia divina se fosse possível anotá-los --, via aparecer a ilha de Monte-Cristo, não

como um escolho ameaçador sobre as vagas, mas sim como um oásis perdido no deserto. Em seguida, à medida que a embarcação se aproximava, os cantos tornavam-se mais numerosos, porque uma harmonia encantadora e misteriosa subia da ilha para Deus, como se alguma fada, como se Lorelei ou um encantador como Anfíon, quisesse atrair para ali uma alma ou ali erguer uma cidade.

Finalmente, a embarcação chegou à margem, mas sem esforço, sem qualquer abalo, como os lábios tocam nos lábios, e ele voltou a entrar na gruta sem que aquela música encantadora cessasse. Desceu, ou antes, teve a sensação de descer alguns degraus, respirando um ar fresco e perfumado como o que devia envolver a gruta de Circe, composto por perfumes que faziam divagar o espírito e por ardores que queimavam os sentidos, e reviu tudo o que vira antes de adormecer, desde Simbad, o anfitrião fantástico, até Ali, o servo mudo. Em seguida, tudo pareceu desvanecer-se e confundir-se diante dos olhos, como as derradeiras sombras de uma lanterna mágica que se apaga, e encontrou-se novamente na sala das estátuas, apenas iluminada por uma dessas lâmpadas antigas e p lidas que velam no meio da noite o sono ou a volúpia.

Eram sem dúvida as mesmas estátuas ricas de forma, de luxúria e de poesia, de olhos magnéticos, sorrisos lascivos e cabeleiras opulentas. Eram Frine, Cleôpatra e Messalina, essas três grandes cortesãs. Depois, no meio daquelas sombras impudicas deslizava, como um raio puro, como um anjo cristão no meio do Olimpo, uma dessas figuras castas, uma dessas sombras calmas, uma dessas visões suaves que parecia velar a fronte virginal diante de todas aquelas obscenidades de mármore.

Pareceu-lhe então que as três estátuas tinham concentrado os seus três amores num só homem, e que esse homem era ele, que se aproximavam da cama onde dormia segundo sono, com os pés ocultos nas longas túnicas brancas, o colo nu, os cabelos desdobrando-se em ondas, numa dessas poses a que sucumbiam os deuses, mas a que resistiam os santos, com um desses olhares inflexíveis e ardentes como o que a serpente crava na avezinha, e que ele se abandonava a esses olhares pungentes como um abraço e voluptuosos como um beijo.

Franz teve a sensação de fechar os olhos e de, através do último olhar que lançava à sua volta, entrever a estátua pudica, que se velava inteiramente. Depois de os olhos se lhe fecharem para as coisas reais, os seus sentidos abriram-se para as impressões impossíveis.

Seguiu-se uma volúpia sem tréguas, um amor sem repouso, como o que o profeta prometia aos seus eleitos. Então, todas aquelas bocas de pedra adquiriram vida, todos aqueles peitos se tornaram quentes a ponto de para Franz, que suportava pela primeira vez os efeitos do haxixe, aquele amor ser quase uma dor e aquela volúpia quase uma tortura quando sentia roçarem-lhe a boca inquieta os lábios daquelas estátuas flexíveis e frias como os anéis de uma cobra. Mas quanto mais os seus braços tentavam repelir aquele amor desconhecido, tanto mais os seus sentidos se vergavam ao encanto do sonho misterioso, de modo que, depois de uma luta em que pôs toda a sua alma, se abandonou sem reservas e acabou por sucumbir anelante, exausto de fadiga e volúpia, aos beijos daquelas amantes de mármore e ao feitiço daquele sonho inaudito.

Capítulo XXXII

Despertar

Quando Franz voltou a si os objetos exteriores pareciam a segunda parte do seu sonho. Julgou-se num sepulcro onde apenas penetrava, como um olhar de compaixão, um raio de sol. Estendeu a mão e sentiu pedra. Sentou-se e verificou que estivera deitado na sua capa, num leito de urzes secas, muito macio e odorífero.

Desaparecera por completo qualquer visão e, como se as estátuas não tivessem passado de sombras saídas dos seus túmulos enquanto ele sonhava, tinham fugido ao vê-lo despertar.

Deu alguns passos na direção de onde vinha a luz. A toda a agitação do sonho sucedia a calma da realidade. Viu-se numa gruta, dirigiu-se para o lado da abertura e através da porta abobadada distinguiu um céu azul e um mar igualmente azul. O ar e a água resplandeciam batidos pelos raios do sol da manhã.

Os marinheiros estavam sentados à beira-mar, conversando e rindo, e a dez passos, mar adentro, a barca balouçava-se graciosamente presa à âncora.

Durante algum tempo saboreou a brisa fresca que lhe batia na testa, escutou o barulho abafado das vagas que se desfaziam na margem e deixavam nas rochas uma renda de espuma branca como prata e entregou-se sem refletir, sem pensar, ao encanto divino que existe nas coisas da natureza e que descobrimos

sobretudo quando saímos de um sonho fantástico. Depois, pouco a pouco, a vida exterior, tão calma, tão pura, tão grande, recordou-lhe a inverosimilhança do seu sono e as recordações começaram a voltar-lhe à memória.

Lembrou-se da sua chegada à ilha, da sua apresentação a um chefe de contrabandistas, de um palácio subterrâneo cheio de esplendores, de uma ceia excelente e de uma colher de haxixe.

Simplesmente, perante a realidade da luz do dia, parecia-lhe haver pelo menos um ano que todas essas coisas tinham acontecido, de tal forma o sonho que sonhara estava vivo no seu pensamento e era importante para o seu espírito. Por isso, de vez em quando a sua imaginação fazia sentar no meio dos

marinheiros ou atravessar um rochedo, ou balançar-se na barca, uma das sombras que lhe tinham estrelado a noite com os seus beijos. Fora isso, tinha a cabeça perfeitamente desanuviada e o corpo perfeitamente repousado. Nenhum peso no cérebro, mas pelo contrário um certo bem-estar geral, uma faculdade de absorver o ar e o sol maior do que nunca.

Aproximou-se alegremente dos marinheiros.

Assim que o viram, levantaram-se e o patrão aproximou-se dele.

- O Sr. Simbad - disse-lhe - encarregou-nos de apresentarmos os seus cumprimentos a Vossa Excelência e de lhe exprimirmos o seu pesar por não lhe poder apresentar as suas despedidas. Mas

espera que o desculpe quando souber que um assunto urgentíssimo o chamou a

Málaga.

- Ora ainda bem, meu caro Gaetano - disse Franz --, que tudo isto é realmente verdade. Existe de fato um homem que me recebeu nesta ilha, me concedeu uma hospitalidade régia e partiu enquanto eu dormia?

- Tanto existe que ainda se vê o seu iatezinho afastar-se, com todas as velas içadas, e se Vossa Excelência pegar no seu óculo de longo alcance reconhecerá, muito provavelmente, o seu anfitrião no meio dos seus tripulantes.

Ao dizer estas palavras, Gaetano estendia o braço na direção de um naviozinho que navegava na direcção da ponta meridional da Côrsega.

Franz pegou o óculo, regulou-o e apontou-o para o local indicado.

Gaetano não se enganara. à ré do navio, o misterioso estrangeiro recortava-se de pé, virado para o lado de Franz, e tendo como este um óculo na mão. Envergava ainda a indumentária com que aparecera na véspera ao seu conviva e agitava o lenço em sinal de despedida.

Franz retribuiu-lhe a saudação tirando por sua vez o lenço da algibeira e agitando-o como ele agitava o seu.

Passado um segundo, formou-se à popa do navio uma leve nuvem de fumo, que se afastou graciosamente da ré e subiu lentamente para o céu. Em seguida chegou aos ouvidos de Franz uma fraca
detonação.

- Veja, ouça! - exclamou Gaetano. - está dizendo-lhe adeus!

O jovem pegou no rostobina e descarregou-a no ar, mas sem esperança de que os estampidos conseguissem transpor a distancia que separava o iate da costa.

- Que ordena Vossa Excelência? - perguntou Gaetano.

- Primeiro, que me acenda um archote.

- Ah, sim, compreendo! - exclamou o patrão. - Quer procurar a entrada do palácio encantado. À vontade, Excelência. Se isso o diverte, vou dar-lhe o archote que pretende. Eu também já fui dominado por essa idéia e tentei três ou quatro vezes, mas acabei por desistir. Giovanni - acrescentou --, acende um
archote e traga-o a Sua Excelência.

Giovanni obedeceu. Franz pegou o archote e entrou no subterrando, seguido de Gaetano.

Reconheceu o lugar onde acordara, no seu leito de urzes ainda todo pisado; mas em Vão passeou o archote por toda a superfície exterior da gruta: não viu nada, exceto vestígios de fumo de outros que antes dele já tinham tentado inutilmente a mesma investigação.

Contudo, não deixou um pé daquela muralha granítica, impenetrável como o futuro, por examinar. Não viu uma fenda onde não introduzisse a lâmina da sua faca de caça; não notou um ponto saliente em que não carregasse, na esperança de que cedesse, mas tudo foi inútil e perdeu sem nenhum resultado duas horas de buscas.

Ao fim desse tempo desistiu. Gaetano estava triunfante.

Quando Franz regressou à praia o iate não era mais do que um pontinho branco no horizonte. Recorreu ao óculo, mas mesmo com ele foi-lhe impossível distinguir qualquer coisa.

Gaetano lembrou-lhe que viera para caçar cabras, o que esquecera por

completo. Pegou a espingarda e pôs-se a percorrer a ilha com o ar de um homem que cumpre mais um dever do que se proporciona um prazer, e passado um quarto de hora matara uma cabra e dois cabritos. Mas as cabras, apesar de bravas e ariscas como camurças, pareciam-se demasiado com as nossas cabras domésticas e Franz não as olhava como caça.

Além disso, idéias muito mais absorventes dominavam-lhe o espírito. Desde a véspera que era realmente o herói de um conto das Mil e Uma Noites, e sentia-se irresistivelmente atraído para a gruta.

Então, apesar da inutilidade da primeira busca, recomeçou segunda, depois de dizer a Gaetano que mandasse assar um dos dois cabritos. A segunda busca durou bastante mais tempo, pois quando regressou o cabrito estava assado e o pequeno-almoço pronto.

Franz sentou-se no lugar onde na véspera o tinham vindo convidar para cear da parte do seu misterioso anfitrião, e descortinou ainda, como uma gaivota embalada na crista de uma vaga, o iatezinho, que continuava a navegar para a Côrsega.

- Mas - observou a Gaetano - você disse-me que o Sr. Simbad ia para Málaga e a mim parece me que se dirige diretamente para Porto-Vecchio.

- Já não se lembra - respondeu o patrão - que entre a sua tripulação lhe disse haver de momento dois bandidos corsos?

- É verdade! E vai desembarcá-los na costa? - perguntou Franz.

- Justamente. Oh, é um homem que, segundo se diz, não teme nem Deus nem o Diabo e que é capaz de se desviar cinquenta léguas da sua rota para ser prestável a um pobre diabo!

- Mas esse gênero de favores poderá muito bem acarretar-lhe dissabores com as autoridades do país onde exerce semelhante filantropia - observou Franz.

- Bom - perguntou Gaetano, rindo --, que podem as autoridades contra ele? Está-se nas tintas para elas! Que tentem persegui-lo Primeiro, o seu iate não é um navio vulgar, é uma ave, e ele daria três nós de avanço em doze a uma fragata, e depois lhe bastaria desembarcar na costa para encontrar amigos por toda a parte.

O que havia de mais claro em tudo aquilo é que o Sr. Simbad, anfitrião de Franz, tinha a honra de manter relações com os contrabandistas e os bandidos de todas as costas do Mediterrâneo, o que não deixava de o colocar numa posição bastante estranha.

Quanto a Franz, já nada o retinha em Monte-Cristo. Como já perdera toda a esperança de descobrir o segredo da gruta, apressou o pequeno-almoço e ordenou aos seus homens que tivessem a embarcação pronta quando acabasse de comer. Meia hora depois estava a bordo.

Deitou um último olhar ao iate; estava prestes a desaparecer no golfo de Porto-Vecchio.

Deu o sinal de partida.

No momento em que a embarcação se pôs em movimento, o iate desapareceu.

Com ele esfumava-se a derradeira realidade da noite anterior Para Franz, ceia, Simbad, haxixe e estátuas tudo começava a misturar-se no mesmo sonho.

A embarcação navegou todo o dia e toda a noite, e no dia seguinte, quando o Sol nasceu, desaparecera por sua vez a ilha de Monte-Cristo.

Assim que pôs pé em terra, Franz esqueceu, pelo menos momentaneamente, os acontecimentos que acabara de viver, para terminar os seus compromissos de prazer e cortesia em Florença e ir juntar-se ao amigo que o esperava em Roma

Partiu portanto e chegou à Praça da Alfândega, na diligência, no sábado à noite.

Como dissemos, o quarto fora reservado com antecedência e tudo o que tinha a fazer era dirigir-se para o hotel de mestre Pastrini - o que não era coisa muito fácil, pois a multidão enchia as ruas e Roma era já presa desse rumor abafado e febril que precede os grandes acontecimentos. Ora em Roma há quatro grandes acontecimentos por ano: o Carnaval, a Semana Santa, a Festa do Corpo de Deus e o S. Pedro.

Durante todo o resto do ano a cidade recai na sua triste apatia, estado intermediário entre a vida e a morte, que a torna semelhante a uma espécie de estação entre este mundo e o outro - estação sublime, paragem cheia de poesia e caracter que Franz já experimentara cinco ou seis vezes e que de cada vez achara ainda mais maravilhosa e fantástica.

Por fim, conseguiu atravessar a multidão, cada vez mais densa e agitada, e alcançou o hotel. À sua primeira pergunta responderam-lhe, com a impertinêncio rostocterística dos cocheiros de fiacre reservados e dos hoteleiros com a lotação esgotada, que já não havia lugar para ele no Hotel de Londres. Então mandou o seu cartão a mestre Pastrini e exigiu a presença de Albert de Morcerf. O processo resultou e mestre Pastrini acorreu pessoalmente, desculpando-se por ter feito esperar Sua Excelência, desatou a ralhar com os empregados, tirou o castiçal da mão do cicerone que já se assenhoreara do viajante e preparava-se para o acompanhar junto de Albert quando este veio ao seu encontro.

Os aposentos reservados compunham-se de dois quartitos e de um gabinete. Os dois quartos davam para a rua, circunstância que mestre Pastrini fez valer como se lhos acrescentasse mérito apreciável. O resto do andar estava alugado a uma personagem riquíssima, tida por siciliana ou maltesa. O hoteleiro não foi capaz de dizer ao certo de qual das duas nacionalidades era o viajante.

- Está tudo muito bem, mestre Pastrini - disse Franz --, mas precisamos imediatamente de uma ceia para esta noite e de uma caleça para amanhã e para os dias seguintes.

- Quanto à ceia - respondeu o hoteleiro --, serão servidos neste mesmo instante; mas quanto à caleça...

- Como, quanto à caleça?! - protestou Albert. - Um momento, um momento! Deixemo-nos de brincadeiras, mestre Pastrini...Precisamos de uma caleça!

- Senhor, faremos tudo o que pudermos para lhes arranjar uma - respondeu o hoteleiro. - É tudo o que lhes posso prometer.

- E quando teremos a resposta? - perguntou Franz.

- Amanhã de manhã - respondeu o hoteleiro.

- Que diabo, nós a pagaremos mais cara e pronto! - interveio Albeert. - Sabemos como isso é: no Drake ou no Aaron, vinte e cinco francos nos dias vulgares e trinta ou trinta e cinco francos nos domingos e dias festivos. Ponha-lhe mais cinco francos por dia de corretagem, o que dar quarenta, e não se fala mais

nisso.

- Receio muito, meus senhores, que mesmo oferecendo o dobro a não consigam arranjar.

- Então que atrelem cavalos à minha. Está um bocado deteriorada da viagem, mas não faz mal.

- Não se arranjarão cavalos.

Albert olhou para Franz como um homem a quem tivessem dado uma resposta que lhe parecesse incompreensível.

- Compreende isto, Franz? Não há cavalos! Mas cavalos de posta, não se poderão arranjar?

- Estão todos alugados há quinze dias e só restam os absolutamente necessários ao serviço.

- Que diz você a isto, Albert? - perguntou Franz.

- Digo que quando uma coisa excede a minha inteligência tenho o hábito de não insistir nessa coisa e passar a outra. A ceia está pronta, mestre Pastrini?

- Está, sim, Excelência.

- Então ceemos primeiro.

- Mas a caleça e os cavalos? - insistiu Franz.

- Esteja tranquilo, caro amigo, que eles aparecerão É tudo uma questão de preço.

E Morcerf, com essa filosofia admirável que não considera nada impossível, desde que se sinta a bolsa recheada ou a carteira bem fornecida, ceou, deitou-se, dormiu a sono solto e sonhou que brincava o Carnaval numa caleça puxada por seis cavalos.

Capítulo XXXIII

Bandidos romanos

No dia seguinte; Franz foi o primeiro a acordar, e assim que acordou tocou. O tinido da campainha ainda vibrava quando mestre Pastrini entrou em pessoa.

- Pronto - disse o hoteleiro triunfante e sem sequer esperar que Franz o interrogasse --, razão tinha eu ontem, Excelência, em não querer prometer nada. Decidiram-se demasiado tarde e já não há uma única caleça em Roma... para os três últimos dias, claro.

- Claro - repetiu Franz. - isto é, para aqueles em que é absolutamente necessária.

- Que se passa? Não há caleça? - perguntou Albert, entrando.

- Exatamente; meu caro amigo - respondeu Franz. - Adivinhou logo primeira.

- Sim, senhor, saiu-me uma bonita cidade a vossa cidade eterna!...

- O que quero dizer, Excelência - interveio mestre Pastrini, que desejava que a capital do mundo cristão mantivesse certa dignidade aos olhos dos seus hóspedes --, o que quero dizer é que já não há caleças a partir de domingo de

manhã e até terça-feira à noite, mas daqui até domingo arranjarão cinquenta, se quiserem.

- Já é alguma coisa - observou Albert. - Hoje é quinta-feira; quem sabe o que poderá acontecer daqui até domingo?...

- Chegarão dez a doze mil pessoas - respondeu Franz - que tornarão as dificuldades ainda maiores.

- Meu amigo - sentenciou Morcerf --, gozemos o presente e não agouremos o futuro.

- Poderemos ao menos ter uma janela? - perguntou Franz.

- Para onde?

- Para a rua do corso, com a breca!

- Claro, uma janela!...-exclamou mestre Pastrini. - Impossível, absolutamente impossível! Não resta nem uma mesmo no quinto andar do Palácio Dória. A que havia foi alugada a um príncipe russo por vinte cequins por dia.

Os dois jovens entreolharam-se com ar estupefato.

- Bom, meu caro - disse Franz a Albert --, sabe que há de melhor a fazer? É irmos passar o Carnaval em Veneza. Ao menos lá, se não arranjarmos carruagens, arranjaremos gôndolas.

- Ah, isso não! - exclamou Albert. - Decidi que veria o Carnaval em Roma e o verei, nem que seja em andas.

- Ora aí está uma excelente idéia, sobretudo para apagar os moccoletti! Mascaramo-nos de polichinelos-vampiros ou de habitantes das Landes e teremos um êxito louco.

- Suas Excelências ainda querem a carruagem até domingo?

- Com a breca, julga que vamos correr a pé as ruas de Roma como praticantes de meirinho? - perguntou Albert.

- Vou cumprir imediatamente as ordens de Vossas Excelências - disse mestre Pastrini. - Mas previno-os de que a carruagem lhos custará seis piastras por dia.

- E eu, meu caro Sr. Pastrini - disse Franz --, eu, que não sou o nosso vizinho milionário, previno-o pela minha parte de que, atendendo a que é a quarta vez que venho a Roma, sei o preço das caleças nos dias vulgares, nos domingos e nos feriados. Lhe daremos doze piastras por hoje, amanhã e depois de amanhã e ainda terá um belíssimo, lucro.

- Mas, Excelência... - começou mestre Pastrini, tentando rebelar-se.

- Vamos, meu caro anfitrião, vamos, ou vou eu próprio combinar o preço com o seu affettatore, que é também o meu - atalhou Franz. - Trata-se de um velho amigo que já me roubou bastante dinheiro na sua vida e que, na esperança de me roubar ainda mais, me fará um preço mais baixo do que o que lhe ofereço. Perderá portanto a diferença e a culpa será sua.

- Não se incomode, Excelência - disse mestre Pastrini, com o sorriso do especulador italiano que se dá por vencido. - Farei o melhor que puder e espero que fique contente.

- Ótimo! Ora aí está o que se chama falar.

- Quando querem a carruagem?

- Dentro de uma hora.

- Daqui a uma hora estará à porta.

Efetivamente, uma hora depois a carruagem esperava os dois jovens. Tratava-se de um modesto fiacre que, atendendo à solenidade da circunstância, fora elevado à categoria de caleça. Mas, por mais medíocre que fosse o seu aspecto, os dois rapazes teriam, considerado muito felizes se pudessem dispor de um veículo assim nos três últimos dias.

- Excelência! - gritou o cicerone, vendo Franz chegar à janela. - Posso mandar aproximar o coche do palácio?

Por mais habituado que Franz estivesse à ênfase italiana, o seu primeiro impulso foi olhar à sua volta. Mas era mesmo a ele próprio que aquelas palavras se dirigiam. Franz era a Excelência; o coche era o fiacre; o palácio era o Hotel de Londres.

Todo o engenho laudatório da nação estava contido naquela simples frase.

Franz e Albert desceram. O coche aproximou-se do palácio. Suas Excelências estenderam as pernas sobre os bancos fronteiros e o cicerone saltou para o assento de trás.

- Aonde querem Suas Excelências que os leve?

- Primeiro a S. Pedro e depois ao Coliseu - respondeu Albert, como autêntico parisiense que era.

Mas Albert não sabia uma coisa: que é preciso um dia para ver S. Pedro e um mês para o estudar. O dia passou-se portanto apenas a visitar S. Pedro.

De súbito, ambos notaram que entardecia.

Franz puxou o relógio e verificou que eram quatro e meia.

Puseram-se imediatamente a caminho do hotel. À porta, Franz ordenou ao cocheiro que estivesse pronto às oito horas. Queria que Albert visse o Coliseu ao luar, tal como lhe mostrara S. Pedro à luz do dia. Quando se mostra a um amigo uma cidade já conhecida, põe-se nisso a mesma presunção que se usa para mostrar uma mulher de que se foi amante.

Nesta conformidade, Franz traçou ao cocheiro o itinerário: devia sair pela Porta del Popolo, seguir ao longo da muralha exterior e reentrar pela Porta de San-giovanni . Assim, o Coliseu lhe apareceria sem qualquer preparação e sem que o Capitólio, o Forum, o Arco de Séptimo Severo, o Templo de Antonino e Faustina e a Via Sacra servissem de degraus colocados no caminho para o encurtar.

Sentaram-se à mesa. Mestre Pastrini prometera aos seus hóspedes uma boa refeição. Deu-lhes um jantar razoável. Não havia nada a dizer.

Ele próprio apareceu no fim do jantar. Franz julgou a princípio que fosse para receber os seus cumprimentos e preparava-se para lhos dirigir quando ele o interrompeu às primeiras palavras.

- Excelência, estou lisonjeado com a sua aprovação, mas não foi para isso que vim...

- Foi para nos dizer que arranjou uma carruagem? - perguntou Albert, acendendo um charuto.

- Ainda menos, e até é Excelência, faria bem em não pensar mais nisso e tirar do caso o melhor partido. Em Roma, as coisas podem ou não se podem. Quando nos dizem que se não podem, acabou-se.

- Em Paris é mais cômodo: quando se não pode, paga-se o dobro e tem-se imediatamente o que se pretende.

- Tenho ouvido dizer isso de todos os franceses - perguntou mestre Pastrini um bocadinho irritado --, o que me leva a não compreender por que motivo viajam.

- A verdade - disse Albert, expelindo fleumaticamente o fumo para o teto, inclinando-se para trás e balouçando-se nas duas pernas de trás do cadeirão - é que são os loucos e os parvos como nós que viajam. As pessoas sensatas não saem do seu palácio da Rua do Helder, do Buievar de Gand e do Café de Paris.

Escusado ser dizer que Albert residia na rua citada, dava todos os dias o seu passeio de bom-tom e jantava diariamente no único café onde se janta quando se está bem relacionado com os criados.

Mestre Pastrini ficou um instante silencioso. Era evidente que meditava a resposta, que sem dúvida não lhe parecia perfeitamente clara.

- Mas enfim - disse Franz por seu turno, interrompendo as reflexões geográficas do seu hoteleiro --, veio com qualquer finalidade. Quer expor-nos o objeto da sua visita?

- Tem razão. Ei-lo: mandaram vir a caleça às oito horas?

- Exatamente.

- Tencionam visitar il Colosseo?

- Quer dizer o Coliseu?

- É precisamente a mesma coisa.

- Seja.

- Disseram ao cocheiro para sair pela Porta del Popolo, dar a volta às muralhas e reentrar pela Porta de San-Giovanni?

- Foram essas as minhas próprias palavras.

- Pois bem, esse itinerário é impossível.

- Impossível?...

- Ou pelo menos perigosíssimo.

- Perigosíssimo... E porquê?

- Por causa do famoso Luigi Vampa.

- Antes de mais nada, meu caro hoteleiro, quem é o famoso Luigi Vampa? - perguntou Albert . -Pode ser famosíssimo em Roma, mas previno-o de que é ignorado em Paris.

- Como, não o conhecem?!

- Não tenho essa honra.

- Nunca ouviu pronunciar o seu nome?

- Nunca.

- Bom, trata-se de um bandido comparado com o qual os Deseraris e os Gasparoni não passam de uma espécie de meninos de coro.

- Atenção, Albert, aí está finalmente um bandido! - exclamou Franz.

- Previno-o, meu caro hoteleiro, de que não acreditarei numa só palavra do que nos vai dizer. É ponto assente entre nós. Mas diga o que lhe apetecer que sou todo ouvidos. “Era uma vez ... " Vá, comece!

Mestre Pastrini virou-se para Franz, que lhe parecia o mais razoável dos dois rapazes. Deve-se fazer justiça ao excelente homem: hospedara muitos franceses na sua vida, mas nunca compreendera certa faceta do seu espírito.

- Excelência - disse muito gravemente dirigindo-se, como dissemos, a Franz --, se me considera um mentiroso, é inútil dizer-lhe o que tencionava dizer-lhe. Posso no entanto afirmar-lhes que era no interesse de Vossas Excelências.

- Albert não lhe disse que era um mentiroso, meu caro Sr. Pastrini - perguntou Franz. - Disse-lhe que não o acreditaria e mais nada. Mas eu acreditarei, esteja descansado. Fale.

- Contudo, Excelência, compreende muito bem que se se põe em dúvida a veracidade das minhas palavras...

- Meu caro - observou Franz --, o senhor é mais susceptível do que Cassandra, que no entanto era profetisa e que ninguém escutava, ao passo que você está seguro, pelo menos, de metade do seu auditório. Vejamos, sente-se e diga-nos quem é o Sr. Vampa.

- Já lhe disse, Excelência: é um bandido como ainda não vimos nenhum desde o famoso Mastrilla.

- De acordo. Mas que relação tem esse bandido com a ordem que dei ao cocheiro de sair pela Porta del Popolo e entrar pela Porta de San-Giovanni ?

- Tem - respondeu mestre Paslrini - que podem muito bem sair por uma, mas duvido que entrem pela outra.

- Porquê? - perguntou Franz.

- Porque assim que anoitece não se está seguro a cinquenta passos das portas.

- Palavra de honra? - troçou Albert.

- Sr. Visconde - volveu-lhe mestre Pastrini, ainda ferido até ao fundo do coração pela dúvida manifestada por Albert acerca da veracidade das suas palavras --, não digo isto por Vossa Excelência, digo-o pelo seu companheiro de viagem, que conhece Roma e sabe que se não brinca com estas coisas.

- Meu caro - disse Albert dirigindo-se a Franz --, aí está uma aventura admirável e natural: carregamos a nossa caleça de pistolas, bacamartes e espingardas de dois tiros. Luigi Vampa vem para nos prender, mas nós é que o prendemos. Trazemo-lo para Roma, em homenagem a Sua Santidade, que nos pergunta o que pode fazer para recompensar tão grande serviço. Então, pedimos pura e simplesmente um coche e dois cavalos das suas cavalariças e assistimos ao Carnaval de carruagem. Sem contar que provavelmente o povo romano, reconhecido, nos coroará no Capitólio e nos proclamará, como Cúrcio e Horácio Cocles, salvadores da pátria.

Enquanto Albert proferia estas palavras, mestre Pastrini fazia umo rosto que em vão tentaríamos descrever.

- Antes de mais nada, onde arranjaria as pistolas, os bacamartes e as espingardas de dois tiros para encher a carruagem? - perguntou Franz a Albert.

- Garanto-lhe que não será no meu arsenal, porque em Terracina tiraram-me até a minha faca-punhal. E a você?

- A mim fizeram-me o mesmo em Aqua-Pendente.

- Aqui tem, meu caro hoteleiro! - exclamou Albert, acendendo segundo charuto na ponta do primeiro. - Sabe que é muito cômoda para os ladrões essa medida, que para mim tem todo o ar de ter sido tomada contas a meias com eles?

Mestre Pastrini achou sem dúvida o gracejo comprometedor, pois só respondeu em parte, e mesmo assim dirigindo a palavra a Franz, como se este fosse a única pessoa sensata com quem se pudesse entender convenientemente.

- Vossa Excelência sabe que não é hábito as pessoas defenderem-se quando são atacadas por bandidos.

- Como?! - exclamou Albert, cuja coragem se revoltava à idéia de se deixar roubar sem dizer nada. - Como? Não é hábito?...

- Não! Porque toda a defesa seria inútil. Que quer fazer contra uma dúzia de bandidos que saem de um fosso, de um pardieiro ou de um aqueduto e que o visam todos ao mesmo tempo?

- Com mil demônios, quero que me matem! - gritou Albert.

O hoteleiro virou-se para Franz com um ar que queria dizer: “Decididamente, Excelência, o seu companheiro é louco."

- Meu caro Albert - declarou Franz --, a sua resposta é sublime e vale o Qu'il mour-t do velho Corneille.

Simplesmente, quando Horácio respondia isso tratava-se da salvação de Roma e a coisa valia a pena. Mas quanto a nós repare que se traía simplesmente da satisfação de um capricho e que seria ridículo, por um capricho, arriscarmos a vida.

-- Per Bacco!- exclamou mestre Pastrini . -Ora aí está o que se chama falar!

Albert serviu-se de um copo de lacryma christi, que bebeu aos golinhos, resmungando palavras ininteligíveis.

- Agora, mestre Pastrini - prosseguiu Franz --, que o meu companheiro está calmo e o senhor teve ensejo de apreciar as minhas disposições pacificas; agora, vejamos quem é o Sr Luigi Vampa? É pastor ou patrício? Novo ou velho? Baixo ou alto? Descreva-o, a fim de, se o encontrarmos por acaso no mundo como Jean Sbogar ou Lara, possamos ao menos reconhece-lo.

- Não poderia dirigir-se a ninguém mais indicado do que eu, Excelência, para ter pormenores exatos, pois conheci Luigi Vampa em criança. E até um dia em que eu próprio lhe caí nas mãos, ao ir de Ferentino para Alatri, teve a sorte de lembrar-se de mim, do nosso antigo conhecimento. Deixou-me passar, não só sem me fazer pagar o resgate, mas também só depois de me oferecer um riquíssimo relógio e de me contar a
sua história.

- Vejamos o relógio.

Mestre Pastrini tirou da algibeira do colete um magnífico Breguet com o nome do seu autor, a marca de Paris e uma coroa de conde.

- Aqui o tem - disse.

- Apre! - exclamou Albert. - Os meus cumprimentos. Tenho um mais ou menos idêntico - e tirou o relógio da algibeira do colete --, mas custou-me três mil francos.

- Ouçamos a história - disse Franz por seu turno, puxando uma poltrona e fazendo sinal a mestre Pastrini para se sentar.

- Vossas Excelências me dão licença? - perguntou o hoteleiro.

- Por Deus, você, meu caro, não é um pregador para falar de pé - observou Albert.

O hoteleiro sentou-se depois de fazer a cada um dos seus futuros ouvintes uma saudação respeitosa, a qual tinha como finalidade indicar que estava pronto a prestar a respeito de Luigi Vampa as informações que desejassem.

- Um momento! - pediu, Franz, detendo mestre Pastrini quando este já abria a boca. - Diz que conheceu Luigi Vampa em pequeno. É portanto ainda um homem novo?

- Como um homem novo?... Evidentemente que sim. Tem apenas vinte e dois anos! Oh, é um figurão que irá longe, podem ter certeza!

- Que diz a isto, Albert? É belo, aos vinte e dois anos, ter conseguido uma reputação - comentou Franz.

- Sim, decerto. Na sua idade, Alexandre, César e Napoleão, que depois fizeram certo barulho no mundo, não estavam tão adiantados como ele.

- Portanto, o herói cuja história vamos ouvir só tem vinte e dois anos? - prosseguiu Franz, dirigindo-se ao hoteleiro.

- Só, como já tive a honra de lhe dizer.

- É alto ou baixo?

- De estatura média. Pouco mais ou menos como Sua Excelência - respondeu o hoteleiro, indicando Albert.

- Obrigado pela comparação - disse este, inclinando-se.

- Continue, mestre Pastrini - interveio Franz, sorrindo da susceptibilidade do amigo. - E a que classe da sociedade pertencia?

- Era um simples pastorinho ligado à quinta do conde de San-Felice, situada entre a Palestrina e o lago de Gabri. Nascera em Pampinara e entrara aos cinco anos de idade ao serviço do conde. O pai, que também era pastor em Anagni, tinha um rebanhozito e vivia da lã dos seus carneiros e da venda do leite das suas ovelhas, que vinha negociar a Roma.

"Ainda criança, o pequeno Vampa já tinha um caráter estranho. Um dia, contava sete anos, procurou o pároco de Palestrina e pediu-lhe que o ensinasse a ler. Era coisa difícil, porque o jovem pastor não podia abandonar o rebanho. Mas o bom do pároco ia todos os dias dizer missa numa pobre aldeola, muito pouco considerável para pagar a um padre, e que como nem sequer tinha nome era conhecida pelo de Borgo. O
padre propôs a Luigi que se encontrasse com ele no caminho à hora do seu regresso. Dar-lhe-ia assim a lição, mas preveniu-o de que a lição seria curta e de que deveria por consequência aproveitá-la.

"o garoto aceitou com alegria.

"todos os dias, Luigi levava o rebanho a pastar no caminho de Palestrina ao Borgo; todos os dias às nove da manhã o pároco passava, o padre e o garoto sentavam-se à beira de uma vala e o pastorinho dava a sua lição pelo breviário do sacerdote.

"Passados três meses sabia ler.

"Mas isso não bastava; precisava agora de aprender a escrever.

"O padre mandou fazer a um professor de caligrafia de Roma três abecedários: um grande, um médio e um pequeno, e mostrou-lhe que copiando o abecedário numa ardôsia com uma pena de ferro poderia aprender a escrever.

"Nessa mesma tarde, quando o rebanho regressou à quinta, o pequeno Vampa, correu à oficina do ferreiro de Palestina, pegou num grande prego, forjou-o, martelou-o, arredondou-o e transformou-o numa espécie de estilete antigo.

"No dia seguinte reuniu uma provisão de ardósia e meteu mãos à obra.

"Passados três meses sabia escrever.

"O pároco, atônico com aquela profunda inteligência e impressionado com semelhante aptidão, ofereceu-lhe diversos cadernos de papel, um pacote de penas e um canivete.

"Foi uma nova aprendizagem, mas uma aprendizagem que não era nada comparada com a primeira. Passados oito dias, manejava a pena como manejava o estilete.

"O pároco contou o caso ao conde de San-Felice, que quis ver o pastorinho, o mandou ler e escrever na sua presença, ordenou ao intendente que o mandasse comer com os criados e deu-lhes duas piastras por mês.

"Com esse dinheiro, Luigi comprou livros e lápis.

"Com efeito, aplicava a todos os objetos a facilidade de imitação que possuía e, como Giotto em criança, desenhava nas suas ardósias as suas ovelhas, as árvores e as casas.

"Depois, com a ponta do canivete começou a talhar a madeira e a dar-lhe todas as espécies de formas. Fora assim que Pinelli, o escultor popular, começara.

"Uma pequenita de seis ou sete anos, isto é, um bocadinho mais nova do que Vampa, guardava por seu turno as ovelhas de uma quinta perto de Palestrina. Era órfã, nascera em Valmontone e chamava-se Teresa.

"As duas crianças encontravam-se, sentavam-se ao lado uma da outra, deixavam os seus rebanhos misturar-se e pastar juntos, conversavam, riam e brincavam. Depois, à tardinha, separavam os carneiros do conde de San-Felice dos do barão de Cervetri e os garotos regressavam às respectivas quintas, prometendo
encontrarem-se de novo no dia seguinte de manhã.

"No dia seguinte cumpriam a sua palavra e cresciam assim lado a lado.

"Vampa fez doze anos e a pequena Teresa onze.

"Entretanto, os seus instintos naturais desenvolviam-se.

"A par do gosto pelas artes, que Luigi levara tão longe quanto lhe era possível naquele isolamento, era triste por natureza, ardente por impulso, colérico por capricho e sempre trocista. Nenhum dos rapazes de Pampinara, de Palestrina ou de Valmontone conseguira não só adquirir qualquer influência sobre ele, mas também tornar-se seu companheiro. O seu temperamento voluntarioso, sempre disposto a exigir sem nunca
se querer vergar a qualquer concessão, afastava dele qualquer gesto amistoso, qualquer demonstração de simpatia. Só Teresa dominava com uma palavra, um olhar, um gesto aquele caracter obstinado que cedia sob a mão de uma mulher, mas que sob a de um homem, fosse ele qual fosse, se retesaria até quebrar.

"Teresa era, pelo contrário, viva, ladina e alegre, e também excessivamente vaidosa. As duas piastras que o intendente do conde de San-Felice dava a Luigi e o produto de todas as esculturazinhas que vendia aos comerciantes de brinquedos de Roma, transformavam-se em brincos de contas, em colares de vidrilhos e em agulhas de ouro. Assim, graças à prodigalidade do seu jovem amigo, Teresa era a mais bela e elegante
camponesa dos arredores de Roma.

"As duas crianças continuaram a crescer, a passar todo o dia juntas e a entregar-se sem resistência aos instintos da sua natureza primitiva. Por isso, nas suas conversas, nos seus desejos e nos seus sonhos, Vampa via-se sempre comandante de navio de guerra, general de exército ou governador de uma província. E Teresa via-se rica, metida nos mais lindos vestidos e seguida de

criados de libré. Depois de passarem
todo o dia tecendo o seu futuro com tão loucos e brilhantes arabescos, separavam-se para reconduzirem os seus carneiros ao aprisco e descerem das alturas dos seus sonhos à humildade da sua verdadeira posição.

"Um dia, o jovem pastor disse ao intendente do conde que vira um lobo sair das montanhas da Sabine e rondar-lhe o rebanho. O intendente deu-lhe uma espingarda. Era o que Vampa queria.

"Por acaso, a espingarda era uma excelente arma de Bréscia, que disparava balas com a precisão de umo rostobina inglesa. Simplesmente, um dia o conde, ao matar uma raposa ferida, partira-lhe a coronha e a espingarda fora atirada para o refugo.

"isso porém não constituía nenhuma dificuldade para um escultor como Vampa. Examinou a coronha primitiva, calculou o que seria preciso modificar para a adaptar à sua vista e fez outra coronha carregada de ornamentos tão maravilhosos que se quisesse ir vendê-la à cidade lhe dariam certamente, só pela madeira, quinze ou vinte piastras.

"Mas nem pela cabeça lhe passava fazer isso. Uma espingarda fora durante muito tempo o sonho do rapaz. Em lodos os países em que a independência substitui a liberdade a primeira necessidade que experimenta qualquer coração forte, qualquer organização poderosa, é a de possuir uma arma que assegure ao mesmo tempo o ataque e a defesa e que, tornando terrível aquele que a usa, o torne com frequência temido.

"A partir daquele momento, Vampa dedicou todos os momentos livres a exercitar-se com a espingarda. Comprou pólvora e balas e tudo lhe serviu de alvo: o tronco da oliveira triste, enfezada e cinzenta que vegetava na vertente das montanhas da Sabine; a raposa que à tardinha saia do seu covil para começar
a sua caçada noturna, e a águia que planava no ar. Em breve se tornou tão hábil que Teresa perdeu o medo que experimentara ao princípio ao ouvir as detonações e divertiu-se a ver o seu jovem companheiro colocar a bala da espingarda onde queria, com tanta precisão como se fosse colocá-la com a mão.

"Uma tarde, um lobo saiu efetivamente de um bosque de abetos junto do qual os dois jovens costumavam instalar-se. Mas ainda não dera dez passos em campo aberto quando caiu morto.

"Orgulhosíssimo do seu belo tiro, Vampa po-lo às costas e levou-o para a quinta.

"Todas estas proezas davam a Luigi certa fama nos arredores da quinta. Onde quer que se encontre, o homem superior arranja uma clientela de admiradores. Nas redondezas falava-se do jovem pastor como o mais hábil, o mais forte e o mais bravo contadino de dez léguas em redor; e embora pela sua parte Teresa, e num círculo ainda mais vasto, passasse por uma das mais bonitas moças da Sabine, ninguém se atrevia a
dizer-lhe uma palavra de amor, porque a sabiam amada por Vampa.

"E no entanto os dois jovens nunca tinham dito um ao outro que se amavam. Haviam crescido juntos como duas árvores que confundem as suas raízes debaixo do chão, os seus ramos no ar e o seu perfume no céu. Apenas o seu desejo de se verem era o mesmo. Esse desejo tornara-se uma necessidade e por isso mais depressa aceitariam a morte do que um só dia de separação.

"Teresa contava dezesseis anos e Vampa dezessete.

"Por essa altura começou-se a falar com insistência numa quadrilha de bandidos que se organizava nos montes Lepini. O banditismo nunca foi seriamente extirpado dos arredores de Roma. às vezes faltam-lhe chefes, mas quando aparece um chefe é raro faltar-lhe uma quadrilha.

"O célebre Cucumetto, perseguido nos Abruzos e expulso do reino de Nápoles, onde sustentara uma verdadeira guerra, atravessara Garigliano como Manfredo e viera, entre Sonnino e Juperno, refugiar-se nas margens do Amasina.

"Era ele quem se ocupava da organização da quadrilha e que seguia as pisadas de Decesaris e Gasparone, que esperava em breve ultrapassar. Vários rapazes de Palestrina, Frascati e Pampinara desapareceram. De início, as pessoas preocuparam-se com o seu desaparecimento, mas não tardou a saber-se que se tinham ido juntar à quadrilha de Cucumetto.

"Passado algum tempo, Cucumetto tornou-se alvo das atenções gerais. Citavam-se por parte desse chefe de bandidos rasgos de audácia extraordinários e de revoltante brutalidade.

"Um dia, raptou uma moça, filha do agrimensor de Frosinone. As leis dos bandidos são positivas: uma moça pertence primeiro àquele que a raptou e depois os outros tiram à sorte e a desgraçada tem de se submeter aos prazeres de toda a quadrilha até os bandidos a abandonarem ou ela morrer.

"Quando os pais são bastante ricos para a resgatar, mandam-lhe um mensageiro tratar do resgate. A cabeça da prisioneira responde pela segurança do emissário. Se o resgate é recusado, a prisioneira está irremediavelmente condenada.

"A moça tinha um apaixonado na quadrilha de Cucumetto, chamado Carlini.

"Ao reconhecer o rapaz, a jovem estendeu-lhe os braços e julgou-se salva. Mas o pobre Carlini, quando viu de quem se tratava, sentiu o coração despedaçado, pois não tinha quaisquer dúvidas acerca da sorte que esperava a amada.

"No entanto, como era o favorito de Cucumetto, como havia três anos que compartilhava os seus perigos e como lhe salvara a vida abatendo a tiro de pistola um carabineiro que tinha já o sabre levantado sobre a cabeça do chefe, esperou que Cucumetto tivesse compaixão da moça.

"Chamou portanto o chefe à parte, enquanto a jovem, sentada junto do tronco de um grande pinheiro que se erguia no meio de uma clareira da floresta, transformava em véu o toucado pitoresco das camponesas romanas e escondia o rosto aos olhares luxuriosos dos bandidos.

"Carlini contou tudo ao chefe: os seus amores com a prisioneira, os seus juramentos de fidelidade, e como todas as noites, desde que se encontravam nos arredores, se namoravam numas ruínas.

"Precisamente na noite do rapto, Cucumetto mandara Carlini a uma aldeia vizinha e ele não pudera comparecer ao encontro; mas Cucumetto passara por ali por acaso, segundo dissera, e fora então que raptara a jovem.

"Carlini suplicou ao chefe que abrisse uma exceção a seu favor e respeitasse Rita, dizendo-lhe que o pai era rico e pagaria um bom resgate.

"Cucumetto pareceu ceder às súplicas do amigo e encarregou-o de arranjar um pastor que pudessem mandar a casa do pai de Rita, em Frosinone.

"Então, Carlini aproximou-se muito contente da moça, disse-lhe que estava salva e convidou-a a escrever uma carta ao pai contando-lhe o que lhe acontecera e comunicando-lhe que o seu resgate fora fixado em trezentas piastras.

"Concediam ao pai apenas o prazo de doze horas, isto é, até ao dia seguinte às nove horas da manhã.

"Escrita a carta, Carlini apoderou-se imediatamente dela e correu para a planície em busca de um mensageiro.

"Encontrou um jovem pastor que recolhia o rebanho. Os mensageiros naturais dos bandidos são os pastores, que vivem entre a cidade e a montanha, entre a vida selvagem e a vida civilizada.

"O jovem pastor partiu imediatamente, prometendo chegar antes de uma hora a Frosinone.

"Carlini voltou para trás muito contente, disposto a ir ter com a amada e dar-lhe a boa nova.

"Encontrou a quadrilha na clareira, onde ceava alegremente provisões que os bandidos exigiam aos camponeses como um tributo. Em Vão procurou Cucumetio e Rita no meio dos alegres convivas.

"Perguntou onde estavam; os bandidos responderam com uma grande gargalhada. Um suor frio correu pela testa de Carlini e sentiu a angútia agarrá-lo pelos cabelos.

"Repetiu a pergunta. Um dos convivas encheu um copo de vinho de Orvietto e estendeu-lhe dizendo:

"- À saúde do bravo Cucumetto e da bela Rita!

"Nesse momento Carlini julgou ouvir um grito de mulher. Adivinhou tudo. Pegou no copo, partiu-o no rosto do que lhe apresentava e correu na direção do grito.

"Dados cem passos, atrás de uma moita, encontrou Rita desmaiada nos braços de Cucumetto.

"Ao ver Carlini, Cucumetto levantou-se com uma pistola em cada mão.

"Os dois bandidos olharam-se um instante. Um com o sorriso da luxúria nos lábios, o outro com a palidez da morte na fronte.

"Diria-se ir acontecer entre os dois homens algo terrível. Mas, pouco a pouco, o rosto de Carlini descontraiu-se, e a sua mão, que levara a uma das pistolas que trazia à cintura, largou-a e pendeu-lhe ao lado do corpo.

"Rita estava deitada entre ambos.

"O luar iluminava a cena.

"- Então, fizeste o recado de que te encarregaste? - perguntou-lhe Cucumetto.

"- Fiz, sim, capitão - respondeu Carlini --, e amanhã, antes das nove horas, o pai de Rita estará aqui com o dinheiro.

"- Ótimo! Entretanto, vamos passar uma noite divertida. A moça é encantadora e não há dúvida que tens bom gosto, mestre Carlini. Por isso, como não sou egoísta, vamos voltar para junto dos camaradas e tirar à sorte a quem pertencerá agora.

"- Assim, decidiu entregá-la à lei comum? - perguntou Carlini.

"- E porque abriríamos exceção a seu favor?

"- Julguei que o meu pedido...

"- Que é você mais do que os outros?

"- Tem razão.

"- Mas sossegue - prosseguiu Cucumetto rindo --, mais tarde ou mais cedo a sua vez chegará.

"Carlini apertou os dentes com força.

"- Vamos - disse Cucumetto, dando um passo na direção dos convivas. - Não vem?

"- Já vou ...

"Cucumetio afastou-se sem perder de vista Carlini, receando sem dúvida que o atacasse por trás. Mas nada no bandido denunciava uma intenção hostil

"Estava de pé, com os braços cruzados, junto de Rita, que continuava desmaiada.

"Por instantes Cucumetto pensou que o rapaz a tomasse nos braços e fugisse com ela. Mas isso pouco lhe importava agora; possuíra Rita, como pretendia, e quanto ao dinheiro, trezentas piastras divididas pela quadrilha eram tão pouco que não se importava muito perdê-las.

"Continuou pois o seu caminho para a clareira. Mas com grande espanto seu Carlini chegou lá quase ao mesmo tempo que ele.

“- A tiragem à sorte! A tiragem à sorte! - gritaram todos os bandidos ao verem o chefe.

"e os olhos de todos aqueles homens brilharam de embriaguez e lascívia, enquanto as chamas da fogueira lançavam sobre as suas pessoa, um clarão avermelhado que os fazia parecer demônios.

"O que pediam era justo. Por isso, o chefe fez um sinal com a cabeça, anunciando que aquiescia ao pedido. Meteram-se todos os nomes num chapéu, o de Carlini como os dos outros, e o mais novo da quadrilha tirou da urna improvisada um boletim.

"o boletim tinha o nome de Diavolaccio.

"Era o mesmo que propusera a Carlini o brinde à saúde do chefe e a quem Carlini respondera quebrando-lhe o copo no rosto.

"Um grande ferimento aberto da têmpora à boca deixava correr o sangue aos borbotões.

"Ao ver-se assim favorecido pela sorte, Diavolaccio soltou uma gargalhada.

"- Capitão - disse --, há pouco, Carlini não quis beber à sua saúde. Convide-o agora a beber à minha, talvez seja mais condescendente consigo do que comigo.

"Todos esperavam uma explosão da parte de Carlini; mas com grande surpresa de todos, pegou num copo e numa garrafa, encheu o copo e disse com voz perfeitamente calma:

"- à tua saúde, Diavolaccio.

"E bebeu o conteúdo do copo sem que a mão lhe tremesse. Depois sentou-se ao pé da fogueira e pediu:

"- A minha parte da ceia! A corrida que acabo de fazer abriu-me o apetite.

"- Viva Carlini! - gritaram os bandidos.

"- Sim, senhor, isto é o que se chama levar as coisas como companheiro!

"E todos refizeram o círculo à volta da fogueira, enquanto Diavolaccio se afastava.

"Carlini comia e bebia como se nada se tivesse passado.

"Os bandidos olhavam-no com espanto, sem compreenderem aquela impassibilidade, quando ouviram passos pesados ressoarem no chão atrás deles.

"Viraram-se e viram Diavolaccio com a moça nos braços.

"Ela tinha a cabeça inclinada para trás e os seus longos cabelos pendiam até ao chão.

"À medida que entravam no círculo da luz projetada pela fogueira, notava-se cada vez mais a palidez da jovem e do bandido.

"Aquela aparição tinha qualquer coisa de tão estranho e solene que todos se levantaram, exceto Carlini, que ficou sentado e continuou a comer e beber como se nada se passasse à sua volta.

"Diavolaccio continuava a avançar no meio do mais profundo silêncio, e depositou Rita aos pés do capitão.

"Então, todos verificaram a causa da palidez da jovem e do bandido: Rita tinha uma faca cravada até ao cabo por baixo do seio esquerdo.

"Todos os olhos se viraram para Carlini. A bainha que trazia à cintura estava vazia.

"- Ah, ah! -- exclamou o chefe. -- Compreendo agora por que motivo Carlini ficou para trás.

"Toda a natureza selvagem está apta a apreciar uma ação forte. Por isso, embora talvez nenhum dos bandidos fosse capaz de fazer o que fizera Carlini, todos compreenderam o seu ato.

"- Vejamos -- disse Carlini, levantando-se por sua vez e aproximando-se do cadáver com a mão na coronha de uma das suas pistolas --, ainda há alguém que me queira disputar esta mulher?

"- Não -- respondeu o chefe --, é tua!

"Então, Carlini tomou-a por seu turno nos braços e levou-a para fora do círculo de luz que projetava a chama da fogueira.

" Cucumetto dispôs as sentinelas como de costume e os bandidos deitaram-se envoltos nas suas capas à roda da fogueira.

"À meia-noite, uma sentinela deu o alerta e num instante o chefe e os companheiros levantaram-se.

"Era o pai de Rita, que vinha pessoalmente trazer o resgate da filha.

"- Tome --disse a Cucumetto, estendendo-lhe uma bolsa de dinheiro. - Estão aí trezentas piastras, restitua-me a minha filha.

"Mas o chefe, sem pegar o dinheiro, fez-lhe sinal para que o seguisse. O velho obedeceu. Ambos se afastaram para debaixo das árvores, através de cujos ramos se filtrava o luar. Por fim, Cucumetto deteve-se, estendeu a mão e indicou ao velho duas pessoas reunidas ao pé de uma árvore.

"- Vê? -- disse-lhe. -- Pede a tua filha a Carlini, é ele que a tem de entregar.

"E voltou para junto dos companheiros.

"O velho ficou imóvel e com os olhos fixos. Pressentia que qualquer desgraça desconhecida, imensa, inaudita, lhe pairava sobre a cabeça.

"Por fim, deu alguns passos para o grupo informe, que não conseguia identificar.

"Ao ouvir o ruído que o velho fazia ao avançar ao seu encontro, Carlini levantou a cabeça e as formas das duas pessoas surgiram mais distintas aos

olhos do velho.

"Deitada no chão encontrava-se uma mulher, com a cabeça pousada nos joelhos de um homem sentado e inclinado sobre ela. Fora ao endireitar-se que o homem descobrira o rosto da mulher que apertava ao peito.

"O velho reconheceu a filha e Carlini reconheceu o velho.

"- Esperava-te -- disse o bandido ao pai de Rita.

"Miserável! - gritou o velho. - O que você fez?

"E olhava com terror Rita, pálida, imóvel, ensanguentada, com uma faca espetada no peito.

"Um raio de luar batia nela e iluminava-a com uma luz baça.

"- Cucumetto violou a tua filha - disse o bandido - e como eu a amava, matei-a. Porque depois dele iria servir de joguete de toda a quadrilha.

"O velho não disse nada; apenas se tornou pálido como um espectro.

"- Agora - disse Carlini - se fiz mal, vingue-a.

"E arrancou a faca do seio da moça, levantou-se e foi oferecê-la com uma das mãos ao velho, enquanto com a outra afastava a jaqueta e lhe oferecia o peito nu.

"- Fez bem - disse-lhe o velho, numa voz abafada. - Abraça-me meu filho.

"Carlini lançou-se soluçando nos braços do pai da amada. Eram as primeiras lágrimas que vertia aquele homem sanguinário.

"- Agora - disse o velho a Carlini - ajude-me a enterrar a minha filha.

"Carlini foi buscar duas enxadas e o pai e o apaixonado abriram uma cova ao pé de um carvalho cujos ramos frondosos deveriam cobrir a sepultura da jovem.

"Uma vez a cova aberta, o pai foi o primeiro a beijar a filha e depois o apaixonado. Em seguida, segurando-a um pelos pés e o outro pelos braços, desceram-na à cova.

"Finalmente, ajoelharam-se um de cada lado e rezaram as orações dos mortos.

"Quando terminaram, cobriram o cadáver de terra até a cova ficar cheia.

"Então, estendendo-lhe a mão, o velho disse a Carlini:

"- Obrigado, meu filho! Agora, deixe-me sozinho.

"- Mas...

"- Deixe-me, te ordeno.

"Carlini obedeceu, foi juntar-se aos camaradas, enrolou-se na sua capa e em breve pareceu tão profundamente adormecido como os outros.

"Na véspera decidira mudar-se de acampamento.

"Uma hora antes de amanhecer, Cucumetto acordou os seus homens e deu ordem de partida.

"Mas Carlini não quis deixar a floresta sem saber o que acontecera ao pai de Rita.

"Dirigiu-se para o lugar onde o deixara.

"Encontrou o velho enforcado num dos ramos do carvalho que sombreavam a sepultura da filha.

"Fez então sobre o cadáver de um e a campa da outra o juramento de vingar ambos.

"Mas não pode cumprir o juramento, porque dois dias mais tarde, num

recontro com os carabineiros romanos, Carlini foi morto.

"Simplesmente causou estranheza que, estando de frente para o inimigo, tivesse recebido uma bala entre as espáduas.

"Mas a estranheza cessou quando um dos bandidos observou aos seus camaradas que Cucumetto se encontrava dez passos atrás de Carlini quando Carlini caíra.

"Na manhã da partida da floresta de Frosinone, Cucumetto seguira Carlini na obscuridade, ouvira o juramento que ele fizera e, como homem precavido que era, antecipara-se.

"A respeito deste terrível chefe de quadrilha contavam-se mais dez histórias não menos curiosas do que esta.

"Assim, de Fondi a Perúsia todos tremiam só de ouvir o nome de Cucumetto.

"Tais histórias tinham sido muitas vezes tema de conversa entre Luigi e Teresa.

"A moça tremia toda ao ouvi-las, mas Vampa tranquilizava-a com um sorriso, batendo na sua excelente
espingarda, cujas balas eram infalíveis. Depois, se nem mesmo assim a jovem sossegava, mostrava-lhe a cem passos algum corvo empoleirado num ramo morto, metia a arma à cara, premia o gatilho e o animal, atingido, caia ao pé da árvore.

"Entretanto, o tempo ia passando. Os dois jovens tinham combinado casar-se quando tivessem Vampa vinte anos e Teresa dezenove.

"Eram ambos órfãos, só tinham de pedir licença ao patrão e haviam-na pedido e obtido.

"Um dia, quando conversavam acerca dos seus projetos de futuro, ouviram dois ou três tiros. Depois, de súbito, um homem saiu do bosque perto do qual os dois jovens costumavam fazer pastar os seus rebanhos e correu para eles.

"Quando chegou ao alcance da voz, gritou:

"- Sou perseguido! Podem-me esconder?

"Os dois jovens adivinharam sem dificuldade que o fugitivo devia ser algum bandido; mas existe entre o camponês e o bandido romano uma simpatia inata que leva o primeiro a estar sempre pronto a ajudar o segundo.

"Sem dizer nada, Vampa correu portanto para a pedra que vedava a entrada da sua gruta, descobriu essa entrada puxando a pedra para si, fez sinal ao fugitivo para se refugiar naquele asilo desconhecido de todos, empurrou a pedra para o se lugar e voltou a sentar-se ao pé de Teresa.

"Quase imediatamente, apareceram na orla do bosque quatro carabineiros a cavalo. Três pareciam andar à procura do fugitivo, o quarto arrastava pelo pescoço um bandido prisioneiro.

"Os três carabineiros exploraram o local num relance de olhos, viram os dois jovens, correram para eles a galope e interrogaram-nos.

"Não tinham visto ninguém.

"- É pena - disse o cabo --, porque o que procuramos é o chefe.

"- Cucumetto?! - não puderam impedir-se de gritar ao mesmo tempo Luigi e Teresa.

"- Sim - respondeu o cabo --, e como a sua cabeça estava posta a prêmio

por mil escudos romanos, haveria quinhentos para vocês se nos ajudassem a prendê-lo.

"Os dois jovens entreolharam-se. O cabo teve um instante de esperança. Quinhentos escudos romanos equivalem a três mil francos, e três mil francos eram uma fortuna para dois pobres órfãos que iam casar.

"- Sim, é pena - respondeu Vampa --, mas não o vimos.

"Então os carabineiros bateram o local em várias direções, mas inutilmente.

"Depois, um após outro, desapareceram.

"Então, Vampa tirou a pedra e Cucumetto saiu.

"Este vira, através das frestas da porta de granito, os dois jovens falarem com os carabineiros, adivinhara o tema da conversa e lera no rosto de Luigi e de Teresa a resolução inquebrantável de o não entregar. Por isso, tirou da algibeira uma bolsa cheia de ouro e ofereceu-a.

"Mas Vampa ergueu a cabeça com orgulho; quanto a Teresa, os seus olhos brilharam ao pensar em tudo o que poderia comprar com aquele dinheiro: ricas jóias e lindos vestidos.

"Cucumetto era um diabo muito hábil que tomara a forma de um bandido em vez de uma serpente. Surpreendeu aquele olhar, reconheceu em Teresa uma digna filha de Eva e reentrou na floresta virando-se várias vezes a pretexto de saudar os seus libertadores.

"Passaram-se vários dias sem que ninguém visse Cucumetto nem se ouvisse falar dele.

"O Carnaval aproximava-se. O conde de San-Felice anunciou um grande baile de máscaras, para o qual tudo o que Roma tinha de mais elegante foi convidado.

"Teresa queria muito ver o baile. Luigi pediu ao seu protetor, o intendente, licença para ambos assistirem escondidos entre os criados da casa. A licença foi concedida.

"O conde dava o baile sobretudo para ser agradável a sua filha Carmela, que adorava.

"Carmela era precisamente da idade e da estatura de Teresa, e Teresa era pelo menos tão bela como Carmela.

"Na noite do baile, Teresa pôs o seu mais bonito vestido, as suas mais ricas agulhetas e os seus mais brilhantes vidrilhos. Usava o traje das mulheres de Frascati.

"Luigi envergava o traje tão pitoresco do camponês romano em dias de festa.

"Ambos se misturaram, como lhes fora permitido, com os criados e os camponeses.

"A festa estava magnífica Não só o palácio se encontrava feericamente iluminado, como também se viam milhares de lanternas coloridas suspensas das árvores do jardim. Por isso, em breve os convidados transbordaram do palácio para os terraços e dos terraços para as alamedas.

"Em cada cruzamento havia uma orquestra, bufetes e refrescos. Os passeantes detinham-se, formavam-se quadrilhas e dançava-se onde apetecia dançar.

"Carmela envergava o traje das mulheres de Sonino: touca bordada a

pérolas, presa ao cabelo por alfinetes de ouro e diamantes, faixa de seda turca com grandes flores bordadas, saia de caxemira e avental de musselina da índia. Os botões do corpete eram de pedras preciosas.

"Duas das suas companheiras estavam vestidas, uma de mulher de Netuno e a outra de mulher da Riccia.

"Acompanhavam-nas quatro jovens das mais ricas e nobres famílias de Roma, com essa liberdade italiana que não tem igual em nenhum outro pais do mundo. Envergavam pela sua parte os trajes dos camponeses de Albano, de Velletri, de Civita-Castellana e de Sora.

"Escusado ser dizer que esses trajes de camponeses, assim como os das camponesas, resplandeciam de ouro e pedrarias.

"Carmela lembrou-se de fazer uma quadrilha uniforme; simplesmente, faltava-lhe uma mulher.

"Carmela olhava à sua volta, mas não via nenhuma convidada com um traje semelhante ao seu e ao das suas companheiras.

"O conde de San-Felice mostrou-lhe, no meio das camponesas, Teresa apoiada no braço de Luigi.

"- Dá licença, meu pai? - perguntou Carmela.

"- Sem dúvida - respondeu o conde. - Não estamos no Carnaval?

“- Carmela inclinou-se para um rapaz que a acompanhava conversando e disse-lhe algumas palavras, ao mesmo tempo que lhe indicava com o dedo a moça.

“O jovem seguiu com a vista a bonita mão que lhe servia de condutora, fez um gesto de obediência e foi convidar Teresa a figurar na quadrilha dirigida pela filha do conde.

"Teresa sentiu como uma labareda passar-lhe pelo rosto. Interrogou Luigi com a vista; não havia maneira de recusar. Luigi deixou deslizar lentamente o braço de Teresa, que segurava no seu, e Teresa afastou-se conduzida pelo seu elegante cavalheiro e foi tomar lugar, toda trêmula, na quadrilha aristocrática.

"Claro que aos olhos de um artista o verdadeiro e severo traje de Teresa terio rostoter muito diferente do de Carmela e das suas companheiras. Mas Teresa era uma moça frívola e vaidosa. Os bordados da musselina, as palmas da faixa e o brilho da caxemira deslumbravam-na, assim como o reflexo das safiras e dos diamantes a enlouquecia.

"Pela sua parte, Luigi sentia nascer em si um sentimento desconhecido. Era como que uma dor surda que primeiro lhe mordia o coração e daí, tremente, lhe corria pelas veias e se lhe apoderava de todo o corpo. Seguia com a vista os menores movimentos de Teresa e do seu par, e quando as suas mãos se tocavam sentia como que deslumbramentos, as suas artérias latejavam com violência e vibrar-lhe aos ouvidos o som de um sino. Quando falavam, embora Teresa escutasse, tímida e de olhos baixos, as palavras do par, Luigi lia nos olhos ardentes do rapaz que essas palavras eram louvores, parecia-lhe que o chão girava debaixo de si e que todas as vozes do Inferno lhe sussurravam idéias de morte e assassínio. Então, temendo se deixar empolgar pela sua loucura, agarrava-se com uma das mãos ao bordo a que estava encostado de pé e com a outra apertava convulsivamente o punhal de cabo esculpido que trazia à cintura e que sem dar por isso tirava

às vezes quase por completo da bainha.

"Luigi tinha ciúmes! Sentia que levada pela sua natureza vaidosa e orgulhosa Teresa lhe poderia fugir.

"Entretanto, a jovem camponesa a princípio tímida e quase amedrontrada depressa se recompusera. Dissemos que Teresa era bonita. Não dissemos tudo: Teresa era graciosa, mas possuía era graça bravia muito mais poderosa do que a nossa graça dengosa e afetada.

"Teve quase as honras da quadrilha. E se invejou a filha do conde de San-Felice, ousamos dizer que Carmela a não invejou a ela.

"Por isso, foi com muitos cumprimentos que o seu belo par a reconduziu ao lugar onde a fora buscar e esperava Luigi.

"Duas ou três vezes, durante a contradança, a moça lhe deitara uma olhadela e de todas as vezes o vira pálido e de rosto crispado. Uma vez até a lâmina do seu punhal, meio tirado da bainha, cegara-a como um relâmpago sinistro.

"foi pois quase trêmula que retomou o braço do amado.

"A quadrilha obtivera o maior êxito e era evidente que todos desejavam fazer segunda edição. Só Carmela se opunha a isso. Mas o conde de San-Felice insistiu com a filha tão ternamente que ela acabou por consentir.

"Imediatamente um dos cavalheiros se adiantou para convidar Teresa, sem a qual era impossível a contradança realizar-se, mas a moça já desaparecera.

"Com efeito, Luigi não se sentira com coragem para suportar segunda prova; e meio por persuasão, meio à força, arrastara Teresa para outro ponto do jardim. Teresa cedera muito a seu pesar; mas vira o rosto transtornada do rapaz e compreendera, pelo seu silêncio entrecortado de estremecimentos nervosos, que algo estranho se passava nele. Ela própria não estava isenta da agitação interior, e embora nada tivesse feito de mal, compreendia que Luigi tinha o direito de a censurar. A respeito de quê? Ignorava-o, mas nem por isso sentia menos que as censuras seriam merecidas.

"Todavia, com grande espanto de Teresa, Luigi ficou calado e nem uma palavra lhe entreabriu os lábios durante todo o resto da noite. Somente quando o frio noturno expulsou os convidados do jardim e as portas do palácio se voltaram a fechar para eles, pois a partir dali a festa ia continuar, mas lá dentro, ao acompanhar Teresa a casa, lhe perguntou quando ele ia a entrar:

"- Teresa, em que pensavas quando dançavas diante da jovem condessa de San-Felice?

"- Pensava - respondeu a moça com toda a franqueza da sua alma - que daria metade da minha vida para ter um vestido como o que ela trazia.

"- E que te dizia o teu par?

"- Dizia-me que só de mim dependia possuí-lo e que para o ter me bastaria dizer uma palavra.

"- E tinha razão - respondeu Luigi. - Deseja-o tão ardentemente como dizes?

"- Desejo.

"- Pois bem, o terás!

"Atônita, a moça levantou a cabeça para o interrogar; mas o rosto de Luigi tinha uma expressão tão terrível e sombria que as palavras lhe gelaram nos

lábios.

"De resto, depois de dizer o que dissera, Luigi retirara-se.

"Teresa seguiu-o com a vista na noite, enquanto o pode distinguir. Depois, quando ele desapareceu, entrou em casa suspirando.

"Nessa mesma noite declarou-se um grande incêndio, devido, sem dúvida, à imprudência de algum criado que se esquecera de apagar as luzes. O fogo apoderou-se do Palácio San-Felice precisamente a partir dos aposentos da linda Carmela. Acordada no meio da noite pelo clarão das chamas, a jovem saltara da cama, envolvera-se no roupão e tentara fugir pela porta. Mas a galeria por onde teria de passar era já pasto das chamas. Então, regressara ao quarto e desatara a pedir socorro em altos gritos, quando de súbito a janela, situada a vinte pés do solo, se abrira, um jovem camponês entrara correndo no quarto, tomara-a nos braços e, com uma energia e um desembaraço sobre-humanos, transportara-a para a relva do jardim, onde ela perdera os sentidos. Quando voltou a si, o pai estava diante dela e todos os criados a rodeavam, ansiosos para socorre-la. Ardera uma ala inteira do palácio. Mas que importava, se Carmela estava sã e salva?

"Procuraram por toda a parte o seu salvador, mas não o encontraram. Perguntaram por ele a toda a gente, mas ninguém o vira. Quanto a Carmela, estava tão assustada que não o reconhecera.

"De resto, como o conde era imensamente rico, excetuando o perigo que Carmela correra e que lhe pareceu, dada a forma miraculosa como lhe escapara, mais um novo favor da Providência do que uma verdadeira desgraça, a perda ocasionada pelas chamas pouco representou para ele.

"No dia seguinte, à hora habitual, os dois jovens encontraram-se na orla da floresta. Luigi fora o primeiro a chegar. Foi ao encontro da moça muito bem disposto, como se tivesse esquecido por completo a cena da véspera. Teresa estava visivelmente pensativa; mas ao ver Luigi assim bem disposto, afetou pela sua parte a despreocupação risonha que constituía o fundo do seu caracter quando qualquer paixão o não perturbava.

"Luigi tomou Teresa pelo braço e conduziu-a até à porta da gruta. Aí, deteve-se. Compreendendo que havia algo extraordinário, a moça olhou fixamente.

" Teresa -- disse Luigi --, ontem à noite disseste-me que darias tudo no mundo para ter um vestido semelhante ao da filha do conde...

"- Pois disse - respondeu Teresa, atônita. - Mas estava louca para manifestar semelhante desejo.

"- E eu respondi-te: "Pois bem, o terá!"

"- É verdade - admitiu a jovem, cujo espanto aumentava a cada palavra de Luigi. - Mas decerto respondeste isso para me ser agradável.

"- Nunca te prometi nada que te não desse, Teresa - perguntou orgulhosamente Luigi. - Entra na gruta e vista-se.

"Ditas estas palavras, puxou a pedra e mostrou a Teresa a gruta iluminada por duas velas que ardiam de cada lado de um espelho magnífico. Em cima da mesa rústica, feita por Luigi, encontravam-se expostos o colar de pérolas e os alfinetes de diamantes, e numa cadeira ao lado encontrava-se o resto do traje.

"Teresa soltou um grito de alegria e, sem se informar de onde viera aquele

traje nem perder tempo a agradecer a Luigi, correu para a gruta transformada em gabinete de vestir.

"Luigi correu a pedra atrás dela, porque acabava de ver, no alto de uma colina que impedia que do lugar onde estava se visse Palestrina, um viajante a cavalo que se deteve um instante como que hesitante no seu caminho e se recortou no azul do céu com a nitidez de contornos característica dos longes dos países meridionais.

"Ao ver Luigi, o viajante meteu o cavalo a galope e foi ao seu encontro.

"Luigi não se enganara: o viajante, que se dirigia de Palestrina para Tivoli, estava hesitante no caminho.

"O rapaz indicou-lhe. Mas como a um quarto de milha dali a estrada se dividia em três caminhos e, chegado ai, o viajante se pudesse perder novamente, pediu a Luigi que lhe servisse de guia.

"Luigi tirou a capa e colocou-a no chão, pôs o rostobina ao ombro e, liberto assim da pesada peça de vestuário, seguiu à frente do viajante com o passo rápido do montanhos que o passo de um cavalo dificilmente acompanha.

"Em dez minutos, Luigi e o viajante chegaram à espécie de encruzilhada indicada pelo jovem pastor.

"Uma vez aí, num gesto majestoso como o de um imperador, Luigi estendeu a mão para aquela das três estradas que o viajante devia seguir.

"- Aqui tem o seu caminho, Excelência - disse-lhe. - Agora já não tem nada que se enganar.

"- E você aqui tem a sua recompensa - disse o viajante, oferecendo ao jovem pastor algumas moedas de pouco valor.

"- Obrigado -- disse Luigi, retirando a mão. -- Presto um favor, não o vendo.

"- Mas -- disse o viajante, que parecia de resto habituado à diferença entre o servilismo do homem das cidades e o orgulho do camponês --, se recusa um salário aceita ao menos um presente?

"- Aceito, isso é diferente.

“- Então - disse o viajante --, toma estes dois sequins de Veneza e os de à sua noiva para fazer uns brincos.

"- E o senhor tome este punhal - disse o jovem pastor. - De Albino a Civita-Castellana não encontrará outro cujo punho esteja melhor esculpido.

"- Aceito - respondeu o viajante. - Mas assim sou eu que te fico em dívida, pois este punhal vale mais do que dois sequins.

"- Para um comerciante, talvez; mas para mim, que o esculpi, vale apenas uma piastra.

"- Como se chamas? - perguntou o viajante.

"- Luigi Vampa - respondeu o pastor, com o mesmo ar com que responderia: "Alexandre, rei da Macedônia." - E o senhor?

"- Eu - respondeu o viajante - chamo-me Simbad, o Marinheiro.

Franz de Epinay soltou um grito de surpresa.

- Simbad, o Marinheiro! - exclamou.

- Sim - confirmou o narrador. - Foi o nome que o viajante deu a Vampa como sendo o seu.

- Mas afinal você tem alguma coisa contra esse nome? - perguntou Albert ao amigo. - É um belíssimo nome, e as aventuras do patrão desse cavalheiro

divertiram-me muito, confesso, na minha adolescência.

Franz não insistiu mais. Como bem se compreende, o nome de Simbad, o Marinheiro, despertara nele um mundo de recordações, como na véspera o do conde de Monte-Cristo.

- Continue - pediu ao hoteleiro.

-Vampa meteu desdenhosamente os dois sequins na algibeira e retomou lentamente o caminho por onde viera. Chegado a duas ou três centenas de passos, da gruta, julgou ouvir um grito.

"Parou e escutou para saber de que lado vinha esse grito.

"Passado um segundo, ouviu o seu nome pronunciado distintamente.

"O apelo vinha ao lado da gruta.

"Saltou como um cabrito-montês, armou a espingarda enquanto corria e chegou em menos de um minuto ao alto da colina oposta àquela em que vira o viajante.

"Ali os gritos de "Socorro!" chegaram-lhe ainda mais distintos.

"Relanceou, a vista pelo espaço que dominava: um homem raptava Teresa como o centauro Nesso raptara Dejanira.

"Esse homem, que se dirigia para o bosque, encontrava-se já a três quartos do caminho entre a gruta e a floresta.

"Vampa calculou a distância. O homem tinha duzentos passos de avanço sobre ele, pelo menos, e não havia possibilidade de apanhá-lo antes de chegar ao bosque.

"O jovem pastor deteve-se como se os seus pés tivessem criado raízes. Encostou a coronha da espingarda ao ombro, levantou lentamente o cano na direção do raptor, seguiu-o um segundo na corrida e disparou.

"O raptor parou bruscamente, os joelhos dobraram-se-lhe e o homem caiu arrastando Teresa na queda.

"Mas Teresa levantou-se imediatamente. Quanto ao fugitivo, ficou caído, debatendo-se nas convulsões da agonia.

"Vampa correu para Teresa, porque, a dez passos do moribundo, as pernas também lhe tinham faltado e a jovem caíra de joelhos. O rapaz tinha o receio terrível de que a bala que abatera o inimigo tivesse ao mesmo tempo ferido a noiva.

"Felizmente, nada disso acontecera, fora apenas o terror que paralisara as forças de Teresa. Quando Luigi teve a certeza de que estava sã e salva, virou-se para o ferido.

"Acabava de expirar, com os punhos fechados, a boca contraída pela dor e os cabelos eriçados sob o suor da agonia.

"Os olhos tinham-lhe ficado abertos e ameaçadores.

"Vampa, aproximou-se do cadáver e reconheceu Cucumetto.

"Desde o dia em que o bandido fora salvo pelos dois jovens, ficara apaixonado por Teresa e jurara que a moça seria sua. A partir desse dia, espiara-a. E, aproveitando o momento em que o rapaz a deixara sozinha para indicar o caminho ao viajante, raptara-a e julgava-se já senhor dela quando a bala de Vampa, guiada pela pontaria infalível do jovem pastor, lhe traspassara o coração.

"Vampa, olhou-o um instante sem a menor emoção, enquanto Teresa, pelo contrário, ainda toda trêmula, não ousava aproximar-se do bandido morto senão

em passinhos curtos e deitava hesitante uma olhadela ao cadáver por cima do ombro do amado.

"Passado um instante, Vampa virou-se para a noiva e disse:

- Ah, ah, já está vestida!... Vou vestir-me também.

- Com efeito, Teresa trazia, da cabeça aos pés, o traje da filha do conde de San-Felice.

"Vampa, pegou no corpo de Cucumetto e levou-o para a gruta, enquanto Teresa ficava de fora.

"Se tivesse passado segundo viajante, veria uma coisa estranha: uma pastora a guardar as suas ovelhas com um vestido de caxemira, brincos e um colar de pérolas, alfinetes de diamantes e botões de safiras, esmeraldas e rubis.

"Sem dúvida se julgaria regressado ao tempo de Floriano e afirmaria, ao regressar a Paris, que encontrara a pastora dos Alpes sentada ao pé dos montes Sabinos.

"Passado um quarto de hora, Vampa saiu por sua vez da gruta. O seu traje não era menos elegante, no seu gênero, do que o de Teresa.

"Trazia uma jaqueta de veludo carmesim, com botões de ouro cinzelado, colete de seda todo coberto de bordados, um lenço romano atado ao pescoço, uma cartucheira toda adornada de ouro e seda encarnada e verde, calções de veludo azul-celeste presos por baixo do joelho com fivelas de diamantes, polainas de pele de gamo adornadas com mil arabescos coloridos e chapéu onde adejavam fitas de todas as cores. Pendiam-lhe da cintura dois relógios e trazia entalado na cartucheira um magnífico punhal.

"Teresa soltou um grito de admiração. Assim vestido, Vampa lembrava um quadro de Leopold Robert ou de Schnetz.

"Envergara o traje completo de Cucumetto.

"O rapaz notou o efeito que produzia sobre a noiva e um sorriso de orgulho entreabriu-lhe a boca.

"- Agora - perguntou a Teresa --, está pronta a compartilhar a minha sorte qualquer que ela seja?

"- Estou! - gritou a moça com entusiasmo.

“- A seguir-me para toda a parte onde for?

"- Até ao fim do mundo.

"- Então, toma o meu braço e partamos, porque não temos tempo a perder.

"A moça passou o braço pelo do noivo sem sequer lhe perguntar para onde a levava. Naquele momento, parecia-lhe belo, orgulhoso e forte como um deus.

"E ambos se dirigiram para a floresta, cuja orla transpuseram ao cabo de poucos minutos.

"Não é necessário dizer que Vampa conhecia todos os caminhos da montanha. Penetrou portanto na floresta sem hesitar um só instante, embora não houvesse nenhum carreiro aberto, mas orientando-se apenas no caminho que devia seguir pelo exame das árvores e das moitas. Caminharam assim hora e meia,
aproximadamente.

"Ao fim desse tempo encontravam-se na parte mais densa do bosque. O leito de um rio seco conduzia a uma garganta profunda. Vampa tomou esse estranho caminho que, apertado entre duas margens e escurecido pela sombra

espessa dos pinheiros, parecia, exceto na facilidade da descida, o caminho do Averno de que fala Virgílio.

"Teresa ficou atemorizada com o aspecto daquele local selvagem e deserto e chegou-se mais para o seu guia sem dizer palavra. Mas como o via caminhar sempre com o mesmo passo e uma calma profunda lhe iluminasse o rosto, ela própria acabou por conseguir dissimular a sua emoção.

"De súbito, a dez passos deles, um homem pareceu destacar-se de uma árvore atrás da qual se encontrava escondido e apontou a arma a Vampa.

"- Nem mais um passo ou morre! - gritou.

"- Pois sim - respondeu Vampa, levantando a mão num gesto de desprezo, enquanto Teresa, já sem esconder o seu terror, se apertava contra ele. Porque os lobos também se comem uns aos outros!...

"- Quem é? - perguntou a sentinela.

"- Luigi Vampa, pastor da quinta de San-Felice.

"- Que quer?

"- Falar com os teus companheiros que estão na clareira de Rocca Bianca.

"- Então, segue-me - disse a sentinela. - Ou antes, como sabe onde fica a clareira, vai à frente.

"Vampa sorriu com ar de desprezo da precaução do bandido, passou para a frente com Teresa e continuou o seu caminho com o mesmo passo firme e tranquilo que o trouxera até ali.

"Ao cabo de cinco minutos, o bandido mandou-os parar.

"Os dois jovens obedeceram.

"O bandido imitou três vezes o grasnar do corvo.

"Outro grasnido respondeu ao triplo chamamento

"- Pronto - disse o bandido -- , agora pode seguir.

"Luigi e Teresa recomeçaram a andar.

"Mas à medida que avançavam, mais Teresa, trêmula, se apertava contra o noivo. Com efeito, através das árvores viam-se aparecer armas e cintilar canos de espingarda.

"A clareira de Rocca Bianca ficava no alto de uma pequena montanha que noutros tempos fora sem dúvida um vulcão, vulcão extinto antes de Rômulo e Remo deixarem Alba para vir edificar Roma.

"Teresa e Luigi chegaram ao cimo e encontraram-se no mesmo instante diante de uma vintena de bandidos.

"- Este rapaz quer falar com vocês - disse a sentinela.

"- Que tem para nos dizer? - perguntou o que, na ausência do chefe, o substituía.

"- Quero dizer que estou farto da profissão de pastor - declarou Vampa.

"- Ah, compreendo! - disse o lugar-tenente. - E vem pedir-nos para ser admitido nas nossas fileiras?

"- Que seja bem-vindo! - gritaram vários bandidos de Ferrusino, Pampinara e Anagni, que tinham reconhecido Luigi Vampa.

"- Pois sim, simplesmente venho pedir-lhes outra coisa diferente de ser mais um companheiro.

"- Que vem nos pedir? - perguntaram os bandidos, espantados.

"- Venho pedir para ser vosso capitão - respondeu o rapaz.

"Os bandidos desataram a rir.

"- E o que fez para aspirar a essa honra? - inquiriu o lugar-tenente.

"- Matei o seu chefe Cucumetto (aqui está o seu espólio) e coloquei fogo no palácio de San-Felice para dar um vestido de casamento à minha noiva - respondeu Luigi.

"Uma hora depois, Luigi Vampa era eleito capitão em substituição de Cucumetto.

-- Então, meu caro Albert - disse Franz, virando-se para o amigo --, que pensa agora do cidadão Luigi Vampa?

- Digo que é um mito - respondeu Albert - e que nunca existiu.

- Que é um mito? - perguntou Pastrini.

- Isso levaria muito tempo para explicar, meu caro anfitrião - respondeu Franz. - E diz que mestre Vampa exerce neste momento a sua profissão nos arredores de Roma?

- E com uma audácia de que nenhum bandido antes dele deu o exemplo.

- Quer dizer que a Polícia tentou em vão prendê-lo?

- Que quer, ele está feito ao mesmo tempo com os pastores da planície, os pescadores do Tibre e os contrabandistas da costa! Se o procuram na montanha, está no rio; se o perseguem no rio, vai para o mar; depois, de repente, quando o julgam refugiado na ilha do Ciglio, do Guanouti ou de Monte-Cristo, vêem-no reaparecer em Albano, em Tívoli ou na Riccia.

- E qual é a sua maneira de proceder com os viajantes?

- Oh, meu Deus, é muito simples! Conforme a distância a que se encontram da cidade, dá-lhes oito horas, doze horas ou um dia para pagarem o resgate. Passado esse tempo, concede mais uma hora de espera. Ao sexagésimo minuto dessa hora, se não chegou o dinheiro, estoura os miolos do prisioneiro com um tiro de pistola, ou crava-lhe o punhal no coração, e está tudo arrumado.

- Então, Albert, continua disposto a ir ao Coliseu pelos bulevares exteriores? - perguntou Franz ao companheiro.

- Absolutamente - respondeu Albert --, desde que o caminho seja mais pitoresco.

Neste momento, deram nove horas, a porta abriu-se e o cocheiro apareceu.

- Excelências - anunciou --, a carruagem os espera.

- Bom - disse Franz --, nesse caso para o Coliseu!

- Pela Porta del Popolo, Excelências, ou pelas ruas?

- Pelas ruas, com a breca, pelas ruas! - gritou Franz.

- Ah, meu caro, julgava-o mais corajoso! - exclamou Albert, levantando-se por seu turno e acendendo o seu terceiro charuto.

Em seguida, os dois jovens desceram a escada e meteram-se na carruagem.

Capítulo XXXIV

Aparição

Franz encontrara um meio termo para que Albert chegasse ao Coliseu sem passar diante de nenhuma ruína antiga e, consequentemente, sem que as preparações graduais roubassem ao colosso um único côvado das suas gigantescas proporções. Esse meio-termo consistia em seguir a Via Sistinia, cortar à direita defronte de Santa Maria Maior e chegar pela Via Urbana e San Pietro in Vincoli à Via del Colosseo.

Este itinerário oferecia Aliás outra vantagem: o de não distrair em nada Franz da impressão produzida em si pela história que contara mestre Pastrini e na qual se encontrava metido o seu misterioso anfitrião de Monte-Cristo. Por isso aninhara-se no seu canto e recaíra nos mil interrogatórios sem fim a que ele próprio se submetera e dos quais nem um lhe dera resposta satisfatória.

Outra coisa, de resto, lhe recordara também o seu amigo Simbad, o Marinheiro: as misteriosas relações entre os bandidos e os marinheiros. O que mestre Pastrini dissera acerca do refúgio que Vampa encontrava nas embarcações dos pescadores e dos contrabandistas, lembrava a Franz os dois bandidos corsos que encontrara a cear com a tripulação do iatezinho, o qual se desviara da sua rota e demandara
Porto-Vecchio apenas para os desembarcar. O nome que se dava ao seu anfitrião de Monte-Cristo, pronunciado pelo dono do Hotel de Espanha, provava-lhe que desempenhava o mesmo papel
filantrópico tanto nas costas de Piombino, de Civita-Vecchia, de óstia e de Gaeta, como nas de Córsega, da Toscana e da Espanha. E como ele próprio, tanto quanto se recordava Franz, falara de Tunes e de Palermo, isso era a prova de que abarcava um círculo de relação bastante extenso.

Mas por mais que todas estas reflexões incluíssem no espírito do jovem, desvaneceram-se quando viu erguer-se diante de si o fantasma sombrio e gigantesco do Coliseu, através de cuias aberturas o luar projetava os longos e pálidos raios que expelem os olhos dos espectros. A carruagem deteve-se a poucos
passos da Mesa Sudans. O cocheiro veio abrir a portinhola. os dois jovens apearam-se e encontraram-se diante de um cicerone que parecia ter acabado de sair do chão.

Como o do hotel os seguira, com mais aquele eram dois.

Impossível, de resto, evitar em Roma o luxo dos guias. Além do cicerone geral que se apodera de nós no momento em que pomos o pé na soleira da porta do hotel, e que só nos larga no dia em que pomos o pé fora da cidade, há ainda um cicerone especial ligado a cada monumento, e eu diria quase a cada fração de monumento. Imagine-se portanto como pululará os cicerones no Coliseu, isto é, no monumento por excelência, acerca do qual dizia Marcial: “Que Mênfis deixe de nos gabar os bárbaros milagres das suas pirâmides, que se não cantem mais as maravilhas da Babilônia. Tudo deve ceder perante a obra imensa
do anfiteatro dos Césares e todas as vozes da I ama se devem reunir para elogiar este monumento."

Franz e Albert não tentaram sequer subtrair-se à tirania ciceroniana. De resto, isso seria tanto mais difícil quanto é certo serem apenas os guias quem tem direito a percorrer o monumento com archotes. Não opuseram pois nenhuma resistência e entregaram-se de pés e mãos amarrados aos seus condutores.

Franz conhecia o passeio por já o ter feito dez vezes. Mas como o companheiro, mais novo, punha pela primeira vez o pé no monumento de Flávio Vespasiano, devo confessar em sua honra que, apesar do cacarejo ignorante dos seus guias, estava muitíssimo impressionado. Efetivamente, não se faz idéia, antes de a ver, da majestade de semelhante ruína, em que todas as proporções são ainda aumentadas pela misteriosa claridade de um luar meridional cujos raios parecem um crepúsculo do Ocidente.

Por isso, assim que Franz, o pensador, deu cem passos debaixo dos pôrticos interiores, abandonou Albert aos seus guias, que não estavam dispostos a renunciar ao direito imprescritível de lhe mostrar em todos os seus pormenores a cova dos leões, as instalações dos gladiadores e o pódio dos Césares, meteu por uma escada semiarruinada e, deixando-o continuar o seu caminho simétrico, foi-se muito simplesmente sentar à sombra de uma coluna, diante de uma meia-lua que lhe permitia abarcar o gigante de granito em toda a sua majestosa extensão.

Franz encontrava-se ali havia um quarto de hora aproximadamente, oculto, como já disse, na sombra de uma coluna, entretido a observar Albert que, acompanhado dos seus dois porta-archotes, acabava de sair de um vomitorium situado na outra extremidade do Coliseu, e os quais, como as sombras que acompanham um fogo-fátuo, desciam de degrau em degrau para os lugares reservados às vestais, quando lhe pareceu ouvir rolar nas profundezas do monumento uma pedra solta da escada situada defronte da que tomara para chegar ao local onde estava sentado. Não tem nada de estranho, sem dúvida, que uma pedra se solte debaixo do pé do tempo e role no abismo; mas desta vez parecia-lhe que fora aos pés de um homem que a pedra cedera e que um ruído de passos chegava até ali, embora aquele que o ocasionava fizesse tudo o que podia para os abafar.

Com efeito, passado um instante, apareceu um homem que saiu gradualmente da sombra à medida que subia a escada, cuja abertura, situada defronte de Franz, era iluminada pelo luar, mas cujos degraus desapareciam nas trevas à medida que se desciam.

Poderia ser um turista como ele que preterisse a meditação solitáia à tagarelice sem sentido dos seus guias, e portanto a sua aparição nada ter de surpreendente; mas a hesitação com que subiu os últimos degraus e a forma como, chegado à plataforma, parou e pareceu escutar, denotavam com evidência que estava ali com um fim especial e esperava alguém.

Num gesto instintivo, Franz escondeu-se o mais que pode atrás da coluna.

A dez pés do pavimento onde ambos se encontravam a abôbada estava danificada e uma abertura redonda, semelhante à de um poço, permitia ver o céu todo constelado de estrelas.

À roda da abertura, que talvez desse havia já centenas de anos passagem aos raios do luar, cresciam silvas cujas frágeis folhas verdes se recortavam e salientavam, com vigor no azul baço do firmamento, enquanto grandes cipós e pujantes rebentos de hera pendiam daquele terraço superior e se agitavam debaixo da abóbada como cordas flutuantes.

A personagem cuja chegada misteriosa atraíra a atenção de Franz encontrava-se colocada numa meia-luz que lhe não permitia distinguir-lhe as feições, mas que mesmo assim não era suficientemente escura para o impedir-lhe

de examinar em pormenor a indumentária. O sujeito estava envolto numa grande capa escura da qual um dos panos, atirado por cima do ombro esquerdo, lhe ocultava a parte inferior do rosto, enquanto o chapéu de abas largas lhe cobria a parte superior. Apenas a extremidade da sua indumentária era iluminada pela luz oblíqua que passava pela abertura, o que permitia divisar calças pretas que caiam elegantemente sobre botas de verniz.

Aquele homem pertencia, evidentemente, senão à aristocracia, pelo menos à alta sociedade.

Estava ali havia alguns minutos e começava a dar visíveis sinais de impaciência quando se ouviu um leve ruído no terraço superior.

No mesmo instante, uma sombra interceptou a luz, um homem apareceu na abertura, mergulhou o olhar penetrante nas trevas e viu o homem da capa. Agarrou imediatamente um punhado de cipós pendentes e de hera flutuante, deixou-se escorregar e, chegado a três ou quatro pés do chão, saltou ligeiramente para terra. O recém-chegado envergava um traje completo de habitante do Trastevere.

- Desculpe tê-lo feito esperar, Excelência - disse em dialeto romano. - Aliás, atrasei-me apenas alguns minutos. Acabam de dar dez horas em S. João de Latrão.

- Eu é que cheguei adiantado e não você que chegou atrasado - respondeu o desconhecido no mais puro toscano. - Portanto, deixemos de desculpas. De resto, se me fizesse esperar estou certo de que seria por motivo independente da sua vontade.

- E teria razão, Excelência. Venho do Castelo de Santo Angelo e tive muita dificuldade em falar com Beppo.

- Quem é esse Beppo?

- Beppo é um funcionário da prisão a quem pago uma pequena subvenção para saber o que se passa dentro do castelo de Sua Santidade.

- Ah, ah, vejo que é homem precavido, meu caro!...

- Nunca se sabe o que pode acontecer, Excelência. Talvez um dia me apanhem na rede com o pobre Peppino e precise de um rato para me roer algumas malhas da minha prisão...

- Em suma, o que soube?

- Haverá duas execuções na terça-feira às duas horas, como é hábito em Roma quando do início de grandes festas. Um condenado será mazzolato. Trata-se de um miserável que assassinou um padre que o criou e que não merece qualquer interesse. O outro será decapitato, e esse é o pobre Peppino.

- Que quer, meu caro, inspira tão grande terror não só ao governo pontifício, como também aos reinos vizinhos, que pretendem absolutamente dar um exemplo.

- Mas Peppino nem sequer pertenceu à minha quadrilha. É um pobre pastor que apenas cometeu o crime de nos fornecer víveres.

- O que o constituiu perfeitamente em seu cúmplice. Por isso, têm alguma consideração com ele: em vez de o fustigarem, como acontecerá consigo se alguma vez lhe puserem as mãos em cima, se limitarão a guilhotiná-lo. De resto, isso variará os prazeres do povo e haverá espetáculo para todos os gostos.

- Sem contar com o que organizo e pelo qual ninguém espera - acrescentou

o trastevenano.

- Meu caro amigo, permita-me que lhe diga que me parece disposto a cometer alguma tolice - observou o homem da capa.

- Estou disposto a tudo para impedir a execução do pobre diabo, que está em apuros por ter me ajudado. Pela Madona, me consideraria um covarde se não fizesse qualquer coisa pelo pobre rapaz!

- Que tenciona fazer?

- Colocarei uns vinte homens à roda do cadafalso e quando o trouxerem, a um sinal que darei, nos atiraremos de punhal em punho à escolta e nos apoderaremos dele.

- Isso parece-me muito arriscado e creio decididamente que o meu plano é melhor do que o seu.

- Qual é o seu plano, Excelência?

- Darei dez mil piastras a uma determinada pessoa que conheço e que conseguirá que a execução de Peppino seja adiada para o próximo ano. Depois, durante o ano, darei mais mil piastras a outra pessoa que conheço e farei com que ele fuja da prisão.

- Tem certeza que não falhará?

- Claro! - respondeu em francês o homem da capa.

- Que disse? - perguntou o trasteveriano.

- Disse, meu caro, que conseguirei mais sozinho com o meu ouro do que você e toda a sua gente com os seus punhais, as suas pistolas, as suas carabinas e os seus bacamartes. Deixe-me portanto agir.

- A vontade! Mas se falhar, estaremos prontos para intervir.

- Estejam prontos para intervir, se isso lhes dá prazer, mas lhe garanto que obterei o adiamento.

- A execução será depois de amanhã, terça-feira, não se esqueça. Só dispõe do dia de amanhã.

- Claro. Mas o dia compõe-se de vinte e quatro horas, cada hora de sessenta minutos e cada minuto de sessenta segundos; e em oitenta e seis mil e quatrocentos segundos fazem-se muitas coisas.

- Como saberemos se for bem sucedido, Excelência?

- De uma maneira muito simples. Aluguei as três últimas janelas do Café Rospoli. Se obtiver o adiamento, as duas janelas do canto estarão forradas de damasco amarelo e a do meio estará forrada de damasco branco com uma cruz vermelha.

- Muito bem. E por quem mandará entregar a graça?

- Mande-me um dos seus homens disfarçado de penitente e a entregarei. Graças ao seu traje, poderá chegar junto do cadafalso e entregar a bula ao chefe da confraria, que a entregará ao carrasco. Entretanto, faça chegar esta notícia a Peppino, não vá morrer de medo ou enlouquecer e faremos por ele uma despesa inútil.

- Escute Excelência - disse o trasteveriano. - Sou-lhe muito dedicado e creio que está convencido disto, não é verdade?

- Espero-o, pelo menos.

- Pois bem, se salvar Peppino, será mais do que dedicação no futuro, será obediência.

- Cuidado com o que diz, meu caro! Talvez lhe recorde um dia, pois talvez um dia também eu precise de você...

- Nesse caso, Excelência, me encontrará na hora da necessidade, tal estou certo de que o encontraria nessa mesma hora. Então, ainda que estivesse nos confins do mundo, não teria mais do que escrever-me: “Faça isto!" e eu o faria, palavra de...

- Cale-se! - atalhou o desconhecido. - Ouvi um ruído.

- São turistas que visitam o Coliseu à luz de archotes.

- É inútil que os encontrem juntos. Esses guias denunciantes poderiam reconhecê-lo, e por muito honrosa que seja a sua amizade, meu caro amigo, se nos soubessem ligados como estamos receio muito que semelhante ligação me fizesse perder um bocadinho do meu crédito.

- Portanto, se conseguir o adiamento...

- A janela do meio forrada de damasco com uma cruz vermelha.

- E se o não conseguir?...

- Três tapeçarias amarelas.

- E nesse caso...

- E nesse caso, meu caro amigo, sirva-se do punhal à sua vontade. Permito-lhe e estarei lá para ve-lo atuar.

- Adeus, Excelência. Conto com o senhor, conte comigo.

Ditas estas palavras, o trasteveriano desapareceu pela escada, enquanto o desconhecido, cobrindo mais do que nunca o rosto com a capa, passou a dois passos de Franz e desceu à arena pelos degraus exteriores.

Um segundo mais tarde, Franz ouviu o seu nome ecoar debaixo das abóbadas: era Albert quem o chamava. Esperou para responder que os dois homens se afastassem, pois não queria que soubessem que tinham tido uma testemunha que, embora lhes não tivesse visto o rosto, não perdera uma palavra do seu diálogo.

Dez minutos depois, Franz rodava para o Hotel de Espanha, escutando com uma distração deveras impertinente a douta dissertação que Albert fazia, segundo Plínio e Calpúrnio, acerca das redes guarnecidas de pontas de ferro que impediam as feras de se atirar aos espectadores.

Deixava-o falar sem contradize-lo. Tinha pressa de se encontrar sozinho para pensar sem que o distraíssem no que acabava de acontecer na sua presença.

Dos dois homens, um era-lhe certamente estranho, era a primeira vez que o via e ouvia, mas o mesmo não acontecia com o outro. E embora Franz lhe não pudesse ver o rosto, constantemente oculto na sombra ou escondido pela capa, o timbre daquela voz impressionara-o tanto da primeira vez que a ouvira que ela nunca mais poderia soar sem que a reconhecesse.

Havia sobretudo nas intonações irônicas qualquer coisa de estridente e metálico que o fizera estremecer tanto nas ruínas do Coliseu como na gruta de Monte-Cristo.

Por isso, estava absolutamente convencido de que aquele homem não era outro senão Simbad, o Marinheiro.

Por isso, em qualquer outra circunstância, a curiosidade que lhe inspirara aquele homem seria tão grande que não hesitaria em se dar a conhecer. Mas

naquela ocasião a conversa que acabava de ouvir era demasiado íntima para que o não contivesse o receio, muito sensato, de que o seu aparecimento lhe não seria agradável. Deixara-o portanto afastar-se, como vimos, mas prometendo a si próprio, se o voltasse a encontrar, não deixar fugir essa segunda oportunidade como deixara fugir a primeira.

Franz estava demasiado preocupado para dormir bem. Gastou a noite passando e repassando no seu espírito todas as circunstâncias relacionadas com o homem da gruta e o desconhecido do Coliseu, e que tendiam a fazer das duas personagens o mesmo indivíduo. E quanto mais Franz pensava nisso, tanto mais se firmava nesta opinião.

Adormeceu ao amanhecer, o que fez com que acordasse muito tarde. Albert, como verdadeiro parisiense que era, já tomara as suas precauções para a noite e começara por mandar comprar um camarote no Teatro Argentina.

Franz tinha de escrever várias cartas para a França e cedeu portanto a carruagem a Albert.

Albert regressou às cinco horas. Apresentara as suas cartas de recomendação, obtivera convites para todas as festas e visitara Roma.

Um dia bastara a Albert para fazer tudo isso. E ainda tivera tempo de se informar da peça que se
representava e dos Atores que a desempenhariam.

A peça tinha por título Parisina e os Atores chamavam-se Coselli, Moriani e Spech.

Os nossos dois jovens não eram tão infelizes como julgavam: iam assistir à representação de uma das melhores operas do autor de Lucia di Lammermoor, interpretada por três dos mais famosos artistas da Itália.

Albert nunca conseguira habituar-se aos teatros ultramontanos, cujos lugares de orquestra eram insuportáveis, e que não têm balcões nem frisas. Era duro para um homem que tinha a sua assinatura na ópera Cômica e o seu lugar no camarote infernal da ópera Dramática.

Mas isso não impedia Albert de se vestir a primor todas as vezes que ia à ópera com Franz. Primores desperdiçados, pois é mister reconhecer, para vergonha de um dos mais dignos representantes da nossa moda, que desde que há quatro meses cruzava a Itália em todos os sentidos, Albert não tivera uma única aventura.

Às vezes, Albert procurava gracejar a tal respeito; mas no fundo estava singularmente mortificado por ele, Albert de Morcef, um dos jovens mais requisitados, ainda não ter visto o seu esforço recompensado. O caso era tanto mais penoso quanto é certo que, segundo o hábito modesto dos nossos caros compatriotas, Albert partira de Paris com a convicção de ir obter na Itália os maiores êxitos e de no regresso fazer as
delícias do Buievard de Gand com a história das suas aventuras.

Infelizmente, nada semelhante acontecera. As encantadoras condessas genovesas, florentinas e napolitanas estavam presas, não aos maridos, mas sim aos amantes, e Albert adquirira a cruel convicção de que as italianas tinham pelo menos sobre as francesas a vantagem de serem fiéis na sua infidelidade.

Não quero dizer que na Itália, como em toda a parte, não haja exceções.

E contudo Albert era não só um cavalheiro perfeitamente elegante, mas

também um homem de muito espírito. Além disso, era visconde. Visconde da nova nobreza, é certo. Mas hoje, que não nos prendemos com essas ninharias, que importa que a nobreza remonte a 1399 ou a 1815? Ainda por cima, tinha cinquenta mil libras de rendimento. Como se verifica, era mais do que o preciso para estar na moda em Paris. Daí portanto ser um bocadinho humilhante não ter ainda sido seriamente notado por ninguém em nenhuma das cidades por onde passara.

Contava, porém, desforrar-se em Roma, visto o Carnaval ser, em todos os países da Terra que celebravam tão estimável instituição, uma época de liberdade em que os mais sisudos se deixam arrastar a cometer qualquer ato de loucura. Ora, como o Carnaval começava no dia seguinte, era importantíssimo que Albert iniciasse o seu programa antes do Carnaval começar.

Com essa intenção comprara um dos camarotes mais em evidência do teatro e vestira-se impecavelmente para assistir ao espetáculo. Era um camarote de primeira ordem, que substitui entre nós a galeria. De resto, as três primeiras ordens são tão aristocráticas umas como outras e por esse motivo lhe chamam ordens nobres.

Aliás o camarote, onde caberiam doze pessoas sem ficarem apertadas custara aos dois amigos um bocadinho menos caro do que um camarote de quatro pessoas no Ambigu. Albert tinha ainda outra esperança: conseguir lugar no coração de uma bela romana, o que levaria, naturalmente, à conquista de um posto na carruagem da dama e consequentemente a ver o Carnaval do alto de um veículo aristocrático ou de uma varanda principesca.

Todas estas considerações tornavam Albert mais impaciente do que nunca. Virava as costas aos atores, debruçava-se a ponto de deitar meio corpo fora do camarote e analisava todas as mulheres bonitas com um binóculo de seis polegadas de comprimento... o que não levava nem uma só mulher bonita a recompensar com um único olhar, mesmo de curiosidade, todo o esforço despendido por Albert.

Efetivamente, cada qual falava dos seus negócios, dos seus amores, dos seus prazeres, do Carnaval que principiaria no dia seguinte e da próxima Semana Santa, sem prestar atenção um só instante, nem aos Atores nem à peça, com exceção dos momentos indicados, em que então todos se viravam, quer para ouvir uma porção do recitativo de Coselli, quer para aplaudir qualquer rasgo brilhante de Moriani, quer para gritar “Bravo!" à Spech. Depois, as conversas particulares retomavam o seu curso habitual.

Quase no fim do primeiro ato a porta de um camarote que se conservara vazio até ali abriu-se e Franz viu entrar uma pessoa a quem tivera a honra de ser apresentado em Paris e que julgava ainda na França. Albert notou o gesto que fez o amigo a essa aparição e, virando-se para ele, perguntou-lhe:

- Conhece aquela dama?
- Conheço. Como a acha?
- Encantadora, meu caro, e loura. Oh, que cabelos adoráveis! É francesa?
- Não, é venesiana.
- E chama-se?
- Condessa G...
- Oh, conheço-a de nome! - exclamou Albert. - Dizem que tem tanto de

espiritual como de bonita. Com a breca, quando penso que lhe podia ter sido apresentado no último baile da Sra de Villefort, onde ela estava, e que descurei isso!... Sou um parvalhão!

- Quer que repare essa falta? - perguntou Franz.

- Como, tem suficiente intimidade com ela para me levar ao seu camarote?

- Tive a honra de lhe falar três ou quatro vezes na minha vida. Mas como sabe, rigorosamente o bastante para não cometer uma inconveniência.

Neste momento a condessa viu Franz e fez-lhe com a mão um sinal gracioso a que ele correspondeu com uma respeitosa inclinação de cabeça.

- De fato, parece-me que você está nas melhores relações com ela - disse Albert.

- Aí é que você se engana e é isso que nos leva, a nós Franceses, a cometer mil tolices no estrangeiro. Queremos submeter tudo aos nossos pontos de vista parisienses. Na Espanha, e sobretudo na Itália, nunca julgue a intimidade das pessoas pela liberdade das relações. Tenho certas afinidades com a condessa, mas mais nada.

- Afinidades de coração? - perguntou Albert, rindo.

- Não, apenas de espírito - respondeu seriamente Franz.

- Quando as contraíram?

- No momento de uma visita ao Coliseu idêntica à que fizemos juntos.

- Ao luar?

- Sim.

- Sozinhos?

- Quase!

- E falaram...

- Dos mortos.

- Oh, aí está, na verdade, um assunto deveras divertido! - exclamou Albert. - Pois eu lhe juro que se tiver a sorte de ser o cavalheiro da bela condessa em semelhante visita, só lhe falarei dos vivos.

- E talvez faça mal.

- Entretanto, vai-me apresentar a ela como me prometeu?

- Assim que o pano desça.

- Como este maldito primeiro Ato é longo!

- Escute o final. É muito belo e Coselli canta-o admiravelmente.

- Pois sim; Mas que elegância!

- A Spech não pode ser mais dramática.

- Bom, deve compreender que depois de ouvirmos a Sontag e a Malibran...

- Não acha que Moriani tem uma voz excelente?

- Não gosto dos morenos que cantam como louros.

- Meu caro - disse Franz virando-se, enquanto Albert continuava de binóculo em punho --, na verdade você é muito exigente.

Por fim o pano desceu, com grande satisfação do visconde de Morcef, que pegou o chapéu, passou rapidamente a mão pelo cabelo, pela gravata e pelos punhos da camisa e disse a Franz que estava à sua espera.

E como pelo seu lado a condessa, que Franz interrogava com a vista, lhe deu a entender por um sinal que seria bem-vindo, Franz apressou-se a satisfazer a insistência de Albert e, seguido do companheiro, que aproveitava a viagem para

alisar as rugas que o seu irrequietismo pudesse ler posto no colarinho e no forro da casaca, deu a volta ao hemiciclo e foi bater à porta do camarote 4, ocupado pela condessa.

Imediatamente o jovem que estava sentado ao lado dela, à frente do camarote, se levantou e cedeu o seu lugar, conforme o hábito italiano, ao recém-chegado, que o deveria ceder por seu turno quando chegasse outra visita.

Franz apresentou Albert à condessa como um dos nossos jovens mais distintos pela sua posição social e pelo seu espírito, o que de resto era verdade, porque em Paris e no meio onde vivia Albert era um cavalheiro impecável. Acrescentou que, desesperado por não ter sabido aproveitar a estada da condessa
em Paris para lhe ser apresentado, Albert o encarregara de reparar essa falta, missão desempenhava suplicando à condessa, junto a qual ele próprio necessitaria de um introdutor, que perdoasse a sua indiscrição.

A condessa respondeu com um encantador cumprimento a Albert e estendeu a mão a Franz.

Convidado por ela, Albert ocupou o lugar vazio à frente do camarote e Franz sentou-se na segunda fila, atrás da condessa. Albert descobriu um excelente tema de conversa: Paris. Falou à condessa dos seus conhecimentos comuns e Franz compreendeu que estava nas suas sete quintas. Deixou-o à vontade, pediu-lhe o gigantesco binóculo e pôs-se por seu turno a explorar a sala.

Sozinha à frente de um camarote de terceira ordem, defronte deles, estava uma mulher admiravelmente bela, envergando um traje grego, que usava tão naturalmente que era evidente ser sua indumentária natural.

Atrás dela, na sombra, desenhava-se a silhueta de um homem cujo rosto era impossível distinguir.

Franz interrompeu a conversa de Albert e da condessa para perguntar a esta última se conhecia a bela albanesa, tão digna de atrair não só a atenção dos homens, mas também das mulheres.

- Não - respondeu ela. - Tudo o que sei é que está em Roma desde o início da estação, porque na abertura do teatro vi-a onde está agora e há um mês que não falta a nenhum recital, ora acompanhada pelo homem que está com ela neste momento, ora seguida simplesmente por um criado negro.

- Como a acha, condessa?

- Muitíssimo bonita. Medora devia parecer-se com ela.

Franz e a condessa trocaram um sorriso. Ela voltou à sua conversa com Albert e Franz a observar com o binóculo a sua albanesa.

O pano subiu para o bailado. Era um desses bons corpos de dança italianos, ensaiados e encenados pelo famoso Henri, que como coreógrafo conquistara em Itália fama colossal, que infelizmente para ele acabara por perder no teatro náutico; um desses corpos de baile onde todos, desde a primeira figura até ao último comparsa, toma parte tão ativa na ação que cento e cinquenta pessoas fazem ao mesmo tempo o mesmo gesto e levantam simultaneamente o mesmo braço ou a mesma perna.

O bailado chamava-se Poliska.

Franz estava demasiado interessado na sua bela grega para dar importância ao bailado, por mais interessante que fosse. Quanto a ela, encontrava

visível prazer no espetáculo, prazer que contrastava profundamente com o desinteresse absoluto daquele que a acompanhava e que, enquanto durou a obra-prima coreográfica, não fez um gesto, parecendo, apesar do barulho infernal das trombetas, dos címbalos e das campainhas da orquestra, saborear as doçuras celestes de um sono calmo e radioso.

Por fim o bailado terminou e o pano desceu no meio dos aplausos frenéticos de uma platéia inebriada.

Graças ao hábito de dividir a ópera com um bailado, os intervalos são curtíssimos na Itália. Os cantores têm tempo para descansar e mudar de traje enquanto os bailarinos executam as suas piruetas e saltos de dança.

Começou a abertura do segundo Ato. Aos primeiros acordes de violino, Franz viu o dorminhoco levantar-se lentamente e aproximar-se da grega, que se virou para lhe dirigir algumas palavras e se encostou de novo à balaustrada do camarote. O rosto do seu interlocutor continuava na sombra e Franz não podia distinguir nenhuma das suas feições.

O pano subiu. A atenção de Franz foi inevitavelmente atraída para os Atores e os seus olhos afastaram-se por um instante do camarote da bela grega e dirigiram-se para o palco.

O Ato principia, como se sabe, pelo duo do sonho: Parisina, deitada, deixa escapar diante de Azzo o segredo do seu amor por Ugo. O marido atraiçoado passa por todos os furores do ciúme, até que, convencido de que a mulher lhe é infiel, a acorda para lhe anunciar a sua vingança.

Este dueto é dos mais belos, expressivos e terríveis que saíram da pena fecunda de Donizetti. Franz ouvia-o pela terceira vez e, embora não fosse um melômano entusiasta, causou-lhe profunda impressão. Ia portanto juntar os seus aplausos aos da sala quando as suas mãos, prestes a juntarem-se, ficaram afastadas e o “Bravo!" que lhe escapava da boca lhe morreu nos lábios.

O homem do camarote pusera-se de pé e ficara com a cabeça iluminada, de modo que Franz reconheceu nele o misterioso habitante de Monte-Cristo, aquele de quem na véspera lhe parecera tão bem reconhecer a figura e a voz nas ruínas do Coliseu.

Não havia dúvida: o estranho viajante estava em Roma.

Decerto a expressão da seu rosto estava de harmonia com a perturbação que semelhante aparição lhe lançara no espírito, pois a condessa olhou-o, desatou a rir e perguntou-lhe o que tinha.

- Sra Condessa - respondeu-lhe Franz --, perguntei-lhe se há pouco se conhecia aquela mulher albanesa; agora pergunto-lhe se conhece o marido.

- Tanto como ela - respondeu a condessa.

- Nunca reparou nele?

- Ora aí está uma pergunta à francesa! Sabe muito bem que para nós italianas não existe outro homem no mundo além do que amamos!

- Tem razão - concordou Franz.

- Em todo o caso - continuou ela aplicando o binóculo de Albert aos olhos e dirigindo-o para o camarote fronteiro -, deve ser algum novo desterrado, algum morto saído da sepultura com licença do coveiro, pois parece-me horrivelmente pálido.

- Sempre o vi assim - disse Franz.

- Isso quer dizer que o conhece? - inquiriu a condessa. - Então, sou eu que lhe pergunto quem é.

- Creio já o ter visto e parece-me reconhecê-lo.

- De fato - disse ela, fazendo um movimento com os belos ombros, como se tivesse um arrepio --, compreendo que depois de se ver uma vez semelhante homem nunca mais se esqueça.

A sensação que Franz experimentara não era portanto uma impressão particular, uma vez que outra pessoa também a experimentava.

- Então - perguntou Franz à condessa, depois de levar pela segunda vez o binóculo aos olhos - que pensa do nosso homem?

- Parece-me Lorde Ruthwen em carne e osso.

Esta alusão a Byron impressionou Franz. Com efeito, se um homem o podia fazer acreditar na existência de vampiros, esse homem era aquele.

- Tenho de saber quem é - disse Franz, levantando-se.

- Oh, não! - exclamou a condessa. - Não me deixe. Conto com você para me acompanhar até em casa e não permito que saia daqui.

- Como, é verdade que tem medo? - perguntou-lhe Franz ao ouvido?

- Ouça - respondeu ela --, Byron jurou-me que acreditava em vampiros, disse-me que os vira e descreveu-me o seu rosto. Pois bem, são exatamente assim: cabelo preto, grandes olhos brilhantes, como se neles ardesse uma chama estranha, palidez mortal... Além disso, note que não está com uma mulher como todas as mulheres, está com uma estrangeira... uma grega, uma cismática... sem dúvida alguma feiticeira como ele. Peço-lhe, não vá embora. Dedique-se amanhã às suas investigações, se quiser, mas hoje não o deixo sair daqui.

Franz insistiu.

- Ouça - disse ela levantando-se --, vou embora. Não posso ficar até ao fim do espetáculo, tenho a casa cheia de gente. Será tão pouco galante que me recuse a sua companhia?

Não havia outra resposta a dar a não ser pegar no chapéu, abrir a porta e oferecer o braço à condessa. Foi o que ele fez.

A condessa estava realmente muito impressionada, e o próprio Franz não conseguia afugentar certo terror supersticioso, tanto mais natural quanto é certo que o que era na condessa o produto de uma sensação instintiva, era nele o resultado de uma recordação.

Franz sentiu que ela tremia ao subir para a carruagem. Acompanhou-a a casa. Não havia ninguém nem era de modo algum esperada. Franz mostrou-lhe o seu desagrado.

- Na verdade - respondeu-lhe ela --, não me sinto bem e quero estar só. A vista desse homem perturbou-me muito.

Franz tentou gracejar.

- Não ria - disse-lhe ela. - Aliás, está rindo sem vontade. Prometa-me uma coisa.

- O quê?

- Prometa-me.

- Prometo-lhe tudo o que quiser exceto renunciar a descobrir quem é aquele homem. Tenho motivos que lhe posso revelar para desejar saber quem é, de onde vem e para onde vai.

- De onde vem, ignoro-o; mas para onde vai, posso dizer-lhe: vai para o Inferno sem dúvida nenhuma.

- Voltemos à promessa que queria exigir de mim, condessa - disse Franz.

- Oh, consiste em regressar diretamente ao hotel e não procurar ver esse homem esta noite! Há certas afinidades entre as pessoas que deixamos e as pessoas que procuramos. Não sirva de condutor entre esse homem e mim. Amanhã, corra atrás dele, se quiser; mas nunca me apresente, se não quiser fazer-me morrer de medo. E agora, boa noite. Procure dormir. Eu sei que não conseguirei pregar o olho.

Ditas estas palavras, a condessa deixou Franz, que ficou indeciso, sem saber se ela estivera divertindo-se às suas custas, ou se realmente sentira o medo que dissera ter.

No regresso ao hotel, Franz encontrou Albert de roupão e pijama, voluptuosamente recostado numa poltrona e fumando um charuto.

- Ah, é você! - disse-lhe. - Palavra que só o esperava amanhã.

- Meu caro Albert - respondeu Franz --, ainda bem que tenho oportunidade de lhe dizer de uma vez para sempre que tem a mais falsa das idéias a respeito das mulheres italianas. Parece-me no entanto que as suas desilusões amorosas deveriam ter-lha feito perder.

- Que quer, essas mulheres endiabradas são impossíveis de compreender! Pegam-nos na mão, apertam-na, falam-nos baixinho, convidam-nos a acompanhá-las a casa... enfim, com um quarto de
semelhante maneira de proceder uma parisiense perderia a reputação.

- Bom, precisamente por não terem nada a esconder e viverem às claras é que as mulheres são tão livres no belo país onde ressoa o si, como diz Dante. Aliás, você bem viu que a condessa estava realmente cheia de medo.

- Medo de quê? Do respeitável cavalheiro que estava defronte de nós com aquela bonita grega? Pois eu quis vê-los de perto e quando saíram cruzei-me com eles no corredor. Não sei onde diabo vocês foram buscar todas essas idéias do outro mundo! Trata-se de um homem simpatissíssimo e muito elegante, com
todo o ar de se vestir na França, no Blin ou no Humann. Um bocadinho pálido, é verdade, mas você bem sabe que a palidez é um sinal de distinção.

Franz sorriu. Albert tinha grandes pretensões de ser pálido.

- Por isso - disse-lhe Franz --, estou convencido de que as idéias da condessa acerca desse homem não têm sentido. Falou ao pé de si e você ouviu algumas das suas palavras?

- Falou, mas em grego moderno. Reconheci o idioma por algumas palavras desfiguradas. Devo dizer-lhe, meu caro, que no colégio era fortíssimo em grego.

- Portanto falava grego moderno?

- É provável.

- Não tenho qualquer dúvida - murmurou Franz --, é ele.

- O que você disse?

- Nada. Que fazia você aqui?

- Preparava-lhe uma surpresa.

- Qual?

- Sabe que é impossível arranjar uma caleça?

- Olha que descoberta! Então não fizemos inutilmente tudo o que era

humanamente possível fazer para arranjá-la?

- Pois bem, tenho uma idéia maravilhosa.

Franz olhou para Albert como se não tivesse grande confiança na sua imaginação.

- Meu caro - observou Albert --, honra-me com um olhar que merecia bem que lhe pedisse uma reparação.

- Estou pronto a dar-lhe, caro amigo, se a idéia for tão engenhosa como diz.

- Escute.

- Estou escutando.

- Não há meio de se arranjar carruagem, não é verdade?

- É.

- Nem cavalos?

- Também não.

- Mas podemos arranjar uma carroça...

- Talvez.

- E uma junta de bois...

- É provável.

- Pois, meu caro, temos o problema resolvido! Mandarei decorar a carroça, vestimo-nos de ceifeiros napolitanos e representamos ao natural o magnífico quadro de Léopold Robert. Se, para maior semelhança, a condessa concordasse a usar o traje de uma mulher de Pouzzole ou de Sorrento, isso completaria a mascarada, e ela é bastante bonita para a tomarem pelo original da Femme l'enfant.

- Por Deus, desta vez tem razão, Sr. Albert! - exclamou Franz.

- É uma idéia verdadeiramente original.

- E muito nacionalista, inspirada nos reis indolentes, meu caro, nada mais, nada menos! Ah, Srs. Romanos, julgavam que íamos correr a pé pelas suas ruas, como lazzaroni, por não terem caleças e cavalos?... Pois bem, os inventaremos!

- Já contou a alguém essa idéia genial?

- Ao nosso hoteleiro. Quando entrei, mandei chamá-lo e expus-lhe os meus desejos. Garantiu-me que não havia nada mais fácil. Eu queria mandar dourar os cornos dos bois, mas ele me disse que para isso seriam precisos três dias. Teremos portanto de passar sem essa ninharia.

- Onde está ele?

- Quem?

- O nosso hoteleiro?

- À procura do que pretendemos. Amanhã talvez fosse já um bocadinho tarde.

- De forma que nos dará resposta ainda esta noite?

- Assim espero.

Neste momento a porta abriu-se e mestre Pastrini meteu a cabeça.

- Permesso? - pediu.

- Claro que pode entrar! - exclamou Franz.

- Então, arranjou-nos a carroça e os bois que pretendíamos? - perguntou Albert.

- Arranjei melhor do que isso - respondeu o hoteleiro, com ar de quem está plenamente satisfeito consigo mesmo.

- Calma, meu caro anfitrião - observou Albert. - Olhe que o ótimo é inimigo do bom.

- Confiem em mim, Excelências - perguntou mestre Pastrini em tom convicto.

- Mas, enfim, que há? - perguntou Franz por seu turno.

- Sabem - disse o hoteleiro - que o conde de Monte-Cristo ocupa o mesmo andar que os senhores?

- Sabemos - respondeu Albert --, pois é graças a ele que estamos instalados como dois estudantes da Rua Saint-Nicolas-du-Chardounet.

- Pois sabendo da dificuldade em que se encontram, manda oferecer-lhes dois lugares na sua carruagem e dois lugares nas suas janelas do Palácio Rospoli.

Albert e Franz entreolharam-se.

- Mas - perguntou Albert - deveremos aceitar a oferta desse estrangeiro, de um homem que não conhecemos?

- Que homem é esse conde de Monte-Cristo? - perguntou Franz ao hoteleiro.

- Um grandíssimo fidalgo siciliano ou maltês, não sei ao certo, mas nobre como um Borghese e rico como uma mina de ouro.

- Parece-me - observou Franz a Albert - que se esse homem tivesse tão boas maneiras como diz o nosso hoteleiro, deveria enviar-nos o seu convite de outra maneira, quer escrevendo-nos, quer...

Neste momento bateram à porta.

- Entre - disse Franz.

Um criado de libré perfeitamente elegante apareceu à entrada do quarto.

- Da parte do conde de Monte-Cristo para o Sr. Franz de Epinay e para o Sr. Visconde Albert de Morcerf - disse.

E apresentou ao hoteleiro duas cartas que este entregou aos jovens.

- O Sr. Conde de Monte-Cristo - continuou o criado - manda pedir a esses senhores licença para se apresentar como vizinho amanhã de manhã nos seus aposentos. Ele terá a honra de se informar junto desses senhores a que horas estarão visíveis.

- Palavra - disse Albert a Franz --, não há nada a reprovar-lhe. Está tudo certo.

- Diga ao conde - respondeu Franz ao criado - que seremos nós que teremos a honra de visitá-lo.

O criado retirou-se.

- Ora aí está o que se chama rivalizar em cortesia - observou Albert. - Decididamente, tinha razão, mestre Pastrini: o seu conde de Monte-Cristo é um homem de inexcedível correção.

- Então aceitam a sua oferta? - perguntou o hoteleiro.

- Claro que aceitamos - respondeu Albert. - Confesso-lhes no entanto que tenho pena da nossa carroça e dos ceifeiros, e se não houvesse a janela do Palácio Rospoli para compensar o que perdemos, creio que voltaria à minha primeira idéia. Que diz a isto, Franz?

- Digo que são também as janelas do Palácio Rospoli que me decidem - respondeu Franz a Albert.

Com efeito, a oferta de dois lugares a uma janela do Palácio Rospoli

recordara a Franz a conversa que ouvira nas ruínas do Coliseu entre o desconhecido e o trasteveriano, conversa durante a qual o homem da capa se comprometera a obter o adiamento da execução do condenado. Ora, se o homem da capa era, como tudo levava Franz a crer, o mesmo cuja aparição na sala do Argentina tanto o impressionara, o reconheceria sem dúvida nenhuma e então nada o impediria de satisfazer a sua curiosidade a seu respeito.

Franz passou parte da noite sonhando com as suas duas aparições e desejando que amanhecesse. Com efeito, no dia seguinte tudo se esclareceria. E desta vez, a não ser que o seu anfitrião de Monte-Cristo possuísse o anel de Giges e, graças a esse anel, a faculdade de se tornar invisível, era evidente que não lhe escaparia. Por isso, acordou antes das oito horas.

Quanto a Albert, como não tinha os motivos de Franz para madrugar, dormia ainda a sono solto.

Franz mandou chamar o hoteleiro, que se apresentou com a sua obsequiosidade habitual.

- Mestre Pastrini - perguntou-lhe --, não deve haver hoje uma execução?

- Deve, Excelência. Mas se me pergunta isso para ter uma janela, lembrou-se muito tarde.

- Não - respondeu Franz. - Aliás, se tivesse muito empenho em assistir a esse espetáculo, creio que arranjaria lugar no monte Píncio.

- Oh, supus que Vossa Excelência não quisesse misturar-se com toda essa canalha no que é de certo modo o anfiteatro natural das execuções!

- É provável que não vá - disse Franz. - Mas gostaria de saber alguns pormenores.

- Quais?

- Gostaria de saber o número dos condenados, os seus nomes e o gênero do seu suplício.

- A pergunta não podia ser mais oportuna, Excelência! Acabam precisamente de me trazer as tavolette.

- Que são as tavolette?

-As tavolette são tabuinhas que se colocam em todas as esquinas de rua da cidade na véspera das execuções e nas quais se indicam os nomes dos condenados, o motivo da sua condenação e a forma do seu suplício. Tal aviso tem por fim convidar os fiéis a rogar a Deus que dê aos culpados um arrependimento sincero.

- E trazem-lhe as tavolette para que junte as suas preces às dos fiéis? - perguntou Franz com ar de dúvida.

- Não, Excelência. Eu é que me entendi com o colocador e ele traz-me as tavolette como me traz os cartazes dos espetáculos, para se alguns dos meus hóspedes desejarem assistir à execução estarem prevenidos.

- Mas que atenção tão delicada! - exclamou Franz.

- Oh, posso-me gabar de fazer tudo o que está ao meu alcance para satisfazer os nobres estrangeiros que me honram com a sua confiança! - declarou mestre Pastrini, sorrindo.

- Bem vejo, meu caro anfitrião! E é o que repetirei a quem o quiser ouvir, pode ter a certeza. Entretanto, gostaria de ler uma dessas tavolette.

- Nada mais fácil - respondeu o hoteleiro, abrindo a porta. Mandei colocar

uma neste andar.

Saiu, desprendeu a tavolette e apresentou-a a Franz.

Eis a tradução literal do cartaz patibular:

Faz-se saber a todos que na terça-feira, 12 de Fevereiro, primeiro dia de Carnaval, serão, por sentença do Tribunal da Rota, executados na Praça del Popolo o réu Andrea Rondolo, culpado de assassínio na pessoa respeitabilíssima e veneradíssima de D. César Terlini, cônego da Igreja de S. João de Latrão, e o réu Peppino, também conhecido por Rocca Priori, culpado de cumplicidade com o detestável bandido Luigi Vampa e os homens da sua quadrilha.

O primeiro será mazzolato. E o segundo decapitato.

Suplica-se às almas caridosas que peçam a Deus o arrependimento sincero dos dois infelizes condenados.

Era exatamente o que Franz ouvira na antevéspera, nas ruínas do Coliseu, e o programa em nada fora alterado: os nomes dos condenados, o motivo do seu suplício e o gênero da sua execução eram exatamente os mesmos.

Assim, segundo todas as probabilidades, o trasteveriano não era outro senão o bandido Luigi Vampa e o homem da capa Simbad, o Marinheiro, que em Roma, como em Porto-Vecchio e em Tunes, se continuava a dedicar às suas filantrópicas expedições.

Entretanto o tempo passava, eram já nove horas, e Franz ia acordar Albert quando, com grande espanto seu, o viu sair completamente vestido do quarto. O Carnaval não lhe safa da idéia e acordara-o mais cedo do que o amigo esperava.

- Bom - disse Franz ao hoteleiro -- , agora que já estamos prontos os dois, acha, meu caro Sr. Pastrini, que podemos nos apresentar nos aposentos do conde de Monte-Cristo?

- Com certeza! O conde de Monte-Cristo tem o hábito de ser muito madrugador e estou certo de que se encontra acordado há mais de duas horas.

- E parece-lhe que não haverá indiscrição em nos apresentarmos nos seus aposentos agora?

- Nenhuma.

- Nesse caso, Albert, se está pronto...

- Inteiramente pronto - respondeu Albert.

- Então, vamos agradecer ao nosso vizinho a sua cortesia.

- Vamos!

Franz e Albert só tinham de atravessar o patamar. O hoteleiro se adiantou e tocou por eles. Um criado veio abrir.

- Sígnori Francesi - disse o hoteleiro.

O criado inclinou-se e fez-lhes sinal para entrarem.

Atravessaram duas divisões mobiladas com um luxo que não esperavam encontrar no hotel de mestre Pastrini, e chegaram por fim a uma sala de uma elegância perfeita. Cobria o chão um tapete turco e os móveis mais confortáveis ofereciam as suas almofadas bem cheias e os seus encostos inclinados para trás. Das paredes pendiam magníficos quadros de mestres, intercalados com trofeus de armas esplêndidas. Diante das portas adejavam grandes reposteiros de tapeçaria.

- Se Suas Excelências quiserem sentar, vou prevenir o Sr. Conde - disse o

criado.

E desapareceu por uma das portas.

Quando a porta se abriu chegou aos ouvidos dos dois amigos o som de uma guzla, mas extinguiu-se imediatamente. A porta, fechada quase ao mesmo tempo que fora aberta, apenas deixara por assim dizer penetrar na sala uma lufada de harmonia.

Franz e Albert entreolharam-se e percorreram com a vista os móveis, os quadros e as armas. Tudo aquilo lhes pareceu, à segunda vista, ainda mais magnífico do que à primeira.

- Então que diz a isto? - perguntou Franz ao amigo.

- Digo, meu caro, que o nosso vizinho é algum corretor que jogou na baixa dos fundos espanhóis ou algum príncipe que viaja incógnito.

- Cale-se! - atalhou Franz. - Isso é o que vamos saber, pois ele vem aí.

Com efeito, o ruído de uma porta girando nos gonzos acabava de chegar aos ouvidos dos visitantes. E quase ao mesmo tempo o reposteiro abriu-se e deu passagem ao proprietário de todas aquelas riquezas.

Albert avançou ao seu encontro, mas Franz ficou pregado no seu lugar.

Aquele que acabava de entrar era nem mais nem menos do que o homem da capa do Coliseu, o desconhecido do camarote e o anfitrião misterioso de Monte-Cristo.

Capítulo XXXV

A “Mazzolata"

- Senhores - disse ao entrar o conde de Monte-Cristo -, aceitem as minhas maiores desculpas por não me ter antecipado, mas receei ser indiscreto se me apresentasse tão cedo nos seus aposentos. Aliás, mandaram-me dizer que viriam e por isso estou à disposição de ambos.

- Franz e eu temos de lhe apresentar mil agradecimentos, Sr. Conde - disse Albert. - Tirou-nos realmente de um grande apuro e estávamos em vias de inventar os veículos mais fantásticos no momento em que recebemos o seu amável convite.

- Meu Deus, senhores - perguntou o conde, fazendo sinal aos dois rapazes para se sentarem no sofá -, só por culpa do imbecil do Pastrini os deixei tanto tempo em dificuldades! Não me disse nada acerca do embaraço em que se encontravam, a mim que, sozinho e isolado como estou aqui, apenas procurava uma
oportunidade de estabelecer relações com os meus vizinhos. Logo que soube que lhes podia ser útil em qualquer coisa, bem viram com que alvoroço aproveitei essa oportunidade para lhes apresentar os meus cumprimentos.

Os dois jovens inclinaram-se. Franz ainda não encontrara uma única palavra para dizer. Ainda não tomara nenhuma resolução e, como nada indicava no conde o seu desejo de o reconhecer ou de ser reconhecido por ele, não sabia se devia, com qualquer palavra, aludir ao passado ou deixar ao futuro o cuidado de lhe fornecer novas provas. De resto, embora estivesse certo de que era ele

quem se encontrava na véspera no camarote, não podia responder tão positivamente quanto a ser ele o homem que na antevéspera estivera no Coliseu. Resolveu portanto deixar correr o marfim, como se costuma dizer, sem dirigir ao conde qualquer pergunta direta. Aliás, tinha uma vantagem sobre ele - era senhor do seu segredo --, ao passo que, pelo contrário, o conde não podia exercer qualquer ação sobre Franz, que não tinha nada a esconder.

Em todo o caso resolveu encaminhar a conversa para um ponto que podia, mesmo assim, conduzir sempre ao esclarecimento de certas dúvidas.

- O Sr. Conde - disse - ofereceu-nos lugares na sua carruagem e nas sua janelas do Palácio Rospoli. Poder dizer-nos agora como nos será possível arranjar um posto qualquer, como se diz na Itália, na Praça del Popolo?

- Ah, sim, é verdade! - exclamou o conde com ar distraído e olhando Morcef com muita atenção. - Não há na Praça del Popolo qualquer coisa como uma execução?

- Há - respondeu Franz, vendo que ele vinha por si mesmo aonde o queria trazer.

- Espere, espere... creio ter dito ontem ao meu intendente para tratar disso. Talvez possa prestar-lhes também esse pequeno serviço.

Estendeu a mão para um cordão de campainha e puxou-o três vezes.

- Nunca se preocupou - disse a Franz - com o emprego do tempo e o meio de simplificar as idas e vindas dos criados? Fiz um estudo disso. Quando toco uma vez é para o meu criado de quarto; duas vezes, é para o meu mordomo; três vezes, é para o meu intendente. Assim, não perco nem um minuto, nem uma palavra. Cá está o nosso homem.

Viu-se então entrar um indivíduo de quarenta e cinco a cinquenta anos, que pareceu a Franz assemelhar-se como duas gotas de água com o contrabandista que o introduzira na gruta, mas que não pareceu reconhecê-lo por nada deste mundo. Pelo visto, fora avisado.

- Sr. Bertuccio - perguntou o conde --, tratou, como lhe ordenei ontem, de me arranjar uma janela na Praça del Popolo?

-Tratei, sim, Excelência - respondeu o intendente --, mas era muito tarde...

- Como, não lhe tinha dito que queria uma? - indagou o conde, franzindo o sobrolho.

- E Vossa Excelência tem uma, a que estava alugada ao príncipe Lobanieff. Mas tive de pagar por cento...

- Está bem, está bem, Sr. Bertuccio, poupe a estes senhores a todos esses pormenores domésticos. Arranjou a janela, não arranjou? Pois nada mais é preciso. Dê o endereço da casa ao cocheiro e este já na escada para nos acompanhar. Não é preciso mais nada. Vá.

O intendente cumprimentou e deu um passo para se retirar

- Ah! - deteve-o o conde. - Faça-me o favor de perguntar a Pastrini se recebeu a tavoletta e me quer enviar o programa da execução.

- É inútil - interveio Franz, tirando a sua agenda da algibeira. - Vi esses cartazes, copiei-os e tenho-os aqui.

- Muito bem. Então, Sr. Bertuccio, pode-se retirar, não preciso mais de si. Previnam-nos apenas quando o pequeno-almoço estiver servido. Estes senhores - continuou, virando-se para os dois amigos - dão-me a honra de tomar o pequeno-

almoço comigo, não é verdade?

- Mas, Sr. Conde, na verdade seria abusar - protestou Albert.

- Não, antes pelo contrário, dar-me-„o grande prazer. Retribuir-me-„o tudo isto um dia, em Paris, um ou outro e talvez ambos. Sr. Bertuccio, mande pôr três talheres.

Tirou a agenda das mãos de Franz.

- Dizem portanto - continuou no tom de quem lê os pequenos anúncios - que “serão executados hoje, 12 de Fevereiro, o réu Andrea Rondolo, culpado de assassínio na pessoa respeitabilíssima e veneradíssima de D. César Terlini, cônego da Igreja de S. João de Latrão, e o réu Peppino, também conhecido por Rocca Priori, culpado de cumplicidade com o detestável bandido Luigi Vampa e os homens da sua quadrilha..." Hum!... “O primeiro será mazzolato e o segundo decapitato." Sim, com efeito - prosseguiu o conde -, era de
fato assim que as coisas se deviam passar primitivamente; mas parece-me que desde ontem houve qualquer alteração na ordem e na sequência da cerimônia.

- Sim? - observou Franz.

- Sim. Ontem, em casa do cardeal Rospigliosi, onde passei a noite, falava-se de qualquer coisa como um adiamento concedido a um dos dois condenados.

- A Andrea Rondolo? - perguntou Franz.

- Não... - perguntou negligentemente o conde - ao outro... - (deitou uma olhadela à agenda, como que para se recordar do nome) - a Peppino, por alcunha Rocca Priori. Isso priva-os de uma guilhotinadela, mas resta-lhes a mazzolata, que é um suplício deveras curioso quando se vê pela primeira vez e mesmo pela segunda, ao passo que o outro, que Aliás devem conhecer, é muito simples, muito rápido, e sem nada de inesperado. A mandaça nunca falha, não treme, não, fere em falso, não obriga a tentar trinta vezes, como aconteceu ao soldado encarregado de cortar a cabeça ao conde de Chalais, e ao qual, de resto, Richelieu. talvez tivesse recomendado o paciente. Mas deixemo-nos disto - acrescentou o conde em tom desdenhoso. - Não me falem dos Europeus no tocante a suplícios; não percebem nada disso e encontram-se verdadeiramente na infância, ou antes, na velhice da crueldade.

- Na verdade, Sr. Conde - observou Franz --, diria-se que fez um estudo comparado dos suplícios entre os diversos povos do mundo.

- Pelo menos há poucos que não tenha visto - respondeu friamente o conde.

- E encontrou prazer em assistir a esses horríveis espetáculos?

- A minha primeira sensação foi de repulsa, a segunda de indiferença e a terceira de curiosidade.

- Curiosidade! A palavra é terrível, não acha?

- Porquê? Na vida há apenas uma preocupação grave: a morte. Pois bem, não seria curioso estudar de que formas diferentes a alma pode sair do corpo e como, segundo os caracteres, os temperamentos e até os costumes do país, os indivíduos suportam essa suprema passagem do ser para o nada? Quanto a mim, respondo-lhe uma coisa: quanto mais vemos morrer, mais fácil se toma morrer. Assim, na minha opnião, a morte é talvez um suplício, mas não é uma expiação.

- Não o compreendo bem - confessou Franz. - Explique-se, pois tenho dificuldade em dizer-lhe até que ponto as suas palavras espicaçaram a minha

curiosidade.

- Escute - disse o conde, e o seu rosto encheu-se de rancor como o de qualquer outra pessoa se coloraria de sangue. - Se um homem tivesse feito perecer por meio de torturas inauditas, no meio de tormentos sem fim, o seu pai, a sua mãe, a sua noiva, um desses seres, enfim, que quando os desenraízam do nosso coração deixam nele um vazio eterno e uma chaga sempre sangrenta, consideraria a reparação que lhe concedesse a sociedade suficiente, só porque o cutelo da guilhotina passou entre a base occipital e os músculos trapézios do assassino e porque este, que o fez passar anos de sofrimentos morais, experimentou alguns segundos de dor física?

- Sim, bem sei que a justiça humana é insuficiente como confortadora - admitiu Franz. - Só pode verter o sangue em troca do sangue, e mais nada. Mas temos de nos contentar com o que ela pode e não com outra coisa.

- Vejamos um caso material - prosseguiu o conde --, aquele em que a sociedade, ferida pela morte de um indivíduo, na base em que assenta, vinga a morte com a morte. Mas não há milhões de dores em que as entranhas do homem podem ser dilaceradas sem que a sociedade se preocupe minimamente com isso, sem que lhe ofereça o meio insuficiente de vingança de que falamos há pouco? Não há crimes para os quais o
empalamento dos Turcos, os alcatruzes dos Persas e os látegos dos Iroqueses seriam suplícios demasiado suaves e que no entanto a sociedade, indiferente, deixa sem castigo?... Responda, não há crimes assim?

- Há - concordou Franz --, e é para os punir que o duelo é tolerado.

- Ah, o duelo!... - exclamou o conde. - Curiosa maneira, palavra, de alcançar um fim, quando o fim é a vingança! Um homem rouba-lhe a amante seduz-lhe a mulher, desonra-lhe a filha. De uma vida inteira que tinha o direito de esperar de Deus a parte de felicidade por Ele prometida a todo o ser humano ao criá-lo, esse homem fez uma existência de dor, miséria ou infâmia, e o senhor considera-se vingado infligindo-lhe, a um homem que lhe introduzi o delírio no espírito e o desespero no coração, uma estocada no peito ou
metendo-lhe uma bala na cabeça? Ora adeus! Sem contar que muitas vezes é ele que sai triunfante da luta, limpo aos olhos do mundo e de certo modo absolvido por Deus. Não, não - continuou o conde --, se alguma vez tivesse de me vingar, não seria assim que me vingaria.

- Portanto, desaprova o duelo? Portanto, não se bateria em duelo? - perguntou por sua vez Albert, atônito por ouvir em emitir tão estranha teoria.

- Oh, claro que me bateria! - respondeu o conde. - Entendamo-nos: me bateria em duelo por uma miséria, por um insulto, por um desmentido, por uma bofetada, e isso com tanta mais despreocupação quanto é certo que, graças à experiência que adquiri de todos os exercícios do corpo e ao lento hábito que também adquiri do perigo, teria quase a certeza de matar o meu homem. Oh, claro que me bateria em duelo por tudo isso! Mas por um sofrimento lento, profundo, infinito, eterno, infligiria, se me fosse possível um sofrimento idêntico ao que me tivessem causado: olho por olho, dente por dente, como dizem os orientais, nossos mestres em todas as coisas, esses eleitos da criação que souberam criar para si uma vida de sonhos e um paraíso de realidades.

- Mas - observou Franz ao conde - com essa teoria que o constitui juiz e

carrasco na sua própria causa, seria difícil que se contivesse numa medida que lhe permitisse escapar eternamente ao poder da lei. O ódio é cego, a cólera desorienta, e aquele que serve a si próprio a vingança arrisca-se a beber uma beberagem amarga.

- Sim, se é pobre e inexperiente; não, se é milionário e hábil. Aliás, o pior que lhe pode acontecer é o último suplício de que falamos há pouco, aquele que a filantrópica Revolução Francesa inventou para substituir o esquartejamento e a roda. Mas que significa o suplício se estiver vingado? Na verdade, sinto-me quase decepcionado por, segundo todas as probabilidades, esse miserável Peppino não ser decapitato, como eles dizem, pois se o fosse veriam como a execução é rápida e se realmente vale a pena perder tempo falando respeito. Mas agora reparo, meus senhores, que escolhemos uma conversa deveras singular para um dia de Carnaval. Como aconteceu tal coisa? Ah, já me lembro! Pediram-me um lugar à minha janela. Pois bem, seja, o terão. Mas sentemo-nos primeiro à mesa, pois vêm anunciar-nos que estamos servidos.

Com efeito um criado abriu uma das quatro portas da sala e proferiu as palavras sacramentais:

- Al suo commodo!

Os dois jovens levantaram-se e passaram à sala de jantar. Durante o café da manhã, excelente e servido com infinito requinte, Franz procurou com a vista os olhos de Albert, a fim de ler neles a impressão que sem dúvida produzira nele as palavras do seu anfitrião. Mas quer porque na sua despreocupação habitual lhes não tivesse prestado grande atenção, quer porque a concessão que o conde de Monte-Cristo lhe fizera a propósito do duelo o tivesse reconciliado com ele, quer finalmente porque os antecedentes que relatamos,
apenas conhecidos de Franz, tivessem duplicado só para si o efeito das teorias do conde, não notou que o companheiro estivesse de modo algum preocupado. Muito pelo contrário, fazia honra à refeição como homem condenado havia quatro ou cinco meses à cozinha italiana, isto é, a uma das piores cozinhas do mundo. Quanto ao conde, mal tocava em cada prato. Diria-se que ao sentar-se à mesa com os seus convivas cumpria
um mero dever de cortesia e que esperava que se fossem embora para se mandar servir alguma iguaria estranha ou especial.

- Malgrado seu, o caso lembrava a Franz o terror que o conde inspirara à condessa G... e a convicção em que a deixara de que o conde, o homem que lhe mostrara no camarote fronteiro ao dela, era um vampiro.

No fim do café da manhã, Franz puxou o relógio.

- Estão assim com tanta pressa? - perguntou-lhe o conde.

- Queira desculpar-nos, Sr. Conde - respondeu Franz --, mas temos ainda de fazer mil coisas.

- O quê?

- Não temos máscaras e hoje as máscaras são obrigatórias.

- Não percam tempo com isso. Temos, segundo creio, um quarto particular na Praça del Popolo. Mandarei levar para lá os trajes que se dignarem indicar-me e nos mascararemos imediatamente.

- Depois da execução? - perguntou Franz.

- Sem dúvida. Depois, durante ou antes, como quiserem.

- Diante do cadafalso?

- O cadafalso faz parte da festa.

- Desculpe, Sr. Conde, mas pensei melhor - perguntou Franz. - Decididamente, agradeço-lhe a sua amabilidade, mas me contentarei com um lugar na sua carruagem e outro à janela do Palácio Rospoli, e o deixarei livre, para dispor dele como entender, o meu lugar à janela da Praça del Popolo.

- Mas assim perde, previno-o, uma coisa deveras curiosa - contrapós o conde.

- O senhor me contará - insistiu Franz - e estou convencido de que pela sua boca o relato me impressionará quase tanto como a vista. De resto, já por mais de uma vez quis assistir a uma execução e nunca fui capaz. E você, Albert?

- Eu - respondeu o visconde - vi executar Castaing. Mas creio que estava um bocadinho alegre nesse dia. Foi no dia da minha saída do colégio e tínhamos passado a noite não sei em que botequim.

- Aliás, o fato de não ter feito uma coisa em Paris não é razão para que a não faça no estrangeiro. Quando viajamos, é para nos instruirmos; quando mudamos de terra, é para ver. Lembre-se portanto do rosto que fará quando lhe perguntarem: “Como são as execuções em Roma?" E tiver de responder: “Não sei." Além disso, consta que o condenado é um refinado patife, um velhaco que matou a golpes de cão de chaminé um bom cônego que o criara como filho. Que diabo, quando se assassina um sacerdote escolhe-se arma mais conveniente do que um cão de chaminé, sobretudo quando o sacerdote é talvez nosso pai. Se viajasse pela Espanha iria assistir às touradas, não é verdade? Pois bem, suponha que vamos ver uma tourada. Lembre-se dos antigos romanos do circo, das caçadas onde se matavam trezentos leões e uma centena de homens. Lembre-se dos oitenta mil espectadores que batiam palmas, das sensatas matronas que levavam as filhas casadouras e das encantadoras vestais de mãos brancas que faziam com o polegar um não menos encantador sinalzinho que significava: “Vamos, nada de moleza! Acabem com esse homem que já está há três quartos morto."

- Vamos, Albert? - perguntou Franz.

- Claro que sim, meu caro! Estava como você, mas a eloquência do conde me fez decidir.

- Vamos, mas porque você quer - salientou Franz. - Mas no caminho para a Praça del Popolo desejava passar pela rua do Corso. Será possível. Sr. Conde?

- A pé, sim; de carruagem, não.

- Então, irei a pé.

- É assim tão necessário passar pela rua do Corso?

- É. Quero ver uma coisa.

- Nesse caso, passaremos pela rua do Corso. Mandaremos a carruagem pela Estrada del Babuino esperar-nos na Praça del Popolo. De resto, também não me importo de passar pela rua do Corso para ver se umas ordens que dei foram cumpridas.

- Excelência - disse o criado abrindo a porta --, um homem vestido de penitente pede para vos falar.

- Ah, sim, sei do que se trata! - disse o conde. - Meus senhores, dignem-se passar novamente à sala onde encontrarão na mesa do centro excelentes

charutos de Havana. Irei ter convosco dentro de instantes.

Os dois jovens levantaram-se e saíram por uma porta, enquanto o conde, depois de lhes renovar as suas desculpas, saía por outra. Albert que era um grande apreciador de charutos e que desde que estava na Itália não considerava pequeno sacrifício estar privado dos charutos do Café de Paris, aproximou-se da mesa e soltou um grito de alegria ao ver autênticos puros.

- Então, que pensa do conde de Monte-Cristo? - perguntou-lhe Franz.

- Que penso? - disse Albert, visivelmente surpreendido pel companheiro lhe fazer semelhante pergunta. - Penso que é um homem encantador, que faz maravilhosamente as honras da sua casa, que viu, estudou e refletiu muito, que é, como Bruto, da escola estóica, e - acrescentou, soltando amorosamente uma baforada de fumo que subiu em espiral para o teco - que além de tudo isso possui excelentes charutos.

Era esta a opiniãode Albert acerca do conde. Ora, como Franz sabia que Albert tinha a pretensão de não ter opinião a respeito dos homens e das coisas senão depois de madura reflexão, não tentou modificar-lha. No entanto, perguntou-lhe:

- Não notou uma coisa singular?

- O quê?

- A atenção com que o olhava.

- A mim?

- Sim, a você.

Albert refletiu.

- Oh, não há nada de estranho nisso! - perguntou, suspirando. - Há cerca de um ano que estou ausente de Paris e as minhas casacas devem estar fora de moda. O conde deve ter-me tomado por um provinciano. Desengane-o, caro amigo, e diga-lhe, peço-lhe, na primeira oportunidade, que isso não é verdade.

Franz sorriu. Um instante depois o conde regressou.

- Cá estou, senhores, e inteiramente à sua disposição - disse. - As ordens estão dadas: a carruagem segue para a Praça del Popolo e nós, se estão de acordo, seguimos para a rua do Corso. Tire alguns desses charutos, Sr. de Morcerf.

- Aceito, palavra, com grande prazer - disse Albert porque os charutos italianos são ainda piores do que os da fábrica do Estado, na França. Quando for a Paris lhe retribuirei tudo isto.

- E eu não recusarei. Espero ir la´qualquer dia e, uma vez que me permitir, irei bater-lhe à porta. E agora vamos, meus senhores, vamos porque não temos tempo a perder. É meio-dia e meia hora, partamos.

Desceram os três. O cocheiro recebeu as últimas ordens do amo e seguiu pela Via del Babuino, enquanto eles subiam a pé a Praça de Espanha e a Via Frattina, que os levava direitos aos palácios Fiano e Rospolh.

Toda a atenção de Franz se concentrou nas janelas deste último palácio. Não esquecera o sinal convencionado no Coliseu entre o homem da capa e o trasteveriano.

- Quais são as suas janelas? - perguntou ao conde no tom mais natural que conseguiu arranjar.

- As três últimas - respondeu ele com uma negligência que não tinha nada

de afetada, pois não podia adivinhar com que fim lhe faziam a pergunta.

Franz olhou rapidamente para as três janelas. As janelas laterais estavam forradas de damasco amarelo e a do meio de damasco branco com uma cruz vermelha.

O homem da capa cumprira a palavra que dera ao trasteveriano e já não havia dúvida: o homem da capa era o conde. As três janelas encontravam-se ainda vazias.

De resto, por todos os lados se faziam preparativos. Colocavam-se cadeiras, erguiam-se bancadas, forravam-se janelas. As máscaras não podiam aparecer nem as carruagens circular senão ao toque do sino; mas adivinhavam-se as máscaras atrás de todas as janelas e as carruagens atrás de todas as portas.

Franz, Albert e o conde continuaram a descer a rua do Corso. À medida que se aproximavam da Praça del Popolo a multidão tornava-se mais densa e por cima das cabeças dessa multidão erguiam-se duas coisas: o obelisco encimado por uma cruz que indica o centro da Praça e, à frente do obelisco, precisamente no ponto de correspondência visual das três ruas do Babuino, do Corso e da Ripetta, as duas traves principais do cadafalso, entre as quais brilhava o cutelo arredondado da mandaça. Na esquina da rua encontrava-se o intendente do conde, à espera do amo.

A janela alugada pelo preço exorbitante de que o conde não quisera que os seus convidados tomassem conhecimento pertencia ao segundo andar do grande palácio situado entre a Rua do Babuino e o monte Píncio. Era, como dissemos, a janela de uma espécie de gabinete de vestir que dava para um quarto de dormir, os ocupantes do gabinete estavam como que em sua casa. Em cima das cadeiras viam-se trajes de palhaço, de cetim branco e azul, dos mais elegantes.

- Como me deixaram a escolha das máscaras - disse o conde aos dois amigos --, mandei arranjar-lhes estas. Primeiro, porque são as mais em moda este ano; depois, por serem as mais cômodas para os confetti, atendendo a que a farinha se não vê.

Franz só muito imperfeitamente ouvia as palavras do conde e por isso talvez não tenha apreciado no seu justo valor aquela nova amabilidade. A verdade é que toda a sua atenção estava concentrada no espetáculo que oferecia a Praça del Popolo e no instrumento terrível que naquela altura era o seu principal ornamento.

Era a primeira vez que Franz via uma guilhotina. Dizemos guilhotina porque a mandala romana, talhada mais ou menos pelo mesmo padrão do nosso instrumento de morte. A única diferença reside no fato de o cutelo, que tem a forma de um crescente e corta com a parte convexa, cair de menos alto.

Dois homens, sentados na prancha basculante onde se deita o condenado, almoçavam enquanto esperavam e comiam, tanto quanto Franz pode ver, pão e salsichas. Um deles levantou a prancha, tirou uma garrafa de vinho, bebeu um gole e passou a garrafa ao camarada. Aqueles dois homens eram os ajudantes do carrasco!

Bastou o seu aspecto para que Franz sentisse o suor molhar-lhe a raiz dos cabelos.

Os condenados, transportados na véspera dos Carceri Nuove para a pequena Igreja de Santa Maria dei Popolo, tinham passado a noite, assistidos

cada um por dois padres, numa câmara-ardente gradeada, diante da qual passeavam sentinelas rendidas de hora a hora.

Duas alas de carabineiros colocadas de cada lado da porta da igreja estendia-se até ao cadafalso, à volta do qual formavam círculos, deixando livre um caminho de dez pés de largura, aproximadamente, e à roda da guilhotina um espaço de uma centena de passos de circunferência. Todo o resto da praça era um mar de cabeças de homem e mulher. Muitas das mulheres tinham os filhos às cavalitas. Essas crianças, cujo corpo
ultrapassava a multidão, estavam admiravelmente colocadas.

O monte Píncio parecia um vasto anfiteatro em que todos os degraus estivessem carregados de espectadores. As varandas das duas igrejas que fazem esquina para a Rua do Babuino e para a Rua da Ripetta regurgitavam de curiosos privilegiados e os degraus dos peristilos lembravam uma torrente movediça e colorida que uma mar, incessante empurrasse para o pórtico. Cada saliência da parede capaz de suportar um homem tinha a sua estátua viva.

O que o conde dizia era portanto verdade: o que existe de mais curioso na vida é o espetáculo da morte.

E no entanto, em vez do silêncio que deveria presidir à solenidade do espetáculo, saía da multidão um barulho ensurdecedor composto por risos, chamamentos e gritos alegres. Era também evidente, como dissera o conde, que a execução não significava para toda aquela gente mais do que o início do Carnaval.

De súbito, o barulho cessou como que por encanto. Acabava de se abrir a porta da igreja.

Uma confraria de penitentes em que todos os membros envergavam uma espécie de saco cinzento apenas com aberturas nos olhos e empunhavam uma vela acesa, apareceu em primeiro lugar. O chefe da confraria vinha à frente.

Atrás dos penitentes vinha um homem alto. Esse homem estava nu, com exceção de umas ceroulas de pano do lado esquerdo das quais trazia presa uma grande faca embainhada. No ombro direito carregava uma pesada maça de ferro. Aquele homem era o carrasco.

Além disso, calçava sandálias presas por cordas às canelas.

Atrás do carrasco caminhavam, pela ordem em que deviam ser executados, primeiro Peppino e depois Andrea.

Cada um vinha acompanhado por dois padres. Nem um nem outro traziam os olhos vendados.

Peppino caminhava com passo bastante firme. Sem dúvida fora avisado do que se preparava para si.

Andrea era amparado por cada braço por um padre. Ambos beijavam de vez em quando o crucifixo que lhes apresentava o confessor. Mal viu aquele aparato, Franz sentiu as pernas fraquejarem-lhe. Olhou para Albert. Estava pálido como a sua camisa e num gesto maquinal atirou para longe o charuto, embora só tivesse fumado metade.

Apenas o conde parecia impassível. Mais, uma leve coloração rosada parecia querer sobrepor-se à palidez lívida das suas faces. O nariz dilatava-se-lhe como o da fera que fareja sangue, e os seus lábios, ligeiramente afastados, deixavam ver os seus dentes brancos, pequenos e aguçados como os de um

chacal.

E no entanto, apesar de tudo isso, o seu rosto tinha uma expressão de doçura sorridente que Franz nunca lhe vira. Os seus olhos negros, sobretudo, estavam admiráveis de mansidão e suavidade.

Entretanto, os dois condenados continuavam a dirigir-se para o cadafalso, e à medida que avançavam podiam distinguir-se-lhes as feições. Peppino era um belo moço de vinte e quatro a vinte e seis anos, de pele queimada pelo sol e olhar ousado e bravio. Vinha de cabeça levantada e parecia farejar o vento para ver de que lado lhe viria o seu libertador.

Andrea era gordo e baixo. O seu rosto, repugnantemente cruel, não indicava idade. Podia no entanto contar trinta anos, pouco mais ou menos. Deixara crescer a barba na prisão. Inclinava a cabeça sobre um dos ombros e as pernas dobravam-se-lhe debaixo dele. Todo o seu ser parecia obedecer a um movimento maquinal, no qual a sua vontade já não intervinha.

- Parece-me - disse Franz ao conde - que me anunciara que só haveria uma execução.

- E disse-lhe a verdade - respondeu o conde, friamente.

- No entanto, estão ali dois condenados...

- Pois estão. Mas desses dois condenados um morrerá e o outro terá ainda longos anos de vida.

- Parece-me que se o perdão deve vir não há tempo a perder.

- Por isso aí vem. Veja - perguntou o conde.

Com efeito, no momento em que Peppino chegava ao pé da mandala, um penitente que parecia vir atrasado passou através da ala sem que os soldados lhe impedissem a passagem, dirigiu-se ao chefe da confraria e entregou-lhe um papel dobrado em quatro.

O olhar ardente de Peppino não perdera nenhum destes pormenores. O chefe da confraria desdobrou o papel, leu-o e levantou a mão.

- O Senhor seja bendito e Sua Santidade seja louvado! - disse em voz alta e inteligível. - há perdão da vida para um dos condenados.

- Perdão! - gritou o povo em uníssono. - há perdão!

Ao ouvir a palavra “perdão", Andrea pareceu saltar e levantou a cabeça.

- Perdão para quem? - gritou.

Peppino ficou imóvel, mudo e arquejante.

- Há perdão da pena de morte para Peppino, também conhecido por Rocca Priori - respondeu o chefe da confraria.

E passou o papel ao capitão que comandava os carabineiros, o qual, depois de ler, o restituiu.

- Perdão para Peppino! - gritou Andrea, inteiramente fora do estado de torpor em que parecia mergulhado. - Porquê perdão para ele e não para mim? Devíamos morrer juntos. Tinham-me prometido que ele morreria antes de mim e não têm o direito de me fazer morrer sozinho. Não quero morrer sozinho, não quero!

E arrancou-se dos braços dos dois padres, contorcendo-se, gritando, rugindo, fazendo esforços insensatos para quebrar as cordas que lhe prendiam as mãos. O carrasco fez sinal aos seus dois ajudantes, que saltaram do cadatalso e vieram apoderar-se do condenado.

- Que se passa? - perguntou Franz ao conde.

Porque como aquilo decorria em dialeto romano, não compreendera muito bem.

- Que se passa? - respondeu o conde. - Não compreende bem? Passa-se que aquela criatura humana que vai morrer está furiosa por o seu semelhante não morrer com ela, e se a deixassem à vontade o despedaçaria com as unhas e com os dentes em vez de o deixar gozar a vida de que ela vai ser privada. Óh homens homens, raça de crocodilos, como diz Karl Moor - gritou o conde, estendendo os punhos para toda aquela multidão. - Como vos reconheço bem aí e como sois sempre bem dignos de vós próprios!

Com efeito, Andrea e os dois ajudantes do carrasco rolavam pelo chão, com o condenado sempre gritando: “Ele deve morrer, quero que ele morra! Não têm o direito de me matar sozinho!"

- Vejam, vejam - continuou o conde, agarrando cada um dos dois jovens pela mão. - Vejam porque, pela minha alma, é curioso. Eis um homem que estava resignado com a sua morte, que caminhava para o cadafalso, que ia morrer como um covarde, é certo, mas enfim, ia morrer sem resistência e sem recriminações. Sabem o que lhe dava alguma coragem? Sabem o que o consolava? Sabem o que o levava a aceitar o seu suplício com resignação? O fato de outro compartilhar a sua angústia, de outro morrer com ele, de outro morrer antes dele! Levem dois carneiros ou dois bois ao matadouro e façam compreender a um deles que o companheiro não morrerá. O carneiro balirá e o boi mugirá de alegria. Mas o homem, o homem que Deus fez à sua imagem; o homem a quem Deus impôs como primeira, única e suprema lei o amor ao próximo; o homem a quem Deus deu voz para exprimir o seu pensamento, qual é o seu primeiro grito quando sabe que o seu camarada está salvo? Uma blasfêmia. Honra ao homem, essa obra-prima da Natureza,
esse rei da Criação!

E o conde desatou a rir, mas com um riso terrível, que indicava que devia ter sofrido horrivelmente para chegar a rir assim. Entretanto a luta continuava e era de horrível vê-la. Os dois ajudantes transportavam Andrea para o cadafalso. Todo o povo tomara partido contra ele e vinte mil vozes gritavam em uníssono: “à morte! à morte!"

Franz recuou, mas o conde pegou-lhe no braço e reteve-o diante da janela.

- Que faz? - perguntou-lhe. - Piedade? Não há dúvida que está bem aplicada! Se ouvisse gritar que andava um cão raivoso à solta, pegaria na sua espingarda, correria para a rua e mataria sem misericórdia, à queima-roupa, o pobre animal, que no fim de contas não seria culpado de ter sido mordido por outro cão e de fazer o que lhe fizeram; mas tem piedade de um homem que nenhum outro homem mordeu e que no entanto
assassinou o seu benfeitor, e que, não podemos agora matar porque tem as mãos amarradas, quer à viva força ver morrer seu companheiro de cativeiro, o seu companheiro de infortúnio! Não, não! Veja, veja!

A recomendação tornara-se quase inútil, pois Franz estava como fascinado pelo horrível espetáculo. Os dois ajudantes tinham conduzido o condenado para o cadafalso e aí, apesar dos seus esforços, das suas mordidelas e dos seus gritos, tinham-no obrigado a se ajoelhar. Entretanto, o carrasco pusera-se de lado

e com a maça preparada. Então, a um sinal, os dois ajudantes afastaram-se. O condenado quis levantar-se, mas antes que tivesse tempo de faze-lo a maça abateu-se sobre a têmpora esquerda. Ouviu-se um ruído abafado e seco, o paciente caiu como um boi, de cara contra o chão, e depois, bruscamente virou-se de costas. Então o carrasco deixou cair a maça, tirou a faca da cintura e de um só golpe abriu-se-lhe a garganta,
subiu-lhe imediatamente para a barriga e pôs-se a pisar nela com os pés:

A cada pressão saía do pescoço do condenado um jato de sangue.

Desta vez, Franz não aguentou mais. Recuou e foi cair numa poltrona meio desmaiado.

Albert ficou de pé, com os olhos fechados e agarrado às cortinas da janela.

O conde estava de pé e triunfante como o anjo mau.

Capítulo XXXVI

O Carnaval de Roma

Quando voltou a si, Franz encontrou Albert bebendo um copo de água. A sua palidez indicava que necessitava muito daquele lenitivo. Quanto ao conde, vestia já o seu traje de palhaço. Franz olhou maquinalmente para a praça: tudo desaparecera, cadafalso, carrasco e vítima, e só restava o povo, barulhento, irrequieto, alegre. O sino do Monte Citorio, que só tocava por morte do papa e pela abertura da mascherata, tocava dasabaladamente.

- Então - perguntou ao conde --, que aconteceu?

- Nada, absolutamente nada, como vê. Apenas começou o Carnaval; vistamo-nos depressa.

- De fato - observou Franz ao conde --, de toda aquela horrível cena só resta o vestígio de um sonho.

- Porque não passou tudo de um sonho, de um pesadelo que o senhor teve.

- Eu, sim; mas o condenado?

- Foi um sonho também. Simplesmente, ele ficou adormecido, ao passo que o senhor acordou. Quem poderá dizer qual dos dois é o privilegiado?

- E Peppino, que foi feito dele? - perguntou Franz.

- Peppino é um rapaz sensato, que não tem menor amor-próprio e que, ao contrário do que é habitual nos homens, que ficam furiosos quando lhes não ligam importância, ficou encantado ao ver que a atenção geral incidia sobre o seu camarada. Consequentemente, aproveitou essa distração para se esgueirar por entre a multidão e desaparecer, sem sequer agradecer aos dignos padres que o acompanharam. Decididamente, o homem é um animal muito ingrato e egoísta.. Mas vista-se. Olhe, veja como o Sr. de Morcerf lhe dá o exemplo.

Com efeito, Albert passava maquinalmente as calças de tafet por cima das calças pretas e das botas de verniz.

- Então, Albert, está resolvido a cometer loucuras? - perguntou Franz. - Vamos, responda francamente.

- Não - respondeu o interpelado. - Mas na verdade agora sinto-me satisfeito

por ter assistido a semelhante espetáculo e compreendo o que dizia o Sr. Conde: uma vez que nos conseguimos habituar a ele, trata-se do único espetáculo que ainda provoca emoções.

- Sem contar que é apenas nesse momento que se podem fazer estudos de caracter - observou o conde. - No primeiro degrau do cadafalso, a morte arranca-nos a máscara que usamos toda a vida e o nosso verdadeiro rosto aparece. Devemos concordar que o de Andrea não era agradável de ver... Repugnante patife!... Mas vistamo-nos, meus senhores, vistamo-nos!

Franz achou que seria ridículo da sua parte se fazer de rogado e não seguir o exemplo que lhe davam os seus dois companheiros. Vestiu portanto o seu traje e pôs a máscara, que certamente não era mais pálida do que o seu rosto. Assim que acabaram de se vestir, desceram. A carruagem os esperava à porta, cheia de confetti e de ramos de flores.

Entraram na fila.

É difícil fazer idéia de um contraste mais completo do que aquele que acabava de se operar. Em vez do anterior espetáculo de morte, sombrio e silencioso, a Praça del Popolo apresentava o aspecto de uma louca e ruidosa orgia. Viam-se aparecer inúmeras máscaras por todos os lados, saindo das portas e descendo das janelas. As carruagens desembocavam de todas as ruas, carregadas de pierros, arlequins, dominós, marqueses, trasteveres, figuras grotescas, cavalheiros, camponeses, etc., todos eles gritando, gesticulando e atirando ovos cheios de farinha, confetti e flores, atacando com palavras e projéteis amigos e estranhos, conhecidos e desconhecidos, sem que ninguém tivesse o direito de se zangar, sem que se fizesse fosse o que fosse a não ser rir.

Franz e Albert eram como homens que, para se distraírem de um grande desgosto, participam numa orgia e que, à medida que bebem e se embriagam, sentem um véu espessar-se entre o passado e o presente. Viam ainda, ou antes, continuavam a sentir em si o reflexo do que tinha visto. Mas, pouco a pouco,
a embriaguez geral dominou-os e pareceu-lhes que a sua razão, pouco firme, ia abandoná-los. Experimentavam uma necessidade estranha de participar naquela algazarra, naquele movimento, naquela vertigem. Um punhado de confetti atirado a Morcerf de uma carruagem vizinha e que, cobrindo-o de pó,
assim como aos seus dois companheiros, lhe picou o pescoço e toda a porção do rosto não tapada pela máscara, como se lhe tivessem atirado uma centena de alfinetes, acabou de atrai-lo para a luta geral em que já estavam envolvidas todas as máscaras que encontravam. Levantou-se por seu turno na carruagem, meteu ambas as mãos nos sacos e com todo o vigor e pontaria de que foi capaz lançou por sua vez ovos e confeitos nos seus vizinhos.

A partir daí o combate estava travado. A recordação do que tinham visto meia hora antes esfumou-se por completo do espírito dos dois jovens, de tal modo o espetáculo colorido, movimentado e insensato que tinha diante dos olhos os distraiu. Quanto ao conde de Monte-Cristo, nunca parecera, como dissemos, impressionado um só instante.

Imagine-se a grande e bela rua do Corso, ladeada de uma ponta à outra de palácios de quatro ou cinco andares, com todas as suas varandas guarnecidas de tapeçarias, com todas as suas janelas decoradas; nessas varandas e nessas janelas trezentos mil espectadores, romanos, italianos e estrangeiros vindos das

quatro partidas do mundo; todas as aristocracias reunidas: de nascimento, de dinheiro, de espírito; mulheres encantadoras que, sofrendo elas próprias a influência do espetáculo, se inclinam sobre as varandas, se debruçam fora das janelas e fazem chover sobre as carruagens que passam uma saraivada de confetti que lhes retribuem com flores; a atmosfera toda carregada de confeitos que descem e de flores que sobem; depois, nas próprias ruas, uma multidão alegre, incessante, louca, metida em trajes insensatos: couves gigantescas que se passeiam majestosamente, cabeças de búfalos que mugem encimando corpos de homens, cães que parecem caminhar nas patas traseiras, etc.; no meio de tudo isto uma máscara que se
levanta e, como na tentação de Santo Antônio idealizada por Callot, alguma Astarte que mostra um rosto encantador, que se quer seguir, mas do qual se é separado por uma espécie de demônios idênticos aos que se vêem nos sonhos, e se terá uma fraca idéia do que é o Carnaval em Roma.

A segunda volta, o conde mandou parar a carruagem e pediu aos companheiros licença para se separar deles, deixando a carruagem à sua disposição. Franz levantou os olhos: estavam diante do Palácio Rospoli, e à janela do meio, aquela que se encontrava forrada de damasco branco com uma cruz vermelha,
estava um dominó azul sob o qual a imaginação de Franz descobriu sem dificuldade a bela grega do Teatro Argentina.

- Meus senhores - disse o conde ao apear-se --, quando estiverem cansados de ser Atores e quiserem voltar a ser espectadores, sabem que têm um lugar nas minhas janelas. Entretanto, disponham do meu cocheiro, da minha carruagem e dos meus criados.

Esquecemo-nos de dizer que o cocheiro do conde estava gravemente vestido com uma pele de urso negro, exatamente igual à de Odry em O Urso e o Pax , e que os dois lacaios que se mantinham de pé atrás da caleça envergavam trajes de macaco verde, perfeitamente adaptados à sua estatura, e usavam máscaras de molas com as quais faziam caretas a quem passava.

Franz agradeceu ao conde a sua amável oferta. Quanto a Albert, todo ele era galanteios com uma carruagem cheia de camponesas romanas, parada, como a do conde, para um desses descansos tão vulgares nos desfiles e que ele cobria de flores.

Infelizmente para ele, o cortejo voltou a por-se em andamento, e, quando ele descia para a Praça del Popolo, a carruagem que lhe atraíra a atenção subia para o Palácio de Veneza.

- Ah, meu caro, não viu?... perguntou a Franz.

- O quê?

- Olhe, aquela caleça que vai ali, carregada de camponesas romanas.

- Não.

- Pois estou certo de que são mulheres encantadoras.

- Que azar estar mascarado, meu caro Albert - disse Franz. - Era a altura de se desforrar das suas decepções amorosas!

- Oh, espero que o Carnaval não termine sem me proporcionar qualquer compensação! - exclamou Albert, meio rindo, meio a sério.

Apesar desta esperança, o dia passou-se todo sem outra aventura além do

reencontro, duas ou três vezes renovado, com a caleça das camponesas romanas. Num desses encontros, como que por acaso, ou por cálculo, a máscara de Albert soltou-se.

Ao mesmo tempo, ele pegou o resto das flores e atirou-as para a caleça.

Sem dúvida uma das mulheres encantadoras que Albert adivinhava sob o traje garrido de camponesa ficou impressionada pela galanteria, pois por sua vez, quando a carruagem dos dois amigos voltou a passar, atirou-lhe um ramo de violetas.

Albert precipitou-se para o ramo. Como Franz não tinha nenhum motivo para crer que fora atirado em sua intenção, deixou Albert apanhá-lo. Albert colocou-o vitoriosamente na lapela e a carruagem continuou a sua corrida triunfal.

- Pronto, aí está um princípio de aventura! - disse-lhe Franz.

- Ria à vontade - respondeu Albert --, mas na verdade estou convencido que sim. Por isso, não largo mais este ramo.

- Acredito! - declarou Franz, rindo. - É um sinal de reconhecimento.

O gracejo, Aliás, depressa adquiriu o caráter de realidade, pois quando, sempre levados pelo cortejo, Franz e Albert se cruzaram de novo com a carruagem das contadine a que atirara o ramo a Albert bateu as mãos ao ver-lhe a lapela.

- Bravo, meu caro, bravo -- disse-lhe Franz. - Corre tudo às mil maravilhas! Quer que o deixe! talvez seja mais agradável para si estar só...

- Não - respondeu Albert. - Não precipitemos nada. Não quero me deixar apanhar como um idiota, a uma primeira demonstração, num encontro debaixo do relógio, como dizemos nos bailes da ópera. Se a bela camponesa quiser ir mais longe, a encontraremos amanhã, ou antes, a encontraremos. Então, me dará um sinal da sua existência e verei o que devo fazer.

- Na verdade, meu caro Albert - observou Franz --, você é sábio como Nestor e prudente como Ulisses. E se a sua Circe conseguir transformá-lo num animal qualquer, é porque será muito hábil ou muito poderosa.

Albert tinha razão. A bela desconhecida resolvera, sem dúvida, não levar mais longe o namoro daquele dia; porque embora os jovens dessem ainda várias voltas, não tornaram a ver a caleça que procuravam com a vista: desaparecera decerto por uma das ruas adjacentes.

Então dirigiram-se para o Palácio Rospoli, mas o conde também desaparecera com o dominó azul. As duas janelas forradas de damasco amarelo continuavam, de resto, a ser ocupadas por pessoas que sem dúvida convidara.

Naquele momento, o mesmo sino que tocara para a abertura da mascherata tocou para o encerramento. A fila do Corso rompeu-se imediatamente e num instante todas as carruagens desapareceram nas ruas transversais.

Franz e Albert encontravam-se então defronte da Via delle Maratte. O cocheiro meteu por ela sem dizer nada, alcançou a Praça de Espanha contornou o Palácio Poli e parou diante do hotel. Mestre Pastrini veio receber os seus hóspedes à porta.

O primeiro cuidado de Franz foi informar-se acerca do conde e exprimir o seu pesar por o não terem ido buscar a tempo, mas Pastrini tranquilizou-o dizendo-lhe que o conde de Monte-Cristo reservara segunda carruagem para si e essa carruagem fora buscá-lo às quatro horas no Palácio Rospoli. Além disso,

estava encarregado de oferecer da parte dele aos dois amigos a chave do seu camarote no Teatro Argentina.

Franz consultou Albert acerca das suas disposições, mas Albert tinha grandes projetos a pôr em prática antes de pensar em ir ao teatro. Por isso, em vez de responder, informou-se se mestre Pastrini lhe poderia arranjar um alfaiate.

- Para que quer o nosso hóspede um alfaiate?

- Para nos fazer daqui até amanhã, trajes de camponeses romanos tão elegantes quanto possível - respondeu Albert.

Mestre Pastrini abanou a cabeça.

- Fazer-lhes daqui até amanhã dois trajes?! - exclamou. - Ora aí está, com perdão de Vossas Excelências, um pedido à francesa. Dois trajes! Se daqui a oito dias não encontrariam com certeza um alfaiate que consentisse em pregar seis botões num colete, nem que lhe pagassem os botões a um escudo cada um!

- Quer dizer que devo desistir de arranjar os trejes que desejo?

- Não, porque arranjaremos os trajes prontos. Deixe-me tratar disso e amanhã encontrarão quando acordarem uma coleção de chapéus, jaquetas e calções que os deixará satisfeitos.

- Meu caro - disse Franz a Albert --, confiemos no nosso hoteleiro, que já nos provou ser homem de recursos. Jantemos pois tranquilamente e depois do jantar vamos ver A Italiana no Argel.

- Seja A Italiana no Argel - admitiu Albert. - Mas não se esqueça, mestre Pastrini, que eu e este senhor - continuou, indicando Franz - atribuímos a mais alta importância a termos amanhã os trajes que pedimos.

O hoteleiro garantiu mais uma vez aos seus hóspedes que não tinham de se preocupar fosse com o que fosse e que os seus desejos seriam satisfeitos. Assim Franz e Albert subiram aos seus quartos para despirem os trajes de palhaços.

Ao despir o seu, Albert tirou com o maior cuidado o ramo de violetas: era o seu sinal de reconhecimento para o dia seguinte.

Os dois amigos sentaram-se à mesa; mas enquanto jantavam, Albert não pode deixar de notar a diferença notável que existia entre os méritos respectivos dos cozinheiros de mestre Pastrini e do conde de Monte-Cristo. Ora, a verdade obrigou Franz a confessar, apesar das prevenções que parecia ter contra o conde, que a comparação não era nada a favor do chefe de Pastrini.

À sobremesa, o criado perguntou a que horas os dois jovens desejavam a carruagem. Albert e Franz entreolharam-se, receando sinceramente abusar, mas o criado tranquilizou-os:

- Sua Excelência o conde de Monte-Cristo - disse - deu ordens terminantes para que a carruagem ficasse todo o dia às ordens de Suas Senhorias. Suas Senhorias podem portanto dispor dela sem receio de abusar.

Os jovens resolveram aproveitar até ao fim a cortesia do conde e mandarem atrelar os cavalos enquanto eles iam trocar por um traje de noite o seu traje de dia, que estava um bocadinho amarrotado pelos numerosos combates em que tinham participado.

Tomada esta precaução, dirigiram-se para o Teatro Argentina e instalaram-se no camarote do conde.

Durante o primeiro Ato, a condessa G... entrou no dela e o seu primeiro

olhar foi para o lado onde na véspera vira o conde, de modo que viu Franz e Albert no camarote daquele acerca de quem exprimira a Franz, havia vinte e quatro horas, opinião bastante estranha.

O seu binóculo visava-o tão intensamente que Franz se convenceu ser uma crueldade tardar mais tempo a satisfazer a curiosidade da condessa. Por isso, usando do privilégio concedido aos espectadores dos teatros italianos, que consiste em transformar salas de espetáculo em salas de recepção, os dois amigos deixaram o seu camarote e foram apresentar as suas homenagens à condessa.

Mal entraram no camarote, ela fez sinal a Franz para se sentar no lugar de honra.

Por sua vez, Albert sentou-se atrás.

- Então - disse a condessa quase sem dar tempo a Franz de se sentar --, parece que não tiveram nada mais urgente que fazer do que travar conhecimento com o novo Lorde Ruthwen e tornarem-se os melhores amigos do mundo...

- Sem que estejamos tão adiantados como diz numa intimidade recíproca não posso negar, Sra Condessa - respondeu Franz -, que abusamos todo o dia da sua amabilidade.

- Como, todo o dia?

- É como lhe digo: esta manhã aceitamos o seu café da manhã, durante toda a mascherata percorremos o Corso na sua carruagem e finalmente à noite assistimos ao espetáculo no seu camarote.

- Conhecem-no, portanto?

- Sim e não.

- Como assim?

- É uma longa história.

- Que me contar ?

- Lhe causaria demasiado medo.

- Mais uma razão.

- Espere ao menos que a história tenha um desenlace.

- Seja, gosto das histórias completas. Entretanto, como entraram em contato? Quem os apresentou?

- Ninguém. Foi ele, pelo contrário, que se apresentou a nós.

- Quando?

- Ontem à noite, depois de deixá-la.

- Por intermédio de quem?

- Oh, meu Deus, pelo intermédio prosaiquíssimo do nosso hoteleiro!

- Está portanto hospedado no Hotel de Espanha como os senhores?

- Não só no mesmo hotel, mas também no mesmo andar.

- Como se chama? Porque sem dúvida sabem o seu nome...

- Perfeitamente. Conde de Monte-Cristo.

- Que nome é esse? Não é um nome de família.

- Não, é o nome de uma ilha que ele comprou.

- E é conde?

- Conde toscano.

- Enfim, engoliremos isso como os outros - declarou a condessa, que pertencia a uma das mais antigas famílias dos arredores de Veneza. - Mas que

espécie de homem é ele?

- Pergunte ao visconde de Morcerf.

- Ouviu, senhor? Remetem-me para si - disse a condessa.

- Seríamos demasiado exigentes se não o achassemos encantador, minha senhora - respondeu Albert. - Um amigo de dez anos não faria por nós mais do que ele tem feito, e com uma graça, uma delicadeza, uma cortesia que indicam realmente tratar-se de um homem de sociedade.

- Bom - disse a condessa, rindo --, verão que o meu vampiro acaba por ser muito simplesmente algum novo rico que quer que lhe perdoem os seus milhões e se meteu na pele de Lara para não o confundirem com o Sr. de Rothschild. E ela, viram-na?

- Ela, quem? - perguntou Franz, sorrindo.

- A bela grega de ontem.

- Não. Ouvimos, se não me engano, o som da sua guzla, mas ela conservou-se absolutamente invisível.

- Isto é, quando diz invisível, meu caro Franz - observou Albert --, é apenas para adensar o mistério, não é verdade? Quem acha que era o dominó azul que estava na janela forrada de damasco branco?

- E onde estava essa janela forrada de damasco branco? - perguntou a condessa.

- No Palácio Rospoli.

- O conde tinha portanto três janelas no Palácio Rospoli?

- Tinha. Passou na rua do Corso?

- Sem dúvida.

- Não notou duas janelas forradas de damasco amarelo e uma janela forrada de damasco branco com uma cruz vermelha? Essas três janelas eram do conde.

- Ah, sim?... Mas então esse homem é um nababo! Sabem quanto custam três janelas como essas para os oito dias de Carnaval e no Palácio Rospoli, isto é, na melhor situação do Corso?

- Duzentos ou trezentos escudos romanos...

- Diga dois ou três mil.

- Demônio!

- É a sua ilha que lhe dá tão bom rendimento?

- A sua ilha? Não lhe rende nem um chavo.

- Nesse caso, porque a comprou?

- Por capricho.

- Trata-se portanto de um original?

- Efetivamente - declarou Albert --, pareceu-me bastante excêntrico. Se morasse em Paris e frequentasse os nossos espetáculos, diria-lhe, meu caro, que se tratava de um brincalhão de mau gosto cheio de pose ou de um pobre diabo que a literatura não soube aproveitar. Na realidade, teve esta manhã duas ou três saídas dignas de Didier ou de Antony.

Neste momento entrou uma visita e, segundo o uso, Franz cedeu o seu lugar ao recém-chegado. Esta circunstância, além da troca de lugares, teve ainda como resultado mudar o tema da conversa.

Uma hora mais tarde, os dois amigos regressaram ao hotel. Mestre Pastrini

ocupara-se já das suas máscaras para o dia seguinte e prometeu-lhes que ficariam satisfeitos com a sua inteligente atividade.

Com efeito, no dia seguinte às nove horas entrava no quarto de Franz com um alfaiate carregado com oito ou dez trajes de camponês romano. Os dois amigos escolheram dois iguais, mais ou menos à medida do seu corpo, e encarregaram o hoteleiro de lhes mandar pregar uns vinte metros de fitas em cada chapéu e de lhes arranjar dois desses encantadores lenços de seda de barras transversais e cores vivas com que os homens do povo têm o hábito, nos dias de festa, de apertar a cintura.

Albert tinha pressa de ver como lhe ficaria o seu novo traje, o qual se compunha de uma jaqueta e de uns calções de veludo azul, meias bordadas, sapatos de fivela e colete de seda. Aliás, Albert só podia ser beneficiado com este traje pitoresco. E quando cingiu com aquela espécie de faixa a cintura elegante, e o chapéu, ligeiramente inclinado para um lado, lhe deixou cair sobre o ombro ondas de fitas, Franz foi obrigado a confessar que o traje representa quase sempre muito na superioridade tísica que concedemos a certos povos. Os turcos, dantes tão pitorescos com as suas longas túnicas de cores vivas, não são agora ridículos com as suas sobrecasacas azuis abotoadas e os seus barretes gregos que lhes dão o ar de garrafas de vinho de cápsula vermelha?

Franz felicitou Albert, que, de resto, de pé diante do espelho, sorria com um ar de satisfação que não tinha nada de equívoco. Estavam nisto quando o conde de Monte-Cristo entrou.

- Meus senhores - disse-lhes --, como por mais agradável que seja um companheiro de prazer a liberdade é ainda mais agradável, venho dizer-lhes que hoje e nos dias seguintes deixo à sua disposição a carruagem de que se serviram ontem. O nosso hoteleiro deve ter-lhes dito que tenho três ou quatro alugadas no hotel; portanto, essa não me faz falta e podem servir-se dela livremente, quer para as suas saídas de prazer, quer para as de negócios.Nos encontraremos, se tivermos alguma coisa a dizer uns aos outros, no Palácio Rospoli.

Os dois jovens quiseram fazer-lhe qualquer observação, mas na realidade não tinham nenhum motivo aceitável para recusar uma oferta que aliás lhes era agradável. Acabaram pois por aceitar.

O conde de Monte-Cristo ficou cerca de um quarto de hora com eles, falando de todas as coisas com extrema facilidade. Encontrava-se, como já tinham podido notar, muito ao corrente da literatura de todos os países. Uma olhadela às paredes da sua sala provara a Franz e a Albert que era amador de quadros. Algumas palavras despretensiosas que deixou escapar por acaso provaram-lhes que as ciências lhe não eram estranhas. Parecia sobretudo ter-se ocupado especialmente da química.

Os dois amigos não tinham a pretensão de oferecer ao conde o café da manhã que lhes dera, e seria um gracejo de muito mau gosto servir-lhe, em troca da sua excelente refeição, a comida muitíssimo medíocre de mestre Pastrini. Assim lhe disseram com toda a franqueza e ele recebeu as suas desculpas como homem
que apreciava a sua delicadeza.

Albert estava entusiasmado com as maneiras do conde, que só a sua ciência o impedia de o considerar um autêntico fidalgo. Sobretudo a liberdade de

dispor inteiramente da carruagem enchia-o de alegria. Tinha os seus planos a respeito das graciosas camponesas, e como elas lhe tinham aparecido na véspera numa carruagem elegantíssima, não lhe desagradava continuar a parecer nesse ponto em pé de igualdade com elas.

Os dois jovens desceram à uma e meia. O cocheiro e os lacaios tinham tido a idéia de vestir os casacos das librés debaixo das suas peles de animais, o que lhes dava aspecto ainda mais grotesco do que na véspera e lhes valeu muitas felicitações de Franz e Albert.

Albert colocara sentimentalmente na lapela o seu ramo de violetas já murchas. Mal soou o sino, partiram e precipitaram-se na rua do Corso pela Via Vitioria.

À segunda volta, um ramo de violetas frescas partiu de uma caleça carregada de palhaças e veio cair na caleça do conde. Albert teve assim a indicação de que, tal como ele e o amigo, as camponesas da véspera também tinham mudado de traje, e de que, quer por acaso, quer por um sentimento idêntico àquele que os impelira, enquanto eles, galantemente, tinham escolhido o traje delas, elas pela sua parte haviam escolhido o deles.

Albert pôs o ramo fresco no lugar do outro, mas conservou o ramo murcho na mão, e quando se cruzou de novo com a caleça, levou-o apaixonadamente aos lábios, o que pareceu divertir muito, não só a que lhe atirara, mas também as suas loucas companheiras.

O dia não foi menos animado do que a véspera. É até provável que um profundo observador tivesse notado um aumento de barulho e alegria. Viram por momentos o conde à sua janela, mas quando a carruagem tornou a passar ele já desaparecera. Não é necessário dizer que a troca de galanteios entre Albert e a palhaça dos ramos de violetas durou todo o dia.

À noite, quando regressaram, Franz encontrou uma carta da embaixada em que lhe anunciavam que teria a honra de ser recebido no dia seguinte por Sua Santidade. Em todas as viagens que fizera anteriormente a Roma solicitara e obtivera o mesmo favor. E tanto por devoção como por reconhecimento, não quisera passar pela capital do mundo cristão sem depositar as suas respeitosas homenagens aos pés de um dos sucessores de S. Pedro que tem dado o raro exemplo de todas as virtudes.

Naquele dia não se tratava portanto para ele de pensar no Carnaval; porque apesar da bondade de que o Santo Padre rodeia a sua grandeza, é sempre com um respeito cheio de profunda emoção que as pessoas se inclinam diante do nobre e santo velho chamado Gregório XVI.

Quando saiu do Vaticano, Franz foi direito ao hotel e evitou até passar pela rua do Corso. Levava consigo um tesouro de pensamentos piedosos para os quais o contato com as loucas alegrias da mascherata seria uma profanação.

Albert regressou às cinco horas e dez minutos. Vinha eufórico. A palhacinha tornara a envergar o seu traje de camponesa e ao passar pela caleça de Albert tirara a máscara. Era encantadora.

Franz apresentou a Albert as suas mais sinceras felicitações e ele recebeu-as como homem a quem são devidas. Reconhecera, dizia, por certos sinais de

elegância inimitável, que a sua bela desconhecida pertencia à mais alta aristocracia. Estava decidido a escrever-lhe no dia seguinte.

Ao receber tal confidência, Franz notou que Albert parecia ter qualquer coisa a pedir-lhe, mas que no entanto hesitava em fazer-lhe o pedido. Insistiu, declarando-lhe antecipadamente que estava pronto a fazer em benefício da sua felicidade todos os sacrifícios que estivessem na sua mão, mas Albert fez-se de rogado exatamente o tempo exigido por uma amistosa delicadeza. Por fim, confessou a Franz que lhe prestaria um grande favor se no dia seguinte lhe cedesse a caleça só para ele. Albert atribuía à ausência do amigo a extrema bondade que tivera a bela camponesa em tirar a máscara.

Como se compreende, Franz não era egoísta ao ponto de levantar dificuldades a Albert no meio de uma aventura que prometia ao mesmo tempo ser tão agradável para a sua curiosidade e tão lisonjeira para o seu amor-próprio. Conhecia bastante bem a perfeita indiscrição do seu digno amigo e tinha a certeza de que ele o manteria ao corrente dos mais pequenos pormenores da sua boa fortuna. E como, desde que havia dois ou três anos que percorria a Itália em todos os sentidos, nunca tivera sequer a oportunidade de esboçar um namoro assim em seu proveito, Franz estava ansioso por saber como se passavam as coisas em semelhante caso. Prometeu portanto a Albert que no dia seguinte se limitaria a admirar o espetáculo das janelas do Palácio Rospoli.

Com efeito, no dia seguinte viu passar e tornar a passar Albert. Trazia um ramo enorme que sem dúvida encarregara de ser o portador da sua epístola amorosa. Tal probabilidade transformou-se em certeza quando Franz tornou a ver o mesmo ramo, notável devido a um círculo de camélias brancas, nas mãos de uma encantadora palhaça vestida de cetim cor-de-rosa.

Por isso, a noite já não foi de alegria, foi de delírio. Albert estava certo de que a bela desconhecida lhe responderia pela mesma via. Franz foi ao encontro dos seus desejos dizendo-lhe que todo aquele barulho o fatigava e que estava decidido a empregar o dia seguinte a rever o seu álbum e a tomar apontamentos.

Aliás, Albert não se enganara nas suas previsões: no dia seguinte à noite, Franz viu-o entrar-lhe no quarto num salto, agitando maquinalmente uma folha de papel segura por uma ponta.

- Então, enganei-me? - perguntou.

- Ela respondeu? - inquiriu Franz.

- Leia.

Esta palavra foi pronunciada com uma intonação impossível de reproduzir. Franz pegou no bilhete e leu:

Terça-feira à noite. às sete horas desça da sua carruagem defronte da Via dei Pontefici e siga a camponesa romana que lhe tirar o seu moccoletto. Quando chegar ao primeiro degrau da Igreja de San-Giacomo tome o cuidado para que ela o possa reconhecer de atar uma fita cor-de-rosa no ombro do seu traje
de palhaço.

Daqui até lá não me verá mais.

Constância e discrição.

- Que pensa disso, caro amigo? - perguntou Albert a Franz quando este terminou a leitura.

- Penso - respondeu Franz - que a coisa toma todo o carater de uma

aventura deveras agradável.

- É também a minha opinião- disse Albert - e receio muito que você tenha de ir sozinho ao baile do duque de Bracciano.

Franz e Albert tinham recebido naquela mesma manhã um convite do célebre banqueiro romano.

- Cautela, meu caro Albert - recomendou-lhe Franz. - Toda a aristocracia estará na casa do duque, e se a sua bela desconhecida pertence de fato à aristocracia, não poderá dispensar-se de comparecer.

- Compareça ou não, mantenho a minha opinião acerca dela - perguntou Albert. - Não leu o bilhete?

- Li.

- Conhece a pobre educação que recebem na Itália as mulheres do mezzo cito? Chama-se assim à burguesia.

- Conheço - tornou a responder Franz

- Então, releia o bilhete, examine a letra e descubra-me um erro de língua ou de ortografia.

Com efeito, a letra era encantadora e a ortografia impecável

- Você é um predestinado - disse Franz a Albert, restituindo-lhe o bilhete pela segunda vez.

- Ria à vontade e graceje o quanto quiser - declarou Albert. - Estou apaixonado.

- Oh, meu Deus, assusta-me! - exclamou Franz. - E vejo que não só irei sozinho ao baile do duque de Bracciano, como ainda poderei muito bem regressar sozinho a Florença.

- A verdade é que se a minha desconhecida for tão amável como é bela, declaro-lhe que me fixo em Roma durante pelo menos seis semanas Adoro Roma e além disso sempre tive uma predileção acentuada pela arqueologia.

- Vamos, mais um encontro ou dois como esse e não desespero de o ver membro da Academia de Inscrições e Belas-Letras.

Albert preparava-se sem dúvida para discutir seriamente os seus direitos à cadeira acadêmica, mas vieram anunciar aos dois jovens que o jantar estava servido. Ora, em Albert o amor não era de modo algum contrário ao apetite. Apressou-se pois, assim como o amigo, a sentar-se à mesa, resolvido a retomar a discussão depois do jantar.

Mas depois do jantar anunciaram-lhes o conde de Monte-Cristo. Havia dois dias que os jovens o não viam. Mestre Pastrini dissera-lhes que um negócio o chamara a Civita-Vecchia. Partira na véspera à noite e regressara havia apenas uma hora.

O conde foi encantador. Quer porque se contivesse, quer porque a ocasião não despertasse nele as fibras acrimoniosas que certas circunstâncias tinham já feito vibrar duas ou três vezes e o haviam levado a proferir palavras amargas; a verdade é que foi pouco mais ou menos como toda a gente. Aquele homem constituía para Franz um autêntico enigma. O conde não podia duvidar de que o jovem viajante o reconhecera. E no entanto nem uma só palavra desde o seu novo encontro parecia indicar na sua boca que se recordava de o ter visto em outro lugar. Pela sua parte, ainda que Franz desejasse aludir ao seu primeiro encontro, continha-o o receio de ser desagradável para com um homem que o cumulara, a

si e ao amigo, de atenções. Continuou portanto a manter a mesma reserva que ele.

O conde soubera que os dois amigos tinham querido comprar um camarote no Teatro Argentina e lhos haviam respondido que estava tudo vendido. Trazia-lhes por isso a chave do seu. Pelo menos era esse o
motivo aparente da sua visita.

Franz e Albert fizeram-se um bocadinho rogados, alegando o receio de o privarem do camarote. Mas o conde respondeu-lhes que como ia naquela noite ao Teatro Palli, o seu camarote no Teatro Argentina se perderia se eles o não aproveitassem. Este tato determinou os dois amigos a aceitarem.

Franz habituara-se pouco a pouco à palidez do conde, que tanto o impressionara da primeira vez que o vira. Não podia deixar de prestar justiça à beleza do seu rosto severo, cuja palidez constituía o seu único defeito ou talvez a sua principal qualidade. Autêntico herói de Byron, Franz não podia, não diremos vê-lo, mas apenas pensar nele, sem imaginar aquele rosto pálido e sombrio sobre os ombros de Manfredo ou sob o
barrete de Lara. Tinha na testa essa ruga que indica a presença incessante de um pensamento amargo; possuía uns olhos ardentes que penetravam até às profundezas das almas, e nem sequer lhe faltava, para completar o quadro, os lábios orgulhosos e zombeteiros que dão às palavras que preferem o carater especial que as leva a gravarem-se profundamente na memória daqueles que as escutam.

O conde já não era novo. Tinha pelo menos quarenta anos e no entanto adivinhava-se sem custo que estava preparado para levar a melhor ao jovem com quem deparasse. Na realidade, numa derradeira semelhança com os heróis fantásticos do poeta inglês, o conde parecia possuir o dom da fascinação.

Albert não se cansava de salientar a sorte que ele e Franz tinham tido em encontrar semelhante homem. Franz era menos entusiasta, mas mesmo assim sofria a influência que exerce qualquer homem superior no espírito daqueles que o rodeiam. Pensava no projeto de ir a Paris que já por duas ou três vezes o conde manifestara e não duvidava que com o seu carater excêntrico, o seu rosto característico e a sua
fortuna colossal o conde produziria o maior efeito. E contudo não desejaria encontrar-se em Paris quando ele lá fosse.

A noite passou-se como se passam habitualmente as noites no teatro na Itália, não escutando os cantores, mas sim fazendo visitas e conversando. A condessa G... queria reatar a conversa sobre o conde, mas Franz anunciou-lhe que tinha coisa muito mais recente a comunicar-lhe e, apesar das demonstrações de falsa modéstia a que se entregou Albert, contou à condessa o grande acontecimento que havia três dias
era objeto das preocupações dos dois amigos.

Como tais namoros não são raros na Itália, pelo menos a julgar pelo que dizem os viajantes, a condessa não se mostrou nada incrédula e felicitou Albert pelas primícias de uma aventura que prometia terminar de forma tão satisfatória. Separaram-se prometendo reencontrar-se no baile do duque de
Bracciano, para o qual Roma em peso fora convidada. A dama do ramo cumpriu a sua promessa: nem no dia seguinte nem no outro deu a Albert sinal de existência.

Chegou por fim terça-feira, o último e o mais ruidoso dos dias de Carnaval. Na terça-feira os teatros abrem às dez horas da manhã, porque depois das oito horas da noite entra-se na Quaresma. Na terça-feira, todos aqueles que por falta de tempo, de dinheiro ou de entusiasmo ainda não participaram nas festas anteriores, juntam-se à bacanal, deixam-se arrastar pela orgia e contribuem com a sua parte de barulho e movimento para o movimento e o barulho gerais.

Das duas às cinco horas, Franz e Albert seguiram no cortejo, trocando punhados de confetti com as carruagens da fila oposta e os peões que circulavam entre as patas dos cavalos e as rodas das carruagens sem que acontecesse no meio de tão medonha barafunda um único acidente, uma única disputa, uma única rixa. Nestas coisas, não há nenhum povo como o italiano. As festas são para ele verdadeiras festas. O autor desta história, que residiu na Itália cinco ou seis anos, não se recorda de ter visto alguma vez uma solenidade perturbada por um só desses acontecimentos que servem sempre de corolário às nossas.

Albert triunfava no seu traje de palhaço. Tinha no ombro um laço de fita cor-de-rosa cujas pontas lhe caíam até às curvas das pernas Para não haver qualquer confusão entre ele e Franz, este conservara o seu traje de camponês romano.

Quanto mais o dia avançava, maior era o tumulto. Não havia em todas aquelas ruas, em todas aquelas carruagens, em todas aquelas janelas uma boca que se mantivesse calada, um braço que se conservasse ocioso. Era verdadeiramente uma tempestade humana, composta por uma trovoada de gritos e uma saraivada de confeitos, flores, ovos, laranjas e ramos.

Às três horas, o barulho de foguetes lançados simultaneamente da Praça do Povo e do Palácio de Veneza sobrepôs-se com dificuldade ao tumulto ensurdecedor e anunciou que as corridas iam começar.

As corridas, como os moccolli, são um dos episódios característicos dos últimos dias de Carnaval Ao soar o estrépito dos foguetes, as carruagens romperam imediatamente as fileiras e refugiaram-se nas ruas transversais mais próximas do lugar onde se encontravam.

Todas estas evoluções se efetuam, de resto, com inconcebível perícia e maravilhosa rapidez, e isso sem que a Polícia se dê ao menor incômodo de indicar a cada um o seu lugar ou de traçar a cada um o seu caminho.

Os peões encontraram-se às paredes dos palácios e em seguida ouviu-se um grande barulho de cavalos e bainhas de sabre. Um esquadrão de carabineiros a quinze de frente percorria a galope e a toda a largura a rua do Corso, que varria para abrir lugar aos barberi. Quando o esquadrão chegou ao Palácio de Veneza, o rebentamento doutra girândola de foguetes anunciou que a rua estava livre.

Quase imediatamente, no meio de um clamor imenso, universal, inaudito, viram-se passar como sombras sete ou oito cavalos excitados pelos clamores de trezentas mil pessoas e pelas castanhas de ferro que lhes saltavam no dorso. Depois, o canhão do Castelo de Santo ângelo disparou três tiros. Estes destinavam-se a anunciar que o número três ganhara.

Ato contínuo, sem outro sinal além daquele, as carruagens puseram-se de novo em movimento e refluíram, para o Corso, transbordando de todas as ruas como torrentes por instantes contidas que se lançam ao mesmo tempo no leito do rio que alimentam, e a vaga imensa recomeçou, mais rápida do que nunca, o seu

curso entre as duas margens de granito.

Apenas um novo elemento de barulho e movimento se viera ainda juntar à multidão: os vendedores de moccoli acabavam de entrar em cena.

Os maccolli ou moccoletti são velas que variam de tamanho, desde o círio pascal até ao rolo de pavio, e que provocam nos atores da grande representação com que termina o Carnaval romano duas preocupações opostas:

1ª - A de conservar aceso o seu mocoletto;

2ª - A de apagar o moccoletto dos outros.

Passa-se com o moccoletto o mesmo que com a vida: o homem ainda só encontrou um meio de a transmitir, e esse meio recebe-o de Deus. Mas descobriu mil meios de a tirar, e a verdade é que nessa
operação suprema o Diabo o tem ajudado um bocadinho. O moccoletto acende-se chegando-se a uma chama qualquer.

Mas como descrever as mil maneiras inventadas para apagar o moccoletto, os foles gigantescos, os apagadores monstros, os leques sobre-humanos? Toda as pessoas se apressaram a comprar moccoletti, Franz e Albert como os outros.

A noite aproximava-se rapidamente, e em breve, ao grito de “Moccoli!" repetidos pelas vozes estridentes de um milhar de vendedores, duas ou três estrelas começaram a brilhar por cima da multidão. Foi como que um sinal.

Ao cabo de dez minutos, cinquenta mil luzes cintilaram, descendo o Palácio de Veneza para a Praça do Povo e subindo da Praça do Povo para o Palácio de Veneza. Dir-se-ia a festa dos fogos-fátuos.

Não se pode fazer idéia do aspecto de conjunto; só visto.

Suponha o leitor que todas as estrelas se desprendiam do céu e se juntavam na Terra numa dança insensata, tudo acompanhado de gritos como nunca ouvido humano escutou no resto da superfície do Globo.

E sobretudo nesse momento que desaparecem as diferenças sociais. O facchino mistura-se com o príncipe, o príncipe com o trastevere e o trastevere com o burguês, todos soprando, apagando e reacendendo. Se o velho Éolo aparecesse em semelhante altura, seria proclamado rei dos moccolli, e
Aquilão, herdeiro presuntivo da coroa.

Esta corrida louca e resplandecente durou aproximadamente duas horas. A rua do Corso estava iluminada como em pleno dia. Distinguiam-se as feições dos espectadores até ao terceiro e quarto andares.

Albert puxava do relógio de cinco em cinco minutos. Por fim, os ponteiros marcaram as sete horas.

Os dois amigos encontravam-se precisamente nas imediações da Via dei Pontefich Albert saltou da caleça com o seu moccoletto na mão.

Dois ou três mascarados quiseram aproximar-se dele para o apagarem ou tirarem; mas como hábil pugilista que era, Albert fê-los rolar um após outro a dez passos de distância e continuou o seu caminho para a Igreja de San-Giacomo

Os degraus estavam cheios de curiosos e de máscaras que lutavam para ver quem arrancaria as velas das mãos uns dos outros. Franz seguia Albert com a vista e viu-o pôr o pé no primeiro degrau. Depois, quase imediatamente, uma mascara com o traje bem conhecido da camponesa do ramo estendeu o braço e, sem que desta vez ele oferecesse qualquer resistência, tirou-lhe o moccoletto.

Franz estava demasiado longe para ouvir as palavras que trocaram; mas

sem dúvida não tiveram nada de hostil, pois viu afastar-se Albert e a camponesa de braço dado. Durante algum tempo seguiu-os no meio da multidão, mas na Via Macello perdeu-os de vista

De súbito, soou o toque do sino que dá o sinal do encerramento do Carnaval. no mesmo instante, todos os moccoli se apagaram como que por encanto. Diria-se que uma única e imensa lufada de vento aniquilara tudo.

Franz encontrou-se no meio da escuridão mais profunda

Ao mesmo tempo, todos os gritos cessaram, como se o sopro poderoso que extinguira as luzes tivesse extinguido ao mesmo tempo os ruídos.

Ouviu-se apenas o rodar das carruagens que reconduziam as máscaras a suas casas e viram-se unicamente as raras luzes que brilhavam atrás das janelas.

O Carnaval terminara.

Capítulo XXXVII

As Catacumbas de S. Sebastião

Franz talvez nunca tivesse experimentado na sua vida uma impressão tão nítida, uma passagem tão rápida da alegria à tristeza, como naquele momento. Diria-se que Roma, sob o sopro mágico de algum demônio da noite, acabava de se transformar num vasto túmulo. Por um caso que aumentava ainda mais a intensidade das trevas, a Lua, que estava em quarto minguante, só devia aparecer por volta das onze horas da noite. As ruas que o jovem percorria estavam portanto mergulhadas na mais profunda escuridão. De resto, o trajeto era curto. Ao cabo de dez minutos a sua carruagem, ou antes, a do conde, parou diante do Hotel de Espanha.

O jantar esperava; mas como Albert prevenira de que não contava regressar tão cedo, Franz sentou-se à mesa sem ele. Mestre Pastrini, que estava habituado a vê-los jantar juntos, perguntou o motivo da sua ausência; mas Franz limitou-se a responder que Albert recebera na antevéspera um convite que aceitara. A extinção súbita dos moccoletti, a escuridão que substituíra a luz, o silêncio que sucedera ao barulho, tinham
deixado no espírito de Franz uma certa tristeza que não estava isenta de inquietação. Jantou portanto muito
silenciosamente, apesar da solicitude oficiosa do seu hospedeiro, que entrou duas ou três vezes para perguntar se não precisava de nada.

Franz estava resolvido a esperar Albert até o mais tarde possível. Pediu pois a carruagem apenas para as onze horas e solicitou a mestre Pastrini que o mandasse prevenir imediatamente se Albert voltasse ao hotel, fosse qual fosse o motivo. As onze horas, Albert ainda não regressara Franz vestiu-se e saiu, depois de prevenir o hoteleiro de que passaria a noite na casa do duque de Bracciano.

A casa do duque de Bracciano, é uma das mais encantadoras casas de Roma, e sua mulher, umas das últimas herdeiras dos Colona, faz-lhe as honras na perfeição. Resulta daí que as festas que ele dá gozam de celebridade europeia. Franz e Albert tinham chegado a Roma com cartas de recomendação para ele. Por isso as primeiras palavras do duque foram para perguntar a Franz o que era

feito do seu companheiro de viagem. Franz respondeu-lhe que se tinham separado no momento em que se iam apagar os moccoli e que o perdera de vista na Via Macello.

- E ainda não regressou? - perguntou o duque.

- Esperei-o até agora - respondeu Franz.

- Sabe aonde ia?

- Não, exatamente. Creio porém que se tratava de qualquer coisa como uma entrevista amorosa

- Diabo - disse o duque --, é mau dia, ou antes, é má noite para uma pessoa se demorar lá fora! Não é verdade, Sra Condessa?

Estas últimas palavras dirigiam-se à condessa G.... que acabava de chegar e passeava pelo braço do Sr. Torlonia, irmão do duque.

- Acho, pelo contrário, que se trata de uma noite encantadora - respondeu a condessa. - Aqueles que estão aqui só se queixarão de uma coisa: de que passar demasiado depressa.

- Por isso - perguntou o duque, sorrindo --, não me refiro às pessoas que estão aqui. Essas só correm um perigo: os homens, de se apaixonarem pela senhora; as mulheres de adoecerem de inveja ao verem-na tão bela. Refiro-me às pessoas que andam pelas ruas de Roma.

- Meu Deus - perguntou a condessa --, quem anda pelas ruas de Roma a estas horas, a não ser que seja para ir ao baile?

- O nosso amigo Albert de Morcerf, Sra Condessa, que deixei atrás da sua desconhecida por volta das sete horas da noite - respondeu Franz - e que desde então nunca mais vi.

- Como, e não sabe onde está?

- Não faço a menor idéia.

- Está armado?

- Foi vestido de palhaço.

- Não devia te-lo deixado ir - disse o duque a Franz - pois conhece Roma melhor do que ele.

- Pois sim, mas seria o mesmo que tentar deter o número três dos barberi, que hoje ganhou a corrida - respondeu Franz. - De resto, que poderia lhe acontecer?

- Sei lá! A noite está muito escura e o Tibre fica muito perto da Via Macello. Franz sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo ao ver o duque e a condessa tão de acordo com as suas inquietações pessoais.

- Por isso deixei recado no hotel de que tinha a honra de passar a noite em sua casa, Sr. Duque - disse Franz --, para me virem anunciar o seu regresso.

- Olhe - atalhou o duque --, creio precisamente que um dos meus criados anda à sua procura.

O duque não se enganava Ao ver Franz, o criado aproximou-se dele.

- Excelência - disse --, o dono do Hotel de Espanha manda dizer-vos que está lá à vossa espera um homem com uma carta do visconde de Morcerf.

- Com uma carta do visconde?! - exclamou Franz.

- Exatamente.

- E quem é esse homem?

- Ignoro-o

- Porque não veio traze-la aqui?

- O mensageiro não me deu nenhuma explicação.

- E onde está o mensageiro?

- Foi-se embora assim que me viu entrar na sala do baile para o prevenir.

- Oh, meu Deus, vá depressa - rogou a condessa a Franz. - Pobre rapaz, pode ter ocorrido algum acidente.

- Vou imediatamente - respondeu Franz.

- Voltará, para nos dar notícias? - perguntou a condessa.

- Voltarei, se o caso não for grave. De contrário, não sei o que será de mim próprio.

- Em todo o caso, prudência - recomendou a condessa.

- Oh, esteja tranquila!

Franz pediu o chapéu e partiu a toda a pressa. Mandara embora a carruagem e ordenara ao cocheiro que viesse buscá-lo às duas horas, mas, por sorte, o Palácio Bracciano, que dá por um lado para a rua do Corso e por outro para a Praça dos Santos Apóstolos, fica apenas a dez minutos a pé do Hotel de Espanha.

Ao aproximar-se do hotel, Franz viu um homem de pé no meio da rua e não duvidou um só instante que fosse o mensageiro de Albert. O homem estava envolto numa grande capa. Foi ao seu encontro, mas com grande espanto de Franz, o homem foi o primeiro a dirigir-lhe a palavra.

- Que quer de mim, Excelência? - perguntou dando um passo atrás, como um homem que se põe em guarda.

- Não é o senhor que me traz uma carta do visconde de Morcerf? - perguntou Franz.

- Vossa Excelência está hospedado no hotel de Pastrini?

- Estou.

- E Vossa Excelência é o companheiro de viagem do visconde? - Sou.

- Como se chama Vossa Excelência?

- Barão Franz de Epinay.

- Então é de fato a Vossa Excelência que esta carta é dirigida.

- Tem resposta? - perguntou Franz, tirando-lhe a carta da mão.

- Tem. Pelo menos o seu amigo a espera.

- Venha ao meu quarto para lha dar.

- Prefiro esperá-la aqui - replicou, rindo, o mensageiro.

- Porquê?

- Vossa Excelência compreenderá porquê quando ler a carta.

- E o encontrarei aqui?

- Sem dúvida nenhuma.

Franz entrou. Na escada encontrou mestre Pastrini

- Então? - perguntou-lhe o hoteleiro.

- Então o quê? - respondeu Franz.

- Viu o homem que desejava falar-lhe da parte do seu amigo? - inquiriu Pastrini

- Vi, sim, e entregou-me esta carta - respondeu Franz. - Mande alumiar-me até ao quarto, por favor.

O hoteleiro ordenou a um criado que precedesse Franz com uma vela O

jovem notara em mestre Pastrini um ar assustado, ar que só contribuíra para aumentar o seu desejo de ler a carta de Albert. Por isso, aproximou-se da vela assim que ela foi acesa e desdobrou o papel. A carta fora escrita pelo punho de Albert
e estava assinada por ele. Franz releu-a duas vezes, de tal forma estava longe de esperar o que continha. Ei-la reproduzida textualmente:

Caro amigo. Assim que receber a presente, faça favor de tirar da minha carteira, que encontrará na gaveta quadrada da minha escrivaninha a minha carta de crédito. Junte-lhe a sua se ela não for suficiente. Corra a casa de Torlonia, levante imediatamente quatro mil piastras e entregue-as ao portador. É urgente que esta importância me seja enviada sem qualquer demora.

Não insisto mais, mas conto consigo como você poderia contar comigo.

P.S. - I believe now to italian banditti. (1)

Seu amigo,

ALBERT DE MORCERF

Por baixo destas linhas estavam escritas por mão desconhecida estas poucas palavras em italiano:

Se alle sei della mattina le quattro mile piastre non sono nelle mie mani, alla sette il conte Alberto avia cessato di vivere (2).

LUIGI VAMPA

Esta segunda assinatura explicou tudo a Franz, que compreendeu a repugnância do mensageiro em subir ao seu quarto. A rua parecia-lhe mais segura do que os aposentos de Franz. Albert caíra nas mãos do famoso chefe de bandidos, em cuja existência durante muito tempo se recusara a acreditar.

(1) “Agora acredito em bandidos italianos." (N. do T.)

(2) “Se às seis da manhã as quatro mil piastras não estiverem em meu poder, às sete o conde Alberto deixará de viver." (N. do T.)

Não havia tempo a perder. Correu à escrivaninha, abriu a gaveta indicada, tirou a carteira e desta a carta de crédito. A carta fora emitida pelo total de seis mil piastras, mas destas seis mil piastras Albert levantara já três mil. Quanto a Franz, não tinha nenhuma carta de crédito. Como residia em Florença e viera a Roma para passar apenas sete ou oito dias, trouxera uma centena de luíses, e desses cem luíses restavam-lhe quando muito cinquenta.

Faltavam portanto setecentas a oitocentas piastras para que os dois, Franz e Albert, pudessem reunir a importância exigida. Claro que num caso assim Franz podia contar com a amabilidade do Sr. Torlonia.

Preparava-se pois para regressar ao Palácio Bracciano sem perda de um instante quando de súbito uma idéia luminosa lhe atravessou o espírito.

Lembrou-se do conde de Monte-Cristo. Franz ia mandar chamar mestre Pastrini quando o viu aparecer em pessoa à entrada da porta.

- Meu caro Sr. Paslrini - disse-lhe vivamente acha que o conde estará nos seus aposentos?

- Está sim, Excelência. Acaba de entrar.

- Já terá tido tempo de se deitar?

- Duvido.

- Então, toque-lhe à porta, peço-lhe, e rogue-lhe que me receba.

Mestre Pastrini apressou-se a cumprir as instruções que lhe davam. Cinco, minutos depois estava de volta.

- O conde espera Vossa Excelência - disse.

Franz atravessou o patamar e um criado introduziu-o junto do conde. Este encontrava-se num gabinetezinho que Franz ainda não vira e que estava rodeado de divãs. O conde veio ao seu encontro.

- Que bom vento o traz aqui a esta hora? - perguntou. - Virá por acaso pedir-me de cear? Seria muita amabilidade da sua parte.

- Não, venho falar-lhe de um assunto grave.

- De que assunto? - perguntou o conde, fitando Franz com o profundo que lhe era habitual.

- Estamos sós?

O conde foi até à porta e voltou.

- Perfeitamente sós - disse.

Franz apresentou-lhe a carta de Albert.

- Leia - pediu-lhe.

O conde leu a carta.

- Ah, ah! .. - exclamou.

- Leu também o post-scriptum?

- Li. Bem vejo:

Se alle sei della mattina le quattro mile piastre non sono nelle mie mani, alla sette il conte Alberto avia cessato di vivere.

LUIGI VAMPA

- Que diz a isso? - perguntou Franz.

- Tem a importância que lhe pedem?

- Tenho, menos oitocentas piastras.

O conde dirigiu-se à sua escrivaninha, abriu-a e puxou uma gaveta cheia de ouro:

- Espero - disse a Franz - que me não faça a injúria de se dirigir a outro em vez de a mim.

- Bem vê que, pelo contrário, vim direito ao senhor - respondeu Franz.

- Agradeço-lhe. Tome.

E fez sinal a Franz para que se servisse do dinheiro que estava na gaveta.

- É de fato necessário mandar essa importância a Luigi Vampa? - perguntou o rapaz, olhando por seu turno fixamente para o conde.

- Demônio! - exclamou este. - Julgue por si mesmo. O post-scriptum é claro.

- Parece-me que se o senhor se desse ao incômodo de procurar, encontraria algum meio capaz de simplificar muito a negociação - observou Franz.

- Qual? - perguntou o conde, atônito.

- Por exemplo, se fãssemos procurar Luigi Vampa juntos, estou certo de que não nos recusaria a libertação de Albert.

- A mim? Que influência julga que tenho sobre esse bandido?

- Não acaba de lhe prestar um desses serviços que se não esquecem?

- Qual?

- Não acaba de salvar a vida a Peppino?

- Ah, ah! .. Quem lhe disse isso?

- Que importa? Sei-o

O conde ficou um instante calado e de sobrolho franzido.

- Se eu fosse procurar Vampa você me acompanharia?

- Se a minha, companhia lhe não for muito desagradável.

- Pois seja. O tempo está bom e um passeio pelos campos de Roma só nos pode fazer bem.

- É preciso levar armas?

- Para quê?

- Dinheiro?

- É inútil. Onde está o homem que trouxe esse bilhete?

- Na rua.

- Espera a resposta?

- Espera.

- Precisamos saber mais ou menos aonde vamos. Vou chamá-lo.

- Inútil, ele não quis subir.

- Ao seu quarto, talvez; mas ao meu, não levantará obstáculos.

O conde foi à janela do gabinete, que dava para a rua, e assobiou de certa forma. O homem da capa afastou-se da parede e avançou até ao meio da rua.

- Salite! - disse o conde, no tom em que daria uma ordem a um criado.

O mensageiro obedeceu sem demora nem hesitação, com pressa até, galgou os quatro degraus do pórtico e entrou no hotel. Cinco segundos depois estava à porta do gabinete.

- Ah, és tu, Peppino! - disse o conde.

Mas Pepino, em vez de responder, caiu de joelhos, pegou na mão do conde e beijou-a repetidas vezes.

- Ah, ah! - exclamou o conde. - Ainda não esqueceste que te salvei a vida. É estranho, pois já se vão oito dias.

- Não, Excelência, e nunca o esquecerei - respondeu Peppino em tom de profundo reconhecimento.

- Nunca é muito tempo! Mas enfim já é muito que o acredites. Levante-se e responda.

Peppino deitou uma olhadela inquieta a Franz.

- Oh, pode falar diante de Sua Excelência! - tranquilizou-o o conde. - É um dos meus amigos.

- Permite-me que lhe dê este título, não é verdade? - perguntou o conde em francês, virando-se para Franz. - é necessário para conquistar a confiança deste homem.

- Pode falar diante de mim - declarou Franz. - Sou um amigo do conde.

- Ainda bem - disse Peppino, virando-se por seu turno para o conde. - Interrogue-me, Excelência, e responderei.

- Como foi que o visconde Albert caiu nas mãos de Luigi?

- Excelência, a caleça do francês cruzou-se várias vezes com a de Teresa.

- A amante do chefe?

- Sim. O francês fez-lhe olhos ternos e Teresa divertiu-se a corresponder-lhe. O francês deitou-lhe flores e ela retribuiu-lhe. Tudo isto, evidentemente, com o consentimento do chefe, que ia na mesma caleça.

- Como, Luigi Vampa estava na caleça das camponesas romanas?! - exclamou Franz.

- Era ele quem a conduzia, mascarado de cocheiro - respondeu Peppino.

- Depois? - perguntou o conde.

- Bom, depois o francês tirou a máscara, e Teresa, sempre com o consentimento do chefe, fez o mesmo. O francês pediu uma entrevista e Teresa concedeu-lha. Simplesmente, em vez de Teresa, foi Beppo quem ele encontrou nos degraus da Igreja de San-Giacomo.

- Como - interrompeu-o novamente Franz --, aquela camponesa que lhe tirou o moccoletto?...

- Era um rapaz de quinze anos - respondeu Peppino. - Mas o seu amigo não tem de se envergonhar por ter sido apanhado, Beppo tem apanhado muitos outros.

- E Beppo levou-o para fora das muralhas? - Perguntou o conde.

- Exatamente. Uma caleça esperava-o ao fundo da Via Macello. Beppo meteu-se nela e convidou o francês a subir. Ele não esperou que o convidassem duas vezes. Ofereceu galantemente a direita a Beppo e sentou-se a seu lado. Beppo anunciou-lhe então que ia conduzi-lo a uma vivenda situada a uma légua de Roma. O francês garantiu a Beppo que estava pronto a segui-lo até ao fim do mundo. O cocheiro subiu
imediatamente a Rua da Ripetta e alcançou a Porta de S. Paulo. A duzentos passos no campo, como o francês se mostrasse demasiado atrevido Beppo encostou-lhe um par de pistolas à garganta. Ato contínuo, o cocheiro deteve os cavalos, virou-se no seu lugar e fez outro tanto. Ao mesmo tempo, quatro dos nossos que estavam escondidos nas margens do Almo correram para as portinholas. O francês bem queria defender-se, até ia estrangulando Beppo, segundo ouvi dizer, mas não podia fazer nada contra cinco homens armados. Teve de se render. Mandaram-no descer da carruagem, levaram-no pela margem do ribeiro e conduziram-no à presença de Teresa e de Luigi, que o esperavam nas catacumbas de S. Sebastião.

- Bom - disse o conde, virando-se para Franz --, trata-se: de uma história como outra qualquer. Que diz o senhor, que é mais versado do que eu nessas coisas?

- Digo que acharia a história deveras divertida - respondeu Franz - se tivesse acontecido a outro em vez de ao pobre Albert.

- A verdade declarou o conde - é que se o senhor não me tivesse encontrado no hotel a aventura custaria um bocadinho cara ao seu amigo. Mas tranquilize-se, tudo quanto lhe custar será um pouco de medo.

- Sempre vamos buscá-lo? - perguntou Franz.

- Decerto, tanto mais que se encontra num lugar deveras pitoresco. Conhece as catacumbas de S. Sebastião?

- Não, nunca fui até lá, mas tencionava ir um dia.

- Pois aproveite a oportunidade. Seria difícil encontrar outra melhor. Tem a

sua carruagem?

- Não.

- Não tem importância. Costumo ter uma atrelada dia e noite.

- Completamente atrelada?

- Sim. Sou um homem muito caprichoso. Confesso-lhe que às vezes me levanto, no fim de jantar ou a meio da noite, e apetece-me partir para qualquer parte do mundo e parto.

O conde tocou a campainha e entrou o seu criado de quarto.

- Mande sair a carruagem da cocheira - ordenou - e veja se as pistolas estão nas bolsas. É inútil acordar o cocheiro, Ali conduzirá.

Pouco depois ouviu-se o ruído da carruagem, que parava diante da porta.

O conde puxou o relógio.

- Meia-noite e meia hora - disse. - Se partíssemos daqui às cinco horas da manhã ainda chegavamos a tempo, mas talvez a demora fizesse passar uma má noite ao seu companheiro. É melhor portanto correr a arrancá-lo das mãos dos infiéis. Continua decidido a acompanhar-me?

- Mais do que nunca.

- Então, venha.

Franz e o conde saíram, seguidos de Peppino

Encontraram a carruagem à porta. Ali ocupava o lugar do cocheiro. Franz reconheceu o escravo mudo da gruta de Monte-Cristo.

Franz e o conde subiram para a carruagem, que era um cupé. Peppino sentou-se ao lado de Ali e partiram a galope. Ali recebera as suas instruções antecipadamente, pois meteu pela rua do Corso, atravessou o Campo Vaccino, subiu a Estrada de S. Gregôrio e chegou à Porta de S Sebastião. Aí, o porteiro tentou levantar algumas dificuldades, mas o conde de Monte-Cristo apresentou uma autorização do governador de Roma para entrar na cidade e sair a toda a hora do dia ou da noite. A barreira foi portanto levantada, o porteiro recebeu um luís pelo trabalho e passaram.

A estrada que a carruagem seguia era a antiga Via Ápia, toda ladeada de túmulos. De vez em quando, ao luar que começava a brilhar, parecia a Franz ver como que uma sentinela destacar-se de uma ruína Mas imediatamente, a um sinal trocado entre Peppino e a sentinela, esta reentrava na sombra e desaparecia.

Um pouco antes do Circo de Caracala, a carruagem parou, Peppino veio abrir a portinhola e o conde e Franz desceram.

- Dentro de dez minutos chegaremos - disse o conde ao companheiro.

Depois chamou Peppino à parte, deu-lhe uma ordem em voz baixa e Peppino partiu depois de se munir de um archote que tirou da caixa do cupe.

Passaram-se mais cinco minutos, durante os quais Franz viu o pastor se meter por um caminho no meio das ondulações do terreno que formam o solo revolvido da planície de Roma e desaparecer no meio das altas ervas avermelhadas que parecem a juba eriçada de algum leão gigantesco

- Agora, devemos segui-lo - disse o conde.

Franz e o conde penetraram por seu turno no mesmo caminho, que ao fim de cem passos os conduziu por uma vertente íngreme ao fundo de um valezinho.

Não tardaram a ver dois homens conversando na sombra

- Devemos continuar a avançar ou esperar? - perguntou Franz ao conde.

- Caminhemos. Peppino deve ter prevenido a sentinela da nossa chegada.

Com efeito, um dos homens era Peppino e o outro um bandido colocado em guarda avançada. Franz e o conde aproximaram-se. O bandido cumprimentou-os.

- Excelência - disse Peppino, dirigindo-se ao conde --, se quiser fazer o favor de me acompanhar, a abertura das catacumbas fica a dois passos daqui.

- Está bem - concordou o conde. - Vá na frente.

Com efeito, atrás de um maciço de silvas e no meio de algumas rochas via-se uma abertura pela qual mal cabia um homem. Peppino foi o primeiro a esgueirar-se através da fenda. Mas mal se davam alguns passos a passagem subterrânea alargava Então, deteve-se, acendeu o archote e virou-se para ver se o
seguiam.

O conde fora o primeiro a penetrar naquela espécie de respiradouro; Franz vinha atrás dele. O terreno descia suavemente e alargava-se à medida que avançavam. No entanto, Franz e o conde eram ainda obrigados a caminhar curvados e com dificuldade passariam a par. Percorreram ainda cento e cinquenta passos assim e depois foram detidos pelo grito de “Quem vem lá ?"

Ao mesmo tempo, viram no meio da escuridão brilhar no cano de umo rostobina o reflexo do seu próprio archote.

- Ami! - respondeu Peppino.

Avançou sozinho e disse algumas palavras em voz baixa à segunda sentinela que, como a primeira, cumprimentou e fez sinal aos visitantes noturnos que podiam continuar o seu caminho.

Atrás da sentinela ficava uma escada de uns vinte degraus. Franz e o conde desceram-nos e encontraram-se numa espécie de cruzamento mortuário do qual divergiam cinco caminhos, como os
raios de uma estrela. As paredes, cobertas de nichos sobrepostos com a forma de túmulos, indicavam que se entrara finalmente nas catacumbas. Numa das cavidades, cuja extensão era impossível distinguir, viam-se de dia alguns raios de luz.

O conde pousou a mão no ombro de Franz.

- Quer ver um acampamento de bandidos em repouso? - perguntou-lhe.

- Certamente - respondeu Franz.

- Então, venha comigo... Peppino, apague o archote.

Peppino obedeceu e Franz e o conde encontraram-se mergulhados na mais profunda escuridão. Apenas cerca de cinquenta passos adiante deles continuaram a dançar ao longo das paredes alguns
clarões avermelhados, mais visíveis desde que Peppino apagara o archote.

Avançaram silenciosamente, com o conde a guiar Franz, como se possuísse a singular faculdade de ver nas trevas. Aliás, o próprio Franz distinguia mais facilmente o caminho à medida que se aproximava dos reflexos que lhe serviam de guias.

Três arcadas, das quais a do meio servia de porta, deram-lhes passagem. As arcadas deitavam de um lado para a galeria onde estavam o conde e Franz e do outro para uma grande sala quadrada, toda cercada de nichos idênticos àqueles a que já nos referimos. No meio da sala erguiam-se quatro pedras que noutros tempos tinham servido de altar, como indicava a cruz que ainda as

encimava.

Uma única lanterna pousada num fuste de coluna iluminava com uma luz pálida e vacilante a estranha cena que se oferecia aos olhos dos dois visitantes ocultos na sombra. Um homem estava sentado, com o cotovelo apoiado na coluna, e lia de costas voltadas para as arcadas, pela abertura das quais os recém-chegados o observavam.

Era o chefe da quadrilha, Luigi Vampa.

À roda dele, reunidos a seu bel-prazer, deitados nas suas capas ou encostados a uma espécie de banco de pedra que rodeava por completo o columbário, distinguia-se uma vintena de bandidos. Todos tinham o rostobina ao alcance da mão.

Ao fundo, silenciosa, quase invisível e como se fosse, uma sombra, uma sentinela passeava de um lado para o outro diante de uma espécie de abertura que só se distinguia porque as trevas pareciam mais espessas nesse lugar.

Quando o conde achou que Franz já apreciara suficientemente aquele quadro pitoresco, levou o dedo aos lábios para lhe recomendar silêncio, subiu os três degraus que levavam da galeria ao columbário, entrou na sala pela arcada do meio e dirigiu-se para Vampa, que estava tão profundamente absorto na leitura que não ouviu o ruído dos seus passos.

- Quem vem lá? - gritou a sentinela, maquinalmente, ao ver à luz da lanterna uma espécie de sombra crescer atrás do chefe.

Ao ouvir este grito, Vampa levantou-se vivamente e tirou ao mesmo tempo uma pistola da cintura. Num ápice todos os bandidos estavam de pé e vinte canos de carabina visavam o conde.

- Então - disse este tranquilamente, numa voz cheia de calma, e sem que um só músculo do seu rosto estremecesse --, então, meu caro Vampa, parece-me demasiado aparato para receber um amigo!

- Baixem as armas! - gritou o chefe, fazendo um gesto imperioso com uma das mãos, enquanto com a outra tirava respeitosamente o chapéu. Depois, virando-se para a singular personagem que dominava toda a cena:

- Perdão, Sr. Conde, mas estava tão longe de esperar a honra da sua visita que não o reconheci.

- Em todo o caso, parece-me que tem a memória curta, Vampa - perguntou o Conde --, pois não só se esquece do rosto das pessoas como também das condições estabelecidas com elas.

- Que condições esqueci, Sr conde? - perguntou o bandido, como um homem que cometeu um erro só deseja repará-lo.

- Não combinamos - disse o conde -- que tanto a minha pessoa como a dos meus amigos seriam sagradas para si?

-- E em que faltei ao tratado, Excelência?

- Raptou esta noite e trouxe para cá o visconde Albert de Morcerf. Pois bem - prosseguiu o conde num tom que fez estremecer Franz --, esse jovem é um dos meus amigos, esse jovem está hospedado no mesmo hotel que eu, esse jovem andou no Corso durante oito dias na minha própria caleça, e no entanto, repito-lhe, você raptou-o, trouxe-o para cá e - acrescentou o conde tirando a carta da algibeira - pediu resgate por ele como se fosse um qualquer.

- Porque não me preveniram disso? - perguntou o chefe, virando-se para os

seus homens, que recuaram todos diante do seu olhar. - Porque me expuseram assim a faltar à minha palavra para com um homem como o Sr. Conde, que tem a vida de todos nós nas suas mãos? Pelo, sangue de Cristo, se tivesse a certeza de que um de vocês sabia que o rapaz era amigo de Sua Excelência, estourava-lhe os miolos por minha própria mão!

- Vê? - disse o conde virando-se para Franz. - Bem lhe disse que havia qualquer equívoco nisto.

- Não está sozinho? - perguntou Vampa, com inquietação.

- Estou com a pessoa a quem esta carta foi dirigida e a quem quis provar que Luigi Vampa é homem de palavra. Aproxime-se, Excelência - disse a Franz --, aqui está Luigi Vampa que lhe vai dizer pessoalmente que está arrependido do erro que acaba de cometer.

Franz aproximou-se. O chefe deu alguns passos ao seu encontro.

- Seja bem-vindo entre nós, Excelência - cumprimentou. - Ouviu o que acaba de dizer o conde e o que lhe respondi. Acrescentarei que não desejaria, pelas quatro mil piastras em que fixei o resgate do seu amigo, que semelhante coisa tivesse acontecido.

- Mas onde está o prisioneiro? - perguntou Franz, olhando à sua volta com inquietação. - Não o vejo...

- Espero que não lhe tenha acontecido nada - disse o conde, franzindo o sobrolho.

- O prisioneiro está ali - informou Vampa, indicando com a mão o recanto diante do qual passeava o bandido que se encontrava de sentinela - e eu próprio vou lhe anunciar que está livre.

O chefe dirigiu-se para o local designado por si como sendo o que servia de prisão a Albert e Franz e o conde seguiram-no.

- Que faz o prisioneiro? - perguntou Vampa à sentinela.

- Garanto ao meu capitão que não sei - respondeu o interpelado: - há uma hora que não o ouço mexer-se.

- Venha, Excelência! - disse Vampa.

O conde e Franz subiram sete ou oito degraus, sempre precedidos pelo chefe, que correu um ferrolho e empurrou uma porta. Então, à luz de uma lanterna idêntica à que iluminava o columbário, viram Albert, envolto numa capa que lhe emprestara um dos bandidos, deitado a um canto e dormindo profundamente.

- Sim, senhor! - exclamou o conde sorrindo com o sorriso que lhe era peculiar. - Nada mal para um homem que devia ser fuzilado às sete horas da manhã.

Vampa olhava Albert adormecido, com certa admiração. Via-se que não era insensível àquela prova de coragem.

- Tem razão, Sr Conde - declarou --, este homem deve ser seu amigo.

Depois, aproximou-se de Albert e tocou-lhe no ombro

- Excelência! - chamou. - Quer fazer o favor de acordar?

Albert estendeu os braços, esfregou os olhos e abriu-os.

- Ah, ah! - bocejou. - É você, capitão? Demônio, não lhe custava nada deixar-me dormir Estava vivendo um sonho encantador: sonhava que dançava o galope em casa de Torlonia com a condessa G...!

Puxou o relógio, que conservara, para saber as horas.

- Uma e meia da madrugada! - exclamou. - Mas por que diabo me acordara a esta hora?

- Para lhe dizer que está livre, Excelência.

- Meu caro - perguntou Albert com uma tranquilidade de espírito perfeita - fixe bem daqui em diante esta máxima de Napoleão, o Grande: “Acordem-me só se houver más notícias." Se me tivesse deixado dormir, terminava o meu galope e lhe ficaria reconhecido toda a vida... Pagaram o meu resgate?

- Não, Excelência

- Então como é que estou livre?

- Alguém a quem não posso recusar nada veio reclamá-lo.

- Aqui?

- Aqui.

- Por Deus, que pessoa tão amável!

Albert olhou à sua volta e viu Franz.

- Como, foi você, meu caro Franz, que levou a sua dedicação a este ponto? - perguntou.

- Não fui eu - respondeu Franz --, mas sim o nosso vizinho, o Sr. Conde de Monte-Cristo.

- Com a breca, Sr. Conde - disse alegremente Albert, endireitando a gravata e os punhos --, o senhor é um homem realmente precioso, e espero que me considere um seu devedor eternamente grato, primeiro pelo empréstimo da carruagem e depois por isto! - e estendeu a mão ao conde, que estremeceu no momento de lhe dar a sua, mas que mesmo assim não a recusou.

O bandido olhava toda esta cena com ar estupefato. Estava evidentemente habituado a ver os seus prisioneiros tremer diante dele, mas havia ali um cujo temperamento brincalhão não se alterara absolutamente nada. Quanto a Franz, estava encantado por Albert ter sustentado, mesmo perante um bandido, a honra nacional.

- Meu caro Albert - disse-lhe --, se se despachar, ainda teremos tempo de ir acabar a noite em casa de Torlonia. Retomará o seu galope no ponto em que o interrompeu, de modo que não guardará nenhum rancor ao Sr. Luigi, que em todo este caso se comportou realmente como um cavalheiro.

- Ah, não há dúvida que tem razão! - concordou Albert.

- Poderemos estar lá antes das duas horas. Sr Luigi - continuou --, há alguma formalidade a cumprir para se despedir de Vossa Excelência?

- Nenhuma, senhor - respondeu o bandido. - está livre como o ar.

- Nesse caso, boa e alegre vida. Venham, senhores, venham!

E Albert, seguido de Franz e do conde, desceu a escada e atravessou a grande sala quadrada. Todos os bandidos estavam de pé e de chapéu na mão.

- Peppino - disse o chefe --, de-me o archote.

- Que vai fazer? - perguntou o conde.

- Acompanhá-los - respondeu o capitão. - É a mais pequena honra que posso prestar a Vossa Excelência.

E tomando o archote das mãos do pastor, caminhou adiante dos visitantes, não como um criado que se desempenha de uma tarefa servil, mas sim como um rei que precede embaixadores.

Chegado à porta, inclinou-se.

- E agora, Sr. Conde - disse --, renovo-lhe as minhas desculpas e espero que me não guarde qualquer ressentimento pelo que acaba de acontecer.

- Não, meu caro Vampa - respondeu o conde. - De resto, resgata os seus erros de forma tão galante que quase nos sentimos tentados a agradecer-lhe tê-los cometido.

- Meus senhores - prosseguiu o chefe virando-se para os jovens --, talvez o convite não lhes pareça muito atraente, mas se alguma vez lhes apetecer fazerem-me segunda visita onde quer que esteja serão bem-vindos.

Franz e Albert cumprimentaram. O conde foi o primeiro a sair e Albert seguiu-o. Franz ficou para trás.

- Vossa Excelência tem alguma coisa a pedir-me? - perguntou Vampa, sorrindo.

- Tenho, confesso - respondeu Franz. - gostaria de saber que obra lia com tanta atenção quando chegamos.

- Os Comentários de César - respondeu o bandido. É o meu livro predileto.

- Então, não vem? - perguntou Albert.

- Pronto, aqui estou! - respondeu Franz.

E saiu por seu turno do respiradouro. Deram alguns passos na planície.

- Ah, perdão! - exclamou Albert, voltando para trás - Dá-me licença, capitão?

E acendeu o charuto no archote de Vampa.

- Agora, Sr. Conde, o mais depressa possível - pediu. - Tenho uma vontade enorme de ir acabar a noite em casa do duque de Bracciano.

Encontraram a carruagem onde a tinham deixado. O conde disse uma única palavra em árabe a Ali e os cavalos partiram a galope. Eram precisamente duas horas no relógio de Albert quando os dois amigos entraram na sala de dança.

A sua entrada foi um acontecimento. Mas como vinham juntos, todas as preocupações que pudessem existir acerca de Albert cessaram imediatamente

- Minha senhora - disse o visconde de Morcerf dirigindo-se à condessa --, ontem teve a bondade de me prometer um galope. Venho um bocadinho tarde pedir o cumprimento dessa graciosa promessa, mas está aqui o meu amigo, que é incapaz de mentir como sabe, que lhe garantirá que a culpa não foi minha.

E como neste momento a música dava o sinal da valsa, Albert passou o braço à roda da cintura da condessa e desapareceu com ela no turbilhão dos dançarinos. Entretanto, Franz pensava no singular arrepio que percorrera todo o corpo do conde Monte-Cristo no momento em que fora de certo modo obrigado a dar a mão a Albert.

Capítulo XXXVIII

O encontro

No dia seguinte, mal se levantou, as primeiras palavras de Albert foram para propor a Franz irem visitar o conde. Já lhe agradecera na véspera, mas compreendia que um favor como o que lhe prestara valia bem dois

agradecimentos.

Franz, a quem uma inclinação laivada de terror atraía para o conde de Monte-Cristo, não o quis deixar ir sozinho aos aposentos do vizinho e acompanhou-o. Introduziram-nos na sala. Passados cinco minutos o conde apareceu.

- Sr. Conde - disse-lhe Albert indo ao seu encontro --, permita-me que lhe repita esta manhã o que tão mal lhe disse ontem: que nunca esquecerei as circunstâncias em que correu em meu auxílio e me recordarei sempre que lhe devo a vida ou quase.

- Meu caro vizinho - respondeu o conde, rindo --, exagera as suas obrigações para comigo. Deve-me apenas uma pequena economia de uns vinte mil francos no seu orçamento de viagem e mais nada. Bem vê que não vale a pena falar disso. Pela sua parte - acrescentou - receba os meus maiores cumprimentos; foi
adorável de sem-cerimônia e naturalidade.

- Que quer, conde - perguntou Albert --, imaginei que provocara uma questão, a que se seguira um duelo, e quis que esses bandidos compreendessem uma coisa: que os homens se batem em todos os países do mundo, mas que só os Franceses se batem rindo. Contudo, com a minha dívida de gratidão para consigo nem por isso é menor, venho perguntar-lhe se por mim, pelos meus amigos e pelos conhecimentos lhe poderei ser útil em alguma coisa. Meu pai, o conde de Morcerf, que é de origem espanhola, tem uma alta posição na França e na Espanha. Por isso, eu e todos aqueles que me estimam estamos ao seu dispor.

- Bom - declarou o conde --, confesso-lhe Sr. de Morcerf, que esperava a sua oferta e que a aceito de boa vontade. Já tinha pensado em si para lhe pedir um grande favor...

- Qual?

- Nunca fui a Paris! Não conheço Paris...

- Deveras?! - exclamou Albert. - Conseguiu viver até agora sem ver Paris? É incrível!

- Mas, é verdade. No entanto, sinto como o senhor que um mais prolongado desconhecimento da capital do mundo do espírito é impossível. Mas há mais: mesmo assim, talvez tivesse feito já essa viagem indispensável se conhecesse alguém que me pudesse introduzir numa sociedade onde não tenho quaisquer
relações.

- Um homem como o senhor?! - exclamou Albert.

- O senhor é muito generoso, mas como não reconheço a mim próprio outro mérito além do de poder competir como milionário com o Sr. Aguado ou com o Sr. Rothschild, e como não vou a Paris para jogar na Bolsa, essa pequena circunstância reteve-me. Mas agora a sua oferta decide-me. Vejamos, meu caro
Sr. de Morcerf; compromete-se - e o conde acompanhou estas palavras com um sorriso singular --, compromete-se, quando eu for a Paris, a abrir-me as portas dessa sociedade onde serei tão estranho como um hurão ou um cochinchinês?

- Oh, quanto a isso Sr. Conde, facilmente e da melhor vontade! - respondeu Albert. - E com tanta maior boa vontade (meu caro Franz, não troce demasiado de mim!) quanto é certo que sou chamado a Paris por uma carta que recebi esta mesma manhã e que me falam de uma aliança com uma casa muito importante e

que tem as melhores relações na sociedade parisiense.

- Aliança por casamento? - perguntou Franz, rindo.

- Oh, meu Deus, sim! Assim, quando você regressar a Paris me encontrará instalado e talvez pai de família, o que irá bem com a minha gravidade natural, não acha? Seja como for, conde, repito-lhe: eu e os meus estamos ao seu dispor de corpo e alma.

- Aceito - disse o conde --, porque juro-lhe que só me faltava uma oportunidade assim para realizar projetos que há muito trago em mente.

Franz nem por um instante duvidou que tais projetos não fossem aqueles de que o conde deixara escapar umas palavras na gruta de Monte-Cristo, e olhou-o enquanto falava para tentar descobrir-lhe na fisionomia qualquer revelação acerca desses projetos que o levariam a Paris. Mas era muito difícil penetrar no espírito daquele homem, sobretudo quando o velava com um sorriso.

- Mas vejamos, conde - prosseguiu Albert, encantado com a eventualidade de exibir um homem como Monte-Cristo --, não se trata de um desses projetos no ar, como se fazem mil em viagem, e que construídos na areia se desfazem ao primeiro pé-de-vento, pois não?

- Palavra de honra que não - respondeu o conde. - Quero ir a Paris e tenho de ir.

- Quando?

- Quando o senhor estiver lá.

- Eu? - disse Albert. - Oh, meu Deus, dentro de quinze dias ou três semanas, o mais tardar o tempo de voltar.

- Pois bem, concedo-lhe três meses - declarou o conde. - Como vê, não sou mesquinho.

- E dentro de três meses irá bater-me à porta? - perguntou Albert?

- Quer que marquemos encontro com dia e hora? - inquiriu o conde. - Previno-o de que sou de uma pontualidade exasperante.

- Com dia e hora... - repetiu Albert - Agrada-me!

- Então seja - disse o conde, estendendo a mão para um calend rio pendurado ao pé do espelho. - Estamos hoje a 21 de Fevereiro e são... - puxou o relógio - dez e meia da manhã. Quer esperar-me no dia 21 de Maio próximo às dez e meia da manhã?

- Excelente! - exclamou Albert. - O café da manhã estará pronto.

- Onde mora?

- Na Rua do Helder, nº 27.

- Vive sozinho? Não o incomodarei?

- Moro no palácio do meu pai, mas num pavilhão ao fundo do pátio, inteiramente independente.

- Muito bem.

O conde pegou na sua agenda e escreveu: “Rua do Helder, nº 27, 21 de Maio às dez e meia da manhã."

- E agora - disse, guardando a agenda na algibeira --, fique tranquilo: os ponteiros do seu relógio não serão mais exatos do que os do meu.

- Tornarei a vê-lo antes da minha partida? - perguntou Albert.

- Depende. Quando parte?

- Amanhã, às cinco da tarde.

- Nesse caso, despeço-me. Tenho assuntos a tratar em Nápoles e só regressarei no sábado à noite ou no domingo de manhã. E o senhor também parte, Sr. Barão? - perguntou o conde a Franz.

- Também.

- Para França?

- Não, para Veneza. Fico ainda um ou dois anos na Itália.

- Não nos veremos portanto em Paris?

- Não creio ter essa honra.

- Então, meus senhores, boa viagem - disse o conde aos dois amigos, estendendo-lhes a mão.

Era a primeira vez que Franz tocava na mão daquele homem. Estremeceu, pois estava gelada como a de um morto.

- Da última vez - disse Albert --, está bem assente, sob palavra de honra, não é verdade? Rua do Helder, nº 27, em 21 de Maio às dez e meia da manhã?

- Em 21 de Maio às dez e meia da manhã, Rua do Helder, nº 27 - repetiu o conde.

Em seguida, os dois jovens cumprimentaram o conde e saíram.

- Que tem? - perguntou Albert a Franz, quando entraram nos seus aposentos. - Tem um ar muito preocupado.

- E estou, confesso-o -- declarou Franz. - O conde é um homem singular e vejo com inquietação esse encontro que marcou em Paris.

- Este encontro... com inquietação... Ora essa! Enlouquece meu caro Franz? - perguntou Albert.

- Que quer - respondeu Franz --, louco ou não, é assim.

- Escute - volveu-lhe Albert --, e ainda bem que tenho oportunidade de lhe dizer isto: tenho-o achado sempre muito frio com o conde, que pelo contrário tem sido sempre impecável conosco. Tem alguma coisa especial contra ele?

- Talvez.

- Já o tinha visto em algum lugar antes de encontrá-lo aqui?

- Já.

- Onde?

- Promete-me não dizer a ninguém uma palavra do que lhe vou contar?

- Prometo.

- Palavra de honra?

- Palavra de honra.

- Está bem. Escute então.

E Franz contou a Albert a sua excursão à ilha de Monte-Cristo, onde encontrara uma tripulação de
contrabandistas e no meio dessa tripulação dois bandidos corsos. Salientou por todos os meios a hospitalidade feérica que o conde lhe concedera na sua gruta das Mil e Uma Noites, falou-lhe da ceia, do haxixe, das estátuas, da realidade e do sonho, e como ao despertar só encontrara como prova e recordação de todos aqueles acontecimentos o iatezinho navegando no horizonte para Porto-Vecchio.

Depois passou a Roma, à noite do Coliseu, à conversa que ouvira entre ele e Vampa, conversa relativa a Peppino, e na qual o conde prometera obter o perdão do bandido, promessa que cumprira integralmente, - como os nossos leitores verificaram.

Por fim, chegou à aventura da noite anterior, à atrapalhação em que se vira ao verificar que lhe faltaram seiscentas ou setecentas piastras para completar a importância do resgate, e depois a idéia que tivera de se dirigir ao conde, idéia de que resultara ao mesmo tempo uma solução tão pitoresca como satisfatória

Albert escutou Franz com toda a atenção.

- Bom - disse-lhe quando terminou --, onde vê em tudo isso algo censurável? O conde gosta de viajar, o conde possui um navio porque é rico. Vá a Portsmouth ou a Southampton e verá os portos cheios de iates pertencentes a ricos ingleses que têm a mesma fantasia. Para saber onde se deterá nas suas excursões; para não comer essa horrível cozinha que nos envenena, a mim há quatro meses e você há quatro anos; para
não dormir nessas camas abomináveis onde se não consegue sossegar, manda mobiliar uma gruta em Monte-Cristo; quando a gruta está mobilada, receia que o Governo toscano lhe levante obstáculos e que tenha gasto o seu dinheiro em pura perda, e que faz? Compra a ilha e toma o seu nome. Meu caro, procure nas suas recordações e diga-me quantas pessoas das suas relações adotaram o nome de propriedades que nunca lhes pertenceram.

- Mas os bandidos corsos que se encontravam entre a sua tripulação? - lembrou Franz a Albert.

- Que há de extraordinário nisso? Você sabe melhor do que ninguém, não é verdade, que os bandidos corsos não são ladrões, mas pura e simplesmente fugitivos que qualquer vendetta exilou da sua cidade ou da sua aldeia Podemos portanto aceitá-los sem nos comprometermos. Quanto a mim, declaro que se alguma vez for à Côrsega, antes de me apresentar ao governador e ao prefeito me apresentarei aos bandidos de Colomba, se conseguir encontrá-los. Acho-os encantadores.

- Mas e Vampa e a sua quadrilha? - insistiu Franz. - Esses são bandidos que assaltam para roubar. Espero que o não negue. Que me diz à influência do conde sobre semelhantes homens?

- Digo, meu caro, que como segundo todas as probabilidades devo a vida a essa influência, não serei eu que a criticarei com demasiada severidade. Portanto, em vez de a considerar, como você, um crime capital, permita-me que a desculpe, senão por me ter salvo a vida, o que talvez fosse um bocadinho
exagerado, pelo menos por me ter permitido poupar quatro mil piastras, que equivalem nem mais nem menos a vinte e quatro mil libras na nossa moeda, importância em que com certeza não teriam me avaliado na França, o que prova - acrescentou Albert, rindo - que ninguém é profeta na sua terra.

- Ora aí está! De que terra é o conde? De que país? Que língua fala? Quais são os seus meios de existência? Donde lhe vem a sua imensa fortuna? Qual foi a primeira parte da sua vida misteriosa e desconhecida que espalhou sobre a segunda aquela “cor" sombria e misantrópica? Aqui tem o que, no seu lugar, eu gostaria de saber.

- Meu caro Franz - perguntou Albertb--, quando recebeu a minha carta e viu que necessitávamos da influência do conde, foi-lhe dizer: “Albert de Morcerf; meu amigo, corre perigo. Ajude-me a tirá-lo desse perigo!" É ou não é verdade?

- É.

- Nessa altura ele perguntou-lhe: “Quem é o Sr. Albert de Morcerf? De onde

lhe vem o seu nome? De onde lhe vem a sua fortuna'! Quais são os seus meios de existência? Em que país nasceu? De que terra é?" Perguntou-lhe tudo isto? Vamos, diga!

- Não, confesso.

- Pôs-se simplesmente à sua disposição e tirou-me das mãos do Sr. Vampa onde, apesar dos meus ares cheios de desenvoltura, como você diz, eu fazia muito má figura, confesso. Bom, meu caro, quando em troca de semelhante serviço ele me pede que faça por si o que se faz todos os dias pelo primeiro príncipe
russo ou italiano que passa por Paris, isto é, que o apresente na sociedade, quer que lhe recuse isso? Se quer, está louco!

Devemos reconhecer que, contrariamente ao que era hábito, todas as boas razões estavam desta vez do lado de Albert.

- Enfim - perguntou Franz, com um suspiro --, faça como quiser, meu caro visconde. Porque tudo o que me diz está muito certo, confesso, mas nem por isso é menos verdade que o conde de Monte-Cristo é um homem estranho.

- O conde de Monte-Cristo é um filantropo. Não nos disse com que fim vai a Paris, mas eu sei-o: vai para concorrer ao Prêmio Montyon! E se para o obter apenas precisar do meu voto e da influência desse cavalheiro tão feio que permite obtê-lo, pois bem, lhe darei um e lhe garantirei a outra. E agora, meu caro Franz, não falemos mais a tal respeito. Nos sentemo à mesa e façamos uma derradeira visita a S. Pedro.

Assim se fez, de fato, e no dia seguinte, às cinco da tarde, os dois jovens separaram-se: Albert de Morcerf para regressar a Paris e Franz de Epinay para ir passar quinze dias em Veneza.

Mas antes de subir para a carruagem, Albert ainda entregou ao mandarete do hotel, de tal modo receava que o seu convidado faltasse ao encontro, um cartão para o conde de Monte-Cristo, na qual por baixo destas palavras: “Visconde Albert de Morcerf", escrevera a lápis:

21 de Maio, às dez e meia da manhã,

Rua do Helder, 27.

Capítulo XXXIX

Os convivas

Na casa da Rua Helder em que Albert de Morcerf marcara encontro em Roma com o conde de Monte-Cristo, tudo se preparava na manhã de 21 de Maio para honrar a palavra do jovem.

Albert de Morcerf habitava num pavilhão situado a um canto de um grande pátio e defronte de outro edifício destinado às dependências de serviço. Apenas duas janelas do pavilhão davam para a rua; as outras abriam, três para o pátio e as duas restantes para o jardim.

Entre o pátio e o jardim erguia-se, construída com o mau gosto da arquitetura imperial, a residência moderna e ampla do conde e da condessa de Morcerf.

A toda a largura da propriedade erguia-se, dando para a rua, um muro encimado, de distância em distância, por vasos de flores, e cortado ao meio por um grande portão de lanças douradas, que servia para os ocasiões solenes. Uma portinha quase pegada ao cubículo do porteiro dava passagem ao pessoal e aos donos da casa, quando entravam ou saíam a pé.

Na escolha do pavilhão destinado a residência de Albert adivinhava-se a delicada precaução de uma mãe que, não querendo separar-se do filho, compreendera no entanto que um rapaz da idade do visconde necessitava de completa liberdade. Por outro lado, devemos dizê-lo, também se reconhecia nisso o egoísmo inteligente do rapaz, a quem agradava a vida livre e ociosa dos filhos-família, aos quais douravam, como aos
pássaros, a gaiola.

Pelas duas janelas que deitavam para a rua, Albert de Morcerf podia proceder às suas explorações exteriores. A vista do exterior é tão necessária aos jovens que querem ver sempre o mundo atravessar-lhes o horizonte, ainda que esse horizonte seja apenas o da rua! Depois, uma vez a exploração concluída, se essa exploração lhe parecia merecer um exame mais aprofundado, Albert de Morcerf podia, para se dedicar às suas investigações, sair por uma portinha que emparelhava com a que indicamos junto do cubículo do porteiro, e que merece uma menção especial.

Era uma portinha que se diria esquecida de todos gente desde o dia em que a casa fora construída, e que se julgara condenada para sempre, de tal modo parecia discreta e poeirenta, mas cuja fechadura, assim como os gonzos, cuidadosamente lubrificados, denunciavam uma serventia misteriosa e continuada. Aquela portinha dissimulada fazia concorrência às outras duas e zombava do porteiro, à vigilância e jurisdição do qual escapava, pois abria-se como a famosa porta da caverna das Mil e Uma Noites, como o Sésamo
encantado de Ali-Bab , por meio de algumas palavras cabalísticas ou de algumas arranhadelas convencionadas, pronunciadas pelas mais meigas vozes ou dadas pelos dedos mais afilados deste mundo.

Ao fim de um corredor vasto e calmo, com o qual comunicava a portinha e que fazia de antecâmara, abria-se à direita a sala de jantar de Albert, que dava para o pátio, e à esquerda a sua salinha de visitas, que dava para o jardim. Maciços de plantas trepadeiras abriam-se em leque diante das janelas e ocultavam do Pátio e do jardim o interior de ambas as divisões, as únicas que, por se situarem no térreo, estavam expostas aos olhares indiscretos.

No primeiro andar havia, além das duas divisões correspondentes às do térreo, uma terceira situada sobre a antecâmara. As três divisões serviam de sala, quarto de dormir e boudoir. A sala de baixo não passava de uma espécie de divã argelino destinado aos fumadores.

O boudoir do primeiro andar comunicava com o quarto de dormir e, através de uma poria invisível, com a escada. Como se vê, estavam tomadas todas as precauções.

Por cima do primeiro andar ficava um vasto atelier, que se aumentara deitando abaixo paredes e tabiques, pandemônio que o artista disputava ao dandy. Aliás se refugiavam e empilhavam todos os sucessivos caprichos de Albert: as trombetas de caça, os baixos e as flautas, uma orquestra completa, pois

Albert tivera por instantes, não o gosto, mas sim o capricho da música; os cavaletes, as paletas e os pastéis, porque à fantasia da música sucedera a fatuidade da pintura; finalmente, os floretes, as luvas de boxe, os espadões e as bengalas de todos os gêneros. Porque, enfim, seguindo as tradições dos jovens à moda da época em que nos encontramos, Albert de Morcerf cultivava com infinitamente mais perseverança do que dedicara à música e à pintura as três artes que completam a educação masculina, ou seja, a esgrima, o boxe e o pau, e recebia sucessivamente naquela divisão, destinada a lodos os exercícios do corpo, Grisicr, Cooks e Charles Leboucher.

O resto dos móveis daquela sala privilegiada eram velhas arcas do tempo de Francisco I, cheias de porcelanas da China, de vasos do Japão, de faianças de Luca della Robbia e de travessas de Bernard de Palissy, poltronas antigas onde talvez se tivessem sentado Henrique IV ou Sully, Luís XIII ou Richelieu, porque duas dessas poltronas, ornadas com um brasão de armas onde brilhavam sobre azul as três flores-de-lis da
França, encimadas por uma coroa real, tinham vindo, visivelmente, dos armazéns do Luvre, ou pelo menos do de algum palácio real. Para cima dessas poltronas, de fundos escuros e severos, encontravam-se atirados em desordem ricos tecidos de cores vivas, tingidos ao sol da Pérsia ou saídos dos dedos de mulheres de Calcutá ou Chandernagor. O que faziam ali aqueles tecidos não sabemos dizer; esperavam, recreando os olhos, um destino que o seu próprio proprietário desconhecia, e enquanto esperavam iluminavam o apartamento com os seus reflexos sedosos e dourados.

No lugar mais em evidência via-se um piano de pau-rosa construído por Roller & Blanchet, um desses pianos à medida das nossas salas liliputianas, mas que apesar disso encerram uma orquestra no seu pequeno e sonoro arcaboiço e gemem sob o peso das obras-primas de Beethoven, Weber, Mozart, Haydn,
Grétry e Porpora.

Depois, por toda a parte, ao longo das paredes, por cima das portas e no teto, espadas, punhais, adagas, maças, machados e armaduras completas, douradas, marchetadas e embutidas; herbários, blocos de minerais e aves empalhadas que abriam para um vôo imóvel as asas cor de fogo e o bico que nunca
fechavam. Desnecessário dizer que aquela sala era a divisão predileta de Albert.

Contudo, no dia do encontro, o jovem, em falo de meia cerimônia, estabeleceu o seu quartel-general na salinha do térreo. Ali, em cima de uma mesa rodeada à distancia por um divã largo e fofo, encontravam-se todos os tabacos conhecidos, desde o tabaco louro de Sampetersburgo até ao tabaco negro do Sinai, passando pelo marilândia, pelo porto-rico e pelo latakieh, os quais resplandeciam em boiões
de faiança craquel,e, como preferem os Holandeses. Ao lado deles, em caixas de madeira aromática, alinhavam-se por ordem de tamanho e qualidade os puros, os regalas, os havanos e os manilas; finalmente, num armário aberto, uma coleção de cachimbos alemães, de chibuques de pipo de âmbar e ornados de coral e de narguilés incrustados de ouro, com longos tubos de marroquim enrolados como serpentes esperavam o capricho ou a preferência dos fumadores. Albert presidira pessoalmente ao arranjo, ou antes à desordem simétrica que depois do café os

convivas de um almoço moderno gostam de contemplar através do fumo que lhes sai da boca e sobe ao teto em longas e caprichosas espirais.

Às dez horas menos um quarto entrou um criado, um pequeno groom de quinze anos que só falava inglês e se chamava John, único criado de Morcerf. Claro que nos dias comuns o cozinheiro do palácio estava à sua disposição, e nas grandes ocasiões o mandarete do conde também o estava.

O criado, que gozava de plena confiança do seu jovem amo, trazia na mão um maço de jornais, que depositou numa mesa, e uma porção de cartas, que entregou a, Albert.

Este deitou um olhar distraído às diversas missivas, escolheu duas de caligrafia elegante e sobrescritos perfumados, abriu-as e as leu com certa atenção.

- Como vieram estas cartas? - perguntou.

- Uma veio pelo correio e a outra foi trazida pela, criada de quarto da Sra Danglars.

- Manda dizer à Sra Danglars que aceito o lugar que me oferece no seu camarote... Espere... Depois, durante o dia, passará pela casa da Rosa; lhe dirá que, como me convida, irei cear com ela quando sair da ópera. Leva-lhe seis garrafas de vinho sortidas, de Chipre, de Xerez e de Málaga, e um barril de ostras de Ostende... Compra as ostras no Borel e não te esqueças de dizer que são para mim.

- A que horas quer o senhor ser servido?

- Que horas são?

- Dez horas menos um quarto.

- Bom, serve às dez e meia exatas. Debray talvez seja obrigado a ir ao seu ministério... De resto...- Albert consultou a sua agenda - é exatamente a hora que indiquei ao conde, 21 de Maio às dez e meia da manhã, e embora não confie muito na sua promessa quero ser pontual. A propósito, sabe se a Sra Condessa está acordada?

- Se o Sr. Visconde deseja, irei informar-me.

- Pois sim... Peça-lhe uma das suas frasqueiras, porque a minha está incompleta, e diga-lhe que terei a honra de passar pelos seus aposentos por volta das três horas, a fim de lhe pedir licença para lhe apresentar uma pessoa.

O criado saiu, Albert atirou-se para cima do divã, rasgou a cinta de dois ou três jornais, viu os espetáculos, fez uma careta ao verificar que se representava uma ópera e não um bailado, procurou em Vão um opiato para os dentes de que lhe tinham falado e pôs de parte os três jornais mais lidos de Paris, murmurando no meio de um bocejo prolongado:

- Na verdade, estes jornais estão cada vez mais maçantes.

Neste momento parou à porta uma carruagem ligeira e passado um instante o criado voltou para anunciar o Sr. Lucien Debray. Tratava-se de um rapagão louro, pálido, de olhos cinzentos e ousados, lábios delgados e frios, casaca azul de botões de ouro cinzelados, gravata branca e monóculo de tartaruga
suspenso de um fio de seda, e que devido a um esforço do nervo superciliar e do nervo zigomático conseguia fixar de vez em quando na cavidade do olho direito. Entrou sem sorrir, sem falar e com ar semioficial.

- Bom dia, Lucien... Bom dia! - cumprimentou-o Albert. - Assusta-me, meu

caro, com a sua pontualidade! Que digo? Pontualidade?... Você, que esperava fosse o último a chegar, aparece às dez menos cinco, quando o encontro está marcado para as dez e meia! É miraculoso! Terá por acaso caído
o ministério?

- Não, caríssimo - respondeu o rapaz, enterrando-se no divã. - Sossegue, continuamos a cambalear, mas nunca caímos, e começo a crer que vamos muito simplesmente a caminho da inamovibilidade, sem contar que os negócios da Península acabarão por nos consolidar por completo.

- Ah, sim, é verdade, vão expulsar D. Carlos de Espanha!

- Não, caríssimo, não confundamos as coisas. Levamo-lo apenas para o outro lado da fronteira da França e lhe oferecemos uma hospitalidade real em Burges.

- Em Burges?

- Sim, e não tem de que se queixar, que diabo! Burges foi a capital de Carlos VII. Como, não sabia? Em Paris todos sabem disso desde ontem, e anteontem já a coisa transpirara na Bolsa, pois o Sr. Danglars (não faço a mais pequena idéia por que meio esse homem sabe as notícias ao mesmo tempo que nós), pois o Sr. Danglars jogou na alta e ganhou um milhão.

- E você uma nova condecoração, ao que parece, pois vejo-lhe mais uma fita, azul, ao peito.

- Ora, mandaram-me o crach de Carlos III - respondeu negligentemente Debray.

- Vamos, não arme em indiferente e confesse que teve prazer em a receber.

- Reconheço que sim. Como complemento de toilette, um crach fica bem numa casaca preta abotoada; é elegante.

- E - acrescentou Morcerf sorrindo - dá um ar de Príncipe de Gales ou de duque de Reichstadt.

- Aqui tem porque me vê tão cedo, caríssimo.

- Porque tem o crach de Carlos III e queria dar-me essa boa notícia?

- Não, porque passei a noite a expedir cartas: vinte e cinco despachos diplomáticos. Regressei para casa de manhã, ao romper do dia, e quis dormir, mas começou-me a doer a cabeça e levantei-me para montar a cavalo uma hora. No Bosque de Bolonha o aborrecimento e a fome apoderaram-se de mim, dois
inimigos que raramente andam juntos, mas que no entanto se aliaram contra mim, uma espécie de aliança carlo-republicana. Lembrei-me então de que havia banquete em sua casa, esta manhã e cá estou: tenho fome, alimente-me; aborreço-me, divirta-me.

- É o meu dever de anfitrião, caro amigo - declarou Albert, tocando para chamar o criado, enquanto Lucien fazia saltar com a ponta do pingalim de castão de ouro, com uma turquesa incrustada, os jornais desdobrados. - Entretanto, meu caro Lucien, aqui tem charutos de contrabando, claro. Convido-o a saboreá-los e a convidar o seu ministro a vender-nos uns assim, em vez dessa espécie de folhas de nogueira que condena os bons cidadãos a fumar.

- Nessa não caio eu! Desde o momento que lhes viessem do Governo, não quereriam mais e achá-los-iam execráveis. Aliás, isso não é da conta do Interior, é da conta das Finanças. Dirija-se ao Sr. Humann, Seção de Impostos Indiretos,

corredor A, nº 26.

- Na verdade - disse Albert --, você surpreende-me com toda a vastidão dos seus conhecimentos... Mas tire um charuto!

- Ah, caro visconde - observou Lucien, acendendo um manila numa vela cor-de-rosa que ardia num castiçal de prata dourada e recostando-se no divã -, ah, meu caro visconde, como é feliz por não ter nada que fazer! Na verdade, não avalia a sua felicidade!

- E que faria você, meu caro pacificador de reinos - perguntou Morcerf com ironia, se não fizesse nada? Como secretário particular de um ministro, lançado simultaneamente na grande cabala europeia e nas pequenas intrigas de Paris; com reis e, melhor do que isso, rainhas a proteger, partidos a reunir, eleições a dirigir; fazendo mais do seu gabinete, com a sua pena e o seu telegrafo, do que Napoleão fazia dos seus campos de batalha, com a sua espada e as suas vitórias; possuidor de vinte e cinco mil libras de rendimento, além do seu lugar; de um cavalo pelo qual Château-Renaud lhe ofereceu quatrocentos luíses e que você lhe não quis vender; de um alfaiate que nunca lhe estraga umas calças; frequentador da ópera, do Jockey-Club e do Teatro das Variedades... Como, será possível que não encontre em tudo isso com que se distrair? Seja,
distraí-lo-ei eu!

- De que maneira?

- Proporcionando-lhe um novo conhecimento.

- De homem ou de mulher?

- De homem.

- Oh, já conheço muitos!

- Mas não conhece nenhum como este a que me refiro.

- De onde vem? Do fim do mundo?

- Talvez de mais longe.

- Diabo, espero que não seja ele quem traz o nosso almoço!

- Não, esteja tranquilo. O nosso almoço está sendo feito nas cozinhas maternas. Mas está de fato com fome?

- Estou, confesso, por mais humilhante que seja dizê-lo. Mas jantei ontem em casa do Sr. de Villefort... e não sei se já reparou, meu caro amigo, que se janta muito mal em casa de toda essa gente dos tribunais; diria-se estão sempre com remorsos.

- Meu Deus, deprecia os jantares dos outros como se jantasse bem em casa dos seus ministros!

- Pois sim, mas ao menos não convidamos pessoas de categoria, e se não fossemos obrigados a fazer as honras da nossa mesa a alguns labregos que pensam e sobretudo que votam bem, fugiríamos como da peste de comer em nossa casa, acredite.

- Então, meu caro, beba segundo copo de xerez e coma outro biscoito.

- Com muito prazer. O seu vinho de Espanha é excelente. Como vê fizemos muito bem em pacificar esse país.

- Pois sim, mas D. Carlos?

- Ora, D. Carlos beberá vinho de Bordéus e daqui a dez anos casaremos o filho com a rainhazinha.

- O que lhe valerá o Tosão de Ouro, meu caro, se ainda estiver no

ministério.

- Parece-me, Albert, que você adotou por sistema, esta manhã, alimentar-me de fumo.

- Veja que é ainda o que melhor entretem o estômago, concorde. Mas olhe, acabo precisamente de ouvir a voz de Beauchamp na antecâmara. E como, decerto, não tardarão a discutir, esperará com mais paciência.

- Discutir a propósito de quê?

- A propósito dos jornais.

- Oh, caro amigo - disse Lucien com soberano desprezo mas eu leio os jornais!

- Mais uma razão para discutirem ainda mais.

- O Sr. Beauchamp! - anunciou o criado.

- Entre, entre! Que pena terrível! - disse Albert, levantando-se e indo ao encontro do rapaz. - Olhe, aqui tem Debray, que o detesta sem o ler, pelo menos segundo diz.

- E tem toda a razão - perguntou Beauchamp. - É como eu, critico-o sem saber o que ele faz. Bons dias, comendador.

- Ah, já sabe disso?! - respondeu o secret rio particular, trocando com o jornalista um aperto de mão e um sorriso.

- Pois claro! - volveu-lhe Beauchamp.

- E que dizem por ai a tal respeito?

- Por ai, onde? O que não falia são curiosos neste ano da graça de 1838.

- Ora, nos meios crítico-políticos de que você é um dos expoentes.

- Diz-se que é justíssimo e que você semeou suficiente vermelho para que nascesse um bocadinho de azul.

- Vamos, vamos, nada mal - disse Lucien. - Porque não é dos nossos, meu caro Beauchamp? Com o espírito que possui, faria carreira em três ou quatro anos.

- Por isso só espero uma coisa para seguir o seu conselho: um ministério que se aguente seis meses. Agora, apenas uma palavrinha, meu caro Albert, para deixar respirar o pobre Lucien. Almoçamos ou jantamos? Tenho de ir à Câmara. Como vêem, nem tudo são rosas na nossa profissão.

- Almoçaremos apenas. Esperamos unicamente mais duas pessoas e nos sentaremos à mesa assim que chegarem.

- Que espécie de pessoas espera você para almoçar? - perguntou Beauchamp.

- Um gentil-homem e um diplomata - respondeu Albert.

- Então, é caso para termos de esperar duas horinhas pelo gentil-homem e duas horonas pelo diplomata. Voltarei à sobremesa. Guardem-me morangos, café e charutos. Comerei uma costeleta na Câmara.

- Não vale a pena, Beauchamp, porque ainda que o gentil homem fosse um Montmorency e o diplomata um Metternich, almoçaremos às dez e meia precisas. Entretanto, faça como Debray, saboreie o meu xerez e os meus biscoitos.

- Pronto, seja, fico. Tenho absoluta necessidade de me distrair esta manhã. - Bom, aí está você como Debray! No entanto, parece-me que quando o ministério está triste a oposição deve estar alegre.

- E porque, caro amigo, não imagina o que me ameaça. Tenho de ouvir esta

manhã um discurso do Sr. Danglars na Câmara dos Deputados e à noite a mulher dele falar da trag,dia de um par de França. Diabo leve o governo constitucional! Se tínhamos, como se diz, o direito de escolha, por que carga de água escolhemos este governo?

- Compreendo, você precisa se abastecer de hilaridade.

- Não diga mal dos discursos do Sr. Danglars - interveio Debray. - Ele vota em vocês, faz oposição

- Infelizmente, muito mal! Por isso, espero que o mandem discursar para o Luxemburgo, para que toda a gente ria à vontade.

- Meu caro - disse Albert a Beauchamp --, bem se vê que os negócios da Espanha estão resolvidos; você está esta manhã de um azedume revoltante. Lembre-se, porém, de que a crônica parisiense fala de um casamento entre mim e Mademoiselle Eugênie Danglars. Em consciência, não posso pois deixá-lo falar mal da eloquência de um homem que me deve dizer um dia: “Sr. Visconde como sabe, dou dois milhões à minha filha."

- Fique calado! - replicou Beauchamp. - Esse casamento nunca se realizará. O rei pode fazê-lo barão e poderá fazê-lo par, mas não o fará gentil-homem e o conde de Morcerf é uma espada demasiado aristocrática para consentir, em troca de dois pobres milhões, num casamento desigual. O visconde de Morcerf só deve casar com uma marquesa.

- Dois milhões! Não deixa de ser uma bonita maquia... - observou Morcerf.

- E o capital social de um teatro de bulevar ou de um caminho de ferro do Jardim Botânico à Rapée.

- Deixe-o falar, Morcerf, e case-se - aconselhou negligentemente Debray. - Casa com a etiqueta de um saco, não é verdade? Pois que lhe importa! É preferível que a etiqueta tenha um brasão a menos e um zero a mais. Você tem sete melras nas suas armas; dá três à sua mulher e ainda fica com quatro. É uma a mais do que o Sr. de Guise, que foi quase rei de França e cujo primo co-irmão era imperador da Alemanha.

- Palavra que me parece que você tem razão, Lucien - respondeu distraidamente Albert.

- Tenho com certeza! De resto, todo o milionário é nobre como um bastardo, isto é, pode sê-lo...

- Cale-se! Não diga isso, Debray - interveio, rindo, Beauchamp --, pois acaba de chegar Château-Renaud, que, para o curar da sua mania de paradoxar, lhe traspassará o corpo com a espada de Reinaldo de Montauban, seu antepassado.

- Isso seria rebaixar-se - perguntou Lucien --, pois eu sou plebeu e bem plebeu.

- Bom, se o ministério se põe a querer cantar como Béranger, aonde iremos parar, meu Deus? - observou Beauchamp.

- O Sr. de Château-Renaud! O Sr. Maximilien Morrel! - disse o criado anunciando dois novos convivas.

- Completos então! - exclamou Beauchamp. - Podemos então almoçar, porque, se me não engano, só esperava mais duas pessoas, não é verdade, Albert?

- Morrel! - murmurou Albert, surpreendido. - Morrel! Quem será?

Mas antes de chegar a qualquer conclusão, o Sr. de Château-Renaud, um simpático rapaz de trinta anos, gentil-homem da cabeça aos pés, isto é, com a figura de Guiche e o espírito de um Mortemart, pegara na mão de Albert e dizia-lhe:

- Permita-me, meu caro, que lhe apresente o Sr. Capitão de Sipaios Maximilien Morrel, meu amigo e meu salvador. Aliás, o homem apresenta-se bastante bem por si mesmo. Cumprimente o meu herói, visconde.

E afastou-se para deixar ver o alto e nobre rapaz de testa ampla, olhar penetrante e bigodes negros, que os nossos leitores se lembram de ter visto em Marselha numa circunstância bastante dramática para que ainda a não tenham esquecido. Um rico uniforme, meio francês, meio oriental, admiravelmente envergado, salientava-lhe o peito amplo, condecorado com a cruz da Legião de Honra, e a curva audaciosa da cintura. O jovem oficial inclinou-se com elegante delicadeza. Morrel era gracioso em cada um dos seus movimentos
porque era forte.

- Senhor - disse Albert com afetuosa cortesia --, o Sr. Barão de Château-Renaud sabia antecipadamente todo o prazer que me proporcionaria apresentando-me. Uma vez que é um dos seus
amigos, seja também dos nossos.

- Ótimo! - declarou Château-Renaud. - E deseje, meu caro visconde, que se a ocasião se proporcionar ele faça por si o que fez por mim.

- Que foi que fez? - perguntou Albert.

- Oh, não vale a pena falar disso! - protestou Morrel. - Este senhor exagera.

- Como, não vale a pena falar disto?! - indignou-se Château-Renaud. - Não vale a pena falar da vida?... Na verdade, o que diz é demasiado filosófico, meu caro Sr. Morrel... Bom, para si, que expõe a vida todos os dias, está bem, mas para mim, que a exponho um vez por acaso...

- O que vejo de mais claro em tudo isso, barão, é que o Sr. Capitão Morrel lhe salvou a vida.

- Oh, meu Deus, sim, sem dúvida nenhuma! - confirmou Château-Renaud.

- E em que ocasião? - perguntou Beauchamp.

- Beauchamp, meu amigo, bem sabe que morro de fome - atalhou Debray. - Não me venha pois com histórias...

- De acordo - respondeu Beauchamp. - Mas eu não impeço ninguém de se sentar à mesa... Château-Renaud nos contará- o que se passou enquanto comemos.

- Meus senhores - interveio Morcerf --, são apenas dez e um quarto, notem bem, e esperamos um último conviva.

- Ah, é verdade, um diplomata! - exclamou Debray.

- Um diplomata ou outra coisa, não sei. O que sei é que o encarreguei por minha conta de uma embaixada de que se desempenhou tanto a meu contento que, se eu fosse rei, o teria feito imediatamente cavaleiro de todas as minhas ordens, ainda que tivesse ao mesmo tempo à minha disposição o Tosão de Ouro e a Jarreteira.

- Bom, já que não vamos ainda para a mesa - disse Debray --, sirva-se de um copo de xerez como nós e conte-nos isso, barão.

- Como todos sabem, tive a idéia de ir a África.

- Foi um caminho que os seus antepassados lhe traçaram, meu caro Château-Renaud - observou galantemente Morcerf.

- Pois sim, mas duvido que fosse, como eles, para libertar o túmulo de Cristo.

- Tem razão, Beauchamp - concordou o jovem aristocrata. - A minha intenção era simplesmente dar uns tirinhos de pistola como amador. O duelo repugna-me, como sabe, desde que as duas testemunhas que escolhera para conciliar uma questão me obrigaram a partir o braço a um dos meus melhores amigos,
exatamente ao pobre Franz de Epinay, que todos conhecem.

- Ah, sim, é verdade! - exclamou Debray. - Vocês bateram-se há tempo... A que propósito?

- Diabo me leve se me recordo! - respondeu Château-Renaud. - Mas do que me lembro perfeitamente é que, envergonhado de deixar dormir um talento como o meu, quis experimentar contra os árabes umas pistolas novas que acabavam de me oferecer. Consequentemente, embarquei para Orão. De orão. segui para Constantina e cheguei exatamente a tempo de ver levantar o cerco. Retirei, como os outros. Durante quarenta e oito horas suportei bastante bem a chuva de dia e a neve de noite. Por fim, na manhã do terceiro dia, o meu cavalo morreu de frio. Pobre animal, acostumado às mantas e ao fogão de aquecimento da cavalariça!... Um cavalo árabe que se sentiu, nem mais, nem menos, um bocadinho deslocado quando reparou com dez graus de frio na Arábia.

- É por isso que você me quer comprar o meu cavalo inglês - comentou Debray. - Julga que suportará melhor o trio do que o seu árabe.

- Engana-se, porque jurei nunca mais voltar a África.

- Quer dizer que teve medo? - perguntou Beauchamp.

- Palavra que tive, confesso - respondeu Château-Renaud. - E havia motivo para isso! O meu cavalo
morrera; eu retirava portanto a pé. Apareceram seis árabes a galope dispostos a cortar-me a cabeça; abati dois com os meus dois tiros de espingarda, outros dois com os meus dois tiros de pistola, tiros em cheio, mas restavam dois e estava desarmado. Um agarrou-me pelos cabelos (é por isso que os uso curtos agora; nunca se sabe o que pode acontecer ...) e o outro encostou-me o iatagã ao pescoço. Sentia já o frio agudo
do ferro quando o cavalheiro que vêem aqui carregou por seu turno sobre eles, matou o que me agarrava pelos cabelos com um tiro de pistola e rachou a cabeça ao que se preparava para me cortar o pescoço com uma sabrada. O cavalheiro resolvera salvar um homem naquele dia e o acaso quis que fosse eu. Quando for rico, encarregarei Klagmann ou Marochetti de fazerem uma estátua ao Acaso.

- É verdade - confirmou Morrel, sorrindo. - Estavamos a 5 de Setembro, isto é, no aniversário do dia em que o meu pai foi miraculosamente salvo. Por isso, tanto quanto me é possível, comemoro todos os anos esse dia com qualquer ação...

- Heróica, não é verdade? - interrompeu-o Château-Renaud. - Em resumo, fui eu o escolhido. Mas isto não é tudo. Depois de me salvar do ferro, salvou-me do frio, dando-me, não metade da sua capa, como fazia S. Martinho, mas sim toda inteira. E depois salvou-me da tome dividindo comigo... adivinham o quê?

- Uma empada do Félix! - perguntou Beauchamp.

- Não, o seu cavalo, do qual comemos ambos um naco deveras apetitoso. Que duro!

- O quê, o cavalo? - perguntou, rindo, Morcerf.

- Não, o sacrifício - respondeu Château-Renaud. - Perguntem a Debray se sacrificaria o seu inglês por um estranho.

- Por um estranho, não; mas por um amigo, talvez - disse Debray.

- Adivinhei que se tornaria meu amigo, Sr. Barão - declarou Morrel. - Aliás, como já tive a honra de lhes dizer, heroísmo ou não, sacrifício ou não, naquele dia devia uma oferenda à má sorte em recompensa do favor que outrora nos fizera a boa.

- A história a que o Sr. Morrel se refere - continuou Château-Renaud - é uma história admirável que ele lhes contará um dia, quando o conhecerem melhor. Por hoje, abasteçamos o estômago e não a memória. A que horas almoça você, Albert?

- Às dez e meia.

- Exatas? - perguntou Debray, puxando do relógio.

- Oh, espero que me concedam os cinco minutos da praxe, porque também espero um salvador! - perguntou Morcerf.

- De quem?

- Meu, ora essa! - respondeu Morcerf - Ou julgam que não posso ser salvo como qualquer outro e que só os árabes cortam cabeças? O nosso almoço é um almoço filantrópico e teremos à mesa, pelo menos assim espero, dois benfeitores da humanidade.

- Como havemos de resolver isso se só temos um Prêmio Montyon?
- perguntou Debray.

- Ora, o darão a alguém que não tenha feito nada para merece-lo - sugeriu Beauchamp. - Não é assim que habitualmente a Academia se tira de apuros?

- E de onde vem ele? - perguntou Debray. - Desculpe a insistência, bem sei que já respondeu a esta pergunta, mas tão vagamente que me permito fazê-la segunda vez.

- Na realidade, não sei - confessou Albert. - Quando o convidei, há três meses, estava em Roma. Mas desde então sabe-se lá onde terá andado!

- E acha-o capaz de ser pontual? - perguntou Debray.

- Acho-o capaz de tudo - respondeu Morcerf.

- Note que com os cinco minutos de tolerância já só faltam dez minutos.

- Bom, eu os aproveitarei para lhes dizer qualquer coisa acerca do meu conviva.

- Perdão - atalhou Beauchamp haverá assunto para um folhetim no que vai contar?

- Sem dúvida, e dos mais curiosos - respondeu Morcerf.

- Diga então, pois já vi que não ponho os pés na Câmara e preciso de qualquer coisa que me compense.

- Eu estava em Roma no último Carnaval... - começou Albert.

- Já sabemos isso - interrompeu-o Beauchamp.

- Sim, mas o que não sabem é que fui raptado por bandidos.

- Já não há bandidos - interveio Debray.

- Isso é que há, e até hediondos, isto é, admiráveis, pois achei-os belos a ponto de meterem medo.

- Vamos, meu caro Albert - tornou a intervir Debray confesse que o seu cozinheiro está atrasado, que as ostras não chegaram ainda de Marennes ou de Ostende e que a exemplo da Sra de Maintenon pretende substituir o prato por uma história. Seja franco, meu caro, pois somos suficientemente bons amigos para lhe perdoar e escutar a sua história, por mais fabulosa que seja.

- E eu repito que por mais fabulosa que seja lhes garanto que é verdadeira de uma ponta a outra. Os bandidos tinham-me portanto raptado e conduzido para um lugar tristíssimo a que chamam as catacumbas de S. Sebastião.

- Conheço-as - declarou Château-Renaud. - Estive quase a apanhar a febre la.

- Pois eu fiz melhor do que isso - perguntou Morcerf - apanhei-as realmente. Disseram-me que era seu prisioneiro e que teria de pagar um resgate, uma miséria, quatro mil escudos romanos, vinte e quatro mil libras tornesas... Infelizmente, eu não tinha mais de mil e quinhentos; encontrava-me no fim da viagem e o meu crédito estava esgotado. Escrevi a Franz... (Por Deus, já me esquecia, Franz estava lá e podem perguntar-lhe se altero uma vírgula!) Escrevi pois a Franz dizendo-lhe que se não chegasse até às seis da manhã com os quatro mil escudos, às seis e dez iria me juntar aos bem-aventurados santos e aos gloriosos mártires na companhia dos quais tinha a honra de me encontrar. Porque o Sr. Luigi Vampa, assim se chamava o meu chefe de bandidos, cumpriria, peço-lhos que acreditem, escrupulosamente a sua palavra.

- Mas Franz chegou com os quatro mil escudos? - perguntou Château-Renaud. - Que diabo, ninguém se atrapalha por causa de quatro mil escudos quando se chama Franz de Epinay ou Albert de Morcerf!

- Não, chegou pura e simplesmente acompanhado do conviva que lhes anunciei e que espero apresentar-lhes.

- Bom, mas então esse cavalheiro era algum Hércules matando Caco ou algum Perseu libertando Andrômeda?

- Não, é um homem pouco mais ou menos da minha estatura.

- Armado até aos dentes?

- Nem sequer tinha uma agulha de fazer malha.

- Mas tratou do seu resgate?

- Disse duas palavrinhas ao ouvido do chefe e fiquei livre.

- E ainda por cima lhe apresentou desculpas por o ter raptado - insinuou Beauchamp.

- Exatamente - confirmou Morcerf.

- Mas então esse homem era Ariosto?

- Não, era simplesmente o conde de Monte-Cristo.

- Não existe nenhum conde de Monte-Cristo - declarou Debray.

- Pois não - acrescentou Château-Renaud, com o sangue-frio de um homem que sabe de cor e salteado o nobiliário europeu. - Quem é que conhece de alguma parte um conde de Monte-Cristo?

- Talvez venha da Terra Santa - disse Beauchamp. - Um dos seus avôs pode ter possuído o Calvário, como os Mortemarts foram senhores do mar Morto.

- Perdão - interveio Maximilien --, mas creio poder tirá-los de apuros, meus

senhores. Monte-Cristo é uma ilhazinha de que ouvi muitas vezes falarem os marinheiros ao serviço do meu pai; um grão de areia no meio do Mediterrâneo, um átomo no infinito.

- É perfeitamente isso, senhor - confirmou Albert. - Pois bem, desse grão de areia, desse átomo, é senhor e rei aquele de quem lhes falo. Talvez tenha comprado o título de conde em qualquer parte da Toscana.

- É portanto rico o seu conde?

- Creio que sim.

- Mas isso é coisa que se deve ver, parece-me...

- Engana-se, Debray.

- Não compreendo.

- Leu As Mil e Uma Noites?

- Meu Deus, que pergunta!

- Sabe porventura se as pessoas que aparecem na obra são ricas ou pobres? Se os seus grãos de trigo não são rubis ou diamantes? Têm o ar de pescadores miseráveis, não é verdade? Consideramo-los como tal e de repente abrem-nos uma caverna misteriosa onde encontramos um tesouro capaz de comprar a
índia?

- E depois?

- Depois, o meu conde de Monte-Cristo é um desses pescadores. Tem mesmo um nome derivado disso: chama-se Shimbad, o Marinheiro, e possui uma caverna cheia de ouro.

- E você viu essa caverna, Morcerf? - perguntou Beauchamp.

- Eu, não, mas Franz a viu. No entanto, cale-se! Não se deve tocar nesse assunto diante dele. Franz desceu à caverna de olhos vendados e foi servido por mudos e mulheres ao pé das quais parece que Cleópatra não passaria de uma reles cortesã. Apenas a respeito das mulheres ficou com as suas dúvidas, pois elas só entraram depois de ele comer haxixe. Portanto, é muito possível que o que tomou por mulheres não fosse mais do que um mero grupo de estátuas.

Os presentes olharam Morcerf com uma expressão que queria dizer. “Então, meu caro, endoideceu ou está brincando conosco?"

- Com efeito - interveio Morrel, pensativo --, também ouvi contar a um velho marinheiro chamado Penelon qualquer coisa semelhante ao que acaba de dizer o Sr. de Morcerf.

- Ora ainda bem que o Sr. Morrel me ajuda! - exclamou Albert. - Contraria-os, não é verdade, que ele atire assim um novelo de fio para o meu labirinto?

- Perdão, caro amigo, mas é que você conta-nos coisas tão inverossímeis... - murmurou Debray.

- Porquê? Porque os vossos embaixadores e os vossos cônsules não vos disseram nada a tal respeito? Coitados, não lhes chega o tempo para incomodarem os seus compatriotas que viajam.

- Bom, agora zanga-se e atira-se aos nossos pobres agentes. Meu Deus, com que quer que o protejam? A Câmara diminui-lhos todos os dias os honorários, a ponto de já se não arranjar ninguém para tais cargos. Quer ser embaixador, Albert? Posso mandar nomeá-lo para Constantinopla.

- Não! Para que à primeira intervenção que fizesse a favor de Maomé Ali o

sultão me mandar o cordão e os meus secretários me estrangularem?

- Bem vê... - começou Debray.

- Pois vejo, mas tudo isso não impede o meu conde de Monte-Cristo de existir!

- Por Deus, toda a gente existe... Olha o grande milagre!

- Toda a gente existe, sem dúvida, mas não em semelhantes condições. Nem toda a gente possui escravos negros, galerias de quadros principescas, armas riquíssimas, cavalos de seis mil francos cada um, amantes gregas!

- Viu-a, a amante grega?

- Vi. Vi-a e ouvi-a. Vi-a no Teatro Vallo e ouvi-a um dia em que almocei em casa do conde.

- Come, portanto, o seu homem extraordinário?

- Palavra que se come é tão pouco que nem vale a pena falar disso.

- Verão, é um vampiro...

- Riam à vontade. Essa era também a opinião da condessa G... que, como sabem, conheceu Lorde Ruthwen.

- Bonito! - exclamou Beauchamp. - Ora aí está como um homem que não é jornalista conseguiu descobrir o equivalente da famosa serpente do mar Constitutionnel. Um vampiro! Não há dúvida que é perfeito.

- Olhos amarelados, cuja pupila diminui e se dilata à vontade - disse Debray. - ângulo facial desenvolvido, testa magnifica, tez lívida, barba preta, dentes brancos e agudos, cortesia a condizer...

- Ora aí está é precisamente isso, Lucien! - confirmou Morcerf. - Descreveu-o com toda a exatidão. Sim, e cortesia fria, incisiva. Esse homem causou-me muitas vezes arrepios. Um dia, por exemplo, quando assistíamos juntos a uma execução, senti-me mal mais de ve-lo e ouvir falar friamente de todos os suplícios do mundo do que de ver o carrasco cumprir a sua função e ouvir os gritos do supliciado.

- Não o levou às ruínas do Coliseu para lhe sugar o sangue, Morcerf? - perguntou Beauchamp.

- Ou, depois de libertá-lo, não o obrigou a assinar qualquer pergaminho cor de fogo pelo qual lhe cedesse a sua alma, como Esaú, o seu morgadio?

- Zombem! Zombem à vontade, meus senhores! - exclamou Morcerf um bocadinho irritado. - Quando olho para vocês, belos parisienses, frequentadores assíduos do Bulevar de Gand, passeantes do Bosque de Bolonha, e me lembro daquele homem... Bom, parece-me que não somos da mesma espécie.

- O que muito me agrada! - declarou Beauchamp.

- A verdade - acrescentou Château-Renaud - é que o seu conde de Monte-Cristo me parece um perfeito cavalheiro nas horas vagas, excetuando os seus pequenos entendimentos com os bandidos italianos.

- Não há bandidos italianos! - exclamou Debray.

- Nem vampiros! - acrescentou Beauchamp.

- Nem conde de Monte-Cristo!-insistiu Debray. - Ouça, meu caro Albert, estão a dar dez e meia.

- Confesse que teve um pesadelo e vamos almoçar - sugeriu Beauchamp.

Mas a vibração do relógio ainda se não extinguira quando a porta se abriu e Germain, o mandarete do conde de Morcerf que este pusera à disposição do filho,

anunciou:

-- Sua Excelência o conde de Monte-Cristo!

Todos os presentes deram, mal-grado seu, um salto denunciador da preocupação que a história de Morcerf lhes insinuara na alma. O próprio Albert não conseguiu conter uma emoção súbita.

Ninguém ouvira carruagem na rua, nem passos na antecâmara; a própria porta se abrira sem ruído.

O conde apareceu no limiar, vestido com a maior simplicidade, mas o leão mais exigente não encontraria na sua indumentária nada que lhe pudesse criticar. Era tudo de um gosto requintado, tudo provinha das mãos dos mais elegantes fornecedores, tanto a casaca e o chapéu como a camisa.

Parecia contar apenas trinta e cinco anos e o que mais impressionou toda a gente foi a extrema semelhança com o retrato que dele traçara Debray.

O conde avançou, sorrindo, para o meio da sala, direito a Albert, o qual foi ao seu encontro e lhe estendeu a mão rapidamente.

- A pontualidade - disse Monte-Cristo - é a cortesia dos reis, segundo afirmava, creio, um dos vossos soberanos. Mas seja qual for a sua boa vontade, nem sempre é a dos viajantes. Espero no entanto, meu caro visconde, que desculpe, em benefício da minha boa vontade, os dois ou três segundos de atraso com que julgo comparecer ao encontro. Quinhentas léguas não se percorrem sem qualquer contrariedade, sobretudo na França, onde, ao que parece, é proibido bater nos postilhões.

- Sr. Conde - respondeu Albert --, estava a anunciar a sua visita a alguns dos meus amigos que reuni a propósito da promessa que se dignou fazer-me, e que tenho a honra de lhe apresentar. O Sr. Barão de Château-Renaud, cuja nobreza remonta aos doze pares e cujos antepassados se sentaram à Távola Redonda; o Sr. Lucien Debray, secretário particular do ministro do Interior; o Sr. Beauchamp, terrível jornalista, o terror do Governo francês, mas de quem por certo, apesar da sua celebridade nacional, nunca ouviu falar na Itália, atendendo a que o seu jornal não entra lá; finalmente, o Sr. Maximilien Morrel, capitão dos sipaios.

Ao ouvir este nome, o conde, que até ali cumprimentara cortesmente, mas com frieza e uma impassibilidade muito inglesa, deu, mal-grado seu, um passo em frente, e um leve tom de vermelhão passou como um relâmpago pelas suas faces pálidas.

- O senhor usa o uniforme dos novos vencedores franceses; é um belo uniforme - disse.

Seria impossível dizer que sentimento dava à voz do conde tão profunda vibração e que fazia brilhar, como que a seu pesar, os seus olhos tão belos, tão calmos e tão límpidos, quando não havia qualquer motivo para os velar.

- Nunca tinha visto os nossos africanos, senhor? - perguntou Albert.

- Nunca - respondeu o conde, de novo perfeitamente senhor de si.

- Pois, senhor, sob aquele uniforme pulsa um dos corações mais bravos e nobres do Exército.

- Oh, Sr. Visconde! - protestou Morrel.

- Não me interrompa, capitão... - perguntou Albert, que continuou: - De fato, acabamos de saber que este senhor praticou uma proeza tão heróica que, embora

o tenha visto hoje pela primeira vez, lhe peço o favor de me deixar apresentar-lhe como meu amigo.

E mais uma vez, ao serem proferidas estas palavras, se pode notar em Monte-Cristo o olhar estranhamente fixo, o rubor furtivo e a leve tremura de pálpebras que nele denotavam emoção.

- Ah, senhor, se é um nobre coração, tanto melhor! - exclamou o conde.

Esta espécie de fervor, que se devia mais ao próprio pensamento do conde do que ao que acabava de dizer Albert, surpreendeu toda a gente e sobretudo Morrel, que olhou atônito para Monte-Cristo. Mas ao mesmo tempo a intonação era tão delicada e por assim dizer tão suave que, por muito estranha que fosse a exclamação, era impossível alguém zangar-se por via dela.

- Por que duvidaria? - perguntou Beauchamp a Château-Renaud.

- Na verdade - respondeu este, que com a sua experiência da sociedade e a perspicácia do seu olhar aristocrático devassara em Monte-Cristo tudo o que era devassável nele -, na verdade, Albert não nos enganou: o conde é uma pessoa singular... que lhe parece, Morrel?

- Para dizer o que sinto - respondeu este --, tem um olhar tão franco e uma voz tão simpática, que me agrada, apesar da observação extravagante que fez a meu respeito.

- Meus senhores - disse Albert --, Gemain anuncia-me que estão servidos. Meu caro conde, permita-me que lhe indique o caminho.

Passaram silenciosamente à sala de jantar e cada um ocupou o seu lugar.

- Meus senhores - disse o conde ao sentar-se --, permitam-me uma confissão, que será a minha desculpa por todas as inconveniências que poderei dizer: sou estrangeiro, mas estrangeiro a tal ponto que é a primeira vez que venho a Paris. A vida francesa ,-me portanto completamente desconhecida e até agora quase só tenho praticado a vida oriental, a mais antipática às boas tradições parisienses. Peço-lhes pois que me desculpem se encontrarem em mim alguma coisa demasiado turca, demasiado napolitana ou demasiado
árabe. E agora, meus senhores, almocemos.

- Como diz tudo aquilo! - murmurou Beauchamp. - É decididamente um grande senhor.

- Sim, um grande senhor - concordou Debray.

- Um grande senhor de todos os países, Sr. Debray - sublinhou Château-Renaud.

Capítulo XL

O almoço

O conde, como recordamos, era um conviva sóbrio. Albert salientou o fato, manifestando o receio de que, desde o princípio, a vida parisiense desagradasse ao viajante através do seu aspecto mais material, mas ao mesmo tempo mais necessário.

- Meu caro conde - disse --, ao vê-lo comer assaltou-me um receio: que a

cozinha da Rua Helder não lhe agrade tanto como a da Praça de Espanha.

Deveria ter-lhe perguntado de que gostava e mandar preparar alguns pratos à sua escolha.

- Se me conhecesse melhor, senhor-respondeu o conde, sorrindo -, não se preocuparia com um pormenor quase humilhante para um viajante como eu, que comeu sucessivamente macaroni em Nápoles, polenta em Milão, olla podrida em Valência, pilau em Constantinopla, karrick na índia e ninhos de andorinha na China. Não existe cozinha para um cosmopolita como eu. Como de tudo e em toda a parte, simplesmente como pouco; e hoje, que me censura a minha sobriedade, estou num dos meus dias de apetite, pois desde ontem de manhã que não comia.

- Desde ontem de manhã! - exclamaram os convivas. - Não comia nada há vinte e quatro horas?

- Não - respondeu o conde.- Fui obrigado a desviar-me do meu caminho para obter informações nos arredores de Nímes, de forma que me atrasei um pouco e não quis parar.

- E comeu na sua carruagem? - perguntou Morcerf.

- Não, dormi, como me acontece quando me aborreço sem ter a coragem de me distrair ou quando tenho fogo e não me apetece comer.

- Quer dizer que comanda o sono, senhor? - perguntou Morrel.

- Mais ou menos.

- Possui alguma receita para isso?

- Infalível.

- Aí está uma coisa que seria excelente para nós, africanos, que nem sempre temos de o comer e raramente temos o que beber - declarou Morrel.

- Decerto - respondeu Monte-Cristo. - Infelizmente, a minha receita excelente para um homem como eu, que leva uma vida muito excepcional, seria perigosíssima aplicada a um exército, que não acordaria quando fosse necessário.

- E pode-se saber qual é essa receita? - perguntou Debray.

- Oh, meu Deus, claro que pode! - respondeu Monte-Cristo. - Não faço segredo dela. É uma mistura de excelente ópio, que eu próprio fui buscar em Cantão, para ter a certeza de ser puro, e do melhor haxixe que se colhe no Oriente, isto é, entre o Tigre e o Eufrates. Juntam-se os dois ingredientes em partes iguais e faz-se uma espécie de pílulas, que se engolem quando necessárias. Passados dez minutos é efeito garantido.

Perguntem ao Sr. Barão Franz de Epinay; creio que as provou um dia.

- Sim, ele disse-me qualquer coisa a esse respeito e até ficou com uma agradável recordação da experiência - declarou Morcerf.

- Mas então traz sempre essa droga consigo? - perguntou Beauchamp, que, na sua qualidade de jornalista, era muito incrédulo.

- Sempre - respondeu Monte-Cristo.

- Seria indiscreto se lhe pedisse para ver essas preciosas pílulas? - continuou Beauchamp, esperando apanhar o estrangeiro em falta.

- Não, senhor - respondeu o conde.

E tirou da algibeira uma caixinha de bombons maravilhosa, feita de uma única esmeralda e fechada por meio de uma porca de ouro, que, ao desenroscar-se, dava passagem a uma bolinha esverdeada, do tamanho de uma ervilha. Essa

bolinha linha um cheiro acre e penetrante. Havia quatro ou cinco idênticas na esmeralda, que podia conter uma dúzia.

A caixinha de bombons deu a volta à mesa, mas muito mais para que os convivas examinassem aquela esmeralda admirável do que para verem ou cheirarem as pílulas.

- E é o seu cozinheiro que lhe prepara este petisco? - perguntou Beauchamp.

- Não, senhor - respondeu Monte-Cristo. - Não deixo sem mais nem menos os meus verdadeiros prazeres à mercê de mãos indignas. Sou um químico razoável e preparo pessoalmente as minhas pílulas.

- Que admirável esmeralda! É a maior que já vi, embora a minha mãe tenha algumas jóias de família bastante notáveis - observou Château-Renaud.

- Tinha três idênticas - informou Monte-Cristo. - Dei uma ao sultão, que a mandou montar no seu sabre, e a outra, ao nosso santo padre, o papa, que a mandou incrustar na sua tiara, ao pé de uma esmeralda mais ou menos idêntica, mas menos bela, que fora oferecida ao seu predecessor, Pio VII, pelo imperador Napoleão. Guardei a terceira para mim e mandei-a escavar, o que lhe tirou metade do seu valor, mas a tornou mais cômoda para o uso que desejava dar-lhe.

Todos olhavam Monte-Cristo com espanto. Falava com tanta simplicidade que era evidente dizer a verdade ou estar louco. No entanto, a esmeralda com que ficara na mão levava-os a inclinarem-se naturalmente para a primeira suposição.

- E que lhe deram esses dois soberanos em troca desse magnífico presente? - perguntou Debray.

- O sultão, a liberdade de uma mulher - respondeu o conde. - O nosso santo padre, o papa, a vida de um homem. De modo que uma vez na minha existência fui tão poderoso como se Deus me tivesse feito nascer nos degraus de um trono.

- E foi Peppino quem libertou, não é verdade? - perguntou Morcerf. - Foi a ele que aplicou o seu direito de graça?

- Talvez - respondeu Monte-Cristo sorrindo.

- Sr. Conde, não faz idéia do prazer que e experimento ao ouvi-lo falar assim! - disse Morcerf. - Anunciei-o antecipadamente aos meus amigos como um homem fabuloso, como um encantador das Mil e Uma Noites, como um feiticeiro da Idade Média. Mas os Parisienses são pessoas de tal modo subtis em paradoxos que tomam por caprichos da imaginação as verdades mais incontestáveis, quando essas verdades não preenchem todas as condições da sua existência quotidiana. Por exemplo, temos aqui Debray que lê e Beauchamp que imprime todos os dias que assaltaram e roubaram no bulevar um membro do Jockey-Club; que assassinaram quatro pessoas na Rua Saint-Germain; que prenderam dez, quinze, vinte ladrões, quer num café do Bulevar do Templo, quer nas Termas de Juliano, mas que contestam a existência dos bandidos das Maremmes, da campina de Roma ou dos Pântanos Pontinos. Diga-lhes portanto pessoalmente, Sr. Conde, peço-lhe, que fui raptado por esses bandidos e que sem a sua generosa intercessão esperaria, segundo todas as probabilidades, atualmente, a ressurreição eterna nas catacumbas de S. Sebastião, em vez de lhe oferecer de almoçar na minha indigna casa da Rua Helder.

- Então! - exclamou o conde. - Tinha-me prometido nunca mais me falar dessa miséria!...

- Não fui eu, Sr. Conde! - protestou Morcerf. - Foi porventura qualquer outro a quem terá prestado o mesmo serviço que a mim e que decerto confundiu comigo. Falemos, pelo contrário, peço-lhe. Porque se se decidir a falar desse caso, talvez não só me repita um pouco do que sei, mas também muito do que não sei.

- Mas parece-me - observou o conde, sorrindo - que o senhor desempenhou em todo esse caso um papel suficientemente importante para saber tão bem como eu o que se passou.

- Quer me prometer, se eu disser tudo o que sei - propôs Morcerf -, dizer por sua vez tudo o que não sei?

- É justíssimo! - respondeu Monte-Cristo.

- Pois bem - prosseguiu Morcerf --, a despeito do meu amor-próprio, julguei-me durante três dias alvo das negaças de uma máscara, que tomava por qualquer descendente das Túlias ou das Popéias, quando na realidade era pura e simplesmente alvo das negaças de uma e contadine. E observo que digo e contadine para não dizer camponesa. O que sei é que como um ingênuo, mais ingênuo ainda do que aquele de quem falava há pouco, tomei por essa camponesa um jovem bandido de quinze ou dezesseis anos, de queixo imberbe e cintura fina, que, no momento em que pretendia adiantar-me e depositar um beijo no seu casto ombro, me encostou a pistola à garganta e, com o auxílio de sete ou oito dos seus companheiros, me conduziu, ou antes arrastou para o fundo das catacumbas de S. Sebastião, onde encontrei um chefe de bandidos muito letrado, palavra, o qual lia os Comentários de César, e que se dignou interromper a leitura para me dizer que se no dia seguinte, às seis horas da manhã, não tivesse depositado quatro mil escudos no seu cofre, nesse mesmo dia, às seis e um quarto, deixaria completamente de existir. A carta existe, está em poder de Franz, assinada por mim e com um post-scriptum de mestre Luigi Vampa. Se duvidam, escrevo a Franz, que mandará reconhecer as assinaturas. Eis o que sei. Agora o que não sei é como conseguiu, Sr. Conde, merecer tão grande respeito dos bandidos de Roma, que respeitam tão poucas coisas. Confesso-lhe que Franz e eu ficamos boquiabertos de admiração.

- Nada mais simples, senhor - respondeu o conde. - Conhecia o famoso Vampa há mais de dez anos. Muito novo, e quando era ainda pastor, dei-lhe um dia já não sei que moeda de ouro por ter me indicado o meu caminho, e ele deu-me, para nada me ficar devendo, um punhal esculpido por ele e que o senhor deve
ter visto na minha coleção de armas. Mais tarde, quer porque tivesse esquecido essa troca de presentes que deveria manter a amizade entre nós, quer porque não tivesse me reconhecido, tentou capturar-me, mas fui eu, muito pelo contrário, que o apanhei com uma dúzia dos seus homens. Podia entregá-lo à justiça romana, que é expedita e que agiria ainda mais depressa no seu caso, mas não o fiz; soltei-o e aos seus.

- Com a condição de não pecarem mais - observou o jornalista, rindo. - Vejo com prazer que antiveram escrupulosamente a sua palavra!...

- Não, senhor - respondeu Monte-Cristo. - Com a simples condição de que me respeitariam sempre, a mim e aos meus. Talvez o que lhes vou dizer lhes pareça estranho, senhores socialistas, progressistas e humanitários, mas nunca

me preocupo com o meu próximo nem tento proteger a sociedade, que me não protege, e direi mesmo mais, que geralmente só se preocupa comigo para me prejudicar. Por isso, arredando-os da minha estima e mantendo a neutralidade em relação a eles, é ainda a sociedade e o meu próximo que me devem retribuição.

- Até que enfim! - exclamou Château-Renaud. - Aqui está o primeiro homem corajoso que ouço pregar leal e brutalmente o egoísmo. É muito belo isso! Bravo, Sr. Conde!

- É franco, pelo menos - disse Morrel. - Mas estou certo de que o Sr. Conde se arrependeu de ter faltado uma vez aos princípios que acaba de expor de forma tão absoluta.

- Quando é que faltei a esses princípios, senhor? - perguntou Monte-Cristo, que de vez em quando não se podia impedir de olhar Maximilien, e com tanta atenção que já por duas ou três vezes o ousado jovem baixara os olhos diante do olhar claro e límpido do conde.

- A mim parece-me - respondeu Morrel - que libertando o Sr. de Morcerf, que o senhor não conhecia, servia o seu próximo e a sociedade...

- Da qual é o mais belo ornamento - declarou gravemente Beauchamp, despejando de uma golada uma taça de champanhe.

- Sr. Conde - interveio Morcerf --, caiu nas malhas do raciocínio, o senhor que é um dos mais argutos lógicos que conheço; só falta demonstrar-lhe claramente, o que não tarda, que longe de ser um egoísta, é pelo contrário, um filantropo. Ah, Sr. Conde, diz-se oriental, levantino, malaio, indiano, chinês, selvagem; chama-se Monte-Cristo de seu nome de família e Simbad, o Marinheiro, de seu nome de batismo, e eis que no dia em que põe pé em Paris revela possuir instintivamente o maior mérito ou o maior defeito dos nossos excêntricos Parisienses, isto é, usurpa os vícios que não tem e esconde as virtudes que tem!

- Meu caro visconde - perguntou Monte-Cristo --, não vejo em nada do que disse ou fiz uma única palavra que me valha da sua parte ou da destes senhores o pretenso elogio que acabo de receber. O senhor não era um estranho para mim, Porque o conhecia, porque lhe cedera dois quartos, porque lhe oferecera
um almoço, porque lhe emprestara uma das minhas carruagens, porque víramos passar as máscaras juntos na Rua do Corso e porque tínhamos assistido de uma janela da Praça del Popolo àquela execução que tanto o impressionou que quase se sentiu indisposto. Ora, pergunto a todos estes senhores, podia deixar o meu convidado nas mãos daqueles horríveis bandidos, como lhe chamaram? De resto, como sabe, ao salvá-lo tinha um pensamento reservado; servir-me do senhor para me introduzir nos salões de Paris quando viesse a França. Houve tempo em que pode considerar esta resolução um projeto vago e fugaz; mas hoje, como vê, é uma autêntica realidade a que tem de se submeter, sob pena de faltar à sua palavra.

- E a cumprirei - declarou Morcerf. - Mas receio muito que fique deveras decepcionado, meu caro conde, o senhor, que está habituado aos lugares acidentados, aos acontecimentos pitorescos, aos horizontes fantásticos. Entre nós não se verifica o mais pequeno episódio do gênero daqueles a que a sua vida aventurosa o habituou. O nosso Chimborazzo é Montmartre; o nosso Himalaia é o monte Valeriano; o nosso
Grande Deserto é a planície de Grenelle, só com a diferença de que abrimos lá

um furo artesiano para que as caravanas tivessem água. Temos ladrões, muitos mesmo, embora não tenhamos tantos como dizem, mas são ladrões que temem infinitamente mais o mais insignificante polícia do que o maior senhor -, enfim, a França é um país tão prosaico e Paris uma cidade tão civilizada que o senhor não encontrara, procurando nos nossos oitenta e cinco departamentos (digo oitenta e cinco departamentos porque, evidentemente. excetuo
a Côrsega da França), que não encontrará nos nossos oitenta e cinco departamentos a mais pequena montanha onde não haja um telégrafo nem a mais pequena gruta um pouco escura em que um comissário de polícia não tenha mandado colocar um bico de gás. Há pois um único serviço que lhe posso prestar, meu caro
conde, e para isso estou à sua disposição: apresentá-lo em toda a parte, ou mandá-lo apresentar pelos meus amigos. Aliás, o senhor não precisa de ninguém para isso; com o seu nome, a sua fortuna e o seu espírito --
Monte-Cristo inclinou-se com um sorriso levemente irônico -, uma pessoa apresenta-se a si mesma e é bem recebida em toda a parte. Na realidade, só posso portanto ser-lhe útil numa coisa: se alguma experiência da vida parisiense, algum hábito do conforto e algum conhecimento dos nossos bazares me podem recomendar, estou ao seu dispor para lhe arranjar uma casa conveniente. Não me atrevo a propor-lhe que compartilhe o meu alojamento como compartilhei o seu em Roma porque, embora não professe o egoísmo, sou egoísta por excelência, e porque em minha casa nem uma sombra se sentiria bem, a não ser que fosse uma sombra de mulher.

- Ora aí está uma reserva muito conjugal! - exclamou o conde. - De fato, lembro-me de me ter dito em Roma algumas palavras acerca de um projetado casamento; devo felicitá-lo pela sua próxima felicidade?

- O caso ainda continua em estado de projeto, Sr. Conde.

- E quem diz projeto, quer dizer eventualidade - interveio Debray.

- Não é bem assim - perguntou Morcerf. - O meu pai insiste e espero apresentar-lhes dentro de pouco tempo, senão a minha mulher, pelo menos a minha futura: Mademoiselle Eugênie Danglars.

- Eugênie Danglars... - murmurou o conde de Monte-Cristo. - Um momento: o pai não é o Sr. Barão Danglars?

- É sim - respondeu Morcerf. - Mas barão de nova criação.

- E isso que importa - volveu-lhe Monte-Cristo --, se prestou ao Estado serviços que lhe mereceram essa distinção?

- Enormes - confirmou Beauchamp. - Apesar de ser liberal de alma e coração, completou em 1829 um empréstimo de seis milhões a favor do rei Carlos X, que o fez barão e cavaleiro da Legião de Honra, de forma que usa a fita, não na algibeira do colete, como se poderia crer, mas sim na lapela da casaca.

- Ah! - exclamou Morcerf, rindo. - Beauchamp, Beauchamp, guarde isso para le Corsaire e le Charivari, mas diante de mim poupe o meu futuro sogro.

Depois, virando-se para Monte-Cristo:

- Mas há pouco pronunciou o seu nome como se conhecesse o barão. Conhece-o, de fato?

- Não, não o conheço - respondeu negligentemente Monte-Cristo -, mas provavelmente não tardarei a conhecê-lo, pois tenho um crédito aberto sobre ele

pelas casas Richard & Blount, de Londres; Arstein & Eskeles, de Viena, e Thomson & French, de Roma.

E ao pronunciar estes dois últimos nomes, Monte-Cristo olhou pelo canto do olho para Maximilien Morrel.

Se o estrangeiro pretendera produzir qualquer efeito em Maximilien Morrel, não se enganara. De fato, Maximilien estremeceu como se tivesse sido atingido por um choque elétrico.

- Thomson & French... - murmurou. - Conhece essa casa, senhor?

- São os meus banqueiros na capital do mundo cristão - respondeu tranquilamente o conde. - Posso ser-lhe útil em alguma coisa junto deles?

- Oh, o Sr. Conde talvez nos pudesse ajudar numas pesquisas até aqui infrutíferas! Há tempos, essa casa prestou um serviço à nossa, mas não sei porquê sempre tem negado que nos prestou esse serviço.

- Às suas ordens, senhor - respondeu Monte-Cristo, inclinando-se.

- Mas - observou Morcerf - por causa do Sr. Danglars afastamo-nos singularmente do tema da nossa conversa. Tratava-se de encontrar uma habitação conveniente para o conde de Monte-Cristo. Vamos, meus senhores, procuremos ter uma idéia: onde instalaremos este novo hóspede do grande Paris?

- No Arrabalde de Saint-Germain - sugeriu Château-Renaud - O senhor encontrar lá um encantador palacete com pátio e jardim.

- Ora, ora, Château-Renaud - protestou Debray --, você só conhece o seu triste e desagrável Arrabalde de Saint-Germain. Não lhe dê ouvidos, Sr. Conde, e instale-se na Chauss,e-d'Antin: é o verdadeiro centro de Paris.

- Bulevar da Ópera - sugeriu Beauchamp. - No primeiro andar, uma casa com varanda. - O Sr. Conde mandar levar para lá almofadas de tecido prateado e verá, fumando o seu cachimbo ou tomando as suas pílulas, toda a capital desfilar debaixo dos seus olhos.

- Você não tem nenhuma idéia, Morrel? - perguntou Château-Renaud. - Não propõe nada?

- Certamente - respondeu sorrindo o rapaz. - Pelo contrário, tenho uma, mas esperava que o senhor se deixasse tentar por qualquer das propostas brilhantes que acabam de lhe fazer. Mas como até agora se não pronunciou, creio poder oferecer-lhe aposentos num palacete muito encantador, muito Pompadour, que a minha irmã alugou há um ano na rua Meslay.

- Tem uma irmã? - perguntou Monte-Cristo.

- Tenho, sim, senhor, é uma excelente irmã.

- Casada?

- Há quase nove anos.

- Feliz? - perguntou de novo o conde.

- Tão feliz quanto é permitido a uma criatura humana sê-lo - respondeu Maximillen. - Casou com o homem que amava, aquele que nos ficou fiel na nossa infelicidade: Emmanuel Herbaut.

Monte-Cristo sorriu imperceptivelmente.

- Resido lá durante o meu semestre - prosseguiu Maximilien - e estaria, assim como o meu cunhado Emmanuel, à disposição do Sr. Conde para todas as informações que necessitasse.

- Um momento! - gritou Albert antes de Monte-Cristo ter tempo de

responder. - Cuidado com o que faz, Sr. Morrel, olhe que vai enclausurar um viajante, Simbad, o Marinheiro, na vida familiar. Vai fazer um patriarca de um homem que veio para ver Paris.

- Oh, isso não! - respondeu Morrel, sorrindo. - A minha irmã tem vinte e cinco anos e o meu cunhado trinta; são jovens, alegres e felizes. Aliás, o Sr. Conde estará à vontade nos seus aposentos e só encontrará os seus anfitriões quando quiser descer aos aposentos deles.

- Obrigado, senhor, obrigado - disse Monte-Cristo.- Me contentarei com ser apresentado pelo senhor à sua irmã e ao seu cunhado, se quiser conceder-me essa honra, mas não aceito a oferta de nenhum dos senhores porque já tenho a minha residência pronta.

- Como?! - exclamou Morcerf. - Vai hospedar-se num hotel? Será muito desagrável para o senhor...

- Esteve assim tão mal instalado em Roma? - perguntou Monte-Cristo.

- Por Deus - perguntou Morcerf --, em Roma gastou cinquenta mil piastras mandando mobilar os seus aposentos; mas presumo que não está disposto a renovar todos os dias semelhante despesa.

- Não foi isso que me deteve - respondeu Monte-Cristo mas sim ter resolvido possuir uma casa em Paris, uma casa minha, claro. Por isso, mandei na frente o meu criado de quarto, que já deve ter comprado a casa e mandado mobilá-la.

- Quer dizer que tem um criado de quarto que conhece Paris? - admirou-se Beauchamp.

- É a primeira vez, como eu, que vem a França; é negro e não fala - respondeu Monte-Cristo.

- Então... é Ali? - perguntou Albert, no meio da surpresa geral.

- E, sim, senhor, Ali, o meu núbio, o meu mudo, que viu em Roma, segundo creio.

- Sim, certamente - respondeu Morcerf. - Lembro-me muito bem dele. Mas como encarregou um núbio de lhe comprar uma casa em Paris e um mudo de mobilá-la? Deve ter feito tudo às avessas, o pobre infeliz.

- Engana-se, senhor. Estou certo, pelo contrário, de que escolheu todas as coisas a meu gosto; porque, como sabe, o meu gosto não é comum. Ali chegou há oito dias e deve ter corrido toda a cidade com esse instinto que possui um bom cão de caça quando caça sozinho. Conhece os meus caprichos, as minhas fantasias, as minhas necessidades; deve ter tudo organizado à minha vontade. Sabia que eu chegaria hoje às dez horas e esperava-me desde as nove na Barreira de Fontainebleau. Entregou-me este papel - é o meu novo endereço. Tome, leia.

E Monte-Cristo passou um papel a Albert.

- Campos Elísios, 30 - leu Morcerf.

- Ora aí está uma coisa deveras original! - não pode impedir-se de dizer Beauchamp.

- E muito principesca - acrescentou Château-Renaud.

- Como, não conhece a sua casa?! -- perguntou Debray.

- Não - respondeu Monte-Cristo. já lhes disse que não queria chegar atrasado. Mudei de roupas na minha carruagem e apeei-me à porta do visconde.

Os jovens entreolharam-se. Ignoravam se tudo aquilo não seria uma farsa desempenhada por Monte-Cristo, mas tudo o que saía da boca daquele homem tinha, mal-grado o seu carater original, tal cunho de simplicidade que se não podia supor que mentisse. Aliás, porque mentiria?

- Teremos portanto de nos contentar com prestar ao Sr. Conde todos os pequenos serviços que estão ao nosso alcance - disse Beauchamp.- Eu, na minha qualidade de jornalista, abro-lhe lodos os teatros de Paris.

- Obrigado, senhor - atalhou, sorrindo, Monte-Cristo mas o meu intendente já tem ordem para me reservar um camarote em cada um.

-E o seu intendente, também é um núbio, um mudo? - perguntou Debray.

- Não, senhor, é simplesmente um compatriota vosso, se é que um corso pode ser compatriota de alguém Mas o meu amigo conhece-o, Sr. de Morcerf.

- Ser por acaso o excelente Signor Berluccio, que tão bem se saiu a alugar as janelas?

- Justamente, e viu-o nos meus aposentos no dia em que tive a honra de receber o senhor para almoçar. É um excelente homem, que foi um pouco soldado, um pouco contrabandista, um pouco de tudo o que se pode ser, enfim. Não juraria mesmo que não tenha tido os seus desaguisados com a Polícia, por uma ninharia, qualquer coisa como uma punhalada...

- E escolheu esse honesto cidadão do mundo para seu intendente, Sr. Conde? - perguntou Debray.- Quanto lhe rouba ele por ano?

- Bom... palavra de honra, não mais do que qualquer outro, tenho certeza - respondeu o conde. - Mas serve-me bem, não conhece impossíveis e por isso conservo-o.

- Portanto, tem a sua casa montada - observou Château-Renaud. Um palácio nos Campos Elísios, criados, intendente... só lhe falta uma amante.

Albert sorriu. Pensava na bela grega que vira no camarote do conde no Teatro Vallo e no Teatro Argentina.

- Tenho melhor do que isso - respondeu Monte-Cristo.

- Tenho uma escrava. Os senhores “alugam" as suas amantes no Teatro da Ópera, no Teatro do Vaudeville, no Teatro das Variedades; eu comprei a minha em Constantinopla. Ficou-me mais cara, mas a esse respeito não tenho de me preocupar com mais nada.

- Esquece, porém - perguntou Debray, rindo --, que nós somos, como disse o rei Carlos, francos de nome e francos por natureza; que ao pôr os pés na terra da França a sua escrava se tornou livre?

- Quem lhe dirá? - perguntou Monte-Cristo.

- Ora essa, o primeiro que calhar!

- Ela só fala o romaico.

- Isso então é outra coisa.

- Mas a veremos, ao menos? - perguntou Beauchamp. - Ou, assim como tem um mudo, também tem eunucos?

- Juro-lhes que não - respondeu Monte-Cristo. - Não levo o meu orientalismo tão longe. Todos os que me rodeiam são livres de me deixar, e deixando-me não precisarão mais de mim nem de ninguém. Talvez seja por isso que me não deixam...

Havia muito tempo que fora servida a sobremesa e tinham vindo os charutos.

- Meu caro - disse Debray, levantando-se --, são duas e meia, o seu convívio é muito agrável, mas não há boa companhia que se não deixe, às vezes até por uma má. Tenho de voltar ao ministério. Falarei do conde ao ministro, pois precisamos saber quem ele é.

- Cuidado - observou Morcerf. - até os mais espertos desistiram...

- Ora, temos três milhões para gastar com a nossa Polícia. É certo que são quase sempre gastos antecipadamente, mas não importa, ainda há-de haver uns cinquenta mil francos para gastar nisso.

- E quando souberem quem ele é me dirão?

- Prometo-lhe. Adeus, Albert. Meus senhores, sou um vosso humílimo criado...

E depois de sair, gritou muito alto na antecâmara:

- Mande avançar!

- Bom - disse Beauchamp a Albert --, não vou à Câmara, mas tenho para oferecer aos meus leitores melhor do que um discurso do Sr. Danglars.

- Por favor, Beauchamp - pediu Morcerf --, nem uma palavra, suplico-lhe. Não me roube o mérito de apresentá-lo e explicar. Não é verdade que é curioso?

- E mais do que isso - respondeu Château-Renaud --, é realmente um dos homens mais extraordinários que já vi na minha vida. Vem, Morrel?

- É só o tempo de dar o meu cartão ao Sr. Conde, que desejo me prometa fazer-nos uma visitinha na Rua Meslay, 14.

- Esteja certo de que não faltarei, Senhor. - respondeu o conde, inclinando-se.

E Maximilien Morrel saiu com o barão de Château-Renaud, deixando Monte-Cristo sozinho com Morcerf.

Capítulo XLI

A apresentação

Quando Albert ficou sozinho com Monte-Cristo, disse-lhe: - Sr. Conde permita-me que inicie consigo o meu ofício de cicerone, mostrando-lhe o espécime de um apartamento de rapaz. Habituado aos palácios da Itália, será para si um estudo interessante calcular em quantos pés quadrados pode viver um jovem parisiense que não passa por ser dos pior alojados. À medida que passarmos de uma divisão para a outra abriremos as
janelas para que possa respirar.

Monte-Cristo conhecia já a sala de jantar e a sala de visitas do térreo. Albert levou-o primeiro ao seu atelier, se bem se lembram a sua divisão predileta.

Monte-Cristo era um digno apreciador de todas as coisas que Albert acumulara naquela divisão: velhas arcas, porcelanas do Japão, tecidos do Oriente, vidrilhos de Veneza, armas de todos os países do mundo, tudo lhe era familiar, e ao primeiro olhar reconhecia o século, o país e a origem. Morcerf julgara

que seria ele o explicador e, pelo contrário, fazia sob a orientação do conde um curso de arqueologia, mineralogia e história natural. Desceram ao primeiro andar. Albert introduziu o seu hóspede na sala. Esta tinha as paredes cobertas de obras de pintores modernos. Havia paisagens de Dupré, de extensos canaviais, árvores elegantes, vacas mugidoras e céus maravilhosos; cavaleiros árabes de Delacroix, de longos albornozes brancos, faixas brilhantes e armas lavradas, cujos cavalos se mordiam com raiva, enquanto os homens se dilaceravam com maças de ferro; aguarelas de Boulanger, representando Nossa Senhora de Paris, com o vigor que tornava o pintor o êmulo do poeta; telas de Diaz, que fazia as flores mais belas do que as flores e o Sol mais brilhante do que o Sol: desenhos de Decamps, tão coloridos como os de Salvator Rosa, mas mais poéticos; pastéis de Giraud e de Muller representando crianças com caras de anjo e mulheres com expressões de virgem; esboços arrancados ao álbum da viagem ao Oriente de Dauzats, rabiscados em poucos segundos na sela de um camelo ou debaixo da cúpula de uma mesquita; enfim, tudo o que a arte moderna pode dar em troca e em compensação da arte perdida e desaparecida nos séculos anteriores.

Albert esperava mostrar, pelo menos desta vez, algo de novo ao estranho viajante; mas com grande espanto seu, este, sem necessitar de procurar as assinaturas, algumas das quais não passavam, de resto, de iniciais, aplicou instantaneamente o nome de cada autor à sua obra, de forma que era fácil de ver que não só cada um daqueles nomes lhe era familiar, mas também que cada um daqueles talentos fora estudado e apreciado por ele.

Da sala passaram ao quarto de dormir. Era ao mesmo tempo um modelo de elegância e de gosto severo. Ali havia um único retrato, mas assinado por Léopold Robert, e que resplandecia na sua moldura de ouro fosco. Esse retrato atraiu imediatamente o olhar do conde de e Monte-Cristo, que deu três passos rápidos no quarto e parou de súbito diante dele.

Era o retrato de uma mulher nova, de vinte e cinco a vinte e seis anos, morena e de olhar ardente, velado por pálpebras languidas. Envergava o traje pitoresco das pescadoras catalãs, com o seu corpete vermelho e negro e as suas agulhas de ouro espetadas no cabelo. Olhava o mar e a sua silhueta elegante destacava-se no duplo azul das vagas e do céu.

Estava escuro no quarto, pois de contrário Albert teria visto a palidez lívida que se espalhou pelas faces do conde e surpreendido o estremecimento nervoso que lhe aflorou os ombros e o peito.

Reinou um instante de silêncio, durante o qual Monte-Cristo manteve os olhos obstinadamente fitos naquela pintura.

- Tem aqui uma bela amante, visconde - disse Monte-Cristo, numa voz perfeitamente calma. E o traje, traje de baile, sem dúvida, assenta-lhe na realidade maravilhosamente.

- Ah, senhor - disse Albert --, aí está um equívoco que não lhe perdoaria se ao lado desse retrato tivesse visto qualquer outro! Não conhece a minha mãe, senhor; é ela quem vê nesse quadro. Mandou-se pintar assim há seis ou oito anos. Esse traje é um traje de fantasia, ao que parece, e a semelhança é tão grande que creio verá ainda minha mãe tal como era em 1830. A condessa mandou fazer esse retrato durante uma ausência do conde. Sem dúvida esperava proporcionar-lhe no regresso uma agrável surpresa. Mas, coisa estranha, o retrato

não agradou a meu pai, e nem o valor da pintura, que é, como vê, uma das belas telas de Leopold Robert, foi capaz de o demover da antipatia que lhe tomou. Diga-se em abono da verdade, aqui entre nós, meu caro conde, que o Sr. de Morcerf é um dos pares mais assíduos no Luxemburgo e um general famoso pela teoria, mas um amador de arte dos mais medíocres. O mesmo não acontece com a minha mãe, que pinta notavelmente, e que, estimando demasiado essa obra para se separar dela por completo, me ofereceu, para que junto de mim estivesse menos exposta ao desagrado do Sr. de Morcerf; de
quem lhe mostrarei o retrato pintado por gros. Desculpe-me se lhe falo assim tão intimamente, mas como vou ter a honra de acompanhá-lo junto do conde, digo-lhe isto para que não caia em gabar este retrato diante dele. De resto, ele tem tido uma funesta influência: é raro que a minha mãe venha aos meus aposentos sem o ver e mais raro ainda que o veja sem chorar. A nuvem que trouxe este quadro ao palácio é aliás a única que se ergueu entre o conde e a condessa, os quais, apesar de casados há mais de vinte anos, ainda estão unidos como no primeiro dia.

Monte-Cristo deitou um olhar rápido a Albert, como se procurasse uma intenção oculta nas suas palavras; mas era evidente que o rapaz as dissera com toda a simplicidade da sua alma.

- Agora já viu todas as minhas riquezas, Sr. Conde - declarou Albert. - Permita-me que as ofereça, por muito indignas que sejam. Faça de conta que está em sua casa e para o pôr ainda mais à vontade queira acompanhar-me aos aposentos do Sr. de Morcerf a quem escrevi de Roma descrevendo o serviço que o
senhor me prestou e anunciei a visita que me prometera. Posso dizer-lhe que o conde e a condessa esperam com impaciência que lhes seja permitido agradecer-lhe. Bem sei, Sr. Conde, que é um pouco insensível a todas as coisas e que as cenas familiares não têm muita influência sobre Simbad, o Marinheiro, que já viu outras. No entanto, aceite o que lhe proponho como iniciação na vida parisiense, vida de cortesias, de visitas e de apresentações.

Monte-Cristo inclinou-se para responder. Aceitava a proposta sem entusiasmo nem contrariedade, como uma das convenções da sociedade que todo o homem educado cumpre como um dever. Albert chamou o criado e ordenou-lhe que tosse prevenir o Sr. e a Sra de Morcerf da próxima chegada do conde de
Monte-Cristo.

Albert seguiu-o com o conde.

Na antecâmara do conde via-se por cima da porta que dava para a sala um brasão, que, pelo seu ornato rico e a sua harmonia com a decoração da divisão, indicava a importância que o proprietário do palácio lhe atribuía.

Monte-Cristo deteve-se diante do brasão, que examinou com atenção.

- Em azul sete melras de ouro pousadas em bando. É sem dúvida o brasão da sua família, senhor? - perguntou. - Excetuando o acontecimento das peças do brasão que me permitem decifrá-lo, sou muito ignorante em matéria heráldica, eu, conde de acaso, fabricado pela Toscana com o auxílio de uma comendadoria de Santo Estêvão, que me teria dispensado de armar em grande senhor se me não tivessem repetido que quando se viaja muito é coisa absolutamente necessária.

Porque, enfim, quanto mais não seja para que os funcionários aduaneiros nos não incomodem, é preciso ter qualquer coisa nas portinholas da carruagem. Desculpe-me pois semelhante pergunta.

- Não é de modo algum indiscreto, senhor - respondeu Morcerf com a simplicidade da convicção --, e de fato acertou: são as nossas armas, isto é, as de chefe do meu pai. Mas estão, como vê, ligadas a um brasão de gola e torre de prata, que é do chefe de minha mãe. Pelo lado materno sou espanhol, mas a casa de Morcerf é francesa e até é segundo ouvi dizer, uma das mais antigas do Meio-Dia da França.

- Sim - prosseguiu Monte-Cristo --, é o que indicam as melras. Quase todos os peregrinos armados que tentaram ou fizeram a conquista da Terra Santa tomaram como armas ou cruzes, sinal da missão a que se tinham votado, ou pássaros migradores, símbolo da longa viagem que iam empreender e que esperavam concluir nas asas da fé. Um dos seus antepassados paternos terá sido de alguma das vossas cruzadas, e mesmo supondo que fosse apenas a de S. Luís, isso já nos faz remontar ao século XIII, o que é ainda muito bonito.

- É possível - concordou Morcerf. - No gabinete de meu pai existe em qualquer parte uma árvore genealógica que nos dirá isso e na qual cheguei a anotar comentários que seriam muito elucidativos para Hozier e Jaucourt. Agora já me não preocupo com isso. No entanto, sempre lhe digo, Sr. Conde, e isto entra nas minhas atribuições de cicerone, que as pessoas começam a ocupar-se muito dessas coisas sob o nosso Governo Popular.

- Bom, nesse caso o vosso Governo deveria ter escolhido no seu passado coisa melhor do que os dois cartazes que notei nos vossos monumentos e que não têm nenhum sentido heráldico. Quanto a si, visconde - prosseguiu Monte-Cristo, voltando a Morcerf --, é mais feliz do que o seu Governo, pois as suas armas são realmente belas e falam à imaginação. Sim, é isso mesmo: o senhor é ao mesmo tempo da Provença e de Espanha. E o que explica, se o retrato que me mostrou está parecido, a bela cor morena que tanto admirei no rosto da nobre catalã.

Seria preciso ser Édipo ou a própria esfinge para adivinhar a ironia que o conde pôs nas suas palavras, aparentemente cheias da maior delicadeza. Por isso, Morcerf agradeceu-lhe com um sorriso e, passando à frente para lhe indicar o caminho, empurrou a porta que se abria por baixo das suas armas e que, como dissemos, dava para a sala de visitas. No lugar mais em evidência da sala via-se também um retrato: o de um homem de trinta e cinco a trinta e oito anos, em uniforme de oficial general, com dragonas em canutilho, sinal dos graus superiores, a fita da Legião de Honra ao pescoço, o que indicava que era comendador, e no peito, à direita, a placa de grande-oficial da Ordem do Salvador e, à esquerda, a da grã-cruz de Carlos III, o que indicava que a pessoa retratada participara nas guerras da Grécia e da Espanha ou, o que significava absolutamente o mesmo em matéria de condecorações, desempenhara qualquer missão diplomática nos dois países.

Monte-Cristo estava ocupado a observar em pormenor o retrato, com não menos cuidado do que observara o outro, quando se abriu uma porta lateral e se encontrou diante do próprio conde de Morcerf.

Era um homem de quarenta a quarenta e cinco anos, mas que parecia ter

pelo menos cinquenta, e cujo bigode, bem como as sobrancelhas pretas, contrastavam estranhamente com os cabelos quase brancos, cortados à escovinha, em estilo militar. Vestia à paisana e trazia na lapela uma fita cujas várias seções
indicavam as diversas ordens com que era condecorado. Entrou com passo bastante nobre e uma espécie de precipitação. Monte-Cristo viu-o vir ao seu encontro sem dar um único passo; diria-se que os seus pés estavam colados ao chão, tal como os seus olhos ao rosto do conde de Morcerf.

- Meu pai - disse o rapaz --, tenho a honra de lhe apresentar o Sr. Conde de Monte-Cristo, o generoso amigo que tive a felicidade de encontrar nas circunstâncias difíceis que conhece.

- Seja bem-vindo entre nós, senhor - disse o conde de Morcerf, cumprimentando Monte-Cristo com um sorriso. - Prestou à nossa casa, conservando-lhe o seu único herdeiro, um serviço que terá eternamente o nosso reconhecimento.

E, ao dizer estas palavras, o conde de Morcerf indicava uma poltrona a Monte-Cristo, ao mesmo tempo que ele próprio se sentava defronte da janela.

Quanto a Monte-Cristo, ao ocupar a poltrona indicada pelo conde de Morcerf arranjou maneira de ficar oculto na sombra dos grandes reposteiros de veludo, de modo a ler daí, nas feições marcadas de fadiga e preocupações do conde, toda uma história de sofrimentos íntimos escrita em cada ruga que o tempo lhe trouxera.

- A Sra Condessa - disse Morcerf - estava arrumando-se quando o visconde, a mandou prevenir da visita que ia ter a honra de receber, mas vai descer e dentro de dez minutos estará na sala.

- É muita honra para mim - declarou Monte-Cristo - ser assim, logo no dia da minha chegada a Paris, apresentado a um homem cujo mérito iguala a reputação e com quem a fortuna, justa uma vez, não incorreu em erro. Mas não terá ela ainda, nas planícies de Mitidja ou nas montanhas do Atlas, um bastão de marechal para lhe oferecer?

- Infelizmente, senhor - respondeu Morcerf corando um pouco --, deixei o serviço. Nomeado par durante a Restauração, participei na primeira campanha e servi sob as ordens do marechal de Bourmont. Podia portanto aspirar a um comando superior e quem sabe se isso não teria acontecido se o ramo primogênito tivesse permanecido no trono! Mas a revolução de Julho era, ao que parece, bastante gloriosa para se permitir ser ingrata, e foi-o no tocante a qualquer serviço que não datasse do período imperial. Apresentei pois a minha demissão, porque, quando se ganharam as dragonas no campo de batalha, não se sabe manobrar muito bem no terreno escorregadio dos salões. Renunciei à espada, lancei-me na política, dedico-me à indústria e estudo as artes úteis. Durante os vinte anos que permaneci ao serviço, bem o desejei, mas nunca tive tempo para isso.

- São essas coisas que mantêm a superioridade da vossa nação sobre os outros países, senhor - respondeu Monte-Cristo. - Fidalgo oriundo de uma grande casa, possuidor de uma bela fortuna, o senhor começou por consentir em ganhar os primeiros postos como soldado obscuro, o que é raríssimo; depois, já
general e par de França, comendador da Legião de Honra, consentiu em

recomeçar segunda aprendizagem, sem outra esperança, sem outra recompensa além da de um dia ser útil aos seus semelhantes... Ah, senhor, isso é realmente belo! Direi mais, é sublime.

Albert olhava e escutava Monte-Cristo com espanto; não estava habituado a vê-lo perfilhar idéias tão entusiastas.

- Infelizmente - continuou o estrangeiro, sem dúvida para fazer desaparecer a nuvem imperceptível que as suas palavras acabavam de provocar na testa de Morcerf --, não procedemos assim na Itália: crescemos consoante a nossa casta e a nossa espécie, e conservamos a mesma folhagem, o mesmo tamanho e muitas vezes a mesma inutilidade toda a nossa vida.

- Mas, senhor - respondeu o conde de Morcerf --, para um homem do seu mérito, a Itália não é uma pátria e a França talvez não seja ingrata com todos. Trata mal os seus filhos, mas habitualmente acolhe com generosidade os estrangeiros.

- Então, meu pai - interveio Albert com um sorriso --, bem se vê que não conhece o Sr. Conde de Monte-Cristo. As suas satisfações não são deste mundo; não aspira a quaisquer honras e só aceita as que podem caber num passaporte.

- Ora aí está a expressão mais justa que alguma vez ouvi a meu respeito - declarou o visitante.

-- Tem sabido ser senhor do seu futuro - disse o conde de Morcerf, com um suspiro - e escolheu um caminho florido.

- Exatamente, senhor - replicou Monte-Cristo, com um daqueles sorrisos que um pintor nunca conseguirá reproduzir e que um fisionomista desesperará sempre de analisar.

- Se não receasse cansar o Sr. Conde - disse o general, evidentemente cativado pelas maneiras de Monte-Cristo -, o levaria à Câmara. Há hoje uma sessão curiosa para quem não conhece os nossos senadores modernos.

- Ficarei muito reconhecido, senhor, se se dignar a renovar o convite em outro momento; mas hoje lisonjeia-me tanto a esperança de ser apresentado à Sra Condessa que prefiro esperar.

- Oh, aí está a minha mãe! - exclamou o visconde.

Com efeito, ao virar-se rapidamente, Monte-Cristo viu a Sra de Morcerf à entrada da sala, no limiar da porta oposta àquela por onde entrara o marido. imóvel e pálida, deixou, quando Monte-Cristo se virou para ela, cair o braço que, sem que se soubesse porquê, apoiara na ombreira dourada. Estava ali havia alguns segundos e ouvira as últimas palavras pronunciadas pelo visitante transalpino.

Este levantou-se e cumprimentou profundamente a condessa, que se inclinou por seu turno, muda e cerimoniosa.

- Meu Deus, senhora, que tem? - perguntou o conde. - Será por acaso o calor desta sala que a incomoda?

- Sente-se mal, minha mãe? - perguntou o visconde, correndo ao encontro de Mercedes.

Ela agradeceu a ambos com um sorriso.

- Não - disse --, mas experimentei certa emoção ao ver pela primeira vez aquele sem cuja intervenção estaríamos agora mergulhados em lágrimas e em luto. Senhor - continuou a condessa, adiantando-se com a majestade de uma

rainha -, devo-lhe a vida do meu filho e por esse benefício o abençoo. Além disso, agradeço-lhe o prazer que me proporcionou dando-me ensejo de lhe agradecer como o abençoei, isto é, do fundo do coração.

O conde inclinou-se novamente, ainda mais do que da primeira vez. Estava ainda mais pálido do que Mercedes.

- Minha senhora - disse --, o Sr. Conde e V. Exa recompensam-me com excessiva generosidade de uma ação muito simples. Salvar um homem, poupar sofrimentos a um pai e a sensibilidade de uma mulher não é de modo algum uma boa ação, é praticar um ato de humanidade.

A estas palavras, pronunciadas com uma doçura e uma delicadeza requintadas, respondeu a Sra de Morcerf em tom comovido:

- É deveras feliz o meu filho em o ter como amigo, senhor, e agradeço a Deus ter feito as coisas assim.

E Mercedes ergueu os seus belos olhos ao céu com uma gratidão tão infinita que o conde julgou ver tremer neles duas lágrimas.

O Sr. de Morcerf aproximou-se dela.

- Minha senhora - disse - , já apresentei as minhas desculpas ao Sr. Conde por ser obrigado a deixá-lo, e peço-lhe que as renove. A sessão abriu às duas horas, são três e devo falar.

- Vá, senhor. Procurarei fazer esquecer a sua ausência ao nosso hóspede - respondeu a condessa no mesmo tom comovido. - Sr. Conde - continuou virando-se para Monte-Cristo - quer dar-nos a honra de passar o resto do dia conosco?

- Obrigado, minha senhora, e peço-lhe que acredite que não poderia estar-lhe mais reconhecido do que estou pelo seu convite. Mas apeei-me esta manhã à sua porta da minha carruagem de viagem. Como estou instalado em Paris? Ignoro. Onde estou? Mal o sei. Trata-se de uma preocupação superficial, bem sei, mas mesmo assim apreciável.

- Teremos esse prazer outra vez, pelo menos, promete-nos? - pediu a condessa.

Monte-Cristo inclinou-se sem responder, mas o gesto podia passar por um assentimento.

- Então não o retenho mais, senhor - disse a condessa pois não quero que o meu reconhecimento se transforme numa indiscrição ou numa importunidade.

- Meu caro conde - disse Albert --, se me permite, tentarei retribuir-lhe em Paris a sua graciosa cortesia de Roma e pôr o meu cupe à sua disposição até que tenha tempo de adquirir as suas carruagens e os seus cavalos.

- Mil vezes obrigado pela sua gentileza, visconde - agradeceu Monte-Cristo --, mas presumo que o Sr. Bertuccio terá empregado convenientemente as quatro horas e meia que acabo de lhe proporcionar e que encontrarei à porta uma carruagem com os respectivos cavalos.

Albert estava habituado a estas saídas da parte do conde; sabia que era como Nero na busca do impossível e já nada o surpreendia. No entanto, quis ver pessoalmente de que forma as ordens do conde tinham sido cumpridas e acompanhou-o à porta do palácio.

Monte-Cristo não se enganara. Assim que aparecera na antecâmara do conde de Morcerf, um lacaio, o mesmo que em Roma levara a carta do conde aos dois jovens e lhes anunciara a sua visita, correra para fora do peristilo, de forma

que ao chegar à escadaria o ilustre viajante encontrou efetivamente a sua carruagem à sua espera.

Era um cupe saído das oficinas de Keller e uma parelha que ainda na véspera Drake recusara vender por dezoito mil francos, conforme sabiam todos os “leões” de Paris.

- Senhor - disse o conde a Albert --, não o convido para me acompanhar a minha casa, porque só lhe poderia mostrar uma casa improvisada, e como sabe tenho, no tocante a improvisações, uma reputação a defender. Conceda-me um dia e prometo-lhe então convidá-lo. Estarei assim mais certo de não faltar às leis da hospitalidade.

- Se me pede um dia, Sr. Conde, posso estar tranquilo; já não será uma casa que me mostrará, será um palácio. Decididamente, o senhor tem qualquer gênio à sua disposição.

- Por favor, deixe que acreditem nisso - pediu Monte-Cristo, pondo o pé no estribo guarnecido de veludo da sua esplêndida carruagem. - Sempre me beneficiará um pouco junto das senhoras.

E entrou na carruagem, que se fechou atrás dele e partiu a galope, mas não tão depressa que o conde não visse o movimento imperceptível que fez tremer o reposteiro da sala onde deixara a Sra de Morcerf.

Quando Albert voltou para junto da mãe encontrou a condessa no boudoir, enterrada numa grande poltrona de veludo. Todo o aposento mergulhado em sombra, só deixava ver o reflexo cintilante emitido aqui e ali pelo ventre de qualquer jarrão ou pelo canto de alguma moldura dourada.

Albert não pode ver o rosto da condessa, oculto numa nuvem de gaza que ela enrolara à volta do cabelo como uma auréola vaporosa, mas pareceu-lhe que tinha a voz alterada. Distinguiu também, entre os perfumes das rosas e dos heliotrôpios da jardineira, o cheiro acre e penetrante dos sais de vinagre. Com efeito, o frasco da condessa, tirado da sua capa de chagrém e colocado numa das taças cinzeladas da
chaminé, atraiu a atenção inquieta do jovem.

- Dói-lhe alguma coisa, minha mãe? - perguntou assim que entrou. - Sentiu-se mal durante a minha ausência?

- Eu? Não, Albert. Mas, compreenda, estas rosas, estas tuberosas e estas flores de laranjeira exalam durante estes primeiros calores, a que não estamos habituados, um perfume tão intenso...

- Então, minha mãe - perguntou Morcerf, levando a mão à campainha - é preciso mandar levá-las para a sua antecâmara. Está realmente indisposta. Há pouco, quando entrou, estava muito pálida.

- Estava pálida?

- De uma palidez que lhe fica maravilhosamente, minha mãe, mas que nem por isso nos assustou menos, a meu pai e a mim.

- O teu pai falou-te disso? - perguntou vivamente Mercedes.

- Não, senhora, mas foi a si própria, lembre-se, que ele fez essa observação.

- Não me recordo - disse a condessa.

Entrou um criado. Acudia ao toque de campainha de Albert.

- Leve estas flores para a antecâmara ou para o quarto de vestir - ordenou

o visconde. - Incomodam a Sra Condessa.

O criado obedeceu.

Seguiu-se um longo silêncio, que durou durante todo o tempo que levou a transferir as flores.

- Que nome é esse de Monte-Cristo? - perguntou a condessa, quando o criado saiu levando a última jarra de flores. - é um nome de família, o nome de uma terra ou um simples título?

- Creio que é apenas um título, minha mãe. O conde comprou uma ilha no arquipélago toscano e, segundo ele próprio dizia esta manhã, instituiu uma comendadoria. Como sabe, isso era prática corrente em Santo Estêvão de Florença, S. Jorge Constantiniano de Parma e até na Ordem de Malta. Aliás, não tem nenhuma pretensão à nobreza e diz-se um conde de acaso, embora a opinião geral em Roma seja que o conde é um grande senhor.

- As suas maneiras são excelentes - declarou a condessa. - Pelo menos segundo me foi dado apreciar nos curtos instantes em que aqui esteve.

- Oh, perfeitas, minha mãe! Tão perfeitas até que excedem em muito tudo o que tenho conhecido de mais aristocrático nas três nobrezas mais orgulhosas da Europa, isto é, na nobreza inglesa, na nobreza espanhola e na nobreza alemã.

A condessa refletiu um instante e depois de curta hesitação prosseguiu:

- Como compreenderá, meu querido Albert, a pergunta que vou fazer é uma pergunta de mãe. Conviveste de perto com o Sr. de Monte-Cristo e possui a perspicácia, a experiência do mundo e mais tato do que é habitual na tua idade. Acha que o conde é o que parece realmente ser?

- E que parece ele?

- Você próprio o disse há pouco: um grande senhor.

- Disse-lhe, minha mãe, que o consideravam como tal.

- Mas qual é a sua opnião, Albert?

- Confesso-lhe que não tenho opinião formada a seu respeito. Julgo que é maltez.

- Não te perguntei qual era a sua origem; interrogo-te acerca da sua pessoa.

- Ah, acerca da sua pessoa é diferente! Tenho visto tantas coisas estranhas nele que, se quer que lhe diga o que penso, respondo-lhe que o compararia sem custo com um desses homens de Byron, que a desgraça marcou com o seu selo fatal; com um Manfredo, com um Lara, com um Werner; com um desses “restos”, enfim, de qualquer velha família que, privados da fortuna paterna, arranjaram outra a poder do seu espírito aventureiro, que os colocou acima das leis da sociedade.

- Diz...

- Digo que Monte-Cristo é uma ilha no meio do Mediterrâneo, sem habitantes, sem guarnição, covil de contrabandistas de todas as nações, de piratas de todos os países. Quem sabe se esses dignos industriais não pagam ao seu senhor um direito de asilo?

- É possível - admitiu a condessa, pensativa.

- Mas não importa - prosseguiu o jovem. - Contrabandista ou não, tem de admitir, minha mãe, uma vez que o viu, que o Sr. Conde de Monte-Cristo é um homem notável e que terá o maior êxito nos salões de Paris. Olhe, esta manhã

mesmo, nos meus aposentos, inaugurou a sua entrada na sociedade enchendo de estupefação até Château-Renaud.

- Que idade pode ter o conde? - perguntou Mercedes, ligando visivelmente grande importância à pergunta.

- Trinta e cinco a trinta e seis anos, minha mãe.

- Tão novo? É impossível! - perguntou Mercedes, respondendo ao mesmo tempo ao que lhe dizia Albert e ao que dizia o seu próprio pensamento.

- Mas é verdade. Disse-me três ou quatro vezes, e decerto sem premeditação, que em tal época tinha cinco anos, noutra dez e noutra doze. E eu, a quem a curiosidade mantinha atento a tais pormenores, comparei as datas e nunca o apanhei em falta. A idade daquele homem singular, que não tem idade, é pois, estou certo, de trinta e cinco anos. De resto, lembre-se, minha mãe, como o seu olhar é vivo, como os seus cabelos são pretos e como a sua testa, apesar de pálida, não tem rugas. Trata-se de uma natureza não só vigorosa, mas também jovem.

A condessa baixou a cabeça como que sob uma vaga demasiado pesada de pensamentos amargos.

- E esse homem te concedeu a sua amizade, Albert? - perguntou, com um arrepio nervoso.

- Creio que sim, senhora.

- E você... também gosta dele?

- Inspira-me simpatia, senhora, apesar de Franz de Epinay o querer fazer passar a meus olhos por um homem vindo do outro mundo.

A condessa esboçou um gesto de terror.

- Albert - disse com voz alterada --, sempre te recomendei que tivesses cuidado com os novos conhecimentos. Agora é um homem e poderias dar-me conselhos a mim própria; no entanto, repito-te: sê prudente, Albert.

- Para que o conselho me fosse útil seria necessário, querida mãe, que soubesse antecipadamente de que me devo acautelar. O conde nunca joga, o conde só bebe água dourada por uma gota de vinho espanhol, o conde declarou-se tão rico que me não poderia pedir dinheiro emprestado sem cair no ridículo. Que quer que tema da parte do conde?

- Tem razão - reconheceu a condessa - e os meus terrores são loucos em tomarem por alvo um homem que ainda por cima te salvou a vida. A propósito, o teu pai recebeu-o bem, Albert? É importante que sejamos mais do que delicados com o conde. Ora, o Sr. de Morcerf anda às vezes preocupado, os seus negócios absorvem-no, e poderia sem querer...

- O meu pai foi perfeito, senhora - interrompeu-a Albert. - Direi mais: pareceu ficar infinitamente lisonjeado com dois ou três cumprimentos deveras hábeis que o conde insinuou com tanta felicidade como a propósito, como se o conhecesse há trinta anos. Cada uma daquelas flechazinhas elogiosas deve ter deleitado o meu pai - acrescentou Albert, rindo --, de modo que se separaram os melhores amigos do mundo, a ponto de o Sr. de Morcerf até querer levá-lo à Câmara para que o ouvisse discursar.

A condessa não respondeu; estava absorta numa meditação tão profunda que fechara mesmo os olhos pouco a pouco. De pé, diante dela, o jovem olhava-a com esse amor filial mais terno e afetuoso nos filhos cujas mães ainda são novas

e belas. Depois de ve-la fechar os olhos, ouviu-a respirar um instante na sua suave imobilidade, até que, julgando-a a dormitar, se afastou nas pontas dos pés e fechou cautelosamente a porta da divisão onde deixava a mãe.

- Diabo do homem - murmurou abanando a cabeça --, bem lhe predisse em Roma que causaria sensação na sociedade. Avalio o seu efeito por um termômetro infalível: a minha mãe notou-o, e se o notou é porque deve ser notável.

E desceu às cavalariças com o secreto despeito de, sem seque ter pensado nisso, o conde de Monte-Cristo ter comprado uma parelha que remetia os seus baios para segundo lugar no espírito dos conhecedores.

- Decididamente - disse --, os homens não são todos iguais. Tenho de pedir ao meu pai que desenvolva este teorema na Câmara Alta.

Capítulo XLII

O Sr. Bertuccio

Entretanto, o conde chegara em casa, depois de gastar seis minutos no caminho. Mas esses seis minutos tinham bastado para ser visto por vinte jovens que, conhecedores do preço da parelha que eles próprios não tinham podido comprar, haviam posto a montaria a galope para ver quem era o grande senhor que adquirira para seu uso cavalos de dez mil francos cada um.

A casa escolhida por Ali e que devia servir de residência ao conde Monte-Cristo ficava situada à direita, subindo os Campos Elísios, entre pátio e jardim. Um maciço muito frondoso que se erguia no meio do pátio ocultava parte da fachada. Partindo desse maciço abriam-se como dois braços duas alamedas que se prolongavam à direita e à esquerda e conduziam as carruagens, uma vez transposto o portão, a uma dupla
escadaria, em cada degrau da qual se via um vaso de porcelana cheio de flores. A casa, isolada no meio de um grande espaço, tinha, além da entrada principal, outra pela Rua de Ponthieu.

Antes mesmo do cocheiro chamar o porteiro, o portão maciço girou nos gonzos: tinham visto aproximar-se o conde e, em Paris como em Roma, como em toda aparte, ele era servido com a rapidez do relâmpago. O cocheiro entrou, descreveu o semicírculo sem diminuir o andamento e o portão já se fechara quando as rodas ainda rangiam no saibro da alameda.

A carruagem parou do lado esquerdo da escadaria. Apareceram dois homens à portinhola: um era Ali, que sorriu ao amo com incrível expressão de alegria e se considerou pago com um simples olhar de Monte-Cristo; o outro cumprimentou humildemente e ofereceu o braço ao conde para o ajudar a descer a carruagem.

- Obrigado, Sr. Bertuccio - agradeceu o conde, saltando agilmente os três degraus do estribo. - O tabelião?

- Está na salinha, Excelência - respondeu Bertuccio.

- E os cartões de visita que lhe disse mandasse gravar assim que soubesse

o número da casa?

- Já mandei faze-los, Sr. Conde. Procurei o melhor gravador do Palais-Royal, que executou a chapa diante de mim. O primeiro cartão tirado foi imediatamente levado, conforme as suas ordens, ao Sr. Barão Danglars, deputado, residente na Rua da Chauss,e-d'Antin, nº 7. Os outros estão em cima da chaminé
do quarto de V. Exª .

- Muito bem. Que horas são?

- Quatro horas.

Monte-Cristo entregou as luvas, o chapéu e a bengala ao mesmo criado francês que correra para fora da antecâmara do conde de Morcerf a fim de chamar a carruagem e entrou na salinha, acompanhado por Bertuccio, que lhe mostrou o caminho.

- Que mármores pobres os desta antecâmara - observou Monte-Cristo. - Espero que mandem substituir tudo isto.

Bertuccio inclinou-se. Como dissera o intendente, o tabelião esperava na salinha.

Era uma respeitável figura de segundo ajudante de tabelião em Paris, elevado à dignidade intransponível de tabelião dos subúrbios.

- O senhor é o tabelião encarregado de vender a casa de campo que pretendo comprar? - perguntou Monte-Cristo.

- Sou, sim, Sr. Conde - respondeu o tabelião.

- A escritura de venda está pronta?

- Está sim, Sr. Conde.

- Trouxe-a?

- Aqui está.

- Perfeitamente. E onde fica essa casa que vou comprar? - perguntou negligentemente Monte-Cristo, dirigindo-se em parte a Bertuccio e em parte ao tabelião.

O intendente fez um gesto que significava: “Não sei.”

O tabelião olhou Monte-Cristo com espanto.

- Como, o Sr. Conde não sabe onde fica a casa que vai comprar? - perguntou.

- Palavra que não - respondeu o conde.

- o Sr. Conde não a conhece?

- E como diabo a devia conhecer se cheguei de Cádiz esta manhã, nunca vim a Paris e é a primeira vez que ponho os pés na França?

- Isso então é outra coisa - perguntou o tabelião. - A casa que o Sr. Conde vai comprar está situada em Auteuil.

Ao ouvir estas palavras, Bertuccio empalideceu visivelmente.

- E onde fica Auteuil? - perguntou Monte-Cristo.

- A dois passos daqui, Sr. Conde-respondeu o tabelião. - Um pouco depois de Passy, numa situação encantadora, no meio do Bosque de Bolonha.

- Tão perto? - estranhou Monte-Cristo. - Mas isso não é campo.

- Eu?! - exclamou o intendente, com estranha precipitação. - Não foi a mim que o Sr. Conde encarregou de escolher essa casa. Digne-se o Sr. Conde recordar-se, procurar na memória, recorrer aos seus próprios apontamentos.

- Tem razão, agora me lembro! - disse Monte-Cristo. - Li um anúncio no jornal e deixei-me seduzir pelo título mentiroso: “Casa de campo.”

- Ainda há tempo de desistir - interveio vivamente Bertuccio. - Se V. Exª me quiser encarregar de procurar em outro lado, lhe arranjarei o que houver de melhor, quer em Enghien, quer em Fontenay-aux-Roses, quer em Bellevue.

- Não vale a pena - perguntou Monte-Cristo, despreocupadamente. - já que me saiu esta na rifa, ficarei com ela.

- E tem razão, senhor - declarou vivamente o tabelião, que receava perder os seus honorários. - É uma propriedade encantadora: muita água, bosques frondosos, habitação confortável, apesar de abandonada há muito tempo... sem contar com o mobiliário, que, por mais velho que seja, tem valor, sobretudo hoje que todas as pessoas procuram antiguidades. Perdão, mas julgo que o Sr. Conde tem o gosto da sua época.

- Diga que ainda tenho - corrigiu Monte-Cristo. - É então aceitável?

- Oh, senhor, é melhor do que isso, é magnífica!

- Pronto, não percamos semelhante oportunidade - disse Monte-Cristo. - A escritura, por favor, Sr. tabelião.

E assinou-a rapidamente, depois de deitar uma olhadela ao lugar onde figuravam a situação da casa e os nomes dos proprietários.

- Bertuccio, dê cinquenta e cinco mil francos a este senhor.

O intendente saiu com passo pouco firme e voltou com um maço de notas, que o tabelião contou como homem habituado a receber o seu dinheiro apenas depois de cumpridas todas as formalidades legais.

- E agora. Está tudo em ordem? - perguntou o conde.

- Tudo, Sr. Conde.

- Tem as chaves?

- Estão em poder do porteiro que guarda a casa, mas aqui está uma ordem minha para entregá-las ao novo proprietário.

- Muito bem.

E Monte-Cristo fez ao tabelião um sinal de cabeça que queria dizer: “Já não preciso de si, pode ir embora.”

- Mas - arriscou o respeitável tabelião - parece-me que o Sr. Conde se enganou: ao todo são apenas cinquenta mil francos.

- E os seus honorários?

- Estão incluídos nesta importância, Sr. Conde.

- Mas o senhor não veio de Autouil até aqui?

- Vim, sem dúvida.

- Nesse caso, devo lhe pagar o incômodo - perguntou o conde.

E despediu-o com um aceno.

O tabelião saiu às arrecuas e inclinando-se até ao chão. Era a primeira vez, desde que assumira as suas funções, que encontrava um cliente assim.

- Acompanhe esse senhor - ordenou o conde a Bertuccio.

O intendente saiu atrás do tabelião.

Assim que ficou só, o conde tirou da algibeira uma carteira com fechadura, que abriu com uma chavinha que trazia ao pescoço e de que nunca se separava.

Depois de procurar um instante, deteve-se numa folha de papel com alguns apontamentos, que confrontou com a escritura de venda que estava em cima da

mesa, e, apelando para as suas recordações, murmurou:

- Auteuil, Rua de la Fontaine, nº 28... É isto, não há dúvida. E agora, deverei confiar numa confissão arrancada pelo terror religioso ou pelo terror físico? Enfim, dentro de uma hora saberei tudo. Bertuccio! - chamou, batendo com uma espécie de martelinho de cabo dobrável numa campainha, que emitiu um som agudo e prolongado, semelhante ao de um gongo. - Bertuccio!

O intendente apareceu no limiar.

- Sr. Bertuccio, não me disse uma vez que já viajara na França? - perguntou o conde.

- Por certas partes da França, sim, Excelência.

- Conhece os arredores de Paris, sem dúvida?

- Não, Excelência, não - respondeu o intendente, com uma espécie de tremor nervoso que Monte-Cristo, bom conhecedor de emoções, atribuiu, e com razão, a uma grande inquietação.

- É deplorável que nunca tenha visitado os arredores de Paris, pois desejo visitar esta mesma tarde a minha nova propriedade, e acompanhando-me me daria sem dúvida informações úteis.

- Ir a Auteuil?! - exclamou Bertuccio, cujo rosto acobreado se tornou quase lívido. - Eu, ir a Auteuil?!

- Então, que tem de extraordinário que vá a Auteuil, quer me dizer? Quando eu residir em Auteuil terá de ir até lá, uma vez que faz parte do pessoal.

Bertuccio baixou a cabeça diante do olhar imperioso do amo e ficou imóvel, sem responder.

- Esta agora! Que mosca lhe mordeu? Terei de tocar segunda vez a chamar a carruagem? - disse Monte-Cristo no tom com que Luís XIV pronunciou o famoso: “Quase esperei! “

Bertuccio não deu mais do que um salto da salinha à antecâmara, e gritou com a voz rouca:

- Os cavalos de Sua Excelência!

Monte-Cristo escreveu duas ou três cartas. Quando lacrava a última, o intendente reapareceu.

- A carruagem de Sua Excelência está na porta - anunciou.

- Muito bem! Pegue nas suas luvas e no seu chapéu - ordenou Monte-Cristo.

- Vou com o Sr. Conde? - surpreendeu-se Bertuccio.

- Sem dúvida. Tem de dar as suas ordens, pois conto habitar aquela casa.

Não havia exemplo de alguém ter replicado a uma ordem do conde. Por isso, sem fazer qualquer objeção, o intendente seguiu o amo, que seguiu para a carruagem e lhe fez sinal para o acompanhar. O intendente sentou-se respeitosamente no banco da frente.

Capítulo

A casa de Auteuil

Monte-Cristo notara que ao descer a escadaria Bertuccio se benzera à moda dos Corsos, isto é, cortando o ar em cruz com o polegar, e que ao tomar o seu lugar na carruagem murmurara muito baixo uma curta prece. Qualquer outro que não fosse um homem curioso teria compaixão da singular repugnância manifestada pelo digno intendente acerca do passeio extra muros planejado pelo conde; mas, ao que parece, este era demasiado curioso para dispensar Bertuccio daquela viagenzinha.

Dentro de vinte minutos estavam em Auteuil. A emoção do intendente fora sempre aumentando. Quando entraram na aldeia, Bertuccio, encolhido no canto da carruagem, começou a examinar febrilmente todas as casas diante das quais passavam.

- Mande parar na Rua de la Fontaine, no nº 28 - ordenou o conde, cravando implacavelmente o olhar no intendente.

O rosto de Bertuccio cobriu-se de suor; no entanto, obedeceu e, debruçando-se da carruagem, gritou ao cocheiro:

- Rua de la Fontaine, nº 28!

O nº 28 ficava na extremidade da aldeia. Durante a viagem anoitecera, ou antes, uma nuvem negra carregada de eletricidade dava às trevas prematuras a aparência e a solenidade de um episódio dramático.

A carruagem parou e o trintanário precipitou-se para a portinhola, que abriu.

- Então, não desce, Sr. Bertuccio? Tenciona ficar na carruagem! Em que diabo pensa esta noite? - disse o conde.

Bertuccio precipitou-se para a portinhola e ofereceu o ombro ao conde, que desta vez se apoiou nele e desceu um a um os três degraus do estribo.

- Bata e anuncie-me - ordenou o conde.

Bertuccio bateu, a porta abriu-se e o porteiro apareceu.

- Quem é? - perguntou.

- É o seu novo amo, bom homem - respondeu o trintanário, e estendeu ao porteiro o bilhete de apresentação dado pelo tabelião.

- Então a casa foi vendida? - perguntou o porteiro. - E é esse senhor que a vem habitar?

- Sou, sim, meu amigo - respondeu o conde. - E procurarei que não tenha saudades do seu antigo amo.

- Oh, senhor, as saudades já eram poucas, pois o víamos muito raramente! - perguntou o porteiro. - há mais de cinco anos que não vinha aqui e fez muito bem em vender uma casa que lhe não rendia absolutamente nada.

- Como se chamava o seu antigo amo? - perguntou Monte-Cristo.

- Era o Sr. Marquês de Saint-Méran. Oh, com certeza não vendeu a casa pelo que ela lhe custou!

- O marquês de Saint-Méran... - repetiu Monte-Cristo. - Parece que esse nome não é desconhecido. O marquês de Saint-Méran...

Pareceu procurar na memória.

- Um velho fidalgo - continuou o porteiro --, um fiel servidor dos Bourbons. Tinha uma filha única, que casou com o Sr. de Villefort, que foi procurador régio em Nímes e depois em Versalhes.

Monte-Cristo deitou um olhar a Bertuccio, que encontrou mais lívido do que a parede a que se encostara para não cair.

- Mas essa filha não morreu? - perguntou Monte-Cristo. - Parece-me que ouvi dizer isso.

- Sim, senhor, há vinte e um anos, e desde então não vimos mais de três vezes o pobre marquês.

- Obrigado, obrigado - agradeceu Monte-Cristo, considerando, em vista da prostração do intendente, que não devia esticar mais a corda, pois poderia quebrá-la. - Obrigado! Arranje-me luz, bom homem.

- Devo acompanhar o senhor?

- Não, é inútil. Bertuccio me iluminará.

E Monte-Cristo acompanhou estas palavras da oferta de duas moedas de ouro, que provocaram uma explosão de bênçãos e suspiros.

- Ah, senhor, não tenho velas aqui! - exclamou o porteiro depois de procurar inutilmente no rebordo da chaminé e nas prateleiras contíguas.

- Traga uma das lanternas da carruagem, Bertuccio, e mostre-me as casas - ordenou o conde.

O intendente obedeceu sem comentários, mas era fácil de ver, pela tremura da mão que segurava a lanterna, o que lhe custava obedecer.

Percorreram o térreo, bastante vasto; o primeiro andar, composto de uma sala, uma casa de banho e dois quartos. Um dos quartos comunicava com uma escada de caracol, que terminava no jardim.

- Olha, uma escada de comunicação - observou o conde. - Não deixa de ser cômodo... Ilumine-me, Sr. Bertuccio. Passe adiante e vejamos aonde nos leva esta escada.

- Vai dar ao jardim, senhor - informou Bertuccio.

- Como sabe isso, pode me dizer?

- Isto é, deve dar...

- Bom, verifiquemos.

Bertuccio soltou um suspiro e foi à frente. A escada terminava efetivamente no jardim.

O intendente parou junto da porta exterior.

- Vamos, Sr. Bertuccio! - chamou-o o conde.

Mas o homem estava acabrunhado, aparvalhado, aniquilado. Os seus olhos alucinados procuravam à sua volta como que os vestígios de um passado terrível, e com as mãos crispadas parecia repelir recordações horríveis.

- Então? - insistiu o conde.

- Não! Não! - gritou Bertuccio, pousando a mão na esquina do muro interior.- Não, senhor, não irei mais longe, é impossível!

- Que está dizendo? - inquiriu a voz irresistível de Monte-Cristo.

- O senhor bem vê que nada disto é natural! - exclamou o intendente. - Que querendo comprar uma casa em Paris fosse comprar precisamente em Auteuil, e que comprando-a em Auteuil essa casa fosse o nº 28 da Rua de la Fontaine! Oh, porque lhe não disse tudo antes, senhor?! Com certeza não teria exigido que eu viesse. Esperava que a casa do Sr. Conde fosse outra e não esta. Como se não existisse outra casa em Auteuil além da do assassínio!

- Oh! Oh! - exclamou o conde, parando de súbito. - Que palavra horrível acaba de pronunciar! Diabo de homem! Corso de uma figa! Sempre mistérios ou superstições! Vamos, pegue a lanterna e visitemos o jardim. Espero que não

tenha medo na minha companhia!

Bertuccio pegou na lanterna e obedeceu.

Aberta a porta, depararam com um céu baço, no qual a Lua se esforçava em vão por lutar contra um mar de nuvens que a cobriam com as suas vagas sombrias, que iluminava um instante e em seguida desapareciam, ainda mais escuras, nas profundezas do infinito.

O intendente quis seguir pela esquerda.

- Não, senhor - disse Monte-Cristo. - Para que havemos de ir pelas alamedas? Temos aqui um excelente relvado, sigamos em frente.

Bertuccio enxugou o suor que lhe escorria da testa, mas obedeceu. No entanto, continuava a dirigir-se para a esquerda. Monte-Cristo, pelo contrário, dirigia-se para a direita. Chegado junto de um maciço de árvores deteve-se.

O intendente não se conteve.

- Afaste-se, senhor! - gritou. - Afaste-se, suplico-lhe! Está precisamente no lugar!

- Qual lugar?

- Mesmo no lugar onde ele caiu.

- Meu caro Sr. Bertuccio - perguntou Monte-Cristo, rindo domine-se, peço-lhe. Não estamos aqui em Sartêne ou na Corte. Isto não é de modo algum um matagal, mas sim um jardim inglês, mal conservado, admito, mas que lá por isso é desculpado caluniar.

- Não fique aí senhor, não fique aí, suplico-lhe!

- Creio que enlouqueceu, mestre Bertuccio - declarou friamente o conde. - Se assim é, diga-me, pois o mandarei internar em qualquer manicômio antes que aconteça, alguma desgraça.

- Infelizmente, Excelência - disse Bertuccio abanando a cabeça e agitando as mãos, numa atitude que faria rir o conde se pensamento de interesse superior o não tivessem dominado naquele momento e tornado atentíssimo às mais pequenas expansões daquela consciência timorata --, infelizmente Excelência, a desgraça já aconteceu.

- Sr. Bertuccio - disse o conde --, desculpe dizer-lhe que a gesticular dessa maneira torce os braços e rola os olhos como um possesso de cujo corpo o Diabo não quer sair. Ora, tenho verificado que quase sempre o Diabo mais agarrado ao seu lugar é um segredo. Sabia que o senhor era corso, via-o constantemente carrancudo e a ruminar qualquer velha história de vendetta, e desculpava-lhe isso na Itália, porque na Itália essas coisas são compreensíveis, mas na França o assassinato é geralmente considerado de muito mau gosto. Há guardas que se ocupam dele, juizes que o condenam e cadafalsos que o vingam.

Bertuccio juntou as mãos, e como, ao executar as suas diversas evoluções, não largava a lanterna, a luz iluminou-lhe o rosto transtornado.

Monte-Cristo examinou-o com o mesmo olhar com que em Roma assistira ao suplício de Andrea. Depois, num tom de voz que fez correr um novo arrepio pelo corpo do pobre intendente, disse:

- O abade Busoni mentiu-me, portanto, quando, depois da sua viagem a França em 1829, o mandou ter comigo com uma carta de recomendação em que me louvava as suas preciosas qualidades. Pois bem, vou escrever ao abade. E o tornarei responsável pelo seu protegido e saberei sem dúvida que caso de

assassnato é esse. Mas desde já o previno, Sr. Bertuccio, que quando visito um país tenho o hábito de respeitar as suas leis e que não tenho vontade de, por sua causa, arranjar problemas com a justiça francesa.

- Não faça isso, Excelência! Tenho-o servido fielmente, não é verdade? - protestou Bertuccio, desesperado. - Tenho sido sempre um homem honesto e até praticado o máximo de boas ações ao meu alcance.

- Não digo que não - perguntou o conde --, mas por que diabo está agitado dessa maneira? E mau sinal: - uma consciência pura não traz tanta palidez às faces nem tanta febre às mãos de um homem...

- Mas, Sr. Conde - contrapós Bertuccio, hesitante --, não foi o senhor mesmo quem me disse que o Sr. Abade Busoni, que ouviu a minha confissão nas prisões de Nímes, o prevenira, ao mandar-me ter consigo, de que eu tinha um grande peso na consciência?

- Pois preveniu, mas como mo recomendava dizendo-me que seria um excelente intendente, julguei que tivesse roubado, apenas.

- Oh, Sr. Conde! - exclamou Bertuccio, com desdém.

- Ou que, como era corso, não tivesse podido resistir ao desejo de “fazer uma pele”, como dizem na Côrsega por antífrase, quando, pelo contrário, “desfazem” uma.

- Pois bem, sim, meu senhor, sim, meu bom senhor, é isso! - gritou Bertuccio, ajoelhando diante do conde. - Sim, foi uma vingança, juro-lhe, uma simples vingança.

- Compreendo, mas o que não compreendo é que seja precisamente esta casa a galvanizá-lo a esse ponto.

- Mas, senhor, não é isso tudo quanto há de mais natural, se foi nesta casa que a vingança se consumou?

- O quê, na minha casa?!

- Oh, senhor, ela ainda lhe não pertencia -- respondeu ingenuamente Bertuccio.

- De quem era então? Do Sr. Marquês de Saint-Méran, creio que foi o que nos disse o porteiro. Que diabo tinha o senhor contra o marquês de Saint-Méran para querer se vingar dele?

- Oh, não era dele, senhor, era do outro!

- Que estranha coincidência - murmurou Monte-Cristo, parecendo submeter-se às suas reflexões - vir ter por acaso, sem qualquer preparação, a uma casa onde se deu uma cena que lhe causa tão horríveis remorsos...

- Senhor, tenho certeza de que é à fatalidade que se deve tudo isto - declarou o intendente. - O senhor começa por comprar uma casa precisamente em Auteuil, e essa casa é aquela onde cometi um assassinato; depois, o senhor desce ao jardim precisamente pela escada que ele desceu, e para precisamente no lugar onde ele recebeu a punhalada... A dois passos daí, debaixo desse plátano, estava a cova onde ele acabava de enterrar a criança. Nenhuma dessas coisas se deve ao acaso, não, porque nesse caso o acaso se assemelharia demasiado à Providência.

- Vejamos então, Sr. Corso: suponhamos que tudo isto é obra da Providência; suponho sempre tudo o que quero... De resto, é necessário fazer concessões aos espíritos doentes. Vejamos, puxe pela memória e conte-me o que

se passou.

- Contei-o apenas uma vez e foi ao abade Busoni. Essas coisas - acrescentou Bertuccio, abanando a cabeça - só se dizem no segredo da confissão.

- Nesse caso, meu caro Bertuccio - perguntou o conde - achará natural que o devolva ao seu confessor. Fará com ele frade cartuxo ou bernardo e confiarão um ao outro os seus segredos. Pela minha parte, receio ter ao meu serviço um homem que tem medo de semelhantes fantasmas e não me agrada que o meu pessoal não se atreva a passear de noite no meu jardim. Depois, confesso, não apreciaria muito a visita de algum
comissário de polícia. Porque, tome nota disto, mestre Bertuccio: na Itália, só se paga à justiça quando ela se cala, mas na França só se paga, pelo contrário, quando ela fala. Julgava-o um bocadinho corso, muito contrabandista e habilíssimo intendente, mas verifico que ainda possui outras capacidades. Não quero mais nada consigo, Sr. Bertuccio.

- Oh, senhor, senhor! - exclamou o intendente, aterrorizado com semelhante ameaça. - Oh, se é preciso apenas isso para que continue ao seu serviço, falarei, direi tudo! E se o deixar, que seja para subir ao cadafalso.

- Bom, assim é diferente perguntou Monte-Cristo. - Mas se tenciona mentir, pense bem: será melhor não dizer nada.

- Não, senhor, juro-lhe pela salvação da minha alma que lhe direi tudo! Porque o abade Busoni só soube uma parte do meu segredo... Mas primeiro suplico-lhe que se afaste desse plátano. Veja, o luar vai embranquecer aquela nuvem, e aí, colocado como está, envolto nessa capa que me oculta a sua figura e a assemelha à do Sr. de Villefort...

- Como, isso passou-se com o Sr. de Villefort?! - exclamou Monte-Cristo.

- Vossa Excelência conhece-o?

- O antigo procurador régio de Nímes?

- Sim.

- Aquele que casou com a filha do marquês de Saint-Méran?

- Sim.

- E que no foro tinha fama de ser o mais honesto, o mais severo e o mais rígido magistrado?

- Bom, Sr. Conde - afirmou Bertuccio --, esse homem de reputação inatacável...

- Sim.

- Era um infame.

- Ora, ora, impossível! - perguntou Monte-Cristo.

-- Pois garanto-lhe que é como lhe digo.

- Deveras? - interessou-se Monte-Cristo. - E o senhor tem prova disso?

- Tinha-a, pelo menos.

- E perdeu-a, desastrado?

- Perdi. Mas procurando bem será possível reencontrá-la.

- Sim? - disse o conde. - Conte-me isso, Sr. Bertuccio, porque o caso começa realmente a interessar-me.

E o conde, cantarolando uma ariazinha da lucia foi sentar-se num banco, enquanto Bertuccio o seguia procurando reunir as suas recordações e ficava de

pé diante dele.

Capítulo XLIV

A “vendetta “

- Por onde deseja que comece, Sr. Conde? - perguntou Bertuccio.

- Por onde quiser - respondeu Monte-Cristo -, pois não sei absolutamente nada.

- Mas eu julgava que o Sr. Abade Busoni dissera a V. Exª ...

- Sim, contou-me alguns pormenores, sem dúvida, mas se passaram sete ou oito anos e esqueci tudo isso.

- Então posso, sem receio de aborrecer V. Exª ...

- Vamos, Sr. Bertuccio, vamos! Me servirá de jornal da noite...

- O caso remonta a 1815.

- Ah, ah, não se pode dizer que foi ontem, 1815! - exclamou Monte-Cristo.

- Não, senhor, e no entanto tenho tão presentes na memória os mais pequenos pormenores como se estivéssemos apenas no dia seguinte. Eu tinha um irmão mais velho, que estava a serviço do imperador. Tinha o posto de tenente num regimento constituído inteiramente por corsos. Esse irmão era o meu único amigo. Tínhamos ficado órfãos, eu aos cinco anos e ele aos dezoito, e ele me criou como se fosse seu filho. Em 1814, no tempo dos Bourbons, ele casou-se. O imperador regressou da ilha de Elba, o meu irmão voltou imediatamente ao serviço e, ferido ligeiramente em Waterloo, retirou-se com o Exército para la do Loire.

- Mas o que me está contando é a história dos Cem Dias, Sr. Bertuccio, e essa já está contada, se me não engano - observou o conde.

- Desculpe, Excelência, mas estes primeiros pormenores são necessários e o senhor prometeu-me ser paciente.

- Continue! Continue! Só tenho uma palavra.

- Um dia recebemos uma carta. Devo dizer-lhe que residíamos na aldeiazinha de Rogliano, na extremidade do cabo Corso. A carta era do meu irmão. Dizia-nos que o Exército fora desmobilizado e que regressava por Châteauroux, Clermond-Ferrand, Le Puy e Nímes. Pedia-me que no caso de dispor de algum dinheiro, que o mandasse para Nímes, ao cuidado de um estalajadeiro nosso conhecido, com o qual eu mantinha certas relações.

- De contrabando - acrescentou Monte-Cristo.

- Meu Deus, Sr. Conde, é preciso viver!

- Decerto. Continue.

- Eu gostava muito do meu irmão, como já lhe disse, Excelência. Por isso, resolvi não lhe mandar o dinheiro, mas sim levar-lhe eu mesmo. Possuía um milhar de francos, deixei quinhentos com Assunta, a minha cunhada, peguei os outros quinhentos e pus-me a caminho de Nímes. Era coisa fácil, pois tinha a minha barca e um carregamento para transportar. Tudo secundava o meu projeto. Mas uma vez a barca carregada,

começaram a soprar ventos contrários e estivemos quatro ou cinco dias sem poder entrar no Rôdano. Por fim conseguimos e subimos até Arles. Deixei a barca entre Bellegarde e Beaucaire e tomei o caminho de Nímes.

- Chegamos, não é verdade?

- Sim, senhor. Desculpe, mas como V. Exª verá, só lhe digo as coisas absolutamente necessárias. Ora, estava-se no momento dos famosos massacres do Meio-Dia. Andavam por lá dois ou três bandidos chamados Trestaillon, Truphemy e graffan, quem degolavam nas ruas todos aqueles que suspeitavam ser
bonapartistas. O Sr. Conde ouviu decerto falar desses assassínios?

- Vagamente. Estava muito longe da França nessa época. Continue.

- Quem entrava em Nímes caminhava literalmente sobre sangue. A cada passo se encontravam cadáveres. Os assassinos, organizados em quadrilhas, matavam, saqueavam e queimavam.

"Arrepiei-me ao ver aquela carnificina. Não por mim. Eu, simples pescador corso, não tinha grande coisa a temer. Pelo contrário, aqueles tempos eram bons para nós, contrabandistas. Mas temi pelo meu irmão, soldado do Império, de regresso do Exercito do Loire, com o seu uniforme e as suas dragonas, e
que, por consequência, tinha tudo a recear.

"Corri até a casa do nosso estalajadeiro. Os meus pressentimentos não me tinham enganado: o meu irmão chegara na véspera a Nímes e fora assassinado à porta daquele a quem ia pedir hospitalidade.

"Fiz tudo o que era possível para descobrir os assassinos, mas ninguém se atreveu a me dizer os seus nomes, de tal forma eram temidos. Lembrei-me então dessa justiça francesa de que tanto tinham me falado, que não teme nada, e fui ter com o procurador régio.

- E esse procurador régio chamava-se Villefort? - perguntou negligentemente Monte-Cristo.

- Chamava, Excelência. Viera de Marselha, onde fora substituto. O seu zelo valera-lhe a promoção. Dizia-se que fora dos primeiros a anunciar ao Governo o desembarque da ilha de Elba.

- Portanto - prosseguiu Monte-Cristo --, apresentou-se no seu gabinete.

"- Senhor - disse-lhe eu - o meu irmão foi assassinado ontem nas ruas de Nímes, não sei por quem, mas é sua missão sabê-lo. O senhor é aqui chefe da justiça e compete à justiça vingar aqueles que não soube defender.

"- E quem era o seu irmão? - perguntou o procurador régio.

"- O meu irmão era tenente do batalhão corso.

"- Um soldado do usurpador, portanto?

"- Um soldado dos exércitos franceses.

"- Bom - replicou ele - empunhou a espada, morreu pela espada.

"- Engana-se, senhor, morreu pelo punhal.

"- Que quer que faça? - respondeu o magistrado.

"- O que lhe disse: quero que o vingue.

"- E de quem?

"- Dos seus assassinos.

"- Não sei quem são!

"- Mande procurá-los.

“- Para quê? O seu irmão deve ter tido qualquer questão e bateu-se em duelo. Todos esses antigos soldados se entregam a excessos, de que se saíam bem no tempo do Império, mas de que se saem mal agora. O povo do Meio-Dia não gosta de soldados nem de excessos.

“- Senhor - insisti - não é por mim que lhe peço. Eu, chorarei ou me vingarei e pronto. Mas o meu pobre irmão tinha mulher. Se me acontecesse também alguma desgraça, essa pobre criatura morreria de fome, pois vivia exclusivamente dos ganhos do meu irmão. Obtenha-lhe uma pensão do Governo...

“- Cada revolução tem as suas catástrofes - respondeu o Sr. de Villefort. - O seu irmão foi vítima desta, foi uma infelicidade, mas o Governo não deve nada à família por isso. Se fossemos julgar todas as vinganças que os partidários do usurpador exerceram sobre os partidários do rei quando por sua vez dispunham do poder, o seu irmão talvez fosse hoje condenado à morte. O que aconteceu é naturalíssimo; é a lei das represálias.

“- O quê, senhor - gritei --, será possível que me fale assim, o senhor, um magistrado?!

“- Todos estes corsos são loucos, palavra de honra! - respondeu o Sr. de Villefort. - Julgam ainda que o seu compatriota é imperador. Engana-se no tempo, meu caro. Devia ter vindo dizer-me isso há dois meses. Hoje é demasiado tarde. Retire-se, portanto, porque se não se retirar, mandarei-o pôr para fora.

“Olhei-o um instante para ver se haveria alguma coisa a esperar de uma nova súplica. Mas aquele homem era de pedra. Aproximei-me dele e disse-lhe a meia voz:

“- Bom, uma vez que conhece os Corsos, deve saber que cumprem a sua palavra. Acha bom que tenham matado o meu irmão por ser bonapartista, porque o senhor é monárquico. Pois bem, eu que também sou banapartista, declaro-lhe uma coisa: que o matarei. A partir deste momento declaro-lhe a vendetta. Assim, acautele-se, tome o maior cuidado possível, porque da primeira vez que nos encontrarmos frente a frente soará a sua última hora.

“E dito isto, antes que se recompusesse da surpresa, abri a porta e fugi.

- Ah, ah! - exclamou Monte-Cristo. - Então o senhor, com essa cara de quem não quebra um prato, faz dessas coisas, Sr. Bertuccio? E a um procurador régio, ainda por cima! E ele sabia, ao menos, o que queria dizer a palavra vendetta?

- Sabia-o tão bem que a partir daquele momento nunca mais saiu sozinho. Fechou-se em casa e mandou-me procurar por toda a parte. Felizmente estava tão bem escondido que não conseguiu encontrar-me. Então, o medo apoderou-se dele e receou ficar mais tempo em Nímes. Solicitou a transferência e, como era de fato um homem influente, nomearam-no para Versalhes. Mas, como o senhor sabe, não há distâncias para um corso que jurou vingar-se do seu inimigo, e a sua carruagem, por melhor conduzida que fosse, nunca teve mais do que meio dia de avanço sobre mim, que no entanto a seguia a pé.

“O importante não era matá-lo; tive cem vezes oportunidade para isso. Mas era preciso matá-lo sem ser descoberto e sobretudo sem ser preso. Desde então já não me pertencia: tinha de proteger e sustentar a minha cunhada. Durante três meses vigiei o Sr. de Villefort; durante três meses não deu um passo, um passeio, sem que o meu olhar o não seguisse. Por fim, descobri que vinha misteriosamente

a Auteuil. Voltei a
segui-lo e vi-o entrar nesta casa onde estamos. Simplesmente, em vez de entrar como entraria qualquer pessoa, pela porta principal, vinha a cavalo ou de carruagem, deixava a carruagem ou o cavalo na estalagem e entrava por aquela portinha que vê ali.

Monte-Cristo acenou com a cabeça a confirmar que no meio da escuridão distinguia efetivamente a entrada indicada por Bertuccio.

- Como já não necessitava permanecer em Versalhes, instalei-me em Auteuil e informei-me. Se o queria apanhar, era evidentemente aqui que devia armar a minha cilada.

“- A casa pertencia, como o porteiro disse a V. Exª , ao Sr. de Saint-Méran, sogro de Villefort. O Sr. de Saint-Méran residia em Marselha, por consequência, esta casa de campo era-lhe inútil. Dizia-se por isso que a alugara a uma jovem viúva que todos conheciam apenas por "a baronesa".

“De fato, uma noite, espreitando por cima do muro, vi uma mulher nova e bonita passear sozinha neste jardim, que nenhuma janela estranha dominava. Olhava com frequência para o lado da portinha e compreendi que naquela noite esperava o Sr. de Villefort. Quando chegou suficientemente perto para, apesar do escuro, poder distinguir as feições, vi uma mulher nova e bonita, de dezoito ou dezenove anos, alta e loura. Como
trazia um simples penteador e nada lhe comprimia a cintura, pude notar que estava grávida e que a gravidez parecia até bastante adiantada.

“Pouco depois abriu-se a portinha. Entrou um homem. A jovem correu o mais depressa que pode ao seu encontro. Lançaram-se nos braços um do outro, beijaram-se ternamente e dirigiram-se juntos para a casa.

“Aquele homem era o Sr. de Villefort. Calculei que quando saísse, sobretudo se saísse alta noite, deveria atravessar sozinho o jardim em todo o seu comprimento.

- E soube depois o nome da mulher? - perguntou o conde.

- Não, Excelência - respondeu Bertuccio. - Como vai ver, não tive tempo de descobrir.

- Continue.

- Naquela noite - prosseguiu Bertuccio - talvez tivesse podido matar o procurador régio; mas ainda não conhecia suficientemente o jardim, em todos os seus pormenores, e receava não conseguir fugir se o não matasse depressa e alguém acorresse aos seus gritos. Adiei, pois, a morte para o próximo encontro, e para que nada me escapasse aluguei um quartinho com janela para a rua que corria ao longo do muro do jardim.

“Três dias depois, por volta das sete horas da tarde, vi sair da casa um criado a cavalo, que tomou a galope o caminho que levava à estrada de Sevres. Presumi que ia a Versalhes e não me enganava. Três horas mais tarde, outro homem a pé, envolto numa capa, abriu a portinha, que se fechou atrás dele.

“Desci rapidamente. Embora não tivesse visto o rosto de Villefort, reconheci-o pelas pulsações do meu coração. Atravessei a rua e alcancei um marco colocado na esquina do muro e com o auxílio do qual olhara pela primeira vez para o jardim

“Desta vez não me limitei a olhar - tirei a minha navalha da algibeira,

verifiquei se a ponta estava bem afiada e saltei por cima do muro.

“O meu primeiro cuidado foi correr para a porta. Tinha deixado a chave na fechadura e tomara a simples precaução de lhe dar duas voltas.

“Nada dificultava a minha fuga por aquele lado. Pus-me a estudar o local. O jardim formava um retângulo, tinha um relvado de fina relva inglesa no meio e aos cantos do relvado havia maciços de árvores de folhagem abundante e todas entrelaçadas de flores de Outono.

“Para ir da casa à portinha ou da portinha à casa, quer entrasse, quer saísse, o Sr. de Villefort era obrigado a passar junto de um dos maciços.

“Estavamos em fins de Setembro. O vento soprava com força. Um luar pálido e velado a cada instante por grossas nuvens que deslizavam rapidamente no céu clareava o saibro das alamedas que conduziam a casa, mas não conseguia penetrar nos maciços frondosos, nos quais se poderia esconder um homem sem receio de ser descoberto.

“Ocultei-me no que ficava mais perto da passagem de Villefort. Mal me instalei, julguei ouvir gemidos no meio das rajadas de vento que curvavam as árvores por cima da minha cabeça. Mas, como sabe, ou antes, não sabe, Sr. Conde, aquele que espera o momento de cometer um assassinato julga sempre ouvir gritos abafados no ar. Passaram duas horas durante as quais, por várias vezes, me pareceu ouvir os mesmos
gemidos. Deu-se a meia-noite.

“Quando o último som vibrava ainda, lúgubre e ressoante, vi um clarão iluminar as janelas da escada oculta pela qual descemos há pouco.

“A porta abriu-se e o homem da capa reapareceu. Chegara o terrível momento. Mas havia tanto tempo que me preparara para ele que nada em mim fraquejou. Puxei da navalha, abri-a e esperei.

“O homem da capa veio direito a mim. Mas à medida que avançava no espaço descoberto, julguei notar que trazia uma arma na mão direita. Tive medo, não de uma luta, mas sim de um malogro. Quando, porém, chegou apenas a alguns passos de num, verifiquei que o que tomara por uma arma não passava de uma enxada.

“Ainda não conseguira adivinhar com que fim o Sr. de Villefort trazia uma enxada na mão, quando ele parou na orla do maciço, deitou um olhar à sua volta e começou a abrir um buraco na terra. Foi então que descobri que havia qualquer coisa na capa, que acabava de depositar no relvado para ter os movimentos mais livres.

“Então, confesso, insinuou-se no meu ódio um pouco de curiosidade. Quis ver o que vinha fazer ali Villefort. Fiquei imóvel, sem respirar, e esperei.

“Depois acudiu-me uma idéia, que se confirmou quando vi o procurador régio tirar da capa um cofrezinho de dois pés de comprimento e seis a oito polegadas de largura.

“Deixei-o depositar o cofre na cova e cobri-lo de terra. Em seguida, calcou com os pés a terra fresca, para fazer desaparecer os vestígios da sua obra noturna. Atirei-me então a ele e cravei-lhe a navalha no peito, dizendo:

“- Sou Giovanni Bertuccio! A tua morte para o meu irmão, o teu tesouro para a sua viúva! Bem vês que a minha vingança é mais completa do que esperava.

“Não sei se ouviu estas palavras; não creio, porque caiu sem soltar um grito. Senti as golfadas do seu sangue jorrarem-me escaldantes sobre as mãos e o rosto; mas estava ébrio, delirava, e aquele sangue refrescava-me em vez de me queimar. Num segundo, desenterrei o cofrezinho com o auxílio da enxada, e depois, para que ninguém notasse que o roubara, enchi por minha vez o buraco de terra, atirei a enxada por cima do muro, corri para a porta, saí e fechei-a com duas voltas pelo lado de fora. Guardei a chave e fugi.

- Bom, pelo que vejo um assassiniozinho, seguido de roubo - observou Monte-Cristo.

- Não, Excelência - respondeu Bertuccio --, uma vendetta, segui da de restituição.

- E a importância era avultada, ao menos?

- Não era dinheiro.

- Ah! Sim, já me lembro - disse Monte-Cristo. -- Não se referiu a uma criança?

- Justamente, Excelência. Corri para o rio, sentei-me no talude e, ansioso por saber o que continha o cofre, fiz saltar a fechadura com a navalha.

“Num cueiro de fina cambraia de linho estava envolta uma criança recém-nascida. O rosto purpúreo e as mãos roxas indicavam que devia ter sucumbido a asfixia causada por ligamentos naturais enrolados à volta do pescoço. No entanto, como ainda não estava fria, hesitei em atirá-la à água que me corria aos pés. Com efeito, passado um instante, julguei notar uma leve pulsação na região do coração. Libertei-lhe o pescoço do cordão que o envolvia e, como fora enfermeiro no hospital de Bástia, fiz o que faria um médico em semelhantes circunstâncias, isto é: insuflei-lhe corajosamente ar nos pulmões, e passado um quarto de hora de esforços inauditos vi a criança respirar e ouvi um grito sair-lhe do peito.

“Soltei por minha vez um grito, mas um grito de alegria. "Deus não me amaldiçoou", disse para comigo, "pois permite-me que restitua a vida a uma criatura humana em troca da vida que tirei a outra!"

- E que fez dessa criança? - perguntou Monte-Cristo. - Era uma bagagem bastante embaraçosa para um homem que necessitava fugir.

- Por isso não me passou sequer pela cabeça ficar com ela. Mas sabia que existia em Paris um hospício onde recebiam essas pobres crianças. Quando transpus a barreira, declarei ter achado a criança na estrada e informei-me. O cofre estava ali e era uma prova; o cueiro de cambraia indicava que a criança tinha pais ricos; o sangue que me cobria tanto podia pertencer à criança como a qualquer outro indivíduo. Não me fizeram nenhuma objeção. Indicaram-me o hospício, que ficava mesmo ao fundo da Rua do Inferno, e, depois de tomar a precaução de cortar o cueiro em dois, de maneira que uma das duas letras que o marcavam ficasse na parte que envolvia o corpo da criança, depositei o, meu fardo na roda, toquei e raspei-me a toda a velocidade. Quinze dias mais tarde estava de volta a Rogliano e dizia a Assunta: “Consola-te, minha irmã; Israel morreu, mas vinguei-o.”

“Então ela pediu-me explicações destas palavras e eu contei-lhe tudo o que se passara.

“- Giovanni - disse-me Assunta --, devia ter trazido essa criança. Faríamos as vezes dos pais que perdeu, lhe chamariamos Benedetto, e graças a essa boa

ação Deus nos abençoaria efetivamente.

"Como única resposta entreguei-lhe a metade do cueiro que guardara, a fim de poder reclamar a criança se fossemos mais ricos.

- E com que letras estava marcado o cueiro? - perguntou Monte-Cristo.

- Com um H e um N encimados por uma fiada de pérolas de barão.

- Creio, Deus me perdoe, que se serve de termos de heráldica, Sr. Bertuccio! Onde diabo estudou essa matéria?

- Ao seu serviço, Sr. Conde, onde se aprendem todas as coisas.

- Continue. Estou com curiosidade de saber dois pormenores.

- Quais, senhor?

- O que foi feito desse rapazinho... Não me disse que era um rapazinho, Sr. Bertuccio?

- Não, Excelência. Não me lembro de dizer tal coisa.

- Ah! Julgava ter ouvido, mas decerto enganei-me.

- Não, não se enganou, porque era efetivamente um rapazinho. Mas V. Exª desejava, dizia, saber dois pormenores. Qual é o segundo?

- O segundo é o crime de que o acusavam quando pediu um confessor e o abade Busoni o foi encontrar na prisão de Nímes.

- Essa história talvez seja demasiado longa, Excelência.

- Que importa? São apenas dez horas, sabe que não durmo e suponho que da sua parte também não tenha grande vontade de dormir.

Bertuccio inclinou-se e retomou a sua narrativa.

- Em parte para expulsar as recordações que me assediavam e em parte para prover as necessidades da pobre viúva, entreguei-me com ardor à profissão de contrabandista, tornada mais fácil devido ao afrouxamento do cumprimento das leis que se segue sempre às revoluções. As costas do Meio-Dia, sobretudo, estavam mal guardadas devido aos eternos motins que se verificavam ora em Avinhão, ora em Nímes, ora em Uzes. Aproveitamos aquela espécie de trégua que nos era concedida pelo Governo para estabelecer relações com todo o litoral. Desde o assassinato do meu irmão nas ruas de Nímes nunca mais
quisera entrar na cidade. Daí resultou que o estalajadeiro com que tínhamos negócios, vendo que já o não procurávamos, viera ter conosco e fundara uma sucursal da estalagem na estrada de Bellegarde a Beaucaire, a que dera o nome de Pont du Gard. Tínhamos assim, quer do lado de Aigues-Mortes, quer de Martigues, quer de Boucé uma dúzia de entrepostos onde depositávamos as mercadorias e, se necessário, encontrávamos refúgio contra os guardas-fiscais e os guardas. A profissão de contrabandista é muito rendosa quando se pratica com alguma inteligência, secundada por certa atividade. Quanto a mim, vivia nas montanhas, pois tinha dobradas razões para temer guardas e guardas-fiscais, atendendo a que qualquer comparência perante os juizes podia originar uma investigação, a que essa investigação é sempre uma excursão pelo passado e a que no meu passado se podia encontrar então algo mais grave do que charutos contrabandeados ou barris de aguardente circulando sem guias de transito.

Por isso, preferindo mil vezes a morte à prisão, fazia coisas espantosas e que por mais de uma vez me demonstraram que o excessivo cuidado que tomamos com a pele é quase o único obstáculo ao êxito dos nossos projetos, que exigem decisão rápida e execução enérgica e determinada. Com efeito; desde que

estejamos dispostos a sacrificar a vida, deixamos de ser como os outros homens, ou antes, os outros homens é que deixam de ser como nós, e quem toma semelhante resolução sente decuplicar imediatamente as suas forças e alargar-se o seu horizonte.

- Deixe-se de filosofia, Sr. Bertuccio! - interrompeu-o o conde. - Mas, pelos vistos, o senhor tem feito um pouco de tudo na sua vida...

- Oh, perdão, Excelência, pela filosofia!

- Não, não! Só lhe chamei a atenção porque às dez e meia da noite é um bocadinho tarde para filosofar... Tirando isso, não tenho mais nenhuma objeção a fazer, atendendo a que a acho exata, o que se não pode dizer de todas as filosofias.

- As minhas incursões tornaram-se portanto cada vez mais numerosas e também mais frutuosas. Assunta era poupada e a nossa fortunazinha aumentava. Um dia, antes de partir para uma viagem, disse-me ela: “Vai, que no seu regresso te reservo uma surpresa.” Interroguei-a inutilmente, não me quis dizer mais nada e parti.

“A viagem durou perto de seis semanas. Fomos a Luca carregar azeite e a Liorne algodão inglês. Desembarcamos e descarregamos sem qualquer contratempo, fizemos o nosso negócio e regressamos alegremente.

“Quando entrei em casa, a primeira coisa que vi no lugar mais em evidência do quarto de Assunta, num berço sumtuoso, relativamente ao resto da casa, foi uma criança de sete a oito meses. Soltei um grito de alegria. Os únicos momentos de tristeza que experimentara desde o assassínio do procurador régio tinham-me sido causados pelo abandono daquela criança.

“A pobre Assunta adivinhara tudo e aproveitara a minha ausência para munida de metade do cueiro, tendo inscrito, para não faltar nada, o dia e a hora exata em que a criança fora depositada no hospício, ir a Paris reclamá-la pessoalmente. Nenhuma objeção lhe fora feita e a criança fora-lhe entregue.

“Confesso, Sr. Conde, que ao ver a pobre criatura dormindo no seu berço meu peito se dilatou e as lágrimas me saltaram aos olhos.

“- Na verdade, Assunta, és uma digna mulher e a Providência te abençoará! - gritei.

- Isso já é menos exato do que a sua filosofia - comentou Monte-Cristo. - No fundo, trata-se apenas de uma questão de fé.

- Infelizmente, Excelência - prosseguiu Bertuccio --, tem toda a razão e foi aquela mesma criança que Deus encarregou de me castigar. Nunca natureza mais perversa se declarou mais prematuramente, e no entanto ninguém poderá dizer que foi mal educado, pois a minha cunhada tratava-o como o filho de um príncipe. Era um rapaz de rosto encantador, com olhos de um azul-claro como esses tons de faiança chinesa que também se harmonizam com o branco leitoso do tom geral. Apenas o cabelo, de um louro demasiado vivo, lhe dava ao rosto um aspecto estranho, que duplicava a vivacidade do seu olhar e a malícia do seu sorriso. Infelizmente, há um provérbio que diz que os ruços ou são muito bons ou são muito maus. O provérbio não mente no que diz respeito a Benedetto, que desde a juventude se mostrou muito mau. Também é verdade que a ternura da sua mãe adotiva encorajou as suas primeiras inclinações. O garoto, para quem a minha pobre cunhada ia ao mercado da cidade, situada a quatro ou cinco léguas

de casa, comprar os primeiros frutos e as guloseimas mais delicadas, preferia, às laranjas de Palma de Maiorca e às conservas de Gênova, as castanhas roubadas ao vizinho saltando as sobes, ou as maçãs secas do seu celeiro, embora tivesse à sua disposição as castanhas e as maçãs do nosso pomar.

"Um dia, teria Benedetio cinco ou seis anos, o vizinho Wasilio, que, conforme os hábitos da nossa terra, não fechava nem a sua bolsa nem as suas jóias, porque, como o Sr. Conde sabe melhor do que ninguém, na Côrsega não há ladrões... um dia, o vizinho Wasilio queixou-se de que lhe desaparecera um luís da bolsa. Pensamos que tivesse contado mal, mas ele afirmara que não. Nesse dia, Benedetto saíra de casa logo de manhã e estavamos numa grande inquietação, quando à tardinha o vimos chegar com um macaco que achara, dizia ele, preso a uma árvore.

"Havia um mês que a paixão do terrível garoto, que não sabia que mais inventar, era ter um macaco. Um saltimbanco que passara por Rogliano e possuía vários desses animais, cujas piruetas o tinham divertido muito, é que lhe inspirara, sem dúvida, o malfadado capricho.

"- Não há macacos nos nossos bosques - disse-lhe eu -, e sobretudo macacos amarrados. Diz-me portanto como arranjaste esse.

"Benedetto manteve a mentira e acompanhou-a de pormenores que honravam mais a sua imaginação do que a sua veracidade. Irritei-me e ele desatou a rir, ameacei-o, e ele deu dois passos atrás.

"- Não pode me bater - disse. - Não tem esse direito, não é o meu pai.

"Ignoramos sempre quem lhe revelara o fatal segredo, que entretanto tínhamos ocultado com o maior cuidado. Como quer que fosse, tal resposta, em que o garoto se revelou por completo, quase me assustou e o meu braço erguido caiu, efetivamente, sem tocar no culpado. O pequeno triunfou e aquela vitória deu-lhe tal audácia que a partir dali todo o dinheiro de Assunta, cujo amor por ele parecia aumentar à medida que se tornava menos digno, se foi em caprichos que ela não sabia contrariar, em loucuras que ela não tinha a coragem de impedir. Quando eu estava em Rogliano, as coisas ainda iam razoavelmente; mas assim que eu partia, Benedetto apoderava-se da casa e tudo corria mal. Apesar de contar apenas onze anos, escolhia todos os seus camaradas entre os rapazes de dezoito ou vinte anos, dos piores de Bastia e de Corte, e já, devido a algumas travessuras que mereciam nome mais sério, foramos advertidos pela justiça.

"Assustei-me. Qualquer investigação poderia ter consequências funestas. Ia precisamente ser obrigado a ausentar-me da Côrsega numa expedição importante. Pensei demoradamente e, no pressentimento de evitar qualquer desgraça, decidi levar Benedetto comigo. Esperava que a vida ativa e dura de contrabandista e a disciplina rigorosa de bordo modificassem aquele carater prestes a corromper-se, se não estivesse já horrivelmente corrompido.

"Chamei portanto Benedetto de parte e propus-lhe que me acompanhasse, rodeando a proposta de todas as promessas que podem seduzir um garoto de doze anos.

"Deixou-me ir até ao fim, e quando acabei desatou a rir.

"- Enlouqueceu, meu tio? - perguntou (tratava-me assim quando estava de bom humor) - Eu trocar a vida que levo pela que você leva, a minha boa e excelente ociosidade pelo horrível trabalho que lhe é imposto? Passar a noite no

frio e o dia no calor, esconder-me constantemente, não poder me mostrar para não ser corrido a tiro de espingarda, e tudo isso para ganhar algum dinheiro?... Dinheiro tenho eu todo o que quero! A minha mãe Assunta me dá assim que lhe peço. Bem vê, portanto, que seria um imbecil se aceitasse a sua proposta."

"Fiquei estupefato com semelhante audácia e semelhante raciocínio. Benedetto voltou para junto dos seus camaradas e o vi de longe a me apontar para eles como um idiota.

- Encantadora criança! - murmurou Monte-Cristo.

- Oh, se me pertencesse - respondeu Bertuccio --, se fosse meu filho, ou pelo menos meu sobrinho, o teria trazido ao bom caminho, porque a consciência dá-nos força! Mas a idéia de bater numa criança cujo pai matara tornava-me todo e qualquer castigo impossível. Dava bons conselhos à minha cunhada, que nas nossas discussões tomava constantemente a defesa do "Pobrezinho", e como me confessasse que por várias vezes lhe tinham desaparecido importâncias consideráveis, indiquei-lhe um lugar onde poderia esconder o nosso pequeno tesouro. Quanto a mim, a minha resolução estava tomada. Benedetto sabia perfeitamente ler, escrever e contar, porque quando por acaso se dispunha a trabalhar aprendia num dia o que os outros aprendiam numa semana. Mas, dizia eu, a minha resolução estava tomada: tencionava matriculá-lo como secretário em qualquer navio de longo curso e, sem o prevenir de nada, mandar deitar-lhe a mão uma bela manhã e levá-lo para bordo. Assim, e recomendando-o ao comandante, todo o seu futuro dependeria dele. Tudo planejado, parti para França.

"Daquela vez todas as nossas operações deveriam efetuar-se no golfo de Lião, o que era cada vez mais difícil, pois estavamos em 1829. A tranquilidade encontrava-se perfeitamente restabelecida, e por consequência o serviço de vigilância das costas tornara-se mais regular e rigoroso do que nunca. A vigilância fora ainda aumentada momentaneamente devido à feira de Beaucaire, que acabava de abrir.

"Os princípios da expedição decorreram sem contratempos. Amarramos a nossa barca, que tinha um fundo duplo, onde escondíamos as mercadorias de contrabando, no meio de uma quantidade de barcos que cobriam as duas margens do Rôdano, de Beaucaire a Arles. Uma vez chegados, começamos a descarregar de noite as nossas mercadorias proibidas e a passá-las para a cidade por intermédio de pessoas relacionadas conosco ou de estalajadeiros em casa dos quais tínhamos depósitos. Quer porque o êxito nos tivesse tornado imprudentes, quer por termos sido denunciados, uma tarde, por volta das cinco horas, quando nos preparavamos para merendar, o nosso grumete apareceu muito assustado dizendo que vira uma patrulha de guardas-fiscais dirigir-se para o nosso lado. Não era precisamente a patrulha que nos preocupava; a cada instante, sobretudo naquele momento, companhias inteiras percorriam as margens do Rôdano. O que nos preocupava eram as precauções que, no dizer do pequeno, a patrulha tomava para não ser vista. Levantamo-nos imediatamente, mas era demasiado tarde; a nossa barca, evidentemente o alvo das buscas, estava cercada.

Entre os guardas-fiscais notei alguns guardas; e, tão medroso diante deles como era habitualmente corajoso diante de qualquer outro corpo militar, desci ao

porão e, esgueirando-me por uma escotilha, deixei-me levar pelo rio e depois nadei entre duas águas, só respirando a grandes intervalos, até que alcancei, sem ser visto, uma vala que acabavam de abrir e que punha em comunicação o Rôdano com o canal que vai de Beaucaire a Aigues-Mortes. Uma vez lá, estava salvo, pois podia seguir sem ser visto ao longo da vala. Cheguei portanto ao canal sem contratempos. Não fora por acaso e sem premeditação que seguira aquele caminho, já falei a V. Exª de um estalajadeiro, de Nímes que abrira na estrada de Bellegarde a Beaucaire uma pequena hospedaria.

- Sim, lembro-me perfeitamente - respondeu Monte-Cristo. - Se me não engano, esse digno homem era até vosso associado.

- Exato - confirmou Bertuccio. - Mas havia sete ou oito anos cedera o estabelecimento a um antigo alfaiate de Marselha, o qual, depois de se arruinar na sua profissão, resolvera tentar enriquecer noutra. Desnecessário dizer que os entendimentos que tínhamos com o primeiro proprietário foram mantidos com o segundo. Era portanto a esse homem que esperava pedir asilo.

- E como se chamava esse homem? - perguntou o conde, que parecia começar a interessar-se pela história de Bertuccio.

- Chamava-se Gaspard Caderousse e era casado com uma mulher da aldeia de Carconte, que só conhecíamos pelo nome da sua terra. Tratava-se de uma pobre mulher atacada da febre dos pântanos, que ia morrendo de definhamento. Quanto ao homem, era um latagão de quarenta a quarenta e cinco anos, que por mais de uma vez, em circunstâncias difíceis, nos dera provas da sua presença de espírito e da sua coragem.

- E diz - atalhou Monte-Cristo-que essas coisas se passavam por volta do ano de...

- De 1829, Sr. Conde.

- Em que mês?

- No mês de Junho.

- No princípio ou no fim?

- No dia 3 à tarde.

- Ah! - exclamou Monte-Cristo - Com que então no dia 3 de Junho de 1829. Bem, continue.

- Era portanto a Caderousse que contava pedir asilo. Mas, como habitualmente, mesmo em circunstâncias normais, não entravamos pela porta que dava para a estrada, resolvi não contrariar esse costume e saltei a sebe do jardim, deslizei agachado através das oliveiras raquíticas e das figueiras bravas e alcancei, receando que Caderousse tivesse algum viajante na estalagem, uma espécie de desvão em que por mais de uma vez passara a noite como se dormisse na melhor cama. Esse desvão ficava separado da sala comum do térreo da estalagem apenas por um tabique de madeira, no qual, em nossa intenção, tinham sido abertos buracos a fim de, através deles, espreitarmos o momento oportuno de darmos a saber a nossa presença nas imediações. Contava, se Caderousse estivesse sozinho, preveni-lo da minha chegada, acabar na casa dele a refeição interrompida pelo aparecimento dos guardas-fiscais e aproveitar a tempestade que se avizinhava para voltar às margens do Rôdano e verificar o que acontecera à barca e aos que lá tinham ficado. Esgueirei-me portanto para o desvão, e fiz bem, pois nesse mesmo

momento Caderousse entrava no
estabelecimento com um desconhecido.

“Fiquei quieto e esperei, não com a intenção de surpreender os segredos do meu hospedeiro, mas sim porque não podia fazer outra coisa. Aliás, a mesma coisa já acontecera outras vezes.

“O homem que acompanhava Caderousse era evidentemente estranho ao Meio-Dia da França. Tratava-se de um desses feirantes que vêm vender jóias à feira de Beaucaire e que, durante o mês que dura a feira, aonde afluem vendedores e compradores de todas as partes da Europa, fazem às vezes cem ou cento e cinquenta mil francos de transações.

“Caderousse entrou, apressado, à frente do outro. Depois, vendo a sala de baixo vazia, como de costume, e guardada apenas pelo seu cão, chamou a mulher:

“- Eh, Carconde! Aquele digno padre não nos enganou; o diamante é bom.

“Ouviu-se uma exclamação de alegria e quase imediatamente a escada estalou debaixo de passos pesados devido à fraqueza e à doença.

“- Que disse? - perguntou a mulher, mais pálida do que uma morta.

“- Digo que o diamante é bom. Aqui está este senhor, um dos primeiros joalheiros de Paris, que está pronto a dar-nos cinquenta mil francos por ele. Apenas, para ter certeza de que o diamante é de fato nosso, deseja que lhe conte, como já lhe contei, de que forma miraculosa a pedra veio parar em nossas mãos. Entretanto, senhor, faça favor de sentar-se, e como o tempo está carregado, vou buscar-lhe qualquer coisa
para se refrescar. - O joalheiro examinava com atenção o interior da estalagem e a pobreza visível daqueles que lhe queriam vender um diamante que parecia saído do tesouro de um príncipe.

“- Conte, minha senhora - pediu, querendo sem dúvida aproveitar a ausência do marido para que nenhum sinal da parte dele influenciasse a mulher e para verificar se as duas histórias encaixavam bem uma na outra.

“- Meu Deus, foi uma bênção do Céu que estavamos muito longe de esperar! - disse a mulher, com volubilidade. - Imagine, meu caro senhor, que o meu marido conheceu em 1814 ou 1815 um marinheiro chamado Edmond Dantés. Esse pobre rapaz, que Caderousse esquecera por completo, não o esqueceu a ele e deixou-lhe ao morrer o diamante que o senhor acaba de ver.

“- Mas como se tomou ele possuidor do diamante? - perguntou o joalheiro.- Já o tinha antes de ser preso?

“- Não, senhor - respondeu a mulher. - Mas parece que conheceu na prisão um inglês muito rico, e como na prisão o seu companheiro de cela adoeceu e Dantés o tratou como se fosse seu irmão, o inglês, ao sair do cativeiro, deixou ao pobre Dantés, que, menos feliz do que ele, morreu na prisão, esse diamante que ele nos legou por seu turno ao morrer e que encarregou o digno abade que aqui esteve esta manhã de nos
entregar.

“É de fato a mesma coisa - murmurou o joalheiro. - E no fim de contas a história pode ser verdadeira, por mais inverosímil que pareça à primeira vista. Só falta ajustarmos portanto o preço, acerca do qual não estamos de acordo.

“- Como é que não estamos de acordo? -- interveio Caderousse. - Julgava

que tinha aceitado o preço que lhe pedi...

“- Não - perguntou o joalheiro --, eu ofereci quarenta mil francos.

“- Quarenta mil! - gritou a Carconte. - Não espera que o vendamos por esse preço. O abade disse-nos que valia cinquenta mil francos, e sem engaste.

“- E como se chamava esse abade? - perguntou o infatigável curioso.

“- Abade Busoni - respondeu a mulher.

“- Era então um estrangeiro?

“- Era um italiano dos arredores de Mântua, segundo creio.

“- Mostre-me o diamante - pediu o joalheiro. - Quero vê-lo outra vez. Muitas vezes julgam-se mal as pedras à primeira vista.

“Caderousse tirou da algibeira um estojozinho de chagrém preto, abriu-o e passou-o ao joalheiro. Ao ver o diamante, que era do tamanho de uma avelã (lembro-me como se ainda o estivesse vendo), os olhos de Carconte cintilaram de cupidez.

- E que pensou de tudo isso, senhor escutador às portas? - perguntou Monte-Cristo. - Acreditou nessa bela fábula?

- Acreditei, Excelência. Não considerava Caderousse um mau homem e julgava-o incapaz de cometer um crime Ou mesmo um roubo.

- Isso honra mais o seu coração do que a sua experiência, Sr. Bertuccio. Conheceu esse tal Edmond Dantés a que se referiam?

- Não, Excelência, nunca ouvira falar dele até ali, e depois disso só ouvi falar uma vez, ao próprio abade Busoni, quando o vi nas prisões de Nímes.

- Bom, continue.

- O joalheiro tirou o anel das mãos de Caderousse e depois, da algibeira, uma pinça de aço e uma balancinha de cobre. Seguidamente, abriu os grampos de ouro que prendiam a pedra ao anel, extraiu o diamante do seu alvéolo e pesou-o cuidadosamente na balança.

“- Vou até aos quarenta e cinco mil francos - declarou --, não dou nem mais um soldo. De resto, como era esse o valor do diamante, foi exatamente a importância que trouxe comigo.

“- Oh, não seja por isso - perguntou Caderousse. - Voltarei consigo a Beaucaire e dará os cinco mil
francos.

“- Não - respondeu o joalheiro, restituindo o anel e o diamante a Caderousse. - Isso não vale mais e já fiz mal em oferecer tal importância, pois a pedra tem um defeito em que não reparei da primeira vez. Mas não importa, só tenho uma palavra; disse quarenta e cinco mil francos e não me desdigo.

“- Ao menos volte a colocar o diamante no anel - pediu azedamente a Carconte.

“- É justo - concordou o joalheiro, e recolocou a pedra no engaste.

“- Bom, bom, o venderemos a outro - disse Caderousse, guardando o estojo na algibeira.

“- Claro - replicou o joalheiro. - Mas a outro não será tão fácil vendê-lo como a mim. Outro não se contentará com as informações que me deram. Não é natural que um homem como o senhor possua um diamante de cinquenta mil francos. Ele irá prevenir os magistrados e será necessário descobrir o abade
Busoni.

“Ora, os abades que dão diamantes de dois mil luíses são raros... A justiça começará por lhe deitar a mão e mete-lo na cadeia, e se o considera em inocente e o puserem em liberdade depois de três ou quatro meses de cativeiro, o anel terá se perdido no arquivo e lhe darão uma pedra falsa, que valerá três francos em vez de um diamante que vale cinquenta mil. Sim, a pedra talvez valha os cinquenta mil, mas tem de concordar, bom homem, que se correm certos riscos em comprá-la.

“Caderousse e a mulher interrogaram-se com o olhar.

“- Não - disse Caderousse --, não somos tão ricos que possamos perder cinco mil francos.

“- Como queira, meu caro amigo - respondeu o joalheiro - Mas como vê, já vinha preparado com a massa...

“E tirou de uma das algibeiras um punhado de ouro, que fez brilhar aos olhos deslumbrados do estalajadeiro, e da outra um maço de notas.

“Travava-se visivelmente um rude combate no espírito de Caderousse. Era evidente que o estojo de chagrém que virava e revirava na mão não lhe parecia corresponder, como valor, à enorme quantia que lhe fascinava os olhos. Virou-se para a mulher.

“- O que você diz? - perguntou-lhe em voz baixa.

“- Venda-o - respondeu ela. - Se voltar a Beaucaire sem o diamante, nos denunciará; e como disse, quem sabe se alguma vez tornaremos a ver o abade Busoni.

“- Pronto, seja! - exclamou Caderousse. - Fique lá com o diamante pelos quarenta e cinco mil francos. Mas a minha mulher quer um fio de ouro e eu um par de fivelas de prata.

“O joalheiro tirou da algibeira uma caixa comprida e achatada, que continha várias amostras dos objetos pedidos.

“- Como vê - observou --, sou honesto nos negócios. Escolham.

“A mulher escolheu um fio de ouro, que podia valer cinco luíses, e o marido um par de fivelas, que podia valer quinze francos.

“- Espero que não se arrependam - disse o joalheiro.

“- O abade disse que valia cinquenta mil francos... murmurou Caderousse.

“- Vamos, vamos, me de o diamante! Que homem terrível! - exclamou o joalheiro, tirando-lhe o diamante da mão. - Dou-lhe quarenta e cinco mil francos, que lhe podem proporcionar um rendimento de
duas mil e quinhentas libras, isto é, uma fortuna que eu próprio gostaria de ter, e ainda não está contente!

“- E os quarenta e cinco mil francos onde estão? - perguntou Caderousse com voz rouca.

“- Ei-los - respondeu o joalheiro.

“E contou em cima da mesa quinze mil francos em ouro e trinta mil em notas.

“- Esperem que acenda o candeeiro - disse a Carconte. - Não está muito claro e podem se enganar...

“Com efeito, anoitecera durante a discussão, e com a noite viera a tempestade, que ameaçava rebentar havia meia hora. Ouvia-se ribombar surdamente o trovão ao longe, mas nem o joalheiro, nem Caderousse, nem a

Carconte pareciam preocupados com isso, dominados como estavam todos os três pelo demônio do ganho. Eu próprio experimentava uma estranha fascinação perante todo aquele ouro e todas aquelas notas. Parecia-me sonhar, e como acontece nos sonhos, sentia-me acorrentado ao meu lugar.

"Caderousse contou e recontou o ouro e as notas e depois passou-os à mulher, que contou e recontou por seu turno. "Entretanto, o joalheiro fazia cintilar o diamante à luz do candeeiro e o diamante lançava relâmpagos que faziam esquecer aqueles que, precursores da tempestade, começavam a incendiar as janelas.

"- Então, está certo? - perguntou o joalheiro.

"- Está - respondeu Caderousse. - De-me a carteira e arranja um saco, Carconte.

"Carconte foi a um armário e regressou com uma velha carteira de couro, da qual tirou algumas cartas ensebadas e no lugar das quais guardou as notas, e com um saco que continha duas ou três moedas de seis libras, que constituíam provavelmente toda a riqueza do miserável casal.

"- Embora nos tenha roubado talvez uma dezena de milhar de francos, quer jantar conosco? É de boa vontade - ofereceu Caderousse.

"- Obrigado - respondeu o joalheiro. - Começa a ficar tarde e tenho de regressar a Beaucaire. A minha mulher já deve estar preocupada... Com mil demônios! - exclamou depois de tirar o relógio da algibeira. - São quase nove horas, não estarei em Beaucaire antes da meia-noite! Adeus, meus filhos. Se por acaso tornarem a ser visitados pelo abade Busoni, lembrem-se de mim...

"- Daqui a oito dias o senhor não estará em Beaucaire, pois a feira termina na próxima semana - observou Caderousse.

"- Pois não, mas não tem importância. Escrevam-me para Paris, com este endereço Sr. Joannês, Palais-Royal, Galeria de Pierre, nº 45. Virei aqui se o negócio valer a pena.

"Soou um trovão, acompanhado de um relâmpago tão intenso que quase se sobrepôs à luz do candeeiro.

"- Oh, oh! - exclamou Caderousse. - Vai pôr-se a caminho com este tempo?

"- As trovoadas não me metem medo - perguntou o joalheiro.

"- E os ladrões? - perguntou a Carconte. - A estrada nunca é muito segura durante a feira.

"- Oh, quanto aos ladrões, tenho isto para eles! - respondeu Joannês, e tirou da algibeira um par de pistolinhas carregadas até à boca. - Estes cães ladram e mordem ao mesmo tempo. Seriam para os dois primeiros que cobiçassem o seu diamante, Tio Caderousse.

"Caderousse e a mulher trocaram um olhar sombrio. Diria-se que lhes acudira ao mesmo tempo qualquer pensamento terrível.

"- Então, boa viagem! - disse Caderousse.

"- Obrigado! - agradeceu o joalheiro.

"Pegou a bengala, que deixara encostada a um velho baú, e saiu. No momento em que abriu a porta entrou tal rajada de vento que quase apagou o candeeiro.

"- Oh, vem aí um rico tempo, e duas léguas debaixo de temporal!...

"- Fique - insistiu Caderousse. - Pode muito bem dormir aqui .

“- Sim, fique - insistiu também a Carconte, com voz trêmula. - Nós o trataremos como deve ser.

“- Não, tenho de ir dormir a Beaucaire. Adeus.

“Caderousse foi lentamente até à porta.

“- Não se vê céu nem terra -- disse o joalheiro, já fora da casa. - Viro à direita ou à esquerda?

“- À direita - respondeu Caderousse. - Não tem como se enganar: a estrada tem árvores de um lado e doutro.

“- Bom, vou indo - disse o joalheiro, cuja voz já mal se ouvia ao longe.

“- Fecha a porta - recomendou a Carconte. - Não gosto de portas abertas quando troveja.

“- E quando há dinheiro em casa, não é verdade? - acrescentou Caderousse, dando duas voltas à chave.

“Em seguida dirigiu-se para o armário, do qual tirou o saco e a carteira, e puseram-se ambos a contar pela terceira vez o seu ouro e as suas notas. Nunca vira expressão igual à daquelas duas caras, cuja cupidez transparecia à luz fraca do candeeiro. A mulher, sobretudo, estava hedionda. O tremor febril que habitualmente a agitava redobrara. O seu rosto, de pálido, tornara-se lívido. Os seus olhos encovados chamejavam.

“- Porque o convidou para dormir aqui? - perguntou com voz abafada.

“- Para... para não ter de regressar a Beaucaire com este, tempo - respondeu Caderousse, estremecendo.

“- Ah!... - exclamou a mulher, com uma expressão impossível de descrever. - Julguei que fosse por outra coisa...

“- Mulher! Mulher! - gritou Caderousse. - Porque tem semelhantes idéias e porque, tendo-as, não as guarda para si?

“- Tanto faz - disse a Carconte passado um instante de silêncio --, você não é um homem...

“- O que disse? - perguntou Caderousse.

“- Se fosse um homem, ele não sairia daqui.

“- Mulher!

“- A estrada dá uma volta, e ele é obrigado a seguir pela estrada, ao passo que ao longo do canal existe um caminho mais curto.

“- Mulher, você ofende a Deus! Espere, escute...

“Com efeito, ouviu-se um formidável trovão, ao mesmo tempo que um relâmpago azulado iluminava toda a sala, e a tempestade, diminuindo lentamente, pareceu afastar-se, como que contrariada, da casa maldita.

“- Jesus! - exclamou a Carconte, benzendo-se.

“No mesmo instante, e no meio do silêncio aterrorizado que se segue habitualmente a uma trovoada, ouviu-se bater à porta. Caderousse e a mulher estremeceram e entreolharam-se assustados.

“- Quem é? - gritou Caderousse, levantando-se e reunindo num só monte o ouro e as notas espalhadas em cima da mesa, e que cobriu com ambas as mãos.

“- Sou eu! - respondeu uma voz

“- Eu, quem?

“- Por Deus! Joannês, o joalheiro!

“- O que você dizia? Que ofendia Deus?.. observou a Carconte, com um

sorriso medonho. - Pois aí o tem, e é Deus que o envia!

“Caderousse deixou-se cair, pálido e arquejante, na sua cadeira. Carconte, pelo contrário, levantou-se e dirigiu-se com passo firme para a porta que abriu.

“-- Entre, caro Sr. Joannês - disse.

“- Diria-se, palavra, que parece que o Diabo não quer que regresse esta noite a Beaucaire - observou o joalheiro, escorrendo água por todos os lados. - As asneiras mais pequenas são as melhores, meu caro Sr. Caderousse. Ofereceu-me hospitalidade; aceito-a e volto para dormir em sua casa.

“Caderousse balbuciou algumas palavras e enxugou o suor que lhe escorria da testa. Carconte voltou para fechar a porta atrás do joalheiro e deu duas voltas na chave.

Capítulo XLV

A chuva de sangue

- Quando entrou, o joalheiro deu um olhar interrogador à sua volta. Mas nada parecia susceptível de lhe despertar suspeitas, se não tinha, assim como nada parecia confirmá-las, se as tinha.

“Caderousse continuava a cobrir com as mãos as suas notas e o seu ouro. A Carconte sorria ao seu hóspede o mais agradavelmente que lhe era possível.

“- Ah, ah! - exclamou o joalheiro. - Parece que estavam com medo de faltar algum coisa e resolveram tornar a contar o seu tesouro depois da minha partida...

“- Engana-se - perguntou Caderousse. - Mas a verdade é que o acontecimento que nos proporcionou este dinheiro foi tão inesperado que ainda nos custa a acreditar nele, a tal ponto que quando não temos a prova material diante dos olhos, julgamos sonhar.

“O joalheiro sorriu.

“- Têm viajantes na estalagem? - perguntou...

“- Não - respondeu Caderousse. - Não damos dormidas. Estamos tão perto da cidade que ninguém para aqui.

“- Nesse caso vou dar-lhe um grande incômodo.

“- Incomodar-nos, o senhor? Não, meu caro amigo! - protestou amavelmente Carconte. - De modo nenhum, juro-lhe.

“- Vejamos, onde me deitam?

“- No quarto lá de cima.

“- Mas não é o vosso quarto?

“- Oh, não importa! Temos outra cama no quarto ao lado desse.

“Caderousse olhou com espanto para a mulher. O joalheiro cantarolou uma cançãozinha enquanto aquecia as costas ao calor de um molho de lenha que a Carconte acendera na chaminé para o seu hóspede se secar.

“Entretanto, punha a uma ponta da mesa, onde estendera um guardanapo, os magros restos de um jantar, a que juntou dois ou três ovos frescos. Caderousse voltara a guardar as notas na carteira, o ouro no
saco e tudo no armário. Passeava de um lado para o outro, sombrio e pensativo, e

levantava de vez em quando a cabeça para olhar o joalheiro, que se conservava fumegante diante da lareira, e que à medida que secava de um lado se virava do outro.

“- Pronto - anunciou a Carconte, pousando uma garrafa de vinho em cima da mesa --, quando quiser já pode jantar.

“- E o senhor? - perguntou Joannês.

“- Eu não janto - respondeu Caderousse.

“- Almoçamos muito tarde - apressou-se a dizer Carconte.

“- Então vou jantar sozinho? - comentou o joalheiro.

“- Nós o serviremos - respondeu a Carconte, com uma prontidão que lhe não era habitual, mesmo para os hóspedes que pagavam.

“De tempos a tempos, Caderousse deitava-lhe um olhar rápido como um relâmpago. A tempestade continuava.

“- Ouça, ouça? - perguntou a Carconte. - Fez muito bem em voltar para trás.

“- O que me não impedirá, se durante o jantar a tempestade amainar, de me pôr novamente a caminho - perguntou o joalheiro.

“- É o mistral - disse Caderousse, abanando a cabeça. - Temos mau tempo para durar até amanhã.

“E soltou um suspiro.

“- Paciência - declarou o joalheiro, sentando-se à mesa. Tanto pior para os que estão lá fora.

“- Sim, passarão uma má noite - concordou a Carconte.

“O joalheiro começou a jantar e Carconte continuou a dispensar-lhe todas as pequenas atenções de uma hospedeira atenta. Ela, habitualmente tão rabugenta e desabrida, tornara-se um modelo de eficiência e cortesia. Se o joalheiro a tivesse conhecido antes, tão grande mudança não teria, decerto, deixado de lhe inspirar algumas suspeitas. Quanto a Caderousse, não dizia nada; continuava a passear e até parecia
hesitar em olhar o hóspede. Quando o jantar terminou, o próprio Caderousse foi abrir a porta.

“- Parece-me que a tempestade amainou - disse.

“Mas naquele momento, como que para o desmentir, um enorme trovão abalou a casa e uma rajada de vento e chuva entrou pela casa dentro e apagou o candeeiro.

“Caderousse voltou a fechar a porta e a mulher acendeu uma vela no braseiro prestes a extinguir-se.

“- Pronto - disse ela ao joalheiro. - Deve estar cansado. Pus lençóis lavados na cama; suba, deite-se e durma bem.

“Joannês ficou ainda um instante, para se assegurar de que a tempestade não amainava, e quando adquiriu a certeza de que a trovoada e a chuva aumentavam, deu as boas-noites aos seus hospedeiros e subiu a escada.

“Passou-me por cima da cabeça e ouvi os degraus estalarem-lhe debaixo dos pés.

“Carconte seguiu-o com olhar ávido, enquanto Caderousse, pelo contrário, lhe virava as costas e nem sequer olhava para o seu lado.

“Todos estes pormenores, que desde então me têm acudido várias vezes ao espirito, não me impressionaram absolutamente nada No momento em que se

passaram, diante dos meus olhos. No fim de contas, não havia nada de mais natural e, excetuando a história do diamante, que me parecia um bocadinho inverosímil, tudo o resto era normalíssimo. Por isso, como estava exausto e eu próprio também desejava aproveitar a primeira aberta do temporal, resolvi dormir umas horas e pôr-me a andar no meio da noite.

"Ouvia, no quarto de cima, o joalheiro tomar por seu turno todas as disposições para passar a noite o melhor possível. A cama não tardou a ranger debaixo dele; acabava de se deitar

"Sentia os olhos fecharem-se, mal-grado meu, e como não concebera nenhuma suspeita não tentei lutar contra o sono. Lancei um último olhar à cozinha. Caderousse estava sentado ao lado de uma mesa comprida, num dos bancos de madeira que nas estalagens de aldeia substituem as cadeiras. Virava-me as
costas, de forma que não lhe podia ver o rosto. Aliás, mesmo que estivesse na posição contrária também lha não veria, pois tinha a cabeça escondida nas mãos.

"Carconte olhou-o durante algum tempo, encolheu os ombros e foi sentar-se diante dele.

"Naquele momento a chama moribunda pegou logo a um resto de lenha seca até ali esquecido e um clarão um pouco mais vivo iluminou o sombrio interior. Carconte tinha os olhos cravados no marido, e como ele continuasse sempre na mesma posição, vi-a estender a mão adunca na sua direção e tocar-lhe na testa.

"Caderousse estremeceu. Pareceu-me que a mulher movia os lábios, mas quer porque falasse muito baixo, quer por os meus sentidos estarem já embotados pelo sono, as suas palavras não chegaram até mim. já via apenas através de um nevoeiro e com a incerteza precursora do sono, durante a qual julgamos começar a sonhar. Por fim os olhos fecharam-se-me e perdi a consciência de mim mesmo.

"Encontrava-me mergulhado no sono mais profundo quando fui acordado por um tiro de pistola, seguido de um grito horrível. Passos cambaleantes soaram no sobrado do quarto e uma massa inerte veio cair na escada, precisamente por cima da minha cabeça.

"Não estava ainda bem senhor de mim quando ouvi gemidos e depois gritos abafados, como os que acompanham uma luta. Um derradeiro grito, mais prolongado do que os outros e que degenerou em gemidos, tirou-me completamente da minha letargia.

"Soergui-me num braço, abri os olhos, que não viram nada nas trevas, e levei a mão à testa, sobre a qual me parecia cair através das tábuas da escada uma chuva morna e abundante.

"O mais profundo silêncio sucedera àquele barulho horrível. Ouvi os passos de um homem que caminhava por cima da minha cabeça, os quais a certa altura fizeram estalar a escada. O homem desceu à sala inferior, aproximou-se da chaminé e acendeu uma vela.

"O homem era Caderousse. Estava pálido e tinha a camisa toda ensanguentada. Com a vela acesa voltou a subir rapidamente a escada e ouvi de novo os seus passos rápidos e inquietos. Um instante depois tornou a descer. Trazia o estojo na mão. Assegurou-se de que o diamante se encontrava lá dentro, procurou um momento em qual das algibeiras o meteria, e em seguida, decerto

por não considerar as algibeiras esconderijo bastante seguro, enrolou-o no seu lenço de assoar encarnado, que atou ao pescoço.

“Depois, correu ao armário, de onde tirou as notas e o ouro, meteu umas no bolsinho das calças e o outro na algibeira da jaqueta, pegou em duas ou três camisas, correu para a porta e desapareceu na escuridão. Então tudo se tornou claro e lúcido para mim e censurei-me pelo que acabava de acontecer como se fosse o verdadeiro culpado. Pareceu-me ouvir gemidos. O pobre joalheiro podia não estar morto. Talvez estivesse na minha mão, socorrendo-o, reparar parte do mal, não que eu cometera, mas sim que deixara cometer. Apoiei os ombros numa das tábuas mal juntas que separavam a espécie de cubículo em que me encontrava deitado da sala inferior, as tábuas cederam e entrei na cozinha.

“Corri para a vela e depois para a escada. Havia um corpo atravessado nela; era o cadáver de Carconte. O tiro de pistola que ouvira fora disparado contra ela. Tinha a garganta atravessada de lado a lado e, além do sangue que lhe jorrava desse duplo ferimento, também bolsava muito pela boca. Estava morta. Saltei por cima do seu corpo e passei.

"O quarto oferecia o aspecto da mais horrível desordem. Dois ou três móveis estavam caídos. Os lençóis, aos quais o infeliz joalheiro se agarrara, arrastavam pelo chão. Ele próprio estava caído no sobrado, com a cabeça encostada à parede, no meio de um mar de sangue que lhe brotava de três grandes ferimentos no peito.

“No quarto tinha cravada uma grande faca de cozinha, de que só se via o cabo. Observei a segunda pistola, que não disparara, provavelmente pela pólvora estar molhada.

“Aproximei-me do joalheiro; não estava morto, efetivamente. Devido ao barulho que fiz, e sobretudo ao estremecimento do sobrado, abriu uns olhos alucinados, que conseguiu fixar um instante em mim, agitou os lábios como se quisesse falar e expirou.

“Aquele medonho espetáculo quase me pusera louco. Mas desde o momento em que não podia socorrer ninguém, só uma coisa me preocupava: fugir. Precipitei-me para a escada e enquanto a descia enterrava as mãos nos cabelos e soltava rugidos de terror.

“Na sala de baixo encontravam-se cinco ou seis guardas-fiscais e dois ou três guardas, um autêntico exército armado. Prenderam-me. Nem sequer tentei opor resistência; já não era senhor dos meus sentidos. Procurei falar, mas apenas soltei alguns gritos inarticulados.

“Vi que os guardas-fiscais e os guardas me apontavam a dedo uns aos outros; olhei para mim mesmo e verifiquei que estava todo coberto de sangue. A chuva morna que sentira cair sobre mim através das tábuas da escada era o sangue de Carconte.

“Indiquei com o dedo o lugar onde estivera escondido.

“- Que quer dizer? - perguntou um guarda.

“Um guarda-fiscal foi ver.

“- Quer dizer que estava escondido ali - respondeu, e mostrou o buraco por onde eu saíra.

“Compreendi então que me tomavam pelo assassino. Recuperei a voz e as forças e soltei-me das mãos dos dois homens que me seguravam.

“- Não fui eu! Não fui eu! - gritei.

“Dois guardas apontaram-me as suas carabinas.

“- Se fizer um movimento, morre - disseram.

“- Repito-lhes que não fui eu! - tornei a gritar.

“-Conte essa historia aos juízes de Nímes - responderam. - Entretanto, está nas nossas mãos, e se quer um conselho, não oponha resistência.

“Essa não era de modo algum a minha intenção, estava abatido pela surpresa e pelo terror. Algemaram-me, amarraram-me à cauda de um cavalo e levaram-me para Nímes.

“Fora seguido por um guarda-fiscal. Perdera-me de vista nas imediações da casa e desconfiara que passaria lá a noite. Prevenira os camaradas e tinham chegado precisamente a tempo de ouvir o tiro de pistola e prender-me no meio de tais provas de culpabilidade que compreendi imediatamente que seria
muito difícil fazer reconhecer a minha inocência.

“Por isso agarrei-me apenas a uma coisa: o meu primeiro pedido ao juiz de instrução foi para lhe solicitar que mandasse procurar por toda a parte um tal abade Busoni que naquele dia estivera na Estalagem da Ponte-du-Gard. Se Caderousse inventara uma história e o abade não existisse, era evidente que estava perdido, a não ser que Caderousse também fosse preso e confessasse tudo.

“Passaram dois meses durante os quais, devo dizê-lo em louvor do meu juiz, todas as buscas foram feitas para encontrar aquele que eu reclamava. já perdera toda a esperança. Caderousse não fora apanhado. Ia ser julgado na primeira audiência, quando, em 8 de Setembro, isto é, três meses e cinco dias depois do sucedido, o abade Busoni pelo qual já não esperava, se apresentou na cadeia dizendo que soubera que um
recluso lhe desejava falar. Recebera a noticia em Marselha, disse, e apressara-se a satisfazer o meu desejo.

“Compreende decerto com que alvoroço o recebi. Contei-lhe tudo de que fora testemunha e referi-me, temeroso, à história do diamante. Contra a minha expectativa, era verdadeira de ponta a ponta, e também contra a minha expectativa, acreditou plenamente em tudo o que lhe disse. Foi então que, levado pela sua doce caridade, reconhecendo nele um profundo conhecimento dos costumes da minha terra e pensando que o perdão do único crime que cometera talvez pudesse sair dos seus lábios tão caridosos, lhe contei, sob segredo de confissão, a aventura de Auteuil em todos os seus pormenores. O que fizera por impulso obteve o mesmo resultado que obteria se o fizesse por cálculo. A confissão do primeiro assassínio, que nada me obrigava a revelar-lhe, provou-lhe que não cometera o segundo, e quando me deixou provou-lhe que não cometera o segundo, E, ordenou-me que esperasse e prometeu-me fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para convencer os juízes da minha inocência.

“Tive a prova de que efetivamente se ocupara de mim quando vi a minha prisão suavizar-se gradualmente e soube que seria julgado a seguir às audiências já marcadas.

“Entretanto, a Providência permitiu que Caderousse fosse preso no

estrangeiro e extraditado para a França. Confessou tudo, mas lançou a premeditação e sobretudo a instigação para cima da mulher. Condenaram-no a prisão perpétua nas galés e a mim puseram-me em liberdade.

- E foi então - disse Monte-Cristo - que me procurou, munido de uma carta do abade Busoni?

- Foi, Excelência. Ele tomara por mim um interesse visível.

"- A sua condição de contrabandista o perderà - disse-me. - Se conseguir sair daqui, deixe-a.

"- Mas, Sr. Abade, como quer que viva e sustente a minha pobre cunhada?

"- Um dos meus penitentes - respondeu-me - tem uma grande estima por mim e encarregou-me de lhe arranjar um homem de confiança. Quer ser esse homem? O recomendarei.

"- Oh, Sr. Abade, que bondade a sua! - exclamei.

"- Mas jure que nunca terei de me arrepender?

"Estendi a mão para jurar.

"- É inútil - disse ele. - Conheço e gosto dos Corsos. Aqui está a minha recomendação.

"E escreveu aquelas linhas que entreguei ao Sr. Conde e mediante as quais V. Exª teve a bondade de me tomar ao seu serviço. Agora, pergunto com orgulho a V. Exª : alguma vez teve razão de queixa de mim?

- Não - respondeu o conde. - E, confesso-o com prazer, tem sido um bom servidor, Bertuccio, embora pouco confiado.

- Eu, Sr. Conde?!

- Você, sim. Como é possível que tenha uma cunhada e um filho adotivo e nunca me tenha falado de uma nem de outro?

- Porque, infelizmente, Excelência, ainda lhe não contei a parte mais triste da minha vida. Parti para a Côrsega. Tinha pressa, como deve compreender, de tornar a ver e confortar a minha pobre cunhada. Mas quando cheguei a Rogliano encontrei a casa de luto. Houvera uma cena terrível, de que os vizinhos ainda hoje se recordam! A minha pobre cunhada, segundo os meus conselhos; resistia às exigências de Benedetto, que a cada instante queria que ela lhe desse todo o dinheiro que houvesse em casa. Uma manhã, ameaçou-a e desapareceu durante todo o dia. Ela chorou, porque a querida Assunta tinha para o miserável um coração de mãe. Quando anoiteceu, esperou-o sem se deitar. às onze horas, quando ele regressou com dois dos seus amigos, companheiros habituais de todas as suas tropelias, ela estendeu-lhe os braços. Mas eles apoderaram-se dela e um dos três - receio que aquele infernal rapaz --, um dos três gritou: "Experimentemos a tortura e talvez se resolva a dizer onde está o dinheiro." Precisamente naquele dia, o vizinho Wasilio fora a Bástia e a mulher ficara sozinha em casa. Ninguém, exceto ela, poderia ver ou ouvir o que se passasse na casa da minha cunhada. Dois seguraram a pobre Assunta, que, não acreditando na possibilidade de semelhante crime, sorria aos que iam ser seus carrascos. O terceiro foi fechar portas e janelas, voltou e todos os três juntos, abafando os gritos de terror que aqueles preparativos, mais sérios, lhe arrancavam, aproximaram os pés de Assunta do braseiro com que contavam para a obrigar a dizer onde escondera o nosso pequeno tesouro. Mas na luta o fogo pegou-se às roupas e eles largaram-na para não se queimarem a si próprios. Envolta em

chamas, ela correu para a porta, mas a porta estava fechada.

"Atirou-se à janela; mas a janela encontrava-se barricada. Então, a vizinha ouviu gritos horríveis; era Assunta, que pedia socorro. Mas a sua voz não tardou a ser abafada; os gritos transformaram-se em gemidos, e no dia seguinte, depois de uma noite de terror e angústia, quando a mulher de Wasilio se atreveu a sair de casa e mandou abrir a porta da nossa com autorização do juiz, encontraram Assunta meio queimada, mas respirando ainda, os armários arrombados e o dinheiro desaparecido. Quanto a Benedetto, deixara Rogliano para sempre. Nunca mais o vi desde esse dia e nem sequer ouvi falar dele. Foi depois de saber estas tristes notícias que procurei, V. Exª . já não tinha de lhe falar de Benedetto, que desaparecera, nem da minha cunhada, que morrera.

- E que pensou desse acontecimento? - Perguntou Monte-Cristo.

- Que era o castigo do crime que cometera - respondeu Bertuccio. - Ah, esses Villefort eram uma raça maldita!

- Também me parece - murmurou o conde, em tom lúgubre.

- E agora - prosseguiu Bertuccio --, V. Exª compreende, não é verdade, por que motivo esta casa, que não tornei a ver desde então, este jardim, onde me encontrei de súbito, e este lugar, onde matei um homem, me causaram as sombrias emoções cuja origem desejou conhecer. Porque, enfim, não tenho a certeza de
que diante de mim, aí, a meus pés, o Sr. de Villefort não esteja deitado na cova que abrira para o filho.

- Com efeito, tudo é possível - disse Monte-Cristo, levantando-se do banco onde estava sentado. - até -
acrescentou baixinho-que o procurador régio não tenha morrido. O abade Busoni fez bem em mandá-lo ter comigo e o senhor fez bem em me contar a sua história, pois assim não terei maus pensamentos a seu respeito. Quanto ao malfadado Benedetto, nunca procurou encontrar-lhe o rastro? Nunca tentou saber que
fora feito dele?

- Nunca. Se soubesse onde estava, em vez de ir ter com ele fugiria como se foge de um monstro. Não, felizmente nunca mais ouvi falar dele. Espero que tenha morrido.

- Não espere, Bertuccio - disse o conde. - Os maus não morrem assim, pois Deus parece tomá-los sob a sua proteção para os tornar instrumento das suas vinganças.

- Pois seja - concordou Bertuccio. - Tudo o que peço ao Céu é nunca mais tornar a ve-lo. Agora - continuou o intendente, baixando a cabeça - sabe tudo, Sr. Conde, e é o meu juiz, como Deus o será lá em cima. Não me dirá algumas palavras de consolação?

- Tem razão, com efeito, e posso dizer-lhe o que lhe diria o abade Busoni: aquele que abateu, esse Villefort, merecia ser castigado pelo que lhe fizera e talvez por outra coisa ainda. Benedetto, se vive, servirá, como lhe disse, para qualquer vingança divina e depois será castigado por seu turno. Quanto a você, só tem na realidade uma coisa a censurar-se: pergunte a si mesmo por que motivo, depois de arrancar a criança da
morte, não a entregou à mãe. É esse o seu crime, Bertuccio.

- Sim, senhor, foi esse o meu crime, o meu verdadeiro crime, porque me

comportei como um covarde. Uma vez que conseguira trazer a criança à vida, só tinha uma coisa a fazer, como o senhor disse, era restituí-la à mãe. Mas para isso teria de fazer indagações, de chamar a atenção, de me entregar, talvez. Ora eu não queria morrer, tinha amor à vida pela minha cunhada, pelo amor-próprio inato entre nós de ficarmos firmes
e vitoriosos na nossa vingança. Ou talvez me agarrasse à vida simplesmente por amor à própria vida. Oh, eu não sou um bravo como era o meu pobre irmão!

Bertuccio escondeu o rosto nas mãos e Monte-Cristo pousou nele um longo e indefinível olhar.

Em seguida, depois de um instante de silêncio, tornado ainda mais solene devido à hora e ao local:

- Para terminarmos dignamente esta conversa, que será a última acerca das suas aventuras, Sr. Bertuccio - disse o conde, num tom de melancolia que lhe não era habitual --, fixe bem as minhas palavras, que ouvi muitas vezes serem proferidas pelo próprio abade Busoni. Para todos os males há dois remédios: o
tempo e o silêncio. Agora, Sr. Bertuccio, deixe-me passear um instante no jardim. O que é para si uma emoção pungente, por ter sido ator nesta cena, será para mim uma sensação quase agrável e que duplicará o valor desta propriedade. As árvores, como o Sr. Bertuccio vê, só agradam porque dão sombra, e a própria sombra só agrada porque está cheia de sonhos e visões. Comprei um jardim julgando comprar um mero
recinto murado e mais nada, e de repente o recinto revela-se um jardim cheio de fantasmas, de modo algum incluídos na escritura. Ora eu gosto de fantasmas. Talvez porque nunca ouvi dizer que os mortos tenham feito tanto mal em seis mil anos como os vivos fazem num dia. Volte para casa, Sr. Bertuccio, e vá dormir em paz. Se o seu confessor, no momento supremo, for menos indulgente do que foi o abade Busoni, mande-me chamar, se eu for ainda deste mundo, e encontrarei para si palavras que embalarão a sua alma quando estiver prestes a pôr-se a caminho para fazer essa árdua viagem chamada eternidade. Bertuccio inclinou-se respeitosamente diante do conde e retirou-se, suspirando.

Monte-Cristo ficou só. Deu quatro passos em frente e murmurou:

- Aqui, ao pé deste plátano, a cova onde a criança foi depositada; lá adiante, a portinha por onde se entrava no jardim, àquele canto, a escada oculta que leva ao quarto. Parece-me que não necessito anotar tudo isto, pois tenho diante dos meus olhos, à minha volta e debaixo dos meus pés, a planta em relevo, a planta viva.

Depois de uma última volta ao jardim, o conde dirigiu-se para a carruagem. Bertuccio, que o achou pensativo, subiu sem dizer nada para o lugar ao lado do cocheiro. A carruagem retomou o caminho de Paris.

Naquela mesma noite, após chegar à casa dos Campos Elísios, o conde de Monte-Cristo visitou todo o edifício como o faria um homem familiarizado com ele há longos anos. Nem uma só vez, embora fosse à frente, abriu uma porta por outra ou tomou por uma escada ou por um corredor que o não levasse diretamente
aonde contava ir. Ali acompanhava-o na sua revista noturna. O conde deu a Bertuccio várias ordens com vista ao embelezamento ou à nova arrumação da casa e, puxando do relógio, disse ao núbio, atento:

- São onze e meia. Haydée não deve tardar. As mulheres francesas foram avisadas?

Ali estendeu a mão para os aposentos destinados à bela grega, que ficavam de tal forma isolados que, ocultando a porta com uma tapeçaria, se podia visitar toda a casa sem suspeitar que havia ali uma sala e dois quartos habitados. Ali, dizíamos, estendeu a mão para os aposentos, fez o número três com os dedos da mão esquerda e, apoiando a cabeça nessa mesma mão, depois de aberta, fechou os olhos como se dormisse.

- Ah! - exclamou o conde de Monte-Cristo, habituado àquela linguagem. - São três e estão à espera no quarto, não é?

- Sim - respondeu Ali, agitando a cabeça de alto a baixo.

- A senhora deve vir cansada, esta noite - continuou Monte-Cristo -, e sem duvida quererá dormir. Que não a façam falar. As criadas francesas devem cumprimentar apenas a sua nova ama e retirar-se. Providenciará para que a criada grega não comunique com as criadas francesas.

Ali inclinou-se.

Pouco depois ouviu-se chamar o porteiro, o portão abriu-se, uma carruagem rodou na alameda e deteve-se diante da escadaria. O conde desceu. A portinhola já estava aberta. Estendeu a mão a uma mulher nova, envolta num manto de seda verde, todo bordado a ouro, que lhe cobria a cabeça.

A jovem pegou na mão que lhe estendiam e beijou-a com certo amor, laivado de respeito. Trocaram algumas palavras, ternamente da parte da jovem e com meiga gravidade da parte do conde, na língua sonora que o velho Homero pôs na boca dos deuses.

Em seguida, precedida por Ali, que levava uma tocha de cera cor-de-rosa, a jovem, que não era outra senão a bela grega, companheira habitual de Monte-Cristo na Itália, foi conduzida aos seus aposentos e o conde retirou-se para o pavilhão que reservara para si. À meia-noite e meia hora todas as luzes estavam apagadas na casa e diria-se que todos dormiam.

Capítulo XLVI

O crédito ilimitado

No dia seguinte, por volta das duas horas da tarde, uma caleça puxada por dois magníficos cavalos ingleses parou diante da porta de Monte-Cristo. Um homem de casaca azul, com botões de seda da mesma cor, colete branco atravessado por enorme corrente de ouro e calças cor de avelã, e de cabelo tão preto
e descendo-lhe até tão perto das sobrancelhas que se hesitaria em julgá-lo natural, de tal forma parecia pouco de harmonia com as rugas inferiores, que não conseguia ocultar, um homem, enfim, de cinquenta a cinquenta e cinco anos e que procurava aparentar quarenta meteu a cabeça pela portinhola, em cuja
almofada se via pintada uma coroa de barão, e mandou o seu mandarete perguntar ao porteiro se o conde de Monte-Cristo estava em casa.

Enquanto esperava, o homem pôs-se a observar, com uma atenção tão minuciosa, que se tornava quase impertinente, o exterior da casa, o que se podia distinguir do jardim e a libré de alguns criados que se viam ir e vir. O homem tinha um olhar vivo, mas mais astuto do que espiritual, e lábios tão delgados que em vez de lhe saírem da boca lhe entravam nela. Finalmente, a largura e a proeminência das maçãs-do-rosto,
sinal infalível de astúcia, a depressão da testa e a grossura do occipício, que ultrapassava muito as grandes orelhas nada aristocráticas, contribuíam para dar, aos olhos de qualquer fisionomista um caracter quase repelente à figura desta personagem muito recomendável aos olhos do vulgo, pelo seu cabelo magnífico, pelo enorme diamante que trazia na camisa e pela fita vermelha que se estendia de uma botoeira à outra da
casaca.

O mandarete bateu no postigo do porteiro e perguntou:

- É aqui que mora o Sr. Conde de Monte-Cristo?

- Sim, é aqui que mora Sua Excelência - respondeu o porteiro. - Mas... E consultou Ali com a vista, o qual lhe fez um sinal negativo.

- Mas?... - insistiu o mandarete.

- Mas Sua Excelência não está visível - respondeu o porteiro.

- Nesse caso, aqui está o cartão do meu amo, o Sr. Barão Danglars. Entregue-o ao conde de Monte-Cristo e diga-lhe que ao ir para a Câmara o meu amo se desviou do caminho para ter a honra de ve-lo.

- Eu não falo com Sua Excelência - perguntou o porteiro -, mas o criado de quarto lhe dará o recado.

O mandarete voltou para a carruagem.

- Então? - perguntou Danglars.

O rapaz, muito envergonhado devido à lição que acabava de receber, transmitiu ao amo a resposta que lhe dera o porteiro.

- Ora essa! - exclamou Danglars. - É algum príncipe esse cavalheiro a quem tratam por Excelência e a quem só o criado de quarto tem o direito de falar? Não faz mal, como tem um crédito sobre mim, o verei quando precisar de dinheiro!

E Danglars recostou-se no fundo da carruagem, depois de gritar ao cocheiro, de forma que se pudesse ouvir do outro lado da rua:

- À Camara dos Deputados!

Através de uma persiana do seu pavilhão, Monte-Cristo, prevenido a tempo, vira e estudara o barão com o auxílio de um excelente binóculo com não menos atenção do que o Sr. Danglars pusera na análise da casa, do jardim e das librés.

- Decididamente - murmurou com uma expressão de repugnância, guardando o binóculo no seu estojo de marfim --, decididamente aquele homem é uma criatura horrível. Como é possível não reconhecer nele, desde a primeira vez que se vê, a serpente de cabeça achatada, o abutre de crânio abaulado e o bútio de bico cortante? Ali! - gritou, e depois bateu numa campainha de cobre.

Ali apareceu.

- Chame Bertuccio - ordenou-lhe.

No mesmo momento, Bertuccio entrou.

- V. Exª ia mandar me chamar? - perguntou o intendente.

- Ia, sim, senhor - respondeu o conde. - Viu os cavalos que estiveram

parados diante da minha porta?

- Decerto, Excelência. São mesmo muito bonitos.

- Como é possível - prosseguiu Monte-Cristo, franzindo o sobrolho - que depois de lhe pedir que me arranjasse os dois mais belos cavalos de Paris haja em Paris dois cavalos tão bonitos como os meus e que esses cavalos não estejam nas minhas cavalariças?

Perante o sobrolho franzido e o tom severo daquela voz, Ali baixou a cabeça.

- A culpa não é sua, meu bom Ali - disse o conde em árabe, com uma doçura que se não julgaria poder encontrar nem na sua voz, nem no seu rosto. - Você não entende de cavalos ingleses.

A serenidade reapareceu no rosto de Ali.

- Sr. Conde - disse Bertuccio --, os cavalos a que se refere não estavam à venda.

Monte-Cristo encolheu os ombros:

- Fique sabendo, Sr. Intendente, que tudo está sempre à venda para quem pode pagar o preço.

- O Sr. Danglars pagou-os por dezesseis mil francos, Sr. Conde.

- Nesse caso, era oferecer-lhe trinta e dois mil. É banqueiro e um banqueiro nunca perde a oportunidade de duplicar o seu capital.

- O Sr. Conde fala sério? - perguntou Bertuccio.

Monte-Cristo fitou o intendente como um homem surpreendido por se atreverem a interrogá-lo.

- Esta tarde vou fazer uma visita. Quero que esses dois cavalos estejam atrelados à minha carruagem com um arreio novo.

Bertuccio cumprimentou e retirou-se. Mas parou ao pé da porta para perguntar:

- A que horas conta V. Exª fazer essa visita?

- Às cinco horas - respondeu Monte-Cristo.

- Permito-me observar a V. Exª que já são duas horas - arriscou o intendente.

- Bem sei - limitou-se a responder Monte-Cristo.

Depois, virando-se para Ali:

- Mande passar todos os cavalos diante da senhora para que escolha a parelha que mais lhe agradar e peça-lhe que mande me dizer se quer jantar comigo. Nesse caso, o jantar será servido nos seus aposentos. Vai. Quando descer, mande-me o meu criado de quarto.

Ali acabava de desaparecer quando o criado de quarto entrou por seu turno.

- Sr. Baptistin - disse-lhe o conde --, há um ano que está ao meu serviço; é o tempo de experiência que imponho habitualmente ao meu pessoal. O senhor serve-me. Baptistin inclinou-se.

- Resta saber se eu lhe sirvo.

- Oh, Sr. Conde! - apressou-se a dizer Baptistin.

- Ouça-me até o fim - prosseguiu o conde. - O senhor ganha por ano mil e quinhentos francos, isto é, o soldo de um bom e bravo oficial que arrisca todos os dias a vida, e tem uma mesa que muitos chefes de repartição, pobres servidores

infinitamente mais ocupados do que o senhor, lhe invejariam. Criado, tem o senhor mesmo criados que lhe cuidam da roupa e das suas coisas. Além dos seus mil e quinhentos francos de ordenado, o senhor rouba-me, nas compras que faz para a minha toilette, mais cerca de mil e quinhentos francos por ano...

- Oh, Excelência!

- Não me queixo disso, Sr. Baptistin; é razoável. No entanto, desejo que as coisas fiquem por aí. O senhor não arranjaria em parte alguma um lugar como o que a sua boa fortuna lhe proporcionou. Nunca bato no meu pessoal, nunca praguejo, nunca me encolerizo, perdoo sempre um erro, mas nunca uma negligência ou um esquecimento. As minhas ordens são habitualmente curtas, mas claras e precisas. Prefiro repeti-las duas vezes, e até três, a vê-las mal interpretadas. Sou bastante rico para saber tudo o que quero saber, e sou muito curioso, previno-o. Se souber, portanto, que falou a meu respeito bem ou mal, comentou os meus atos ou vigiou a minha conduta, sairá da minha casa imediatamente. Nunca previno os meus criados mais do que uma vez. Está prevenido, pode-se retirar!

Baptistin inclinou-se e deu três ou quatro passos para se retirar. - A propósito - prosseguiu o conde -, ia me esquecendo de dizer que todos os anos deposito determinada importância em nome do meu pessoal. Aqueles que despeço perdem inevitavelmente esse dinheiro, que aproveita aos que ficam e que a ele terão direito depois da minha morte. Está aqui há um ano, a sua fortuna começou, continue-a.

Esta alocução feita diante de Ali, que permanecia impassível atendendo a que não percebia uma palavra de francês, produziu no Sr. Baptistin um efeito que compreenderão todos aqueles que estudaram a psicologia do criado francês.

- Procurarei conformar-me em todos os pontos com os desejos de V. Exª - disse. - Aliás, me guiarei pelo Sr. Ali.

- Oh, de modo nenhum! - perguntou o conde, com uma frieza de mármore. - Ali tem muitos defeitos de mistura com as suas qualidades. Não siga portanto o seu exemplo, porque Ali é uma exceção. Não tem salário, não é um criado, é o meu escravo, o meu cão. Se faltasse ao seu dever, não o despediria, matava-o.

Baptistin arregalou os olhos.

- Duvida? - perguntou Monte-Cristo.

E repetiu a Ali as mesmas palavras que acabava de dizer em francês a Baptistin.

Ali ouviu, sorriu, aproximou-se do amo, pôs um joelho no chão e beijou-lhe respeitosamente a mão.

Este corolariozinho da lição levou ao cúmulo a estupefação do Sr. Baptistin, o conde fez sinal a Baptistin para sair e a Ali para segui-lo. Ambos passaram ao gabinete do conde, onde conversaram demoradamente.

Às cinco horas o conde tocou três vezes a campainha. Um toque chamava Ali, dois toques Baptistin, e três toques Bertuccio.

O intendente entrou.

- Os meus cavalos? - perguntou Monte-Cristo.

- Estão atrelados à carruagem, Excelência - respondeu Bertuccio. - Devo acompanhar o Sr. Conde?

- Não, apenas o cocheiro, Baptistin e Ali.

O conde desceu e encontrou atrelados à carruagem os cavalos que admirara de manhã na carruagem de Danglars. Ao passar por eles deitou-lhe uma olhadela.

- São lindos, de fato - declarou --, e fez bem em comprá-los. Só é pena que tenha sido um bocadinho tarde...

- Excelência - atalhou Bertuccio --, tive muita dificuldade em os conseguir e ficaram muito caros.

- São por isso menos belos? - perguntou o conde, encolhendo os ombros.

- Se V. Exª está satisfeito é quanto basta - disse Bertuccio.

- Aonde vai, Excelência?

- À Rua da Chaussée-d'Antin, a casa do Sr. Barão Danglars.

Esta conversa passava-se no alto da escadaria. Bertuccio deu um passo para descer o primeiro degrau.

- Espere, senhor - disse Monte-Cristo, detendo-o. - Preciso de um terreno à beira-mar, na Normandia, por exemplo, entre o Havre e Bolonha. Dou-lhe espaço, como vê, conviria que o terreno tivesse um portinho, uma enseadazinha, uma baiazinha, onde pudesse entrar e ficar a minha corveta, que não precisa de mais de quinze pés de água. O navio estará sempre pronto a fazer-se ao mar, a qualquer hora do dia ou da noite que lhe dê ordem para isso. Informe-se junto de todos os tabeliões de uma propriedade nas condições que lhe disse. Quando souber de alguma, ir vê-la, e se lhe agradar, compre-a em seu nome. A corveta deve estar a caminho de Fécamp, não é verdade?

- Vi-a fazer-se ao mar na própria tarde em que saímos de Marselha.

- E o iate?

- O iate tem ordem para permanecer em Martigues.

- Bem, comunique de vez em quando com os dois patrões que os comandam a fim de não adormecerem.

- E quanto ao navio a vapor?

- O que está em Châlons?

- Sim.

- As mesmas ordens que para os dois navios à vela.

- Muito bem!

- Logo que a propriedade esteja comprada, instalarei mudas de cavalos de dez em dez léguas na estrada do Norte e na estrada do Meio-Dia.

- V. Exª pode contar comigo.

O conde fez um sinal de satisfação, desceu os degraus e entrou na carruagem, a qual, levada pelo trote magnífico da parelha, só parou diante do palácio do banqueiro.

Danglars presidia a uma comissão nomeada para estudar a instalação de uma via férrea quando lhe anunciaram a visita do conde de Monte-Cristo. A sessão estava, de resto, quase terminando.

Ao ouvir o nome do conde, levantou-se.

- Meus senhores - disse, dirigindo-se aos colegas, muitos dos quais eram respeitáveis membros de uma ou de outra Câmara -, perdoem-me deixá-los assim, mas imaginem que a Casa Thomson & French, de Roma, me recomenda um tal conde de Monte-Cristo, a quem abre em minha casa um crédito ilimitado.

É a brincadeira mais engraçada que os meus correspondentes estrangeiros até agora se permitiram ter para comigo! Compreendem, fiquei cheio de curiosidade e ainda estou. Passei esta manhã pela casa do pretenso conde. Se fosse um verdadeiro conde, não seria tão rico, como calculam. O cavalheiro não estava visível. Que lhes parece? Não acham que mestre Monte-Cristo se dá ares de alteza ou de mulher bonita? Fora isso, a casa situada nos Campos Elísios, e que lhe pertence, segundo estou informado, pareceu-me bem. Mas um crédito ilimitado - prosseguiu Danglars, soltando um riso desagrável - torna muito exigente o banqueiro junto do qual o crédito é aberto. Tenho portanto pressa de ver o nosso homem. Julgo-me mistificado. Mas os meus correspondentes não sabem com quem estão metidos. Rirá melhor quem rir no fim.

Ditas estas palavras, com uma ênfase que dilatou as narinas do Sr. Barão, este deixou os seus hóspedes e passou a uma sala pintada de branco e dourado, famosa na Chaussée-d'Antin.

Fora para lá que ordenara levassem o visitante, a fim de o deslumbrar logo de entrada.

O conde estava de pé, examinando cópias de Albane e Fattore, que tinham feito passar aos olhos do banqueiro por originais e que por isso mesmo destoavam gritantemente dos adornos de todas as cores que guarneciam o teto. Ao ouvir o ruído que Danglars fez ao entrar o conde virou-se.

Danglars cumprimentou com uma leve inclinação de cabeça e fez sinal ao conde para se sentar numa cadeira de braços forrada de cetim branco e guarnecida de pregaria dourada. O conde sentou-se.

- É o Sr. de Monte-Cristo que tenho a honra de falar?

- E eu - respondeu o conde - ao Sr. Barão Danglars, cavaleiro da Legião de Honra e membro da Câmara dos Deputados?

Monte-Cristo repetia todos os títulos que encontrara no cartão do barão. Danglars acusou o toque e mordeu os lábios.

- Desculpe-me, senhor, não o ter tratado logo pelo título por que me foi anunciado, mas como vivemos sob um governo popular e sou um representante dos interesses do povo...

- Embora conservando o hábito de se fazer tratar por barão, perdeu o de tratar os outros por conde - concluiu Monte-Cristo.

- Oh, não é por mim, senhor! - respondeu negligentemente Danglars. - Nomearam-me barão e fizeram-me cavaleiro da Legião de Honra por alguns serviços prestados, mas...

- Mas abdicou dos seus títulos, como fizeram outrora os Srs. de Montmorency e de Lafayette? Era um belo exemplo a seguir.

- Que no entanto não segui inteiramente - admitiu Danglars, embaraçado. - Mas compreende, os criados...

- Sim, para os seus criados deve ser monsenhor, para os jornalistas, senhor, e para os seus representados, cidadão. São cambiantes muito aplicáveis ao governo constitucional. Compreendo perfeitamente.

Danglars beliscou os lábios. Viu que naquele terreno não era da força de Monte-Cristo e tentou portanto regressar a outro que lhe fosse mais familiar.

- Sr. Conde - disse, inclinando-se - recebi uma carta da Casa Thomson & French...

- Ainda bem, Sr. Barão. Permita-me que o trate como o tratam os seus criados. É um mau hábito adquirido em países onde ainda existem barões precisamente porque já se não fazem. Ainda bem, dizia, porque assim não terei necessidade de me apresentar pessoalmente, o que é sempre embaraçoso. Recebeu
portanto, dizia, uma carta?

- Sim - respondeu Danglars. - Mas confesso-lhe que lhe não compreendi perfeitamente o sentido.

- Essa é boa!

- E tive até a honra de passar por sua casa para lhe pedir algumas explicações.

- Pois aqui me tem, senhor, - pronto a ouvi-lo.

- Tenho essa carta comigo, creio - disse Danglars, procurando-a na algibeira. - Sim, aqui está... Esta carta abre ao Sr. Conde de Monte-Cristo um crédito ilimitado na minha casa.

- E que vê o Sr. Barão de obscuro aí?

- Nada, senhor. Apenas a palavra ilimitado...

- Não é uma palavra francesa?... Compreende, a carta foi escrita por anglo-alemães.

- Oh, certamente, senhor! No tocante à sintaxe não há nada a dizer, mas o mesmo não acontece no tocante à contabilidade.

- Porventura a Casa Thomson & French não é perfeitamente segura, na sua opnião, Sr. Barão? - perguntou Monte-Cristo com o ar mais ingênuo que conseguiu arranjar. - Diabo, isso me contrariaria, pois tenho alguns fundos colocados nela!

- Oh, é perfeitamente segura - respondeu Danglars, com um sorriso quase zomboteiro. - Mas o sentido da palavra ilimitado, em matéria de finanças, é tão vago...

- Que é ilimitado, não é verdade?-concluiu Monte-Cristo.

- Era precisamente isso que queria dizer, senhor. O vago é duvidoso, e lá diz o ditado: “Na dúvida, abstenha-se.”

- O que significa - prosseguiu Monte-Cristo - que se a Casa Thomson & French está disposta a cometer loucuras, a Casa Danglars não quer seguir-lhe o exemplo.

- Como assim, Sr. Conde?

- Sim, sem dúvida. Os Srs. Thomson & French negociam sem fixar os limites do seu crédito, mas o Sr. Danglars tem um limite para o seu; é um homem sensato, como há pouco dizia.

- Senhor - respondeu orgulhosamente o banqueiro --, ainda ninguém recorreu em vão à minha caixa!

- Nesse caso - perguntou friamente Monte-Cristo --, parece que serei eu o primeiro.

- Quem lhe disse isso?

- As explicações que me pode, senhor, e que se assemelham muito a hesitações...

Danglars mordeu os lábios. Era a segunda vez que era batido por aquele homem, e desta vez no seu terreno. A sua cortesia zombeteira era apenas afetada

e raiava quase a impertinência.

Monte-Cristo, pelo contrário, sorria com a maior descontração deste mundo e possuía, quando queria, um certo ar ingênuo que lhe dava muitas vantagens.

- Enfim, senhor - disse Danglars, após um momento de silêncio --, vou tentar fazer-me compreender, pedindo-lhe que fixe pessoalmente a quantia que conta levantar do meu banco.

- Mas, senhor - perguntou Monte-Cristo, decidido a não perder uma polegada de terreno na discussão --, se pedi um crédito ilimitado sobre o senhor, foi precisamente por não saber de que dinheiro precisaria.

O banqueiro julgou chegado, finalmente, o momento de atacar a fundo. Recostou-se na sua cadeira e disse, com um sorriso grosseiro e orgulhoso:

- Oh, senhor, não tenha medo de pedir! Poderá então convencer-se de que o crédito da Casa Danglars, por muito limitado que seja, pode satisfazer as maiores exigências. Mesmo que pedisse um milhão...

- Como? - perguntou Monte-Cristo.

- Disse que mesmo que pedisse um milhão - repetiu Danglars com a arrogância da estupidez.

- E que faria eu com um milhão? - perguntou o conde. - Meu Deus, senhor, se se tratasse apenas de um milhão não estaria aqui! Não me incomodaria em abrir um crédito por semelhante miséria! Um milhão? Mas se trago sempre um milhão na carteira ou no meu estojo de viagem!

E Monte-Cristo tirou de uma agendazinha onde trazia os cartões de visita duas ordens de pagamento de quinhentos mil francos cada uma, pagáveis ao portador, sobre o Tesouro. Um homem como Danglars devia ser desancado e não espicaçado. A bordoada produziu o seu efeito: o banqueiro cambaleou e sentiu vertigens. Depois, pousou em Monte-Cristo dois olhos embrutecidos e com as pupilas horrivelmente dilatadas.

- Vamos - disse Monte-Cristo --, confesse que desconfia da Casa Thomson & French... Meu Deus, é muito simples! Previ o caso e, apesar de não perceber nada de negócios, tomei as minhas precauções. Aqui estão portanto mais duas cartas idênticas à que lhe foi endereçada. Uma é da Casa Arestein & Eskoles, de Viena, sobre o Sr. Barão de Rothschild, e a outra é da Casa Baring, de Londres, sobre o Sr. Laff'tte. Diga-me uma só palavra, senhor, e o livrarei de qualquer preocupação, dirigindo-me a uma ou a outra destas duas casas.

Pronto, Danglars estava vencido. Abriu, visivelmente trêmulo, a carta de Viena e a carta de Londres, que o conde lhe estendia com a ponta dos dedos, e verificou a autenticidade das assinaturas com uma minúcia que seria insultante para Monte-Cristo se não fizesse parte da estupefação do banqueiro.

- Oh, senhor, estão aqui três assinaturas que valem muitos milhões - declarou Danglars, levantando-se como que para cumprimentar o poder do ouro personificado naquele homem que tinha diante de si. - Três créditos ilimitados sobre as nossas casas! Perdoe-me, Sr. Conde, mas, embora deixando de ser desconfiado, ainda estou atônito.

- Bom, não é caso para uma casa como a sua se surpreender assim - declarou Monte-Cristo, com toda a urbanidade. - Pode portanto abonar-me algum dinheiro, não é verdade?

- Fale, Sr. Conde, estou às suas ordens.

- Bom - prosseguiu Monte-Cristo --, agora que já nos conhecemos... Porque nos entendemos, não é verdade?

Danglars acenou afirmativamente com a cabeça.

- E já não tem nenhuma desconfiança? - continuou Monte-Cristo.

- Oh, Sr. Conde, nunca tive! - exclamou o banqueiro.

- Pois não, desejava apenas uma prova e mais nada. Bom, agora que já nos entendemos - repetiu o conde --, agora que já não tem nenhuma desconfiança, fixemos, se assim o deseja, uma importância geral para o primeiro ano: seis milhões, por exemplo.

- Seja seis milhões! - concordou Danglars, sufocado.

- Se precisar de mais - prosseguiu maquinalmente Monte-Cristo --, pedirei mais, mas não conto ficar mais de um ano na França e durante esse ano creio que não excederei essa verba... Enfim, veremos... Para começar, agradecia-lhe que me mandasse entregar amanhã quinhentos mil francos. Estarei em casa até ao meio-dia, mas se não estiver, deixarei um recibo ao meu intendente.

- O dinheiro estará na sua casa amanhã às dez horas da manhã, Sr. Conde - respondeu Danglars. - Quere-o em ouro, em notas ou em prata?

- Metade em ouro e metade em notas, por favor.

E o conde levantou-se.

- Devo confessar-lhe uma coisa, Sr. Conde - disse Danglars, por seu turno. - Julgava ter noções exatas sobre todas as grandes fortunas da Europa, e no entanto a sua, que me parece considerável, era-me, confesso, absolutamente desconhecida. É recente?

- Não, senhor - respondeu Monte-Cristo. - Pelo contrário, é antiquíssima. Era uma espécie de tesouro de família no qual era proibido tocar e cujos juros acumulados triplicaram o capital. A data fixada pelo testador chegou apenas há alguns anos, e portanto só há alguns anos entrei na posse dessa fortuna. A sua ignorância a tal respeito é pois absolutamente natural. De resto, dentro de algum tempo saberá melhor o que possuo...

E o conde acompanhou estas palavras com um dos sorrisos pálidos que tanto medo metiam a Franz de Epinay.

- Com os seus gostos e as suas intenções, senhor - continuou Danglars --, vai decerto exibir na capital um luxo que nos esmagará a todos, pobres pequenos milionários. Entretanto, como me parece apreciador, porque quando entrei observava os meus quadros, peço-lhe licença para lhe mostrar a minha galeria. São todos quadros antigos, todos quadros de mestres garantidos como tal. Não gosto dos modernos.

- Tem razão, senhor, porque têm geralmente um grande defeito: o de não terem tido ainda tempo de envelhecer.

- Também lhe posso mostrar algumas estátuas de Thorwaldsen, de Bartoloni e de Canova, todos artistas estrangeiros. Como vê, não aprecio os artistas franceses.

- Tem o direito de ser injusto com eles, senhor, visto serem seus compatriotas.

- Mas tudo isto fica para mais tarde, para quando nos conhecermos melhor.

Por hoje me limitarei, se me permite, a apresentá-lo à Sra Baronesa

Danglars. Desculpe a minha insistência, Sr. Conde, mas um cliente como o senhor faz quase parte da família.

Monte-Cristo inclinou-se em sinal de que aceitava a honra que o financeiro lhe desejava conceder.

Danglars tocou. Apareceu um lacaio de libré resplandecente.

- A Sr. a Baronesa está nos seus aposentos? - perguntou Danglars.

- Está sim, Sr. Barão - respondeu o lacaio.

- Sozinha?

- Não, a senhora tem visitas.

- Não será indiscrição apresentá-lo diante de outras pessoas, pois não, Sr. Conde? Não guarda o incógnito?

- Não, Sr. Barão - respondeu Monte-Cristo, sorrindo. - Acho que não tenho esse direito.

- E quem está com a senhora? O Sr. Debray? - perguntou Danglars, com uma bonomia que fez sorrir intimamente Monte-Cristo, já esclarecido acerca dos transparentes segredos familiares do financeiro.

- É, sim, o Sr. Debray, Sr. Barão - respondeu o lacaio.

Danglars acenou com a cabeça.

Depois, virando-se para Monte-Cristo:

- O Sr. Lucicn Debray - disse - é um velho amigo nosso, secretário particular do ministro do Interior. Quanto à minha mulher, desceu casando comigo, pois pertence a uma família antiga: era uma Serviêres, viúva em primeiras núpcias do Sr. Coronel Marquês de Nargonne.

- Não tenho a honra de conhecer a Sra Danglars, mas já conheço o Sr. Lucien Debray.

- Sim? - admirou-se Danglars. - E onde o conheceu?

- Em casa do Sr. de Morcerf. - disse Danglars.

- Ah, conhece o viscondezinho?

- Encontramo-nos em Roma, no Carnaval.

- Ah, sim, ouvi dizer qualquer coisa a respeito de uma aventura singular com bandidos, assaltantes nas rumas!... Parece que foi salvo milagrosamente. Creio que ele contou qualquer coisa a esse respeito à minha mulher e à minha filha, no seu regresso da Itália.

- A Sra Baronesa espera-os, senhor - veio anunciar o lacaio.

- Vou à frente para lhe indicar o caminho - declarou Danglars, inclinando-se.

- E eu o sigo - respondeu Monte-Cristo.

Capítulo XLVII

A parelha pigarça

O barão, seguido do conde, atravessou uma longa fila de salas notáveis pela sua pesada sumtuosidade e pelo seu faustoso mau gosto e chegou ao boudoir da Sra Danglars, uma salinha octogonal forrada de cetim cor-de-rosa e musselina da índia. As cadeiras eram de antiga madeira dourada e igualmente

antigo era o tecido dos estofos. As bandeiras das portas representavam cenas bucólicas no gênero de Boucher. Finalmente, dois bonitos medalhões pintados em pastel, de harmonia com o resto da decoração, tornavam a salinha a única divisão do palácio com algum carater. É certo que escapara ao plano geral estabelecido entre o Sr. Danglars e o seu arquiteto, uma das mais altas e eminentes celebridades do
Império, e que fora a baronesa e Lucien Debray quem interviera unicamente na decoração. Por isso o Sr. Danglars, grande admirador do antigo conforme o entendia o Diretório, nutria grande desdém por aquele elegante redutozinho, onde, de resto, só era admitido, em geral, com a condição de justificar a sua presença acompanhando alguém. Não era, portanto, na realidade, Danglars quem apresentava, era, pelo contrário, ele que era apresentado e bem ou mal recebido, consoante o rosto do visitante agradava ou desagradava à baronesa.

A Sra Danglars, cuja beleza ainda podia ser citada, apesar dos seus trinta e seis anos, estava ao piano, pequena obra-prima de marcenaria, enquanto Lucien Debray, sentado diante de uma mesa de costura, folheava um álbum.

Antes da chegada do conde, Lucien já tivera ensejo de contar à baronesa muitas coisas a seu respeito. Sabemos como, durante o almoço em casa de Albert, Monte-Cristo impressionara os convivas. Ora, tal impressão, por muito pouco impressionável que ele fosse, ainda não se apagara em Debray e as informações que dera à baronesa acerca do conde tinham-se ressentido disso. A curiosidade da Sra Danglars, excitada pelos antigos pormenores dados por Morcerf e pelos novos fornecidos por Lucien, subira portanto ao cúmulo. Por isso, aquela disposição de piano e álbum não passava de uma dessas astuciazinhas da sociedade, com o auxílio das quais se ocultam maiores precauções. A baronesa recebeu, consequentemente, o Sr. Danglars com um sorriso, o que da sua parte não era coisa habitual. Quanto ao conde, teve em troca do seu cumprimento uma cerimoniosa mas ao mesmo tempo graciosa reverência.

Pela sua parte, Lucien trocou com o conde um cumprimento de semiconhecimento e com Danglars um gesto de intimidade.

- Sra Baronesa - disse Danglars --, permita-me que lhe apresente o Sr. Conde de Monte-Cristo, que me foi apresentado pelos meus correspondentes em Roma com as recomendações mais insistentes. A seu respeito tenho apenas a dizer que não tardará a ser disputadíssimo por todas as nossas belas damas. Está em Paris com a intenção de permanecer um ano e de durante esse ano despender seis milhões de francos, o que promete uma série de bailes, de jantares e de ceias, para os quais espero que o Sr. Conde não se esqueça de nos convidar, tal como não nos esqueceremos de o convidá-lo para as nossas festinhas.

Apesar da apresentação ser bastante grosseiramente elogiosa, é em geral coisa tão rara um homem chegar a Paris disposto a gastar num ano a fortuna de um príncipe que a Sra Danglars deitou ao conde um olhar que não era desprovido de certo interesse

- Quando chegou, senhor? - perguntou a baronesa.
- Anteontem de manhã, minha senhora.
- E veio, conforme o seu hábito, pelo que me disseram, do cabo do mundo?
- De Cadiz, desta vez, minha senhora; pura e simplesmente.

- Oh, chega numa estação horrível! Paris é detestável no Verão, não há bailes, nem reuniões, nem festas. A Ópera italiana está em Londres; a Ópera francesa está em toda a parte, exceto em Paris, e quanto ao teatro francês, como sabe, não está em parte nenhuma. Resta-nos portanto, como única distração, algumas pobres corridas no Campo de Marte e em Satory. Participará nas corridas, Sr. Conde?

- Minha senhora - respondeu Monte-Cristo --, participarei em tudo o que se fizer em Paris se tiver a sorte de encontrar alguém que me informe convenientemente acerca dos hábitos franceses.

- É apreciador de cavalos, Sr. Conde?

- Passei parte da minha vida no Oriente, minha senhora, e os Orientais, como sabe, só apreciam duas coisas no mundo: a nobreza dos cavalos e a beleza das mulheres.

- Então, Sr. Conde, devia ter tido a galantaria de colocar as mulheres em primeiro lugar... - observou a baronesa.

- Como vê, minha senhora, tinha toda a razão quando há pouco desejava encontrar um preceptor capaz de me ensinar os hábitos franceses.

Neste momento, a camareira favorita da Sra Baronesa Danglars entrou, aproximou-se da ama e segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido. A Sra Danglars empalideceu.

- Impossível! - exclamou.

- Mas é a pura verdade, minha senhora - respondeu a camarista.

A Sra Danglars virou-se para o marido.

- É verdade, senhor?

- O quê, minha senhora? - perguntou Danglars, visivelmente agitado.

- O que me disse esta moça...

- E que disse ela?

- Disse-me que quando o meu cocheiro foi para atrelar os meus cavalos à minha carruagem não os encontrou na cavalariça. Que significa isto, diga-me?

- Minha senhora, escute-me... - começou Danglars.

- Oh, escuto-o, senhor, porque tenho curiosidade de saber o que me vai dizer! Farei estes senhores juízes entre nós e começo por lhes dizer o que se passa. Meus senhores - continuou a baronesa --, o Sr. Barão Danglars tem dez cavalos na cavalariça; entre esses dez cavalos há dois que são meus, cavalos encantadores, os mais belos cavalos de Paris. O senhor conhece-os, Debray, os meus pigarços! Pois bem, no momento em que a Sra de Villefort me pede emprestada a carruagem, e a prometo para ir amanhã ao Bosque, os dois cavalos desaparecem! O Sr. Danglars deve ter arranjado maneira de ganhar alguns milhares de francos com eles e vendeu-os. Oh, meu Deus, que raça maldita, a dos especuladores!

- Minha senhora - respondeu Danglars --, os cavalos eram demasiado fogosos, tinham apenas quatro anos e faziam-me recear horrivelmente por si...

- Sabe perfeitamente - perguntou a baronesa - que tenho há mais de um mês ao meu serviço o melhor cocheiro de Paris, a não ser que também o tenha vendido com os cavalos.

- Querida amiga, lhe arranjarei outros idênticos, ou mais bonitos ainda, se houver, mas cavalos sossegados, calmos e que me não inspirem semelhante

terror.

A baronesa encolheu os ombros com ar de profundo desprezo. Danglars não pareceu notar o gesto mais do que conjugal e virou-se para Monte-Cristo:

- Na verdade, lamento não o ter conhecido mais cedo, Sr. Conde - declarou. - está montando a sua casa?

- Evidentemente - respondeu o conde.

- Teria lhe oferecido. Imagine que os dei por nada, mas como lhe disse, queria desfazer-me deles. São cavalos para rapazes.

- Agradeço-lhe, senhor - respondeu o conde --, mas comprei uns esta manhã, bastante bons e não demasiado caros. Olhe, veja-os, Sr. Debray; creio que é apreciador...

Enquanto Debray se aproximava da janela, Danglars aproximou-se da mulher.

- Imagine, minha senhora - disse-lhe baixinho --, que me vieram oferecer um preço exorbitante por esses cavalos. Não sei qual é o louco em vias de se arruinar que me mandou esta manhã o seu intendente, mas o caso é que ganhei dezasseis mil francos. Não se zangue comigo e lhe darei quatro mil e dois mil a Eugênie.

A Sra Danglars deitou ao marido um olhar esmagador.

- Oh, meu Deus! - exclamou Debray.

- Que aconteceu? - perguntou a baronesa.

- Mas não estou enganado, são os seus cavalos, os seus próprios cavalos atrelados à carruagem do conde.

- Os meus pigarços?! - gritou a Sra Danglars.

Correu para a janela.

- Com efeito, são eles... - murmurou.

Danglars estava estupefato.

- Será possível? - disse Monte-Cristo, simulando surpresa.

- É incrível! - exclamou o banqueiro.

A baronesa disse qualquer coisa ao ouvido de Debray, que se aproximou de Monte-Cristo.

- A baronesa manda perguntar por quanto lhe vendeu o marido a parelha.

- Não sei muito bem - respondeu o Conde --, foi uma surpresa que o meu intendente me fez e me custou... creio que trinta mil francos.

Debray foi transmitir a resposta à baronesa.

Danglars estava tão pálido e desorientado que o conde simulou ter pena dele.

- Veja como as mulheres são ingratas - disse-lhe. - A atenção que teve para com ela não impressionou nada a baronesa. Ingratas não é o termo, era loucas que deveria dizer. Mas, que quer, gostam sempre do que é nocivo. Por isso o mais sensato, acredite, caro barão, é deixá-las fazer sempre o que lhes venha à cabeça. Se a partirem, pelo menos só se poderão queixar delas próprias!

Danglars não disse nada; previa num próximo futuro uma cena desastrosa. A Sra Baronesa já estava de sobrolho franzido, o que, como no caso de Júpiter Olímpico, pressagiava tempestade. Debray, que a sentia formar-se, pretextou um assunto a tratar e saiu. Monte-Cristo, que não desejava prejudicar a posição
que contava conquistar demorando-se mais tempo, cumprimentou a Sra Danglars

e retirou-se, entregando o barão à cólera da mulher.

"Bom", pensou Monte-Cristo ao sair, "cheguei aonde queria chegar. Tenho nas mãos a paz do casal e vou conquistar de uma assentada o coração do senhor e o coração da senhora...Que sorte! Mas", crescentou, "no meio de tudo isto não fui apresentado à Menina Eugênie Danglars, que no entanto teria sido muito agrádavel conhecer. Mesmo assim", prosseguiu, com o sorriso que lhe era característico, "eis-nos em Paris e com tempo à nossa frente... Ficará para mais tarde!..."

após esta reflexão, o conde meteu-se na carruagem e regressou para casa.

Duas horas mais tarde, a Sra Danglars recebeu uma carta encantadora do conde de Monte-Cristo, na qual este lhe declarava que, não querendo assinalar a sua entrada na sociedade parisiense com o desespero de uma linda mulher, lhe suplicava que aceitasse a restituição dos seus cavalos.

Estes tinham os mesmos arreios que ela lhes vira de manhã; apenas no meio de cada roseta que traziam junto das orelhas o conde mandara colocar um diamante. Danglars também teve a sua carta.

O conde pedia-lhe licença para tornar a baronesa beneficiára daquele capricho de milionário e solicitava-lhe que desculpasse as maneiras orientais que acompanhavam a restituição dos cavalos. À noite, Monte-Cristo partiu para Auteuil acompanhado de Ali.

No dia seguinte, por volta das três horas, Ali, chamado por um toque de campainha, entrou no gabinete do conde.

- Ali, têm-me falado muitas vezes da sua perícia a lançar o laço...

Ali fez sinal que sim e endireitou-se orgulhosamente.

- Muito bem... Serias capaz de apanhar um boi com o laço?

Ali acenou que sim com a cabeça.

- E um tigre?

Ali fez o mesmo sinal.

- E um leão ?

Aliá simulou o gesto de um homem que lança o laço e imitou um rugido estrangulado.

- Muito bem! Compreendo - disse Monte-Cristo. - Caçou leões?

Ali acenou com a cabeça, orgulhoso.

- Mas seria capaz de deter na corrida dois cavalos que tivessem tomado o freio nos dentes?

Ali sorriu.

- Nesse caso, escute - disse-lhe Monte-Cristo. - Daqui a pouco passará uma carruagem puxada por dois cavalos pigarços, os mesmos que eu tinha ontem. Ainda que tenha de se deixar esmagar, você tem de deter essa carruagem diante da minha porta.

Ali desceu à rua e traçou diante da porta uma linha na calçada; voltou a entrar e mostrou a linha ao conde, que o seguira com a vista. O conde bateu-lhe suavemente no ombro; era a sua maneira de agradecer a Ali. Depois o núbio foi fumar o seu chibuque sentado no marco situado à esquina da casa e da rua, enquanto Monte-Cristo voltava para dentro sem se ocupar de mais nada.

No entanto, por volta das cinco horas, isto é, à hora em que o conde esperava a carruagem, poderia se ver surgir nele os sinais quase imperceptíveis

de uma ligeira impaciência. Passeava numa sala que dava para a rua, apurava o ouvido a intervalos e de vez em quando aproximava-se da janela, através da qual via Ali soltar baforadas de fumo de tabaco com uma regularidade indicadora de que o núbio estava todo entregue
àquela importante ocupação.

De súbito, ouviu-se um rodar distante, mas que se aproximava com a rapidez do raio. Em seguida apareceu uma caleça, cujo cocheiro procurava inutilmente deter os cavalos, que avançavam furiosos, eriçados, saltando como se tivessem enlouquecido. Na caleça, uma mulher nova e um garoto de sete a oito anos, abraçados, tinham perdido, devido ao excessivo terror, até a força para gritar. Bastaria uma pedra debaixo de uma roda ou uma árvore baixa para fazer a carruagem em pedaços, a qual estalava por todas as juntas. A viatura ocupava o meio da calçada e ouviam-se na rua os gritos de terror dos que a viam passar.

De súbito, Ali pousou o chibuque, tirou da algibeira o laço, lançou-o e envolveu numa volta tripla as pernas da frente do cavalo da esquerda. Deixou-se arrastar três ou quatro passos pela violência do impulso, mas ao cabo desses três ou quatro passos o cavalo laçado caiu sobre o varal, que partiu, e paralisou os esforços do cavalo que ficara de pé para continuar a corrida. O cocheiro aproveitou a oportunidade para
saltar do seu lugar. Mas já Ali agarrara com os seus dedos de ferro as narinas do segundo cavalo, e o animal, relinchando de dor, caía convulsivamente junto do companheiro. Tudo isto se passou no tempo que uma bala leva a atingir o alvo.

No entanto, foi quanto bastou para que da casa defronte da qual se dera o acidente um homem saísse correndo, seguido de vários criados. No momento em que o cocheiro abriu a portinhola, retirou da caleça a dama, que com uma das mãos se agarrava à almofada, enquanto com a outra apertava ao peito o filho desmaiado. Monte-Cristo levou ambos para a sala, e deitou-os num canapé.

- Nada mais receie, minha senhora - disse. - está salva.

A mulher voltou a si, e como resposta indicou-lhe o filho com um olhar mais eloquente do que todas as súplicas. Com efeito, o garoto continuava desmaiado.

- Sim, minha senhora, compreendo - disse o conde, examinando o pequeno. - Mas esteja descansada que não lhe aconteceu nada. Foi apenas o medo que o pôs assim.

- Oh, senhor, não me diz isso só para me tranquilizar? - perguntou a mãe. - Veja como está pálido! Meu filho, meu menino, meu Edouard, responde à tua mãe! Ah, senhor, mande chamar um médico. A minha fortuna a quem me restitua o meu filho!

Monte-Cristo fez um gesto com a mão para acalmar a mãe lavada em lágrimas, abriu um cofrezinho do qual tirou um frasco de cristal da Boêmia incrustado de ouro contendo um licor vermelho como sangue e de que deixou cair uma única gota nos lábios da criança. O garoto, embora continuasse pálido, abriu imediatamente os olhos.

Ao ver isso, a mãe quase delirou de alegria.

- Onde estou? - quis saber. - A quem devo tamanha felicidade depois de tão cruel experiência?

- Minha senhora -- respondeu Monte-Cristo --, está na casa do homem mais feliz do mundo por ter podido poupar-lhe um desgosto.

- Oh, maldita curiosidade? - exclamou a dama. - Todos em Paris falam dos magníficos cavalos da Sra Danglars e tive a loucura de os querer experimentar.

- Como, aqueles cavalos são os da baronesa?! - perguntou o conde, com uma surpresa admiravelmente simulada

- São, sim, senhor. Conhece-a?

- A Sra Danglars?... Tenho essa honra e sinto dupla satisfação por te-la salvo do perigo que esses cavalos a fizeram correr. Porque esse perigo poderia ser atribuido a mim. Comprei ontem esses cavalos ao barão, mas a baronesa pareceu lamentar tanto a sua perda que os restituí ontem mesmo, suplicando-lhe que os não recusasse da minha mão.

- Mas nesse caso, o senhor é o conde de Monte-Cristo, de quem Hermine tanto me falou ontem?

- Sou, sim, minha senhora - confirmou o conde.

- E eu, senhor, sou a Sra Helloise de Villefort.

O conde cumprimentou como um homem diante do qual se pronuncia um nome perfeitamente desconhecido.

- Oh, como o Sr. de Villefort lhe ficará reconhecido! - prosseguiu Heloise. - Porque, enfim, lhe deverá a vida de ambos, visto que o senhor lhe restituiu a mulher e o filho. Certamente, sem a intervenção do seu generoso criado, esta querida criança e eu estaríamos mortos.

- Infelizmente, minha senhora, e ainda tremo do perigo que correram!

- Oh, espero que me permita recompensar contiguamente a dedicação desse homem!

- Minha senhora - respondeu Monte-Cristo --, não me estrague Ali, peço-lhe, nem com elogios, nem com recompensas. São hábitos que não quero que ele tome. Ali é meu escravo; salvando-lhe a vida, serviu-me e é seu dever servir-me.

- Mas ele arriscou a vida - perguntou a Sra de Villefort, a quem aquele tom de amo e senhor se impunha singularmente.

- Salvei essa vida, minha senhora - respondeu Monte-Cristo. - Por consequência, ela pertence-me.

A Sra de Villefort calou-se. Talvez refletisse acerca daquele homem, que à primeira vista causava tão profunda impressão nos espíritos.

Enquanto durou o silêncio, o conde pode examinar à vontade o garoto, que a mãe cobria de beijos. Era pequeno, frágil, branco como as crianças ruivas, e no entanto uma floresta de cabelos pretos, rebeldes a qualquer frisagem, cobria-lhe a testa abaulada e, caindo-lhe sobre os ombros e emoldurando-lhe o rosto, redobravam-lhe a vivacidade dos olhos cheios de dissimulada malícia e de juvenil maldade. A boca, que ainda mal recuperara a sua cor vermelha, era grande e de lábios finos. As feições daquele garoto de oito anos eram já as de um rapaz de doze anos pelo menos. O seu primeiro movimento foi libertar-se com um safanão brusco dos braços da mãe e ir abrir o cofrezinho de onde o conde tirara o frasco de elixir. Em
seguida, sem pedir licença a ninguém, como uma criança habituada a satisfazer todos os seus caprichos, pôs-se a destapar os outros frascos.

- Não mexa nisso, meu amigo - disse vivamente o conde. - Alguns desses licores são perigosos, não só bebidos, mas até respirados.

A Sra de Villefort empalideceu e deteve o braço do filho, que puxou para si.

Mas uma vez o seu receio acalmado, deitou imediatamente ao cofrezinho um curto mas expressivo olhar, que o conde interceptou de passagem.

Neste momento entrou Ali. A Sra de Villefort fez um movimento de alegria e disse, puxando o garoto ainda mais para perto de si:

- Edouard, vês este bom servidor? Foi muito corajoso, pois expôs a vida para deter os cavalos que nos arrastavam e a carruagem prestes a quebrar-se. Agradece-lhe, pois, porque provavelmente sem ele a esta hora estaríamos ambos mortos.

O garoto estendeu os lábios e virou desdenhosamente a cabeça.

- É muito feio - disse.

O conde sorriu, como se o pequeno acabasse de preencher uma das suas esperanças. Quanto à Sra de Villefort, ralhou ao filho com uma moderação que decerto não seria do gosto de Jean-Jacques Rousseau se o pequeno Edouard se chamasse Emile.

- Vê? - disse em árabe o conde a Ali. - Esta dama pede ao filho que te agradeça teres salvo a vida e o garoto responde que você é muito feio.

Ali virou um instante a cabeça inteligente e olhou o pequeno sem expressão aparente. Mas um simples frêmito das suas narinas mostrou a Monte-Cristo que o árabe acabava de ser ferido no coração.

- Esta casa é a sua residência habitual? - perguntou a Sra de Villefort, levantando-se para se retirar.

- Não, minha senhora - respondeu o conde. - É uma espécie de casa de repouso que comprei. Moro na Avenida dos Campos Elísios, nº 30. Mas vejo que está completamente recomposta e que deseja retirar-se. Acabo de ordenar que atrelem esses mesmos cavalos à minha carruagem, e Ali, aquele rapaz tão feio - disse sorrindo ao garoto --, vai ter a honra de levá-los para casa enquanto o seu cocheiro ficará aqui para mandar consertar a caleça. Logo que essa tarefa indispensável esteja terminada, uma das minhas parelhas a levará diretamente a casa da Sra Danglars.

- Mas - disse a Sra de Villefort --, com os mesmos cavalos nunca me atreverei a sair daqui.

- Oh, verá, minha senhora! - perguntou Monte-Cristo. - Na mão de Ali, se tornarão mansos como cordeiros.

Com efeito, Ali aproximara-se dos cavalos, que se tinham levantado com muita dificuldade. Levava na mão uma esponjazinha embebida em vinagre aromático, com a qual esfregou as narinas e as têmporas dos cavalos, cobertos de suor e de espuma, e quase imediatamente ambos começaram a resfolegar ruidosamente e a tremer muito durante alguns segundos.

Depois, no meio de uma multidão numerosa, que os restos da carruagem e o barulho do acidente tinham atraído diante da casa, Ali mandou atrelar os cavalos ao cupe do conde, pegou nas rédeas, subiu para a boléia e com grande espanto dos assistentes que tinham visto aqueles cavalos galopar como se fossem arrastados por um turbilhão, viu-se obrigado a utilizar energicamente o chicote para os fazer andar, e mesmo assim não pode obter dos famosos pigarços, agora entorpecidos, petrificados, mortos, mais do que um trote tão pouco firme e tão frouxo que a Sra de Villefort levou quase duas horas para chegar ao arrabalde de Saint-Honoré, onde morava.

Assim que chegou em casa, e uma vez acalmadas as primeiras emoções da família, escreveu o seguinte bilhete à Sra Danglars:

Querida Herminie:

Acabo de ser miraculosamente salva, com o meu filho, pelo mesmo Monte-Cristo de quem tanto falamos ontem à noite e que estava longe de suspeitar que veria hoje. Ontem falou-me dele com um entusiasmo que não pude impedir que fosse alvo da troça da minha pobre inteligência, mas hoje considero esse entusiasmo muito abaixo do homem que o inspirava.

Os seus cavalos tomaram o freio nos dentes no Ranelagh, como se tivessem enlouquecido, e ia-mos provavelmente despedaçar-nos, o meu pobre Edouard e eu, contra a primeira árvore da estrada ou contra o primeiro marco da aldeia, quando um árabe, um negro, um núbio, um preto, enfim, ao serviço do conde, e a um sinal deste, segundo creio, deteve a galopada dos cavalos, com risco de ele próprio ser despedaçado, e foi realmente um milagre que o não tenha sido. Então o conde ocorreu e levou-nos para sua casa, a Edouard e a mim, e trouxe o meu filho à vida. Regressei a casa na sua própria carruagem: a da minha amiga lhe será devolvida amanhã. Encontrará os seus cavalos muito enfraquecidos depois deste acidente. Estão como que embotados. Diria-se que não podem perdoar a si mesmos terem-se deixado dominar por um homem. O conde encarregou-se de lhe dizer que dois dias de repouso na cavalariça e cevada como única alimentação os voltarão a pôr em estado tão fogoso, o que quer dizer tão assustador, como ontem.

Adeus! Não lhe agradeço o meu passeio, e quando reflito acho uma ingratidão guarda-lhe rancor por causa dos caprichos da sua parelha já que devo a um desses caprichos ter visto o conde de Monte-Cristo, e o ilustre estrangeiro parece-me, à parte os milhões de que dispõe, um problema tão curioso e interessante que espero estudá-lo a todo o custo, nem que tenha de recomeçar um passeio ao Bosque com os cavalos da minha amiga.

Edouard suportou o acidente com uma coragem miraculosa. Desmaiou, mas antes disso não soltou um grito, nem verteu unta lágrima depois. Diria-me mais uma vez que o meu amor maternal me cega; mas existe uma alma de ferro naquele pobre corpinho tão frágil e delicado.

A nossa querida Valentine manda cumprimentos para a sua querida Eugênie. Eu beijo-a minha amiga de todo o coração.

Heloise de Villefort.

P.S. - Seja como for, arranje maneira de me encontrar com o conde de Monte-Cristo em sua casa. Quero absolutamente tornar a vê-lo. Além disso acabo de convencer a Sr. de Villefort a fazer-lhe uma visita. Espero sinceramente que de fato a faça.

À noite, o acidente de Auteuil era o assunto de todas as conversas: Albert contava-o à mãe, Château-Renaud, no Jockey-Club, e Debray, na sala do ministro. O próprio Beauchamp teve a gentileza de dedicar ao conde, no seu

jornal, uma notícia de vinte linhas, que colocou o nobre estrangeiro como um herói no conceito de todas as mulheres da aristocracia.

Muitas pessoas foram deixar o seu cartão na casa da Sra de Villefort, a fim de terem o direito de renovar a visita oportunamente e de ouvir então da sua boca todos os pormenores da pitoresca aventura.

Quanto ao Sr. de Villefort, como dissera Heloise, vestira uma casaca preta e calçara luvas brancas, a sua mais elegante libré, e metera-se na sua carruagem, que, na mesma noite, parara à porta do nº 30 da casa dos Campos Elísios.

Capítulo XLVIII

Ideologia

Se o conde de Monte-Cristo vivesse há mais tempo na sociedade parisiense apreciaria em todo o seu valor a visita do Sr. de Villefort.

Bem visto na corte, quer o monarca reinante fosse do ramo mais velho, quer do ramo mais novo e o ministro que governasse fosse doutrinário, liberal ou conservador; reputado hábil por todos, como se reputam geralmente hábeis as pessoas que nunca experimentaram desastres políticos; odiado por muitos, mas calorosamente protegido por alguns, sem no entanto ser estimado por ninguém, o Sr. de Villefort ocupava uma das mais altas posições na magistratura e mantinha-se nessas alturas como um Harlay ou como um Molé. A sua sala, renovada por uma mulher nova e por uma filha do seu primeiro casamento que contava apenas dezoito anos de idade, nem por isso era menos uma dessas salas severas de Paris onde se praticava o culto das tradições e a religião da etiqueta. A polidez fria, a fidelidade absoluta aos princípios governamentais, um desprezo profundo pelas teorias e pelos teóricos e uma grande aversão aos ideólogos,
tais eram os elementos da vida íntima e pública exibidos pelo Sr. de Villefort.

O Sr. de Villefort não era apenas um magistrado, era quase um diplomata. As suas relações com a antiga corte, da qual falava sempre com dignidade e deferência, impunham-no ao respeito da nova, e sabia tantas coisas que não só o tratavam sempre com deferência como ainda o consultavam algumas vezes. Talvez as coisas não se passassem assim se pudessem desembaraçar-se do Sr. de Villefort; mas ele residia, como os antigos senhores feudais rebeldes ao seu suserano, numa fortaleza inexpugnável. Essa fortaleza era o seu cargo de procurador régio, do qual explorava maravilhosamente todas as vantagens e que só deixaria para se fazer eleger deputado e substituir assim a neutralidade pela oposição.

Em geral, o Sr. de Villefort fazia poucas visitas. A mulher visitava por ele. Era hábito aceite na sociedade, onde o levavam à conta das graves e numerosas ocupações de magistrado, embora na realidade não passasse de um cálculo orgulhoso, de uma quinta-essência aristocrática, da aplicação, enfim, deste axioma: “Finge que te estimas e te estimarão”, axioma muitíssimo mais útil na nossa sociedade do que o dos

Gregos: “Conhece-te a ti mesmo”, substituído nos nossos dias pela arte menos difícil e mais vantajosa de conhecer os outros.

Para os seus amigos, o Sr. de Villefort era um protetor poderoso; para os seus inimigos, era um adversário oculto, mas encarniçado; para os indiferentes, era a estátua da Lei feita homem: trato altivo, fisionomia impassível, olhar ausente e inexpressivo ou insolentemente penetrante e perscrutador, tal era o homem a quem quatro revoluções habilmente sobrepostas umas sobre as outras tinham primeiro construído e depois cimentado o pedestal.

O Sr. de Villefort possuía fama de ser o homem menos curioso e vulgar de França. Dava um baile todos os anos onde só aparecia um quarto de hora, isto é, quarenta e cinco minutos menos do que o rei nos seus. Nunca ninguém o via nem nos teatros, nem nos concertos, nem em qualquer lugar público. às vezes, mas raramente, jogava uma partida de whist, mas tinha-se o cuidado de escolher jogadores dignos dele: algum embaixador, algum, arcebispo, algum príncipe, algum presidente ou, por último, alguma duquesa idosa.

Eis como era o homem cuja carruagem acabava de parar diante da porta de Monte-Cristo.

O criado de quarto anunciou o Sr. de Villefort no momento em que o conde, inclinado sobre uma grande mesa, seguia num mapa um itinerário de Sampetersburgo à China.

O procurador régio entrou com o mesmo andar grave e compassado com que entrava no tribunal. Era bem o mesmo homem, ou antes, a continuação do mesmo homem que conhecemos outrora como substituto em Marselha. A natureza, consequente com os seus princípios, nada alterara quanto a ele o curso que devia
seguir. De delgado, tornara-se magro, de pálido, tornara-se macilento; os seus olhos encovados quase desapareciam agora nas órbitas, e as suas lunetas de aros de ouro pareciam fazer parte do rosto, de tal modo se confundiam com as cavidades oculares. Excetuando a gravata branca, o resto do seu traje era perfeitamente preto, cor fúnebre apenas quebrada pela estreita fita vermelha que lhe passava imperceptível pela botoeira e parecia um traço de sangue feito a pincel.

Por mais senhor de si que fosse Monte-Cristo, não deixou de examinar com visível curiosidade, ao retribuir-lhe o cumprimento, o magistrado, que, desconfiado por hábito e pouco crédulo, sobretudo quanto aos prodígios sociais, estava mais disposto a ver no nobre estrangeiro - era assim que chamavam a Monte-Cristo - um cavalheiro de indústria que viera explorar um novo terreno ou um malfeitor fugido do desterro do que um príncipe da Santaás, ou um sultão das Mil e Uma Noites.

- Senhor - disse Villefort, no tom estridente adotado pelos magistrados nos seus períodos oratórios e de que não podem ou não querem desfazer-se no diálogo --, senhor, o assinalado serviço que ontem prestou à minha mulher e ao meu filho impõe-me o dever de lhe agradecer. Venho portanto cumprir esse dever e exprimir-lhe todo o meu reconhecimento.

E ao pronunciar estas palavras, o olhar severo do magistrado nada perdera da sua arrogância habitual. As palavras que acabava de proferir articulara-as com a sua voz de procurador régio, com a mesma rigidez de pescoço e de ombros que,

repetimos, levava os seus aduladores a dizer que ele era a estátua viva da Lei.

- Senhor - replicou por seu turno o conde com uma frieza glacial --, sinto-me muito feliz por ter podido conservar um filho à sua mãe, pois diz-se que o sentimento da maternidade é o mais santo de todos, e a ventura que experimento dispensava-o, senhor, de cumprir um dever que me honra, sem dúvida, porque sei que o Sr. de Villefort não prodigaliza o favor que me faz, mas que, por mais precioso que seja, não vale no entanto para mim a minha satisfação íntima.

Villefort, surpreendido por esta tirada que não esperava, estremeceu como um soldado que sente debaixo da armadura que o cobre o golpe que lhe vibram, e uma franzidela desdenhosa de lábios indicou que desde o início não tinha o conde de Monte-Cristo na conta de um gentil-homem muito bem-educado.

Em seguida olhou à sua volta para ligar a qualquer coisa o diálogo caído e que ao cair parecia ter-se quebrado. Viu o mapa que Monte-Cristo consultava quando ele entrara e perguntou:

- Ocupa-se de geografia, senhor? É um rico estudo, sobretudo para o senhor, que, ao que me afirmam, tem visitado tantos países quantos se encontram Impressos nesse atlas.

- É verdade, senhor - respondeu o conde. - Pretendo fazer acerca do gênero humano, tomado em conjunto, o que o senhor pratica todos os dias a partir de excepções, isto é, um estudo fisiológico. Pensei que me seria mais fácil descer em seguida do todo para a parte do que da parte para o todo. Existe um axioma algébrico que aconselha a proceder do conhecido para o desconhecido e não do desconhecido para o conhecido... Mas sente-se, senhor, peço-lhe.

E Monte-Cristo indicou com a mão ao procurador régio uma cadeira, que este foi obrigado a dar-se ao incômodo de puxar pessoalmente para diante, enquanto o conde teve apenas de se sentar naquela em que estava ajoelhado quando o procurador régio entrara. Assim, o conde ficou semivoltado para o visitante, de costas para a janela e com o cotovelo apoiado na carta geográfica que era alvo, naquele momento, do diálogo, o qual tomava, como acontecera em casa de Morcerf e de Danglars, feição absolutamente análoga, senão quanto à situação, pelo menos quanto às personagens.

- Ah, gosta de filosofar! - exclamou Villefort, após um instante de silêncio, durante o qual, como um atleta que encontra um forte adversário, fizera provisão de forças. - Palavra de honra, senhor, se, como no seu caso, não tivesse nada que fazer, procuraria ocupação menos aborrecida!

- Sim, é verdade, senhor, gosto de filosofar - admitiu Monte-Cristo. - Talvez porque o homem não passa de um verme horrível para quem o estuda ao microscópio solar. Mas acaba de dizer, creio, que não tenho nada que fazer. Vejamos, acaso o senhor julga ter alguma coisa que fazer? Ou, para falar mais claramente, acha que aquilo, que faz merece que se lhe chame alguma coisa?

O espanto de Villefort redobrou depois deste segundo golpe tão rudemente desferido por aquele estranho adversário. Havia muito tempo que o magistrado não ouvia dizer um paradoxo daquele gênero, ou antes, para falar mais exatamente, era a primeira vez que o ouvia.

O procurador régio apressou-se a responder:

- O senhor é estrangeiro e, como é o primeiro a dizer, creio, passou parte da sua vida nos países orientais. Ignora portanto até que ponto a justiça humana,

expedita nesses países bárbaros, tem entre nós aspectos prudentes e rigorosos.

- Certamente, senhor, certamente; é o pede claudo antigo. Sei tudo isso porque me tenho ocupado sobretudo da justiça de todos os países e comparei o processo criminal de todas as nações com a justiça natural. E devo dizer-lhe, senhor, que foi ainda a lei dos povos primitivos, isto é, a lei de talião, aquela que encontrei mais conforme com a lei de Deus.

- Se essa lei fosse adotada, senhor - perguntou o procurador régio --, simplificaria muito os nossos códigos e portanto os nossos magistrados não teriam, como o senhor dizia há pouco, grande coisa que fazer.

- Talvez isso venha a acontecer - disse Monte-Cristo. - Como sabe, as invenções humanas caminham do composto para o simples, e o simples é sempre a perfeição.

- Entretanto - declarou o magistrado --, os nossos códigos existem, com os seus artigos contraditórios, extraídos dos costumes gauleses, das leis romanas e dos usos francos. Ora, o conhecimento de todas essas leis, como decerto admitirá, não se adquire sem demorado trabalho e é necessário um longo estudo para obter esse conhecimento e uma grande capacidade intelectual, uma vez adquirido esse conhecimento, para não o esquecer.

- Sou da mesma opnião, senhor, mas tudo o que sabe acerca do código francês sei eu, não só a respeito desse código, mas também acerca dos códigos de todas as nações. As leis inglesas, turcas, japonesas e hindus me são tão familiares como as leis francesas. Tenho portanto motivo para dizer que relativamente (como sabe, tudo é relativo), que relativamente a tudo que aprendi, o senhor tem ainda muito que aprender.

- Mas com que fim aprendeu tudo isso? - perguntou Villefort, atônito.

Monte-Cristo sorriu.

- Vejo, senhor - respondeu --, que, a despeito da sua reputação de homem superior, encara todas as coisas do ponto de vista material e vulgar da sociedade, começando no homem e acabando no homem, isto é, do ponto de vista mais restrito e mesquinho que é permitido à inteligência humana abarcar.

- Explique-se, senhor - pediu Villefort, cada vez mais atônito pois não o compreendo... muito bem.

- Digo, senhor, que com os olhos postos na organização social das nações só se vê as engrenagens da máquina e não o operário sublime que a faz andar; digo que só reconhece na sua frente e à sua volta os titulares dos cargos cujas nomeações foram assinadas por ministros ou por um rei, e que os homens, que Deus colocou acima dos titulares, dos ministros e dos reis, dando-lhes uma missão para continuar em vez de um cargo para preencher, digo que esses escapam à sua curta vista. Aliás, isso é próprio da natureza humana, cujos orgãos são fracos e imperfeitos. Tobias tomava o anjo que vinha restituir-lhe a vista por um jovem vulgar. As nações tomavam Átila, que as devia aniquilar, por um conquistador como todos os conquistadores, e foi necessário que ambos revelassem as suas missões celestes para que os reconhecessem; foi necessário que um dissesse: “Eu sou o anjo do Senhor”; e o outro: “Eu sou o flagelo de Deus”, para que a essência divina de ambos se revelasse.

- Então, o senhor considera-se um desses seres extraordinários que acaba

de citar? - perguntou Villefort, cada vez mais espantado e julgando falar com um iluminado ou um louco.

- Por que não? - perguntou friamente Monte-Cristo.

- Perdão, senhor - prosseguiu Villefort, atordoado - mas espero que me desculpe o fato de, ao apresentar-me em sua casa, ignorar que entrava em casa de um homem cujos conhecimentos e cuja inteligência excedem de longe os conhecimentos vulgares e a inteligência habitual dos homens. Entre nós não é costume, talvez por sermos uns infelizes corrompidos pela civilização, que os fidalgos possuidores, como o senhor, de uma fortuna imensa, pelo menos ao que se afirma (note que não pergunto, apenas repito), não é costume, dizia, que esses privilegiados da riqueza percam o seu tempo em especulações sociais, em devaneios filosóficos, próprios, quando muito, para consolar aqueles a quem o destino deserdou de bens terrenos

- Então, senhor, terá porventura chegado à situação eminente que ocupa sem ter admitido, e mesmo sem ter encontrado, exceções, nem nunca exercitou o seu olhar, que no entanto bem necessitaria de sagacidade e segurança, a adivinhar num relance que homem tem diante de si? - perguntou o conde. - Um magistrado não deverá ser, não o melhor aplicador da lei, não o mais astuto intérprete das nebulosidades da chicana, mas sim uma sonda de aço para experimentar os corações ou uma pedra-de-toque para ensaiar o ouro de que cada alma é sempre feita, com mais ou menos mistura?

- Confunde-me, senhor - declarou Villefort. - Palavra de honra que nunca ouvi ninguém falar como o senhor.

- Porque tem permanecido constantemente encerrado no círculo das condições gerais e nunca se atreveu a subir, num batimento de asa, às esferas superiores que Deus povoou de seres invisíveis ou excepcionais.

- E o senhor admite que essas esferas existem e que os seres excepcionais e invisíveis se juntam a nós?

- Porque não? O senhor vê o ar que respira e sem o qual não poderia viver?

- Então, não vemos esses seres a que se refere?

- Claro que os vemos quando Deus permite que se materializem; tocamos-lhes, acotovelamo-los, falamos-lhes e eles nos respondem.

- Ah! - exclamou Villefort, sorrindo. - Confesso que gostaria muito de ser prevenido quando um desses seres se encontrasse em contato comigo.

- O seu desejo já foi satisfeito, senhor. Foi prevenido há pouco, e mais uma vez agora o previno.

- Assim. O senhor mesmo?...

- Sou um desses seres excepcionais, sim, senhor, e creio que até hoje nenhum homem se encontrou numa posição semelhante à minha. Os reinos dos reis são limitados, quer por montanhas, quer por rios, quer por uma mudança de costumes, quer por uma mutação de linguagem. Mas o meu reino é do tamanho do mundo, pois não sou nem italiano, nem francês, nem hindu, nem americano, nem espanhol; sou cosmopolita. Nenhum país pode dizer que me viu nascer. Só Deus sabe que terra me verá morrer. Adoto todos os usos, falo todas as línguas. Julga-me francês, não é verdade, porque falo o francês com a mesma facilidade e a mesma pureza que o senhor? Pois bem, Ali o meu núbio, julga-me árabe; Bertuccio, o meu intendente, julga-me romano, e Haydée, a minha escrava, Julga-

me grego. Portanto, como decerto compreende, não pertencendo a nenhum país, não pedindo proteção a nenhum governo e não reconhecendo nenhum homem como meu irmão, nem um só dos escrúpulos que detêm os poderosos ou dos obstáculos que paralisam os fracos me paralisa ou detém. Só tenho dois adversários; não direi dois vencedores, porque com persistência submeto-os: são a distância e o tempo. O terceiro, e o mais terrível, é a minha condição de homem mortal. É a única coisa que me pode deter no caminho que sigo e antes de atingir o alvo que busco; tudo o mais está previsto. Aquilo a que os homens chamam os caprichos do destino, isto é, a ruína, a mudança, as eventualidades, tenho-os todos previstos, e se alguns podem me atingir, nenhum pode me derrubar. A não ser
que morra, serei sempre o que sou. Aqui tem porque lhe digo coisas que nunca ouviu, mesmo da boca dos reis, porque os reis necessitam de si e os outros homens temem-no. Quem é que não diz para consigo, numa sociedade tão ridiculamente organizada como a nossa: “Talvez um dia tenha qualquer problema com o
procurador régio...”

- Mas o senhor mesmo pode dizer isso a si próprio, porque desde o momento em que reside na França está naturalmente submetido às leis francesas.

- Bem sei, senhor - respondeu Monte-Cristo. - Mas quando tenho de ir a um país, começo por estudar, por meios que me são próprios, todos os homens de quem posso ter alguma coisa a esperar ou a temer, e acabo por os conhecer tão bem e até talvez melhor do que eles se conhecem a si próprios. Daí que o procurador régio, fosse quem fosse, com quem tivesse problemas ficasse certamente mais embaraçado do que eu.

- O que significa - prosseguiu Villefort, com hesitação que, dada a fraqueza da natureza humana, todo o homem, na sua opinião, cometeu... faltas?

- Faltas... ou crimes - respondeu negligentemente Monte-Cristo.

- E que só o senhor, entre os homens que não reconhece como seus irmãos, conforme disse - prosseguiu Villefort, com a voz ligeiramente alterada --, e que só o senhor é perfeito?

- Não, perfeito, não - respondeu o conde. - Apenas impenetrável. Mas mudemos de assunto, senhor, se esta conversa lhe desagrada. Não estou mais ameaçado pela sua justiça do que o senhor o está pela minha vista dupla.

- Não, não, senhor! - disse vivamente Villefort, que sem dúvida temia parecer abandonar o terreno. - Não! Graças à sua brilhante e quase sublime conversação, o senhor elevou-me acima dos níveis correntes; já não conversamos, dissertamos. Ora, deve saber como os catedráticos de Teologia da Sorbone, ou os filósofos nas suas disputas, dizem por vezes uns aos outros cruéis verdades. Supondo que discutimos teologia social e filosofia teológica, lhe direi isto, por mais rude que seja: meu irmão, sacrifica ao orgulho; está acima dos outros, mas acima de si há Deus.

- Acima de todos, senhor! - respondeu Monte-Cristo em tom tão profundo que Villefort estremeceu involuntariamente. - Tenho o meu orgulho em relação aos homens, serpentes sempre prontas a erguer-se contra aquele que passa por elas sem as esmagar com o pé. Mas deponho este orgulho diante de Deus, que me tirou do nada para fazer de mim o que sou.

- Então, Sr. Conde, admiro-o - declarou Villefort, que pela primeira vez neste estranho diálogo empregava esta fórmula aristocrática para com o estrangeiro que até ali só tratara por senhor. - Sim, digo-lhe que se é realmente forte, realmente superior, realmente santo ou impenetrável, o que, tem razão significa pouco mais ou menos o mesmo, seja sublime, senhor. E a lei das dominações. Mas tem com certeza uma
ambição qualquer?

- Tenho uma, senhor.

- Qual?

- Também eu, como acontece a qualquer homem uma vez na vida, fui levado por Satanás para a mais alta montanha da Terra. Chegado lá, ele mostrou-me o mundo inteiro e, como dissera uma vez a Cristo, disse-me a mim “Vejamos, filho dos homens, que queres para me adorar?” Refleti longamente, porque havia muito tempo uma terrível ambição me devorava efetivamente o coração. Depois respondi - “Escuta, sempre ouvi falar da Providência, e no entanto nunca a vi, nem nada que se lhe parecesse, o que me leva a crer que não existe. Quero ser a Providência, porque o que conheço de mais belo, de maior e de mais sublime no mundo é recompensar e punir.” Mas Satanás baixou a cabeça e suspirou: “Enganas-se”, disse, “a Providência existe. Somente não a vê porque, filha de Deus, é invisível como o seu pai. Nunca viu nada que se lhe assemelhasse, porque ela utiliza meios ocultos e caminha por vias indefinidas. Tudo o que posso fazer por ti é tornar-te um
dos agentes dessa Providência.” Fechou-se o negócio. Talvez perca nele a minha alma, mas não importa - declarou Monte-Cristo. - E se tivesse de fazer novamente o negócio, o faria.

Villefort olhava Monte-Cristo com sublime espanto.

- o Sr. Conde tem família? - perguntou.

- Não, senhor, estou só no mundo.

- É pena!

- Porquê? - perguntou Monte-Cristo.

- Porque poderia ver um espetáculo capaz de quebrar o seu orgulho. Só teme a morte, diz o senhor?

- Não digo que a temo, digo que só ela me pode deter.

- E a velhice?

- A minha missão será cumprida antes de chegar a velhice.

- E a loucura?

- Estive quase a enlouquecer, e o senhor conhece o axioma: non bis in idem. É um axioma criminal e portanto da sua especialidade.

- Senhor - prosseguiu Villefort --, há ainda outra coisa a temer, além da morte, da velhice ou da loucura; há, por exemplo, a apoplexia, esse raio que nos fere sem nos destruir, e depois do qual, no entanto, tudo acaba. Continuamos a ser nós e todavia já não somos nós. Como Ariel, éramos quase um anjo; de um momento para o outro passamos a ser uma massa inerte que, como Calibão, muito se assemelha ao animal. A isto chama-se muito simplesmente na língua humana, como lhe dizia, uma apoplexia. V , se lhe agradar, continuar esta conversa em minha casa, Sr. Conde, num dia em que lhe apeteça defrontar um adversário capaz de o compreender e ansioso por o refutar, e lhe mostrarei meu

pai, o Sr. Noirtier de Villefort, um dos
mais ardentes jacobinos da Revolução Francesa, isto é, a mais brilhante audácia posta ao serviço da mais poderosa organização; um homem que, como o senhor, talvez não tivesse visto todos os reinos da Terra, mas ajudou a destruir um dos mais poderosos; um homem que, como o senhor, se pretendia um dos enviados, não de Deus, mas sim do Ser Supremo, não da Providência, mas sim da Fatalidade. Pois bem, senhor, a ruptura de um vaso sanguíneo num lobo do cérebro destruiu tudo isso, não num dia, não numa hora, mas sim num segundo. Na véspera, o Sr. Noirtier, antigo jacobino, antigo senador, antigo carbonário, ria da guilhotina, ria do canhão, ria do punhal; pois o mesmo Sr. Noirtier que brincara às revoluções, o Sr. Noirtier para quem a França não passava de um vasto tabuleiro de xadrez do qual peões, torres, cavalos e rainha deviam desaparecer para que o rei levasse mate; o Sr. Noirtier, tão temível, era no dia seguinte o pobre Sr. Noirtier, um velho imóvel, à mercê dos caprichos da pessoa mais fraca da casa, ou seja, da sua netinha Valentine; um
cadaver mudo e gelado, enfim, que vive sem sofrimento, apenas para dar tempo à matéria de chegar sem sobressaltos à sua inteira decomposição.

- Infelizmente, senhor - perguntou Monte-Cristo - esse espetáculo não é estranho nem aos meus olhos nem ao meu pensamento. Sou um nadinha médico e tenho, como os meus colegas, procurado mais de uma vez a alma na matéria viva ou na matéria morta; e, como a Providência, ela permaneceu invisível a meus olhos, embora presente no meu coração. Cem autores, desde Sócrates, desde Sêneca, desde Santo Agostinho, desde Gall, fizeram em prosa ou em verso a comparação que o senhor acaba de fazer; mas apesar disso compreendo que sofrimentos de um pai possam operar grandes transformações no espírito do filho. Irei, senhor, uma vez que se digna convidar-me, contemplar, em beneficio da minha humildade, esse
terrível espetáculo que muito deve entristecer a sua casa.

- Assim seria, sem dúvida, se Deus me não tivesse amplamente recompensado. Diante do velho que desce, arrastando-se para a sepultura, perfilam-se duas crianças, que entram na vida: Valentine, filha do meu primeiro casamento com Mademoiselle de Saint-Méran, e Edouard, o filho a quem o senhor salvou a vida.

- E que conclui dessa compensação, senhor? - perguntou Monte-Cristo.

- Concluo, senhor - respondeu Villefort --, que o meu pai, desorientado pelas paixões, cometeu algumas dessas faltas que escapam à justiça humana, mas que caem sob a alçada da justiça de Deus, e que Deus, querendo punir apenas uma pessoa, só o feriu a ele.

Com o sorriso nos lábios, Monte-Cristo soltou no fundo do coração um rugido, que faria fugir Villefort, se Villefort o pudesse ouvir.

- Adeus, senhor - despediu-se o magistrado, que havia algum tempo se levantara e falava de pé. - Deixo-o, levando de si uma recordação de estima, que espero lhe possa ser agrável quando me conhecer melhor, pois não sou um homem vulgar, muito pelo contrário. Além disso, conquistou na Sra de Villefort
uma amiga eterna.

O conde inclinou-se e limitou-se a acompanhar Villefort até à porta do gabinete. O magistrado alcançou a sua carruagem precedido de dois lacaios, que,

a um sinal do amo, se apressaram a abrir-la.

Depois, quando o procurador régio desapareceu:

- Vamos - disse Monte-Cristo, arrancando com esforço um sorriso do peito opresso. - Vamos, basta de veneno, e agora que o meu coração está cheio dele, vamos procurar o antídoto.

E tocando uma vez a campainha, disse a Ali, quando este acorreu:

- Subo aos aposentos da senhora. A carruagem que esteja pronta dentro de meia hora!

Capítulo XLIX

Haydée

O leitor ainda se recorda, decerto, quem eram os novos, ou antes, os antigos conhecidos do conde de Monte-Cristo que moravam na Rua Meslay: eram Maximilien, Julie e Emmanuel.

A esperança da agrável visita que ia fazer, dos curtos momentos felizes que ia passar, daquela luz do paraíso que ia penetrar no inferno onde voluntariamente se encerrara, espalhara, a partir do momento em que perdera de vista Villefort, a mais singular serenidade pelo rosto do conde, e Ali, que acorrera ao toque da campainha, ao ver aquele rosto irradiar uma alegria tão rara, retirara-se na ponta dos pés e contendo a respiração, como se não quisesse afugentar os bons pensamentos que julgava ver adejar à volta do amo.

Era meio-dia. O conde reservara uma hora para subir aos aposentos de Haydée. E diria-se que a alegria não podia reentrar de súbito naquela alma durante tanto tempo amargurada e que este necessitava de se preparar para as emoções ternas, como as outras almas necessitam de se preparar para as emoções violentas.

A jovem grega ocupava, como já dissemos, aposentos inteiramente separados dos aposentos do conde e todos eles mobilados em estilo oriental, isto é, com o chão coberto de espessos tapetes turcos, tecidos de brocado caindo ao longo das paredes e em cada divisão um amplo divã disposto a toda a volta, com montes de almofadas, que se colocavam à vontade daqueles que as usavam.

Haydée tinha três criadas francesas e uma grega. As três criadas francesas mantinham-se na primeira sala, prontas a acorrer ao toque de uma campainha de ouro e a obedecer às ordens da escrava romaica, a qual sabia suficientemente francês para transmitir os desejos da ama às suas três camaristas, às quais Monte-Cristo recomendara que tivessem com Haydée as deferências que se têm com uma rainha.

A jovem encontrava-se na sala mais recolhida dos seus aposentos, isto é, numa espécie de boudoir redondo, iluminado apenas por cima, e no qual a luz só penetrava através de vidros cor-de-rosa. Estava deitada no chão, em almofadas de cetim azul lavrado a prata, semi-inclinada para trás sobre o divã e com o braço direito suavemente torneado a emoldurar-lhe a cabeça, enquanto com o esquerdo segurava nos lábios o tubo de coral em que encaixava o tubo flexível de um

narguilé, que só deixava chegar-lhe à boca o fumo perfumado pela água de benjoim, através da qual a sua suave respiração o obrigava a passar.

A sua atitude, naturalíssima numa mulher do Oriente, seria numa francesa de uma garridice talvez um pouco afetada.

Quanto à sua indumentária, era a das mulheres do Epiro, ou seja, calça tufada de cetim branco adornada de flores cor-de-rosa, que deixava a descoberto dois pés de criança, que se diriam de mármore de Paros se não se tivessem visto brincar com duas sandaliazinhas de ponta recurvada, bordadas a ouro e pérolas; túnica de compridas riscas azuis e brancas e amplas mangas fendidas para os braços, com botoeiras de prata e botões de pérolas, e finalmente uma espécie de corpete que deixava, devido ao seu corte em forma de coração, ver o pescoço e toda a parte de cima do peito e que se abotoava por baixo do seio com três botões de diamantes. Quanto à parte de baixo do corpete e à parte de cima das calças, desapareciam sob uma dessas faixas de cores vivas e longas franjas sedosas, que são a ambição das nossas elegantes parisienses.

Cobria-lhe a cabeça um barretinho dourado bordado a pérolas, inclinado para um lado, e por baixo do barrete, do lado para onde estava inclinado, via-se uma linda rosa natural, cor de púrpura, que se destacava no meio do cabelo, tão preto que parecia azulado.

Quanto à beleza do seu rosto, era a beleza grega em toda a perfeição do seu tipo, com os seus grandes olhos pretos aveludados, o seu nariz direito, os seus lábios de coral e os seus dentes de pérolas.

Finalmente, sobre aquele conjunto encantador imperava a flor da juventude, com todo o seu brilho e todo o seu perfume; Haydée teria dezanove ou vinte anos.

Monte-Cristo chamou a criada grega e mandou pedir a Haydée licença para entrar até junto dela.

Como única resposta, Haydée fez sinal à criada para levantar a tapeçaria que pendia diante da porta, cuja abertura quadrada emoldurou a jovem deitada como um quadro encantador, Monte-Cristo entrou.

Haydée soergueu-se no cotovelo do braço com que segurava o narguilé e estendeu a mão ao conde, ao mesmo tempo que o acolhia com um sorriso.

- Porque manda pedir licença para entrar nos meus aposentos? Não é o meu senhor, não sou a sua escrava? - perguntou na língua sonora das filhas de Esparta e Atenas. Monte-Cristo sorriu por seu turno.

- Haydée, como sabe...

- Porque não me trata por você como habitualmente? - interrompeu-o a jovem grega. - Cometi alguma falta? Nesse caso é preciso castigar-me, mas não deixar de me tratar por você.

- Haydée - prosseguiu o conde --, você sabe que estamos na França, e por consequência você é livre.

- Livre para fazer o quê? - perguntou a jovem.

- Livre para me deixar.

- Para te deixar?!... E porque eu te deixaria?

- Sei lá. Vamos ver gente.

- Não quero ver ninguém.

- E se entre os belos rapazes que conhecer encontrar algum que te agrade, não serei injusto ao ponto...

- Nunca vi homens mais belos do que você e nunca amei senão o meu pai e a você.

- Pobre criança, porque quase só falou com o seu pai e comigo - disse Monte-Cristo.

- E preciso porventura de falar com outros? O meu pai chamava-me sua alegria, você me chama de meu amor e ambos me chamam sua filha.

- Lembras-se do seu pai, Haydée?

A jovem sorriu.

- Está aqui e aqui - respondeu, pondo a mão nos olhos e no coração.

- E eu onde estou? - perguntou, sorrindo, Monte-Cristo.

- Você está em todo o lado.

Monte-Cristo pegou na mão de Haydée para beijá-la; mas a ingênua criança retirou a mão e ofereceu-lhe a testa.

- Agora, Haydée - disse-lhe ele --, sabe que é livre, que é dona e senhora de ti; pode conservar o seu traje ou deixá-lo, como te apetecer; ficará aqui quando quiser ficar e sairá quando quiseres sair; haverá sempre uma carruagem atrelada para você. Ali e Myrto te acompanharão para todo o lado e estarão às tuas ordens. Apenas te peço uma coisa.

- Diga.

- Guarde o segredo do teu nascimento, não diga uma palavra acerca do teu passado, não pronuncie em nenhuma ocasião o nome do seu ilustre pai nem o da sua pobre mãe.

- Já te disse, meu senhor, que não verei ninguém.

- Escute, Haydée: talvez essa reclusão muito oriental seja impossível em Paris. Continue a aprender a vida dos nossos países do Norte, como fez em Roma, em Florença, em Milão e em Madrid. Isso lhe será sempre útil, quer continue a viver aqui, quer regresse ao Oriente.

A jovem ergueu para o conde os seus grandes olhos úmidos e respondeu:

- Ou regressemos ao Oriente, você quer dizer, não é verdade, meu senhor?

- É, sim, minha filha - respondeu Monte-Cristo. - Bem sabe que nunca serei eu que te deixarei. Não é a árvore que deixa a flor é a flor que deixa a árvore.

- Nunca te deixarei, senhor - disse Haydée --, porque estou certa de que não poderia.

- Pobre criança! Dentro de dez anos serei velho e daqui a dez anos você ainda será nova.

- O meu pai tinha uma comprida barba branca e isso não me impedia de amá-lo. O meu pai tinha sessenta anos e parecia-me mais belo do que todos os rapazes que via.

- Anda, diga-me, acha que pode se habituar a viver aqui?

- Eu o verei?

- Todos os dias.

- Nesse caso, para que me pergunta, senhor?

- Receio que se aborreça.

- Não, meu senhor, porque de manhã pensarei que virá e à noite me lembrarei de que veio. Aliás, quando estou sozinha tenho belas recordações: revejo quadros imensos, grandes horizontes com o Pindo e o Olimpo por fundo. Além disso, trago no coração três sentimentos com os quais nunca ninguém se

aborrece: tristeza, amor e reconhecimento.

- Você é uma digna filha do Epiro, Haydée. Graciosa e poética, bem se vê que descende da família de deusas que nasceu na tua terra. Fica pois tranquila, minha filha: arranjarei maneira da sua juventude não se perder, porque se me quer como teu pai, eu te amo como minha filha.

- Engana-se, meu senhor. Não amava o meu pai como o amo; o meu amor por você é outro amor. O meu pai morreu e eu não morri, ao passo que se você morresse, eu morreria.

O conde estendeu a mão à jovem com um sorriso de profunda ternura; ela beijou-a como de costume.

E assim preparado para o encontro que ia ter com Morrel e a sua família, o conde saiu murmurando estes versos de Pindaro: “A juventude é uma flor de que amor é o fruto... Feliz o vindimador que o colhe depois de o ter visto amadurecer lentamente.”

Conforme as suas ordens, a carruagem estava pronta. Meteu-se nela e, como de costume, o veículo partiu a galope.

Capítulo L

A família Morrel

O conde chegou em poucos minutos à Rua Meslay, nº 7. A casa era branca, alegre, e precedida de um pátio, no qual em dois pequenos canteiros se viam flores bastante bonitas. No porteiro que lhe abriu a porta, o conde reconheceu o velho Coclés. Mas como este, como se recordam, só tinha um olho, e passados nove anos esse olho enfraquecera consideravelmente, Coclés não reconheceu o conde.

Para se deterem diante da entrada, as carruagens tinham de dar uma volta, a fim de evitar um repuxozinho que brotava de um tanque de rocaille, magnificência que provocara muitas invejas no bairro e que era a causa de chamarem à casa a Pequena Versalhes. Desnecessário dizer que no tanque nadavam inúmeros peixes vermelhos e amarelos.

A casa erguia-se por cima de um piso de cozinhas e adegas e tinha, além do térreo, dois andares amplos e águas-furtadas. Os jovens tinham-na comprado com as dependências, que consistiam num enorme atelier, dois pavilhões ao fundo do jardim e no próprio jardim Emmanuel vira imediatamente naquela disposição a possibilidade de fazer uma especulaçãozinha. Reservara para si a casa e metade do jardim e
traçara uma linha, isto é, erguera um muro entre ele e os ateliers, que alugara com os pavilhões e a porção de jardim respectiva. Encontrava-se assim alojado por uma importância bastante módica e tão isolado em sua casa como o mais exigente proprietário de um palácio do arrabalde Saint-Germain.

A sala de jantar era de carvalho, a sala, de mogno e veludo azul, e o quarto de limoeiro e damasco verde. Havia ainda, um gabinete de trabalho para Emmanuel, que não trabalhava, e uma sala de música para Julie, que não tocava.

Todo o segundo andar estava reservado a Maximilien. A sua disposição era igualzinha à do andar de baixo, apenas com uma diferença: a sala de jantar fora transformada em sala de bilhar, onde ele recebia os amigos. Vigiava pessoalmente o tratamento do seu cavalo e fumava um charuto à entrada do jardim quando a carruagem do conde parou à porta.

Coclés abriu-a, como dissemos, e Baptistin saltou do seu lugar e perguntou se o Sr. e a Sra Herbault e o Sr. Maximilien Morrel. Estavam visíveis para o conde de Monte-Cristo.

- Para o conde de Monte-Cristo! - exclamou Morrel, atirando o charuto fora e correndo ao encontro do visitante. - Claro que estamos visíveis para ele! Oh, obrigado, mil vezes obrigado, Sr. Conde, por não ter esquecido a sua promessa!

E o jovem oficial apertou tão cordialmente a mão do conde que este não teve dúvidas a respeito da franqueza da manifestação e viu bem que fora esperado com impaciência e era recebido com alvoroço.

- Venha, venha - disse Maximilien. - Quero ser eu a apresentá-lo. Um homem como o senhor não deve ser anunciado por um criado. A minha irmã está no jardim cortando as rosas murchas e o meu cunhado lê os seus dois jornais, la Presse e les Débats, a seis passos dela, porque por toda a parte em que se vê a Sra Herbault basta olhar num raio de quatro metros para se descobrir o Sr. Emmanuel, e reciprocamente, como se diz na Escola Politécnica.

O ruído dos passos fez levantar a cabeça a uma jovem de vinte a vinte e cinco anos, de roupão de seda, que limpava com especial cuidado uma roseira cor de avelã. A jovem era a nossa Julie, que se tornara, como lhe predissera o mandatário da Casa Thomson & French, a Sra Emmanuel Herbault. Soltou um grito ao ver o estranho. Maximilien desatou a rir.

- Não se aflija, minha irmã - disse. - O Sr. Conde está em Paris apenas há dois ou três dias, mas já sabe o que é uma proprietária do Marais, e se não souber, você lhe ensinará.

- Ah, senhor - desculpou-se Julie-, trazê-lo assim é uma traição do meu irmão, que não tem para com a sua pobre irmã a menor consideração!... Penelon!... Penelon!...

Um velho que cavava um canteiro de roseiras-de-bengala espetou a enxada na terra e aproximou-se, de barrete na mão e dissimulando o melhor que podia um bocado de tabaco de mascar metido momentaneamente nas profundezas da boca. Algumas madeixas brancas prateavam-lhe a cabeleira ainda espessa, enquanto o rosto bronzeado e o olhar maroto e vivo denunciava o velho marinheiro crestado pelo sol do equador e pelo sopro das tempestades.

- Creio que me chamou, Mademoiselle Julie. Aqui estou.

Penelon conservara o hábito de chamar à filha do patrão Mademoiselle Julie e nunca conseguira adquirir o de a tratar por Sra Herbault.

- Penelon - disse Julie --, vá avisar o Sr. Emmanuel da agrável visita que acaba de chegar, enquanto o Sr. Maximilien, acompanha o senhor à sala.

Depois, virando-se para Monte-Cristo:

- Permite-me que desapareça por um minuto, não é verdade?

E, sem esperar o assentimento do conde, correu para trás de um maciço e alcançou a casa por uma alameda lateral.

- Lamento, meu caro Sr. Morrel - disse Monte-Cristo --, causar tamanha

revolução na sua família.

- Veja, veja! - exclamou Maximilien rindo. - Veja além o marido, que também vai trocar o casaco por uma sobrecasaca! Como vê, já o conhecem na Rua Meslay e pode considerar-se anunciado.

- Parece-me que tem aqui, senhor, uma família feliz - observou o conde, respondendo ao seu próprio pensamento.

- É verdade, Sr. Conde. Que quer, não lhos falta nada para serem felizes: são novos, alegres, amam-se, e com as suas vinte e cinco mil libras de rendimento julgam-se (eles que, no entanto, já viram de perto tantas imensa fortunas), julgam-se possuidores da riqueza dos Rothschilds.

- É pouco, mesmo assim, vinte e cinco mil libras de rendimento - disse Monte-Cristo com tanta suavidade que as suas palavras penetraram no coração de Maximilien como penetrariam as de um terno pai. - Mas não ficarão por aí, se tornarão por seu turno milionários... O seu cunhado é advogado... médico?

- Era comerciante, Sr. Conde, e tomara a casa do meu pobre pai. O Sr. Morrel deixou ao morrer uma fortuna de quinhentos mil francos. Recebi metade e a minha irmã a outra metade, pois éramos apenas dois filhos O marido, que casara com ela sem ter outro patrimônio além da sua nobre probidade, da sua inteligência de primeira ordem e da sua reputação sem mácula, quis possuir tanto como a mulher e trabalhou até juntar duzentos e cinquenta mil francos. Bastaram-lhe seis anos. Juro-lhe, Sr. Conde, que era um espectáculo comovente ver aquelas duas crianças tão laboriosas, tão unidas, destinadas pela sua capacidade à mais alta fortuna, mas que, não tendo querido modificar em nada os hábitos da casa paterna, levaram seis anos a conseguir o que os inovadores conseguiriam em dois ou três. Por isso em Marselha ainda hoje se ouvem os louvores que seria impossível recusar a tanta corajosa abnegação Por fim, um dia, Emmanuel foi ter com a mulher, que acabava de pagar a última conta.

"- Julie - disse-lhe --, aqui está o último rolo de cem francos que acaba de me entregar Coclés e que completa os duzentos e cinquenta mil francos que fixamos como limite dos nossos ganhos. Se contentará com este pouco com que teremos de viver daqui em diante? Escuta, a casa movimenta um milhão por ano e pode proporcionar quarenta mil francos de lucro. Se quisermos, venderemos numa hora a clientela por trezentos mil
francos, que é quanto nos oferece o Sr. Delauny nesta carta pelo negócio, que quer juntar ao dele. Que te parece que devemos fazer?

"- Meu amigo - respondeu a minha irmã --, a Casa Morrel só pode ser gerida por um Morrel. Pôr para sempre a coberto dos maus transes da fortuna o nome de nosso pai não valerá bem trezentos mil francos?

"- Penso que sim - respondeu Emmanuel. - No entanto, queria saber a sua opnião.

"- Pois aqui a tem, meu amigo! Todas as nossas cobranças estão feitas e todas as nossas letras estão pagas. Podemos encerrar as contas no fim desta quinzena e fechar a casa.

"Foi o que fizeram imediatamente. Eram três horas; às três e um quarto apareceu, um cliente para segurar a viagem de dois navios. Era um lucro líquido de quinze mil francos.

"- Senhor - disse Emmanuel --, queira dirigir-se para fazer esse seguro ao

nosso colega Sr. Delaunay. Nós deixamos os negócios.

“- Desde quando? - perguntou o cliente, atônito.

“- Há um quarto de hora.

“E aqui tem, senhor - continuou, sorrindo, Maximilien --, por que motivo a minha irmã e o meu cunhado só têm vinte e cinco mil libras de rendimento.

Mal Maximilien acabara de falar - e durante a sua narrativa o coração do conde dilatara-se cada vez mais -, Emmanuel reapareceu, agora de chapéu e sobrecasaca, e cumprimentou o conde como homem que conhece a categoria do visitante. Em seguida, depois de mostrar a Monte-Cristo o jardinzinho florido, levou-o para casa.

A sala estava já perfumada por flores contidas a grande custo num enorme vaso do Japão, de asas naturais, e Julie, convenientemente vestida e elegantemente penteada (conseguira fazer tudo aquilo em dez minutos), apresentou-se para receber o conde à entrada.

Ouvia-se chilrear os pássaros de um viveiro próximo; os ramos dos faisos-ébanos e das acácias-rosas vinham tocar com os seus cachos os cortinados de veludo azul; tudo naquele encantador retirozinho respirava calma, desde o canto dos pássaros até ao sorriso dos donos da casa.

Desde que ali entrara, o conde também já se impregnara daquela felicidade. Por isso se conservava calado, pensativo, esquecido de que o esperavam para retomar a conversação interrompida depois dos primeiros cumprimentos.

Notou o silêncio que se estabelecera, tornado quase inconveniente, e arrancou-se com esforço ao seu devaneio.

- Minha senhora - disse por fim -, perdoe-me uma emoção que a deve surpreender, habituada como está a esta paz e a esta felicidade que descubro aqui. Para mim é coisa tão nova como a satisfação num rosto humano, e da que me não canse de os olhar, a si e ao seu marido.

- Somos de fato muito felizes, senhor - respondeu Julie. - Mas sofremos durante muito tempo e poucas pessoas compraram a felicidade tão cara como nós.

A curiosidade transpareceu no rosto do conde.

- Oh, trata-se de uma longa história de família, como lhe dizia no outro dia Château-Renaud! - interveio Maximilien. - Para si, Sr. Conde, habituado a ver ilustres desgraças e felicidades esplêndidas, este quadro íntimo teria pouco interesse. No entanto, como acaba de lhe dizer Julie, passamos por bem maus bocados, apesar de contidos neste pequeno âmbito...

- E Deus derramou-lhes, como faz com todos, a consolação sobre o sofrimento? - perguntou Monte-Cristo.

- Sim, Sr. Conde - respondeu Julie. - Podemos dizê-lo porque fez por nós o que só faz pelos seus eleitos: mandou-nos um dos seus anjos.

O vermelho subiu às faces do conde, que tossiu, para ter um meio de dissimular a emoção, e levou o lenço à boca.

- Aqueles que nasceram num berço de ouro e que nunca sentiram a falta de nada - disse Emmanuel - não sabem o que é a alegria de viver. De igual modo não conhecem o valor de um céu puro aqueles que nunca tiveram a vida à mercê de quatro tábuas lançadas num mar enfurecido.

Monte-Cristo levantou-se e, sem responder, porque a tremura da sua voz poderia denunciar a comoção que o dominava, pôs-se a percorrer passo a passo a sala.

- A nossa magnificência o faz sorrir, não é verdade, Sr. Conde? - perguntou Maximilien, que seguia Monte-Cristo com a vista.

- Não, não - respondeu o conde, muito pálido e contendo com a mão as pulsações do coração, enquanto com a outra indicava ao jovem um globo de cristal que protegia uma bolsa de seda cuidadosamente colocada em cima de uma almofada de veludo preto. - Perguntava apenas a mim mesmo para que serve essa bolsa, que de um lado contém um papel, parece-me, e do outro um diamante bastante bonito.

Maximilien tomou um ar grave e respondeu:

- Isso, Sr. Conde, é o mais precioso dos nossos tesouros de família

- De fato, o diamante é bastante bonito - repetiu Monte-Cristo.

- Oh, o meu irmão não se refere ao valor da pedra, embora esteja calculado em cem mil francos, Sr. Conde! Quer apenas dizer que os objetos contidos nessa bolsa são as relíquias do anjo de que falamos há pouco.

- Aí está uma coisa que não compreendo e que no entanto não devo pedir que me explique... minha senhora - declarou Monte-Cristo, inclinando-se. - Perdoem-me, não quis ser indiscreto.

- Indiscreto, diz o senhor? Oh, não imagina como nos torna felizes, pelo contrário, dando-nos oportunidade de falarmos a tal respeito! Se ocultassemos como segredo a bela ação que recorda essa bolsa, não a exporíamos por assim dizer à vista. Oh, desejaríamos poder espalha-la por todo o universo, para que um estremecimento do nosso benfeitor nos revelasse a sua presença.

- Deveras? - disse Monte-Cristo, com a voz embargada.

- Senhor - prosseguiu Maximilien, levantando o globo de cristal e beijando religiosamente a bolsa de seda -, isto foi tocado pela mão de um homem por quem o meu pai foi salvo da morte, nós da ruína, e o nosso nome, da vergonha; de um homem graças ao qual nós, pobres crianças votadas à miséria e às lágrimas, podemos hoje ver as pessoas extasiarem-se perante a nossa felicidade. Esta carta - e Maximilien tirou um bilhete da bolsa e apresentou-o ao conde --, esta carta foi escrita por ele no dia em que meu pai tomara uma resolução desesperada, e este diamante foi dado em dote à minha irmã por esse generoso desconhecido.

Monte-Cristo abriu a carta e leu-a com indefinível expressão de prazer. Era o bilhete que os nossos leitores conhecem, dirigido a Julie e assinado por Simbad, o Marinheiro.

- Desconhecido, diz o senhor? Então o homem que lhes prestou esse favor não lhes deu a conhecer?

- Não, senhor, nunca tivemos a felicidade de lhe apertar a mão. E não foi à falta de pedirmos a Deus esse favor - prosseguiu Maximilien. - Mas houve em todas as aventuras uma direção misteriosa que ainda não conseguimos compreender; foi tudo conduzido por uma mão invisível, poderosa como a de um encantador.

- Oh, ainda não perdi de todo a esperança de beijar um dia essa mão como beijo a bolsa em que ela tocou! - interveio Julie. - há quatro anos, Penelon estava

em Trieste. Penelon, Sr. Conde, é o excelente marinheiro que viu de enxada na mão e que de contramestre se fez jardineiro. Penelon estava pois em
Trieste quando viu no cais um inglês que ia embarcar num iate e reconheceu o homem que procurara o meu pai em 5 de Junho de 1829 e me escrevera esse bilhete em 5 de Setembro. Era sem dúvida o mesmo, ao que ele afirma, mas não se atreveu a falar-lhe.

- Um inglês!.. - murmurou Monte-Cristo, pensativo, preocupado com os olhares que lhe deitava Julie. - Um inglês, diz a senhora?

- Sim - confirmou Maximilien --, um inglês que se apresentou em nossa casa como mandatário da Casa Thomson & French, de Roma. Aqui tem por que motivo, quando disse no outro dia em casa do Sr. de Morcerf que os Srs. Thomson & French eram os seus banqueiros, me viu estremecer. Em nome do Céu, senhor, isto passou-se, como lhe dissemos, em 1829; conheceu esse inglês?

- Mas não me disseram também que a Casa Thomson & French negou terminantemente ter-lhes prestado esse serviço?

- Dissemos.

- Então esse inglês não seria um homem que, reconhecendo-se devedor para com o seu pai de alguma boa ação que o próprio Sr. Morrel teria esquecido, aproveitasse esse pretexto para lhe ser útil?

- Tudo é possível, senhor, em semelhantes circunstâncias, até um milagre.

- Como se chamava ele? - perguntou Monte-Cristo.

- Não deixou outro nome - respondeu Julie olhando o conde com a mais profunda atenção - a não ser aquele com que assinou o bilhete: “Simbad, o Marinheiro.”

- O que não é um nome, evidentemente, mas sim um pseudônimo.

Depois, como Julie o olhasse cada vez mais atentamente e procurasse apanhar no ar e reunir algumas notas da sua voz, prosseguiu:

- Vejamos, não é um homem pouco mais ou menos da minha estatura, um bocadinho mais alto talvez, e um pouco mais magro, afogado numa gravata alta, abotoado, espartilhado, empertigado e sempre de lápis na mão?

- Oh, mas então o senhor conhece-o! - exclamou Julie, com os olhos cintilantes de alegria.

- Não - respondeu Monte-Cristo. - Suponho apenas. Conheci um Lorde Wilmore que deixava assim atrás de si rastros de generosidade.

- Sem se dar a conhecer?

- Era um homem estranho, que não acreditava no reconhecimento.

- Oh! - exclamou Julie em tom sublime e juntando as mãos. - Em que acreditava então o infeliz?

- Não acreditava na gratidão, pelo menos na época em que o conheci - respondeu Monte-Cristo, a quem aquela voz vinda do fundo da alma fizera vibrar até à última fibra. - Mas desde então é provável que tenha tido alguma prova do que o reconhecimento existia.

- E o senhor conhece esse homem? - perguntou Emmanuel.

- Oh, se o conhece, senhor, diga, diga! - exclamou Julie. - Pode levar-nos à sua presença, mostrar-nos, dizer-nos onde está? Maximilien, Emmanuel: se o encontrarmos alguma vez, temos de convence-lo a acreditar na memória do coração.

Monte-Cristo sentiu duas lágrimas rolarem-lhe dos olhos. Deu mais alguns passos na sala.

- Em nome do Céu, senhor, se sabe alguma coisa acerca desse homem, diga-nos o que sabe! - pediu Maximilien.

- Infelizmente - respondeu Monte-Cristo, contendo a emoção da voz --, se foi Lorde Wilmore o seu benfeitor, receio muito que não o encontrem. Deixei-o há dois ou trás anos em Palermo, de partida para os países fabulosos; por isso duvido muito que algum dia volte.

- O senhor é cruel! - exclamou Julie, espantada.

E as lágrimas acudiram aos olhos da jovem.

- Minha senhora - disse gravemente Monte-Cristo, devorando com a vista as duas pérolas líquidas que rolavam pelas faces de Julie --, se Lorde Wilmore visse o que acabo de ver aqui, voltaria a amar a vida, pois as lágrimas que a senhora derrama o reconciliariam com o gênero humano.

E estendeu a mão a Julie, que lhe deu a dela, dominada como estava pelo olhar e pelo tom do conde.

- Mas esse Lorde Wilmore - insistiu a jovem, agarrando-se a uma derradeira esperança - tinha um país, uma família, parentes, era conhecido, enfim? Não poderíamos...

- Oh, desista, minha senhora! - pediu o conde. - Não construa suaves quimeras sobre as palavras que deixei escapar. Não, Lorde Wilmore não é provavelmente o homem que procuram. Era meu amigo, eu conhecia todos os seus segredos e teria revelado esse.

- E não lhe disse nada? - perguntou Julie.

- Nada.

- Nunca uma palavra que o pudesse levar a supor...

- Nunca.

- No entanto, o senhor citou-o imediatamente.

- Bom, como sabe num caso assim supõe-se.

- Minha irmã, minha irmã - interveio Maximilien em auxílio do conde --, o Sr. Conde tem razão. Lembra-se do que nos disse tantas vezes o nosso bom pai: não foi um inglês que nos prestou auxílio.

Monte-Cristo estremeceu.

- O seu pai dizia-lhes... Sr. Morrel?... - perguntou vivamente.

- O meu pai, senhor, via naquela ação um milagre. O meu pai acreditava num benfeitor saído por nossa causa do túmulo. Oh, era tão comovente a sua superstição, senhor, que embora eu não acreditasse nela nunca me passou pela cabeça destruir tal crença no seu nobre coração! Quantas vezes devaneava pronunciando baixinho o nome de um amigo perdido; e quando estava prestes a morrer, quando a proximidade da eternidade deu ao seu espírito qualquer coisa da inspiração da sepultura, aquela idéia, que até ali não passara de uma suspeita, transformou-se numa convicção, e as últimas palavras que pronunciou foram estas: “Maximilien, foi Edmond Dantés!”

A palidez do conde, que havia alguns segundos ia aumentando, tornou-se horrível depois destas palavras. Todo o sangue lhe afluíra ao coração e não conseguia falar. Puxou do relógio, como se se tivesse esquecido das horas, pegou no chapéu, apresentou à Sra Herbault um cumprimento brusco e embaraçado

e apertou a mão a Emmanuel e Maximilien.

- Minha senhora - disse -, permita-me que venha algumas vezes apresentar-lhe os meus cumprimentos. Gosto da sua casa e estou grato pelo seu acolhimento, tão agrável que pela primeira vez em muitos anos me esqueci das horas. E saiu a passos largos.

- É um homem singular, esse conde de Monte-Cristo - disse Emmanuel.

- Pois é - concordou Maximilien --, mas creio que possui um excelente coração e estou certo de que gosta de nós.

- E a mim - disse Julie - a sua voz penetrou-me até ao coração e por duas ou três vezes pareceu-me que não era a primeira vez que a ouvia.

Capítulo LI

Píramo e Tisbe

Quase ao fundo do Arrabalde Saint-Honoré, atrás de um belo palácio, notável entre as notáveis habitações daquele bairro rico, estende-se um vasto jardim, cujos castanheiros frondosos ultrapassam os enormes muros, altos como muralhas, e deixam, quando chega a Primavera, cair as suas flores cor-de-rosa e brancas em dois vasos de pedra canelada colocados paralelamente sobre duas colunas quadrangulares, nas quais se insere um portão de ferro do tempo de Luís XIII.

Esta entrada grandiosa está condenada, apesar dos magníficos gerânios contidos nos dois vasos e que balançam ao vento as suas flores matizadas e cor de púrpura, desde que os proprietários do palácio - e isso data de há muito tempo já - se restringiram à posse do palácio, do pátio arborizado que da para a rua e do jardim que fecha o portão a que já nos referimos, o qual dava outrora para uma magnífica horta de uma
jeira, anexa à propriedade. Mas como o demônio da especulação traçou uma linha, isto é, uma rua na extremidade da horta, e como a rua, antes de existir, já recebera um nome, graças a uma placa de ferro polido, pensou-se vender a horta para construir para a rua e fazer concorrência à grande artéria de Paris chamada Arrabalde Saint-Honoré.

Mas em matéria de especulação, o homem propõe e o dinheiro dispõe. A rua batizada morreu à nascença; o comprador da horta, depois de pagá-la integralmente, não conseguiu obter na revenda a importância que pretendia e, enquanto esperava uma subida de preço que não deixaria de o indemnizar, mais dia menos dia, muito para além dos seus prejuízos passados e do seu capital imobilizado, contentou-se com alugar o terreno a uns hortelãos por quinhentos francos por ano.

Era dinheiro colocado a 1,5%, nada caro nos tempos que correm, em que há tanta gente que o coloca a cinquenta e ainda acha que o dinheiro rende pouquíssimo.

Todavia, como já dissemos, o portão do jardim, que outrora dava para a horta, está condenado e a ferrugem rói-lhe os gonzos. Mais, para que os ignôbeis

hortelãos não conspurquem com os seus olhares vulgares o interior do recinto aristocrático, aplicou-se aos varões uma vedação de tábuas até à altura de seis pés. É certo que as tábuas não estão assim tão bem juntas que se não possa deitar um olhar furtivo pelos
intervalos, mas a casa é uma casa severa e que não teme as indiscrições.

Na horta, em vez de couves, cenouras, rabanetes, ervilhas e melões, crescem grandes luzernas, única cultura reveladora de que aquele lugar abandonado ainda não está esquecido. Uma portinha baixa que dá para a rua projetada permite a entrada no recinto murado, que os seus arrendatários acabam de abandonar devido à sua esterilidade e que há oito dias, em vez de render 1,5%, como no passado, já não rende absolutamente nada.

Do lado do palácio, os castanheiros de que falamos coroam o muro, o que não impede outras árvores luxuriantes e floridas de introduzir nos intervalos os seus ramos ávidos de ar. Num canto em que a folhagem é de tal forma abundante que a luz mal ali penetra, um comprido banco de pedra e cadeiras de jardim indicam um lugar de reunião ou um retiro favorito de qualquer habitante do palácio, situado a cem passos e que mal
se vê através da muralha de verdura que o envolve. Enfim, a escolha daquele recanto misterioso, ao mesmo tempo justificada pela ausência do sol, pela frescura permanente, mesmo durante os dias mais quentes do Verão, pelo chilreal da passarada e pelo afastamento da casa e da rua, isto é, dos problemas domésticos e do barulho.

Na tarde de um dos dias mais quentes que até ali a Primavera concedera aos habitantes de Paris, encontrava-se em cima do banco de pedra um livro, uma sombrinha, um cesto de costura e um lenço de cambraia de linho com um bordado começado; e não longe do banco, junto do portão, de pé diante das tábuas, com o olho aplicado à vedação engradada, estava uma jovem, que espreitava por uma fenda a horta deserta que já conhecemos.

Quase imediatamente, a portinha do terreno fechava-se sem ruído e um rapaz alto, forte, de blusa de pano-cru e barrete de veludo, mas cujos bigodes pretos extremamente cuidados destoavam um bocado da vestimenta popular, depois de olhar rapidamente à sua volta para se certificar de que ninguém o espiava, dirigia-se com passo rápido para o portão.

Ao ver aquele que esperava, mas não provavelmente assim vestido, a jovem teve medo e recuou.

Entretanto, porém, o rapaz, com esse olhar que só os namorados possuem, já vira através das fendas da porta flutuar o vestido branco e a comprida faixa azul da amada. Assim, correu para a vedação, aplicou a boca a uma abertura e disse:

- Não lenha medo, Valentine, sou eu.

A jovem aproximou-se.

- Oh, senhor, porque veio hoje tão tarde? - perguntou. - Não sabe que em breve vamos jantar e que precisei de muita diplomacia e rapidez para me desembaraçar da minha madrasta, que me espia, da minha criada de quarto, que me vigia, e do meu irmão, que me atormenta por vir bordar para aqui um lenço que receio muito não esteja pronto tão cedo? Depois de justificar o seu atraso, me dirá que novo traje é esse que resolveu usar e que quase me não permitiu reconhecê-lo.

- Querida Valentine - respondeu o rapaz -, está tão acima do meu amor que não ouso falar-lhe dele, e no entanto todas as vezes que a vejo necessito de lhe dizer que a adoro, a fim de o eco das minhas próprias palavras me acariciar ternamente o coração quando não a vejo. Agora, agradeço os seus ralhos: são deliciosos porque me provam, não me atrevo a dizer que me esperava, mas sim que pensava em mim. Quer saber a causa do meu atraso e o motivo do meu disfarce; vou dizer-lhos e espero que os desculpe: arranjei outra profissão.

- Outra profissão?!... Que quer dizer, Maximilien? Somos assim tão felizes para que me fale do que nos respeita gracejando?

- Oh, Deus me defenda de brincar com o que é a minha vida! - protestou o rapaz. - Mas estou farto de correr campos e escalar muros, seriamente assustado com a idéia que me sugeriu na outra tarde de que o seu pai ainda um dia me mandaria prender e julgar por ladrão, o que comprometeria a honra de todo o Exército francês, e não menos assustado com a possibilidade de alguém estranhar ver-me girar constantemente à volta daquele terreno, onde não há a mais pequena cidadela a sitiar ou o mais pequeno fortim a defender, um capitão de sipaios, fiz-me hortelão e adotei o traje da minha profissão.

- Que loucura!

- Pelo contrário, acho a coisa mais sensata, que fiz na minha vida, porque nos dá toda segurança.

- Explique-se.

- Procurei o dono do terreno, e como o arrendamento com os antigos rendeiros terminara, aluguei-o de novo. Toda aquela luzerna que vê me pertence, Valentine, e nada me impede de mandar construir uma cabana no meio daquelas forragens e de passar a viver a vinte passos de si. Oh, não posso conter a minha alegria e a minha felicidade! Parece-lhe, Valentine, que haverá dinheiro que pague tais coisas? É impossível, não é verdade? Pois bem, toda esta felicidade, toda esta ventura, toda esta alegria, pelas quais daria dez anos de vida, me custam... adivinhe quanto. Quinhentos francos por ano, pagáveis por trimestre. Assim, como vê, daqui em diante não tenho mais nada a temer. Estou no que é meu, posso encostar escadas de mão ao meu muro e olhar para cima dele e tenho o direito, sem receio de que uma patrulha venha me incomodar, de lhe dizer, Valentine, que a amo, desde que o seu orgulho não se sinta ferido por ouvir sair esta palavra da boca de um pobre jornaleiro de blusa e barrete.

Valentine soltou um gritinho de alegre surpresa. Depois, de repente, como se uma nuvem invejosa viesse de súbito encobrir o raio de sol que lhe iluminava o coração, disse tristemente:

- O pior, Maximilien, é que a partir daqui seremos demasiado livres e a nossa felicidade nos levará a tentar Deus; abusaremos da nossa segurança e a nossa segurança nos perderá.

- Como pode dizer-me isso, minha amiga, a mim, que desde que a conheço lhe provo todos os dias que subordino os meus pensamentos e a minha vida à sua vida e aos seus pensamentos? Que a levou a confiar em mim? A minha dedicação, não é verdade? Quando me disse que um vago instinto lhe afirmava que corria um grande perigo, pus a minha dedicação às suas ordens sem lhe pedir outra recompensa além da felicidade de servi-la. Desde então já lhe dei, por uma

palavra, por um gesto, oportunidade de se arrepender de me ter distinguido no meio daqueles que se considerariam felizes por morrer por si? Disse-me, pobre criança, que estava noiva do Sr. de Epinay, que o seu pai decidira essa aliança, ou seja, que ela era
inevitável, pois tudo o que o Sr. de Villefort deseja acontece infalivelmente. Pois bem, fiquei na sombra esperando tudo, não da minha vontade, não da sua, mas sim dos acontecimentos, da Providência, de Deus, e no entanto a Valentine ama-me, teve compaixão de mim e o disse. Obrigado por essa doce palavra, que só lhe peço me repita de tempos a tempos e que me fará esquecer tudo.

- E foi isso que o tornou audacioso, Maximilien, e é isso que me proporciona simultaneamente uma existência tão venturosa quanto infeliz, a ponto de perguntar a mim própria muitas vezes o que será melhor para mim, se a tristeza que me causava antes o rigor da minha madrasta e a sua preferência cega pelo filho ou a felicidade cheia de perigos que experimento em vê-lo.

- Perigos?! - exclamou Maximilien. Como pode dizer uma palavra tão dura e tão injusta? Alguma vez viu um escravo mais submisso do que eu? Permitiu-me dirigir-lhe algumas vezes a palavra, Valentine, mas proibiu-me de segui-la e eu obedeci. Desde que descobri maneira de entrar aqui, de falar consigo através desta porta, de estar, enfim, tão perto de si sem a ver, alguma vez, diga-me, lhe pedi para tocar sequer na fímbria do seu vestido através das grades? Alguma vez dei um passo para transpor este muro, ridículo obstáculo para a minha juventude e para a minha força? Nunca me ouviu queixar do seu rigor, nunca exprimi um desejo em voz alta; tenho cumprido a minha palavra como um cavaleiro de outros tempos. Reconheça isto, ao menos, para que a não julgue injusta.

- É verdade - disse Valentine, passando entre duas tábuas a ponta de um dos seus dedos afuselados no qual Maximilien pousou os lábios. - É verdade, tem sido um amigo respeitoso. Mas tem procedido assim apenas por saber ser esse o seu interesse, meu caro Maximilien. Sabia muito bem que no dia em que o escravo se tornasse exigente tudo perderia. Prometeu-me a amizade de um irmão, a mim que não tenho amigos, a mim que o meu pai esquece, a mim que a minha madrasta persegue, e que só tenho como consolação um velho imóvel, mudo. Gelado, cuja mão não me pode apertar a minha que só me pode talar com o olhar e cujo coração bale sem dúvida por mim, consumindo o que lhe resta de calor. Irrisão amarga do destino que me torna inimiga e vítima de todos aqueles que são mais fortes do que eu e que me dá um cadáver por amparo e amigo! Oh, realmente, Maximilien, repito-lhe, sou muito infeliz e tem razão em
amar-me por mim e não por si!

- Valentine - disse o jovem, profundamente comovido -, não direi que só a si amo no mundo, porque amo também a minha irmã e o meu cunhado, mas a eles amo-os com um amor terno e calmo, que em nada se parece com o sentimento que experimento por si. Quando penso em si o sangue ferve-me, o peito dilata-se-me, o coração transborda-me. Mas esta energia. este ardor, esta força sobre-humana, utiliza-los-ei a amá-la apenas até ao dia em que me diga que os utilize a servi-la. O Sr. de Epinay estará ausente ainda um ano, dizem; num ano, quantas oportunidades favoráveis poderemos ter, quantos acontecimentos nos poderão secundar! Continuemos portanto a ter esperança; é tão bom e tão doce ter esperança. Mas até agora, que tem sido para mim a Valentine, a Valentine que

me censura o meu egoísmo? A bela e fria estátua da Vênus pudica. Em troca desta dedicação, desta obediência, desta renúncia, que me prometeu? Nada. Que me concedeu? Muito pouca coisa. Fala-me do Sr. de Epinay, seu noivo, e suspira perante a idéia de lhe pertencer um dia. Vejamos, Valentine, isso é tudo o que tem na alma? O quê, ofereço-lhe a minha vida, dou-lhe a minha alma, dedico-lhe até à mais insignificante pulsação do meu coração, e quando sou todo seu, quando digo para comigo baixinho que morrerei se a perder, a Valentine nem sequer se assusta perante a idéia de pertencer a outro! Oh, Valentine, Valentine, se estivesse no seu lugar, se me soubesse amado
como está certa de que a amo, já cem vezes teria passado a minha mão por entre as grades deste portão e apertado a mão do pobre Maximilien, dizendo-lhe: “Sou sua, só sua, Maximilien, neste mundo e no outro!”

Valentine não respondeu nada, mas o rapaz ouviu-a suspirar e chorar. A reação de Maximilien foi imediata.

- Oh, Valentine, Valentine, esqueça as minhas palavras, se há nelas alguma coisa que a possa magoar!

- Não - respondeu ela --, tem razão. Mas não vê que sou uma pobre criatura, abandonada numa casa quase estranha, porque o meu pai é quase um estranho para mim, e cuja vontade tem sido vergada de dez anos para cá, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, pela vontade de ferro dos amos e senhores que dispõem de mim? Ninguém repara no que sofro e que só a si tenho dito. Aparentemente, e aos olhos de toda a gente, todos são bons e afetuosos para comigo; mas na realidade todos me são hostis. As pessoas dizem: “O Sr. de Villefort é demasiado grave e severo para ser terno com a filha, mas ela teve ao menos a felicidade de encontrar na Sra de Villefort uma segunda mãe.” Pois as pessoas enganam-se: o meu pai abandona-me com indiferença e a minha madrasta odeia-me com um encarniçamento tanto mais terrível quanto é certo ser disfarçado por um eterno sorriso.

- Odiá-la? A si, Valentine! Como podem odiá-la?

- Infelizmente, meu amigo - respondeu Valentine -, sou forçada a confessar que esse ódio por mim provém de um sentimento quase natural. Ela adora o filho, o meu irmão Edouard.

- E então?

- Então? Talvez seja estranho meter no caso uma questão de dinheiro... No entanto, meu amigo, creio que o seu ódio provém pelo menos daí. Como ela não tem fortuna do seu lado e eu já sou rica por parte da minha mãe, e a minha fortuna será ainda mais do que duplicada pela do Sr. e da Sra de Saint-Méran,
que me deve caber um dia, bom... julgo que ela tem inveja. Oh, meu Deus, se lhe pudesse dar metade dessa fortuna e sentir-me junto do Sr. de Villefort como uma filha em casa do seu pai, o faria imediatamente, pode ter certeza!

- Pobre Valentine!

- Sim, sinto-me acorrentada e ao mesmo tempo tão fraca que me parece ser amparada por esses laços e tenho medo de os quebrar. De resto, o meu pai não é homem cujas ordens se possam infringir impunemente: usaria o seu poder contra mim, como o usaria contra si, Maximilien, e como o usaria contra o
próprio rei, protegido como está por um passado inatacável e por uma posição quase intocável. Oh, Maximilien, juro-lhe que se não luto é porque receio que seja

despedaçado como eu nessa luta!

- Mas, enfim, Valentine - insistiu Maximilien --, porque desesperar assim e ver o futuro sempre negro?

- Ah, meu amigo, porque o avalio pelo passado!

- Vejamos: se não sou um partido ilustre do ponto de vista aristocrático, pertenço no entanto, sob muitos aspectos, ao meio em que a Valentine vive. O tempo em que havia duas Françaas na França já se foi; as mais nobres famílias da monarquia uniram-se às famílias do Império. A aristocracia da lança desposou a nobreza do canhão. Eu pertenço a esta última. Tenho um excelente futuro no Exército e possuo uma pequena
fortuna, mas independente; por último, a memória do meu pai é venerada na nossa terra como a de um dos mais honestos comerciantes que jamais existiram. Digo “nossa terra”, Valentine, porque é quase de Marselha.

- Não me fale de Marselha, Maximilien. Essa palavra basta para me lembrar da minha boa mãe, esse anjo cujo desaparecimento todos lamentaram, e que depois de velar pela filha durante a sua curta estada na Terra, vela agora por ela, pelo menos assim espero, durante a sua eterna estada no Céu. Oh, se a minha pobre mãe fosse viva, Maximilien, não temeria nada! Lhe diria que o amo e ela nos protegeria.

- Infelizmente, Valentine - prosseguiu Maximilien --, se ela fosse viva eu não a conheceria, sem dúvida, porque, como disse, seria feliz se ela fosse viva, e uma Valentine feliz me olharia muito desdenhosamente do alto da sua grandeza.

- Ah, meu amigo, agora é o senhor que é injusto!... Mas diga-me...

- Que quer que lhe diga? - insistiu Maximilien, vendo que Valentine hesitava.

- Diga-me - continuou a jovem --, em outros tempos, em Marselha, não houve qualquer desinteligência entre o seu pai e o meu?

- Que eu saiba, não - respondeu Maximilien --, a não ser por o seu pai ser um partidário mais que zeloso dos Bourbons e o meu, um homem dedicado ao imperador. Presumo ser essa a única desinteligência que terá havido entre eles. Mas porque pergunta isso, Valentine?

- Vou dizer-lhe - prosseguiu a jovem - porque deve saber tudo. Bom, foi no dia em que a sua nomeação de oficial da Legião de Honra veio publicada no jornal. Estavamos todos em casa do avô, o Sr. Noirtier, e além de nós estava lá também o Sr. Danglars... Creio que o conhece, é aquele banqueiro cujos cavalos quase mataram anteontem a minha madrasta e o meu irmão. Eu lia o jornal em voz alta ao meu avô, enquanto os
outros conversavam acerca do casamento de Mademoiselle Danglars. Quando cheguei ao parágrafo que lhe dizia respeito a si, Maximilien, e que já lera, porque o senhor me tinha dado essa boa notícia na véspera de manhã... quando cheguei, repito, ao parágrafo que lhe dizia respeito, estava tão feliz... mas também tão trêmula por ser obrigada a pronunciar o seu nome em voz alta, que decerto o omitiria se não receasse
que interpretassem mal o meu silêncio. Apelei, pois, para toda a minha coragem e o li.

- Querida Valentine!

- Pois bem, assim que soou o seu nome, Maximilien, o meu pai virou a

cabeça. Estava tão persuadida (veja como sou louca!) de que todas as pessoas ia ser fulminada por esse nome como o seria por um raio, que julguei ver estremecer meu pai e até (quanto a esse foi uma ilusão, tenho a certeza), e até o Sr. Danglars.

"- Morrel?... - disse o meu pai. - Um momento? - Franziu o sobrolho e acrescentou: - Será um desses Morrels de Marselha, um desses facciosos bonapartistas que nos causaram tanto mal em 1815?

"-- Exato - respondeu Danglars. - Creio até que se trata do filho do antigo armador."

- Ele disse isso? - estranhou Maximilien. - E que respondeu o seu pai, Valentine?

- Oh, uma coisa horrível e que não ouso dizer-lhe!

- Diga sempre - pediu Maximilien, sorrindo.

"- O seu imperador - continuou de sobrolho franzido - sabia po-los no seu lugar, a todos esses fanáticos. Chamava-lhes carne para canhão e era o único nome que mereciam. Verifico com prazer que o novo Governo repõe em vigor esse salutar princípio. Ainda que fosse apenas para isso que conservassemos a Argélia, felicitaria o Governo, apesar de nos custar um pouco cara."

- Trata-se, com eleito, de uma política bastante brutal - disse Maximilien. - Mas não core, querida amiga, pelo que disse o Sr. de Villefort. O meu excelente pai não ficava a dever nada ao seu nesse aspecto e repetia constantemente: "Porque será que o imperador, que tem feito tantas coisas boas, não faz um regimento de juizes e advogados e os manda também para as primeiras linhas?"

- Como vê, querida amiga, não ficam um atrás do outro pelo pitoresco da expressão e pela bondade da idéia. Mas que disse o Sr. Danglars a essa saída do procurador régio?

- Oh, desatou a rir, com aquele riso velhaco que lhe é peculiar e que eu acho feroz! Pouco depois levantaram-se e saíram. Vi então que o meu bom avô estava agitadíssimo. Devo dizer-lhe, Maximilien, que só eu adivinho as agitações - do pobre paralítico, e Aliás já desconfiava que a conversa que tinham tido diante dele (porque já ninguém lhe presta atenção, pobre avô!) o deixara muito impressionado, atendendo a que
tinham dito mal do seu imperador, de quem, ao que parece, foi fanático.

- É, com efeito - disse Maximilien --, um dos nomes conhecidos do Império. Foi senador e, como sabe, ou não sabe, Valentine, participou, em quase todas as conspirações bonapartistas que se verificaram no tempo da Restauração.

- Sim, tenho ouvido falar às vezes, em voz baixa, a tal respeito. São coisas que me parecem estranhas: o avô, bonapartista: o pai, monárquico... Enfim, que lhe havemos de fazer?... Olhei portanto para ele, que me indicou o jornal com a vista.

"- Então, avozinho, está satisfeito? -- perguntei-lhe.

"Fez-me sinal que sim com os olhos.

"- Com o que o meu pai acaba de dizer? - perguntei.

"Fez sinal que não.

"- Com o que o Sr. Danglars disse?

"Fez novamente sinal que não.

"- Então é por esse Sr. Morrel - não me atrevi a dizer Maximilien - ter sido

nomeado oficial da Legião de Honra?

“Fez sinal que sim. Que lhe parece, Maximilien? Estava satisfeito pelo senhor ter sido nomeado oficial da Legião de Honra, apesar de o não conhecer. Talvez seja loucura da sua parte, pois dizem que regressou aos tempos da infância, mas fiquei a amá-lo ainda mais por aquele “sim”.

- É estranho - murmurou Maximilien - o seu pai odiar-me, ao passo que, pelo contrário, o seu avô... Coisa estranha esses amores e esses ódios de partido!

- Cale-se! - recomendou de súbito Valentine. - Esconda-se, fuja, vem aí gente!

Maximilien saltou para uma enxada e desatou a revolver impiedosamente a lama.

- Menina! Menina! - gritou uma voz atrás das árvores. -- A Sra de Villefort procura-a por toda a parte e chama-a. Está uma visita na sala.

- Uma visita?... - repetiu Valentine muito agitada. - E quem é essa visita?

- Um grande senhor, um príncipe, ao que se diz, o Sr. Conde de Monte-Cristo.

- Já vou - respondeu em voz alta Valentine.

Estas palavras fizeram estremecer do outro lado do portão aquele para quem o “já vou” de Valentine servia de adeus no fim de cada encontro.

- E esta? - disse Maximilien para consigo, encostando-se muito pensativo à enxada. - Como é que o conde de Monte-Cristo conhece o Sr. de Villefort?

capítulo LII

Toxicologia

Era sem dúvida nenhuma o Sr. Conde de Monte-Cristo que acabava de entrar em casa da Sra de Villefort, na intenção de retribuir ao Sr. Procurador régio a visita que este lhe fizera, e mal soara o seu nome toda a casa, como bem se compreende, se pusera em polvorosa.

A Sra de Villefort, que se encontrava na sala quando lhe anunciaram o conde, mandou imediatamente chamar o filho para que o garoto reitera se os seus agradecimentos ao conde, e Edouard, que havia dois dias não ouvia falar doutra coisa a não ser da grande personagem, apressou-se a aparecer, não por obediência à mãe nem para agradecer ao conde, mas sim por curiosidade e para fazer qualquer observação que lhe
permitisse meter uma das suas “gracinhas", que faziam dizer à mãe: “Oh, que criança tão má! Mas tenho de lhe perdoar, pois é tão espirituoso!"

Depois dos cumprimentos do costume, o conde perguntou pelo Sr. de Villefort.

- O meu marido janta com o Sr. Chanceler - respondeu a jovem senhora. - saiu agora mesmo e lamentará muito, estou certa, ter sido privado do prazer de ve-lo.

Dois visitantes que tinham precedido o conde na sala, e que o devoravam com os olhos, retiraram-se passado o tempo razoavelmente exigido tanto, pela cortesia como pela curiosidade.

- A propósito, onde está a tua irmã Valentine? - perguntou a Sra de Villefort a Edouard. - Que a chamem, para que tenha a honra de apresentá-la ao Sr. Conde.

- Têm uma filha, minha senhora? - perguntou o conde. - Nesse caso deve ser uma criança.

- É filha do Sr. de Villefort - respondeu a jovem senhora uma filha do primeiro casamento, uma bonita moça.

- Mas melancólica - interrompeu o jovem Edouard arrancando, para colocar como penacho no chapéu, as penas da cauda de uma magnífica arara, que gritou de dor no seu poleiro dourado.

A Sra de Villefort limitou-se a dizer:

- Silêncio, Edouard! Este jovem estouvado tem quase razão e repete o que muitas vezes ouve dizer com mágoa. Porque Mademoiselle de Villefort, é apesar de tudo o que fazemos para a distrair, de um caráter triste e de um humor taciturno, que muitas vezes prejudicam o efeito da sua beleza. Mas ela não vem... Edouard, vá ver porque se demora.

- Porque a procuram onde ela não está.

- E onde é que a procuram?

- Nos aposentos do avô Noirtier.

- E o menino acha que ela não está lá?

- Não, não, não, não, não, não está lá! - respondeu Edouard, cantarolando.

- Então onde é que está? Se sabe, diga-o.

- Está debaixo do castanheiro grande - continuou o endiabrado rapazinho, oferecendo, apesar dos gritos da mãe, moscas vivas ao papagaio, que parecia grande apreciador daquela espécie de caça.

A Sra de Villefort estendia a mão para tocar e dizer à sua criada de quarto o lugar onde encontraria Valentine quando esta entrou. Parecia triste, com efeito, e observando-a atentamente se poderiam ver até nos seus olhos vestígios de lágrimas.

Valentine, que, levados pela rapidez da narrativa apresentamos aos leitores sem dala a conhecer, era uma moça alta e esbelta, de dezenove anos, cabelo castanho-claro, olhos azuis-escuros e andar languido e com o cunho da requintada distinção que caracterizava a mãe. As suas mãos brancas e esguias, o seu colo nacarado e as suas faces matizadas de cores fugazes davam-lhe à primeira vista o ar de uma dessas belas inglesas que por vezes se comparam, bastante poeticamente, nas suas atitudes, a cisnes presunçosos.

Entrou e, vendo ao pé da madrasta o estrangeiro de quem tanto ouvira já falar, cumprimentou-o sem quaisquer trejeitos de adolescente e sem baixar os olhos, com uma graça que redobrou a atenção do conde.

Este levantou-se.

- Mademoiselle de Villefort, minha enteada - disse a Sra de Villefort a Monte-Cristo, inclinando-se no sofá e mostrando com a mão Valentine.

- E o Sr. Conde de Monte-Cristo, rei da China e imperador da Cochinchina - acrescentou o jovem brincalhão, lançando um olhar velhaco à irmã.

Desta vez, a Sra de Villefort empalideceu e esteve quase a perder a paciência com aquele flagelo doméstico chamado Edouard. Mas, muito pelo contrário do que esperava, o conde sorriu e pareceu olhar o fedelho com

benevolência, o que levou ao cúmulo a alegria e o entusiasmo da mãe.

- Mas, minha senhora - disse o conde, reatando a conversa e olhando alternadamente para a Sra de Villefort e para Valentine --, não tive já a honra de ve-la em qualquer parte, à senhora e à menina? Ainda há pouco pensava nisso, e quando a menina entrou a sua pessoa foi mais uma luz projetada sobre uma recordação confusa, perdoe-me a palavra.

- Não é provável, senhor. Mademoiselle de Villefort aprecia pouco a sociedade e nós saímos raramente - respondeu a jovem senhora.

- Por isso não foi na sociedade que vi a menina, nem a senhora, e muito menos este encantador maganão. Aliás, a sociedade parisiense me é absolutamente desconhecida, pois creio ter tido a honra de lhe dizer que me encontro em Paris apenas há dias. Não, se me permite que recorde... espere...

O conde pôs a mão na testa, como que para concentrar todas as suas recordações.

- Não, foi lá fora... foi... não sei bem... mas parece-me que esta recordação é inseparável de um belo sol e de uma espécie de festa religiosa... A menina tinha flores na mão, o menino corria atrás de um belo pavôo, num jardim a senhora... a senhora estava debaixo de um caramanchão em forma de abóbada... Ajude-me, minha senhora. O que acabo de lhe dizer não lhe lembra nada?

- Não, na verdade - respondeu a Sra de Villefort. - E no entanto parece-me, senhor, que se o tivesse encontrado em qualquer parte a sua recordação teria ficado gravada na minha memória.

- Talvez o Sr. Conde nos tenha visto na Itália - sugeriu timidamente Valentine.

- Com efeito, na Itália... é possível - admitiu Monte-Cristo. - já viajou pela Itália, menina?

- Minha madrasta e eu estivemos lá dois anos. Os médicos temiam pelos meus pulmões e recomendaram-me o ar de Nápoles. Passamos por Bolonha, Perúsia e Roma.

- É verdade, menina! - exclamou Monte-Cristo, como se aquela simples indicação bastasse para fixar todas as suas recordações. - Foi em Perúsia, no dia da festa do Corpo de Deus, no jardim da estalagem da posta, que o acaso nos reuniu: a senhora, a menina, o seu filho e eu. Recordo-me que foi aí que tive a honra de os ver.

- Lembro-me perfeitamente de Perúsia, senhor, e da estalagem da posta, e da festa a que se refere - disse a Sra de Villefort --, mas, por mais que interrogue as minhas recordações, a minha memória deixa-me envergonhada, pois não me lembro de ter tido a honra de o ver.

- É estranho, mas eu também não - disse Valentine, levantando os belos olhos para Monte-Cristo.

- Eu me lembro! - exclamou Edouard.

- Vou ajudá-la, minha senhora - prosseguiu o conde. - O dia estivera escaldante e a senhora esperava cavalos que não chegavam devido à solenidade. A menina afastou-se para a parte mais densa do jardim e o seu filho desapareceu correndo atrás da ave.

- Apanhei-o, mãezinha, bem sabe, e arranquei-lhe três penas da cauda - declarou Edouard.

- A senhora ficou debaixo da abóbada do caramanchão... Não se lembra de, enquanto esteve sentada num banco de pedra e de, como eu disse, enquanto Mademoiselle de Villefort e o seu filho estiveram ausentes, ter conversado durante bastante tempo com alguém?

-Sim, realmente, lembro... - admitiu a jovem senhora, corando. - Lembro-me de conversar com um homem envolto numa grande capa de lã... com um médico, creio.

- Exatamente minha senhora. Esse homem era eu. Havia quinze dias que estava hospedado na estalagem, curara o meu criado de quarto de uma febre e o estalajadeiro de icterícia, de modo que me olhavam como um grande médico. Conversamos demoradamente, minha senhora, de várias coisas: de Perusino, de Rafael, dos hábitos, dos costumes e da famosa água-tofana, cujo segredo, segundo creio algumas pessoas lhe tinham dito, conservavam ainda em Perúsia.

- Ah, é verdade, já me lembro! - disse vivamente a Sra de Villefort, com certo nervosismo.

- Já não me recordo dos pormenores do que me disse, minha senhora - prosseguiu o conde com perfeita calma --, mas lembro-me perfeitamente de que, compartilhando a meu respeito o erro geral, me consultou acerca da saúde de Mademoiselle de Villefort.

- No entanto, senhor, não há dúvida que se não fosse realmente médico não curaria doentes - observou a Sra de Villefort.

- Moliére ou Beaumarchais lhe responderiam, minha senhora, que exatamente por não ser é que, em vez de curar os meus doentes, os meus doentes se curaram. Por mim, limito-me a dizer-lhe que estudei bastante a fundo a química e as ciências naturais, mas apenas como curioso... compreende? Neste momento deram seis horas.

- Já seis horas! - exclamou a Sra de Villefort, visivelmente agitada. - Não vai ver, Valentine, se o seu avô está pronto para jantar?

Valentine levantou-se, cumprimentou o conde e saiu da sala sem dizer palavra.

- Meu Deus, minha senhora, foi por minha causa que mandou Mademoiselle de Villefort embora? - perguntou o conde, depois de Valentine sair.

- De modo algum - respondeu vivamente a jovem senhora. - Mas é que são horas de servirmos ao Sr. Noirtier a triste refeição que sustenta a sua pobre existência. Sabe em que estado deplorável se encontra o pai do meu marido, não sabe?

- Sei, sim, minha senhora; o Sr. de Villefort falou-me disso. Uma paralisia creio.

- Infelizmente! O pobre velho está completamente privado de movimentos. Só a alma vive naquela máquina humana, mas pálida e trêmula como uma lamparina prestes a apagar-se. Mas, perdão, senhor, se, para lhe falar dos meus infortúnios domésticos, o interrompi no momento em que me dizia ser um hábil químico.

- Oh, não dizia tanto, minha senhora! - perguntou o conde, sorrindo. - Muito pelo contrário, estudei química porque, decidido a viver especialmente no Oriente, quis seguir o exemplo do rei Mitridates.

- Mithridates, rex Ponticus - disse o estouvado filho da dona da casa,

recortando gravuras de um álbum magnífico -, o mesmo que tomava todas as manhãs uma xicara de veneno com natas no café da manhã...

- Edouard! Criança insuportável! - exclamou a Sra de Villefort, tirando o livro mutilado das mãos do filho. - O menino é muito mau e nos faz perder a paciência! Deixe-nos e vá ter com a sua irmã Valentine aos aposentos do avô Noirtier.

- O álbum... - pediu Edouard.

- Como, o álbum?

- Sim, quero o álbum...

- Porque recortou as gravuras?

- Porque isso me diverte.

- Vá-se embora! Vá!

- Não vou se não me der o álbum - replicou o garoto, sentando-se num cadeirão, fiel ao seu hábito de nunca ceder.

- Tome e deixe-nos tranquilos - disse a Sra de Villefort.

E deu o álbum a Edouard, que saiu, acompanhado da mãe.

O conde seguiu com a vista a Sra de Villefort.

- Vejamos se ela fecha a porta... - murmurou Monte-Cristo.

A Sra de Villefort fechou a porta com o maior cuidado depois do garoto sair. O conde não pareceu dar por isso. Depois, a jovem senhora olhou à sua volta e sentou-se novamente na sua conversadeira.

- Permita-me que lhe observe, minha senhora - disse o conde com a bonomia que lhe conhecemos --, que é muito severa com aquele encantador garoto.

- Assim é preciso, senhor - replicou a Sra de Villefort, com autênticos ares de mãe severa.

- O Sr. Edouard recitava o seu Cornélio Nepos quando se reteria ao rei Mitridates - observou o conde -, e a senhora interrompeu-o numa citação que prova que o seu preceptor não tem perdido o seu tempo com ele e que o seu filho está muito adiantado para a idade.

- De fato, senhor - respondeu a mãe, agradavelmente lisonjeada -, tem uma grande facilidade e aprende tudo o que quer. Só tem um defeito, ser muito voluntarioso. Mas, a propósito do que ele dizia, acha, Sr. Conde, que por exemplo Mitridates se daria ao incômodo de tomar tais precauções e que essas precauções fossem eficazes?

- Tanto acho, minha senhora, que eu, que lhe falo, as tomei para não ser envenenado em Nápoles, Palermo e Esmirna, isto é, em três ocasiões em que, sem essa precaução, poderia ter perdido a vida.

- E o meio que empregou deu-lhe resultado?

- Perfeitamente.

- Sim, é verdade, lembro-me de ter contado qualquer coisa desse gênero em Perúsia.

- Deveras? - perguntou o conde, com uma surpresa admiravelmente simulada. - Não me lembro...

- Perguntava-lhe se os venenos atuavam igualmente e com idêntica energia sobre os homens do Norte e sobre os homens do Meio-Dia, e o senhor respondia-me que os temperamentos frios e linfáticos dos Setentrionais não representavam a mesma aptidão que a rica e energica natureza das pessoas do Meio-Dia.

- É verdade - reconheceu Monte-Cristo. - Vi russos devorar, sem serem incomodados, substâncias vegetais que matariam infalivelmente um napolitano ou um árabe.

- Acha portanto que o resultado seria ainda mais seguro entre nós do que no Oriente e de que no meio dos nossos nevoeiros e das nossas chuvas um homem se habituaria mais facilmente do que numa latitude mais quente a essa absorção gradual do veneno?

- Certamente. Mas claro que só ficaria imunizado contra o veneno a que estivesse habituado.

- Sim, compreendo. E como se habituaria o senhor, por exemplo, ou antes, como se habituou?

- Muito facilmente. Suponha que sabia antecipadamente que veneno utilizariam contra a senhora... e suponha que esse veneno era... a brucina, por exemplo...

A brucina extrai-se da faisa-angustura (1), segundo creio - disse a Sra de Villefort.

(1) Brucea ferruginea. (N. do T.)

- Justamente, minha senhora - respondeu Monte-Cristo. - Creio que não tenho muito que lhe ensinar. Os meus cumprimentos: conhecimentos desses são raros nas mulheres.

- Oh, confesso que tenho uma grande paixão pelas ciências ocultas que falam à imaginação como uma poesia e se resolvem com números, como uma equação algébrica! - declarou a Sra de Villefort. - Mas continue, peço-lhe. O que me diz interessa-me no mais alto grau.

- Bom - prosseguiu Monte-Cristo --, suponha que o veneno era a brucina, por exemplo, e que tomava um miligrama no primeiro dia, dois miligramas no segundo, e assim sucessivamente. Ao fim de dez dias teria um centigrama, e ao fim de vinte dias, aumentando outro miligrama, teria três centigramas, isto é, uma dose que suportaria sem inconveniente, mas que seria já perigosíssima para outra pessoa que não tivesse tomado as mesmas precauções que a senhora. Enfim, passado um mês, bebendo água da mesma garrafa, mataria a pessoa que bebesse dessa água ao mesmo tempo que a senhora, sem que a senhora notasse, a não ser por um simples mal-estar, a existência de qualquer substância venenosa misturada na água.

- Não conhece outro contraveneno?

- Não, não conheço.

- Li e reli muitas vezes essa história de Mitridates - declarou a Sra de Villefort --, mas tomei-a por uma fábula.

- Não, minha senhora. Contra o hábito da história, é uma realidade. Mas o que me diz e o que me pergunta não é de modo algum o resultado de um capricho, pois já há dois anos me fez idênticas perguntas, e segundo me diz há muito tempo que essa história de Mitridates a preocupava.

- É verdade, senhor, os dois estudos favoritos da minha juventude foram a botânica e a mineralogia, e depois, quando soube mais tarde que o emprego das simples explicava muitas vezes toda a história dos povos e toda a vida dos

indivíduos do Oriente, tal como as flores explicam todo o seu pensamento amoroso, lamentei não ser homem para me tornar um Flamel, um Fontana ou um Cubanis.

- Tanto mais, minha senhora - prosseguiu Monte-Cristo -, que os Orientais não se limitam, como Mitridates, a usar os venenos como uma couraça, usam-nos também como um punhal. A ciência transforma-se nas mãos não só numa arma defensiva, mas também muitas vezes ofensiva. Uma utilizam-na contra os seus sofrimentos físicos, a outra contra os seus inimigos. Com o ópio, com a beladona, com a faisa-angustura, com o pau-de-cobra, com o loureiro-cereja, adormecem para sempre quem querem. Não há uma só dessas mulheres egípcias, turcas ou gregas, daquelas a que chamam aqui mulheres de virtude, que não saiba de química o bastante para embasbacar um médico e de psicologia o suficiente para aterrorizar um
confessor.

- Sim?! - exclamou a Sra de Villefort, a quem esta conversa dava aos olhos um brilho estranho.

- Claro que sim, minha senhora continuou Monte-Cristo. - Os dramas secretos do Oriente atam-se e desatam-se assim, desde a planta que faz amar até à planta que faz morrer, desde a beberagem que abre as portas do Céu até àquela que mergulha um homem no Inferno. Existem tantos matizes de todos os gêneros
como caprichos e extravagancias na natureza humana, física e moral.

Direi mais, a arte desses químicos permite-lhes conciliar admiravelmente o remédio e o mal com as suas necessidades de amor ou os seus desejos de vingança.

- Mas, senhor, essas sociedades orientais no meio das quais passou parte da sua existência são assim tão fantásticas como as histórias que nos vêm desses belos países? - perguntou a jovem senhora. - Um homem pode ser lá suprimido impunemente? É portanto realidade a Bagda de ou a Baçor de que nos fala Galland? Os sultões e os vizires que dirigem essas sociedades e constituem o que na França chamamos o Governo são realmente Haruns-al-Raschid e Giafares que não só perdoam a um envenenador, como ainda o fazem primeiro-ministro, se o crime foi engenhoso, e neste caso mandam gravar a história em letras de ouro para se divertirem nas horas de aborrecimento?

- Não, minha senhora, o fantástico já não existe no Oriente. Mas existem, embora disfarçados sob outros nomes e ocultos sob outros trajes, comissários de polícia, juízes de instrução, procuradores régios e peritos. Lá também se enforcam, decapitam e empalam com imenso prazer os criminosos. O que acontece é que estes, hábeis como são, sabem despistar a justiça humana e assegurar o êxito dos seus empreendimentos por meio de combinações oportunas. Entre nós, um idiota possesso do demônio do ódio ou da cupidez, que tem um inimigo a destruir ou um avô a aniquilar, dirige-se a um droguista, dá-lhe um nome falso que o denuncia muito melhor do que o seu nome verdadeiro, e compra, a pretexto de que os ratos o
impedem de dormir, cinco a seis gramas de arsênico. Se é muito espertinho, vai a cinco ou seis droguistas e é apenas cinco ou seis vezes melhor reconhecido. Depois, de posse do seu específico, administra ao seu inimigo, ao seu avô, uma

dose de arsênico que faria rebentar um mamute ou um mastodonte e que inesperadamente fazem a vítima soltar berros que põem todo o bairro em alvoroço. Surge então um enxame de agentes da polícia e de guardas, manda-se chamar um médico, que abre o morto e lhe recolhe no estomago e nas entranhas o arsênico, às colheres e no dia seguinte cem jornais relatam o acontecimento com o nome da vítima e do assassino. Nessa mesma tarde, o droguista ou os droguistas vem ou vêm dizer. “Fui eu que vendi o arsênico a esse senhor." E mesmo que não se lembrem do rosto do comprador, o reconhecerão vinte vezes. Então, o criminoso idiota é preso, interrogado, acareado, confundido, condenado e guilhotinado. Ou, se é uma mulher de algum valor, condenam-na a prisão perpétua. Aqui tem como os seus Setentrionais entendem a química, minha senhora. No entanto, devo confessar que Destrues era mais esperto.

- Que quer, senhor, faz-se o que se pode! - disse, rindo, a jovem senhora. - Nem toda a gente está no segredo dos Médicis ou dos Bórgias.

- Agora, quer que lhe diga a causa de todas essas inépcias? - perguntou o conde, encolhendo os ombros. - É que nos vossos teatros, pelo menos pelo que tenho podido julgar lendo as peças que se representam, vê-se sempre personagens engolir o conteúdo de um frasco ou morder o engaste de um anel e caírem redondamente mortas. Cinco minutos mais tarde o pano desce e os espectadores dispersam-se. Ignoram-se as consequências do crime; nunca se vê o comissário da polícia com a sua faixa, nem o cabo com os seus quatro homens, e isso autoriza muitos pobres cérebros a pensar que as coisas se passam assim. Mas saia um bocadinho de França, vá, quer a Alepo, quer ao Cairo, quer apenas a Nápoles e a Roma, e verá passar nas ruas pessoas direitas, frescas e rosadas, acerca das quais o Diabo coxo, se a aflorasse com a sua capa, lhe poderia dizer: “Aquele cavalheiro está envenenado há três semanas e morrerá irremediavelmente dentro de um mês."

- Mas então terão reencontrado o segredo da famosa água-tofana, que me diziam ter-se perdido em Perúsia? - perguntou a Sra de Villefort.

- Meu Deus, senhora, haverá alguma coisa que se perca entre os homens? As artes deslocam-se e dão a volta ao mundo; as coisas mudam de nome, apenas, e o vulgo confunde-as; mas o resultado é sempre o mesmo. O veneno incide especialmente sobre este ou aquele ôrgão. Um sobre o estomago, outro sobre o cérebro, outro sobre os intestinos. O veneno provoca uma tosse e essa tosse, uma pneumonia ou qualquer outra doença catalogada no livro da ciência, o que a não impede de ser perfeitamente mortal, e que, mesmo que o não fosse, se tornaria, graças aos remédios que lhe administram os ingênuos médicos, em geral péssimos químicos, e que atuarão a favor da doença ou contra ela, conforme se queira. E aqui tem um homem morto com arte e dentro de todas as regras, a respeito do qual a justiça não tem nada a saber, como dizia um horrível químico meu amigo, o excelente abade Adelmonte de Taormine, da Sicília, que estudara profundamente esses fenômenos nacionais.

- É horrível, mas é admirável - disse a jovem senhora, imóvel de atenção.

- Julgava, confesso, todas essas histórias invenções da Idade Média.

- Sim, sem dúvida, mas aperfeiçoadas nos nossos dias. Para que julga que servem o tempo, os incentivos, as medalhas, as condecorações, os prêmios Montyon, senão para conduzir a sociedade à sua maior perfeição? Ora o homem

só será perfeito quando for capaz de criar e destruir como Deus. Já sabe destruir, tem meio caminho andado.

- De modo - prosseguiu a Sra de Villefort, voltando invariavelmente ao seu tema - que os venenos dos Bôrgias, dos Médicis, dos Renés, dos Ruggieri e mais tarde provavelmente do barão de Trenk, de que tanto têm abusado o drama moderno e o romance...

- Eram objetos de arte, minha senhora, e não outra coisa - respondeu o conde. - Julga que o verdadeiro sábio se dirige vulgarmente ao próprio indivíduo? Não. A ciência aprecia os ricochetes, as grandes audácias, a fantasia, se assim se pode dizer. Por exemplo, o excelente abade Adelmonte, de que lhe falava há pouco, procedera nesse campo a experiências surpreendentes.

- Deveras?

- Deveras. Cito-lhe apenas uma. Ele possuía um belíssimo quintal cheio de legumes, flores e frutos. Entre esses legumes escolhia o mais inofensivo de todos, uma couve, por exemplo. Durante três dias regava a couve com uma solução de arsênico. Ao terceiro dia, a couve adoecia e amarelecia; era a altura de cortá-la. Para toda a gente, parecia madura e conservava a sua aparência inofensiva; só para o abade Adelmonte estava envenenada. Então levava a couve para casa, pegava um coelho - o abade Adelmonte tinha uma coleção de coelhos, gatos, e porquinhos-da-índia que nada ficavam a dever à sua coleção de legumes, flores e frutos --, o abade Adelmonte pegava então um coelho, dava-lhe a comer uma folha de couve e o coelho
morria. Que juiz de instrução ousaria insurgir-se contra isto e que procurador régio se lembraria alguma vez de proceder judicialmente contra o Sr. Magendie ou o Sr. Flourens por causa dos coelhos, dos porquinhos-da-índia e dos gatos que têm matado? Nenhum. Temos portanto um coelho morto sem que a justiça se incomode com isso. Morto o coelho, o abade Adelmonte manda-o esvaziar pela sua cozinheira e atira as vísceras para uma estrumeira. Na estrumeira há uma galinha, que debica as vísceras do coelho, adoece por seu turno e morre no dia seguinte. No momento em que ela se debate nas convulsões da agonia, passa um abutre (há muitos abutres na terra de Adelmonte), que desce sobre o cadáver, leva-o para um rochedo e come-o. Três dias mais tarde, o pobre abutre, que desde essa refeição andou constantemente indisposto, sente uma
vertigem. No momento em que voa muito alto. Rola no vácuo e vem cair pesadamente no seu viveiro, minha senhora. O lúcio, a enguia e a moreia são insaciáveis, como sabe, e mordem o abutre. Bom, suponha agora que no dia seguinte servem à sua mesa essa enguia, esse lúcio ou essa moreia, envenenados em quarto lugar, e que o seu conviva e envenenado em quinto e morre ao fim de oito ou dez dias de dores de barriga, de
náuseas, de tumores no piloro. Se fará a autópsia e os médicos dirão: “O paciente morreu de um tumor no fígado ou de uma febre tifóide."

- Mas todas essas circunstâncias que o senhor encadeia umas nas outras podem ser interrompidas pelo mais pequeno acidente - observou a Sra de Villefort. - O abutre pode não passar a tempo ou cair a cem passos do viveiro.

- Ora é precisamente aí que reside a arte! Para se ser um grande químico no Oriente é necessário dirigir o acaso. E isso consegue-se.

A Sra de Villefort escutava, pensativa.

- Mas - disse ela - o arsênico é indelével. Seja qual for a forma como se absorva, se encontrará no corpo do homem desde o momento que tenha sido tomado em quantidade suficiente para causar a morte.

- Exato, exato! - exclamou Monte-Cristo. - é precisamente o que diz o bom Adelmonte!

"Refletiu, sorriu e respondeu-me através de um provérbio siciliano, que me parece ser também um provérbio francês: "Meu filho, o mundo não foi feito num dia, mas sim em sete; volte no domingo."

"No domingo seguinte voltei. Em vez de ter regado a sua couve com arsênico, regara-a com uma solução de sal à base de estricnina, strychnos colubrina, como dizem os sabios. Desta´vez a couve não apresentava o mais pequeno sinal de doença deste mundo e por isso o coelho não desconfiou de nada. Mas
cinco minutos depois estava morto. A galinha comeu o coelho e no dia seguinte morreu também. Então fizemos de abutres: apoderamo-nos da galinha e abrimo-la. Desta vez todos os sintomas particulares tinham desaparecido e só restavam os sintomas gerais. Nenhuma indicação especial em nenhum ôrgão; apenas excitação do sistema nervoso e vestígios de congestão cerebral, mas mais nada. A galinha não fora envenenada, morrera de apoplexia. É um caso raro entre as galinhas, bem sei, mas muito comum entre os homens.

A Sra de Villefort parecia cada vez mais pensativa.

- É uma sorte - disse ela - que semelhantes substâncias só possam ser preparadas por químicos, pois de contrário metade do mundo envenenaria a outra metade.

- Por químicos ou por pessoas que se ocupem da química - respondeu negligentemente Monte-Cristo.

- E depois - disse a Sra de Villefort, arrancando-se com esforço aos seus pensamentos --, por mais habilmente preparado que seja, o crime é sempre o crime, e se escapa à investigação humana, não escapa ao olhar de Deus. Os Orientais são mais fortes do que nós nos casos de consciência e suprimiram
prudentemente o Inferno...

- Bom, minha senhora, isso é um escrúpulo que brota naturalmente de uma alma pura como a sua, mas que não tardará a ser extirpado pelo raciocínio. O lado mau do pensamento humano será sempre resumido por este paradoxo de Jean-Jacques Rousseau, como sabe: “O mandarim que se mata a cinco mil léguas de distância levantando a ponta do dedo." A vida do homem passa-se a fazer tais coisas e a sua inteligência
esgota-se a arquitetá-las. Encontra muito pouca gente disposta a espetar brutalmente uma faca no coração do seu semelhante ou a administrar-lhe, para o fazer desaparecer da superfície do globo, a quantidade de arsênico a que nos referíamos há pouco. Há nisso realmente uma excentricidade ou uma tolice. Para se chegar a esse ponto é necessário que o sangue aqueça a trinta e seis graus, que o pulso bata a noventa pulsações e que a alma saia dos seus limites correntes. Mas se passarmos, como se pratica em filologia, da
palavra ao sinônimo atenuado, procedemos a uma simples eliminação. Em vez de cometermos um assassínio ignóbil, se afastarmos pura e simplesmente do nosso caminho aquele que nos incomoda, e isso sem choque, sem violência, sem

recorrer ao aparelho dos sofrimentos que descambando em suplício, fazem da vítima um mártir e daquele que assim procede um carniceiro na pior acepção da palavra; se não houver sangue, nem berros, nem contorções, nem sobretudo essa horrível e comprometedora instantaneidade da execução, então escapamos ao gládio da lei humana, que nos diz: “Não perturbe a sociedade! " É assim que procedem e triunfam as gentes do Oriente, personagens graves e fleumáticas, que se preocupam pouco com questões de tempo nas conjecturas de certa importância.

- Resta a consciência - disse a Sra de Villefort, com voz estrangulada e um suspiro abafado.

- Sim, felizmente resta a consciência, sem a qual seríamos infelicíssimos - concordou Monte-Cristo. - Depois de qualquer ação um pouco enérgica, é a consciência que nos salva, porque nos fornece mil boas desculpas, das quais só nós somos juízes. E essas razões, por mais excelentes que sejam para nos conservar o sono, talvez fossem medíocres perante um tribunal para nos conservar a vida. Assim, Ricardo III, por exemplo, deve ter sido maravilhosamente servido pela consciência depois da supressão dos dois filhos de Eduardo IV. Com efeito podia dizer para consigo: “Estes dois filhos de um rei cruel e perseguidor, e que tinham herdado os vícios do pai, que só eu soube reconhecer nas suas inclinações juvenis; estes dois filhos impediam-me de fazer a felicidade do povo inglês, de que teriam infalivelmente feito a infelicidade." Assim foi servida pela sua consciência Lady Macbeth, que pretendia, ao contrário do que disse Shakespeare, dar um trono, não ao marido, mas sim ao filho. Ah, o amor materno é uma virtude tão grande, um móbil tão poderoso, que leva a desculpar muitas coisas! Por isso depois da morte de Duncan, Lady Macbeth teria sido infelicíssima sem a sua consciência.

A Sra de Villefort absorvia com avidez estas medonhas máximas e estes horríveis paradoxos proferidos pelo conde com a ingênua ironia que lhe era peculiar. Passado um momento de silêncio, observou:

- Sabe, Sr. Conde, que é um terrível argumentador e que vê o mundo a uma luz um tanto lívida? Foi observando a humanidade através dos alambiques e das retortas que a julgou dessa maneira? Porque tinha razão, é um grande químico, e esse elixir que deu ao meu filho e que tão rapidamente o trouxe à vida...

- Oh, não exagere, minha senhora! - perguntou Monte-Cristo. - Uma gota desse elixir bastou para trazer à vida uma criança que morria, mas três gotas a teriam impelido o sangue para os pulmões de maneira a causar-lhe palpitações, seis lhe cortariam a respiração e lhe causariam uma síncope muito mais grave do que aquela em que se encontrava, e, finalmente, dez o têriam fulminado. Lembre-se, minha senhora, de afastá-lo daqueles frascos, nos quais tinha a imprudência de tocar?

- Trata-se portanto de um veneno terrível?

- Meu Deus, não! Antes de mais nada admitamos isto: que o meu veneno não existe, pois empregam-se em medicina venenos mais violentos, que se tornam, devido à forma como são administrados, remédios salutares.

- De que se trata então?

- De um engenhoso preparado do meu amigo, esse excelente abade

Adelmonte, de que ele me ensinou a servir.

- Oh, deve ser um ótimo antiespasmódico! - exclamou a Sra de Villefort.

- Soberano, minha senhora, como viu - respondeu o conde. - Utilizo-o com frequência, embora com toda a prudência possível, evidentemente - acrescentou rindo.

- Acredito - replicou no mesmo tom a Sra de Villefort. - Pelo que me diz respeito, tão nervosa e atreita a perder os sentidos como sou, bem precisaria de um Dr. Adelmonte para me inventar meios que me permitissem respirar livremente e tranquilizar-me acerca do receio que tenho de morrer um belo dia asfixiada. Entretanto, como o remédio é difícil de encontrar na França, e provavelmente o seu abade não está disposto a vir a Paris por minha causa, contento-me com os antiespasmódicos do Sr. Planche e com a hortelã-pimenta e as gotas de Hoffmann, esperando que desempenhem em mim um grande papel. Olhe, aqui tem as pastilhas que mando fazer propositadamente. São em dose dupla.

Monte-Cristo abriu a caixa de tartaruga que lhe estendia a jovem senhora e aspirou o aroma das pastilhas como um amador digno de apreciar aquele preparado.

- São excelentes - disse -, mas têm um contra: estão submetidas à necessidade da deglutição, função que muitas vezes a pessoa desmaiada não pode desempenhar. Prefiro o meu específico.

- Evidentemente que também eu o preferiria, sobretudo depois dos efeitos que lhe vi. Mas trata-se decerto de um segredo e não sou suficientemente indiscreta para lho pedir.

- Mas, minha senhora - perguntou Monte-Cristo, levantando-se -, sou eu suficientemente galante para lhe oferecer.

- Oh, senhor!

- Mas não se esqueça de uma coisa: que em pequena dose é um remédio e em forte dose um veneno. Uma gota restitui a vida, como viu; cinco ou seis matariam infalivelmente, e de forma tanto mais terrível quanto é certo que, deitadas num copo de vinho, lhe não alterariam o gosto. Mas não digo mais nada, minha senhora, pois leria quase o ar de a aconselhar. Acabavam de soar seis e meia e anunciaram uma amiga da Sra de
Villefort que vinha jantar com ela.

- Se tivesse a honra de ve-lo pela terceira ou quarta vez, Sr. Conde, em vez de ve-lo pela segunda - disse a Sra de Villefort --; se não receasse abusar, insistiria que ficasse para jantar e não desistiria à primeira recusa.

- Mil agradecimentos, minha senhora - respondeu Monte-Cristo -, mas eu próprio tenho um compromisso ao qual não posso faltar. Prometi acompanhar ao teatro uma princesa grega minha amiga que ainda não viu a Grande Ópera e que conta comigo para levá-la.

- Vá, senhor, mas não esqueça a minha receita.

- Como poderia esquece-la, minha senhora? Para isso seria preciso esquecer também a hora de conversa que acabo de passar junto de si, o que é absolutamente impossível.

Monte-Cristo cumprimentou e saiu. A Sra de Villefort ficou pensativa.

- Aqui está um homem estranho - murmurou - e que tem todo o ar de se chamar Adelmonte de seu nome de batismo. Quanto a Monte-Cristo, o resultado

excedera a sua expectativa.

- Aqui está uma boa terra - disse para consigo enquanto saía. - Estou convencido de que a semente que nessa se lance não deixará de germinar...

E no dia seguinte, fiel à sua promessa, mandou a receita pedida.

Capítulo LIII

Roberto, o diabo

A desculpa da Ópera era tanto mais fácil de dar quanto é certo haver naquela noite sessão solene na Academia Real de Música. Levasseur, depois de uma demorada indisposição, regressava no papel de Bertram, e, como sempre, a obra do maestro da moda atraíra a mais brilhante sociedade de Paris.

Morcerf, como a maioria dos rapazes ricos, tinha a sua cadeira de orquestra, além de mais dez camarotes de pessoas de seu conhecimento às quais podia ir pedir lugar, sem contar com aquele a que tinha direito no camarote dos leões. Château-Renaud tinha uma cadeira ao pé dele. Beauchamp, na sua qualidade de jornalista, era rei da sala e tinha lugar em toda a parte.

Naquela noite, Lucien Debray dispunha do camarote do ministro e oferecera-o ao conde de Morcerf, o qual, perante a recusa de Mercedes, o cedera a Danglars, mandando-lhe dizer que provavelmente faria durante o espetáculo uma visita à baronesa e à filha, se elas se dignassem aceitar o camarote que lhe oferecia. Claro que elas aceitaram. Não há como os milionários para cobiçarem camarotes que lhes não custam nada.

Quanto a Danglars, declarara que os seus princípios políticos e a sua qualidade de deputado da oposição lhe não permitiam entrar no camarote do ministro. Por consequência, a baronesa escrevera a Lucien para que viesse buscá-la, atendendo a que não podia ir à Ópera sozinha com Eugênie.

Com efeito, se as duas mulheres fossem sós, todos teriam achado isso de muito mau gosto, ao passo que Mademoiselle Danglars, indo à Ópera com a mãe e o amante da mãe, não provocava quaisquer comentários. É preciso aceitar o mundo como ele é.

O pano subiu, como de costume, perante uma sala quase vazia. Era mais um hábito da sociedade parisiense: chegar ao teatro depois do espetáculo começar. Daí resultava que o primeiro ato se passava, da parte dos espectadores chegados, não a ver ou ouvir a peça, mas sim a ver entrar os espectadores que iam
chegando e ouvir apenas o barulho das portas e das conversas.

- Olha! - exclamou de súbito Albert ao ver abrir-se um camarote de primeira ordem. - Olha a condessa G...!

- Quem é essa condessa G...? - perguntou Château-Renaud.

- Essa agora, barão! Aí está uma pergunta que lhe não perdoo! Pergunta quem é essa condessa G...?

- Ah, é verdade!-exclamou Château-Renaud -- Não é aquela encantadora veneziana?

- Exatamente.

Neste momento a condessa G... viu Albert e trocou com ele um cumprimento acompanhado de um sorriso.

- Conhece-a? - perguntou Château-Renaud.

- Conheço - respondeu Albert. - Fui-lhe apresentado em Roma pelo Franz.

- Quer prestar me em Paris o mesmo favor que Franz lhe prestou em Roma?

- Com muito prazer.

- Calem-se! - protestou o público.

Os dois rapazes continuaram a conversar sem parecerem preocupar-se absolutamente nada com o desejo que a platéia manifestava de querer ouvir a música.

- Eu a vi nas corridas do Campo de Marte - informou Château-Renaud.

- Hoje?

- Sim.

- Ah, de fato havia corridas. Apostou?

- Apostei. Oh, uma miséria! Cinquenta luíses.

- E quem ganhou?

- O Nautilus. Apostei nele.

- Mas não havia três corridas?

- Havia. E também havia o prêmio do Jockey-Club, uma taça de ouro. até aconteceu uma coisa muito estranha.

- Qual?

- Calem-se! - tornou a gritar o público.

- Qual? - repetiu Albert.

- Foi um cavalo e um jôquei completamente desconhecidos que ganharam essa corrida.

- Como?...

- Palavra! Ninguém prestara atenção a um cavalo inscrito sob o nome de Vampa, nem a um jóquei inscrito sob o nome de Job, quando se viu avançar a toda a velocidade um admirável alazão e um jóquei do tamanho de um palmo. Tiveram de lhe meter vinte libras de chumbo nas algibeiras, o que não o impediu de chegar ao fim com três comprimentos de avanço sobre Ariel e o Barbaro, que corriam com ele.

- E ninguém descobriu a quem pertenciam o cavalo e o jóquei?

- Ninguém.

- Disse que o cavalo estava inscrito sob o nome de...

- Vampa.

- Então estou mais adiantado do que você - disse Albert. - Sei a quem pertence.

- Silêncio! - gritou pela terceira vez a plateia.

Desta vez o protesto era tão firme que os dois jovens deram finalmente por isso e verificaram que era a eles que o público se dirigia. Viraram-se um instante, procurando na multidão um homem que tomasse a responsabilidade do que consideravam uma impertinência, mas ninguém disse nada e eles voltaram-se para
o palco. Neste momento o camarote do ministro abriu-se e a Sra Danglars, a filha

e Lucien Debray ocuparam os seus lugares.

- Ah, ah! - murmurou Château-Renaud. - Estão ali umas pessoas suas conhecidas, visconde. Que diabo está vendo do lado direito? Procuram-no.

Albert virou-se e os seus olhos encontraram efetivamente os da baronesa Danglars, que o cumprimentou com o leque. Quanto a Mademoiselle Eugênie, foi a custo que os seus grandes olhos
negros se dignaram a descer até à orquestra.

- Na verdade, meu caro - disse Château-Renaud --, não compreendo, excetuando a diferença de condição social, e não creio que isso o preocupe muito, não compreendo, repito, que, excetuando a diferença de condição social, possa ter qualquer coisa contra Mademoiselle Danglars, que é realmente uma lindíssima moça.

- Muito bonita, decerto - concordou Albert. - Mas confesso-lhe que em vez de beleza preferiria qualquer coisa mais meiga, mais suave, mais feminina, enfim.

- Ora vejam estes rapazes! - exclamou Château-Renaud. que, na sua qualidade de homem de trinta anos, tomava com Morcerf ares paternais. - Nunca estão satisfeitos. Então, meu caro, arranjam-lhe uma noiva que parece uma Diana caçadora e você não está contente?!

- Precisamente por isso. Preferiria qualquer coisa no gênero da Vênus de Milo ou de Capua. Aquela Diana caçadora sempre no meio das suas ninfas assusta-me um pouco. Receio que me trate como Actéon.

Com efeito, uma olhadela à jovem quase podia explicar o sentimento que acabava de confessar Morcerf. Mademoiselle Danglars era bela, mas, como dissera Albert, de uma beleza um pouco parada. Os seus cabelos eram de um bonito negro, mas nas suas ondas naturais notava-se certa rebelião à mão que queria impor-lhes a sua vontade; os seus olhos, negros como os cabelos, emoldura dos por magníficas sobrancelhas, que só tinham um defeito, o de se franzirem de vez em quando, eram sobretudo notáveis por uma expressão de firmeza que admirava encontrar no olhar de uma mulher; o seu nariz tinha as proporções exatas que um estatuário daria ao de Juno; apenas a boca era demasiado grande, mas guarnecida de lindos dentes, que ainda mais faziam sobressair os lábios, cujo carmim excessivamente vivo contrastava com a palidez do rosto; finalmente, um sinal preto colocado ao canto da boca, e maior do que são habitualmente tais caprichos da natureza, acabava de lhe dar à fisionomia o ar decidido que assustava um bocadinho Morcerf.

Aliás, todo o resto da pessoa de Eugênie se conjugava com a cabeça que acabamos de tentar descrever. Era, como dissera Château-Renaud, uma Diana caçadora, mas com qualquer coisa ainda de mais firme e musculoso na sua beleza.

Quanto à educação que recebera, se havia alguma critica a fazer-lhe era que, como certos pontos da sua fisionomia, parecia pertencer um bocadinho ao outro sexo. Com efeito, falava duas ou três línguas, desenhava facilmente, escrevia versos e compunha música. Era sobretudo apaixonada por esta última arte, que estudava com uma das suas amigas de colégio, jovem sem fortuna mas dotada de todas as condições exigíveis para se tornar, segundo se afirmava, uma excelente cantora. Um grande compositor dedicava-lhe, ao que constava, um interesse quase paternal e fazia-a trabalhar, confiado em que ela encontraria um

dia uma fortuna na voz.

A possibilidade de Mademoiselle Louise de Armilly, assim se chamava a jovem artista, entrar um dia para o teatro fazia com que Mademoiselle Danglars, embora a recebesse em sua casa, se não mostrasse em público na sua companhia. De resto, sem ter em casa do banqueiro a posição independente de uma amiga,
Louise tinha uma posição superior à das vulgares professoras.

Poucos segundos depois da entrada da Sra Danglars no seu camarote, o pano descera, e graças à faculdade, permitida pelo tamanho dos intervalos, de as pessoas poderem passear no foyer ou fazerem visitas durante meia hora, a platéia desguarnecera-se pouco a pouco.

Morcerf e Château-Renaud tinham sido os primeiros a sair. Por um momento, a Sra Danglars pensara que a pressa de Albert tinha como finalidade vir apresentar-lhe os seus cumprimentos, e inclinara-se ao ouvido da filha para lhe anunciar a visita. Mas a jovem limitara-se a abanar a cabeça sorrindo. E ao mesmo
tempo, como que para provar até que ponto a denegação de Eugênie era fundada, Morcerf apareceu num camarote de primeira ordem. Esse camarote era o da condessa G...

- Ah, ei-lo, Sr. Viajante! - exclamou a condessa, estendendo-lhe a mão com toda a cordialidade de uma velha amiga. - Foi muito amável da sua parte ter-me reconhecido e sobretudo ter-me dado a preferência para a sua primeira visita.

- Creia, minha senhora - respondeu Albert -, que se tivesse sabido da sua chegada a Paris e conhecesse a sua morada, não teria esperado até tão tarde. Mas permita-me que lhe apresente o Sr. Barão de Château-Renaud, meu amigo, um dos raros gentis-homens, que ainda restam na França e por quem acabo de saber que a senhora esteve nas corridas do Campo de Marte.

Château-Renaud a cumprimentou.

- Ah, o senhor esteve nas corridas? - disse vivamente a condessa.

- Estive, sim, minha senhora.

- Nesse caso - prosseguiu, não menos vivamente, a Sra G... -, poder dizer-me a quem pertencia o cavalo que ganhou o prêmio do Jockey-Club?

- Não, minha senhora - respondeu Château-Renaud -, e ainda há pouco fazia a mesma pergunta ao Albert.

- Tem muito interesse nisso, Sra Condessa? - perguntou Albert.

- Em quê?

- Em conhecer o dono do cavalo.

- Infinito. Imagine... Mas ser por acaso o senhor, visconde?

- Minha senhora, ia contar uma história: “Imagine...”, começou.

- Pois sim! Imagine que aquele encantador cavalo alazão e aquele bonito joqueizinho de casaca cor-de-rosa me inspiraram à primeira vista tão viva simpatia que eu “puxava" por um e por outro, exatamente como se tivesse apostado neles metade da minha fortuna. Por isso, quando o vi chegar ao fim com um
avanço de três comprimentos sobre os outros concorrentes, fiquei tão contente que desatei a bater palmas como uma louca. Imagine a minha surpresa quando, ao regressar a casa, encontrei na escada o joqueizinho cor-de-rosa! Pensei que o vencedor da corrida morasse por acaso no mesmo prédio que eu, quando, mal

abri a porta da sala, a primeira coisa que vi foi a taça de ouro que constituía o prêmio ganho pelo cavalo e
pelo jóquei desconhecidos. Na taça havia iam papelzinho com estas palavras escritas: “à condessa G... Lorde Ruthwen."

- É precisamente isso - disse Morcerf.
- Como? É precisamente isso o quê? Que quer dizer?
- Quero dizer que se trata de Lorde Ruthwen em pessoa.
- Qual Lorde Ruthwen?
- O nosso, o vampiro, o do Teatro Argentina.
- Deveras?! - exclamou a condessa. - Ele está aqui?
- Exatamente.
- E o senhor o vê, o recebe, vai a casa dele?
- É meu amigo íntimo, e o próprio Sr. de Château-Renaud tem a honra de conhece-lo.
- Que o leva a crer que foi ele quem ganhou?
- O seu cavalo inscrito com o nome de Vampa.
- Que tem isso?
- Não se lembra do nome do famoso bandido que me fez prisioneiro?
- Ah, é verdade!
- E das mãos do qual o conde me tirou miraculosamente? - Sem dúvida. - Chama-se Vampa. Bem vê que é ele.
- Mas porque mandou a taça, a mim?
- Primeiro, Sra Condessa, porque lhe falei muito a seu respeito, como pode imaginar; depois, porque terá ficado encantado por encontrar uma compatriota e feliz com o interesse que essa compatriota tomava por ele.
- Espero que nunca lhe tenha contado as loucuras que dissemos a seu respeito!
- Palavra que não juraria tal coisa, e essa maneira de lhe oferecer a taça sob o nome de Lorde Ruthwen...
- Mas isso é horrível e ele vai me detestar mortalmente!
- O seu procedimento é o de um inimigo?
- Não, confesso...
- Então...
- Está portanto em Paris?
- É verdade.
- E que sensação fez?
- Bom, falou-se dele durante oito dias - respondeu Albert - mas depois da sua chegada deu-se a coroação da rainha de Inglaterra e o roubo dos diamantes de Mademoiselle Mars, e não se falou mais disso.
- Meu caro - interveio Château-Renaud --, bem se vê que o conde é seu amigo e que o trata em conformidade. Não acredite no que lhe diz Albert, Sra Condessa, pois, pelo contrário, só se fala do conde de Monte-Cristo em Paris. Começou por oferecer à Sra Danglars cavalos de trinta mil francos; depois, salvou a vida à Sra de Villefort, e em seguida ganhou a corrida do Jockey-Cluh, ao que parece. Ao contrário do que
diz Morcerf, sustento que não falta quem se ocupe ainda do conde neste momento, nem faltará quem se ocupe dele daqui a um mês ou mais, se quiser

continuar a fazer excentricidades, o que, de resto, parece ser a sua maneira de viver habitual.

- É possível - disse Morcerf. - Entretanto, quem é que está agora no camarote do embaixador da Rússia?

- Qual é? - perguntou a condessa.

- O intercolúnio da primeira ordem. Parece-me que está lá gente inteiramente nova.

- De fato - concordou Château-Renaud. - Esteve lá alguém durante o primeiro Ato?

- Onde?

- No camarote.

- Não - respondeu a condessa --, não vi ninguém. Portanto - continuou, voltando à primeira conversa --, acha que foi o seu conde de Monte-Cristo quem ganhou o prêmio?

- Tenho certeza.

- E que me mandou a taça?

- Sem dúvida nenhuma.

- Mas eu não o conheço - disse a condessa - e estou com muita vontade de a devolver.

- Oh, não faça isso! Mandava-lhe outra, talhada em qualquer safira ou escavada em algum rubi. São as suas maneiras de agir. Que quer que lhe faça, é preciso aceitá-lo como é.

Neste momento ouviu-se a campainha que anunciava que o segundo Ato ia começar e Albert levantou-se para regressar ao seu lugar.

- Voltarei a vê-lo? - perguntou a condessa.

- Nos intervalos, se me permitir, virei informar-me se lhe posso ser útil nalguma coisa em Paris.

- Meus senhores - disse a condessa --, todos os sábados à noite, na Rua de Rivoli, nº 22, estou em casa para os meus amigos. Fiquem prevenidos.

Os dois rapazes cumprimentaram e saíram.

Quando entraram na sala viram a plateia de pé e com os olhos fixos num único ponto. O seu olhar seguiu a direção geral e deteve-se no antigo camarote do embaixador da Rússia. Acabava de entrar um homem vestido de preto, de trinta e cinco a quarenta anos, com uma mulher em traje oriental. A mulher era
da maior beleza e o traje de tal riqueza que, como dissemos, todos os olhos se tinham voltado instantaneamente para ela.

- É Monte-Cristo e a sua grega - informou Albert.

Com efeito, era o conde e Haydée. Pouco depois, a jovem era alvo não só da atenção da platéia,
mas também de toda a sala. As mulheres debruçavam-se dos camarotes para ver correr, sob as luzes dos lustros, aquela cascata de diamantes.

O segundo Ato decorreu no meio desse rumor abafado que indica estar muita gente suspensa do mesmo acontecimento. Ninguém se lembrou de pedir silêncio. Aquela mulher tão nova, tão bela, tão deslumbrante, era o mais curioso espetáculo que se podia ver.

Desta vez, um sinal da Sra Danglars indicou claramente a Albert que a baronesa desejava ter a sua visita no intervalo seguinte. E Morcerf era demasiado

delicado para se fazer esperar quando lhe indicavam claramente que o esperavam. Terminado o Ato, apressou-se portanto a subir ao camarote de boca.

Cumprimentou as duas senhoras e estendeu a mão a Debray. A baronesa acolheu-o com um sorriso encantador e Eugênie com a sua frieza habitual.

- Meu caro - disse Debray --, dou-lhe a minha palavra de que está perante um homem exausto e que o chama em seu auxílio para o substituir. Esta senhora esmaga-me com perguntas sobre o conde e quer que eu saiba de onde é, de onde vem e para onde vai. Ora eu confesso que não sou Cagliostro, e para me tirar de apuros disse: “Pergunte tudo isso a Morcerf, que conhece o seu Monte-Cristo como as suas mãos." Foi então que ela lhe fez sinal.

- Não é incrível que um homem que tem meio milhão de fundos secretos à sua disposição não esteja melhor informado? - perguntou a baronesa.

- Minha senhora - respondeu Lucien --, peço-lhe que acredite que se tivesse meio milhão ao meu dispor o empregaria em tudo menos em tirar informações do Sr. de Monte-Cristo, que a meus olhos só tem o mérito de ser duas vezes rico como um nababo. Mas passei a palavra ao meu amigo Morcerf. Entenda-se com ele, que isso já me não diz respeito.

- De fato, só um nababo me mandaria uma parelha de cavalos de trinta mil francos e com quatro diamantes nas orelhas de cinco mil francos cada um.

- Oh, os diamantes! - exclamou, rindo, Morcerf. - São a sua mania. Creio que, como Potemkin, os traz sempre nas algibeiras e que os semeia no seu caminho como o Polegarzinho fazia com os seus seixos.

- Talvez tenha descoberto alguma mina - sugeriu a Sra Danglars. - Sabem que ele tem um crédito ilimitado sobre a casa do barão?

- Não, não sabia - respondeu Albert --, mas assim deve ser.

- E que anunciou ao Sr. Danglars que contava ficar um ano em Paris e gastar seis milhões?

- É o xá da Pérsia que viaja incógnito.

- E aquela mulher, Sr. Lucien, já reparou como é bonita? - inquiriu Eugênie.

- Na verdade, menina, não conheço ninguém tão pronto como a minha amiga a fazer justiça às pessoas do seu sexo.

Lucien aproximou o monóculo do olho.

- Encantadora - disse.

- E aquela mulher, Sr. de Morcerf, sabe quem é?

- Menina - disse Albert, respondendo a esta interpelação quase direta -- sei mais ou menos, como tudo o que diz respeito à personagem misteriosa de que nos ocupamos. Aquela mulher é uma grega.

- Isso se vê facilmente pelo seu traje; não vale a pena me dizer o que toda a sala já sabe tão bem como nós.

- Estou desolado - declarou Morcerf - por ser um cicerone tão ignorante, mas devo confessar que a tanto se limitam os meus conhecimentos. Sei também que é música, porque um dia em que tomei o café da manhã com o conde ouvi os sons de uma gusla que não podiam vir certamente senão dela.

- O seu conde recebe? - perguntou a Sra Danglars.

- E de uma forma esplêndida, juro-lhe.

- Tenho de convencer Danglars a oferecer um jantar, um baile, ao conde de Monte-Cristo; enfim, qualquer coisa que nos retribua.

- E capaz de ir a casa dele? - perguntou Debray, rindo.

- Porque não? Com o meu marido!

- Mas ele é solteiro, esse misterioso conde.

- Bem vê que não - perguntou também rindo a baronesa, indicando a bela grega.

- Essa mulher é uma escrava, segundo ele próprio nos disse. Lembra-se, Morcerf; no seu almoço?

- Admita, meu caro Lucien, que tem mais o ar de uma princesa - observou a baronesa.

- Das Mil e Uma Noites.

- Das Mil e Uma Noites, não digo que não. Mas que faz as princesas, meu caro? São os diamantes, e esta está coberta deles.

- Até demais - observou Eugênie. - Seria mais bonita sem eles, pois se veriam o colo e as mãos, que são encantadores de forma.

- Oh, a artista! Reparem como se apaixona! - exclamou a Sra Danglars.

- Gosto de tudo o que é belo - perguntou Eugênie.

- Então que me diz do conde? - perguntou Debray. - Parece-me que também não está mal...

- O conde? - volveu-lhe Eugênie, como se ainda não tivesse pensado em observá-lo. - O conde é demasiado pálido.

- Precisamente nessa palidez é que reside o segredo que buscamos - disse Morcerf. - A condessa G... afirma, como sabem, que é um vampiro.

- Está então de volta, a condessa G ... perguntou a baronesa.

- Está naquele camarote lateral, quase defronte de nós, minha mãe - informou Eugênie. - Aquela mulher, com os seus admiráveis cabelos louros, é ela.

- Oh, sim, claro! - exclamou a Sra Danglars. - Sabe o que devia fazer, Morcerf?

- Ordene, minha senhora.

- Devia ir visitar o seu conde de Monte-Cristo e trazê-lo aqui.

- Para quê? - perguntou Eugênie.

- Para lhe falarmos. Não tem curiosidade de ve-lo?

- Nenhuma.

- Estranha criança! - murmurou a baronesa.

- Oh, provavelmente virá por si mesmo! - informou Morcerf. - Repare, viu-a, minha senhora, e está cumprimentando-a.

A baronesa retribuiu ao conde o cumprimento, acompanhado de um sorriso encantador.

- Pronto, sacrifico-me - declarou Morcerf. - Deixo-as e vou ver se haver maneira de lhe falarem.

- Vá ao seu camarote; é muito simples.

- Mas não fui apresentado...

- A quem?

- À bela grega.

- Não diz que é uma escrava ?

- Digo, mas a senhora afirma que é uma princesa... Não, espero que quando me vir sair ele também saia.

- É possível. Vá!

- Estou indo.

Morcerf cumprimentou e saiu. Efetivamente, quando passava diante do camarote do conde, a porta abriu-se, o conde disse algumas palavras em árabe a Ali, que se encontrava no corredor, e pegou no braço de Morcerf. Ali fechou a porta e ficou de pé diante dela. No corredor havia muito movimento à volta do núbio.

- Na verdade, o vosso Paris é uma cidade estranha e os vossos parisienses, um povo singular - disse Monte-Cristo. - Diria que é a primeira vez que vêem um núbio. Veja como se comprimem à volta do pobre Ali, que não sabe o que querem dele. Quer saber uma coisa? Um parisiense pode ir, por exemplo, a Tunes, a Constantinopla, a Bagda, ou ao Cairo, que ninguém fará círculo à sua volta.

- Porque vós, Orientais, sois pessoas sensatas e só olhais para o que vale a pena ser visto. Acredite, porém, que Ali goza de tanta popularidade porque lhe pertence e porque neste momento o senhor é o homem da moda.

- Deveras? E a quem devo esse favor?

- Por Deus, a si mesmo! O senhor oferece parelhas de mil luíses, salva a vida à mulher do procurador régio, faz correr sob o nome de major Brack cavalos puros-sangues e jóqueis do tamanho de saguis... finalmente, ganha taças de ouro e oferece-as a mulheres bonitas.

- Quem diabo te contou todas essas loucuras?

- Ora essa! A primeira, a Sra Danglars, que está mortinha por o ver no seu camarote, ou antes, que o vejam lá; a segunda, o jornal de Beauchamp, e a terceira, a minha própria imaginação. Porque chama ao seu cavalo Vampa, se quer guardá-lo incógnito?

- Tem razão! - admitiu o conde. - Foi uma imprudência. Mas diga-me, o conde de Morcerf nunca vem à Ópera? Procurei-o com a vista e não o vi em parte alguma.

- Virá esta noite.

- E onde ficará?

- No camarote da baronesa, parece-me.

- Aquela jovem encantadora que está com ela é sua filha?

- Sim.

- Dou-lhe os meus parabéns, meu amigo...

Morcerf sorriu.

- Voltaremos a falar disso mais tarde e em pormenor - perguntou. - Que me diz da música?

- Qual música?

- Aquela que veio ouvir.

- Digo que é linda como música composta por um compositor humano e cantada por passarinhos de dois pés e sem penas, como dizia o defunto Diôgenes.

- Essa é boa! Mas, meu caro conde, parece-me que poderia ouvir, se lhe apetecesse, os sete coros do Paraíso...

- É mais ou menos o que faço. Quando quero ouvir música admirável, visconde, música como nunca nenhum ouvido mortal ouviu, durmo.

- Nesse caso, está às mil maravilhas aqui! Durma, meu caro conde, durma.

A Ópera não foi inventada para outra coisa.

- Não, na realidade, a orquestra faz demasiado barulho. Para que durma o sono a que me refiro preciso de calma, silêncio e certa preparação...

- Ah, sim, o famoso haxixe!

- Justamente, visconde. Quando quiser ouvir música, vá cear comigo.

- Já a ouvi uma vez que fui tomar o café da manhã consigo - perguntou Morcerf.

- Em Roma?

- Sim.

- Ah, era a gusla de Haydée! Sim, a pobre exilada distrai-se algumas vezes a tocar canções do seu país.

Morcerf não insistiu mais. Pela sua parte o conde calou-se. Neste momento a campainha tocou.

- Me dá licença? - pediu o conde, retomando o caminho do seu camarote.

- Evidentemente!

- Dê muitas recomendações à condessa G... da parte do seu vampiro.

- E à baronesa?

- Diga-lhe que terei a honra, se me permitir, de ir cumprimentá-la no outro intervalo.

Começou o terceiro Ato. Durante ele o conde de Morcerf veio, como prometera, juntar-se à Sra Danglars. O conde não era de modo algum um desses homens que provocam alvoroço numa sala. Por isso, ninguém notou a sua chegada, exceto as pessoas em cujo camarote tomou lugar. No entanto, Monte-Cristo viu-o e aflorou-lhe aos lábios um leve sorriso.

Quanto a Haydée, não via nada enquanto o pano estava levantado. Como todas as naturezas primitivas, adorava tudo o que impressiona o ouvido e a vista. O terceiro Ato decorreu como de costume. Mademoiselle Noblet, Júlia e Leroux executaram os seus saltos de dança habituais, o príncipe de Granada foi desafiado por Roberto-Mário e, finalmente, o majestoso rei, que o leitor conhece, deu a volta à sala para mostrar o seu manto de veludo, levando a filha pela mão. Em seguida o pano desceu e a sala despejou-se
imediatamente no foyer e nos corredores.

O conde saiu do seu camarote e um instante depois apareceu no da baronesa Danglars. A baronesa não conteve um grito de surpresa. Levemente matizado de alegria.

- Entre, entre. Sr. Conde! - exclamou. - Sinceramente, tinha pressa de juntar os meus agradecimentos verbais aos que já lhe dei por escrito.

- Então, minha senhora, ainda se lembra dessa miséria? - protestou o conde. - Eu já a tinha esquecido.

- Pois sim, mas o que se não esquece, Sr. Conde, é que no dia seguinte salvou a minha boa amiga Sra de Villefort do perigo que a faziam correr esses mesmos cavalos.

- Também desta vez não mereço os seus agradecimentos, minha senhora. Foi Ali, o meu núbio, que teve a felicidade de prestar à Sra de Villefort esse eminente serviço.

- E foi também Ali - interveio o conde de Morcerf - que tirou o meu filho das mãos dos bandidos romanos?

- Não, Sr. Conde - respondeu Monte-Cristo, apertando a mão que o general lhe estendia --, não. Quanto a isso, os agradecimentos pertencem-me. Mas o senhor já os deu, eu já os recebi, e na verdade constrange-me encontrá-lo ainda tão reconhecido. Conceda-me a honra, suplico-lhe, Sra Baronesa, de me apresentar a sua filha.

- Oh, estão todos apresentados, pelo menos de nome, porque há dois ou três dias que só falamos do senhor! Eugênie - continuou a baronesa, virando-se para a filha --, o Sr. Conde de Monte-Cristo....

O conde inclinou-se; Mademoiselle Danglars fez um ligeiro aceno de cabeça.

- Acompanha-o uma jovem admirável, Sr. Conde - disse Eugênie. - É sua filha?

- Não, menina - respondeu Monte-Cristo, surpreendido com aquela extraordinária ingenuidade ou aquele espantoso atrevimento. - É uma pobre grega de quem sou tutor.

- E que se chama?...

- Haydée - respondeu Monte-Cristo.

- Uma grega! - murmurou o conde de Morcerf.

- Sim, conde - disse a Sr. a Danglars. - E diga-me se alguma vez viu na corte de Ali-Tebelin, que o senhor serviu tão gloriosamente, traje tão admirável como aquele que temos ali diante dos olhos.

- Serviu em Janina, Sr. Conde? - perguntou Monte-Cristo.

- Fui inspetor-geral das tropas do pax - respondeu Morcerf --, e a pouca fortuna que amealhei devo-a, não o oculto, às liberalidades do ilustre chefe albanês.

- Mas veja! - insistiu a Sra Danglars.

- Onde? - balbuciou Morcerf.

- Ali! - disse Monte-Cristo.

E rodeando o conde com o braço, inclinou-se com ele para fora do camarote. Neste momento, Haydée, que procurava o conde com a vista, viu-lhe o rosto pálido junto do de Morcerf, que ele tinha abraçado.

Aquele rosto produziu na jovem o efeito da cabeça de Medusa. Esboçou um movimento para diante, como se quisesse devorar ambos com a vista, e depois, quase imediatamente, lançou-se para trás e soltou um gritinho, que no entanto foi ouvido pelas pessoas que se encontravam mais perto dela, e por Ali, que abriu sem demora a porta.

- Repare, que terá acontecido à sua pupila, Sr. Conde? - observou Eugênie. - Diria-se que se sentiu mal...

- Assim parece, com efeito - respondeu o conde. - Mas não se assuste, Haydée é muito nervosa e por consequência muito sensível aos cheiros. Um perfume de que não goste basta para a fazer perder os sentidos. Mas - acrescentou o conde, tirando um frasco da algibeira - tenho aqui o remédio.

E depois de cumprimentar a baronesa e a filha com a mesma inclinação de cabeça, trocou um último aperto de mão com o conde e com Debray e saiu do camarote da Sra Danglars. Quando entrou no seu, Haydée ainda estava muito pálida, e mal o viu, pegou-lhe na mão. Monte-Cristo notou que as mãos da jovem estavam úmidas e geladas.

- Com quem estavas conversando ali, senhor? - perguntou a jovem.

- Com o conde de Morcerf, que esteve ao serviço do teu ilustre pai e confessa dever-lhe a sua fortuna - respondeu Monte-Cristo.

- Ah, o miserável! - exclamou Haydée. - Foi ele quem o vendeu aos Turcos, e essa fortuna foi o preço da sua traição. Não sabia, meu querido senhor?

- Já tinha ouvido qualquer coisa a esse respeito, no Epiro - respondeu Monte-Cristo --, mas ainda ignoro os pormenores. Vem, minha filha, devem ser curiosos...

- Oh, sim, vamos, vamos! Parece que morreria se ficasse mais tempo diante desse homem.

E Haydée levantou-se bruscamente, envolveu-se no seu albornoz de caxemira branca bordado a pérolas e coral e saiu precipitadamente no momento em que o pano subia.

- Aquele homem não faz nada como os outros! - disse a condessa G... a Albert, que voltara para junto dela. - Ouve religiosamente o terceiro Ato de Roberto e sai no momento em que o quarto vai começar.

Capítulo LIV

A alta e a baixa

Alguns dias depois deste encontro, Albert de Morcerf foi visitar o conde de Monte-Cristo à sua casa dos Campos Elísios, que já adquirira certos ares de palácio que o conde, graças à sua imensa fortuna, dava às suas residências, mesmo as mais passageiras.

Vinha renovar-lhe os agradecimentos da Sra Danglars, que já lhe mandara uma carta assinada “baronesa Danglars, nascida Herminie de Servieux".

Albert era acompanhado por Lucien Debray, o qual juntou às palavras do amigo alguns cumprimentos, que não eram oficiais, sem dúvida, mas de cuja origem o conde, graças à sua perspicácia, não podia duvidar.

Pareceu-lhe até que Lucien o vinha ver movido por um duplo sentido de curiosidade e que metade desse sentimento emanava da Rua da Chaussée-d'Antin. Com efeito, era-lhe lícito supor, sem receio de se enganar, que a Sra Danglars, não podendo conhecer pelos próprios olhos a intimidade de um homem que
oferecia cavalos de trinta mil francos e ia à Ópera com uma escrava grega adornada com um milhão em diamantes, encarregara os olhos pelos quais tinha o hábito de ver de a informar acerca dessa intimidade.

Mas o conde não pareceu desconfiar da existência da mais pequena correlação entre a visita de Lucien e a curiosidade da baronesa.

- O senhor mantém relações estreitas com o barão Danglars? - perguntou a Albert de Morcerf.

- Claro, Sr. Conde. Creio que já lhe falei a esse respeito.

- E o compromisso também se mantém?

- Mais do que nunca - interveio Lucien. É assunto arrumado.

E Lucien, julgando sem dúvida que esta frase metida na conversa lhe dava o direito de se alhear dela, colocou o monóculo de tartaruga no olho e, mordendo o castão de ouro do seu pingalim, pôs-se a percorrer a sala, examinando as armas e os quadros.

- Ah! - exclamou Monte-Cristo. - Mas, a julgar pelo que me disse, não esperava uma decisão tão rápida.

- Que quer, as coisas andam sem que demos por isso. Enquanto não pensamos nelas, pensam elas em nós, e quando nos precatamos ficamos espantados com o caminho que andaram. O meu pai e o Sr. Danglars serviram juntos na Espanha, o meu pai no Exército e o Sr. Danglars nos abastecimentos. Foi lá que o meu pai, arruinado pela Revolução, e o Sr. Danglars, que nunca tivera patrimônio, lançaram os alicerces, meu pai, da sua fortuna política e militar, que é excelente, e o Sr. Danglars, da sua fortuna política e financeira, que é admirável.

- Sim, com efeito - disse Monte-Cristo --, creio que durante a visita que lhe fiz o Sr. Danglars me falou disso. E - continuou deitando uma olhadela a Lucien, que folheava um álbum -, e ela, é bonita, Mademoiselle Eugênie? Porque creio que se chama Eugênie.

- Muito bonita, ou antes, muito bela - respondeu Albert -- mas de uma beleza que não aprecio. Sou um indigno!

- Fala dela como se já fosse seu marido!

- Oh! - exclamou Albert, olhando à sua volta para ver por sua vez o que fazia Lucien.

- Sabe que não me parece entusiasmado com esse casamento? - observou Monte-Cristo, baixando a voz.

- Mademoiselle Danglars é demasiado rica para mim e isso assusta-me - declarou Morcerf.

- Ora, ora, que boa razão! - exclamou Monte-Cristo. - O senhor também não é rico?

- O meu pai tem qualquer coisa como umas cinquenta mil libras de rendimento e desse dinheiro talvez me dê dez ou doze mil quando me casar.

- Na verdade é pouco - admitiu o conde --, sobretudo em Paris. Mas a fortuna não é tudo neste mundo, também vale alguma coisa um belo nome e uma alta posição social. O seu nome é célebre, a sua posição, magnífica, e depois o conde de Morcerf é um soldado e o mundo gosta de ver a integridade de Bayard aliada
à pobreza de Du Guesclin. O desinteresse é o mais belo raio de sol a que possa reluzir uma nobre espada. Eu, muito pelo contrário, acho que essa união não pode ser mais vantajosa: Mademoiselle Danglars o enriquecerá e o senhor enobrecerá !

Albert abanou a cabeça e ficou pensativo.

- Há ainda outra coisa - disse.

- Confesso - prosseguiu Monte-Cristo - que tenho dificuldade em compreender essa repugnância por uma moça rica e bela.

- Oh, meu Deus, esta repugnância, se repugnância existe, não vem toda do meu lado! - declarou Morcerf.

- De que lado mais vem então? Porque o senhor disse-me que o seu pai desejava esse casamento...

- Do lado da minha mãe, e a minha mãe possui uma visão prudente e segura. Ora esta união não lhe sorri. Tem não sei que prevenção contra os Danglars.

- Oh, isso compreende-se! - perguntou o conde em tom um pouco forçado. - A Sra Condessa de Morcerf, que é a distinção, a aristocracia e a delicadeza em pessoa, hesita um pouco em tocar numa mão plebéia, grosseira e brutal. É natural.

- Não sei se se trata disso, na realidade - respondeu Albert mas o que sei é que me parece que este casamento, se se fizer, a tornará infeliz. já nos devíamos ter reunido para tratar das coisas há seis semanas, mas tenho andado com umas dores de cabeça...

- Reais? - perguntou o conde, sorrindo.

- Oh, muitíssimo reais! Se não as dores de cabeça, pelo menos o medo, sem dúvida... que já me levou a adiar a reunião por dois meses. Não há pressa, compreende? Ainda não tenho vinte e um anos e Eugênie só tem dezessete. Mas os dois meses expiram para a semana e é preciso ir adiante. Não pode imaginar, meu caro conde, como estou embaraçado... Ah, como o senhor é feliz por ser livre!

- Nesse caso, seja livre também. Quem o impede, se me permite que lhe pergunte?

- Oh, seria uma grande decepção para o meu pai se eu não casasse com Mademoiselle Danglars!

- Então case - respondeu o conde, com um singular movimento de ombros.

- Pois sim, mas para a minha mãe isso será mais do que decepção, será dor - perguntou Morcerf.

- Então não case - tornou o conde.

- Verei, tentarei... Me dará um conselho, não é verdade? E se lhe for possível me tirará deste embaraço. Oh, para não desgostar a minha excelente mãe creio que seria capaz de me indispor com o conde!

Monte-Cristo virou-se; parecia comovido.

- Eh! - disse a Debray, sentado numa poltrona profunda na extremidade da sala e que segurava na mão direita um lápis e na esquerda uma agenda. - Que está fazendo, um esboço de Poussin?

- Eu? - respondeu o outro tranquilamente. - Oh, eu fazer um esboço?! Era o que faltava! Gosto demasiado de pintura para me meter nisso... Não, faço tudo o que há de mais oposto à pintura; faço contas.

- Contas?...

- Sim. Calculo... Isto diz-lhe indiretamente respeito, visconde. Calculo o que a Casa Danglars ganhou com a última alta do Haiti: de duzentos e seis, os fundos subiram para quatrocentos e nove em três dias, e o prudente banqueiro comprara muitos a duzentos e seis. Deve ter ganho trezentas mil libras.

- Esse não é o seu melhor golpe - disse Morcerf. - Não ganhou este ano um milhão com os títulos de Espanha?

- Ouça, meu caro - disse Lucien --, está aqui o Sr. conde de Monte-Cristo, que lhe dirá como os Italianos:

Danaro e santia

Metà della Metà (1).

E é ainda muito. Por isso, quando me vêm com semelhantes histórias, encolho os ombros.

- Mas falava do Haiti? - perguntou Monte-Cristo.

- Oh, o Haiti é outra coisa! O Haiti é o ecart, da agiotagem francesa. Pode-se gostar da bouillotte, adorar o whist, ser doido pelo boston (2), e no entanto renunciar a tudo isso. Mas volta-se sempre ao écart,. É um acepipe. Assim, o Sr. Danglars vendeu ontem a quatrocentos e nove e embolsou trezentos mil francos. Se tivesse esperado para hoje, os fundos desceriam novamente a duzentos e cinco, e em vez de ganhar trezentos mil francos, perderia vinte ou vinte e cinco mil.

- E por que motivo os fundos desceram de quatrocentos e nove para duzentos e cinco? - perguntou Monte-Cristo. - Peço-lhe desculpa, mas sou muito ignorante de todas essas intrigas de bolsa.

- Porque - respondeu Albert, rindo - as notícias sucedem-se e não se assemelham...

- Demônio, o Sr. Danglars arrisca trezentos mil francos num dia! É obra! Mas então deve ser enormemente rico... - observou Monte-Cristo.

- Não é ele que joga! - atalhou vivamente Lucien. - é a Sra Danglars, que é realmente uma mulher intrépida.

- Mas você, que é razoável e sabe alguma coisa de estabilidade de notícias, uma vez que está na fonte, deveria impedi-la dessas loucuras - disse Morcerf, sorrindo.

- Como o conseguiria se o marido não o consegue? - perguntou Lucien. - Conhece o temperamento da baronesa; ninguém tem influência sobre ela e só faz absolutamente o que quer.

(1) Dinheiro e santidade/Metade da metade. (N. do T.)
(2) Écart,, bouillotte, whist e boston são jogos de cartas. (N. do T.)

- Oh, se estivesse no seu lugar!... - insinuou Albert.

- Que faria?

- Curava-a desse vício. Seria um favor que prestaria ao seu futuro genro.

- Mas como?

- Meu Deus, de maneira muito fácil: dava-lhe uma lição!

- Uma lição?...

- Sim. A sua posição de secretário do ministro dá-lhe uma grande autoridade no tocante às notícias. Se você não abrir a boca, os cambistas não estenografarão correndo as suas palavras. Faça-a perder uma centena de milhar de francos, sucessivamente, e verá que isso a torna prudente.

- Não compreendo... - balbuciou Lucien.

- Pois é simples - respondeu o rapaz, com uma ingenuidade que não tinha nada de simulada. - Anuncie-lhe uma bela manhã qualquer coisa inaudita, uma notícia telegráfica que só você possa saber. Que Henrique IV, por exemplo, foi visto ontem em casa de Gabrielle. Isso fará subir os fundos, ela fará a sua jogada de bolsa em conformidade e perderá certamente quando Beauchamp escrever no dia seguinte no seu jornal: “É sem fundamento que as pessoas bem

informadas afirmam que o rei Henrique IV foi visto anteontem em casa de Gabrielle. Essa notícia é completamente inexata; o rei Henrique IV não saiu da Ponte Nova.

Lucien desatou a rir desdenhosamente. Mas Monte-Cristo, embora aparentando indiferença, não perdera uma palavra do diálogo e o seu olhar perscrutador julgara mesmo ter descoberto um segredo no embaraço do secretário particular.

E em consequência desse embaraço, que escapara completamente a Albert, Lucien abreviou a sua visita. Sentia-se evidentemente pouco à vontade. Ao acompanhá-lo à saída, o conde disse-lhe algumas palavras em voz baixa, às quais ele respondeu:

- Com muito gosto, Sr. Conde. Aceito.

O conde voltou para junto do jovem Morcerf.

- Não acha, pensando melhor - disse-lhe --, que fez mal em falar como falou da sua sogra diante do Sr. Debray?

- Por favor, conde - pediu Morcerf --, suplico-lhe que não diga antecipadamente essa palavra.

- Realmente, e sem exagero, a condessa é a tal ponto contrária a esse casamento?

- A tal ponto que a baronesa raras vezes vai lá a casa e que a minha mãe não esteve, creio, duas vezes na vida em casa da Sra Danglars.

- Sendo assim - disse o conde --, sinto-me tentado a falar-lhe de coração nas mãos. O Sr. Danglars é meu banqueiro e o Sr. de Villefort cumulou-me de gentilezas como agradecimento de um serviço que um feliz acaso me permitiu prestar-lhe. Adivinho debaixo de tudo isso um alude de jantares e festas mundanas. Ora, para não parecer que tiro faustosamente partido de tudo isso, e até para ter o mérito de me antecipar, se o meu amigo concordar, projetei reunir na minha casa de campo de Auteuil o Sr. e a Sra Danglars e o Sr. e a Sra de Villefort. Se o convidasse para esse jantar, assim como o Sr. Conde e a Sra Condessa de Morcerf, não pareceria tratar-se de uma espécie de encontro matrimonial, ou pelo menos a Sra Condessa de Morcerf
não veria as coisas dessa maneira, sobretudo se o Sr. Barão Danglars me desse a honra de levar a filha? Então a sua mãe me tomaria horror, o que não quero de maneira nenhuma que aconteça. Pretendo, pelo contrário, e diga-lho todas as vezes que tiver oportunidade disso, ter o melhor lugar possível no seu espírito.

- Palavra de honra, conde - disse Morcerf --, que lhe estou muito grato por ter comigo essa franqueza, e aceito a exclusão que me propõe. Diz que deseja ocupar o melhor lugar possível no espírito da minha mãe, pois parece-me que já ocupa nele um lugar privilegiado.

- Acha? - perguntou Monte-Cristo com interesse.

- Oh, tenho a certeza! Depois de nos deixar, no outro dia, conversamos uma hora a seu respeito. Mas voltemos àquilo de que estavamos a falar; se a minha mãe pudesse saber dessa atenção da sua parte, e eu me arriscaria a dizer-lhe, estou certo de que lhe ficaria reconhecidíssima. É certo que, pela sua parte, o meu pai ficaria furioso...

O conde desatou a rir.

- Pronto, está prevenido - disse a Morcerf. - Mas creio que não será só o

seu pai quem ficará furioso; o Sr. e a Sra Danglars vão me considerar um homem muito incorreto. Sabem que tenho consigo certa intimidade, que o senhor é mesmo o meu mais antigo conhecimento parisiense, e quando o não virem em minha casa me perguntarão porque não o convidei. Pense ao menos em arranjar um compromisso anterior que tenha alguma aparência de probabilidade e escreva-me um bilhete para informar-me. Como sabe, com os banqueiros só o preto no branco tem valor.

- Farei melhor do que isso, Sr. Conde - disse Albert. - A minha mãe quer ir respirar o ar do mar. Em que dia será o seu jantar?

- No sábado.

- Hoje é terça-feira; se partirmos amanhã à tarde, depois de amanhã estaremos em Tréport... Sabe, Sr. Conde, que é um homem encantador por pôr assim as pessoas à vontade?

- Eu? Na realidade, dá-me mais valor do que aquele que tenho. Desejo ser-lhe agrável e mais nada.

- Em que dia fará os convites?

- Hoje mesmo.

- Muito bem! Corro a casa do Sr. Danglars e anuncio-lhe que saímos de Paris amanhã, minha mãe e eu. Como não o vi não sei nada do seu jantar.

- Não diga disparates! E o Sr. Debray, que acaba de o ver aqui em casa?

- Tem razão!

- Pelo contrário, esteve aqui e eu convidei-o aqui, sem cerimônia, mas o senhor respondeu-me muito simplesmente que não podia aceitar o convite porque partia para Tréport.

- Pronto, está combinado! Mas irá visitar a minha mãe ainda hoje?

- Ainda hoje é difícil. Além disso, iria cair no meio dos seus preparativos de partida.

- Faça então melhor do que isso. Por ora é apenas um homem encantador, seja um homem adorável...

- Que tenho de fazer para alcançar essa sublimidade?

- Que tem de fazer?

- É o que pergunto.

- Hoje está livre como o ar; venha jantar comigo. Será um jantar íntimo, apenas com o senhor, a minha mãe e eu. Mal viu a minha mãe; assim terá ensejo de ve-la de perto. É uma mulher notabilíssima e só lamento uma coisa: que não exista outra igual com menos vinte anos. Haveria brevemente, juro-lhe, uma condessa e uma viscondessa de Morcerf. Quanto ao meu pai, não o encontrará. Está de serviço esta noite e janta com o referendário-mor. Vá, falaremos de viagens. O senhor, que já viu o mundo inteiro, nos contará as suas aventuras, a história dessa bela grega que estava na outra noite consigo na Ópera, a quem chama sua escrava, mas que trata como uma princesa. Falaremos em italiano e espanhol. Vamos, aceite; a minha mãe agradecerá .

- Mil agradecimentos - respondeu o conde. - O convite é dos mais cativantes e lamento vivamente não o poder aceitar. Não estou livre, como pensa; tenho, pelo contrário, um encontro importante.

- Cautela! Ensinou-me há pouco como, a propósito de um jantar, nos

podemos descartar de uma coisa desagrável. Quero uma prova. Felizmente não sou banqueiro como o Sr. Danglars, mas previno-o de que sou tão incrédulo como ele.

- Vou da-la - disse o conde.

E tocou.

- Hum!... murmurou Morcerf. - já por duas vezes recusou jantar com a minha mãe... Tem alguma coisa contra ela, conde?

Monte-Cristo estremeceu.

- Não diga isso - perguntou. - Aliás, aí está a minha prova.

Baptistin entrou e ficou junto da porta, de pé e à espera.

- Não estava prevenido da sua visita, pois não?

- Demônio, o senhor é um homem tão extraordinário que não me atrevo a responder negativamente.

- Mas pelo menos não podia adivinhar que me convidaria para jantar...

- Oh, quanto a isso é provável.

-- Muito hem. Escute, Baptistin: que lhe disse esta manhã quando o chamei ao meu gabinete de trabalho?

- Que mandasse fechar a porta do Sr. Conde assim que dessem cinco horas.

- E depois?

- Então, Sr. Conde... - protestou Albert.

- Não, não, quero absolutamente desembaraçar-me dessa reputação misteriosa que me arranjou, meu caro visconde. É muito difícil fazer eternamente de Manfredo. Quero viver numa casa de vidro. E depois... Continue, Baptistin.

- E depois que só receberia o Sr. Major Bartolomeo Cavalcanti e o filho.

- Como ouviu, o Sr. Major Bartolomeo Cavalcanti, um homem da mais velha nobreza italiana e de que Dante se deu ao incômodo de ser o Hozier... Talvez se lembre ou talvez se não lembre, no canto X de O Inferno... Além dele, o filho, um jovem encantador, pouco mais ou menos da sua idade, visconde, que usa o mesmo título que o senhor e faz a sua entrada na sociedade parisiense à sombra dos milhões do pai. O major
traz-me esta noite seu filho Andrea, o contino, como dizemos em Itália. Confia-mo. E eu o ajudarei, se lhe encontrar algum mérito. E o senhor, me ajudará a mim?

- Sem dúvida! Esse major Cavalcanti é portanto. . . um velho amigo seu? - perguntou Albert.

- De modo nenhum. É um digno fidalgo, muito delicado, muito modesto, muito discreto, como há muitos em Itália; descendentes de numerosas gerações de velhas famílias. Vi-o várias vezes, quer em Florença, quer em Bolonha, quer em Luca, e ele preveniu-me da sua chegada. Os conhecimentos de viagem são exigentes: exigem de nós, em qualquer parte, a amizade que lhes testemunhamos uma vez por acaso; como se o homem civilizado, que sabe viver uma hora com qualquer pessoa, não tivesse sempre o seu pensamento reservado! Esse bom major Cavalcanti vai rever Paris, que só viu de passagem, durante o Império, quando se foi fazer gelar em Moscou. Lhe darei um bom jantar e ele me deixará o filho. Prometerei velar por ele, mas o deixarei fazer todas as loucuras que lhe apetecer e ficaremos quites.

- Ótimo! - exclamou Albert. - Não há dúvida que o senhor é um precioso

mentor. Adeus, pois; estaremos de volta no domingo. A propósito, recebi notícias de Franz.

- Sim? E continua a dar-se bem na Itália? - perguntou Monte-Cristo.

- Penso que sim. Mas sente a sua falta. Diz que o senhor era o sol de Roma e que sem a sua presença o tempo está triste. Não sei até se vai ao ponto de dizer que chove.

- Mudou portanto de idéia a meu respeito o seu amigo Franz?

- Pelo contrário, persiste em considerá-lo fantástico no mais alto grau. Por isso sente a sua falta.

- Encantador rapaz! - exclamou Monte-Cristo. - Senti viva simpatia por ele logo na primeira noite em que o vi à procura de qualquer coisa para cear e se dignou aceitar comer comigo. E filho do general de Epinay, não é?

- Exatamente.

- O mesmo que foi miseravelmente assassinado em 1815?

- Pelos bonapartistas.

- É isso! Palavra que gosto muito dele. Não há também projetos de casamento para ele?

- Há. Deve casar com Mademoiselle de Villefort.

- Deveras?

- Tal como eu devo casar com Mademoiselle Danglars - perguntou Albert, rindo.

- O senhor ri

- Pois rio.

- Porque ri?

- Rio porque me parece ver desse lado tanta simpatia pelo casamento como existe deste lado entre Mademoiselle Danglars e eu. Mas realmente, mel caro conde, estamos a falar de mulheres como as mulheres falam de homens; é imperdoável!

Albert levantou-se.

- Já vai embora?

- A pergunta é boa! Há duas horas que o maço e ainda tem a delicadeza de me perguntar se me vou embora! Na verdade, conde, o senhor é o homem mais cortês do mundo. E os seus criados, como estão bem treinados! O Sr. Baptistin, sobretudo. Nunca vi nenhum como ele. Os meus parecem seguir todos o exemplo dos do Teatro Francês, que precisamente por só terem uma palavra a dizer vêm sempre dizê-la na ribalta.

Portanto, se se desfizer do Sr. Baptistin, peço-lhe que se lembre de mim e me dê a preferência.

- Pois sim, visconde.

- Não é tudo, espere. Dê os meus cumprimentos ao seu discreto lucano, ao Sr. Cavalcante de Cavalcanti. E se por acaso ele pretender casar o filho, arranje-lhe uma mulher muito rica e muito nobre, pelo menos pelo lado da mãe, e muito baronesa pelo lado do pai... O ajudarei nisso, se quiser.

- Oh, oh! - exclamou o conde de Monte-Cristo. - Então as coisas já chegaram a esse ponto?

- Já.

- Bom, não quero prometer nada...

- Ah, conde, que favor me prestaria e como o estimaria cem vezes ainda mais se, graças a si, ficasse solteiro nem que fosse só mais dez anos! - exclamou Morcerf.

- Tudo é possível - respondeu gravemente Monte-Cristo.

E despedindo-se de Albert voltou para dentro e tocou três vezes a campainha. Bertuccio apareceu.

- Sr. Bertuccio, tome nota de que recebo no sábado na minha casa de Auteuil.

Bertuccio estremeceu levemente.

- Muito bem, senhor.

- Necessito de si - continuou o conde - para que tudo seja preparado convenientemente. Aquela casa é muito bonita ou pelo menos pode ser muito bonita.

- Seria preciso mudar tudo para se conseguir isso, Sr. Conde, porque o papel das paredes está velho.

- Mude portanto tudo, com uma única excepção: o quarto de damasco vermelho. Esse deixe-o absolutamente tal como está.

Bertuccio inclinou-se.

- Não toque também no jardim. Mas no pátio, por exemplo, faça tudo o que quiser. Até me será agrável que o não possam reconhecer.

- Farei o possível para que o Sr. Conde fique satisfeito. Entretanto, ficaria mais tranquilo se o Sr. Conde me quisesse dizer as suas intenções para o jantar.

- Na verdade, meu caro Sr. Bertuccio - disse o conde -- desde que se encontra em Paris acho-o desorientado, medroso... Então já me não conhece?

- Mas, enfim, V. Exª poderia dizer-me quem recebe!

- Ainda não sei nada a tal respeito e o senhor também não tem necessidade de o saber. Lúculo janta em casa de Lúculo e mais nada.

Bertuccio inclinou-se e saiu.

Capítulo LV

O major Cavalcanti

Nem o conde nem Baptistin tinham mentido ao anunciar a Morcerf a visita do major lucano, que servira a Monte-Cristo de pretexto para recusar o jantar que Albert lhe oferecia.

Acabavam de dar sete horas e o Sr. Bertuccio, conforme a ordem que recebera, partira havia duas horas para Auteuil, quando um fiacre parou à porta do palácio e pareceu fugir muito envergonhado logo que deixou ao pé do portão um homem de cerca de cinquenta e dois anos, metido numa dessas sobrecasacas verdes com alamares pretos, cuja espécie é imperecível, ao que parece, na Europa. Umas amplas calças de tecido azul, botas ainda bastante aceitáveis, embora de um verniz duvidoso e de solas um tanto grossas, luvas de pele de gamo, chapéu que pela forma se assemelhava ao de um guarda e colarinho preto debruado a branco que, se o seu proprietário o não usasse de sua livre e inteira

vontade, poderia passar por uma gotilha, tal era o traje pitoresco com que se apresentou a personagem que tocou ao portão, perguntou se não era no nº 30 da Avenida dos Campos Elísios que morava o conde de Monte-Cristo e, em vista da resposta afirmativa do porteiro, entrou, fechou o portão atrás de si e dirigiu-se para a escadaria.

A cabeça pequena e angulosa do homem, os seus cabelos já brancos e o seu bigode espesso e grisalho identificaram-no perante Baptistin, que possuía os sinais exatos do visitante e o esperava ao fundo do vestíbulo. Por isso, assim que pronunciou o seu nome diante do inteligente criado, o conde de Monte-Cristo foi prevenido da sua chegada. Introduziram o estrangeiro na sala mais simples. O conde esperava-o aí e foi ao seu encontro com ar risonho.

- Seja bem-vindo, meu caro senhor - disse. - Esperava-o.

- Deveras, V. Exª esperava-me? - perguntou o lucano.

- Esperava. Preveniram-me da sua chegada hoje, às sete horas.

- Da minha chegada? Estava prevenido da minha chegada?

- Exatamente.

- Ah, tanto melhor! Receava, confesso, que tivessem esquecido dessa pequena precaução.

- Qual?

- De o prevenir.

- Oh, não!

- Mas tem certeza de não se enganar?

- Tenho.

- Era de fato eu que V. Exª esperava hoje, às sete horas?

- Era. De resto, podemos verificar.

- Oh, se me esperava não vale a pena! - respondeu o lucano.

- Claro, claro! - concordou Monte-Cristo.

O lucano pareceu ligeiramente inquieto.

- Vejamos, não é o Sr. Marquês Bartolomeo Cavalcanti? - perguntou Monte-Cristo.

- Bartolomeo Cavalcanti... - repetiu o lucano, satisfeito. - Sim, é isso... - Ex-major a serviço da Áustria?

- Era mesmo major que eu era? - perguntou timidamente o velho militar.

- Claro que era mesmo major - respondeu Monte-Cristo.- E assim que se designa na França o posto que o senhor ocupava na Itália.

- Bom, não peço mais, compreende?... - disse o lucano.

- Aliás, o senhor não está aqui por sua própria iniciativa - acrescentou Monte-Cristo.

- Oh, evidentemente!

- Foi-me enviado por alguém

- Sim, fui.

- Pelo excelente abade Busoni?

- Exato! - exclamou o major, satisfeito.

- Não tem uma carta?

- Ei-la!

- Ainda bem. Dê-ma.

E Monte-Cristo pegou na carta, que abriu e leu.

O major olhava o conde com os olhos muito abertos de espanto, com os quais de vez em quando percorria curiosamente cada canto do aposento, mas que regressavam invariavelmente ao dono da casa.

- É isto, de fato... Querido abade! “O major Cavalcanti, um digno patrício de Luca, descendente dos Cavalcanti de Florença” - continuou a ler Monte-Cristo - “e possuidor de uma fortuna que lhe dá meio milhão de rendimento...” Monte-Cristo levantou os olhos por cima do papel e cumprimentou.

- Meio milhão - repetiu. - Apre, meu caro Sr. Cavalcanti!

- Ele diz meio milhão? - perguntou o lucano.

- Com todas as letras. E assim deve ser, pois o abade Busoni é o homem que melhor conhece todas as grandes fortunas da Europa.

- Seja então meio milhão - admitiu o lucano. - Mas palavra de honra que não esperava que ascendesse a tanto.

- Porque tem um intendente que o rouba. Que quer, caro Sr. Cavalcanti, são coisas que se não podem evitar!

- O senhor acaba de me esclarecer - disse gravemente o lucano. - Porei o velhaco na rua.

Monte-Cristo continuou:

- “E a quem só falta uma coisa para ser feliz...”

- Oh, meu Deus, sim, só uma! - reconheceu o lucano, suspirando.

- “Encontrar um filho adorado...”

- Um filho adorado!

- “Raptado na sua juventude, quer por algum inimigo da sua nobre família, quer por ciganos...”

- Com cinco anos de idade, senhor - acrescentou o lucano, com um profundo suspiro e erguendo os olhos ao Céu.

- Pobre pai! - disse Monte-Cristo.

O conde continuou:

- “Restitui-lhe a esperança, restitui-lhe a vida, Sr. Conde, anunciando-lhe que o senhor poderá ajudá-lo a encontrar esse filho que há quinze anos procura em vão...”

O lucano olhou para Monte-Cristo com indefinível expressão de inquietação.

- Pois posso - respondeu Monte-Cristo.

O major endireitou-se.

- Ah, ah! - exclamou. - A carta era então verdadeira até ao fim? - Tinha alguma dúvida a tal respeito, caro Sr. Bartolomeo?

- Nenhuma, nenhuma! Como havia de ter? Um homem grave, um homem revestido de carater religioso como o abade Busoni não se permitiria semelhante brincadeira. Mas não leu tudo, Excelência...

- Ah, é verdade, há um post-scriptum! - disse Monte-Cristo.

- Pois, há... um... post-scriptum... - repetiu o lucano.

- “Para não causar ao major Cavalcanti o embaraço de transferir fundos dos cofres do seu banqueiro, mandei-lhe uma ordem de pagamento de dois mil francos para as suas despesas de viagem e um crédito sobre o senhor de quarenta e oito mil francos, que o Sr. Conde me ficará devendo.”

O major seguiu com os olhos o post-scriptum, com visível ansiedade.

- Muito bem! - limitou-se a dizer o conde.

- Ele disse “muito bem!” - murmurou o lucano. - Portanto... senhor... - prosseguiu.

- Portanto?... - perguntou o conde.

- Portanto, o post-scriptum?...

-- Sim, o post-scriptum?...

-- É acolhido pelo senhor tão favoravelmente como o resto da carta?

- Certamente. Temos contas um com o outro, o abade Busoni e eu. Não sei exatamente se estou lhe devendo quarenta e oito mil libras, mas entre nós não fazemos caso de algumas notas a mais ou a menos. Mas vejamos, porque atribuía assim tão grande importância ao post-scriptum, meu caro Sr. Cavalcanti?

- Confesso-lhe - respondeu o lucano - que, cheio de confiança na assinatura do abade Busoni, não me muni doutros fundos. De forma que se esse recurso me faltasse, me encontraria muito embaraçado em Paris.

- Porventura um homem como o senhor se embaraça em algum lugar? - observou Monte-Cristo. - Ora deixe-se disso!

- Ora essa, não conhecendo ninguém... - perguntou o lucano.

- Mas conhecem-no ao senhor.

- Sim, conhecem-me. De forma que...

- Acabe, caro Sr. Cavalcanti!

- De forma que... me entregará essas quarenta e oito mil libras?

- Ao seu primeiro pedido.

O major arregalava os olhos espantado.

- Mas sente-se - disse Monte-Cristo. - Na verdade, não sei onde tenho a cabeça... Deixei-o de pé durante um quarto de hora.

- Não se preocupe.

O major puxou uma cadeira e sentou-se.

- Agora, quer tomar alguma coisa? - perguntou o conde. - Um copo de xerez, de porto ou de alicante?

- De alicante, que é o meu vinho preferido.

- Tenho um excelente. Com um biscoito, não é verdade?

- Com um biscoito, já que insiste.

Monte-Cristo tocou. Baptistin apareceu. O conde foi ao seu encontro.

- Então?... - perguntou baixinho.

- O rapaz está aqui - respondeu o criado de quarto no mesmo tom.

- Bem. Para onde o mandou entrar?

- Para a sala azul, como V. Exª ordenou.

- Ótimo. Traga vinho de Alicante e biscoitos.

Baptistin saiu.

- Na verdade - disse o lucano --, estou lhe dando tanto incômodo que me sinto constrangido...

- Não tem importância! - perguntou Monte-Cristo.

Baptistin regressou com os copos, o vinho e os biscoitos. O conde encheu um copo e deitou no segundo apenas algumas gotas do líquido cor de rubi que continha a garrafa, toda coberta de teias de aranha e doutros sinais que indicavam a velhice do vinho muito mais seguramente do que as rugas no homem.

O major não se enganou ao tirar o copo; pegou no que estava cheio e

serviu-se de um biscoito.

O conde ordenou a Baptistin que deixasse a bandeja ao alcance da mão do seu hóspede, que começou por saborear o alicante com a ponta dos lábios, fez uma careta de satisfação e meteu delicadamente o biscoito no copo.

- Portanto, senhor - disse Monte-Cristo --, reside em Luca, é rico, é nobre, goza da consideração geral e possui tudo o que pode fazer um homem feliz.

- Tudo, Excelência - admitiu o major, engolindo o seu biscoito. - Absolutamente tudo.

- E só faltava uma coisa para a sua felicidade?

- É verdade, só uma - respondeu o lucano.

- Encontrar o seu filho?

- Sim, também me faltava isso! - exclamou o major, tirando segundo biscoito.

O digno lucano levantou os olhos ao Céu e fez um esforço para suspirar.

- Vejamos agora uma coisa, meu caro Sr. Cavalcanti - disse Monte-Cristo. - De quem era esse filho tão chorado? Porque me disseram que o senhor era solteiro...

- Era o que se julgava, senhor - respondeu o major -, e eu próprio...

- Sim - prosseguiu Monte-Cristo --, e o senhor próprio acreditara nesse boato. Um pecado da juventude que ocultou a todos os olhos.

O lucano endireitou-se, tomou o seu ar mais calmo e mais digno e baixou ao mesmo tempo modestamente os olhos, quer para manter a sua atitude, quer para ajudar a sua imaginação ou
observar por baixo o conde, cujo sorriso estereotipado nos lábios manifestava sempre a mesma benevolente curiosidade.

- É verdade, senhor, desejava ocultar essa falta a todos os olhos.

- Não por si, claro - observou Monte-Cristo --, porque um homem está acima dessas coisas.

- Oh, não por mim, certamente! - reconheceu o major, sorrindo e abanando a cabeça.

- Mas pela mãe do seu filho - disse o conde.

- Sim, pela sua mãe! - exclamou o lucano, tirando terceiro biscoito. - Pela sua pobre mãe!

- Beba, caro Sr. Cavalcanti - disse Monte-Cristo, deitando ao lucano segundo copo de alicante. - A comoção sufoca-o.

- Pela sua pobre mãe! - murmurou o lucano, procurando que a sua força de vontade atuasse sobre a glândula lacrimal e lhe permitisse molhar o canto do olho com uma lágrima falsa.

- Que pertencia a uma das primeiras famílias da Itália, segundo creio...

- Uma nobre família de Fiesole, Sr. Conde; uma nobre família de Fiesole!

- Chamada?

- Deseja saber o seu nome?

- Oh, meu Deus, é inútil que me diga, conheço-o! - declarou Monte-Cristo.

- O Sr. Conde sabe tudo - observou o lucano, inclinando-se.

- Oliva Corsinari, não é verdade?

- Oliva Corsinari.

- Marquesa?

- Marquesa.

- E o senhor acabou por casar com ela, entretanto, apesar das oposições da família?

- Meu Deus, sim, acabei por fazer isso!

- E - prosseguiu Monte-Cristo - em boa ordem? Traz os seus documentos.

- Quais documentos? - perguntou o lucano.

- Mas a sua certidão de casamento com Oliva Corsinari e a certidão de nascimento da criança.

- A certidão de nascimento da criança?

- Sim, a certidão de nascimento de Andrea Cavalcanti, do seu filho. Não se chama Andrea?

- Creio que sim - respondeu o lucano.

- Como? Crê?!

- Diabo, não me atrevo a afirmar; há tanto tempo que o perdi!

- Tem razão - disse Monte-Cristo. - Enfim, tem todos esses documentos?

- Sr. Conde, é com pesar que lhe anuncio que, não tendo sido avisado para me munir desses documentos, esqueci-me de traze-los comigo.

- Demônio! - exclamou Monte-Cristo.

- São absolutamente necessários?

- Indispensáveis!

O lucano coçou a testa.

- Ah, per Baccho! - exclamou. - Indispensáveis!

- Sem dúvida. Pode-se levantar aqui alguma dúvida acerca da validade do seu casamento e da legitimidade do seu filho!

- Tem razão, podem-se levantar dúvidas - concordou o lucano.

- O que seria desagrável para o rapaz.

- Oh, seria fatal!

- Poderia fazê-lo perder qualquer magnífico casamento

- O peccato!

- Na França são rigorosos, compreende? Não basta, como na Itália, ir procurar um padre e dizer-lhe: “Amamo-nos, case-nos.” na França há casamento civil, e para as pessoas casarem civilmente são precisos documentos que provem a sua identidade.

- Infelizmente, não tenho esses documentos.

- Mas felizmente eu os tenho - declarou Monte-Cristo.

- O senhor?

- Sim.

- O senhor os tem?

- Tenho.

- Oh, que sorte! - exclamou o lucano, que, vendo o fim da sua viagem ir por água abaixo por falta de tais documentos, temia que semelhante esquecimento levantasse qualquer dificuldade a respeito das quarenta e oito mil libras. - Oh, que sorte! Sim, que sorte - repetiu -, por que não pensei nisso?

- Demônio, parece-me que o senhor não pensa em nada! Mas felizmente o abade Busoni pensou nisso por si.

- Querido abade!

- Sim, é um homem cauteloso.

- É um homem admirável - declarou o lucano. - E ele mandou-lhe?

- Aqui estão.

O lucano juntou as mãos em sinal de admiração.

- O senhor casou com Oliva Corsinari na Igreja de S. Paulo de Monte-Cattini. Aqui está a certidão do padre.

- Sim, é verdade, aí está! - confirmou o major, olhando o documento com espanto.

- E aqui está também a certidão de batismo de Andrea Cavalcanti, passada pelo pároco de Saravezza.

- Tudo em regra - disse o major.

- Vamos, tome conta destes documentos, que para mim não tem interesse, e dê-os ao seu filho para que os guarde cuidadosamente.

- Pois sim. Se ele os perdesse...

- Como, se ele os perdesse?! - saltou Monte-Cristo.

- Bom, teríamos de escrever para Itália e levaria muito tempo para arranjar outros - concluiu o lucano.

- De fato, seria difícil - concordou Monte-Cristo.

- Quase impossível - acrescentou o lucano.

- Folgo muito por o senhor compreender o valor destes documentos.

- Enfim, devo considerá-los inestimáveis.

- Agora - disse Monte-Cristo --, quanto à mãe do rapaz?...

- Quanto à mãe do rapaz... - repetiu o major, inquieto.

- Sim, quanto à marquesa Corsinari?

- Meu Deus! - exclamou o lucano, que tinha a sensação de as dificuldades lhe nascerem debaixo dos pés. - Haverá necessidade dela?

- Não, senhor - respondeu Monte-Cristo. - Aliás, ela não?...

- Claro, claro! - apressou-se a dizer o major. - Ela...

- Pagou o seu tributo à natureza, não é verdade?

- Infelizmente, pagou! - confirmou o lucano.

- Também soube isso - declarou Monte-Cristo. - Morreu há dez anos.

- E ainda choro a sua morte, senhor - disse o major, tirando da algibeira um lenço de quadrados e limpando alternadamente primeiro o olho esquerdo e depois o olho direito.

- Que quer, somos todos mortais... - confortou-o Monte-Cristo. - Agora espero que compreenda, caro Sr. Cavalcanti, espero que compreenda que é inútil saber na França que esteve quinze anos separado do seu filho. Todas essas histórias de ciganos que raptam crianças não são correntes aqui. O senhor po-lo a educar num colégio de província e deseja que acabe a sua educação na sociedade parisiense. Por isso o senhor deixou Via-Reggio, onde morava desde a morte da sua mulher. Isto bastará.

- Acha?

- Certamente.

- Muito bem, então.

- Mas se se soubesse alguma coisa acerca dessa separação...

- Ah, sim! Que diria?

- Que um perceptor infiel, vendido aos inimigos da sua família...

- Aos Corsinari?

- Certamente... raptara a criança para que o seu nome se extinguisse.

- Está certo, porque ele é filho único.

- Bom, agora que está tudo assente, que as suas recordações, mais frescas, o não atraiçoarão, já adivinhou sem dúvida que lhe reservo uma surpresa?

- Agradável? - perguntou o lucano.

- Verifico - disse Monte-Cristo - que se não enganam facilmente os olhos e o coração de um pai.

- Hum!... - resmungou o major.

- Fizeram-lhe qualquer revelação indiscreta ou adivinhou que ele estava aqui?

- Que estava aqui, quem?

- O seu filho, o seu Andrea.

- Adivinhei - respondeu o lucano, com a maior fleuma do mundo. - está então aqui?

- Aqui mesmo - respondeu Monte-Cristo. - Quando entrou, há pouco, o criado de quarto preveniu-me da sua chegada.

- Ah, muito bem! Ah, muito bem! - disse o major, apertando a cada exclamação os alamares da sua polonesa.

- Meu caro senhor - prosseguiu Monte-Cristo --, compreendo a sua emoção e acho que precisa de tempo para se recompor. Quero também preparar o rapaz para esse encontro tão desejado, porque presumo que ele não está menos impaciente do que o senhor.

- Também me parece - admitiu Cavalcanti.

- Pois bem, daqui a um quarto de hora estaremos consigo.

- Vai traze-lo? Leva a sua bondade ao ponto de me apresentar pessoalmente?

- Não, não quero colocar-me de modo algum entre um pai e um filho, estarão sós, Sr. Major. Mas fique tranquilo: mesmo no caso de a voz do sangue ficar muda, não terá nada que se enganar, pois ele entrará por esta porta. É um simpático rapaz louro, talvez um bocadinho louro demais, de modos corteses... enfim, o senhor verá .

- A propósito - disse o major --, como sabe, só trouxe comigo os dois mil francos que o bom abade Busoni me mandou entregar. Depois disso fiz a viagem e...

- E tem necessidade de dinheiro... É justíssimo, meu caro Sr. Cavalcanti. Tome, para arredondar a conta, mais oito mil francos.

Os olhos do major brilharam como carbúnculos.

- Agora fico devendo-lhe quarenta mil francos - declarou Monte-Cristo.

- V. Exª quer um recibo? - perguntou o major, guardando as notas na algibeira interior da sua polonesa.

- Para quê? - volveu-lhe o conde.

- Para abater nas suas contas com o abade Busoni.

- Bom, o senhor me dará um recibo geral quando receber os restantes quarenta mil francos. Entre pessoas honestas semelhantes precauções são inúteis.

- Sim, é verdade - concordou o major. - Entre pessoas honestas...

- Só mais uma palavra, marquês.

- Por favor.

- Permite-me que lhe faça uma pequena recomendação, não é verdade?

- Como não? Peço-a!

- Não faria mal se deixasse essa polonesa...

- Deveras? - perguntou o major, olhando a vestimenta com certa complacência.

- Sim. Isso usa-se ainda em Via-Reggio, mas em Paris há já muito tempo que esse traje, por muito elegante que seja, passou de moda.

- Que pena! - lamentou-se o lucano.

- Oh, se gosta assim tanto dela poderá tornar a vesti-la quando se for embora!

- Mas entretanto que usarei?

- O que encontrar nas suas malas...

- Como nas minhas malas? Só trouxe uma maleta...

- Consigo, sem dúvida. Para que havia de vir carregado? De resto, um velho soldado gosta de marchar com equipamento ligeiro.

- Foi precisamente por isso...

- Mas como é um homem precavido, mandou as malas adiante e elas chegaram ontem ao Hotel dos Príncipes, na Rua de Richelieu. Foi lá que mandou reservar os seus aposentos.

- Então essas malas?...

- Presumo que tomou a precaução de ordenar ao seu criado de quarto que metesse tudo o que precisava: trajes civis, uniformes militares... Nas grandes circunstâncias usar uniforme; é mais conveniente. E não esqueça as suas condecorações. na França zomba-se disso, mas todos continuam a usá-las.

- Muito bem, muito bem, muito bem! - exclamou o major, que ia de deslumbramento em deslumbramento.

- E agora - disse Monte-Cristo - que o seu coração está preparado para as emoções demasiado vivas, chegou o momento, caro Sr. Cavalcanti, de tornar a ver o seu filho Andrea.

E saudando delicadamente o lucano, deslumbrado, extasiado, Monte-Cristo desapareceu atrás da tapeçaria.

Capítulo LVI

Andrea Cavalcanti

O conde de Monte-Cristo entrou na sala contígua, que Baptistin designara por sala azul, e onde o acabava de preceder um rapaz de ar decidido, vestido com certa elegância, e que um cabriolé de praça deixara meia hora antes à porta do palácio. Baptistin não tivera dificuldade em reconhece-lo: era sem dúvida o rapaz alto, de cabelos louros, barba ruça, olhos pretos e pele resplandecente de brancura que lhe fora
indicado pelo amo.

Quando o conde entrou na sala, o jovem estava negligentemente recostado num sofá e fustigava distraidamente a bota com uma chibatinha de castão de ouro. Ao ver Monte-Cristo levantou-se vivamente.

- O senhor é o conde de Monte-Cristo? - perguntou.

- Sou, sim, senhor - respondeu este --, e creio ter a honra de falar ao Sr. Visconde Andrea Cavalcanti...

- Visconde Andrea Cavalcanti - repetiu o rapaz, acompanhando estas palavras de um cumprimento cheio de desenvoltura.

- Deve ter uma carta que o acredite junto de mim... - disse Monte-Cristo.

- Não lhe falei logo dela por causa da assinatura, que me pareceu estranha.

- Simbad, o Marinheiro, não é verdade?

- Exatamente. Ora como nunca conheci outro Simbad, o Marinhedo, senão o das Mil e Uma Noite...

- Bom, trata-se de um dos seus descendentes, um dos seus amigos, muito rico, um inglês mais do que original, quase louco, cujo verdadeiro nome é Lorde Wilmore.

- Isso assim já me explica tudo - declarou Andrea. - Agora corre tudo às mil maravilhas. É o mesmo inglês que conheci em... Sim, perfeitamente! ... Sr. Conde, estou às suas ordens.

- Se o que acaba de me dizer é verdade - replicou o conde sorrindo --, espero que não se importe de me dar alguns pormenores a respeito da sua pessoa e da sua família.

- Com muito prazer, Sr. Conde - respondeu o jovem, com uma volubilidade que provava a solidez da sua memória. - Sou, como disse, o visconde Andrea de Cavalcanti, filho do major Bartolomeo Cavalcanti, descendente dos Cavalcantis inscritos no Livro de Ouro de Florença. A nossa família, apesar de ser ainda muito rica, pois o meu pai tem meio milhão de rendimento, passou por muitas dificuldades, e eu próprio,
senhor, fui aos cinco ou seis anos raptado por um perceptor infiel, de forma que há quinze anos que não vejo o autor dos meus dias. Desde que cheguei à idade da rapaz e que sou livre e senhor de mim que o procuro inutilmente. Por fim, a carta do seu amigo Simbad anunciou-me que ele estava em Paris e autorizou-me a dirigir-me ao senhor para obter mais informações.

- Na verdade, senhor, tudo o que me acaba de contar é interessantíssimo - declarou o conde, observando com sombria satisfação aquele rosto decidido, dotado de uma beleza semelhante à do anjo mau - e fez muitíssimo bem em respeitar integralmente as indicações do meu amigo Simbad, porque o seu pai está de fato aqui e procura-o.

Desde que entrara na sala o conde não perdera de vista o rapaz. Admirara a segurança do seu olhar e a firmeza da sua voz. Mas ao escutar esta palavras tão naturais:

"- O seu pai está de fato aqui e procura-o", o jovem Andrea deu um salto - exclamou:

- O meu pai! O meu pai está aqui?...

- Sem dúvida - respondeu Monte-Cristo. - O seu pai, major Bartolomeo Cavalcanti.

A expressão de terror que surgira no rosto do rapaz desapareceu quase

imediatamente.

- Ah, sim, é verdade, o major Bartolomeo Cavalcanti!... E diz, Sr. Conde, que ele está aqui, meu querido pai?

- Sim, senhor. E acrescento até que o deixei agora mesmo e que a história que me contou a respeito do filho querido raptado outrora me impressionou muito. Na verdade, os seus sofrimentos, os seus temores e as suas esperanças dariam um poema comovente. Enfim, recebeu um dia notícias que lhe anunciavam que os raptores do filho estavam dispostos a entregá-lo ou a indicar onde se encontrava mediante um resgate
bastante grande e nada conteve esse bom pai. O resgate foi enviado para a fronteira do Piemonte, com um passaporte todo visado para a Itália. O senhor encontrava-se no Sul da França, não é verdade?

- É, sim, senhor - respondeu Andrea, com ar bastante embaraçado. - Sim, estava no Sul da França.

- E uma carruagem devia esperá-lo em Nice?

- Exatamente, senhor. Essa carruagem levou-me de Nice a Gênova, de Gênova a Turim, de Turim a Chambéry, de Chambéry a Pont-de-Beauvoisin e de Pont-de-Beauvoisin a Paris.

- Ótimo! Ele esperava encontrá-lo a todo o momento no caminho, por ser essa a estrada que ele próprio seguia. Foi até por isso que o seu itinerário foi traçado assim.

- Mas - observou Andrea -- se me tivesse encontrado, o querido pai, duvido que me reconhecesse; mudei um bocado desde que ele me perdeu de vista.

- Oh, a voz do sangue!... - exclamou Monte-Cristo.

- Sim, é verdade, não pensei na voz do sangue.

- Agora - prosseguiu Monte-Cristo - só uma coisa preocupa o marquês Cavalcanti: o que o senhor fez enquanto estava separado dele, como foi tratado pelos seus raptores, se lhe dispensaram todas as atenções que lhe eram devidas pelo seu nascimento e finalmente se o sofrimento moral a que esteve exposto, sofrimento cem vezes pior do que o sofrimento físico, lhe não enfraqueceu de algum modo as faculdades de que a natureza tão generosamente o dotou e se se considera capaz de reassumir e manter dignamente por si mesmo na sociedade o lugar que lhe compete.

- Senhor - balbuciou o rapaz, desorientado --, espero que nenhum falso relatório...

- Que diz? Ouvi falar do senhor pela primeira vez ao meu amigo Wilmore, o filantropo. Soube que o encontrara numa posição desagrável, mas ignoro qual e não lhe fiz nenhuma pergunta. Não sou curioso. As suas desgraças interessaram-no e engraçou consigo. Disse-me que lhe queria restituir a posição social
que perdera, que procuraria o seu pai e que havia de o encontrar. E de fato procurou-o e encontrou-o, ao que parece, uma vez que ele está aqui. Finalmente, preveniu-me ontem da sua chegada e deu-me ainda outras instruções relativas à sua fortuna. E mais nada. Sei que o meu amigo Wilmore é um original, mas como é ao mesmo tempo um homem que sabe o que faz, rico como uma mina de ouro, e que por consequência se pode entregar às suas originalidades sem que elas o arruinem, prometi seguir as suas instruções. Agora, senhor,
não se ofenda com a minha pergunta: como serei obrigado a auxiliá-lo um pouco,

gostaria de saber se as desgraças por que passou, desgraças independentes da sua vontade e que não diminuem de modo algum a consideração que me merece, o não tomaram um tanto estranho a essa sociedade em que a sua fortuna e o seu nome o chamam a fazer tão boa figura...

- Senhor - respondeu o rapaz, recuperando o sangue-frio à medida que o conde falava --, tranquilize-se quanto a isso. Os raptores que me afastaram do meu pai e que sem dúvida tinham como objetivo vender-me mais tarde a ele, como fizeram, calcularam que para tirar bom partido de mim era necessário deixar-me todo o meu valor pessoal, e até aumentá-lo, se fosse possível. Recebi portanto uma educação bastante boa e fui
tratado pelos ladrões de crianças mais ou menos como o eram na Ásia Menor os escravos, de que os seus senhores faziam gramáticos, médicos e filósofos para os venderem mais caros no mercado de Roma.

Monte-Cristo sorriu com satisfação; ao que parece, não esperava tanto do Sr. Andrea Cavalcanti.

- Aliás - prosseguiu o jovem --, se houvesse em mim qualquer falha de educação, ou antes, de hábito da sociedade, teriam, suponho, a indulgência de me desculpar em consideração para com as infelicidades que acompanharam o meu nascimento e perseguiram a minha juventude.

- Bom - disse Monte-Cristo negligentemente -, fará como quiser, visconde, pois é senhor de si e isso diz-lhe respeito; mas se estivesse no seu lugar, dou-lhe a minha palavra de honra que, pelo contrário, não diria uma palavra acerca de todas essas aventuras. A sua história é um romance, e a sociedade, que adora os romances metidos entre duas capas de papel amarelo, desconfia estranhamente daqueles que vê encadernados em pergaminho vivo, mesmo dourado, como o senhor o pode ser.

"O problema para que me permito chamar-lhe a atenção, Sr. Visconde, é este: assim que contar a alguém a sua comovente história, ela correrá pela sociedade completamente deturpada. Se verá obrigado a armar em Antony, e o tempo dos Antonies está um pouco ultrapassado. Talvez obtenha um êxito de curiosidade, mas ninguém gosta de ser centro de observações e alvo de comentários. Se cansaria, por certo.

- Creio que tem razão, Sr. Conde - concordou o jovem, empalidecendo, malgrado seu, sob o olhar inflexível de Monte-Cristo. - Seria um grave inconveniente.

- Oh, também não se deve exagerar! - perguntou Monte-Cristo. - Porque assim, para evitar um inconveniente, cairíamos numa loucura. Não, trata-se de traçar um simples plano de conduta; e no caso de um homem inteligente como o senhor, esse plano é tão mais fácil quanto é certo estar de acordo com os seus interesses.

"Dever-se combater por meio de testemunhas e de amizades respeitáveis tudo o que o seu passado tenha de obscuro. Andrea perdeu visivelmente o à-vontade.

- Me ofereceria de boa vontade como seu fiador e garante - disse Monte-Cristo --, mas é em mim um hábito moral desconfiar dos meus melhores amigos e uma necessidade procurar levar os outros a também duvidar. Por isso, desempenharia no caso um papel que me não iria o caracter, como dizem os

trágicos, e me arriscaria a ser assobiado, o que seria inútil.

- No entanto, Sr. Conde - atalhou Andrea, com audácia em consideração para com Lorde Wilmore, que me recomendou ao senhor...

- Sim, claro-prosseguiu Monte-Cristo. - Mas Lorde Wilmore não me deixou ignorar, caro Sr. Andrea, que o senhor teve uma juventude um tanto tempestuosa. Oh, não lhe peço nenhuma confissão! - exclamou o conde, ao ver o gesto que fazia Andrea. - Aliás, foi para que não necessitasse de ninguém que mandamos vir de Luca o Sr. Marquês Cavalcanti, seu pai. Vai vê-lo... É um bocadinho emproado, um bocadinho bomb stico, mas trata-se de uma questão de uniforme, e quando se souber que esteve dezoito anos ao serviço da ustria tudo se lhe desculpar . Em geral, não somos exigentes com os Austríacos. Em suma, trata-se de um pai muito aceitável, garanto-lhe.

- Tranquiliza-me, senhor. Separamo-nos há tanto tempo que não conservo nenhuma recordação dele.

- E depois, como sabe, uma grande fortuna desculpa muitas coisas?

- O meu pai é portanto realmente rico, senhor?

- Milionário... Quinhentas mil libras de rendimento.

- Quer dizer que me vou encontrar numa posição... agradável? - perguntou o rapaz, com ansiedade.

- Das mais agradáveis, meu caro senhor. Ele concede-lhe cinquenta mil libras de rendimento por ano durante todo o tempo que o senhor estiver em Paris.

- Nesse caso, não ficarei aqui para sempre?

- Bom... quem pode adivinhar o futuro? O homem põe e Deus dispõe...

Andrea suspirou.

- Mas enfim, durante todo o tempo que estiver em Paris, desde que nenhuma circunstância me obrigue a afastar daqui, esse dinheiro de que me falava há pouco me será assegurado.

- Perfeitamente!

- Por meu pai? - perguntou Andrea, com inquietação.

- Sim, mas garantido por Lorde Wilmore, que lhe abriu, a pedido do seu pai, um crédito de cinco mil francos por mês no banco do Sr. Danglars, um dos mais seguros banqueiros de Paris.

- E o meu pai tenciona ficar muito tempo em Paris? - perguntou Andrea, preocupado.

- Apenas uns dias - respondeu Monte-Cristo. - O seu serviço não lhe permite ausentar-se mais de duas ou três semanas.

- Oh, querido pai! - exclamou Andrea, visivelmente encantado com tão pronta partida.

- Por isso - disse Monte-Cristo, simulando enganar-se com o tom daquelas palavras --, por isso, não quero demorar um instante o momento de se reunirem. Está preparado para abraçar o digno Sr. Cavalcanti?

- Decerto não o põe em dúvida, espero...

- Pois bem, entre então nessa sala, meu caro amigo, e encontrará o seu pai, que o espera.

Andrea fez um rasgado cumprimento ao conde e entrou na sala.

O conde seguiu-o com a vista e, assim que o viu desaparecer, apertou uma mola correspondente a um quadro, o qual, afastando-se da moldura, deixava ver a

sala através de um interstício habilmente dissimulado.

Andrea fechou a porta atrás de si e avançou para o major, que se levantou assim que ouviu o ruído dos passos que se aproximavam.

- Ah, senhor e querido pai! - disse Andrea em voz alta e de maneira que o conde o ouvisse através da porta fechada.

- É de fato o senhor?

- Boas noites, meu querido filho - respondeu gravemente o major.

- Que felicidade tornar a vê-lo depois de tantos anos de separação! - disse Andrea, continuando a olhar para a porta.

- Com efeito, a separação foi longa...

- Não nos abraçamos, senhor? - prosseguiu Andrea.

- Como queiras, meu filho - respondeu o major.

E os dois homens abraçaram-se como os atores se abraçam no Teatro Francês, isto é, passando a cabeça por cima do ombro.

- Eis-nos pois reunidos! - exclamou Andrea.

- Sim, eis-nos reunidos - repetiu o major.

- Para nunca mais nos separarmos?

- Evidentemente. Creio, meu querido filho, que consideras agora a França uma segunda pátria...

- De fato, ficaria desesperado se tivesse de deixar Paris - perguntou o rapaz.

- E eu, compreenda, não saberia viver fora de Luca. Regressarei pois a Itália logo que possa.

- Mas antes de partir, queridíssimo pai, decerto me entregará documentos com os quais me seja fácil demonstrar a que família pertenço.

- Sem dúvida nenhuma. Vim aqui propositadamente para isso e tive tanta dificuldade em te encontrar, a fim de os entregar, que se tivéssemos de recomeçar a procurar-nos iria nisso o resto da minha vida.

- E esses documentos?

- Estão aqui.

Andrea pegou avidamente na certidão de casamento do pai e na sua certidão de batismo e depois de abrir ambos os documentos com uma ansiedade perfeitamente natural num bom filho, leu-os com uma rapidez e uma segurança que denotavam uma vista bem exercitada e o mais vivo interesse.

Quando acabou, brilhava-lhe nos olhos uma indefinível expressão de alegria. E fitando o major com um sorriso estranho:

- Que significa isto? Que não há galés na Itália? - observou em excelente toscano.

O major empertigou-se.

- Porque diz isso? - inquiriu.

- Porque conseguem forjar impunemente documentos destes. Por menos de metade, meu queridíssimo pai, na França mandavam-os a ares para Toulon por cinco anos.

- Como? - perguntou o lucano, tentando tomar um ar majestoso.

- Meu caro Sr. Cavalcanti - disse Andrea, apertando o braço do major --, quanto lhe dão para ser meu pai?

O major ia a responder, mas Andrea interrompeu-o.

- Cale-se! - disse, baixando a voz. - Vou dar-lhe o exemplo da confiança. A mim dão-me cinquenta mil francos por ano para ser seu filho; logo, deve compreender que não seria eu quem estaria disposto a negar que o senhor é meu pai.

O major olhou com inquietação à sua volta.

- Eh, esteja tranquilo, estamos sós! - disse Andrea. - Além disso, falamos em italiano.

- Bom, a mim dão-me cinquenta mil francos pagos de uma vez - declarou o lucano.

- Sr. Cavalcanti, acredita em contos de fadas? - perguntou Andrea.

- Dantes não acreditava, mas agora não tenho outro remédio.

- Isso quer dizer que teve provas?

O major tirou da algibeira das calças um punhado de ouro.

- Palpáveis, como vê...

- Pensa portanto que posso acreditar nas promessas que me fizeram?

- Acho que sim.

- E que o conde as cumprirá ?

- Ponto por ponto. Mas para isso, compreenda, temos de desempenhar o nosso papel.

- Que quer dizer?

- Eu, de terno pai ..

- E eu de filho respeitoso.

- Uma vez que eles desejam que você descenda de mim...

- Eles, quem?

- Com a breca, não sei nada a tal respeito! Eles... aqueles que lhe escreveram. Não recebeu uma carta?

- Recebi.

- Eu também.

- De quem?

- De um tal abade Busoni.

- Que não conhece?

- Que nunca vi.

- Que dizia essa carta?

- Você não me atraiçoa?...

- Deus me livre! Os nossos interesses são os mesmos.

- Então leia.

E o major passou uma carta ao rapaz.

Andrea leu em voz baixa:

“É pobre e espera-o uma velhice infeliz Quer ser, senão rico, pelo menos independente?

“Parta imediatamente para Paris e vá reclamar ao Sr. Conde de Monte-Cristo, Avenida dos Campos Elísios, nº 30, o filho que teve da marquesa de Corsinari e que lhe foi raptado aos cinco anos de idade.

“Esse filho chama-se Andrea Cavalcanti.

“Para que não duvide das intenções do signatário de lhe ser prestável, encontrara aqui Junto:

“1º Uma ordem de pagamento de duas mil e quatrocentas libras toscanas

sobre o Sr. Gozzi, de Florença;

"2º Uma carta de apresentação para o Sr. Conde de Monte-Cristo, sobre o qual lhe credito a importância de quarenta e oito mil francos.

"Esteja em casa do conde no dia 26 de Maio às sete horas da noite. - Abade Busoni."

- É isso.

- É isso o quê? Que quer dizer? - perguntou o major.

- A carta que recebi é mais ou menos idêntica.

- Sim?

- Sim.

- E também é do abade Busoni?

- Não.

- De quem é, então.

- De um inglês, um tal Lorde Wilmore, que usa o nome de Simbad, o Marinheiro.

- E que você conhece tão bem como eu conheço o abade Busoni?

- Evidentemente. Mas eu estou mais adiantado do que você.

- Viu-o?

- Sim, uma vez.

- Onde?

- Ah, precisamente isso é que lhe não posso dizer! Ficaria a saber tanto como eu, o que é inútil.

- E essa carta dizia-lhe?...

- Leia.

"É pobre e tem um futuro miserável. Quer ter um nome, ser livre e ser rico?"

- Com a breca, como se semelhante pergunta se fizesse! - exclamou o rapaz, balouçando-se nos calcanhares.

"Tome a sege de posta, que encontrará pronta saindo de Nice pela porta de Gênova. Passe por Turhn, Chambély e Pont-de-Beauvoisin. Apresente-se em casa do Sr. Conde de Monte-Cristo, Avenida dos Campos Elisios, no dia 26 de Maio, às sete horas da noite, e pergunte-lhe pelo seu pai.

"O senhor é filho do marquês Bartolomeo Cavalcanti e da marquesa Oliva Corsinari, como certificarão os documentos que lhe serão entregues pelo marquês e que lhe permitirão apresentar-se sob esse nome na sociedade parisiense.

"Quanto à sua categoria social, um rendimento de cinquenta mil libras por ano lhe permitirá mantê-la.

"Junto uma ordem de pagamento de cinco mil libras sobre o Sr. M. Ferrea, banqueiro em Nice, e uma carta de apresentação para o Conde de Monte-Cristo, encarregado por mim de prover às suas necessidades. - Simbad, o Marinheiro."

- Hum!... - resmungou o major. - É demasiado bom...

- Então não é?

- Viu o conde?

- Acabo de deixá-lo.

- E ele confirmou?

- Tudo.

- Compreende alguma coisa disso?

- Palavra que não.

- Anda aí um lorpa no meio de tudo isso...
- Em todo o caso, não e você nem eu, não é verdade?
- Não, claro.
- Sendo assim...
- Pouco nos importa, não é verdade?
- Era precisamente o que queria dizer. Vamos até ao fim e joguemos pelo seguro.
- Seja. Verá que sou digno de ser seu parceiro.
- Nunca duvidei um só instante, meu querido pai.
- Lisonjeia-me, meu querido filho.

Monte-Cristo escolheu este momento para entrar na sala. Ao ouvirem o ruído dos seus passos, os dois homens lançaram-se nos braços um do outro. O conde encontrou-os abraçados.

- Então, Sr. Marquês - disse Monte-Cristo --, parece que encontrou um filho de acordo com o seu coração
- Ah, Sr. Conde, sufoco de alegria!
- E o senhor, meu rapaz?
-Ah, Sr. Conde, sufoco de felicidade!
- Feliz pai! Feliz filho! - sentenciou o conde.
- Só uma coisa me entristece - disse o major - a necessidade que tenho de deixar Paris com urgência.
- Mas, meu caro Sr. Cavalcanti - atalhou Monte-Cristo --, espero que não parta sem que o tenha apresentado a uns amigos...
- Estou às suas ordens, Sr. Conde - respondeu o major.
- E agora, meu rapaz, confesse-se.
- A quem?
- Mas ao senhor seu pai! Diga-lhe alguma coisa acerca do estado das suas finanças.
- Demônio, tocou-me na corda sensível! - exclamou Andrea.
- Ouviu, major? - perguntou Monte-Cristo.
- Claro que ouvi.
- Pois sim, mas compreendeu?
- Maravilhosamente.
- Diz que precisa de dinheiro, o querido pequeno.
- E que quer que lhe faça?
- Que lhe dê, ora essa!
- Eu?
- O senhor, sim.

Monte-Cristo passou entre os dois homens.

- Tome - disse a Andrea, metendo-lhe um maço de notas na mão.
- Que é isto?
- A resposta do seu pai.
- Do meu pai?
- Sim. Não acaba de lhe dizer que precisava de dinheiro?
- Acabo, sim, e depois?
- E depois ele encarregou-me de lhe entregar isso.
- Por conta dos meus rendimentos?

- Não, para as suas despesas de instalação.

- Oh, querido pai!

- Silêncio! - ordenou Monte-Cristo. - Bem vê que não quer que se saiba que foi ele quem lhe deu o dinheiro.

- Aprecio a delicadeza - disse Andrea, metendo as notas na algibeira das calças.

- Pronto - disse Monte-Cristo --, agora retirem-se.

- E quando teremos a honra de tornar a ve-lo Sr. Conde? - perguntou Cavalcanti.

- Ah, sim, quando teremos essa honra? - perguntou também Andrea.

- No sábado, se quiserem... sim, no sábado... Tenho a jantar na minha casa de Auteuil, na Rua de la Fontaine, nº 28, várias pessoas, e entre elas o Sr. Danglars, vosso banqueiro. Os apresentarei ao barão, pois é necessário que ele conheça ambos para vos entregar o vosso dinheiro.

- Grande uniforme? - perguntou a meia voz o major.

- Grande uniforme. Uniforme, condecorações e calção.

- E eu? - perguntou Andrea.

- Oh, o senhor o mais simples possível! Calça preta, botas de verniz, colete branco, casaca preta ou azul, gravata comprida. Escolha Blin ou Véronique para se vestir. Se não sabe o seu endereço, Baptistin o dará. Quanto menos afetar pretensão no seu traje, sendo rico como é, melhor efeito causará. Se comprar cavalos, adquira-os no Devedeux. E se comprar faeton, compre-o no Baptiste.

- A que horas devemos aparecer? - perguntou o rapaz.

- Por volta das seis e meia.

- Muito bem, assim faremos - declarou o major, levando a mão ao chapéu. Os dois Cavalcanti cumprimentaram o conde e saíram. O conde aproximou-se da janela e viu-os atravessar o pátio de braço dado.

- Estão ali, na verdade, dois grandes miseráveis. - disse para consigo. - Que pena não serem realmente pai e filho!

E após um instante de sombria reflexão:

- Vamos a casa dos Morrels - disse. - Creio que o nojo me nauseia ainda mais do que o ódio.

Capítulo LVII

O campo de Luzerna

Os nossos leitores devem nos permitir reconduzi-los a este campo, que confina com a casa do Sr. de Villefort e onde, atrás do portão invadido por ramos de castanheiros, reencontraremos personagens já nossas conhecidas.

Desta vez, Maximilien foi o primeiro a chegar. É ele quem, de olho colado ao tapume, espreita para o jardim impenetrável, à espera de ver aparecer uma sombra entre as árvores e de ouvir o rangido de umas botinas de seda no saibro das alamedas.

Por fim, o rangido tão desejado soou, mas em vez de uma sombra foram

duas sombras as que se aproximaram. A demora de Valentine fora ocasionada por uma visita da Sra Danglars e de Eugênie, visita que se prolongara para além da hora em que Valentine era esperada. Então, para não faltar ao encontro, a jovem propusera a Mademoiselle Danglars um passeio no jardim, a fim de mostrar a Maximilien que não era culpada do atraso que sem dúvida o fazia sofrer.

O rapaz compreendeu tudo com a rapidez de intuição peculiar aos apaixonados e o seu coração descontraiu-se. Aliás, sem lhe chegar ao alcance da voz, Valentine dirigiu o passeio de maneira que Maximilien a pudesse ver passar e repassar, e de cada vez que passava e repassava deitava para o outro lado do portão, sem que a sua companheira o notasse, um olhar que o rapaz recebia e em que lhe dizia: “Tenha paciência, meu amigo, mas bem vê que a culpa não é minha.”

E Maximilien aceitava efetivamente o caso com paciência, ao mesmo tempo que admirava o contraste entre as duas jovens: entre a loura de olhos languidos e busto inclinado como um belo salgueiro e a morena de olhos orgulhosos e busto direito como um álamo. Depois, da comparação entre duas naturezas tão opostas toda a vantagem ia para Valentine, pelo menos no coração do rapaz..

Ao cabo de meia hora de passeio as duas jovens afastaram-se e Maximilien compreendeu que chegara o final da visita da Sra Danglars.

Com efeito, pouco depois Valentine reapareceu sozinha. Com receio de que algum olhar indiscreto a seguisse no regresso, caminhava devagar e, em vez de se dirigir diretamente para o portilo, foi sentar-se num banco, depois de disfarçadamente observar cada tufo de folhagem e de mergulhar a vista no fundo de todas as alamedas. Tomadas estas precauções, correu para o portão.

- Boa tarde, Valentine - disse uma vez.

- Boa tarde, Maximilien. O fiz esperar, mas não viu a causa?

- Vi. Reconheci Mademoiselle Danglars. Não a julgava tão íntima dessa moça.

- E quem lhe disse que éramos íntimas, Maximilien?

- Ninguém. Mas pareceu-me que isso saltava à vista, dada a forma como davam o braço uma à outra e conversavam. Diria-se duas amigas de colégio trocando confidências.

- E trocavamos efetivamente confidências - reconheceu Valentine. - Ela confessava-me a sua repugnância por um casamento com o Sr. de Morcerf e eu, pela minha parte, confessava-lhe que considerava uma infelicidade casar com o Sr. de Epinay.

- Querida Valentine!

- Aqui tem, meu amigo - continuou a jovem --, porque motivo notou essa aparência de abandono entre mim e Eugênie. É que enquanto falava do homem que não posso amar pensava no homem que amo.

- Como é boa em tudo, Valentine, e possui uma coisa que Mademoiselle Danglars nunca terá: o encanto indefinido que está para a mulher como o perfume está para a flor e o sabor para o fruto. Porque não basta uma flor ser bela, nem um fruto ser agrável à vista.

- É o seu amor que o leva a ver as coisas assim, Maximilien.

- Não, Valentine, juro-lhe. Olhe, observava ambas há pouco e dou-lhe a minha palavra de honra de que, embora prestando justiça à beleza de

Mademoiselle Danglars, não compreendia que um homem se apaixonasse por ela.

- Porque, como dizia, Maximilien, eu estava aqui e a minha presença tornava-o injusto.

- Não... mas diga-me... uma questão de mera curiosidade resultante de certas idéias que tenho a respeito de Mademoiselle Danglars...

- Oh, e decerto muito injustas, mesmo sem eu saber quais! Quando os homens nos julgam. nós, pobres mulheres, não devemos esperar indulgência.

- Como se, entre elas, as mulheres fossem justas umas para com as outras!

- Porque quase sempre há paixão nos nossos julgamentos. Mas voltemos à sua pergunta.

- É por amar alguém que Mademoiselle Danglars receia o seu casamento com o Sr. de Morcerf?

- Maximilien, já lhe disse que não era amiga de Eugênie.

- Mas, meu Deus, mesmo sem serem amigas as moças fazem confidências umas às outras! Admita que lhe fez algumas perguntas a tal respeito... Ah, já a vejo sorrir!...

- Sendo assim, Maximilien, não serve de nada haver este tapume entre nós...

- Vejamos, que lhe disse ela?

- Disse-me que não amava ninguém - respondeu Valentine. - Que tinha horror ao casamento; que a sua maior alegria seria levar uma vida livre e independente, e que quase desejaria que o pai perdesse a fortuna para se tornar artista como a sua amiga Mademoiselle Louise d'Armilly.

- Está vendo?...

- E então, que prova isso? - perguntou Valentine.

- Nada - respondeu Maximilien sorrindo.

- Nesse caso, porque sorri também agora? - quis saber Valentine.

- Pronto, desta vez também a apanhei a espreitar, Valentine! - exclamou Maximilien.

- Quer que me vá embora?

- Oh, não, não! Mas voltemos a nós.

- Sim, é melhor, porque não podemos estar juntos mais de dez minutos.

- Meu Deus! - exclamou Maximilien, consternado.

- Tem razão, Maximilien - admitiu Valentine, com melancolia. - Tem em mim uma pobre amiga, Maximilien. Que existência o faço passar, pobre amigo, tão bem talhado para ser feliz! Censuro-me por isso amargamente, acredite.

- Não se preocupe, Valentine. Sinto-me feliz assim e julgo-me recompensado desta espera eterna por vê-la durante cinco minutos, por ouvir duas palavras da sua boca e por esta convicção profunda, eterna, de que Deus não criou dois corações tão em harmonia como os nossos, e sobretudo não os reuniu quase milagrosamente, para os separar.

- Obrigada, Maximilien. Tenha esperança pelos dois; isso já me torna meio feliz.

- Que mais lhe aconteceu, Valentine, para que me deixe tão depressa?

- Não sei. A Sra de Villefort mandou-me pedir que fosse aos seus aposentos para ouvir uma comunicação da qual depende, segundo ela, parte da minha fortuna. Meu Deus, que fiquem com ela, com a minha fortuna! Sou

demasiado rica. E que depois de se apoderarem dela me deixem tranquila e livre. Também me amaria se fosse pobre, não é verdade, Maximilien?

- Oh, eu a amarei sempre! Que me importaria riqueza ou pobreza se a minha Valentine estivesse junto de mim e tivesse a certeza de que ninguém a roubaria? Mas essa comunicação, Valentine, não receia que seja alguma notícia relacionada com o seu casamento?

- Não creio.

- No entanto, ouça-me, Valentine, e não se assuste, pois enquanto viver não serei de outra.

- Julga tranquilizar-me dizendo-me isso, Maximilien?

- Desculpe! Tem razão, sou um bruto. Mas o que lhe queria dizer era que há dias encontrei o Sr. de Morcerf.

- E depois?

- O Sr. Franz é seu amigo, como a Valentine sabe.

- Pois sei. E depois?

- E depois?... Ele recebeu uma carta de Franz em que lhe anuncia o seu próximo regresso.

Valentine empalideceu e apoiou a mão no portão.

- Ah, meu Deus, se fosse isso!... - murmurou. - Mas não, a comunicação não viria da Sra de Villefort.

- Porquê?

- Porque... não sei porquê... mas parece-me que a Sra de Villefort, embora se lhe não oponha francamente, não vê com bons olhos o casamento.

- Nesse caso, Valentine, parece-me que vou adorar a Sra de Villefort!

- Oh, não tenha pressa, Maximilien! - perguntou Valentine, com um sorriso triste.

- Bom, se o casamento lhe é antipático, não daria ouvidos a qualquer outra proposta, quanto mais não fosse para o romper?

- Não tenha ilusões a esse respeito, Maximilien. Não são os maridos que ela detesta, é o casamento.

- Como? O casamento! Se detesta assim tanto o casamento, por que motivo se casou?

- Não está me compreendendo, Maximilien. Quando há um ano falei em retirar-me para um convento, ela, apesar das observações que achou dever fazer, aceitou a minha sugestão com alegria. O meu próprio pai concordou, instigado por ela, estou certa. Só o meu pobre avô me reteve. Não pode imaginar, Maximilien, quanta expressão há nos olhos do pobre velho, que só a mim ama no mundo e que, Deus me perdoe se é uma blasfêmia, só por mim é amado no mundo. Se soubesse como me olhou quando soube a minha resolução, o que havia de censuras naquele olhar e de desespero nas lágrimas que lhe corriam, sem queixumes, sem suspiros, ao longo das faces imóveis! Ah, Maximilien, experimentei qualquer coisa como um remorso! Lancei-me a seus pés gritando: “Perdão! Perdão, avô! Farão de mim o que quiserem, mas nunca o deixarei.” Então, ergueu os olhos ao céu. Maximilien, poderei sofrer muito, mas aquele olhar do meu velho avô recompensou-me antecipadamente do que sofrerei.

- Querida Valentine! É um anjo e não sei realmente como mereci, espadeirando beduínos a torto e a direito, a menos que Deus os tenha

considerado infiéis, não sei, repito, como mereci que se interessasse por mim. Mas enfim, vejamos, Valentine, que interesse tem a Sra de Villefort em que não se case?

- Não me ouviu dizer há pouco que era rica, Maximilien, demasiado rica? Da parte da minha mãe lenho perto de cinquenta mil libras de rendimento; o meu avô e a minha avó, o marquês e a marquesa de Saint-Méran, devem deixar-me outro tanto, e o Sr. Noirtier tem visivelmente a intenção de me tornar a sua única herdeira. De tudo isto resulta portanto que, comparado comigo, o meu irmão Edouard, que não espera do
lado da Sra de Villefort nenhuma fortuna, é pobre. Ora, a Sra de Villefort adora essa criança, e se eu entrasse para o convento toda a minha fortuna, concentrada em meu pai, que herdaria do marquês, da marquesa e de mim, reverteria a favor do filho.

- Oh, como é estranha essa cupidez numa jovem e bela mulher!

- Note que não se trata dela, Maximilien, mas sim do filho, e que o que lhe censura como um defeito é quase uma virtude do ponto de vista do amor materno.

- Mas vejamos, Valentine, e se cedesse parte dessa fortuna a esse filho? - sugeriu Morrel.

- E como fazer semelhante proposta, sobretudo a uma mulher que não se cansa de salientar à boca cheia o seu desinteresse? - perguntou Valentine.

- Valentine, o meu amor sempre foi para mim uma coisa sagrada, e como toda a coisa sagrada cobri-o com o véu do meu respeito e encerrei-o no meu coração. Ninguém no mundo, nem mesmo a minha irmã, suspeita da existência deste amor, que não confiei a quem quer que seja. Valentine, permite-me que fale deste amor a um amigo?

Valentine estremeceu.

- A um amigo?... - repetiu. - Oh, meu Deus, Maximilien, tremo só de o ouvir falar assim! A um amigo?... E quem é esse amigo?

- Escute, Valentine: nunca sentiu por ninguém uma dessas simpatias irresistíveis que fazem com que, embora vendo essa pessoa pela primeira vez, julgue conhecê-la há muito tempo, a ponto de perguntar a si própria onde e quando a viu, de forma que, na impossibilidade de se recordar, quer do lugar quer do tempo, acabe por se convencer ter sido num mundo anterior ao nosso e que tal simpatia não passa de uma recordação que desperta?

- Já.

- Pois aí tem o que senti a primeira vez que vi aquele homem extraordinário.

- Um homem extraordinário?...

- Sim.

- Que conhece há muito tempo?

- Apenas há oito ou dez dias.

- E chama seu amigo a um homem que conhece há oito ou dez dias? Oh, Maximilien, julgava-o mais ávaro do belo nome de amigo!

- Logicamente tem razão, Valentine. Mas diga o que disser, nada me fará mudar de opinião acerca deste sentimento instintivo. Creio que esse homem estará envolvido em tudo o que me acontecer de bom no futuro, futuro que às vezes o seu olhar profundo parece conhecer e a sua mão poderosa dirigir.

- Trata-se portanto de um adivinho? - perguntou, sorrindo, Valentine.

- Palavra que muitas vezes me sinto tentado a crer que adivinha... o bem, sobretudo - respondeu Maximilien.

- Oh, apresente-me esse homem, Maximilien! - pediu Valentine, tristemente. - Quero que me diga se serei amada o suficiente para me sentir recompensada de tudo o que tenho sofrido.

- Pobre amiga! Mas a Valentine conhece-o!

- Eu?

- Sim. É aquele que salvou a vida à sua madrasta e ao filho.

- O conde de Monte-Cristo?

- O próprio.

- Oh, esse nunca poderá ser meu amigo, pois é - o demasiado da minha madrasta! - exclamou Valentine.

- O conde, amigo da sua madrasta, Valentine? O meu instinto não se enganaria a esse ponto. Estou certo de que está enganada.

- Oh, se soubesse, Maximilien! Já não é Edouard quem reina em casa, é o conde. Solicitado pela Sra de Villefort, que vê nele o repositório dos conhecimentos humanos; admirado, ouça bem, admirado pelo meu pai, que diz nunca ter ouvido formular com mais eloquência idéias mais elevadas; idolatrado por Edouard, que, apesar do seu medo dos grandes olhos negros do conde, corre para ele assim que o vê chegar e lhe abre a mão, onde encontra sempre qualquer brinquedo admirável, o Sr. de Monte-Cristo não está aqui em casa do meu pai, o Sr. de Monte-Cristo não está aqui em casa da Sra de Villefort, o Sr. de Monte-Cristo está aqui em sua casa.

- Nesse caso, querida Valentine, se as coisas são assim como diz, deve já sentir, ou em breve sentirá, os efeitos da sua presença. Encontra Albert de Morcerf na Itália e arranca-o das mãos dos bandidos; conhece a Sra Danglars e oferece-lhe um presente real; a sua madrasta e o seu irmão passam-lhe diante da porta e o seu núbio salva-lhes a vida. Trata-se de um homem que recebeu, evidentemente, o poder de influir nas coisas.

Nunca vi gostos mais simples aliados a tão grande magnificência. O seu sorriso é tão afetuoso quando me dirige que esqueço que os outros acham o seu sorriso amargo. Diga-me, Valentine, ele já lhe sorriu assim? Se sorriu, será feliz.

- A mim? - perguntou a jovem. - Meu Deus, Maximilien, nem se quer me olha! Ou antes, se passo por acaso, desvia a vista de mim. Ou não é generoso, ou não possui esse olhar profundo que lê no fundo dos corações, como o Maximilien supõe erradamente. Porque se fosse generoso, vendo-me sozinha e triste nesta
casa, me protegeria com a influência que exerce. Se, como o Maximilien pretende, desempenha o papel de Sol, me aqueceria o coração com um dos seus raios. Diz que gosta de si, Maximilien... Meu Deus, que sabe o senhor a tal respeito? Os homens mostram bom rosto a um oficial de cinco pés e seis polegadas de altura, como o senhor, e ainda por cima possuidor de um grande bigode e de um comprido sabre, mas julgam poder
esmagar sem receio uma pobre moça que chora.

- Oh, Valentine, está enganada, juro-lhe!

- Vejamos, Maximilien, se não fosse assim, isto é, se ele me tratasse diplomaticamente, como homem que, de uma maneira ou de outra, se quer introduzir na casa, me honraria, nem que fosse uma só vez, com esse sorriso que

tanto me elogia. Mas não, viu-me infeliz, sabe que não lhe posso ser útil para nada, e nem sequer me presta atenção. Quem sabe até se, para fazer a corte ao meu pai, à Sra de Villefort ou ao meu irmão, me não perseguir também assim que o possa fazer? Francamente; não sou mulher que se despreze assim, sem motivo; o senhor mesmo mo disse... Oh, perdoe-me! - continuou a jovem, ao ver a impressão que as suas palavras causavam a Maximilien. - Sou má e estou para aqui a lhe dizer acerca desse homem coisas que nem sequer sabia ter no coração. Olhe, não nego que essa influência de que fala existe e que ele a exerce também sobre mim; mas exerce-a de uma maneira nociva e corruptora de bons pensamentos, como vê.

- Está bem, Valentine, não falemos mais disso - perguntou Morrel, suspirando. - Não lhe direi nada.

- Que infelicidade a minha, meu amigo, aflijo-o, bem vejo! - exclamou Valentine. - Oh, não poderá apertar-lhe a mão e pedir-lhe perdão! Mas enfim, não pretendo mais do que ser convencida... Diga-me, que fez por você esse conde de Monte-Cristo?

- Embaraça-me muito, confesso-lhe, Valentine, perguntando-me o que fez o conde por mim. Ostensivamente, nada, bem sei. Por isso, como já lhe disse, a minha atenção por ele é absolutamente instintiva e não tem nada de racional. O Sol fez-me porventura alguma coisa? Não. Apenas me aquece e é à
sua luz que a vejo, Valentine. Tal ou tal perfume fez alguma coisa por mim? Não. Mas o seu aroma impressiona agradavelmente um dos meus sentidos. Não posso responder mais nada quando me perguntam porque elogio esse perfume. A minha amizade por ele é tão estranha como a sua por mim. Uma voz íntima diz-me que há mais do que acaso nesta amizade imprevista e recíproca. Encontro correlação até nas suas mais simples ações, até nos seus mais secretos pensamentos, com as minhas ações e os meus pensamentos. Vai rir novamente de mim, Valentine, mas desde que conheço esse homem meteu-se na minha cabeça a idéia absurda de que tudo o que me acontece provem dele. No entanto, vivi trinta anos sem necessitar de semelhante protetor, não é verdade! Não importa. Olhe, por exemplo: convidou-me para jantar, no sábado, o que é natural no ponto em que as nossas relações se encontram, não acha? Imagina o que soube depois? O seu pai está convidado para esse jantar e a sua madrasta também. Me encontrarei lá com eles e quem sabe o que resultará no futuro desse encontro? Aparentemente, trata-se de tudo quanto há de mais simples; contudo, vejo nisso algo que me espanta, mas em que deposito uma confiança estranha. Digo para comigo que o conde, esse homem singular que adivinha tudo, quis que me encontrasse com o Sr. e a Sra de Villefort, e às vezes procuro, juro-lhe, ler nos seus olhos se ele adivinhou o meu amor.

- Meu bom amigo - disse Valentine -, o tomaria por um visionário e recearia sinceramente pelo seu bom senso se apenas lhe ouvisse semelhantes raciocínios. O quê, vê outra coisa a não ser o acaso nesse encontro?! Vamos, reflita. Meu pai, que nunca sai, esteve quase por dez vezes recusando esse convite à Sra de Villefort, a qual, pelo contrário. Está ansiosa por ver a casa desse nababo extraordinário e dificilmente conseguiu que ele a acompanhasse. Não, não, acredite que não tenho, excetuando o senhor, Maximilien,
outro auxílio a esperar neste mundo a não ser o do meu avô, um cadáver, nem

outro apoio a procurar que não seja na minha pobre mãe, um fantasma!

- Sinto que tem razão, Valentine, e que a lógica está do seu lado - respondeu Maximilien. - Mas a sua meiga voz, que tanto poder tem sempre sobre mim, hoje não me convence.

- Nem a sua - perguntou Valentine. - E confesso que se não tem outro exemplo para me dar...

- Tenho mais um - respondeu Maximilien, hesitante. - Mas na verdade, Valentine, sou forçado a confessar eu próprio que é ainda mais absurdo do que o primeiro.

- Paciência! - exclamou Valentine, sorrindo.

- E no entanto - continuou Morrel - ele nem por isso é menos concludente para mim, homem todo de inspiração e sentimento, e que tenho algumas vezes, desde que há dez anos sou militar, devido a vida a um desses impulsos íntimos que nos ditam um movimento de avanço ou recuo para que a bala que nos devia matar passe a nosso lado.

- Querido Maximilien, porque não atribuir às minhas preces esse desvio das balas? Quando está ausente, não é por mim nem por minha mãe que peço a Deus, é por si.

- Sim, desde que a conheço - respondeu Morrel, sorrindo. - Mas antes de conhece-la, Valentine?

- Bom, já que me não quer dever nada, vejamos esse exemplo que o senhor mesmo confessa ser absurdo...

- Pois sim. Espreite pelas tábuas e veja ali adiante, naquela árvore, o cavalo novo em que vim.

- Oh, que lindo animal! - exclamou Valentine. - Porque não o trouxe para junto do portão? Lhe falaria e ele me ouviria .

- É efetivamente, como vê, um animal bastante valioso - disse Maximilien. - Ora, como sabe, Valentine, a minha fortuna é pequena e eu sou o que se chama um homem sensato. Pois bem, vi num alquilador aquele magnífico Médeah, como lhe chamo, e perguntei quanto custava. Responderam-me que custava quatro mil e quinhentos francos. Como compreende, tive de me abster de achá-lo bonito durante mais tempo e saí, confesso, bastante impressionado, porque o cavalo me olhara meigamente, acariciara-me com a cabeça e caracolara debaixo de mim da forma mais altaneira e encantadora que se possa imaginar. Naquela mesma noite recebia alguns amigos em casa: o Sr. de Château-Renaud, o Sr. Debray e mais cinco ou seis patuscos
que a Valentine tem a felicidade de não conhecer, mesmo de nome. Alguém propôs uma bouillotte. Nunca jogo, pois não sou suficientemente rico para poder perder, nem bastante pobre para desejar ganhar. Mas estava em minha casa, compreende, e não tinha outra coisa a fazer senão mandar buscar cartas, e foi o que fiz.

“Quando nos sentávamos à mesa chegou o Sr. de Monte-Cristo. Tomou o seu lugar, jogamos e ganhei. Quase me não atrevo a dizer-lhe isto, Valentine: ganhei... cinco mil francos. Nos separamos à meia-noite. Incapaz de me conter, meti-me num cabriolé e fiz-me conduzir a casa do meu alquilador. Palpitante, febril, toquei. Quem veio abrir deve ter-me tomado por um louco. Corri para o outro lado da porta mal abriram.

Entrei na cavalariça e olhei para as manjedouras. Que sorte! Médeah tasquinhava o seu feno. Corri para uma sela, coloquei-lha eu próprio, pus-lhe o freio e Medeah prestou-se com a melhor boa vontade do mundo a esta operação! Depois, depositei os quatro mil e quinhentos francos nas mãos do alquilador estupefato, saí e passei a noite a passear nos Campos Elísios. Vi luz na janela do conde e pareceu-me distinguir a sua sombra atrás das cortinas. Agora, Valentine, juraria que o conde soube que eu desejava o cavalo e perdeu de
propósito para eu ganhar.

- Meu querido Maximilien, é na verdade, demasiado imaginativo - perguntou Valentine. - Não me amará muito tempo... Um homem que compõe assim poesia seria incapaz de estiolar sem motivo numa paixão monótona como a nossa... Mas, valha-me Deus, estão me chamando... não ouve?!

- Valentine - pediu Maximilien através do buraco do tapume --, dê-me o seu dedo mendinho para que o beije...

- Maximilien, tínhamos prometido que seríamos um para o outro duas vozes, duas sombras!

- Como queira, Valentine.

- Ficaria feliz se fizesse o que deseja?

- Oh, sim!

Valentine subiu para um banco e passou, não o dedo mendinho pela abertura, mas sim a mão toda por cima do tapume.

Maximilien soltou um grito e, subindo por seu turno para o marco, pegou naquela mão adorada e aplicou-lhe os lábios ardentes. Mas a mãozinha fugiu-lhe imediatamente por entre as suas e o rapaz ouviu correr Valentine, talvez assustada com a sensação que acabava de experimentar.

Capítulo LVIII

O Sr. Noirtier de Villefort

Eis o que se passara em casa do procurador régio depois da saída da Sra Danglars e da filha e durante o diálogo que acabamos de relatar.

O Sr. de Villefort entrara nos aposentos do pai, acompanhado da Sra de Villefort. Quanto a Valentine, já sabemos onde estava. Depois de cumprimentarem o velho e mandarem sair Barrois, criado que estava há mais de vinte e cinco anos ao serviço do inválido, sentaram-se ambos a seu lado.

O Sr. Noirtier, sentado na sua grande cadeira de rodas, onde o colocavam de manhã e donde o tiravam à noite, e diante de um espelho que refletia todo o aposento e lhe permitia ver, sem mesmo tentar um movimento, que aliás lhe seria impossível, quem entrava no seu quarto e quem saía e o que se passava à
sua volta, o Sr. Noirtier, dizíamos, imóvel como um cadáver, observava com olhos inteligentes e vivos os filhos, cuja cerimoniosa reverência lhe anunciava qualquer diligência oficial inesperada.

A vista e o ouvido eram os dois únicos sentidos que ainda animavam, como duas centelhas, aquela matéria humana já três quartas partes preparada para o túmulo. No entanto, desses dois sentidos só um podia revelar exteriormente a vida

interior que animava a estátua. E o olhar que denunciava essa vida interior parecia uma dessas luzes distantes que durante a noite indicam ao viajante perdido no deserto que ainda existe um ser que vela no silêncio e na escuridão.

Por isso, nos olhos negros do velho Noirtier, encimados por sobrancelhas também negras, enquanto toda a cabeleira, que usava comprida e caída sobre os ombros, era branca, nesses olhos, como acontece com qualquer ôrgão do homem que funciona à custa doutros órgãos, tinham-se concentrado toda a atividade, toda a sagacidade, toda a energia, toda a inteligência, distribuídas outrora por aquele corpo e por aquele espírito. Claro que faltavam o gesto do braço, o som da voz, a atitude do corpo; mas aquele olhar poderoso supria tudo. Mandava com os olhos; agradecia com os olhos; era um cadáver com olhos vivos, e nada era por vezes mais aterrador do que aquele rosto de mármore no alto do qual brilhava uma cólera ou uma alegria. Apenas três pessoas compreendiam aquela linguagem do pobre paralítico: Villefort, Valentine e o velho
criado de quem já falamos. Mas como Villefort só raramente via o pai, e por assim dizer quando não podia deixar de ser, e como quando o via não procurava agradar-lhe compreendendo-o, toda a felicidade do velho assentava na neta, e Valentine conseguira, a poder de dedicação, amor e paciência, compreender com o olhar todos os pensamentos de Noirtier. Àquela linguagem muda ou ininteligível para qualquer outra pessoa respondia ela com toda a sua voz, toda a sua fisionomia, toda a sua alma, de tal forma que se estabeleciam
diálogos animados entre a jovem e aquela pretensa argila, em breve transformada em pó, mas que entretanto era ainda um homem de um saber imenso, de uma penetração inaudita e de uma vontade tão forte quanto o pode ser a alma encerrada numa matéria pela qual perdeu o poder de se fazer obedecer.

Valentine resolvera portanto o estranho problema de compreender o pensamento do velho e de fazer-lhe compreender o dela; e, graças a esse estudo, era muito raro que no tocante às coisas correntes da vida ela não interpretasse com exatidão o desejo daquela alma viva ou a necessidade daquele cadáver semi-insensível.

Quanto ao criado, como, tal como dissemos, havia vinte e cinco anos que servia o amo, conhecia tão bem todos os seus hábitos que era raro Noirtier necessitar de lhe pedir qualquer coisa.

Villefort não precisava, porém, da ajuda nem de um nem de outro para entabular com o pai a singular conversa que vinha provocar. Ele próprio, como dissemos, conhecia perfeitamente o vocabulário do velho, e se o não utilizava com mais frequência era por comodismo e indiferença. Deixou portanto Valentine descer ao jardim, mandou Barrois embora e, depois de se sentar à direita do pai, enquanto a Sra de Villefort se sentava à esquerda, começou:

- Senhor, não se admire de Valentine não ter subido conosco e de ter afastado Barrois, porque a conferência que vamos ter é daquelas que se não podem efetuar diante de uma jovem ou de um criado. A Sra de Villefort e eu temos uma comunicação a fazer-lhe.

O rosto de Noirtier permaneceu impassível durante este preambulo, ao passo que, pelo contrário, o olhar de Villefort parecia querer penetrar até ao âmago do coração do velho.

- A Sra de Villefort e eu - prosseguiu o procurador régio no seu tom gelado

e que parecia nunca admitir contestação - estamos certos de que esta comunicação lhe agradará.

O olhar do velho continuou a permanecer inexpressivo. Limitava-se a escutar.

- Senhor - prosseguiu Villefort --, vamos casar Valentine. Uma figura de cera não teria ficado mais fria ao ouvir esta notícia do que ficou o semblante do velho.

- O casamento se realizará- dentro de três meses - acrescentou Villefort. O olhar do velho continuou inanimado.

A Sra de Villefort tomou por sua vez a palavra e apressou-se a acrescentar:

- Pensamos que esta notícia lhe interessasse, senhor, tanto mais que Valentine sempre pareceu merecer a sua afeição. Só nos resta portanto dizer-lhe o nome do rapaz que lhe está destinado. Trata-se de um dos mais respeitáveis partidos a que Valentine poderia aspirar: é rico, possui um belo nome...enfim, aquele que lhe destinamos dá garantias perfeitas de felicidade, tanto pelo seu comportamento como pelos seus gostos. Aliás, o seu nome não lhe deve ser desconhecido. Trata-se do Sr. Franz de Quesnel, barão de Epinay.

Enquanto a mulher fazia o seu discursozinho, Villefort cravava no velho um olhar mais atento do que nunca. Quando a Sra de Villefort pronunciou o nome de Franz, os olhos de Noirtier, que o filho conhecia tão bem, tremeram e as pálpebras, dilatando-se como o fariam lábios para deixar passar palavras, deixaram passar um relâmpago.

O procurador régio, que conhecia as antigas relações de inimizade pública existentes entre o pai e o pai de Franz, compreendeu aquele estremecimento e aquela agitação; fez porém de conta que não dera por nada e disse, retomando a palavra onde a mulher a deixara:

- Senhor, é importante, como bem compreende, que Valentine se case finalmente, pois está quase a fazer dezenove anos. No entanto, não nos temos esquecido do senhor nas conferências e asseguramo-nos antecipadamente de que o marido de Valentine aceitará, senão viver junto de nós, que talvez incomodássemos um jovem casal, pelo menos que o senhor, a quem Valentine ama especialmente e à qual o senhor parece retribuir essa afeição, viva junto deles, de forma a não ter de alterar nenhum dos seus hábitos e ficar apenas com dois filhos em vez de um para olhar por si.

O brilho do olhar de Noirtier tornou-se cruel.

Sem dúvida nenhuma passava-se algo horrível na alma do velho; sem dúvida nenhuma subia-lhe à garganta um grito de dor e de cólera que, na impossibilidade de explodir, o sufocava, pois o seu rosto purpureou-se e os seus lábios tornaram-se azuis.

Villefort abriu tranquilamente uma janela e comentou:

- Está muito calor aqui e este calor faz mal ao Sr. Noirtier.

Depois voltou a aproximar-se do pai, mas não se sentou.

- O casamento - acrescentou a Sra de Villefort - é muito do agrado do Sr. de Epinay e da sua família. Aliás, a sua família compõe-se apenas de um tio e uma tia. Como a mãe morreu ao dar à luz e o pai foi assassinado em 1815, isto é, quando o filho contava apenas dois anos, ele não tem de dar conta dos seus atos a ninguém.

- Assassínio misterioso - salientou Villefort - e cujos autores ficaram no anonimato, embora a suspeita tenha pairado, sem se abater, sobre a cabeça de muita gente...

Noirtier fez tal esforço que os seus lábios se contraíram como que para sorrir.

- Ora - continuou Villefort --, os verdadeiros culpados, aqueles que sabem que cometeram o crime, aqueles sobre os quais pode descer a justiça dos homens durante a sua vida e a justiça de Deus depois da sua morte, seriam muito felizes se estivessem no nosso lugar e tivessem uma filha para oferecer ao Sr. Franz de Epinay, a fim de apagarem até a mais pequena aparência de suspeita.

Noirtier acalmara-se graças a uma energia que se não esperaria encontrar naquele organismo depauperado.

- Sim, compreendo - respondeu com o olhar a Villefort, e esse olhar exprimia simultaneamente a cólera inteligente e o desdém profundo. Pela sua parte, Villefort respondeu àquele olhar, no qual lera o que continha, com um leve encolher de ombros. Depois, fez sinal à mulher para se levantar.

- Os meus cumprimentos, senhor - disse a Sra de Villefort. - Gostaria que Edouard lhe viesse apresentar também os seus cumprimentos?

Estava assente que o velho exprimiria a sua aprovação fechando os olhos e a sua recusa abrindo-os e fechando-os várias vezes, e que desejaria exprimir qualquer desejo quando os erguesse ao céu. Se queria Valentine, fechava apenas o olho direito. Se queria Barrois, fechava o olho esquerdo. Ao ouvir a proposta da Sra de Villefort, piscou vivamente o olhos.

Brindada com uma recusa evidente, a Sra de Villefort contraiu os lábios.

- Nesse caso, quer que lhe mande Valentine? - perguntou.

- Quero - respondeu o velho, fechando os olhos com vivacidade.

O Sr. e a Sra de Villefort cumprimentaram, saíram e ordenaram que se chamasse Valentine, já prevenida, de resto, de que teria de fazer qualquer coisa durante o dia junto do Sr. Noirtier.

Ainda muito corada de emoção, Valentine entrou no quarto do velho depois deles saírem. E bastou-lhe um olhar para adivinhar como o avô sofria e quantas coisas tinha para lhe dizer.

- Então, avozinho, que aconteceu? Fizeram-te zangar, não é verdade, e está irritado?

- Estou - respondeu ele fechando os olhos.

- Com quem? Com o meu pai? Não. Com a Sra de Villefort? Também não. Comigo?

O velho fez sinal que sim.

- Comigo? - repetiu Valentine, atônita.

O velho repetiu o sinal.

- E que te fiz eu, avozinho? - inquiriu Valentine.

Nenhuma resposta. Ela continuou:

- Não pude te ver durante o dia. Contaram-te alguma coisa a meu respeito?

- Contaram - respondeu o olhar do velho, com vivacidade.

- Deixa-me procurar... Meu Deus, juro-te, avozinho... Ah! O Sr. e a Sra de Villefort estiveram aqui, não estiveram?

- Estiveram.

- E foram eles que te disseram coisas que te zangaram? O quê? Quer que vá lhes perguntar para que me possa justificar junto de ti?

- Não, não - respondeu o olhar.

- Oh, assustas-me! Que te terão dito, meu Deus?

E procurou.

- Oh, já sei! - exclamou baixando a voz e aproximando-se do velho. - Falaram do meu casamento, talvez?...

- Falaram - replicou o olhar, irritado.

- Compreendo, está zangado comigo por causa do meu silêncio. Mas, que queria, tinham-me recomendado que não te dissesse nada; nem a mim própria tinham dito nada, eu é que de certo modo lhes descobri o segredo, por indiscrição. Aqui tens porque fui tão reservada contigo. Perdoa-me, avozinho Noirtier.

De novo fixo e inexpressivo, o olhar pareceu responder. “Não é apenas o teu silêncio que me aflige.”

- Que mais é então? - perguntou a jovem. - Julga talvez que te abandonarei, avozinho, e que o meu casamento me tornará esquecida?

- Não - respondeu o velho.

- Disseram-te então que o Sr. de Epinay consentia que morassemos juntos?

- Disseram.

- Então porque está zangado?

Os olhos do velho adquiriram uma expressão de infinita doçura.

- Sim, compreendo - disse Valentine. - Porque me ama?

O velho fez sinal que sim.

- E tem medo que seja infeliz?

- Tenho.

- Não gosta do Sr. Franz?

Os olhos repetiram três ou quatro vezes: “Não, não, não.”

- E é por isso que está tão triste, avozinho?

- É.

- Então, escuta - disse Valentine, ajoelhando diante de Noirtier e rodeando-lhe o pescoço com os braços. - Também estou muito triste porque, como você, não gosto do Sr. Franz de Epinay.

Um relâmpago de alegria passou pelos olhos do velho.

- Lembrasse de quando quis ir para o convento também te zangaste muito comigo?

Uma lágrima umedeceu a pálpebra ressequida do velho.

- Pois era para fugir a esse casamento que me enche de desespero - confessou Valentine.

A respiração de Noirtier tornou-se arquejante.

- Então o meu casamento te entristece muito, avozinho? Oh, meu Deus, se pudesses ajudar-me, se pudéssemos ambos destruir-lhes o seu projeto! Mas não tem forças para eles... Você, que no entanto possui um espírito tão vivo e uma vontade tão firme, quando se trata de lutar é tão fraco e até mais fraco do que eu. Pouca sorte a minha! Você que teria sido para mim um protetor tão poderoso quando tinhas força e saúde, hoje só pode compreender-me e regozijar-se ou afligir-se comigo. É a derradeira felicidade que Deus se esqueceu de me levar com as outras.

Depois destas palavras surgiu nos olhos de Noirtier uma tal expressão de malícia e eloquência que a jovem julgou ler neles: “Enganas-se, posso ainda fazer muito por ti.”

- Pode fazer alguma coisa por mim, querido avozinho? - traduziu Valentine.

- Posso.

Noirtier ergueu os olhos ao céu. Era o sinal convencionado entre ele e Valentine quando desejava qualquer coisa.

- Que quer, querido avozinho? Vejamos...

Valentine procurou um instante na memória, exprimiu em voz alta os seus pensamentos à medida que lhe acudiam e, vendo que a tudo o que dizia o velho respondia constantemente “não”, murmurou:

- Já que sou tão estúpida, recorramos aos grandes meios...

Então recitou uma após outra todas as letras do alfabeto, do A ao N, enquanto com um sorriso interrogava o olhar do paralítico. No N, Noirtier fez sinal que sim.

- Ah! - exclamou Valentine. - O que quer começa pela letra N! É o N que nos interessa? Muito bem! Vejamos o que juntamos ao N... Na, ne, ai, no...

- Sim, sim, sim - disse o velho.

- Ah! É o no?

- É.

Valentine foi buscar um dicionário que colocou numa estante de música diante de Noirtier. Abriu-o e quando viu os olhos do velho nas folhas percorreu vivamente as colunas, de alto a baixo, com o dedo.

O exercício, praticado desde que havia seis anos Noirtier caíra no estado deplorável em que se encontrava, tornara-se tão fácil que ela adivinhava com tanta rapidez o pensamento do velho como se ele próprio pudesse consultar o dicionário. Noirtier fez-lhe sinal para parar na palavra tabelião.

- Tabelião! - exclamou Valentine. - Quer um tabelião, avozinho?

O velho fez sinal de que era efetivamente um tabelião o que desejava.

- Devemos então mandar chamar um tabelião? - perguntou Valentine.

- Sim.

- O meu pai deve saber?

- Deve.

- Tens pressa de falar com o tabelião?

- Tenho.

- Então, vamos mandar chamá-lo imediatamente, querido avozinho. É tudo o que deseja?

- É.

Valentine correu para a campainha, chamou um criado e mandou-o pedir ao Sr. e à Sra de Villefort que viessem ao quarto do avô.

- Está satisfeito? - perguntou Valentine.-Sim... bem vejo! Mas olha que não era fácil descobrir o que pretendia...

E a jovem sorriu ao avô como sorriria a uma criança. O Sr. de Villefort entrou, trazido por Barrois.

- Que deseja, senhor? - perguntou ao paralítico.

- Senhor - respondeu Valentine --, o meu avô deseja um tabelião.

Ao ouvir aquele pedido estranho e sobretudo inesperado, o Sr. de Villefort

trocou um olhar com o paralítico.

- Sim - confirmou o velho, com uma firmeza que indicava que com o auxílio de Valentine e do seu velho criado, que sabia agora o que ele desejava, estava pronto para sustentar a luta.

- Quer um tabelião? - repetiu Villefort.

- Quero.

- Para quê?

Noirtier não respondeu.

- Mas para que necessita de um tabelião? - insistiu Villefort. O olhar do paralítico permaneceu imóvel, e por consequência mudo, o que significava: “Persisto na minha vontade.”

- Para nos pregar alguma partida, não? - insinuou Villefort. - Valerá a pena?

- Mas enfim - interveio Barrois, pronto a insistir, com a perseverança dos velhos criados --, se o senhor quer um tabelião é aparentemente porque precisa dele. Portanto, vou buscar um tabelião.

Barrois não reconhecia outro amo a não ser Noirtier e nunca admitia que as suas vontades fossem contestadas em nada.

- Sim, quero um tabelião - teimou o velho, fechando os olhos em ar de desafio e como se dissesse: “Vejamos se se atrevem a recusar o que quero.”

- Terá um tabelião, uma vez que o deseja absolutamente, senhor, mas me desculparei junto dele, assim como o senhor mesmo terá de se desculpar, porque a cena será muitíssimo ridícula.

- Não importa - perguntou Barrois. - Mesmo assim, vou buscá-lo.

E o velho servidor saiu triunfante.

Capítulo LIX

O testamento

Quando Barrois saiu, Noirtier olhou para Valentine com uma expressão maliciosa que anunciava muitas coisas. A jovem compreendeu aquele olhar, e Villefort também, pois a sua testa ensombrou-se e o seu sobrolho franziu-se.

Pegou numa cadeira, instalou-se no quarto do paralítico e esperou. Noirtier assistiu a tudo com absoluta indiferença, mas pelo rabo do olho ordenou a Valentine que não se inquietasse e ficasse também.

Três quartos de hora mais tarde o criado regressou com o tabelião.

- Senhor - disse Villefort, depois dos primeiros cumprimentos --, quem o mandou chamar foi o Sr. Noirtier de Villefort, aqui presente. Uma paralisia geral tirou-lhe o uso dos membros e da voz e só nós, com grande dificuldade, conseguimos apreender alguns fragmentos dos seus pensamentos.

Noirtier apelou com a vista para Valentine, apelo tão grave e imperioso que ela respondeu imediatamente:

- Eu, senhor, compreendo tudo o que quer dizer o meu avô.

- É verdade - acrescentou Barrois. - Tudo, absolutamente tudo, como disse ao senhor pelo caminho.

- Permita-me, senhor, e a menina também - disse o tabelião, dirigindo-se a Villefort e a Valentine --, que ponha as minhas reservas. Trata-se de um caso em que um funcionário público não pode proceder inconsideradamente sem assumir uma responsabilidade perigosa. A primeira condição para que um ato seja válido é que o tabelião esteja convencido de que interpretou fielmente a vontade daquele que a exprime. Ora, eu próprio não posso estar certo da aprovação ou da desaprovação de um cliente que não fala. E como o objeto dos seus desejos e das suas repugnâncias não pode, devido ao seu mutismo, ser provado claramente, o meu ministério é mais do que inútil e seria ilegalmente exercido.

O tabelião deu um passo para se retirar. Um imperceptível sorriso de triunfo desenhou-se nos lábios do procurador régio. Pela sua parte, Noirtier fitou Valentine com tal expressão de dor que ela se colocou no caminho do tabelião.

- Senhor - disse --, a língua que falo com o meu avô é uma língua que se pode aprender facilmente, e assim como eu a compreendo, também posso em poucos minutos conseguir que o senhor a compreenda. De que precisa, senhor, para que a sua consciência fique perfeitamente edificada?

- O que é necessário para que os nossos atos sejam válidos, menina - respondeu o tabelião --, isto é, a certeza da aprovação ou da desaprovação. Pode-se testar doente de corpo, mas tem de se estar são de espírito.

- Muito bem, senhor. Com dois sinais, adquirirá essa certeza, a certeza de que o meu avô nunca esteve mais na plenitude da sua inteligência do que neste momento. O Sr. Noirtier, privado da voz, privado de movimento, abre os olhos quando quer dizer sim e pestaneja várias vezes quando quer dizer não. Sabe agora, senhor, o suficiente para falar com o Sr. Noirtier. Experimente.

O olhar que o velho deitou a Valentine estava tão úmido de ternura e reconhecimento que o próprio tabelião o compreendeu.

- Ouviu e compreendeu o que acaba de dizer a sua neta, senhor? - perguntou o tabelião.

Noirtier fechou suavemente os olhos e abriu-os um instante depois.

- E aprova o que ela disse, isto é, que os sinais indicados por ela são de fato aqueles com o auxílio dos quais o senhor faz compreender o seu pensamento?

- Aprovo - respondeu novamente o velho.

- Foi o senhor que me mandou chamar?

- Fui.

- Para fazer o seu testamento?

- Sim.

- E não quer que me retire sem ter feito esse testamento?

O paralítico pestanejou vivamente e por diversas vezes.

- Então, senhor, compreende agora e a sua consciência já está tranquila? - perguntou a jovem.

Mas antes de o tabelião ter tempo de responder, Villefort puxou-o à parte.

- Senhor, parece-lhe que um homem possa suportar impunemente um abalo físico tão terrível como o que experimentou o Sr. Noirtier de Villefort sem que o próprio moral tenha sido gravemente atingido?

- Isso não é precisamente o que me inquieta, senhor - respondeu o tabelião. - O que pergunto a mim mesmo é como conseguiremos adivinhar-lhe os

pensamentos, a fim de lhe provocar as respostas.

- Bem vê que é impossível - insistiu Villefort.

Valentine e o velho ouviam esta conversa. Noirtier pousou um olhar tão fixo e tão firme em Valentine que esta compreendeu que tal olhar exigia evidentemente uma resposta.

- Senhor - interveio --, não se preocupe com isso. Por mais difícil que seja, ou antes, que lhe pareça descobrir o pensamento do meu avô, o revelarei de forma a desfazer todas as dúvidas a esse respeito. Há seis anos que convivo de perto com o Sr. Noirtier e ele próprio que diga se, nesses seis anos, um só dos seus desejos ficou sepultado no seu coração por não conseguir dá-lo a entender.

- Não - respondeu o velho.

- Experimentemos então - disse o tabelião. - Aceita esta menina como a sua intérprete?

O paralítico tez sinal que sim

- Muito bem. Vejamos então, senhor, que deseja de mim, qual é o ato que pretende praticar...

Valentine recitou todas as letras do alfabeto até à letra T.

Uma eloquente olhadela de Noirtier deteve-a nessa altura.

- O senhor pede a letra T - disse o tabelião. - A escolha é visível.

- Espere - pediu Valentine, que em seguida se virou para o avô e recitou: - Ta... te...o velho deteve-a na segunda destas sílabas.

Então, Valentine pegou no dicionário e folheou as páginas diante do olhar atento do tabelião.

- Testamento - disse, parando o dedo a um sinal de olhos de Noirtier.

- Testamento! - exclamou o tabelião. - É evidente, o senhor quer testar.

- Quero - confirmou Noirtier várias vezes.

- Convenhamos que é maravilhoso, senhor! - disse o tabelião, estupefato, a Villefort.

- De fato - replicou este e ainda mais maravilhoso ser o testamento. Porque, enfim, não creio que os artigos se alinhem no papel, palavra por palavra, sem a inteligente inspiração da minha filha. Ora, Valentine talvez seja um pouco interessada nesse testamento e por isso uma intérprete não muito conveniente das obscuras vontades do Sr. Noirtier de Villefort.

- Não, não! - contrapós o paralítico.

- Como, Valentine não é interessada no seu testamento? - estranhou Villefort.

- Não - repetiu Noirtier.

- Senhor - interveio o tabelião, que, encantado com a experiência, prometia a si mesmo contar em sociedade os pormenores daquele episódio pitoresco --, senhor, nada me parece mais fácil agora do que o que há pouco olhava como uma coisa impossível. O testamento será muito simplesmente um testamento místico, quer dizer, previsto e autorizado pela lei desde que seja lido diante de sete testemunhas, aprovado pelo testador diante delas e fechado pelo tabelião, sempre diante delas. Quanto ao prazo, durará apenas mais tempo do que um testamento ordinário. Vêm primeiro as fórmulas consagradas, e que são sempre as mesmas, e quanto aos pormenores, na sua maioria, serão fornecidos pelo próprio estado dos negócios do

testador e pelo senhor, que, tendo-os gerido, os conhece. Mas mesmo assim, para que o ato seja inatacável, vamos dar-lhe a mais completa autenticidade. Um dos meus colegas me servirá de ajudante e, contra o que é hábito, assistirá ao ditado. Está satisfeito, senhor? - acrescentou o tabelião, dirigindo-se ao velho.

- Estou - respondeu Noirtier, radiante por ser compreendido.

"Que irá ele fazer?", perguntou a si próprio Villefort, a quem a alta posição que ocupava impunha a maior reserva e que, aliás, não podia adivinhar qual era o objetivo do pai. :

Virou-se para mandar buscar o segundo tabelião designado pelo primeiro. Mas Barrois, que ouvira tudo e adivinhara o desejo do amo, já saíra.

Então, o procurador régio mandou dizer à mulher que subisse. Passado um quarto de hora todos estavam reunidos no quarto do paralítico e chegara o segundo tabelião.

Os dois funcionários públicos chegaram a acordo em poucas palavras. Leram a Noirtier uma fórmula de testamento vaga, vulgar; depois, para começar, por assim dizer, a investigação acerca da sua inteligência, o primeiro tabelião disse-lhe, virando-se para ele:

- Quando se faz um testamento, senhor, é a favor de alguém...

- Sim - respondeu Noirtier.

- Tem alguma idéia da importância a quanto monta a sua fortuna?

- Tenho.

- Vou dizer várias importâncias, que irão subindo gradualmente. Me deterá quando atingir aquela que julgue ser a sua.

- Sim.

Havia neste interrogatório uma espécie de solenidade. Aliás, nunca a luta da inteligência contra a matéria fora talvez mais visível. E se não era um sublime, como íamos a dizer, era pelo menos um curioso espetáculo.

Formara-se roda à volta de Noirtier. O segundo tabelião estava sentado a uma mesa, pronto para escrever. O primeiro estava de pé diante de Noirtier e interrogava-o.

- A sua fortuna ultrapassa os trezentos mil francos, não é verdade?

Noirtier tez sinal que sim.

- Possui quatrocentos mil francos? - perguntou o tabelião. Noirtier ficou imóvel.

- Quinhentos mil?

A mesma imobilidade.

- Seiscentos mil? Setecentos mil? Oitocentos mil? Novecentos mil?

Noirtier fez sinal que sim.

- Possui novecentos mil francos?

- Possuo.

- Em imóveis? - perguntou o tabelião.

Noirtier fez sinal que não.

- Em títulos de divida pública?

Noirtier fez sinal que sim.

- Esses títulos estão em seu poder?

Uma olhadela dirigida a Barrois fez sair o velho servidor, que regressou pouco depois com uma caixinha.

- Permite-me que abra esta caixa? - perguntou o tabelião.

Noirtier fez sinal que sim. Aberta a caixa, encontraram-se títulos de dívida pública no valor de novecentos mil francos.

O primeiro tabelião passou, um após outro, cada título ao colega. A soma era a indicada por Noirtier.

- Está certa - disse o segundo tabelião. - É evidente que a inteligência se encontra em toda a sua capacidade e extensão.

O primeiro tabelião virou-se então para o paralítico e disse-lhe:

- O senhor possui portanto novecentos mil francos de capital, que, dada a forma como estão investidos, lhe devem dar quarenta mil libras de rendimento, aproximadamente...

- É verdade - respondeu Noirtier.

- A quem deseja deixar essa fortuna?

- Oh - interveio a Sra de Villefort --, quanto a isso não há qualquer dúvida! O Sr. Noirtier ama unicamente a neta, Mademoiselle Valentine de Villefort. E ela que cuida dele há seis anos. Soube cativar com os seus cuidados assíduos a afeição do avô e quase direi o seu reconhecimento. É portanto justo que receba a paga da sua dedicação.

Os olhos de Noirtier lançaram um relâmpago, como que significando que não se deixava enganar pelo falso assentimento dado pela Sra de Villefort às intenções que ela lhe supunha.

- É então a Mademoiselle Valentine de Villefort que lega esses novecentos mil francos? - perguntou o tabelião, que julgava nada mais haver a fazer do que registar aquela cláusula, mas que, no entanto, tinha de se assegurar do assentimento de Noirtier e desejava que esse assentimento fosse verificado por todas as testemunhas da estranha cena.

Valentine dera um passo atrás e chorava de olhos baixos. O velho fitou-a um instante com expressão de profunda ternura; depois, virou-se para o tabelião e piscou os olhos de forma bastante significativa.

- Não? - disse o tabelião. - Como, não é Mademoiselle Valentine de Villefort quem institui sua herdeira universal?

Noirtier fez sinal que não.

- Não está enganado? - insistiu o tabelião, atônito. - Quer mesmo dizer não?

- Não! - repetiu Noirtier. - Não!

Valentine levantou a cabeça. Estava estupefata, não por ser deserdada, mas sim por ter provocado o sentimento que habitualmente dita semelhantes atos. Mas Noirtier olhou-a com tão profunda expressão de ternura que ela exclamou:

- Oh, meu bom avô, bem vejo que só me priva da sua fortuna! Mas me deixará sempre o seu coração?

- Oh, sim, certamente! - disseram os olhos do paralítico, fechando-se com uma expressão que não podia enganar Valentine.

- Obrigada! Obrigada! - murmurou a jovem.

Entretanto, a rejeição fizera nascer no coração da Sra de Villefort uma esperança inesperada. Aproximou-se do velho e perguntou:

- Então, é ao seu neto Edouard de Villefort que deixa a sua fortuna, caro Sr. Noirtier?

O batimento de pálpebras foi terrível, quase exprimia ódio.

- Não - disse o tabelião. - Então, é ao senhor seu filho aqui presente?

- Não - replicou o velho.

Os dois tabeliães entreolharam-se estupefatos. Villefort e a mulher sentiram-se corar, um de vergonha e o outro de cólera.

- Mas que lhe fizemos nós, avô? - perguntou Valentine. - Já não gosta de nós?

O olhar do velho passou rapidamente pelo filho e pela nora e deteve-se em Valentine com expressão de profunda ternura.

- Sendo assim - disse ela --, se de fato me amas, avô, procura conjugar esse amor com o que faz neste momento. Conhece-me, sabe que nunca pensei na sua fortuna. Aliás, dizem que sou rica pelo lado da minha mãe, demasiado rica até. Vamos, explica-te.

Noirtier cravou o olhar ardente na mão de Valentine.

- A minha mão? - perguntou ela.

- Sim - respondeu Noirtier.

- A sua mão! - repetiram todos os presentes.

- Ah, senhores, bem vêem que tudo isto é inútil e que o meu pobre pai está louco! - disse Villefort.

- Oh, compreendo! - exclamou de súbito Valentine. - O meu casamento, não é, avô!

- Sim, sim, sim! - repetiu três vezes o paralítico, e os olhos relampejavam-lhe cada vez que abria as pálpebras.

- Está zangado connosco por causa do casamento, não é?

- É.

- Mas isso é absurdo? - interveio Villefort.

- Perdão, senhor - perguntou o tabelião --, mas, pelo contrário, é muito lógico e parece-me encadear-se
perfeitamente.

- Não quer que case com o Sr. Franz de Epinay?

- Não, não quero - exprimiu o olhar do velho.

- E deserda a sua neta por ela casar contra a sua vontade? - perguntou o tabelião.

- Deserdo - respondeu Noirtier.

- Portanto, sem esse casamento ela seria sua herdeira?

- Sim.

Fez-se um profundo silêncio à volta do velho.

Os dois tabeliães consultavam-se; Valentine, com as mãos juntas, fitava o avô com um sorriso reconhecido; Villefort mordia os lábios delgados e a Sra de Villefort não conseguia reprimir um sentimento de prazer, que, malgrado seu, se lhe refletia no rosto.

- Mas - disse por fim Villefort, o primeiro a quebrar o silêncio - parece-me que sou o único juiz das vantagens que militam a favor da dessa união. Único senhor da mão da minha filha, quero que ela case com o Sr. Franz de Epinay e casará!

Valentine caiu, chorando, numa cadeira.

- Senhor - prosseguiu o tabelião, dirigindo-se ao velho que tenciona fazer

da sua fortuna no caso de Mademoiselle Valentine casar com o Sr. Franz?

O velho permaneceu imóvel.

- Tenciona dispor dela?

- Tenciono - respondeu Noirtier.

- A favor de alguém da sua família?

- Não.

- A favor dos pobres, então?

- Sim.

- Mas - observou o tabelião - sabe que a lei se opõe a que despoje inteiramente o seu filho?

- Sei.

- Só disporá portanto da parte que a lei o autoriza a dispor.

Noirtier ficou imóvel.

- Continua a querer dispor de tudo?

- Continuo.

- Mas depois da sua morte contestarão o testamento!

- Não.

- O meu pai conhece-me, senhor - interveio Villefort --, e sabe que a sua vontade será sagrada para mim. De resto, compreende que na minha posição não posso pleitear contra os pobres.

O olhar de Noirtier exprimiu triunfo.

- Que decide, senhor? - perguntou o tabelião a Villefort.

- Nada, senhor. Trata-se de uma resolução firme no espírito do meu pai e sei que o meu pai não muda de resolução. Resigno-me portanto. Esses novecentos mil francos sairão da família para ir enriquecer os hospitais; mas não cederei a um capricho de velho e o farei de acordo com a minha consciência.

E Villefort retirou-se com a mulher, deixando ao pai a liberdade de testar como entendesse.

O testamento foi lavrado no mesmo dia. Foram buscar as testemunhas, o velho aprovou o documento, fecharam-no na sua presença e depositaram-no no cartório do Sr. Deschamps, tabelião da família.

Capítulo LX

O telégrafo

O Sr. e a Sra de Villefort souberam, ao regressar aos seus aposentos, que o Sr. Conde de Monte-Cristo, que viera visitá-los, fora introduzido na sala, onde os esperava. A Sra de Villefort, demasiado emocionada para entrar assim de súbito, passou pelo seu quarto, enquanto o procurador régio, mais senhor de si, se dirigiu diretamente para a sala.

Mas por mais senhor que fosse das suas sensações, por mais que soubesse compor o rosto, o Sr. de Villefort não conseguiu com igual facilidade afastar a nuvem que lhe toldava a fronte, de forma que o conde, cujo sorriso brilhava radioso, lhe não notasse o ar sombrio e pensativo.

- Oh, meu Deus, que tem, Sr. de Villefort?! - perguntou Monte-Cristo após os primeiros cumprimentos. - Terei chegado no momento em que redigia alguma acusação um tanto capital?

Villefort tentou sorrir.

- Não, Sr. Conde, aqui a única vitima sou eu - respondeu. - Sou eu que perco o meu processo e foi o acaso, a teimosia e a loucura que formularam a acusação.

- Que quer dizer? - perguntou Monte-Cristo com um interesse perfeitamente simulado. - Aconteceu-lhe realmente algum contratempo grave?

- Oh, Sr. Conde, nem vale a pena falar do caso! - respondeu Villefort com uma calma cheia de amargura. - Quase nada, uma simples perda de dinheiro.

- Com efeito - concordou Monte-Cristo --, uma perda de dinheiro é pouca coisa comparada com uma fortuna como a que o senhor possui e com um espírito filosófico e elevado como o seu!

- Por isso - perguntou Villefort - não é tanto a questão de dinheiro que me preocupa, embora no fim de contas novecentos mil francos valham bem um pesar, ou pelo menos um gesto de despeito. Fere-me sobretudo o capricho do destino, do acaso ou da fatalidade (não sei como chamar ao poder que dirige o golpe que me fere) que destrói as minhas esperanças de fortuna e talvez o futuro da minha filha por intermédio de um velho regressado à infância.

- Meu Deus, o que aí vai! - exclamou o conde. - Novecentos mil francos, não foi o que o senhor disse? Na verdade, a importância merece ser lamentada, mesmo por um filósofo, como o senhor mesmo confessou. E quem lhe dá esse desgosto?

- O meu pai, de quem já lhe falei.

- O Sr. Noirtier? Deveras? Mas o senhor tinha-me dito, se me não engano, que ele estava completamente paralítico e que todas as suas faculdades se encontravam aniquiladas...

- Sim, as faculdades físicas, porque não pode se mexer nem falar, mas apesar disso pensa, quer e age como vê. Deixei-o há cinco minutos e neste momento está ocupado a ditar um testamento a dois tabeliãos.

- Mas então já fala?

- Não, mas faz-se compreender.

- Como assim?

- Com a ajuda do olhar. Os seus olhos continuaram a viver e, como vê, matam.

- Meu amigo - disse a Sra de Villefort, que acabava de entrar por seu turno - , não estará exagerarando a situação?

- Minha senhora... - cumprimentou o conde, inclinando-se.

A Sra de Villefort retribuiu o cumprimento com o seu mais gracioso sorriso.

- Pois muito me conta, Sr. de Villefort. Que desgraça incompreensível!... - exclamou Monte-Cristo.

- Incompreensível, diz bem! - concordou o procurador régio, encolhendo os ombros. - Um capricho de velho!

- E não há maneira de levá-lo a desistir dessa decisão?

- Claro que há - respondeu a Sra de Villefort. - E depende até do meu marido que esse testamento, em vez de ser feito em detrimento de Valentine, seja

pelo contrário feito a seu favor.

O conde, vendo que os dois esposos começavam a falar por meias palavras, tomou um ar distraído e olhou com a mais profunda atenção e a aprovação mais completa o jovem Edouard, que deitava tinta de escrever no bebedouro dos pássaros.

- Minha querida - disse Villefort, respondendo à mulher bem sabe que gosto pouco de armar em patriarca em minha casa e que nunca acreditei que o destino do universo dependesse de um aceno da minha cabeça. No entanto, desejo que as minhas decisões sejam respeitadas na minha família e que a loucura de um velho e o capricho de uma criança não deitem por terra um projeto traçado no meu espírito há muitos anos. O barão de Epinay era meu amigo, como sabe, e uma aliança com o filho é convenientíssima.

- Acha que Valentine está combinada com ele?... - perguntou a Sra de Villefort. - Com efeito... ela sempre se opôs ao casamento e não me admiraria que tudo o que acabamos de ver e ouvir fosse a execução de um plano concertado entre ambos.

- Ninguém renuncia assim, acredite, a uma fortuna de novecentos mil francos - respondeu Villefort.

- Ela renunciaria ao mundo, senhor. Ainda há um ano queria entrar para um convento.

- Não importa - prosseguiu Villefort. - Insisto em que esse casamento tem de se realizar!

- Apesar da vontade do seu pai? - perguntou a Sra de Villefort, ferindo outra corda. - é muito grave!...

Monte-Cristo simulava nada ouvir, embora não perdesse uma palavra do que se dizia.

- Senhora - prosseguiu Villefort --, posso dizer que sempre respeitei o meu pai, porque ao sentimento natural da geração se juntava a consciência da sua superioridade moral; porque, enfim, um pai é sagrado a dois títulos, sagrado como nosso criador e sagrado como nosso senhor; mas hoje tenho de renunciar a reconhecer uma inteligência no velho que, baseado numa simples recordação de rancor para com o pai, persegue assim o filho. Seria portanto ridículo da minha parte pautar a minha conduta pelos seus caprichos. Continuarei a ter o maior respeito pelo Sr. Noirtier, suportarei sem me queixar o castigo pecuniário que me impõe; mas permanecerei firme na minha vontade e o mundo apreciará de que lado está a razão. Assim, casarei a minha filha com o barão Franz de Epinay, porque tal casamento é na minha opnião, bom e respeitável e porque, em última análise, quero casar a minha filha com quem me aprouver.

- Pois quê - interveio o conde, cuja aprovação o procurador régio solicitara constantemente com o olhar --, pois quê, o Sr. Noirtier deserda, diz o senhor, Mademoiselle Valentine por ela casar com o Sr. Barão Franz de Epinay?!

- Exatamente, senhor, é essa a razão - respondeu Villefort, encolhendo os ombros.

- A razão visível, pelo menos - acrescentou a Sra de Villefort.

- A razão real, minha senhora. Acredite no que lhe digo, conheço o meu pai.

- Concebe-se semelhante coisa? - perguntou ela. - Em quê, diga-me, o Sr. de Epinay pode desagradar mais do que qualquer outro ao Sr. Noirtier?

- De fato - disse o conde --, conheci o Sr. Franz de Epinay, o filho do general de Quesnel, não é verdade, aquele que foi feito barão de Epinay pelo rei Carlos X...

- Exatamente - confirmou Villefort.

- Pois achei-o um jovem encantador!

- Por isso, a oposição do Sr. Noirtier não passa de um pretexto, estou certa - declarou a Sra de Villefort. - Os velhos são tiranos nas suas afeições e o Sr. Noirtier não quer que a neta se case.

- E não conhecem a causa desse rancor? - perguntou Monte-Cristo.

- Meu Deus, quem a saberá?

- Alguma antipatia política, talvez...

- Efetivamente, o meu pai e o pai do Sr. de Epinay viveram naqueles tempos tempestuosos de que só assisti aos últimos dias - respondeu Villefort.

- O seu pai não era bonapartista? - inquiriu Monte-Cristo. - Creio lembrar-me de o senhor me ter dito qualquer coisa a tal respeito...

- Meu pai foi principalmente jacobino - respondeu Villefort levado pela emoção para além dos limites da prudência - e a toga de senador que Napoleão lhe lançou sobre os ombros apenas mascarou o antigo republicano, mas sem o modificar. Quando o meu pai conspirava, não era pelo imperador, era contra os Bourbons. Porque o meu pai tinha isto de terrível: nunca combatia pelas utopias irrealizáveis, mas sim pelas coisas possíveis, e aplicava ao êxito dessas coisas possíveis as terríveis teorias da Montanha, que não recuavam diante de nenhum meio.

- Bom, deve ser isso - sugeriu Monte-Cristo. - O Sr. Noirtier e o Sr. de Epinay devem ter-se digladiado no campo da política. O Sr. General de Epinay, embora tivesse servido no tempo de Napoleão, não guardaria no fundo do coração sentimentos monárquicos? Não foi o mesmo que assassinaram numa noite, à saída de um clube napoleônico, onde o tinham atraído na esperança de encontrar nele um adepto?

Villefort fitou o conde quase com terror:

- Engano-me? - perguntou Monte-Cristo.

- Não, senhor - respondeu a Sra de Villefort. - Pelo contrário, foi mesmo assim que as coisas se passaram. E foi também devido ao que acaba de dizer que, para acabar com velhos ódios, o Sr. de Villefort teve a idéia de levar a amarem-se dois filhos cujos pais se tinham odiado.

- Uma idéia sublime! - exclamou Monte-Cristo. - Uma idéia cheia de caridade e que o mundo devia aplaudir. Com efeito, seria bonito ver Mademoiselle Noirtier de Villefort chamar-se Sra Franz de Epinay.

Villefort estremeceu e fitou Monte-Cristo como se quisesse ler-lhe no fundo do coração a intenção que lhe ditara as palavras que acabava de preferir.

Mas o conde conservou o benévolo sorriso estereotipado que tinha nos lábios e ainda desta vez, apesar da acuidade do seu olhar, o procurador régio não viu para lá da epiderme.

- Por isso, - prosseguiu Villefort --, embora seja uma grande perda para Valentine ficar sem a fortuna do avô, não creio que o casamento fique sem eleito. O Sr. de Epinay não recuará diante desse contratempo pecuniário, estou certo; verá que valho mais do que esse dinheiro, uma vez que o sacrifico ao desejo de

lhe manter a minha palavra. Além disso, calculará que Valentine é rica por herança da mãe, administrada pelo Sr.
e pela Sra de Saint-Méran, seus avós maternos, que a amam ternamente.

- E que merecem bem que os amem e os tratem como Valentine tem tratado o Sr. Noirtier - disse a Sra de Villefort. - De resto, devem vir a Paris no máximo dentro de um mês e, depois de tal afronta, Valentine será dispensada de se enterrar, como tem feito até aqui, junto do Sr. Noirtier.

O conde escutava com complacência a voz dissonante daqueles amores próprios feridos e daqueles interesses prejudicados.

- Parece-me, no entanto - disse Monte-Cristo, após um instante de silêncio - -, e peço-lhes antecipadamente perdão do que vou dizer, parece-me que o Sr. Noirtier deserda Mademoiselle de Villefort por a considerar culpada de querer casar com um rapaz cujo pai detestou, não tem a mesma razão de
queixa da parte do querido Edouard...

- Pois não é verdade, senhor? - apressou-se a concordar a Sra de Villefort, com uma intonação impossível de descrever. - Não é verdade que é injusto? O pobre Edouard também é neto do Sr. Noirtier, tanto como Valentine, e no entanto, se Valentine não casasse com o Sr. Franz., o Sr Noirtier deixava-lhe tudo o que
possui. Além disso, Edouard é o continuador do nome da família o que não impede que, mesmo supondo que Valentine seja efetivamente deserdada pelo avô, ela seja ainda três vezes mais rica do que ele.

Depois deste golpe, o conde escutou e não disse mais nada.

- Pronto - interveio Villefort. - Pronto, Sr. Conde, ponhamos de parte, peço-lhe, estas misérias de família. Sim, é verdade, a minha fortuna vai aumentar os rendimentos dos pobres, que são hoje os verdadeiros ricos. Sim, meu pai me frustrará uma esperança legitima e sem qualquer razão. Mas procederei como um homem de bem, como um homem de coração. O Sr. de Epinay, a quem prometera o rendimento desse dinheiro, o receberá, nem que tenha de me impor as mais cruéis privações.

- Entretanto - prosseguiu a Sra de Villefort, voltando à única idéia que lhe murmurava constantemente no fundo do coração - , talvez fosse melhor comunicar este contratempo ao Sr. de Epinay, para o caso de ele próprio se querer desobrigar da sua palavra...

- Mas isso seria uma grande desgraça! - exclamou Villefort.

- Uma grande desgraça? - repetiu Monte-Cristo.

- Sem dúvida - prosseguiu Villefort, acalmando-se. - Um casamento anulado, mesmo por motivos de dinheiro, lança o descrédito sobre uma moça. Além disso, voltariam a ganhar consistência antigos boatos que desejo extinguir. Mas não, isso não acontecerá. Se o Sr. de Epinay for um homem honesto, se considerará ainda mais comprometido pela deserdação de Valentine do que anteriormente. De contrário, procederia
apenas como se tivesse em vista um simples objetivo de cupidez. Não, é impossível.

- Penso como o Sr. de Villefort - declarou Monte-Cristo, olhando para a Sra de Villefort. - E se me pudesse considerar suficientemente seu amigo para me permitir dar-lhe um conselho, o convidaria, uma vez que o Sr. de Epinay vai regressar, pelo menos segundo me disseram, a atar tão solidamente esses laços

que nunca mais se pudessem desatar. Por último, me empenharia em conseguir que tudo terminasse da forma mais honrosa possível para o Sr. de Villefort.

Este último levantou-se, dominado por visível satisfação, enquanto a mulher empalidecia ligeiramente.

- Era exatamente isso que exigiria e esperaria de um conselheiro como o senhor - disse, estendendo a mão a Monte-Cristo. - Portanto, que todos aqui considerem o que se passou hoje como se não tivesse acontecido. Não há qualquer alteração nos nossos projetos.

- Senhor - disse o conde --, o mundo, por mais injusto que seja, saberá, garanto-lhe, ter na devida conta a sua resolução. Os seus amigos se sentirão orgulhosos e o Sr. de Epinay, se tiver de aceitar Mademoiselle de Villefort sem dote, o que decerto não acontecerá, ficará encantado por entrar numa família onde as pessoas sabem elevar-se à altura de tais sacrifícios para cumprir a sua palavra e o seu dever.

Ao mesmo tempo que dizia isto, o conde levantava-se e preparava-se para se retirar.

- Já nos deixa Sr. Conde? - perguntou a Sra de Villefort.

- Sou obrigado a isso minha senhora. Vim apenas recordar-lhes a sua promessa para sábado.

- Receava que a esquecêssemos?

- A senhora é demasiado bondosa, mas o Sr. de Villefort tem tão graves e por vezes tão urgentes ocupações...

- O meu marido deu a sua palavra, senhor - perguntou a Sra de Villefort. - Ora, se, como acaba de ver, a mantém quando tem tudo a perder, com mais forte razão a cumprirá quando tem tudo a ganhar.

- A reunião é na sua casa dos Campos Elísios? - perguntou Villefort.

- Não - respondeu Monte-Cristo -, e é isso que torna a sua aceitação ainda mais meritória. É no campo.

- No campo?

- Sim.

- Mas onde? Suponho que perto de Paris...

- Às portas, a uma meia hora da barreira, em Auteuil.

- Em Auteuil! - exclamou Villefort. - Ah, é verdade, a minha mulher já me tinha dito que o senhor tencionava residir em Auteuil e que fora para sua casa que a tinham transportado! E em que lugar de Auteuil?

- Na Rua de la Fontaine.

- Na Rua de la Fontaine! - repetiu Villefort, com voz. estrangulada. - e em que número?

- No 28.

- Nesse caso... foi ao senhor que venderam a casa do Sr. de Saint-Méran?

- Do Sr. de Saint-Méran? - perguntou Monte-Cristo. - Aquela casa pertencia ao Sr. de Saint-Méran?

- Pertencia - respondeu a Sra de Villefort. E quer saber uma coisa, Sr. Conde?

- Qual?

- Acha essa casa bonita, não é verdade?

- Encantadora.

- Pois o meu marido nunca quis morar lá.

- Oh! - exclamou Monte-Cristo. - Na verdade, senhor, trata-se de uma prevenção que não compreendo.

- Não gosto de Auteuil - respondeu o procurador régio, fazendo um esforço sobre si mesmo.

- Espero no entanto não ter a pouca sorte de me ver privado do prazer de recebe-lo por causa dessa antipatia... - disse Monte-Cristo com inquietação.

- Não, Sr. Conde. Tenho esperança... creia que farei tudo o que puder - balbuciou Villefort.

- Não admito desculpas - respondeu Monte-Cristo. - Espero-o no sábado às seis horas e se não for julgarei... sei lá... julgarei que pesa sobre aquela casa desabitada há mais de vinte anos alguma lúgubre tradição, alguma lenda sangrenta.

- Irei, Sr. Conde, irei - prometeu vivamente Villefort.

- Obrigado - disse Monte-Cristo. - Agora, permitam-me que me retire.

- De fato, já nos tinha dito que era obrigado a deixar-nos, Sr. Conde - declarou a Sra de Villefort --, e até é se me não engano, ia a dizer-nos o motivo por que se retirava quando se interrompeu para passar a outra idéia.

- Na verdade, minha senhora - respondeu Monte-Cristo -, não sei se me atrevo a dizer-lhe onde vou.

- Ora, diga sempre!

- Vou, como autêntico papalvo que sou, visitar uma coisa que muitas vezes me tem feito sonhar horas inteiras.

- Qual?

- Um telégrafo. Pronto, lá me descaí com a língua!

- Um telégrafo! - repetiu a Sra de Villefort.

- Sim, meu Deus, um telégrafo. Às vezes vejo na extremidade de um caminho, num outeiro, debaixo de um belo sol, erguerem-se uns braços negros e dobráveis, semelhantes às patas de um enorme coleôptero, e nunca os vejo sem emoção, juro-lhe, pois julgava que esses sinais estranhos que cruzam o ar com precisão e levam a trezentas léguas de distancia a vontade desconhecida de um homem sentado diante de uma mesa a
outro homem sentado na extremidade da linha diante de outra mesa, se desenhavam no cinzento das nuvens ou no azul do céu apenas pela força de vontade de um chefe todo-poderoso. Acreditava então nos gênios, nos silfos, nos gnomos, nos poderes ocultos, enfim, e ria. Ora, nunca me dera na veneta ver de perto esses grandes insetos de ventre branco e patas negras e magras, porque receava encontrar-lhes debaixo das asas de pedra um geniozinho humano emproado, pretensioso, repleto de ciência, de cabala ou feiticeira. Até que uma bela manhã soube que o motor de cada telégrafo era o pobre diabo de um funcionário que ganhava mil e duzentos francos por ano para olhar durante todo o dia, não o céu, como um astrônomo, não a água, como um pescador, não a paisagem, como um cérebro oco, mas sim o inseto de ventre branco e patas negras seu
correspondente, colocado a cerca de quatro ou cinco léguas de distância. Então, senti-me dominado por um desejo curioso de ver de perto essa crisálida viva e de assistir ao espetáculo que do fundo do seu casulo dá à outra crisálida, puxando

uma após outra algumas pontas de corda.

- E vai lá?

- Vou.

- A que telégrafo? Ao do Ministério do Interior ou ao do Observatório?

- Oh, não! Encontraria lá pessoas que quereriam obrigar-me a compreender coisas que prefiro ignorar, e que me explicariam, malgrado meu, um mistério que não conhecem. Apre! Acho melhor conservar as ilusões que ainda tenho a respeito dos insetos; me basta ter já perdido as que tinha acerca dos homens. Não irei portanto nem ao telégrafo do Ministério do Interior, nem ao telégrafo do Observatório. Prefiro o telégrafo em pleno campo, com o puro homenzinho petrificado na sua torre.

- Nunca vi um grande senhor tão singular - observou Villefort.

- Que linha me aconselha a estudar?

- A mais ocupada a esta hora.

- Nesse caso, a da Espanha, não?

- Exatamente. Quer uma carta do ministro para que lhe expliquem...

- Não, não! - recusou Monte-Cristo. - Se lhe digo que, pelo contrário, não quero compreender nada daquilo. No momento em que compreendesse qualquer coisa, adeus telégrafo, não haveria nem mais um sinal do Sr. Duchâtel ou do Sr. de Montalivet transmitido ao prefeito de Baiona a coberto de duas palavras gregas: tele e graphein. Quero conservar em toda a sua pureza e em toda a minha veneração o animal das patas negras e a palavra assustadora.

- Sendo assim, vá, pois dentro de duas horas anoitecer e já não verá nada.

- Demônio, assusta-me. Qual é o mais próximo? Na estrada de Baiona?

- Sim vá pela estrada de Baiona.

- É o de Châtillon?

- Sim.

- E depois do de Châtillon?

- O da torre de Montlhéry, creio.

- Obrigado e até à vista! No sábado lhe contarei as minhas impressões.

À porta, o conde encontrou-se com os dois tabeliões que acabavam de deserdar Valentine e se retiravam encantados por terem presidido a um ato que não podia deixar de lhes proporcionar grande honra.

Capítulo LXI

Meios de livrar um jardineiro dos ratos-dos-pomares que lhe comem os pêssegos

Não na mesma tarde, como dissera, mas sim no dia seguinte, o conde de Monte-Cristo saiu pela barreira do Inferno, tomou a estrada de Orleães, passou pela aldeia de Linas sem se deter no telégrafo, que precisamente no momento da passagem do conde movia os seus longos braços descarnados, e alcançou a torre de Montlhéry, situada, como todas as pessoas sabem, no ponto mais elevado da planície do mesmo nome.

Ao pé da colina o conde apeou e, por um caminho circular, de dezoito polegadas de largura, começou a subir a encosta. Chegado no alto, viu-se detido

por uma sebe na qual frutos verdes tinham sucedido às flores cor-de-rosa e brancas.

Monte-Cristo procurou a porta do pequeno recinto e não tardou a encontrá-la. Era uma cancelinha de madeira que girava em gonzos de vime e se fechava com um prego e um cordel. O conde não tardou a descobrir o funcionamento do "mecanismo" e a porta abriu-se.

Monte-Cristo encontrou-se então num jardim de vinte pés de comprimento por doze de largura, limitado por um lado pela parte da sebe em que se enquadrava o engenhoso maquinismo que descrevemos sob o nome de porta e pelo outro pela velha torre rodeada de hera, toda salpicada de mostarda-brava e goivos.

Ninguém diria, ao vê-la assim engelhada e florida como uma avó a quem os netinhos acabassem de dar os parabéns pelo seu aniversário, que poderia contar muitos dramas terríveis se juntasse uma voz aos ouvidos ameaçadores que um velho provérbio atribui às muralhas.

Percorria-se o jardim seguindo por uma alameda coberta de saibro vermelho, ladeada de espessa sebe de luxo de vários tons, que teriam deliciado os olhos de Delacroix, o nosso Ruhens moderno. A alameda tinha a forma de um X e serpenteava continuamente de forma a abrir num jardim de vinte pés um passeio de sessenta. Nunca Flora, a alegre e fresca deusa dos bons jardineiros latinos, fora honrada com um culto tão
minucioso e puro como o que lhe prestavam naquele recinto.

Com efeito, de vinte roseiras que compunham os canteiros nem uma folha apresentava sinal de mosca, nem uma hastezinha o pequeno cacho de pulgões-verdes que devastam e roem as plantas que vegetam em terreno úmido. No entanto, não era a umidade o que faltava naquele jardim a terra negra como fuligem e a
folhagem opaca das árvores bem o denunciavam. Aliás, a umidade artificial substituiria rapidamente a umidade natural, se fosse preciso, graças ao casco cheio de água estagnada que escavava um dos cantos do jardim e no qual estacionavam, numa toalha verde, uma rã e um sapo, que, por incompatibilidade de humor, sem dúvida, se conservavam sempre, de costas um para o outro, nos dois pontos opostos do círculo.

Além disso, nem uma erva nas alamedas, nem um rebento parasita nas guarnições dos canteiros. Uma elegante pretensiosa arranjaria e podaria com menos cuidado os gerânios, os cactos e os rododendros da sua jardineira de porcelana do que o dono até então invisível do pequeno recinto.

Monte-Cristo parou depois de fechar a porta prendendo o cordel no prego e abarcou num olhar toda a propriedade. "Parece que o homem do telégrafo tem jardineiros contratados ao ano ou então que se dedica apaixonadamente à jardinagem", disse para consigo.

De súbito, esbarrou com qualquer coisa agachada atrás de um carrinho de mão carregado de folhas. Essa qualquer coisa endireitou-se, deixou escapar uma exclamação que denotava a sua surpresa e Monte-Cristo encontrou-se diante de um homenzinho dos seus cinquenta anos que apanhava morangos que colocava em cima de folhas de videira. Ao levantar-se, o pobre homem quase deixou cair morangos, folhas e prato.

- Está fazendo a sua colheita, senhor? - perguntou Monte-Cristo, sorrindo.

- Perdão, senhor - respondeu o homenzinho, levando a mão ao boné -, não estou lá em cima, é certo, mas acabo de descer neste preciso instante.

- Não quero incomoda-lo em nada, meu amigo - tranquilizou-o o conde. - Apanhe os seus morangos à vontade, se ainda não acabou.

- Faltam-me dez - disse o homem. - Estão aqui onze e ao todo são vinte e um, mais cinco do que o ano passado. Mas não admira, este ano a Primavera foi quente e os morangos precisam de calor. Aí está porque, em vez dos dezesseis que tive o ano passado, este ano tenho, como vê, onze já colhidos... doze, treze, catorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove... Oh, meu Deus, faltam-me dois! E ainda estavam
ontem, senhor; estavam, tenho a certeza, porque os contei. Oxalá não tenha sido o filho da Tia Simon que mos roubou; vi-o a rondar por aqui esta manhã... Grande patife, roubar num recinto fechado! Bem se vê que não sabe onde isso pode levá-lo.

- De fato - concordou Monte-Cristo - o caso é grave, mas o senhor terá em conta a juventude do delinquente e a sua gulodice.

- Claro - respondeu o jardineiro. - Mas mesmo assim, o caso não deixa de ser muito desagrável. Oh, mais uma vez perdão, senhor? É talvez um chefe que faço esperar assim?...

E interrogava com um olhar receoso o conde e a sua sobrecasaca azul.

- Tranquilize-se, meu amigo - respondeu o conde com aquele sorriso que tornava à sua vontade tão terrível e tão benevolente, e que desta vez só exprimia benevolência - não sou um chefe vindo para inspecionar, mas sim um simples viajante levado pela curiosidade e que começa até a arrepender-se da sua visita por ver que lhe faz perder o seu tempo.

- Oh, o meu tempo não vale muito! - replicou o homenzinho, com um sorriso melancólico. - No entanto, é o tempo do Governo e não deveria perdê-lo, mas como recebi o sinal de que podia descansar uma hora... - e olhou para o relógio de sol, porque havia de tudo no recinto da torre de Montlhéry, até um relógio de sol - e como vê ainda disponho, de dez minutos... Além disso, os meus morangos estavam maduros, e mais um dia...
Acha, senhor, que são os ratos que os comem?

- Creio que não - respondeu Monte-Cristo, gravemente. - mas é má vizinhança, essa dos ratos-dos-pomares, sobretudo para nós que não os comemos barrados de mel, como faziam os Romanos.

- Ah! Os Romanos comiam-nos? - admirou-se o jardineiro. Comiam os ratos-dos-pomares?

- Li-o em Petrônio - respondeu o conde.

- Deveras? Não devem saber bem, embora os haja bem gordos. E não admira que sejam gordos, atendendo a que dormem todo o santo dia e só acordam para roer toda a noite. Olhe, o ano passado tinha quatro adamasqueiros; atacaram-me um. E tinha também um pessegueiro, um só, desses que dão pêssegos-carecas, um fruto raro... Pois bem, senhor, devoraram-me metade dele do lado da muralha. Um pessegueiro soberbo e que dava uns pêssegos excelentes. Nunca comi outros melhores.

- Comeu-os? - perguntou Monte-Cristo.

- Quero dizer, comi a metade que restava, como deve compreender. Eram deliciosos, senhor! Claro, esses cavalheiros não escolhem os piores bocados. São como o filho da Tia Simon, que também não escolheu os piores morangos, isso sim! Mas este ano - continuou o jardineiro - pode estar tranquilo que isso não me acontecerá, nem que eu tenha, quando os frutos estiverem quase maduros, de passar a noite a guardá-los.

Monte-Cristo já vira o bastante. Cada homem tem a sua paixão que o rói no fundo do coração, assim como cada fruto tem o seu bicho. A paixão do homem do telégrafo era a pomicultura. Pôs-se a colher as folhas da videira que ocultavam os cachos do sol e conquistou assim o coração do jardineiro.

- O senhor veio para ver o telégrafo? - perguntou o homenzinho.

- Vim, se isso não é proibido pelos regulamentos.

- De modo nenhum - respondeu o jardineiro -, atendendo a que não há nada de perigoso, pois ninguém sabe nem pode saber o que transmitimos.

- De fato, disseram-me - prosseguiu o conde - que os senhores repetem sinais que são os primeiros a não compreender.

- Claro, senhor, e por mim prefiro que seja assim - respondeu, rindo, o homem do telégrafo.

- Porque prefere que seja assim?

- Porque assim não tenho responsabilidades. Sou apenas uma máquina, e mais nada, e desde que funcione, é tudo, quanto me exigem.

"Demônio!", disse Monte-Cristo para consigo mesmo. "Terei por acaso deparado com um homem sem ambições? Irra, seria demasiada pouca sorte!"

- Senhor - disse o jardineiro, deitando uma olhadela ao relógio de sol -, os dez minutos estão acabando e tenho de regressar ao meu posto. Gostaria de subir comigo?

- Acompanho-o.

Com efeito, Monte-Cristo entrou na torre, dividida em três andares. O debaixo continha algumas alfaias agrícolas, tais como enxadas, ancinhos e regadores, encostadas à muralha, e mais nada.

O segundo era a residência habitual, ou antes, noturna, do funcionário. Continha alguns pobres utensílios domésticos, uma cama, uma mesa, duas cadeiras, uma bilha de barro e algumas ervas secas pendentes do teto, e que o conde identificou como ervilhas-de-cheiro e feijoeiros-escarlates, cujas sementes o homenzinho conservava na sua vagem, tudo etiquetado com um cuidado que faria inveja a um técnico do Jardim Botânico.

- É preciso muito tempo para aprender telegrafia, senhor? - indagou Monte-Cristo.

- Não, a aprendizagem não é longa, o que é longo é o tempo que se passa como supranumerário.

- E quanto ganham?

- Mil francos, senhor.

- Não é muito...

- Pois não, mas temos alojamento, como vê.

Monte-Cristo olhou o quarto.

- Oxalá que não esteja agarrado a isto - murmurou.

Passaram ao terceiro andar: era a sala do telégrafo. Monte-Cristo olhou

alternadamente os dois manípulos de ferro com o auxílio dos quais o funcionário fazia trabalhar a máquina.

- Isto é muito interessante - disse -, mas com o tempo esta vida não lhe parecerá um bocado insípida?

- Sim, ao princípio têm-se torcicolos à força de olhar, mas ao cabo de um ano ou dois acostumamo-nos. Além disso, temos as nossas horas de folga e os nossos dias de descanso.

- Dias de descanso?

- Sim.

- Quais?

- Aqueles em que há nevoeiro.

- Ah, tem razão!

- São os meus dias de festa. Nesses dias desço ao jardim e planto, podo, aparo e dou cabo das lagartas que apanho. Em suma, o tempo passa.

- Há quanto tempo está aqui?

- Há dez anos, mais cinco de supranumerário, quinze.

- Que idade tem?

- Cinquenta e cinco anos.

- Quanto tempo de serviço lhe falta para ter direito à reforma?

- Oh, senhor, vinte e cinco anos!

- E de quanto é a pensão?

- Cem escudos.

- Pobre humanidade! - murmurou Monte-Cristo.

- Que diz, senhor?... - perguntou o funcionário.

-- Digo que é muito interessante.

- O quê?

- Tudo o que me mostra... e o senhor não percebe nada, absolutamente nada dos seus sinais?

- Absolutamente nada.

- Nunca tentou compreendê-los?

- Nunca. Para quê?

- No entanto, há sinais que lhe são destinados diretamente.

- Sem dúvida.

- E esses compreende-os?

- São sempre os mesmos.

- E que dizem?

- “Nada de novo”, “Tem uma hora”, ou “Até amanhã“

- Nada mais simples - observou o conde. - Mas repare, não é o seu correspondente que se está a pôr em movimento?

- É verdade. Obrigado, senhor.

- Que lhe diz ele? É alguma coisa que o senhor compreenda?

- É. Pergunta-me se estou pronto.

- E que lhe responde?

- Respondo-lhe com um sinal que informa ao mesmo tempo o meu correspondente da direita que estou pronto e convida o meu correspondente da esquerda a preparar-se por seu turno.

- Muito engenhoso - disse o conde.

- Vai ver - prosseguiu o homenzinho com orgulho. - Dentro de cinco minutos começa a transmitir.

- Tenho portanto cinco minutos - disse Monte-Cristo. - É mais do que preciso. Meu caro senhor - prosseguiu --, permite-me que lhe faça uma pergunta?

- Decerto.

- Gosta da jardinagem?

- Com paixão.

- E seria feliz se em vez de ter um bocado de terreno de vinte pés tivesse um recinto de duas jeiras?

- Senhor, faria dele um paraíso terrestre.

- Vive mal com os seus mil francos?

- Bastante mal. Mas enfim, vivo...

- Pois sim, mas tem apenas um jardim miserável.

- Lá isso é verdade; o jardim não é grande.

- E mesmo assim, tal como é, está minado de ratos que lhe devoram tudo.

- Isso é o meu flagelo.

- Diga-me uma coisa: se por descuido virasse a cabeça quando o correspondente da direita começasse a transmitir, que aconteceria?

- Não o veria.

- E que aconteceria?

- Não poderia repetir os sinais.

- E depois?

- Não os tendo repetido por negligência, seria multado.

- Em quanto?

- Cem francos.

- A décima parte do seu vencimento. Bonito!

- Ah! - suspirou o funcionário.

- Já lhe aconteceu isso? - perguntou Monte-Cristo.

- Uma vez, senhor, uma vez, em que me entretive a enxertar uma roseira cor de avelã.

- Bem. E agora, se se atrevesse a alterar qualquer coisa ao sinal ou a transmitir outro?

- Nesse caso, seria diferente: seria despedido e perderia a minha pensão.

- Trezentos francos?

- Cem escudos, sim, senhor. Portanto, como deve compreender, nunca farei semelhante coisa.

- Nem mesmo por quinze anos dos seus vencimentos? Vejamos, é caso para pensar, hem?

- Por quinze mil francos?

- Sim.

- O senhor me assusta.

- Ora!

- O senhor quer me tentar?

- Exatamente! Quinze mil francos, compreende?

- Senhor, deixe me olhar o meu correspondente da direita!

- Pelo contrário, não olhe para ele, olhe para isto.

- Que é isto?

- Como! Não conhece estes papeizinhos?

- Notas!

- Autênticas. Estão aqui quinze.

- Para quem são?

- Para si, se quiser.

- Para mim?! - gritou o funcionário, sufocado.

- Meu Deus, sim, para si e em propriedade plena.

- Senhor, o meu correspondente da direita está transmitindo.

- Deixe-o transmitir.

- O senhor distraiu-me e vou ser multado.

- O que lhe custará cem francos. Bem vê que tem todo o interesse em aceitar as minhas quinze notas.

- Senhor, o meu correspondente da direita impacienta-se e repete os seus sinais.

- Deixe-o repetir e pegue este dinheiro.

O conde meteu o maço na mão do funcionário.

- Mas isto ainda não é tudo. Os quinze mil francos não lhe dariam para viver.

- Continuaria a ter o meu lugar.

- Não, perdê-lo-á, porque vai transmitir um sinal diferente do seu correspondente.

- Oh, senhor, que pretende de mim?

- Uma brincadeira de criança.

- Senhor, a não ser que seja obrigado a isso...

- Espero obrigá-lo, efetivamente.

E Monte-Cristo tirou da algibeira outro maço de notas.

- Aqui estão mais dez mil francos - disse. - Com os quinze mil que tem na algibeira, são vinte e cinco mil. Com cinco mil francos comprará uma bonita casinha e duas jeiras de terra; com os restantes vinte mil, arranjará mil francos de rendimento.

- Um jardim de duas jeiras?

- E mil francos de rendimento.

- Meu Deus! Meu Deus!

- Tome, vamos!

E Monte-Cristo meteu à força os dez mil francos na mão do funcionário.

- Que devo lazer?

- Nada muito difícil.

- Mas mesmo assim...

- Repetir estes sinais.

Monte-Cristo tirou da algibeira um papel com três sinais traçados e números a indicar a ordem por que deviam ser transmitidos.

- Não levará muito tempo, como vê.

- Pois não, mas...

- Se quer ter pêssegos-carecas tem de merece-los, assim como o resto.

O homenzinho decidiu-se. Rubro de excitação e suando por todos os poros, executou um após outro os três sinais dados pelo conde, apesar das horríveis deslocações do correspondente da direita, que, não compreendendo nada

daquela troca de sinais, começava a crer que o homem dos pêssegos enlouquecera.

Quanto ao correspondente da esquerda, repetiu conscienciosamente os mesmos sinais, que foram recebidos definitivamente no Ministério do Interior.

- Pronto, agora está rico - disse Monte-Cristo.

- Pois sim - respondeu o funcionário -, mas porque preço!

- Escute, meu amigo - perguntou Monte-Cristo --, não quero que tenha remorsos. Acredite, porque lhe juro, que não fez mal a ninguém e serviu os planos de Deus.

O funcionário olhava as notas, apalpava-as, contava-as. Tão depressa estava pálido como estava corado. Por fim, precipitou-se para o seu quarto, a fim de beber um copo de água. Mas não teve tempo de chegar à bilha; desmaiou no meio dos feijões secos.

Cinco minutos depois da notícia telegráfica chegar ao ministério, Debray mandou atrelar os cavalos ao seu cupé e correu a casa de Danglars.

- O seu marido tem cupons do empréstimo espanhol? - perguntou à baronesa.

- Creio que sim! Cerca de seis milhões.

- Que os venda por qualquer preço.

- Porquê?

- Porque D. Carlos fugiu de Burges e regressou a Espanha.

- Como sabe disso?

- Com a breca, como sei as notícias! - perguntou Debray, encolhendo os ombros.

A baronesa não esperou que ele repetisse a recomendação: correu ao encontro do marido, o qual correu por sua vez a casa do seu corretor, a quem ordenou que vendesse os cupons por qualquer preço.

Quando se soube que o Sr. Danglars vendia, os fundos espanhóis baixaram imediatamente. Danglars perdeu quinhentos mil francos, mas desembaraçou-se de todos os seus cupons. À tarde leu-se no messager:

Despacho telegráfico. - O rei D. Carlos escapou à vigilância que se exercia sobre ele em Burges e regressou a Espanha pela fronteira da Catalunha. Barcelona sublevou-se a seu favor.

Durante toda a noite só se falou da previsão de Danglars, que vendera os seus cupons, e da sorte do especulador, que perdia apenas quinhentos mil francos com semelhante golpe. Aqueles que tinham conservado os seus cupons ou comprado os de Danglars consideraram-se arruinados e passaram uma má noite.

No dia seguinte leu-se no Moniteur:

Foi sem qualquer fundamento que o Messager anunciou ontem a fuga de D. Carlos e a revolta de Barcelona. O rei D. Carlos não saiu de Burges e a Península goza da mais profunda tranquilidade.

Um sinal telegráfico mal interpretado, devido ao nevoeiro, deu origem a este erro.

Os fundos subiram para o dobro do valor a que tinham descido, o que acarretou a Danglars, entre prejuízos e lucros perdidos, um milhão a menos.

- Bom - disse Monte-Cristo a Morrel, que se encontrava em sua casa no

momento em que foi anunciada a singular reviravolta de bolsa de que Danglars fora vítima --, acabo de fazer por vinte e cinco mil francos uma descoberta por que pagaria cem mil.

- Que descobriu? - perguntou Maximilien.

- Descobri o meio de livrar um jardineiro dos ratos-dos-pomares que lhe comiam os pêssegos.

Capítulo LXII

Os fantasmas

À primeira vista, e examinada de fora, a casa de Auteuil não tinha nada de esplêndida, nada do que se poderia esperar de uma residência destinada ao magnífico conde de Monte-Cristo. Mas tal simplicidade devia-se à vontade do proprietário, que ordenara taxativamente que nada fosse mudado no exterior. Mas o exterior era o exterior e o interior era o interior, como era fácil de demonstrar. Com efeito, mal se abria a porta, o espetáculo mudava.

O Sr. Bertuccio excedera-se a si mesmo no bom gosto das decorações e na rapidez da execução. Assim como outrora o duque de Antin mandara abater numa noite uma alameda de árvores que incomodava a vista de Luís XIV também em três dias o Sr. Bertuccio mandara encher de plantas um pátio inteiramente nu, e belos álamos e sicômoros, trazidos com os seus enormes blocos de raízes, sombreavam a fachada principal da casa, diante da qual em vez de pedras semiocultas pelas ervas, se estendia um tapete de relva cujas placas tinham sido colocadas naquela mesma manhã, tapete vasto ainda perlado da água com que fora regado.

Quanto ao resto, as ordens provinham do conde. Ele próprio entregara a Bertuccio uma planta onde estavam indicados o número e a localização das árvores que deviam ser plantadas, bem como a forma e o espaço do relvado que devia suceder à calçada.

Vista assim, a casa tornara-se irreconhecível, e o próprio Bertuccio protestava que não a reconhecia, assim metida na sua moldura de vegetação.

O intendente não desgostaria, enquanto ali estava, de fazer algumas transformações no jardim, mas o conde proibira-o taxativamente de tocar fosse no que fosse. Bertuccio vingou-se enchendo de flores as antecâmaras, as escadas e as chaminés.

O que denotava a extrema habilidade do intendente e a profunda ciência do amo, um para servir e o outro para se fazer servir, era o fato de aquela casa, deserta havia vinte anos, tão sombria e tão triste ainda na véspera, toda impregnada do cheiro a mofo que se poderia chamar odor do tempo, ter adquirido num dia, com o aspecto da vida, os aromas preferidos do proprietário e até o seu grau de luminosidade favorito.

Porque o conde, quando chegasse, teria ali, ao alcance da mão, os seus livros e as suas armas, diante dos olhos os seus quadros preferidos e nas antecâmaras o cão de cujas carícias gostava e os pássaros cujo canto apreciava. Porque toda

aquela casa, acordada do seu longo sono como o palácio da Bela do Bosque Adormecido, vivia, cantava, expandia-se, semelhante a essas casas que amamos há muito tempo e nas quais, quando por infelicidade as deixamos, fica involuntariamente parte da nossa alma.

Os criados iam e vinham contentes naquele belo pátio: uns, já senhores das cozinhas, cirandavam, como se sempre tivessem morado naquela casa, pelas escadas restauradas na véspera; outros enchiam as cocheiras, onde as carruagens, numeradas e arrumadas, pareciam instaladas havia cinquenta anos, e outros
ainda percorriam as cavalariças, onde os cavalos, à manjedoura, respondiam relinchando aos moços de estrebaria que lhes talavam com infinitamente mais respeito do que muitos criados falam aos amos.

A biblioteca estava disposta em dois corpos, de ambos os lados da parede, e continha cerca de dois mil volumes. Uma seção inteira estava destinada aos romances modernos e o que saíra na véspera já estava arrumado no seu lugar, pavoneando-se na sua encadernação vermelha e ouro.

Do outro lado da casa, no mesmo plano da biblioteca, ficava a estufa, guarnecida de plantas raras que vegetavam em grandes jarrões japoneses, e no meio da estufa, maravilha ao mesmo tempo da vista e do olfato, um bilhar que se diria abandonado havia uma hora no máximo pelos jogadores, que tinham deixado as bolas imobilizarem-se no tapete.

Apenas um quarto fora respeitado pelo magnífico Bertuccio. Diante desse quarto, situado no canto esquerdo do primeiro andar e ao qual se podia subir pela escada secreta, os criados passavam com curiosidade e Bertuccio com terror.

Às cinco horas exatas, acompanhado de Ali, o conde chegou diante da casa de Auteuil. Bertuccio esperava a sua chegada com uma impaciência laivada de inquietação. Esperava alguns cumprimentos, mas também temia uma franzidela de sobrolho.

Monte-Cristo apeou no pátio, percorreu toda a casa e deu a volta ao jardim, silencioso e sem exteriorizar o menor sinal de aprovação ou descontentamento. Apenas quando entrou no seu quarto, situado do lado oposto ao quarto fechado, estendeu a mão para a gaveta de um movelzinho de pau-rosa, que já lhe chamara a atenção na sua primeira visita.

- Isto só pode servir para guardar luvas - disse.

- Com efeito, Excelência - respondeu Bertuccio, encantado. - Se a abrir, encontrará luvas.

Nos outros móveis o conde encontrou também o que esperava encontrar: garrafas, charutos, jóias.

- Muito bem! - disse novamente.

E o Sr. Bertuccio retirou-se encantado, tão grande era o poder e real a influência daquele homem sobre tudo o que o rodeava. Às seis horas exatas ouviu-se tropear um cavalo diante da porta de entrada. Era o nosso capitão de sipaios, que chegava montado em Médeah. Monte-Cristo esperava-o na escadaria, com um sorriso nos lábios.

- Tenho certeza de que sou o primeiro a chegar! - gritou-lhe Morrel. - Vim propositadamente mais cedo para o ter um instante só para mim, antes de todas as pessoas. Julie e Emmanuel mandam-lhe milhões de cumprimentos. Ah! Sabe

que tudo isto aqui é magnífico? Diga-me uma coisa, conde: os seus criados cuidarão do meu cavalo como deve ser?

- Esteja tranquilo, meu caro Maximilien, eles sabem o que fazem.

- É que ele precisa de ser esfregado com palha. Se visse o andamento que trouxe! Uma verdadeira tromba!

- Acredito. Nem outra coisa era de esperar de um cavalo de cinco mil francos! - perguntou Monte-Cristo, no tom em que um pai falaria a um filho.

- Lamenta-os? - perguntou Morrel, com um sorriso franco.

- Eu? Deus me defenda! - respondeu o conde. - Não. Só lamentaria que o cavalo não fosse bom.

- É tão bom, meu caro conde, que o Sr. de Château-Renaud, o homem mais conhecedor de França, e o Sr. Debray, que monta os árabes do ministério, correm atrás de mim neste momento, um pouco distanciados, como vê, e ainda são seguidos pelos cavalos da baronesa Danglars, que vêm num trote que lhes permite percorrer com facilidade as suas seis léguas por hora.

- Seguem-no, então? - perguntou Monte-Cristo.

- Olhe, aí os tem!

Com efeito, naquele preciso momento um cupe com a parelha toda fumegante e dois cavalos de sela já sem fôlego chegavam diante do portão da casa, que se abriu diante deles. O cupe descreveu imediatamente o seu círculo e foi parar diante da escadaria, seguido dos dois cavaleiros.

Num instante, Debray desmontou e chegou à portinhola. Ofereceu a mão à baronesa, que ao descer lhe fez um sinal imperceptível para todos, exceto para Monte-Cristo. Mas o conde não perdia nada, e naquele gesto viu brilhar um bilhetinho branco, tão imperceptível como o sinal, e que passou, com uma facilidade que indicava o hábito de semelhante manobra, da mão da Sra Danglars para a do secretário do ministro.

Atrás da mulher desceu o banqueiro, pálido como se saísse do sepulcro em vez de sair do seu cupe.

A Sra Danglars lançou à sua volta um olhar rápido e investigador, que Monte-Cristo foi o único a compreender, e no qual abarcou o pátio, o peristilo e a fachada da casa. Depois, reprimindo uma leve emoção, que sem dúvida se lhe refletiria no rosto se fosse permitido ao seu rosto empalidecer, subiu a escadaria ao mesmo tempo que dizia a Morrel:

- Se o senhor fosse um dos meus amigos, lhe perguntaria se o seu cavalo está à venda.

Morrel esboçou um sorriso, que mais parecia uma careta, e virou-se para Monte-Cristo, como se lhe suplicasse que o tirasse do embaraço em que se encontrava.

O conde compreendeu-o.

- Minha senhora - respondeu --, porque não me faz antes a mim essa pergunta?

- Porque consigo, senhor - declarou a baronesa --, não temos o direito de desejar seja o que for, pois estamos demasiado certas de o obter. Por isso me dirigi ao Sr. Morrel.

- Infelizmente - prosseguiu o conde --, sou testemunha de que o Sr. Morrel não pode ceder o seu cavalo, pois deu a sua palavra de honra de que o

conservaria.

- Como assim?

- Apostou que domaria Médeah no espaço de seis meses. Compreende agora, baronesa, que se se desfizesse dele antes do prazo fixado na aposta não só o perderia como ainda diriam que tinha medo? Ora um capitão de sipaios não pode, mesmo para satisfazer um capricho de uma mulher bonita, na minha opnião uma das coisas mais sagradas deste mundo, deixar que se espalhe semelhante boato.

- Como vê, minha senhora... - disse Morrel, dirigindo a Monte-Cristo um sorriso de reconhecimento.

- De resto, parece-me - interveio Danglars num tom desabrido mal disfarçado por um sorriso forçado - que a senhora já tem, cavalos de sobra.

Não estava nos hábitos da Sra Danglars deixar passar semelhantes ataques sem responder, e no entanto, com grande admiração dos mais novos, fingiu não ouvir e não respondeu nada.

Monte-Cristo sorriu do seu silêncio, que denotava uma humildade desacostumada, e mostrou à baronesa dois enormes vasos de porcelana da China sobre os quais serpenteavam vegetações marinhas de um tamanho e de um trabalho tais que só à natureza era dado possuir tanta riqueza, tanta seiva e tanta
espiritualidade. A baronesa estava maravilhada.

- Pois sim, mas em outras mãos lhes plantariam lá dentro um castanheiro das Tulherias! - observou. - Como terá sido possível cozer alguma vez semelhantes enormidades?

- Minha senhora, não devemos fazer tal pergunta a nós próprios, fabricantes de estatuetas e de vidro despolido com desenhos transparentes; neste caso, trata-se de uma obra de outros tempos, de uma espécie de criação de gênios da terra e do mar.

- Explique-se melhor. De que época são estes vasos?

- Não sei. Apenas ouvi dizer que o imperador da China mandou fazer um forno de propósito; que nesse forno, um após outro, se cozeram doze vasos idênticos a estes; que dois se quebraram devido ao calor excessivo do lume, e que os restantes dez foram descidos a trezentas braças no fundo do mar. Mar que,
sabendo o que se pretendia dele, lançou sobre os vasos as suas lianas, torceu os seus corais e incrustou as suas conchas. Tudo isto foi cimentado por uma permanência de duzentos anos naquelas profundezas inauditas, porque uma revolução derrubou o imperador que ordenara a experiência e só deixou a ata de
que constava o cozimento dos vasos e a sua descida ao fundo do mar. Passados duzentos anos encontrou-se a ata e pensou-se recuperar os vasos. Mergulhadores munidos de máquinas construídas propositadamente partiram à descoberta na baía em que tinham sido lançados; mas dos dez só se encontraram três: os outros tinham sido dispersos e quebrados pelas vagas. Quero muito a estes vasos no fundo dos quais imagino às vezes que monstros informes, assustadores, misteriosos e idênticos àqueles que só os mergulhadores vêem, fixaram com espanto o seu olhar mortiço e frio, e nos quais dormiram cardumes de peixes, que neles se refugiaram para fugir à perseguição dos seus inimigos.

Entretanto, Danglars, pouco apreciador de curiosidades, arrancava maquinalmente, uma a uma, as flores de uma magnífica laranjeira. E quando acabou com a laranjeira dirigiu-se para o cacto, mas este, de temperamento menos fácil do que a laranjeira, picou-o afrontosamente. Então, estremeceu e esfregou os olhos como se saísse de um sonho.

- Senhor - disse-lhe Monte-Cristo sorrindo --, sei que é apreciador de quadros e que tem alguns magníficos; por isso, não lhe recomendo os meus, embora tenha aqui dois Hobbemas, um Paul Potter, um Mieris, dois gerards Dow, um Rafael, um Van Dyck, um Zurbaran e dois ou três Murillos dignos de lhe serem apresentados.

- Aqui está um Hobbema - disse Debray. - Reconheço-o.

- Sim, é verdade!

- Ofereceram-no ao museu.

- Que não tem nenhum, creio? - arriscou Monte-Cristo.

- Não, e mesmo assim não o quis comprar.

- Porquê? - perguntou Château-Renaud.

- Você tem graça! Porque o Governo não é suficientemente rico para isso.

- Perdão! - desculpou-se Château-Renaud. - Apesar de ouvir dizer isso todos os dias, há oito anos a esta parte, ainda não consegui me habituar.

- Acabará por se habituar - disse Debray.

- Não me parece - respondeu Château-Renaud.

- O Sr. Major Bartolomeo Cavalcanti! O Sr. Visconde Andrea Cavalcanti! - anunciou Baplistin.

De gravata de cetim preto acabada de sair das mãos do fabricante, barba acabada de fazer, bigode grisalho, olhar atrevido e uniforme de major adornado com três placas e cinco cruzes, em suma, numa indumentária impecável de velho soldado, assim apareceu o major Bartolomeo Cavalcanti, o terno pai que conhecemos.

Junto dele, de casaca novinha em folha, caminhava de sorriso nos lábios o visconde Andrea Cavalcanti, o filho respeitoso que também já conhecemos. Os três jovens conversavam juntos. Olharam para o pai e para o filho, mas muito naturalmente os seus olhos detiveram-se mais tempo no último, que examinaram com minúcia.

- Cavalcanti... - disse Debray.

- Um belo nome - acrescentou Morrel. - Que figura!

- Sim - disse Château-Renaud --, é verdade, os italianos denominam-se bem, mas vestem-se mal.

- Você é difícil de contentar, Château-Renaud - contrapós Debray. -- Aquela casaca é de um excelente alfaiate e novinha em folha.

- É precisamente isso que lhe critico aquele cavalheiro tem ar de quem se veste assim hoje pela primeira vez.

- Quem são aqueles senhores? - perguntou Danglars ao conde de Monte-Cristo.

- Bem ouviu: são os Cavalcanti.

- Fico esclarecido quanto ao nome, mas mais nada.

- É verdade, o senhor não está ao corrente da nossa nobreza de Itália. Quem diz Cavalcanti diz estirpe de príncipes.

- Boa fortuna? - perguntou o banqueiro.

- Fabulosa.

- Que fazem?

- Procuram gastá-la sem o conseguirem. Aliás, têm créditos sobre o senhor, segundo me disseram quando me visitaram anteontem. Convidei-os até em sua intenção. Hei-de apresentar-los.

- Mas parece-me que falam muito corretamente o francês - observou Danglars.

- O filho foi educado num colégio do Meio-Dia, em Marselha ou nos arredores, creio. Verá pelo seu entusiasmo.

- A propósito de quê? - perguntou a baronesa.

- Das francesas, minha senhora. está absolutamente decidido a casar em Paris.

- Que rica idéia! - exclamou Danglars, com desdém, encolhendo os ombros.

A Sra Danglars fitou o marido com uma expressão que em qualquer outro momento pressagiaria tempestade, mas pela segunda vez calou-se.

- O barão parece hoje muito sombrio - observou Monte-Cristo à Sra Danglars. - Por acaso terão querido fazê-lo ministro?

- Ainda não, que eu saiba. Creio antes que jogou na Bolsa, que perdeu e que não sabe como se justificar.

- O Sr. e a Sra de Villefort! - gritou Baptistin.

As duas pessoas anunciadas entraram. O Sr. de Villefort, apesar do seu domínio sobre si mesmo, estava visivelmente impressionado. Quando lhe apertou a mão, Monte-Cristo sentiu-a tremer.

"Decididamente, não há como as mulheres para saberem dissimular", disse Monte-Cristo para consigo, vendo a Sra Danglars sorrir ao procurador régio e beijar a mulher deste.

Depois dos primeiros cumprimentos, o conde viu Bertuccio, que, ocupado até ali do lado da copa, se esgueirava para uma salinha contígua àquela onde se encontravam. Foi ter com ele.

- Que deseja, Sr. Bertuccio? - perguntou-lhe.

- V. Exª não me disse quantos convidados eram.

- Ah, é verdade!

- Quantos talheres?

- Conte-os o senhor mesmo.

- Todos já chegaram, Excelência?

- Já.

Bertuccio olhou através da porta entreaberta. Monte-Cristo não o perdia de vista.

- Oh, meu Deus! - exclamou o intendente.

- Que é? - perguntou o conde.

- Aquela mulher!... Aquela mulher!...

- Qual?

- Aquela de vestido branco e cheia de diamantes! A loura!...

- A Sra Danglars?

- Não sei como se chama, mas é ela, senhor, é ela!

- Ela, quem?

- A mulher do jardim! A que estava grávida! A que passeava enquanto esperava!

Bertuccio ficou de boca aberta, pálido e com os cabelos em pé.

- Enquanto esperava quem?

Sem responder, Bertuccio indicou Villefort com o dedo, mais ou menos da mesma maneira que Macbeth indicou Banco.

- Oh!... Oh!... - murmurou por fim - vê?

- O quê? Quem?

- Ele!

- Ele?... O Sr. Procurador régio? O Sr. de Villefort? Claro que vejo.

- Mas então... não o matei?

- Tem cada uma! Começo a convencer-me que enlouqueceu, meu caro Sr. Bertuccio - perguntou o conde.

- Não morreu?..

- Não, claro que não morreu, como vê! Em vez de o ferir entre a sexta e a sétima costela esquerda, como fazem os seus compatriotas, o senhor feriu-o mais acima ou mais abaixo, e aquela gente da justiça tem a alma muito agarrada ao corpo, não sabia? A não ser que nada do que me contou fosse verdade, não passasse de um sonho da sua imaginação, de uma alucinação do seu espírito. Provavelmente adormeceu depois de digerir mal a sua vingança; ela pesou-lhe no estômago, o senhor teve um pesadelo e pronto! Vamos, recupere a calma e conte: o Sr. e a Sra de Villefort, dois; o Sr. e a Sra Danglars, quatro; o Sr. de Château-Renaud, o Sr. Debray e o Sr. Morrel, sete; o Sr. Major Bartolomeo Cavalcanti, oito.

- Oito! - repeliu Bertuccio.

- Espere! Espere! está com muita pressa de ir embora, que diabo! Esquece-se de um dos meus convidados. Desvie-se um bocadinho pala a esquerda... olhe... o Sr. Andrea Cavalcanti, aquele jovem de casaca preta que está a admirar a Virgem de Murillo e que se vira agora.

Desta vez, Bertuccio começou um grito, que o olhar de Monte-Cristo lhe extinguiu nos lábios.

- Benedetto!.. - murmurou baixinho. - Que fatalidade!

- Estão a dar seis e meia, Sr. Bertuccio - disse severamente o conde. - está na hora a que dei ordem para se ir para a mesa; bem sabe que não gosto de esperar.

E Monte-Cristo voltou à sala, onde o esperavam os seus convidados, enquanto Bertuccio regressava à sala de jantar apoiando-se nas paredes. Cinco minutos mais tarde, as duas portas da sala abriram-se,

Bertuccio apareceu, e fazendo, como Vatel em Chantilly, um derradeiro e heróico esforço, anunciou:

- Sr. Conde está servido.

Monte-Cristo ofereceu o braço à Sra de Villefort.

- Sr. de Villefort - disse --, seja o par da Sra Baronesa Danglars, peço-lhe.

Villefort obedeceu e entraram na sala de jantar.

Capítulo LXIII

O jantar

Era evidente que ao entrarem na sala de jantar o mesmo sentimento dominava todos os convivas. Perguntavam a si próprios que estranha influência levara todos àquela casa, e no entanto, por mais surpreendidos e até inquietos que alguns estivessem por ali se encontrar, não desejariam de modo algum lá não estar.

Contudo, relações de fresca data, bem como a posição excêntrica e isolada e a fortuna desconhecida e quase fabulosa do conde, impunham aos homens o dever de serem circunspectos e às mulheres a regra de não entrarem numa casa onde não havia mulheres para as receber. Mas mesmo assim, homens e mulheres tinham passado por cima, uns da circunspecção e as outras das conveniências. A curiosidade, espicaçando-os com o seu aguilhão irresistível, prevalecera sobre tudo.

Até os Cavalcanti, pai e filho, apesar do constrangimento de um e da desenvoltura do outro, pareciam preocupados por se encontrarem reunidos, em casa de um homem cujo objetivo não compreendiam, com outros homens que viam pela primeira vez.

A Sra Danglars fizera um movimento ao ver, a convite de Monte-Cristo, o Sr. de Villefort aproximar-se dela para lhe oferecer o braço, e o Sr. de Villefort, sentira a vista turvar-lhe detrás dos óculos de ouro ao sentir o braço da baronesa pousar no seu.

Nenhuma destas duas reações escapara ao conde. Aliás, o simples contato estabelecido entre os indivíduos possui já para o observador da cena o maior interesse. O Sr. de Villefort tinha à sua direita a Sra Danglars e à sua esquerda Morrel. O conde estava sentado entre a Sra de Villefort e Danglars.

Os outros lugares estavam ocupados por Debray, sentado entre Cavalcanti pai e Cavalcanti filho, e por Château-Renaud. sentado entre a Sra de Villefort e Morrel.

A refeição foi magnífica. Monte-Cristo tomara a peito alterar completamente as normas parisienses e dar ainda mais à curiosidade do que ao apetite dos seus convivas o alimento que ela desejava. Ofereceu-lhes um festim oriental, à maneira como poderiam sê-lo os festins das fadas orientais.

Todos os frutos que as quatro parles do mundo podem lançar, intactos e saborosos, na cornucópia da abundância da Europa se empilhavam em pirâmides em vasos da China e taças do Japão. As aves raras, com a parte brilhante da sua plumagem, os peixes monstruosos deitados em chapas de prata, todos os vinhos do Arquipélago, da Ásia Menor e do Cabo, encerrados em frascos de formas extravagantes que pareciam aumentar-lhes ainda o sabor, desfilaram como numa dessas revistas que Apício passava com os seus convivas diante dos Parisienses, que compreendiam perfeitamente que se pudessem gastar mil luíses num jantar de dez pessoas desde que, como Cleépatra, se comessem pérolas ou, como Lourenço de Médicis, se bebesse ouro derretido. Monte-Cristo viu a surpresa geral e desatou a rir e a ridicularizar-se em voz alta.

- Meus senhores - disse --, decerto concordam com o que lhes vou dizer. Não é verdade que, quando se atinge certo grau de fortuna, não há nada mais necessário do que o supérfluo, da mesma maneira que, como estas senhoras admitirão, atingindo certo grau de exaltação, não há nada mais positivo do que o

ideal? Ora, prosseguindo com o raciocínio, que é o maravilhoso? O que não compreendemos. Que é um bem realmente desejável? Um bem que não podemos ter. Por isso, ver coisas que não posso compreender e adquirir coisas impossíveis de possuir, tal é o desejo de toda a minha vida. E satisfaço-o com dois meios: o dinheiro e a vontade. Ponho em satisfazer um capricho, por exemplo, a mesma perseverança que o senhor, meu caro Danglars, emprega para criar uma linha de caminho-de-ferro; o senhor, meu caro Villefort, para que um homem seja condenado a morte; o senhor, meu caro Debray, para pacificar um reino; o senhor, meu caro Château-Renaud, para agradar a uma mulher, e o senhor, meu caro Morrel, para domar um cavalo que ninguém consegue montar. Assim, por exemplo, vejam estes dois peixes, nascidos um a cinquenta léguas de Sampetersburgo e o outro a cinco léguas de Nápoles: não é interessante reuni-los na mesma mesa?

- Como se chamam esses dois peixes? - perguntou Danglars.

- Aqui está o Sr. de Château-Renaud, que viveu na Rússia, que lhes dirá o nome de um - respondeu Monte-Cristo. - E aqui está o Sr. Major Cavalcanti, que é italiano, que lhes dirá o nome do outro.

- Este - disse Château-Renaud -- ,se me não engano, um esturjão.

- Exato.

- E aquele - disse Cavalcanti - ,, se não estou em erro, uma lampréia.

- Isso mesmo. Agora, Sr. Danglars, pergunte àqueles dois senhores onde se pescam estes peixes.

- Os esturjões - respondeu Château-Renaud - pescam-se exclusivamente no Volga.

- E águas que dêem lampréias deste tamanho - disse Cavalcanti - só conheço as do lago Fusaro.

- Exato, um veio do Volga e o outro do lago Fusaro.

- Impossível! - exclamaram em uníssono todos os convivas.

- Ora é isso precisamente que me diverte - perguntou Monte-Cristo. - Sou como Nero: cupitor impossibilium. E também o que os diverte neste momento. Eis, enfim, o que faz com que esta carne, que na realidade talvez não valha mais do que a da perca e a do salmão, lhes vá parecer deliciosa daqui a pouco, só porque no espírito de todos era impossível consegui-la. E no entanto ela aqui está...

- Mas como foi possível transportar esses dois peixes para Paris?

- Oh, meu Deus, nada mais simples! Os dois peixes foram transportados cada um numa grande barrica, uma revestida de caniços e ervas do rio e a outra de juncos e plantas do lago, ambas embarcadas num furgão feito de propósito. Viveram assim o esturjão doze dias e a lampréia oito. E ambos viviam perfeitamente quando o meu cozinheiro tomou conta deles para fazer morrer um em leite e o outro em vinho. Não acredita, Sr. Danglars?

- Duvido, pelo menos - respondeu Danglars, sorrindo forçadamente.

- Baptistin! - chamou Monte-Cristo. - Mande trazer o outro esturjão e a outra lampréia, aqueles que vieram nas outras barricas e que ainda estão vivos.

Danglars arregalou os olhos de espanto; os restantes convivas bateram palmas.

Quatro criados trouxeram duas barricas guarnecidas de plantas marinhas, em cada uma das quais palpitava um peixe idêntico aos que estavam na mesa.

- Mas porquê dois de cada espécie? - perguntou Danglars.

- Porque um podia morrer - respondeu simplesmente Monte-Cristo.

- O senhor é realmente um homem prodigioso - reconheceu Danglars - e os filósofos escusam de dizer o contrário, pois é soberbo ser rico.

- E sobretudo ter idéias - acrescentou a Sra Danglars.

-Oh, não me atribua a honra desta, minha senhora! É uma honra que pertence aos Romanos. Plínio conta que se mandavam de ôstia para Roma, por meio de mudas de escravos, que os transportavam à cabeça, peixes da espécie do chamado mulus, e que, segundo a descrição que dele existe, é provavelmente a dourada. Era também um luxo conservá-lo vivo e um espetáculo deveras interessante vê-lo morrer, pois ao
morrer mudava três ou quatro vezes de cor e, como um arco-íris que se evapora, passava por todos os cambiantes do prisma, depois do que o mandavam para as cozinhas. A sua agonia fazia parte do seu mérito. Se não o vissem vivo, não o queriam morto.

- É verdade - confirmou Debray. - Mas também de ôstia a Roma são apenas sete ou oito léguas.

- De acordo - concordou Monte-Cristo. - Mas onde estaria o mérito de vivermos mil e oitocentos anos depois de Lúculo se não fizéssemos melhor do que ele?

Os dois Cavalcanti arregalavam muito os olhos, mas tinham o bom senso de não dizer nada.

- Tudo isso é muito amável - declarou Château-Renaud. - No entanto, o que mais admiro, confesso, é a admirável prontidão com que o senhor é servido. Não é verdade, Sr. Conde, que só comprou esta casa há cinco ou seis dias?

- Sim, quando muito - respondeu Monte-Cristo.

- Pois bem, estou certo de que em tão pouco tempo sofreu uma transformação completa. Se me não engano, ela tinha outra entrada como esta e o pátio estava calcetado e vazio, enquanto que hoje tem um magnífico relvado orlado de árvores que parecem centenárias.

- Que quer, aprecio a verdura e a sombra - respondeu Monte-Cristo.

- Com efeito - interveio a Sra de Villefort --, antes se entrava por uma porta que dava para a estrada, e no dia da minha milagrosa salvação foi pela estrada, recordo-me, que o senhor me trouxe para casa.

- É verdade, minha senhora - confirmou Monte-Cristo. - Mas depois preferi uma entrada que me permite ver o Bosque de Bolonha através do portão.

- Em quatro dias, é um prodígio! - exclamou Morrel.

- De fato - disse Château-Renaud --, transformar uma casa velha numa casa nova é coisa miraculosa. Porque ela era muito velha e até muito triste. Recordo-me de ter sido encarregado pela minha mãe de a visitar quando o Sr. de Saint-Méran a pôs à venda, há dois ou três anos.

- O Sr. de Saint-Méran? - admirou-se a Sra de Villefort. - Mas esta casa pertencia ao Sr. de Saint-Méran antes de o senhor a comprar?

- Parece que sim - respondeu Monte-Cristo.

- Parece?... Não sabe a quem a comprou?

- Palavra que não. É o meu intendente que se ocupa de todos esses pormenores.

- É certo que havia dois anos, pelo menos, que não era habitada - prosseguiu Château-Renaud -, e causava uma grande tristeza vê-la com as persianas fechadas, as portas trancadas, o pátio cheio de ervas. Na verdade, se não tivesse pertencido ao sogro de um procurador régio poderia ser tomada por uma dessas casas malditas onde se cometeu qualquer crime.

Villefort, que até ali não tocara nos três ou quatro copos de vinhos extraordinários colocados diante de si, pegou num ao acaso e bebeu-o de um só trago. Monte-Cristo deixou passar um instante. Depois, no meio
do silêncio que se seguiu às palavras de Château-Renaud, disse:

- É estranho, Sr. Barão, mas tive o mesmo pensamento da primeira vez que entrei. A casa pareceu-me tão lúgubre que nunca a teria comprado se o meu intendente a não tivesse adquirido por mim. Provavelmente, o maroto recebeu algumas “luvas" do tabelião...

- É provável - balbuciou Villefort, tentando sorrir. - Mas acredite que não meti prego nem estopa nesse suborno. O Sr. de Saint-Méran quis que esta casa, que faz parte do dote da neta, fosse vendida porque, se permanecesse mais três ou quatro anos desabitada, cairia em ruínas.

Foi a vez de Morrel empalidecer.

- Havia sobretudo um quarto - continuou Monte-Cristo -, oh, meu Deus, um quarto aparentemente muito simples, um quarto como todos os quartos forrado de damasco vermelho, que me pareceu, não sei porquê, deveras dramático!

- Dramático?... Dramático porquê? - perguntou Debray.

- Não costumam ter a percepção das coisas instintivas? - perguntou Monte-Cristo. - Não é verdade que há lugares onde parece que se respira naturalmente a tristeza? Porquê? Ninguém sabe nada a tal respeito. Mas isso acontece, quer por um encadeamento de recordações, quer por um capricho do pensamento que nos conduz a outros tempos, a outros lugares sem qualquer relação com os tempos e os lugares onde nos
encontramos. Tanto assim que aquele quarto me recordava admiravelmente o quarto da marquesa de Ganges ou o de Desdemona. Olhem, uma vez que já acabamos de jantar, quero que o vejam. Depois desceremos para tomar o café no jardim. Depois do jantar, o espetáculo.

Monte-Cristo fez um sinal como se consultasse os seus convidados. A Sra de Villefort levantou-se, Monte-Cristo imitou-a e todos lhe seguiram o exemplo. Villefort e a Sra Danglars ficaram um instante como que pregados no seu lugar. Interrogavam-se com a vista, frios, mudos e aterrorizados.

- Ouviu? - perguntou a Sra Danglars.

- Temos de ir - respondeu Villefort, levantando-se e oferecendo-lhe o braço.

Todos já tinham se espalhado pela casa, impelidos pela curiosidade, pois pensavam que a visita não se limitaria ao tal quarto e que ao mesmo tempo percorreriam o resto daquele pardieiro que Monte-Cristo transformara num palácio. Todos correram portanto para as portas abertas. Monte-Cristo esperou pelos dois retardatários. Depois, quando eles também saíram, fechou o cortejo, com um sorriso que, se o pudessem
compreender, apavoraria muito mais os convivas do que o quarto onde iam entrar.

Começaram, com efeito, por percorrer os aposentos, os quartos mobilados à oriental, com divãs e almofadas a servirem de cama e cachimbos e armas a

fazerem as vezes de móveis; as salas com as paredes cobertas dos mais belos quadros dos velhos mestres; os boudoirs revestidos de tecidos da China, de cores caprichosas e desenhos extravagantes, maravilhosos; por fim, chegaram ao famoso quarto.

Não tinha nada de especial, exceto a circunstância de, apesar de o dia estar morrendo, se não encontrar iluminado e se apresentar em toda a sua vetustez, quando todos os outros quartos haviam sido arranjados de novo.

Estas duas causas bastavam, efetivamente, para lhe dar um aspecto lúgubre.

- Oh, é horrível, com efeito! - exclamou a Sra de Villefort.

A Sra Danglars procurou balbuciar algumas palavras, que ninguém ouviu. Cruzaram-se várias observações cujo resultado foi concluir-se que na verdade o quarto de damasco vermelho tinha um aspecto
sinistro.

- Não é verdade? - perguntou Monte-Cristo. - Vejam como a cama está estranhamente colocada e como é sombrio e sangrento o damasco das paredes! E aqueles dois retratos a pastel, que a umidade desbotou, não parecem dizer, com os seus lábios lívidos e os seus olhos esgazeados: “Eu vi!"

Villefort perdeu por completo a cor e a Sra Danglars caiu num canapé colocado perto da lareira.

- Oh! - exclamou a Sra de Villefort, sorrindo. - Tem a coragem de se sentar nesse canapé, onde talvez o crime foi cometido?...

A Sra Danglars levantou-se vivamente.

- Mas isto não é tudo... - disse Monte-Cristo.

- Que mais temos? - perguntou Debray, a quem a comoção da Sra Danglars não escapara.

- Sim, que mais temos ainda? - secundou-o Danglars. - Porque, até agora. confesso que não vi grande coisa. E o senhor, major Cavalcanti?

- Oh! - exclamou o interpelado. - Nós temos em Pisa a torre de Ugolino, em Ferrara a prisão de Tasso e em Rimini o quarto de Francisca e Paulo...

- Pois sim, mas não têm esta escadinha - atalhou Monte-Cristo, abrindo uma porta disfarçada na parede. - Vejam-na e digam o que lhes parece.

-- Que escada-de-caracol mais sinistra! - exclamou Château-Renaud, rindo.

- A verdade é que - confessou Debray - não sei se é o vinho de Chio que me põe melancólico, mas não há dúvida de que acho esta casa muito soturna.

Quanto a Morrel, desde que ouvira falar do dote de Valentine, ficara triste e não proferira uma palavra.

- Imaginem - sugeriu Monte-Cristo - um Otelo ou um abade de Ganges qualquer descendo passo a passo, numa noite escura e tempestuosa, esta escada, com qualquer lúgubre fardo que tem pressa de furtar à vista dos homens, senão ao olhar de Deus...

A Sra Danglars semidesmaiou nos braços de Villefort, que por sua vez foi obrigado a encostar-se à parede.

- Meu Deus, senhora! - gritou Debray. - Que tem? Como está pálida!

- O que ela tem é muito simples - interveio a Sra de Villefort. - está morta de medo. É o resultado do Sr. Conde de Monte-Cristo se pôr a contar-nos histórias horríveis, na intenção de nos aterrorizar.

- Claro - concordou Villefort. - De fato, conde, o senhor aterroriza as senhoras...

- Que tem? - repetiu baixinho Debray à Sra Danglars.

- Nada, nada - respondeu ela, fazendo um estorço. - Preciso apenas de ar...

- Quer descer ao jardim? - perguntou Debray, oferecendo o braço à Sra Danglars e encaminhando-se para a escada secreta.

- Não, não - disse ela. - Prefiro ficar aqui.

- Na verdade, minha senhora, esse terror é verdadeiro? - perguntou Monte-Cristo.

- Não, senhor - respondeu a Sra Danglars. - Mas o senhor tem uma maneira de supor as coisas que dá à ilusão o aspecto da realidade.

- Oh, meu Deus, tem razão! - exclamou Monte-Cristo, sorrindo. - Tudo isto não passa de imaginação... Afinal, por que motivo não havemos antes de imaginar este quarto como um bom e respeitável quarto de mãe de família? E esta cama, com os seus cortinados cor de púrpura, como uma cama visitada pela deusa Lucina? E esta escada misteriosa como a passagem por onde, devagarinho, para não perturbar o sono reparador da parturiente, entra o médico ou a ama, ou o próprio pai, para levar o filho que dorme?...

Desta vez, a Sra Danglars, em vez de se tranquilizar com tão suave visão, soltou um gemido e desmaiou por completo.

- A Sra Danglars encontra-se mal - balbuciou Villefort. - Talvez seja melhor transportá-la para a sua carruagem.

- Oh, meu Deus, e eu que me esqueci do meu frasco! - lamentou-se Monte-Cristo...

- Mas eu tenho o meu - disse a Sra de Villefort.

E passou a Monte-Cristo um frasco cheio de um licor vermelho idêntico àquele cuja benfazeja influência o conde experimentara em Edouard.

- Ah!... - exclamou Monte-Cristo, recebendo-o das mãos da Sra de Villefort.

- Sim - murmurou esta --, experimentei de acordo com as suas indicações e...

- E conseguiu?

- Creio que sim.

Tinham transportado a Sra Danglars para o quarto contíguo. Monte-Cristo deitou-lhe nos lábios uma gota do licor vermelho e ela voltou a si.

- Oh, que sonho horrível! - exclamou.

Villefort apertou-lhe fortemente o pulso para lhe fazer compreender que não sonhara. Procuraram o Sr. Danglars. Mas, pouco propenso às impressões poéticas, descera ao jardim e conversava com o Sr. Cavalcanti pai acerca de um projeto de caminho-de-ferro de Liorne a Florença.

Monte-Cristo parecia desesperado. Deu o braço à Sra Danglars e conduziu-a ao jardim, onde encontraram o Sr. Danglars a tomar o café entre os Srs. Cavalcanti pai e filho.

- Na verdade, minha senhora, assustei-a assim tanto? - perguntou Monte-Cristo à Sra Danglars.

- Não, senhor. Mas, como sabe, as coisas impressionam-nos conforme a disposição de espírito em que nos encontramos.

Villefort esforçou-se por rir.

- E então, compreende, basta uma suposição, uma quimera...

- No entanto, acreditem ou não, se quiserem, estou convencido de que foi cometido um crime nesta casa -- teimou Monte-Cristo.

- Cautela - recordou a Sra de Villefort --, temos aqui o procurador régio...

- Bom, já que as coisas estão neste pé, aproveito a oportunidade para fazer a minha declaração - perguntou Monte-Cristo.

- A sua declaração? - repetiu Villefort.

- Sim, e diante de testemunhas.

- Tudo isto é deveras interessante - disse Debray. - E se houve realmente crime, vamos fazer admiravelmente a digestão.

- Houve crime - insistiu Monte-Cristo. - Venham por aqui, meus senhores. Venha, Sr. de Villefort. Para que a declaração seja válida, deve ser feita às autoridades competentes.

Monte-Cristo pegou no braço de Villefort, ao mesmo tempo que apertava debaixo do seu o da Sra Danglars, e arrastou o procurador régio até ao plátano, onde a sombra era mais espessa.

Todos os outros convidados os seguiram.

- Veja - disse Monte-Cristo. - Aqui, precisamente aqui - e batia na terra com o pé --, aqui, para rejuvenescer estas árvores, já velhas, mandei cavar a terra e adubá-la. Pois bem, os meus trabalhadores, ao cavarem, desenterraram um cofre, ou antes, as ferragens de um cofre, no meio das quais estava o esqueleto de uma criança recém-nascida. Espero que não tomem isto como fantasmagoria...

Monte-Cristo sentiu retesar-se o braço da Sra Danglars e tremer a mão de Villefort.

- Uma criança recém-nascida? - repetiu Debray. - Diabo, parece-me que o caso esta ficando sério...

- Bom - interveio Château-Renaud --, não me enganava portanto quando afirmava há pouco que as casas tinham uma alma e um rosto como os homens e que na sua fisionomia transparecia um reflexo do seu íntimo. A casa era triste porque tinha remorsos, e tinha remorsos porque ocultava um crime.

- Quem diz que é um crime? - contrapós Villefort, tentando um derradeiro esforço.

- Como, uma criança enterrada viva num jardim não é um crime? - exclamou Monte-Cristo. - Como designa então essa ação, Sr. Procurador régio?

- Mas quem diz que foi enterrada viva?

- Para quê enterrá-la aqui se estivesse morta? Este jardim nunca foi um cemitério.

- Que fazem aos infanticidas neste país? - perguntou ingenuamente o major Cavalcanti.

- Meu Deus, cortam-lhes muito simplesmente o pescoço! - respondeu Danglars.

- Ah, cortam-lhes o pescoço!... - repetiu Cavalcanti.

- Parece-me... Não é assim, Sr. de Villefort? - perguntou Monte-Cristo.

- É, Sr. Conde - respondeu o interpelado num tom que já não tinha nada de humano.

Monte-Cristo viu que as duas personagens para as quais preparara aquela cena não podiam suportar mais. E como não queria levá-las demasiado longe,

mudou de assunto:

- Então o café, meus senhores? Parece-me que o esquecemos!

E levou os convidados para a mesa colocada no meio do relvado.

- Na verdade, Sr. Conde - disse a Sra Danglars --, tenho vergonha de confessar a minha fraqueza, mas todas essas histórias horríveis me perturbaram. Deixe-me sentar, peço-lhe.

E caiu numa cadeira. Monte-Cristo cumprimentou-a e aproximou-se da Sra de Villefort.

- Creio que a Sra Danglars ainda precisa do seu frasco... - disse-lhe.

Mas antes de a Sra de Villefort se aproximar da amiga, já o procurador régio dissera ao ouvido da Sra Danglars:

- Preciso de lhe falar.

- Quando?

- Amanhã.

- Onde?

- No meu gabinete... no tribunal, se não se importa. É ainda o lugar mais seguro.

- Irei.

Neste momento, a Sra de Villefort aproximou-se.

- Obrigada, querida amiga - disse a Sra Danglars, procurando sorrir.

- Isto não é nada e já me sinto muito melhor.

Capítulo LXIV

O mendigo

A festa ia adiantada. A Sra de Villefort manifestara o desejo de regressar a Paris, o que não se atrevera a fazer a Sra Danglars, apesar do mal-estar evidente que experimentava.

A pedido da mulher, o Sr. de Villefort deu portanto o primeiro sinal de partida e ofereceu à Sra Danglars lugar no seu landô, a fim de ela poder ter os cuidados da mulher. Quanto ao Sr. Danglars, absorvido numa conversa industrial das mais interessantes com o Sr. Cavalcanti, não prestava nenhuma atenção ao que se passava.

Ao pedir o frasco à Sra de Villefort, Monte-Cristo notara que o Sr. de Villefort se aproximara da Sra Danglars; e guiado pela sua intuição, adivinhara o que ele lhe dissera, embora tivesse falado tão baixo que a própria Sra Danglars mal o ouvira.

Deixou, sem se opor a nenhuma combinação, partir Morrel, Debray e Château-Renaud a cavalo, e subir as duas senhoras para o landô do Sr de Villefort. Pela sua parte, Danglars, cada vez mais encantado com Cavalcanti pai, convidou-o a acompanhá-lo no seu cupe.

Quanto a Andrea Cavalcanti, dirigiu-se para o seu tílburi, que o esperava diante da porta e cujo grume que exagerava os adornos da moda inglesa, lhe

segurava, erguendo-se na ponta das botas, o enorme cavalo cinzento-escuro.

Andrea não falara muito durante o jantar, precisamente por ser um rapaz muito inteligente e ter, como era natural, receado dizer alguma tolice no meio daqueles convivas ricos e poderosos, entre os quais os seus olhos dilatados talvez não vissem sem receio um procurador régio.

Em seguida fora açambarcado pelo Sr. Danglars, que, depois de uma rápida olhadela ao velho major empertigado e ao filho ainda um bocadinho tímido, juntara a todos estes sintomas a hospitalidade de Monte-Cristo e concluíra que tinha diante de si algum nababo vindo a Paris para aperfeiçoar o filho na vida mundana.

Admirara portanto com indizível satisfação o enorme diamante que brilhava no dedo mindinho do major, porque o major, como homem prudente e experimentado, com receio de que acontecesse qualquer acidente às suas notas de banco, as convertera imediatamente num objeto de valor. Mais tarde, depois do jantar, sempre sob pretexto de indústria e viagens, interrogara o pai e o filho acerca da sua maneira de viver. E o pai e o filho, sabedores de que era no banco de Danglars que lhes deviam ser abertos, a um, o seu crédito de quarenta e oito mil francos, uma vez concedidos, e ao outro, o seu crédito anual de cinquenta mil libras, tinham sido encantadores e cheios de afabilidade para com o banqueiro, a cujos criados, se estes se não tivessem esquivado, teriam apertado a mão, de tal forma o seu reconhecimento experimentava necessidade de expansão.

Uma coisa sobretudo aumentou a consideração, quase diríamos a veneração de Danglars por Cavalcanti. Este, fiel aos princípios de Horácio: nil admirari, limitara-se, como vimos, a dar provas de saber dizendo em que lago se pescavam as melhores lampréias. Depois comera a sua parte daquela sem dizer uma única palavra. Danglars concluíra daí que semelhantes espécies de sumtuosidades eram familiares ao
ilustre descendente dos Cavalcanti, o qual provavelmente se alimentava em Luca com trutas que mandava vir da Suíça e com lagostas que lhe enviavam da Bretanha por processos idênticos àqueles de que o conde se servira para mandar vir lampréias do lago Fusaro, e esturjões do rio Volga. Por isso, acolhera com muita satisfação estas palavras de Cavalcanti.

- Amanhã, senhor, terei a honra de o visitar para tratarmos de negócios.

- E eu, senhor, me sentirei honrado em recebe-lo - respondera Danglars.

Em seguida propusera a Cavalcanti, desde que não lhe custasse muito separar-se do filho, acompanhá-lo ao Hotel dos Princes.

Cavalcanti respondeu que o filho estava habituado, havia muito tempo, a levar vida de rapaz independente; que, portanto, tinha os seus cavalos e as suas carruagens, e que, como não tinham vindo juntos, não via dificuldade em que se fossem embora separadamente.

O major subira pois para a carruagem de Danglars e o banqueiro sentara-se a seu lado, cada vez mais encantado com as idéias de ordem e economia daquele homem, que no entanto dava ao filho cinquenta mil francos por ano, o que supunha a existência de uma fortuna que lhe proporcionava quinhentas ou seiscentas mil libras de rendimento.

Quanto a Andrea, começou por se dar ares, ralhando com o grume por, em vez de o ir buscar à escadaria, o esperar à porta de saída, o que o obrigara ao

incômodo de percorrer trinta passos para ir ao encontro do seu tílburi.

O grume recebeu a descompostura com umildade, pegou com a mão esquerda no freio, para segurar o cavalo impaciente e que batia com as patas, e estendeu com a direita as rédeas a Andrea, que as recebeu e pousou ligeiramente a bota de verniz no estribo.

Nesse momento apoiou-se-lhe uma mão no ombro. O rapaz virou-se, pensando que Danglars ou Monte-Cristo se tinham esquecido de lhe dizer alguma coisa e voltavam à carga no momento da partida.

Mas, em vez de um ou de outro, viu apenas uma figura estranha, tisnada pelo sol, de barba hirsuta, olhos brilhantes como carbúnculos e sorriso trocista numa boca onde brilhavam, alinhados no seu lugar e sem que lhe faltasse um só, trinta e dois dentes brancos, aguçados e famintos, como os de um lobo ou de um chacal.

Cobria-lhe a cabeça, de cabelos grisalhos e sujos de terra, um lenço de quadrados vermelhos e envolvia-lhe o corpo alto, magro e ossudo, cujos ossos, como os de um esqueleto, davam a sensação de tilintar ao andar, um camisolão dos mais sebosos e esburacados que se possa imaginar. Por último, a mão que se apoiou no ombro de Andrea, e que foi a primeira coisa que o rapaz viu, pareceu-lhe de uma dimensão gigantesca.

O jovem reconheceu aquelo rosto à claridade da lanterna do tíburi ou ficou apenas impressionado com o aspecto horrível do seu interlocutor? Não o, saberíamos dizer. Mas o tato é que estremeceu e recuou vivamente.

- Que quer? - perguntou.

- Perdão, nosso burguês! - respondeu o homem, levando a mão ao lenço vermelho. - Incomodo-o, talvez, mas preciso de lhe falar.

- Não se mendiga de noite - interveio o grume, esboçando um gesto para desembaraçar o amo do importuno.

- Eu não mendigo, meu lindo menino - respondeu o homem desconhecido ao criado, com um sorriso irônico e tão horrível que o rapaz se afastou. - Desejo apenas dizer duas palavras ao seu patrão, que me encarregou de um recado há quinze dias, pouco mais ou menos.

- Vejamos, que deseja? Diga depressa, meu amigo - atalhou Andrea em tom bastante decidido para que o criado não notasse a sua atrapalhação.

- Desejaria... desejaria... - perguntou baixinho o homem do lenço encarnado - que se dignasse poupar-me o sacrifício de regressar a Paris a pé. Estou muito cansado e, como não jantei tão bem como você, mal me tenho nas pernas.

O jovem estremeceu perante esta estranha familiaridade.

- Mas enfim, que deseja? - insistiu.

- Desejo que me deixes subir para a tua bela carruagem e que me leve ao meu destino.

Andrea empalideceu, mas não respondeu.

- Meu Deus, sim! - insistiu o homem do lenço encarnado, metendo as mãos nas algibeiras e fitando o rapaz com olhos provocadores. - É uma idéia das minhas, percebe, meu querido Benedetto?...

Ao ouvir este nome, o jovem refletiu sem dúvida, pois aproximou-se do groom e disse-lhe:

- Este homem foi efetivamente encarregado por mim de um recado de que

me vem dar conta. Vai a pé até à barreira e toma lá um cabriolé a fim de não chegares atrasado.

O criado afastou-se, surpreendido.

- Deixe-me ao menos chegar ao escuro - pediu Andrea.

- Oh, quanto a isso, eu mesmo vou levar-te para um excelente lugar! Espere aí - disse o homem do lenço vermelho.

E pegando no cavalo pelo freio conduziu o tílburi para um lugar onde era efetivamente impossível a quem quer que fosse ver a honra que lhe concedia Andrea.

- Oh, não é pela glória de entrar numa boa carruagem! - declarou. - Não, é apenas porque estou cansado e também um bocadinho porque preciso falar de negócios contigo.

- Vamos, suba - disse o rapaz.

Que pena não ser de dia, pois proporcionaria um espetá culo curioso ver aquele maltrapilho comodamente sentado nas almofadas de brocado ao lado do jovem e elegante condutor do tílburi.

Andrea conduziu o cavalo até à última casa da aldeia sem dizer uma única palavra ao companheiro, que, pelo seu lado, sorria e guardava silêncio, como se estivesse deslumbrado por passear em tão excelente meio de locomoção.

Uma vez fora de Auteuil, Andrea olhou à sua volta para se assegurar, sem dúvida, de que ninguém os podia ver nem ouvir, e então deteve o cavalo e cruzou os braços diante do homem do lenço vermelho.

- É capaz de me dizer porque veio perturbar a minha tranquilidade? - perguntou.

- E você, meu rapaz, porque desconfia de mim?

- E em que é que eu desconfiei de você?

- Em quê? Ainda pergunta? Nos separamos na Ponte do Varé depois de me dizer que ia viajar pelo Piemonte e pela Toscana, e em vez disso vem para Paris...

- Em que é que isso o incomoda?

- Em nada. Pelo contrário, espero que me ajude...

- Ah, ah! - riu Andrea. - Quer dizer que está com idéias de me explorar não?

- Pronto, lá vêm as tiradas bombásticas!

- Pois olhe que faria mal, mestre Caderousse, já o previno...

- Meu Deus, não se zangue, pequeno! No entanto, deve saber o que é a desgraça... A desgraça torna-nos invejosos. Julgava-te percorrendo o Piemonte e a Toscana, obrigado a fazer de faccino ou cicerone, e lamentava-te do fundo do coração como lamentaria um filho. Bem sabe que sempre te considerei meu filho...

- Adiante, adiante!

- Tem paciência, com a breca!

- Tenho paciência, mas acabe de uma vez.

- E te vejo de repente passar a Barreira dos Bons-Homens, com um groom, um tílburi e uma casaca novinha em folha! Demônio, descobriste alguma, mina ou compraste um cargo de corretor?

- De forma que, como confessou, tem inveja?...

- Não, estou contente, tão contente que quis apresentar-te os meus cumprimentos, pequeno! Mas como não estava vestido decentemente, tomei as

minhas precauções para não te comprometer.

- Bonitas precauções! - perguntou Andrea. - Dirigiu-se diante do meu criado!

- Que queria que fizesse, meu filho? Te abordei quando te pude apanhar. Tem um cavalo muito vivo e um tílburi muito ligeiro. Além disso, é naturalmente escorregadiço como uma enguia. Se não te apanhasse esta noite, correria o risco de nunca mais te pôr a vista em cima.

- Bem vê que não me escondo.

- É um felizardo! Gostaria muito de poder dizer o mesmo... Pois eu escondo-me. Sem contar que tinha medo que me não reconhecesse. Mas me reconheceu! - acrescentou Caderousse com o seu sorriso. - É muito amável...

- Vejamos, que quer de mim? - perguntou Andrea.

- Já me não trata por você e isso não está certo, Benedetto... Não se procede assim com um antigo camarada. Acautela-te que ainda acaba por me tornar exigente.

Esta ameaça fez desaparecer a cólera do rapaz. O vento da prudência acabava de soprar por cima da sua cabeça. Pôs o cavalo a trote.

- É mau para você mesmo, Caderousse - disse --, proceder assim para com um antigo camarada, como dizia há pouco. É marselhês e eu sou...

- Agora já sabe o que é?

- Não, mas fui criado na Córsega. É velho e teimoso; eu sou novo e casmurro. Entre gente como nós, a ameaça é mau sistema e tudo se deve fazer amigavelmente. Tenho culpa se a sorte, que continua a ser má para você, é pelo contrário boa para mim?

- Teve então sorte, hem?... Não se trata de um groom de empréstimo, de um tílburi de empréstimo, nem de uma casaca de empréstimo? Pois tanto melhor! - exclamou Caderousse com os olhos brilhantes de cobiça.

- Vê e sabe isso perfeitamente, pois de contrário não me abordaria - observou Andrea, animando-se pouco a pouco. - Se trouxesse um lenço como o teu na cabeça, um camisolão sebento pelos ombros e sapatos roto nos pés, não me reconheceria.

- Não há dúvida que me despreza, pequeno, e faz mal. Agora que te encontrei, nada me impede de vestir do bom e do melhor, como qualquer outro, pois sei que tem bom coração. Se possui duas casacas, me dará uma, como eu te dava a minha ração de sopa e feijão quando estava cheio de fome.

- É verdade - concordou Andrea.

- Tinha aqui um destes apetites! Continua a ser assim comilão?

- Continuo - respondeu Andrea, rindo.

- Como deve ter jantado em casa desse príncipe de onde vem!...

- Não é um príncipe, é apenas um conde.

- Um conde, e rico, não?

- Sim, mas não se fie nisso. O cavalheiro não tem nada um ar tranquilizador...

- Meu Deus, pode ficar sossegado! Não temos projetos acerca do seu conde, pode ficar com ele só para si... Mas - acrescentou Caderousse retomando o mau sorriso que já lhe aflorara aos lábios - é preciso dar qualquer coisa em troca, compreende?

- Quanto?

- Creio que com cem francos por mês...
- Sim?
- ...viverei.
- Com cem francos?
- Mas mal, bem sabes. Mas com...
- Com?
- ...cento e cinquenta francos serei muito feliz.
- Aqui tens duzentos - disse Andrea.

E meteu na mão de Caderousse dez luíses de ouro.

- Ótimo... - murmurou Caderousse.
- Apresente-se ao porteiro todos os primeiros dias do mês e terá outro tanto.
- Pronto, lá está outra vez a humilhar-me!
- Como assim?
- Empurra-me para a criadagem. Isso não. Quero tratar contigo.
- Seja. Procura-me todos os primeiros dias do mês e assim que eu receber a minha mesada você receberá a sua.
- Muito bem, vejo que me não tinha enganado, que é um excelente rapaz e que é uma bênção quando a sorte bafeja pessoas como você. Vamos, conta-me a sua boa sorte.
- Que necessidade tem de saber isso? - perguntou Cavalcanti.
- Aí está outra vez a desconfiança!
- Não. Encontrei o meu pai...
- Um verdadeiro pai?
- Com a breca, enquanto pagar...
- Acreditará e honrará. É justo. Como se chama o teu pai?
- Major Cavalcanti.
- E ele está satisfeito contigo?
- Até agora parece que sim.
- E quem te fez encontrar esse pai?
- O conde de Monte-Cristo.
- Aquele de casa de quem vens?
- Sim.
- Bom, já que isso é assim, veja se não me consegue meter em casa dele como avô...
- Está bem, lhe falarei de ti. Mas entretanto que vai fazer?
- Eu?
- Sim, você.
- É muito amável em se preocupar com isso - disse Caderousse.
- Parece-me que, uma vez que se interessa por mim, também tenho o direito de querer saber alguma coisa de si - perguntou Andrea.
- É justo... Vou alugar um quarto numa casa respeitável, vestir umas roupas decentes, barbear-me todos os dias e ler os jornais no café. À noite, irei a qualquer espetáculo com um chefe de claque. Enfim, parecerei um padeiro reformado... E o meu sonho.
- Ótimo! Se quiseres pôr esse projeto em execução e ter juízo, correrá tudo às mil maravilhas.

- Verá, Sr. Bossuet!... E você, que vai ser? Par de França?

- Eh, eh! - riu Andrea. - Quem sabe?...

- O Sr. Major Cavalcanti talvez o seja ... mas infelizmente a hereditariedade foi abolida.

- Nada de política, Caderousse!... E agora que tem o que queria e chegamos, salta da minha carruagem e desaparece.

- Nem por sombras, caro amigo!

- Como nem por sombra?...

- Pensa um bocadinho, pequeno. Um lenço encarnado na cabeça, quase sem sapatos, nenhum documentos e dez napoleões de ouro na algibeira, sem contar com o que já havia lá e que soma
exatamente duzentos francos... Prendiam-me infalivelmente na Barreira! Então seria forçado, para me justificar, a dizer que fora você quem me dera os dez napoleões... Daí, informação, inquérito. Descobrem que deixei Toulon sem pedir licença e reconduzem-me de brigada em brigada até às margens do Mediterrâneo. Volto a ser pura e simplesmente o nº 106 e adeus ao meu sonho de parecer um padeiro reformado! Nem por
sombras, meu filho. Prefiro ficar respeitavelmente na capital.

Andrea franziu o sobrolho. Era, como ele próprio se gabara, tão casmurro como o filho putativo do Sr. Major Cavalcanti. Deteve-se um instante, deitou uma rápida olhadela à sua volta, e quando o seu olhar acabava de descrever o círculo investigador a sua mão desceu inocentemente à algibeira das calças, onde começou a acariciar o guarda-mato de uma pistola de bolso.

Entretanto, porem, Caderousse, que não perdia de vista o companheiro, passava a mão por detrás das costas e abria muito devagarinho uma grande navalha espanhola, que trazia consigo para o que desse e viesse.

Como se vê, os dois amigos eram dignos de se compreender e compreenderam-se. A mão de Andrea saiu inofensivamente da algibeira e subiu até ao seu bigode ruivo, que afagou durante algum tempo.

- Vai então ser feliz, meu bom Caderousse? - perguntou.

- Farei todo o possível para isso - respondeu o estalajadeiro da Ponte do Gard, guardando a navalha na manga.

- Vamos então, entremos em Paris. Mas como vai fazer para passar a Barreira sem despertar suspeitas? Parece-me que com esses trapos se arrisca ainda mais de carruagem do que a pé.

- Espera, já vai ver... - disse Caderousse.

Pegou no chapéu de Andrea e no capote de grande cabeção que o groom exilado do tílburi deixara no seu lugar e po-lo pelas costas, depois do que tomou a atitude impassível de um criado de casa rica cujo amo conduz pessoalmente.

- E eu, vou ficar em cabelo? - protestou Andrea.

- Ora! Está tanto vento que a brisa pode muito bem ter-te levado o chapéu...

- Vamos então e acabemos com isto - resignou-se Andrea.

- Que te detém? - perguntou Caderousse. - Não sou eu, espero...

- Cale-se! - recomendou Cavalcanti.

Atravessaram a Barreira sem contratempos. Na primeira rua transversal, Andrea parou o cavalo e
Caderousse apeou.

- Eh! - gritou Andrea. - Então e o capote do meu criado e o meu chapéu?

- Decerto não quer que corra o risco de me constipar... -perguntou Caderousse.

- Mas eu?

- Você é novo, ao passo que eu começo a ficar velho. até mais ver, Benedetto!

E entrou na ruela, onde desapareceu.

- Infelizmente - disse Andrea, soltando um suspiro --, não se pode ser completamente feliz neste mundo!

Capítulo LXV

Cena conjugal

Os três rapazes separaram-se na Praça de Luís XV, isto é, Morrel seguiu pelos bulevares, Château-Renaud meteu pela Ponte da Revolução e Debray pelo cais.

Segundo todas as probabilidades, Morrel e Château-Renaud alcançaram os seus lares domésticos, como se diz agora na tribuna da Câmara, nos discursos bem escritos, e no teatro da Rua de Richelieu, nas peças igualmente bem escritas. Mas o mesmo não aconteceu com Debray. Chegado à passagem do Luvre,
virou à esquerda, atravessou o Carrossel a galope, meteu pela Rua de Saint-Roch, desembocou pela Rua da Michodiêre e chegou à porta do Sr. Danglars no momento em que o landô do Sr. de Villefort, depois de o deixar a ele e à mulher no Arrabalde de Saint-Honoré, parava para a baronesa se apear em sua casa.

Debray, como homem familiar da casa, entrou à frente no pátio, atirou as rédeas para as mãos de um lacaio e dirigiu-se para a portinhola da carruagem a fim de receber a Sra Danglars, à qual ofereceu o braço para a acompanhar aos seus aposentos.

Uma vez a porta fechada e a baronesa e Debray no pátio, o rapaz perguntou:

- Que tem, Hermine? Por que motivo se sentiu mal ao ouvir aquela história, ou antes, a fábula que o conde contou?

- Porque estava horrivelmente deprimida esta noite, meu amigo - respondeu a baronesa.

- Não, Hermine - prosseguiu Debray --, não posso acreditar nisso. Pelo contrário, estava com excelente disposição quando chegou a casa do conde. O Sr. Danglars é que estava um pouco aborrecido, isso é verdade, mas bem sei o pouco caso que a senhora faz do seu mau humor. Alguém lhe fez qualquer coisa. Conte-me o que foi. Bem sabe que nunca toleraria uma impertinência para consigo.

- Engana-se, Lucien, garanto-lhe - perguntou a Sra Danglars. - As coisas são como lhe disse, mais o mau humor em que reparou e de que julgava não valer a pena falar-lhe.

Era evidente que a Sra Danglars se encontrava sob a influência de uma dessas crises nervosas de que muitas vezes as próprias mulheres se não dão

conta, ou que, como adivinhara Debray, experimentara qualquer comoção oculta que não queria confessar a ninguém. Como homem habituado a reconhecer os flatos como um dos elementos da vida feminina, não insistiu mais e resolveu esperar o momento oportuno, quer para nova interrogação, quer para uma confissão de motu proprio.

À porta do seu quarto a baronesa encontrou Mademoiselle Cornélie. Mademoiselle Connélie era a criada de quarto de confiança da baronesa.

- Que faz a minha filha? - perguntou a Sra Danglars.

- Estudou toda a noite e em seguida foi-se deitar - respondeu Mademoiselle Cornélie.

- No entanto, parece-me que ouço o seu piano...

- E Mademoiselle Louise de Armilly que toca enquanto a menina está deitada.

- Bem, venha despir-me - ordenou a Sra Danglars. Entraram no quarto. Debray estendeu-se num grande canapé e a Sra Danglars dirigiu-se para o seu quarto de vestir com Mademoiselle Cornélie.

- Meu caro Sr. Lucien - disse a Sra Danglars através da porta do quarto de vestir --, porque está sempre a queixar-se de que Eugênie não lhe dá a honra de lhe dirigir a palavra?

- Minha senhora - respondeu Lucien, brincando com o cãozinho da baronesa, o qual, reconhecendo a sua qualidade de amigo da casa, tinha o hábito de lhe fazer mil carícias --, não sou o único que lhe faço semelhantes recriminações. Creio ter ouvido um dia destes Morcerf queixar-se a si mesma de que não conseguia arrancar uma única palavra à noiva.

- É verdade - reconheceu a Sra Danglars. - Mas creio que uma destas manhãs tudo isso mudará e verá entrar Eugênie no seu gabinete.

- No meu gabinete?

- Quero dizer, no do ministério.

- E porquê?

- Para lhe pedir um contrato para a Ópera! Na verdade, nunca vi tal entusiasmo pela música. Chega a ser ridículo numa pessoa da sociedade.

Debray sorriu.

- Bom, desde que apareça com o seu consentimento e do barão, lhe arranjaremos esse contrato e procuraremos que esteja de acordo com o seu mérito, embora sejamos muito pobres para pagar tão grande talento como o dela.

- Pode ir, Cornélie, já não preciso de si - disse a Sra Danglars.

Cornélie saiu e pouco depois a Sra Danglars saiu também do quarto de vestir num elegante néglige e foi sentar-se ao pé de Lucien.

Depois, pensativa, pôs-se a afagar o petit-,pagneul.

Lucien olhou-a um instante em silêncio.

- Vejamos, Hermine, responda francamente: que é que a preocupa? - perguntou por fim.

- Nada - respondeu a baronesa.

E no entanto, como sufocasse, levantou-se, tentou respirar e foi ver-se ao espelho.

- Estou medonha, esta noite - declarou.

Debray ia a levantar-se, sorrindo, para ir tranquilizar a baronesa a tal

respeito, quando a porta se abriu de súbito. O Sr. Danglars entrou. Debray voltou a sentar-se.

Ao ouvir o barulho da porta, a Sra Danglars virou-se e olhou o marido com um espanto que nem sequer se incomodou a dissimular.

- Boa noite, minha senhora. Boa noite, Sr. Debray.

A baronesa julgou, sem dúvida, que aquela visita inesperada significava qualquer coisa como o desejo de reparar as palavras amargas que tinham escapado ao barão durante o dia. Assumiu por isso um ar digno e, virando-se para Lucien, sem responder ao marido, disse-lhe:

- Leia-me qualquer coisa, Sr. Debray.

Debray, a quem a visita começava por inquietar ligeiramente, tranquilizou-se ao ver a calma da baronesa e estendeu a mão para um livro marcado ao meio por uma faca de lâmina de madrepérola incrustada de ouro.

- Perdão - disse o banqueiro --, mas se cansaria demasiado ficando acordada até tão tarde. São onze horas e o Sr. Debray mora muito longe.

Debray ficou tolhido de surpresa, não porque o tom de Danglars não fosse perfeitamente calmo e delicado mas, enfim, através daquela calma e daquela delicadeza transparecia certa veleidade pouco habitual de contrariar a vontade da mulher naquela noite.

A baronesa também ficou admirada e manifestou a sua surpresa com um olhar que sem dúvida daria que pensar ao marido se este não tivesse os olhos fixos num jornal onde procurava o fecho da Bolsa.

Devido a isso, esse olhar tão ferino foi lançado em pura perda e falhou completamente o seu efeito.

- Sr. Lucien - disse a baronesa --, declaro-lhe que não tenho a mais pequena vontade de dormir, que tenho inúmeras coisas para lhe contar esta noite e que o senhor vai passar a noite a ouvir-me, nem que tenha de dormir de pé.

- Às suas ordens, minha senhora - respondeu fleumaticamente Lucien.

- Meu caro Sr. Debray - disse por sua vez o banqueiro -- não perca tempo, peço-lhe, a escutar esta noite as loucuras da Sra Danglars, pois as escutará facilmente amanhã. Mas esta noite é minha, reservo-a, e a dedicarei, se se dignar permitir-me, a conversar de graves interesses com a minha mulher.

Desta vez o golpe era de tal forma direto e firme que deixou Lucien e a baronesa desorientados.

Ambos se interrogaram com a vista, como se procurassem um no outro socorro contra aquela agressão. Mas o poder irresistível do dono da casa triunfou e deu força ao marido.

- Que nem sequer lhe passe pela cabeça que o ponho na rua, meu caro Debray - continuou Danglars. - Não, por nada deste mundo. Apenas uma circunstância imprevista me obriga a desejar ter esta mesma noite uma conversa com a baronesa. Isto acontece-me muito raramente e portanto espero que me não guardem rancor.

Debray balbuciou algumas palavras, cumprimentou e saiu, chocando com as esquinas, como Natã em :Atalia.

- É incrível - disse quando a porta se fechou atrás de si -- como estes maridos que achamos tão ridículos adquirem facilmente vantagem sobre nós!

Depois de Lucien sair, Danglars instalou-se no seu lugar no canapé, fechou

o livro que ficara aberto e, tomando uma atitude horrivelmente pretensiosa, continuou a brincar com o cão. Mas como o cão, que não tinha por ele a mesma simpatia que por Debray, o quisesse morder, agarrou-o pelo cachaço e atirou-o para cima doutro canapé colocado do lado oposto do quarto.

O animal ganiu ao atravessar o espaço; mas chegado ao seu destino aninhou-se atrás de uma almofada e, estupefato com semelhante tratamento a que não estava habituado, ficou mudo e quieto.

- Sabe, senhor - disse a baronesa sem pestanejar - que está fazendo progressos? Habitualmente é apenas grosseiro; esta noite é brutal.

- É que estou esta noite de mais mau humor do que habitualmente - respondeu Danglars.

Hermine olhou o banqueiro com supremo desdém. Regra geral, tais olhares exasperavam o orgulho de Danglars; mas naquela noite pareceu quase não reparar neles.

- E que me interessa a mim o seu mau humor? - replicou a baronesa, irritada com a impassibilidade do marido. - Porventura essas coisas dizem-me respeito? Guarde os seus maus humores para si ou descarregue-os nos seus escritórios. Uma vez que tem empregados a quem paga, eles que lhe aturem os maus humores!

- De modo nenhum - respondeu Danglars. - Os seus conselhos são insensatos, minha senhora, e por isso não os seguirei. Os meus escritórios são o meu Patolo, como diz, se me não engano, o Sr. Desmoustiers, e não desejo mudar-lhe o curso nem perturbar-lhe a calma. Os meus empregados são pessoas honestas, que ganham a minha fortuna e a quem pago uma taxa infinitamente inferior à que merecem, se os avaliar de acordo com o que me rendem. Portanto, não descarregarei a minha cólera sobre eles; e a descarregarei sobre aqueles que papam os meus jantares, rebentam os meus cavalos e esvaziam o meu cofre.

- E quem são essas pessoas que esvaziam o seu cofre? Explique-se mais claramente, senhor, peço-lhe.

- Oh, esteja tranquila! Embora fale por enigmas, estou certo de que não precisará de muito tempo para os decifrar - perguntou Danglars. - As pessoas que esvaziam o meu cofre são aquelas que numa hora tiram dele a bagatela de quinhentos mil francos.

- Não o compreendo, senhor - disse a baronesa, procurando dissimular simultaneamente a emoção da voz e o rubor do rosto.

- Pelo contrário, compreende muito bem - contrapós Danglars. - Mas se a sua má vontade continuar, lhe direi que acabo de perder setecentos mil francos do empréstimo espanhol.

- Essa agora! - exclamou a baronesa, troçando. - E é a mim que torna responsável por essa perda?

- Porque não?

- Tenho por acaso a culpa se o senhor perdeu setecentos mil francos?

- Seja como for, eu é que a não tenho.

- De uma vez para sempre, senhor - perguntou azedamente a baronesa --, repito-lhe: nunca me fale em dinheiro! É uma linguagem que não aprendi nem em casa de meus pais nem em casa do meu primeiro marido.

- Acredito, meu Deus! - volveu-lhe Danglars. Pois se nem um nem outro

tinham um centavo!

- Mais uma razão para que não tenha aprendido em sua casa o calão bancário com que me matam aqui o bichinho do ouvido de manhã à noite. Esse barulho de moedas que contam e recontam me é odioso, e só o som da sua voz me é ainda mais desagrável.

- Na verdade, como tudo isto é estranho! - comentou Danglars. - E eu que julgava que a senhora dedicava o mais vivo interesse às minhas operações!

- Eu? Quem lhe meteu na cabeça semelhante tolice?

- A senhora mesma.

- Ora essa!

- Sem dúvida.

- Gostaria muito que me dissesse quando isso aconteceu.

- Nada mais fácil, meu Deus! Em Fevereiro último, a senhora foi a primeira pessoa a falar-me dos fundos de Haiti. Sonhara que um navio entrava no porto do Havre e que esse navio trazia a notícia de que se ia efetuar um pagamento que se julgava relegado para as lendas gregas. Conheço a lucidez do seu sono, por isso, mandei comprar à socapa todos os cupons que consegui encontrar da dívida do Haiti e ganhei quatrocentos mil francos, cem mil dos quais lhe foram religiosamente entregues. A senhora fez o que quis desse dinheiro e eu nunca lhe pedi contas dele.

"Em Março, tratava-se de uma concessão de caminho-de-ferro. Concorriam três empresas que davam iguais garantias. A senhora disse-me que o seu instinto... (Aqui entre nós, embora a senhora se pretenda alheia às especulações, creio, pelo contrário, que possui um instinto desenvolvidíssimo a respeito de certas matérias...) Pois nesse caso disse-me que o seu instinto lhe segredava que a concessão seria dada à empresa chamada do Meio-Dia.

"Inscrevi-me imediatamente para subscrever dois terços das ações dessa sociedade. A concessão foi-lhe efetivamente dada, como a senhora previra; as ações triplicaram de valor e eu embolsei um milhão, do qual lhe entreguei duzentos e cinquenta mil francos para os seus alfinetes. Como empregou esses duzentos e cinquenta mil francos?

- Mas onde quer o senhor chegar? -- gritou-lhe a baronesa, trêmula de despeito e impaciência.

- Calma, minha senhora. Lá iremos...

- Assim espero!

- Em Abril, jantou em casa do ministro. Falou-se da Espanha e a senhora ouviu uma conversa secreta. Tratava-se da expulsão de D. Carlos. Comprei fundos espanhóis. A expulsão realizou-se e eu ganhei seiscentos mil francos no dia em que Carlos V transpôs o Bidassoa. Desses seiscentos mil francos a senhora
recebeu cinquenta mil escudos. Eram seus, dispôs deles como muito bem entendeu e não lhe peço contas. Mas nem por isso é menos verdade que recebeu este ano quinhentas mil libras.

- E depois, senhor?

- Ah, sim, e depois! Aí é que precisamente o gato vai aos fios.

- Tem cada maneira de se exprimir... na verdade...

- Dizem o que quero dizer e isso é tudo o que pretendo. Depois, há três

dias... há três dias a senhora falou de política com o Sr. Debray e julgou adivinhar nas suas palavras que D. Carlos regressara a Espanha. Então vendi os meus títulos, a notícia espalhou-se, houve pânico e em vez de vender acabei por dar. No dia seguinte descobre-se que a notícia era falsa e devido a essa falsa notícia perdi setecentos mil francos!

- E depois?

- E depois?... Se lhe dou um quarto quando ganho, a senhora deve-me um quarto quando perco. Ora, um quarto de setecentos mil francos são cento e setenta e cinco mil francos.

- Tudo o que tem estado para aí a dizer é extravagante e não vejo por que motivo mistura o nome do Sr. Debray em toda essa história.

- Porque se por acaso não tem os cento e setenta e cinco mil francos que reclamo, terá de pedi-los emprestados aos seus amigos e o Sr. Debray é um dos seus amigos.

- Era o que faltava! - gritou a baronesa.

- Oh, deixe-se de gestos, de gritos, de drama moderno, minha senhora! Do contrário, me obrigará a dizer-lhe que estou vendo o Sr. Debray rindo junto das quinhentas mil libras que a senhora lhe deu este ano e dizendo para consigo que descobriu finalmente o que nem os mais hábeis jogadores nunca descobriram, ou seja, uma roleta onde se ganha sem entrar no jogo e onde não se perde quando se perde.

A baronesa explodiu.

- Miserável! Atreve-se a dizer-me que não sabia o que hoje ousa censurar-me?

- Não lhe digo que sabia nem lhe digo que não sabia; digo-lhe: observe o meu comportamento desde que há quatro anos não é minha mulher e que não sou seu marido e verá se não tem sido sempre consequente consigo mesmo. Algum tempo antes do nosso rompimento, a senhora desejou estudar música com aquele famoso barítono que se estreou com tanto êxito no Teatro Italiano e eu quis estudar dança com aquela bailarina que adquirira tão grande fama em Londres. Isso custou-me, tanto pela sua parte como pela minha, perto de cem mil francos. Não disse nada, porque deve haver harmonia no lar. Cem mil francos para que o homem e a mulher saibam bem a fundo dança e música não é muito caro. Mas a senhora não tardou a aborrecer-se do canto e a vir-lhe à idéia de estudar diplomacia com um secretário de um ministro. Deixei-a estudar... Compreende: que me importava a mim, se a senhora pagava as lições da sua bolsa? Mas hoje verifico que o dinheiro sai da minha e que a sua aprendizagem me pode custar setecentos mil francos por mês... Alto aí, minha senhora, porque as coisas não podem continuar assim! Ou o diplomata passa a dar as lições... de graça, e o tolerarei, ou não põe mais os pés nesta casa. Compreendeu, minha senhora?

- Oh, é demais, senhor! - gritou Hermine, sufocada. - O senhor ultrapassa os limites do ignóbil!

- Mas - continuou Danglars - verifico com prazer que a senhora não me fica atrás e que obedece voluntariamente àquela disposição do código que diz: “A mulher deve seguir o marido."

- Insultos!

- Tem razão: fiquemos pelos fatos e raciocinemos friamente. Nunca me meti

na sua vida a não ser para seu bem. Faça o mesmo. O meu cofre não lhe diz respeito, não é o que a senhora afirma? Seja. Cuide do seu, mas não encha nem despeje o meu. Aliás, quem sabe se tudo isso não passa de uma pulhice política? Se o ministro, furioso por me ver na oposição e invejoso das simpatias populares que suscito, não está feito
com o Sr. Debray para me arruinar?

- Acha isso possível?

- Mas sem dúvida! Só quem nunca viu isso... uma falsa notícia telegráfica, isto é, o impossível ou quase... Sinais absolutamente diferentes transmitidos pelos dois últimos telégrafos!... Para mim, é esta a realidade.

- Senhor - disse mais humildemente a baronesa --, não ignora, parece-me, que esse funcionário foi expulso, que se falou até de lhe levantar um processo, que se deu ordem para o prender e que essa ordem teria sido cumprida se ele se não tivesse subtraído às primeiras buscas por meio de uma fuga que prova a
sua loucura ou a sua culpabilidade... Foi um erro.

- Sim, que fez rir os tolos, passar uma má noite ao ministro, escrevinhar os Srs. Secretários de Estado, mas que me custou a mim setecentos mil francos.

- Mas, senhor - disse de súbito Hermine --, se tudo isso, em seu entender, é culpa do Sr. Debray, por que motivo, em vez de dizer todas essas coisas diretamente ao Sr. Debray, as diz a mim? Porque acusa o homem e censura a mulher?

- Conheço porventura o Sr. Debray? - perguntou Danglars. - Interessa-me porventura conhecê-lo? Quero porventura saber se ele dá conselhos? Estou porventura disposto a segui-los? Jogo, porventura? Não, é a senhora que faz tudo isto e não eu!

- Mas parece-me, uma vez que o senhor tira proveito disso...

Danglars encolheu os ombros.

- Loucas criaturas, na verdade, estas mulheres que se julgam gênios só porque levaram a bom termo uma ou duas intrigas sem serem apontadas a dedo por toda Paris! Mas fique ciente que mesmo que tivesse conseguido ocultar os seus desregramentos ao seu marido, o que seria o abc da arte, porque a maior parte do tempo os maridos não querem ver, a senhora não passaria de uma pálida cópia do que faz metade das suas amigas da alta-roda.

Mas comigo as coisas não se passam assim Tenho visto e sempre vi. Há dezesseis anos, mais ou menos, talvez me tivesse ocultado um pensamento, mas não um procedimento, uma ação, uma falta. Enquanto pelo seu lado se felicitava pela sua astúcia e julgava firmemente enganar-me, que acontecia? Graças à minha pretensa ignorância, desde o Sr. de Villefort até ao Sr. Debray, não há um dos seus amigos que não tenha tremido diante de mim. Não há um que não me tenha tratado como dono da casa, a minha única pretensão junto de si. Não há um, enfim, que se tenha atrevido a dizer-lhe de mim o que eu próprio lhe
digo agora. Permito-lhe que me torne odioso, mas a impedirei de me tornar ridículo, e sobretudo proíbo-a concretamente e acima de tudo de me arruinar.

Até ao momento em que o nome de Villefort fora pronunciado, a baronesa conservara-se aparentemente calma. Mas ao ouvir aquele nome, empalidecera e, erguendo-se como se fosse impelida por uma mola, estendera os braços como que para conjurar uma aparição e deu três passos na direção do marido, como se

quisesse arrancar-lhe o fim do segredo que ele não conhecia ou que talvez, por meio de qualquer cálculo odioso como eram quase sempre todos os cálculos de Danglars, ele não queria revelar inteiramente.

- O Sr. de Villefort? Que significa... que quer dizer?

- Quer dizer, minha senhora, que o Sr. de Nargonne, seu primeiro marido, não sendo filósofo nem banqueiro, ou talvez sendo um e outro, e vendo que não tinha nenhum partido a tirar de um procurador régio, morreu de desgosto ou de raiva por a encontrar grávida de seis meses, depois de uma ausência de nove. Sou brutal, e não só o sei como ainda me gabo disso. É um dos meus meios de êxito nas minhas operações comerciais. Por que motivo, em vez de matar se matou a si mesmo? Porque não tinha de salvar o seu dinheirinho. Mas eu devo-me ao meu dinheiro. O Sr. Debray, meu sócio, fez-me perder setecentos mil francos; pois que suporte a sua parte do prejuízo e continuaremos a negociar. De contrário, que declare falência
perante mim por essas cento e setenta e cinco mil libras e faça o que fazem os falidos, desapareça. Meu Deus, é um rapaz encantador, bem sei, quando as suas notícias são exatas; mas quando o não são, há cinquenta no mundo que valem mais do que ele.

A Sra Danglars estava aterrada. No entanto, fez um derradeiro esforço para responder ao último ataque. Mas caiu numa poltrona a pensar em Villefort, na cena do jantar e na estranha série de contrariedades que havia alguns dias se abatiam uma a uma sobre a sua casa e transformavam em debates escandalosos a
calma forçada do seu lar. Danglars nem sequer a olhou, embora ela fizesse todo o possível para desmaiar. Bateu com a porta do quarto sem acrescentar uma única palavra e regressou ao seu. Assim, quando voltou a si do seu meio desmaio, a Sra Danglars pode acreditar que tivera um mau sonho.

Capítulo LXVI

Projetos de casamento

No dia seguinte ao desta cena, à hora que Debray costumava escolher para, antes de ir para o seu gabinete, fazer uma visitinha à Sra Danglars, o seu cupe não apareceu no pátio. A essa hora, isto é, por volta do meio-dia e meia hora, a Sra Danglars pediu a sua carruagem e saiu.

Danglars, colocado atrás de uma cortina, espreitara aquela saída, que esperava, e ordenou que o prevenissem imediatamente quando a senhora voltasse. Mas às duas horas ela ainda não tinha regressado.

Às duas horas, Danglars pediu os seus cavalos, dirigiu-se para a Câmara e inscreveu-se para falar contra o orçamento.

Do meio-dia às duas horas, Danglars permanecera no seu gabinete lendo a sua correspondência com ar cada vez mais sombrio e a alinhar números sobre números, além de receber, entre outras, a visita do major Cavalcanti, que, sempre lívido, hirto e pontual, se apresentou à hora anunciada na véspera para concluir o

seu negócio com o banqueiro.

Quando saiu da Câmara, Danglars, que dera sinais evidentes de agitação durante a sessão e que sobretudo fora mais acerbo do que nunca contra o ministério, meteu-se na sua carruagem e ordenou ao cocheiro que o conduzisse à Avenida dos Campos Elísios, nº 30.

Monte-Cristo estava em casa; mas como estava com alguém, pedia a Danglars que esperasse um instante na sala. Enquanto o banqueiro esperava, a porta abriu-se e ele viu entrar um homem vestido de abade, que, em vez de esperar como ele, o cumprimentou e, decerto por ser mais familiar do que ele na casa, se dirigiu para o interior desta e desapareceu. Pouco depois, a porta por onde entrara o padre voltou a
abrir-se e Monte-Cristo apareceu.

- Desculpe, meu caro barão - disse -, mas um dos meus melhores amigos, o abade Busoni, que deve ter visto passar, acaba de chegar a Paris. Havia muito tempo que não nos víamos e não tive coragem de o deixar imediatamente. Espero que, atendendo ao motivo, me desculpe tê-lo feito esperar.

- Ora essa, eu é que escolhi mal o momento. Mas o remédio , simples: retiro-me.

- De modo nenhum, Pelo contrário, faça favor de se sentar. Mas, meu Deus, que tem o senhor? Tem o ar de estar muito preocupado. Na verdade, assusta-me. Um capitalista preocupado é como os cometas: pressagia sempre alguma grande desgraça no mundo.

- Meu caro senhor - respondeu Danglars --, há vários dias que a pouca sorte me persegue e que só recebo más noticias.

- Meu Deus, voltou a perder na Bolsa? - perguntou Monte-Cristo.

- Não, disso já me ressarci, pelo menos por alguns dias. Trata-se muito simplesmente para mim de uma falência em Trieste.

- Sim? E o seu falido será por acaso Jacopo Manfredi?

- Exatamente! Imagine um homem que tinha comigo, há não sei quanto tempo, negócios no montante de oitocentos ou novecentos mil francos por ano. Nunca um erro de contas, nunca um atraso. Um figurão que pagava como um príncipe... dos que pagam. Adiantei-lhe um milhão e o diabo do meu Jacopo Manfredi
suspende pagamentos!

- Deveras?

- Uma fatalidade inaudita. Saco sobre ele seiscentas mil libras e o papel vem-me devolvido incobrado, e além disso sou ainda portador de quatrocentos mil francos de letras aceites por ele e pagáveis no fim deste mês no seu correspondente em Paris. Estamos a 30, mandei receber. Pois sim, o correspondente desapareceu! Juntamente com o meu negócio de Espanha, tenho um bonito fim de mês.

- Mas foi realmente uma perda o seu negócio de Espanha?

- Claro, setecentos mil francos fora do meu cofre, apenas isso!

- Como diabo cometeu semelhante asneira, o senhor, um velho especulador?

- A culpa foi da minha mulher. Sonhou que D. Carlos regressara a Espanha. Ela acredita nos sonhos. Trata-se de magnetismo, diz ela, e quando sonha uma

coisa, essa coisa, ao que afirma, tem infalivelmente de acontecer. Dada a sua convicção, deixo-a jogar. Ela tem o seu pé-de-meia, e o seu corretor. Joga e perde. E certo que se não trata do meu dinheiro e sim do seu, mas mesmo assim o caso interessa-me. Compreende, quando da bolsa da mulher saem setecentos mil francos, o marido acaba sempre por descobrir. Como, não sabia de nada? Pois olhe que o caso deu muito que falar.

- Efetivamente ouvi qualquer coisa a esse respeito, mas ignorava os pormenores, pois não há ninguém mais ignorante desses negócios de Bolsa do que eu.

- O senhor não joga?

- Eu? Como queria que jogasse? Tenho já tanta dificuldade em cuidar dos meus rendimentos que, além do meu intendente, seria obrigado a contratar um escriturário e um caixa. Mas a propósito da Espanha, parece-me que a baronesa não sonhou completamente com a história do regresso de D. Carlos. Os jornais não disseram qualquer coisa a esse respeito?

- E o senhor acredita nos jornais?

- Absolutamente nada. Mas parece-me que esse honesto Messager era uma exceção à regra e só anunciava as notícias verdadeiras, as notícia telegráficas

- Pois isso mesmo é que é inexplicável - perguntou Danglars. - O regresso de D. Carlos era efetivamente uma notícia telegráfica.

- De modo que o senhor perdeu este mês um milhão e setecentos mil francos, pouco mais ou menos? - perguntou Monte-Cristo.

- Não há pouco mais ou menos, foi exatamente essa verba.

- Demônio, para uma fortuna de terceira ordem, é um rude golpe! - declarou Monte-Cristo, com compaixão.

- De terceira ordem? - repetiu Danglars um pouco vexado. - Que diabo entende o senhor por isso?

- Sem dúvida - prosseguiu Monte-Cristo. - Divido as fortunas em três categorias: fortuna de primeira ordem, fortuna de segunda ordem e fortuna de terceira ordem. Chamo fortuna de primeira ordem à que se compõe de tesouros ao alcance da mão: terras, minas, títulos sobre Estados como a França, a Àustria e a Inglaterra, contanto que esses tesouros, essas minas e esses títulos atinjam o total de uma centena de milhões. Chamo fortuna de segunda ordem às explorações manufatureiras, às empresas por quotas, aos vice-reinos e aos principados que não excedam um milhão e quinhentos mil trancos de rendimento e ao todo possuam um capital à volta de cinquenta milhões. Finalmente, chamo fortuna de terceira ordem aos capitais que frutificam por meio de juros compostos, cujos ganhos dependem da vontade de outros ou dos caprichos do acaso, que uma falência desmorona, que uma notícia telegráfica abala; às especulações eventuais e, enfim, às operações submetidas aos acasos dessa fatalidade, que poderíamos chamar força menor comparando-a com a força maior, que é a força natural; tudo constituindo um capital fictício ou real dos seus quinze milhões. Não é pouco mais ou menos esta a sua situação, diga?

- Pois sim, é! - respondeu Danglars.

- O que significa que com seis fins de mês como este - continuou imperturbavelmente Monte-Cristo - uma casa de terceira ordem estaria na agonia.

- Oh! - exclamou Danglars, com um sorriso muito pálido. - Onde o senhor vai!...

- Digamos sete meses - replicou Monte-Cristo, no mesmo tom. - Já pensou alguma vez que sete vezes um milhão e setecentos mil francos fazem cerca de doze milhões?... Não? Claro, tem razão, pois com semelhantes reflexões nunca ninguém arriscaria os seus capitais, que são para o financeiro o que a pele é para o homem civilizado. Temos as nossas roupas, mais ou menos sumtuosas, que são o nosso crédito. Mas quando o homem morre tem apenas a sua pele, tal como, se renunciasse aos negócios, o senhor só teria a sua fortuna real, cinco ou seis milhões quando muito.

"Porque as fortunas de terceira ordem quase só valem a terça ou a quarta parte do que aparentam, tal como a locomotiva de um comboio não passa quase sempre, no meio do fumo que a envolve e a faz parecer maior, de uma máquina mais ou menos forte. Pois bem, dos cinco milhões que constituem o seu ativo real, o senhor acaba de perder à volta de dois, que diminuem em igual quantia a sua fortuna fictícia ou o seu crédito. Quer dizer, meu caro Sr. Danglars! Precisa de dinheiro? Quer que lhe empreste?

- O senhor é um mau calculador! - protestou Danglars, chamando em seu auxílio toda a filosofia e toda a dissimulação da aparência. - Neste momento o dinheiro já entrou nos meus cofres graças a outras especulações bem sucedidas. O sangue saído pela sangria voltou a entrar pela nutrição. Perdi uma batalha na Espanha e fui vencido em Trieste, mas a minha frota da índia apresou com certeza alguns galeões e os meus pioneiros do México devem ter descoberto alguma mina.

- Ótimo, Ótimo! Mas a cicatriz ficará e ao primeiro prejuízo reabrirá...

- Não, porque me baseio em certezas - prosseguiu Danglars, com a loquacidade vulgar do charlatão que procura não deixar o seu crédito por mãos alheias. - Para me derrubar seria preciso que três governos caíssem.

- Bom... já se tem visto.

- Que a terra não produzisse.

- Lembre-se das sete vacas gordas e das sete vacas magras.

- Ou que o mar se abrisse, como no tempo do faraó. Mas há vários mares e os navios poderiam transformar-se em caravanas...

- Tanto melhor, mil vezes tanto melhor, caro Sr. Danglars - disse Monte-Cristo. - Verifico que me enganei e que o senhor pertence às fortunas de segunda ordem.

- Creio poder aspirar a essa honra - perguntou Danglars, com um daqueles sorrisos estereotipados que causavam a Monte-Cristo o eleito de uma dessas luas pastosas com que os maus pintores pintalgam as suas ruínas. - Mas já que estamos falando de negócios - acrescentou, encantado por encontrar pretexto para mudar de conversa - diga-me mais ou menos o que posso fazer pelo Sr. Cavalcanti.

- Mas dar-lhe dinheiro, se ele tiver um crédito sobre o senhor e se esse crédito lhe parecer hom.

- Excelente! Apresentou-se-me esta manhã com uma ordem de quarenta mil francos, pagável à vista sobre o senhor, assinada por Busoni e endossada a mim por si. Como calcula, entreguei-lhe imediatamente os quarenta mil francos.

Monte-Cristo fez um sinal de cabeça que indicava estar plenamente de acordo.

- Mas isto não é tudo - continuou Danglars. - Abriu ao filho um crédito sobre mim.

- Quanto, se não é indiscrição, dá ele ao rapaz?

- Cinco mil francos por mês.

- Sessenta mil francos por ano. Já desconfiava disso - disse Monte-Cristo, encolhendo os ombros. - São uns forretas, esses Cavalcanti! Que quer ele que um rapaz faça com cinco mil francos por mês?

- Mas se o rapaz necessitar de mais alguns milhares de francos...

- Não caia nessa! O pai não os pagara. O senhor não conhece todos os milionários transalpinos; são autênticos sovinas. E por intermédio de quem lhe abriu o crédito?

- Por intermédio da Casa Fenzi, uma das melhores de Florença.

- Não quero dizer que o seu dinheiro não esteja seguro, nem por sombras; mas, mesmo assim, cinja-se aos termos da carta de crédito.

- Devo entender que no meu lugar não confiaria no Cavalcanti?

- Eu? Lhe daria dez milhões mediante a sua assinatura. A dele faz parte das fortunas de segunda ordem de que lhe falava há pouco, meu caro Sr. Danglars.

- E, no entanto, como é simples! Tomá-lo-ia apenas por um major, se não soubesse mais nada a seu respeito.

- E já seria uma grande honra para ele! Porque o senhor tem razão, o homem não tem grande figura. Quando o vi pela primeira vez, pareceu-me um velho tenente que tivesse criado bolor debaixo da sua charlateira. Mas todos os italianos são assim: lembram velhos judeus, quando não deslumbram como magos
do Oriente.

- O rapaz é melhor - declarou Danglars.

- Sim, mas talvez um bocadinho tímido. No entanto, pareceu-me aceitável. Estava preocupado, sabe?

- Porquê?

- Porque o senhor viu-o em minha casa pouco depois da sua entrada na sociedade, pelo menos segundo me disseram. Viajou com um preceptor severíssimo e nunca viera a Paris.

- Todos esses italianos de alta linhagem têm o hábito de casar entre si, não é verdade? - perguntou negligentemente Danglars. - Gostam de juntar as suas fortunas.

- Habitualmente procedem assim, é verdade; mas Cavalcanti é um original que não faz nada como os outros. Ninguém me tira da idéia que mandou vir o filho para França a fim de ele arranjar mulher.

- Parece-lhe?

- Tenho certeza.

- Já ouviu falar da sua fortuna?

- Não se fala de outra coisa. - Simplesmente, uns atribuem-lhe milhões, ao passo que outros pretendem que não possui centavo.

- E qual é a sua opnião?

- Não deve confiar demasiado nela; é meramente pessoal.

- Mas enfim...

- Na minha opnião, todos esses antigos podestades, todos esses velhos condottieri, porque os Cavalcanti comandaram exércitos e governaram províncias; na minha opnião, repito, eles enterraram milhões em recantos que só os seus primogênitos conhecem e dão a conhecer aos seus primogênitos de geração em geração. E a prova é que são todos amarelos e magros como os seus florins do tempo da República, de que
conservam um reflexo à força de os olhar.

- Perfeito - concordou Danglars. - E isso é tanto mais verdade quanto é certo ninguém conhecer uma polegada de terra a toda essa gente.

- Muito pouca, pelo menos. Pela minha parte, só conheço a Cavalcanti o seu palácio de Luca.

- Ah, ele tem um palácio! -- exclamou, rindo, Danglars. - já é qualquer coisa.

- Pois é, embora o tenha alugado ao ministro das Finanças, enquanto ele mora numa casinha. Oh, mas como já lhe disse, creio que o homenzinho é um avarento!

- Então, então, não seja tão severo...

- Ouça, eu mal o conheço. Creio tê-lo visto três vezes na minha vida. O que sei a seu respeito é por intermédio do abade Busoni e por ele mesmo. Falava-me esta manhã dos seus projetos acerca do filho e deixava-me entrever que, farto de ver dormir fundos consideráveis na Itália, que é um pais morto, gostaria de encontrar maneira, quer na França, quer na Inglaterra, de fazer frutificar os seus milhões. Mas tome sempre bem nota que, embora tenha a maior confiança no abade Busoni, pessoalmente não garanto nada.

- Não importa. Obrigado pelo cliente que me arranjou. Trata-se de um belíssimo nome a inscrever nos meus registros, e o meu tesoureiro, a quem expliquei quem eram os Cavalcanti, ficou todo orgulhoso. A propósito, e isto não passa de um simples pormenor sem importância, quando essa gente casa os filhos
dá-lhes dote?

- Meu Deus, é conforme! Conheci um príncipe italiano, rico como uma mina de ouro, um dos primeiros nomes da Toscana, que quando os filhos casavam a seu gosto lhes dava milhões, e quando casavam contra sua vontade se limitava a conceder-lhes uma mesada de trinta escudos por mês. Admitamos que Andrea
casa de acordo com os desejos do pai; talvez este lhe dê um, dois ou três milhões. E se casasse com a filha de um banqueiro, por exemplo, talvez adquirisse uma quota na casa do sogro do filho...

“ Mas suponha também que a nora lhe desagradava: adeus, minhas encomendas, o pai Cavalcanti pegava na chave do cofre, dava-lhe duas voltas na fechadura e mestre Andrea viria-se obrigado a viver como um filho-família parisiense, marcando cartas ou viciando dados.

- Esse rapaz encontrará uma princesa bávara ou peruana. Ambicionará uma coroa fechada, um Eldorado atravessado pelo Potosi.

- Não, todos os grandes senhores do outro lado dos montes casam frequentemente com simples mortais. São como Júpiter, gostam de cruzar as raças. Mas diga-me, meu caro Sr. Danglars: é por pretender casar Andrea que me

faz todas essas perguntas?...

- Confesso - respondeu Danglars - que não me parece má especulação. E eu sou um especulador...

- Presumo que não seja com Mademoiselle Danglars... -- Decerto não quereria ver o pobre Andrea degolado por Albert...

- Albert? - exclamou Danglars, encolhendo os ombros. Bem se preocuparia ele com isso!

- Mas, se me não engano, trata-se do noivo da sua filha...

- Bom, o Sr. de Morcerf e eu falamos algumas vezes desse casamento; mas a Sra de Morcerf e Albert...

- Decerto não me vai dizer que não é um bom partido...

- Eh, eh, Mademoiselle Danglars vale bem o Sr. de Morcerf, parece-me!

- O dote de Mademoiselle Danglars será excelente, com efeito, não duvido disso, sobretudo se o telégrafo não fizer mais novas loucuras.

- Oh, não se trata apenas do dote? Mas diga-me uma coisa...

- O quê?

- Porque não convidou Morcerf e a família para o seu jantar?

- Também o convidei, mas ele objetou-me com uma viagem a Dieppe com a Sra de Morcerf, a quem recomendaram o ar do mar.

- Sim, sim - disse Danglars rindo --, deve fazer-lhe bem...

- Porque diz isso?

- Porque foi o ar que ela respirou na juventude.

Monte-Cristo deixou passar o epigrama sem parecer prestar-lhe atenção.

- Mas enfim - disse o conde --, se Albert não é tão rico como Mademoiselle Danglars, o senhor não pode negar que possui um belo nome.

- De acordo, mas também gosto do meu - perguntou Danglars.

- Claro que o seu nome é popular e honrou o título com que se supôs honrá-lo, mas o senhor é um homem suficientemente inteligente para compreender que, de acordo com certos preconceitos excessivamente enraizados para que os extirpem, nobreza de cinco séculos vale mais do que nobreza de vinte anos.

- E exatamente por isso - respondeu Danglars com um sorriso que procurou tornar sardônico --, é por isso que preferiria o Sr. Andrea Cavalcanti ao Sr. Albert de Morcerf.

- Mas eu supunha que os Morcerfs não ficavam atrás dos Cavalcanti... - observou Monte-Cristo.

- Os Morcerfs!... Ouça, meu caro conde - prosseguiu Danglars --, o senhor é um homem de sociedade, não é verdade?

- Julgo que sim.

- E, além disso, perito em brasões?

- Um pouco.

- Pois então, veja a cor do meu; é mais firme do que a do brasão de Morcerf.

- Porquê?

- Porque eu, se não sou barão de nascimento, ao menos chamo-me Danglars.

- E depois?

- Ao passo que ele não se chama Morcerf.

- Como é que não se chama Morcerlf.

- Nem por sombras.

- Mas porquê?!

- A mim, alguém me fez barão e portanto o sou; ele fez-se conde sozinho e portanto não o é.

- Impossível.

- Escute, meu caro conde - continuou Danglars. - O Sr. de Morcerf é meu amigo, ou antes, meu conhecido há trinta anos. Eu, como o senhor sabe, não ligo importância ao meu brasão, pois nunca esqueci de onde vim.

- Prova de uma grande humildade ou de um grande orgulho - comentou Monte-Cristo.

- Pois bem, quando eu era praticante de escritório, Morcerf era simples pescador.

- E então chamava-se?...

- Fernand.

- Apenas?

- Fernand Mondego.

- Tem certeza disso?

- Ora essa! Vendeu-me peixe mais do que suficiente para que o conheça.

- Então porque lhes dava a sua filha?

- Porque Fernand e Danglars não passam de dois novos-ricos, ambos enobrecidos, ambos enriquecidos, que no fundo valem tanto um como outro, exceto no tocante a certas coisas que se disseram dele e que nunca se disseram de mim.

- O quê?

- Nada.

- Ah, sim, compreendo! O que me diz agora refresca-me a memória a propósito do nome de Fernand Mondego. Ouvi pronunciar esse nome na Grécia.

- A propósito do caso de Ali-Pax ?

- Exatamente.

- É aí que reside o mistério - prosseguiu Danglars --, e confesso que daria muito para o descobrir.

- Não é difícil, se tem muita vontade disso.

- Como?

- Sem dúvida tem algum correspondente na Grécia?...

- Claro!

- Em Janina?

- Tenho-os em toda a parte...

- Bom, escreva ao seu correspondente em Janina e pergunte-lhe que papel desempenhou na catástrofe de Ali-Tebelin um francês chamado Fernand.

- Tem razão! - exclamou Danglars, levantando-se vivamente. - Escreverei hoje mesmo!

- Faça-o.

- Vou fazê-lo.

- E se receber alguma notícia muito escandalosa...

- O Informarei.

- Me daria muito prazer.

Danglars correu para fora da sala e num salto alcançou a sua carruagem.

Capítulo LXVII

No gabinete do Procurador régio

Deixemos o banqueiro retirar-se a todo o galope dos seus cavalos e sigamos a Sra Danglars na sua excursão matinal. Dissemos que ao meio-dia e meia hora a Sra Danglars pedira os seus cavalos e saíra de carruagem. Dirigiu-se para os lados do Arrabalde de Saint-Germain, meteu pela Rua Mazarino e mandou parar na passagem da Ponte Nova.

Apeou-se e atravessou a passagem. Estava vestida com muita simplicidade, como convém a uma mulher de bom gosto que sai de manhã. Na Rua de Guénegaud meteu-se num fiacre e mandou seguir para
a Rua do Harlay.

Assim que se instalou na viatura, tirou da bolsa um véu preto muito espesso, que prendeu ao chapéu de palha. Depois, voltou a pôr o chapéu na cabeça e viu com prazer, olhando-se num espelhinho de algibeira, que só se podia ver de si a pele branca e as pupilas cintilantes dos seus olhos.

O fiacre atravessou a Ponte Nova e entrou pela Praça Dauphine no pátio do Harlay. A Sra Danglars pagou a corrida quando o cocheiro lhe abriu a portinhola, e correu para a escada, que subiu ligeiramente, e não tardou a chegar à Sala dos Passos Perdidos.

De manhã há muitos julgamentos e ainda mais pessoas afadigadas no palácio da Justiça, e as pessoas atarefadas não olham muito para as mulheres. A Sra Danglars atravessou pois a Sala dos Passos Perdidos sem ser mais notada do que as outras dez mulheres que esperavam os seus advogados.

Havia muita gente na antecâmara do Sr. de Villefort, mas a Sra Danglars nem sequer necessitou de pronunciar o seu nome. Assim que apareceu, um continuo levantou-se, foi ao seu encontro, perguntou-lhe se era a pessoa a quem o Sr. Procurador régio concedera audiência e, perante a sua resposta afirmativa, conduziu-a por um corredor reservado ao gabinete do Sr. de Villefort.

O magistrado escrevia, sentado na sua plataforma, de costas para a porta. Ouviu esta abrir-se, o continuo dizer “Entre, minha senhora!" e a porta voltara a fechar-se, sem fazer um único gesto; mas logo que ouviu diminuir o ruído dos passos do continuo, que se afastava, virou-se vivamente, foi correr os ferrolhos e os reposteiros e examinar lodos os cantos do gabinete.

Depois, quando adquiriu a certeza de que não podia ser visto nem ouvido e, por consequência, ficou tranquilo, disse:

- Obrigado, minha senhora; obrigado pela sua pontualidade.

E ofereceu-lhe uma cadeira, que a Sra Danglars aceitou, porque o coração pulsava-lhe tão fortemente que ela se sentia prestes a sufocar.

- Há quanto tempo - começou o procurador régio, sentando-se por sua vez

e fazendo a poltrona descrever um semicírculo a fim de ficar defronte da Sra Danglars --, há quanto tempo, minha senhora, não tinha a felicidade de conversar a sós consigo. E com meu grande pesar, reencontramo-nos para ter uma conversa deveras penosa.

- No entanto, senhor, bem vê que acorri ao seu primeiro chamamento, embora certamente esta conversa seja ainda mais penosa para mim do que para si.

Villefort sorriu amargamente.

- É então verdade - prosseguiu, respondendo muito mais ao seu próprio pensamento do que às palavras da Sra Danglars --, é então verdade que todos os nossos atos deixam vestígios, uns sombrios, outros luminosos, no nosso passado! É então verdade que todos os nossos passos nesta vida se assemelham ao passo do réptil na areia e deixam rasto! Infelizmente, para muitos esse rasto, esse sulco, é o das suas lágrimas!

- Senhor, compreende a minha emoção, não é verdade? - perguntou a Sra Danglars - Poupe-me portanto, suplico-lhe. Este gabinete, por onde tantos culpados têm passado, trêmulos e envergonhados; esta cadeira, onde me sento por minha vez também envergonhada e trêmula... Oh, acredite que necessito de toda a minha razão para não ver em mim uma mulher culpada e em si um juiz ameaçador.

Villefort abanou a cabeça e suspirou.

- E eu - perguntou --, e eu não digo para comigo que o meu lugar não é na poltrona do juiz, mas sim no banco do réu?

- O senhor? - disse a Sra Danglars, surpreendida.

- Sim, eu.

- Creio que da sua parte, senhor, o seu puritanismo exagera a situação - contrapós a Sra Danglars, cujos olhos, tão belos, brilharam fugazmente. - Os sulcos de que acaba de falar foram traçados por todas as juventudes ardentes. No fundo das paixões, para lá do prazer, há sempre um pouco de remorso. É por isso que o Evangelho, esse recurso eterno dos infelizes, nos deu como amparo, a nós, pobres mulheres, a admirável parabola da jovem pecadora e da mulher adúltera. Por isso, confesso-lhe, quando me recordo desses delírios da minha juventude, penso às vezes que Deus nos perdoará, porque se não a desculpa, pelo menos a compensação encontra-se nos meus sofrimentos. Mas o senhor, que tem a temer de tudo isso, se aos homens todos desculpam e o escândalo os nobilita?

- Minha senhora - replicou Villefort --, não me conhece. Não sou um hipócrita ou pelo menos não armo em hipócrita sem motivo. Se a minha fronte é severa, isso deve-se às desgraças que a têm assombrado; se o meu coração se petrificou, foi para poder suportar os choques que tem recebido. Não era assim na minha juventude, não era assim na noite de noivado em que estavamos todos sentados à roda de uma mesa na Rua do Cours, em Marselha. Mas depois tudo mudou em mim e à minha volta; a minha vida gastou-se a perseguir coisas difíceis e a quebrar, nas dificuldades, aqueles que voluntária ou involuntariamente, por sua livre vontade ou por acaso, se encontraram colocados no meu caminho para me suscitar essas coisas. É raro que o que desejamos ardentemente não seja defendido com afinco por aqueles de quem o pretendemos obter ou aos quais

tentamos arrancá-lo. Assim, a maioria das más ações dos homens vieram ao encontro deles mascaradas especiosamente de necessidade. Depois da má ação cometida num momento de exaltação, de medo e de delírio, chegamos à conclusão de que poderíamos ter passado por ela e evitado-a. Então, o meio que teria sido conveniente empregar, mas que, cegos como estavamos, não vimos surge-nos diante dos olhos fácil e simples, e dizemos para conosco: “Porque não fiz isto em vez de fazer aquilo?" As senhoras, pelo contrário, muito raramente são atormentadas por remorsos, porque também muito raramente a decisão é sua. As suas desgraças são-lhes quase sempre impostas, as suas faltas são quase sempre o crime dos outros.

- Em todo o caso - respondeu a Sra Danglars --, admita que, se cometi uma falta, essa falta foi pessoal e por ela fui severamente castigada a noite passada.

- Pobre mulher! - murmurou Villefort, apertando-lhe a mão.

-- Demasiado severamente para a sua energia, pois por duas vezes esteve quase a sucumbir, e no entanto...

- O quê?

- Bom, devo dizer-lhe ... Apele para toda a sua coragem, minha senhora, porque ainda não chegou ao fim.

- Meu Deus! - exclamou a Sra Danglars, aterrada. - Que mais há ainda?

- A senhora só vê o passado, e claro que ele é sombrio. Pois imagine um futuro ainda mais sombrio, um futuro... horrível, certamente... e talvez sangrento!

A baronesa conhecia a calma de Villefort. Por isso, ficou tão apavorada com a sua exaltação que abriu a boca para gritar, mas o grito morreu-lhe na garganta.

- Como ressuscitou esse passado terrível? - disse Villefort. - Como saiu como um fantasma do fundo da sepultura e do fundo dos nossos corações, onde dormia, para nos fazer empalidecer as faces e corar a fronte?

- Infelizmente, sem dúvida, por acaso - declarou Hermine.

- Por acaso! - repetiu Villefort. - Não, não, minha senhora, não se trata de obra do acaso!

- Claro que trata. Não foi o acaso, fatal é certo, mas de qualquer maneira o acaso, que originou tudo aquilo? Não foi por acaso que o conde de Monte-Cristo comprou aquela casa. Não foi por acaso que mandou cavar a terra? Finalmente não foi por acaso que a infeliz criança foi enterrada debaixo das árvores? Pobre criatura saída de mim, à qual nunca pude dar um beijo, mas a quem tenho dado muitas lágrimas. Ah, todo o meu coração voou ao encontro do conde quando ele falou do querido despojo debaixo das flores!

- Não, minha senhora, e é isso que tenho de terrível para lhe dizer - perguntou Villefort com a voz estrangulada --; não, não houve despojo encontrado debaixo das flores; não, não houve criança desenterrada; não, é inútil chorar; não, é inútil gemer, não, o que devemos é tremer!

- Que quer dizer, senhor? - perguntou a Sra Danglars, muito agitada.

- Quero dizer que o Sr. de Monte-Cristo não pode encontrar, ao cavar ao pé das arvores, nem esqueleto de criança, nem ferragem de cofre, porque debaixo das árvores não havia nem um nem outra.

- Não havia nem um nem outra?! - repetiu a Sra Danglars, cravando no procurador régio uns olhos cujas pupilas, horrivelmente dilatadas, indicavam terror. - Não havia nem um nem outra! - repetiu mais uma vez, como uma pessoa

que procura fixar pelo som das palavras e pelo ruído da voz as idéias prestes a fugir-lhe.

- Não! - insistiu Villefort, deixando cair a fronte nas mãos.

- Não, cem vezes não!...

- Mas não foi ali que sepultou a pobre criança, senhor? Porque me enganou? Com que fim, diga-me!

- Tem razão. Mas ouça-me, minha senhora, ouça-me, e verá que me lamenta, a mim que trouxe durante vinte anos às costas, sem nunca lhe pedir que carregasse com a mais pequena parte, o fardo de dores de que lhe vou falar.

- Meu Deus, o senhor assusta-me! Mas não imporia; fale, escuto-o.

- Sabe o que se passou naquela noite dolorosa em que a senhora expirava no seu leito, naquele quarto de damasco vermelho, enquanto eu, quase tão arquejante como a senhora, esperava que desse à luz. A criança nasceu, foi-me entregue sem movimentos, sem respiração e sem voz, e julgamo-la morta.

A Sra Danglars fez um gesto rápido, como se quisesse saltar da cadeira. Mas Villefort deteve-a juntando as mãos, como que para lhe implorar atenção.

- Julgamo-la morta - repetiu. - Meti-a num cofre, que deveria substituir o caixão, desci ao jardim, abri uma cova e enterrei-a precipitadamente. Mal acabara de cobrir a sepultura de terra quando o braço do corso se estendeu para mim. Vi como que uma sombra erguer-se, como que reluzir um relâmpago. Senti uma dor, quis gritar, um arrepio gelado percorreu-me todo o corpo e apertou-me a garganta... Caí moribundo e julguei-me assassinado. Nunca esquecerei a sua coragem sublime quando ao voltar a mim me arrastei, expirando, até ao fundo da escada, onde, expirando também, a senhora veio ao meu encontro. Era necessário ocultar a terrível catástrofe. A senhora teve a coragem de voltar para casa amparada pela sua ama; um duelo foi o pretexto do meu ferimento. Contra toda a expectativa, ninguém revelou o nosso segredo. Transportaram-me para Versalhes; durante três meses estive às portas da morte. Por fim, como parecesse agarrar-me à vida, recomendaram-me o sol e os ares do Meio-Dia. Quatro homens transportaram-me de Paris a Chalon, percorrendo seis léguas por dia. A Sra de Villefort acompanhava a maca na sua carruagem. Em Chalon puseram-me no Sena, depois passei para o Rôdano e, levado apenas pela velocidade da corrente, desci até Arles. Em Arles retomei a maca e continuei o meu caminho para Marselha. A minha convalescença durou seis meses. Nunca mais ouvira falar da senhora e não me atrevia a perguntar o que lhe acontecera. Quando regressei a Paris, soube que, viúva do Sr. Nargonne, casara com o Sr. Danglars.

"Em que pensei depois de recuperar os sentidos? Pensava sempre na mesma coisa, sempre naquele cadáver de criança, que todas as noites, nos meus sonhos, saía do seio da terra e pairava por cima da cova, ameaçando-me com a vista e com o gesto. Por isso, assim que regressei a Paris informei-me. A casa não voltara a ser habitada desde que a deixamos, mas acabava de ser alugada por nove anos. Procurei o
locatário, fingi ter um grande desejo de não ver passar a mãos estranhas aquela casa que pertencia ao pai e à mãe da minha mulher e ofereci uma indenização pela renúncia ao arrendamento. Pediram-me seis mil francos, mas eu daria dez mil, daria vinte mil. Como trazia o dinheiro comigo, fiz o inquilino assinar imediatamente a rescisão. Depois, logo que me encontrei de posse desse

documento tão desejado, parti a
galope para Auteuil. Ninguém, desde que eu de lá saíra, entrara naquela casa.

" Eram cinco horas da tarde. Subi ao quarto vermelho e esperei pela noite.

"Ali, tudo o que dizia a mim próprio havia um ano, na minha agonia contínua, me veio à idéia de forma muito mais ameaçadora do que nunca.

"Aquele corso que me declarara a vendetta e me seguira de Nimes a Paris; aquele corso, que se encontrava escondido no jardim e me ferira, vira-me abrir a cova, vira-me enterrar a criança e poderia acabar por descobrir quem era a senhora. Talvez até já a conhecesse... Não a faria pagar um dia o segredo do terrível acontecimento?... Não seria isso para ele uma, agrável vingança, quando soubesse que eu não morrera da sua punhalada? Era portanto urgente que antes de mais nada, e acontecesse o que acontecesse, fizesse desaparecer os vestígios do passado, destruísse todo e qualquer rastro material, embora na minha memória a realidade permanecesse sempre demasiado viva.

"Fora para isso que rescindira o arrendamento, fora para isso que viera, era para isso que esperava.

" Anoiteceu, mas esperei até que a noite ficasse bem escura. Não tinha luz no quarto, onde as rajadas de vento faziam tremer os reposteiros atrás dos quais julgava sempre ver algum espião emboscado. De vez enquando estremecia e parecia-me ouvir atrás de mim, na cama, os seus gemidos, minha senhora, mas não ousava voltar-me. O meu coração pulsava no meio do silêncio e sentia-o bater tão violentamente que cheguei a pensar que o meu ferimento se reabrisse. Por fim, ouvi extinguirem-se um após outro todos os diversos ruídos do campo. Compreendi que já não tinha nada a temer, que não poderia ser visto nem ouvido, e decidi-me a descer.

"Ouça, Hermine, considero-me tão corajoso como qualquer outro homem, mas quando retirei do peito a chavinha da escada, aquela chavinha a que os dois tanto queríamos e que a senhora mandara prender a uma argola de ouro; quando abri a porta e vi através das janelas uma lua pálida lançar sobre os degraus em
espiral uma comprida faixa de luz branca semelhante a um fantasma, agarrei-me à parede e estive prestes a gritar. Tinha a sensação de enlouquecer.

"Por fim consegui dominar-me e desci a escada degrau a degrau. A única coisa que não conseguira vencer era uma estranha tremura nos joelhos. Agarrei-me ao corrimão; se o largasse, por um instante que fosse, me precipitaria por ali abaixo.

"Cheguei à porta do jardim. Da parte de fora, encostada à parede, estava uma enxada. Munira-me de uma lanterna de furta-fogo. No meio do relvado parei para a acender e depois continuei o meu caminho.

"Novembro eslava prestes a terminar, toda a verdura do jardim desaparecera, as árvores não eram mais do que esqueletos de compridos braços descarnados e as tolhas mortas rangiam com o saibro debaixo dos meus pés.

"O terror apertava-me tão fortemente o coração que ao aproximar-se do maciço tirei uma pistola da algibeira e destravei-a. Julgava sempre ver aparecer através dos ramos a cara do corso.

"iluminei o maciço com a minha lanterna de furta-fogo; estava vazio. Olhei em redor de mim e verifiquei que me encontrava sozinho. Nenhum ruído perturbava o silêncio da noite, exceto o canto de uma coruja, que emitia o seu pio

agudo e lúgubre como um chamamento aos fantasmas da noite.

"Pendurei a lanterna num ramo em forma de forquilha, em que já reparara um ano antes, no próprio local onde me detivera para abrir a cova.

"Durante o Verão, a erva crescera ali bem espessa, e chegado o Outono ninguém houvera na casa para a apanhar. No entanto, um lugar menos guarnecido chamou-me a atenção. Era evidente que fora ali que eu revolvera a terra. Deitei mãos à obra.

"Chegara portanto o momento por que esperara mais de um ano!

"Como confiava, como trabalhava, como sondava cada tufo de relva, julgando sentir resistência na ponta da enxada! Mas nada. E contudo abri um buraco duas vezes maior do que o primeiro. Julguei ter-me enganado no lugar. Orientei-me, observei as árvores, procurei reconhecer os pormenores que me tinham impressionado. Soprava uma brisa fria e cortante através dos ramos nus e no entanto o suor escorria-me da
testa. Lembrei-me de que recebera a punhalada no momento em que calcava a terra para tapar a cova; para isso, apoiava-me numa giesteira. Atrás de mim havia um rochedo artificial destinado a servir de banco aos passeantes. Ao cair, depois de largar a giesteira, a minha mão sentira a frescura da pedra. À minha direita encontrava-se a giesteira e atrás de mim o rochedo. deixei-me cair do mesmo modo, levantei-me e pus-me a
aprofundar e alargar a cova. Nada! Sempre nada! O cofre não estava ali.

- O cofre não estava ali? - murmurou a Sra Danglars, sufocada de pavor.

- Não julgue que me limitei àquela tentativa - continuou Villefort. Não. Revistei todo o maciço. Pensei que o assassino tivesse desenterrado o cofre julgando tratar-se de um tesouro, e que, resolvido a apoderar-se dele, o tivesse levado. Depois, descobrindo o seu erro, abrira por sua vez uma cova, onde o depositara. Nada! Em seguida assaltou-me a idéia de que não tomara tantas precauções e o atirara pura e simplesmente para um canto. Nesta última hipótese, tinha de esperar que amanhecesse para proceder às minhas buscas. Subi ao quarto e esperei.

- Oh, meu Deus!

- Quando amanheceu, desci de novo. A minha primeira visita foi ao maciço; esperava encontrar nele vestígios que me tivessem escapado na escuridão. Revolvera a terra numa superfície de mais de vinte pés quadrados e numa profundidade de mais de dois pés. Um dia de trabalho mal chegaria a um assalariado
para fazer o que eu fizera numa hora. Nada, não vi absolutamente nada.

"Então, pus-me a procurar o cofre, partindo da suposição de ter sido atirado para qualquer canto. Sendo assim, devia estar no caminho que levava à portinha de saída. Mas a nova investigação foi tão inútil como a primeira e, de coração opresso, voltei ao maciço, que por si próprio já me não alimentava qualquer esperança.

- Oh, era caso para enlouquecer! - exclamou a Sra Danglars.

- Por um instante pensei que isso me acontecesse, mas não tive essa sorte. Entretanto, apelando para a minha energia e por consequência para as minhas idéias, perguntei a mim mesmo:

"Porque teria o homem levado o cadáver?"

- O senhor já o disse: para ter uma prova - lembrou a Sra Danglars.

- Não, não, minha senhora, já não podia ser isso. Ninguém guarda um cadáver durante um ano; mostra-o a um magistrado e faz o seu depoimento. Ora nada semelhante acontecera.

- Bom, e então?... - perguntou Hermine toda palpitante.

- Então, tratava-se de qualquer coisa mais terrível, mais fatal, mais assustadora para nós: a criança estava talvez viva e o assassino salvara-a.

A Sra Danglars soltou um grito terrível e agarrou as mãos de Villefort.

- O meu filho estava vivo! O senhor enterrou o meu filho vivo! Garantira-me que o meu filho estava morto e enterrou-o... Oh!

A Sra Danglars levantara-se e mantinha-se de pé e quase ameaçadora diante do procurador régio, cujos pulsos apertava com as mãos delicadas.

- Que queria que lhe dissesse? Disse-lhe isso como lhe poderia dizer outra coisa - perguntou Villefort com uma fixidez de olhar indicadora de que aquele homem tão poderoso estava prestes a atingir os limites do desespero e da loucura.

- Ah, meu filho, meu pobre filho! - gritou a baronesa, caindo de novo na cadeira e abafando os soluços com o lenço.

Villefort caiu em si e compreendeu que para desviar a tempestade materna que se acumulava sobre a sua cabeça era necessário que a Sra Danglars se recompusesse do terror que ele próprio experimentava.

- Como deve compreender, se o caso é assim, estamos perdidos - disse, levantando-se por seu turno e aproximando-se da baronesa para lhe falar em voz mais baixa. - Essa criança vive, alguém sabe que vive, alguém possui o nosso segredo. E uma vez que Monte-Cristo fala diante de nós de uma criança desenterrada de um local onde essa criança já não existia, quem está de posse do segredo é ele.

- Deus, Deus justo, Deus vingador! - murmurou a Sra Danglars.

Em resposta, Villefort limitou-se a soltar uma espécie de rugido.

- Mas e essa criança, essa criança, senhor? - insistiu a mãe, obstinada.

- Oh, o que a procurei! - respondeu Villefort, torcendo os braços. - Quantas vezes a chamei nas minhas longas noites sem sono! Quantas vezes desejei possuir uma riqueza real para comprar um milhão de segredos a um milhão de homens e encontrar o meu segredo entre os deles! Enfim, um dia em que pela centésima vez pegava na enxada, perguntei a mim mesmo também pela centésima vez que teria o corso feito da criança. Uma criança estorva um fugitivo... Talvez notasse que ainda estava viva e a tivesse atirado ao rio.

- Oh, impossível! - exclamou a Sra Danglars. - Assassina-se um homem por vingança, mas não se afoga a sangue-frio uma criança!

- Talvez a tivesse entregado às Crianças Expostas... - acrescentou Villefort.

- Oh, sim, sim! - exclamou a baronesa. - O meu filho está aí, senhor!

- Corri ao hospício e soube que naquela mesma noite de 20 de Setembro fora depositada uma criança na roda. Tal criança estava envolta em metade de uma toalha de pano fino, intencionalmente rasgada. Essa metade da toalha tinha metade de uma coroa de barão e a leira H.

- É isso, é isso! - gritou a Sra Danglars. - Toda a minha roupa está marcada assim! O Sr. de Nargonne era barão e eu chamo-me Hermine. Obrigada, meu

Deus! O meu filho não estava morto!

- Não, não estava morto!

- E o senhor diz-me isso... diz-me isso sem receio de me fazer morrer de alegria! Onde está ele? Onde está o meu filho?

Villefort encolheu os ombros.

- Como quer que saiba? E julga que se o soubesse a faria passar por todas estas gradações, como o faria um dramaturgo ou um romancista? Não, infelizmente não sei. Quando contava cerca de seis meses, uma mulher foi reclamar a criança com a outra metade da toalha. Essa mulher deu todas as garantias que a lei exigia e por isso a entregaram.

- Mas devia ter-se informado acerca dessa mulher, devia tê-la procurado...

- E que julga que fiz, minha senhora? Simulei uma instrução criminal e mandei procurá-la pelos mais finos agentes secretos e pelos mais hábeis detetives da Polícia. Encontraram-lhe a pista até Chalon; ai perderam-na.

- Perderam-na?...

- Sim, perderam-na; perderam-na para sempre.

A Sra Danglars escutara o relato soltando de vez em quando um suspiro, deixando correr uma lágrima ou emitindo um grito, conforme as circunstâncias.

- É tudo? - perguntou. - O senhor limitou-se a isso?

- Oh, não! - protestou Villefort. - Nunca deixei de procurar, de investigar, de me informar. No entanto, há dois ou três anos descansei um pouco. Mas agora vou recomeçar com mais perseverança e encarniçamento do que nunca. E vencerei, pode ter a certeza; porque já não é a consciência que me impele, é o medo.

- Mas o conde de Monte-Cristo não sabe de nada - declarou a Sra Danglars. - De contrário, parece-me que não nos procuraria como nos procurou.

- Oh, a maldade dos homens é muito grande! - sentenciou Villefort. - Muito maior do que a bondade de Deus. Reparou nos olhos desse homem enquanto nos falava?

- Não.

- Mas observou-o atentamente algumas vezes?

- Sem dúvida. É estranho, mas mais nada. Houve só uma coisa que me impressionou: de toda a requintada refeição que nos serviu não tocou em nada, não se serviu de nenhum prato.

- Tem razão, tem razão! - disse Villefort. - Também notei isso. Se soubesse o que sei agora, teria feito o mesmo, não tocaria em nada. Julgaria que nos queria envenenar.

- E teria enganado, bem vê.

- Sim, sem dúvida. Mas acredite no que lhe digo: esse homem tem outros projetos. Por isso quis vê-la, por isso desejei falar consigo, por isso quis precavê-la contra todose, mas sobretudo contra ele. Diga-me - continuou Villefort, cravando ainda mais profundamente do que até ali os olhos na baronesa --, não falou da nossa ligação a ninguém?

- Nunca, a ninguém.

- Compreende o que quero dizer -- prosseguiu afetuosamente Villefort --, quando digo a ninguém, perdoe-me a insistência, retiro-me a ninguém no mundo, percebe?

- Oh, sim, sim, compreendo perfeitamente! -- respondeu a baronesa, corando. - Nunca! Juro-lhe.

- Já não tem o hábito de escrever à noite o que se passou durante o dia? Não tem diário?

- Não. Infelizmente, a minha vida passa levada pela frivolidade. Eu própria a esqueço.

- Não sonha em voz alta, que saiba?

- Durmo como uma criança. Não se lembra?...

A púrpura subiu ao rosto da baronesa e o medo invadiu o de Villefort.

- É verdade - disse ele, tão baixo que mal se ouviu.

- E agora? - perguntou a baronesa.

- Agora? Já sei o que devo fazer - declarou Villefort. - Dentro de oito dias, saberei quem é o Sr. de Monte-Cristo, de onde vem, para onde vai e por que motivo fala diante de nós de crianças desenterradas no seu jardim.

Villefort proferiu estas palavras num tom que faria tremer o conde se as pudesse ouvir.

Depois apertou a mão que a baronesa hesitava em estender-lhe e acompanhou-a respeitosamente à porta.

A Sra Danglars tomou outro fiacre, que a levou à passagem, do outro lado da qual encontrou a sua carruagem e o seu cocheiro, que, enquanto esperava, dormia calmamente no seu lugar.

Capítulo LXVIII

Um baile de verão

No mesmo dia, mais ou menos à mesma hora em que a Sra Danglars tinha o encontro a que nos referimos no gabinete do Sr. Procurador régio, uma caleça de viagem entrava na Rua do Helder, transpunha a porta nº 27 e parava no pátio. Pouco depois a portinhola abriu-se e a Sra de Morcerf apeou-se apoiada no braço do filho.

Assim que Albert acompanhou a mãe aos seus aposentos, pediu um banho e os seus cavalos, entregou-se nas mãos do seu criado de quarto e em seguida fez-se conduzir aos Campos Elísios, a casa
do conde de Monte-Cristo.

O conde recebeu-o com o seu sorriso habitual. Coisa estranha: nunca ninguém parecia avançar um passo no coração ou no espirito daquele homem. Os que queriam, se assim se pode dizer, forçar a passagem da sua intimidade deparavam com uma parede.

Morcerf, que corria para ele de braços abertos, deixou-os cair ao vê-lo, apesar do seu sorriso amistoso, e ousou, quando muito, estender-lhe a mão. Pela sua parte, Monte-Cristo tocou-lhe nela, como fazia sempre, mas sem a apertar.

- Pronto, aqui me tem, meu caro conde - disse Albert.

- Seja bem-vindo.

- Cheguei há uma hora.

- De Dieppe?

- Do Tréport.

- Ah, é verdade!

- E a minha primeira visita é para o senhor.

- É amável da sua parte - disse Monte-Cristo, como diria qualquer outra coisa.

- Então, que notícias me dá?

- Notícias?... Pede notícias a mim, um estrangeiro?

- Eu explico-me: quando pergunto que notícias, quero dizer se o senhor fez qualquer coisa por mim...

- Tinha-me encarregado de alguma incumbência? - perguntou Monte-Cristo, simulando inquietação.

- Então, então, não simule indiferença? - exclamou Albert.

- Dizem que existem avisos simpáticos que transpõem a distância. Pois bem, no Tréport recebi o meu choque elétrico: o senhor, se não trabalhou para mim, pensou pelo menos em mim.

- É possível - admitiu Monte-Cristo. - De fato, pensei em si; mas a corrente magnética de que era o condutor atuava, confesso, independentemente da minha vontade.

- Deveras? Conte-me isso. Peço-lhe.

- É fácil. O Sr. Danglars jantou em minha casa.

- Bem sei, pois foi para fugir à sua presença que partimos, a minha mãe e eu. - Mas jantou com o Sr. Andrea Cavalcanti.

- O seu príncipe italiano?

- Não exageremos. O Sr. Andrea usa apenas o título de visconde.

- Usa, diz o senhor?

- Digo: usa.

- Não o é, portanto?

- Sei lá! Ele usa-o, eu dou-lhe, todos o dão... Não é como se tivesse?

- Que homem estranho o senhor me saiu! E depois?

- E depois o quê?

- Portanto, o Sr. Danglars jantou na sua casa?

- Jantou.

- Com o seu visconde Andrea Cavalcanti?

- Com o visconde Andrea Cavalcanti, o marquês seu pai, a Sra Danglars, o Sr. e a Sra de Villefort, pessoas encantadoras, o Sr. Debray, Maximilien Morrel e ainda... espere... Ah, o Sr. de Château-Renaud!

- Falaram de mim?

- Nem uma palavra.

- Tanto pior.

- Porquê? Se o esqueceram, parece-me que, procedendo assim, fizeram apenas o que o senhor desejava...

- Meu caro conde, se ninguém falou de mim foi porque pensaram muito na minha pessoa, o que me deixa desesperado.

- Que lhe interessa isso, se Mademoiselle Danglars não foi uma das pessoas que pensaram em si em minha casa? Verdade seja que podia pensar em casa dela...

- Oh, quanto a isso não, tenho a certeza! Ou se pensasse seria certamente da mesma maneira que penso nela.

- Comovente simpatia! - comentou o conde. - Então detestam-se?

- Escute - pediu Morcerf. - Se Mademoiselle Danglars fosse mulher que se compadecesse do mártir que não está disposto a sofrer por ela e me quisesse recompensar disso à margem das convenções matrimoniais estabelecidas entre as nossas duas famílias, seria maravilhoso. Em resumo, creio que Mademoiselle Danglars daria uma amante encantadora, mas como esposa, diabo...

- É assim que encara o seu futuro? - perguntou Monte-Cristo, rindo.

- Meu Deus, é! De forma um pouco brutal, confesso, mas pelo menos verdadeira. Ora, como não é possível transformar este sonho em realidade; como para chegar a determinado fim, é indispensável que Mademoiselle Danglars seja minha mulher, isto é, que viva comigo, que pense junto de mim, que cante ao pé de mim, que escreva versos e música a dez passos de mim, e isso durante toda a minha vida, apavora-me. Uma amante, meu caro conde, deixa-se; mas uma mulher, com a breca, é outra coisa! Conserva-se eternamente, perto ou longe. Ora, é horrível ter de conservar sempre Mademoiselle Danglars, mesmo longe.

- O senhor é muito exigente, visconde.

- Pois sou, porque muitas vezes penso numa coisa impossível.

- Qual?

- Encontrar para mim uma mulher como o meu pai encontrou uma para ele.

Monte-Cristo empalideceu e fitou Albert, sem deixar de brincar com umas pistolas magníficas cuja fecharia percutia rapidamente.

- O seu pai tem sido portanto muito feliz? - perguntou.

- Sabe a minha opinião acerca de minha mãe, Sr. Conde: um anjo do Céu. Vejo-a ainda bonita, espiritual, cada vez melhor do que nunca. Venho de Tréport; para qualquer outro filho, meu Deus, acompanhar a mãe seria uma condescendência ou um frete! Pois eu passei quatro dias a conversar com ela, mais satisfeito, mais repousado e confesso-lhe que mais poético até do que se tivesse levado para Tréport a rainha Mab ou Titânia.

- Trata-se de uma perfeição invulgar e com isso o senhor dá a todos aqueles que o ouvem enormes desejos de ficar solteiros.

- É precisamente por saber que existe no mundo uma mulher perfeita que não tenho pressa de casar com Mademoiselle Danglars. já notou alguma vez como o nosso egoísmo reveste de cores brilhantes tudo o que nos pertence? O diamante que cintilava na montra de Marlé ou Fossin torna-se muito mais belo desde que é o nosso diamante; mas se a evidência nos força a reconhecer que existem diamantes de uma água mais pura e somos obrigados a usar eternamente esse diamante inferior a outro, compreende o sofrimento?

- Mundano! - murmurou o conde.

- Aí está porque saltarei de alegria no dia em que Mademoiselle Eugênie descubra que não passo de um mísero átomo e que com dificuldade possuo tantas centenas de milhares de francos como ela possui milhões.

Monte-Cristo sorriu.

- Tinha pensado noutra coisa - continuou Albert. - Franz aprecia as excentricidades e, mal-grado seu, procurei que se apaixonasse por Mademoiselle

Danglars. Mas a quatro cartas que lhe escrevi no estilo mais sedutor, Franz respondeu-me imperturbavelmente: “Sou excêntrico, é verdade, mas a minha excentricidade não vai ao ponto de retirar a minha palavra depois de a dar."

- Ora aí está o que chamo a dedicação da amizade: dar a outro a mulher que para nós mesmos só queríamos como amante?

Albert sorriu.

- A propósito - prosseguiu -, o caro Franz vem aí. Mas a notícia pouco lhe interessa, creio. O senhor não gostava dele, pois não?

- Eu? - perguntou Monte-Cristo. - Meu caro visconde, onde descobriu que eu não gostava do Sr Franz? Gosto de todas as pessoas.

- E eu estou incluído no “todas as pessoas"... Obrigado.

- Não confundamos - defendeu-se Monte-Cristo. - Gosto de todas as pessoas da maneira que Deus nos ordena que amemos o próximo, cristãmente; mas só estimo realmente certas pessoas. Voltemos ao Sr. Franz de Epinay. Diz que vem aí?

- Exato. Mandado chamar pelo Sr. de Villefort, tão empenhado, ao que parece, em casar Mademoiselle Valentine como o Sr. Danglars em casar Mademoiselle Eugênie. Decididamente, parece tratar-se de um estado dos mais fatigantes ser pai de filhas crescidas. Afigura-se que ficam febris e que o pulso lhes bate à razão de noventa pulsações por minuto enquanto se não vêem livres delas.

- Mas o Sr. de Epinay não se parece consigo; aceita a sua cruz com paciência.

- Mais do que isso, toma-a a sério. Usa gravatas brancas e fala já da sua família. De resto, tem uma grande consideração pelos Villeforts.

- Merecida, não é verdade?

- Creio que sim. O Sr. de Villefort sempre foi considerado um homem severo, mas justo.

- Até que enfim! - exclamou Monte-Cristo. - Haja ao menos um que o senhor não trate como o pobre Sr. Danglars!...

- Talvez isso se deva ao fato de não ser obrigado a casar com a sua filha - respondeu Albert, rindo.

- Na verdade, meu caro senhor, acho-o de uma fatuidade revoltante - declarou Monte-Cristo.

- Eu?

- Sim, o senhor. Mas tome um charuto.

- Com muito prazer. E por que motivo sou fátuo?

- Porque está para ai a defender-se, a debater-se para não casar com Mademoiselle Danglars. Meu Deus, deixe as coisas correrem e talvez não seja o primeiro a retirar a sua palavra!

- Ora, ora! - exclamou Albert, de olhos muito abertos.

- Que diabo, Sr. Visconde, no fim de contas decerto ninguém lhe porá a corda ao pescoço! Falemos seriamente - prosseguiu Monte-Cristo mudando de intonação --apetece-lhe romper?

- Daria cem mil francos para isso.

- Pronto, seja feliz: o Sr. Danglars está disposto a dar o dobro para atingir o mesmo fim.

- Isso é verdade, essa sorte? - perguntou Albert, que, no entanto, ao proferir estas palavras, não pode evitar que uma sombra imperceptível lhe passasse pela fronte. - Mas, meu caro conde, o Sr. Danglars tem motivos para isso?

- Ora aí está, natureza orgulhosa e egoísta! Até que enfim encontro o homem que quer destruir o amor-próprio de outrem à machadada, mas que protesta quando lhe picam o seu com uma agulha!

- Não! Mas é que me parece que o Sr. Danglars...

- Deveria estar encantado com o senhor, não é? Pois bem, o Sr. Danglars é um homem de mau gosto, como se sabe, e está ainda mais encantado com outro...

- Com quem?

- Não sei. Examine, observe, procure ouvir as alusões à passagem dele e tire disso o melhor partido que puder.

- Compreendo. Ouça, a minha mãe... Não, estou enganado, não foi a minha mãe! O meu pai teve a idéia de dar um baile...

- Um baile nesta altura do ano?

- Os bailes de Verão estão na moda.

- Se não estivessem, bastaria a condessa querer para estarem.

- Talvez. Compreende, são bailes “puro-sangue". Aqueles que ficam em Paris em Julho são verdadeiros parisienses. Quer encarregar-se de um convite para os Srs. Cavalcanti?

- Daqui a quantos dias se realiza o seu baile?

- No sábado.

- Já o Sr. Cavalcanti pai terá partido.

- Mas o Sr. Cavalcanti filho fica. Quer se encarregar de levár o Sr. Cavalcanti filho?

- Ouça, visconde, eu não o conheço...

- Não o conhece?

- Não. Vi-o pela primeira vez há três ou quatro dias e não respondo por ele em nada.

- Mas o senhor recebe-o bem!

- Comigo é outra coisa. Foi-me recomendado por um excelente abade, que no entanto pode muito bem ter sido ele próprio enganado. Convide-o diretamente, se quiser, mas não me peça que lhe apresente. Se mais tarde casasse com Mademoiselle Danglars, o senhor me acusaria de manejos e quereria bater-se comigo. De resto, não sei se eu mesmo irei.

- Aonde?

- Ao seu baile.

- Porque não iria?

- Primeiro porque o senhor ainda me não convidou...

- Vim aqui de propósito trazer-lhe pessoalmente o seu convite.

- Oh, que amabilidade! Mas posso ter qualquer impedimento.

- Quando lhe disser uma coisa, creio que será suficiente amável para nos sacrificar todos os impedimentos.

- Diga.

- A minha mãe pede-lhe que vá.

- A Sra Condessa de Morcerf? - perguntou Monte-Cristo, estremecendo.

- Ah, conde - disse Albert --, previno-o de que a Sra de Morcerf conversa livremente comigo! E se o senhor não sentiu ainda vibrar em si as fibras simpáticas de que lhe falava há pouco, é porque essas fibras lhe faltam completamente, pois durante quatro dias só falamos do senhor.

- De mim? Na verdade, confunde-me!

- Privilégio do seu comportamento. Quando se é um problema vivo...

- Ah! Sou portanto também um problema para a sua mãe?... Para ser franco, julgava-a demasiado sensata para se dedicar a semelhantes fantasias!

- Problema, meu caro conde, problema para todos, tanto para a minha mãe como para os outros; problema aceito, mas não adivinhado, pois o senhor continua a ser um enigma. Tranquilize-se: a minha mãe apenas se interroga constantemente como é possível que o senhor seja tão novo. Creio que no fundo, enquanto a condessa G... o toma por Lorde Ruthwen, a minha mãe toma-o por Cagliostro ou pelo conde de
Saint-Germain. A primeira vez que vir a Sra de Morcerf, confirme-lhe essa opinião. Não lhe será difícil, pois possui a pedra filosofal de um e o espirito do outro.

- Agradeço-lhe ter-me prevenido - perguntou o conde, sorrindo. - Procurarei pôr-me em condições de enfrentar todas as hipóteses.

- Portanto, irá no sábado?

- Se a Sra de Morcerf me pede...

- É muito amável.

- E o Sr. Danglars?

- Oh, já recebeu o triplo convite! O meu pai encarregou-se disso. Procuraremos ter também o grande Aguesseau, ou seja, o Sr. de Villefort, mas duvido.

- Nunca se deve duvidar de nada, diz o provérbio.

- Dança, caro conde?

- Eu?

- O senhor, sim. Que haveria de surpreendente se dançasse?

- Com efeito, enquanto se não passa dos quarenta... Não, não danço; mas gosto de ver dançar. E a Sra de Morcerf dança?

- Também não, nunca. Conversarão. Ela tem tanta vontade de conversar consigo!

- Deveras?

- Palavra de honra! E declaro-lhe que o senhor é o primeiro homem por quem a minha mãe manifestou tal curiosidade.

Albert pegou no chapéu e levantou-se. O conde acompanhou-o até à porta.

- Tenho de me penitenciar - disse Monte-Cristo, detendo Albert no alto da escadaria.

- De quê?

- Fui indiscreto, não lhe devia ter falado do Sr. Danglars.

- Pelo contrário, fale-me mais, fale-me muitas vezes, fale-me sempre. Mas da mesma forma...

- Bom, tranquiliza-me! A propósito, quando chega o Sr. Epinay?

- Daqui a cinco ou seis dias, o mais tardar.

- E quando se casa?

- Logo após a chegada do Sr. e da Sra de Saint-Méran.

- Traga-o quando estiver em Paris. Embora o senhor pretenda que não gosto dele, declaro-lhe que terei prazer em vê-lo.

- Muito bem, as suas ordens serão cumpridas, senhor.

- Até breve!

- Até sábado, pelo menos, claro, não é verdade?

- Ora essa! A palavra está dada.

O conde seguiu Albert com a vista, acenando-lhe com a mão. Depois dele subir para o seu faeton, virou-se e deparou com Bertuccio atrás de si.

- Então? - perguntou.

- Foi ao palácio da Justiça - respondeu o intendente.

- Esteve lá muito tempo?

- Hora e meia.

- E depois regressou para casa?

- Diretamente.

- Muito bem! Agora, meu caro Sr. Bertuccio - acrescentou o conde -, se quer um conselho, vá ver se encontra na Normandia o bocadinho de terra de que lhe falei.

Bertuccio inclinou-se, e como os seus desejos estavam perfeitamente de acordo com a ordem recebida, partiu naquela mesma tarde.

Capítulo LXIX

As informações

O Sr. de Villefort cumpriu a palavra que dera à Sra Danglars, e sobretudo a si mesmo, e procurou saber de que forma o Sr. Conde de Monte-Cristo conseguira descobrir a história da casa de Auteuil.

Escreveu no mesmo dia a um tal Sr. de Boville, que, depois de ter sido noutros tempos inspetor das prisões, fora colocado num alto posto da Polícia de Segurança. Pediu-lhe que lhe desse as informações que desejava e Boville solicitou-lhe dois dias para saber ao certo junto de quem se poderia informar.

Passados esses dois dias, o Sr. de Villefort recebeu a seguinte nota:

A pessoa chamada conde de Monte-Cristo é conhecida especialmente de Lorde Wilmore, rico estrangeiro que é visto algumas vezes em Paris, onde se encontra neste momento. É igualmente conhecida do abade Busoni, padre siciliano de grande reputação no Oriente, onde tem feito muito boas obras.

O Sr. de Villefort respondeu ordenando que tirassem acerca desses dois estrangeiros as informações mais rápidas e rigorosas. No dia seguinte à tarde as suas ordens estavam cumpridas. Eis as informações que recebeu:

O abade, que se encontrava havia apenas um mês em Paris, residia atrás da Igreja de S. Suipício numa casinha composta unicamente de térreo e primeiro andar: quatro divisões, duas em cima e duas em baixo, constituíam toda a habitação, onde morava sozinho.

As duas divisões do térreo eram uma sala de jantar com mesa, cadeiras e aparador de nogueira e uma sala forrada de madeira pintada de branco, sem

ornamentos, tapetes e relógio de sala. Via-se que pessoalmente o abade se limitava aos objetos estritamente necessários.

Verdade seja que o abade ocupava de preferência a sala do primeiro andar. Essa sala, repleta de livros de teologia e pergaminhos, no meio dos quais passava, dizia o seu criado de quarto, meses inteiros, era na realidade menos uma sala do que uma biblioteca.

O criado observava os visitantes através de uma espécie de postigo e quando a seu rosto lhe era desconhecida ou não lhe agradava, respondia que o Sr. Abade se não encontrava em Paris, com o que muita gente se contentava, pois sabia-se que o abade viajava frequentemente e ficava às vezes muito tempo ausente.

De resto, quer estivesse em casa, quer não estivesse, quer se encontrasse em Paris, quer se encontrasse no Cairo, o abade dava sempre e o postigo servia de roda às esmolas que o criado distribuía incessantemente em nome do seu amo.

A outra divisão, situada ao pé da biblioteca, era um quarto de dormir. Uma cama sem cortinados, quatro cadeiras e um canapé de veludo-de-utreque amarelo formavam, com um genuflexório, todo o seu mobiliário.

Quanto a Lorde Wilmore, residia da Rua Fontaine-Saint-Georges. Era um desses turistas ingleses que gastam toda a sua fortuna em viagens. Alugara mobilado o apartamento em que morava, no qual passava apenas duas ou três horas por dia e onde raramente dormia. Uma das suas manias era recusar-se terminantemente a falar a língua francesa, que no entanto escrevia, afirmava-se, com muita pureza.

No dia seguinte àquele em que estas preciosas informações chegaram às mãos do Sr. Procurador régio, um homem que se apeara de uma carruagem à esquina da Rua Férou foi bater a uma porta pintada de verde-azeitona e perguntou pelo abade Busoni.

- O Sr. Abade saiu logo de manhãzinha - respondeu o criado.

- Poderia não me contentar com essa resposta - perguntou o visitante --, porque venho da parte de uma pessoa para quem todos sempre estão em casa. Mas queira entregar ao abade Busoni...

- Já lhe disse que não está - repetiu o criado.

- Então, quando voltar, entregue-lhe este cartão e esta carta. O Sr. Abade estará em casa às oito horas, esta noite?

- Com certeza, senhor, a menos que o Sr. Abade trabalhe, porque então é como se tivesse saído.

- Voltarei portanto esta noite, à hora indicada - disse o visitante.

E retirou-se.

Com efeito, à hora indicada o mesmo homem voltou na mesma carruagem, que, desta vez, em lugar de parar à esquina da Rua Férou, se deteve diante da porta verde. Bateu, abriram e entrou.

Pelos sinais de respeito de que o criado foi pródigo para com ele, compreendeu que a sua carta produzira o efeito desejado.

- O Sr. Abade está em casa? - perguntou?

- Está. Trabalha na sua biblioteca, mas vai atender o senhor - respondeu o criado.

O desconhecido subiu uma escada bastante íngreme e, diante de uma secretária cujo tampo estava inundado da luz que concentrava um grande quebra-luz, enquanto o resto da sala ficava na sombra, viu o abade, em vestes eclesiásticas e com a cabeça coberta por um desses capuzes com que ocultavam o
crânio os pretensos sábios da Idade Média.

- É ao Sr Busoni que tenho a honra de falar? - perguntou o visitante.

- Sim, senhor - respondeu o abade. - E o senhor é a pessoa que o Sr. de Boville, antigo intendente das prisões, me manda da parte do Sr. Prefeito da Polícia?

- Exatamente, senhor.

- Um dos agentes afetos à Segurança de Paris?

- Sim, senhor - respondeu o desconhecido, com uma espécie de hesitação e sobretudo um pouco de rubor.

O abade reajustou os grandes óculos, que lhe cobriam não só os olhos, mas também as têmporas, e voltando a sentar-se, fez sinal ao visitante para se sentar igualmente.

- Estou às suas ordens, senhor - disse o abade, com um acento italiano dos mais pronunciados.

- A missão de que me encarregaram, senhor - começou o visitante, vincando cada uma das palavras, como se tivessem dificuldade em sair -, é uma missão de confiança para quem a desempenha e para a pessoa junto da qual a desempenha.

O abade inclinou-se.

- Sim-prosseguiu o desconhecido --, a sua probidade, Sr. Abade, é tão conhecida do Sr. Prefeito da Polícia que ele deseja saber do senhor, como magistrado, uma coisa que interessa à segurança pública em nome da qual o venho procurar. Esperamos, portanto, Sr. Abade, que não haja nem laços de amizade nem consideração humana que possam levá-lo a ocultar a verdade à justiça.

- Conquanto, senhor, que as coisas que deseja saber não briguem em nada com os escrúpulos da minha consciência. Sou padre, senhor, e os segredos da confissão, por exemplo, devem ficar entre mim e a justiça de Deus, e não entre mim e a justiça humana.

- Oh, esteja tranquilo, Sr. Abade! - disse o desconhecido. - Seja em que circunstâncias for, respeitaremos a sua consciência.

Ao ouvir estas palavras, o abade carregou do seu lado no quebra-luz, o qual se levantou do lado oposto, de forma que, embora iluminasse em pleno rosto o desconhecido, deixava a cara do abade na sombra.

- Perdão, Sr. Abade - disse o enviado do Sr. Prefeito da Polícia --, mas essa luz fere-me horrivelmente a vista.

O abade baixou o cartão verde.

- Agora, senhor, escuto-o. Fale.

- Vou direito ao assunto. Conhece o Sr. Conde de Monte-Cristo?

- Refere-se ao Sr. Zaccone, presumo?...

- Zaccone! ... Não se chama portanto Monte-Cristo?

- Monte-Cristo é o nome de uma terra, ou antes, de um rochedo, e não um

nome de família.

- Pois seja. Não discutamos as palavras, e visto o Sr. de Monte-Cristo e Sr. Zaccone serem o mesmo homem...disse o abade, com um acento italiano.

- Absolutamente o mesmo.

- Falemos do Sr. Zaccone.

- Pois sim.

- Conhece-o?

- Perfeitamente.

- Quem é?

- O filho de um rico armador de Malta.

- Sim, bem sei, é o que se diz. Mas, como o senhor compreende, a Polícia não se pode contentar com um diz-se...

- No entanto - prosseguiu o abade, com um sorriso afabilíssimo -, quando esse diz-se é a verdade, todas as pesoas devem se contentar com ele e é necessário que a Polícia proceda como todos.

- Mas o senhor tem a certeza do que diz?

- Como? Se tenho a certeza?!

- Note, senhor, que não duvido de forma alguma da sua boa-fé. Limito-me a perguntar: tem a certeza?

- Ouça, eu conheci o Sr. Zaccone pai.

- Ah, ah!

- Sim, e em criança brinquei várias vezes com o filho nos seus estaleiros navais.

- No entanto, esse título de conde...

- Como sabe, compra-se.

- Na Itália?

- Em qualquer parte.

- Mas as suas riquezas, que são imensas, ao que também se diz...

- Oh, quanto a isso, “imensas", é a palavra adequada! - respondeu o abade.

- Quanto calcula que possui, o senhor que o conhece?

- Oh, tem bem cento e cinquenta a duzentas mil libras de rendimento!

- Sim, é razoável - admitiu o visitante. - Mas fala-se de três ou quatro milhões!

- Duzentas mil libras de rendimento, senhor, dão precisamente quatro milhões de capital.

- Mas fala-se de três ou quatro milhões de rendimento!

- Oh, isso não é crível!

- E o senhor conhece a sua ilha de Monte-Cristo?

- Certamente. Qualquer homem que tenha vindo de Palermo, de Nápoles ou de Roma para França, por mar, a conhece, pois passou por ela e viu-a ao passar.

- Trata-se de um lugar encantador, ao que se afirma...

- É um rochedo.

- Porque terá o conde comprado um rochedo?

- Justamente para ser conde. Na Itália, para se ser conde ainda é necessário possuir um condado.

- Decerto ouviu falar das aventuras de juventude do Sr. Zaccone.

- Do pai?

- Não, do filho.

- Aí é que começam as minhas incertezas, porque em dada altura perdi o meu jovem companheiro de vista.

-- Ele entrou na guerra?

- Creio que serviu.

- Em que arma?

- Na Marinha.

- Vejamos, o senhor não é o seu confessor?

- Não, senhor. Creio que é luterano.

- Como, luterano?!

- Digo que creio; não afirmo. De resto, julgava a liberdade de cultos estabelecida na França.

- Sem dúvida. Por isso, não é das suas crenças que nos ocupamos neste momento, mas sim dos seus atos. Em nome do Sr. Prefeito da Polícia, convido-o a dizer o que saiba.

- Passa por homem muito caritativo. O nosso Santo Padre, o Papa fê-lo cavaleiro de Cristo, honra que quase só concede aos príncipes, pelos serviços eminentes que prestou aos cristãos do Oriente. Além disso, possui cinco ou seis grã-cruzes, concedidas por serviços prestados tanto aos príncipes como aos Estados.

- Usa-as?

- Não, mas orgulha-se de as possuir. Diz que aprecia mais as recompensas concedidas aos benfeitores da humanidade do que as atribuídas aos destruidores dos homens.

- É então um quacre, esse homem?

- Exato, é um quacre, mas sem o grande chapéu e o fato castanho, evidentemente.

- Tem amigos?

- Tem. São seus amigos todos aqueles que o conhecem.

- Mas, enfim, também deve ter inimigos.

- Só um.

- Como se chama?

- Lorde Wilmore.

- Onde se encontra?

- Neste momento, em Paris.

- E poderá dar-me informações?

- Preciosas. Esteve na Öndia ao mesmo tempo que Zaccone.

- Sabe onde mora?

- Algures na Chaussée-d'Antin, mas ignoro a rua e o número.

- O senhor tem más relações com esse inglês?

- Estimo Zaccone e ele detesta-o. Não nos damos bem por isso.

- Sr. Abade, acha que o conde de Monte-Cristo esteve alguma vez na França antes da viagem que acaba de fazer a Paris?

- Quanto a isso posso responder-lhe concretamente. Não, senhor, nunca esteve, pois dirigiu-se a mim, há seis meses, para obter as informações que desejava. Pela minha parte, como ignorava quando eu próprio regressaria a Paris,

recomendei-lhe o Sr. Cavalcanti.

- Andrea?

- Não. Bartolomeo, o pai.

- Muito bem, senhor. Não tenho mais nada a perguntar-lhe, exceto uma coisa, e peço-lhe, em nome da honra, da humanidade e da religião, que me responda francamente.

- Diga, senhor.

- Sabe com que fim o Sr. Conde de Monte-Cristo comprou uma casa em Auteuil?

- Sei, porque ele me disse.

- Com que fim, senhor?

- Com o de instalar um hospital psiquiátrico no gênero do fundado pelo barão de Pisani, em Palermo. Conhece esse hospital?

- De nome, senhor.

- É uma instituição magnífica.

E dito isto, o abade cumprimentou o desconhecido como um homem que desejasse dar a entender que se não importaria de voltar ao trabalho interrompido.

O visitante, quer porque tivesse compreendido o desejo do abade, quer porque não tivesse mais perguntas a fazer, levantou-se por seu turno. O abade acompanhou-o até à porta.

- O senhor dá muitas esmolas - disse o visitante --, mas embora se diga que é rico, atrevo-me a oferecer-lhe qualquer coisa para os seus pobres. Importa-se de aceitar a minha oferenda?

- Obrigado, senhor, mas há apenas uma coisa de que sou cioso no mundo: é que o bem que faça provenha de mim.

- No entanto...

- É uma resolução inabalável. Mas procure, senhor, e encontrará. Infelizmente! No caminho de cada homem rico cruzam-se muitas misérias.

O abade cumprimentou mais uma vez e abriu a porta. O desconhecido cumprimentou por seu turno e saiu. A carruagem levou-o direito a casa do Sr. de Villefort.

Uma hora mais tarde a carruagem tornou a sair e desta vez dirigiu-se para a Rua Fontaine-Saint-Georges. Parou no nº 5. Era ali que morava Lorde Wilmore.

O desconhecido escrevera a Lorde Wilmore pedindo-lhe que o recebesse e este marcara o encontro para as dez horas. Por isso, como o enviado do Sr. Prefeito da Polícia chegou às dez horas menos dez minutos, foi-lhe respondido que Lorde Wilmore, que era a exatidão e a pontualidade em pessoa ainda não chegara, mas que chegaria sem dúvida ao bater as dez.

O visitante esperou na sala, a qual não tinha nada de notável e era como todas as salas das casas alugadas mobiladas.

Uma chaminé com dois vasos de Sevres modernos, um relógio de sala com um Amor retesando o seu arco, um espelho bipartido, de cada lado do espelho uma gravura, representando uma Homero conduzido pelo seu guia, a outra, Belisário pedindo esmola, paredes forradas de papel cinzento de vários tons e um sofá de tecido vermelho estampado a preto, tal era a sala de Lorde Wilmore.

Iluminavam-na globos de vidro fosco, que espalhavam apenas uma luz fraca, a qual parecia preparada propositadamente para os olhos cansados do

enviado do Sr. Prefeito da Polícia. Ao cabo de dez minutos de espera, o relógio de sala deu as dez horas, e à quinta pancada a porta abriu-se e Lorde Wilmore apareceu.

Lorde Wilmore era um homem mais alto do que baixo, de suíças ralas e ruivas, tez branca e cabelo louro-grisalho. Vestia com toda a excentricidade inglesa, isto é, envergava casaca azul com botões dourados e gola alta pespontada, como se usava em 1811, colete de casimira branca e calças de nanquim três
polegadas mais curtas do que deviam, mas que presilhas do mesmo tecido passadas por baixo dos pés impediam de lhe subir aos joelhos.

As suas primeiras palavras quando entrou foram:

- Como sabe, senhor, não falo francês.

- Sei, pelo menos, que não gosta de falar na nossa língua - respondeu o enviado do Sr. Prefeito da Polícia.

- Mas o senhor pode falar nela - perguntou Lorde Wilmore -, pois se a não falo, compreendo-a.

- E eu - replicou o visitante, mudando de idioma - falo o inglês com facilidade suficiente para sustentar uma conversa nessa língua. Não se incomode, pois, senhor.

- Hao! - exclamou Lorde Wilmore, com a intonação exclusiva dos mais puros naturais da Grã-Bretanha.

O enviado do prefeito da Polícia entregou a Lorde Wilmore a sua carta de apresentação. Este leu-a com uma fleuma muito anglicana e quando terminou a leitura disse, em inglês:

- Compreendo. Compreendo perfeitamente.

Começaram então as perguntas.

Foram pouco mais ou menos as mesmas que tinham sido dirigidas ao abade Busoni. Mas como Lorde Wilmore, na sua qualidade de inimigo do conde de Monte-Cristo, não punha nas suas respostas a mesma reserva que o abade, estas foram muito mais extensas. Contou a juventude de Monte-Cristo, que, segundo
ele, entrara aos dez anos ao serviço de um desses pequenos soberanos da índia que guerreiam os Ingleses. Fora lá que ele, Wilmore, o encontrara pela primeira vez e tinham combatido um contra o outro. Nessa guerra, Zaccone fora feito prisioneiro e enviado para Inglaterra num pontão, mas fugira a nado. Tinham começado então as suas viagens, os seus duelos e as suas paixões. Por essa altura, a Grécia revoltara-se e ele
servira nas fileiras dos Gregos. Enquanto estava ao seu serviço, descobrira uma mina de prata nas montanhas da Tessália, mas não revelara a ninguém tal descoberta. Depois de Navarino e da consolidação do governo grego, pediu ao rei Otão um alvará para explorar a mina, o qual lhe foi concedido. Dai a sua imensa fortuna, que, segundo Lorde Wilmore, podia ascender a um ou dois milhões de rendimento, fortuna que no entanto poderia exaurir-se de súbito, se a mina se esgotasse.

- Mas não sabe porque veio a França? - perguntou o visitante.

- Quer especular nos caminhos-de-ferro - respondeu Lorde Wilmore. - Além disso, como é um hábil químico e um físico não menos distinto, descobriu um novo

telégrafo cuja aplicação ambiciona.

- Quanto gasta pouco mais ou menos por ano? - perguntou o enviado do Sr. Prefeito da Polícia.

- Oh, quinhentos ou seiscentos mil francos, no máximo! - respondeu Lorde Wilmore. - É um sovina.

Era evidente que o rancor é que fazia falar o inglês, o qual, não sabendo o que censurar ao conde, lhe censurava a avareza.

- Sabe alguma coisa a respeito da sua casa de Auteuil?

- Claro que sei.

- Nesse caso, que sabe?

- Quer saber com que fim a comprou?

- Quero.

- Bom, o conde é um especulador que certamente acabará por se arruinar com experiências e utopias. Pretende que existe em Auteuil, nas imediações da casa que acaba de comprar, uma corrente de água mineral capaz de rivalizar com as águas de Bagneres, de Luchon e de Cauterets. Quer transformar a sua aquisição num bad-haus, como dizem os Alemães. Revolveu duas ou três vezes o jardim à procura do famoso curso de água, e como o não conseguiu descobrir, vai ver que dentro de pouco tempo desata a comprar as casas que rodeiam a dele. Ora, como lhe desejo, espero que graças ao seu caminho-de-ferro, ao seu telégrafo elétrico ou à sua exploração de banhos acabe por se arruinar. Então, estarei aqui para desfrutar a sua ruína, que não pode deixar de acontecer mais dia menos dia.

- Mas porque lhe quer assim tão mal? - perguntou o visitante.

- Odeio-o - respondeu Lorde Wilmore - porque numa das suas passagens por Inglaterra seduziu a mulher de um dos meus amigos.

- Mas se o odeia, porque não procura vingar-se dele?

- Já me bati três vezes com o conde - respondeu o inglês. - A primeira vez, à pistola, a segunda, à espada, e a terceira, ao montante.

- E qual foi o resultado desses duelos?

- Da primeira vez, partiu-me um braço; da segunda vez, traspassou-me um pulmão, e da terceira, fez-me este ferimento.

O inglês baixou o colarinho da camisa, que lhe subia até às orelhas, e mostrou-lhe uma cicatriz cuja vermelhidão indicava ser pouco antiga.

- De forma que o odeio muito - repetiu o inglês - e que desejo, evidentemente, que morra apenas às minhas mãos.

- Mas assim o senhor não leva jeito de vir a matá-lo, parece-me - observou o enviado da Prefeitura.

- Hao! - exclamou o inglês. - Vou todos os dias à carreira de tiro e de dois em dois dias Grisier vem a minha casa.

Era o que queria saber o visitante, ou antes, era tudo o que parecia saber o inglês. O agente levantou-se portanto e, depois de cumprimentar Lorde Wilmore, que lhe correspondeu com a rigidez e a cortesia inglesas, retirou-se.

Pela sua parte, Lorde Wilmore, depois de ouvir fechar a porta da rua, entrou no seu quarto, onde num ápice perdeu os seus cabelos louros, as suas suíças ruivas, o seu falso maxilar e a sua cicatriz, para readquirir os cabelos pretos, a tez mate e os dentes de pérolas do conde de Monte-Cristo.

Verdade seja que, pelo seu lado, foi o Sr. de Villefort e não o enviado do Sr. Prefeito da Polícia que entrou em casa do mesmo Sr. de Villefort. O procurador régio ficara um pouco tranquilizado depois das
duas visitas, que aliás lhe não tinham revelado nada de tranquilizador, mas que também lhe não haviam dado motivos de inquietação. Daí que, pela primeira vez desde o jantar de Auteuil, dormisse naquela noite um bocadinho mais tranquilo.

Capítulo LXX

O baile

Tinham chegado os mais quentes dias de Julho quando se apresentou por seu turno, na ordem do tempo, o sábado em que se devia realizar o baile do Sr. de Morcerf. Eram dez horas da noite. As grandes árvores do jardim do palácio do conde destacavam-se pelo seu porte num céu onde deslizavam, descobrindo um tapete azul recamado de estrelas douradas, os últimos vapores de uma tempestade que trovejara
ameaçadora durante todo o dia.

Nas salas do térreo ouvia-se ressoar a música e rodopiar a valsa e o galope, enquanto faixas deslumbrantes de luz passavam delgadas através dos intervalos das persianas. O jardim estava entregue naquele momento a uma dezena de criados, a quem a dona da casa, tranquilizada por o tempo. Acalmar de momento a momento, acabava de ordenar que servissem a ceia.

Até ali hesitara-se se se cearia na sala de jantar ou debaixo de uma comprida tenda de lona erguida no relvado. Mas aquele belo céu azul, todo recamado de estrelas, acabava de decidir o processo a favor da tenda e do relvado.

Iluminavam-se as alamedas do jardim com lanternas de cor, como é hábito na Itália, e cobria-se de velas e de flores a mesa da ceia, como é uso em todos os países onde se compreende um pouco o luxo da mesa, o mais raro de todos os luxos, quando se pretende torná-lo completo.

No momento em que a condessa de Morcerf entrava nos seus salões, depois de dar as suas últimas ordens, os salões começavam a encher-se de convidados, atraídos muito mais pela encantadora hospitalidade da condessa do que pela posição de relevo do conde. Porque se podia ter antecipadamente a certeza de que a festa proporcionaria, graças ao bom gosto de Mercedes, alguns pormenores dignos de ser contados ou copiados, se necessário.

A Sra Danglars, a quem os acontecimentos que narramos tinham inspirado profunda inquietação, hesitava em ir a casa da Sra de Morcerf quando de manhã a sua carruagem se cruzara com a de Villefort. Este fizera-lhe um sinal, as duas viaturas tinham-se aproximado e o procurador régio perguntara através
das portinholas:

- Vai a casa da Sra de Morcerf, não vai?

- Faz mal - observou Villefort, com um olhar significativo. - Seria importante que a vissem lá.

- Acha? - perguntou a baronesa.

- Acho.

- Nesse caso, irei.

E as duas viaturas tinham retomado a sua direção oposta. A Sra Danglars viera portanto, não só bela pela sua própria beleza, mas também deslumbrante de luxo. Entrava por uma porta no preciso instante em que Mercedes entrava pela outra.

A condessa mandou Albert ao encontro da Sra Danglars. Albert obedeceu, apresentou à baronesa, a propósito da sua toilette, os devidos cumprimentos e ofereceu-lhe o braço para a conduzir ao lugar que lhe aprouvesse escolher, Albert olhou à sua volta.

- Procura a minha filha? - inquiriu, sorrindo, a baronesa.

- Confesso que sim - respondeu Albert. - Seria capaz de cometer a crueldade de não a trazer ?

- Tranquilize-se, encontrou Mademoiselle de Villefort e deu-lhe o braço. Olhe, ai vêm atrás de nós, ambas de vestido branco, uma com um ramo de camélias e a outra com um ramo de miosótis. Mas diga-me uma coisa...

- Que procura a senhora por sua vez? - perguntou Albert, sorrindo.

- Não terão esta noite o conde de Monte-Cristo?

- Dezessete! - respondeu Albert.

- Que quer dizer?

- Quero dizer que as coisas vão bem - esclareceu o visconde, rindo - e que a senhora é a décima sétima pessoa que faz a mesma pergunta. Não há dúvida, o conde está bem lançado!...Tenho de felicitá-lo...

- O senhor responde a toda a gente como a mim?

- Ah, é verdade, não lhe respondi! Sossegue, minha senhora, teremos o homem da moda, pertencemos ao número dos privilegiados.

- Foi ontem à Ópera?

- Não.

- Ele estava lá.

- Deveras? E o excentric man teve alguma nova originalidade?

- Pode porventura exibir-se sem isso? Eissler dançava O Diabo Coxo; a princesa grega estava enleada. Depois da cachucha, ele meteu um anel magnífico no pé de um ramo de flores e atirou-o à encantadora bailarina, que no terceiro ato reapareceu em cena, para o distinguir, com o anel no dedo. E a sua princesa grega, também virá?

- Não, tem de ter paciência e privar-se dela, mas a sua situação em, casa do conde não está bem definida.

- Olhe, deixe-me aqui e vá cumprimentar a Sra de Villefort - disse a baronesa. - Adivinho que está ansiosa por lhe falar.

Albert cumprimentou a Sra Danglars e foi ao encontro da Sra de Villefort, que abria a boca à medida que ele se aproximava.

- Aposto - disse Albert, interrompendo-a - que sei o que me vai perguntar...

- Essa agora! - exclamou a Sra de Villefort.

- Se acertar, confessa-o?

- Confesso.

- Palavra de honra?

- Palavra de honra!

- Ia perguntar-me se o conde de Monte-Cristo já veio ou ainda vem...

- De modo nenhum. Não me ocupo dele neste momento. Ia perguntar-lhe se recebeu notícias do Sr. Franz.

- Recebi, ontem.

- Que lhe dizia?

- Que partia ao mesmo tempo que a sua carta.

- Muito bem. E agora, que me diz do conde?

- O conde virá, fique tranquila.

- Sabe que tem outro nome além do de Monte-Cristo?

- Não, não sabia.

- Monte-Cristo é o nome de uma ilha e ele tem um nome de família.

- Nunca lho ouvi pronunciar.

- Então estou mais adiantada do que o senhor. Ele chama-se Zaccone.

- É possível.

- E é maltês.

- Também é possível.

- Filho de um armador.

- Oh, mas na verdade a senhora devia contar essas coisas ali, em voz alta! Teria o maior êxito.

- Serviu na índia, explora uma mina de prata na Tessália e veio a Paris para montar um estabelecimento de águas minerais em Auteuil.

- Que grandes notícias! - exclamou Morcerf. - Permite-me que as repita? - Pois sim, mas pouco a pouco, uma a uma, sem dizer que provêm de mim.

- Porquê?

- Porque é quase um segredo roubado.

- A quem?

- À Polícia.

- Então essas notícias espalhavam-se...

- Ontem à noite, em casa do prefeito. Paris impressionou-se, como sabe, perante aquele luxo inusitado e a Polícia tirou informações.

- Muito bem. Só faltava prender o conde como vagabundo a pretexto de ser demasiado rico.

- Era o que poderia muito bem acontecer-lhe se as informações não fossem tão favoráveis.

- Pobre conde! Desconfia do perigo que correu?

- Não creio.

- Então será uma obra de caridade avisá-lo. Não deixarei de o fazer quando ele chegar.

Neste momento um bonito rapaz de olhos vivos, cabelo preto e bigode brilhante veio cumprimentar respeitosamente a Sra de Villefort. Albert estendeu lhe a mão.

- Minha senhora - disse Albert --, tenho a honra de lhe apresentar o Sr. Maximilien Morrel, capitão de sipaios, um dos nossos bons e sobretudo dos nossos bravos oficiais.

- Já tive o prazer de encontrar este senhor em Auteuil, em casa do Sr. Conde de Monte-Cristo - respondeu a Sra de Villefort, virando-se com acentuada

frieza.

Esta resposta, e sobretudo o tom em que foi dada, apertou o coração do pobre Morrel. Mas estava-lhe reservada uma compensação: ao voltar-se, descobriu à porta uma bela figura branca cujos olhos azuis, dilatados e sem expressão aparente, se cravavam nele, enquanto o ramo de miosótis lhe subia lentamente aos lábios.

Este cumprimento foi tão bem compreendido que Morrel, com a mesma expressão no olhar, aproximou por sua vez o lenço da boca. E as duas estátuas vivas, cujo coração pulsava rapidamente sob o mármore aparente do rosto, separadas uma da outra por toda a largura da sala, esqueceram-se por um instante, ou antes, por um instante esqueceram toda a gente naquela muda contemplação. E poderiam ter ficado muito mais tempo assim absortas uma na outra, sem que ninguém notasse o seu alheamento de tudo e de todos, se o conde de Monte-Cristo não acabasse de entrar.

O conde, quer por prestigio fitício, quer por prestigio natural, atraia a atenção em toda a parte onde se
apresentava. Não era a sua casaca preta, de corte impecável, é certo, mas simples e sem condecorações; não era o seu colete branco sem qualquer bordadura; não eram as suas calças, que se ajustavam a um pé da forma mais delicada, que atraiam a atenção: eram a sua tez mate, o seu cabelo preto, ondulado, era o seu rosto calmo e puro, era o seu olhar profundo e melancólico, era finalmente a sua boca desenhada com uma
delicadeza maravilhosa, e que adquiria facilmente a expressão de um alto desdém, que levavam todos os olhos a fixarem-se nele.

Poderia haver homens mais belos, mas não os havia, sem dúvida, mais significativos, passe a expressão. Tudo no conde queria dizer qualquer coisa e tinha o seu valor; porque o hábito do pensamento útil dera às suas feições, à expressão do seu rosto e ao mais insignificante dos seus gestos uma flexibilidade e
uma firmeza incomparáveis.

No entanto, a nossa sociedade parisiense é tão estranha que ele talvez não tivesse despertado a atenção por tudo isso se debaixo de tudo isso não houvesse uma história misteriosa dourada por uma imensa fortuna.

Como quer que fosse, adiantou-se sob o peso dos olhares e, trocando pelo caminho breves cumprimentos, até à Sra de Morcerf, que de pé diante da chaminé guarnecida de flores o vira aparecer num espelho colocado defronte da porta e se preparava para o receber. Virou-se portanto para ele com um sorriso grave precisamente no momento em que Monte-Cristo se inclinava diante dela.

A condessa supôs, sem dúvida, que o conde lhe dirigiria a palavra, e pela sua parte ele também imaginou, sem dúvida, que ela lhe falaria; mas ambos ficaram mudos, de tal forma uma banalidade lhes pareceu, decerto, indigna deles. E após uma troca de cumprimentos, Monte-Cristo dirigiu-se para Albert,
que vinha ao seu encontro de mão aberta.

- Viu a minha mãe? - perguntou Albert.

- Acabo de ter a honra de a cumprimentar - respondeu conde -, mas ainda não vi o seu pai.

- Olhe, conversa de política ali, naquele grupinho de grandes celebridades.

- Na verdade aqueles cavalheiros são celebridades? - admirou-se Monte-Cristo. - Nunca o suporia! E de que gênero? Há celebridades de toda a espécie, como sabe.

- Em primeiro lugar, um sábio, aquele cavalheiro alto e magro: descobriu na campina de Roma uma espécie de lagarto que tem mais uma vértebra do que os outros e essa descoberta valeu-lhe fazer parte do Instituto. A coisa foi durante muito tempo contestada, mas enfim o cavalheiro alto e magro levou a melhor. A vértebra causara grande alvoroço no mundo científico. O cavalheiro alto e magro, que era apenas cavaleiro da Legião de Honra, foi nomeado oficial.

- Até que enfim! - exclamou Monte-Cristo. - Aí está uma condecoração que me parece sensatamente dada. Então, se encontrar segunda vértebra, o farão comendador?

- É provável - respondeu Morcerf.

- E aquele que teve a singular idéia de vestir uma casaca azul bordada de verde quem é?

- Não foi ele que teve a idéia de se meter naquela casaca, foi a República, a qual, como sabe, era um tanto artista. Por isso, desejando dar um uniforme aos academicos, pediu a David que lhe desenhasse uma casaca.

- Tem razão - concordou Monte-Cristo. - Portanto aquele senhor é um academico?

- Há oito dias que faz parte da douta assembléia.

- E qual é o seu mérito, a sua especialidade?

- A sua especialidade? Parece-me que espeta alfinetes na cabeça de coelhos, que obriga as galinhas a comer garança e que extrai com barbas de baleia a espinal-medula aos cães.

- E é da Academia das Ciências por isso?

- Não, da Academia Francesa.

- Mas que tem a Academia Francesa a ver com essas coisas?

- Vou dizer-lhe. Parece...

- Que as suas experiências fizeram, decerto, a ciência dar um grande passo?

- Não, mas que escreve num excelente estilo.

- O que deve lisonjear enormemente o amor-próprio dos coelhos em que espeta alfinetes na cabeça, as galinhas cujos ossos tinge de vermelho e os cães a que extrai a espinal-medula - comentou Monte-Cristo.

Albert desatou a rir.

- E aquele? - perguntou o conde.

- Qual?

- O terceiro.

- Ah! O de casaca azul-clara?

- Sim.

- É um colega do conde que acaba de se opor energicamente a que a Câmara dos Pares tenha um uniforme. Por causa disso obteve um grande êxito na tribuna. Andava de candeias às avessas com as gazetas liberais, mas a sua nobre oposição aos desejos da corte acaba de o reconciliar com elas. Fala-se em nomeá-lo embaixador.

- E quais são os seus títulos para o pariato?

- Escreveu duas ou três operas cômicas, intentou quatro ou cinco ações contra o Siecle e votou cinco ou seis anos pelo ministério.

- Bravo, visconde! - exclamou Monte-Cristo, rindo. - O senhor é um cicerone notável. Agora, importa-se de me fazer um favor?

- Qual?

- Não me apresente a esses cavalheiros e se eles pedirem para me serem apresentados, previna-me.

Neste momento o conde sentiu que lhe pousavam uma mão no braço. Virou-se. Era Danglars.

- Ah! E o senhor, barão?

- Porque me chama barão? - perguntou Danglars. - Bem sabe que não ligo importância ao meu título. Não sou como o senhor, visconde; o senhor liga mesmo importância ao seu, não é verdade?

- Certamente - respondeu Albert --, pois se não fosse visconde não seria mais nada, ao passo que o senhor pode sacrificar o seu título de barão porque ainda lhe fica o de milionário.

- O que me parece o mais belo título que se possa desejar na monarquia de Julho - salientou Danglars.

- Infelizmente - atalhou Monte-Cristo --, não se é milionário vitalício como se é barão, par de França ou acadêmico; assim o provam os milionários Franck & Poulmann, de Frankfurt, que acabam de abrir falência.

- Sim? - murmurou Danglars, empalidecendo.

- Palavra. Recebi a notícia esta tarde, por um correio. Tinha qualquer coisa como um milhão na casa deles, mas, avisado a tempo, exigi o seu reembolso há coisa de um mês, pouco mais ou menos.

- Ah, meu Deus, sacaram sobre mim duzentos mil francos! - exclamou Danglars.

- Então está avisado - a sua assinatura vale cinco por cento.

- Pois sim, mas o seu aviso vem demasiado tarde - perguntou Danglars. - já honrei a assinatura deles.

- Bom, são mais duzentos mil francos que se foram juntar... - começou Monte-Cristo.

- Cale-se! - atalhou Danglars. - Não fale dessas coisas...

Depois, aproximando-se de Monte-Cristo:

- Sobretudo diante do Sr. Cavalcanti filho - acrescentou o banqueiro, que, ao pronunciar estas palavras, se virou sorrindo para o lado do jovem italiano. Morcerf deixara o conde para ir falar à mãe.

Danglars deixou-o para cumprimentar Cavalcanti filho. Monte-Cristo encontrou-se por um instante sozinho. Entretanto, o calor começava a tornar-se excessivo. Os criados circulavam pelos salões com bandejas carregadas de fruta e gelados.

Monte-Cristo enxugou com o lenço o rosto perlado de suor. Mas recuou quando a bandeja passou diante dele e não tirou nada para se refrescar.

A Sra de Morcerf não tirava os olhos de Monte-Cristo. Viu passar a bandeja sem que ele lhe tocasse e notou também a forma como se afastou dela.

- Albert, reparaste numa coisa?

- Qual, minha mãe?

- Que o conde nunca aceitou jantar em casa do Sr. de Morcerf.

- Pois sim, mas aceitou almoçar em minha casa, e foi até por intermédio desse almoço que entrou na sociedade.

- Em sua casa não é em casa do conde - murmurou Mercedes. - Além disso, desde que chegou que o observo.

- E então?

- E então? Ainda não tomou nada.

- O conde é muito sóbrio.

Mercedes sorriu tristemente.

- Aproxime-se dele - pediu, e à primeira bandeja que passar, insiste.

- Porquê, minha mãe?

- Faça-me esse favor, Albert - insistiu Mercedes.

Albert beijou a mão da mãe e foi postar-se junto do conde. Passou outra bandeja, carregada como as precedentes. A condessa viu Albert insistir com o conde, tirar mesmo um gelado e oferecer-lhe, mas ele recusar obstinadamente. Albert voltou para junto da mãe. A condessa estava muito pálida.

- Como viu, recusou.

- É verdade, mas em que é que isso a pode preocupar?

- Como sabes, Albert, as mulheres têm manias singulares. Teria visto com prazer o conde tomar qualquer coisa em minha casa, nem que fosse um bago de romã. Mas talvez não se adapte aos costumes franceses, talvez prefira outras coisas...

- Meu Deus, não! Na Itália vi-o tomar de tudo. Sem dúvida está maldisposto esta noite.

- Acha que tendo residido sempre em climas quentes, será menos sensível ao calor do que as outras pessoas? - perguntou a condessa.

- Não creio, pois queixava-se de que asfixiava e perguntava por que motivo, visto já se terem aberto as janelas, não se abriam também as persianas.

- Com efeito - disse Mercedes --, é um meio de me assegurar se a sua abstinência é alguma atitude preconcebida...

E saiu do salão.

Pouco depois, as persianas abriram-se e todos puderam ver, através dos jasmins e das clematites que guarneciam as janelas, todo o jardim iluminado com lanternas e a ceia servida debaixo da tenda.

Dançarinos e dançarinas, jogadores e conversadores soltaram um grito de alegria. Todos aqueles pulmões ávidos aspiravam com delícia o ar que entrava a jorros.

Ao mesmo tempo, Mercedes reapareceu, mais pálida do que saíra, mas com a serenidade de rosto que era notável nela em determinadas circunstâncias. Foi direita ao grupo de que o marido era o centro e disse-lhe:

- Não retenha estes cavalheiros aqui, Sr. Conde. Se não jogam, decerto preferirão tomar ar no jardim a abafar aqui dentro.

- Mas, minha senhora - interveio um velho general muito galante, que cantara Partamos para a Síria! em 1809 --, não iremos sozinhos para o jardim...

- Seja, estou pronta a dar o exemplo - respondeu Mercedes.

E virando-se para Monte-Cristo:

- Sr. Conde, quer dar-me a honra de me oferecer o seu braço?

O conde quase cambaleou ao ouvir estas simples palavras. Em seguida fitou um momento Mercedes. Esse momento teve a rapidez do relâmpago e no entanto pareceu à condessa ter durado um século, tantos pensamentos pusera Monte-Cristo nesse único olhar.

Ofereceu o braço à condessa. Esta apoiou-se nele ou, para melhor dizer, aflorou-o com a sua mãozinha, e ambos desceram uma das escadas adornadas de rododendros e camélias.

Atrás deles, e pela outra escada, correram para o jardim, soltando ruidosas exclamações de prazer, cerca de vinte convidados.

capítulo LXXI

O pão e o sal

A Sra de Morcerf entrou debaixo da abóbada de folhagem com o companheiro. A abóbada era formada pelas árvores de uma alameda de tílias que conduzia a uma estufa.

- Fazia demasiado calor no salão, não é verdade, Sr. Conde?

- É, sim, minha senhora, e a sua idéia de mandar abrir as portas e as persianas foi uma excelente idéia.

Quando acabou de proferir estas palavras, o conde notou que a mão de Mercedes tremia.

- Mas a senhora, com esse vestido leve e sem mais nada a agasalhar-lhe o pescoço do que essa echarpe de gaze, não irá talvez ter frio? - perguntou.

- Sabe aonde o levo? - inquiriu a condessa, sem responder à pergunta de Monte-Cristo.

- Não, minha senhora - respondeu ele. - Mas, como vê, não oponho resistência.

- À estufa que vê ali, ao fundo desta alameda.

O conde olhou Mercedes como se a quisesse interrogar, mas ela continuou o seu caminho sem nada dizer e pela sua parte Monte-Cristo também se manteve calado.

Chegaram à estufa, cheia de frutos magníficos, que desde o principio de Julho ali amadureciam debaixo de uma temperatura sempre regulada de forma a substituir o calor do sol, tantas vezes ausente entre nós. A condessa largou o braço de Monte-Cristo e foi colher a uma cepa um cacho de uvas moscatéis.

- Tome, Sr. Conde - ofereceu com um sorriso tão triste que se lhe viram as lágrimas surgir à beira dos olhos. - Tome. As nossas uvas da França não são comparáveis, bem sei, às uvas da Sicília e de Chipre, mas o senhor será indulgente com o nosso pobre sol do Norte.

O conde inclinou-se e deu um passo atrás.

- Recusa o que lhe ofereço? - perguntou Mercedes, com voz trêmula.

- Minha senhora - respondeu Monte-Cristo --, peço-lhe muito humildemente que me desculpe, mas nunca como uvas moscatéis.

Mercedes deixou cair o cacho, suspirando. Um pêssego magnifico pendia

de uma espaldeira vizinha, aquecido, como a vide, pelo calor artificial da estufa. Mercedes aproximou-se do fruto aveludado e colheu-o.

- Tome então este pêssego - ofereceu.

Mas o conde fez o mesmo gesto de recusa.

- Oh, também?! - exclamou ela em tom tão magoado que se adivinhava conter um soluço. - Na verdade, estou com pouca sorte.

A esta cena seguiu-se um longo silêncio. O pêssego, como o cacho de uvas, jazia no saibro.

- Sr. Conde - prosseguiu finalmente Mercedes, pousando em Monte-Cristo um olhar suplicante --, há um comovente costume árabe que torna amigos eternos aqueles que partilham o pão e o sal debaixo do mesmo teto...

- Conheço-o, minha senhora - respondeu o conde. - Mas estamos na França e não na Arábia, e na França não existe nem amizade eterna nem partilha do sal e do pão.

- Mas, enfim - disse a condessa, palpitante, sem tirar os olhos de Monte-Cristo, cujo braço apertava convulsivamente com ambas as mãos --, nós somos amigos, não é verdade?

O sangue afluiu ao coração do conde, que se tornou pálido como um morto, e depois subiu-lhe do coração à garganta e invadiu-lhe as faces, e os seus olhos vogaram no nada durante alguns segundos, como os de um homem fascinado.

- Claro que somos amigos, minha senhora - replicou. - Aliás, porque não seriamos?

Este tom estava tão longe do que desejaria a Sra de Morcerf que ela se virou para deixar escapar um suspiro, que mais parecia um gemido.

- Obrigada - disse, e recomeçou a andar.

Deram assim a volta ao jardim sem pronunciarem uma só palavra.

- Senhor - disse de súbito a condessa, depois de dez minutos de passeio silencioso --, é verdade que tem visto muito, viajado muito e sofrido muito?

- Sim, minha senhora, é verdade que tenho sofrido muito - respondeu Monte-Cristo.

- Mas agora é feliz?

- Sem dúvida, pois ninguém me ouve queixar - respondeu o conde.

- E a sua felicidade presente adoça-lhe a alma?

- A minha felicidade presente iguala a minha miséria passada.

- Não casou? - perguntou a condessa.

- Eu, casar? - respondeu Monte-Cristo, estremecendo. - Quem lhe disse isso?

- Ninguém me disse, mas têm-no visto acompanhar várias vezes à Ópera uma jovem muito bonita.

- É uma escrava que comprei em Constantinopla, minha senhora, a filha de um príncipe de quem fiz minha filha e que não tem outra afeição no mundo.

- Portanto vive só?

- Sim, vivo só.

- Não tem irmã... filho... pai?...

- Não tenho ninguém

- Como pode viver assim, sem nada que o prenda à vida?

- A culpa não é minha, senhora. Em Malta amei uma moça e ia casar com

ela quando veio a guerra e me levou para longe dela como um turbilhão. Julgava que me amasse o suficiente para me esperar, para permanecer até fiel à minha sepultura, mas quando regressei estava casada. É a história de todo o homem que passou a idade dos vinte anos. Eu tinha talvez o coração mais fraco do que os outros e por isso sofri mais do que eles sofreriam no meu lugar, foi só isso.

A condessa parou um momento, como se necessitasse desse alto para respirar.

- Sim, e esse amor ficou-lhe no coração... - disse. - Só se ama uma vez... E alguma vez tornou a ver essa mulher?

- Nunca.

- Nunca?

- Nunca mais voltei ao pais onde ela vivia.

- A Malta?

- Sim, a Malta.

- Ela era então de Malta?

- Creio que sim.

- E perdoou-lhe o que ela o fez sofrer?

- A ela, sim.

- Mas só a ela. Continua a odiar aqueles que o separaram dela?

A condessa colocou-se diante de Monte-Cristo. Tinha ainda na mão um bocadinho do cacho de uvas perfumado.

- Tome - pediu.

- Nunca como uvas moscatéis, minha senhora - respondeu Monte-Cristo como se fosse a primeira vez que tocavam em tal assunto.

A condessa atirou o cacho para o maciço mais próximo com um gesto de desespero.

- Inflexível! - murmurou.

Monte-Cristo ficou tão impassível como se a censura lhe não fosse dirigida. Albert apareceu neste momento.

- Oh, minha mãe, que grande desgraça! - exclamou.

- Que foi? Que aconteceu? - perguntou a condessa, endireitando-se, como se depois do sonho acabasse de ser trazida à realidade. - Uma desgraça, você disse? Com efeito, devem aproximar-se desgraças...

- O Sr. de Villefort está aqui .

- E então?

- Vem buscar a mulher e a filha.

- Porquê?

- Porque a Sra Marquesa de Saint-Méran, chegou a Paris com a notícia de que o Sr. de Saint-Méran morreu depois de sair de Marselha, na primeira muda de cavalos. A Sra de Villefort estava tão alegre que não era capaz de compreender nem de acreditar em semelhante desgraça. Mas Mademoiselle Valentine, mal ouviu as primeiras palavras, apesar das precauções que o pai tomou, adivinhou tudo. O golpe fulminou-a como um raio e caiu sem sentidos.

- Que é o Sr. de Saint-Méran a Mademoiselle de Villefort? - perguntou o conde.

- Avô materno. Vinha para apressar o casamento de Franz com a neta.

- Ah, sim?!

- Lá tem o Franz de esperar mais um tempo! Porque não seria o Sr. de Saint-Méran também avô de Mademoiselle Danglars?...

- Albert! Albert! - interveio a Sra de Morcerf em tom de meiga censura. - Que está para dizer? Olhe, Sr. Conde, diga-lhe o senhor, por quem ele tem tão grande consideração, que não deve falar assim.

A condessa deu alguns passos em frente. Monte-Cristo olhou-a tão estranhamente e com uma expressão ao mesmo tempo tão pensativa e tão cheia de afetuosa admiração que ela voltou atrás. Então, pegou-lhe na mão, ao mesmo tempo que apertava a do filho e juntava ambas, e perguntou:

- Somos amigos, não somos?

- Ser seu amigo, minha senhora, é pretensão que não tenho; mas de qualquer forma sou um seu respeitoso servidor.

A condessa retirou-se com inexprimível aperto no coração, e antes de dar dez passos o conde viu-a levar o lenço aos olhos.

- Acaso não estão de acordo, minha mãe e o senhor? - perguntou Albert, surpreendido.

- Pelo contrário - respondeu o conde. - Acaba de me dizer diante do senhor que somos amigos.

Regressaram, ao salão que acabavam de deixar Valentine e o Sr. e a Sra de Villefort.

Capítulo LXXII

A Sra de Saint-Méran

Uma cena lúgubre acabava, com efeito, de se passar em casa do Sr. de Villefort. Depois da saída das duas senhoras para o baile, aonde todas as instancias da Sra de Villefort não tinham conseguido resolver o marido a acompanhá-las, o procurador régio metera-se, como era seu hábito, no seu gabinete com uma pilha de processos que assustaria qualquer outro, mas que nos seus bons tempos mal chegaria para satisfazer o seu insaciável apetite de trabalhador.

Desta vez, porém, os processos não passavam de mero pró-forma. Villefort não se isolava para trabalhar, mas sim para pensar. Uma vez dada ordem para só o incomodarem em caso de importância e fechada a porta, sentou-se na sua poltrona e pôs-se a rever mentalmente mais uma vez o que havia sete a
oito dias fazia transbordar a taça dos seus desgostos e das suas amargas recordações.

Então, em vez de “atacar" os processos empilhados diante de si, abriu uma gaveta da mesa, fez funcionar um mecanismo secreto e tirou o maço dos seus apontamentos pessoais, manuscritos preciosos, em que classificara e etiquetara. por meio de código só dele conhecido os nomes de todos aqueles que
na sua carreira política, nos seus negócios de dinheiro, na sua ação judicial ou nos seus amores misteriosos se tinham tornado seus inimigos.

Atualmente o número destes era tão formidável que começara a tremer. E no entanto todos esses nomes, por mais poderosos que fossem, tinham-no feito muitas vezes sorrir, como sorri o viajante que do ponto mais alto da montanha olha a seus pés os picos agudos, os caminhos impraticáveis e os bordos dos precipícios junto dos quais teve, para chegar, de rastejar durante tanto tempo e tão penosamente.

Depois de repassar todos esses nomes na memória, de os reler, de os estudar e de os confrontar com as suas listas, abanou a cabeça.

- Não - murmurou --, nenhum destes inimigos esperaria paciente e laboriosamente até hoje para me vir esmagar agora com aquele segredo. às vezes, como diz Hamlet, a voz das coisas mais profundamente enterradas sai da terra e, como as chamas do fôsforo, corre loucamente pelo ar. Trata-se porem de chamas
que brilham um momento para enganar. A história terá sido contada pelo corso a algum padre, que por sua vez a terá recontado, o Sr. de Monte-Cristo soube-a, e para se esclarecer...

"Mas esclarecer-se com que fim? - prosseguia Villefort passado um instante de reflexão. - Que interesse teria o Sr. de Monte-Cristo ou o Sr. Zaccone, filho de um armador de Malta, explorador de uma mina de prata na Tessália, vindo pela primeira vez a França, em esclarecer um caso sombrio, misterioso e inútil como aquele? No meio das informações incoerentes que me foram dadas pelo abade Busoni e por Lorde
Wilmore, por um amigo e por um inimigo, apenas uma coisa é clara, precisa e patente a meus olhos: em tempo algum, em qualquer caso, em nenhuma circunstância pode ter havido o mais pequeno contato entre mim e ele.

Mas Villefort dizia a si próprio estas palavras sem ele mesmo acreditar no que dizia. Para si, o mais terrível não era ainda a revelação, porque podia negar ou até desmentir. Pouco se incomodava com o "mane, thecel, phares" que aparecia de súbito na parede, em letras de sangue. O que lhe interessava era saber a que corpo pertencia a mão que as traçara.

No momento em que procurava tranquilizar a si mesmo e, em vez do futuro político que nos seus sonhos ambiciosos entrevira algumas vezes, se preparava para aceitar, no receio de acordar aquele inimigo adormecido havia tanto tempo, um futuro confinado às alegrias do lar, ouviu-se no pátio o ruído de uma carruagem. Em seguida soaram na escada os passos de uma pessoa idosa, acompanhados de soluços e ais, como costumam fazer os criados quando querem mostrar que participam na dor dos amos.

Apressou-se a correr o ferrolho do seu gabinete e pouco depois, sem ser anunciada, entrou uma senhora de idade, de xaile no braço e chapéu na mão. Os cabelos brancos coroavam uma testa mate como o marfim amarelecido e os seus olhos, nos cantos dos quais a idade cavara rugas profundas, quase desapareciam sob o inchaço das lágrimas.

- Oh, senhor! Oh, senhor, que desgraça! Também vou morrer! Oh, sim, tenho a certeza, também vou morrer! - exclamava.

E caindo na poltrona mais perto da porta, rompeu em soluços. Os criados, de pé no limiar e sem se atreverem a ir mais longe, olhavam o velho servidor de Noirtier, que, tendo ouvido aquele barulho no quarto do amo, acorrera também e

se conservava atrás dos outros. Villefort levantou-se e correu para a sogra, pois era ela.

- Meu Deus, senhora, que aconteceu? Que a perturba assim? E o Sr. de Saint-Méran não a acompanha? - perguntou.

- O Sr. de Saint-Méran morreu - respondeu a velha marquesa, sem preâmbulo, sem expressão e com uma espécie de espanto. Villefort recuou um passo e bateu com as mãos uma na outra.

- Morto!... - balbuciou. - Morto, assim.. subitamente?

- Há oito dias - continuou a Sra de Saint-Méran -, metemo-nos na carruagem depois do jantar. O Sr. de
Saint-Méran havia uns dias que não se sentia bem; no entanto, a idéia de tornar a ver a nossa querida Valentine encorajava-o e, apesar dos seus sofrimentos, insistira em partir. Aconteceu porém que a seis léguas de Marselha foi dominado, depois de tomar as suas pastilhas habituais por um sono tão profundo que
não me pareceu natural. Mesmo assim, hesitava em acordá-lo quando tive a impressão de que o rosto se
purpureava e as veias das têmporas lhe latejavam mais violentamente do que de costume. No entanto, como anoitecera e não notei mais nada, deixei-o dormir. De repente, soltou um grito abafado e dilacerante como o de um homem que sofre a sonhar, e, num movimento brusco, inclinou a cabeça para trás. Chamei o criado de quarto, mandei parar o postilhão e chamei o Sr. de Saint-Méran, a quem dei a respirar o meu frasco de sais, mas tudo acabara: estava morto e foi ao lado de um cadáver que cheguei a Aix.

Villefort permanecia estupefato, de boca aberta.

- Claro que chamou o médico?...

- Imediatamente. Mas, como já lhe disse, era demasiado tarde.

- Sem dúvida. Mas conseguiu ao menos descobrir de que doença morrera o pobre marquês?

- Meu Deus, senhor, claro que conseguiu! Ele disse-mo: parece que foi uma apoplexia fulminante.

- E que fez então a senhora?

- O Sr. de Saint-Méran sempre dissera que se morresse longe de Paris queria que o seu corpo fosse sepultado no jazigo de família. Mandei-o meter num caixão de chumbo e precedo-o de alguns dias.

- Oh, meu Deus, pobre mãe! - exclamou Villefort. - Tantas canseiras depois de semelhante golpe e na sua idade!

- Deus deu-me forças até ao fim. De resto, o querido marquês teria com certeza feito por mim o que fiz por ele. É certo que desde que me separei dele parece-me que enlouqueci. Não consigo chorar. Verdade seja que se diz que na minha idade já não há lágrimas; no entanto, parece-me que quando se sofre tanto se deveria poder chorar. Onde está Valentine, senhor? Foi por ela que viemos; quero ver Valentine.

Villefort pensou que seria horrível responder que Valentine estava num baile. Por isso, limitou-se a dizer à marquesa que a neta saíra com a madrasta, mas que ia mandar preveni-la.

- Imediatamente, senhor; imediatamente, suplico-lhe - pediu a velha senhora.

Villefort tomou o braço da Sra de Saint-Méran e acompanhou-a ao seu quarto.

- Descanse, minha mãe - recomendou.

Ao ouvir esta última palavra, a marquesa levantou a cabeça, e ao ver aquele homem, que lhe recordava a filha tão chorada, mas que ressuscitava para ela em Valentine, sentiu-se comovida. Aquele nome de mãe fê-la romper em lágrimas e cair de joelhos junto de uma poltrona, onde escondeu a cabeça venerável.

Villefort recomendou-a aos cuidados das mulheres, enquanto o velho Barrois subia muito transtornado ao quarto do amo. Porque nada aterroriza tanto os velhos do que quando a morte se afasta por instantes do seu lado para ir atingir outro velho. Depois, enquanto a Sra de Saint-Méran, sempre ajoelhada, rezava fervorosamente, Villefort mandou chamar uma carruagem de praça e foi ele mesmo buscar a casa da Sra de
Morcerf a mulher e a filha. Estava tão pálido quando apareceu à porta do salão que Valentine correu para ele gritando:

- Oh, meu pai, aconteceu alguma desgraça?!...

- A tua avó acaba de chegar, Valentine - respondeu o Sr. de Villefort.

- E o avô? - perguntou a jovem, muito trêmula.

O Sr. de Villefort não respondeu, limitou-se a oferecer o braço à filha.

Era tempo: Valentine teve uma vertigem e cambaleou; a Sra de Villefort apressou-se a ampará-la e a ajudar o marido a levá-la para a carruagem, ao mesmo tempo que dizia:

- Que coisa estranha! Quem podia esperar semelhante desgraça? Oh, não há dúvida que é muito estranho!

E toda aquela família desolada se retirou assim, lançando a sua tristeza, como um véu negro, sobre o resto da festa. À chegada, Valentine encontrou Barrois à sua espera ao fundo da escada.

- O Sr. Noirtier deseja vê-la esta noite - disse-lhe ele baixinho.

- Diga-lhe que irei quando sair do quarto da minha avó - respondeu Valentine.

Na delicadeza da sua alma, a jovem compreendera que quem mais necessitava dela naquele momento era a Sra de Saint-Méran.

Valentine encontrou a avó na cama. Carícias mudas, dolorosas expansões do coração, suspiros entrecortados, lágrimas escaldantes, eis os únicos pormenores reproduzíveis daquele encontro a que assistiu, pelo braço do marido, a Sra de Villefort, cheia de respeito, pelo menos aparente, para com a pobre viúva. Passado um instante, inclinou-se ao ouvido do marido e disse-lhe:

- Com sua licença, acho melhor retirar-me, pois a minha presença parece afligir ainda mais a sua sogra.

A Sra de Saint-Méran ouviu-a e disse ao ouvido de Valentine:

- Sim, sim, que vá embora. Mas você fica, você fica.

A Sra de Villefort saiu e Valentine ficou sozinha junto do leito da avó, porque o procurador régio, consternado com aquela morte imprevista, seguira a mulher.

Entretanto, Barrois subira pela primeira vez para junto do velho Noirtier, mas este, que ouvira todo o barulho que se fazia na casa, mandara, como

dissemos o velho criado informar-se do que se passava.
No regresso, aqueles olhos tão vivos, e sobretudo tão inteligentes, interrogaram o mensageiro.

- Valha-nos Deus, senhor! - disse Barrois. - Aconteceu uma grande desgraça: a Sra de Saint-Méran. está aqui e o marido morreu.

O Sr. de Saint-Méran e Noirtier nunca tinham estado ligados por uma amizade muito profunda, no entanto, sabe-se o efeito que produz sempre num velho o anúncio da morte a outro velho. Noirtier deixou cair a cabeça para o peito, como um homem acabrunhado ou como um homem que pensa, e depois fechou um só
olho.

- Mademoiselle Valentine? - perguntou Barrois.

Noirtier fez sinal que sim.

- Está no baile, como o senhor muito bem sabe, pois veio aqui despedir-se em traje de cerimônia.

Noirtier voltou a fechar o olho esquerdo.

- Sim, quer vê-la?

O velho fez sinal de que era isso que desejava.

- Decerto vão mandar buscá-la na casa da Sra de Morcerf. A esperarei no seu regresso e lhe pedirei que suba ao quarto do senhor. É isto?

- É - respondeu o paralítico.

Barrois esperou portanto o regresso de Valentine e, como vimos, expôs-lhe o desejo do avô.

Em consequência desse desejo, Valentine subiu ao quarto de Noirtier quando saiu do da Sra de Saint-Méran, a qual, apesar de muito agitada, acabara por sucumbir à fadiga e dormia um sono febril.

Tinham-lhe posto ao alcance da mão uma mesinha com uma garrafa de laranjada, sua bebida habitual, e um copo.

Como dissemos, a jovem deixou a marquesa para subir ao quarto de Noirtier.

Valentine beijou o velho, que a olhou tão ternamente que a jovem sentiu brotarem-lhe de novo dos olhos lágrimas cuja fonte julgava esgotada. O velho insistia com o olhar.

- Sim, sim, quer dizer que continuo a ter um avô, não é? - traduziu Valentine.

O velho fez sinal de que efetivamente era isso que o seu olhar queria dizer.
- De contrário, que seria de mim, meu Deus?

Era uma hora da madrugada. Barrois, que também tinha vontade de se deitar observou que depois de uma noite tão dolorosa todos precisavam de repouso. O velho não quis dizer que para si o repouso era ver a neta e mandou embora Valentine, a quem efetivamente a dor e a fadiga davam um ar abatido.

No dia seguinte, quando entrou no quarto da avô, Valentine encontrou-a na cama. A febre não descera; pelo contrário, um fogo sombrio brilhava nos olhos da velha marquesa, que parecia dominada por violenta irritação nervosa.

- Oh, meu Deus, está pior avozinha?! - exclamou Valentine ao ver todos aqueles sintomas de agitação.

- Não, minha filha, não - respondeu a Sra de Saint-Méran. - Mas esperava

com impaciência que chegasses para mandar chamar o teu pai.

- O meu pai? - perguntou Valentine, inquieta.

- Sim, quero falar com ele.

Valentine não ousou opor-se ao desejo da avó, cuja finalidade ignorava, aliás, e pouco depois Villefort entrou.

- Senhor - disse a Sra de Saint-Méran sem empregar qualquer circunlóquio, como se receasse que o tempo lhe faltasse -, vamos ao assunto: não me escreveu acerca do casamento desta criança?

- Escrevi, sim, minha senhora - respondeu Villefort. - Trata-se até de mais do que de um projeto, trata-se de uma convenção.

- O seu futuro genro chama-se Franz de Epinay?

- Chama, sim, minha senhora.

- E é filho do general de Epinay, que era dos nossos e foi assassinado poucos dias antes de o usurpador regressar da ilha de Elba?

- Exatamente.

- Essa aliança com a neta de um jacobino não lhe repugna?

- As nossas dissensões sociais acabaram-se, felizmente, minha mãe - perguntou Villefort. O Sr. de Epinay era quase uma criança quando o pai morreu; conhecia muito mal o Sr. Noirtier e vê-lo-á, senão com prazer, pelo menos com indiferença.

- É um partido vantajoso?

- Sob todos os aspectos.

- O rapaz...

- Goza da consideração geral.

- E é decente?

- É um dos homens mais distintos que conheço.

Valentine permaneceu calada durante toda esta conversa.

- Pois bem, senhor - disse a Sra de Saint-Méran. após alguns segundos de reflexão --, é melhor despachar-se porque me resta pouco tempo de vida.

- A senhora?! A avozinha ?! - exclamaram o Sr. de Villefort e Valentine.

- Sei o que digo - prosseguiu a marquesa. - Portanto, despachem-se, para que, já que não tem mãe, ela tenha ao menos a avó para lhe abençoar o casamento. Sou a única pessoa que lhe resta do lado da minha pobre Renée, que o senhor esqueceu tão depressa...

- Minha senhora, esquece-se de que era preciso dar uma mãe a esta pobre criança, que já a não tinha! - protestou Villefort.

- Uma madrasta nunca é uma mãe, senhor! Mas não é disso que se trata agora, trata-se de Valentine. Deixemos os mortos sossegados.

Tudo isto era dito com tal volubilidade e tal tom que havia qualquer coisa neste diálogo que se assemelhava a um princípio de delírio.

- Será feita a sua vontade, minha senhora - disse Villefort --, e com tanto mais prazer quanto é certo a sua vontade estará de acordo com a minha. Assim que o Sr. de Epinay chegar a Paris...

- Minha boa avozinha - interveio Valentine --, as conveniências, o luto tão recente... Desejaria fazer um
casamento sob tão tristes auspícios?

- Minha filha - interrompeu-a vivamente a avó -, deixemo-nos dessas razões

vulgares que impedem os espíritos fracos de construir solidamente o futuro. Também casei no leito de morte da minha mãe e não fui decerto infeliz por isso.

- Outra vez essa idéia de morte, senhora! - ralhou Villefort.

- Outra vez! Sempre!... Repito-lhe que vou morrer, ouviu? Pois antes de morrer quero ver o seu futuro genro; quero ordenar-lhe que faça a minha neta feliz; quero ler-lhe nos olhos se tenciona obedecer-me; quero conhecê-lo, enfim! - exclamou a avó com uma expressão aterradora. - E isto para o vir procurar do fundo da minha sepultura se não se portar como deve ser, se não for como tem de ser!

- Minha senhora - perguntou Villefort --, deve afastar de si essas idéias exaltadas, que raiam quase a loucura. Os mortos, uma vez deitados no seu túmulo, aí dormem eternamente.

- Sim, sim, minha boa avozinha, sossega! - secundou-o Valentine.

- E eu, senhor, digo-lhe que as coisas não se passam nada assim, como julga. Esta noite dormi um sono terrível; de certo modo, via-me a mim própria a dormir, como se a minha alma já pairasse sobre o meu corpo. Os meus olhos, que me esforçava por abrir, fechavam-se, mal-grado meu. E no entanto sei muito bem que isto lhes parece impossível, sobretudo ao senhor... Pois bem, de olhos fechados vi, exatamente no lugar onde o senhor está, vinda desse canto onde há uma porta que dá para o quarto de vestir da Sra de Villefort, vi entrar sem ruído uma forma branca...

Valentine soltou um grito.

- Era a febre que a agitava, minha senhora - disse Villefort.

- Duvide se quiser, mas tenho a certeza do que digo: vi uma forma branca. E como se Deus receasse que recusasse o testemunho de um só dos meus sentidos, ouvi mexer no meu copo... olhe, olhe, neste mesmo que está aqui, em cima da mesa!

- Oh, avozinha, era um sonho!...

- Era tão pouco um sonho que estendi a mão para a campainha e, quando fiz este gesto, a sombra desapareceu. A criada de quarto entrou então com uma luz. Os fantasmas só se mostram àqueles que os devem ver: era a alma do meu marido. Pois bem, se a alma do meu marido volta para me chamar, porque não há-de a minha alma voltar para defender a minha neta? O parentesco é ainda mais direto, parece-me.

- Então, minha senhora, não dê largas a essas idéias lúgubres - aconselhou Villefort, agitado, a seu pesar, até ao mais íntimo de si mesmo. - Viverá conosco, viverá durante muito tempo feliz, amada, respeitada, e a faremos esquecer...

- Nunca, nunca, nunca! - ripostou a marquesa. - Quando regressa o Sr. de Epinay?

- Esperamo-lo de um momento para o outro.

- Está bem. Assim que ele chegar, avisem-me. Despachemo-nos, despachemo-nos! Depois, quero também falar com um tabelião, para me assegurar de que todos os nossos bens revertem a favor de Valentine.

- Então, avó, quer que eu morra também? - murmurou Valentine, pousando os lábios na testa escaldante da marquesa. - Meu Deus, está com febre! Não é um tabelião que se deve mandar chamar, é um médico!

- Um médico? - repetiu a doente, encolhendo os ombros. - Não me dói

nada: só tenho sede.

- Que quer beber, avozinha?

- Como sempre, bem sabes, a minha laranjada. O copo está em cima da mesa. Valentine.

Valentine deitou a laranjada da garrafa no copo e pegou-lhe com certo terror para o dar à avó, visto ser o mesmo copo que, segundo ela, fora tocado pela sombra.

A marquesa despejou o copo de um só golo. Depois, virou-se na almofada e insistiu:

- O tabelião, o tabelião!...

O Sr. de Villefort saiu. Valentine sentou-se ao pé da cama da avó. A pobre criança parecia ela própria muito necessitada do médico que recomendara à avó. Um rubor idêntico a uma chama queimava-lhe as faces, tinha a respiração opressa e arquejante e o pulso batia-lhe como se tivesse febre.

É que ela pensava, a pobre criança, no desespero de Maximilien quando soubesse que a Sra de Saint-Méran, em vez de ser uma aliada, procedia, sem o saber, como se fosse uma inimiga.

Por mais de uma vez Valentine pensara em dizer tudo à avó, e não teria hesitado um só instante se Maximilien Morrel se chamasse Albert de Morcerf ou Raoul de Château-Renaud. Mas Morrel era de origem plebéia e Valentine sabia o desprezo que a orgulhosa marquesa de Saint-Méran nutria por todos aqueles
que não fossem da sua linhagem O seu segredo fora portanto, em todos os momentos em que estivera prestes a ser revelado, contido no seu coração pela triste certeza de que o confiaria inutilmente e de que, uma vez esse segredo conhecido do pai e da madrasta, tudo estaria perdido.

Passaram-se assim cerca de duas horas. A Sra de Saint-Méran dormia um sono febril e agitado. Anunciaram o tabelião. Embora o anúncio tivesse sido feito muito baixo, a Sra de Saint-Méran soergueu-se na almofada.

- O tabelião?... Que venha, que venha! - ordenou.

O tabelião estava à porta e entrou.

- Sai, Valentine, deixa-me sozinha com este senhor - disse a Sra de Saint-Méran.

- Mas, avó...

- Vai, vai.

A jovem inclinou a cabeça diante da avó e saiu com o lenço nos olhos. Encontrou à porta um criado que lhe disse que o médico esperava na sala.

Valentine desceu rapidamente. o médico era um amigo da família e ao mesmo tempo um dos homens mais competentes da época. Gostava muito de Valentine, que vira nascer. Tinha uma filha pouco mais ou menos da idade de Mademoiselle de Villefort, mas nascida de mãe tuberculosa. O médico vivia pois num temor permanente em relação à filha.

- Oh, meu caro Sr. de Avrigny, não imagina com que impaciência o esperávamos! - exclamou Valentine. - Mas antes de mais nada como estão Madeleine e Antoinette?

Madeleine era a filha do Sr. de Avrigny e Antoinette, sua sobrinha. O Sr. de Avrigny sorriu tristemente.

- Antoinette está ótima e Madeleine assim-assim - respondeu. - Mandou-

me chamar, querida filha? Mas nem o seu pai nem a Sra de Villefort estão doentes... Quanto a nós, embora seja visível que não conseguimos livrar-nos dos nossos nervos, não vejo que tenha necessidade de mim, a não ser para lhe recomendar que não dê demasiadas largas à sua imaginação...

Valentine corou. O Sr. de Avrigny possuía a ciência da adivinhação quase até ao prodígio, pois era um desses médicos que tratam sempre o físico através do moral.

- Não é para mim, é para a minha pobre avó - esclareceu a jovem. - já sabe a desgraça que nos aconteceu, não sabe?

- Não sei nada - respondeu o Sr. de Avrigny.

- O meu avô morreu - informou Valentine, contendo os soluços.

- O Sr. de Saint-Méran?

- Sim.

- Subitamente?

- De um ataque de apoplexia fulminante.

- De uma apoplexia? - repetiu o médico.

- Sim. De forma que a minha pobre avó se aferrou à idéia de que o marido, de quem nunca se separou, a chama e de que se lhe deve ir juntar... Oh, Sr. de Avrigny, recomendo-lhe muito a minha pobre avó!

- Onde está ela?

- No seu quarto com o tabelião.

- E o Sr. Noirtier?

- Sempre na mesma: uma lucidez de espírito perfeita, mas a mesma imobilidade, o mesmo mutismo.

- E o mesmo amor por si, não é verdade, minha querida filha?

- É - respondeu Valentine, suspirando. - Ama-me de fato muito.

- Quem não a amaria?

Valentine sorriu tristemente.

- E que sente a sua avó?

- Uma excitação nervosa singular, um sono agitado e estranho. Esta manhã pretendia que enquanto dormia a alma lhe pairava por cima do corpo, que via a dormir. Delírio, claro. Afirma ter visto um fantasma entrar-lhe no quarto e ter ouvido o barulho que fazia o pretenso fantasma a mexer-lhe no copo.

- É singular, não sabia que a Sra de Saint-Méran, fosse sujeita a alucinações... - disse o médico.

- Foi a primeira vez que a vi assim - respondeu Valentine e esta manhã até me assustou muito; julguei que tivesse enlouquecido. No entanto, mesmo o meu pai, Sr. de Avrigny (o meu pai, que o senhor conhece bem como um espírito ponderado), até o meu próprio pai me pareceu impressionadíssimo.

- Havemos de ver isso - declarou o Sr. Avrigny. - O que me diz parece-me estranho...

O tabelião descia. Vieram prevenir Valentine de que a avó estava sozinha.

- Suba - disse ela ao médico.

- E a menina?

- Oh, eu não me atrevo! Ela tinha-me proibido de mandar chamá-lo... Depois como o senhor diz, eu própria estou agitada, febril, mal disposta... Vou dar uma volta pelo jardim para me recompor.

O médico apertou a mão a Valentine e enquanto ele subia ao quarto da marquesa, a jovem descia a escadaria da entrada.

Desnecessário indicar que parte do jardim constituía o passeio favorito de Valentine. Depois de dar duas ou três voltas na parte que rodeava a casa e de colher uma rosa para pôr na cintura ou no cabelo, embrenhava-se na alameda sombria que levava ao banco e do banco ao portão.

Desta vez, como de resto era seu hábito, Valentine deu duas ou três voltas no meio das suas flores, mas sem colher nenhuma. O luto do seu coração, que ainda não tivera tempo de se estender à sua pessoa, repudiava aquele simples ornamento. Depois dirigiu-se para a sua alameda. à medida que avançava parecia-lhe ouvir uma voz pronunciar o seu nome. Parou surpreendida.

Então, a voz chegou-lhe mais distinta aos ouvidos e reconheceu a voz de Maximilien.

Capítulo LXXIII

A promessa

Era efetivamente Morrel, que desde a véspera não sossegava. Com o instinto peculiar aos apaixonados e às mães, adivinhara que depois do regresso da Sra de Saint-Méran e da morte do marquês se passaria qualquer coisa em casa de Villefort que interessaria ao seu amor por Valentine.

Como vamos ver, os seus pressentimentos tinham-se concretizado e já não era uma simples inquietação que o trazia, sobressaltado e trêmulo, ao portão dos castanheiros. Mas Valentine não estava prevenida de que Morrel a esperava, pois habitualmente ele não vinha àquela hora, e foi por mero acaso ou, se se preferir, por feliz coincidência que a jovem desceu ao jardim. Quando apareceu, Morrel chamou-a e ela correu para o portão.

- O senhor a esta hora? - admirou-se.

- Sim, pobre amiga - respondeu Morrel. - Venho buscar e trazer más notícias.

- Nesse caso, estamos na casa da desgraça - observou Valentine. - Fale, Maximilien. Mas na verdade a soma de sofrimentos é já mais do que suficiente.

- Querida Valentine - começou Morrel, procurando conter a sua própria emoção para falar convenientemente --, ouça-me com atenção, suplico-lhe, porque tudo o que lhe vou dizer é solene. Quando conta casar?

- Escute - disse por sua vez Valentine. - Não quero esconder-lhe nada, Maximilien. Esta manhã falou-se do meu casamento, e a minha avó, com quem contava como um apoio que me não faltaria, não só se declarou a favor do casamento, como ainda o deseja a tal ponto que só o fato de o Sr. de Epinay estar ausente o atrasa. Mas no dia seguinte ao da sua chegada o contrato será assinado.

Um doloroso suspiro saiu do peito do rapaz, que olhou longa e tristemente a

jovem.

- Meu Deus - perguntou em voz baixa --, é horrível ouvir dizer tranquilamente à mulher que se ama: “O momento do seu suplício está marcado; terá lugar dentro de poucas horas. Mas não importa, tem de ser assim e pela minha parte não lhe levantarei nenhuma oposição." Pois bem, uma vez que, segundo diz, só se espera a chegada do Sr. de Epinay para assinar o contrato e a Valentine será dele no dia seguinte ao da
chegada, será já amanhã que pertencerá ao Sr. de Epinay, pois ele chegou a Paris esta manhã.

Valentine soltou um grito.

- Encontrava-me em casa de Monte-Cristo há uma hora - disse Morrel. - Conversávamos, ele a respeito do luto desta casa e eu acerca do luto de Valentine, quando de súbito rodou uma carruagem no pátio. Ouça: até ali não acreditava em pressentimentos, Valentine; mas agora sou forçado a acreditar. O ruído daquela carruagem arrepiou-me; pouco depois ouvi passos na escada. Os passos sonoros do comendador não
apavoraram mais D. João do que me apavoraram aqueles passos. Por fim, a porta abriu-se. Albert de Morcerf entrou à frente e eu ia a duvidar de mim mesmo, ia crer que me enganara, quando atrás dele apareceu outro rapaz e o conde gritou: “Ah, o Sr. Barão Franz de Epinay!" Para me conter, apelei para tudo o que possuo de energia e coragem no coração. Talvez tenha empalidecido, talvez tenha tremido; mas sem dúvida nenhuma fiquei de sorriso nos lábios. No entanto, passados cinco minutos sai sem ter ouvido uma palavra do que se disse durante esses cinco minutos. Estava aniquilado.

- Pobre Maximilien! - murmurou Valentine.

- Aqui tem, Valentine. Agora responda-me como a um homem a quem a sua resposta dará a morte ou a vida: que conta fazer?

Valentine baixou a cabeça; estava acabrunhada.

- Ouça - disse Morrel --, não é a primeira vez que pensa na situação em que nos encontramos. É uma situação grave, penosa, suprema. Não creio que seja este o momento para nos entregarmos a uma dor estéril; isso é bom para aqueles que sentem prazer em sofrer e beber as suas lágrimas resignadamente. Há pessoas assim e Deus lhes terá sem dúvida em conta no Céu a sua resignação na terra. Mas todo aquele que
sinta vontade de lutar não perde um tempo precioso e retribui imediatamente ao destino o golpe que dele recebeu. Está disposta a lutar contra a adversidade, Valentine? Responda, pois é isso que lhe venho pedir.

Valentine estremeceu e cravou em Morrel uns grandes olhos assustados. A idéia de resistir ao pai, à avó, a toda a família, enfim, nem sequer lhe ocorrera.

- Que me diz, Maximilien? - perguntou Valentine. - A que chama luta? Oh, isso é um sacrilégio! O quê, eu lutar contra a ordem de meu pai, contra a vontade de minha avó moribunda?! É impossível!

Morrel fez um movimento.

- O senhor é um coração demasiado nobre para me não compreender, e compreende-me muito bem, querido Maximilien, pois vejo-o calado. Lutar, eu? Deus me livre! Não, não. Guardo toda a minha energia para lutar contra mim mesma e beber as minhas lágrimas, como o senhor diz. Quanto a afligir meu pai,

quanto a perturbar os últimos momentos da minha avó, nunca!

- Tem toda a razão - respondeu fleumaticamente Morrel.

-- Como o senhor me diz isso, meu Deus! - exclamou Valentine, magoada.

- Digo-lhe isto como um homem que a admira, menina - acrescentou Maximilien.

- Menina! - exclamou Valentine. - Menina! Oh, o egoísta, não vê o meu desespero e finge não me compreender!

- Engana-se. Pelo contrário, compreendo-a perfeitamente. Não quer contrariar o Sr. de Villefort nem quer desobedecer à marquesa e amanhã assinará o contrato que a ligará ao seu marido.

- Mas, meu Deus, posso porventura fazer outra coisa?

- Não apele para mim, menina, pois sou um mau juiz nessa causa e o meu egoísmo me cegarà - respondeu Morrel, cuja voz abafada e os punhos cerrados denotavam exasperação crescente.

- Que me proporia, Morrel, se me encontrasse disposta a aceitar a sua proposta? Vamos, responda. Não basta dizer que faço mal, é preciso dar um conselho.

- Diz-me isso seriamente, Valentine? Quer de fato que a aconselhe? Responda.

- Decerto, querido Maximilien, porque se o conselho for bom, o seguirei. Bem sabe que tenho em alta conta a sua opnião.

- Valentine - disse Morrel, acabando de afastar uma tábua solta --, dê-me a sua mão como prova de que me perdoa a minha irritação. Como vê, estou com a cabeça num caos e há uma hora que as idéias mais disparatadas me atravessam o espírito. Oh, no caso de recusar o meu conselho!...

- Venha esse conselho.

- Aqui o tem, Valentine.

A jovem ergueu os olhos ao céu e soltou um suspiro.

- Sou livre - prosseguiu Maximilien - e suficientemente rico para nós dois. Juro-lhe que será minha mulher antes de os meus lábios lhe pousarem na testa.

- O senhor me assusta - disse a jovem.

- Venha comigo - continuou Morrel. - A levarei para casa da minha irmã, que é digna de ser sua irmã.

Embarcaremos para Argel, para Inglaterra ou para a América, se não preferir que nos retiremos para qualquer província e aí esperaremos, para regressar a Paris, que os nossos amigos vençam a resistência da sua família.

Valentine abanou a cabeça.

- Já o esperava, Maximilien - disse. - É um conselho de insensato e eu seria ainda mais insensata do que o senhor se o não detivesse imediatamente com esta simples palavra: impossível, Morrel, impossível.

- Seguirá portanto o seu destino tal como o acaso o traçar e sem sequer tentar combatê-lo? - perguntou Morrel, contristado.

- Seguirei. Nem que tenha de morrer por isso!

- Está bem, Valentine - admitiu Maximilien. - Repito-lhe mais uma vez que tem razão. De tato, eu é que sou um louco, enquanto a Valentine me prova que a paixão cega os espíritos mais justos. Obrigado, portanto, a si que raciocina sem paixão. Pronto, o caso está arrumado: amanhã será irrevogavelmente prometida

ao Sr. Franz de Epinay, não por via dessa formalidade teatral inventada para desenlace das comédias, e que se chama a assinatura do contrato, mas sim por sua própria vontade.

- Mais uma vez me desespera, Maximilien! - perguntou Valentine. - Mais uma vez revolve o punhal na chaga? Diga-me, que faria se a sua irmã escutasse um conselho como o que acaba de me dar?

- Menina - respondeu Morrel, com um sorriso amargo. - Sou um egoísta, como disse, e na minha qualidade de egoísta não penso no que fariam os outros na minha posição, mas sim no que conto fazer eu. Penso que a conheço há um ano e que, desde o dia em que a conheci, depositei todas as minhas oportunidades de felicidade no seu amor; que chegou um dia em que me disse que me amava; que nesse dia colocaria todas as minhas esperanças de futuro na sua posse. Era a minha vida. Agora não penso em mais nada; digo apenas para comigo que a sorte mudou, que esperava ganhar o Céu e o perdi. Isto acontece todos os dias, quando um jogador perde não só o que tem, mas também o que não tem.

Morrel pronunciou estas palavras com uma calma perfeita. Valentine fitou-o um instante com os seus grandes olhos perscrutadores, procurando não deixar que os de Morrel penetrassem até à agitação que lhe turbilhonava já no fundo do coração.

- Mas enfim, que vai fazer? - perguntou Valentine.

- Vou ter a honra de lhe dizer adeus, menina, tomando como testemunha Deus, que escuta as minhas palavras e lê no fundo do meu coração, de que lhe desejo uma vida bastante calma, bastante feliz e bastante cheia para que nela não haja lugar para a minha recordação.

- Oh! - murmurou Valentine.

- Adeus, Valentine, adeus! - disse Morrel, inclinando-se.

- Aonde vai? - gritou ela, estendendo a mão através das grades e agarrando Maximilien pela sobrecasaca, pois compreendia pela sua agitação interior que a calma do seu apaixonado não podia
ser verdadeira. - Aonde vai?

- Vou providenciar para não trazer nova perturbação à sua família e dar um exemplo que poderão seguir todos os homens honestos e dedicados que se encontrarem na minha situação.

- Antes de me deixar, diga-me o que vai fazer, Maximilien.

O jovem sorriu tristemente.

- Oh, fale, fale, suplico-lhe! - pediu Valentine.

- A sua resolução mudou, Valentine?

- Não pode mudar, infeliz! Sabe isso muito bem! - gritou a jovem.

- Então, adeus, Valentine!

Valentine abanou o portão com uma força de que ninguém a julgaria capaz. E como Morrel se afastasse, passou as mãos através das grades e juntou-as, torcendo os braços.

- Que vai fazer? Quero saber! - gritou. - Aonde vai?

- Oh, esteja tranquila! - respondeu Maximilien, parando a três passos do portão. - Não tenho intenção de tomar outro homem responsável pelos rigores que o destino me reserva. Outro a ameaçaria, de ir procurar o Sr. Franz, de o provocar

e de se bater com ele, mas tudo isso seria insensato. Qual é o papel do Sr. Franz no meio de tudo isto? Viu-me esta manhã pela primeira vez e já esqueceu que me viu. Nem sequer sabia da minha existência aquando das convenções estabelecidas entre as suas duas famílias, em que ficou decidido que seriam um para o outro. Não tenho portanto nada a ver com o Sr. Franz e juro-lhe que o não irei desafiar nem acusar de nada.

- Em quem se vingar então? Em mim?

- Em si, Valentine? Oh, não, Deus me defenda! A mulher é sagrada, e a mulher que se ama é santa.

- Em si mesmo, então, desgraçado, em si mesmo?

- Não sou eu o culpado? - observou Morrel.

- Maximilien - disse Valentine --, Maximilien, venha cá, ordeno-lho!

Maximilien aproximou-se com o seu sorriso meigo, e se não fosse a sua palidez, se poderia julgá-lo no seu estado normal.

- Ouça, minha querida, minha adorada Valentine - disse na sua voz melodiosa e grave --, as pessoas como nós, que nunca tiveram um pensamento de que tivessem de corar diante de ninguém, perante os seus pais e perante Deus, as pessoas como nós podem ler no coração um do outro como num livro aberto. Nunca armei em romântico, não sou um herói melancólico, nem tomo atitudes de Manfredo nem de Antony. Mas sem palavras, sem protestos, sem juramentos, dei-lhe a minha vida. Falta-me e tem motivo para proceder assim, já lho disse e repito-lho. Mas enfim, perco-a e a minha vida está perdida. A partir do momento em que se afastar de mim, Valentine, ficarei sozinho no mundo. A minha irmã é feliz com o marido, um marido que para mim não passa de um cunhado, isto é, de um homem ligado a mim apenas pelas convenções sociais. Ninguém necessita portanto de mim neste mundo, a minha existência é inútil. Eis o que farei: esperarei até ao último segundo que esteja casada, pois não quero perder a sombra de uma dessas probabilidades inesperadas que às vezes nos reserva o acaso, porque, enfim, daqui até lá o Sr. Franz de Epinay pode morrer, no momento em que se aproximarem um raio pode cair sobre o altar... Tudo parece crível ao condenado à morte e para ele os milagres entram na classe do possível desde que se trate da salvação da sua vida. Esperarei pois, repito, até ao derradeiro momento, e quando a minha infelicidade for certa, irremediável, sem esperança, escreverei uma carta confidencial ao meu cunhado e outra ao prefeito da Polícia para o pôr ao
corrente das minhas intenções, e num recanto de qualquer bosque, à beira de qualquer fosso, na margem de qualquer rio, farei saltar os miolos, tão certo como eu ser filho do homem mais honesto que alguma vez viveu na França.

Um tremor convulso agitou os membros de Valentine. Largou o portão, que segurava com ambas as mãos, os braços caíram-lhe ao longo do corpo e duas grossas lágrimas rolaram-lhe pelas faces. O rapaz ficou diante dela, sombrio e resoluto.

- Oh, por piedade, por piedade! - exclamou Valentine. - Viverá, não é verdade?

- Palavra de honra que não - respondeu Maximilien. - Mas que lhe interessa isso? Cumprirá o seu dever e ficará com a consciência tranquila.

Valentine caiu de joelhos e comprimiu o coração, que parecia querer

rebentar-lhe.

- Maximilien - disse --, Maximilien, meu amigo, meu irmão na Terra, meu verdadeiro esposo no Céu, suplico-te que faças, como eu, que vivas com o sofrimento. Talvez um dia nos juntemos...

- Adeus, Valentine! - repetiu Morrel.

- Meu Deus - disse Valentine, erguendo as mãos ao céu com uma expressão sublime -, bem vê que fiz tudo o que podia para me conservar filha submissa: pedi, supliquei, implorei, mas ele não ouviu nem os meus pedidos, nem as minhas súplicas, nem as minhas lágrimas. Pois bem - continuou, enxugando as lágrimas
e recuperando a sua firmeza --, não quero morrer de remorsos, prefiro morrer de vergonha. Viverá, Maximilien, e não serei de ninguém a não ser de si. A que horas? Em que momento? Imediatamente? Fale, ordene, estou pronta.

Morrel, que dera de novo alguns passos para se afastar, voltou para trás e, pálido de alegria, com o coração dilatado, estendeu através das grades as mãos a Valentine.

- Valentine - disse --, querida amiga, não me fale assim ou então terei de me deixar morrer. Por que motivo a deveria à violência, se me ama como a amo? Quer obrigar-me a viver apenas por humanidade? Nesse caso, prefiro morrer.

- Na verdade - murmurou Valentine --, quem é que me ama no mundo? Ele. Quem me tem confortado em todos os meus sofrimentos? Ele. Em quem deposito as minhas esperanças, em quem se fixa o meu olhar transviado, em que descansa o meu coração ensanguentado? Nele, nele, sempre nele. Pois bem, tem também razão, Maximilien: te seguirei, deixarei a casa paterna, tudo. Oh, como sou ingrata! - exclamou Valentine, soluçando. - Tudo... até do meu avô me esquecia!

- Não - atalhou Maximilien --, não o deixarás. Disse-me que o Sr. Noirtier pareceu manifestar simpatia por mim. Pois antes de fugir conte-lhe tudo, fará do seu consentimento um escudo perante Deus. Depois, assim que casarmos, irá viver conosco. Em vez de um neto terá dois. Disseste-me como te falava e como lhe respondias, depressa aprenderei essa linguagem comovente de sinais, Valentine. Oh, juro-te que em vez do desespero que nos espera é a felicidade que te prometo!

- Repara, Maximilien, repara como é grande a tua influência sobre mim... Quase me faz acreditar no que me diz, e no entanto o que me diz é insensato, pois o meu pai me amaldiçoará. Conheço-lhe o coração inflexível e sei que nunca me perdoará. Por isso, escute-me, Maximilien: se por artifício, por súplica ou por acidente, sei lá... Se, enfim, por qualquer meio conseguir adiar o casamento, esperará por mim?

- Esperarei, juro-o, desde que me jures também que esse horrível casamento não se realizará e que, ainda que te arrastem perante o magistrado, perante o padre, dirá não.

- Juro, Maximilien, pelo que tenho de mais sagrado no mundo, pela memória da minha mãe!

- Esperemos então - disse Morrel.

- Sim, esperemos - repetiu Valentine, que respirou ao ouvir esta palavra. - há tantas coisas que podem salvar infelizes como nós.

- Confio em ti, Valentine - acrescentou Morrel. - Tudo o que fizer estará bem

feito. No entanto, se não fizerem caso das suas súplicas, se o teu pai e a Sra de Saint-Méran exigirem que o Sr. Franz de Epinay seja chamado amanhã para assinar o contrato...

- Nesse caso, tem a minha palavra, Morrel.

- Em vez de assinar...

- Virei ter contigo e fugiremos. Mas entretanto não tentemos Deus, Morrel; não nos vejamos. E um milagre que ainda não nos tenham surpreendido, uma graça da Providência. Se nos surpreendessem, se soubessem como nos encontramos, estaria tudo perdido.

- Tem razão, Valentine. Mas como saber...

- Pelo tabelião, o Sr. Deschamps.

- Conheço-o.

- E por mim mesma. Te escreverei, acredite. Meu Deus, este casamento Maximilien, me é tão odioso como a você!

- Ainda bem, ainda bem! Obrigado, minha Valentine. Adorada - disse Morrel. - está tudo combinado, então: assim que souber a hora, correrei aqui, transporá este muro nos meus braços, o que não será difícil, uma carruagem te esperará a porta da cerca, subirá para ela comigo e te levarei para casa da minha irmã. Lá, incógnitos, se quiser, ou abertamente, se o desejar, teremos a consciência da nossa força e da nossa vontade e não nos deixaremos degolar como o cordeiro que só se defende com os seus balidos.

- Seja - concordou Valentine. - Por minha vez, digo-te: Maximilien, o que fizer estará bem feito.

- Oh!...

- Então, está contente com a tua mulher? - perguntou tristemente a jovem.

- Minha Valentine adorada, é bem pouco dizer que sim.

- Diz sempre.

Valentine aproximara-se, ou antes, aproximara os lábios da grade, e as suas palavras deslizavam, com o seu hálito perfumado, até aos lábios de Morrel, que colava a boca do outro lado do frio e inexorável tapume.

- Adeus! - despediu-se Valentine, arrancando-se àquele enleio.

- Adeus!

- Me escreverá?

- Sim.

- Obrigado, querida mulher! Adeus.

Ouviu-se o ruído de um beijo inocente e perdido e Valentine fugiu por baixo das tílias.

Morrel escutou os últimos ruídos do seu vestido ao roçar na vegetação e dos seus pés a fazerem ranger o saibro, ergueu os olhos ao céu com um sorriso inefável para agradecer a Deus permitir-lhe ser amado assim, e desapareceu por seu turno.

O rapaz regressou a casa e esperou durante todo o resto da noite e durante todo o dia seguinte sem receber nada. Por fim, dois dias depois, por volta das dez horas da manhã, quando se preparava para ir procurar o Sr. Deschamps, o tabelião, recebeu pelo correio um bilhetinho que reconheceu ser de Valentine, embora nunca lhe tivesse visto a letra. Era concebido nestes termos:

Lágrimas, suplicas, rogos, nada conseguiram. Ontem, estive durante duas horas na Igreja de S. Filipe do Roule, e durante essas duas horas pedi a Deus do fundo da alma. Mas Deus mostra-se insensível como os homens e a assinatura do contrato está marcada para esta noite às nove horas.

Só tenho uma palavra, tal como só tenho um coração, Morrel; e essa palavra dei-ta. Quanto ao coração, é teu!

Portanto esta noite, às nove horas menos um quarto, te espero no portão.

Tua mulher,

Valentine de Villefort.

P.S. - A minha pobre avó vai de mal a pior. Ontem, a sua exaltação transformou-se em delírio; hoje, o seu delírio é quase loucura.

Me amará muito, não é verdade, Morrel, para me esquecer de que a deixarei neste estado?

Creio que escondem ao avô Noirtier que a assinatura do contrato está marcada para esta noite.

Morrel não se contentou com as informações que lhe dava Valentine. Foi a casa do tabelião, que lhe confirmou a notícia de que a assinatura do contrato estava marcada para as nove horas da noite.

Em seguida passou por casa de Monte-Cristo e foi lá que soube o resto: Franz viera anunciar a cerimônia; pela sua parte, a Sra de Villefort escrevera ao conde pedindo-lhe desculpa por o não convidá-lo, mas a morte do Sr. de Saint-Méran e o estado em que se encontrava a viúva lançavam sobre a reunião um véu de tristeza, que não queria nublasse a fronte do conde, a quem desejava as maiores felicidades.

Na véspera, Franz fora apresentado à Sra de Saint-Méran, que deixara o leito para essa apresentação e para ele voltara imediatamente.

Como é fácil de compreender, Morrel encontrava-se num estado de agitação que não podia escapar a um olhar tão penetrante como era o do conde. Por isso, Monte-Cristo foi para com ele mais afetuoso do que nunca; tão afetuoso que por duas ou três vezes Maximilien esteve prestes a contar-lhe tudo. Recordou-se, porém, da promessa formal feita a Valentine e o seu segredo permaneceu-lhe no fundo do coração.

O jovem releu vinte vezes durante o dia a carta de Valentine. Era a primeira vez que ela lhe escrevia e logo naquelas circunstâncias. Todas as vezes que relia a carta, Maximilien renovava a si mesmo o juramento de tornar Valentine feliz. Com efeito, que autoridade não tem a moça que toma uma resolução tão corajosa! Que dedicação não merece da parte daquele a quem tudo sacrifica! Como deve ser realmente para o seu apaixonado o primeiro e mais digno objeto do seu culto! É simultaneamente rainha e mulher e um coração não basta para lhe agradecer e para a amar.

Morrel pensava com inexprimível agitação no momento em que Valentine chegaria e diria: “Aqui estou, Maximilien, sou tua!"

Organizara pormenorizadamente a fuga: escondera duas escadas na luzerna do cercado; esperava-os um cabriolé, que o próprio Maximilien conduziria; nada de criados, nada de luzes; só virada a esquina da primeira rua acenderiam as lanternas, a fim de evitarem, por um excesso de precauções, cair nas mãos da

Polícia.

De vez em quando todo o corpo de Morrel era percorrido por arrepios. Pensava no momento em que, do alto do muro, protegeria a descida de Valentine e em que sentiria trêmula e abandonada nos seus braços aquela a quem nunca apertara mais do que a mão e beijara a ponta dos dedos. Mas quando chegou a tarde, quando Morrel sentiu aproximar-se a hora, experimentou a necessidade de estar só. O sangue fervia-lhe, as simples perguntas ou até apenas a voz de um amigo o teriam irritado. Fechou-se no seu quarto e tentou
ler; mas o seu olhar deslizou pelas páginas sem nada compreender do que nelas estava escrito, e acabou por largar o livro para voltar a desenhar pela segunda vez o seu plano, as suas escadas e o seu terreno.

Por fim a hora aproximou-se.

Nunca um homem deveras apaixonado deixou os relógios marcarem tranquilamente o tempo. Morrel atormentou de tal forma os seus que eles acabaram por marcar oito e meia às seis horas. Disse então para consigo que era tempo de ir, que nove horas era efetivamente a hora da assinatura do contrato, mas que
segundo todas as probabilidades, Valentine não esperaria por essa assinatura inútil, e depois de tudo isto Morrel cometeu a proeza de partir da Rua Meslay às oito e meia no seu relógio de sala e entrar no cercado quando davam oito horas em S. Filipe do Rouie!

Cavalo e cabriolé foram escondidos atrás de um casebre em ruínas, em que Morrel costumava abrigar-se. Pouco a pouco anoiteceu e as folhagens do jardim transformaram-se em frondosos tufos de um negro opaco.

Morrel saiu então do casebre e foi espreitar, com o coração palpitante, pelo buraco do portão. Não havia ainda ninguém. Soaram oito e meia.

Passou mais meia hora. Morrel passeava de um lado para o outro, e a intervalos cada vez mais curtos espreitava pelas tábuas. O jardim escurecia de momento a momento, mas nas trevas em vão se procuraria o vestido branco de Valentine e no silêncio inutilmente se tentaria distinguir o ruído dos seus passos.

A casa, que se divisava através da folhagem, permanecia às escuras e não apresentava nenhuma das características de uma casa que se abre para um acontecimento tão importante como é a assinatura de um contrato de casamento.

Morrel consultou o seu relógio, que marcava nove horas e três quartos; mas quase imediatamente a mesma voz do relógio já ouvida duas ou três vezes rectificou o erro do relógio de bolso batendo nove e meia.

Passava já meia hora da que a própria Valentine marcara: ela dissera nove horas, para menos, que não para mais. Aquele foi o momento mais terrível para o coração do rapaz, no qual cada segundo caía como um martelo de chumbo.

O mais tênue ruído da folhagem, o mais pequeno sopro do vento faziam-no apurar o ouvido e cobriam-lhe a testa de suor. Então, muito trêmulo, prendia a escada e, para não perder tempo, punha o pé no primeiro degrau.

No meio destas alternâncias de dúvida e esperança, destas dilatações e destes apertos de coração, soaram dez horas na igreja.

- Oh! - murmurou Maximilien, com terror. - É impossível que a assinatura de um contrato dure tanto tempo, a menos que se verifiquem acontecimentos imprevistos. Já avaliei todas as hipóteses e calculei o tempo que duram todas as

formalidades, e não há dúvida que aconteceu qualquer coisa.

E então, ora passeava agitado diante do portão, ora ia apoiar a testa escaldante no ferro gelado. Teria Valentine desmaiado depois do contrato ou fora detida na fuga? Estas eram as duas únicas hipóteses em que o jovem se podia deter, ambas desesperantes.

A idéia a que se agarrou foi a de que, em plena fuga, as forças tinham faltado a Valentine e esta caíra sem sentidos no meio de alguma alameda.

- Oh, sendo assim - gritou, correndo para o cimo da escada -, a perderei e por minha culpa!

O demônio que lhe segredara este pensamento já não o deixou e passou a sussurrar-lho ao ouvido com aquela persistência que faz com que certas dúvidas, ao cabo de um instante, pela força do raciocínio, se transformem em convições. Os seus olhos, que procuravam devassar a escuridão crescente, julgavam distinguir na alameda sombria um corpo caído. Morrel arriscou-se a chamar e pareceu-lhe que o vento lhe trazia um gemido inarticulado.

Por fim, deram dez e meia. Era-lhe impossível conter-se mais tempo; todas as hipóteses eram admissíveis. As têmporas de Maximilien latejavam com força e passavam-lhe nuvens diante dos olhos. Encavalitou-se no muro e saltou para o outro lado. Estava na casa de Villefort, onde acabava de entrar por escalamento. Lembrou-se das consequências que lhe poderia acarretar semelhante procedimento, mas não viera até ali para recuar. Num instante encontrou-se na extremidade do maciço. Do ponto onde estava via-se a casa.

Então, Morrel assegurou-se de uma coisa de que já suspeitara ao tentar ver através das árvores: em lugar das luzes que pensava ver brilhar em cada janela, como é natural nos dias de cerimônia, só viu a massa cinzenta do edifício, velada ainda por uma grande cortina de sombra projetada por uma nuvem imensa que tapava a Lua.

De vez em quando, como que transviada, passava a correr uma luz diante de três janelas do primeiro andar. Essas três janelas eram as dos aposentos da Sra de Saint-Méran. Outra luz permanecia imóvel atrás dos cortinados vermelhos do quarto da Sra de Villefort.

Morrel adivinhou tudo isto. Tantas vezes, para acompanhar Valentine em pensamento a qualquer hora do dia, esboçara a planta da casa, que a conhecia sem a ter visto. O rapaz ficou ainda mais assustado com aquela escuridão e aquele silêncio do que ficara com a ausência de Valentine.

Desorientado, louco de dor, decidido a arriscar tudo para tornar a ver Valentine e assegurar-se da desgraça que pressentia, fosse qual fosse, Morrel alcançou a orla do maciço e preparava-se para atravessar o mais rapidamente possível o jardim, em campo aberto, quando um som de vozes ainda bastante afastado, mas que o vento lhe trazia, chegou até si.

Ao ouvir tal barulho, recuou um passo; já meio saído da folhagem, embrenhou-se nela completamente e ficou imóvel e calado, mergulhado na obscuridade.

A sua resolução estava tomada: se fosse Valentine, sozinha, a avisaria com uma palavra à sua passagem; se Valentine estivesse acompanhada, pelo menos a veria e se asseguraria de que não lhe acontecera nenhum mal; se fossem

estranhos, apanharia algumas palavras do seu diálogo, que talvez lhe permitissem compreender aquele mistério, até ali incompreensível.

A Lua saiu então da nuvem que a ocultava e Morrel viu aparecer Villefort à porta da entrada principal, acompanhado de um homem vestido de preto. Desceram os degraus e dirigiram-se para o maciço. Ainda não tinham dado quatro passos quando Morrel reconheceu o Dr. de Avrigny no homem vestido de preto.

Ao ver que vinham na sua direção, o jovem recuou maquinalmente diante deles, até encontrar o tronco de um sicômoro que formava o centro do maciço; ai foi obrigado a parar. Em breve o saibro deixou de ranger sob os passos dos dois passeantes.

- Ah, caro doutor, decididamente, o Céu declara-se contra a minha casa! - disse o procurador régio. - Que morte horrível! Que golpe inesperado! Não tente confortar-me; infelizmente, a chaga é demasiado viva e profunda! Morte, morte!

Um suor frio gelou a fronte do rapaz e o fez bater os dentes. Quem teria morrido naquela casa que o próprio Villefort dizia amaldiçoada?

- Meu caro Sr. de Villefort - respondeu o médico, num tom que redobrou o terror do rapaz --, não o trouxe aqui para o confortar, muito pelo contrário.

- Que quer dizer? - perguntou o procurador régio, assustado.

- Quero dizer que atrás da desgraça que acaba de lhe acontecer existe outra talvez ainda maior.

- Oh, meu Deus! - murmurou Villefort, juntando as mãos. - Que mais me vai dizer?

- Estamos bem sós, meu amigo?

- Sim, estamos absolutamente sós... Mas que significam todas essas precauções?

- Significam que tenho uma confidência terrível a fazer-lhe - respondeu o médico. - Sentemo-nos.

Villefort mais se deixou cair do que se sentou no banco. O médico ficou de pé diante dele, com uma das mãos pousada no ombro do magistrado. Morrel, gelado de terror, tinha uma das mãos na testa e com a outra comprimia o coração, cujas pulsações receava se ouvissem.

“Morte, morte!", repetia em pensamento com a voz do coração.

E ele próprio se sentia morrer.

- Fale, doutor, escuto-o - disse Villefort. - Fira, estou preparado para tudo.

- A Sra de Saint-Méran era de fato muito idosa, sem dúvida, mas gozava de excelente saúde.

Morrel respirou pela primeira vez nos últimos dez minutos.

- O desgosto matou-a - disse Villefort. - Sim, o desgosto, doutor! há quarenta anos que estava habituada a viver com o marquês...

- Não foi o desgosto, meu caro Villefort - perguntou o médico. - O desgosto pode matar, embora os casos sejam raros, mas não mata num dia, mas não mata numa hora, mas não mata em dez minutos.

Villefort não respondeu nada; apenas levantou a cabeça, que até ali conservara baixa, e fitou o médico com olhos esgazeados.

- Assistiu à agonia? - perguntou o Sr. de Avrigny.

- Assisti - respondeu o procurador régio. - O senhor disse-me em voz baixa para não me afastar.

- Notou os sintomas do mal a que a Sra de Saint-Méran sucumbiu?

- Certamente. A Sra de Saint-Méran teve três ataques sucessivos com poucos minutos de intervalo uns dos outros e de cada vez mais próximos e mais graves. Quando o senhor chegou, havia já alguns minutos que a Sra de Saint-Méran estava arquejante; teve então uma crise, que tomei por um simples ataque de nervos; mas só me comecei a assustar realmente quando a vi soerguer-se na cama, com os membros e o pescoço
estendidos. Então, pela suo rosto, doutor, compreendi que o caso era mais grave do que supunha. Passada a crise, procurei os seus olhos, mas já os não encontrei, doutor. O senhor segurava-lhe no pulso e contava as pulsações, e a segunda crise surgiu antes de o meu amigo se virar para mim. Essa segunda crise foi mais terrível do que a primeira. Verificaram-se os mesmos movimentos nervosos e a boca contraiu-se e tornou-se roxa. À terceira, expirou. Já depois do fim da primeira eu tinha reconhecido o tétano, e o senhor confirmou-me tal opnião.

- Sim, diante de toda as pessoas - salientou o médico. - Mas agora estamos sós.

- Que me vai dizer, meu Deus?

- Que os sintomas do tétano e do envenenamento por produtos vegetais são absolutamente os mesmos.

O Sr. de Villefort levantou-se. Em seguida, depois de um instante de imobilidade e silêncio, voltou a deixar-se cair no banco.

- Meu Deus, doutor, pensou bem no que acaba de me dizer?

Morrel não sabia se sonhava ou se estava acordado.

- Ouça - disse o médico - conheço a importância da minha declaração e o cargo do homem a quem a faço.

- É ao magistrado ou ao amigo que fala? - perguntou Villefort.

- Ao amigo, apenas ao amigo, neste momento. As semelhanças entre os sintomas do tétano e os sintomas do envenenamento por substancias vegetais são de tal modo grandes que se tivesse de assinar o que lhe digo declaro-lhe que hesitaria. Por isso, repito-lhe, não é ao magistrado que me dirijo, é ao amigo.
Pois bem, ao amigo digo: durante os três quartos de hora que durou, estudei a agonia, as convulsões e a morte da Sra de Saint-Méran, e é minha convicção que não só a Sra de Saint-Méran morreu envenenada, como ainda direi... sim, direi que conheço o veneno que a matou.

- Senhor, senhor!

- Tudo se conjuga, repare: sonolência interrompida por crises nervosas, sobreexcitação do cérebro, torpor dos centros... A Sra de Saint-Méran. sucumbiu a uma dose violenta de brucina ou estricnina, que por acaso, sem dúvida, que por erro, talvez, lhe administraram.

Villefort pegou na mão do médico.

- Oh, é impossível! - exclamou. - Sonho, meu Deus! Sonho! É horrível ouvir dizer semelhantes coisas por um homem como o senhor! Em nome do Céu, suplico-lhe, caro doutor, que me diga que pode estar enganado!

- Sem dúvida que posso, mas...

- Mas?...

- Mas não creio.

- Doutor, tenha compaixão de mim. Há alguns dias acontecem-me tantas

coisas inauditas que creio na possibilidade de enlouquecer.

- Mais alguém além de mim viu a Sra de Saint-Méran?

- Ninguém.

- Mandaram aviar à farmácia alguma receita que me não tenham mostrado?

- Nenhuma.

- A Sra de Saint-Méran tinha inimigos?

- Nunca os conheci.

- Alguém tinha interesse na sua morte?

- Não, meu Deus, não! A minha filha é a sua única herdeira. Valentine sozinha... Oh, se semelhante pensamento me assaltasse me apunhalaria para castigar o meu coração por ter sido capaz de abrigar um só instante tal pensamento!

- Deus não permita, caro amigo - perguntou o Sr. de Avrigny --, que não tenha de acusar alguém! Refiro-me apenas a um acidente, compreende? A um erro. Mas acidente ou erro, o fato aí está a falar em voz baixa à minha consciência e a exigir que a minha consciência lhe fale em voz alta. Informe-se.

- Com quem? Como? De quê?

- Vejamos: Barrois, o criado velho, não teria se enganado e dado à Sra de Saint-Méran alguma poção preparada para o seu amo?

- Para o meu pai?

- Sim.

- Mas como poderia uma poção preparada para o Sr. Noirtier envenenar a Sra de Saint-Méran? : ,

- Nada mais simples: como sabe, em certas doenças os venenos atuam como um remédio. A paralisia é uma dessas doenças. Há cerca de três meses, depois de ter empregado tudo para restituir o movimento e a palavra ao Sr. Noirtier, decidi tentar um último meio; há três meses, repito, que o trato com brucina. Assim, na última poção que lhe receitei entravam seis centigramas de brucina; seis centigramas sem ação sobre os
órgãos paralisados do Sr. Noirtier, e aos quais aliás ele se acostumou por meio de doses sucessivas, seis centigramas bastam para matar qualquer outra pessoa que não seja ele.

- Meu caro doutor, não há nenhuma comunicação entre os aposentos do Sr. Noirtier e os da Sra de Saint-Méran, e nunca Barrois entraria no quarto da minha sogra. Enfim, doutor, permita-me que lhe diga que, embora o considere o homem mais competente e sobretudo mais consciencioso do mundo, embora em todas as circunstâncias a sua palavra seja para mim, uma luz que me guia, à semelhança da luz do Sol, pois bem, doutor, pois bem... apesar dessa convicção, necessito de me apoiar neste axioma: errare humanum est.

- Escute, Villefort - replicou o médico --, existe algum colega meu em quem tenha tanta confiança como em mim?

-Porque pergunta isso? Aonde quer chegar?

- Chame-o, e lhe direi o que vi, o que notei, e faremos a autópsia.

- E encontrarão vestígios do veneno?

- Não, do veneno, não; não disse isso. Mas verificaremos a irritação do sistema nervoso, reconheceremos a asfixia patente, incontestável, e lhe diremos: “Caro Villefort, se foi por negligência que o caso aconteceu, vigie os seus criados;

se foi por ódio, vigie os seus inimigos."

- Oh, meu Deus, que está propondo, Avrigny?! - respondeu Villefort, abatido. - A partir do momento em que haja outro, além do senhor, metido no segredo, me imporá proceder a um inquérito, e um inquérito em minha casa é impossível! No entanto - prosseguiu o procurador régio, contendo-se e olhando o médico com inquietação --, no entanto, se quer, se o exige absolutamente, eu o farei. Com efeito, talvez deva dar seguimento ao caso... O meu cargo impõe-me. Mas, doutor, semelhante idéia aflige-me e entristece-me antecipadamente, como vê: introduzir na minha casa tanto escândalo depois de tanta dor... Oh, a minha mulher e a minha filha morreriam! E eu, eu, doutor, o senhor bem sabe que um homem não chega aonde
eu cheguei, um homem não é procurador régio durante vinte e cinco anos sem ter arranjado bom número de inimigos. Os meus são numerosos. Este caso, uma vez divulgado, será para eles um triunfo que os fará pular de alegria e a mim me cobrir de vergonha. Doutor, desculpe-me estas idéias mundanas. Se o senhor fosse um padre, não ousaria dizer-lhe isto; mas o senhor é um homem e conhece os outros homens. Doutor, doutor,
o senhor não me disse nada, não é verdade?

- Meu caro Sr. de Villefort - respondeu o médico, abalado --, o meu primeiro dever é a humanidade. Teria salvado a Sra de Saint-Méran se a ciência a pudesse salvar, mas ela está morta e eu devo-me aos vivos. Sepultemos no mais profundo dos nossos corações esse terrível segredo. Se os olhos de alguém
se abrirem a tal respeito, permitirei que se impute à minha ignorância o silêncio que guardarei. Entretanto, senhor, continue a procurar, procure ativamente, pois talvez as coisas não fiquem por ai... E quando descobrir o culpado, se o descobrir, serei eu que lhe direi: “O senhor é um magistrado, faça o que quiser."

- Oh, obrigado, obrigado, doutor! - exclamou Villefort, com indizível alegria. - Nunca tive melhor amigo do que o senhor.

E como se temesse que o Sr. de Avrigny voltasse com a palavra atrás, levantou-se e arrastou o médico para os lados da casa.

Afastaram-se.

Morrel, como se tivesse necessidade de respirar, deitou a cabeça tora do arvoredo e a Lua iluminou-lhe o rosto tão pálido que o poderiam tomar por um fantasma.

- Deus protege-me de uma evidente mas terrível forma - murmurou. - Mas Valentine, Valentine, pobre amiga, resistirá ela a tanto sofrimento?

A medida que proferia estas palavras, olhava alternadamente as janelas dos cortinados vermelhos e as três janelas de cortinados brancos.

A luz desaparecera quase completamente da janela dos cortinados vermelhos. Sem dúvida a Sra de Villefort acabava de apagar o candeeiro e a lamparina mal se refletia nos vidros.

Na extremidade do edifício, pelo contrário, viu abrir uma das três janelas de cortinados brancos. Uma vela colocada na chaminé projectou no exterior alguns raios da sua luz pálida e uma sombra veio por instantes à varanda. Morrel estremeceu; parecia-lhe ter ouvido um soluço.

Não era de admirar que aquela alma, habitualmente tão corajosa e tão forte, mas agora perturbada e exaltada pelas duas mais fortes paixões humanas, o

amor e o medo, tivesse enfraquecido ao ponto de sofrer alucinações supersticiosas.

Embora fosse impossível, oculto como estava, que o olhar de Valentine o distinguisse, julgou ser chamado pela sombra da janela; o seu espírito perturbado dizia-lho e o seu coração ardente repetia-lho. Este duplo erro transformou-se numa realidade irresistível e, por um desses incompreensíveis impulsos da juventude, Morrel saltou para fora do seu esconderijo e em duas passadas, com risco de ser visto, de
assustar Valentine e de esta dar o alarme por meio de algum grito involuntário, transpôs o jardim, que o luar tornava amplo e branco como um lago, e, depois de alcançar o renque de laranjeiras que se estendia diante da casa, atingiu os degraus da escadaria, que subiu rapidamente, e empurrou a porta, que se abriu sem resistência diante dele.

Valentine não o vira. Os seus olhos erguidos para o céu seguiam uma nuvem prateada que deslizava no azul e cuja forma era a de um fantasma a subir ao céu. O seu espírito exaltado segredava-lhe que era a alma da avó.

Entretanto, Morrel atravessara a antecâmara e encontrara o corrimão da escada. A passadeira que cobria os degraus abafava-lhe os passos. Aliás, Morrel chegara a tal ponto de exaltação que nem a presença do próprio Villefort o teria assustado. Se Villefort lhe aparecesse, a sua resolução estava tomada: se aproximaria dele, lhe confessaria tudo e lhe pediria desculpa e que aprovasse aquele amor que o ligava
à filha e a filha a ele. Morrel estava louco.

Por sorte, não encontrou ninguém.

E foi então que o conhecimento que adquirira através de Valentine da planta interior da casa lhe serviu. Chegou sem novidade ao cimo da escada, e como, uma vez lá, procurasse orientar-se, um soluço que reconheceu indicou-lhe o caminho que devia seguir. Virou-se. Uma porta entreaberta deixava chegar até ele o reflexo de uma luz e o som da voz que gemia. Empurrou essa porta e entrou.

Ao fundo de uma alcova, debaixo do lençol branco que lhe cobria a cabeça e lhe desenhava a forma, jazia a morta, mais assustadora ainda aos olhos de Morrel depois da revelação do segredo de que o acaso o tornara possuidor.

Ao lado da cama, de joelhos, com a cabeça escondida nas almofadas de uma grande poltrona, Valentine, trêmula e agitada pelos soluços, estendia por cima da cabeça, que se não via, as mãos juntas e hirtas.

Deixara a janela, que ficara aberta, e rezava em voz alta num tom que comoveria o coração mais insensível. As palavras safam-lhe dos lábios, rápidas, incoerentes, ininteligíveis, de tal forma a dor lhe apertava a garganta com os seus tentáculos ardentes.

O luar, insinuando-se através da abertura das persianas, tornava mais pálida a luz da vela e cobria de tons fúnebres aquele quadro desolador.

Morrel não pode resistir àquele espetáculo. Não era de uma devoção exemplar nem era fácil de impressionar, mas Valentine a sofrer, a chorar, a torcer os braços na sua presença, era mais do que podia suportar em silêncio. Soltou um suspiro, murmurou um nome e a cabeça imersa em lágrimas e contrastante
com o veludo da poltrona, uma cabeça de Madalena, de Correggio, ergueu-se e ficou virada para ele.

Valentine viu-o e não demonstrou qualquer surpresa. Não existem emoções intermédias num coração ocupado por um desespero supremo. Morrel estendeu a mão à amiga. Como única desculpa de não ter
ido ao seu encontro, Valentine indicou-lhe o cadáver jacente sob o lençol fúnebre e recomeçou a soluçar.

Nem um nem outro ousava falar naquele quarto. Ambos hesitavam em quebrar aquele silêncio que parecia imposto pela Morte, de pé em qualquer canto e com o dedo nos lábios. Por fim, Valentine foi a primeira a aventurar-se.

- Amigo, como está aqui? - perguntou. - Diria “seja bem-vindo", se não fosse a Morte quem lhe abriu a porta desta casa.

- Valentine - disse Morrel com voz trêmula e de mãos juntas --, esperei-a desde as oito e meia. Como a não visse vir, inquietei-me, saltei o muro e penetrei no jardim. Então, vozes que falavam do fatal acidente...

- Que vozes? - perguntou Valentine.

Morrel estremeceu, pois toda a conversa do médico e do Sr. de Villefort lhe acudiu ao espírito, e através do lençol julgava ver os braços contorcidos, o pescoço rígido e os lábios roxos da morta.

- Vozes dos seus criados revelaram-me tudo.

- Mas vir aqui equivale a perder-nos, meu amigo - observou Valentine, sem terror e sem cólera.

- Perdoe-me - respondeu Morrel, no mesmo tom. - Vou-me retirar.

- Não - perguntou Valentine. - O encontrariam. Fique.

- Mas se vem alguém?

A jovem abanou a cabeça.

- Não virá ninguém, esteja descansado - disse. - está ali a nossa proteção.

E indicou o cadáver moldado pelo lençol.

- Mas que foi leito do Sr. de Epinay? Diga-me, suplico-lhe - pediu Morrel.

- O Sr. Franz chegou para assinar o contrato no momento em que a minha boa avó exalava o último suspiro.

- Graças a Deus! - exclamou Morrel, com uma sensação de alegria egoísta, pois pensava para consigo mesmo que aquela morte retardaria indefinidamente o casamento de Valentine.

- Mas o que redobra a minha dor - continuou a jovem, como se tal sensação devesse receber imediatamente castigo - é que a pobre e querida avó ordenou, ao morrer, que se efetuasse o casamento o mais cedo possível. Também ela, meu Deus! Julgando proteger-me, também ela agia contra mim.

- Escute! -- sussurrou Morrel.

Os dois jovens ficaram silenciosos. Ouviu-se abrir uma porta e passos fazerem estalar o parqué do
corredor e os degraus da escada.

- É o meu pai que sai do seu gabinete - disse Valentine.

- E acompanha o médico - acrescentou Morrel.

- Como sabe que é o médico? - perguntou Valentine, surpreendida.

- Presumo - respondeu Morrel.

Valentine olhou o rapaz. Entretanto, ouviu-se fechar a porta da rua. O Sr. de Villefort foi ainda dar outra volta à chave da do jardim e em seguida voltou a subir a escada.

Chegado à antecâmara, parou um instante, como se hesitasse se devia entrar no seu quarto ou no quarto da Sra de Saint-Méran. Morrel correu para trás de um reposteiro. Valentine não fez um gesto; diria que uma dor suprema a colocava acima dos temores vulgares.

O Sr. de Villefort entrou no seu quarto.

- Agora - disse Valentine - o senhor não pode sair nem pela porta do jardim, nem pela da rua.

Morrel olhou a jovem atônito.

- Agora - continuou ela - só há uma saída possível e segura: a dos aposentos do meu avô.

Levantou-se.

- Venha - disse.

- Aonde? - perguntou Maximilien.

- Aos aposentos do meu avô.

- Eu, aos aposentos do Sr. Noirtier?!

- Sim.

- Já pensou no que vai fazer, Valentine?

- Já e há muito tempo. Só tenho esse amigo no mundo e ambos precisamos dele... Venha.

- Cautela, Valentine - aconselhou Morrel, hesitando em fazer o que a jovem lhe ordenava. - Cautela! A venda caiu-me dos olhos e vindo aqui pratiquei um ato de demência. Está bem certa do que vai fazer, querida amiga?

- Estou - respondeu Valentine - e só tenho um escrúpulo no mundo: deixar sós os restos mortais da minha pobre avó, que me encarreguei de velar.

- Valentine, a morte é sagrada por si mesma - observou Morrel.

- Pois é - concordou a jovem. - De resto, a ausência será curta. Venha.

Valentine atravessou o corredor e desceu uma escadinha que levava aos aposentos de Noirtier. Morrel seguiu-a em bicos de pés. Chegados ao patamar dos aposentos, encontraram o velho criado.

- Barrois, feche a porta e não deixe entrar ninguém - ordenou-lhe Valentine.

Foi a primeira a entrar

Noirtier, ainda na sua poltrona, atento ao mais pequeno ruído, informado pelo seu velho criado de tudo o que se passava, olhava ansiosamente para a entrada do quarto. Viu Valentine e os seus olhos brilharam.

Havia no andar e na atitude da jovem algo de grave e solene que impressionou o velho. Por isso, de brilhantes que estavam os seus olhos, tornaram-se interrogadores.

- Querido avô - disse ela em tom breve -- escuta-me bem. Sabes que a avozinha Saint-Méran morreu há uma hora e que, excetuando você, agora não tenho mais ninguém que me ame no mundo?

Uma expressão de infinita ternura passou pelos olhos do velho.

- Portanto, só a você, não é verdade, posso confiar os meus desgostos e as minhas esperanças?

O paralítico fez sinal que sim

Valentine tomou Maximilien pela mão.

- Então, olha bem para este senhor.

O velho pousou os olhos perscrutadores e levemente atônitos em Morrel.

- É o senhor Maximilien Morrel - continuou Valentine --, o filho daquele honesto comerciante de Marselha de quem sem dúvida ouviste falar...

- Sim - indicou o velho.

- É um nome irrepreensível, que Maximilien está em vias de tornar glorioso, porque aos trinta anos é capitão de sipaios e oficial da Legião de Honra.

O velho fez sinal de que se lembrava dele.

- Pois bem, avozinho - disse Valentine, ajoelhando diante do velho e indicando Maximilien com a mão --, amo-o e só serei dele! Se me obrigarem a casar com outro, me deixarei morrer ou me matarei.

Os olhos do paralítico exprimiam um mundo de pensamentos tumultuosos.

- Você gosta do Sr. Maximilien Morrel,. não é verdade, avozinho? - perguntou a jovem.

- Gosto - indicou o velho, imóvel.

- E pode proteger-nos, visto sermos também seus filhos, da vontade do meu pai?

Noirtier pousou o seu olhar inteligente em Morrel, como que para lhe dizer: “é conforme..."

Maximilien compreendeu.

- Valentine - disse --, tem um dever sagrado a cumprir no quarto da sua avó; quer dar-me a honra de permitir que converse um instante com o Sr. Noirtier?

- Sim, sim, é isso - indicou o olhar do velho.

Depois fitou Valentine com inquietação.

- Como conseguirá compreender-te, não é o que queres dizer, querido avô?

- É.

- Oh, esteja descansado! Temos falado tantas vezes de ti que ele sabe bem como te falo.

Depois, virando-se para Maximilien com um sorriso adorável, apesar de velado por profunda tristeza, disse:

- Ele sabe tudo o que eu sei.

Valentine levantou-se, aproximou uma cadeira para Morrel recomendou a Barrois que não deixasse entrar ninguém e, depois de beijar ternamente o avô e de se despedir tristemente de Morrel, saiu.

Então Morrel, para provar a Noirtier que tinha a confiança de Valentine e conhecia todos os seus segredos, pegou no dicionário, na pena e no papel e colocou tudo em cima de uma mesa onde havia um candeeiro.

- Mas primeiro - disse - permita-me, senhor, que lhe diga quem sou, como amo Mademoiselle Valentine e quais são as minhas intenções a seu respeito.

- Escuto-o - deu a entender Noirtier.

Constituía um espetáculo deveras impressionante ver como aquele velho, aparentemente um fardo inútil, se tornara o único protetor, o único apoio, o único juiz de dois apaixonados jovens, belos, fortes e no começo da vida. O seu rosto, de uma nobreza e de uma austeridade notáveis, impunha-se a Morrel, que começou a falar com voz incerta.

Contou então como conhecera e amara Valentine, e como Valentine, no seu isolamento e na sua infelicidade, acolhera a oferta da sua dedicação. Revelou-lhe quais eram o seu nascimento, a sua posição e a sua fortuna, e por mais de uma vez, quando interrogou com a vista o paralítico, ele lhe respondeu

também com a vista:

- Está bem, continue.

- Agora - disse Morrel quando concluiu a primeira parte da sua narrativa --, agora que já lhe revelei, senhor, o meu amor e as minhas esperanças, devo revelar-lhe também os nossos projetos?

- Deve - respondeu o velho.

- Muito bem. Eis o que tínhamos resolvido.

E contou tudo a Noirtier: como um cabriolé os esperava no cercado, como contava raptar Valentine, levá-la para casa da irmã e casar com ela e como, depois, estavam dispostos a esperar, numa respeitosa expectativa, o perdão do Sr. de Villefort.

- Não - disse o Sr. Noirtier.

- Não? - repetiu Morrel. - Não é assim que devemos proceder?

- Não.

- Quer dizer que este projeto não tem o seu assentimento?

- Não.

- Nesse caso, há outro meio - respondeu Morrel.

O olhar interrogador do velho perguntou:

- Qual?

- Irei - continuou Maximilien --, irei procurar o Sr. Franz de Epinay (ainda bem que lhe posso dizer isto na ausência de Mademoiselle de Villefort) e me comportarei com ele de maneira a obrigá-lo a ser um homem galante...

O olhar de Noirtier continuou a interrogar.

- Que farei?

- Sim.

- Isto: irei procurá-lo, como lhe dizia, lhe revelarei os laços que me ligam a Mademoiselle de Villefort, e se ele for um homem delicado provará a sua delicadeza renunciando espontaneamente à mão da sua noiva. A partir desse momento, lhe serei dedicado até à morte. Mas se recusar, quer por interesse, quer por um orgulho ridículo o levar a persistir, depois de lhe provar que com a sua atitude coagiria uma mulher que me pertence, que Valentine me ama e não pode amar outro além de mim, me baterei com ele dando-lhe todas as vantagens, e o matarei ou ele me matará. Se o matar, não casará com Valentine; se me matar, estou certo de que Valentine não casará com ele.

Noirtier observava com indizível prazer aquela nobre e sincera fisionomia em que se espelhavam todos os sentimentos que a boca exprimia, acrescentando-lhos, através da expressão de um belo rosto, tudo o que a cor acrescenta a um desenho vigoroso e real.

No entanto, quando Morrel acabou de falar, Noirtier fechou os olhos diversas vezes, o que era, como se sabe, a sua maneira de dizer não.

- Não? - repetiu Morrel. - Portanto, o senhor desaprova o segundo projeto, como já desaprovou o primeiro?

- Sim, desaprovo-o - respondeu o velho.

- Que fazer então, senhor? - perguntou Morrel. - As últimas palavras da Sra de Saint-Méran foram que o casamento da neta se não fizesse esperar. Deverei deixar que os acontecimentos se consumam?

Noirtier ficou imóvel.

- Sim, compreendo - disse Morrel. - Devo esperar.

- Sim.

- Mas qualquer atraso nos perderá senhor - observou o rapaz. - Sozinha, Valentine não tem força e a coagirão como a uma criança. Entrado aqui milagrosamente para saber o que se passava e não menos milagrosamente na sua presença, não posso razoavelmente esperar que a sorte me continue a bafejar.

Acredite, só é possível optar por um ou por outro dos dois partidos que lhe indiquei, desculpe esta vaidade à minha juventude, para chegarmos a uma solução. Diga-me qual dos dois prefere. Autoriza Mademoiselle Valentine a confiar-se à minha honra?

- Não.

- Prefere que vá procurar o Sr. de Epinay?

- Não.

- Mas, meu Deus, de quem nos virá o socorro que esperamos, do Céu?

O velho sorriu com os olhos, como tinha o hábito de sorrir quando lhe falavam do Céu. Ficara sempre um bocadinho de ateísmo nas idéias do velho jacobino.

- Do acaso? - insistiu Morrel.

- Não.

- Do senhor?

- Sim.

- Do senhor?...

- Sim - repetiu o velho.

- Compreende bem o que lhe peço, senhor? Desculpe a minha insistência, porque a minha vida está na sua resposta: a nossa salvação virá do senhor?

- Sim.

- Tem certeza?

- Tenho.

- Assume essa responsabilidade?

- Assumo.

E havia no olhar que fazia esta afirmação tal firmeza que não era possível duvidar quer da sua vontade, quer da sua força.

- Oh, obrigado, senhor, obrigado cem vezes! Mas como, a não ser que um milagre do Senhor lhe restitua a palavra, o gesto, o movimento, como poderá, preso a essa poltrona, mudo e imóvel, como poderá opor-se ao casamento?

Um sorriso iluminou o rosto do velho, sorriso estranho como o daqueles olhos numa fisionomia imóvel.

- Portanto, devo esperar? - perguntou o rapaz.

- Deve.

- Mas o contrato?

Reapareceu o mesmo sorriso.

- Quer dizer que não ser assinado?

- Quero - respondeu Noirtier.

- Assim, o contrato não será mesmo assinado! - exclamou Morrel. - Oh, desculpe, senhor! Quando nos anunciam uma grande felicidade, é legítimo duvidar. O contrato não será assinado?...

- Não - respondeu o paralítico.

Apesar desta segurança, Morrel hesitava em acreditar. Aquela promessa de um velho impotente era tão estranha que em vez de provir de uma força de vontade podia emanar de um enfraquecimento de órgãos. Não é natural que o insensato que ignora a sua loucura pretenda realizar coisas superiores às suas forças?

O fraco fala dos pesos que levanta, o tímido, dos gigantes que enfrenta, o pobre dos tesouros que maneja, o mais humilde camponês, no cúmulo do seu orgulho, julga-se Júpiter.

Quer porque Noirtier tivesse adivinhado a indecisão do rapaz, quer porque não confiasse completamente na docilidade que mostrara, olhou-o fixamente.

- Que deseja, senhor? - perguntou Morrel. - Que lhe renove a minha promessa de nada fazer?

O olhar de Noirtier permaneceu fixo e firme, como se quisesse dizer que lhe não bastava uma promessa. Depois passou do rosto para a mão.

- Quer que jure, senhor? - perguntou Maximilien.

- Quero - respondeu o paralítico com a mesma solenidade. - Quero.

Morrel compreendeu que o velho atribuía grande importância ao juramento. Estendeu a mão.

- Juro-lhe pela minha honra - disse - esperar o que decidir para agir contra o Sr. de Epinay.

- Bem - disseram os olhos do velho.

- Agora, senhor, quer que me retire? - perguntou Morrel.

- Quero.

- Sem tornar a ver Mademoiselle Valentine?

- Sim.

Morrel fez sinal de que estava pronto a obedecer.

- Agora - prosseguiu - permite-me, senhor, que o seu neto o beije como beijou há pouco a sua neta?

Não havia motivo para se enganar com a expressão dos olhos de Noirtier.

O rapaz pousou os lábios na testa do velho, no mesmo lugar onde Valentine pousara os dela.

Depois, cumprimentou segunda vez o velho e saiu.

Encontrou no patamar o velho criado. Prevenido por Valentine, este esperava Morrel e guiou-o através dos meandros de um corredor escuro que levava a uma portinha que dava para o jardim.

Chegado aí, Morrel alcançou o portão através da alameda de bordos e chegou num instante ao alto do muro. Depois, pela escada, apenas num segundo, alcançou o campo de luzerna onde o cabriolé o esperava.

Subiu para a carruagem e, cansado de tantas emoções, mas com o coração mais liberto, chegou por volta da meia-noite à Rua Meslay, atirou-se para cima da cama e dormiu como se estivesse mergulhado em profunda embriaguez.

capítulo LXXIV

O jazigo da família Villefort

Dois dias mais tarde, por volta das dez horas da manhã, encontrava-se reunida uma multidão considerável à porta do Sr. de Villefort, para ver passar uma longa fila de carros fúnebres e carruagens particulares ao longo do Arrabalde de Saint-Honoré e da Rua da Pépiniere.

Entre essas carruagens havia uma de forma singular e que parecia ter feito longa viagem. Era uma espécie de furgão pintado de preto e fora dos primeiros a comparecer ao fúnebre encontro. Os curiosos tinham-se informado e haviam sabido que, devido a uma coincidência estranha, aquele carro encerrava o corpo do Sr. Marquês de Saint-Méran e que, portanto, aqueles que tinham vindo para acompanhar um só cadáver acompanhariam dois.

Preveniram-se imediatamente as autoridades e conseguiu-se que os dois funerais se realizassem ao mesmo tempo. Uma segunda viatura adornada com a mesma pompa funerária da primeira foi trazida para diante da porta do Sr. de Villefort e a urna transportada no furgão de posta transferida para a carruagem fúnebre.

Os dois corpos deviam ser inumados no Cemitério do Pére-Lachaise, onde havia muito tempo o Sr. de Villefort mandara erguer o jazigo destinado a sepultar toda a sua família. No jazigo fora já depositado o corpo da pobre Renée, a quem o pai e mãe se vinham juntar depois de dez anos de separação.

Paris, sempre curioso, sempre comovido com as pompas fúnebres, viu passar em religioso silêncio o cortejo esplêndido que acompanhava à sua última morada dois dos mais célebres nomes da velha aristocracia, pelo seu espírito tradicional, pela firmeza das suas convicções e pela dedicação obstinada aos príncipes.

Beauchamp, Albert e Château-Renaud, que seguiam na mesma carruagem, trocavam impressões acerca daquela morte quase súbita.

- Vi a Sra de Saint-Méran ainda o ano passado, em Marselha, no meu regresso da Argélia - dizia Château-Renaud. - Parecia uma mulher destinada a viver cem anos, graças à sua perteita saúde, ao seu espírito sempre atento e à sua atividade sempre prodigiosa. Que idade tinha ela?

- Sessenta e seis - respondeu Albert. - Pelo menos foi o que Franz me disse. Mas não foi a idade que a matou, foi o desgosto que lhe causou a morte do marquês. Parece que depois dessa morte, que a abalou violentamente, ela nunca mais recuperou por completo a razão.

- Mas enfim, de que morreu? - perguntou Beauchamp.

- De uma congestão cerebral, parece, ou de uma apoplexia fulminante. Não é a mesma coisa?

- Mais ou menos.

- De apoplexia? - repetiu Beauchamp. - É difícil de acreditar. A Sra de Saint-Méran, que também vi uma vez ou duas na minha vida, era baixinha, frágil e de constituição muito mais nervosa do que sanguínea. São raras as apoplexias produzidas pelo desgosto em corpos de constituição idêntica ao da Sra de Saint-Méran.

- Em todo o caso - observou Albert --, qualquer que tenha sido a doença ou

o médico que a matou, aí estão o Sr. de Villefort, ou Mademoiselle Valentine, ou ainda o nosso amigo Franz, de posse de uma magnífica herança: oitenta mil libras de rendimento, parece-me.

- Herança que quase duplicar por morte do velho jacobino Noirtier.

- Aí está um avô resistente - observou Beauchamp. - Tenacem propositi virum. Apostou com a morte, creio, que enterraria todos os seus herdeiros. E o conseguirá , estou certo. É bem o velho convencional de 93 que dizia a Napoleão em 1814: “Declinais porque o vosso império é um jovem caule cansado pelo seu crescimento. Tomais a República como tutor, regressemos com uma boa constituição aos campos de batalha e prometo-vos quinhentos mil soldados, outro Marengo e segundo Austerlitz. As idéias não morrem, sire, dormitam às vezes, mas acordam mais fortes do que antes de adormecer."

- Parece que para ele os homens são como as idéias - disse Albert. - Apenas uma coisa me preocupa: saber como Franz de Epinay se entenderá com o avô da sua futura mulher, visto o velho não poder passar sem ela. Mas onde está Franz?

- Na primeira carruagem, com o Sr. de Villefort, que o considera já como se fosse da família.

Em todas as carruagens que acompanhavam o funeral a conversa era pouco mais ou menos a mesma. As pessoas admiravam-se com aquelas duas mortes tão próximas e tão rápidas, mas nenhuma suspeitava do terrível segredo que no seu passeio noturno o Sr. de Avrigny revelara ao Sr. de Villefort.

Ao fim de cerca de uma hora de marcha, o préstito chegou à porta do cemitério. O tempo estava calmo, mas sombrio, portanto muito de harmonia com a fúnebre cerimônia que estava se realizando. Entre os grupos que se dirigiram para o jazigo de família, Château-Renaud reconheceu Morrel, que viera sozinho e de cabriolé. Caminhava isolado, muito pálido e silencioso, pelo carreiro orlado de teixos.

-- Você aqui? - perguntou Château-Renaud, passando o braço pelo do jovem capitão. - Quer dizer que conhece o Sr. de Villefort? Como isso é possível se nunca o vi na casa dele?

- Não conheço, o Sr. de Villefort - respondeu Morrel. - Quem eu conhecia era a Sra de Saint-Méran.

Neste momento, Albert juntou-se-lhes com Franz.

- O lugar é mal escolhido para uma apresentação - disse Albert. - Mas não importa, não somos supersticiosos. Sr. Morrel, permita que lhe apresente o Sr. Franz de Epinay, um excelente companheiro de viagem, com o qual percorri a Itália. Meu caro Franz, o Sr. Maximilien Morrel, um excelente amigo que adquiri na sua ausência e cujo nome me ouvirá citar todas as vezes que falar de coração, de espírito e de amabilidade.

Morrel teve um momento de indecisão e perguntou a si mesmo se não seria uma condenável hipocrisia saudar quase amigavelmente o homem que combatia em segredo. Mas o seu juramento e a gravidade das circunstâncias vieram-lhe à memória. Esforçou-se por não deixar transparecer nada no rosto, conteve-se e cumprimentou Franz.

- Mademoiselle de Villefort está muito triste, não é verdade? - perguntou Debray a Franz.

- Oh, de uma tristeza inexplicável, senhor! - respondeu Franz.

- Esta manhã estava tão desfigurada que mal a reconheci.

Estas palavras aparentemente tão simples feriram o coração de Morrel. Aquele homem vira Valentine e falara-lhe...

Foi então que o jovem e impetuoso oficial necessitou de toda a sua energia para resistir ao desejo de violar o seu juramento. Pegou no braço de Château-Renaud e arrastou-o rapidamente para o jazigo, diante do qual os empregados da agência funer ria acabavam de depositar as duas urnas.

- Magnífica habitação - comentou Beauchamp, admirando o mausoléu. - palácio de Verão e palácio de Inverno. Nele residirá um dia, meu caro Epinay, porque em breve também será da família. Eu, na minha qualidade de filósofo prefiro uma casinha de campo, um chalé à sombra das árvores, e menos pedras trabalhadas sobre o meu pobre corpo. Quando morrer, direi aos que me rodearem o que Voltaire escrevia a Piron: E o rus e tudo estará acabado... Vamos, caramba! Franz, coragem, a sua mulher herda.

- Na verdade, Beauchamp, você é insuportável - perguntou Franz. - A política habituou-o a rir de tudo e os homens que a dirigem têm o hábito de não acreditar em nada. Mas enfim, Beauchamp, quando tenha a honra de se encontrar entre homens vulgares e a sorte de se afastar por instantes da política, procure trazer consigo o coração em vez de o deixar no bengaleiro da Câmara dos Deputados ou da Câmara dos Pares.

- Mas, meu Deus, que é a vida? - perguntou Beauchamp. - Uma paragem na antecâmara da morte.

- Não estou gostando nada da conversa de Beauchamp - disse Albert.

E recuou quatro passos com Franz, deixando Beauchamp continuar as suas dissertações filosóficas com Debray.

O jazigo da família Villefort formava um quadrado de pedra branca de cerca de vinte pés de altura. Uma separação interior dividia em dois compartimentos a família Saint-Méran e a família Villefort, e cada compartimento tinha a sua porta de entrada.

Não se via, como nos outros jazigos, essas ignóbeis prateleiras sobrepostas, em que uma distribuição econômica encerra os mortos com uma inscrição que mais parece uma etiqueta. Tudo o que de início se via através da porta de bronze era uma antecâmara severa e escura, separada por uma parede do túmulo propriamente dito.

Era no meio dessa parede que se abriam as duas portas de que falamos há pouco e que comunicavam com as sepulturas Villefort e Saint-Méran.

Ali podia-se dar livre curso à dor sem que os passeantes despreocupados, que fazem de uma visita ao Pere-Lachaise um passeio ao campo ou um encontro amoroso, perturbassem com os seus cantos, os seus gritos ou as suas correrias a muda contemplação ou a prece banhada de lágrimas do visitante do jazigo.

As duas urnas entraram no jazigo da direita, o da família Saint-Méran, e foram colocadas em cima de cavaletes já preparados antecipadamente e que só esperavam o seu depósito mortal. Villefort, Franz e mais alguns parentes próximos penetraram sozinhos no santuário.

Como as cerimônias religiosas tinham sido efetuadas à porta e não havia discursos a pronunciar, os acompanhantes retiraram-se imediatamente. Château-

Renaud, Albert e Morrel foram por um lado e Debray e Beauchamp por outro.

Franz ficou sozinho com o Sr. de Villefort à porta do cemitério. Morrel deteve-se sob qualquer pretexto. Viu sair Franz e o Sr. de Villefort numa carruagem e teve um mau presságio daquela conversa íntima. Por fim, regressou a Paris na mesma carruagem em que vinham Château-Renaud e Albert, mas não ouviu nem uma palavra do que disseram os dois rapazes. Com efeito, no momento em que Franz se ia separar do Sr. de
Villefort, este perguntara-lhe:

- Sr. Barão, quando o tornarei a ver?

- Quando quiser, senhor - respondera Franz.

- O mais cedo possível.

- Estou às suas ordens, senhor. Quer que regressemos juntos?

- Se isso lhe não causa nenhum transtorno...

- Nenhum.

Foi assim que o futuro sogro e o futuro genro subiram para a mesma carruagem e que Morrel, ao vê-los passar, concebeu com razão graves preocupações. Villefort, e Franz regressaram ao Arrabalde de Saint-Honoré.

Sem ver ninguém, nem falar à mulher e à filha, o procurador régio levou o jovem para o seu gabinete, indicou-lhe uma cadeira e disse-lhe:

- Senhor de Epinay, devo recordar-lhe, e o momento não é talvez tão mal escolhido como se poderá crer à primeira vista, porque a obediência aos mortos é a primeira oferenda que se deve depositar sobre o caixão, devo portanto lembrar-lhe o desejo manifestado anteontem pela Sra de Saint-Méran no seu leito de morte, isto é, que o casamento de Valentine não fosse adiado. Como sabe, os assuntos da defunta estão perfeitamente em ordem e o seu testamento assegura a Valentine toda a fortuna dos Saint-Mérans. O tabelião mostrou-me ontem as minutas que permitem redigir definitivamente o contrato de casamento. Pode procurar o tabelião e pedir-lhe da minha parte que lhe mostre as minutas. O tabelião é o Sr. Deschamps, Praça Beauvau é Arrabalde de Saint-Honoré.

- Senhor - respondeu Epinay --, este talvez não seja o momento indicado para Mademoiselle Valentine, mergulhada como está na sua dor, pensar num marido. Na verdade, recearia...

- Valentine - interrompeu-o o Sr. de Villefort - não terá mais vivo desejo do que cumprir as últimas vontades da avó. Portanto, os obstáculos não virão desse lado, garanto-lhe.

- Nesse caso, senhor - respondeu Franz --, como também não virão do meu, pode fazer o que entender. Dei a minha palavra e a cumprirei não só com prazer, mas também com felicidade.

- Nesse caso, nada nos detém - disse Villefort. - O contrato deveria ter sido assinado há três dias e portanto encontraremos tudo preparado. Podemos assiná-lo hoje mesmo.

- E o luto? - lembrou Franz, hesitante.

- Sossegue, senhor - prosseguiu Villefort. - Não é hábito em minha casa descuidar das conveniências. Mademoiselle de Villefort poderá retirar-se durante os três meses da praxe para a sua propriedade de Saint-Méran. Digo a sua propriedade, porque lhe pertence. Aí, dentro de oito dias, se achar bem, sem barulho, sem dar nas vistas, sem fausto, se celebrará o casamento naquela

propriedade. Concluído o casamento, o senhor poder regressar a Paris, enquanto a sua mulher passará o tempo de luto com a madrasta.

- Como lhe aprouver, senhor - disse Franz.

- Então, queira ter o incômodo de esperar cerca de meia hora - prosseguiu Villefort. - Valentine vai descer à sala. Mandarei buscar o Sr. Deschamps, leremos e assinaremos o contrato imediatamente e ainda esta tarde a Sra de Villefort, acompanhará Valentine à sua propriedade, onde daqui a oito dias iremos ter com elas.

- Tenho apenas um pedido a fazer-lhe, senhor - disse Franz.

- Qual?

- Desejo que Albert de Morcerf e Raoul de Château-Renaud estejam presentes a essa assinatura. Como sabe, são minhas testemunhas.

- Meia hora basta para os avisar. Quer ir buscá-los pessoalmente ou deseja mandar chamá-los?

- Prefiro ir, senhor.

- Esperarei portanto dentro de meia hora, barão, e dentro de meia hora também Valentine estará pronta.

Franz cumprimentou o Sr. de Villefort a saiu.

Assim que a porta da rua se fechou atrás do jovem, Villefort mandou prevenir Valentine de que deveria descer à sala dentro de meia hora, altura em que se esperava a chegada do tabelião e das testemunhas do Sr. de Epinay.

Esta notícia inesperada produziu grande sensação na casa. A Sra de Villefort, nem queria acreditar e Valentine ficou como que fulminada. Olhou à sua volta, como se procurasse a quem pedir socorro. Quis descer aos aposentos do avô, mas encontrou na escada o Sr. de Villefort, que a agarrou por um braço e a levou para a sala. Na antecâmara, Valentine encontrou Barrois e deitou ao velho criado um olhar desesperado.

Pouco depois de Valentine entrou na sala a Sra de Villefort com o pequeno Edouard. Era visível que a jovem senhora tivera o seu quinhão nos desgostos da família; estava pálida e parecia horrivelmente fatigada.

Sentou-se, pegou Edouard no colo e de vez em quando apertava-o ao peito, com gestos quase convulsos, aquela criança em que toda a sua vida parecia concentrada.

Não tardou a ouvir-se o ruído de duas carruagens que entravam no pátio. Uma era a do tabelião e a outra a de Franz e dos seus amigos. Num instante, todos se reuniram na sala.

Valentine estava tão pálida que se viam as veias azuladas das têmporas desenharem-se à roda dos olhos e correrem-lhe ao longo das faces.

Franz não conseguia disfarçar uma emoção bastante viva. Château-Renaud e Albert entreolharam-se surpreendidos: a cerimônia que pouco antes terminara não lhes parecera menos triste do que a que ia começar.

A. Sra de Villefort colocara-se na sombra, atrás do reposteiro de veludo, e como estava constantemente inclinada para o filho, era difícil ler no seu rosto o que lhe ia na alma.

O Sr. de Villefort estava, como sempre, impassível.

Depois de ter, com o método peculiar dos funcionários da justiça, alinhado os papéis em cima da mesa, tomado lugar na sua poltrona e tirado os óculos, o

tabelião virou-se para Franz.

- É o Sr. Franz de Quesnel, barão de Epinay? - perguntou, embora o soubesse perfeitamente.

- Sim, senhor - respondeu Franz.

O tabelião inclinou-se.

- Devo portanto preveni-lo, senhor, da parte do Sr. de Villefort, que o seu casamento com Mademoiselle de Villefort modificou as disposições do Sr. de Noirtier para com a neta e que ele alienou inteiramente a fortuna que lhe devia transmitir. Apressamo-nos a acrescentar - continuou o tabelião - que, como o testador não tinha o direito de alienar senão uma parte da sua fortuna e a alienou toda, o testamento não resistirá à sua contestação e será declarado nulo e sem nenhum efeito.

- É verdade - declarou Villefort. - No entanto, desde já o previno o Sr. de Epinay que enquanto eu for vivo nunca o testamento do meu pai será contestado, pois a minha posição proíbe-me até a sombra de um escândalo.

- Senhor - disse Franz --, penaliza-me que se tenha suscitado semelhante questão na presença de Mademoiselle Valentine. Nunca me informei do montante da sua fortuna, que, por mais reduzida que seja, será sempre mais considerável do que a minha. O que a minha família procurou na aliança com o Sr. de Villefort foi a consideração; o que eu procuro é a felicidade.

Valentine fez um imperceptível sinal de agradecimento, enquanto duas lágrimas silenciosas lhe corriam ao longo das faces.

- De resto, senhor - acrescentou Villefort, dirigindo-se ao seu futuro genro --, excetuando a perda de parte das suas esperanças, esse testamento inesperado não tem nada que pessoalmente o possa melindrar; ele explica-se pela fraqueza de espírito do Sr. Noirtier. O que desagrada a meu pai, não é que Mademoiselle de Villefort se torne baronesa de Epinay, é que Valentine se case. Uma união com qualquer outro lhe causaria o mesmo desgosto. A velhice é egoísta, senhor, e Mademoiselle de Villefort fazia ao Sr. de Noirtier uma assídua companhia que lhe não poderá fazer a Sra Baronesa de Epinay. O triste estado em que se encontra meu pai contribui para que raramente lhe falemos de assuntos sérios, que a fraqueza do seu espírito lhe não permitiria acompanhar, e estou absolutamente convencido de que neste momento, embora conservando a lembrança de que a neta se casa, o Sr. Noirtier até já esqueceu o nome daquele que vai ser seu neto.

Mal o Sr. de Villefort acabara de proferir estas palavras, às quais Franz respondia com uma inclinação, a porta da sala abriu-se e apareceu Barrois.

- Senhores - disse uma voz estranhamente firme, para um criado que se dirige a seus amos numa circunstância tão solene -, senhores, o Sr. Noirtier de Villefort deseja falar imediatamente com o Sr. Franz de Quesnel, barão de Epinay. Também ele, como o tabelião, e a fim de não poder haver erro de pessoa, dava todos os títulos ao noivo.

Villefort estremeceu, a Sra de Villefort deixou escorregar o filho do colo e Valentine ergueu-se, pálida e muda como uma estátua. Albert e Château-Renaud trocaram segundo olhar, mais atônito ainda do que o primeiro. O tabelião olhou para Villefort.

- É impossível - disse o procurador régio. - De resto, o Sr. de Epinay não pode sair da sala neste momento.

- É precisamente neste momento - perguntou Barrois com a mesma firmeza - que o Sr. Noirtier, meu amo, deseja falar de assuntos importantes com o Sr. Franz de Epinay.

- Então o avô Noirtier já fala? - perguntou Edouard, com a sua impertinência habitual.

Mas esta gracinha nem sequer fez sorrir a Sra de Villefort, de tal modo os espíritos se encontravam preocupados, de tal modo a situação parecia solene.

- Diga ao Sr. Noirtier - respondeu Villefort - que o seu pedido não pode ser satisfeito.

- Então, o Sr. Noirtier previne V. Ex ,as de que se vai fazer transportar ele próprio para a sala - replicou Barrois.

O espanto atingiu o cúmulo. Uma espécie de sorriso desenhou-se no rosto da Sra de Villefort, e Valentine, como que a seu pesar, levantou os olhos para o teto a fim de agradecer ao Céu.

- Valentine - disse o Sr. de Villefort --, vá num instante saber, peço-lhe, que novo capricho é esse do seu avô.

Valentine deu vivamente alguns passos para sair, mas o Sr. de Villefort mudou de idéia.

- Espere, acompanho-a.

- Perdão, senhor - interveio Franz --, mas parece-me, uma vez que foi a mim que o Sr. Noirtier mandou chamar, que é sobretudo a mim que compete satisfazer os seus desejos. Aliás, terei muito prazer em lhe apresentar os meus respeitos, visto não ter tido ainda ensejo de solicitar essa honra.

- Meu Deus, não vale a pena incomodar-se! - insistiu Villefort, visivelmente inquieto.

- Desculpe, senhor - perguntou Franz, no tom de um homem que tomou a sua resolução -, mas não desejo perder a oportunidade de provar ao Sr. Noirtier como faria mal em conceber contra mim repugnâncias que estou decidido a vencer, sejam quais forem, com a minha profunda dedicação.

E sem se deixar reter mais tempo por Villefort, Franz levantou-se por seu turno e seguiu Valentine, que já descia a escada com a alegria de um náufrago que se agarra a uma rocha. O Sr. de Villefort seguiu-os.

Château-Renaud e Morcerf trocaram terceiro olhar, ainda mais atônito do que os dois primeiros.

Capítulo LXXV

A ata da sessão

Noirtier esperava, vestido de preto e instalado na sua poltrona.

Quando as três pessoas cuja chegada esperava entraram, olhou para a porta, que o seu criado de quarto fechou imediatamente.

- Preste atenção - disse Villefort em voz baixa a Valentine, que não conseguia conter a sua alegria. - Se o Sr. Noirtier nos quiser comunicar coisas que impeçam o seu casamento, proíbo-a de o compreender.

Valentine corou, mas não respondeu. Villefort aproximou-se de Noirtier.

- Aqui tem o Sr. Franz de Epinay - disse-lhe. - Mandou-o chamar e ele satisfaz os seus desejos. Claro que desejamos este encontro há muito tempo o ficaria encantado se ele lhe provasse até que ponto a sua oposição ao casamento de Valentine era infundada.

Noirtier respondeu apenas com um olhar que fez correr um arrepio nas veias de Villefort. O velho fez com os olhos sinal a Valentine para se aproximar. Num momento, graças aos meios de que a jovem costumava servir-se nas suas conversas com o avô, ela encontrou a palavra chave.

Então, consultou o olhar do paralítico, que se fixou na gaveta de um movelzinho colocado entre duas janelas. Valentine abriu a gaveta e encontrou efetivamente uma chave.

De posse dessa chave e depois de o velho lhe fazer sinal de que era de fato aquilo que pretendia, os olhos do paralítico dirigiram-se para uma velha mesa esquecida havia muitos anos e que só continha, ao que se julgava, papéis inúteis.

- Quer que eu abra as gavetas?

- Quero.

- As dos lados?

- Não.

- A do meio?

- Sim

Valentine abriu-a e tirou um maço de papéis.

- É isto que deseja, avô?

- Não.

Ela tirou sucessivamente todos os outros papéis, até não ficar absolutamente mais nada na gaveta.

- Mas a gaveta está vazia, agora - disse Valentine.

Os olhos de Noirtier estavam fixos no dicionário.

- Sim, avô, compreendo-o - declarou a jovem.

E repetiu, uma após outra, cada letra do alfabeto. No S, Noirtier deteve-a.

Ela abriu o dicionário e folheou-o até à palavra segredo.

- Ah, existe um segredo! - exclamou Valentine.

- Existe - respondeu Noirtier.

- E quem conhece esse segredo?

Noirtier olhou a porta por onde saía o criado.

- Barrois? - perguntou ela.

- Sim - respondeu Noirtier.

- Quer que o chame?

- Quero.

Valentine foi à porta e chamou Barrois. Entretanto o suor da impaciência perlava a testa de Villefort
e Franz estava estupefato de surpresa. O velho criado entrou.

- Barrois - disse Valentine --, o meu avô mandou-me tirar uma chave daquele console, abrir esta mesa e puxar esta gaveta. Mas agora há um segredo na gaveta e parece que você o conhece. Abra-a.

Barrois olhou para o velho.

- Obedece - disse o olhar inteligente de Noirtier.

Barrois obedeceu. Abriu-se um fundo duplo e apareceu um maço de papéis atados com uma fita preta.

- É isto que deseja, senhor? - perguntou Barrois.

- É - respondeu Noirtier.

- A quem devo entregar estes papéis? Ao Sr. de Villefort?

- Não.

- A Mademoiselle Valentine?

- Não.

- Ao Sr. Franz de Epinay?

- Sim

Franz, atônito, deu um passo em frente.

- A mim, senhor? - perguntou.

- Sim.

Franz recebeu os papéis das mãos de Barrois, olhou para a capa e leu: “Para ser depositado, depois da minha morte, à guarda do meu amigo general Durand, que, por sua vez, ao morrer, legará este maço de papéis a seu filho, com a recomendação de o conservar como um documento da mais alta importância."

- Bom, senhor, que deseja que faça destes papéis? - perguntou Franz.

- Que os conserve, selados como estão, sem dúvida - sugeriu o procurador régio.

- Não, não! - respondeu vivamente Noirtier.

- Deseja talvez que este senhor os leia? - perguntou Valentine.

- Sim - respondeu o velho.

- Como viu, Sr. Barão, o meu avô pede-lhe que leia esses papéis - disse Valentine.

- Então, sentemo-nos - disse Villefort, com impaciência --, porque isso demorará algum tempo.

- Sentem-se - disse o olhar do velho.

Villefort sentou-se, mas Valentine ficou de pé ao lado do avô, encostada à sua poltrona, e Franz, de pé diante dele.

Segurava o misterioso documento na mão.

- Leia - disseram os olhos do velho.

Franz abriu o maço e fez-se um grande silêncio no quarto. No meio desse silêncio, leu: “Extrato da ata de uma sessão do clube bonapartista da Rua Saint-Jacques, efetuada em 5 de Fevereiro de 1815."

Franz deteve-se.

- 5 de Fevereiro de 1815! Foi o dia em que assassinaram o meu pai!

Valentine e Villefort permaneceram calados. Apenas o olhar do velho disse claramente:

- Continue.

- Mas foi ao sair desse clube que o meu pai desapareceu! - insistiu Franz.

O olhar de Noirtier continuou a dizer:

- Leia.

Franz prosseguiu:

- "Os abaixo assinados, Louis-Jacques Beaurepaire, tenente-coronel de artilharia; Etienne Duchampy, general de brigada, e Claude Lecharpal, diretor das Águas e Florestas,

"Declaram que em 4 de Fevereiro de 1815 chegou da ilha de Elba uma carta que recomendava à benevolência e à confiança dos membros do clube bonapartista o general Flavien de Quesnel que, tendo servido o imperador desde 1804 até 1815, deveria ser dedicadíssimo à dinastia napoleônica, apesar do título de barão que Luís XVIII acabava de atribuir à sua propriedade de Epinay.

"Nesta conformidade, dirigiu-se ao general de Quesnel um bilhete pedindo-lhe que assistisse à sessão do dia seguinte, 5. O bilhete não indicava nem a rua nem o número da casa onde se devia efetuar a reunião. Também não tinha nenhuma assinatura, mas anunciava ao general que se estivesse pronto o iriam buscar às nove horas da noite.

"As sessões realizavam-se das nove à meia-noite.

"Às nove horas o presidente do clube apresentou-se em casa do general. O general estava pronto. O presidente disse-lhe que uma das condições da sua admissão era que ignorasse eternamente o local da reunião e que deixasse vendarem-lhe os olhos, depois de jurar não levantar de modo algum a venda.

"O general de Quesnel aceitou a condição e prometeu pela sua honra não procurar ver aonde o conduziriam.

"O general mandara preparar a sua carruagem; mas o presidente disse-lhe que era impossível utilizarem-na, pois assim não valeria a pena vendar os olhos do amo se o cocheiro ficasse com os seus abertos e identificasse por onde passariam.

" - Como proceder então? - perguntou o general.

"- Tenho a minha carruagem - respondeu o presidente.

"- Está assim tão seguro do seu cocheiro que lhe confia um segredo que considera imprudente revelar ao meu?

"- O nosso cocheiro é um membro do clube - respondeu o presidente. - Seremos conduzidos por um conselheiro de Estado.

"- Então, corremos outro risco: o de nos virarmos - observou o general, rindo.

"Registramos este gracejo como prova de que o general não foi de forma alguma obrigado a assistir à sessão, à qual compareceu de sua livre vontade.

"Uma vez instalados na carruagem, o presidente recordou ao general a promessa que fizera de deixar vendar os olhos. O general não levantou qualquer oposição a tal formalidade. Um lenço de pescoço preparado para o efeito na carruagem fez as vezes de venda.

"Durante o caminho, o presidente julgou notar que o general procurava ver por baixo da venda e recordou-lhe o seu juramento.

"- Tem razão - disse o general.

"A viatura parou diante de uma passagem da Rua Saint-Jacques. O general apeou-se apoiado no braço do presidente, cuja dignidade ignorava e que tomava por um simples membro do clube. Atravessaram a passagem, subiram um andar e entraram na sala das deliberações.

"A sessão já começara. Os membros do clube, prevenidos da espécie de apresentação que se deveria efetuar naquela noite, tinham comparecido na sua totalidade. Chegado ao meio da sala, o general foi convidado a tirar a venda. Acedeu imediatamente ao convite e pareceu ficar muito impressionado por encontrar tão grande número de caras conhecidas numa sociedade de que até ali

nem sequer suspeitara a existência.

"Interrogaram-no acerca dos seus sentimentos, mas limitou-se a responder que as cartas da ilha de Elba lhe deviam ser dadas a conhecer..."

Franz interrompeu-se.

- O meu pai era monárquico. Não havia necessidade de o interrogarem acerca dos seus pensamentos; eram conhecidos.

- E daí vinha a minha ligação com o seu pai, meu caro Sr. Franz - declarou Villefort. - As pessoas ligam-se facilmente quando partilham as mesmas opiniões.

- Leia - continuou a dizer o olhar do velho.

Franz prosseguiu:

- "O presidente tomou então a palavra para convidar o general a exprimir-se mais explicitamente, mas o Sr. de Quesnel respondeu que desejava antes de mais nada saber o que pretendiam dele.

"Foi então dado conhecimento ao general da carta da ilha de Elba que o recomendava ao clube como um homem com cujo concurso se podia contar. Um parágrafo inteiro expunha o provável regresso da ilha de Elba e prometia nova carta e mais amplos pormenores à chegada do Pharaon, navio pertencente ao armador Morrel, de Marselha, e cujo comandante era inteiramente dedicado ao imperador.

"Durante toda esta leitura, o general, com o qual se julgara poder contar como um irmão, deu pelo contrário visíveis sinais de descontentamento e repugnância.

"Terminada a leitura, permaneceu silencioso e de sobrolho franzido.

"- Então, que diz a esta carta, Sr. General? - perguntou o presidente.

"- Digo que ainda há tão pouco tempo se prestou juramento ao rei Luís XVIII, que não justifica violá-lo já em benefício do ex-imperador.

"Desta vez a resposta era tão clara que ninguém se podia enganar a respeito dos seus sentimentos.

"- General - disse o presidente -, para nós não existe o rei Luís XVIII, tal como não existe ex-imperador. Para nós só existe Sua Majestade o imperador e rei, afastado há dez meses da França, seu Estado, pela violência e pela traição.

"- Perdão, senhores - perguntou o general. - É possível que para vós não exista o rei Luís XVIII, mas existe para mim. Foi ele quem me fez barão e marechal-de-campo e nunca esquecerei que é ao seu auspicioso regresso a França que devo ambos os títulos.

"- Senhor, tome cautela com o que diz - recomendou-lhe o presidente, em tom muito sério e levantando-se. - As suas palavras demonstram-nos claramente que se enganaram a seu respeito na ilha de Elba e que nos enganaram. A comunicação que lhe fizemos baseou-se na confiança depositada no senhor e, por consequência, num sentimento que o honrava. Verificamos agora que estavamos enganados. Um título e um posto ligaram-no ao novo governo que queremos derrubar. Não o obrigaremos a prestar-nos o seu concurso; não recrutaremos ninguém contra a sua consciência e a sua vontade; mas o obrigaremos a proceder como um homem digno, mesmo no caso de não estar disposto a isso.

"- Acham que é ser um homem digno conhecer esta conspiração e não a revelar? Chamo a isso ser cúmplice dos senhores. Como vêem, sou ainda mais franco do que os presentes..."

- Ah, meu pai, compreendo agora porque te assassinaram! - exclamou Franz.

Valentine não se pode impedir de lançar uma olhadela a Franz. O rapaz estava realmente belo no seu entusiasmo filial. Villefort passeava de um lado para o outro atrás dele. Noirtier acompanhava com a vista a expressão de cada um e conservava a sua atitude digna e severa.

Franz voltou ao manuscrito e continuou:

- “Senhor - disse o presidente --, pediram-lhe que comparecesse nesta assembleia, onde ninguém o trouxe à força. Propuseram-lhe vendar-lhe os olhos e o senhor aceitou. Quando acedeu a ambas as coisas, sabia perfeitamente que não nos dedicavamos a consolidar o trono de Luís XVIII, pois de contrário não poríamos tanto cuidado em nos escondermos da Polícia. Agora, como deve compreender, seria demasiado cômodo colocar uma máscara para surpreender segredos alheios e em seguida não ter mais do que tirar essa máscara para perder aqueles que confiaram no senhor. Não, não! Antes de mais nada, vai dizer-nos francamente se é pelo rei de acaso que reina neste momento ou por S. M. o imperador.

" - Sou mon rquico - perguntou o general. - Prestei juramento a Luís XVIII e mantenho esse juramento.

"Estas palavras foram seguidas de um murmúrio geral e pode ver-se, pelos olhares de numerosos membros do clube, que estavam dispostos a fazer o Sr. de Epinay arrepender-se das suas palavras imprudentes.

"O presidente levantou-se de novo e impôs silêncio.

"- Senhor - disse-lhe --, é um homem suficientemente responsável e sensato para compreender as consequências da situação em que nos encontramos uns perante os outros, e a sua própria franqueza nos dita as condições que nos resta apresentar-lhe. O senhor vai portanto jurar pela sua honra nada revelar do que ouviu.

"O general levou a mão à espada e gritou:

"- Se quer falar de honra, comece por não menosprezar as suas leis nem impor nada pela violência!

"- E o senhor - continuou o presidente, com uma calma talvez mais terrível do que a cólera do general - não toque na sua espada; é um conselho que lhe dou.

"O general viu à sua volta olhares que denotavam um princípio de inquietação. No entanto, nem mesmo assim cedeu. Pelo contrário, apelando para toda a sua energia, exclamou:

"- Não jurarei!

"- Então, senhor, morrerá - respondeu tranquilamente o presidente.

"O Sr. de Epinay empalideceu profundamente. Olhou segunda vez à sua volta. Vários membros do clube cochichavam e procuravam armas debaixo das capas.

"- General - disse o presidente -, esteja tranquilo. Encontra-se entre pessoas honradas, que procurarão por todos os meios convencê-lo antes de recorrerem contra o senhor a medidas extremas. Mas também, como o senhor mesmo disse, está entre conspiradores, conhece o nosso segredo e tem de guardá-lo.

"A estas palavras seguiu-se um silêncio cheio de significado. E como o general não respondesse nada, o presidente ordenou aos porteiros:

"- Fechem as portas!

"O mesmo silêncio mortal sucedeu a estas palavras.

"Então o general adiantou-se e disse, fazendo um violento esforço sobre si mesmo:

"- Tenho um filho e devo pensar nele quando me encontro no meio de assassinos.

"- General - disse com nobreza o presidente da assembleia -, um só homem tem sempre o direito de insultar cinquenta: é o privilégio da fraqueza. Simplesmente, faz mal em usar esse direito. Creia no que lhe digo, general: jure e não nos insulte.

"O general, mais uma vez dominado pela superioridade do presidente da assembléia, hesitou um instante; mas por fim aproximou-se da mesa do presidente e perguntou:

"- Qual é a fórmula?

"- Esta: "Juro pela minha honra jamais revelar a quem quer que seja no mundo o que vi e ouvi em 5 de Fevereiro de 1815, entre as nove e as dez horas da noite, e declaro merecer a morte se violar o meu juramento."

"O general pareceu experimentar um frêmito nervoso, que o impediu de responder durante alguns segundos. Por fim, contendo uma repugnância evidente, proferiu o juramento exigido, mas em voz tão baixa que mal se ouviu. Por isso, vários membros exigiram que o repetisse em voz mais alta e distinta, o que foi feito.

"- Agora desejo retirar-me - disse o general. - Estou finalmente livre?

"O presidente levantou-se, designou três membros da assembléia para o acompanharem e subiu para a carruagem com o general, depois de lhe vendar os olhos. O cocheiro que os trouxera fazia parte do número desses três membros.

"Os outros membros do clube separaram-se em silêncio.

"- Aonde quer que o reconduzamos? - perguntou o presidente.

"- A qualquer parte onde possa ficar livre da presença dos senhores - respondeu o Sr. de Epinay

"- Senhor - disse então o presidente --, tome cautela: já não está na assembléia, tem apenas consigo homens isolados. Não os insulte, se não quer ter de assumir a responsabilidade do insulto.

"Mas em vez de compreender esta linguagem, o Sr. de Epinay respondeu:

"- O senhor é sempre tão valente na sua carruagem como no seu clube, pela simples razão de que quatro homens são sempre mais fortes do que um só.

"O presidente mandou parar a carruagem.

"Estavam precisamente à entrada do Cais dos Olmos, onde fica a escada que desce para o rio.

"- Porque mandou parar aqui? - perguntou o Sr. de Epinay.

"- Porque - respondeu o presidente - o senhor insultou um homem e esse homem não quer dar nem mais um passo sem lhe pedir lealmente uma reparação.

"- Mais uma maneira de assassinar - perguntou o general, encolhendo os ombros.

"- Deixemo-nos de palavreado, senhor - respondeu o presidente --, se não

quer que o considere como um dos homens a que se referia há pouco, isto é, como um covarde que toma a sua fraqueza como escudo. está só e um só lhe responderá; tem uma espada ao lado e eu tenho outra nesta bengala; não tem testemunha, um destes senhores será a sua. Agora, se quiser, pode tirar a venda.

"O general arrancou imediatamente o lenço que lhe cobria os olhos.

"- até que enfim vou saber com quem estou metido! - exclamou.

"Abriu-se a carruagem; os quatro homens apearam-se..."

Franz interrompeu-se mais uma vez e enxugou o suor que lhe escorria da testa. Havia algo assustador em ver o filho, trêmulo e pálido, ler em voz alta os pormenores, até ali ignorados, da morte do pai.

Valentine juntara as mãos como se rezasse. Noirtier olhava para Villefort com uma expressão quase sublime de desprezo e orgulho.

Franz continuou:

" Estava-se, como dissemos, em 5 de Fevereiro. Havia três dias que nevava e a temperatura rondava os cinco ou seis graus. A escada encontrava-se coberta de gelo. O general era corpulento e alto e o presidente ofereceu-lhe o lado do corrimão para descer.

" As duas testemunhas seguiam atrás.

" A noite estava escura e o terreno, da escada ao rio, encontrava-se úmido de neve e geada. Via-se a água correr, negra e profunda, arrastando alguns pedaços de gelo.

" Uma das testemunhas foi buscar uma lanterna a um barco de carvão, à luz da qual examinaram as armas.

" A espada do presidente, que era apenas, como ele dissera, uma espada que trazia na bengala, era mais curta do que a do seu adversário e não tinha guarda.

" O general propôs que se tirasse à sorte as duas espadas, mas o presidente respondeu que fora ele quem o desafiara e que ao desafiá-lo pretendera que cada um se servisse das suas armas.

" As testemunhas tentaram insistir; o presidente impôs-lhes silêncio.

" Pousaram a lanterna no chão; os dois adversários observaram-se de ambos os lados; o combate começou.

" A luz transformava as duas espadas em relâmpagos. Quanto aos homens, mal se viam, de tal forma a escuridão era densa.

" O general passava por ser uma das melhores lâminas do Exército. Mas atacou tão vivamente logo aos primeiros botes que escorregou, e escorregando caiu.

" As testemunhas julgaram-no morto; mas o seu adversário, que sabia não lhe ter tocado, estendeu-lhe a mão para o ajudar a levantar-se. Esta circunstância, em vez de o acalmar, irritou o general, que se precipitou sobre o adversário.

" Mas este não recuou um passo e recebeu-o na ponta da espada. Três vezes o general recuou, depois de se empenhar demasiado a fundo, e três vezes voltou à carga.

" À terceira vez voltou a cair.

" Julgaram que tivesse escorregado, como da primeira vez. No entanto, ao verem que se não levantava, as testemunhas aproximaram-se e tentaram po-lo de pé. Mas aquela que o segurava pela cintura sentiu na mão um calor úmido. Era

sangue.

" O general, que se encontrava quase desmaiado, recuperou os sentidos.

"- Ah, mandaram-me algum espadachim, algum mestre-de-armas de regimento! - exclamou.

" Sem responder, o presidente aproximou-se da testemunha que segurava na lanterna, arregaçou a manga e mostrou o braço perfurado em dois pontos pela espada do seu adversário. Em seguida, abriu a sobrecasaca, desabotoou o colete e mostrou o quadril dilacerado por terceiro ferimento.

" Contudo, nem sequer soltara um suspiro.

" O general de Epinay entrou em agonia e expirou passados cinco minutos..."

Franz leu as últimas palavras com voz tão estrangulada que mal se puderam ouvir. Depois de as ler, deteve-se e passou a mão pelos olhos, como que para afastar uma nuvem.

Mas, após um instante de silêncio, continuou:

- " O presidente voltou a subir a escada depois de meter a espada na bengala. Um rego de sangue assinalava a sua passagem na neve.

"Ainda não chegara ao alto da escada quando ouviu um barulho abafado na água; era o corpo do general, que as testemunhas acabavam de lançar ao rio depois de verificarem a morte.

" O general sucumbiu portanto num duelo leal e não numa emboscada, como se poderia dizer.

" E como prova assinamos a presente, para estabelecer a verdade dos fatos, com receio de que algum dia qualquer dos intervenientes nesta cena terrível possa ser acusado de assassínio com premeditação ou de infração às leis da honra.

assinado: BEAUREGARD, DUCHAMPY e LECHARPAL."

Quando Franz terminou a leitura, tão terrível para um filho, Valentine, pálida de emoção, enxugou uma lágrima e Villefort, trêmulo e encolhido a um canto, procurou conjurar a tempestade por meio de olhares suplicantes dirigidos ao velho implacável. Entretanto, Epinay dirigiu-se nestes termos a Noirtier.

- Senhor, uma vez que conhece esta terrível história em todos os seus pormenores, visto a ter feito atestar por testemunhas fidedignas, e porque, finalmente, parece interessar-se por mim, embora o seu interesse só se tenha até agora revelado através da dor, não me recuse uma última satisfação, diga-me o nome do presidente do clube, para que eu conheça enfim aquele que matou o meu pobre pai.

Villefort procurou, como que alucinado, o puxador da porta. Valentine, que adivinhara antes de qualquer outra pessoa a resposta do velho e que muitas vezes notara no antebraço do avô as cicatrizes de duas espadeiradas, recuou um passo.

- Em nome do Céu, menina - pediu Franz, dirigindo-se à noiva -, junte-se a mim, para que eu saiba o nome do homem que me fez ôrfão aos dois anos!

Valentine ficou imóvel e muda.

- Ouça, senhor - interveio Villefort --, acredite no que lhe digo e não prolongue mais esta cena horrível. Aliás, os nomes foram ocultados de propósito. Nem mesmo o meu pai sabe quem era esse presidente, e ainda que o soubesse

não o poderia revelar: os nomes próprios não se encontram no dicionário.

- Que pouca sorte a minha! - exclamou Franz. - A única esperança que me amparou durante toda a leitura e me deu forças para ir até ao fim era saber ao menos o nome daquele que matou o meu pai! Senhor, senhor - suplicou, virando-se para Noirtier --, em nome do Céu, faça o que lhe seja possível... veja se consegue, suplico-lhe, indicar-me, dar-me a entender...

- Sim - respondeu Noirtier.

- Menina, menina! - exclamou Franz. - O seu avô fez sinal de que podia indicar... esse homem... Ajude-me... compreende-o...dê-me a sua ajuda!

Noirtier olhou o dicionário.

Franz pegou-lhe a tremer nervosamente e pronunciou sucessivamente as letras do alfabeto até ao E.

Ao ouvir esta letra, o velho fez sinal que sim.

- E! - repetiu Franz.

O dedo do jovem percorreu as palavras; mas a todas Noirtier respondia com um sinal negativo.

Valentine ocultava o rosto entre as mãos. Por fim, Franz chegou à palavra EU.

- Sim - indicou o velho.

- O senhor?! - exclamou Franz, cujos cabelos se puseram em pé.

- O Sr. Noirtier?... Foi o senhor que matou o meu pai?

- Sim - respondeu Noirtier, cravando no rapaz um olhar majestoso. Franz caiu sem forças numa poltrona. Villefort abriu a porta e fugiu, pois ocorrera-lhe a idéia de sufocar a pouca existência que ainda restava no coração do terrível velho.

Capítulo LXXVI

Os progressos de Cavalcanti filho

Entretanto, o Sr. Cavalcanti pai partira para retomar o serviço, não no exército de S. M. o imperador da Àustria, mas sim na roleta das termas de Luca, de que era um dos mais assíduos cortesãos.

Desnecessário dizer que embolsara com a mais escrupulosa exatidão, ate ao último soldo, a importância que lhe fora concedida para a viagem e como recompensa pela forma majestosa e solene como desempenhara o seu papel de pai.

O Sr. Andrea herdara, à sua partida, todos os documentos que provavam ter a honra de ser filho do marquês Bartolomeo e da marquesa Leanora Corsinari.

Encontrava-se pois quase admitido na sociedade parisiense, tão pronta a receber os estrangeiros e a tratá-los não de acordo com o que são, mas sim de acordo com o que pretendem ser. De resto, que se pede a um rapaz em Paris? Que fale assim-assim a sua língua, que se vista convenientemente, que seja bom jogador e que pague em ouro.

É claro que se é menos exigente com um estrangeiro do que com um parisiense.

Andrea adquirira portanto em quinze dias uma excelente posição. Tratavam-no por “Sr. Conde", dizia-se que tinha cinquenta mil libras de rendimento e falava-se dos tesouros imensos do senhor seu pai, enterrados, dizia-se, nas pedreiras de Saravezza.

Um perito diante do qual se mencionava esta última circunstância como um fato, declarou ter visto tais
pedreiras, o que deu um grande peso a asserções que até então tinham pairado em estado de dúvida e que a partir dai adquiriram a consistência da realidade.

As coisas encontravam-se neste pé no circulo da sociedade parisiense onde introduzimos os nossos leitores quando Monte-Cristo veio uma tarde visitar o Sr. Danglars. Este safra, mas propuseram ao conde ser recebido pela baronesa, que estava visível, o que ele aceitou.

Não era nunca sem uma espécie de estremecimento nervoso que depois do jantar de Auteuil e dos acontecimentos subsequentes a Sra Danglars ouvia pronunciar o nome de Monte-Cristo. Se a presença do conde se não seguia ao anúncio do seu nome, a sensação dolorosa tornava-se mais intensa; mas se, pelo contrário, o conde aparecia, a sua fisionomia franca, os seus olhos brilhantes, a sua amabilidade e até a sua galanteria bastavam, no tocante à Sra Danglars, para expulsar rapidamente até à última impressão de receio. Parecia impossível à baronesa que um homem tão encantador à superfície pudesse alimentar maus desígnios contra ela. Aliás, os corações mais corrompidos só podem acreditar no mal desde que baseado em qualquer interesse; o mal inútil. e sem causa repugna como uma anomalia.

Quando Monte-Cristo entrou no boudoir onde já uma vez introduzimos os nossos leitores e a baronesa seguia com olhar bastante inquieto os desenhos que a filha lhe passava depois de os ver com o Sr. Cavalcanti filho, a sua presença produziu o efeito habitual e foi sorrindo que, depois de se sentir um bocadinho perturbada ao ouvir o nome do visitante, a baronesa recebeu o conde. Este, pela sua parte, abarcou toda a cena num olhar.

Junto da baronesa, e quase deitada num canapé, encontrava-se Eugênie. Cavalcanti estava de pé.
Vestido de preto como um herói de Goethe, de sapatos de verniz e meias de seda branca bordadas, passava uma das mãos, suficientemente branca e razoavelmente tratada, pelos cabelos louros, no meio dos quais cintilava um diamante que, apesar dos conselhos de Monte-Cristo, o vaidoso jovem não resistira ao desejo de usar no dedo mendinho.

O gesto era acompanhado de olhares assassinos lançados a Mademoiselle Danglars e de suspiros enviados na mesma direção dos olhares. Mademoiselle Danglars continuava a ser a mesma, isto é, bela,
fria e trocista. Nenhum daqueles olhares nem nenhum daqueles suspiros de Andrea lhe escapavam. Mas diria-se que deslizavam pela couraça de Minerva, couraça que alguns filósofos pretendem cobrir por vezes o peito de Safo.

Eugênie cumprimentou friamente o conde e aproveitou as dificuldades iniciais da conversa para se retirar para a sua sala de estudos, onde não tardaram a ouvir-se duas vozes risonhas e barulhentas de mistura com os primeiros acordes de um piano. Monte-Cristo ficou assim sabendo que Mademoiselle Danglars acabava de preferir à sua e à de Cavalcanti a companhia de Mademoiselle Louise

de Armilly, sua professora de canto.

Foi sobretudo então que, enquanto conversava com a Sr. Danglars e embora parecesse absorvido pelo encanto da conversa, o conde notou a solicitude do Sr. Andrea Cavalcanti e a sua maneira de ir escutar a música à porta, que não ousava transpor, e de manifestar a sua admiração. O banqueiro não tardou a regressar. O seu primeiro olhar foi para Monte-Cristo, é certo, mas o segundo foi para Andrea.

Quanto à mulher, cumprimentou-a como certos maridos cumprimentam a esposa, isto é, de uma maneira de que os solteiros só poderão fazer idéia quando for publicado o código minucioso da conjugalidade.

- Então aquelas meninas não o convidaram para tocar com elas? - perguntou Danglars a Andrea.

- Infelizmente, não, senhor - respondeu Andrea, com um suspiro ainda mais profundo do que os outros.

Danglars dirigiu-se imediatamente para a porta de comunicação e abriu-a.

Viram-se então as duas moças sentadas no mesmo banco e diante do mesmo piano. Acompanhavam-se cada uma com uma das mãos, exercício a que se tinham habituado por brincadeira e se haviam tornado de uma perícia notável. Mademoiselle de Armilly, que formava com Eugênie, graças à moldura da porta, um desses quadros vivos muito em uso na Alemanha, era de uma beleza deveras notável, ou antes, de uma
gentileza requintada. Era uma mulherzinha franzina e loura como uma fada, de comprido cabelo encaracolado que lhe caía sobre o pescoço um bocadinho alto, como Perugino retratava às vezes as suas virgens, e olhos velados pela fadiga. Dizia-se que tinha o peito fraco e que, como a Antônia do Violino de Cremona, morreria um dia a cantar.

Monte-Cristo deitou àquele gineceu um olhar rápido e curioso. Era a primeira vez que via Mademoiselle de Armilly, de quem tantas vezes ouvira falar naquela casa.

- Então estamos excluídos da função? - perguntou o banqueiro à filha.

Em seguida levou o rapaz para a salinha e, quer por acaso, quer de propósito, a porta foi empurrada atrás de Andrea de maneira que do lugar onde se encontravam sentados Monte-Cristo e a baronesa não pudessem ver nada. Mas como o banqueiro acompanhara Andrea, a Sra Danglars nem sequer pareceu notar semelhante pormenor. Pouco depois o conde ouviu a voz de Andrea soar aos acordes do piano acompanhando uma canção corsa.

Enquanto o conde escutava sorrindo a canção, que lhe fazia esquecer Andrea e recordar Benedetto, a Sra Danglars gabava a Monte-Cristo a força de alma do marido, que ainda naquela manhã perdera numa falência milanesa, trezentos ou quatrocentos mil francos.

E, com eleito, o elogio era merecido. Porque se o conde não tivesse sabido do caso pela baronesa ou talvez por um dos meios que tinha de saber tudo, o rosto do barão nada lhe teria revelado a tal respeito.

“Bom, começa a esconder o que perde. Há um mês, gabava-se ... ", pensou Monte-Cristo.

Depois, em voz alta:

- Mas, minha senhor, o Sr. Danglars conhece tão bem a Bolsa que

recuperar sempre lá o que perder em outro lugar.

- Vejo que labora no erro comum - perguntou a Sra Danglars.

- E qual é esse erro? - perguntou Monte-Cristo.

- O de que o Sr. Danglars joga, quando, pelo contrário, nunca joga.

- Tem razão, minha senhora. Recordo-me de o Sr. Debray me haver dito... A propósito, que é feito do Sr. Debray? Há três ou quatro dias que o não vejo.

- Nem eu - respondeu a Sra Danglars, com uma presença de espírito admirável. - Mas o senhor começou uma frase que ficou inacabada.

- Qual?

- Afirmava que o Sr. Debray lhe dissera...

- Ah, é verdade? O Sr. Debray disse-me que era a senhora que sacrificava ao demônio do jogo.

- Tive esse gosto durante algum tempo, confesso, mas não o tenho mais - declarou a Sra Danglars.

- Pois faz mal, minha senhora. Meu Deus, as oportunidades da fortuna são tão precárias que se eu fosse mulher - e o acaso me tivesse tornado esposa de um banqueiro, por mais confiança que depositasse na sorte do meu marido (porque em especulação, como sabe, é tudo sorte e azar), repito; por mais confiança
que depositasse na sorte do meu marido, começaria sempre por me garantir uma fortuna independente, ainda que para adquirir essa fortuna tivesse de confiar os meus interesses a mãos que lhe fossem desconhecidas.

A Sra Danglars corou, a seu pesar.

- Olhe - prosseguiu Monte-Cristo, como se não tivesse visto nada -, fala-se de um bom golpe dado ontem com títulos de Nápoles.

- Não tenho - respondeu vivamente a baronesa --, nem nunca os tive. Mas parece-me que já falamos o suficiente de Bolsa, Sr. Conde. Parecemos dois corretores... Falemos um pouco dos pobres Villeforts, tão perseguido neste momento pela fatalidade.

- Que lhes aconteceu? - perguntou Monte-Cristo com perfeita ingenuidade.

- Então não sabe? Depois de perderem o Sr. de Saint-Méran, três ou quatro dias depois da sua partida, acabam de perder a marquesa, três ou quatro dias depois da sua chegada.

- Ah, é verdade, soube disso! - declarou Monte-Cristo. - Mas como diz Clódio a Hamlet, trata-se de uma lei da natureza: os seus pais morreram antes deles e eles choraram-nos; eles morrerão antes dos seus filhos e os seus filhos os chorarão.

- Mas isso não é tudo.

- Como não é tudo?

- Não. Como sabe, iam casar a filha...

- Com o Sr. Franz de Epinay... Desfizeram o casamento?

- Ontem de manhã, ao que parece, Franz restituiu-lhes a sua palavra.

- Deveras?... E conhecem-se as causas desse rompimento?

- Não.

- Que notícias me dá, meu Deus! A Sra e o Sr. de Villefort como aceitaram todas essas desgraças?

- Como sempre, com filosofia.

Neste momento, Danglars voltou a entrar, sozinho.

- Então deixou o Sr. Cavalcanti com a sua filha? - observou a baronesa.

- E Mademoiselle de Armilly não é ninguém? - replicou o banqueiro.

Depois, virando-se para Monte-Cristo:

- Encantador rapaz, não é verdade? Refiro-me ao príncipe Cavalcanti... Mas ele é mesmo príncipe?

- Não garanto - respondeu Monte-Cristo. - Apresentaram-me o pai como marquês; logo, ele seria conde. Mas creio que ele mesmo não tem grandes pretensões a esse título.

- Porquê? - perguntou o banqueiro. - Se é príncipe, faz mal em não o dizer. A cada um o que lhe pertence. Não gosto que as pessoas reneguem a sua origem.

- Mas o senhor é um democrata! - exclamou Monte-Cristo, sorrindo.

- Veja ao que se expõe - observou a baronesa ao marido.

Se o Sr. de Morcerf entrasse por acaso e encontrasse o Sr. Cavalcanti numa sala onde ele, noivo de Eugénie, nunca teve permissão de entrar...

- Faz bem em dizer por acaso - replicou o banqueiro --, porque na verdade diria-se, tão raramente o vemos, que é de fato por acaso que ele aqui vem.

- Enfim, se viesse e encontrasse esse rapaz com a nossa filha poderia não gostar.

- Ele? Meu Deus, como está enganada! O Sr. Albert não nos dá a honra de ter ciúmes da sua noiva; não a ama o bastante para isso. De resto, que me importa que goste ou não goste?

- No entanto, no ponto em que estamos ...

- Sim, no ponto em que estamos. Quer saber no ponto em que estamos? No baile da mãe, ele dançou uma única vez com a minha filha, o Sr. Cavalcanti dançou três vezes com ela e ele nem sequer deu por isso.

- O Sr. Visconde Albert de Morcerf! - anunciou um criado A baronesa levantou-se vivamente. Ia a dirigir-se para a sala de estudos, a fim de prevenir a filha, quando Danglars a deteve por um braço.

- Deixe - disse-lhe.

Ela olhou-o atônita.

Monte-Cristo fingiu não ter visto nada.

Albert entrou. Vinha elegante e alegre. Cumprimentou a baronesa à vontade, Danglars com familiaridade e Monte-Cristo com amizade. Depois, virando-se para a baronesa, perguntou:

- Permite-me minha senhora, que lhe peça o favor de me dizer como está Mademoiselle Danglars?

- Está ótima, senhor - respondeu vivamente Danglars. - Neste momento toca um pouco de música na sua salinha com o Sr. Cavalcanti.

Albert conservou o seu ar calmo e indiferente. Talvez experimentasse algum despeito íntimo, mas sentia o olhar de Monte-Cristo fixo nele.

- O Sr. Cavalcanti tem uma belíssima voz de tenor - disse - e Mademoiselle Eugênie é um magnífico soprano, sem contar que toca piano como Thalberg. Deve ser um agrável concerto.

- De fato, harmonizam-se admiravelmente - acrescentou Danglars. Albert pareceu não notar a grosseira ambiguidade da frase, tão grosseira que a Sra

Danglars corou.

- Eu também sou músico - continuou o rapaz. - Pelo menos é o que dizem os meus professores... Pois, coisa estranha, até agora nunca consegui harmonizar a minha voz com qualquer outra, e com a voz dos sopranos ainda menos do que com as outras.

Danglars esboçou um sorriso que significava: “Pois sim, mas acusaste o toque!"

- Por isso - replicou, esperando sem dúvida chegar ao fim que pretendia --, o príncipe e a minha filha causaram ontem a admiração geral. Não esteve ontem no baile, Sr. de Morcerf?

- Qual príncipe? - perguntou Albert.

- O príncipe Cavalcanti - respondeu Danglars, que continuava a obstinar-se a dar este titulo ao rapaz.

- Perdão, ignorava que fosse príncipe! - perguntou Albert. - Com que então o príncipe Cavalcanti cantou ontem com Mademoiselle Eugênie?... Na verdade, deve ter sido maravilhoso e lamento muito profundamente não ter ouvido. Mas não pude corresponder ao seu convite, tive de acompanhar a Sra de Morcerf a casa da baronesa de Château-Renaud, onde cantavam os alemães.

E após um silêncio, como se nada se tivesse passado, insistiu:

- Me será permitido apresentar os meus cumprimentos a Mademoiselle Danglars?

- Oh, espere, espere, suplico-lhe! - interveio o banqueiro, detendo o jovem. - Ouça esta maravilhosa cavatina... Tá, tá, tá, ti,ti, ti!... Maravilhoso! está quase a terminar... é só um segundo. Perfeito! Bravo! Bravo! Brava!

E o banqueiro desatou a aplaudir com frenesi.

- Efetivamente - disse Albert --, é delicioso, e deve ser impossível alguém compreender melhor a música do seu país do que o príncipe Cavalcanti. Disse príncipe, não é verdade? Aliás, se não for príncipe, o farão príncipe; na Itália é fácil. Mas para voltarmos aos nossos adoráveis cantores, deveria proporcionar-nos um prazer, Sr. Danglars: sem os prevenir de que está aqui um estranho, deveria pedir a Mademoiselle Danglars e ao Sr. Cavalcanti que cantassem outro trecho. É tão delicioso ouvir música um pouco afastado, na
penumbra, sem ser visto, sem ver e, portanto, sem incomodar os músicos... e podermos nos entregar assim a todo o instinto do seu gênio ou a lodo o ímpeto do seu coração.

Desta vez a fleuma do rapaz desarmou Danglars.

Chamou Monte-Cristo à parte e perguntou-lhe:

- Que me diz do nosso apaixonado?

- Demônio, parece-me frio isso é incontestável... Mas que lhe quer fazer? O senhor está comprometido...

- Claro que estou comprometido, mas prefiro dar a minha filha a um homem que a ame do que a um homem que a não ame. Veja-o: frio como mármore e orgulhoso como o pai. Se fosse rico, ainda vá; se tivesse a fortuna dos Cavalcanti, passaríamos por cima disso, mas assim... Ainda não consultei a minha filha, mas se ela tivesse bom gosto...

- Não sei se será a minha amizade por ele que me cega - disse Monte-Cristo --, mas garanto-lhe que o Sr. de Morcerf é um jovem encantador, que fará a

sua filha feliz e que mais tarde ou mais cedo será alguém. Porque, enfim, a posição do pai é excelente...

- Hum! -- resmungou Danglars.

- Porquê essa dúvida?

- Há sempre o passado... aquele passado obscuro.

- Mas o filho não tem nada a ver com o passado do pai.

- Pois não, pois não!

- Vamos, não perca a cabeça. Há um mês, achava este casamento excelente... Compreende, a minha situação é desagrável: foi em minha casa que o senhor viu o jovem Cavalcanti, que eu nem sequer conhecia, repito-lhe.

- Conheço-o e isso me basta - perguntou Danglars.

- Conhece-o? Quer dizer que tirou informações dele? - perguntou Monte-Cristo.

- Acha necessário? Não se vê jogo à primeira vista com quem estamos tratando? Em primeiro lugar, é rico...

- Não garanto. - Então porque responde por ele?

- Cinquenta mil libras, uma miséria!...

- Tem uma excelente educação.

- Hum!... - resmungou por sua vez Monte-Cristo.

- É músico.

- Todos os italianos o são.

- Olhe, conde, o senhor não é justo com esse rapaz.

- Bom... confesso que veio com desgosto, sabendo dos seus compromissos com os Morcerfs, o rapaz vir assim meter-se de permeio e abusar da sua sorte.

Danglars desatou a rir.

- Oh, o senhor é puritano! - exclamou. - Mas estas coisas fazem-se todos os dias no mundo.

- No entanto, não pode romper assim, meu caro Sr. Danglars. Os Morcerfs contam com esse casamento.

- Contam?...

- Positivamente.

- Então, que se expliquem. O senhor deveria dizer umas palavrinhas a esse respeito ao pai, meu caro conde, visto ser tão bem recebido lá em casa.

- Eu? Onde diabo viu o senhor isso?

- No baile que eles deram, se me não engano... Então a condessa, a orgulhosa Mercedes, a desdenhosa catalã, que quase desdenha abrir a boca para dirigir a palavra aos seus mais velhos conhecimentos, não lhe deu o braço e saiu consigo para o jardim, não meteu pelas alamedas mais isoladas e não reapareceu passada apenas cerca de meia hora?...

- Ah, barão, barão!... - interveio Albert. - O senhor impede-nos de ouvir. Num melômano como o senhor, que barbaridade!

- Está bem, está bem, senhor trocista - perguntou Danglars.

Depois, voltando-se para Monte-Cristo:

- Encarrega-se de falar ao pai?

- De boa vontade, se assim o deseja.

-Mas que desta vez as coisas sejam feitas de maneira explícita e definitiva. Sobretudo que me peça a minha filha, que marque uma data, que declare as suas

condições monetárias, enfim, que nos entendamos ou desentendamos. Mas, compreende, nada de mais adiamentos.

- Pronto, falarei com ele.

- Não lhe digo que espero com prazer que seja bem sucedido; mas enfim, espero-o. Um banqueiro, como sabe, deve ser escravo da sua palavra.

E Danglars soltou um daqueles suspiros que soltava meia hora antes o jovem Cavalcanti.

- Bravi! Bravo! Brava.! -- gritou Morcerf, parodiando o banqueiro aplaudindo o fim do trecho.

Danglars começava a olhar Albert de esguelha quando lhe vieram dizer umas palavras em voz baixa.

- Volto já - disse o banqueiro a Monte-Cristo: - Espere por mim. Talvez tenha alguma coisa a dizer-lhe daqui a pouco.

E saiu.

A baronesa aproveitou a ausência do marido para empurrar a porta da sala de estudos da filha, e todos viram endireitar-se, como que impelido por uma mola, o Sr. Andrea Cavalcanti, que estava sentado ao piano com Mademoiselle Eugênie. Albert cumprimentou sorrindo Mademoiselle Danglars, que, sem parecer de modo algum perturbada, lhe correspondeu com um cumprimento tão frio como de costume.

Cavalcanti pareceu evidentemente embaraçado; cumprimentou Morcerf, que lhe retribuiu, o cumprimento com o ar mais impertinente do mundo.

Depois, Albert começou a desfazer-se em elogios à voz de Mademoiselle Danglars e a lamentar que, atendendo ao que acabava de ouvir, lhe não tivesse sido possível assistir à festa da véspera...

Cavalcanti, deixado entregue a si mesmo, afastou-se com Monte-Cristo.

- Bom - disse a Sra Danglars basta de música e de cumprimentos; venham tomar chá.

- Vem, Louise - disse Mademoiselle Danglars à amiga. Passaram à sala contígua, onde efetivamente o chá estava preparado.

No momento em que começavam a deixar, à moda inglesa, as colheres nas xícaras, a porta abriu-se e Danglars reapareceu visivelmente muito agitado. Monte-Cristo, sobretudo, notou essa agitação e interrogou o
banqueiro com a vista.

- Acabo de receber o meu correio da Grécia... - disse Danglars.

- Ah, ah! - exclamou o conde. - Foi por isso que vieram chamá-lo?

- Foi.

- Como está o rei Otão? - perguntou Albert no tom mais jovial que se possa imaginar.

Danglars olhou-o de esguelha, sem lhe responder, e Monte-Cristo virou-se para esconder a expressão de piedade que acabava de lhe surgir no rosto e que se desvaneceu quase imediatamente.

- Saímos juntos, não é verdade? - perguntou Albert ao conde.

- Sim, se quiser - respondeu este.

Albert não compreendeu o olhar que o banqueiro lhe deitou. Por isso, virando-se para Monte-Cristo, que compreendera perfeitamente, observou:

- Viu como ele me olhou?

- Vi - respondeu o conde. - Mas nota alguma coisa de especial no seu olhar?

- Creio bem que sim. Que quer ele dizer com as suas notícias da Grécia?

- Como quer que saiba?

- Porque, segundo presumo, o senhor tem entendimentos no país.

Monte-Cristo sorriu como sorriem sempre as pessoas quando querem dispensar-se de responder.

- Olhe - disse Albert --, aí vem ele ter consigo. Enquanto felicito Mademoiselle Danglars pelo seu camafeu, o pai terá tempo de falar com o senhor...

- Se vai felicitá-la, felicite-a ao menos pela sua voz - aconselhou Monte-Cristo.

- Não, isso seria o que faria qualquer pessoa.

- Meu caro visconde - disse Monte-Cristo --, o senhor tem a fatuidade da impertinência.

Albert aproximou-se de Eugênie com o sorriso nos lábios. Entretanto, Danglars inclinou-se ao ouvido do conde.

- O senhor deu-me um excelente conselho - cochichou. Existe uma história horrível relacionada com estes dois nomes: Fernand e Janina.

- Ah, sim?!...

- Sim. Depois lhe conto. Agora leve daqui o rapaz. Ficaria muito embaraçado se tivesse de falar neste momento com ele.

- É o que vou fazer: levá-lo comigo. Ainda é preciso mandar-lhe o pai?

- Agora, mais do que nunca.

- Está bem.

O conde fez um sinal a Albert.

Ambos cumprimentaram as senhoras e saíram. Albert, com um ar perfeitamente indiferente para com o desdem de Mademoiselle Danglars; Monte-Cristo, reiterando à Sra Danglars os seus conselhos a respeito da prudência que deve ter a mulher de um banqueiro quanto a assegurar o seu futuro.

O Sr. Cavalcanti ficou senhor do campo de batalha.

Capítulo LXXVII

Haydée

Ainda mal os cavalos do conde tinham virado a esquina do bulevar e Albert se virava para Monte-Cristo e desatava a rir, mas de forma tão ruidosa que não podia deixar de ser um pouco forçada.

- Bom, pergunto-lhe como o rei Carlos IX perguntava a Catarina de Médicis depois da S. Bartolomeu como acha que desempenhei o meu pequeno papel?

- A que propósito? - perguntou Monte-Cristo.

- Mas a propósito da instalação do meu rival em casa do Sr. Danglars.

- Qual rival?

- Homessa, qual rival?! O seu protegido, o Sr. Andrea Cavalcanti!

- Oh, deixemo-nos de gracejos, visconde! Não protejo de modo algum o Sr. Andrea, pelo menos junto do Sr. Danglars.

- O censuraria por isso se o rapaz necessitasse de proteção. Mas, felizmente para mim, pode passar sem ela.

- Como, parece-lhe que ele faz a sua corte?...

- Respondo-lhe: pelo menos deita olhos e modula sons de apaixonado; aspira à mão da orgulhosa Eugênie. Olhe, fiz um verso! Palavra de honra que não foi de propósito. Mas não interessa, repito-o: aspira à mão da orgulhosa Eugênie.

- Que importa, se só pensam no senhor?

- Não me diga isso, meu caro conde; atacam-me dos dois lados.

- Como, dos dois lados?

- Sem dúvida: Mademoiselle Eugênie mal me respondeu e Mademoiselle de Armilly, sua confidente, não me disse absolutamente nada.

- Pois sim, mas o pai adora-o - observou Monte-Cristo.

- Ele? Mas pelo contrário, cravou-me mil punhais no coração. Punhais que recolhem no punho, é certo, punhais de tragédia, mas que ele julgava realmente a sério.

- O ciúme indica afeição.

- Pois sim, mas não estou com ciúmes.

- Ele está.

- De quem? De Debray?

- Não, do senhor.

- De mim? Aposto que dentro de oito dias me fecha a porta na cara.

- Engana-se, meu caro visconde.

- Uma prova.

- A quer?

- Quero.

- Estou encarregado de pedir ao Sr. Conde de Morcerf que faça uma diligência definitiva junto do barão.

- Por quem?

- Pelo próprio barão.

- Oh! - exclamou Albert com toda a indolência de que era capaz. - Mas o senhor não fará isso, não é verdade, meu caro conde?

- Engana-se, Albert, o farei porque o prometi.

- Pronto - perguntou Albert com um suspiro -, parece que o senhor está absolutamente decidido a casar-me.

- Estou decidido a estar de bem com todas as pessoas. Mas a propósito de Debray: nunca mais o vi na casa da baronesa.

- Estão de relações cortadas.

- Com a senhora?

- Não, com o senhor.

- Descobriu-se então alguma coisa?

- Ah, que boa piada!

- Acha que ele desconfiava? - inquiriu Monte-Cristo, com encantadora ingenuidade.

- Ora essa!... De onde veio o senhor, meu caro conde?

- Do Congo, se quiser.

- Ainda não é suficientemente longe.

- Quer dizer que não conheço os maridos parisienses?

- Meu caro conde, os maridos são os mesmos em toda a parte. A partir do momento em que tenha estudado o indivíduo em qualquer país, conhece a espécie.

- Mas então por que motivo se zangaram Danglars e Debray? Pareciam entender-se tão bem... - observou Monte-Cristo, com novo assomo de ingenuidade.

- Ora aí está! Nesse caso entramos nos mistérios de Ìsis, e eu não sou iniciado. Quando o Sr. Cavalcanti filho for da família, pergunte-lhe isso.

A carruagem parou.

- Pronto, chegamos - disse Monte-Cristo. - São apenas dez e meia, suba.

- De boa vontade.

- A minha carruagem o levará.

- Não, obrigado. O meu cupe deve ter-nos seguido.

- De fato, vem aí - confirmou Monte-Cristo, apeando-se.

Entraram ambos na casa. A sala estava iluminada e para lá se dirigiram.

- Faça-nos chá, Baptistin - ordenou Monte-Cristo. Baptistin saiu sem abrir a boca. Passados dois segundos reapareceu com uma bandeja completamente servida e que, como as colações das mágicas, parecia saída do chão.

- Na verdade - disse Morcerf --, o que admiro no senhor, meu caro conde, não é a sua riqueza; talvez haja pessoas mais ricas do que o senhor. Nem o seu espírito; Beaumarchais não tinha mais, mas tinha tanto. É a sua maneira de ser servido, sem que lhe respondam uma palavra, num minuto, num segundo, como se o adivinhassem, a forma como pede o que deseja e como o que deseja está sempre pronto.

- O que diz é um pouco verdade. Conhecem os meus hábitos. Por exemplo, vai ver: não deseja fazer qualquer coisa enquanto bebe o seu chá?

- Bom, apetece-me fumar...

Monte-Cristo aproximou-se da campainha e tocou uma vez.

Passado um segundo, abriu-se uma porta particular e apareceu Ali com dois chíbuques cheios de excelente tabaco turco.

- É maravilhoso - confessou Morcerf.

- Mas não, é tudo simples - perguntou Monte-Cristo. - Ali sabe que habitualmente, quando tomo chá ou café e fumo. Sabe que pedi chá, sabe que vim consigo, ouve-me chamá-lo, supõe por que motivo, e como é de um país onde a hospitalidade se exerce com o cachimbo, principalmente, em vez de um chíbuque trouxe dois.

- Claro que se trata de uma explicação como qualquer outra; mas nem por isso é menos verdade que como o senhor não existe outro... Oh, mas que estou ouvindo?!

E Morcerf inclinou-se para a porta, pela qual entravam efetivamente sons correspondentes aos de uma guitarra.

- Palavra, meu caro visconde, que está votado à música esta noite; só escapou ao piano de Mademoiselle Danglars para cair na gusla de Haydée.

- Haydée! Que nome adorável! Há portanto mulheres que se chamam realmente Haydée sem ser nos poemas de Lorde Byron?

- Com certeza. Haydée é um nome muito raro na França, mas bastante comum na Albânia e no Epiro. É como se dissesse, por exemplo, castidade, pudor, inocência. Trata-se de uma espécie de nome de batismo, como dizem os seus Parisienses.

- Oh, como é encantador! - exclamou Albert, como se esperasse ver as nossas francesas chamarem-se Mademoiselle Bondade, Mademoiselle Silêncio, Mademoiselle Caridade Cristã! - Imagine se Mademoiselle Danglars, em vez de se chamar Claire-Marie-Eugênie, como se chama, se chamasse
Mademoiselle Castidade Pudor Inocência Danglars - apre! -, o efeito que isso não faria numa publicação de banhos!

- Louco! - perguntou o conde. - Não graceje tão alto que Haydée poderá ouvi-lo.

- E se zangaria?

- Não - respondeu o conde, com o seu ar altivo.

- É boa pessoa? - perguntou Albert.

- Não se trata de bondade, mas sim de dever: uma escrava não se zanga com o seu senhor.

- Vamos, não graceje o senhor agora! Porventura ainda há escravos?

- Sem dúvida, uma vez que Haydée é a minha.

- Com efeito, o senhor não faz nada nem é em nada como os outros. Escrava do Sr. Conde de Monte-Cristo! É uma posição na França. Da forma como o senhor espalha o dinheiro, é um lugar que deve valer cem mil escudos por ano.

- Cem mil escudos! A pobre criança já possuiu mais do que isso. Veio de um mundo em que os tesouros são tantos que ao pé deles os das Mil e Uma Noites são bem pouca coisa.

- É portanto realmente uma princesa?

- Sem dúvida nenhuma, e até uma das maiores do seu país.

- Já tinha imaginado. Mas como se tornou uma grande princesa escrava?

- Como se tornou Dinis, o Tirano, professor primário? Acasos da guerra, meu caro visconde, caprichos da sorte.

- E o seu nome é segredo?

- É, para todas as outras pessoas. Mas para o senhor, caro visconde, que é um dos meus amigos e que se calará... Não é verdade que me promete calar-se?

- Oh, palavra de honra!

- Conhece a história do pax de Janina?

- De Ali-Tebelin? Sem dúvida, pois foi ao seu serviço que o meu pai fez fortuna.

- É verdade, tinha-me esquecido.

- Bom, que era Haydée a Ali-tebelin?

- Sua filha, muito simplesmente.

- Como, filha de Ali-Pax ?!

- E da bela Vasiliki.

- E é sua escrava?

- Oh, meu Deus, é!

- Como é possível?

- Ora essa, comprei-a ao passar um dia pelo Mercado de Constantinopla.

- Esplêndido! Consigo, meu caro conde, não se vive, sonha-se. Agora ouça:

é muito indiscreto o que vou lhe pedir...

- Peça.

- Mas uma vez que sai com ela, que a leva à Ópera...

- E depois?

- Posso arriscar-me a pedir-lhe isto?

- O senhor pode arriscar-se a pedir-me tudo.

- Nesse caso, meu caro conde, apresente-me à sua princesa.

- Com muito prazer. Mas com duas condições.

- Aceito-as antecipadamente.

- A primeira é que não revelará a ninguém essa apresentação.

- Muito bem! - Morcerf estendeu a mão. - Juro-o!

- A segunda é que não lhe dirá que o seu pai serviu o dela.

- Juro-o também.

- Ótimo, visconde. Não se esquecerá desses dois juramentos?

- Oh! - exclamou Albert.

- Muito bem. Sei que é um homem de honra.

O conde tocou de novo a campainha. Ali apareceu.

- Previna Haydée - disse-lhe Monte-Cristo - de que vou tomar o café com ela e de-lhe a entender que peço licença para lhe apresentar um dos meus amigos.

Ali inclinou-se e saiu.

- Portanto, está combinado, nada de perguntas diretas caro visconde. Se desejar saber alguma coisa, pergunte-a a mim e eu perguntarei a ela.

- Está combinado.

Ali reapareceu pela terceira vez e manteve o reposteiro levantado para indicar ao amo e a Albert que podiam passar.

- Entremos - disse Monte-Cristo.

Albert passou a mão pelo cabelo e cofiou o bigode. O conde pegou o chapéu, calçou as luvas e precedeu Albert nos aposentos que Ali guardava como uma sentinela avançada e que defendiam como um posto as três criadas de quarto francesas, comandadas por Myrtho.

Haydée esperava na primeira divisão, que era a sala, com os olhos muito abertos de surpresa. Porque era a primeira vez que outro homem além de Monte-Cristo penetrava nos seus aposentos. A jovem estava sentada num sofá, a um canto, com as pernas cruzadas debaixo do corpo, e fizera por assim dizer um ninho nos estofos de seda listrados e bordados, os mais ricos do Oriente. Junto dela encontrava-se o instrumento cujos sons a tinham denunciado. Eslava encantadora assim.

Ao ver Monte-Cristo, levantou-se com o duplo sorriso de filha e amante que só ela possuía. Monte-Cristo aproximou-se e estendeu-lhe a mão, que ela, como de costume, beijou.

Albert ficara ao pé da porta, dominado por aquela beleza estranha que via pela primeira vez e de que se não podia fazer qualquer idéia na França.

- Quem me traz? - perguntou em romaico a jovem a Monte-Cristo. - Um irmão, um amigo, um simples conhecido ou um inimigo?

- Um amigo - respondeu Monte-Cristo na mesma língua.

- O seu nome?

- O visconde Albert, o mesmo que tirei das mãos dos bandidos em Roma.

- Em que língua quer que lhe fale?

Monte-Cristo virou-se para Albert e perguntou-lhe:

- Conhece o grego moderno?

- Ai de mim, nem mesmo o grego antigo, meu caro conde! - respondeu Albert. - Nunca Homero e Platão tiveram mais fraco e, ouso até dizer, mais desdenhoso estudante.

- Então - disse Haydée, provando com as suas próprias palavras que entendera a pergunta de Monte-Cristo e a resposta de Albert -, falarei em francês ou em italiano, se o meu senhor desejar que fale.

Monte-Cristo refletiu um instante.

- Falará em italiano - disse.

Depois, virando-se para Albert:

- É pena que não entenda o grego moderno ou o grego antigo, pois Haydée fala ambos admiravelmente. A pobre pequena vai ser obrigada a falar-lhe em italiano, o que talvez lhe dê uma
falsa idéia a seu respeito.

Em seguida fez um sinal de Haydée.

- Seja bem-vindo, amigo, que vem com o meu senhor e amo - disse a jovem em excelente toscano, com a suave pronúncia romana que torna a língua de Dante tão sonora como a língua de Homero. - Ali, café e cachimbos!

E Haydée fez com a mão sinal a Albert para se aproximar, enquanto Alia se retirava para cumprir as ordens da sua jovem ama.

Monte-Cristo indicou a Albert dois bancos articulados e cada um foi buscar o seu, que trouxe para junto de uma espécie de mesinha cujo centro era ocupado por um narguilé e na qual se viam com profusão flores naturais, desenhos e álbuns de música.

Ali regressou com o café e os chíbuques. Quanto ao Sr. Baptistin, aquela parte da casa estava-lhe vedada. Albert recusou o cachimbo que lhe apresentava o núbio.

- Oh, aceite, aceite! - disse Monte-Cristo. - Haydée é quase tão civilizada como uma parisiense. O havano lhe é desagrável porque não aprecia os maus cheiros. Mas o tabaco do Oriente é um perfume, como sabe.

Ali saiu.

As xícaras de café estavam preparadas. Apenas se juntara, para Albert, um açucareiro. Monte-Cristo e Haydée tomavam a bebida árabe à moda dos árabes, isto é, sem açúcar.

Haydée estendeu a mão e pegou com a ponta dos deditos rosados e afilados a xícara de porcelana do Japão, que levou aos lábios com o prazer ingênuo de uma criança que bebe ou come uma coisa de que gosta.

Ao mesmo tempo, entraram duas mulheres com mais duas bandejas carregadas de gelados e sorvetes, que depositaram em cima de duas mesinhas destinadas a esse fim.

- Meu caro anfitrião, e vós, signora - disse Albert em italiano --, desculpem a minha estupefação. Estou
completamente aturdido, como é natural. Eis-me no Oriente, no verdadeiro Oriente, infelizmente não tal como o vi, mas sim tal como o sonhei em Paris. Ainda

há pouco tinha a sensação de ouvir passar o ônibus e tocar as campainhas dos vendedores de limonadas... Oh, signora, que pena eu não falar grego! A sua conversação, juntamente com este ambiente feérico, me proporcionaria uma noite de que nunca mais me esqueceria.

- Falo bastante bem o italiano para falar consigo, senhor - respondeu tranquilamente Haydée. - E farei o possível, se gosta do Oriente, para que o reencontre aqui.

- De que posso falar? - perguntou baixinho Albert a Monte-Cristo.

- De tudo o que quiser. Do seu país, da sua juventude, das suas recordações. Depois, se preferir, de Roma, de Nápoles ou de Florença.

- Oh, não valeria a pena estar diante de uma grega para lhe falar de tudo o que falaria a uma parisiense! - protestou Albert. - Deixe-me falar-lhe do Oriente.

- De fato, meu caro Albert, é a conversação que mais lhe agrada.

Albert virou-se para Haydée.

- Com que idade, signora, deixou a Grécia? - perguntou.

- Aos cinco anos - respondeu Haydée.

- E ainda se lembra da sua pátria?

- Quando fecho os olhos, revejo tudo o que vi. Há dois olhares: o olhar do corpo e o olhar da alma. O olhar do corpo pode às vezes esquecer, mas o da alma lembra-se sempre.

- E qual é o tempo mais distante de que se recorda?

- Mal andava. A minha mãe, que se chamava Vasiliki (Vasiliki quer dizer real) - acrescentou a jovem, erguendo a cabeça. - A minha mãe pegava-me na mão e, ambas cobertas com um véu, depois de metermos na bolsa todo o ouro que possuíamos, íamos pedir esmola para os prisioneiros dizendo: “Quem dá aos pobres, empresta a Deus." Depois, quando tínhamos a bolsa cheia, regressavamos ao palácio e, sem dizer nada ao meu pai, mandavamos todo o dinheiro que nos tinham dado, tomando-nos por pobres mulheres, ao superior do convento, que o distribuía entre os prisioneiros.

- E nessa época que idade tinha?

- Três anos - respondeu Haydée.

- Então, lembra-se de tudo o que se passou à sua volta a partir dos três anos?

- De tudo.

- Conde - disse baixinho Morcerf a Monte-Cristo --, devia permitir à signora que nos contasse um pouco da sua história. Proibiu-me de lhe falar do meu pai, mas talvez ela me fale dele, e não imagina quão feliz seria ouvindo sair o seu nome de tão bonita boca.

Monte-Cristo virou-se para Haydée, e com um franzir de sobrolho indicativo de que devia conceder a maior atenção à recomendação que lhe ia fazer, disse-lhe em grego:

- Conte-nos o destino do teu pai, mas não digas o nome do traidor nem fales da traição.

Haydée soltou um longo suspiro e uma nuvem escura passou-lhe pela fronte tão pura.

- Que lhe disse? - perguntou Morcerf em voz baixa.

- Repeti-lhe que o senhor é um amigo e que não tem de se coibir na sua

presença.

- Portanto - disse Albert --, esse remoto peditório para os prisioneiros é a sua primeira recordação. Qual é a outra?

- A outra? Vejo-me à sombra dos sicômoros, junto de um lago de que distingo ainda, através da folhagem, o espelho trêmulo. O meu pai estava sentado em coxins ao pé do mais velho e frondoso, e eu, fraca criança, enquanto a minha mãe estava deitada aos pés do marido, brincava com a barba branca do meu progenitor, que lhe descia até ao peito. E com o canjar de punho de diamantes que trazia à cintura. Depois, de vez em quando, aproximava-se dele um albanês que lhe dizia algumas palavras a que eu não prestava atenção e às quais ele respondia no mesmo tom de voz: “matem!", ou: “perdoem!"

- É estranho - observou Albert - ouvir sair tais coisas da boca de uma jovem, sem ser num teatro.

Ao mesmo tempo, dizia para consigo: “Isto não é ficção." E em seguida perguntou:

- Comparados com esse ambiente tão poético e com esse passado maravilhoso, como acha a França?

- Creio que é um belo país - respondeu Haydée. - Mas eu vejo a França tal como é, porque a vejo com olhos de mulher, ao passo que me parece, pelo contrário, que o meu país, que só vi com olhos de criança, está sempre envolto numa neblina luminosa ou sombria, conforme os meus olhos a vêem como uma doce pátria ou como um lugar de amargos sofrimentos.

- Tão jovem já signora - disse Albert, cedendo, mal-grado seu, ao poder da banalidade -, como pode ter sofrido?

Haydée olhou para Monte-Cristo, que, fazendo um sinal imperceptível, murmurou:

- Conta.

- Nada compõe o fundo da alma como as primeiras recordações, e, excetuando as duas que acabo de lhe referir, todas as recordações da minha juventude são tristes.

- Fale, fale, signora - pediu Albert --, pois juro-lhe que a escuto com inexprimível prazer.

Haydée sorriu tristemente.

- Quer então que passe às minhas outras recordações?... - perguntou.

- Suplico-lhe - respondeu Albert.

- Pois bem, tinha quatro anos quando, uma noite, fui acordada por minha mãe. Estavamos no palácio de Janina. Ela pegou-me dos coxins onde eu dormia e quando abri os olhos vi os seus cheios de grossas lágrimas.

"Levou-me sem dizer nada.

"Ao vê-la chorar, eu ia chorar também.

"- Silêncio, filha! - disse-me ela.

"Muitas vezes, apesar das consolações ou das ameaças maternas, eu, caprichosa como todas as crianças, continuava a chorar. Mas desta vez havia na voz da minha pobre mãe tal intonação de terror que me calei imediatamente.

"Ela levava-me rapidamente.

"Vi então que descíamos uma escada larga. Diante de nós, todas as criadas da minha mãe, com cofres, saquinhos, objetos de adorno, jóias e bolsas de ouro

desciam a mesma escada, ou antes, precipitavam-se por ela.

"Atrás das mulheres vinha uma guarda de vinte homens armados de compridas espingardas e pistolas e envergando aquele traje que os senhores conhecem na França desde que a Grécia voltou a ser uma nação.

"Havia algo de sinistro, acredite - acrescentou Haydée, abanando a cabeça e empalidecendo só de rememorar tais acontecimentos --, naquela longa fila de escravas e mulheres meio entorpecidas pelo sono, ou pelo menos assim me parecia, pois talvez julgasse os outros adormecidos por estar mal acordada.

"Na escada corriam sombras gigantescas, que os archotes de abeto faziam tremer nas abôbadas.

"- Despachem-se! - gritou uma voz ao fundo da galeria.

"Aquela voz fez curvar todas as pessoas, tal como o vento ao passar pela planície faz curvar um campo de espigas.

“A mim fez-me estremecer.

"Aquela voz era a do meu pai.

"Vinha atrás, envergando os seus esplêndidos trajes e empunhando uma carabina que o vosso imperador lhe oferecera; e, ajudado pelo seu favorito Selim, levava-nos adiante de si como um pastor leva um rebanho tresmalhado.

"O meu pai - disse Haydée, erguendo a cabeça - era um homem ilustre que a Europa conheceu sob o nome de Ali-Tebelin, pax de Janina, e diante do qual a Turquia tremeu.

Sem saber porquê, Albert estremeceu ao ouvir estas palavras, proferidas com indefinível acento de altivez e dignidade. Pareceu-lhe que algo sombrio e assustador brilhava nos olhos da jovem quando, qual pitonisa que evoca um fantasma, recordou a figura sangrenta, cuja morte terrível tornou gigantesca aos olhos da Europa contemporânea.

- Em breve - continuou Haydée - a corrida se deteve. Estavamos ao fundo da escada e à beira de um lago. A minha mãe apertava-me ao peito ofegante, e vi, dois passos atrás, meu pai, que deitava para todos os lados olhares inquietos.

"Diante de nós estendiam-se quatro degraus de mármore, e ao fundo do último degrau balançava uma barca.

"De onde estavamos via-se no meio do lago uma massa escura; era o quiosque para onde íamos.

"O quiosque parecia-me encontrar-se a uma distância considerável, talvez devido à obscuridade.

"Nos metemo-nos na barca. Lembro-me de que os remos não faziam nenhum ruído ao tocar na água. Inclinei-me para os ver: estavam envoltos nas faixas dos nossos palicários.

"Na barca, além dos remadores, só seguiam mulheres, meu pai, minha mãe, Selim e eu.

"Os palicários tinham ficado à beira do lago, ajoelhados no último degrau e utilizando os outros três como parapeito para o caso de serem atacados.

"A nossa barca voava como o vento.

"- Porque vai a barca tão depressa? - perguntei à minha mãe.

"- Quieta, minha filha - respondeu-me ela. - É porque fugimos.

"Não compreendi. Porque fugia o meu pai, o homem todo-poderoso diante do qual habitualmente fugiam os outros e que tomara como divisa: Odeiam-me,

portanto temem-me?

"Com efeito, era uma fuga o que o meu pai empreendia através do lago. Disse-me depois que a guarnição do castelo de Janina, cansada de um longo período de serviço...

Aqui, Haydée pousou o seu olhar expressivo em Monte-Cristo, que não tirava os olhos dela. Em seguida continuou lentamente, como quem inventa ou suprime.

- Dizia, signora - interveio Albert, que prestava a maior atenção à narrativa --, que a guarnição de Janina, cansada de um longo período de serviço...

- Se entendera com o serasqueiro Kurchid, enviado pelo sultão para se apoderar do meu pai. Fora então que o meu pai resolvera retirar-se, depois de enviar ao sultão um oficial francês em quem depositava toda a confiança, para o retiro que ele próprio preparara havia muito tempo e a que chamava kataplrygion, ou seja, o seu refúgio."

- E lembra-se do nome desse oficial, signora? - perguntou Albert.

Monte-Cristo trocou com a jovem um olhar rápido como um relâmpago, mas que passou despercebido a Morcerf.

- Não, não me recordo - respondeu ela. - Mas talvez tarde me recorde e então lhe direi.

Albert ia pronunciar o nome do pai, quando Monte-Cristo levantou devagar o dedo em sinal de silêncio. O jovem lembrou-se do seu juramento e calou-se.

- Era para o quiosque que vogavamos.

"Um térreo ornado de arabescos e com os terraços ao nível da água, e um primeiro andar que dava para o lago, era tudo o que o palácio oferecia de visível à vista.

"Mas por baixo do térreo e prolongando-se pela ilha ficava um subterrâneo, uma grande caverna para onde nos levavam, minha mãe, eu e as nossas criadas, e se amontoavam sessenta mil bolsas e duzentos barris. Nas bolsas havia vinte e cinco milhões em ouro e nos barris trinta mil libras de pólvora.

"Selim, o favorito do meu pai de quem já lhe falei, velava dia e noite junto dos barris, tendo na mão uma lança na ponta da qual ardia uma mecha. Tinha ordem de fazer ir tudo pelo ar, quiosque, guardas, pax , mulheres e ouro, ao primeiro sinal do meu pai.

"Recordo-me de que as nossas escravas, conhecedoras daquela temível vizinhança, passavam os dias e as noites rezando, chorando e gemendo.

"Quanto a mim, não me sai da retina o jovem soldado pálido e de olhos negros, e quando o anjo da morte descer até mim, estou certa de que reconhecerei Selim.

"É-me impossível dizer quanto tempo ficamos assim. Nessa época, ainda ignorava o que era o tempo. às vezes, mas raramente, meu pai mandava-nos chamar, a minha mãe e a mim, ao terraço do palácio. Eram as minhas horas de recreio, à margem daquelas em que só via no subterrâneo sombras gemebundas e a
lança acesa de Selim. Sentado diante de uma grande abertura, meu pai observava com olhar sombrio as profundezas do horizonte, e especialmente cada ponto negro que aparecia no lago, enquanto a minha mãe, semideitada junto dele, apoiava a cabeça no seu ombro e eu brincava a seus pés, admirando com os

exageros da infância, que aumentam ainda mais os objetos, as escarpas do Pindo, que se erguiam no horizonte, os palácios de Janina, que safam brancos e angulosos das águas do lago, e os imensos tufos de verdura escura, presos como líquenes às rochas da montanha, que de longe pareciam musgos, mas de perto eram abetos gigantescos e mirtos infindáveis.

"Uma manhã, meu pai mandou-nos chamar. O encontramos bastante calmo, mas mais pálido do que de costume.

"- Tem paciência, Vasiliki, hoje tudo ficará resolvido. Hoje chega o irmão do sultão e a minha sorte será decidida. Se o perdão for completo, regressaremos triunfantes a Janina; se as notícias forem más, fugiremos esta noite.

"- E se não nos deixam fugir? - perguntou a minha mãe.

"- Oh, fique tranquila - respondeu Ali, sorrindo. - Selim e a sua lança acesa se encarregarão deles, gostariam de me ver morto, mas com a condição de não morrerem comigo.

"A minha mãe respondeu apenas com suspiros às suas palavras de conforto, que não partiam do coração do meu pai.

"Ela preparou-lhe a água gelada que ele bebia a cada instante, pois desde que se retirara para o quiosque era devorado por uma febre ardente; perfumou-lhe a barba branca e acendeu-lhe o chíbuque, cujo fumo volatilizando-se no ar ele seguia às vezes durante horas inteiras, distraidamente, com os olhos.

"De súbito, fez um gesto tão brusco que me assustou.

"Depois, sem desviar os olhos do ponto de que fixava com atenção, pediu o óculo.

"A minha mãe passou-lhe, mais branca do que o estuque a que se encostava.

"Vi a mão do meu pai tremer.

"- Uma barca!... Duas!... Três!... - murmurou o meu pai. - Quatro!...

"E levantou-se, pegou nas suas armas e deitou, lembro-me perfeitamente, pólvora na caçoleta das pistolas.

"- Vasiliki - disse a minha mãe, tremendo visivelmente -, chegou o instante que vai decidir de nós. Dentro de meia hora saberemos a resposta do Sublime Imperador. Retire-se para o subterrâneo com Haydée.

"- Não te quero deixar - perguntou Vasiliki. - Se morrer, meu senhor, quero morrer contigo.

"- Vai para junto de Selim! - gritou o meu pai.

"- Adeus, senhor - murmurou minha mãe, obedecendo, dobrada em duas, como se esperasse a aproximação da morte.

"- Levem Vasiliki - ordenou meu pai aos seus palicários.

"Mas eu, de quem se esqueciam, corri para ele e estendi-lhe as mãos. Ele viu-me, inclinou-se para mim e beijou-me na testa.

"Oh, esse beijo foi o último e ainda o sinto na testa!

"Quando descemos distinguimos através das latadas do terraço as barcas que iam aumentando de tamanho no lago e que, semelhantes pouco antes a pontos negros, pareciam agora aves rasando a superfície das ondas.

"Entretanto, no quiosque, vinte palicários, sentados aos pés de meu pai e escondidos pelos madeiramentos, espiavam com olhos raiados de sangue a chegada dos barcos e tinham junto de si grandes espingardas incrustadas de

madrepérola e prata; no parque encontravam-se espalhados numerosos cartuchos. Meu pai consultava o relógio e passeava angustiado.

"Foi isso que mais me impressionou quando deixei meu pai depois de me dar o último beijo que recebi dele.

"Atravessamos, minha mãe e eu, o subterrâneo. Selim continuava no seu posto. Sorriu-nos tristemente. Fomos buscar almofadas ao outro lado da caverna e viemos sentar-nos junto de Selim. Nos grandes perigos, procuram-se os corações dedicados e, apesar de muito criança, sentia instintivamente que uma grande desgraça pairava sobre a nossa cabeça.

Albert ouvira muitas vezes contar, não pelo pai, que nunca falava disso, mas sim por estranhos, os últimos momentos do vizir de Janina. Também lera diversas narrativas da sua morte. Mas aquela história, tornada viva na pessoa e pela voz da jovem, aquele tom expressivo e aquela lamentável elegia, penetravam-no simultaneamente de um encanto e de um horror inexprimíveis.

Quanto a Haydée, toda entregue a tão terríveis recordações, calara-se por instantes. A sua cabeça, como uma flor que se verga em dia de tempestade, estava inclinada sobre uma das mãos, e os seus olhos, vagamente perdidos, pareciam ver ainda no horizonte o Pindo verdejante e as águas azuis do lago de Janina, espelho m gico que reflectia o quadro sombrio que ela esboçava.

Monte-Cristo olhava-a com indefinível expressão de interesse e piedade.

- Continua, minha filha - disse o conde em língua romaica. Haydée ergueu a cabeça como se as palavras sonoras que Monte-Cristo acabara de pronunciar a tivessem arrancado a um sonho e prosseguiu:

- Eram quatro da tarde. Mas embora o dia estivesse límpido e brilhante lá fora, nós estavamos mergulhados na sombra do subterrâneo.

"Uma única claridade brilhava na caverna, semelhante a uma estrela tremeluzente no fundo de um céu negro: a mecha de Selim. A minha mãe, que era cristã, rezava.

"Selim repetia de vez em quando estas palavras consagradas: "Deus é grande!"

"No entanto, a minha mãe ainda tinha alguma esperança. Ao descer julgara reconhecer o francês que fora enviado a Constantinopla e no qual o meu pai depositava toda a confiança, pois sabia que os soldados do sultão francês eram geralmente nobres e generosos. Minha mãe deu alguns passos para a escada e escutou.

"- Aproximam-se - disse ela. - Oxalá tragam a paz e a vida.

"- Que receias, Vasiliki? - perguntou-lhe Selim, na sua voz tão suave e ao mesmo tempo tão orgulhosa. - Se não trouxerem a paz, lhes daremos a morte.

"E espevitou a chama da lança com um gesto que o assemelhava ao Dionisos da antiga Creta.

"Mas eu, que era tão criança e tão ingênua, tinha medo daquela coragem que me parecia feroz e insensata, e horrorizava-me a morte terrível que pairava no ar e na chama.

"A minha mãe experimentava as mesmas impressões, porque sentia-a tremer.

"- Meu Deus! Meu Deus, mãezinha! - gritava. - Vamos morrer?

"E perante os meus gritos, os choros e as preces das escravas redobravam.

"- Criança - respondeu-me Vasiliki --, Deus te defenda de vir a desejar a morte que hoje teme!

"Depois, baixinho:

"- Selim, qual é a ordem do senhor? - perguntou.

"- Se me enviar o seu punhal, será sinal de que o sultão recusa perdoar-lhe e pego o fogo; se me mandar o seu anel, é porque o sultão lhe perdoa e deixo a pólvora.

"- Amigo - prosseguiu a minha mãe--, quando a ordem do senhor chegar, se for o punhal que enviar, em vez de nos matares a ambas dessa maneira que nos horroriza, te estenderemos o pescoço e nos matará com o punhal.

"- Sim, Vasiliki - respondeu tranquilamente Selim.

"De súbito, ouvimos como que grandes gritos. Escutamos: eram gritos de alegria. Ouvia-se o nome do francês que fora enviado a Constantinopla repetido pelos nossos palicários. Era evidente que trazia a resposta do Sublime Imperador e que essa resposta era favorável.

- E não se lembra do nome desse francês? - perguntou Morcerf, pronto a ajudar a memória da narradora.

Monte-Cristo fez-lhe um sinal.

- Não, não me lembro - respondeu Haydée, que prosseguiu: - O barulho aumentava. ouviam-se passos cada vez mais próximos. Desciam os degraus do subterrâneo.

"Selim preparou a lança.

"Não tardou a aparecer uma sombra no crepúsculo azulado formado pelos raios do Sol que penetravam até à entrada do subterrâneo.

"- Quem é você? - gritou Selim. - Mas seja quem for, não dê mais um passo.

"- Glória ao Sultão! - gritou o homem. - Foi concedido perdão completo ao vizir Ali. E não só tem a vida salva, como ainda lhe restituem a sua fortuna e os seus bens.

" A minha mãe soltou um grito de alegria e apertou-me ao coração.

"- Pare! - gritou-lhe Selim, vendo que ela corria já para a saída. - Bem sabe que me falta o anel.

"- Tem razão - concordou minha mãe, e ao mesmo tempo que cala de joelhos erguia-me para o céu, como se não lhe bastasse pedir a Deus por mim e quisesse ainda aproximar-me dele.

E Haydée deteve-se pela segunda vez, dominada por tal emoção que o suor lhe escorria da testa pálida e a voz estrangulada parecia não conseguir sair-lhe da garganta ressequida.

Monte-Cristo deitou um pouco de água gelada num copo e ofereceu-lho, ao mesmo tempo que dizia com uma doçura em que se notavam laivos de ordem:

- Coragem, minha filha!

Haydée limpou os olhos e a testa e continuou:

- Entretanto, os nossos olhos, habituados ao escuro, tinham reconhecido o enviado do pax : era um amigo.

"Selim reconhecera-o, mas o corajoso rapaz só sabia uma coisa: obedecer!

"- Em nome de quem vem? - perguntou.

"- Venho em nome do nosso amo, Ali-Tebelin.

"- Se vens em nome de Ali, sabe o que me deve entregar?

"- Sei e te trago o seu anel - respondeu o enviado.

"Ao mesmo tempo, ergueu a mão acima da cabeça. Mas estava demasiado longe e não havia luz suficiente para que Selim pudesse, de onde estavamos, distinguir e reconhecer o objeto que lhe apresentavam.

"- Não vejo o que tem na mão - disse Selim.

"- Aproxime-se ou me aproximarei eu - sugeriu o mensageiro.

"- Nem um nem outro - respondeu o jovem soldado. - Põe aí onde está e debaixo desse raio de luz o objeto que me mostra e retire-se até eu o ver.

"- Seja - disse o mensageiro.

"E retirou-se, depois de colocar o sinal de reconhecimento no lugar indicado.

"O nosso coração palpitava. Porque o objeto nos parecia ser efetivamente um anel. Mas seria o anel do meu pai?

"Selim, empunhando sempre a mecha acesa, aproximou-se da abertura, inclinou-se radiante sob os raios de luz e apanhou o sinal.

"- O anel do senhor - disse, beijando-o. - Muito bem.

"E deitando a mecha ao chão, calcou-a e apagou-a.

"O mensageiro soltou um grito de alegria e bateu as mãos. A este sinal, quatro soldados do serasqueiro Kurchid acorreram e Selim caiu atingido por cinco punhaladas. Cada um dera a sua.

"E depois, ébrios do crime que tinham cometido, embora pálidos de medo, percorreram o subterrâneo, procurando por toda a parte se havia fogo e rebolando-se sobre os sacos de ouro.

"Entretanto, a minha mãe tomou-me nos braços e, ágil, metendo por sinuosidades só nossas conhecidas, chegou a uma escada oculta do quiosque, no qual reinava um tumulto medonho.

"As salas de baixo estavam inteiramente ocupadas pelos tchodoares de Kurchid, isto é, pelos nossos inimigos.

"No momento em que a minha mãe ia empurrar a portinha, ouvimos soar, terrível e ameaçadora, a voz do pax .

"A minha mãe colou um olho às fendas das tábuas; uma abertura ficou, por acaso diante de mim e olhei.

"- Que quer? - perguntava o meu pai a uns homens que tinham um papel com caracteres dourados na mão.

"- O que queremos - respondeu um deles -- é comunicare a vontade de Sua Alteza. Vê este firmão?

"- Vejo - respondeu o meu pai.

"- Então, leia-o. Pede a tua cabeça.

"Meu pai soltou uma gargalhada, mais assustadora do que se fosse uma ameaça. Ainda se não calara quando dois tiros partiram das suas mãos e mataram dois homens.

"Os palicários, que estavam deitados à volta do meu pai, de cara para o chão, levantaram-se então e fizeram fogo. A sala encheu-se de barulho, chamas e fumo.

"No mesmo instante o fogo começou do outro lado e as balas vieram perfurar as tábuas à nossa volta.

"Oh, como era belo, como era grande, o vizir Ali-Tebelin, meu pai, no meio das balas, de cimitarra em punho e o rosto negro de pólvora! Como os seus inimigos fugiam!

"- Selim! Selim! Guarda do fogo, cumpre o teu dever! - gritava.

"- Selim morreu! - respondeu uma voz que parecia sair das profundezas do quiosque. - E você, meu senhor Ali, está perdido!

"Ao mesmo tempo, ouviu-se uma detonação abafada e o pavimento voou em pedaços a toda a volta do meu pai.

" Os tchodoares disparavam através do parque. Três ou quatro palicários caíram, atingidos de baixo para cima, com ferimentos por todo o corpo.

"O meu pai rugiu, meteu os dedos nos buracos das balas e arrancou uma tábua inteira.

"Mas ao mesmo tempo, por essa abertura soaram vinte tiros e as chamas, como se saíssem da cratera de um vulcão, alcançaram as tapeçarias, que devoraram.

"No meio de todo aquele tumulto horrível, no meio daqueles gritos terríveis, dois tiros mais distintos do que os outros e dois gritos mais dilacerantes do que quaisquer outros gelaram-me de terror. As duas explosões tinham atingido mortalmente o meu pai e fora ele que soltara os dois gritos.

"No entanto, tinha ficado de pé, agarrado a uma janela. Minha mãe sacudia a porta para ir morrer com ele, mas a porta estava fechada por dentro.

"À volta dele, os palicários contorciam-se nas convulsões da agonia; dois ou três, que não estavam feridos ou o estavam apenas ligeiramente, atiraram-se das janelas. Ao mesmo tempo, todo o pavimento estalou, quebrado por baixo. Meu pai caiu sobre um joelho. Imediatamente se estenderam vinte braços
armados de sabres, pistolas e punhais, e vinte golpes atingiram simultaneamente um só homem. Meu pai desapareceu num turbilhão de fogo ateado por aqueles demônios rugidores, como se o Inferno se lhe tivesse aberto debaixo dos pés.

“Senti-me cair no chão; era a minha mãe que perdia os sentidos.

Haydée deixou cair os braços, soltou um gemido e olhou o conde, como se lhe perguntasse se estava satisfeito com a sua obediência.

O conde levantou-se, aproximou-se dela, pegou-lhe na mão e disse-lhe em romaico:

- Descansa, querida filha, e ganha coragem pensando que há um Deus que castiga os traidores.

- Uma história espantosa, conde - disse Albert, muito preocupado com a palidez de Haydée. - já estou arrependido de ter sido tão cruelmente indiscreto.

- Isto não é nada - respondeu Monte-Cristo.

Depois, pôs a mão na cabeça da jovem e acrescentou:

- Haydée é uma mulher corajosa e encontra por vezes alívio falando dos seus sofrimentos.

- Porque, meu senhor - disse vivamente a jovem -, porque os meus sofrimentos me recordam os teus benefícios. Albert olhou-a com curiosidade, porque ela ainda não contara o que mais desejava saber, isto é, como se tornara escrava do conde.

Haydée viu expresso o mesmo desejo, tanto nos olhos do conde como nos de Albert. E continuou:

- Quando a minha mãe recuperou os sentidos, estavamos diante do serasqueiro.

“- Mata-me - disse ela --, mas poupa a honra da viúva de Ali.

"- Não é a mim que te deve dirigir - perguntou Kurchid.

"- Então a quem?

"- Ao teu novo senhor.

"- Quem é?

"- Ei-lo.

“E Kurchid indicou-nos um daqueles que mais tinham contribuído para a morte do meu pai - acrescentou a jovem, com uma cólera sombria.

- Tornaram-se então propriedade desse homem? - perguntou Albert.

- Não - respondeu Haydée. - Não ousou conservar-nos e vendeu-nos a negociantes de escravos que iam para Constantinopla. Atravessamos a Grécia e chegamos quase moribundas à porta imperial, cheia de curiosos, que se afastavam para nos deixar passar. De súbito, a minha mãe seguiu com a vista a direção dos seus olhares, soltou um grito e caiu, ao mesmo tempo que me mostrava uma cabeça por cima da porta. Por baixo da cabeça encontravam-se escritas estas palavras: “Esta é a cabeça de Ali-Tebelin, pax de Janina."

"Tentei, chorando, levantar minha mãe; estava morta!

"Levaram-me para o bazar. Um rico armênio comprou-me, mandou-me educar, deu-me professores, e quando fiz treze anos vendeu-me ao sultão Mahmud.

- A quem - interveio Monte-Cristo a resgatei; como já lhe disse, Albert, em troca da esmeralda idêntica àquela onde guardo as minhas pastilhas de haxixe.

- Oh, você é bom, você é grande, meu senhor! - exclamou Haydée, beijando a mão de Monte-Cristo. - E sou muito feliz por lhe pertencer!

Albert ficara aturdido com o que acabava de ouvir.

- Acabe a sua xícara de café - disse-lhe o conde. - A história terminou.

capítulo LXXVIII

Escrevem-nos de Janina

Franz saíra do quarto de Noirtier tão cambaleante e desorientado que a própria Valentine tivera compaixão dele. Villefort, que apenas articulara algumas palavras sem sentido e se metera no seu gabinete, recebeu duas horas mais tarde a seguinte carta:

“Depois do revelado esta manhã, o Sr. Noirtier de Villefort não acha possível uma aliança entre a sua família e a do Sr. Franz de Epinay. O Sr. Franz de Epinay, pela sua parte, considera horrível que o Sr. Villefort, que parecia conhecer os acontecimentos revelados esta manhã, o não tenha prevenido a tal respeito."

Quem visse naquele momento o magistrado vergado ao golpe que o atingira não acreditaria que o previsse. Com efeito, nunca lhe passaria pela cabeça que o pai levasse a franqueza, ou antes a rudeza, ao ponto de contar

semelhante história. Verdade seja que o Sr. Noirtier, que não ligava grande importância à
opinião do filho, nunca se preocupara em esclarecer o caso aos olhos de Villefort, e que este sempre acreditara que o general de Quesnel ou o barão de Epinay, como se lhe quisesse chama, tratando-o pelo nome com que nascera ou por aquele que lhe tinham dado, fora assassinado e não morto lealmente em duelo.

Esta carta, tão dura da parte de um rapaz até ali tão respeitoso, era mortal para o orgulho de um homem como Villefort.

Mal acabara de entrar no gabinete, apareceu a mulher,

A saída de Franz, chamado pelo Sr. Noirtier, surpreendera de tal modo todas as pessoas que a posição da Sra de Villefort, que ficara sozinha com o tabelião e as testemunhas, se tornara de momento a momento mais embaraçosa. Então, a Sra de Villefort tomara a decisão de sair, anunciando que ia saber o que se passava.

O Sr. de Villefort limitou-se a dizer-lhe que depois de uma explicação entre ele, o Sr. Noirtier e o Sr. de Epinay o casamento de Valentine com Franz fora desfeito. Era difícil dar semelhante notícia àqueles que esperavam. Por isso, a Sra de Villefort, limitou-se a dizer, quando regressou, que o Sr. Noirtier tivera, no inicio da conferência, uma espécie de ataque de apoplexia, pelo que naturalmente o contrato era adiado por alguns dias.

Esta notícia, apesar de falsa, vinha tão singularmente na sequência de duas desgraças do mesmo gênero que os presentes se entreolharam atônitos e se retiraram sem dizer palavra. Entretanto, Valentine, feliz e assustada ao mesmo tempo, depois de beijar e agradecer ao pobre velho, que acabava de quebrar assim, de um só golpe, uma união que ela via já como indissolúvel, pedira licença para se retirar para o seu quarto, a fim de se recompor, e Noirtier dera-lhe, de olhar brilhante, a licença solicitada.

Mas em vez de subir ao seu quarto, Valentine, logo que saiu, meteu pelo corredor, transpôs a portinha e correu para o jardim. No meio de todos os acontecimentos que acabavam de se amontoar uns sobre os outros, um terror surdo oprimira-lhe constantemente o coração. Esperava de um momento para o outro ver aparecer Morrel, pálido e ameaçador como o laird de Ravenswood no contrato de Lucie de Lammermoor.

Com efeito, era tempo de se dirigir ao portão. Maximilien, que desconfiara do que se iria passar ao ver Franz deixar o cemitério com o Sr. de Villefort, seguira-o. Em seguida, depois de o ver entrar, vira-o sair novamente e regressar com Albert e Chateau-Rcnaud. Para ele, não havia portanto mais dúvidas. Correra então para o seu cercado, pronto para o que desse e viesse, e certo de que no primeiro momento de
liberdade que conseguisse, Valentine correria ao seu encontro.

Não se enganara; com efeito, de olho colado às tábuas, viu aparecer a jovem, que, sem tomar nenhuma das precauções habituais, corria para o portão. Ao primeiro olhar que lhe deitou, Maximilien ficou tranquilo, e à primeira palavra que ela pronunciou. saltou de alegria.

- Salvos! - disse Valentine.

- Salvos! - repetiu Morrel, sem poder acreditar em semelhante felicidade. - Mas salvos por quem?

- Pelo meu avô. Oh, ame-o muito, Morrel!

Morrel jurou amar o velho com toda a sua alma, juramento que lhe não custava nada fazer, pois naquele momento não se limitava a amá-lo como um amigo ou como um pai, adorava-o como um deus.

- Mas como foi isso? - perguntou Morrel. - Que meio estranho empregou ele?

Valentine abria já a boca para contar tudo, mas pensou que havia no fundo de tudo aquilo um segredo terrível que não pertencia exclusivamente ao avô.

- Mais tarde lhe contarei tudo - respondeu.

- Mas quando?

- Quando for sua mulher.

Era colocar a conversa num pé em que Morrel era capaz de entender tudo. Por isso, entendeu mesmo que se devia contentar com o que sabia, e que era bastante para um dia. No entanto, só consentiu em se retirar depois de ter a promessa de que veria Valentine no dia seguinte à noite.

Valentine prometeu o que Morrel quis. A seus olhos tudo mudara, e claro que lhe era agora menos difícil acreditar que casaria com Maximilien do que convencer-se uma hora antes que não casaria com Franz.

Entretanto, a Sra de Villefort subira aos aposentos de Noirtier. Noirtier olhou-a com o ar sombrio e severo com que costumava recebê-la.

- Senhor - começou ela -, escuso de lhe dizer que o casamento de Valentine foi desfeito, pois foi aqui que o rompimento se verificou.

Noirtier permaneceu impassível.

- Mas - continuou a Sra de Villefort - o que o senhor não sabe é que sempre me opus a esse casamento, que se efetuava mal-grado meu.

Noirtier fitou a nora como homem que espera uma explicação.

- Ora, agora que o casamento, acerca do qual eu conhecia a sua repugnância, está desfeito, venho fazer junto do senhor uma diligência que nem o Sr. de Villefort nem Valentine podem fazer.

Os olhos de Noirtier perguntaram qual era essa diligência.

- Venho pedir-lhe, senhor - continuou a Sra de Villefort -, como a única pessoa que tem esse direito, pois sou a única que não ganharei nada com isso venho pedir-lhe, repito, que restitua, não direi as suas boas graça, porque ela sempre as teve, mas sim a sua fortuna à sua neta.

Os olhos de Noirtier ficaram um instante indecisos; procurava evidentemente os motivos de tal diligência e não os conseguia encontrar.

- Posso esperar, senhor, que as suas intenções estejam de harmonia com o pedido que acabo de lhe fazer? - perguntou a Sra de Villefort.

- Pode - respondeu Noirtier.

- Nesse caso, senhor, retiro-me ao mesmo tempo reconhecida e feliz - declarou a Sr a de Villefort

E retirou-se depois de cumprimentar Noirtier.

Com efeito, no dia seguinte Noirtier mandou chamar o tabelião. O primeiro testamento foi rasgado e fez-se outro novo em que ele deixava toda a sua fortuna a Valentine, com a condição de a não separarem dele.

Algumas pessoas calcularam então que Mademoiselle de Villefort, herdeira do marquês e da marquesa de Saint-Méran e reentrada nas boas graças do avô,

teria um dia muito perto de trezentas mil libras de rendimento

Enquanto o casamento se rompia em casa dos Villeforts, o Sr. Conde de Morcerf recebia a visita de Monte-Cristo, e, para mostrar a Danglars a sua prontidão, envergava o seu grande uniforme de tenente-general, que adornara com todas as suas condecorações, e pedia os seus melhores cavalos. Assim vestido, dirigiu-se para a Rua da Chaussée-d'Antin e mandou-se anunciar a Danglars, que elaborava o seu balancete
de fim de mês.

Havia algum tempo que aquele não era o momento mais indicado para apanhar o banqueiro de bom humor. Por isso, ao ver o aspecto do seu velho amigo, Danglars tomou o seu ar majestoso e instalou-se sem cerimônia na sua poltrona.

Morcerf, habitualmente tão empertigado, tomara, pelo contrário, um ar risonho e afável; e como estava quase certo de que a sua proposta ia receber um bom acolhimento, pôs de lado a diplomacia e foi direito ao assunto:

- Barão, aqui estou - disse. - há muito tempo que giramos à volta das nossas palavras de outrora.

Morcerf esperava, após estas palavras, ver abrir-se o rosto do banqueiro, cujo ar carrancudo atribuía ao silêncio que mantivera até ali; mas, pelo contrário, o rosto do banqueiro tornou-se, o que era quase incrível, ainda mais impassível e frio. Por isso, Morcerf parara no meio da frase.

- Quais palavras, Sr. Conde? - perguntou o banqueiro, como se procurasse em vão no seu espírito a explicação do que o general queria dizer.

- Oh, é formalista, meu caro senhor, e lembra-me que o cerimonial deve obedecer a todos os ritos! - perguntou o conde. - Muito bem! Perdoe-me, mas como só tenho um filho e é a primeira vez que penso em casá-lo, estou ainda aprendendo. Vamos, desculpe-me.

E Morcerf, com um sorriso forçado, levantou-se, fez uma profunda reverência a Danglars e disse-lhe:

- Sr. Barão, tenho a honra de lhe pedir a mão de Mademoiselle Eugênie Danglars, sua filha, para o meu filho, o visconde Albert de Morcerf.

Mas Danglars, em vez de acolher estas palavras com a satisfação que Morcerf devia esperar dele, franziu o sobrolho e, sem convidar o conde, que estava de pé, a sentar-se, perguntou:

- Sr. Conde, preciso refletir antes de lhe responder.

- De refletir! - exclamou Morcerf, cada vez mais atônito. - Não teve tempo de refletir desde que há perto de oito anos falamos deste casamento pela primeira vez?

- Sr. conde - disse Danglars --, todos os dias acontecem coisas que levam a que as reflexões que se julgavam feitas tenham de ser revistas.

- Como? - perguntou Morcerf. - Cada vez o compreendo menos, barão!

- Quero dizer, senhor, que há quinze dias, novas circunstâncias...

- Um momento - atalhou Morcerf. - Estamos ou não estamos a desempenhar uma comédia?

- Ora essa, uma comédia?...

- Sim, expliquemo-nos categoricamente.

- Não quero outra coisa.

- Falou com o Sr. de Monte-Cristo!

- Falo com ele muitas vezes - respondeu Danglars, sacudindo as pregas do peitilho. - É um dos meus amigos.

- Pois numa das últimas vezes que falou com ele disse-lhe que eu parecia esquecido, irresoluto, a respeito do casamento.

- É verdade.

- Por isso aqui estou. Não sou nem esquecido nem irresoluto, como vê, pois venho convidá-lo a cumprir a sua promessa.

Danglars não respondeu.

- Mudou assim tão depressa de opinião ou provocou o meu pedido apenas para ter o prazer de me humilhar? - quis saber Morcerf.

Danglars compreendeu que, se continuasse a conversa naquele tom, o caso poderia tomar mau aspecto para si.

- Sr. Conde - disse --, tem razão em estar surpreendido com a minha reserva. Compreendo isso e creia que sou o primeiro a lamentá-lo. Mas a minha atitude ,me é imposta por circunstâncias imperiosas.

- Isso são desculpas de mau pagador, meu caro senhor, com que talvez se contentasse qualquer pobre-diabo. Mas o conde de Morcerf não é um pobre-diabo. E quando um homem como ele vem procurar outro homem e lembrar-lhe a palavra dada, e esse homem falta à sua palavra, tem o direito de exigir que lhe dêem ao menos uma boa razão.

Danglars era covarde, mas não o queria parecer, e sentiu-se picado pelo tom que Morcerf acabava de tomar.

- Também não é a boa razão que me falta - replicou.

- Que pretende dizer?

- Que tenho essa boa razão, mas que é difícil de dá-la.

- Vê no entanto - perguntou Morcerf - que não posso contentar-me com as suas reticências. Em todo o caso, uma coisa me parece clara: que recusa a minha aliança.

- Não, senhor - contrapós Danglars. -- suspendo apenas a minha resolução.

- Suponho, porém, que não tem a pretensão de crer que me submeto aos seus caprichos a ponto de esperar tranquila e humildemente que me volte a conceder as suas boas graças?...

- Nesse caso, Sr. Conde, se não pode esperar, consideremos os nossos projetos anulados.

O conde mordeu os lábios até sangrarem para não explodir como o seu temperamento orgulhoso e irritável lhe aconselhava. No entanto, compreendendo que em semelhantes circunstâncias o ridículo estaria do seu lado, começara já a dirigir-se para a polia da sala, quando, reconsiderando, voltou atrás.

Acabava de lhe passar uma nuvem pela testa, onde ficara, em vez do orgulho ferido, vestígios de uma vaga inquietação.

- Vejamos, meu caro Danglars: conhecemo-nos há muitos anos e portanto devemos ter alguma consideração um pelo outro. O senhor deve-me uma explicação, e o mínimo que posso desejar é saber a que infeliz acontecimento deve o meu filho a perda das suas boas intenções a seu respeito.

- Não e nada que se relacione pessoalmente com o visconde, é tudo o que lhe posso dizer, senhor - respondeu Danglars, que reassumia o seu ar

impertinente à medida que via Morcerf amansar.

- Então relaciona-se pessoalmente com quem? - perguntou Morcerf com voz alterada, ao mesmo tempo que a testa se lhe cobria de palidez.

Danglars, a quem nenhum destes sintomas escapava, pousou nele um olhar mais firme do que de costume.

- Agradeça-me não me explicar mais - disse.

Uma tremura nervosa, proveniente sem dúvida de uma cólera contida agitava Morcerf:

- Tenho o direito... - começou, fazendo um violento esforço sobre si mesmo. - Tenciono exigir-lhe que se explique. Tem alguma coisa contra a Sra de Morcerf? É a minha fortuna que é insuficiente? São as minhas opiniões, que, por serem contrárias às suas...

- De modo nenhum, senhor - respondeu Danglars. - E se se tratasse disso, seria imperdoável da minha parte, uma vez que me comprometi sabendo todas essas coisas. Não, não procure mais. Sinto-me sinceramente envergonhado de levá-lo a fazer esse exame de consciência. Fiquemos por aqui, que é o melhor, acredite. Aceitemos o meio termo do adiamento, que não é nem um rompimento nem um compromisso. Nada nos apressa, meu Deus! A minha filha tem dezessete anos e o seu filho vinte e um.

Enquanto esperamos, o tempo passará e comporá os acontecimentos. As coisas que parecem escuras na véspera são por vezes claríssimas no dia seguinte e num dia desfazem-se as mais cruéis calúnias:

- Calúnias, disse o senhor?! - gritou Morcerf, tornando-se lívido. - Caluniam-me? A mim?!

- Sr. Conde, deixemo-nos de explicações, peço-lhe.

- Quer dizer, senhor, que deverei suportar tranquilamente essa recusa?

- Penosa sobretudo para mim, senhor. Sim, mais penosa para mim do que para si. porque considerava uma honra a nossa aliança, e um casamento desfeito prejudica sempre mais a noiva do que o noivo.

- Está bem, senhor, não falemos mais a tal respeito - concordou Morcerf.

E, amarrotando as luvas com raiva, saiu do aposento.

Danglars notou que nem uma só vez Morcerf ousara perguntar se era por causa dele, Morcerf; que Danglars retirava a sua palavra. À noite, teve uma longa conferência com vários amigos, e o Sr. Cavalcanti, que se mantivera constantemente na sala das senhoras, foi o último a sair de casa do banqueiro.

No dia seguinte, ao acordar, Danglars pediu os jornais, que lhe trouxeram imediatamente. Pôs de lado três ou quatro e pegou no Impartial. Era aquele em que Beauchamp ocupava o cargo de redator principal.

Quebrou rapidamente a cinta, abriu-o com uma precipitação nervosa, passou desdenhosamente pelo premier Paris e, chegado aos faits divers, deteve-se com o seu sorriso maldoso numa notícia breve que começava assim: “Escrevem-nos de Janina... "

- Pronto - disse depois de ler --, aqui está um artigozinho sobre o coronel Fernand, que, segundo todas as probabilidades, me dispensará de dar explicações ao Sr. Conde de Morcerf.

Na mesma altura, isto é, cerca das nove horas da manhã, Albert de Morcerf; vestido de preto, metodicamente abotoado e com o passo agitado e a

palavra breve, apresentava-se na casa dos Campos Elísios.

- O Sr. Conde saiu há pouco mais ou menos meia hora - informou-o o porteiro.

- Levou Baptistin? - perguntou Morcerf.

- Não, Sr. Visconde.

- Chame Baptistin, quero falar com ele.

O próprio porteiro foi chamar o criado de quarto, com o qual regressou pouco depois.

- Meu amigo - disse Albert --, peço-lhe desculpa da minha indiscrição, mas queria perguntar-lhe pessoalmente: o seu amo saiu de fato?

- Saiu, sim, senhor - respondeu Baptistin.

- Mesmo para mim?

- Sei quanto o meu amo sente prazer em receber V. Exª , e de modo algum o incluiria numa medida geral.

- Ainda bem, porque preciso lhe falar de um caso grave. Acha que se demorará?

- Não, porque pediu o almoço para as dez horas.

- Bom, vou dar uma volta pelos Campos Elísios e às dez estarei aqui. Se o Sr. Conde regressar antes de mim, diga-lhe que lhe peço para me esperar.

- Não me esquecerei, senhor, pode estar certo.

Albert deixou à porta do conde o cabriolé de praça em que viera e foi passear a pé.

Ao passar diante da Alameda das Viúvas julgou reconhecer os cavalos do conde estacionados à porta da carreira de tiro de Gosset. Aproximou-se e, depois de reconhecer os cavalos, reconheceu o cocheiro.

- O Sr. Conde está na carreira de tiro? - perguntou Morcerf.

- Está sim, senhor - respondeu o cocheiro.

Com efeito, vários tiros regulares tinham soado desde que Morcerf se encontrava nas imediações.

Entrou.

O servente encontrava-se no jardim.

- Desculpe, mas o Sr. Visconde poderia esperar um instante?

- Porquê, Philippe? - perguntou Albert, que, como frequentador habitual, estranhava aquele obstáculo, que não compreendia. Porque a pessoa que treina neste momento pratica sozinha e nunca atira diante de ninguém.

- Nem mesmo diante de você, Philippe?

- Como vê, senhor, estou à porta do meu cubículo.

- E quem lhe carrega as pistolas?

- O criado.

- Um núbio?

- Um grego.

- É isso.

- Conhece esse senhor?

- Venho procurá-lo, é meu amigo.

- Oh, então é outra coisa! Vou preveni-lo.

E Philippe, impelido pela sua própria curiosidade, entrou na barraca de madeira. Um segundo depois, Monte-Cristo apareceu no limiar.

- Desculpe persegui-lo até aqui, meu caro conde - disse Albert --, mas começo por lhe dizer que a culpa não é do seu pessoal e que sou o único indiscreto. Apresentei-me em sua casa; disseram-me que tinha saído, mas que regressaria às dez horas para almoçar. Resolvi vir passear, à espera das dez, e ao passar por aqui vi os seus cavalos e a sua carruagem.

- O que acaba de me dizer me da a esperança de que venha pedir-me para almoçar...

- Não, obrigado. Não se trata do almoço, neste momento. Talvez tomemos o almoço mais tarde, mas em má companhia, com a breca!

- Que diabo está dizendo?

- Meu caro, me bato hoje.

- O senhor? E porquê?

- Porque sim!

- Está bem, mas por que motivo? As pessoas batem-se por mil e uma coisas, como sabe.

- Por uma questão de honra.

- Ah, então o caso é sério!

- Tão sério que lhe venho pedir que me faça um favor.

- Qual?

- O de ser minha testemunha.

- Então o caso é mais do que sério, é grave. Mas não falemos disso aqui e regressemos a minha casa. Ali, de-me água.

O conde arregaçou as mangas e passou ao vestibulozinho que precede as linhas de tiro e onde os atiradores têm o hábito de lavar as mãos.

- Entre, Sr. Visconde, se quer ver uma coisa engraçada - disse Philippe em voz baixa.

Morcerf entrou. Em vez de alvos, encontravam-se coladas na placa cartas de jogar.

De longe, Morcerf julgou tratar-se de um naipe completo; havia desde o Ás até ao dez.

- Ah, ah!... - exclamou Albert. - Estava jogando ao piquet?

- Não - respondeu o conde --, estava fazendo um baralho de cartas.

- Como?...

- Sim. As que vê são ases e duques; as minhas balas é que fizeram os ternos, as quinas, os setes, os oitos, os noves e os dez.

Albert aproximou-se.

Com efeito, as balas tinham, em linhas perfeitamente exatas e a distâncias perfeitamente iguais, substituído os sinais ausentes e perfurado o cartão nos lugares onde deveriam ser pintados. Ao dirigir-se para a placa, Morcerf apanhou ainda duas ou três andorinhas que tinham cometido a imprudência de passar ao alcance da pistola do conde e que este abatera.

- Diabo!... - exclamou Morcerf.

- Que quer, meu caro visconde - disse Monte-Cristo, limpando as mãos na toalha trazida por Ali -, tenho de ocupar os meus momentos de ociosidade... Mas venha, estou à sua espera.

Subiram ambos para o cupe de Monte-Cristo, que, poucos instantes depois, os depositou à porta do nº 30. Monte-Cristo levou Morcerf para o seu gabinete e

indicou-lhe uma cadeira. Sentaram-se ambos.

- Agora, conversemos tranquilamente - disse o conde.
- Como vê, estou perfeitamente calmo.
- Com quem se quer bater?
- Com Beauchamp.
- Um dos seus amigos!
- É sempre com amigos que nos batemos.
- Pelo menos deve haver uma razão.
- Tenho uma.
- Que lhe fez ele?
- Um jornal de ontem à tarde... Mas tome, leia - e Albert estendeu a Monte-Cristo um jornal em que o conde leu o seguinte:

“Escrevem-nos de Janina:

"Um fato até agora ignorado, ou pelo menos inédito, chegou ao nosso conhecimento: os castelos que defendiam a cidade foram entregues aos Turcos por um oficial francês no qual o vizir Ali-Tebelin depositava toda a sua confiança e que se chamava Fernand."

- Que vê nisto que o ofenda? - perguntou Monte-Cristo.
- Como, que vejo?!
- Sim. Que lhe interessa a você que os castelos de Janina tenham sido entregues por um oficial chamado Fernand?
- Interessa-me porque o meu pai, o conde de Morcerf, se chama Fernand de seu nome de batismo.
- E o seu pai esteve ao serviço de Ali-Pax ?
- Bom, ele combatia pela independência dos Gregos. É aí que reside a calúnia.
- Ah, sim! Sejamos razoáveis, meu caro visconde...
- Não pretendo outra coisa.
- Diga-me: quem diabo sabe na França que o oficial Fernand é o mesmo homem que o conde de Morcerf? E quem se ocupa agora de Janina, que, segundo creio, foi tomada em 1822 ou 1823?
- É precisamente ai que reside a perfídia: deixa-se o tempo passar, e um belo dia recordam-se acontecimentos esquecidos para armar um escândalo que pode manchar uma alta posição. Pois bem, eu, herdeiro do nome do meu pai, não quero sequer que sobre esse nome paire a sombra de uma dúvida. Vou enviar a Beauchamp, em cujo jornal foi publicada esta notícia, duas testemunhas, para que a corrija.
- Beauchamp não corrigirá nada.
- Então, nos bateremos.
- Não, não se baterão porque ele lhe responderá que havia no Exército grego talvez cinquenta oficiais chamados Fernand.
- Nos bateremos apesar dessa resposta. Oh, quero que corrija a notícia!... Meu pai, um soldado tão nobre, com tão ilustre carreira...
- Ou então escrever : “Somos levados a crer que tal Fernand nada tem de comum com o Sr. Conde de Morcerf, cujo nome de batismo é também Fernand."

- Exijo uma retratação plena e completa; não me contentarei de modo algum com isso!

- E vai mandar-lhe as suas testemunhas?

- Vou.

- Faz mal.

- Isso quer dizer que me recusa o favor que lhe vinha pedir?

- Conhece a minha teoria a respeito do duelo; fiz-lhe a minha profissão de fé em Roma, lembra-se?

- Contudo, meu caro conde, encontrei-o esta manhã, ainda há pouco, entregue a uma ocupação pouco de harmonia com essa teoria.

- Porque, meu caro amigo, nunca devemos, como deve compreender nos alhear do meio em que vivemos. Quando vivemos com loucos, devemos aprender a ser também insensatos. De um momento para o
outro, qualquer temperamento irascível poderá, sem mais motivo do que querer implicar comigo como o senhor quer implicar com Beauchamp, aproveitar a primeira ninharia para me mandar as suas testemunhas ou insultar-me em público. Nesse caso, não terei outro remédio senão matar o indivíduo dotado desse temperamento irascível...

- Admite, portanto, que o senhor mesmo se bateria?

- Ora essa!

-Sendo assim, porque quer que eu não me bata?

- Não disse, de modo algum, que se não devia bater; digo apenas que um duelo é coisa grave e em que é preciso pensar.

- E ele pensou antes de insultar o meu pai?

- Se não pensou e lhe confessar, não deverá querer-lhe mal por isso.

- Meu caro conde, o senhor é demasiado indulgente!

- E o senhor demasiado rigoroso. Vejamos, supondo... Escute bem isto: supondo... Não se zangará com o que vou dizer?

- Escuto-o.

- Supondo que o caso noticiado era verdadeiro.

- Um filho não deve admitir semelhante suposição sobre a honra do seu pai.

- Meu Deus, estamos numa época em que se admitem tantas coisas!

- Esse é precisamente o vício da época.

- Tem porventura a pretensão de corrigi-la?

- Tenho, naquilo que me diz respeito.

- Meu Deus, que rigorista me saiu, meu caro amigo!

- Sou assim.

- É inacessível aos bons conselhos?

- Não, quando vêm de um amigo.

- Considera-me um deles?

- Considero.

- Então, antes de enviar as suas testemunhas a Beauchamp informe-se.

- Junto de quem?

- Ora essa! Junto de Haydée, por exemplo.

- Meter uma mulher em tudo isto... Que pode ela dizer?

- Lhe declarará que o seu pai nada teve a ver com a derrota ou a morte do dela, por exemplo, ou o esclarecerá a tal respeito, se por acaso o seu pai tivesse

tido a infelicidade...

- Já lhe disse, meu caro conde, que não podia admitir semelhante suposição.

- Recusa portanto este meio?

- Recuso.

- Absolutamente?

- Absolutamente.

- Então, um último conselho.

- Seja, mas o último.

- Não o quer?

- Pelo contrário, peço-lho.

- Não mande testemunhas a Beauchamp.

- Como?

- Vá procurá-lo pessoalmente.

- É contra todos os hábitos.

- O seu caso está fora do que é corrente.

- E porque hei-de ir procurá-lo pessoalmente, não me diz?

- Porque assim o assunto ficará entre o senhor e Beauchamp.

- Explique-se.

- Sem dúvida. Se Beauchamp estiver disposto a retratar-se, deve-se-lhe deixar o mérito da boa vontade: a retratação nem por isso será menos completa. Se, pelo contrário, ele recusar, será então momento de meter dois estranhos no vosso segredo.

- Não serão dois estranhos, serão dois amigos!

- Os amigos de hoje serão os inimigos de amanhã.

- Essa agora!

- Prova: Beauchamp.

- Assim.

- Assim, recomendo-lhe a prudência.

- Assim, acha que devo ir procurar Beauchamp pessoalmente?

- Acho.

- Sozinho?

- Sozinho. Quando se quer obter qualquer coisa do amor-próprio de um homem, deve-se salvaguardar o amor-próprio desse homem até da aparência do sofrimento.

- Creio que tem razão.

- Ora ainda bem!

- Irei sozinho.

- Vá. Mas faria ainda melhor se não fosse de todo.

- Impossível.

- Faça portanto assim; sempre será melhor do que o que ia fazer.

- Mas nesse caso, vejamos... se, apesar de todas as minhas precauções, de todos os seus conselhos, tiver um duelo, me servirá de testemunha?

- Meu caro visconde - respondeu Monte-Cristo com suprema gravidade --, já teve oportunidade de ver que em outras circunstâncias estive inteiramente à sua disposição; mas o favor que me pede agora sai fora do circulo daqueles que lhe posso prestar.

- Porquê?

- Talvez o saiba um dia...

- Mas entretanto?

- Peço a sua indulgência para o meu segredo.

- Está bem. Recorrerei a Franz e Château-Renaud.

- Sim, peça a Franz e a Château-Renaud. É uma excelente idéia.

- Mas enfim, se me bater, me dará uma liçãozinha de espada ou de pistola?

- Não, é também uma coisa impossível.

- Sempre me saiu um homem deveras singular! Portanto, não quer se meter em nada?

- Absolutamente em nada.

- Nesse caso, nada mais temos a dizer. Adeus, conde.

- Adeus, visconde.

Morcerf pegou no chapéu e saiu.

Encontrou à porta o seu cabriolé e, contendo o melhor possível a sua cólera, fez-se conduzir a casa de Beauchamp. Este estava no jornal. Albert fez-se conduzir ao jornal.

Beauchamp encontrava-se num gabinete escuro e poeirento, como são habitualmente os gabinetes dos jornais.

Anunciaram-lhe Albert de Morcerf. Fez repetir duas vezes o anúncio. Depois, ainda mal convencido, gritou:

- Entre!

Albert apareceu. Beauchamp soltou uma exclamação ao ver o amigo transpor os montes de papéis e pisar com pé mal exercitado os jornais de todos os formatos que juncavam. Não o parque, mas sim o lajedo avermelhado do gabinete.

- Por aqui, por aqui, meu caro Albert - disse, estendendo a mão ao jovem. - Que diabo o traz aqui? Perdeu-se, como o Polegarzinho, ou vem muito simplesmente pedir-me almoço? Veja se descobre uma cadeira. Olhe, ali, ao pé daquele gerânio, que, sozinho aqui, me lembra que há no mundo folhas que não são folhas de papel.

- Beauchamp, é do seu jornal que lhe venho falar - disse Albert.

- Você, Morcerf? Que deseja?

- Desejo uma retificação.

- Você, uma retificação?... A propósito de quê. Albert? Mas sente-se!

- Obrigado - respondeu Albert pela segunda vez e com um ligeiro aceno de cabeça.

- Explique-se.

- Uma retificação a respeito de um fato que atinge a honra de um membro da minha família.

- Que me diz.? - perguntou Beauchamp, surpreendido.

- Qual fato? É impossível.

- O fato de que lhes deram notícia de Janina.

- De Janina?

- Sim, de Janina. Realmente, você tem o ar de ignorar o que aqui me trouxe...

- Pela minha honra. Baptiste! Um jornal de ontem! - gritou Beauchamp.

- É inútil, trago-lhe o meu.

Beauchamp leu entre dentes:

- “Escrevem-nos de Janina ", etc.

- Como deve compreender, o caso é grave -- disse Morcerf; quando Beauchamp terminou.

- Este oficial é seu parente? - perguntou o jornalista.

- É - respondeu Albert, corando.

- Que quer que faça para lhe ser agradável? -- inquiriu Beauchamp delicadamente.

- Gostaria, meu caro Beauchamp, que corrigissem essa notícia.

Beauchamp olhou Albert com uma atenção que denotava, sem dúvida nenhuma, indulgência.

- Vejamos - disse por fim --, isto é caso para nos embrenharmos numa longa conversa. Porque uma retratação é sempre uma coisa grave. Sente-se. Vou reler estas três ou quatro linhas.

Albert sentou-se e Beauchamp releu as linhas incriminadas pelo amigo com mais atenção do que da primeira vez

- Como vê - disse Albert com firmeza, com rudeza mesmo -, insultaram no seu jornal alguém da minha família e eu quero uma retratação.

- O senhor... quer...

- Sim, quero!

- Permita-me que lhe diga que não está com meias medidas, meu caro visconde...

- Nem quero estar - replicou o jovem, levantando-se. - Pretendo a retratação de um fato que o seu jornal publicou ontem e a obterei. O senhor é suficientemente meu amigo - continuou Albert, com os lábios apertados, vendo que, pelo seu lado, Beauchamp começava a levantar a cabeça desdenhosa --, o senhor é suficientemente meu amigo e, como tal, conhece-me o suficiente, suponho, para compreender a minha tenacidade em tais circunstâncias.

- Se sou seu amigo, Morcerf, acabará por me fazer esquecer com palavras idênticas às de há pouco... Mas vejamos, não nos zanguemos, ou pelo menos não nos zanguemos ainda... Você está inquieto, irritado, furioso... Vejamos, qual é esse parente que se chama Fernand?

- É o meu pai, muito simplesmente - respondeu Albert. - O Sr. Fernand Mondego, conde de Morcerf; um velho militar que viu vinte campos de batalha e a quem querem cobrir as nobres cicatrizes com a lama nojenta apanhada da valeta.

- É o seu pai? - repetiu Beauchamp. - Então, é outra coisa. Compreendo a sua indignação, meu caro Albert... Mas tornemos a ler...

E releu a notícia, desta vez vincando bem cada palavra.

- Mas onde vê você que o Fernand do jornal é o seu pai? - perguntou Beauchamp.

- Em parte alguma, bem sei. Mas outros o verão. É por isso que quero que a notícia seja desmentida.

Ao ouvir a palavra quero. Beauchamp ergueu os olhos para Morcerf; baixou-os quase imediatamente e ficou um instante pensativo.

- Desmentirá essa notícia. não é verdade, Beauchamp? - repetiu Morcerf; com uma cólera crescente, embora sempre concentrada.

- Desmentirei - respondeu Beauchamp.

- Até que enfim! - exclamou Albert.

- Mas quando me tiver assegurado de que é falsa.

- Como?!

- Sim, o caso vale a pena ser esclarecido e o esclarecerei.

- Mas que vê o senhor a esclarecer em tudo isto? - perguntou Albert, fora de si. - Se não acredita que seja o meu pai, diga-o imediatamente; se acredita que seja ele, diga-me em que baseia essa opnião.

Beauchamp olhou Albert com o sorriso que lhe era peculiar e que sabia tomar o cambiante de todas as paixões.

- Senhor - perguntou --, já que prefere nos tratemos assim, se foi para me pedir justificações que veio, é melhor começar por aí e não me vir falar de amizade e de outras coisas ociosas como as que tenho a paciência de ouvir há meia hora. É este, a partir de agora, o terreno que vamos pisar, garanto-lhe! Ora não querem lá ver!...

- Juro-lhe que se arrependerá se não desmentir a infame calúnia!

- Um momento! Nada de ameaças, por favor, Sr. Albert Mondego, visconde de Morcerf. Não as tolero aos meus inimigos e com mais forte razão aos meus amigos. Portanto, quer que desminta a notícia sobre o coronel Fernand, notícia em que não tive, pela minha honra, qualquer interferência?

- Sim, senhor, é o que quero! - replicou Albert, que já não sabia onde tinha a cabeça.

- Sem o que nos bateremos? - continuou Beauchamp com a mesma calma.

- Exato - respondeu Albert, erguendo a voz.

- Pois então, meu caro senhor, aqui tem a minha resposta - disse Beauchamp. - Essa notícia não foi publicada por mim, nem sequer a conhecia. Mas o senhor, com a sua diligência junto de mim, chamou-me a atenção para ela e não a largarei. E a notícia subsistirá até que seja desmentida ou confirmada por quem de direito.

- Senhor - disse Albert, levantando-se --, vou portanto ter a honra de lhe enviar as minhas testemunhas. Discutirá com elas o local e as armas.

- Perfeitamente, meu caro senhor.

- E esta tarde, se fizer favor, ou amanhã, o mais tardar, nos bateremos.

- Não, isso não! Estarei no terreno no momento próprio, e na minha opinião(tenho o direito de a ter, pois sou o provocado), e na minha opinião, repito, esse momento ainda não chegou. Sei que maneja muito bem a espada e que eu a manejo sofrivelmente; sei que acerta três vezes no alvo em seis tiros, o mesmo que consigo, pouco mais ou menos, e sei que um duelo entre nós será um duelo sério, porque o senhor é valente
e eu... também o sou. Não quero portanto me arriscar a matá-lo ou a ser eu próprio morto pelo senhor sem um motivo. Agora sou eu que vou lhe fazer uma pergunta e ca-te-go-ri-ca-men-te: exige essa retratação a ponto de me matar se a não fizer, embora lhe tenha dito, e repita, embora lhe afirme sob a minha palavra de honra que não conhecia a notícia, e embora lhe declare finalmente que é impossível a qualquer outro que não
possua, como o senhor, o dom de adivinhar de Jafeth descobrir o Sr. Conde de Morcerf sob esse nome de Fernand?

- Exijo-a absolutamente.

- Muito bem, meu caro senhor, consinto em cortar o pescoço consigo, mas quero três semanas; daqui a três semanas irei procurá-lo para lhe dizer: “Sim, a notícia é falsa e a desmintirei": ou: “Sim, a notícia é verdadeira", e tiro as espadas da bainha ou as pistolas da caixa, à sua escolha.

- Três semanas! - exclamou Albert. - Mas três semanas são três séculos durante os quais estarei desonrado!

- Se o senhor continuasse a ser meu amigo, dir-lhe-ia: “Paciência, amigo." Mas como prefere ser meu inimigo, digo-lhe: “Que me interessa isso a mim senhor?!"

- Está bem, seja daqui a três semanas - concordou Morcerf. - Mas não se esqueça: daqui a três semanas não haverá mais adiamentos, nem subterfúgio que o possa dispensar...

- Sr. Albert de Morcerf - atalhou Beauchamp, levantando-se por sua vez -, só o posso atirar pela janela daqui a três semanas, isto é, dentro de vinte e quatro dias, portanto em 21 do mês de Setembro. Até lá, acredite, e é um conselho de gentil-homem que lhe dou, poupemo-nos os ladridos de dois cães presos à distância.

E Beauchamp cumprimentou gravemente o jovem, virou-lhe as costas e dirigiu-se para a tipografia.

Albert vingou-se numa pilha de jornais, que espalhou, fustigando-os raivosamente com a badine. Em seguida retirou-se, não sem se virar duas ou três vezes para a porta da tipografia.

Enquanto Albert fustigava a dianteira do seu cabriolé, depois de fustigar os inocentes papéis enegrecidos que não tinham culpa do seu desaire, viu, atravessando o bulevar, o capitão Morrel, que, de cabeça erguida, olhos brilhantes e braços a dar, passava diante dos banhos chineses vindo das bandas
da Porta Saint-Martin e indo para os lados da Madalena.

- Ah, ali vai um homem feliz! - disse, suspirando.

E por acaso Albert não se enganava.

Capítulo LXXIX

A limonada

Com efeito Morrel estava felicíssimo.

O Sr. Noirtier acabava de mandar chama-lo, e tinha tanta pressa de saber o que lhe queria que não tomara nenhum cabriolé, fiara-se muito mais nas pernas do que nas de um cavalo de praça. Partira portanto a correr da Rua Meslay e dirigia-se para o Arrabalde de Saint-Honoré.

Morrel caminhava a passo de gin stica é o pobre Barrois seguia-o conforme podia. Morrel tinha trinta e um anos, Barrois contava sessenta, Morrel estava ,brio de amor, Barrois suava por todos os poros devido ao calor. Os dois homens, assim separados por interesses e pela idade, pareciam as duas linhas que formam um triângulo: afastadas pela base, juntam-se no vértice.

O vértice era Noirtier, o qual mandara chamar Morrel, com a recomendação de vir depressa, recomendação que Morrel seguia à letra, com grande desespero de Barrois. Quando chegaram. Morrel nem sequer estava ofegante: o amor da asas; mas Barrois, que havia muito tempo se não apaixonava, estava banhado em suor.

O velho criado fez entrar Morrel pela porta particular, fechou a porta do gabinete e Em breve um “frutru" de vestido no parque anunciou a visita de Valentine. Valentine estava encantadora no seu vestido de luto.

O sonho tornava-se tão delicioso que Morrel quase se esqueceu de que estava ali para conversar com Noirtier. Mas a cadeira do velho não tardou a rodar no parque e ele entrou.

Noirtier acolheu com um olhar indulgente os agradecimentos que Morrel lhe prodigalizava pela maravilhosa intervenção que os salvara, a Valentine e a ele, do desespero. Depois o olhar de Morrel foi pousar, utilizando o novo privilégio que lhe era concedido, na jovem, que, tímida e sentada longe dele,
esperava que a obrigassem a falar.

Noirtier olhou-a por sua vez.

- Tenho mesmo de dizer aquilo de que me encarregou? - perguntou ela.

- Sim - respondeu Noirtier.

- Sr. Morrel - disse então Valentine ao jovem, que a devorava com a vista -, o meu avô Noirtier tinha mil coisas a lhe dizer e me disse nos últimos três dias. Hoje mandou-o chamar para eu as repetisse. Farei o que ele deseja, portanto, uma vez que ele me escolheu para sua intérprete, sem alterar uma palavra às suas intenções.

- Oh, não imagina com que impaciência a escuto! - respondeu o rapaz. - Fale, menina, fale.

Valentine baixou os olhos; foi um presságio que pareceu favorável a Morrel: Valentine só era fraca quando era feliz.

- O meu avô quer deixar esta casa - prosseguiu a jovem. - Barrois está procurando um apartamento conveniente.

- Mas menina - atalhou Morrel --, a menina que é tão querida e necessária ao Sr. Noirtier?

- Eu - respondeu Valentine - não deixarei o meu avô. É ponto assente entre nós. O meu quarto será junto do seu. Ou terei o consentimento do Sr. de Villefort para ir morar com o avô Noirtier ou não terei. No primeiro caso, sairei daqui em qualquer momento a partir de agora; no segundo, esperarei pela minha maioridade, que será daqui a dezoito meses. Então serei livre, terei uma fortuna independente e...

- E?... - perguntou Morrel.

- E, com a autorização do meu avô, cumprirei a promessa que lhe fiz, Sr. Morrel.

Valentine pronunciou as últimas palavras tão baixo que Morrel as não teria ouvido sem o interesse que tinha em as devorar.

- Exprimi o seu pensamento, avô? - acrescentou Valentine, dirigindo-se a Noirtier.

- Sim - respondeu o velho.

- Uma vez em casa do meu avô - prosseguiu Valentine --, o Sr. Morrel

poderá me ver na presença deste bom e digno protetor. Se os laços que os nossos corações, talvez ignorantes ou caprichosos, começaram a dar parecerem convenientes e oferecerem garantias de felicidade futura à nossa experiência (infelizmente, diz-se, os corações estimulados pelos obstáculos estriam na segurança!...), então o Sr. Morrel
poderá pedir-me a mim mesma e eu o esperarei.

- Oh! - exclamou Morrel, tentado a ajoelhar diante do velho como diante de Deus, diante de Valentine como diante de um anjo. - Oh, que fiz eu de bem na minha vida para merecer tanta felicidade?!

- Até lá - continuou a jovem, na sua voz pura e severa - respeitaremos as conveniências e a própria vontade das nossas famílias, desde que essa vontade não queira separar-nos para sempre. Numa palavra, e repito esta palavra porque ela diz tudo: esperaremos.

- E os sacrifícios que essa palavra impõe, senhor - disse Morrel --, juro-lhe que os cumprirei, não com resignação, mas sim com felicidade.

- Assim - continuou Valentine com um olhar muito doce ao coração de Maximilien --, nada de imprudências, meu amigo; não comprometa aquela que, a partir de hoje, se considera destinada a usar pura e dignamente o seu nome.

Morrel pôs a mão no coração. Entretanto, Noirtier olhava ambos com ternura. Barrois, que ficara ao fundo como um homem a quem nada se oculta, sorria limpando as grossas gotas de suor que lhe molhavam a calva.

- Oh, meu Deus, como está com calor o nosso bom Barrois! - exclamou Valentine.

- Se soubesse o que corri, menina... - perguntou Barrois. - Mas o Sr. Morrel, devo fazer-lhe essa justiça, corria ainda mais do que eu.

Noirtier indicou com a vista uma bandeja em que estavam uma garrafa de limonada e um copo. O que faltava na garrafa fora bebido meia hora antes por Noirtier.

- Vamos, meu bom Barrois, beba, pois bem vejo que não tira os olhos da garrafa - disse a jovem.

- De fato - confessou Barrois --, morro de sede e beberei de boa vontade um copo de limonada à sua saúde...

- Bebe então e volta depressa - disse Valentine.

Barrois levou a bandeja e mal chegou ao corredor, viram-no, através da porta que se esquecera de fechar, inclinar a cabeça para trás e despejar o copo que Valentine enchera. Valentine e Morrel despediam-se na presença de Noirtier quando ouviram a campainha tocar na escada de Villefort.

Era o sinal de uma visita. Valentine olhou para o relógio.

- É meio-dia e hoje é sábado - disse. - É sem dúvida o médico.

Noirtier fez sinal de que, de fato, devia ser ele.

- Como vem aqui, é melhor que o Sr. Morrel saia, não é verdade, avô?

- Sim - respondeu o velho.

- Barrois! - chamou Valentine. - Barrois, venha cá!

Ouviu-se a voz do velho criado responder.

- Vou já, menina.

- Barrois vai acompanhá-lo até à porta - disse Valentine a Morrel. - E agora lembre-se de uma coisa, senhor oficial: que o meu avô lhe recomenda que não

arrisque nenhum passo capaz de comprometer a nossa felicidade.

- Prometi esperar e esperarei - respondeu Morrel.

Neste momento, Barrois entrou.

- Quem tocou? - perguntou Valentine.

- O Sr. Dr. de Avrigny - respondeu Barrois, cambaleando.

- O que você tem, Barrois? - perguntou Valentine.

O velho não respondeu. Olhava o amo com olhos esgazeados, enquanto com a mão crispada procurava um apoio para permanecer de pé.

- Ele vai cair! - gritou Morrel.

Efetivamente, a tremura que se apoderara de Barrois aumentava de momento a momento, e o seu rosto, alterado pelos movimentos convulsivos dos músculos faciais, denotava um ataque nervoso dos mais intensos. Ao ver Barrois assim perturbado, Noirtier multiplicava os seus olhares, nos quais transpareciam, inteligíveis e palpitantes, todas as emoções que agitam o coração do homem. Barrois deu alguns passos para o amo.

- Meu Deus, meu Deus! Senhor, que tenho eu?... - disse. - Sofro... não posso mais. Mil agulhas de fogo espicaçam-me o crânio... Oh, não me toquem, não me toquem!

Com efeito, os olhos tornavam-se-lhe salientes e desvairados e a cabeça pendia-lhe para trás, enquanto o resto do corpo se retesava.

Apavorada, Valentine soltou um grito. Morrel tomou-a nos braços como que para defende-la de qualquer perigo desconhecido

- Sr. de Avrigny! Sr. de Avrigny! - gritou Valentine em voz sufocada. - Venha! Socorro!

Barrois girou sobre si mesmo, deu três passos atrás, tropeçou e veio cair aos pés de Noirtier, no joelho do qual apoiou a mão, gritando:

- Meu amo! Meu bom amo!

Neste momento, atraído pelos gritos, o Sr. de Villefort apareceu no limiar do quarto.

Morrel largou Valentine meio desfalecida, recuou para o canto do quarto e quase desapareceu atrás de um reposteiro. Pálido, como se tivesse visto uma serpente erguer-se diante de si, não tirava os olhos do pobre agonizante.

Noirtier fervia de impaciência e terror. A sua alma corria em socorro do pobre velho, mais um amigo do que um criado. Via-se o combate terrível da vida e da morte transparecer-lhe na testa pela intumescência das veias e pela contração de alguns músculos ainda vivos à roda dos olhos.

Barrois, com o rosto agitado, os olhos injetados de sangue e a cabeça inclinada para trás, jazia no chão batendo no parque com as mãos, enquanto, pelo contrário, as suas pernas rígidas pareciam que mais depressa se quebrariam do que dobrariam.

Uma leve espuma vinha-lhe dos lábios e arquejava dolorosamente.

Estupefato, Villefort ficou um instante de olhos postos naquele quadro, que lhe atraíra a atenção logo que entrara no quarto. Não vira Morrel.

Depois de um instante de contemplação muda, durante o qual se pode ver o seu rosto empalidecer e os seus cabelos eriçarem-se-lhe na cabeça, gritou correndo para a porta:

- Doutor! Doutor! Venha! Venha!

- Senhora! Senhora! - gritava por seu turno Valentine, chamando a madrasta e indo de encontro às paredes da escada. - Venha! Venha depressa e traga o seu frasco de sais!

- Que aconteceu? - perguntou a voz met lica e contida da Sra de Villefort.

- Oh, venha, venha!

- Mas onde está o doutor? - gritava Villefort. - Onde se meteu ele?

A Sra de Villefort desceu lentamente; ouviu-se estalar o soalho debaixo dos seus pés. Numa das mãos segurava o lenço com o qual limpava o rosto e na outra um frasco de sais ingleses.

O seu primeiro olhar quando chegou à porta foi para Noirtier, cujo rosto, excetuando a emoção naturalíssima em semelhantes circunstâncias, denotava que a sua saúde não sofrera alteração. O seu segundo olhar foi para o moribundo.

Empalideceu e os seus olhos saltaram por assim dizer do criado para o amo.

- Mas, em nome do céu, senhora, onde está o doutor? Ele entrou nos seus aposentos. Trata-se de uma apoplexia, como vê, e com uma sangria o salvaremos.

- Ele comeu há pouco? - perguntou a Sra de Villefort, esquivando-se à pergunta do marido.

- Senhora - respondeu Valentine --, não almoçou, mas correu muito esta manhã para ir fazer um
recado de que o avô o encarregou. Só no regresso tomou um copo de limonada.

- Ah! - exclamou a Sra de Villefort. - E porque não de vinho? A limonada faz muito mal.

- A limonada estava ali, ao alcance da sua mão, na garrafa do avô. O pobre Barrois tinha sede e bebeu o que encontrou.

A Sra de Villefort, estremeceu. Noirtier envolveu-a no seu olhar profundo.

- Ele tem o pescoço tão curto!... - observou a Sra de Villefort.

- Senhora - insistiu o marido --, perguntei-lhe onde estava o Sr. de Avrigny. Em nome do céu, responda!

- Está no quarto de Edouard, que se encontra um pouco indisposto- respondeu a Sra de Villefort, na impossibilidade de se esquivar mais tempo à resposta.

Villefort correu para a escada, a fim de ir buscar o médico pessoalmente.

- Toma - disse a jovem senhora, dando o frasco de sais a Valentine. - Com certeza que o vão sangrar. Vou para o meu quarto, porque não posso suportar ver sangue.

E seguiu o marido. Morrel saiu do canto escuro onde se escondera e ninguém o vira, tão grande era a preocupação.

- Vá embora depressa, Maximilien - disse-lhe Valentine --, e espere que o chame. Vá.

Morrel consultou Noirtier por um gesto. Noirtier, que conservara todo o seu sangue-frio, fez-lhe sinal que sim. O rapaz apertou a mão de Valentine ao coração e saiu pelo corredor oculto. Ao mesmo tempo, Villefort e o médico entravam pela porta oposta.

Barrois começava a voltar a si. A crise passara, as suas palavras voltavam a ser lamentosas e levantava-se apoiado num joelho. Avrigny e Villefort deitaram

Barrois num canapé.

- Que manda, doutor? - perguntou Villefort.

- Tragam-me água e éter. Não o tem em casa?

- Tenho.

- Corram a buscar essência de terebentina e um vomitório.

- Vão! - ordenou Villefort.

- E agora saiam todos.

- Eu também? - perguntou timidamente Valentine.

- Sim, menina. Sobretudo a menina - respondeu rudemente o médico.

Valentine olhou o Sr. de Avrigny com estranheza, beijou o Sr. Noirtier na fronte e saiu.

Atrás dela, o médico fechou a porta com ar sombrio.

- Veja, veja, doutor, ele está a voltando a si. Foi apenas um ataque sem importância.

O Sr. de Avrigny sorriu, sem no entanto perder a sua expressão carrancuda.

- Como se sente, Barrois? - perguntou o médico.

- Um pouco melhor, senhor.

- Pode beber este copo de água eterizada?

- Vou tentar, mas não me toquem.

- Porquê?

- Porque me parece que se me tocassem, nem que fosse só com a ponta do dedo, o acesso se repetiria.

- Beba.

Barrois pegou no copo, aproximou-o dos lábios roxos e bebeu cerca de metade do líquido.

- Onde lhe dói? - perguntou o médico.

- Por toda a parte. Sinto umas cãibras insuport veis.

- Passam-lhe coisas pela vista?

- Passam.

- Sente zumbidos nos ouvidos?

- Horríveis.

- Quando lhe deu isso?

- Há pouco.

- Rapidamente?

- Como um raio.

- Não sentiu nada ontem? Nem anteontem?

- Nada.

- Sonolência? Fadiga?

- Não.

- Que comeu hoje?

- Não comi nada. Bebi apenas um copo da limonada do senhor.

E Barrois fez com a cabeça um sinal para designar Noirtier, que, imóvel na sua cadeira, contemplava aquela cena terrível sem perder um gesto, sem deixar escapar uma palavra.

- Onde está essa limonada? - perguntou vivamente o médico.

- Na garrafa, lá em baixo.

- Lá em baixo, onde?

- Na cozinha.

- Quer que a vá buscar, doutor? - perguntou Villefort.

- Não, fique aqui e procure que o doente beba o resto desse copo de água.

- Mas a limonada...

- Eu mesmo vou buscá-la.

Avrigny abriu a porta de um salto, correu para a escada de serviço e quase derrubou a Sra de Villefort, que também descia para a cozinha.

Ela deu um grito. Avrigny nem sequer lhe prestou atenção. Levado por uma única idéia, saltou os três ou quatro últimos degraus, precipitou-se na cozinha e viu a garrafa, três quartos vazia, numa bandeja.

Caiu sobre ela como uma águia sobre a presa.

Subiu arquejante ao térreo e reentrou no quarto. A Sra de Villefort subia lentamente a escada que levava aos seus aposentos.

- Era esta a garrafa que estava aqui? - perguntou Avrigny.

- Era, sim, Sr. Doutor.

- Esta limonada é a mesma que bebeu?

- Creio que sim.

- Que gosto lhe achou?

- Um gosto amargo.

O médico deitou algumas gotas de limonada no côncavo da mão, aspirou-as com os lábios e, depois de bochechar como se faz com o vinho quando se quer provar, cuspiu o líquido para a chaminé.

- E de fato a mesma - disse. - Também bebeu, Sr. Noirtier?

- Bebi - respondeu o velho.

- E encontrou-lhe o mesmo gosto amargo?

- Encontrei.

- Ah, Sr. Doutor! - gritou Barrois. - Isto está voltando! Meu Deus, Senhor, tende piedade de mim!

O médico correu para o doente.

- O vomitório, Villefort. Veja se ele vem.

Villefort correu para fora, gritando:

- O vomitório! O vomitório! Já foram buscá-lo?

Ninguém respondeu. Reinava na casa o terror mais profundo.

- Se tivesse maneira de lhe insuflar ar nos pulmões - disse Avrigny olhando à sua volta --, talvez tivesse possibilidade de evitar a asfixia. Mas não, nada, nada!

- Oh, senhor, vai deixar-me morrer assim sem socorro?! - gritava Barrois.

- Oh, eu morro, meu Deus! Eu morro!

- Uma pena! Uma pena! - pediu o médico.

Viu uma em cima da mesa.

Procurou introduzir a pena na boca do doente, que fazia, no meio das suas convulsões, esforços inúteis para vomitar. Mas os maxilares estavam de tal forma apertados que a pena não pôde passar.

Barrois passava por um ataque nervoso ainda mais intenso do que o primeiro. Escorregara do canapé para o chão e retesava-se no chão.

O médico deixou-o entregue ao novo acesso, para o qual não dispunha de qualquer alívio, e aproximou-se de Noirtier.

- Como se sente? - perguntou-lhe precipitadamente e em voz baixa. - Bem?
- Sim.
- Leve de estômago ou pesado? Leve?
- Sim.
- Como quando toma a pílula que lhe mando dar todos os domingos?
- Sim.
- Foi Barrois quem fez a sua limonada?
- Foi.
- Foi o senhor que o convidou a bebê-la?
- Não.
- Foi o Sr. de Villefort?
- Não.
- A senhora?
- Não.
- Então foi Valentine?
- Foi.

Um suspiro de Barrois, um bocejo que lhe fez estalar os ossos do maxilar, chamaram a atenção de Avrigny, que deixou o Sr. Noirtier e correu para junto do doente.

- Barrois, pode falar? - perguntou-lhe o médico.

Barrois balbuciou algumas palavras ininteligíveis.

- Faça um esforço, meu amigo.

Barrois abriu os olhos injetados de sangue.

- Quem fez a limonada?
- Eu.
- Trouxe-a ao seu patrão assim que a fez?
- Não.
- Deixou-a em algum lugar, então?
- Na copa. Chamavam-me.
- Quem a trouxe para aqui?
- Mademoiselle Valentine.

Avrigny bateu na testa.

- Oh, meu Deus, meu Deus! - murmurou.
- Doutor! Doutor! - gritou Barrois, que sentia vir terceiro acesso.
- Mas nunca mais trazem esse vomitório?! - gritou o médico.
- Aqui está um copo preparado - disse Villefort entrando.
- Por quem?
- Pelo ajudante de farmacêutico, que veio comigo.
- Beba.
- Impossível, doutor, é demasiado tarde! Sinto a garganta apertada sufoco! Ai o meu coração! Ai a minha cabeça! Oh, que inferno! Ainda terei de sofrer muito tempo assim?
- Não, não, meu amigo - tranquilizou-o o médico. - Em breve deixará de sofrer.
- Ah, compreendo! - gritou o infeliz. - Meu Deus, tende piedade de mim.

E, soltando um grito, caiu para trás como que fulminado. Avrigny pôs-lhe a mão no coração e aproximou-lhe um espelho dos lábios.

- Então? - perguntou Villefort.

- Vá dizer na cozinha que me tragam sem demora xarope de violetas.

Villefort desceu imediatamente.

- Não se assuste, Sr. Noirtier - disse Avrigny. - Vou levar o doente para outro quarto a fim de sangrá-lo. Na verdade, este tipo de ataques são um espetáculo horrível de ver.

E segurando Barrois por baixo dos braços, arrastou-o para um quarto contíguo. Mas quase imediatamente regressou ao de Noirtier para se apoderar do resto da limonada. Noirtier fechava o olho direito.

- Valentine, não é? Quer Valentine? Vou dizer que a mandem.

Villefort subiu. Avrigny encontrou-o no corredor.

- Então? - perguntou o magistrado.

- Venha - convidou-o Avrigny.

E levou-o para o quarto.

- Continua sem sentidos? - perguntou o procurador régio.

- Está morto.

Villefort recuou três passos e juntou as mãos mais altas do que a cabeça, numa inequívoca prova de comiseração.

- Morreu tão rapidamente... - disse, olhando o cadáver.

- Sim, demasiado rapidamente, não é verdade? - confirmou Avrigny. - Mas isso não o deve surpreender: o Sr. e a Sra de Saint-Méran também morreram rapidamente. Oh, morre-se depressa na sua casa, Sr. de Villefort!...

- Que diz?! - exclamou o magistrado, com horror e consternação. - Volta outra vez a essa idéia terrível?

- Sempre, senhor, sempre! - respondeu Avrigny solenemente. - Porque ela não me deixa um instante. E para que fique bem convencido de que desta vez não me engano, escute com atenção, Sr. de Villefort.

Villefort, tremia convulsivamente.

- Há um veneno que mata quase sem deixar vestígios. Conheço bem esse veneno: estudei-o em todos os acidentes que ocasiona, em todos os fenômenos que produz. Esse veneno reconheci-o há pouco no pobre Barrois, como já o reconhecera na Sra de Saint-Méran. Há uma maneira de reconhecer a presença desse
veneno: restabelece a cor azul do papel-de-tornassol avermelhado por um ácido e tinge de verde o xarope de
violetas. Não temos papel-de-tornassol, mas veja, trazem-me ai o xarope de violetas que pedi.

Com efeito, ouviam-se passos no corredor. O médico entreabriu a porta, pegou das mãos da criada de quarto um recipiente no fundo do qual havia duas ou três colheres de xarope e voltou a fechar a porta.

- Veja - disse ao procurador régio, cujo coração batia com tanta força que quase se podia ouvir --, temos nesta taça xarope de violetas e nesta garrafa o resto da limonada de que o Sr. Noirtier e Barrois beberam uma parte. Se a limonada for pura e inofensiva, o xarope conservará a sua cor; se a limonada estiver envenenada, o xarope se tornará verde. Veja!

O médico deitou lentamente algumas gotas de limonada da garrafa na taça, no fundo da qual se formou imediatamente uma nuvem. Essa nuvem tomou

primeiro um tom azulado; depois, do safira passou à opala, e do opala ao esmeralda. Chegada a esta última cor, fixou-se nela, por assim dizer. A experiência não deixava nenhuma dúvida.

- O infeliz Barrois foi envenenado com falsa-angustura e noz-de-santo-inácio - declarou Avrigny. - Agora, o juraria perante os homens e perante Deus.

Villefort não disse nada, mas ergueu os braços ao céu, abriu muito os olhos e caiu fulminado numa poltrona.

Capítulo LXXX

A acusação

O Sr. de Avrigny não tardou a chamar a si o magistrado, que parecia um segundo cadáver naquele quarto fúnebre.

- Oh, a morte instalou-se em minha casa! - exclamou Villefort.

- Diga antes o crime - corrigiu o médico.

- Sr. de Avrigny, não posso exprimir-lhe tudo o que se passa em mim neste momento - confessou Villefort. - É terror, é dor, é loucura.

- Sim - respondeu o Sr. de Avrigny, com uma calma impressionante. - Mas creio ser tempo de agirmos, de opormos um dique a esta torrente de mortalidade. Quanto a mim, sinto-me incapaz de levar mais longe semelhantes segredos, sem esperança de proporcionarem em breve a vingança que a sociedade e as vítimas exigem.

Villefort lançou à sua volta um olhar sombrio.

- Na minha casa - murmurou. - Na minha casa!

- Então, magistrado, seja homem - aconselhou Avrigny. - Interprete a lei, honre-se através de uma imolação completa.

- Faz-me estremecer, doutor, uma imolação!

- Foi o que disse.

- Desconfia portanto de alguém?

- Não desconfio de ninguém. A morte bate à sua porta, entra, sai, não cega, mas sim inteligentemente, vai de quarto em quarto... Bom, sigo os seus passos, reconheço a sua passagem, e adoto a sabedoria dos antigos: tateio. Porque a minha amizade pela sua família e o meu respeito pelo senhor são duas vendas aplicadas aos meus olhos. Pois bem...

- Oh, fale, fale, doutor! Terei coragem.

- Pois bem, senhor, tem em sua casa, no seio da sua casa, talvez da sua família, um desses horríveis fenômenos que só se nos deparam uma vez em cada século. Locusta e Agripina, que viveram na mesma época, são uma exceção que prova o furor da Providência em perder o Império Romano, conspurcado por tantos crimes. Brunilde e Fredegonda são os resultados do trabalho penoso de uma civilização na sua gênese, na qual o Homem aprendia a dominar o espírito, ainda que através do enviado das trevas. Bom, todas essas mulheres tinham sido ou eram ainda jovens e belas. Vira-se florir na fronte ou na sua fronte floria ainda essa mesma flor de inocência que se encontra também na fronte da culpada que

se encontra nesta
casa.

Villefort soltou um grito, juntou as mãos e fitou o médico com ar suplicante.

Mas este prosseguiu sem piedade:

- Procure a quem o crime aproveita, diz um axioma de jurisprudência...

- Doutor! - gritou Villefort. - Infelizmente, doutor, quantas vezes a justiça dos homens se não tem enganado com essas palavras funestas! Não sei, mas parece-me que esse crime ...

- Ah, confessa portanto, finalmente, que existe crime? ...

- Sim, reconheço. Que quer, não tenho outro remédio... Mas deixe-me continuar. Parece-me, repito, que esse crime cai apenas sobre mim e não sobre as vítimas. Suspeito de qualquer calamidade para mim debaixo de todos esses crimes estranhos...

- Oh, o Homem!... - murmurou Avrigny. - O mais egoísta de todos os animais, a mais pessoal de todas as criaturas, que julga sempre que a Terra gira, que o Sol brilha e que a morte ceifa apenas para ele, formiga que amaldiçoa Deus do cimo de uma ervinha! E os que perderam a vida, não perderam nada? O Sr. de Saint-Méran, a Sra de Saint-Méran, o Sr. Noirtier...

- Como, o Sr. Noirtier?

- Sim, sim! Julga porventura que era o pobre criado que se pretendia envenenar? Não, não. Como o polaco de Shakespeare, morreu por outro. Era Noirtier quem devia beber a limonada; foi Noirtier quem a bebeu, segundo a ordem lógica das coisas. O outro só a bebeu por acidente. E embora tenha sido Barrois quem morreu, era Noirtier quem devia morrer.

- Mas então por que motivo não sucumbiu o meu pai?

- Disse uma noite no jardim, depois da morte da Sra de Saint-Méran: porque o seu corpo está habituado a absorver esse mesmo veneno; porque a dose, insignificante para ele, era mortal para qualquer outro; porque, finalmente, ninguém sabe, nem mesmo o assassino, que há um ano trato com brucina a paralisia do Sr. Noirtier, embora o assassino não ignore, e disso se tenha assegurado por experiência própria, que a brucina é um veneno violento.

- Meu Deus! Meu Deus! - murmurou Villefort, torcendo as mãos.

- Siga os passos do criminoso: mata o Sr. de Saint-Méran.

- Oh, doutor!

- Eu juraria. O que me disseram dos sintomas adapta-se muitíssimo bem ao que vi com os meus olhos.

Villefort deixou de resistir e gemeu.

- Mata o Sr. de Saint-Méran - repetiu o médico -- e mata a Sra de Saint-Méran: dupla herança a receber.

Villefort limpou o suor que lhe escorria da testa.

- Escute bem.

- Infelizmente, não perco uma palavra do que diz, uma só - balbuciou Villefort.

- O Sr. Noirtier - prosseguiu implacavelmente o Sr. de Avrigny --, o Sr. Noirtier testara recentemente contra o senhor, contra a sua família, a favor dos pobres, enfim. O Sr. Noirtier é poupado porque se não espera nada dele. Mas assim que destrói o primeiro testamento, assim que faz o segundo, com medo,

sem dúvida, de que faça um terceiro, atacam-no. O testamento é de anteontem, se não me engano. Como vê, não há tempo perdido.

- Misericórdia, Sr. de Avrigny!

- Qual misericórdia, senhor! O médico tem uma missão sagrada na Terra e é para a desempenhar que remonta às origens da vida e desce às trevas misteriosas da morte. Quando se comete um crime e Deus, sem dúvida horrorizado, desvia o olhar do criminoso, é ao médico que compete dizer: ei-lo!

- Piedade para a minha filha, senhor! - murmurou Villefort.

- Como vê, foi o senhor mesmo que a citou; o senhor, seu pai!

- Piedade para Valentine! Escute, é impossível. Preferiria acusar a mim mesmo! Valentine, um coração de diamante, um lírio inocente!

- Deixemos de piedade, Sr. Procurador régio. O crime é flagrante. Mademoiselle de Villefort acondicionou pessoalmente os medicamentos enviados ao Sr. de Saint-Méran, e o Sr. de Saint-Méran. morreu.

"Mademoiselle de Villefort preparou o suco da Sra de Saint-Méran , e a Sra de Saint-Méran morreu.

"Mademoiselle de Villefort tomou as mãos de Barrois, a quem mandaram fazer um recado, a garrafa de limonada que o velho bebe habitualmente de manhã, e o velho só escapou por milagre.

"Mademoiselle de Villefort é a culpada! É a envenenadora! Sr. Procurador régio, denuncio-lhe Mademoiselle de Villefort, cumpra o seu dever!

- Doutor, já não resisto, já não me defendo, acredito-o. Mas, por piedade, poupe-me a vida, a minha honra!

- Sr. de Villefort - perguntou o médico, com crescente energia -, há circunstâncias em que transponho todos os limites da estúpida circunspecção humana. Se a sua filha tivesse cometido apenas um crime e a visse projetar segundo, lhe diria: “Previna-a, castigue-a, que passe o resto da vida em qualquer convento, a chorando e a rezando." Se tivesse cometido segundo crime, lhe diria: “Tome, Sr. de Villefort, aqui tem um veneno sem antídoto conhecido, rápido como o pensamento, súbito como o relâmpago, mortal como o raio; dê-lhe, encomende-lhe a alma a Deus e salve a sua honra e os seus dias, porque é ao senhor que ela quer mal. E vejo-a aproximar-se da sua cabeceira com os seus sorrisos hipócritas e as suas meigas
exortações! Ai de si, Sr. de Villefort, se não se apressar a ferir primeiro!" Seria isto que lhe diria se ela só tivesse matado duas pessoas. Mas ela assistiu a três agonias, contemplou três moribundos, ajoelhou-se junto de três cadáveres. Ao carrasco a envenenadora! Ao carrasco! Fala da sua honra; faça o que lhe digo e esperará a imortalidade!

Villefort caiu de joelhos.

- Ouça - pediu --, não possuo a força que o senhor tem, ou antes, que não teria, se em vez da minha filha Valentine, se tratasse da sua filha Madeleine.

O médico empalideceu.

- Doutor, todo o homem, filho da mulher, nasceu para sofrer e morrer. Doutor, sofrerei e esperarei a morte.

- Acautele-se - disse o Sr. de Avrigny. - Ela será lenta essa morte; a vera aproximar-se, depois de ferir o seu pai, a sua mulher, talvez o seu filho.

Sufocado, Villefort apertou o braço do médico.

- Ouça-me! - gritou. - Tenha compaixão de mim, ajude-me!... Não, a minha filha não é culpada... Se me levarem perante um tribunal, continuarei a dizer - “Não, a minha filha não é culpada... não existe crime em minha casa..." Não quero, ouviu? Não quero que haja crime em minha casa. Porque quando o crime entra em qualquer parte, é como a morte, não entra sozinho. Ouça, que lhe interessa que eu morra assassinado?...

É meu amigo? ... É um homem? Tem um oração?... Não, é um médico! ... Pois bem, digo-lhe que a minha filha não será arrastada por mim para as mãos do carrasco!... Ah, uma idéia que me devora, que me leva, como um insensato, a arranhar o peito com as unhas!... E se estivesse enganado, doutor? Se fosse outra pessoa e não a minha filha? Se um dia eu lhe aparecesse, pálido como um fantasma, e lhe dissesse:

“Assassino! Mataste a minha filha!... " Olhe, se isso acontecesse, sou cristão, Sr. de Avrigny, mas mesmo assim me mataria.

- Está bem, esperarei - cedeu o médico, após um instante de silêncio.

Villefort olhou-o como se duvidasse ainda das suas palavras.

- Simplesmente - continuou o Sr. de Avrigny em voz lenta e solene -, se alguma pessoa da sua casa adoecer, se o senhor mesmo se sentir mal, não me chame porque não voltarei. Estou disposto a compartilhar consigo esse segredo terrível, mas não quero que a vergonha e o remorso entrem em minha casa, frutifiquem e cresçam na minha consciência, tal como o crime e a infelicidade vão crescer e frutificar na sua casa.

- Me abandona, portanto, doutor?

- Abandono porque não o posso acompanhar mais longe e só me detenho ao pé do cadafalso. Surgirá qualquer outra revelação que porá termo a essa horrível tragédia. Adeus.

- Doutor, suplico-lhe!

- Todos os horrores que conspurcam o meu pensamento tornam-me a sua casa odiosa e fatal. Adeus, senhor.

- Uma palavra, só mais uma palavra, doutor! O senhor retira-se deixando-me todo o horror da situação, horror que aumentou com o que me revelou. Mas que se dirá da morte instantânea, súbita, daquele pobre velho servidor?

- É justo - disse o Sr. de Avrigny. - Acompanhe-me.

O médico saiu adiante e o Sr. de Villefort seguiu-o. Os criados, inquietos, estavam nos corredores e nas escadas por onde devia passar o médico.

- Senhor - disse Avrigny a Villefort, falando em voz alta, de forma que toda a gente o ouvisse --, o pobre Barrois há anos que levava urna vida demasiado sedentária. Ele, que tanto gostava de, com o amo, percorrer a cavalo ou de carruagem os quatro cantos da Europa, matou-se naquele serviço monótono à volta de uma cadeira de rodas. O sangue engrossou-lhe. Estava repleto, tinha o pescoço grosso e curto, foi atingido por uma apoplexia fulminante e chamaram-me demasiado tarde. A propósito - acrescentou baixinho -, não se esqueça de deitar a taça de violetas nas cinzas...

E o médico, sem tocar na mão de Villefort e sem voltar atrás um só instante no que dissera, saiu escoltado pelas lágrimas e pelos lamentos de todo o pessoal da casa.

Naquela mesma tarde, todos os criados de Villefort, que se tinham reunido

na cozinha e haviam conversado demoradamente entre si, vieram pedir à Sra de Villefort licença para se irem embora. Nenhuma insistência, nenhuma proposta de aumento de salários conseguiu retê-los. A todas as palavras respondiam: “Queremos ir-nos embora porque a morte está nesta casa."

Partiram, portanto, apesar de todos os pedidos que lhes fizeram, declarando que tinham muita pena de deixar tão bons patrões e sobretudo Mademoiselle Valentine, tão boa, tão generosa e tão meiga.

Ao ouvir estas palavras, Villefort olhou para Valentine. Ela chorava.

Coisa estranha! Através da emoção que lhe fizeram experimentar aquelas lágrimas, olhou também para a Sra de Villefort e pareceu-lhe que um sorriso fugaz e sombrio lhe passara pelos lábios delgados, como esses meteoros que vemos deslizar, sinistros, entre duas nuvens, no fundo de um céu tempestuoso.

Capítulo LXXXI

O quarto do padeiro reformado

Na noite do mesmo dia em que o conde de Morcerf saíra de casa de Danglars com uma humilhação e um furor justificados pela frieza do banqueiro, o Sr. Andrea Cavalcanti, com o cabelo frisado e brilhante, o bigode aguçado e as luvas brancas a desenharem-lhe as unhas, entrou quase de pé no seu faeton no pátio do banqueiro da Chaussée-d'Antin.

Ao cabo de dez minutos de conversação na sala, arranjara maneira de conduzir Danglars para o vão de uma janela e aí, depois de um hábil preâmbulo, expusera os tormentos da sua vida desde a partida do seu nobre pai. Desde essa partida encontrara, dizia, na família do banqueiro, onde se tinham dignado recebê-lo como filho, todas as garantias de felicidade que um homem deve sempre procurar antes dos caprichos da
paixão e, quanto à própria paixão, tivera a sorte de a encontrar nos belos olhos de Mademoiselle Danglars.

Danglars escutava com a mais profunda atenção. Havia dois ou três dias que esperava aquela declaração, e quando ela por fim chegou, os seus olhos dilataram-se tanto como se tinham empequenecido e nublado ao ouvir Morcerf.

No entanto, não quis aceitar sem mais nem menos a proposta do rapaz sem lhe apresentar algumas observações de consciência.

- Sr. Andrea, não será um pouco novo para pensar em casamento?

- De modo nenhum, senhor - perguntou Cavalcanti. - Pelo menos, eu não acho. Na Itália, os grandes senhores casam-se novos, em geral; é um costume lógico. A vida é tão incerta que se deve agarrar a felicidade logo que ela passa ao nosso alcance.

- Agora, senhor - disse Danglars --, admitindo que as suas propostas, que me honram, sejam do agrado da minha mulher e da minha filha, com quem debateríamos os interesses? Parece-me tratar-se de uma negociação importante que só os pais sabem tratar convenientemente a bem da felicidade dos filhos.

- Senhor, o meu pai é um homem ponderado, cheio de bom senso e razão.

Previu a circunstância provável de eu experimentar o desejo de me instalar na França e deixou-me, portanto, ao partir, todos os documentos que comprovam a minha identidade e uma carta em que me garante, no caso de eu fazer uma escolha que lhe seja agradável, cento e cinquenta mil libras de rendimento a partir do dia do meu casamento. Trata-se, tanto quanto suponho, de um quarto dos rendimentos do meu pai.

- Mas eu sempre tive a intenção de dar à minha filha, quando se casasse, quinhentos mil francos - observou Danglars. - De resto, é a minha única herdeira.

- Como vê -- disse Andrea --, tudo se resolveria da melhor maneira na hipótese de o meu pedido não ser rejeitado pela Sra Baronesa Danglars e por Mademoiselle Eugênie. Teríamos cento e setenta e cinco mil libras de rendimento. Suponhamos uma coisa: que eu consegua que o marquês, em vez de me pagar a renda, me desse o capital (não seria fácil, bem sei, mas enfim, é possível). O senhor nos faria tornar produtivos
esses dois ou três milhões, e dois ou três milhões numas mãos hábeis podem sempre render dez por cento.

- Nunca dou mais do que quatro, e até do que três e meio - perguntou o banqueiro.- Mas ao meu genro daria cinco e dividiríamos os lucros.

- Ótimo, sogro! - exclamou Cavalcanti, deixando-se levar pela sua natureza um tanto vulgar, que de vez em quando, apesar dos seus esforços, fazia estalar o verniz de aristocracia com que procurava cobrir-se.

Mas corrigiu-se imediatamente:

- Oh, perdão, senhor! Como vê, só a esperança já quase me faz perder a cabeça; que seria se fosse a realidade?...

- Mas - observou Danglars, que pela sua parte não notava até que ponto a conversa, de início desinteressada, se tornara rapidamente uma agência de negócios - há sem dúvida uma parte da sua fortuna que o seu pai não pode lhe recusar?...

- Qual? - perguntou o rapaz.

- A que vem da sua mãe.

- Ah, certamente, a que vem da minha mãe, Leonora Corsinari!

- E a quanto pode ascender essa parte?

- Palavra de honra, senhor - disse Andrea --, garanto-lhe que nunca me detive pensando nisso, mas calculo que a uns dois milhões, pelo menos.

Danglars experimentou a espécie de sufocação jubilosa que sentem ou o avaro que encontra um tesouro perdido ou o homem prestes a afogar-se que depara debaixo dos pés com a terra firme em vez do vácuo que o iria engolir.

- Então, senhor - insistiu Andrea, cumprimentando o banqueiro com terno respeito --, poderei esperar?...

- Sr. Andrea - respondeu Danglars --, espere e creia que se da sua parte nenhum obstáculo detiver o andamento deste negócio, ele está concluído. Mas - perguntou pensativo - como se explica que o Sr. Conde de Monte-Cristo, seu patrono na sociedade parisiense, não tenha vindo consigo fazer-nos esse pedido?

Andrea corou imperceptivelmente.

- Venho de casa do conde, senhor - respondeu. - Trata-se incontestavelmente de um homem encantador, mas de uma originalidade inconcebível. Aprovou com entusiasmo a minha decisão; disse-me até que não

acreditava que o meu pai hesitasse um instante em dar-me o capital em vez da renda e prometeu-me a sua influência para me ajudar a obter isso dele; mas declarou-me que pessoalmente nunca tomara nem tomaria a responsabilidade de fazer um pedido de casamento. Mas, devo prestar-lhe essa justiça, dignou-se acrescentar que se alguma vez deplorara essa repugnância, nunca a deplorara tanto como agora, a meu respeito, pois pensava que a união projetada seria feliz e adequada. De resto, embora nada queira fazer
oficialmente, disse-me que não terá dúvida em tocar no assunto quando o senhor lhe quiser falar dele.

- Ah, muito bem!

- Agora - disse Andrea, com o seu mais encantador sorriso -, uma vez que já acabei de falar ao sogro, dirijo-me ao banqueiro.

- Que deseja? - perguntou Danglars, também rindo.

- Depois de amanhã tenho a receber no seu banco uns quatro mil francos. Mas o conde compreendeu que o mês em que vamos entrar talvez me traga um aumento de despesas que a minha pequena mesada de rapaz não suportaria, e por isso aqui tem uma ordem de pagamento de vinte mil francos que ele, não direi me deu, mas sim me ofereceu. está assinada pelo seu punho, como vê. Aceita-a?

- Traga-me ordens destas no valor de um milhão, que eu aceito-as todas - respondeu Danglars, metendo a ordem de pagamento na algibeira. - Diga-me a que horas quer o dinheiro amanhã e o meu pagador passará pela sua casa com um recibo de vinte e quatro mil francos.

- Às dez da manhã, se não se importa. Quanto mais cedo, melhor. Tenciono ir até ao campo, amanhã...

- Seja, às dez horas. Continua no Hotel dos Príncipes?

- Continuo.

No dia seguinte, com uma exatidão que honrava a pontualidade do banqueiro, os vinte e quatro mil francos estavam em poder do rapaz, que saiu efetivamente, deixando duzentos francos para Caderousse.

A saída tinha, da parte de Andrea, como objetivo principal evitar o seu perigoso amigo. Por isso, regressou à noite o mais tarde possível. Mas assim que pôs o pé no pavimento do pátio, encontrou diante
de si o porteiro do hotel, que o esperava de boné na mão.

- Excelência, veio o tal homem - informou.

- Qual homem? - perguntou negligentemente Andrea, como se o tivesse esquecido, quando, pelo contrário, se lembrava dele muito bem.

- Aquele a quem V. Exª dá aquela pensãozinha.

- Ah, sim, o antigo criado do meu pai! - disse Andrea. - E você deu-lhe os duzentos trancos que lhe deixei para ele.

- Dei, Excelência.

Andrea fazia-se tratar por Excelência.

- Mas - continuou o porteiro - ele não quis recebe-los.

Andrea empalideceu. Mas como era de noite, ninguém o viu empalidecer.

- Como, não quis recebe-los! - admirou-se, com voz ligeiramente trêmula.

- Não. Queria falar com V. Exª . Respondi-lhe que o senhor tinha saído. Insistiu. Mas por fim pareceu se convencer e deu-me esta carta, que já trazia fechada.

- Vejamos... - murmurou Andrea.

E leu à luz da lanterna do faeton: “Sabe onde moro. Te espero amanhã às nove horas da manhã."

Andrea examinou o lacre para ver se a carta não fora violada e se olhares indiscretos não tinham tomado conhecimento do seu conteúdo. Mas ela estava dobrada de tal forma, com tal abundância de ângulos e losangos, que para a ler seria necessário quebrar o lacre. Ora o lacre estava perfeitamente intacto.

- Muito bem - disse. - Pobre homem! É uma excelente criatura.

E deixou o porteiro edificado com estas palavras e sem saber quem mais devia admirar, se o jovem amo ou o velho criado.

- Desatrela depressa e sobe ao meu quarto - ordenou Andrea ao seu groom.

Em dois saltos, o jovem chegou ao quarto e queimou a carta de Caderousse, de que fez desaparecer até as cinzas. Terminava essa operação quando o criado entrou.

- Você é da mesma estatura que eu, Pierre - disse-lhe.

- Tenho essa honra, Excelência - respondeu o criado.

- Deve ter uma libré nova que te trouxeram ontem, não tem?

- Tenho, sim, Excelência.

- Tenho um encontro com uma costureirinha, a quem não quero revelar nem o meu título nem a minha condição. Empreste-me a tua libre e os teus documentos, para que possa, se for necessário, dormir numa estalagem.

Pierre obedeceu. Cinco minutos mais tarde, Andrea, completamente disfarçado, saía do hotel sem ser reconhecido, tomava um cabriolé e fazia-se conduzir à Estalagem do Cavalo Vermelho, em Piepus.

No dia seguinte, saiu da Estalagem do Cavalo Vermelho como saíra do Hotel dos Príncipes, isto é, sem ser notado, desceu o Arrabalde de Santo Antônio, meteu pelo bulevar até à Rua de Ménilmontant, parou à porta da terceira casa à esquerda e, na ausência do porteiro, procurou quem lhe pudesse dar informações.

- Quem procura, meu lindo menino? - perguntou-lhe a vendedora de fruta em frente.

- O Sr. Pailletin, por favor, tiazinha - respondeu Andrea.

- Um padeiro reformado? - perguntou a vendedeira.

- Exatamente.

- No fundo do pátio, à esquerda, no terceiro andar. Andrea seguiu o caminho indicado, e no terceiro andar encontrou uma “pata de lebre", que agitou com um sentimento de mau humor, de cujo movimento precipitado a campainha se ressentiu. Passado um segundo, o rosto de Caderousse apareceu no ralo praticado na porta.

- Ah, você é pontual! - observou, e correu os ferrolhos.

- Não me chateie! - perguntou Andrea, entrando.

E atirou adiante de si o barrete da libré, que, falhando a cadeira, caiu no chão e deu a volta ao quarto rolando sobre a sua circunferência.

- Vamos, vamos, não se zangue, pequeno! - aconselhou Caderousse. - Repare como pensei em você. Já viu o bom café da manã que nos espera? Só coisas que você gosta, meu finório!

De fato, Andrea notou no ar um cheiro a cozinha cujos aromas grosseiros

não deixavam de possuir certo encanto para o seu estômago faminto: primeiro, a mistura de gordura fresca e alho que marca a cozinha provençal de ordem inferior; depois, um cheiro a peixe gratinado e sobretudo o perfume intenso da noz-moscada e do cravinho. Todos estes cheiros provinham de duas travessas fundas e cobertas, colocadas em cima de dois fornilhos, e de uma caçarola que rechinava no forno de um fogão de ferro fundido.

Na divisão contígua, Andrea viu, além de uma mesa bastante limpa e adornada com dois talheres, duas garrafas de vinho seladas, uma de verde e a outra de amarelo, uma boa quantidade de aguardente numa outra garrafa e uma macedônia de frutas numa grande folha de couve colocada com arte num prato de faiança.

- Que te parece, pequeno? - perguntou Caderousse. - Como isto cheira bem! Mas não admira, como sabes, era um bom cozinheiro ... naquele lugar! Lembras-se como lambiam os dedos com os meus cozidos? E você era sempre o primeiro a saborear os meus molhos, e olha que lhe não torcia o nariz!...

E Caderousse pôs-se a descascar um suplemento de cebolas.

- Está bem, está - perguntou Andrea, irritado. - Com a breca, se foi para almoçar contigo que me incomodou, que o Diabo te leve!

- Meu filho, enquanto se come, se conversa - perguntou sentenciosamente Caderousse. - E depois, grande ingrato, não tem prazer em ver um bocadinho o seu amigo? Pois eu choro de alegria.

Com efeito, Caderousse chorava realmente. Só que seria difícil dizer se era a alegria ou se eram as cebolas que agiam sobre a glândula lacrimal do antigo estalajadeiro da Pont-du-Gard.

- Cale-se, hipócrita. Meu amigo, você?...

- Sim, sou teu amigo, diabos me levem! É uma fraqueza, bem sei, mas é mais forte do que eu... - confessou Caderousse.

- O que não te impede de me ter feito aqui vir para qualquer perfídia...

- Então, então!... - exclamou Caderousse, limpando uma grande faca ao avental. - Se não fosse teu amigo, suportaria a vida miserável que me proporciona? Olha bem: veste a libré do teu criado, prova de que tem um criado; pois eu não tenho e sou obrigado a descascar eu próprio os meus legumes. Desdenha a
minha cozinha porque janta à mesa redonda do Hotel dos Príncipes ou no Café de Paris. Pois eu também poderia ter um criado; e também poderia ter um tílburi; e jantar onde me apetecesse... E privo-me de tudo isso porquê? Para não prejudicar o meu pequeno Benedetto... Vamos, confessa ao menos que poderia, hem?

E um olhar perfeitamente elucidativo de Caderousse concluiu o sentido da frase.

- Bom, admitamos que é meu amigo - concedeu Andrea. - Nesse caso, porque exige que venha almoçar contigo?

- Mas para te ver, meu querido!...

- Que adianta me ver, se estabelecemos antecipadamente todas as nossas condições?

- Meu caro amigo, existem porventura testamentos sem codicilos? - observou Caderousse. - Mas veio para almoçar, não é verdade? Então sente-se e comecemos por estas sardinhas e esta manteiga fresca, que

coloquei em folhas de videira em tua intenção, minha peste...Ah, sim, examina o meu quarto, as minhas quatro cadeiras de palhinha e as minhas imagens a três francos o quadro!...Demônio, que queria, se isto não é o Hotel dos Príncipes?...

- Pronto, agora está descontente! Já não está feliz, e no entanto só queria ter o ar de um padeiro reformado...

Caderousse suspirou.

- Então, que tem a me dizer? - perguntou Andrea. - Viu o teu sonho realizado.

- Tenho a dizer que é um sonho. Um padeiro reformado, meu pobre Benedetto, é rico, tem rendimentos.

- E você não tem os seus rendimentos?

- Eu?

- Sim, você, uma vez que te dou duzentos francos.

Caderousse encolheu os ombros.

- É humilhante - declarou - receber assim dinheiro dado contra vontade, dinheiro efêmero, que me pode faltar de um dia para o outro. Bem vê que sou obrigado a fazer economias para o caso de a tua prosperidade não durar ... Sim, meu amigo, a sorte é inconstante, como dizia o capelão do regimento. Sei perfeitamente que a tua prosperidade é enorme, celerado... Vai casar com a filha de Danglars.

- Como? De Danglars?!

-- Sim, de Danglars! Ou devo dizer o barão Danglars? É como se dissesse o conde Benedetto... Danglars era um amigo, e se não tivesse tão má memória deveria convidar-me para a boda... atendendo a que foi à minha... Sim, sim, sim, à minha! Nesse tempo não era tão orgulhoso; não passava de um escriturariozinho em casa desse bom Sr. Morrel. Jantei mais de uma vez com ele e com o conde de Morcerf... Como vê, tenho excelentes conhecimentos e gostaria de os cultivar um bocadinho. Poderíamos reencontrar-nos nos mesmos salões...

- A tua inveja te faz ver arcos-íris, Caderousse.

- Pois sim, Benedetto mio, mas eu sei o que digo. Talvez um dia vista também o meu fato dos domingos e vá dizer ao porteiro de um desses palácios: “Abra, por favor!" Entretanto, sentemo-nos e comamos.

Caderousse deu o exemplo e pôs-se a comer com bom apetite e a elogiar todas as iguarias que servia ao seu convidado.

Este pareceu tomar o seu partido: abriu habilmente as garrafas e atacou a caldeirada e o bacalhau gratinado com alho e azeite.

- Então, compadre, parece que te reconcilias com o teu antigo chefe de mesa, hem?... - observou Caderousse...

- Palavra que sim - respondeu Andrea, a quem, jovem e vigoroso como era, o apetite levava de momento a palma a qualquer outra coisa.

- E acha isso bom, tratante?

- Tão bom que não compreendo como um homem que cozinha e come tão boas coisas pode estar descontente com a vida.

- É que toda a minha felicidade é estragada por um único pensamento - confessou Caderousse.

- Qual?

- Vivo à custa de um amigo, eu que sempre ganhei honradamente a minha

vida.

- Oh, oh, isso não tem importância! - perguntou Andrea.

- O que tenho chega para dois, não se preocupe.

- Não, sinceramente? Talvez não acredite, mas no fim dos meses tenho remorsos.

- Excelente Caderousse!

- A tal ponto que ontem não quis receber os duzentos francos.

- Sim, queria falar comigo. Mas sente mesmo remorsos?

- Autênticos remorsos. E depois tive uma idéia...

Andrea estremeceu. Estremecia sempre que Caderousse tinha idéias.

- É indigno, deve concordar, estar sempre à espera do fim do mês...

- Pois é - admitiu filosoficamente Andrea, decidido a ver até onde queria chegar o companheiro -, mas não passamos todos a vida esperando? Eu, por exemplo, acaso faço outra coisa? E tenho paciência, não é verdade?

- Sim, porque em vez de esperares duzentos miseráveis francos, espera cinco ou seis mil, ou talvez dez, senão mesmo doze mil. Porque você não te confessa. Lá onde sabe, tinha sempre umas reservazinhas, umas economias, que procuravas subtrair ao pobre amigo Caderousse. Felizmente para ele, o amigo Caderousse tinha bom faro...

- Pronto, vai começar a divagar, a falar e tornar a falar sempre do passado! - protestou Andrea. - Que adianta repisar essas coisas, não me diga.

- Ah, é que você tem vinte e um anos e pode esquecer o passado! Mas eu tenho cinquenta e sou obrigado a não esquece-lo. Mas não interessa, voltemos aos negócios.

- Pois sim.

- Queria dizer que no teu lugar...

- Sim?

- Pediria...

- Pediria o quê?

- Pediria um semestre de adiantamento, a pretexto de me querer tornar elegível e desejar comprar uma quinta. Depois, quando me apanhasse com o meu semestre, punha-me ao fresco.

- Ah, ah! - exclamou Andrea. - Não está mal pensado, não, senhor!

- Meu caro amigo, come da minha cozinha e segue os meus conselhos - sentenciou Caderousse. - Só terá a ganhar, física e moralmente.

- Mas olhe, porque não segue você mesmo o conselho que dá? - inquiriu Andrea. - Porque não pede um semestre adiantado, ou até mesmo um ano, e não te retiras para Bruxelas? Em vez de ter o ar de um padeiro reformado, teria o ar de um falido no exercício das suas funções. Seria um bom golpe.

- Mas como diabo quer você que me retire com mil e duzentos francos?

- Ah, Caderousse, como se tornou exigente! Há dois meses morria de fome...

- Quanto mais se come, mais apetece comer - perguntou Caderousse, mostrando os dentes como um macaco que ri ou como um tigre que brame. - Por isso - acrescentou, cortando com esses mesmos dentes, tão brancos e aguçados, apesar da idade, um enorme bocado de pão --, tracei um plano.

Os planos de Caderousse assustavam ainda mais Andrea do que as suas

idéias. As idéias não passavam do germe, o plano era a realização.

- Vejamos esse plano. Deve ser bonito! - comentou Andrea.

- Porque não? O plano graças ao qual nos piramos da choça de quem foi? Meu, segundo me consta. E não foi assim tão mau, parece-me, visto estarmos aqui!

- Não digo que não - concordou Andrea. - às vezes tem boas idéias... Mas enfim, vejamos o teu plano.

- Pode - prosseguiu Caderousse --, sem desembolsar um soldo, arranjar-me quinze mil francos?... Não, quinze mil francos é pouco: não quero tornar-me um homem honesto por menos de trinta mil francos!

- Não - respondeu secamente Andrea -, não posso.

- Parece-me que não me compreendeste - perguntou fria e calmamente Caderousse. - Disse-te sem desembolsar um soldo...

- Com certeza não quer que roube para dar cabo de todo o meu negócio, e do teu com o meu, e voltarmos ambos para a choça?

- Oh, a mim tanto me faz que me apanhem como não! - exclamou Caderousse. - Sou um bocado complicado, como sabe, e às vezes sinto a falta dos camaradas. Não sou como você, sem coração, que
nunca mais queria tornar a vê-los!

Desta vez, Andrea fez mais do que estremecer, empalideceu.

- Vamos, Caderousse, deixemo-nos de tolices!

- Então, meu querido Benedetto, não se assuste... Mas indica-me um meiozinho de ganhar os trinta mil francos sem te meter em nada. Deixe-me atuar, e pronto!

- Está bem, verei... procurarei... - respondeu Andrea.

- Mas entretanto aumentará a minha mesada para quinhentos francos. Estou com a mania de meter uma criada!

- Pois sim, terá os seus quinhentos francos - concordou Andrea. - Mas é muito para mim, meu pobre Caderousse. Você abusa...

- Ora, ora! - perguntou Caderousse. - Não se esqueça de que mete a mão em cofres sem fundo...

Diria-ia que Andrea esperava que o companheiro proferisse estas palavras, pois nos seus olhos brilhou um rápido clarão, que no entanto se extinguiu imediatamente.

- Isso é verdade - admitiu Andrea - e o meu protetor é excelente para mim.

- Querido protetor! - exclamou Caderousse. - Quanto te dá ele por mês?

- Cinco mil francos - respondeu Andrea.

- Tantas de mil quantas me dá de cem - observou Caderousse. - Na verdade, não há como ser bastardo para ter sorte. Cinco mil francos por mês... Que diabo se pode fazer com isso?

- Meu Deus, gastam-se num instante! Por isso, tal como você, também gostaria muito de ter um capital...

- Um capital sim compreendo. Todas as pessoas gostariam de ter um capital.

- Eu hei de ter um.

- E quem o dará? O teu príncipe?

- Sim, o meu príncipe. Infelizmente, terei de esperar

- Esperar o quê? - perguntou Caderousse.
- A sua morte.
- A morte do teu príncipe?
- Sim.
- Explique isso.
- Sou contemplado no seu testamento.
- Deveras?
- Palavra de honra!
- Com quanto?
- Com quinhentos mil!
- Só isso? Obrigado, mas é pouco...
- É como te digo.
- Vamos, não é possível!
- Caderousse, você é meu amigo?
- Claro! Para a vida e para a morte.
- Pois bem, vou dizer-te um segredo.
- Diz.
- Mas escuta...
- Oh, com a breca, serei mudo como um túmulo!
- Suspeito...

Andrea calou-se e olhou à sua volta.

- Suspeita... Não tenha medo, com mil demônios! Estamos sós.
- Suspeito que encontrei o meu pai.
- O teu verdadeiro pai?
- Sim.
- Não o pai Cavalcanti?
- Não, porque esse foi-se embora; o verdadeiro, como você diz.
- E esse pai é?
- Quem havia de ser, Caderousse? É o conde de Monte-Cristo.
- Ora!
- Sim. Não vê que assim tudo se explica? Não pode me reconhecer publicamente, ao que parece; mas me fez reconhecer pelo Sr. Cavalcanti, a quem deu cinquenta mil francos.
- Cinquenta mil francos para ser teu pai?! Eu aceitaria desempenhar esse papel por metade do preço, por vinte mil, por quinze mil! Como não se lembrou de mim, ingrato?
- Como queria que lembrasse se tudo foi feito enquanto estavamos na choça?
- É verdade. E diz que no seu testamento...
- Deixa-me quinhentas mil libras.
- Tem certeza?
- Ele o mostrou. Mas não é tudo.
- Há um codicilo, como eu dizia há bocado!
- Provavelmente.
- E nesse codicilo...
- Reconhece-me.
- Oh, que bom pai, que rico pai, que pai honestíssimo! - exclamou

Caderousse, fazendo girar no ar um prato que apanhou com as mãos.

- Vá, diga agora que ainda tenho segredos para ti!

- Não, e a tua confiança honra-te a meus olhos. E o teu príncipe, o teu pai, é rico, riquíssimo, não é?

- Julgo que sim. Nem sabe quanto tem.

- Será possível?

- Ora essa! Então eu não sei que sou recebido em sua casa a toda a hora? Outro dia, um pagador bancário levou-me cinquenta mil francos numa pasta do tamanho da tua; ontem, foi um banqueiro que lhe levou cem mil francos em ouro... Caderousse estava atordoado. Parecia-lhe que as palavras do jovem tinham o som do metal e que ouvia rolar cascatas de luíses.

- E você frequenta essa casa? - perguntou ingenuamente.

- Vou quando quero.

Caderousse ficou pensativo um instante. Era fácil ver que remoía no espírito qualquer pensamento profundo. Depois, de súbito, gritou:

-Como eu gostaria de ver tudo isso! Como tudo isso deve ser belo!

- De fato, é - confirmou Andrea. - É magnífico!

- Ele não mora na Avenida dos Campos Elísios?

- Número trinta.

- Ah! - exclamou Caderousse. - Número trinta?

- Sim, uma bonita casa isolada entre pátio e jardim, - você não conhece outra coisa.

- É possível. Mas não é o exterior que me interessa, é o interior. Belos móveis, hem? Que há lá dentro?

- Nunca viu aTulherias?

- Não.

- Bom, é mais bonito.

- Diga-me uma coisa, Andrea: deve ser agradável um tipo baixar-se quando esse excelente Monte-Cristo deixa cair a bolsa...

- Oh, meu Deus, não vale a pena esperar que isso aconteça! - perguntou Andrea. - O dinheiro abunda naquela casa como a fruta num pomar.

- Devia levar-me lá um dia contigo...

- Acha isso possível? E a que título?

- Tem razão. Mas fez vir a água à boca. É absolutamente necessário que eu veja isso; descobrirei um
meio.

- Nada de besteiras, Caderousse!

- Me apresentarei como encerador.

- Há tapetes por todo o lado.

- Que pena! Então, tenho de me contentar com ver isso em imaginação.

- É o melhor, acredite.

- Tente ao menos me descrever a casa.

- Como?

- Nada mais fácil. É grande?

- Nem demasiado grande nem demasiado pequena.

- Mas como está dividida?

- Demônio, precisaria de tinta e papel para fazer uma planta!

- Aqui os tem! - respondeu vivamente Caderousse.

E foi buscar em uma velha mesa uma folha de papel branco, tinta e uma pena.

- Toma, trace-me tudo isso no papel, meu filho - pediu Caderousse.

Andrea pegou na pena sorrindo imperceptivelmente e começou.

- A casa, como já te disse, é entre pátio e jardim. Assim...

E Andrea traçou o jardim, o pátio e a casa.

- Muros altos?

- Não. Oito ou dez pés, no máximo.

- Isso não é prudente - observou Caderousse.

- No pátio, vasos de laranjeiras, relvados e canteiros de flores.

- E armadilhas?

- Não.

- As cavalariças?

- Dos dois lados do portão, aqui onde vê.

E Andrea continuou a traçar a planta.

- Vejamos o térreo - pediu Caderousse.

- No térreo, sala de jantar, duas salas, sala de bilhar, escada no vestíbulo e uma escadinha oculta.

- Janelas?

- Janelas magníficas, tão belas, tão largas que, palavra, creio que um homem da sua estatura passaria por cada vidraça.

- Porque têm escadas, se têm janelas dessas?

- Que quer: o luxo!

- Persianas?

- Sim, têm persianas, mas nunca se servem delas. O conde de Monte-Cristo é um original que gosta de ver o céu mesmo durante a noite!

- E os criados onde dormem?

- Oh, têm a sua residência própria! Imagina um bonito alpendre à direita de quem entra, onde guardam as escadas de mão e outros utensílios. Bom, por cima desse alpendre fica uma série de quartos ocupados pelos criados, com campainhas correspondentes aos seus ocupantes.

- Oh, diabo! Campainhas!

- Que disse?

- Nada. Digo que custa caríssimo colocar campainhas... E para que serve isso, me diga.

- Antes, havia um cão que passava a noite no pátio, agora levaram-no para a casa de Auteuil. Sabe, aquela onde você foi...

- Sei.

- Eu ainda ontem lhe dizia: “E imprudente da sua parte, Sr. Conde, porque quando vai para Auteuil e leva os criados, a casa fica só." “E depois?", perguntou-me ele. “E depois, um belo dia roubam-no!"

- Que te respondeu?

- Que me respondeu?

- Sim.

- Respondeu: “E depois, que diferença me faz que me roubem?"

- Andrea, deve ter alguma mesa mecânica.

- Que quer dizer?

- Sim, daquelas que apanham o ladrão numa rede e tocam uma música. Disseram-me que havia coisas dessas na última exposição.

- Ele tem apenas uma mesa de mogno, que tenho visto sempre com chave.

- E não o roubam?

- Não, o pessoal que o serve lhe é totalmente dedicado.

- Nessa mesa deve haver... uma boa quantia!

- Talvez... E impossível saber o que há lá .

- E onde está ?

- No primeiro andar.

- Faça-me a planta do primeiro andar, pequeno, como me fez a do térreo?

- É fácil.

E Andrea voltou a pegar a pena.

- No primeiro andar, como vê, há a antecâmara, a sala... à direita da sala a biblioteca e o gabinete de trabalho; à esquerda da sala, um quarto de dormir e outro de vestir. É no quarto de vestir que se encontra a famosa mesa.

- E há alguma janela no quarto de vestir?

- Duas: aqui e aqui.

E Andrea desenhou duas janelas na divisão que, na planta, fazia esquina e figurava como um quadrado mais pequeno pegado ao quadrado grande do quarto de dormir. Caderousse ficou pensativo.

- Ele vai muitas vezes a Auteuil? - perguntou.

- Duas ou três vezes por semana. Amanhã, por exemplo, deve passar o dia e a noite lá.

- Tem certeza?

- Convidou-me para ir jantar.

- Ainda bem. Isso é que é vida! - exclamou Caderousse. - Casa na cidade, casa no campo...

- Quando se é rico...

- E você irá jantar?

- Provavelmente.

- Quando janta, dorme lá?

- Se me apetece... Estou em casa do conde como se estivesse na minha.

Caderousse olhou o rapaz como se quisesse arrancar-lhe a verdade do fundo do coração. Mas Andrea tirou uma charuteira do bolso, escolheu um havano, acendeu-o tranquilamente e começou a fumar sem afetação.

- Quando quer os quinhentos francos? - perguntou a Caderousse.

- Agora, se os tiver.

Andrea tirou vinte e cinco luíses da algibeira.

- Amarelinhos? - disse Caderousse. - Não, obrigado!

- Não gosta deles?

- Pelo contrário, aprecio-os muito; mas não os quero.

- Ganhará o cambio, imbecil: o ouro vale mais cinco soldos.

- Pois sim, mas depois o cambista mandará seguir o amigo Caderousse, lhe deitarão a mão e terá de dizer quem são os rendeiros que lhe pagaram a renda em ouro. Deixemos de tolices, pequeno: quero dinheiro corrente, moedas redondas com a efígie de um monarca qualquer. Todas as pessoas podem ter

uma moeda de cinco trancos.

- Como deve compreender, não trago comigo quinhentos francos em dinheiro miúdo. Teria de contratar um carregador.

- Está bem, deixa-os no hotel, com o seu porteiro. É um excelente homem. Irei lá buscá-los.

- Hoje?

- Não, amanhã. Hoje não tenho tempo.

- Pois sim, seja. Amanhã, quando partir para Auteuil, os deixarei.

- Posso contar com isso?

- Certamente.

- É que vou já ajustar a minha criada...

- Ajusta-a. Mas ponto final, hem ? Não me perseguirá mais?

- Nunca mais.

Caderousse tornara-se tão sombrio que Andrea teve de fingir que não notara essa mudança. Redobrou portanto de alegria e despreocupação.

- Está muito bem disposto - observou Caderousse. - Diria-se que já recebeste a tua herança!

- Ainda não, infelizmente!... Mas no dia em que a receber...

- Que fará?

- Que farei? Me lembrarei dos amigos, só te digo isto...

- Sim, e como tem boa memória, não se esquecerá de ninguém...

- O que você quer? Espero que não me esfole...

- Eu? Que idéia! Eu que, pelo contrário, vou dar ainda um conselho de amigo.

- Qual?

- Que deixe aqui o diamante que traz no dedo.

- Mas então você quer que nos prendam? E para nos perder aos dois que faz semelhante burrice?

- Porque diz isso? - perguntou Andrea.

- Como veste uma libré, disfarças-se de criado e conserva no dedo um diamante de quatro a cinco mil francos?!

- Apre, tem olho para avaliações! Porque não te trabalha como leiloeiro?

- Conheço diamantes. Já os tive.

- Aconselho-te a não se gabar disso - recomendou-lhe Andrea, que, sem se zangar, como receava Caderousse, por causa da nova extorsão, lhe entregou complacentemente o anel. Caderousse examinou-o tão de perto que foi evidente para Andrea que examinava se as arestas do corte estavam bem vivas.

- É um diamante falso - disse Caderousse.

- Que é isso agora? - saltou Andrea. - Está brincando?...

- Oh, não se zangue! Podemos verificar...

E Caderousse chegou-se à janela e fez deslizar o diamante na vidraça. Ouviu-se o vidro ranger.

- Confiteor! - declarou, metendo o diamante no dedo mínimo.

- Enganei-me. Mas esses gatunos dos joalheiros imitam tão bem as pedras que já ninguém se atreve a roubar nas joalharias, mais um ramo de indústria em crise.

- E agora, acabou-se? Tem mais alguma coisa a me pedir? Quer o meu

casaco? Quer o meu barrete? Não se acanhe, aproveita enquanto estou aqui...

- Não quero mais nada. No fundo, você é um bom companheiro. Não te demoro mais e procurarei curar-me da minha ambição.

- Mas toma cautela, não vá, ao vender o diamante, e te acontecerá o que receava que te acontecesse com o ouro.

- Não o venderei, pode ficar descansado.

"Pois não, pelo menos daqui até depois de amanhã", pensou o rapaz.

- Feliz tratante! - exclamou Caderousse. - Vai daqui reencontrar os seus lacaios, os seus cavalos, a sua carruagem e a sua noiva.

- Claro - respondeu Andrea.

- Olha lá, espero que me dê um lindo presente de noivado no dia em que casar com a filha do meu amigo Danglars.

- Já te disse que isso foi uma idéia que se te meteu na cabeça.

- Quanto de dote?

- Mas se te repito...

- Um milhão?

Andrea encolheu os ombros.

- Assentemos num milhão - disse Caderousse. - Nunca terá tanto quanto te desejo.

- Obrigado - respondeu o rapaz.

- Oh, é de boa vontade! - acrescentou Caderousse, com o seu riso grosseiro. - Espera que eu te acompanho.

- Não vale a pena.

- Claro que vale.

- Porquê?

- Oh, porque a porta tem um segredinho!... Foi uma medida de precaução que achei conveniente tomar. Fechadura Huret & Fichet, revista e corrigida por Gaspard Caderousse. Te farei uma idêntica quando for capitalista.

- Obrigado - repetiu Andrea. - Te avisarei com oito dias de antecedência.

Separaram-se. Caderousse ficou no patamar até ver Andrea não só descer os três andares, mas também atravessar o pátio. Então, voltou a entrar precipitadamente em casa, fechou a porta com cuidado e pôs-se a estudar, como o faria um arquiteto, a planta que Andrea lhe deixara.

- Querido Benedetto! - disse para consigo. - Creio que não se importaria nada de herdar mais cedo o seu quinhão e que aquele que antecipasse o dia em que deve receber os seus quinhentos mil francos não seria o seu pior amigo...

Capítulo LXXXII

O assalto

No dia seguinte àquele em que se verificou o diálogo que acabamos de reproduzir, o conde de Monte-Cristo partiu de fato para Auteuil, com Ali, vários criados e cavalos que queria experimentar. O que sobretudo determinara a partida, na qual nem sequer pensava na véspera e em que Andrea não pensava

mais do que ele, fora a chegada de Bertuccio, que, regressado da Normandia, trazia notícias da casa e da corveta. A casa
estava pronta, e a corveta, chegada havia oito dias e ancorada numa enseadazinha onde se conservava com a sua tripulação de seis homens, depois de cumprir todas as formalidades exigidas, encontrava-se já prontos para voltar ao mar.

O conde louvou o zelo de Bertuccio e convidou-o a preparar-se para uma rápida partida, pois a sua permanência na França não deveria ir além de um mês.

- Agora - disse-lhe - posso necessitar de ir numa noite de Paris a Tréport. Quero oito mudas escalonadas na estrada que me permitam percorrer cinquenta léguas em dez horas.

- V. Exª já manifestara esse desejo - respondeu Bertuccio -, e os cavalos estão todos prontos. Comprei-os e coloquei-os eu mesmo nos lugares mais convenientes, isto é, em aldeias onde ninguém para habitualmente.

- Está bem - disse Monte Cristo. - Fico aqui um dia ou dois, proceda em conformidade.

Quando Bertuccio ia a sair para tratar do necessário à instalação, Baptistin abriu a porta. Trazia uma carta numa bandeja de prata dourada.

- Que quer daqui? - perguntou o conde ao vê-lo todo coberto de pó. - Parece-me que não o mandei chamar...

Sem responder, Baptistin aproximou-se do conde e apresentou-lhe a carta.

- Importante e urgente - disse.

O conde abriu a carta e leu:

"O Sr. de Monte-Cristo fica prevenido de que esta mesma noite se introduzirá um homem na sua casa dos Campos Elísios, para roubar documentos que julga fechados na mesa do quarto de vestir. Sabe-se que o Sr. Conde de Monte-Cristo é suficientemente corajoso para não recorrer à intervenção da Polícia, intervenção que poderia comprometer gravemente quem o avisa. O Sr. Conde, quer por uma abertura que dá do quarto de dormir para o de vestir, quer emboscando-se neste último, poderá fazer justiça pessoalmente. Muitas pessoas e precauções evidentes afastariam certamente o malfeitor e fariam perder ao Sr. de Monte-Cristo a oportunidade de conhecer um inimigo que o acaso permitiu descobrir à pessoa que dá este serviço ao conde, aviso que talvez não tivesse ensejo de renovar se, falhado este primeiro empreendimento, o malfeitor tentasse outro."

A primeira idéia do conde foi crer numa artimanha de ladrões, cilada grosseira que lhe indicava um perigo medíocre para expo-lo a um perigo mais grave. Ia portanto mandar levar a carta a um comissário de polícia, apesar da recomendação e talvez mesmo por causa da recomendação do amigo anônimo, quando de súbito lhe ocorreu que se poderia tratar, com efeito, de algum inimigo especial seu, que só ele pudesse reconhecer e de quem, se assim fosse, só ele poderia tirar partido, como fizera Fieschi com o mouro a quem quisera assassinar. Já conhecemos o conde; não necessitamos portanto de dizer que era um espírito cheio de audácia e vigor que se obstinava contra o impossível com essa energia exclusiva dos homens superiores.

Pela vida que levava e pela decisão que tomara e que lhe impunha não recuar diante de nada, o conde saboreara prazeres desconhecidos nas lutas que por

vezes travara com a natureza, que é Deus, e com o mundo, que pode muito bem passar pelo Diabo.

- Não querem roubar os meus documentos - murmurou Monte-Cristo --, querem matar-me. Não são ladrões, são assassinos. Não quero que o Sr. Prefeito da Polícia meta o nariz na minha vida. Sou suficientemente rico para arcar com as despesas e não agravar com isto o orçamento da sua administração.

O conde chamou Baptistin, que saíra da sala depois de entregar a carta.

- Vai voltar a Paris e trazer para cá todos os criados que ficaram lá- ordenou. - Necessito de todo o pessoal em Auteuil.

- Mas não ficará ninguém na casa, Sr. Conde? - perguntou Baptistin.

- Sim, ficará o porteiro.

- O Sr. Conde não se esqueça de que do cubículo à casa ainda é longe...

- E então?

- Então, poderiam roubar toda a casa sem que ele ouvisse o mais pequeno ruído.

- Quem?

- Quem?... Os ladrões!

- É muito simplório, Sr. Baptistin. Se os ladrões me roubassem toda a casa nunca me ocasionariam a contrariedade que me ocasionaria um serviço mal feito.

Baptistin inclinou-se.

- Como lhe disse - prosseguiu o conde --, traga todos os seus colegas, do primeiro ao último. Mas que tudo fique no estado habitual. Feche apenas as persianas do térreo; mais nada.

- E as do primeiro andar?

- Bem sabe que nunca se fecham. Vá.

O conde informou que jantaria sozinho nos seus aposentos e que só queria ser servido por Ali.

Jantou com a sua tranquilidade e sobriedade habituais e depois do jantar fez sinal a Ali para o acompanhar, saiu pela portinha, alcançou o Bosque de Bolonha como se passeasse, tomou sem afetação o caminho de Paris e ao cair da noite encontrou-se diante da sua casa nos Campos Elísios.

Estava tudo às escuras; apenas ardia uma luz fraca no cubículo do porteiro, distante da casa uns quarenta passos, como dissera Baptistin.

Monte-Cristo encostou-se a uma árvore e, com aquele seu olhar que se enganava tão raramente, sondou a dupla alameda examinou os transeuntes e percorreu com a vista as ruas vizinhas, a fim de ver se havia alguém emboscado. Ao cabo de dez minutos convenceu-se de que ninguém o espreitava.

Correu imediatamente com Ali para a portinha, entrou num ápice e, pela escada de serviço, de que tinha a chave, entrou no seu quarto de dormir sem abrir ou mexer num só reposteiro e sem que o próprio porteiro pudesse suspeitar que na casa que julgava vazia se encontrava o seu principal habitante.

Chegado ao quarto de dormir, o conde fez sinal a Ali para se deter e em seguida entrou no gabinete de vestir, que examinou. Estava tudo como de costume: a preciosa mesa no seu lugar e com a chave na fechadura. Fechou-a com duas voltas, guardou a chave, voltou à porta do quarto de dormir, retirou a escápula dupla do fecho e entrou.

Entretanto, Ali colocava em cima de uma mesa as armas que o conde lhe pedira, isto é, umo rostobina curta e um par de pistolas duplas, cujos canos sobrepostos permitiam visar tão certeiramente como com pistolas de carreira de tiro. Assim armado, o conde tinha a vida de cinco homens nas mãos. Eram cerca de nove e meia. O conde e Ali comeram depressa um bocado de pão e beberam um copo de vinho de Espanha. Depois, Monte-Cristo fez deslizar um dos painéis móveis que lhe permitiam ver de uma divisão para outra. Tinha ao seu alcance as pistolas e o rostobina, e Ali, de pé, junto dele, empunhava uma dessas machadinhas árabes que não mudaram de forma desde as cruzadas.

Por uma das janelas do quarto de dormir, paralela à do gabinete, o conde podia ver a rua.

Passaram-se assim duas horas. Reinava a escuridão mais profunda, mas no entanto, Ali, graças à sua natureza selvagem, e o conde, graças sem dúvida a uma qualidade adquirida, distinguiam na noite até as mais fracas oscilações das árvores do pátio. Havia muito tempo que a luz do cubículo do porteiro se apagara.

Era de presumir que o ataque - se realmente havia um ataque projetado - se efetuasse pela escada do térreo e não por uma janela. No entender de Monte-Cristo, os malfeitores queriam a sua vida e não o seu dinheiro. Seria portanto o seu quarto de dormir que atacariam, e conseguiriam lá chegar quer através da escada oculta, quer através da janela do gabinete. Colocou Ali diante da porta da escada e continuou a vigiar o quarto de vestir.

Deram onze horas e três quartos no relógio dos Inválidos. O vento de oeste trazia nas suas lufadas úmidas a lúgubre vibração das três pancadas. Quando o som da última pancada se extinguiu, o conde julgou
ouvir um ruído ligeiro do lado do gabinete. Esse primeiro ruído, ou antes esse primeiro rangido, foi seguido de segundo e depois de terceiro. Ao quarto, o conde sabia com que contar. Uma mão firme e experiente ocupava-se de cortar os quatro lados de uma vidraça com um diamante.

O conde sentiu bater mais rapidamente o coração. Por mais habituados que os homens estejam ao perigo e por melhor precavidos que se encontrem contra ele, compreendem sempre, pelo frêmito do seu coração e pelo arrepio da sua carne, a enorme diferença que existe entre o sonho e a realidade, entre
o projeto e a execução.

No entanto, Monte-Cristo fez apenas um sinal para prevenir Ali. Este, compreendendo que o perigo vinha do lado do gabinete, deu um passo para se aproximar do amo. Monte-Cristo estava ansioso por saber com quais e com quantos inimigos teria de se haver.

A janela que estavam arrombando ficava defronte da abertura por onde o conde via o gabinete. Os seus olhos fixaram-se portanto nessa janela. Viu uma sombra desenhar-se, mais densa, na escuridão; depois uma das vidraças tomou-se completamente opaca, como se lhe colassem da parte de fora uma folha de
papel; finalmente, a vidraça estalou e separou-se sem cair. Pela abertura praticada passou um braço, que procurou o fecho. Um segundo mais tarde a janela girou nos gonzos e entrou um homem. O indivíduo vinha só.

- Ora aí está um patife audacioso... - murmurou o conde.

Neste momento sentiu que Ali lhe tocava suavemente no ombro. Virou-se. Ali mostrava-lhe a janela do quarto onde estavam e que deitava para a rua. Monte-

Cristo deu três passos para a janela; conhecia a
extraordinária delicadeza de sentidos do fiel servidor. Com efeito, viu outro homem afastar-se de uma porta, subir para um marco e parecer procurar ver o que se passava na casa do conde.

- Bom, são dois - disse. - Um atua e o outro vigia.

Fez sinal a Ali para não perder de vista o homem da rua e encarregou-se do do gabinete.

O cortador de vidros entrara e orientava-se, com os braços estendidos na sua frente.

Por fim, pareceu ter descoberto o que lhe interessava. Havia duas portas no gabinete; correu os ferrolhos de ambas. Quando se aproximou da porta do quarto de dormir, Monte-Cristo julgou que ele fosse entrar e preparou uma das pistolas; mas ouviu simplesmente o ruído do ferrolho a deslizar nos seus anéis de cobre. Tratava-se de uma mera precaução. O visitante noturno, ignorando que o conde tomara o cuidado de retirar as escápulas, podia dali em diante julgar-se em segurança e agir com toda a tranquilidade.

Sozinho e com todos os movimentos livres, o homem tirou então de uma ampla algibeira qualquer coisa que o conde não conseguiu distinguir, pousou essa qualquer coisa em cima da mesinha de centro e depois foi direito à mesa, apalpou o lugar da fechadura e verificou que, contra a sua expectativa, a chave não estava lá.

Mas o cortador de vidros era homem precavido e previra tudo. O conde não tardou a ouvir o toque de ferro contra ferro que produz, quando o agitam, um molho de chaves toscas, dessas que trazem os serralheiros quando os mandam chamar para abrir uma porta e às quais os ladrões chamam “rouxinóis", sem dúvida devido ao prazer que sentem ao ouvir o seu “canto" noturno quando rangem na fechadura.

- Ah, ah! - murmurou Monte-Cristo, com um sorriso decepcionado. - É apenas um ladrão.

Mas o homem, no escuro, não podia escolher o instrumento conveniente. Recorreu então ao objeto que deixara em cima da mesinha de centro. Fez funcionar um mecanismo e imediatamente uma luz pálida, mas suficientemente viva para que se pudesse ver, envolveu no seu reflexo dourado as mãos e o rosto do homem.

- Olha, é... - disse de súbito Monte-Cristo, recuando com expressão de surpresa.

Ali levantou o machado.

- Não se mexa - disse-lhe Monte-Cristo em voz baixa - e deixe o machado; não precisamos de armas aqui.

Depois acrescentou algumas palavras baixando ainda mais a voz, porque a exclamação, por mais fraca que fosse, que a surpresa arrancara ao conde, bastara para fazer estremecer o homem, que ficara na atitude do amolador antigo. Era uma ordem que o conde acabava de dar, pois Ali afastou-se imediatamente em pontas de pés e tirou da parede da alcova uma vestimenta preta e um chapéu triangular. Entretanto, Monte-Cristo despia rapidamente a sobrecasaca, o colete e a camisa. Graças ao raio de luz que se infiltrava pela fresta do painel, se poderia reconhecer no peito do conde uma dessas flexíveis e finas cotas de malha de aço

de outros tempos, a última das quais, numa França onde já se não temiam os punhais, fora talvez usada
pelo rei Luís XVI, que receava ser ferido no peito à navalha e acabara por ser decapitado pela guilhotina.

Aquela túnica não tardou a desaparecer debaixo de uma comprida sotaina, tal como os cabelos do conde debaixo de uma peruca tonsurada. O chapéu triangular, colocado por cima da peruca, acabou de transformar o conde em abade.

Entretanto, o homem, como não ouvisse mais nada, endireitara-se e, enquanto Monte-Cristo operava a sua metamorfose, fora direito à mesa, cuja fechadura começava a ranger sob a ação do seu “rouxinol".

- Bom - murmurou o conde, que decerto confiava algum segredo de serralharia que devia ser desconhecido do arrombador de portas, por mais hábil que fosse -, bom, tem para uns minutos...

E dirigiu-se para a janela.

O homem que vira subir para um marco descera e continuava a passear na rua. Mas, coisa singular, em vez de se preocupar com quem pudesse vir quer pela Avenida dos Campos Elísios, quer pelo Arrabalde de Saint-Honoré, só parecia preocupar-se com o que se passava em casa do conde, e todos os seus
movimentos tinham por fim ver o que estaria acontecendo no gabinete. De súbito, Monte-Cristo bateu na testa e deixou errar pelos lábios entreabertos um sorriso silencioso.

Depois, aproximou-se de Ali e disse-lhe:

- Fica aqui escondido no escuro, e seja qual for o barulho que ouça, seja o que for que aconteça, só entre e só se mostre quando te chamar pelo teu nome.

Ali fez sinal com a cabeça de que compreendera e obedeceria. Então, Monte-Cristo tirou de um armário uma vela, acendeu-a, e, no momento em que o ladrão estava mais ocupado com a fechadura, abriu suavemente a porta, tendo o cuidado de fazer com que a luz que segurava na mão lhe batesse em cheio na
cara. A porta girou tão suavemente que o ladrão não a ouviu. Mas, com grande surpresa sua, viu o quarto iluminar-se de súbito. Virou-se.

- Boa noite, caro Sr. Caderousse - disse Monte-Cristo. - Que diabo veio fazer aqui a semelhante hora?

- O abade Busoni! - gritou Caderousse.

E ignorando como aquela estranha aparição chegara até ele, uma vez que fechara as portas, deixou cair o molho de chaves falsas e ficou imóvel e como que fulminado de espanto. O conde foi-se colocar entre Caderousse e a janela, cortando assim ao ladrão aterrorizado o seu único meio de retirada.

- O abade Busoni! - repetiu Caderousse, cravando no conde os olhos esbugalhados.

- Sim, não há dúvida que sou o abade Busoni, em pessoa - confirmou Monte-Cristo --, e folgo muito por me ter reconhecido, meu caro Sr. Caderousse. Isso prova que temos boa memória, pois, se me não engano, há pelo menos dez anos que nos não víamos.

Esta calma, esta ironia, esta força, causaram no espírito de Caderousse um terror indescritível.

- O abade! O abade! - murmurou crispando os punhos e batendo os dentes.

- Com que então, queremos roubar o conde de Monte-Cristo... - continuou o pretenso abade.

- Sr. Abade - murmurou Caderousse, procurando alcançar a janela que o conde lhe interceptava implacavelmente.

- Sr. Abade, não sabia... peço-lhe que acredite... juro-lhe...

- Um vidro cortado - continuou o conde --, uma lanterna de furta-fogo, um molho de “rouxinóis" e uma mesa meio arrombada são provas mais do que evidentes, no entanto...

Caderousse sentia a gravata estrangulá-lo, procurava um canto onde se esconder, um buraco por onde sumir.

- Verifico que continua a ser o mesmo Sr. Assassino - acrescentou o conde.

- Sr. Abade, uma vez que sabe tudo, deve saber que não fui eu, foi a Carconte. Isso foi reconhecido no julgamento, e tanto assim que só me condenaram às galés.

- E mal acabou de cumprir o seu tempo, encontro-o em vias de voltar para lá, não é?

- Não, Sr. Abade, fui libertado por alguém.

- Por alguém que prestou um lindo serviço à sociedade...

- Mas eu prometi... - começou Caderousse.

- Prometeu, mas está em Paris sem autorização, não é verdade? - interrompeu-o Monte-Cristo.

- Infelizmente, estou - confessou Caderousse muito inquieto.

- Má reincidência... Isso o levará, se me não engano, à Praça de Grêve. Tanto pior, tanto pior, diavolo!, como dizem os hereges no meu país.

- Sr. Abade, cedi a uma tentação...

- Todos os criminosos dizem isso.

- A necessidade...

- Não me venha com essa! - perguntou desdenhosamente Busoni. - A necessidade pode levar a pedir esmola, a roubar um pão à porta de um padeiro, mas não a vi arrombar uma mesa numa casa que se julga desabitada. E quando o joalheiro Joannês lhe deu quarenta e cinco mil francos pelo diamante que lhe ofereci
e o senhor o matou para ficar com o diamante e o dinheiro, também foi por necessidade?

- Perdão, Sr. Abade - suplicou Caderousse. - já me salvou uma vez, salve-me segunda...

- Isto não me encoraja...

- Está sozinho, Sr. Abade? - perguntou Caderousse, juntando as mãos. - Não me diga que tem aí guardas prontos para me prender...

- Estou sozinho - respondeu o abade - e terei mais uma vez piedade do senhor e o deixarei ir, com risco de novas desgraças por culpa da minha fraqueza, se me contar toda a verdade.

- Ah, Sr. Abade! - exclamou Caderousse, juntando as mãos e aproximando-se um passo de Monte-Cristo. - Posso bem dizer que o senhor é o meu salvador!

- Diz que o libertaram das galés?

- Sim, senhor, palavra de Caderousse, Sr. Abade!

- Quem?

- Um inglês.

- Como se chamava?

- Lorde Wilmore.

- Conheço-o. Saberei portanto se mente.

- Sr. Abade, digo a pura verdade.

- Esse inglês protegia-o, portanto?

- Não a mim, mas sim a um jovem corso que era meu companheiro de grilheta.

- Como se chamava esse jovem corso?

- Benedetto.

- Isso é um nome de batismo.

- Ele não tinha outro, era um enjeitado.

- E esse rapaz fugiu com você?

- Fugiu.

- Como?

- Nós trabalhavamos em Saint-Mandrier, perto de Toulon. Conhece Saint-Mandrier?

- Conheço.

- Bom, enquanto o pessoal dormia, do meio-dia à uma hora...

- Forçados a dormirem a sesta! E ainda há quem tenha pena desses figurões! - exclamou o abade.

- Demônio, não se pode estar sempre trabalhando - protestou Caderousse. - Um homem não é nenhum cão...

- Felizmente para os cães - perguntou Monte-Cristo.

- Portanto, enquanto os outros dormiam a sesta, nos afastamos um bocadinho, cortamos os ferros com uma lima fornecida pelo inglês e fugimos a nado.

- Que foi feito desse Benedetto?

- Não sei nada dele.

- Mas devia saber...

- Não sei, na verdade. Nos separamos em Hyeres.

E para dar mais força à sua afirmação, Caderousse avançou mais um passo para o abade, que permaneceu imóvel no seu lugar, sempre calmo e interrogador.

- Mente! - disse o abade Busoni, em tom de irresistível autoridade.

- Sr. Abade!...

- Mente! Esse homem é ainda seu amigo e o senhor serve-se dele talvez como cúmplice...

- Oh, Sr. Abade!...

- Desde que deixou Toulon, como tem vivido? Responda.

- Como tenho podido.

- Mente! - repetiu pela terceira vez o abade, em tom ainda mais imperioso.

Aterrado, Caderousse fitou o conde.

- O senhor tem vivido - prosseguiu este último - do dinheiro que ele lhe tem dado.

- Pronto, é verdade! - confessou Caderousse. - Benedetto tornou-se filho de um grande senhor.

- Como pode ser filho de um grande senhor?

- Filho natural.

- E como se chama esse grande senhor?

- Conde de Monte-Cristo, o mesmo em casa de quem estamos.

- Benedetio, filho do conde? - murmurou Monte-Cristo, atônito.

- Demônio, assim deve ser, uma vez que o conde lhe arranjou um falso pai, lhe dá quatro mil francos por mês e lhe deixa quinhentos mil francos em testamento!

- Ah, ah! - exclamou o falso abade, que começava a compreender. - Que nome usa agora esse rapaz?

- Chama-se Andrea Cavalcanti.

- Então é o jovem que o meu amigo conde de Monte-Cristo recebe em sua casa e que vai casar com Mademoiselle Danglars?

- Exatamente.

- E o senhor permite isso, miserável? O senhor, que conhece a sua vida e a sua ignomínia?

- Porque havia eu de impedir um camarada de vencer na vida? - perguntou Caderousse.

- Tem razão. Não é ao senhor que compete prevenir o Sr. Danglars, é a mim.

- Não faça isso, Sr. Abade!

- Porquê?

- Porque seria o nosso pão que nos faria perder.

- E julga que para conservar o pão a miseráveis como vocês me tornarei um encobridor das suas velhacarias, um cúmplice dos seus crimes?

- Sr. Abade! - exclamou Caderousse, aproximando-se mais.

- Direi tudo.

- A quem?

- Ao Sr. Danglars.

- Irra! - gritou Caderousse, tirando uma navalha aberta do colete e atingindo o conde no meio do peito. - Não dirá nada, abade!

Mas, com grande espanto de Caderousse, a navalha, em vez de penetrar no peito do conde, ressaltou embotada.

Ao mesmo tempo, o conde agarrou com a mão esquerda o pulso do assassino e torceu-o com tal força que a navalha caiu-lhe dos dedos hirtos e Caderousse soltou um grito de dor.

Mas, sem que o grito o detivesse, o conde continuou a torcer o pulso do bandido até ele, com o braço deslocado, cair primeiro de joelhos e depois de cara contra o chão.

Então, o conde pôs-lhe o pé na cabeça e disse:

- Não sei que me impede de te rachar o crânio, celerado!

- Piedade! Piedade! - gritou Caderousse.

O conde retirou o pé.

- Levante-se! - ordenou-lhe.

Caderousse levantou-se.

- Com a breca, sempre tem uma mão mais forte, Sr. Abade!... - exclamou Caderousse, esfregando o braço pisado pela tenaz de carne que lho apertara. -

Sim, senhor, que mão!...

- Silêncio! Deus deu-me força suficiente para domar uma fera como você. É em nome de Deus que procedo. Lembre-se disto, miserável: se te poupo neste momento é ainda para servir os desígnios de Deus.

- Hui! - gemeu Caderousse, muito magoado.

- Pega nessa pena e nesse papel e escreve o que te vou ditar.

- Não sei escrever, Sr. Abade...

- Mente. Pega nessa pena e escreve!

Subjugado por aquele poder superior, Caderousse sentou-se e escreveu:

"Senhor, o homem que recebe em sua casa e a quem destina a sua filha é um antigo forçado, evadido comigo das galés de Toulon. Ele tinha o nº 59 e eu o nº 58. Chamava-se Benedetto, mas ele próprio ignora o seu verdadeiro nome e nunca conheceu os pais."

- Assina! - continuou o conde.

- Mas o senhor quer-me perder?

- Se te quisesse perder, imbecil, te arrastaria até à primeira esquadra de polícia. Aliás, à hora em que o teu bilhete chegar ao seu destino é provável que já não tenha nada a temer. Assine, pois.

Caderousse assinou.

- O endereço: "Ao Sr. Barão Danglars, banqueiro, Rua da Chaussée-d'Antin."

Caderousse escreveu o endereço. O abade pegou no bilhete.

- Agora que está tudo em ordem - disse -, vá embora.

- Por onde?

- Por onde vieste.

- Quer que eu saia por essa janela?

- Entraste bem por ela...

- Desconfio que trama qualquer coisa contra mim, Sr Abade...

- Imbecil! Que quer que trame?

- Porque não me abre a porta?

- Que necessidade há de acordar o porteiro?

- Sr. Abade, diga-me que não quer a minha morte.

- Quero o que Deus quiser.

- Mas jure-me que não me atacará enquanto eu descer.

- Sempre me saíste um estúpido e um covarde!

- Que quer fazer de mim?

- Isso pergunto-te eu. Tentei fazer de ti um homem feliz e só fiz um criminoso!

- Sr. Abade, tente uma última experiência - pediu Caderousse.

- Seja - concordou o conde.- Escute, sabe que sou um homem de palavra?

- Sei - respondeu Caderousse.

- Se regressar a casa são e salvo...

- Não sendo o senhor, que mais tenho a temer?

- Se regressar a sua casa são e salvo, deixe Paris, deixe a França, e onde quer que esteja, desde que se comporte honestamente, te farei chegar uma pequena pensão. Porque se regressar a casa são e salvo, bom...

- Bom?... - perguntou Caderousse, estremecendo.

- Bom, acreditarei que Deus te perdoou e te perdoarei também.

- Tão certo como eu ser cristão, o senhor faz-me morrer de medo! - balbuciou Caderousse, recuando.

- Vamos, sai! - ordenou o conde, apontando com o dedo a janela a Caderousse.

Apesar de pouco tranquilizado pela promessa, Caderousse passou a perna por cima do parapeito da janela e pôs o pé na escada de mão. Aí parou tremendo.

- Agora desce - disse o abade, cruzando os braços.

Caderousse convenceu-se de que não havia nada a temer daquele lado e desceu.

Então o conde aproximou-se com a vela, de forma que se pudesse distinguir dos Campos Elísios aquele homem que descia de uma janela iluminado por outro homem.

- Que está fazendo, Sr. Abade? - perguntou Caderousse. - Se passasse uma patrulha...

Apagou a vela. Depois, continuou a descer; mas só quando sentiu o solo do jardim debaixo dos pés ficou suficientemente tranquilizado. Monte-Cristo reentrou no seu quarto de dormir, e, deitando
uma rápida olhadela do jardim à rua, viu primeiro Caderousse, que, depois de descer, dava uma volta no jardim e ia colocar a escada de mão na extremidade do muro, a fim de sair por um lugar diferente daquele por onde entrara.

Depois, passando do jardim à rua, viu o homem que parecia esperar correr paralelamente pela rua e colocar-se mesmo atrás da esquina junto da qual Caderousse ia descer. Caderousse subiu lentamente a escada e, chegado aos últimos degraus, passou a cabeça por cima do espigão, a fim de se assegurar de que a rua estava deserta. Não se via ninguém nem se ouvia nenhum ruído. Deu uma hora nos Inválidos.

Então, Caderousse pôs-se a cavalo no muro e, puxando a escada para si, passou-a por cima do muro e em seguida desceu, ou antes, deixou-se escorregar ao longo dos dois montantes, manobra que executou com uma destreza que provava que estava habituado àquele exercício.

Mas uma vez lançado no declive não pôde parar. Em vão viu um homem sair da sombra no momento em que estava a meio caminho; em vão viu um braço erguer-se no momento em que chegava ao chão: antes de poder pôr-se em guarda, esse braço feriu-o tão furiosamente nas costas que largou a escada e gritou:

- Socorro!

Recebeu quase imediatamente segundo golpe no flanco e caiu gritando.

- Assassino!

Por fim, como rolasse pelo chão, o seu adversário agarrou-o pelos cabelos e deu-lhe terceiro golpe no peito. Desta vez, Caderousse ainda quis gritar, mas não pôde soltar mais do que um gemido e deixou correr, arquejando, os três regatos de sangue que lhe saíam dos três ferimentos.

Vendo que ele já não gritava, o assassino levantou-lhe a cabeça pelos cabelos. Caderousse tinha os olhos fechados e a boca torcida. O assassino julgou-o morto, deixou cair a cabeça e desapareceu.

Então, Caderousse, sentindo-o afastar-se, ergueu-se num cotovelo e, numa

voz moribunda, gritou num esforço supremo:

- Assassino! Morro! A mim, Sr. Abade, a mim!

Este lúgubre apelo trespassou a escuridão da noite. A porta da escada oculta abriu-se, em seguida a portinha do jardim, e Ali e o amo acorreram com luzes.

Capítulo LXXXIII

A mão de Deus

Caderousse continuava a gritar em voz lamentosa:

- Sr. Abade, socorro! Socorro!

- Que aconteceu? - perguntou Monte-Cristo.

- A mim, socorro! - repeliu Caderousse. - Assassinaram-me!

- Estamos aqui! Coragem!

- É o fim. Chegaram demasiado tarde; chegaram para me ver morrer. Que facadas! Tanto sangue!

E desmaiou.

Ali e o amo pegaram o ferido e transportaram-no para um quarto. Aí, Monte-Cristo fez sinal a Ali para o despir e examinou os três terrível; ferimentos com que fora atingido.

- Meu Deus - murmurou --, por vezes a Tua vingança faz-se esperar, mas creio que então desce do céu mais completa.

Ali olhou para o amo como se lhe perguntasse o que devia fazer.

-Vai procurar o Sr. Procurador régio Villefort, que mora no Arrabalde de Saint-Honoré, e traga-o aqui. De passagem, acorda o porteiro e diz-lhe que vá buscar um médico. Ali obedeceu e deixou o falso abade sozinho com Caderousse, ainda desmaiado. Quando o desgraçado abriu os olhos, o conde, sentado a poucos passos dele, olhava-o com sombria expressão de piedade e os seus lábios, que se agitavam, pareciam murmurar uma prece.

- Um cirurgião, Sr. Abade, um cirurgião - pediu Caderousse.

- Já foram buscar um - respondeu o abade.

- Sei que é inútil, quanto a salvar-me a vida, mas talvez me possa dar forças e quero ter tempo de fazer uma declaração.

- A respeito de quê?

- Do meu assassino.

- Conhece-o?

- Se o conheço. Sim, conheço-o, é Benedetto.

- O jovem corso?

- Ele mesmo.

- O seu companheiro?

- Sim. Depois de me dar a planta da casa do conde, esperando sem dúvida que eu o matasse e ele se tornasse assim seu herdeiro, ou que me matasse o conde e ele se visse assim livre de mim, esperou-me na rua e assassinou-me.

- Ao mesmo tempo que mandei buscar o médico, mandei buscar também o

procurador régio.

- Chegará demasiado tarde, chegará demasiado tarde - disse Caderousse. - Sinto que me estou esvaindo em sangue.

- Espere - pediu Monte-Cristo.

Saiu e voltou cinco minutos depois com um frasco. Os olhos do moribundo, assustadores de fixidez, não tinham durante a sua ausência deixado a porta por onde adivinhava instintivamente que lhe viria um socorro.

- Despache-se, Sr. Abade, despache-se! -- insistiu. - Sinto que vou desmaiar outra vez.

Monte-Cristo aproximou-se e deitou nos lábios roxos do ferido três ou quatro gotas do licor que continha o frasco. Caderousse soltou um suspiro.

- Oh, foi a vida que me deu! Mais... mais...

- Duas gotas mais o matariam - respondeu o abade.

- Oh, então que venha alguém a quem possa denunciar o miserável!

- Quer que escreva a sua declaração? A assinaria ?

- Sim... sim... - disse Caderousse, cujos olhos brilhavam à idéia daquela vingança póstuma.

Monte-Cristo escreveu:

"Morro assassinado pelo corso Benedetto, meu companheiro de grilheta em Toulon com o nº 59."

- Despache-se! Despache-se! - insistiu Caderousse. - Desconfio que já não conseguirei assinar.

Monte-Cristo apresentou a pena a Caderousse, que, reunindo forças, assinou e voltou a cair na cama, dizendo:

- O senhor contará o resto, Sr. Abade. Dirá que se faz passar por Andrea Cavalcanti, que está hospedado no Hotel dos Príncipes, que... Ah, ah, meu Deus, meu Deus! Agora é que morro!

E Caderousse desmaiou pela segunda vez.

O abade fê-lo respirar o conteúdo do frasco; o ferido reabriu os olhos.

- O seu desejo de vingança não o abandonara durante o desmaio.

- Dirá tudo isto, não é verdade, Sr. Abade?

- Sim, tudo isso e muitas outras coisas mais.

- Que dirá ?

- Direi que sem dúvida lhe deu a planta desta casa na esperança de que o conde o matasse. Direi que prevenira o conde por meio de um bilhete. Direi que o conde estava ausente, que fui eu que recebi o bilhete e resolvi esperá-lo.

- E ele será guilhotinado, não é verdade? - perguntou Caderousse. - Será guilhotinado, promete-me? Morro com essa esperança, isso me ajudará a morrer.

- Direi continuou o conde - que ele chegou atrás de si e que o espreitou durante todo o tempo; que quando o viu sair correu à esquina do muro e escondeu-se.

- Quer dizer que o senhor viu tudo isso?

- Lembre-se das minhas palavras: "Se regressar a sua casa são e salvo, acreditarei que Deus te perdoou e te perdoarei também."

- E não me avisou?! - gritou Caderousse, tentando levantar-se num cotovelo. - Sabia que ia ser morto quando saísse daqui e não me avisou!

- Não, porque na mão de Benedetto via a justiça de Deus e julgaria cometer

um sacrilégio opondo-me às intenções da Providência.

- A justiça de Deus! Não me fale disso, Sr. Abade. Se houvesse uma justiça de Deus, sabe melhor do que ninguém que há pessoas que seriam castigadas e não o são.

- Paciência! - disse o abade num tom que fez estremecer o moribundo. - Paciência!

Caderousse olhou-o com espanto.

- E depois - prosseguiu o abade - Deus está cheio de misericórdia para todos, e também para ti. É pai antes de ser juiz.

- Ah! O senhor acredita portanto em Deus? - perguntou Caderousse.

- Se tivesse a desgraça de não ter acreditado nele até agora, acreditaria ao ve-lo - respondeu Monte-Cristo.

Caderousse ergueu os punhos crispados ao céu.

- Escute - disse o abade, estendendo a mão por cima do ferido como se quisesse incutir-lhe a fé -, aqui tens o que fez por ti esse Deus que recusa reconhecer no teu último momento: dera-te a saúde, a força, um trabalho garantido, até amigos, a vida, enfim, tal como se deve apresentar ao homem para ser agradável, com a tranquilidade da consciência e a satisfação dos desejos naturais. Em vez de explorares essas dádivas do Senhor, tão raramente concedidas por Ele na sua plenitude, eis o que fizeste: te entregaste à malandrice, à embriaguez, e na embriaguez atraiçoaste um dos teus melhores amigos.

- Socorro! - gritou Caderousse. - Não preciso de um padre, mas sim de um médico. Talvez não esteja ferido de morte, talvez não morra ainda, talvez possam salvar-me!

- Está tão ferido de morte que sem as três gotas de licor que te dei há pouco já teria morrido. Escuta, pois!

- Ah, que estranho padre me saiu, um padre que desespera os moribundos em vez de os confortar!... - murmurou Caderousse.

- Escute - continuou o abade. - Quando atraiçoou o teu amigo, Deus começou, não por te ferir, mas sim por te avisar. Caíu na miséria e teve fome; passou a invejar a metade de uma vida que poderia ter passado a adquirir, e já pensava no crime dando a si mesmo a desculpa da necessidade quando Deus fez para ti um milagre, pelas minhas mãos, e te enviou ao seio da tua miséria uma fortuna notável, embora fosse um
desgraçado que nunca tivera nada. Mas essa fortuna inesperada, súbita, inaudita, já não te bastou assim que a possuíu; quiz duplicá-la. Por que meio? Por meio de um crime. Duplicou e então Deus a tirou e te levou perante a justiça humana.

- Não fui eu que quis matar o judeu, foi Carconte - perguntou Caderousse.

- Foi - respondeu Monte-Cristo. - Por isso Deus, sempre, não direi justo desta vez, porque a sua justiça teria lhe dado a morte, mas sempre misericordioso, permitiu que os teus juizes fossem tocados pelas tuas palavras e te poupassem a existência.

- Ora, ora! Para me condenarem a trabalhos forçados por toda a vida! Que linda graça!

- Essa graça, miserável, consideraste-a como tal quando a concederam! O teu covarde coração, que tremia diante da morte, saltou de alegria ao anúncio de uma desonra perpétua, pois disse para contigo, como todos os forçados: “Nas

galés há uma porta que não existe na sepultura." E tinha razão, porque a porta das galés abriu-se para ti inesperadamente. Um inglês visita Toulon. Fizera voto de tirar dois homens da infâmia. A sua escolha recai em ti e no teu companheiro. Segunda fortuna desce para ti do céu, recuperas ao mesmo tempo o dinheiro e a tranquilidade, podes recomeçar a viver a vida de todos os homens, tu que foras condenado a viver a dos forçados. Então, miserável, então te atreves a tentar Deus pela terceira vez.

“Não tenho o suficiente", dizes tu, quando tinhas mais do que alguma vez tiveras, e cometes terceiro crime, sem razão, sem desculpa. Deus cansou-se, Deus te castigou.

Caderousse enfraquecia a olhos vistos.

- Quero beber... tenho sede... ardo! - balbuciou.

Monte-Cristo deu-lhe um copo de água.

- Esse celerado do Benedetto - disse Caderousse, restituindo o copo - escapará, apesar de tudo...

- Ninguém escapará, sou eu que o digo, Caderousse... Benedetto será castigado!

- Então também o senhor será castigado - perguntou Caderousse -, porque não cumpriu o seu dever de padre... Devia impedir Benedetto de me matar.

- Eu - disse o conde com um sorriso que gelou de terror o moribundo --, eu impedir Benedetto de te matar quando acabavas de quebrar a tua navalha contra a cota de malha que me cobria o peito?... Sim, talvez se te tivesse encontrado humilde e arrependido tivesse impedido Benedetto de te matar; mas encontrei-te orgulhoso e sanguinário e deixei cumprir-se a vontade de Deus!

- Não acredito em Deus! - bramiu Caderousse. - E tu também não. Tu mentes... mentes!

- Cala-te, se não queres lançar fora do teu corpo as tuas últimas gotas de sangue... - aconselhou o abade. - Ah, não acreditas em Deus, mas morres ferido por Deus!... Ah, não acreditas em Deus e no entanto Deus só pede uma prece, uma palavra, uma lágrima para perdoar!... Deus, que poderia dirigir o punhal do assassino de maneira que expirasse imediatamente... Deus concedeu-te um quarto de hora para te
arrependeres... Recolhe-te, pois, em ti mesmo, desgraçado, e arrepende-te!

- Não, não me arrependo - teimou Caderousse. - Não existe Deus, não existe Providência, só existe o acaso.

- Existe uma Providência e existe um Deus - replicou Monte-Cristo --, e a prova é que enquanto estás aí deitado, desesperado, renegando Deus, eu estou aqui de pé diante de ti, rico, feliz, são e salvo, de mãos postas diante desse Deus em que tentas não acreditar, mas em que mesmo assim acreditas no fundo do coração.

- Mas então quem é o senhor? - perguntou Caderousse, fixando os seus olhos de moribundo no conde.

- Olha-me bem - disse Monte-Cristo, pegando aproximando-a da cara.

- Bom, é o abade... o abade Busoni...

Monte-Cristo tirou a peruca que o desfigurava e deixou cair os seus belos cabelos negros que emolduravam tão harmoniosamente o seu rosto pálido.

- Oh! - exclamou Caderousse, aterrado. - Se não fossem esses cabelos

negros, diria que era o inglês, diria que era Lorde Wilmore.

- Não sou nem o abade Busoni nem Lorde Wilmore - disse Monte-Cristo. - Olha melhor, olha para mais longe, olha para as tuas primeiras recordações.

Havia nestas palavras do conde uma vibração magnética, que pela derradeira vez reavivou os sentidos exaustos do miserável.

- Oh, de fato parece-me que já o vi, que o conheci em outros tempos!...

- Sim, Caderousse, sim, viste-me; sim, conheceste-me.

- Mas afinal quem é o senhor? E porquê, se já me vira e conhecera, porque me deixa morrer?

- Porque nada pode te salvar, Caderousse; porque os teus ferimentos são mortais. Se pudesses ser salvo, eu veria nisso a última misericórdia do Senhor e teria mais uma vez, juro-te pela sepultura do meu pai, tentado restituir-te à vida e ao arrependimento.

- Pela sepultura do teu pai!... - exclamou Caderousse, reanimado por uma suprema centelha e soerguendo-se para ver mais de perto o homem que acabava de lhe fazer aquele juramento sagrado para todos os homens. - Eh! Quem é você?

O conde acompanhara até ali os progressos da agonia. Compreendeu que aquele ímpeto de vida era o último. Aproximou-se do moribundo e, envolvendo-o num olhar calmo e triste, disse-lhe ao ouvido.

- Eu sou...

E os seus lábios, apenas entreabertos, deram passagem a um nome pronunciado tão baixo que o próprio conde parecia recear ouvi-lo. Caderousse, que se erguera nos joelhos, estendeu os braços,
fez um esforço para recuar e depois, juntando as mãos e levantando-as num esforço supremo, disse:

- Oh, meu Deus, perdão por Te ter renegado! Existes e és bem o pai dos homens no céu e o seu juiz na Terra. Meu Deus, Senhor, te ignorei durante tanto tempo! Meu Deus, Senhor, perdoa-me! Meu Deus, Senhor, recebe-me!

E Caderousse fechou os olhos e caiu para trás, com um último grito e um último suspiro. O sangue parou imediatamente nos lábios das suas enormes feridas. Estava morto.

- Um! - disse misteriosamente o conde, de olhos postos no cadáver já desfigurado por aquela morte horrível.

Dez minutos depois chegaram o médico e o procurador régio, trazidos um pelo porteiro e o outro por Ali, e foram recebidos pelo abade Busoni, que rezava junto do morto.

Capítulo LXXXIV

Beauchamp

Durante quinze dias não se falou de outra coisa em Paris do que da tentativa de roubo tão audaciosamente levada a cabo na casa do conde. O moribundo assinara uma declaração que indicava
Benedetto como seu assassino. A Polícia foi convidada a lançar todos os seus

agentes na pista do homicida.

A navalha de Caderousse, a lanterna de furta-fogo, o molho de chaves e as roupas, com exceção do colete, que se não conseguiu encontrar, foram depositados no cartório competente e o corpo transitou para a morgue.

O conde respondia a todas as pessoas que a aventura se dera durante a sua ausência na sua casa de Auteuil, e que portanto só sabia a tal respeito o que lhe dissera o abade Busoni, que naquela noite, pelo maior dos acasos, lhe pedira para passar a noite em sua casa a fim de proceder a investigações nalguns livros preciosos existentes na biblioteca.

Só Bertuccio empalidecia todas as vezes que o nome de Benedetto era pronunciado na sua presença. Mas não havia nenhum motivo para que quem quer que fosse notasse a palidez de Bertuccio. Villefort, chamado a verificar o crime, reclamara o caso e conduzia a instrução com o ardor apaixonado que punha em todas as causas criminais em que era chamado a usar da palavra.

Mas tinham-se já passado três semanas sem que as buscas mais ativas tivessem conduzido a qualquer resultado, e as pessoas da alta sociedade começavam a esquecer a tentativa de roubo na casa do conde e o assassínio do ladrão pelo seu cúmplice, para se ocuparem do próximo casamento de Mademoiselle Danglars com o conde Andrea Cavalcanti. O casamento estava quase declarado e o jovem era recebido em casa do banqueiro a título de noivo.

Escrevera-se ao Sr. Cavalcanti pai, que aprovara calorosamente o casamento e que, manifestando o maior pesar por o seu serviço o impedir absolutamente de deixar Parma, onde se encontrava, declarava consentir em dar o capital correspondente ao rendimento de cento e cinquenta mil libras.

Estava assente que os três milhões seriam colocados no banco de Danglars, que os faria render. Algumas pessoas ainda tinham tentado apresentar ao rapaz as suas dúvidas a respeito da solidez da posição do seu futuro sogro, que havia algum tempo experimentava na Bolsa perdas reiteradas, mas o jovem, com um desinteresse e uma confiança sublimes, repelira todos os conselhos, acerca dos quais tivera a delicadeza de não dizer uma única palavra ao barão. Por isso, o barão adorava o conde Andrea Cavalcanti.

O mesmo não acontecia com Mademoiselle Eugênie Danglars, No seu ódio instintivo ao casamento, acolhera Andrea como um meio de afastar Morcerf, mas agora que Andrea se aproximava demasiado, começava a experimentar por ele visível repulsa. Talvez o barão a tivesse notado, mas como só podia atribuir tal repulsa a um capricho, fingira nada perceber.

Entretanto, o prazo pedido por Beauchamp estava quase esgotado. Aliás, Morcerf pudera apreciar o valor do conselho de Monte-Cristo quando este lhe dissera que deixasse cair as coisas por si mesmas. De fato, ninguém chamara a atenção para a noticia sobre o general nem ninguém relacionara o oficial que entregara o castelo de Janina com o nobre conde que tinha assento na Câmara dos Pares.

No entanto, Albert nem por isso se considerava menos insultado, pois a intenção da ofensa existia certamente nas poucas linhas que o tinham ferido. Além disso, a forma como Beauchamp terminara a conversa deixara uma recordação amarga no seu coração. Acarinhava portanto no espírito a idéia do duelo, cuja causa esperava, se Beauchamp se prestasse a isso, ocultar mesmo às suas

testemunhas. Pelo menos a causa real.

Quanto a Beauchamp, ninguém mais o vira desde o dia da visita que Albert lhe fizera; e a todos aqueles que o procuravam respondiam que se ausentara numa viagem de alguns dias. Aonde fora? Ninguém sabia nada a tal respeito.

Uma manhã, Albert foi acordado pelo seu criado de quarto, que lhe anunciava Beauchamp.

Albert esfregou os olhos, ordenou que mandassem esperar Beauchamp na salinha de fumo do térreo, vestiu-se rapidamente e desceu. Encontrou Beauchamp a passear de um lado para o outro. Ao vê-lo, Beauchamp parou.

- O passo que dá, apresentando-se pessoalmente em minha casa e sem esperar a visita que tencionava fazer-lhe hoje mesmo, parece-me um bom augúrio, senhor - disse Albert. - Vamos, diga depressa, devo estender-lhe a mão e perguntar-lhe: “Beauchamp, quer dar a mão à palmatória e conservar um amigo?" Ou perguntar-lhe apenas: “Quais são as suas armas?"

- Albert - respondeu Beauchamp com uma tristeza que deixou o jovem espantado --, sentemo-nos primeiro e conversemos.

- Parece-me, pelo contrário, senhor, que antes de nos sentarmos me deve responder.

- Albert - insistiu o jornalista --, há circunstâncias em que a dificuldade reside precisamente na resposta.

- Vou torná-la fácil, senhor, repetindo-lhe a pergunta: quer retratar-se, sim ou não?

- Morcerf, ninguém se limita a responder sim ou não às perguntas que dizem respeito à honra, à posição social e à vida de um homem como o Sr. Tenente-General Conde de Morcerf, par de França.

- Que fazem então as pessoas que se não limitam a responder desse modo?

- Fazem o que eu fiz, Albert. Dizem: “O dinheiro, o tempo e a fadiga não são nada quando se trata da reputação e dos interesses de toda uma família. São necessárias mais do que probabilidades, são necessárias certezas para aceitar um duelo de morte com um amigo. Se cruzo a espada ou primo o gatilho de uma pistola contra um homem a quem durante três anos apertei a mão, tenho de saber ao menos porque faço semelhante coisa, a fim de entrar em campo com o coração tranquilo e de bem com a minha consciência, como convém a um homem que tem de confiar ao seu braço a salvação da sua vida.

- Pois sim, pois sim - atalhou Morcerf com impaciência --, mas que quer isso dizer?

- Quer dizer que venho de Janina.

- De Janina? O senhor?!

- Sim, eu.

- Impossível.

- Meu caro Albert, aqui tem o meu passaporte. Veja os vistos: Genebra, Milão, Veneza, Trieste, Delvino, Janina. Acredita na polícia de uma república, de um reino e de um império?

Albert deitou os olhos ao passaporte e ergueu-os, atônito, para Beauchamp.

- Esteve então em Janina?... - murmurou.

- Albert, se você fosse um estranho, um desconhecido, um simples lorde

como esse inglês que me veio pedir satisfações há três ou quatro meses, e que matei para me ver livre dele, decerto compreenderia que me não desse a semelhante trabalho. Mas achei que lhe devia essa prova de consideração. Gastei oito dias par ir e oito dias para voltar, mais quatro dias de quarentena e quarenta e oito horas de permanência. Isto dá
precisamente as minhas três semanas. Cheguei esta noite e aqui estou.

- Meu Deus, meu Deus, quantos circunlóquios, Beauchamp, e como tarda a dizer-me o que espero de si!...

- É que na verdade, Albert...

- Diria que hesita.

- Sim, hesito, tenho medo.

- Tem medo de confessar que o seu correspondente o enganou? Oh, deixe-se de amor-próprio, Beauchamp! Confesse, Beauchamp, a sua coragem não pode ser posta em dúvida.

- Oh, não se trata disso! - murmurou o jornalista. - Pelo contrário...

Albert empalideceu horrivelmente. Tentou falar, mas as palavras morreram-lhe nos lábios.

- Meu amigo - disse Beauchamp no tom mais afetuoso -, creia que me sentiria feliz em apresentar-lhe as minhas desculpas, e que as apresentaria de todo o coração; mas infelizmente...

- Mas quê?

- A notícia tinha razão, meu amigo.

- Como, esse oficial francês...

- Sim.

- Esse Fernand?

- Sim.

- Esse traidor que entregou os castelos do homem ao serviço de quem estava...

- Perdoe-me dizer-lhe o que lhe digo, meu amigo: esse homem é o seu pai!

Albert fez um gesto furioso para se atirar a Beauchamp, mas este conteve-o muito mais com um olhar afetuoso do que com a mão estendida.

- Veja, meu amigo - disse, tirando um papel da algibeira. - Aqui tem a prova.

Albert abriu o papel. Era uma declaração de quatro habitantes notáveis de Janina, segundo a qual o coronel Fernand Mondego, coronel instrutor ao serviço do vizir Ali-Tebelin, entregara o castelo de Janina em troca de duas mil bolsas.

As assinaturas estavam reconhecidas pelo cônsul.

Albert cambaleou e caiu esmagado numa poltrona. Desta vez não havia qualquer dúvida, o nome de família estava ali com todas as letras.

Por isso, após um momento de doloroso silêncio, o coração dilatou-lhe, as veias do pescoço engrossaram-lhe e uma torrente de lágrimas brotou-lhe dos olhos. Beauchamp, que observara com profunda compaixão a forma como Albert cedia ao paroxismo da dor, aproximou-se dele.

- Albert - disse-lhe --, compreende-me agora, não é verdade? Quis ver e julgar tudo por mim, esperando que a explicação fosse favorável ao seu pai e que lhe pudesse prestar toda a justiça. Mas, pelo contrário, as informações colhidas confirmam que esse oficial instrutor, que esse Fernand Mondego elevado por Ali-Pax ao cargo de general-governador, não é outro senão o conde Fernand de

Morcerf. Então voltei,
recordando a honra que você me concedera admitindo-me entre os seus amigos, e corri para sua casa.

Albert, sempre estendido na sua poltrona, tapava os olhos com as mãos, como se quisesse impedir a luz de bater neles.

- Corri a sua casa - continuou Beauchamp - para lhe dizer: "Albert, as culpas dos nossos pais, nestes tempos de ação e reação, não podem atingir os filhos. Albert, muito poucos atravessaram as revoluções no meio das quais nascemos sem que alguma nôdoa de lama ou de sangue não tenha conspurcado o seu
uniforme de soldado ou a sua toga de juiz. Albert, ninguém no mundo, agora que tenho todas as provas, agora que sou senhor do seu segredo, me pode forçar a um combate, que a sua consciência, estou certo disso, lhe censuraria como um crime. Mas o que você já não pode exigir de mim venho eu oferecer-lhe. Quer que estas provas, estas revelações, estas declarações que só eu possuo desapareçam? Quer que este segredo horrível fique entre nós? Confiado à minha palavra de honra, nunca sairá da minha boca. Diga, quer, Albert? Diga, quer que façamos isto, meu amigo?"

Albert lançou-se ao pescoço de Beauchamp.

- Ah, nobre coração! - exclamou.

- Tome - disse Beauchamp, apresentando os documentos a Albert.

Albert agarrou-os com mão convulsa, apertou-os, amarrotou-os, chegou a pensar em rasgá-los. Mas, receando que o mais pequeno fragmento, levado pelo vento, pudesse um dia vir a bater-lhe na fronte, aproximou-se da vela sempre acesa para os charutos e queimou tudo até ao último resto.

- Querido amigo, excelente amigo! - murmurava Albert enquanto queimava os papéis.

- Que tudo isto seja esquecido como um mau sonho - disse Beauchamp --, desapareça como essas últimas chamas que correm pelo papel enegrecido, que tudo isto se desvaneça como esse último fumo que se escapa dessas cinzas mudas.

- Sim, sim - concordou Albert --, e que só reste a eterna amizade que voto ao meu salvador, amizade que os meus filhos transmitirão aos seus, amizade que me recordará sempre que o sangue das minhas veias, a vida do meu corpo e a honra do meu nome lhos devo integralmente, porque se semelhante coisa fosse
conhecida... Oh, Beauchamp, declaro-lhe que daria um tiro na cabeça! Mas não, pobre mãe, porque isso seria o mesmo que matá-la... Me exilaria.

- Querido Albert! - exclamou Beauchamp.

Mas o jovem não tardou a sair desta alegria inopinada e por assim dizer fitícia, e recaiu mais profundamente na sua tristeza.

- Então, que mais temos ainda, meu amigo? - perguntou Beauchamp.

- Temos - respondeu Albert - que sinto algo partido no coração. Ouça, Beauchamp, ninguém se separa assim num segundo do respeito, da confiança e do orgulho que inspira a um filho o nome sem mácula do pai. Oh, Beauchamp! Como vou agora encarar o meu? Afastarei a testa quando ele aproximar os lábios e a mão quando me estender a sua?... Veja, Beauchamp, sou o mais infeliz dos homens. Ah, minha mãe, minha pobre mãe! - exclamou Albert, olhando com os

olhos rasos de lágrimas o retrato da mãe. - Se soubesse isto, como sofreria!

- Vamos, coragem, amigo! - procurou animá-lo Beauchamp, pegando-lhe nas mãos.

- Mas de onde veio a primeira notícia inserida no seu jornal? - perguntou Albert. - há por detrás de tudo isto um ódio desconhecido, um inimigo invisível.

- Nesse caso, mais uma razão para ter coragem, Albert. Nada de vestígios de emoção no seu rosto. Traga essa dor em si como a nuvem traz com ela a ruína e a morte, segredo fatal que só se desvenda no momento em que rebenta a tempestade. Vá, amigo, reserve as suas forças para o momento em que o temporal desabar...

- Julga então que ainda não chegamos ao fim? - perguntou Albert, espantado.

- Não julgo nada, meu amigo. Mas, enfim, tudo é possível. A propósito...

- Que é? - perguntou Albert, vendo que Beauchamp hesitava.

- Casará ainda com Mademoiselle Danglars?

- A que propósito me pergunta isso neste momento, Beauchamp?

- Porque, no meu espírito, o rompimento ou a realização desse casamento relaciona-se com o assunto que nos ocupa neste momento.

- Como?... - disse Albert, cuja testa se ruborizou. - Parece-lhe que o Sr. Danglars...

- Pergunto-lhe apenas em que pé está o seu casamento. Que diabo, não veja nas minhas palavras aquilo que não querem dizer nem lhes dê mais alcance do que têm!

- Não, o casamento foi desfeito - respondeu Albert.

- Muito bem - disse Beauchamp.

Depois, vendo que o rapaz ia recair na sua melancolia, disse-lhe:

- Se quer um conselho, Albert, acho melhor sairmos. Uma volta pelo bosque, de faeton ou a cavalo, o distrairá . Depois, iremos almoçar em qualquer parte e cada um irá cuidar da sua vida.

- Pois sim - concordou Albert. - Mas saiamos a pé, parece-me que um pouco de fadiga me fará bem.

- Seja - disse Beauchamp.

E os dois amigos saíram a pé e seguiram pelo bulevar. Chegados à Madalena, disse Beauchamp:

- Já que estamos em caminho, vamos visitar o Sr. de Monte-Cristo. Ele o distrairá. É um homem admirável para desanuviar os espíritos e nunca faz perguntas. Ora, na minha opnião, as pessoas que não fazem perguntas são os mais hábeis animadores.

- Seja - disse Albert. - Vamos a sua casa. Gosto dele.

Capítulo LXXXV

A viagem

Monte-Cristo soltou uma exclamação de alegria ao ver os dois rapazes

juntos.

- Ah, ah! - exclamou - Espero que esteja tudo terminado, esclarecido e arranjado.

- É verdade - respondeu Beauchamp. - Boatos absurdos que caíram por si mesmos e que se agora se renovassem me teriam como primeiro antagonista. Portanto, não falemos mais disso.

- Albert lhe dirá - observou o conde - que foi esse o conselho que lhe dei. Mas reparem - acrescentou - que estou acabando a manhã mais execrável que alguma vez passei, segundo creio.

-- Que está fazendo? - perguntou Albert. - Pondo em ordem os seus papéis, me parece.

- Os meus papéis, graças a Deus, não! Os meus papéis estão sempre numa ordem maravilhosa, atendendo a que não tenho papéis. Trata-se dos papéis do Sr. Cavalcanti.

- Do Sr. Cavalcanti? - perguntou Beauchamp.

- É verdade, não sabe que se trata de um rapaz lançado pelo conde? - interveio Morcerf.

- Isso não! - protestou Monte-Cristo. - Entendamo-nos bem: eu não lanço ninguém, e o Sr. Cavalcanti menos do que qualquer outro.

- E que vai casar com Mademoiselle Danglars em meu lugar, o que - continuou Albert tentando sorrir e como se não tivesse ouvido o protesto do conde --, como pode imaginar, meu caro Beauchamp, me afeta cruelmente.

- Como, Cavalcanti vai casar com Mademoiselle Danglars? - perguntou Beauchamp.

- Ora essa! Mas de que canto perdido do mundo vem o senhor? - observou Monte-Cristo. - O senhor é um jornalista, o marido da Fama! Em Paris não se fala doutra coisa.

- E foi o senhor, conde, que fez esse casamento? - perguntou Beauchamp.

- Eu? Silêncio, senhor novelista, não diga semelhantes coisas! Eu, meu Deus, fazer um casamento! O senhor não me conhece. Pelo contrário, opus-me com todo o meu poder, recusei mesmo fazer o pedido.

- Ah, compreendo! - exclamou Beauchamp. - Por causa do nosso amigo Albert?

- Por minha causa? - interveio este. - Oh, não, palavra de honra! O conde me fará a justiça de confirmar que sempre desejei, pelo contrário, romper esse projeto, que felizmente se rompeu. O conde pretende que não é a ele que devo agradecer; seja, erguerei, como os Antigos, um altar ao Deo ignoto.

- Ouçam - pediu Monte-Cristo --, fui tão pouco metido e achado nisso que tanto o sogro como o rapaz estão frios comigo. Só Mademoiselle Eugênie, que não me parece ter profunda vocação para o casamento, é que, vendo até que ponto estava pouco disposto a fazê-la renunciar à sua querida liberdade, me conservou a sua afeição.

- E diz que esse casamento está prestes a realizar-se?

- Meu Deus, sim, apesar de tudo o que tenho dito. Não conheço o rapaz; afirmam que é rico e de boa família, mas para mim essas coisas não passam de simples diz-se. Repeti tudo isto até à saciedade ao Sr. Danglars, mas ele está aterrado ao seu lucano. Fui ao ponto de informá-lo de uma circunstância que

para mim era muito grave: o rapaz foi trocado na ama, raptado por ciganos ou perdido pelo seu preceptor, não sei bem. Mas o que sei é que o pai o perdeu de vista há mais de dez anos. O que fez durante esses dez anos de vida errante só Deus sabe. Pois bem, nada disto foi tido em consideração. Encarregaram-me de escrever ao major, de lhe pedir documentos. Ei-los. Vou entregá-los, mas, como Pilatos, lavo daí as minhas mãos.

- E Mademoiselle de Armilly, que cara lhe mostrou por lhe roubar a sua aluna? - perguntou Beauchamp.

- Não faço idéia, mas parece que parte para Itália. A Sra Danglars falou-me dela e pediu-me cartas de apresentação para os empresários. Dei-lhe uma para o diretor do Teatro Valle, que me deve alguns favores. Mas que tem, Albert? Acho-o triste... Se dará o caso de, sem o suspeitar, estar apaixonado por Mademoiselle Danglars, por exemplo?

- Que eu saiba, não - respondeu Albert, sorrindo tristemente.

Beauchamp pôs-se a ver os quadros.

- Mas enfim - insistiu Monte-Cristo --, não está com o seu ar habitual... Vejamos, que tem? Ande, diga.

- Dói-me a cabeça - respondeu Albert.

- Nesse caso, meu caro visconde - disse Monte-Cristo -, posso indicar-lhe um remédio infalível, remédio que me tem dado excelente resultado todas as vezes que tenho experimentado qualquer contrariedade.

- Qual? - perguntou o rapaz.

- Viajar.

- Sim?

- Sim. E olhe, como neste momento estou bastante contrariado, vou viajar. Quer vir comigo?

- O senhor, contrariado, conde?... - duvidou Beauchamp. - Mas porquê?

- Homessa! O senhor encara as coisas com muita despreocupação, pelo que vejo... Gostaria de ve-lo com uma instrução judicial em sua casa!

- Uma instrução! Qual instrução?

- A que o Sr. de Villefort está fazendo contra o meu amável assassino, uma espécie de bandido fugido das galés, ao que parece.

- Ah, é verdade! - exclamou Beauchamp. - Li qualquer coisa nos jornais. Quem era o tal Caderousse?

- Bom... parece que era um provençal. O Sr. de Villefort ouviu falar dele quando esteve em Marselha e o Sr. Danglars recorda-se de te-lo visto. Resultado: o Sr. Procurador régio tomou o caso tanto a peito que, ao que parece, despertou no mais alto grau o interesse do prefeito da Polícia, e graças a esse interesse, pelo qual não posso estar mais reconhecido, há quinze dias que me mandam aqui todos os bandidos que existem
em Paris e nos arredores, a pretexto de serem os assassinos do Sr. Caderousse. Assim, se isto continua, dentro de três meses não haverá um ladrão nem um assassino, neste belo reino de França, que não conheça a planta da minha casa na ponta da unha. Estou pois resolvido a abandonar-lhe por completo e ir para tão longe quanto a Terra me permita. Venha comigo, visconde, quer?

- Com muito prazer.

- Então, está combinado?

- Está. Mas para onde vai?

- Já lhe disse: para onde o ar é puro, o ruído entorpece e, por mais orgulhoso que se seja, um homem se sente humilde e insignificante. Aprecio essa humildade, eu, que dizem senhor do universo, como Augusto.

- Mas para onde vai, finalmente?

- Para o mar, visconde, para o mar. Sou um marinheiro, fique sabendo. Logo em criança fui embalado nos braços do velho Oceano e no colo da bela Anfitrite. Brinquei com o manto verde de um e a túnica cerúlea da outra. Gosto do mar como se gosta de uma amante, e quando estou muito tempo sem o ver sinto a sua falta.

- Então vamos, conde, vamos!

- Para o mar?

- Sim.

- Aceita?

- Aceito.

- Nesse caso, visconde, haverá esta tarde um brisca de viagem em que uma pessoa se pode deitar como na sua cama. Esse brisca estará atrelado a quatro cavalos de posta. Sr. Beauchamp, cabem lá quatro facilmente. Quer vir conosco? Eu levo-o!

- Obrigado, mas venho do mar.

- Como, o senhor vem do mar?!

- Sim, ou pouco mais ou menos. Acabo de fazer uma viagenzinha às ilhas Borroméias.

- Que tem isso? Venha - insistiu também Albert.

- Não, meu caro Morcerf. Deve compreender que desde o momento que recuso é porque é impossível. Aliás, é importante - acrescentou, baixando a voz - que eu fique em Paris, quanto mais não seja para vigiar a caixa do jornal.

- Você é um bom e excelente amigo - disse Albert. - Sim, tem razão, observe, vigie, Beauchamp, e procure descobrir o inimigo a quem se deve essa revelação.

Albert e Beauchamp separaram-se. O seu último aperto de mão encerrava todos os sentimentos que os seus lábios não podiam exprimir diante de um estranho.

- Excelente rapaz, esse Beauchamp! - exclamou Monte-Cristo, depois de o jornalista sair. - Não é verdade, Albert?

- Oh, sim, um homem de coração, garanto-lhe! Por isso o estimo com toda a minha alma. Mas agora que estamos sós, embora isso me seja quase indiferente aonde vamos?

- À Normandia, se está de acordo.

- Inteiramente. Mas ficaremos apenas no campo, não é verdade? Nada de sociedade, nada de vizinhos?

- O nosso único convívio será com cavalos para correr, cães para caçar e um barco para pescar, mais nada.

- É o que desejo. Vou prevenir a minha mãe e depois estou às suas ordens.

- Mas ele o permitirão?... - perguntou Monte-Cristo.

- O quê?

- Ir à Normandia.

- A mim? Porventura não sou livre?

- De ir aonde quiser sozinho, sei bem que é, uma vez que encontrei vagueando pela Itália...

- E então?

- Mas de vir com o homem que se chama conde de Monte-Cristo...

- Tem fraca memória, conde.

- Que quer dizer?

- Não lhe disse já toda a simpatia que a minha mãe tinha pelo senhor?

- A mulher varia com frequência, disse Francisco I; a mulher é como as ondas, disse Shakespeare: um era um grande rei e o outro um grande poeta, e ambos deviam conhecer a mulher.

- Sim, a mulher. Mas a minha mãe não é a mulher, é uma mulher.

- Permite a um pobre estrangeiro não compreender perfeitamente todas as sutilezas da sua língua?

- Quero dizer que a minha mãe é avara dos seus sentimentos, mas quando os concede é para sempre.

- Deveras? - perguntou, suspirando, Monte-Cristo. - E acha que ela me deu a honra de me conceder qualquer sentimento que não seja a mais completa indiferença?

- Ouça, já lhe disse uma vez e repito-lhe: é necessário que o senhor seja realmente um homem muito estranho e muito superior para...

- Sim?...

- Sim. Porque a minha mãe deixou-se prender, não direi pela curiosidade, mas sim pelo interesse que o senhor inspira. Quando estamos sós, apenas conversamos a seu respeito.

- E ela disse-lhe que desconfiasse deste Manfredo?

- Pelo contrário, disse-me: “Albert, creio o conde um nobre caráter; procure se fazer estimar por ele."

Monte-Cristo virou os olhos e suspirou.

- Deveras?

- Portanto, como deve compreender - continuou Albert --, em vez de se opor à minha viagem, a aprovará- de todo o seu coração, visto estar de acordo com as recomendações que me faz diariamente.

- Vá, então disse Monte-Cristo. Até logo. Esteja aqui às cinco horas. Chegaremos ao nosso destino por volta da meia-noite ou da uma hora.

- Como, a Tréport?!...

- A Tréport ou aos arredores.

- Só precisamos de oito horas para percorrer quarenta e oito léguas?

- E ainda é muito - respondeu Monte-Cristo.

- Decididamente, o senhor é o homem dos prodígios, e consegue não só ultrapassar o comboio, o que não é muito difícil, sobretudo na França, mas também o próprio telégrafo.

- Entretanto, visconde, como precisaremos sempre de sete ou oito horas para chegar ao nosso destino, seja pontual.

- Fique tranquilo, daqui até lá não tenho mais nada que fazer senão preparar-me.

- Até as cinco horas, então.

- Às cinco horas.

Albert saiu. Depois de lhe fazer, sorrindo, um aceno com a cabeça, Monte-Cristo ficou um instante pensativo e como que absorto em profunda meditação. Por fim, passou a mão pela testa, como que para afastar o seu devaneio, aproximou-se da campainha e tocou duas vezes.

Mal acabaram de soar os dois toques de campainha, entrou Bertuccio.

- Mestre Bertuccio - disse-lhe Monte-Cristo --, não é amanhã, nem depois de amanhã, como pensei primeiro, mas sim esta tarde que parto para a Normandia. Daqui até às cinco horas tem tempo mais do que suficiente para prevenir os cavalariços da primeira muda. O Sr. de Morcerf acompanha-me. Vá!

Bertuccio obedeceu e um moço de cavalariça correu a Pontoise anunciando que a carruagem de posta passaria às seis horas exatas. O cavalariço de Pontoise mandou à muda seguinte um próprio, dessa muda mandaram outro próprio à seguinte e assim sucessivamente, de forma que, decorridas seis horas, todas as mudas dispostas ao longo do caminho estavam prevenidas.

Antes de partir, o conde subiu aos aposentos de Haydée, anunciou-lhe a sua partida, disse-lhe aonde ia e pôs toda a casa à sua disposição.

Albert foi pontual. A viagem, triste no começo, em breve se desanuviou graças ao efeito físico da rapidez. Morcerf não fazia idéia de que fosse possível semelhante velocidade.

- Com efeito - disse Monte-Cristo --, com a sua posta percorrendo duas léguas por hora e com essa lei estúpida que proíbe um viajante de ultrapassar outro sem lhe pedir licença e que permite que um viajante doente ou casmurro tenha o direito de levar atrás de si os viajantes desinibidos e de boa saúde, não existe locomoção possível. Eu evito esse inconveniente viajando com o meu próprio postilhão e com os meus próprios cavalos, não é verdade, Ali?

E o conde, deitando a cabeça fora da portinhola, soltava um gritinho de incitamento, que dava asas aos cavalos. Estes já não corriam, voavam. A carruagem rodava como um trovão no pavimento da estrada real e todas as pessoas se viravam para ver passar aquele meteoro chamejante. Ali, repetindo o grito, sorria mostrando os dentes brancos, apertando nas mãos robustas as rédeas cobertas de espuma e incitando os cavalos, cujas belas crinas esvoaçavam ao vento. Ali, o filho do deserto, encontrava-se no seu elemento, e com o seu rosto negro, os seus olhos ardentes e o seu albornoz cor de neve, parecia, no meio da poeira que levantava, o gênio do simum e o deus do furacão.

- Aí está uma volúpia que não conhecia, a volúpia da velocidade - declarou Morcerf.

E as últimas nuvens da sua fronte dissipavam-se, como se o ar que fendia levasse essas nuvens consigo.

- Mas onde diabo arranja o senhor semelhantes cavalos? - perguntou Albert. - Manda-os fazer de encomenda?

- Exatamente - respondeu o conde. - há seis anos, encontrei na Hungria um garanhão famoso pela sua velocidade. Comprei-o, já não me lembro por quanto; foi Bertuccio quem o pagou. No mesmo ano, ele teve trinta e dois filhos. É toda essa progenitura do mesmo pai que vamos passar em revista. São todos iguais: negros, sem uma única malha, exceto uma estrela na testa, porque por esse privilégio da coudelaria se

escolheram as éguas, tal como para os pax s se escolhem as favoritas.

- É admirável! ... Mas diga-me, conde, que faz o senhor com todos esses cavalos?

- O que vê: viajo com eles.

- Mas decerto não viajará sempre...

- Quando me não forem mais necessários, Bertuccio os venderá e pretende ganhar trinta ou quarenta mil francos no negócio.

- Mas não haverá rei na Europa suficientemente rico para os comprar.

- Então, os venderá a qualquer simples vizir do Oriente, que esvaziar o seu tesouro para pagá-los e o voltar a encher vergustando as plantas dos pés dos seus súbditos.

- Conde, posso comunicar-lhe uma idéia que me ocorreu?

- Diga.

- É que, depois do senhor, Bertuccio deve ser o mais rico particular da Europa.

- Engana-se, visconde. Tenho certeza de que se virar do avesso as algibeiras de Bertuccio não encontrar nelas nem um centavo.

- Porquê? - perguntou o jovem. - É algum fenômeno o Sr. Bertuccio? Ah. meu caro conde, não leve demasiado longe o maravilhoso ou deixarei de acreditar, previno-o!

- O maravilhoso nunca me acompanha, Albert; trata-se apenas de uma questão de números e de bom senso. Ora atente neste dilema: um intendente rouba; mas rouba porquê?

- Demônio, porque isso lhe está na massa do sangue, parece-me! - respondeu Albert. - Rouba por roubar.

- Não, está enganado. Rouba porque tem uma mulher, filhos, desejos ambiciosos para ele e para a sua família; rouba sobretudo porque não tem certeza de nunca deixar o patrão e porque quer garantir o futuro. Pois bem, o Sr. Bertuccio está sozinho no mundo; serve-se da minha bolsa sem me dar satisfações e tem certeza de que nunca me deixará.

- Porquê?

- Porque eu não encontraria um melhor do que ele.

- O senhor gira num circulo vicioso, o das probabilidades.

- Oh, não! O meu círculo é o das certezas. Para mim, o bom servidor é aquele sobre o qual tenho direito de vida ou de morte.

- E tem direito de vida ou de morte sobre Bertuccio? - perguntou Albert.

- Tenho - respondeu friamente o conde.

Há palavras que encerram um diálogo como uma porta de ferro. O tenho do conde era uma dessas palavras. O resto da viagem decorreu com a mesma rapidez; os trinta e dois cavalos, divididos por oito mudas, percorreram as suas quarenta e oito léguas em oito horas.

Chegaram a meio da noite à porta de um belo parque. O porteiro estava de pé e tinha o portão aberto. Fora prevenido pelo cavalariço da última muda.

Eram duas e meia da manhã. Conduziram Morcerf ao seu quarto. Encontrou um banho e uma ceia prontos. O criado que fizera a viagem no banco de trás da carruagem estava às suas ordens; Baptistin, que viajara no banco da frente, estava às do conde.

Albert tomou o seu banho, ceou e deitou-se. Durante toda a noite foi embalado pelo barulho melancólico das vagas. Quando se levantou foi direito à janela, abriu-a e encontrou-se num terraçozinho onde tinha diante de si o mar, isto é, a imensidão, e atrás de si um bonito parque, que dava para uma pequena floresta.

Numa enseada de certa grandeza balouçava uma corvetazinha de querena estreita e mastreação elegante, que arvorava na carangueja um pavilhão com as armas de Monte-Cristo, armas que representavam uma montanha de ouro num mar azul, com uma cruz de goles no chefe, o que tanto podia ser uma alusão ao seu nome, que lembrava o Calvário, do qual a paixão de Nosso Senhor fez uma montanha mais preciosa do que o ouro, e à cruz infame que o seu sangue divino santificou, como a qualquer recordação pessoal de sofrimento e regeneração sepultada na noite do passado misterioso daquele homem. à volta da goleta encontravam-se vários barquitos de pesca costeira pertencentes aos pescadores das aldeias vizinhas e que pareciam humildes súditos à espera das ordens do seu rei.

Ali, como em todos os lugares onde Monte-Cristo se detinha, nem que fosse para passar apenas dois dias, a vida estava organizada pelo termômetro do mais alto conforto e por isso se tornava imediatamente fácil.

Albert encontrou na sua antecâmara duas espingardas e lodos os utensílios necessários a um caçador; uma divisão mais alia, situada no térreo, estava reservada a todos os engenhosos apetrechos que os Ingleses, grandes pescadores, porque são pacientes e ociosos, ainda não conseguiram que fossem adotados pelos rotineiros pescadores franceses.

Passaram todo o dia entregues aos mais diversos exercícios, nos quais, aliás Monte-Cristo era excelente: mataram uma dúzia de faisões no parque, pescaram outras tantas trutas nos regatos, almoçaram num quiosque sobre o mar e serviram-lhes o chá na biblioteca.

Quase à noitinha do terceiro dia, Albert, quebrado de fadiga por aquela vida intensa, que parecia ser uma brincadeira para Monte-Cristo, dormia junto da janela enquanto o conde fazia com o seu arquiteto a planta de uma estufa que queria instalar em casa, quando o ruído de um cavalo nas pedras da estrada fez o rapaz erguer a cabeça. Olhou pela janela e, com uma surpresa das mais desagradáveis, viu no pátio o seu criado de quarto, de que não quisera fazer-se acompanhar para incomodar menos Monte-Cristo.

- Florentin aqui! - exclamou, saltando da poltrona. - Estará a minha mãe doente?

E precipitou-se para a porta do quarto. Monte-Cristo seguiu-o com os olhos e viu-o chegar junto do criado, que, ainda esbaforido, tirou da algibeira um pacotinho selado que continha um jornal e uma cana.

- De quem é esta carta? - perguntou vivamente Albert.

- Do Sr. Beauchamp - respondeu Florentin.

- Foi Beauchamp que te enviou, então?

- Foi, sim, senhor. Chamou-me a sua casa, deu-me o dinheiro necessário para a viagem, arranjou-me um cavalo de posta e obrigou-me a prometer que não pararia enquanto não encontrasse o senhor. Fiz a viagem em quinze horas.

Albert abriu a carta tremendo. Logo que leu as primeiras linhas, soltou um grito e pegou o jornal tremendo visivelmente. De súbito, os olhos nublaram-se-lhe, as pernas pareceram faltar-lhe, e, prestes a cair, apoiou-se em Florentin, que estendeu o braço para o amparar.

- Pobre rapaz! - murmurou Monte-Cristo, tão baixo que ele próprio não conseguiu ouvir as palavras de compaixão que pronunciara. - Mas Ele disse que os pecados dos pais recairão sobre os filhos até à terceira e quarta geração...

Entretanto, Albert recuperara forças e continuara a ler. Por fim, sacudiu os cabelos da testa coberta de suor, amarrotou a carta e o jornal e perguntou:

- Florentin, o teu cavalo está em condições de voltar a Paris?

- Além de ser um mau garrano de posta, está coxo.

- Oh, meu Deus! E como estava a casa quando a deixou ?

- Bastante calma. Mas quando voltei de casa do Sr. Beauchamp encontrei a senhora chorando. Ela mandara-me chamar para saber quando o senhor voltaria. Então disse-lhe que ia procurá-lo da parte do Sr. Beauchamp. O seu primeiro movimento foi estender os braços, como que para me deter, mas, depois de um instante de reflexão, disse-me: “Está bem, Florentin, ele que volte."

- Sim, minha mãe, sim - disse Albert --, volto, pode estar tranquila, e ai do infame!... Mas antes de mais nada tenho de partir.

Regressou à sala onde deixara Monte-Cristo. Já não era o mesmo homem; cinco minutos tinham bastado para operar em Albert uma triste metamorfose. saíra no seu estado habitual e regressava com a voz alterada, o rosto sulcado por rugas febris, os olhos brilhantes sob as pálpebras arroxeadas e o passo cambaleante como o de um ébrio.

- Conde, obrigado pela sua boa hospitalidade, que gostaria de desfrutar mais tempo, mas tenho de regressar a Paris.

- Que aconteceu?

- Uma grande desgraça. Mas permita-me que parta; trata-se de uma coisa muito mais preciosa do que a minha vida. Nada de perguntas, conde, suplico-lhe; arranje-me antes um cavalo!

- As minhas cavalariças estão ao seu dispor, visconde - respondeu Monte-Cristo. - Mas vai matar-se de fadiga fazendo a viagem a cavalo. Tome uma caleça, um cupe, qualquer carruagem.

- Não, isso demoraria muito tempo. Além disso, necessito dessa fadiga que receia por mim; me fará bem.

Albert deu alguns passos girando sobre si mesmo, e, homem atingido por uma bala, e foi cair numa cadeira junto da porta. Monte-Cristo não viu esta segunda fraqueza. Estava à janela e gritava:

- Ali, um cavalo para o Sr. de Morcerf! Depressa! Ele tem de partir com urgência.

Estas palavras deram nova vida a Albert, que correu para fora da sala. O conde seguiu-o.

- Obrigado! - murmurou o rapaz depois de montar. - Regresse o mais depressa que puder, Florentin. há alguma senha combinada para que me dêem os cavalos?

- Basta apenas entregar o que monta e selam-lhe imediatamente outro.

Albert ia esporear a montada, mas deteve-se.

- Talvez ache a minha partida estranha, insensata - disse. - Não imagina como umas linhas escritas num jornal podem causar o desespero de um homem... Pois bem - acrescentou, atirando-lhe o jornal --, leia isto, mas só depois de eu partir, para não me ver corar.

E enquanto o conde apanhava o jornal, cravou as esporas que acabava de colocar nas botas no ventre do cavalo, o qual, surpreendido que existisse um cavaleiro que julgasse necessitar em relação a ele de semelhante estímulo, partiu como um dardo de arbaleta.

O conde seguiu o jovem com os olhos, dominado por um sentimento de infinita compaixão, e só quando ele desapareceu por completo olhou para o jornal e leu o que se segue:

O oficial francês ao serviço de Ali, pax de Janina, de que falava há três semanas o jornal Impartial, e que não só entregou os castelos de Janina, mas ainda vendeu o seu benfeitor aos Turcos, chamava-se com efeito nessa época Fernand, como disse o nosso respeitável colega; mas depois acrescentou ao seu nome de batismo um título de nobreza e o nome de uma terra. Chama-se hoje conde de Morcerf e faz parte
da Câmara dos Pares.

Assim, o terrível segredo que Beauchamp ocultara com tanta generosidade reaparecia como um fantasma armado, e outro jornal, cruelmente informado, publicara dois dias depois da partida de Albert para a Normandia as poucas linhas que quase tinham enlouquecido o pobre rapaz.

Capítulo LXXXVI

O julgamento

Às oito horas da manhã, Albert caiu como um raio em casa de Beauchamp. Como o criado de quarto estava avisado, introduziu Morcerf no quarto do amo, que acabava de se meter no banho.

- Então? - perguntou-lhe Albert.

- Então, meu pobre amigo, esperava-o - respondeu Beauchamp.

- Pois aqui me tem não lhe direi, Beauchamp, que o considero tão leal e correto que nem me passa pela cabeça que tenha falado do caso a quem quer que seja. Não, meu amigo. Aliás, a mensagem que me mandou é para mim uma garantia da sua amizade. Assim, não percamos tempo com preâmbulos: tem alguma idéia de onde vem o golpe?

- Lhe direi em duas palavras daqui a pouco.

- Está bem, mas primeiro, meu amigo, quero que me conte com todos os pormenores a história dessa abominável traição.

E Beauchamp contou ao jovem, esmagado de vergonha e dor, os fatos que vamos repetir em toda a sua simplicidade.

Na manhã da antevéspera, outro jornal que não o Impartial publicara o

artigo que já conhecemos, e o que dava ainda mais gravidade ao caso era o fato de se tratar de um jornal bem conhecido por pertencer ao Governo. Beauchamp estava almoçando quando a notícia lhe saltara aos olhos. Mandara buscar imediatamente um cabriole e, sem acabar de comer, correra ao jornal. Embora professasse idéias políticas completamente opostas às do diretor do jornal acusador, Beauchamp, como acontece algumas vezes e diremos até que com frequência, era seu amigo íntimo.

Quando chegou, o diretor lia o seu próprio jornal e parecia encantado com um artigo acerca do açúcar de beterraba, que provavelmente era da sua lavra.

- Ainda bem que tem aí o seu jornal, meu caro! - exclamou Beauchamp mal entrou. - Assim não tenho necessidade de lhe dizer o que me traz por aqui .

- Você será por acaso partidário da cana-de-açúcar? - perguntou o diretor do jornal ministerial.

- Não - respondeu Beauchamp --, sou até absolutamente estranho ao assunto. Venho por outra coisa.

- Qual?

- O artigo acerca do Morcerf.

- Deveras? É curioso!...

- Tão curioso que me parece que se arrisca a um processo por difamação de resultado muito duvidoso.

- De modo nenhum. Recebemos com a notícia uma série de provas e estamos perfeitamente convencidos de que o Sr. de Morcerf ficará quietinho. Aliás, é um serviço que se presta ao país denunciar os miseráveis indignos das honras que lhes concederam.

Beauchalnp ficou interdito.

- Mas quem os informou tão bem? - perguntou. - Porque o meu jornal, que levantou a lebre, viu-se obrigado a abster-se por falta de provas, e no entanto temos mais interesse do que vocês em denunciar o Sr. de Morcerf, que é par de França, enquanto nós estamos na oposição.

- Oh, meu Deus, é muito simples! Não corremos atrás do escândalo; ele é que veio ao nosso encontro. Ontem chegou-nos um homem de Janina, trazendo consigo o formidável processo e, como hesitássemos em nos lançar no caminho da acusação, anunciou-nos que, se recusássemos, o artigo seria publicado em outro jornal. Você sabe, Beauchamp, o que é uma notícia importante; não quisemos perder essa. Agora os dados estão jogados; o caso é terrível e repercutirá até aos confins da Europa.

Beauchamp compreendeu que a única coisa a fazer era se dar por vencido e saiu precipitadamente para enviar um mensageiro a Morcerf.

Mas o que não pudera mandar dizer a Albert, pois o que vamos contar aconteceu depois da partida do seu mensageiro, fora que no mesmo dia se manifestara grande agitação na Câmara dos Pares, agitação que se apoderara por completo dos grupos, habitualmente tão calmos, da alta assembléia. Todos tinham chegado quase antes da hora e falavam do sinistro acontecimento que iria ocupar a atenção pública e fixá-la num dos membros mais conhecidos da ilustre corporação.

Lia-se em voz baixa o artigo e trocavam-se comentários e recordações, que precisavam ainda mais os fatos. O conde de Morcerf não era estimado pelos seus

colegas. Como todos os arrivistas, vira-se obrigado, para se manter na sua posição, a observar um excesso de altivez. Os grandes aristocratas riam-se dele; os talentos da república, as glórias puras, desprezavam-no instintivamente. O conde encontrava-se na situação desagrável de bode expiatório. Uma vez designado pelo dedo do Senhor para o sacrifício, todos se preparavam para lhe cair em cima.

O único que não sabia de nada era o conde de Morcerf. Não recebia o jornal onde vinha a notícia difamatória e passara a manhã a escrever cartas e a experimentar um cavalo. Chegou portanto à hora habitual, de cabeça erguida, olhar altivo e atitude insolente, desceu da carruagem, percorreu os corredores e entrou na sala sem notar as hesitações dos contínuos e os meios cumprimentos dos colegas.

Quando Morcerf entrou, a sessão estava já aberta havia mais de meia hora.

Embora o conde, ignorando, como dissemos, tudo o que se passara, em nada tivesse modificado o seu ar e a sua atitude, tanto um como a outra pareceram a todos mais orgulhosos do que de costume, e a sua presença naquela ocasião de tal modo agressiva à assembleia, ciosa da sua honra, que lodos viram nisso uma inconveniência, vários uma bravata e alguns um insulto. Era evidente que toda a Câmara ansiava por iniciar os debates.

Via-se o jornal acusador nas mãos de todos; mas como sempre, todos hesitavam em chamar a si a responsabilidade do ataque. Por fim, um dos respeitáveis pares, inimigo declarado do conde de Morcerf, subiu à tribuna com uma solenidade anunciadora de que o momento esperado chegara.

Fez-se um silêncio espantoso. Só Morcerf ignorava a causa da profunda atenção que se prestava daquela vez a um orador que ninguém costumava escutar tão complacentemente.

O conde deixou passar tranquilamente o preâmbulo pelo qual o orador declarava ir falar de uma coisa de tal modo grave, de tal modo sagrada e de tal modo vital para a Câmara, que reclamava toda a atenção dos seus colegas.

Às primeiras citações de Janina e do coronel Fernand, o conde de Morcerf empalideceu tão horrivelmente que um único frêmito percorreu a assembleia, da qual todos os olhares convergiam para o conde. As feridas morais têm isso de especial: ocultam-se, mas não fecham. Sempre dolorosas, sempre prontas a sangrar quando lhes tocam, permanecem vivas e abertas no coração.

Terminada a leitura do artigo no meio do mesmo silêncio, perturbado então por um frêmito, que cessou imediatamente quando o orador pareceu disposto a tomar de novo a palavra, o acusador expôs os seus escrúpulos e procurou demonstrar quanto a sua tarefa era difícil. Tratava-se da honra do Sr. de Morcerf, era a honra de toda a Câmara que pretendia defender provocando um debate que teria de se ocupar de questões
pessoais, sempre tão melindrosas. Finalmente, concluiu pedindo que fosse ordenado um inquérito bastante rápido para confundir, antes que tivesse tempo de crescer, a calúnia e para recolocar o Sr. de Morcerf, vingando-o, na posição que a opinião pública lhe concedera havia muito tempo.

Morcerf estava acabrunhado. Tão acabrunhado, tão trêmulo perante aquela enorme e inesperada calamidade, que mal pôde balbuciar algumas palavras, e fitava os colegas com os olhos esbugalhados. Aquela timidez, que aliás tanto se

podia dever à surpresa do inocente como à vergonha do culpado valeu-lhe algumas simpatias. Os homens verdadeiramente generosos estão sempre prontos a ser compassivos quando a infelicidade do inimigo excede os limites do seu ódio.

O presidente pôs o inquérito em votação. Votou-se por sentados e levantados e decidiu-se levar o inquérito diante. Perguntaram ao conde quanto tempo precisava para preparar a sua defesa.

A coragem voltara a Morcerf desde que se sentira ainda vivo depois daquele horrível golpe.

- Srs. Pares - respondeu --, não é com o tempo que se repele um ataque como o que dirigem neste momento contra mim inimigos desconhecidos e que permanecem na sombra da sua obscuridade, sem dúvida; é imediatamente, é por meio de um contra-ataque súbito que devo responder ao relâmpago que por instantes me cegou, já que me não é dado, em vez de semelhante justificação, derramar o meu sangue para provar aos meus colegas que sou digno de me sentar a seu lado!

Estas palavras causaram uma impressão favorável ao acusado.

- Peço portanto que o inquérito se efetue o mais depressa possível, e fornecerei à Câmara todas as provas necessárias à eficácia dessa diligencia.

- Que dia fixa? - perguntou o presidente.

- Coloco-me a partir de hoje à disposição da Câmara - respondeu o conde.

O presidente agitou a campainha.

- A Câmara concorda que o inquérito se realize hoje mesmo? - perguntou.

- Sim! - foi a resposta unanime da assembléia.

Nomeou-se uma comissão de doze membros para examinar as provas fornecidas por Morcerf. A primeira sessão da comissão foi marcada para as oito da noite no edifício da Câmara. Se fossem necessárias diversas sessões, se realizariam à mesma hora e no mesmo local.

Tomada esta decisão, Morcerf pediu licença para se retirar. Tinha de reunir as provas acumuladas havia muito tempo para enfrentar aquela tempestade, prevista pelo seu cauteloso e indomá vel carater.

Beauchamp contou ao jovem tudo o que acabamos de dizer pela nossa parte. O seu relato apenas teve sobre o nosso a vantagem da animação das coisas vivas sobre a frieza das coisas mortas.

Albert escutou-o, tremendo, ora de esperança, ora de cólera, e por vezes de vergonha. Porque, pela confidência de Beauchamp, sabia que o pai era culpado e perguntava a si próprio como, uma vez que era culpado, conseguiria provar a sua inocência. Chegado a este ponto, Beauchamp calou-se.

- E depois? - perguntou Albert.

- E depois? - repetiu Beauchamp.

- Sim.

- Meu amigo, essa palavra coloca-me perante um horrível dilema. Quer, de fato, saber o que se passou depois?

- É absolutamente necessário que o saiba, meu amigo, e prefiro sabê-lo pela sua boca do que pela de qualquer outro.

- Nesse caso - declarou Beauchamp -, apele para a sua coragem, Albert; nunca terá tanta necessidade dela.

Albert passou a mão pela testa para se assegurar da sua própria energia,

como um homem que, preparando-se para defender a vida, experimenta a couraça e verga a lâmina da espada. Sentiu-se forte, porque tomava a febre por energia.

- Continue! - pediu.

- Chegou a noite - prosseguiu Beauchamp. - Todos em Paris estava na expectativa do acontecimento.

Muitos pretendiam que o seu pai não teria mais do que aparecer para deitar por terra a acusação; muitos também diziam que o conde não se apresentaria, e havia quem afirmasse tê-lo visto partir para Bruxelas (alguns foram mesmo à Polícia perguntar se era verdade, como se dizia, que o conde pedira o seu passaporte).

"Confesso-lhe que fiz quanto pude - continuou Beauchamp - para conseguir que um dos membros da comissão, um jovem par meu amigo, me introduzisse numa espécie de tribuna. Veio buscar-me às sete horas e, antes da chegada de quem quer que fosse, recomendou-me a um contínuo que me fechou numa espécie de camarote. Estava oculto por uma coluna e mergulhado na escuridão mais completa, mas esperançado em ver e ouvir de ponta a ponta a terrível cena que se ia desenrolar.

"Às oito horas precisas não faltava ninguém.

"O Sr. de Morcerf entrou ao soar a última badalada das oito. Trazia na mão alguns papéis e parecia calmo. Contrariamente ao seu hábito, a sua atitude era simples e o seu traje esmerado e severo. E, conforme o hábito dos antigos militares, trazia a sobrecasaca abotoada de alto a baixo.

"A sua presença produziu o melhor efeito. A comissão estava longe de ser malevolente e muitos dos seus membros vieram ao encontro do conde e estenderam-lhe a mão. Albert sentiu que o coração se partia ao ouvir todos estes pormenores, e no entanto no meio da sua dor insinuava-se um sentimento de reconhecimento. Desejaria poder abraçar os homens que tinham dado ao pai aquela prova de estima num momento tão difícil para a sua honra.

- Nessa altura entrou um contínuo, que entregou uma carta ao presidente.

" - Tem a palavra, Sr. de Morcerf - disse o presidente, ao mesmo tempo que abria a carta.

"O conde começou a sua apologia, e afirmo-lhe, Albert - continuou Beauchamp --, que foi de uma eloquência e de uma habilidade extraordinárias. Apresentou documentos que provavam que o vizir de Janina o honrara até à sua última hora com toda a sua confiança, pois encarregara-o de uma negociação de vida ou de morte com o próprio imperador. Mostrou o anel, símbolo de comando, com que Ali-Pax lacrava habitualmente as suas cartas e que ele lhe dera para que pudesse, no seu regresso, a qualquer hora do dia ou da noite, ainda que o vizir se encontrasse no seu harém, chegar até junto dele. Infelizmente, disse, a sua negociação malograra-se, e quando regressara para defender o seu benfeitor este já estava morto. Mas, disse o conde, ao morrer, Ali-Pax , tão grande era a sua confiança nele, confiara-lhe a sua concubina favorita e a sua filha.

Albert estremeceu ao ouvir estas palavras, porque à medida que

Beauchamp falava, toda a narrativa de Haydée acudia ao espírito do jovem, e recordava-se do que a bela grega dissera acerca daquela mensagem e daquele anel e da forma como fora vendida e submetida à escravatura.

- E qual foi o efeito do discurso do conde? - perguntou Albert com ansiedade.

- Confesso que me comoveu e que, ao mesmo tempo que a mim, comoveu toda a comissão - respondeu Beauchamp.

"Entretanto, o presidente deitou negligentemente os olhos à carta que lhe tinham entregado. Mas às primeiras linhas a sua atenção despertou. Leu-a, releu-a e, cravando os olhos no Sr. de Morcerf, perguntou:

".. Sr. Conde, acaba de nos dizer que o vizir de Janina lhe confiara a mulher e a filha, não é verdade?

"- É, sim, senhor - respondeu Morcerf. - Mas nisso como em tudo o mais, a pouca sorte perseguia-me. No meu regresso, Vasiliki e sua filha Haydée tinham desaparecido.

"- As conhecia-a!

"- A minha intimidade com o pax e a suprema confiança que ele depositava na minha fidelidade tinham-me permitido vê-las mais de vinte vezes.

"- Tem alguma idéia do que lhes aconteceu?

"- Tenho, senhor. Ouvi dizer que tinham sucumbido ao seu desgosto e talvez à sua miséria. Eu não era rico, a minha vida corria grandes perigos e não pude procurá-las, com grande pesar meu.

"O presidente franziu imperceptivelmente o sobrolho.

"- Senhores - disse --, ouviram e acompanharam o Sr. Conde de Morcerf e as suas explicações. Sr. Conde, pode fornecer-nos algum testemunho em apoio do que acaba de nos relatar?

"- Infelizmente, não, senhor - respondeu o conde. - Todos os que rodeavam o vizir e que me conheceram na sua corte morreram ou desapareceram. Apenas, pelo menos segundo creio, apenas
compatriotas meus sobreviveram àquela horrível guerra. Só tenho cartas de Ali-Tebelin, e essas já as exibi aqui. Quanto ao anel, penhor da sua vontade, ei-lo. Finalmente, tenho a prova mais convincente que posso fornecer, isto é, depois de um ataque anônimo, a ausência de qualquer testemunha contra a minha palavra de homem honesto e a pureza de toda a minha vida militar.

"Um murmúrio de aprovação percorreu a assembleia. Naquele momento, Albert, se não tivesse acontecido nenhum incidente, a causa do seu pai estaria ganha.

"Faltava apenas a votação quando o presidente tomou a palavra.

"- Senhores - disse --, e o senhor, conde de Morcerf, presumo que não se importarão de ouvir uma testemunha importantíssima, ao que ela afirma, e que acaba de se apresentar espontaneamente. Essa testemunha, não duvidamos disso depois de tudo o que nos disse o conde, provará a perfeita inocência
do nosso colega. Eis a carta que acabo de receber a tal respeito. Desejam que lhes seja lida ou decidem prosseguir sem que nos detenhamos neste incidente?

"O Sr. de Morcerf empalideceu e crispou as mãos nos papéis que segurava e que lhe rangeram nos dedos.

"A resposta da comissão foi pela leitura. Quanto ao conde, estava pensativo

e não tinha qualquer opinião a emitir.

"O presidente leu portanto a seguinte carta: "Sr. Presidente: Posso fornecer à comissão de inquérito encarregada de examinar a conduta no Epiro e na Macedônia do Sr. Tenente-general Conde de Morcerf as informações mais positivas."

"O presidente fez uma curta pausa.

"O conde de Morcerf empalideceu. O presidente interrogou os ouvintes com a vista.

"- Continue! - gritaram de todos os lados.

"O presidente prosseguiu: "Encontrava-me presente quando ocorreu a morte de Ali-Pax ; assisti aos seus últimos momentos; sei o que foi feito de Vasiliki e Haydée; estou ao dispor da comissão e reclamo mesmo a honra de me fazer ouvir. Encontro-me no vestíbulo da Câmara no momento em que lhe envio esta carta."

"- E quem é essa testemunha, ou antes esse inimigo? - perguntou o conde numa voz em que era fácil notar profunda alteração.

"- Vamos sabê-lo, senhor - respondeu o presidente. - A comissão concorda em ouvir a testemunha?

"- Sim, sim! - responderam ao mesmo tempo todas as vozes.

"Chamou-se um contínuo.

"- Continuo - perguntou o presidente --, está alguém à espera no vestíbulo?

"- Está, sim, Sr. Presidente.

"- Quem?

"- Uma mulher acompanhada de um criado.

"Todos se entreolharam.

"- Mande entrar essa mulher - ordenou o presidente.

"Passados cinco minutos, o contínuo reapareceu. Todos os olhos estavam fixos na porta, e eu próprio - disse Beauchamp - compartilhava a expectativa e a ansiedade gerais.

"Atrás do contínuo vinha uma mulher envolta num grande véu, que a cobria por completo. No entanto, adivinhava-se, pelas formas que o véu deixava transparecer e pelo perfume que ela exalava, a presença de uma mulher nova e elegante, mas mais nada.

"O presidente pediu à desconhecida que tirasse o véu e então todos viram que a mulher estava vestida à grega. Além disso, era de extraordinária beleza."

- Ah, era ela! - exclamou Morcerf.

- Ela, quem?

- Sim, Haydée.

- Quem lhe disse?

- Adivinho-o. Mas continue, Beauchamp, peço-lhe. Como vê, estou calmo e forte. E no entanto devemos estar a aproximar-nos do fim.

- O Sr. de Morcerf - continuou Beauchamp - olhava a mulher com uma surpresa laivada de terror. Para ele, era a vida ou a morte que ia sair daquela boca encantadora; para todos os outros, era uma aventura tão estranha e cheia de curiosidade que a salvação ou a perda do Sr. de Morcerf só entrava no acontecimento como elemento secundário.

"O presidente ofereceu com um gesto de mão uma cadeira à jovem, mas

ela fez sinal com a cabeça que ficaria de pé. Quanto ao conde, deixara-se cair na sua poltrona e era evidente que as pernas se recusavam a sustentá-lo.

"- Minha senhora - disse o presidente -, escreveu à comissão para lhe dar informações acerca do caso de Janina, e adiantou que fora testemunha ocular dos acontecimentos.

"- Fui, com efeito - respondeu a desconhecida numa voz cheia de encantadora tristeza e dessa sonoridade característica das vozes orientais.

"- No entanto - prosseguiu o presidente -, permita-me que lhe diga que devia ser muito nova então.

"- Tinha quatro anos. Mas como os acontecimentos se revestiam para mim de suprema importância, nem um pormenor saiu do meu espírito, nem uma particularidade escapou da minha memória.

"- Mas que importância tinham para si esses acontecimentos e quem é a senhora, para que essa grande catástrofe lhe tenha causado tão profunda impressão?

"- Tratava-se da vida ou da morte do meu pai - respondeu a jovem - e chamo-me Haydée, filha de Ali-Tebelin, pax de Janina e de Vasiliki; sua esposa bem-amada.

"O rubor, ao mesmo tempo modesto e orgulhoso, que cobriu as faces da jovem, o fogo do seu olhar e a majestade da sua revelação produziram na assembleia um efeito inexprimível.

"Quanto ao conde, não ficaria mais aniquilado se um raio lhe tivesse aberto um abismo aos pés.

"- Minha senhora - prosseguiu o presidente, depois de se inclinar com respeito --, permita-me uma simples pergunta, que não é uma dúvida, e que será a última: pode confirmar a autenticidade do que disse?

"- Posso, senhor - respondeu Haydée, tirando debaixo do véu uma bolsinha de cetim perfumado. - Aqui está a minha certidão de nascimento, redigida por meu pai e assinada pelos seus principais oficiais, bem como a minha certidão de batismo, pois meu pai consentiu que fosse educada na religião da minha mãe, certidão que o grande primaz da Macedônia e do Epiro autenticou com o seu selo, e finalmente (e isto é o mais importante, sem dúvida) o registo da venda da minha pessoa e da pessoa da minha mãe ao negociante armênio El-Kobbir pelo oficial francês que, no seu infame negócio com a Porta, reservara para si, como parte na pilhagem, a filha e a mulher do seu benfeitor, que vendeu por mil bolsas, isto é, por cerca de quatrocentos mil francos.

"Uma palidez esverdeada invadiu as faces do conde de Morcerf e os seus olhos injetaram-se de sangue ao ouvir aquelas acusações terríveis, que a assembléia acolheu com lúgubre silêncio.

"Haydée, sempre calma, mas muito mais ameaçadora na sua calma do que outra o seria na sua cólera, estendeu ao presidente o registro da venda, redigido em língua árabe.

"Como, se pensara que algumas das provas produzidas fossem redigidas em árabe, romaico ou turco, o intérprete da Câmara fora convocado. Chamaram-no. Um dos nobres pares a quem a língua árabe, que aprendera durante a sublime campanha do Egito, era familiar seguiu no velino a leitura que o tradutor fez em voz alta: "

"Eu, El-Kobbir, negociante de escravos e fornecedor do harém, de S. M., reconheço ter recebido para remete-la ao sublime imperador, do senhor francês conde de Monte-Cristo, uma esmeralda avaliada em duas mil bolsas, para pagamento de uma jovem escrava cristã de onze anos de idade, chamada Haydée e filha reconhecida do defunto Sr. Ali-Tebelin, pax de Janina, e de Vasiliki, sua favorita; a qual me fora vendida há sete anos, com sua mãe, que morreu ao chegar a Constantinopla, por um coronel francês ao serviço do vizir Ali-Tebelin, chamado Fernand Mondego. A supracitada venda fora-me feita por conta de S. M., de quem tinha mandato, mediante a quantia de mil bolsas. Feito em Constantinopla, com autorização de S.M., no ano de 1247 da hégira. Assinado, EL-KOBBIR. Para lhe dar toda a fé, todo o crédito e toda a autenticidade, o presente documento será autenticado com o selo imperial, que o vendedor se obriga a que lhe seja aposto."

"Depois da assinatura do negociante, via-se efetivamente o selo do sublime imperador.

"Seguiu-se a tudo isto um silêncio terrível. O conde só tinha olhos, e esses olhos, presos, mal-grado seu, a Haydée, pareciam de lume e de sangue.

"- Minha senhora, poderemos interrogar o conde de Monte-Cristo, que se encontra em Paris consigo, segundo creio? - perguntou o presidente.

"- Senhor - respondeu Haydée -, o conde de Monte-Cristo, meu outro pai, está na Normandia há três dias.

"- Mas então, minha senhora, quem lhe aconselhou esta diligência, que a comissão lhe agradece e que, aliás, é perfeitamente natural em face do seu nascimento e dos seus infortúnios? - perguntou o presidente.

"- Senhor - respondeu Haydée --, esta diligência foi-me aconselhada pelo meu respeito e pela minha dor. Apesar de cristã, sempre pensei (Deus me perdoe!) vingar o meu ilustre pai. Ora, quando pus os pés na França, quando soube que o traidor morava em Paris, os meus olhos e os meus ouvidos ficaram constantemente abertos. Vivo retirada na casa do meu nobre protetor, mas vivo assim porque gosto da sombra e do silêncio, que me permitem entregar-me aos meus pensamentos e ao meu recolhimento. Mas o Sr. Conde de Monte-Cristo rodeia-me de cuidados paternais e nada do que constitui a vida social me é estranho; apenas lhe aceito o ruído distante. Assim, leio todos os jornais, tal como me enviam todos os
álbuns e recebo todas as melodias. E foi acompanhando, sem nela interferir, a vida dos outros, que soube o que se passou esta manhã na Câmara dos Pares e o que se deveria passar esta tarde... Então, escrevi.

"- Portanto - perguntou o presidente -, o Sr. Conde de Monte-Cristo não tem nada a ver com a sua diligência?

"- Ignora-a completamente, senhor, e o meu único receio é que a desaprove quando o souber. No entanto, este foi um belo dia para mim - continuou a jovem, erguendo ao céu um olhar ardente como uma chama -, por ser aquele em que tive finalmente ensejo de vingar o meu pai.

"Durante todo este tempo o conde não pronunciara uma só palavra. Os seus colegas olhavam-no e sem dúvida lamentavam aquele êxito destruído pelo sopro perfumado de uma mulher. A sua desventura inscrevia-se pouco a pouco

em caracteres sinistros no rosto.

"- Sr. de Morcerf - perguntou o presidente --, reconhece esta senhora como filha de Ali-Tebelin, paxa de Janina?

"- Não - respondeu Morcerf, fazendo um esforço para se levantar. - Trata-se de uma trama urdida pelos meus inimigos.

"Haydée, que tinha os olhos fixos na porta, como se esperasse alguém, virou-se bruscamente e, encontrando o conde de pé, soltou um grito terrível.

"- Não me reconhece - disse. - Pois eu te reconheço, felizmente! É Fernand Mondego, o oficial francês que entregou as tropas do meu nobre pai. Foi o senhor que entregou os castelos de Janina! Foi o senhor que, enviado por ele a Constantinopla para negociar diretamente com o imperador a vida ou a morte do seu benfeitor, trouxe um falso acordo que lhe concedia perdão completo! Foi o senhor que, com esse acordo, obteve o anel do pax que lhe devia proporcionar a obediência de Selim, o guarda do fogo! Foi o senhor que
apunhalou Selim! Foi o senhor que nos vendeu, a minha mãe e a mim, ao negociante El-Kobbir! Assassino! Assassino! Assassino! Ainda tem na testa o sangue do teu senhor! Vejam todos!

"Estas palavras foram proferidas com tal acento de verdade que todos os olhos se viraram para a testa do conde, e ele próprio levou lá a mão, como se sentisse, ainda tépido, o sangue de Ali.

"- Reconhece portanto concretamente o Sr. de Morcerf como sendo o próprio oficial Fernand Mondego?

"- Se reconheço! - gritou Haydée. - Ó minha mãe, você me disse: "Eras livre, tinhas um pai que amavas, estavas destinada a ser quase uma rainha! Olha bem aquele homem, foi ele que te fez escrava, foi ele que levou na ponta de um pique a cabeça do teu pai, foi ele que nos vendeu, foi ele que nos entregou. Se esqueceres o seu rosto, reconhecê-lo-ás por aquela mão, na qual caíram uma a uma as moedas de ouro do
negociante El-Kobbir!" Sim, reconheço-o! Ele próprio que diga agora se me não reconhece.

"Cada palavra caía como um cutelo sobre Morcerf e cortava uma parcela da sua energia. Quando ouviu as últimas, escondeu vivamente no peito, mal-grado seu, a mão mutilada por um ferimento e voltou a cair na sua poltrona, mergulhado num sombrio desespero.

"Esta cena fizera turbilhonar os espíritos da assembleia, tal como vemos correr as folhas soltas do tronco das árvores arrastadas pelo vento poderoso do norte.

"- Sr. Conde de Morcerf - disse o presidente --, não se deixe abater, responda. A justiça do tribunal é suprema e igual para todos, como a de Deus. Ela não o deixará esmagar pelos seus inimigos sem lhe dar os meios de os combater. Quer que se proceda a novos inquéritos? Quer que mande dois membros da Câmara a Janina? Fale!

"Morcerf não respondeu.

"Então, todos os membros da comissão se entreolharam com uma espécie de terror. Conheciam o temperamento enérgico e violento do conde; só uma terrível prostração poderia anular a defesa daquele homem; enfim, era mister pensar que àquele silêncio, que se assemelhava ao sono, sucederia um despertar

que se assemelharia ao raio.

" - Então, que decide? -- insistiu o presidente.

" - Nada! - respondeu o conde em voz abafada, levantando-se.

" - Portanto, o que a filha de Ali-Tebelin declarou é realmente a verdade? Ela é realmente a testemunha terrível a quem, como sempre acontece, o culpado não ousa responder? O senhor praticou realmente todos os atos de que o acusam? - perguntou o presidente.

"O conde lançou à sua volta um olhar cuja expressão desesperada comoveria tigres, mas que não podia desarmar juízes. Depois, levantou os olhos para a abóbada e desviou-os imediatamente, como se receasse que ela se abrisse e fizesse resplandecer esse segundo tribunal chamado Céu, esse outro juiz chamado Deus.

"Então, num movimento brusco, arrancou os botões da sobrecasaca fechada que o sufocava e saiu da sala como um pobre louco. Por instantes os seus passos ecoaram lugubremente debaixo da abóbada sonora e pouco depois o rodar da carruagem que o transportava a galope fez estremecer o pórtico do edifício florentino.

"- Senhores - perguntou o presidente quando o silêncio se restabeleceu -, o Sr. Conde de Morcerf é reconhecido culpado de felonia traição e indignidade?

"- É! - responderam em uníssono os membros da comissão de inquérito.

"Haydée assistiu até ao fim à sessão e ouviu pronunciar a sentença do conde sem que um só músculo do seu rosto exprimisse alegria ou compaixão.

"Então, puxou o véu para o rosto, cumprimentou majestosamente os conselheiros e saiu com o passo com que Virgílio via caminhar as deusas."

Capítulo LXXXVII

A provocação

- Então - continuou Beauchamp - aproveitei o silêncio e a obscuridade da sala para sair sem ser visto. O contínuo que me introduzira esperava-me à porta. Conduziu-me através dos corredores até uma portinha que dava para a Rua de Vaugirard e saí com a ahlia simultaneamente amargurada e deslumbrada perdoe-me a expressão, Albert. Amargurada por sua causa, meu amigo, deslumbrada pela nobreza daquela moça, que colocara acima de tudo a vingança paterna. Sim, juro-lhe, Albert, seja qual for a origem daquela revelação, estou convencido de que, embora possa ser obra de um inimigo, esse inimigo foi apenas um agente da Providência.

Albert segurava a cabeça entre as mãos. Levantou o rosto rubro de vergonha e banhado em lágrimas, agarrou num braço de Beauchamp e disse-lhe:

- Amigo, a minha vida terminou. Resta-me, não dizer como você, que a Providência me vibrou o golpe, mas sim descobrir qual o homem que me persegue com a sua inimizade. Depois, quando o encontrar, matarei esse homem, ou esse homem me matará. Conto com a sua amizade para me ajudar. Beauchamp, se o desprezo ainda a não matou no seu coração.

- O desprezo, meu amigo? Porque havia de ser atingido por essa infelicidade? Não! Graças a Deus já não estamos no tempo em que um preconceito injusto tornava os filhos responsáveis pelos atos dos pais. Reveja toda a sua vida, Albert; data de ontem, é certo, mas alguma vez a aurora de um belo dia foi mais pura do que o seu oriente" Não, Albert, acredite. Você é jovem, é rico, deixe a França. Tudo se esquece depressa nesta grande Babilônia, na existência agitada e nos gostos inconstantes. Voltará dentro de três ou quatro anos, depois de casar com alguma princesa russa, e ninguém já se lembrará do que se passou ontem, e com mais forte razão do que se passou há dezesseis anos.

- Obrigado, meu caro Beauchamp, obrigado pela excelente intenção que lhe dita essas palavras, mas não pode ser assim. Disse-lhe qual era o meu desejo, e agora, se for preciso, trocarei a palavra desejo pela palavra vontade. Como deve comprcender, interessado como sou no caso, não posso ver as coisas do mesmo modo que você. O que a si parece provir de uma fonte celeste, parece-me a mim brotar de uma tonte menos pura. A Providência parece-me, confesso-lhe, muito estranha a tudo isto, e ainda bem, porque assim, em vez do invisível e do impalpável mensageiro das recompensas e dos castigos celestes, encontrarei um ser palpável e visível no qual me vingarei. Oh, sim, juro-lho, por tudo o que sofro há um mês! Agora repito-lhe, Beauchamp, tenho de reentrar na vida humana e material, e se é ainda meu amigo como diz, ajude-me a
encontrar a mão que desferiu o golpe.

- Seja!-respondeu Beauchamp.- Se quer absolutamente que desça à terra, descerei; se quer ir em busca de um inimigo, irei consigo. E o encontrarei, porque a minha honra tem quase tanto interesse como a sua em que o encontremos.

- Nesse caso, Beauchamp, comecemos agora mesmo, sem demora, as nossas investigações. Cada minuto de espera é uma eternidade para mim. O denunciante ainda não foi punido e pode portanto esperar não o ser. Mas, pela minha honra, se o espera, engana-se!

- Escute o que vou lhe dizer, Morcert:

- Ah, Beauchamp, vejo que sabe alguma coisa!... Isso é o mesmo que restituir-me a vida.

- Não garanto que seja verdade, Albert, mas é pelo menos uma luz na noite. Seguindo essa luz, talvez ela nos conduza ao objetivo.

- Diga! Bem vê que ardo de impaciência.

- Pois bem, vou-lhe contar o que lhe não quis dizer no regresso de Janina.

- Fale.

- Eis o que se passou, Albert: muito naturalmente, procurei o primeiro banqueiro da cidade para obter informações. Mal me referi ao caso, ainda antes do nome do seu pai ser pronunciado, disse-me ele:

"- Ah, muito bem, adivinho o que o traz aqui!...

"- Como assim? Porquê?

"- Porque apenas há quinze dias fui interrogado sobre o mesmo assunto.

"- Por quem?

"- Por um banqueiro de Paris, meu correspondente.

"- Chamado?

"- Sr. Danglars."

- Ele!-exclamou Albert.-Com efeito, é ele que há muito tempo persegue o

meu pobre pai com o seu ódio invejoso; ele, o homem pretensamente popular, que não pode perdoar ao conde de Morcerf ser par de França. E, veja, aquele rompimento de casamento sem motivo declarado... Sim, é isso!

- Informe-se, Albert, mas não perca a cabeça antecipadamente. Informe-se, repito-lhe, e se for verdade...

- Oh, sim, se for verdade... me pagará tudo o que tenho sofrido! - exclamou o jovem.

- Cautela, Morcerf, lembre-se de que é um homem velho.

- Olharei à sua idade tanto como ele olhou à honra da minha família. Se queria mal ao meu pai, porque não o atacou cara a cara? Oh, não, ele tem medo de se encontrar diante de um homem!

- Albert, não o condeno, estou apenas a aconselhá-lo: ande com prudência.

- Oh, não tenha medo! De resto, me acompanhará , Beauchamp. As coisas solenes devem ser tratadas diante de testemunhas. Antes do fim deste dia, se o Sr. Danglars for culpado, o Sr. Danglars deixará de viver ou eu estarei morto. Por Deus, Beauchamp, quero fazer um lindo funeral à minha honra!

- Sendo assim, quando se tomam semelhantes resoluções, Albert, é necessário po-las imediatamente em prática. Quer ir a casa do Sr. Danglars? A caminho.

Mandaram chamar um cabriole de praça. Quando entraram no palácio do banqueiro, viram o faeton e o criado do Sr. Andrea Cavalcanti à porta.

- Calha bem - declarou Albert com voz sombria. - Se o Sr. Danglars não quiser se bater comigo, matarei o genro. Decerto um Cavalcanti não recusará bater-se...

Anunciaram o jovem ao banqueiro, o qual, ao ouvir o nome de Albert e sabendo o que se passara na véspera, recusou recebê-lo. Mas era demasiado tarde, pois o jovem seguira o lacaio e, ao ouvir a ordem dada, forçou a entrada, seguido de Beauchamp, até ao gabinete do banqueiro.

- Que é isto?! - protestou este. - já não sou senhor de receber em minha casa quem quero e de não receber quem não quero? Parece-me que o esquece, estranhamente...

- Não, senhor - redargui u Albert com frieza. - Mas há circunstancias, e o senhor encontra-se numa delas, em que devemos, a não ser que sejamos covardes, e não tenho dúvida em oferecer-lhe esse refúgio, estar em casa pelo menos para certas pessoas.

- Mas que me quer o senhor?

- Quero - respondeu Morcerf, aproximando-se sem parecer reparar em Cavalcanti, que estava encostado à chaminé -, quero propor-lhe um encontro num canto discreto, onde ninguém nos incomodará durante dez minutos... Não lhe peço mais. Onde, enfim, depois do encontro, desses dois homens um deles ficar caído no chão...

Danglars empalideceu e Cavalcanti fez um movimento. Então, Albert virou-se para o rapaz e disse:

- Oh, meu Deus, também pode ir, se quiser, Sr. Conde! Tem o direito de estar lá, visto ser quase da família, e eu concedo encontros destes a tantas pessoas quantas os quiserem aceitar.

Cavalcanti olhou com ar estupefato para Danglars, o qual, fazendo um

esforço, se levantou e foi colocar entre os dois jovens. O ataque de Albert a Andrea acabava de o colocar em outro terreno e por isso esperava que a visita de Albert tivesse causa diferente da que supusera de início.

- Então, senhor - disse a Albert --, se vem aqui provocar este senhor porque o preferi a si, previno-o de que apresentarei queixa ao procurador régio.

- Engana-se, senhor - perguntou Morcerf com um sorriso sombrio -, não me refiro de modo nenhum a esse casamento e só me dirijo ao Sr. Cavalcanti porque me pareceu que teve por momentos a intenção de intervir na nossa discussão. Mas no fundo, o senhor tem razão: de fato, hoje procuro questionar todas as pessoas. Esteja porém tranquilo, Sr. Danglars, porque a prioridade lhe pertence.

- Senhor - respondeu Danglars, pálido de cólera e medo --, previno-o de que quando tenho a pouca sorte de encontrar no meu caminho um cão raivoso, mato-o, e de que, longe de me considerar culpado, penso ter prestado um serviço à sociedade. Ora, se o senhor está raivoso e disposto a morder-me, previno-o de que o matarei sem piedade. Irra, tenho porventura culpa de o seu pai estar desonrado?!

- Tem, miserável! - gritou Morcerf. - A culpa é sua!

Danglars deu um passo atrás.

- A culpa é minha?... - murmurou. -- O senhor esta louco! Que sei eu dessa história grega? Alguma vez viajei por esses países? Fui eu que aconselhei o seu pai a vender os castelos de Janina, a trair...

- Silêncio! - disse Albert em voz abalada. - Não, não foi o senhor quem diretamente promoveu o escândalo e ocasionou a desgraça, mas foi o senhor quem hipocritamente o provocou.

- Eu?!

- Sim, o senhor! De onde veio a revelação?

- Parece-me que o jornal já o disse: de Janina, com a breca!

- E quem escreveu para Janina?

- Para Janina?...

- Sim. Quem escreveu pedindo informações acerca do meu pai?

- Parece-me que qualquer pessoa pode escrever para Janina...

- Mas só uma escreveu.

- Só uma?

- Sim! E essa pessoa foi o senhor.

- Escrevi, de fato. Parece-me que quando casamos uma filha com um rapaz temos o direito de nos informar acerca da família desse rapaz. É não só um direito, mas também um dever.

- O senhor escreveu sabendo perfeitamente a resposta que receberia - replicou Albert.

- Eu? Juro-lhe - protestou Danglars, com uma convicção e uma segurança que provinham talvez menos do seu medo do que do interesse que no fundo sentia pelo pobre rapaz --, juro-lhe que nunca me teria passado pela cabeça escrever para Janina. Porventura conhecia a catástrofe de Ali-Pax ?

- Então alguém o incitou a escrever?

- Claro.

- Incitaram-no?

- Sim.

- Quem?... Acabe... diga...

- Meu Deus, nada mais simples! Falava do passado do seu pai e dizia que a origem da sua fortuna sempre fora obscura. Perguntaram-me então onde enriquecera o seu pai. Respondi: “Na Grécia." Então o meu interlocutor disse-me: “Pois bem, escreva para Janina."

- E quem lhe deu esse conselho?

- Ora, ora, o conde de Monte-Cristo, seu amigo!

- O conde de Monte-Cristo disse-lhe que escrevesse para Janina?

- Disse e eu escrevi. Quer ver a minha correspondência? Posso mostrar-lhe.

Albert e Beauchamp entreolharam-se.

- Senhor - disse então Beauchamp, que até ali estivera calado --, parece-me que acusa o conde, que está ausente de Paris e que se não pode justificar neste momento...

- Eu não acuso ninguém, senhor - perguntou Danglars conto como as coisas se passaram e repetirei diante do Sr. Conde de Monte-Cristo o que acabo de dizer diante dos senhores.

- E o conde sabe que resposta recebeu?

- Mostrei-lhe.

- Sabia que o nome de batismo do meu pai era Fernand e que o seu nome de família era Mondego?

- Sabia, eu tinha lhe dito havia muito tempo. Quanto ao mais, não fiz nesse caso senão o que qualquer outro faria, e até talvez muito menos. Quando, no dia seguinte ao receber a resposta, impelido pelo Sr. Conde de Monte-Cristo, o seu pai veio pedir a minha filha oficialmente, recusei, como se faz quando se quer acabar com as coisas de vez., recusei redondamente, é verdade, mas sem explicações, sem escândalo. Com efeito, para que faria eu um escândalo? Em que medida a honra ou a desonra do Sr. de Morcerf me interessava? Não seria por isso que a taxa de juro subiria ou desceria...

Albert sentiu o rubor subir-lhe à testa. Não havia dúvida: Danglars defendia-se com baixeza, mas também com a segurança de um homem que diz, se não toda a verdade, pelo menos parte da verdade, não por consciência, é certo, mas sim por terror. Aliás, que procurava Morcerf? Não era a mais ou menos culpabilidade de Danglars ou de Monte-Cristo, era um homem que respondesse por uma ofensa ligeira ou grave, era um homem que se batesse, e era evidente que Danglars não se bateria.

E depois, todas as coisas esquecidas ou despercebidas se tornavam agora visíveis a seus olhos ou presentes na sua memória. Monte-Cristo sabia tudo pois fora ele que comprara a filha de Ali-Pax .

Ora, sabendo tudo, aconselhara Danglars a escrever para Janina. Conhecida a resposta, acedera ao desejo manifestado por Albert para ser apresentado a Haydée. Uma vez diante dela, deixara a conversa derivar para a morte de Ali, sem se opor à narrativa de Haydée, mas tendo sem dúvida dado à jovem, em algumas palavras romaicas que pronunciara, instruções que não tinham permitido a Morcerf reconhecer o pai. De resto, não pedira ele a Morcerf que não proferisse o nome do pai diante de Haydée? Por fim, levara Albert para a Normandia no momento em que sabia que o grande escândalo ia rebentar. Não

havia dúvida a tal respeito: tudo aquilo fora calculado e sem dúvida nenhuma Monte-Cristo era conivente dos inimigos do
conde de Morcerf.

Albert levou Beauchamp para um canto e comunicou-lhe todas estas deduções.

- Tem razão - concordou o jornalista. - O Sr. Danglars só tem a ver com o sucedido no tocante à parte brutal e material; é a Monte-Cristo que deve pedir uma explicação.

Albert virou-se.

- Senhor - disse a Danglars --, espero que compreenda por que motivo me não despeço definitivamente; resta-me saber se as suas acusações são justas coisa de que vou me assegurar sem
demora junto do Sr. Conde de Monte-Cristo.

E, depois de cumprimentar o banqueiro, saiu com Beauchamp, sem parecer dar pela presença de Cavalcanti.

Danglars acompanhou-os à porta e aí renovou a Albert a afirmação de que nenhum motivo de ódio pessoal o animava contra o Sr. Conde de Morcerf.

Capítulo L XXXVIII

O insulto

À porta do banqueiro, Beauchamp deteve Morcerf.

- Escute - disse-lhe --, há pouco sugeri-lhe em casa do Sr. Danglars que era ao conde de Monte-Cristo que devia pedir uma explicação.

- É verdade e vamos para sua casa.

- Um momento, Morcerf. Antes de irmos a casa do conde, reflita.

- Em que quer que reflita?

- Na gravidade da diligência.

- É mais grave do que vir a casa do Sr. Danglars?

- É. O Sr. Danglars é um argentário, e como não ignora, os argentários sabem muito bem o capital que arriscam e não se batem facilmente. O outro, pelo contrário, é um gentil-homem, na aparência, pelo menos; mas não receia encontrar um valente debaixo da capa do gentil-homem?

- Só receio uma coisa: encontrar um homem que se não bata.

- Oh, a esse respeito esteja tranquilo! - declarou Beauchamp. - Esse se baterá. Temo até uma coisa: que se bata demasiado bem. Acautele-se!

- Amigo, isso é tudo o que peço - perguntou Morcerf com um belo sorriso. - Nada me pode tornar mais feliz do que ser morto por meu pai; isso nos salvará a todos.

- Mas isso será a morte de sua mãe!

- Pobre mãe, bem o sei! - suspirou Albert, passando a mão pelos olhos. - Mas mais vale que morra por isso do que de vergonha.

- Está realmente decidido, Albert?

- Estou.

- Vamos então! Mas acha que o encontraremos?

- Ele devia regressar algumas horas depois de mim e certamente regressou.

Meteram-se na carruagem e mandaram seguir para a Avenida dos Campos Elísios, nº 30. Beauchamp queria descer sozinho, mas Albert observou-lhe que como o caso saia das regras habituais lhe permitia afastar-se da etiqueta do duelo.

O jovem agia em tudo aquilo por uma causa tão sagrada que Beauchamp nada mais tinha a fazer do que submeter-se a todos os seus desejos. Cedeu portanto a Morcerf e limitou-se a acompanhá-lo.

Albert transpôs apenas de um salto a distancia que ia do cubículo do porteiro à escadaria. Foi Baptistin quem o recebeu.

Efetivamente, o conde acabava de chegar, mas estava tomando banho e proibira que se recebesse quem quer que fosse.

- Mas depois do banho? - perguntou Morcerf.

- O senhor jantará.

- E depois do jantar?

- O senhor dormirá uma hora.

- E em seguida?

- Em seguida irá à Ópera.

- Tem certeza? - perguntou Albert.

- Absoluta. O senhor pediu os seus cavalos para as oito horas precisas.

- Muito bem, era tudo o que queria saber - declarou Albert.

Depois, virando-se para Beauchamp, disse-lhe:

- Se tem alguma coisa a fazer, Beauchamp, faça-a imediatamente, e se tem algum encontro marcado para esta noite, adie-o para amanhã. Decerto compreende que conto consigo para ir à Ópera. Se puder, traga-me o Château-Renaud.

Beauchamp aproveitou a dispensa e deixou Albert, depois de prometer ir buscá-lo às oito horas menos um quarto.

Regressado a casa, Albert preveniu Franz, Debray e Morrel de que gostaria de os ver naquela noite na Ópera. Depois foi visitar a mãe, que desde os acontecimentos da véspera não recebia ninguém e se conservava no seu quarto. Encontrou a de cama, esmagada pela dor daquela humilhação pública.

A visita de Albert produziu em Mercedes o efeito que era de esperar: apertou a mão do filho e rompeu em soluços. Contudo, as lágrimas aliviaram-na.

Albert permaneceu um instante de pé e mudo junto da mãe. Via-se pelo seu rosto pálido e pelo sobrolho franzido que a sua resolução de vingança se arreigava cada vez mais no seu coração.

- Minha mãe, conhece algum inimigo do Sr. de Morcerf? - perguntou Albert.

Mercedes estremeceu. Notara que o jovem não dissera “ao meu pai".

- Meu amigo - respondeu --, as pessoas na posição do conde têm muitos inimigos que não conhecem. Aliás, os inimigos que se conhecem não são, como sabe, os mais perigosos.

- Sim, bem sei; por isso apelo para toda a sua perspicácia. Minha mãe é uma mulher tão superior que nada lhe escapa!

- Porque me diz isso?

- Porque a senhora notou, por exemplo, que na noite do baile que demos o Sr. de Monte-Cristo não quis tomar nada em nossa casa.

Mercedes soergueu-se toda trêmula num braço, a arder em febre.

- O Sr. de Monte-Cristo! - exclamou. - E que relação tem isso com a pergunta que me faz?

- Como sabe, minha mãe, o Sr. de Monte-Cristo é quase um homem do Oriente, e os Orientais, para conservarem toda a liberdade de vingança, nunca comem nem bebem em casa dos seus inimigos...

- Diz que o conde de Monte-Cristo é nosso inimigo, Albert? - perguntou Mercedes, tornando-se mais pálida do que o lençol que a cobria. - Quem lhe disse isso? Porquê? Está louco, Albert. O Sr. de Monte-Cristo só tem tido atenções para conosco. O Sr. de Monte-Cristo salvou-lhe a vida, foi o senhor mesmo que o apresentou. Oh, peço-lhe, meu filho, se teve semelhante idéia, afaste-a! E já agora quero fazer-lhe uma recomendação, direi mais, quero fazer-lhe um pedido: dê-se bem com ele.

- Minha mãe - replicou o jovem, com um olhar sombrio -, tem decerto as suas razões para me dizer que poupe esse homem.

- Eu?! - exclamou Mercedes, corando com a mesma rapidez com que empalidecera e tornando-se quase imediatamente ainda mais pálida do que anteriormente.

- Sim, sem dúvida, e essa razão - insistiu Albert - é que esse homem nos pode fazer mal, não é verdade?

Mercedes estremeceu e pousou no filho um olhar perscrutador.

- Diz-me coisas muito estranhas, Albert, e tem singulares prevenções, parece-me... Que lhe fez o conde? Ainda há três dias estava com ele na Normandia, e também ainda há três dias eu o considerava, assim como o senhor, o seu melhor amigo.

Um sorriso irônico aflorou aos lábios de Albert. Mercedes viu esse sorriso, e com o seu duplo instinto de mulher e de mãe adivinhou tudo. Mas prudente e forte, ocultou a sua perturbação e os seus receios. Albert deixou morrer a conversa; passado um instante, a condessa reatou-a.

- Vinha perguntar-me como ia; respondo-lhe francamente, meu amigo, que me não sinto bem. Devia instalar-se aqui, Albert, e fazer-me companhia. Preciso de não estar só.

- Minha mãe, estaria às suas ordens, e bem sabe com que prazer, se um assunto urgente e importante me não obrigasse a deixá-la durante toda a noite.

- Ah, muito bem! - respondeu Mercedes com um suspiro. - Vá, Albert, não quero torná-lo de modo algum escravo da sua piedade filial.

Albert simulou não compreender, cumprimentou a mãe e saiu. Assim que o jovem fechou a porta, Mercedes mandou chamar um criado de confiança e ordenou-lhe que seguisse Albert para toda a parte onde fosse naquela noite e que viesse informá-la imediatamente do que visse.

Depois, tocou chamando a criada de quarto e, por muito fraca que estivesse, vestiu-se para estar pronta para qualquer eventualidade.

A missão dada ao lacaio não era difícil de cumprir. Albert regressou aos seus aposentos e vestiu-se com uma espécie de esmero severo. Beauchamp chegou às oito horas menos dez minutos; falara com Château-Renaud, o qual

prometera encontrar-se no seu lugar de orquestra antes de o pano subir. Meteram-se ambos no cupe de Albert, o qual, não tendo qualquer motivo para ocultar aonde ia, disse em voz alta:

- À Ópera!

Na sua impaciência, chegou antes de o pano subir. Château-Renaud encontrava-se no seu lugar. Prevenido de tudo por Beauchamp, Albert não tinha nenhuma explicação a dar-lhe. O comportamento dos filhos que procuram vingar o pai era tão simples que Château-Renaud nem sequer tentou dissuadi-lo e limitou-se a renovar-lhe a certeza de que estava ao seu dispor.

Debray ainda não chegara mas Albert sabia que raramente faltava a um espetáculo da Ópera. Albert vagueou pelo teatro até ao subir do pano. Esperava encontrar Monte-Cristo, quer no corredor, quer na escada. A campainha chamou-o ao seu lugar e ele foi sentar-se nas cadeiras de orquestra, entre Château-Renaud e Beauchamp. Mas os seus olhos não largavam o camarote entre colunas, que durante o primeiro ato pareceu obstinar-se em permanecer fechado.

- Por fim, quando Albert consultava pela centésima vez o relógio, no inicio do segundo ato, a porta do camarote abriu-se e Monte-Cristo, vestido de preto, entrou e encostou-se à balaustrada para olhar a sala. Morrel, que o acompanhava, pôs-se também a procurar com os olhos a irmã e o cunhado. Descobriu-os num camarote de segunda ordem e fez-lhes sinal.

Ao dar uma vista de olhos circular pela sala, o conde descobriu um rosto pálido e olhos cintilantes que pareciam querer atrair avidamente os seus. Reconheceu Albert, mas a expressão que notou naquele rosto transtornado aconselhou-o sem dúvida a fazer de conta que o não vira. Sem esboçar portanto nenhum gesto que revelasse o seu pensamento, sentou-se, tirou o binóculo do estojo e apontou-o para outro lado.

Mas, sem parecer ver Albert, o conde não o perdia de vista, e quando o pano desceu, no fim do segundo ato, o seu golpe de vista infalível e seguro seguiu o jovem, que saia da platéia acompanhado dos seus dois amigos.

Depois, a mesmo rosto reapareceu num camarote de primeira ordem, defronte do seu. O conde sentia aproximar-se a tempestade, e quando ouviu a chave girar na fechadura do seu camarote, embora falasse nesse momento com Morrel com o seu rosto mais risonho, o conde sabia a que se ater e estava preparado para tudo. A porta abriu-se.

Só então Monte-Cristo se virou e viu Albert, lívido e trêmulo, e atrás dele Beauchamp e Château-Renaud.

- Ora vejam, o meu cavaleiro sempre conseguiu aqui chegar! - exclamou com a benevolente delicadeza que distinguia habitualmente a sua saudação das vulgares cortesias da sociedade. - Boa noite, Sr. de Morcerf.

E o rosto daquele homem, tão singularmente senhor de si mesmo, exprimia a mais perfeita cordialidade.

Morrel lembrou-se da carta que recebera do visconde e na qual, sem outra explicação, este lhe pedia que fosse à Ópera, e adivinhou que ia acontecer algo terrível.

- Não vimos aqui para trocar cumprimentos hipócritas ou manter aparências enganosas de amizade - perguntou o jovem. - Vimos pedir-lhe uma explicação, Sr.

Conde.

A voz trêmula do jovem passava-lhe a custo por entre os dentes cerrados.

- Uma explicação na Ópera? - observou o conde, no tom tão calmo e num relance de olhos tão penetrante, só característicos do homem eternamente senhor de si mesmo. - Apesar de pouco familiarizado com os hábitos parisienses, nunca imaginei, senhor, que fosse aqui que as explicações se pedissem.

- No entanto, quando as pessoas se recusam a receber, quando se não pode chegar até elas a pretexto de que estão no banho, à mesa ou na cama, tem-se de as procurar onde é possível encontrá-las - replicou Albert.

- Não sou difícil de encontrar - declarou Monte-Cristo. - Ainda ontem senhor, se me não falha a memória, o vi em minha casa.

- Ontem, senhor - disse o jovem, cuja cabeça parecia um vulcão -, estava em sua casa porque ignorava quem o senhor era!

Ao pronunciar estas palavras, Albert elevara a voz de maneira que as pessoas sentadas nos camarotes contíguos o ouvissem, assim como as que passavam no corredor. Por isso, as pessoas dos camarotes viraram-se e as do corredor pararam atrás de Beauchamp e Château-Renaud ao ouvirem a altercação.

- De onde diabo vem o senhor?-perguntou Monte-Cristo, sem a menor emoção aparente. - Não me parece estar em seu juízo perfeito...

- Desde que compreenda as suas perfídias, senhor, e que consiga levá-lo a compreender que quero vingar-me delas, é quanto me basta para não considerar-me de todo louco - perguntou Albert, furioso.

- Senhor, não o compreendo - replicou Monte-Cristo --, e mesmo que o compreendesse, ainda assim o senhor estaria a falar demasiado alto. Estou no meu camarote, senhor, e aqui só eu tenho o direito de elevar a voz acima da dos outros. Saia, senhor!

E Monte-Cristo indicou a porta a Albert, com um admirável gesto de autoridade.

- Ah, eu o obrigarei a sair da toca! - gritou Albert amarrotando nas mãos convulsas a luva, que o conde não perdia de vista.

- Bem, bem! - exclamou fleumaticamente o conde. - já vejo que o senhor me quer provocar. Mas um conselho, visconde, e retenha-o bem é mau costume fazer barulho quando se provoca alguém. O barulho não é favorável a todas as pessoas, Sr. de Morcerf...

Este nome provocou um murmúrio de surpresa, que passou como um arrepio por entre aqueles que assistiam à cena. Desde a véspera que o nome de Morcerf andava em todas as bocas.

Melhor e primeiro que todos Albert compreendeu a alusão, e fez um gesto para lançar a luva à cara do conde; mas Morrel agarrou-lhe o pulso, enquanto Beauchamp e Château-Renaud, receando que a cena excedesse os limites de uma provocação, o seguravam por detrás.

Mas Monte-Cristo, sem se levantar, inclinando a cadeira, limitou-se a estender a mão e a tirar dos dedos crispados do jovem a luva úmida e amarrotada.

- Senhor - disse-lhe com um acento terrível --, considero a sua luva lançada e a devolverei enrolada numa bala. Agora saia ou chamo os meus criados e

mando colocá-lo para fora.

Aturdido, espantado, com os olhos injetados de sangue, Albert deu dois passos atrás. Morrel aproveitou para fechar a porta. Monte-Cristo voltou a pegar o binóculo e pôs-se a observar a sala como se nada de extraordinário se tivesse passado. Aquele homem tinha um coração de bronze e um rosto de mármore. Morrel inclinou-se-lhe ao ouvido.

- Que lhe fez? - inquiriu.

- Eu? Nada, pelo menos pessoalmente - respondeu Monte-Cristo.

- Contudo, esta cena estranha deve ter uma causa...

- A aventura do conde de Morcerf exasperou o pobre rapaz.

- E o senhor teve alguma coisa a ver com isso?

- Foi por intermédio de Haydée que a Câmara teve conhecimento da traição do pai.

- De fato, disseram-me, mas não quis acreditar, que a escrava grega que tenho visto consigo neste mesmo camarote era filha de Ali-Pax .

- No entanto, é verdade.

- Oh, meu Deus, compreendo tudo agora! - exclamou Morrel. - Esta cena foi premeditada.

- Como?

- Sim. Albert escreveu-me a pediu-me que estivesse esta noite na Ópera. Era para me tornar testemunha do insulto que lhe queria fazer.

- Provavelmente - admitiu Monte-Cristo, com a sua imperturbável tranquilidade.

- Mas que fará dele?

- De quem?

- De Albert!

- De Albert? - repetiu Monte-Cristo no mesmo tom. - Que farei de Albert, Maximilien? Tão certo como o senhor estar aqui e eu apertar-lhe a mão, o matarei amanhã antes das dez horas da manhã. Aqui tem o que farei dele.

Morrel pegou por sua vez na mão de Monte-Cristo com as suas e estremeceu ao sentir aquela mão fria e calma.

- Ah, conde, o pai ama-o tanto!... - murmurou.

- Não me diga isso! - gritou Monte-Cristo, no primeiro movimento de cólera que deixava transparecer. - Eu o farei!

Morrel, estupefato, deixou cair a mão de Monte-Cristo.

- Conde! Conde!

- Meu caro Maximilien - interrompeu-o o conde --, escute de que forma adorável Duprez canta esta frase: “ô Matilde, ídolo da minha alma!" Fui o primeiro a descobrir Duprez em Nápoles e o primeiro a aplaudi-lo. Bravo! Bravo!

Morrel compreendeu que não havia mais nada a dizer e calou-se.

O pano, que subira no fim da cena de Albert, desceu quase imediatamente. Bateram à porta.

- Entre - disse Monte-Cristo, sem que a sua voz denota-se a menor emoção.

Apareceu Beauchamp.

- Senhor - disse a Monte-Cristo --, há pouco acompanhava, como deve ter visto, o Sr. de Morcerf.

- O que significa - perguntou Monte-Cristo, rindo - que vinham provavelmente de jantar juntos. Ainda bem, Sr. Beauchamp, que está mais sóbrio do que ele.

- Senhor - disse Beauchamp --, Albert cometeu a inconveniência, reconheço, de se encolerizar; venho por minha própria conta apresentar-lhe desculpas. E agora que as desculpas estão apresentadas (as minhas, como compreende, Sr. Conde), quero dizer-lhe que o considero demasiado cortês para me recusar algumas explicações acerca das suas relações com a gente de Janina. Depois, acrescentarei algumas palavras a
respeito dessa jovem grega.

Monte-Cristo fez com os lábios e com os olhos um sinalzinho a recomendar silêncio.

- Pronto, lá estão todas as minhas esperanças destruídas! - acrescentou rindo.

- Como assim? - perguntou Beauchamp.

- Sem dúvida está mortinho por me arranjar fama de excêntrico. Em seu entender, sou um Lara, um Manfredo, um Lorde Ruthwen. Depois, passado o momento de me ver como um excêntrico, destrói o seu tipo e tenta transformar-me num homem vulgar. Quer-me comum, banal. Por fim, pede-me explicações. Então, Sr.
Beauchamp, só por piada!

- No entanto - perguntou Beauchamp com altivez --, há ocasiões em que a probidade ordena...

- Sr. Beauchamp - interrompeu-o aquele homem estranho --, quem dá ordens ao Sr. de Monte-Cristo é o Sr. de Monte-Cristo. Portanto, nem mais uma palavra a tal respeito, por favor. Faço o que entendo, Sr. Beauchamp, e acredite que o faço sempre muito bem feito.

- Senhor - respondeu o rapaz --, não se paga a pessoas honestas nessa moeda; a honra exige garantias.

- Mas eu sou uma garantia viva - replicou Monte-Cristo, impassível, embora nos seus olhos brilhassem clarões ameaçadores. - Temos ambos nas veias sangue que desejamos verter; é essa a nossa garantia mútua. Leve esta resposta ao visconde e diga-lhe que amanhã, antes das dez horas, verei a cor do dele.

- Só me resta portanto - declarou Beauchamp - fixar as condições do combate.

- Isso ,é-me absolutamente indiferente, senhor - perguntou o conde. - Por tão pouca coisa escusava de vir incomodar-me no espetáculo. Na França, as pessoas batem-se à espada ou à pistola; nas colônias usa-se o rostobina, e na Arábia, o punhal. Diga ao seu cliente que, apesar de insultado, para ser excêntrico até ao fim, lhe deixo a escolha das armas e que aceitarei tudo sem discussão, sem contestação. Tudo, ouviu bem? Tudo, incluindo o combate à sorte, que é sempre estúpido. Mas comigo é diferente; tenho certeza de ganhar.

- Tem certeza de ganhar?... - repetiu Beauchamp, olhando o conde com os olhos esbugalhados.

- Claro - respondeu Monte-Cristo, encolhendo ligeiramente os ombros. - Sem isso não me bateria com o Sr. de Morcerf. O matarei; tem de ser e assim será. Mande-me apenas um bilhete a minha casa, esta noite, indicando a arma e a

hora. Não gosto de me fazer esperar.

- À pistola, às oito horas da manhã, no Bosque de Vincennes - disse Beauchamp, desconcertado, sem saber se lidava com um fanfarrão insolente ou com um ser sobrenatural.

- Pronto, senhor - disse Monte-Cristo. - Agora que está tudo tratado, deixe-me ouvir o espetáculo, peço-lhe, e diga ao seu amigo Albert que não volte aqui esta noite: se prejudicaria com todas as suas brutalidades de mau gosto. Que vá para casa e durma.

Beauchamp saiu de boca aberta.

- Agora, conto consigo, não é verdade? - perguntou Monte-Cristo, virando-se para Morrel.

- Certamente - respondeu Morrel. - Pode dispor de mim, conde. No entanto...

- O quê?

- Seria importante, conde, que eu conhecesse a verdadeira causa...

- Quer dizer que recusa?

- Não.

- A verdadeira causa, Morrel? - repetiu o conde. - Mesmo esse rapaz caminha às cegas e não a conhece. A verdadeira causa só eu e Deus a conhecemos. Mas dou-lhe a minha palavra de honra, Morrel, que Deus, que a conhece, será por nós.

- Basta-me isso, conde - disse Morrel. - Quem é a sua segunda testemunha?

- Não conheço ninguém em Paris a quem queira conceder essa honra a não ser você e o seu cunhado Emmanuel. Acha que Emmanuel quererá fazer-me esse favor?

- Respondo-lhe por ele como por mim, conde.

- Bom, é tudo o que preciso. Amanhã às sete em minha casa, está bem?

- Lá estaremos.

- E agora, silêncio. O pano sobe; escutemos. Tenho o hábito de não perder uma nota desta Ópera. Não há música mais adorável do que a do Guilherme Tell!

Capítulo LXXXIX

A Noite

O Sr. de Monte-Cristo esperou, conforme era seu hábito, que Duprez cantasse o seu famoso Segui-me! e só então se levantou e saiu.

À porta, Morrel deixou-o, renovando a promessa de estar em casa dele, com Emmanuel, no dia seguinte de manhã às sete horas precisas. Em seguida o conde subiu para o seu cupe, sempre calmo e sorridente, e cinco minutos depois estava em casa. Simplesmente, só quem não conhecesse o conde se deixaria enganar pela expressão com que disse, ao entrar, a Ali:

- Ali, as minhas pistolas de coronha de marfim!

Ali trouxe a caixa ao amo e este pôs-se a examinar as armas com um cuidado naturalíssimo num homem que ia confiar a vida a um bocado de ferro e chumbo. Eram pistolas especiais que Monte-Cristo mandara fazer para atirar ao

alvo nos seus aposentos. Uma cápsula bastava para expelir a bala e na divisão ao lado ninguém suspeitaria que o conde, como se diz em termos de tiro, estava ocupado a conservar a mão.

Estava procurando a melhor maneira de empunhar a arma e apontar a uma chapinha metálica que lhe servia de alvo quando a porta do gabinete se abriu e entrou Baptistin. Mas antes mesmo do criado abrir a boca, o conde viu à porta, que ficara aberta, uma mulher velada, de pé na penumbra da divisão contígua, e que seguira Baptistin.

A mulher vira o conde de pistola na mão, via duas espadas em cima de uma mesa, e não se conteve, entrou. Baptistin consultou o amo com a vista. O conde fez-lhe um sinal e Baptistin saiu e fechou a porta atrás de si.

- Quem é a senhora? - perguntou o conde à mulher velada.

A desconhecida olhou à sua volta, para se assegurar de que estava efetivamente só, e depois inclinou-se, como se fosse ajoelhar-se, juntou as mãos e disse com acento de desespero:

- Edmond, não mate o meu filho!

O conde recuou um passo, soltou um gritinho e deixou cair a arma que empunhava.

- Que nome pronunciou, Sra de Morcerf? - perguntou.

- O seu! - gritou ela, deitando o véu para trás. - O seu, que só eu talvez não tenha esquecido. Edmond, não é a Sra de Morcerf que está aqui, é Mercedes.

- Mercedes morreu, minha senhora - replicou Monte-Cristo - e não conheço mais ninguém com esse nome.

- Mercedes vive, senhor, e Mercedes recorda-se, pois só ela o reconheceu assim que o viu, e o reconheceria sem o ver, pela sua voz, Edmond, apenas pela sua voz. E desde então ela segue-o passo a passo, vigia-o, teme-o e não precisou procurar a mão de onde partiu o golpe que feriu o Sr. de Morcerf.

- Fernand, quererá dizer, minha senhora - corrigiu Monte-Cristo com uma amarga ironia. - Uma vez que estamos nos recordando dos nomes, recordemos todos. Monte-Cristo pronunciou o nome de Fernand com tal expressão de ódio que Mercedes sentiu um arrepio de terror percorrer-lhe o corpo.

- Bem vê, Edmond, que não me enganei e que tenho razão em pedir-lhe: poupe o meu filho!

- E quem lhe disse, minha senhora, que quero mal ao seu filho?

- Ninguém, meu Deus! Mas uma mãe é dotada de um sexto sentido e adivinhei tudo. Segui-o esta noite à Ópera e, oculta numa frisa, vi tudo o que se passou.

- Então, se viu tudo, minha senhora, viu que o filho de Fernand me insultou publicamente - disse Monte-Cristo com uma cama terrível.

- Oh, por piedade!

- Viu - continuou o conde - que me atiraria com a sua luva ao rosto se um dos meus amigos, o Sr. Morrel, lhe não tivesse agarrado o braço.

- Ouça-me. O meu filho também o descobriu e atribui-lhe as desventuras que atingem o pai.

- Minha senhora, está confundida - perguntou Monte-Cristo. - Não se trata de desventuras, mas sim de um castigo. Não sou eu que firo o Sr. de Morcerf, é a Providência que o pune.

- E por que motivo toma o senhor o lugar da Providência? - inquiriu Mercedes. - Porque se lembra, quando Ela esquece? Que lhe interessa, Edmond, Janina e o seu vizir? Que mal lhe tez Fernand Mondego atraiçoando Ali-Tebelin?

- Minha senhora - respondeu Monte-Cristo --, tudo isso é, de fato, assunto entre o oficial francês e a filha de Vasiliki. Isso não me diz respeito, tem razão, e se jurei vingar-me não foi nem do oficial francês nem do conde de Morcerf: foi do pescador Fernand, marido da catalã Mercedes.

- Ah, senhor, que terrível vingança por uma falta que a fatalidade me fez cometer! - gritou a condessa. - Porque a culpada sou eu, Edmond, e se tem de se vingar de alguém, é de mim, que não tive coragem para suportar a sua ausência e o meu isolamento.

- Mas a que se devia a minha ausência? A que se devia o seu isolamento? - perguntou Monte-Cristo.

- A terem-no prendido, Edmond, a terem-no encarcerado...

- E porque fui preso, porque fui encarcerado?

- Ignoro-o - respondeu Mercedes.

- Sim, ignora-o, minha senhora, tenho pelo menos essa esperança... Pois bem, vou elucidá-la! Fui preso e encarcerado porque debaixo do caramanchão da Réserve, na véspera do dia em que devia casar consigo, um homem chamado Danglars escreveu esta carta, que o pescador Fernand se encarregou de pôr pessoalmente no correio.

E Monte-Cristo dirigiu-se para a sua mesa, abriu uma gaveta e tirou um papel que perdera a cor primitiva e cuja tinta se tornara cor de ferrugem, papel que pôs diante dos olhos de Mercedes.

Era a carta de Danglars ao procurador régio que no dia em que pagara os duzentos mil francos ao Sr. de Boville o conde de Monte-Cristo, disfarçado de mandatário da casa de Thomson & French, subtraíra do processo de Edmond Dantés. Mercedes leu aterrada as seguintes linhas:

O Sr. Procurador régio é avisado por um amigo do trono e da religião de que um tal Edmond Dantés, imediato do navio Pharaon, chegado esta manhã de Esmirna depois de escalar Nápoles e Porto Ferraio, foi encarregado por Murat de entregar uma carta ao usurpador e pelo usurpador de entregar outra carta ao comitê bonapartista de Paris.

Ter-se-á a prova do seu crime prendendo-o, pois encontrar-se-á essa carta com ele ou em casa do pai, ou no seu camarote a bordo do Pharaon.

- Oh, meu Deus! - exclamou Mercedes, passando a mão pela testa coberta de suor. - E esta carta...

- Comprei-a por duzentos mil francos, minha senhora - respondeu Monte-Cristo. - Mas foi bom negócio, pois permite-me hoje justificar-me aos olhos da senhora.

- E o resultado desta carta?

- Sabe-o muito bem, minha senhora: foi a minha prisão. Mas o que não sabe, minha senhora, foi o tempo que a minha prisão durou. O que a senhora não sabe é que fiquei catorze anos a um quarto de légua de si, numa cela do Castelo de If. O que a senhora não sabe é que em cada dia desses catorze anos renovei

o voto de vingança que fizera no primeiro dia, embora então ignorasse que a senhora casara com Fernand, meu denunciante, e que o meu pai morrera e morrera de fome!

- Santo Deus! - exclamou Mercedes, cambaleando.

- Mas foi tudo isto que soube quando saí da prisão, catorze anos depois de lá ter entrado, e foi isto que me levou a jurar, por Mercedes viva e pelo meu pai morto, vingar-me de Fernand... e vingo-me!

- E tem a certeza de que o desventurado Fernand fez isso?

- Juro-lhe pela minha alma, senhora, que fez como acabo de lhe dizer. De resto, isso não é muito mais odioso do que, sendo francês de adoção, ter-se passado para os Ingleses; espanhol de nascimento, ter combatido contra os espanhóis; estipendiário de Ali, tê-lo traído e assassinado. Perante isto, que vale a carta que acaba de ler? Não passa de uma mistificação galante que deve perdoar, reconheço-o e compreendo-o, a mulher que casou com esse homem, mas que não perdoa o apaixonado que havia de casar com ela. Pois bem, os Franceses não se vingaram do traidor, nem os espanhóis o fuzilaram, e Ali, na sua sepultura, deixou a traição impune. Mas eu, traído, assassinado, lançado também numa sepultura, eu saí dessa sepultura pela graça de Deus e devo a Deus poder-me vingar. Deus enviou-me para isso e aqui estou.

A pobre mulher deixou cair a cabeça entre as mãos; as pernas dobraram-se-lhe e caiu de joelhos.

- Perdoe, Edmond - suplicou. - Perdoe por mim, que ainda o amo!

A dignidade da esposa conteve o impulso da amante e da mãe. A sua fronte inclinou-se quase a tocar o tapete. O conde correu para ela e levantou-a.

Então, sentada numa poltrona, pôde, através das lágrimas, olhar o rosto másculo de Monte-Cristo, no qual a dor e o ódio imprimiam ainda um carater ameaçador.

- Que não esmague essa raça maldita! - murmurou ele. - Que desobedeça a Deus, que me escolheu para os punir! Impossível, minha senhora, impossível!

- Edmond - suplicou a pobre mãe, tentando tudo. - Meu Deus, se o trato por Edmond, porque me não trata por Mercedes?

- Mercedes - repetiu Monte-Cristo --, Mercedes... Sim, tem razão, ainda gosto de pronunciar esse nome e é a primeira vez há muito tempo que ele soa tão claramente ao sair-me dos lábios. Oh, Mercedes, pronunciei o seu nome com suspiros de melancolia, com gemidos de dor, com o estertor do desespero!
Pronunciei-o gelado pelo frio, encolhido na palha da minha cela. Pronunciei-o devorado pelo calor, robolando-me nas lajes da minha prisão. Mercedes, tenho de me vingar, porque sofri durante catorze anos e catorze anos chorei e amaldiçoei. Agora, repito-lhe, Mercedes, tenho de me vingar!

E o conde, receando ceder às súplicas daquela que tanto amara, chamava as suas recordações em auxílio do seu ódio.

- Vingue-se, Edmond, mas vingue-se nos culpados! - gritou a pobre mãe. - Vingue-se nele, vingue-se em mim, mas não se vingue no meu filho!

- Está escrito no Livro Sagrado - respondeu Monte-Cristo - que “os pecados dos pais recairão sobre os filhos até à terceira e quarta geração". Se Deus ditou estas palavras ao seu profeta, porque seria eu melhor do que Deus?

- Porque Deus possui o tempo e a eternidade, duas coisas que escapam

aos homens.

Monte-Cristo soltou um suspiro que parecia um rugido e puxou os cabelos com ambas as mãos.

- Edmond - continuou Mercedes, com os braços estendidos para o conde - Edmond, desde que o conheci que adorei o seu nome e respeitei a sua memória. Edmond, meu amigo, não me obrigue a embaciar essa imagem nobre e pura refletida constantemente no espelho do meu coração. Edmond, se soubesse todas as preces que tenho dirigido a Deus por si enquanto o esperei vivo e desde que o julguei morto... sim, morto, infelizmente! Julguei o seu cadáver sepultado no fundo de alguma torre sombria; julguei o seu corpo precipitado no fundo de algum desses abismos para onde os carcereiros deixam rolar os prisioneiros
mortos e chorei! Que podia fazer por si, Edmond, senão rezar e chorar? Ouça-me: durante dez anos tive todas as noites o mesmo sonho. Disseram que tinha fugido, que tomara o lugar de um prisioneiro, que se metera na mortalha de um morto e que tinham lançado o cadaver vivo do alto do Castelo de If. E que o grito que soltara ao esmagar-se nos rochedos fora a única coisa que revelara a substituição aos seus coveiros, transformados em carrascos. Pois bem, Edmond, juro-lhe pela cabeça do filho por quem imploro que durante dez anos vi todas as noites homens balançarem qualquer coisa informe e desconhecida no alto de um rochedo, durante dez anos ouvi todas as noites um grito terrível que me acordou tiritante e gelada. E também eu, Edmond, acredite-me, por mais criminosa que fosse... oh, sim, também eu sofri muito!

- Sentiu morrer o seu pai na sua ausência? - perguntou Monte-Cristo metendo as mãos nos cabelos. - Viu a mulher que amava estender a mão ao rival, enquanto arquejava no fundo do abismo?...

- Não! - interrompeu-o Mercedes. - Mas vi aquele que amava prestes a tornar-se o assassino do meu filho!

Mercedes proferiu estas palavras com uma dor tão pungente, num tom tão desesperado, que um soluço dilacerou a garganta do conde ao ouvi-la. O leão estava domado, o vingador estava vencido.

- Que deseja? - perguntou. - Que o seu filho viva? Pois bem, viverá!

Mercedes soltou um grito que fez brotar duas lágrimas dos olhos de Monte-Cristo, mas essas duas lágrimas desapareceram quase imediatamente, pois sem dúvida Deus enviou algum anjo para as recolher, visto serem muito mais preciosas aos olhos do Senhor do que as mais ricas pérolas de Guzarate e Ofir.

- Obrigada, obrigada, Edmond! - exclamou ela, pegando na mão do conde e levando-a aos lábios. - Agora, sim, és bem como sempre te sonhei, como sempre te amei! Oh, agora posso dizê-lo!

- Tanto melhor - perguntou Monte-Cristo --, pois o pobre Edmond não terá muito tempo para ser amado pela senhora. A morte vai regressar ao túmulo, o fantasma vai desaparecer na noite.

- Que diz, Edmond?

- Digo que, já que assim o ordena, Mercedes, tenho de morrer.

- Morrer?... E quem é que disse isso? Quem fala em morrer? De onde lhe vêm essas idéias de morte?

- Decerto não supõe que, ultrajado publicamente diante de toda uma sala, na presença dos seus amigos e dos amigos do seu filho, provocado por uma

criança que se vangloriará do meu perdão como de uma vitória... não supõe, decerto, repito, que eu tenha um instante o desejo de viver? O que mais amo depois
de si, Mercedes, é a minha própria pessoa, isto é, a minha dignidade, essa força que me tornava superior aos outros homens. Essa força era a minha vida. Com uma palavra, a senhora destruiu-a. Morro.

- Mas esse duelo não se realizará, Edmond, uma vez que perdoa...

- Se realizará, minha senhora - replicou solenemente Monte-Cristo. - Apenas, em vez de a terra beber o sangue do seu filho, será o meu que correrá.

Mercedes soltou um grande grito e correu para Monte-Cristo. Mas deteve-se de súbito.

- Edmond - disse --, há um Deus acima de nós, uma vez que o senhor vive, uma vez que o tornei a ver, e confio-me a Ele do mais íntimo do meu coração. Enquanto aguardo o Seu auxílio, confio na palavra que me deu. Disse que o meu filho viveria; viverá, não é verdade?

- Viverá, sim, minha senhora - respondeu Monte-Cristo, surpreendido que, sem outra exclamação, sem outra surpresa, Mercedes tivesse aceitado o sacrifício heróico que lhe fazia. Mercedes estendeu a mão ao conde.

- Edmond - disse, enquanto os olhos se lhe cobriam de lágrimas e fitava aquele a quem dirigia a palavra --, como é belo da sua parte, como é grande o que acaba de fazer, como é sublime ter tido piedade de uma pobre mulher que se lhe apresentava com todas as probabilidades contrárias às suas esperanças!
Infelizmente, os desgostos envelheceram-me mais do que a idade e nem sequer posso recordar ao meu Edmond, por um sorriso, por um olhar, a Mercedes que em outros tempos ele passou tantas horas a contemplar. Acredite, Edmond, que, como lhe disse, também sofri muito. Repito-lhe que é deveras lúgubre ver
passar a vida sem recordar uma única alegria, sem conservar uma única esperança. Mas isso prova que nem tudo acaba na Terra. Não! Nem tudo acaba, sinto-o pelo que me resta ainda no coração. oh, repito-lhe, Edmond, é belo, é grande, é sublime perdoar como acaba de perdoar.

- Diz isso, Mercedes, mas que diria se soubesse a extensão do sacrifício que lhe faço? Suponha que o Senhor Supremo, depois de ter criado o mundo, depois de ter fertilizado o caos, se tivesse detido num terço da criação para poupar a um anjo as lágrimas que os nossos crimes deveriam fazer correr um dia dos seus olhos imortais; suponha que depois de ter tudo preparado, tudo moldado e tudo fecundado, no momento de admirar a sua obra, Deus extinguisse o Sol e repelisse com o pé o mundo, mergulhando-o na noite eterna... então faria uma idéia, ou antes, não, não poderia fazer ainda uma idéia do que perco perdendo a vida neste momento.

Mercedes; fitou o conde com um ar em que transparecia ao mesmo tempo a sua surpresa, a sua admiração e o seu reconhecimento. Monte-Cristo apoiou a fronte nas mãos escaldantes, como se a sua fronte já não pudesse suportar sozinha o peso dos seus pensamentos.

- Edmond - disse Mercedes --, tenho apenas mais uma palavra a dizer-lhe.

O conde sorriu amargamente.

- Edmond - continuou ela --, terá oportunidade de ver que se a minha fronte está pálida, os meus olhos sem brilho e a minha beleza murcha; que se esta

Mercedes já só se parece com a outra pelos traços do rosto... ainda assim, verá, continua a ter o mesmo coração! Adeus, Edmond. Já não tenho nada a pedir ao céu... Tornei a vê-lo tão nobre e tão grande como antes. Adeus, Edmond... adeus e obrigada!

Mas o conde não respondeu. Mercedes abriu a porta do gabinete e desapareceu antes de ele
sair do seu alheamento doloroso e profundo, onde a sua vingança perdida o mergulhara.

Dava uma hora no relógio dos Inválidos quando a carruagem que transportava a Sra de Morcerf, rodando no pavimento dos Campos Elísios, fez levantar a cabeça ao conde de Monte-Cristo.

- Insensato! - exclamou para consigo. - No dia em que resolvera vingar-me deixei que me arrancassem o coração!

Capítulo XC

O duelo

Depois da partida de Mercedes, tudo voltou a cair na sombra em casa de Monte-Cristo. À volta dele e dentro dele, o seu pensamento deteve-se: o seu espirito enérgico adormeceu, como acontece com o corpo depois de uma grande fadiga.

- Pronto - dizia para consigo enquanto o candeeiro e as velas se consumiam tristemente e os criados esperavam com impaciência na antecâmara. - Pronto, aí está o edifício tão lentamente preparado e erguido com tantas dificuldades e preocupações deitado abaixo de um só golpe, com uma só palavra, com um só sopro! E esse eu que julgava valer alguma coisa, esse eu de que estava tão orgulhoso, esse eu que vira tão pequeno nas celas do Castelo de If e soubera tornar tão grande, será amanhã um pouco de pó! Não é a morte do corpo que lamento: essa distraição do princípio vital não é o repouso para que tudo tende, a que todo o desventurado aspira, essa calma da matéria pela qual ansiei tanto tempo e ao encontro da qual ia pelo caminho doloroso da fome quando Faria apareceu na minha cela? Que é a morte? Um degrau mais na calma e talvez dois no silêncio. Não, não é a existência que lamento, é a ruína dos meus projetos tão lentamente elaborados e tão laboriosamente edificados. A Providência, que julgara ser por eles, era portanto contra eles. Deus não queria que se realizassem!

"O fardo que carreguei, quase tão pesado como um mundo e que julgara poder transportar até ao fim, estava de acordo com o um desejo e não com a minha força; estava de acordo com a minha vontade e não com o meu poder, e tive de o pousar a meio da corrida. Oh, voltei a ser fatalista, eu, a quem catorze anos de desespero e dez de esperança tinham tornado providencial!

"E tudo isso, meu Deus, porque o meu coração, que julgava morto, só estava adormecido; porque ele acordou, porque ele bateu, porque cedi à dor desse pulsar arrancado do fundo do meu peito pela voz de uma mulher.

"E no entanto - continuou o conde, abismando-se cada vez mais nas

previsões do amanhã terrível que Mercedes aceitara -, e no entanto é impossível que aquela mulher, que é um coração tão nobre, tenha consentido assim por egoísmo, em me deixar matar, eu, cheio de energia e de vida! É impossível que leve a
tal ponto o amor ou, antes, o delírio maternal! Há virtudes cujo exagero seria um crime. Não, ter imaginado alguma cena patética e ir lançar-se entre as espadas, o que será ridículo no terreno, embora fosse sublime aqui.

E o rubor do orgulho subia à fronte do conde.

- Ridículo - repetiu --, e o ridículo recairá sobre mim... Eu, ridículo! Vamos, prefiro morrer!

E à força de exagerar assim antecipadamente as desventuras do dia seguinte às quais se condenara prometendo a Mercedes deixar-lhe viver o filho, o conde acabou por dizer:

- Tolice, tolice, tolice! Que raio de generosidade, colocar-me como um alvo inerte na mira da pistola desse rapaz! Ele nunca acreditará que a minha morte é um suicídio, e no entanto isso interessa à honra da minha memória... (Não se trata de vaidade, pois não, meu Deus? Trata-se, sim, de um justo orgulho e mais nada.) Interessa à honra da minha memória que o mundo saiba que eu próprio consenti, por minha vontade,
de meu livre arbítrio, em deter o meu braço já erguido para ferir, e que com esse braço, tão poderosamente armado contra os outros, me feri a mim mesmo. Isso é necessário e o farei.

E pegando numa pena tirou um papel da estante secreta da sua escrivaninha e escreveu no fundo desse papel, que não era outra coisa senão o seu testamento, feito depois da sua chegada a Paris, uma espécie de codicilo em que explicava a sua morte às pessoas menos perspicazes.

- Faço isto, meu Deus - disse com os olhos erguidos ao céu -, tanto para vossa honra como para minha. Há dez anos que me considero, ô meu Deus, o enviado da vossa vingança, e não quero que outros miseráveis como o Morcerf, não quero que um Danglars, um Villefort, e enfim que o próprio Morcerf imaginem que o acaso os desembaraçou do seu inimigo. Quero que saibam, pelo contrário, que a Providência, que já decretara a sua punição, foi corrigida unicamente pelo poder da minha vontade; que o castigo evitado neste mundo os espera no outro e que só trocaram o tempo pela eternidade.

Enquanto se debatia entre estas sombrias incertezas, sonhos maus do homem despertado pela dor, o dia veio clarear os vidros e iluminar sob as suas mãos o desbotado papel azul em que acabava de escrever a suprema justificação da Providência.

Eram cinco horas da manhã.

De súbito, um ligeiro ruído chegou-lhe aos ouvidos. Monte-Cristo julgou ter ouvido qualquer coisa como um suspiro abafado. Virou a cabeça, olhou à sua volta e não viu ninguém. Apenas o ruído se repetiu com suficiente nitidez para que à dúvida sucedesse a certeza.

Então o conde levantou-se, abriu suavemente a porta da sala e viu numa poltrona, com os braços pendentes e o belo rosto pálido inclinado para trás, a jovem Haydée, que se colocara atravessada na porta para que ele não pudesse sair sem a ver, mas a quem o sono, tão poderoso contra a juventude,

surpreendera depois da fadiga de tão longa vigília.

O ruído que a porta fez ao abrir-se não despertou Haydée. Monte-Cristo olhou-a com um olhar cheio de ternura e remorso.

- Ela lembrou-se que tinha um filho - disse - e eu esqueci-me que tinha uma filha!

Depois, abanando tristemente a cabeça:

- Pobre Haydée! Quis-me ver, quis-me falar, teve medo ou adivinhou qualquer coisa... Oh, não posso partir sem lhe dizer adeus, não posso morrer sem a confiar a alguém!

E voltou devagarinho para o seu lugar e escreveu por baixo das primeiras linhas:

Lego a Maximilien Morrel capitão de sipaios e filho do meu antigo patrão Pierre Morrel armador em Marselha a quantia de vinte milhões parte da qual deverá oferecera sua irmã Julie e a seu cunhado Emmanuel se não achar este acréscimo de fortuna prejudicial à sua felicidade. Estes vinte milhões estão escondidos numa gruta de Monte-Cristo de que Bertuccio conhece o segredo.

Se o seu coração estiver livre e ele quiser casar com Haydée filha de Ali pax de Janina que criei com o amor de um pai e que tem por mim a ternura de uma filha, cumprirá não direi a minha última vontade mas o meu último desejo.

O presente testamento institui já Haydée herdeira do remanescente da minha fortuna que consiste em terras arrendadas na Inglaterra na Àustria e na Holanda e em mobiliário nas minhas diversas casas e palácios e que estes vinte milhões, bem como os diversos legados feitos aos meus servidores, poderão elevar ainda a sessenta milhões.

Acabava de escrever estas últimas linhas quando um grito soltado atrás dele lhe fez cair a pena da mão.

- Haydée! - exclamou. - Leu?...

Com efeito, a jovem acordada pela luz do dia que lhe ferira as pálpebras, levantara-se e aproximara-se do conde sem que os seus passos leves, abafados pelo tapete, fossem ouvidos.

- Oh, meu senhor, porque escreve assim a estas horas? - perguntou, juntando as mãos. - Porque me lega toda a sua fortuna, meu senhor? Vai-me deixar?

- Vou fazer uma viagem, querido anjo - respondeu Monte-Cristo com uma expressão de melancolia e ternura infinitas --, e se me acontecer alguma coisa...

O conde deteve-se.

- E então?... - perguntou a jovem num tom autoritário que o conde lhe não conhecia e que o fez estremecer.

- E então... se me acontecer alguma coisa -- repetiu o conde --, quero que a minha filha seja feliz.

Haydée sorriu tristemente e abanou a cabeça.

- Pensa em morrer, meu senhor? - inquiriu.

- É um pensamento salutar, minha filha, ditado pela prudência.

- Pois bem, se morrer, legue a sua fortuna a outros, porque se morrer... não precisarei de mais nada.

E pegando no papel, rasgou-o em quatro partes, que atirou para o meio da sala. Depois, como se esta energia tão pouco habitual numa escrava lhe tivesse

esgotado as forças, caiu, não já adormecida desta vez, mas sim desmaiada no parque.

Monte-Cristo inclinou-se para ela e levantou-a nos braços; e ao ver aquele belo rosto pálido, aqueles belos olhos fechados e aquele belo corpo inanimado e como que abandonado, ocorreu-lhe pela primeira vez a idéia de que ela talvez o amasse de forma diferente daquela como uma filha ama o pai.

- Infelizmente - murmurou com profundo desanimo --, tudo me é negado... E ainda poderia ser feliz!

Depois, levou Haydée para os seus aposentos e entregou-a, sempre desmaiada, aos cuidados das suas criadas. E regressando ao seu gabinete, que desta vez fechou cuidadosamente, recopiou o testamento destruído.

Quando acabava, ouviu-se o ruído de um cabriole que entrava no pátio. Monte-Cristo aproximou-se da janela e viu descer Maximilien e Emmanuel.

- Bom - disse para consigo --, era tempo!

E lacrou o testamento em três sítios.

Um instante depois ouviu ruído de passos na sala e foi ele próprio abrir a porta. Morrel apareceu no limiar. Chegara mais cedo cerca de vinte minutos.

- Talvez tenha vindo demasiado cedo, Sr. Conde, mas confesso-lhe francamente que não consegui dormir um minuto e que o mesmo aconteceu a todos em casa. Necessitava de o ver firme na sua corajosa decisão para eu próprio ganhar coragem.

Monte-Cristo não pôde ficar indiferente a esta prova de afeição, e não foi a mão que estendeu ao jovem, mas sim os dois braços que lhe abriu.

- Morrel - disse-lhe com voz emocionada --, é um belo dia para mim este em que me sinto estimado por um homem como o senhor. Bom dia, Sr. Emmanuel. Acompanham-me, portanto?...

- Meu Deus, duvidou disso?! - protestou o jovem capitão.

- Mas se eu não tivesse razão...

- Escute: observei-o ontem durante a cena da provocação, pensei na sua firmeza toda esta noite e disse para comigo que a justiça devia estar do seu lado ou então já não havia que fiar na expressão dos homens.

- Contudo, Morrel, Albert é seu amigo...

- Um simples conhecimento, conde.

- Não o viu pela primeira vez no mesmo dia em que me viu a mim?

- Vi, sim, é verdade. Mas que quer, e necessário que me lembre para que eu o recorde.

- Obrigado, Morrel.

Em seguida tocou uma vez a campainha e disse a Ali, que apareceu imediatamente:

- Toma, manda entregar isto ao meu tabelião. É o meu testamento, Morrel. Se eu morrer, tomará conhecimento dele.

- Como? Se eu morrer?... - estranhou Morrel.

- Devemos prever tudo, caro amigo. Mas que fez ontem depois de me deixar?

- Fui ao Tortoni, onde, como esperava, encontrei Beauchamp e Château-Renaud. Confesso-lhe que os procurava.

- Para quê, se estava tudo combinado?

- Escute, conde, o caso é grave, inevitável...

- Duvida disso?

- Não. A ofensa foi pública e já todos falavam dela.

- E depois?...

- Depois... esperava conseguir a troca das armas, substituir a pistola pela espada. A pistola é cega...

- E conseguiu-o? - perguntou vivamente Monte-Cristo, com um imperceptível clarão de esperança.

- Não, porque conhecem a sua força à espada.

- Oh! Quem me atraiçoou?

- Os mestres-de-armas que venceu.

- Portanto, falhou?

- Recusaram terminantemente.

- Morrel, já alguma vez me viu atirar à pistola?

- Nunca.

- Bom, ainda temos tempo. Veja...

Monte-Cristo pegou nas pistolas que empunhava quando Mercedes entrara, colou um ás de paus na placa metálica, e em quatro tiros acertou sucessivamente nas quatro extremidades da figura. A cada tiro, Morrel empalidecia. Examinou as balas com que Monte-Cristo executava semelhante proeza e verificou que não eram maiores do que chumbo grosso.

- E de arrepiar! - exclamou. - Veja, Emmanuel.

Depois, virando-se para Monte-Cristo:

- Conde, em nome do céu não mate Albert! O pobre rapaz tem uma mãe!

- É justo, e eu não a tenho - perguntou Monte-Cristo.

Estas palavras foram proferidas num tom que fez estremecer Morrel.

- O senhor é o ofendido, conde.

- Sem dúvida. Que significa isso?

- Significa que será o primeiro a atirar.

- Sou o primeiro a atirar?

- Oh, pelo menos obtive isso, ou antes, exigi-o! Fizemos-lhe bastantes concessões para que não nos fizessem essa.

- E a quantos passos?

- A vinte.

Um sorriso assustador passou pelos lábios do conde.

- Morrel, não se esqueça do que acaba de ver.

- Por isso - confessou o rapaz - conto apenas com a sua emoção para salvar Albert.

- Eu, emocionado? - perguntou Monte-Cristo.

- Ou com a sua generosidade, meu amigo. Certo da sua pontaria como está, posso dizer-lhe uma coisa que seria ridícula se a dissesse a outro.

- O quê?

- Parta-lhe um braço, fira-o, mas não o mate.

- Morrel, escute também isto: não necessito de ser encorajado a poupar o Sr. de Morcerf. O Sr. de Morcerf, anuncio-lho antecipadamente, será tão bem poupado que regressará tranquilamente com os seus dois amigos, ao passo que eu...

- Ao passo que o senhor?...

- Oh, comigo acontecerá o contrário! Terão de me trazer...

- Porquê, diga! - gritou Morrel, fora de si.

- É como lhe digo, meu caro Morrel: - o Sr. de Morcerf me matará.

Morrel olhou o conde como quem já não percebe nada.

- Que lhe aconteceu desde ontem à noite, conde?

- O que aconteceu a Bruto na véspera da batalha de Filipos: vi um fantasma.

- E esse fantasma?...

- Esse fantasma, Morrel, disse-me que já vivera o suficiente. Maximilien e Emmanuel entreolharam-se. Monte-Cristo puxou do relógio. - Vamos. São sete e cinco e o encontro está marcada para as oito horas exatas. Esperava-os uma carruagem atrelada. Monte-Cristo subiu para ela com as suas duas testemunhas.

Ao atravessarem o corredor, Monte-Cristo detivera-se a escutar diante de uma porta, e Maximilien e Emmanuel, que por discrição, tinham dado alguns passos em frente, julgaram ouvir responder a um soluço com um suspiro. Ao bater das oito chegaram ao local do duelo.

- Aqui estamos - disse Morrel, deitando a cabeça fora da portinhola --, e somos os primeiros.

- Desculpe, senhor - interveio Baptistin, que acompanhara o amo com um terror indizível --, mas creio ver lá adiante uma carruagem debaixo das árvores.

- De fato - disse Emmanuel --, vejo dois rapazes que passeiam e parecem esperar.

Monte-Cristo saltou agilmente da caleça e deu a mão a Emmanuel e Maximilien para os ajudar a descer. Maximilien reteve a mão do conde nas suas.

- Aqui está uma mão como gosto de ver num homem cuja vida assenta na bondade da sua causa...

Monte-Cristo puxou Morrel, não à parte, mas um passo ou dois atrás do cunhado.

- Maximilien, tem o coração livre? - perguntou-lhe.

Morrel olhou Monte-Cristo com surpresa.

- Não lhe peço uma confidência, caro amigo, faço-lhe uma simples pergunta. Responda sim ou não, é tudo o que desejo.

- Amo uma jovem, conde.

- E ama-a muito?

- Mais do que a vida.

- Bom, mais uma esperança que me foge... - declarou Monte-Cristo.

Depois, com um suspiro:

- Pobre Haydée! - murmurou.

- Na verdade, conde, se o conhecesse pior, o julgária menos corajoso do que é! - observou Morrel.

- Porque penso em alguém que vou deixar e suspiro? Então, Morrel, acha próprio de um soldado conhecer tão mal a coragem? Julga que tenho medo de perder a vida? Que importância tem isso para mim, que passei vinte anos entre a vida e a morte? Aliás, esteja tranquilo, Morrel: esta fraqueza, se porventura o é, é apenas manifestada diante de si. Sei que o mundo é um salão onde é preciso sair delicada e respeitavelmente, isto é, depois de nos despedirmos e pagarmos as

nossas dívidas de jogo.

- Sempre tem cada uma! -- comentou Morrel. - A propósito, trouxe as suas armas?

- Eu? Para quê? Espero que esses senhores tenham trazido as deles.

- Vou me informar - disse Morrel.

- Está bem, mas nada de negociações, ouviu?

- Oh, esteja tranquilo!

Morrel dirigiu-se para Beauchamp e Château-Renaud. Estes, ao verem aproximar-se Maximilien, deram alguns passos ao seu encontro. Os três jovens cumprimentaram-se, se não com afabilidade, pelo
menos com cortesia.

- Perdão, meus senhores, mas não vejo o Sr. de Morcerf - observou Morrel.

- Mandou-nos avisar esta manhã de que se nos juntaria apenas aqui - respondeu Château-Renaud.

- Ah!-exclamou Morrel.

Beauchamp puxou do relógio.

- Oito e cinco; o atraso não é grande, Sr. Morrel - disse.

- Oh, não foi com essa intenção que falei! - respondeu Maxmilien.

- De resto - interveio Château-Renaud --, vem aí uma carruagem.

Com efeito, uma carruagem avançava a galope por uma das avenidas que desembocavam no cruzamento onde se encontravam.

- Suponho, meus senhores - disse Morrel --, que vieram munidos de pistolas. O Sr. Conde de Monte-Cristo declara renunciar ao direito de se servir das suas.

- Previmos essa delicadeza da parte do conde, Sr. Morrel - respondeu Beauchamp --, e trouxe armas que comprei há oito ou dez dias julgando que me seriam necessárias num caso idêntico. Estão absolutamente novas e ninguém se serviu ainda delas. Quer vê-las?

- Sr. Beauchamp - perguntou Morrel, inclinando-se --, uma vez que me garante que o Sr. de Morcerf não conhece essas armas, não acha que a sua palavra me basta?

- Meus senhores - disse Château-Renaud --, não é Morcerf que vem naquela carruagem, são, se não me engano,... Franz e Debray.

Com efeito, os dois jovens anunciados aproximavam-se.

- Por aqui, meus senhores? - estranhou Château-Renaud, trocando com cada um o seu aperto de mão. - Por que acaso...

- Estamos aqui - atalhou Debray - porque Albert nos mandou pedir esta manhã que viéssemos.

Beauchamp e Château-Renaud entreolharam-se atônitos.

- Meus senhores, creio compreender - interveio Morrel.

- Sim?...

- Ontem à tarde recebi uma carta do Sr. de Morcerf pedindo-me que fosse à Ópera.

- E eu também - disse Debray.

- E eu - secundou-o Franz.

- E nós também - disseram Château-Renaud e Beauchamp.

- Queria que estivessem presentes quando da provocação - disse Morrel - e

quer que assistam ao duelo.

- Sim, deve ser isso, Sr. Maximilien - admitiram os jovens. - É muito provável que tenha acertado.

- Mas o caso é que Albert não aparece - murmurou Château-Renaud. - já está atrasado dez minutos.

- Ele aí está! - anunciou Beauchamp. - E a cavalo... Vejam, vem a galope seguido do criado.

- Que imprudência vir a cavalo para se bater à pistola! - exclamou Chateau-Renaud - E eu que lhe ensinei tão bem a lição!...

- Além disso, veja - acrescentou Beauchamp - colarinho e gravata, sobrecasaca aberta, colete branco... Porque não desenhou também um alvo no estômago? Seria mais simples e acabaria tudo mais depressa!

Entretanto, Albert chegara a dez passos do grupo formado pelos cinco jovens. Deteve o cavalo, desmontou e atirou a rédea para o braço do criado. Aproximou-se.

Estava pálido e tinha os olhos vermelhos e inchados. Via-se que não dormira um segundo toda a noite.

Cobria-lhe a fisionomia um matiz de gravidade triste, que lhe não era habitual.

- Obrigado, meus senhores, por se terem dignado aceitar o meu convite - disse. - Creiam que lhos não posso estar mais reconhecido por essa prova de amizade.

Quando Morcerf se aproximara, Morrel dera uma dezena de passos atrás e encontrava-se afastado.

- Os meus agradecimentos são também extensivos a si, Sr. Morrel - declarou Albert. - Aproxime-se, pois, que não está a mais.

- Senhor - respondeu Maximilien --, talvez ignore que sou testemunha do Sr. de Monte-Cristo...

- Não tinha a certeza, mas já calculava. Tanto melhor, quantos mais homens de honra houver aqui mais satisfeito me sentirei.

- Sr. Morrel - disse Château-Renaud --, pode anunciar ao Sr. Conde de Monte-Cristo que o Sr. de Morcerf já chegou e que estamos à sua disposição.

Morrel fez um gesto para ir desempenhar da sua missão. Ao mesmo tempo, Beauchamp tirava a caixa das pistolas da carruagem.

- Esperem, meus senhores - atalhou Albert. - Tenho duas palavras a dizer ao Sr Conde de Monte-Cristo.

- Em particular? - perguntou Morrel.

- Não, senhor, diante de todos.

As testemunhas de Albert entreolharam-se deveras surpreendidas. Franz e Debray trocaram algumas palavras em baixa e Morrel, satisfeito com aquele incidente inesperado, foi ter com o conde, que passeava numa alameda lateral com Emmanuel.

- Que me quer ele? - perguntou Monte-Cristo.

- Ignoro, mas pede para falar consigo.

- Oh, que não tente Deus com qualquer novo ultraje! - exclamou Monte-Cristo.

- Não creio que seja essa a sua intenção - tranquilizou-o Morrel.

O conde aproximou-se acompanhado de Maximilien e Emmanuel. O seu

rosto calmo e cheio de serenidade contrastava estranhamente com o rosto transtornado de Albert, que também se aproximava seguido dos quatro jovens. A três passos um do outro, Albert e o conde pararam.

- Meus senhores, aproximem-se - disse Albert. - Desejo que nem uma palavra do que vou ter a honra de dizer ao Sr. Conde de Monte-Cristo se perca. Porque o que vou ter a honra de lhe dizer deverá ser repetido pelos senhores a quem entenderem, por mais estranho que o meu discurso lhes pareça.

- Estou à espera, senhor - atalhou o conde.

- Senhor - disse Albert, primeiro numa voz trêmula, mas depois cada vez mais firme. - Senhor, censurava-o por ter divulgado a conduta do Sr. de Morcerf no Epiro; porque por mais culpado que fosse o Sr. Conde de Morcerf; não me parecia que o senhor tivesse o direito de o punir. Mas hoje, senhor, sei que esse direito lhe pertence. Não é de forma alguma a traição de Fernand Mondego para com Ali-Pax que me leva a desculpá-lo tão prontamente, Sr. de Monte-Cristo, é a traição do pescador Fernand para consigo, são as desventuras inauditas que se seguiram a essa traição. Por isso lhe digo, por isso o proclamo em voz alta: sim, senhor, tinha razão em vingar-se do meu pai, e eu, seu filho, agradeço-lhe não ter feito pior!

Se tivesse caído um raio no meio dos espetadores desta cena inesperada não os teria surpreendido mais do que a declaração de Albert.

Quanto a Monte-Cristo, os seus olhos tinham-se lentamente erguido para o céu com uma expressão de infinito reconhecimento, e não conseguia manifestar suficientemente a sua admiração pela forma como a natureza fogosa de Albert, cuja coragem conhecera no meio dos bandidos romanos, se submetera tão de. pressa àquela humilhação. Reconheceu nisso a influência de Mercedes e compreendeu por que motivo aquele nobre coração se não opusera ao sacrifício que sabia antecipadamente não se realizar.

- Agora, senhor - disse Albert --, se considera suficientes as desculpas que acabo de lhe apresentar, dê-me a sua mão, por favor. Depois do mérito tão raro da infalibilidade, que parece ser o seu, o primeiro de todos os méritos, na minha opnião, é saber reconhecer a nossa sem-razão. Mas este reconhecimento só a mim diz respeito. Eu procedia bem segundo os homens, mas o senhor procedia bem segundo Deus. Só um anjo podia salvar um de nós da morte, e esse anjo desceu do céu, se não para nos tornar amigos, pois a fatalidade não o permite, pelo menos para nos tornar dois homens que se estimam.

Com os olhos úmidos, o peito arquejante e a boca entreaberta, Monte-Cristo estendeu a Albert uma mão, que este agarrou e apertou com um sentimento que se assemelhava a misterioso terror.

- Meus senhores - prosseguiu Albert --, o Sr. de Monte-Cristo digna-se aceitar as minhas desculpas. Procedi precipitadamente para com ele e a precipitação é má conselheira: procedi mal. Agora, a minha falta está reparada. Espero que a sociedade me não considere covarde por ter feito o que a minha consciência me mandou fazer. Mas, em todo o caso, se alguém se enganasse a meu respeito - acrescentou o jovem, erguendo orgulhosamente a cabeça e como se dirigisse um desafio aos seus amigos e aos seus inimigos - procuraria corrigir as opiniões.

- Que se passou esta noite? - perguntou Beauchamp a Château-Renaud. -

Parece-me que estamos a fazer aqui uma triste figura.

- Com efeito, o que Albert acaba de fazer ou é muito miserável ou é muito belo - respondeu o barão.

- Mas que quer dizer isto? - perguntou Debray a Franz. - Como, o conde de Monte-Cristo desonra o Sr. de Morcerf e teve razão aos olhos do filho deste?! Pois se tivessem havido dez Janinas na minha família, só me consideraria obrigado a uma coisa: bater-me dez vezes.

Quanto a Monte-Cristo, com a cabeça inclinada e os braços pendentes, esmagado pelo peso de vinte e quatro anos de recordações, não pensava nem em Albert, nem em Beauchamp, nem em Château-Renaud, nem em nenhuma das pessoas que se encontravam ali. Pensava na corajosa mulher que lhe viera pedir a vida do filho, a quem oferecera a sua e que acabava de lhe salvar por meio da confissão de um terrível segredo de
família, capaz de matar para sempre em Albert o sentimento da piedade filial.

- Sempre a Providência! - murmurou. - Ah, só hoje tenho realmente a certeza de ser um enviado de Deus!

Capítulo XCI

A mãe e o filho

O conde de Monte-Cristo cumprimentou os cinco jovens com um sorriso cheio de melancolia e dignidade e voltou a subir para a sua carruagem com Maximilien e Emmanuel. Albert, Beauchamp e Château-Renaud ficaram sozinhos no campo de batalha.

O jovem dirigiu às suas duas testemunhas um olhar que, sem ser tímido, parecia no entanto pedir-lhes a sua opinião acerca do que acabava de se passar.

- Palavra, meu caro amigo, permita-me que o felicite! - foi Beauchamp o primeiro a dizer, quer por ter mais sensibilidade, quer por possuir menos capacidade de dissimulação. - Aí está um desenlace deveras inesperado num caso tão desagradável.

Albert ficou calado e absorto nos seus pensamentos. Château-Renaud limitou-se a bater na bota com a bengala flexível.

- Não vamos embora? - perguntou, depois de um silêncio embaraçoso.

- Quando quiser - respondeu Beauchamp. - Conceda-me apenas o tempo de cumprimentar o Sr. de Morcerf. Deu hoje provas de uma generosidade tão cavalheiresca... tão rara!

- Oh, com certeza!-concordou Château-Renaud.

- É magnífico um homem poder conservar sobre si mesmo um domínio tão grande! - continuou Beauchamp.

- Sem dúvida. Quanto a mim, teria sido incapaz - declarou Château-Renaud com uma frieza das mais significativas.

- Meus senhores - interrompeu-os Albert --, creio que não compreenderam que entre o Sr. de Monte-Cristo e mim se passou algo muito grave...

- Pois sim, pois sim - perguntou imediatamente Beauchamp -, mas nenhum dos nossos seria capaz de compreender o heroísmo, e cedo ou tarde talvez se

visse obrigado a explicar-lhe mais energicamente do que convém à saúde do seu corpo e à duração da sua vida. Quer que lhe dê um conselho de amigo? Parta para Nápoles, para Haia ou para Sampetersburgo, países calmos, onde as pessoas são mais inteligentes sobre pontos de honra do que os nossos desmiolados parisienses. Uma vez lá, treine-se bem à pistola e faça muitas quartas e terças à espada. Entretanto, torne-se suficientemente esquecido para poder voltar a França com toda a tranquilidade passados alguns anos, ou suficientemente temível nos exercícios acadêmicos para conquistar essa tranquilidade. Não acha, Sr. de Château-Renaud, que tenho razão?

- É exatamente a minha opinião- respondeu o gentil-homem. - Nada atrai mais os duelos sérios do que um duelo sem resultado.

- Obrigado, meus senhores - respondeu Albert, com um sorriso frio. - Seguirei o seu conselho, não porque me deram, mas sim porque já tencionava deixar a França. Agradeço-lhes igualmente o favor que me prestaram servindo-me de testemunha. Tenho-o profundamente gravado no coração, de tal modo que, depois das palavras que acabo de ouvir, só me lembro dele.

Château-Renaud e Beauchamp entreolharam-se. Ambos tinham a mesma impressão, e o tom em que Morcerf proferira o seu agradecimento estava impregnado de tal resolução que a situação se tornaria muito embaraçosa para todos se a conversa continuasse.

- Adeus, Albert - despediu-se de súbito Beauchamp, estendendo negligentemente a mão ao jovem, sem que este parecesse sair da sua letargia. Com efeito, não disse nada nem apertou a mão que lhe
ofereciam.

- Adeus - disse por seu turno Château-Renaud, conservando na mão esquerda a sua bengalinha e cumprimentando com a direita. Os lábios de Albert murmuraram apenas: “Adeus!" Mas o seu olhar era mais explícito: encerrava todo um poema de cóleras contidas, de orgulhosos desdéns e de generosas indignações.

Depois das duas testemunhas subirem para a carruagem, ainda conservou durante algum tempo a sua atitude imóvel e melancólica. Por fim, soltou o cavalo da arvorezinha à volta da qual o criado atara as rédeas, saltou agilmente para a sela e retomou a galope o caminho de Paris. Um quarto de hora mais tarde entrava no palácio da Rua do Helder.

Ao descer do cavalo, pareceu-lhe ver, atrás da cortina do quarto do conde, o rosto pálido do pai. Albert virou a cabeça, com um suspiro, e entrou no seu pavilhão. Uma vez lá dentro, deitou um último olhar a todas aquelas riquezas que lhe tinham tornado a vida agradável e feliz desde a infância; olhou mais uma vez aqueles quadros, cuias figuras pareciam sorrir-lhe e cujas paisagens diriam animadas de cores brilhantes.

Depois, tirou da sua armação de carvalho o retrato da mãe, que enrolou, deixando vazia a moldura dourada que o rodeava. Em seguida, pôs em ordem as suas belas armas turcas, as suas excelentes espingardas inglesas, as suas porcelanas japonesas, as suas taças engastadas, os seus bronzes artísticos,
assinados por Feuchéres ou Barye, passou em revista os armários e colocou as chaves em cada um deles, atirou para dentro de uma gaveta da sua mesa, que deixou aberta, todo o dinheiro miúdo que tinha consigo, juntou-lhe as muitas jóias

de fantasia que enchiam as suas taças, os seus estojos e as suas estantes, fez um inventário exato e minucioso de tudo e colocou-o no lugar mais visível de uma mesa, depois de a libertar dos livros e papéis que a cobriam.

No início deste trabalho o criado, apesar da ordem que Albert lhe dera para o deixar só, entrara no quarto.

- Que quer? - perguntou-lhe Albert, em tom mais triste do que irritado.

- Perdão, senhor - disse o criado de quarto. - De fato o senhor proibiu-me de o incomodar, mas o Sr. Conde de Morcerf mandou chamar...

- E então? - perguntou Albert.

- Não quis ir aos aposentos do Sr. Conde sem ordem do senhor...

- Porquê?

- Porque o Sr. Conde sabe decerto que acompanhei o senhor ao local do duelo.

- É provável - admitiu Albert.

- E se me manda chamar é com certeza para me interrogar acerca do que se passou no bosque. Que devo responder?

- A verdade.

- Então direi que o duelo não se realizou?

- Dirá que apresentei desculpas ao Sr. Conde de Monte-Cristo. Vai.

O criado inclinou-se e saiu. Albert dedicara-se então ao inventário.

Quando concluía este trabalho, chamou-lhe a atenção o ruído de cavalos no pátio e de rodas de uma carruagem que faziam estremecer os vidros. Aproximou-se da janela e viu o pai meter-se na sua caleça e partir.

Mal o portão do palácio voltou a se fechar atrás do conde, Albert dirigiu-se para os aposentos da mãe e, como não houvesse ninguém para anunciá-lo, penetrou até ao quarto de cama de Mercedes, à porta do qual parou com o coração amargurado pelo que via e pelo que adivinhava.

Como se a mesma alma animasse aqueles dois corpos, Mercedes fazia nos seus aposentos o que Albert acabara de fazer nos seus. Estava tudo em ordem as rendas, os adereços, as jóias, as roupas e o dinheiro alinhavam-se nas gavetas. Nas quais a condessa punha cuidadosamente as chaves.

Albert viu todos aqueles preparativos; compreendeu-os e gritando “Minha mãe!" correu a lançar os braços ao pescoço de Mercedes.

O pintor que conseguisse captar a expressão daqueles dois rostos faria sem dúvida um belo quadro.

Com efeito, todo aquele ambiente de uma resolução enérgica que não atemorizara Albert pelo que lhe dizia respeito, assustava-o pela mãe.

- Que está fazendo? - perguntou.

- E você? - respondeu ela.

- Oh, minha mãe, não pode seguir o meu exemplo! - gritou Albert, comovido a ponto de quase não poder falar. - Não, a senhora não pode ter resolvido o que resolvi, pois venho comunicar-lhe que digo adeus à sua casa e... e a Si.

- Também eu, Albert - respondeu Mercedes. - Também eu parto. Contara, confesso, que o meu filho me acompanhasse... Enganei-me?

- Minha mãe - declarou Albert com firmeza -, não posso fazê-la compartilhar o futuro que me destino. Daqui em diante terei de viver sem nome e sem fortuna; terei, para começar a aprendizagem dessa dura existência, de pedir a um amigo o

pão que comerei daqui até ao momento em que ganharei outro. Assim,
minha boa mãe, vou daqui a casa de Franz lhe pedir que me empreste a pequena importância que calculei ser necessária.

- Você, meu pobre filho! - exclamou Mercedes. - Você conhecer a miséria, passar fome?! Oh. não diga isso ou quebra todas as minhas resoluções!

- Mas não as minhas, minha mãe - respondeu Albert. - Sou novo, sou forte e creio que sou corajoso, e desde ontem aprendi o que pode a vontade. Felizmente, minha mãe, ainda há pessoas que depois de tanto sofrerem não só não morreram como ainda ergueram nova fortuna sobre as ruínas de todas as promessas de
felicidade que o céu lhes fizera, sobre os restos de todas as esperanças que Deus lhes dera! Aprendi isso, minha mãe, vi tais homens. E sei que do fundo do abismo onde os lançaram os seus inimigos se ergueram com tanto vigor e glória que dominaram o seu antigo vencedor e o derrubaram por seu turno. Não, minha mãe, não; rompi a partir de hoje com o passado e não aceito mais nada dele, nem mesmo o meu nome, porque
(compreende, minha mãe, não é verdade?) o seu filho não pode usar o nome de um homem que deve corar diante dos outros homens!

- Albert, meu filho - disse Mercedes -, se tivesse um coração mais forte seria esse o conselho que te daria. A tua consciência falou quando a minha voz se calava; escuta a tua consciência mas não desesperes, em nome da tua mãe! A vida ainda é bela na tua idade, meu caro Albert, pois tens apenas vinte e dois anos. E como a um coração tão puro como o teu é necessário um nome sem mácula, toma o do meu pai, que se
chamava Herrera. Conheço-te, meu Albert; seja qual for a carreira que siga, se tornará dentro de pouco tempo esse nome ilustre. Então, meu amigo, reaparecerá na sociedade ainda mais brilhante do que antes das tuas passadas desventuras; e se assim não acontecer, apesar de todas as minhas previsões, deixa-me ao menos esta esperança, a mim que só terei um único pensamento, a mim que já não tenho futuro e para quem a
sepultura começa no limiar desta casa.

- Farei o que deseja, minha mãe - prometeu o jovem. - Sim, partilho a sua esperança: a cólera do céu não nos perseguir é a si tão pura e a mim tão inocente. Mas uma vez que estamos resolvidos, mãos à obra. O Sr. de Morcerf saiu do palácio há cerca de meia hora. Como vê, a ocasião é favorável para evitar rumores e explicações.

- Fico à sua espera, meu filho - declarou Mercedes.

Albert correu imediatamente ao bulevar, de onde trouxe o fiacre que deveria levá-los para fora do palácio. Recordava-se de certa casinha mobilada, na Rua dos Sains-Pêres, onde a mãe encontraria alojamento modesto, mas decente. Foi buscar a condessa.

No momento em que o fiacre parou diante da porta e Albert se preparava para descer aproximou-se dele um homem, que lhe entregou uma carta. Albert reconheceu o intendente.

- Do conde - disse Bertuccio.

Albert pegou a carta, abriu-a e a leu. Depois de ler procurou com os olhos Bertuccio, mas enquanto

o jovem lia a carta, Bertuccio desaparecera.

Então Albert, com as lágrimas nos olhos e o peito cheio de emoção, reentrou nos aposentos de Mercedes e, sem pronunciar uma palavra, estendeu-lhe a carta.

Mercedes leu:

Albert:

Mostrando-lhe que adivinhei o projeto que se prepara para pôr em prática, creio mostrar-lhe também que compreendo a sua dificuldade. Está livre, deixa o palácio do conde e leva consigo a sua mãe, livre como o senhor. Mas, pense nisto, Albert: o senhor deve-lhe mais do que lhe pode pagar, pobre nobre coração que é. Guarde para si a luta, reclame para si o sofrimento, mas poupe-a da miséria inicial que acompanhar
inevitavelmente os seus primeiros esforços. Porque ela não merece sequer a sombra da desgraça que hoje a atinge e a Providência não quer que o inocente pague pelo culpado.

Sei que ambos deixarão a casa da Rua do Helder sem levar nada Como o soube, não procure descobrir. Sei-o e é quanto basta.

Ouça, Albert:

Há vinte e quatro anos regressava muito contente e orgulhoso à minha pátria. Tinha uma noiva, Albert, uma santa moça que adorava, e trazia à minha noiva cento e cinquenta luíses amealhados penosamente à custa de um trabalho sem descanso. Esse dinheiro era para ela, destinava-o, e sabendo como o mar é pérfido, enterrara o nosso tesouro no jardinzinho da casa que o meu pai habitava em Marselha, nas Alamedas de Meilhan.

A sua mãe, Albert, conhece bem essa pobre e querida casa.

Recentemente, ao regressar a Paris, passei por Marselha e fui ver essa casa de dolorosas recordações. E uma noite, de enxada na mão, sondei o canto onde enterrara o meu tesouro. A caixa de ferro estava ainda no mesmo lugar; ninguém lhe tocara; está no canto que uma bonita figueira, plantada por
meu pai no dia do meu nascimento, cobre com a sua sombra.

Pois bem, Albert, esse dinheiro que outrora se destinava a ajudar na vida e a proporcionar tranquilidade à mulher que adorava, encontrou hoje, por um acaso estranho e doloroso, o mesmo emprego. Oh, compreenda bem o meu pensamento! Eu, que podia oferecer milhões a essa pobre mulher, dou-lhe apenas o naco de pão escuro esquecido debaixo do meu pobre teto desde o dia em que me separei daquela que amava.

O senhor é um homem generoso, Albert; mas talvez esteja ainda cego pelo orgulho ou pelo ressentimento. Se recusar, se pedir a outro o que tenho o direito de lhe oferecer, direi que é pouco generoso da sua parte recusar a vida da sua mãe oferecida por um homem a quem o seu pai fez morrer o pai nos
horrores da fome e do desespero.

Terminada a leitura, Albert permaneceu, pálido e imóvel, à espera do que decidisse a mãe. Mercedes ergueu ao céu um olhar de expressão inefável.

- Aceito - disse. - Tem o direito de pagar o dote que levarei para um convento!

E metendo a carta no seio, tomou o braço do filho e, com passo mais firme

do que talvez ela própria esperasse, dirigiu-se para a escada.

Capítulo XCII

O suicídio

Entretanto, Monte-Cristo também regressara à cidade com Emmanuel e Maximilien.

O regresso foi alegre. Emmanuel não escondia a satisfação que lhe causava ver suceder a paz à guerra e confessava em voz alta as suas preferências filantrópicas. Morrel, a um canto da carruagem, deixava a alegria do cunhado evaporar-se em palavras e guardava para si uma alegria não menos sincera, mas que brilhava apenas no seu olhar.

Na Barreira do Trono encontraram Bertuccio, que esperava, imóvel como uma sentinela no seu posto.

Monte-Cristo deitou a cabeça fora da portinhola, trocou com ele algumas palavras em voz baixa e o intendente desapareceu.

- Sr. Conde - pediu Emmanuel quando chegaram às imediações da Praça Royale --, peço-lhe que me deixe ficar à minha porta, para que a minha mulher não tenha um só momento de inquietação nem pelo senhor nem por mim.

- Se não fosse ridículo exibir o seu triunfo, convidaria o Sr. Conde a entrar em nossa casa - disse Morrel. - Mas o Sr. Conde também tem, em dúvida, corações trêmulos a tranquilizar. Chegamos, Emmanuel; -- cumprimentemos o nosso amigo e deixemo-lo continuar o seu caminho.

- Um momento, não me prive assim de uma assentada dos meus dois companheiros - pediu Monte-Cristo. - Entre o senhor, Emmanuel, vá ter com a sua encantadora esposa à qual o encarrego de apresentar os meus cumprimentos, e acompanhe-me o senhor aos Campos Elísios, Morrel.

- Perfeitamente - respondeu Maximilien -, tanto mais que tenho que fazer no seu bairro, conde.

- O esperamos para almoçar? - perguntou Emmanuel.

- Não - respondeu o rapaz.

A portinhola fechou-se e a carruagem continuou o seu caminho.

- Como vê, dei-lhe sorte - observou Morrel quando ficou sozinho com o conde. - Ainda não tinha pensado nisso?

- Certamente - respondeu Monte-Cristo - e por isso gostaria de te-lo sempre junto de mim.

- É miraculoso! - continuou Morrel, respondendo ao seu próprio pensamento.

- O quê? - perguntou Monte-Cristo.

- O que acaba de acontecer.

- Sim - concordou o conde com um sorriso. - Disse a palavra exata, Morrel: é miraculoso!

- Porque, enfim - prosseguiu Morrel -, Albert é corajoso.

- Muito corajoso - acrescentou Monte-Cristo. - Vi-o dormir com o punhal

suspenso sobre a sua cabeça.

- E eu sei que se bateu duas vezes, e muito bem batido - declarou Morrel. - Concilie isso com o seu comportamento desta manhã.

- Mais uma vez a sua influência - insinuou Monte-Cristo sorrindo.

- Ainda bem que Albert não é soldado - disse Morrel.

- Porquê?

- Desculpas no campo da honra!... - exclamou o jovem capitão, abanando a cabeça.

- Então, espero que não vá cair nos preconceitos dos homens vulgares, Morrel... - observou o conde com suavidade. - Não chegou à conclusão de que, uma vez que Albert é corajoso, não pode ser covarde? Que devia ter algum motivo para proceder como procedeu esta manhã e que portanto a sua conduta foi mais heróica do que outra coisa?

-- Sem dúvida, sem dúvida - respondeu Morrel. - Mas é caso para dizer como o espanhol: - foi menos corajoso hoje do que ontem.

- Almoca comigo, não é verdade, Morrel? - perguntou Monte-Cristo para mudar de assunto.

- Não, deixo-o às dez horas.

- O seu encontro é então para almoçar?... Morrel sorriu e abanou a cabeça.

- Mas, enfim, com certeza tem de almoçar em algum lado...

- E se eu não tiver fome? - observou o rapaz.

- Oh, só conheço dois sentimentos que cortam assim o apetite: a dor (e como, felizmente, o vejo contentíssimo, não se trata disso) e o amor! Ora, depois do que me disse a propósito do seu coração,é-me permitido supor...

- Palavra, conde, que não o desminto! - replicou alegremente Morrel.

- E não me dizia nada, Maximilien? - notou o conde, num tom tão vivo que deixava transparecer o interesse que tinha em conhecer o segredo.

- Mostrei-lhe esta manhã que tinha um coração, não é verdade, conde?

Como única resposta, Monte-Cristo estendeu a mão ao jovem.

- Pois bem - continuou este --, desde que esse coração já não está com o senhor no Bosque de Vincennes, será em outro lado que terei de o procurar...

- Vá - disse lentamente o conde -, vá, querido amigo, mas, por favor, se esbarrar com algum obstáculo, lembre-se de que tenho algum poder neste mundo, que tenho prazer em empregar esse poder em proveito das pessoas que estimo... e que o estimo, Morrel.

- Me lembrarei disso como os filhos egoístas se lembram dos pais quando precisam deles - declarou Morrel. - Quando precisar do senhor, e talvez esse momento surja, recorrerei ao senhor, conde.

- Fico com a sua palavra. Adeus.

- Até breve.

Tinham chegado à porta da casa dos Campos Elísios. Monte-Cristo abriu a portinhola e Morrel saltou para a calçada. Bertuccio, esperava na escadaria.

Morrel meteu pela Avenida de Marigny e Monte-Cristo dirigiu-se vivamente ao encontro de Bertuccio.

- Então? - perguntou.

- Ela vai deixar a casa - respondeu o intendente.

- E o filho?

- Florentin, seu criado de quarto, pensa que vai fazer o mesmo.

- Venha.

Monte-Cristo levou Bertuccio para o seu gabinete, escreveu a carta que vimos e entregou-a ao intendente.

- Vá depressa. A propósito, mande prevenir Haydée de que já voltei.

- Aqui estou - anunciou-se a jovem, que descera ao ouvir o ruído da carruagem e cujo rosto estava radiante de alegria por ver o conde são e salvo. Bertuccio saiu.

Haydée experimentou nos primeiros instantes daquele regresso esperado por ela com tanta impaciência todos os transportes de uma filha ao rever o pai querido e todos os delírios de uma amante ao rever o amante adorado.

Claro que, por ser menos expansiva, a alegria de Monte-Cristo não era mais pequena. Para os corações que sofreram longamente, a alegria é como o orvalho para as terras ressequidas pelo sol. Coração e terra absorvem essa chuva benfazeja que cai sobre eles e nada aparece de fora. Havia alguns dias que Monte-Cristo descobrira uma coisa em que há muito tempo não ousava acreditar: que existiam duas Mercedes no mundo e que ainda poderia ser feliz.

O seu olhar ardente de felicidade mergulhava com avidez nos olhos úmidos de Haydée quando de súbito a porta se abriu. O conde franziu o sobrolho.

- O Sr. de Morcerf! - anunciou Baptistin, como se este nome encerrasse a sua desculpa.

Com efeito, o rosto do conde desanuviou-se.

- Qual, o visconde ou o conde? - perguntou.

- O conde.

- Meu Deus! - exclamou Haydée. - Então isto ainda não acabou?

- Não sei se acabou, minha filha bem-amada - respondeu Monte-Cristo, pegando nas mãos da jovem --, mas o que sei é que não tem nada a temer.

- Oh, mas é o miserável...

- Esse homem não pode nada contra mim, Haydée - tranquilizou-a Monte-Cristo. - Quando o caso era com o filho é que havia motivo para receios.

- Por isso nunca saberá o que sofri, meu senhor - declarou a jovem.

Monte-Cristo sorriu.

- Pela sepultura do meu pai - disse Monte-Cristo, estendendo a mão sobre a cabeça da moça --, juro que se acontecer alguma desgraça não será a mim.

- Acredito-te, meu senhor, como se Deus me falasse - respondeu Haydée, estendendo a fronte ao conde.

Monte-Cristo depositou naquela fronte tão pura e tão bela um beijo, que fez bater simultaneamente dois corações, um com violência e o outro surdamente.

- Oh, meu Deus, permiti que eu possa amar ainda!... - murmurou o conde. - Mande entrar o Sr. Conde de Morcerf para a sala - disse a Baptistin, enquanto conduzia a bela grega para uma escada oculta.

Uma palavra de explicação acerca desta visita, talvez esperada pelo conde de Monte-Cristo, mas inesperada, sem dúvida, para os nossos leitores.

Enquanto Mercedes fazia, como dissemos, nos seus aposentos, a espécie de inventário que Albert fizera nos seus; enquanto ela arrumava as suas jóias, fechava as suas gavetas e reunia as suas chaves a fim de deixar tudo numa ordem perfeita, não notara que um rosto pálido e sinistro aparecera atrás dos

vidros de uma porta que deixava entrar a luz no corredor. Daí não só se podia ver como também se podia ouvir. Quem assim olhava, muito provavelmente sem ser visto nem ouvido, viu e ouviu portanto tudo o que se passava nos aposentos da Sra de Morcerf.

Da porta envidraçada, o homem de rosto pálido dirigiu-se para o quarto de cama do conde de Morcerf e, chegado lá, ergueu com mão contraída a cortina de uma janela que dava para o pátio. Permaneceu ai dez minutos, imóvel, mudo, escutando as pulsações do seu próprio coração. Para ele, dez minutos era muito tempo. Foi então que Albert, regressando do local do duelo, viu o pai, que espreitava o seu regresso atrás da cortina, e virou a cabeça.

O conde arregalou os olhos. Sabia que o insulto de Albert a Monte-Cristo fora terrível e que semelhante insulto provocava em todos os países do mundo um duelo de morte. Ora, Albert regressava são e salvo; portanto, o conde estava vingado.

Um clarão de indizível alegria iluminou aquele rosto lúgubre, como acontece com o último raio de Sol antes de desaparecer nas nuvens, que parecem menos a cama do que o túmulo do astro-rei.

Mas, como já dissemos, esperou em vão que o jovem subisse aos seus aposentos para lhe dar conta do seu triunfo. Que o filho, antes do combate, não tivesse querido ver o pai, cuja honra ia vingar, compreendia-se; mas uma vez a honra do pai vingada, porque não vinha esse filho lançar-se nos braços?

Foi então que o conde, não podendo ver Albert, mandara chamar o seu criado. Sabemos que Albert o autorizou a nada ocultar ao conde.

Dez minutos depois, viu-se aparecer na escadaria da entrada o general de Morcerf, de sobrecasaca preta com gola militar, calcas e luvas também pretas. Dera, ao que parece, ordens anteriores, pois assim que pôs o pé no último degrau da escadaria, a sua carruagem, completamente atrelada, saiu da cocheira e veio parar diante dele.

O seu criado de quarto veio então depositar na carruagem um capote militar, que envolvia duas espadas. Em seguida fechou a portinhola e sentou-se ao lado do cocheiro. O cocheiro inclinou-se diante da caleça para pedir ordens.

- Aos Campos Elísios, a casa do conde de Monte-Cristo - ordenou o general. - Depressa!

Os cavalos saltaram debaixo do chicote; cinco minutos depois paravam diante da casa do conde.

O Sr. de Morcerf abriu pessoalmente a portinhola, com a carruagem ainda a rodar, e saltou como um rapaz na alameda lateral, tocou e desapareceu na porta escancarada com o seu criado.

Um segundo mais tarde, Baptistin anunciava ao Sr. de Monte-Cristo o conde de Morcerf, e Monte-Cristo, fazendo sair Haydée, ordenou que mandassem entrar na sala o conde de Morcerf.

O general media pela terceira vez a sala em todo o seu comprimento quando, virando-se, viu Monte-Cristo de pé no limiar.

- Ah, é o Sr. de Morcerf! - disse tranquilamente Monte-Cristo. - Julgava ter ouvido mal.

- Sim, sou eu - perguntou o conde, com uma horrível contração de lábios que o impedia de articular claramente.

- Só me resta portanto saber agora - disse Monte-Cristo - o motivo que me proporciona o prazer de ver o Sr. Conde de Morcerf tão cedo.

- Teve esta manhã um duelo com o meu filho, senhor? - perguntou o general.

- Sabe disso? - respondeu o conde.

- E também sei que o meu filho tinha boas razões para desejar bater-se com o senhor e fazer tudo o que pudesse para matá-lo.

- Com efeito, senhor, tinha muito boas razões para isso! Mas, como vê, apesar dessas razões, não me matou, e até nem se bateu.

- E no entanto considerava-o a causa da desonra do pai, bem como a causa da ruína horrível em que neste momento mergulha a minha casa.

- É verdade, senhor - replicou Monte-Cristo, com a sua terrível calma. - Causa secundária, evidentemente, e não principal.

- Decerto lhe apresentou alguma desculpa ou deu qualquer explicação...

- Não lhe dei nenhuma explicação e foi ele quem me apresentou desculpas.

- A que atribui essa conduta?

- À convicção, provavelmente, de que havia em tudo isto um homem mais culpado do que eu.

- E quem era esse homem?

- O pai.

- Seja - admitiu o conde, empalidecendo. - Mas, como sabe, o culpado não gosta de ser acusado de culpabilidade.

- Pois sei... Por isso esperava o que acontece neste momento.

- O senhor esperava que o meu filho fosse um covarde?! - gritou o conde.

- O Sr. Albert de Morcerf não é um covarde - perguntou Monte-Cristo.

- Um homem que empunha uma espada, um homem que tem ao alcance dessa espada um inimigo mortal, se esse homem não se bate, é um covarde! É pena ele não estar aqui para lhe dizer!

- Senhor - respondeu friamente Monte-Cristo --, presumo quenão veio me procurar para me contar as suas pequenas desavenças familiares. Vá dizer isso ao Sr. Albert e talvez ele saiba responder-lhe.

- Oh, não, não, tem razão, não vim para isso! - replicou o general com um sorriso, que se esfumou tão depressa como aparecera. - Vim para lhe dizer que também eu o considero meu inimigo! Vim para lhe dizer que o odeio instintivamente, que me parece que sempre o conheci e odiei! E, por último, que, uma vez que os jovens deste século já se não batem, compete-nos a nós bater-nos... Não é desta opnião, senhor?

- Perfeitamente. Por isso, quando lhe disse que previra que aconteceria isto, era da honra da sua visita que queria falar.

- Tanto melhor... Os seus preparativos estão feitos, então?

- Estão sempre, senhor.

- Sabe que nos bateremos até à morte de um dos dois? - perguntou o general, com os dentes apertados pela raiva.

- Até à morte de um dos dois - repetiu o conde de Monte-Cristo, acenando ligeiramente com a cabeça de cima a baixo.

- Vamos então; não necessitamos de testemunhas.

- Com efeito - disse Monte-Cristo --, é inútil. Conhecemo-nos tão bem!...

- Pelo contrário - perguntou o conde --, não nos conhecemos de parte alguma.

- Ora, ora! - exclamou Monte-Cristo com a mesma fleuma exasperante. - Vejamos um pouco... O senhor não é o soldado Fernand que desertou na véspera da batalha de Waterloo? Não é o tenente Fernand que serviu de guia e espião ao exército francês na Espanha? Não é o coronel Fernand que traiu, vendeu e assassinou o seu benfeitor Ali? E todos estes reunidos não constituem o tenente-general conde de Morcerf; par de França?

- Oh! - exclamou o general, atingido por estas palavras como por um ferro em brasa. - Oh, miserável, que me lembra a minha vergonha no momento em que talvez vá me matar!... Não, não disse que te era desconhecido; sei bem demônio, que penetraste na noite do passado e leste, ignoro à luz de que archote,
cada página da minha vida! Mas talvez ainda haja mais honra em mim, no meu opróbrio, do que em ti, debaixo das tuas aparências pomposas. Não, não, me conheces, bem sei, mas eu não te conheço, aventureiro coberto de ouro e pedrarias! Te conheço, aventureiro coberto de ouro e pedrarias! Te apresentaste em Paris como o conde de Monte-Cristo, na Itália, como Simbad real que te pergunto, é o teu verdadeiro nome que quero saber, no meio das tuas centenas de nomes, a fim de o pronunciar no campo da luta, no momento em que te cravar a minha espada no coração.

O conde de Monte-Cristo empalideceu terrivelmente. Os seus olhos fulvos incendiaram-se num fogo devorador. Deu um salto ao gabinete contíguo ao seu quarto de cama, e em menos de um segundo, depois de arrancar a gravata, a sobrecasaca e o colete, envergou uma blusa de marinheiro e colocou na cabeça
um chapéu de embarcadiço, sob o qual se desenrolaram os seus longos cabelos negros.

Voltou assim, terrível, implacável, caminhando de braços cruzados ao encontro do general, que não compreendera a que se devera o seu desaparecimento, que o esperava e que, sentindo os dentes entrechocarem-se-lhe e as pernas vergarem-se-lhe debaixo do corpo, recuou um passo e só se deteve quando encontrou numa mesa um ponto de apoio para a sua mão crispada.

- Fernand! - gritou-lhe Monte-Cristo. - Dos meus cem nomes, bastaria te dizer um só para te fulminar. Mas você adivinha esse nome, não é verdade? Ou antes, o recorda. Porque apesar de todos os meus desgostos, de todas as minhas torturas, te mostro hoje um rosto que o prazer da vingança rejuvenesce,
umo rosto que deve ter visto muitas vezes nos teus sonhos depois do teu casamento... com Mercedes, minha noiva!

Com a cabeça inclinada para trás, as mãos estendidas e o olhar fixo, o general assistiu em silêncio ao espetáculo. Depois, procurou o apoio da parede e deslizou lentamente até à porta, pela qual saiu às arrecuas, deixando escapar apenas este grito lúgubre, lamentoso, dilacerante:

- Edmond Dantés!

Em seguida, com suspiros que não tinham nada de humanos, arrastou-se até ao peristilo da casa, atravessou o pátio como um ébrio e caiu nos braços do seu criado de quarto, murmurando apenas em voz ininteligível:

- Para o palácio! Para o palácio!

Pelo caminho, o ar fresco e a vergonha que lhe causava a atenção das pessoas puseram-no em estado de coordenar idéias. Mas o trajeto foi curto e, à medida que se aproximava de casa, o conde sentia se renovare todos os seus sofrimentos.

A poucos passos de casa, o conde mandou parar e apeou. A porta do palácio estava escancarada. Um fiacre, cujo cocheiro ficara muito surpreendido por ser chamado àquela magnífica mansão, estava parado no meio do pátio. O conde olhou o fiacre com terror, mas não ousou interrogar ninguém e correu para os seus aposentos.

Duas pessoas desceram a escada e só teve tempo de se esconder num gabinete para as evitar.

Era Mercedes, apoiada no braço do filho; ambos deixavam o palácio. Passaram a curta distância do desventurado, que, oculto atrás do reposteiro de damasco, foi mesmo assim aflorado pelo vestido de seda de Mercedes e sentiu no rosto o hálito tépido destas palavras pronunciadas pelo filho:

- Coragem, minha mãe! Venha, venha, aqui já não é a nossa casa.

As palavras extinguiram-se e os passos afastaram-se.

O general endireitou-se, suspenso pelas mãos crispadas no reposteiro de damasco. Comprimia o mais horrível soluço jamais saído do peito de um pai, abandonado simultaneamente pela mulher e pelo filho.

Não tardou a ouvir bater a portinhola de ferro do fiacre, em seguida a voz do cocheiro, e depois o rodar da pesada carruagem fez estremecer os vidros. Então, correu ao seu quarto de cama para ver mais uma vez tudo o que amara no mundo. Mas o fiacre partiu sem que a cabeça de Mercedes ou de Albert aparecesse à portinhola para lançar à casa solitária, ao pai e ao marido abandonado o último olhar, o adeus e o pesar, isto é, o perdão.

Por isso, no momento exato em que as rodas do fiacre faziam vibrar o pavimento da abóbada soou um tiro e um fumo escuro saiu por um dos vidros da janela do quarto de cama, quebrado pela força da explosão.

Capítulo XCIII

Valentine

O leitor já adivinhou aonde é que Morrel tinha de ir e em casa de quem era o seu encontro.

Sim, logo que deixou Monte-Cristo, Morrel dirigiu-se para casa de Villefort, caminhando lentamente.

Dizemos lentamente porque Morrel dispunha de mais de meia hora para percorrer quinhentos passos. Mas, apesar de ter tempo mais do que suficiente, apressara-se em deixar Monte-Cristo, pois tinha pressa de ficar só com os seus pensamentos. Sabia bem qual era a sua hora, aquela em que Valentine assistia ao almoço de Noirtier e estava certa de não ser perturbada no seu piedoso dever. Noirtier e Valentine tinham-lhe concedido duas visitas por semana e ele vinha gozar desse direito.

Quando chegou, Valentine já o esperava. Inquieta, quase desorientada, pegou-lhe na mão e levou-o à presença do avô. Tal inquietação, levada, como dizemos, quase até à desorientação, provinha do barulho que a aventura de Morcerf produzira na sociedade. Sabia-se (na sociedade sabe-se tudo) do escândalo da Ópera. Em casa de Villefort ninguém duvidava que um duelo fosse a consequência forçada desse escândalo. Com o seu instinto de mulher, Valentine adivinhara que Morrel seria testemunha de Monte-Cristo e, devido à coragem bem conhecida do jovem e à profunda amizade que ela lhe conhecia pelo conde, receava que ele se não limitasse ao papel passivo que lhe competia.

Compreende-se, pois, com que avidez os pormenores da aventura foram pedidos, dados e recebidos, e Morrel pôde ler uma alegria indizível nos olhos da sua bem-amada quando ela soube que o terrível caso tivera um desfecho não menos feliz do que inesperado.

- Agora - disse Valentine, fazendo sinal a Morrel para se sentar ao lado do velho e sentando-se ela mesma no banco onde repousavam os pés do avô --, agora falemos um bocadinho das nossas coisas. Como sabe, Maximilien, o avozinho teve por momentos a idéia de deixar esta casa e alugar um apartamento fora do palácio do Sr. de Villefort...

- Sim, claro - respondeu Maximilien. - Recordo-me desse projeto e de o ter até aplaudido muito.

- Pois então - disse Valentine - aplauda-o novamente, Maximilien porque o avozinho voltou à sua idéia.

- Bravo! - exclamou Maximilien.

- E sabe que razão dá o avozinho para deixar esta casa? - perguntou Valentine.

Noirtier olhava a neta para lhe impor silêncio com a vista, mas Valentine não olhava para Noirtier; os seus olhos e o seu sorriso eram para Morrel.

- Oh, seja qual for a razão que dê o Sr. Noirtier, declaro-a boa! - exclamou Morrel.

- Ótimo - disse Valentine. - Ele pretende que o ar do Arrabalde Saint-Honoré não é bom para mim.

- De fato... - declarou Morrel. - Ouça, Valentine: o Sr. Noirtier talvez tenha razão; há quinze dias que noto que a sua saúde se altera.

- Sim, um bocadinho, é verdade - admitiu Valentine. - Por isso, o avozinho constituiu-se meu médico, e como o avozinho sabe tudo, tenho a maior confiança nele.

- Mas, enfim, é verdade que se sente doente, Valentine? - perguntou vivamente Morrel.

- Meu Deus, não se pode dizer que me sinta doente; experimento apenas um mal-estar geral. Perdi o apetite e parece-me que o meu estômago trava uma luta para se habituar a qualquer coisa.

Noirtier não perdia uma palavra de Valentine.

- E qual é o tratamento que segue contra essa doença desconhecida?

- Oh, muito simples! - respondeu Valentine. - Tomo todas as manhãs uma colher da poção que dão ao meu avô. Digo uma colher, mas a verdade é que comecei por uma e agora já vou em quatro... O avô pretende que é uma panaceia.

Valentine sorria, mas havia algo de triste e sofredor no seu sorriso.

Maximilien, ébrio de amor, olhava-a em silêncio. Estava linda, mas a sua palidez adquirira um tom mais macilento, nos seus olhos brilhava um fogo mais ardente do que de costume e as suas mãos, habitualmente de um branco de madrepérola, pareciam mãos de cera que com o tempo adquirissem um tom amarelado.

De Valentine, o jovem olhou para Noirtier, que observava com estranha e profunda atenção a neta, absorta no seu amor. Também o velho, como Morrel, notava aqueles vestígios de um sofrimento surdo, tão pouco visíveis, Aliás, que tinham escapado aos olhos de todos, exceto aos do avô e do apaixonado.

- Mas essa poção, de que já vai em quatro colheres, creio ter sido receitada ao Sr. Noirtier... - observou Morrel.

- É verdade - respondeu Valentine. - E é muito amarga... Tão amarga que tudo o que bebo depois me parece ter o mesmo gosto.

Noirtier olhou a neta com ar interrogador.

- Sim, avozinho - confirmou Valentine --, é como lhe digo. Ainda há bocado, antes de descer, bebi um copo de água açucarada. Pois tive de desistir no meio, de tal forma a água me pareceu amarga.

Noirtier empalideceu e fez sinal de que queria falar. Valentine levantou-se para ir buscar o dicionário.

Noirtier seguiu-a com a vista, visivelmente angustiado. Com efeito, o sangue subia à cabeça da jovem, coloria-lhe as faces.

- É singular: um deslumbramento! -- exclamou Valentine, sem perder nada da sua boa disposição. - Como é que o sol me bateu nos olhos?...

E apoiou-se no parapeito da janela.

- Não há sol - disse Morrel, ainda mais inquieto com a expressão de Noirtier do que com a indisposição de Valentine. Correu para ela. A jovem sorriu.

- Sossegue, avô - disse a Noirtier. - Tranquilize-se, Maximilien. Isto não é nada e já passou. Mas ouçam: não é o barulho de uma carruagem que ouço no pátio?

Abriu a porta de Noirtier, correu à janela do corredor e voltou precipitadamente.

- Sim - disse --, é a Sra Danglars e a filha que nos vêm visitar. Adeus, vou-me embora antes que me venham procurar aqui; isto é, até breve, fique com o avozinho, Maximilien, pois prometo não me demorar.

Morrel seguiu-a com a vista, viu-a fechar a porta e ouviu-a subir a escadinha que levava simultaneamente aos aposentos da Sra de Villefort e aos dela própria.

Logo que a jovem desapareceu, Noirtier fez sinal a Morrel para ir buscar o dicionário. Morrel obedeceu. Orientado por Valentine, depressa se habituara a compreender o velho.

No entanto, por mais prático que estivesse, como era preciso passar em revista parte das vinte e quatro letras do alfabeto e encontrar cada palavra no dicionário, só ao cabo de dez minutos o pensamento do velho foi traduzido por estas palavras:

“Mande buscar o copo de água e a garrafa que estão no quarto de Valentine."

Morrel chamou imediatamente o criado que substituíra Barrois e, em nome

de Noirtier, deu-lhe aquela ordem. O criado regressou pouco depois. A garrafa e o copo estavam completamente vazios.

Noirtier fez sinal de que queria falar.

- Por que motivo estão o copo e a garrafa vazios? - perguntou. - Valentine disse que só bebeu metade do copo.

A tradução desta nova pergunta levou mais cinco minutos.

- Não sei - respondeu o criado. - Mas a criada de quarto está nos aposentos de Mademoiselle Valentine. Foi talvez ela quem os despejou.

- Pergunte-lhe - disse Morrel, traduzindo desta vez o pensamento de Noirtier pelo olhar.

O criado saiu e voltou quase imediatamente.

- Mademoiselle Valentine passou pelo seu quarto para ir ao da Sra de Villefort - informou. - E ao passar, como tinha sede, bebeu o que restava no copo. Quanto à garrafa, o Sr. Edouard despejou-a para fazer um lago para os seus canários.

Noirtier ergueu os olhos ao céu como um jogador que arrisca numa jogada tudo o que possui.

Em seguida, os olhos do velho fixaram-se na porta e não deixaram mais essa direção.

Fora, com efeito, a Sra Danglars e a filha que Valentine vira. Tinham-nas conduzido ao quarto da Sra de Villefort, que dissera recebê-las nos seus aposentos. Por isso, Valentine passara pelo seu quarto, que ficava no mesmo andar do da madrasta, apenas separados pelo de Edouard.

As duas mulheres entraram com essa espécie de rigidez oficial que faz pressagiar uma comunicação.

Entre pessoas do mesmo nível social, um pequeno cambiante , imediatamente notado. A Sra de Villefort correspondeu àquela solenidade com igual solenidade.

Nesse momento entrou Valentine, e as reverências recomeçaram.

- Cara amiga - disse a baronesa, enquanto as duas jovens davam as mãos --, venho com Eugênie anunciar-lhe em primeira mão o próximo casamento da minha filha com o príncipe Cavalcanti.

Danglars mantivera o título de príncipe. O banqueiro popular achara que isso era melhor do que conde.

- Então, permita que lhe dê os meus sinceros parabéns respondeu a Sra de Villefort. - O Sr. Príncipe Cavalcanti parece-me um rapaz cheio de raras qualidades.

- Bom - disse a baronesa, sorrindo --, falando como amigas, devo dizer-lhe que o príncipe não nos parece ser ainda o que será. Há nele um pouco dessa extravagância que nos permite a nós, Franceses, reconhecer ao primeiro olhar um gentil-homem italiano ou alemão. No entanto, revela um excelente coração,
muita delicadeza de espírito, e quanto a vantagens, o Sr. Danglars afirma que a sua fortuna é majestosa; é esta a sua palavra.

- Além disso - interveio Eugénie, folheando o álbum da Sra de Villefort --, acrescente, minha senhora, que tem uma inclinação muito especial por esse rapaz.

- Claro que escuso de lhe perguntar se partilha essa inclinação... - insinuou

a Sra de Villefort.

- Eu?!-respondeu EugÊnie com a sua habitual altivez. - Oh, de modo nenhum, minha senhora! A minha vocação era não me acorrentar aos cuidados de um lar ou aos caprichos de um homem, fosse qual fosse. A minha vocação era ser artista e consequentemente livre de coração, de corpo e de pensamento.

Eugênie pronunciou estas palavras em tom tão vibrante e firme que o rubor subiu à cara de Valentine. A tímida moça não podia compreender aquela natureza enérgica, que parecia não possuir nenhum dos complexos da mulher.

- De resto - continuou Eugénie --, já que o meu destino é casar, quer queira, quer não, devo agradecer à Providência ter-me ao menos proporcionado os desdéns do Sr. Albert de Morcerf, sem essa Providência, seria hoje a mulher de um homem desonrado.

- É de fato assim - confirmou a baronesa, com a estranha ingenuidade que se encontra por vezes nas grandes damas e que o convívio rotineiro lhes não consegue fazer perder por completo. - Sem essa hesitação dos Morcerfs, a minha filha casaria com o Sr. Albert. O general fazia muito empenho no casamento e até veio pressionar o Sr. Danglars. Escapamos de boa!

- Mas então toda essa vergonha do pai recai sobre o filho? - perguntou timidamente Valentine. - O Sr. Albert parece-me completamente inocente de todas essas traições do general.

- Perdão, querida amiga - atalhou a implacável Eugênie mas o Sr. Albert reclamou e merece a sua parte nessas traições. Parece que depois de ter provocado ontem o Sr. de Monte-Cristo na Ópera lhe apresentou hoje desculpas no campo da honra.

- Impossível! - exclamou a Sra de Villefort.

- Ah, querida amiga - interveio a Sra Danglars com a mesma ingenuidade que já lhe apontamos --, é absolutamente verdade! Soube-o pelo Sr. Debray, que assistiu à explicação.

Valentine também conhecia a verdade, mas não se pronunciou. Atraída por uma palavra às suas recordações, encontrava-se em pensamento no quarto de Noirtier, onde a esperava Maximilien.

Absorta nessa espécie de contemplação intima, Valentine havia um instante que deixara de tomar parte na conversa; seria até impossível repetir o que fora dito nos últimos minutos, quando de súbito a mão da Sra Danglars, apoiando-se no seu braço, a tirou do seu devaneio.

- Que disse, minha senhora? - perguntou Valentine, estremecendo ao contato dos dedos da Sra Danglars como estremeceria a um contato elétrico.

- Disse, minha querida Valentine, que decerto não está bem...

- Eu? - perguntou a jovem, passando a mão pela testa escaldante.

- Sim. Veja-se naquele espelho. Corou e empalideceu sucessivamente três ou quatro vezes no espaço de um minuto.

- De fato, está muito pálida! - exclamou Eugénie.

- Oh, não se preocupe, Eugénie! Ando assim há uns dias. E por menos experiente que fosse, a jovem compreendeu que era ocasião de sair. Aliás, a Sra de Villefort veio em seu auxílio.

- Retire-se, Valentine - disse. - está realmente doente e esta senhoras se dignarão a desculpá-la. Beba um copo de água pura e ficará melhor.

Valentine beijou Eugénie, cumprimentou a Sra Danglars, já levantada para se retirar, e saiu.

- Esta pobre criança - disse a Sra de Villefort depois de Valentine sair - preocupa-me seriamente e não me admiraria nada se lhe acontecesse algum acidente grave.

Entretanto, Valentine, numa espécie de exaltação de que se não dava conta, atravessara o quarto de Edouard sem responder a não sei que travessura do garoto e, através do seu quarto, chegara à escadinha. Descera todos os degraus, exceto os três últimos, e ouvia já a voz de Morrel quando de súbito lhe passou uma nuvem pelos olhos, o seu pé hirto falhou o degrau, as suas mãos não tiveram força para se agarrar ao corrimão e, roçando pela parede, rolou, mais do que desceu, do alto dos três últimos degraus.

Morrel abriu a porta de um salto e encontrou Valentine estendida no patamar. Rápido como o relâmpago, levantou-a nos braços e sentou-a numa poltrona. Valentine abriu os olhos.

- Oh, que grande desajeitada! - exclamou com febril volubilidade. - já não sei o que faço... esqueci-me de que havia mais três degraus antes do patamar!

- Feriu-se, Valentine? - perguntou Morrel. - Oh, meu Deus, meu Deus!

Valentine olhou à sua volta e viu o mais profundo terror pintado nos olhos de Noirtier.

- Sossega, avozinho - disse, procurando sorrir. - Não foi nada, não foi nada... Foi apenas uma tontura.

- Mais uma vertigem! - exclamou Morrel, juntando as mãos. - Oh, tenha cuidado com isso, Valentine, suplico-lhe!

- Mas porquê, porquê, se lhe digo que tudo passou e não foi nada? - perguntou Valentine. - Agora deixem-me dar-lhes uma novidade: Eugénie casa-se dentro de oito dias e daqui a três dias haverá uma espécie de grande festim, um banquete de noivado. Estamos todos convidados, o meu pai, a Sra de
Villefort e eu... Foi pelo menos o que deduzi.

- Quando será a nossa vez de nos ocuparmos desses pormenores? - suspirou Maximilien. - Oh, Valentine, já que tem tanto poder sobre o nosso avozinho, procure que ele lhe responda: “Em breve!"

- Quer dizer que conta comigo para estimular a lentidão e despertar a memória do avozinho? - perguntou Valentine.

- Claro! - exclamou Morrel. - Meu Deus, meu Deus, apresse-se. Enquanto não for minha, Valentine, parecerá sempre que vai fugir.

- Oh! - exclamou Valentine num gesto convulsivo. - Oh, na verdade, Maximilien, é demasiado tímido para um oficial, para um soldado que, segundo dizem, nunca conheceu o medo... Ah, ah, ah!

E rompeu num riso estridente e doloroso. Os braços retesaram-se-lhe e contorceram-se, a cabeça caiu-lhe para trás na poltrona e ficou imóvel. O grito de terror que Deus acorrentava nos lábios de Noirtier
brotou-lhe do olhar. Morrei compreendeu: era urgente pedir socorro.

O rapaz agarrou-se à campainha. A criada de quarto que estava nos aposentos de Valentine e o criado que substituíra Barrois acorreram simultaneamente. Valentine estava tão pálida, tão fria e tão inanimada que, sem escutarem o que lhes diziam, se deixaram dominar pelo medo que velava

constantemente sobre aquela casa maldita e saíram para os corredores a gritar por socorro.

A Sra Danglars e Eugénie retiravam-se naquele preciso instante, mas puderam ainda saber a causa de todo aquele rebuliço.

- Bem lhes tinha dito! - exclamou a Sra de Villefort. - Pobre criança!

Capítulo XCIV

A confissão

No mesmo instante ouviu-se a voz do Sr. de Villefort, que gritava do seu gabinete:

- Que se passa?

Morrel consultou com o olhar Noirtier, que acabava de recuperar todo o seu sangue-frio e num relance de olhos lhe indicou o gabinete onde já uma vez, em circunstâncias mais ou menos semelhantes, o rapaz se escondera. Só teve tempo de pegar no chapéu e correr para lá, arquejante. Já se ouviam os passos do procurador régio no corredor.

Villefort precipitou-se no quarto, correu para Valentine e tomou-a nos braços.

- Um médico! Um médico!... O Sr. de Avrigny! - gritou Villefort. - Ou antes, vou eu mesmo buscá-lo.

E correu para fora da sala.

Pela outra porta corria Morrel.

Acabava de ser ferido no coração por uma horrível lembrança: a conversa entre Villefort e o médico que ouvira na noite da morte da Sra de Saint-Méran, e que lhe acudia agora à memória. Aqueles sintomas, num grau menos assustador, eram também os mesmos que haviam precedido a morte de Barrois.

Ao mesmo tempo, parecera-lhe sussurrar-lhe ao ouvido a voz de Monte-Cristo quando lhe dissera, havia apenas duas horas: “Se precisar de alguma coisa, Morrel, venha ter comigo. Eu posso muito..."

Mais rápido do que o pensamento, correu portanto do Arrabalde Saint-Honoré para a Rua Matignon e da Rua Matignon para a Avenida dos Campos Elísios.

Entretanto, o Sr. de Villefort chegava num cabriolé de praça à porta do Sr. de Avrigny. Tocou com tanta violência que o porteiro veio abrir com ar assustado. Villefort correu para a escada sem forças para falar. Mas o porteiro conhecia-o e deixou-o passar, gritando apenas:

- No gabinete, Sr. Procurador régio! No gabinete!

Villefort empurrava já, ou antes, metia a porta dentro.

- Ah, é o senhor!... - exclamou o médico.

- Pois sou - respondeu Villefort fechando a porta atrás de si. - Pois sou, doutor, sou eu que lhe venho perguntar agora se estamos bem sós. Doutor, a minha casa é uma casa amaldiçoada!

- O quê, tem mais alguém doente? - perguntou o médico com aparente

frieza, mas com profunda emoção interior.

- Tenho, doutor! - gritou Villefort, agarrando com a mão convulsa um punhado de cabelos. - Tenho!

O olhar de Avrigny significou: “Tinha-lhe predito.."

Depois os seus lábios proferiram lentamente estas palavras:

- Quem vai morrer em sua casa e que nova vítima nos vai acusar de fraqueza perante Deus?

Um soluço doloroso brotou do coração de Villefort. Aproximou-se do médico, agarrou-lhe o braço e respondeu:

- Valentine! Chegou a vez de Valentine!

- A sua filha?! - exclamou Avrigny, fulminado de dor e surpresa.

- Como vê, estava enganado - murmurou o magistrado. - Venha vê-la e peça-lhe perdão no seu leito de dor por ter desconfiado dela.

- Todas as vezes que me chamou era demasiado tarde - observou o Sr. de Avrigny. - Mas não importa, vamos. No entanto, apressemo-nos, senhor, pois com os inimigos que atacam em sua casa não há tempo a perder.

- Oh, desta vez, doutor, não me censurará mais a minha fraqueza! Desta vez saberei quem é o assassino e o castigarei.

- Tentemos salvar a vitima antes de pensarmos em vingá-la - perguntou Avrigny. - Venha.

E o cabriolé que trouxera Villefort levou-o a galope, acompanhado de Avrigny, no preciso instante em que pela sua parte Morrel batia à porta de Monte-Cristo. O conde estava no seu gabinete e lia, muito preocupado, um bilhete que Bertuccio acabava de lhe enviar à pressa.

Ao ouvir anunciar Morrel, que o deixara havia apenas duas horas, o conde levantou a cabeça.

Tinham decerto acontecido muitas coisas naquelas duas horas, pois o jovem que o deixara de sorriso nos lábios trazia o rosto transtornado. O conde levantou-se e foi ao encontro de Morrel.

- Que aconteceu, Maximilien? - perguntou-lhe. - está pálido e tem a testa coberta de suor...

Morrel mais se deixou cair do que se sentou numa poltrona.

- Sim, vim depressa porque necessitava lhe falar - disse por mim.

- Estão todos bem na sua família? - perguntou o conde, num tom de interesse afetuoso, cuja sinceridade não enganaria ninguém.

- Obrigado, conde, obrigado - respondeu o rapaz, visivelmente embaraçado para começar a conversa. - Sim, na minha família estão todos bem.

- Tanto melhor. No entanto, tem alguma coisa a dizer-me? - insistiu o conde, cada vez mais inquieto.

- Tenho - respondeu Morrel. - A verdade é que acabo de sair de uma casa onde a morte acabava de entrar e só tive tempo de correr para aqui.

- Vem portanto de casa do Sr. de Morcerf? - perguntou Monte-Cristo.

- Não - respondeu Morrel. - Morreu alguém em casa do Sr. de Morcerf?

- O general acaba de se suicidar - respondeu Monte-Cristo.

- Oh, que horrível desgraça! - exclamou Maximilien.

- Mas não para a condessa nem para Albert - observou Monte-Cristo. - Mais vale um pai e um marido mortos do que um pai e um marido desonrados. Sangue

lava a desonra.

- Pobre condessa! - disse Maximilien. - É ela quem mais lamento. Uma mulher tão nobre!

- Lamente também Albert, Maximilien, porque, acredite, é digno filho da condessa. Mas voltemos ao que o traz por aqui . Correu para cá, disse-me. Terei a sorte de precisar de mim?

- Sim, preciso do senhor, isto é, acreditei como um insensato que me poderia ajudar numa circunstância em que só Deus me pode valer.

- Diga - respondeu Monte-Cristo.

- Oh, não sei, na verdade, se me será permitido revelar semelhante segredo a ouvidos humanos! Mas a necessidade e a fatalidade obrigam-me a isso, conde.

Morrel calou-se por momentos.

- Acredita que o estimo? - perguntou Monte-Cristo, pegando afetuosamente na mão do rapaz.

- Oh, o senhor encoraja-me e depois qualquer coisa me diz aqui - e Morrel pôs a mão no coração - que não devo ter segredos para o senhor.

- Tem razão, Morrel. É Deus que fala ao seu coração e é o seu coração que lhe fala. Repita-me tudo o que lhe disse o seu coração.

- Conde, permite-me que mande Baptistin pedir da sua parte notícias de alguém que o senhor conhece?

- Se me pus à sua disposição, com mais forte razão ponho os meus criados.

- Oh, é que não viverei enquanto não tiver a certeza de que ela está melhor!

- Quer que chame Baptistin?

- Não, eu próprio falo com ele.

Morrel saiu, chamou Baptistin e disse-lhe algumas palavras em voz baixa. O criado de quarto saiu correndo.

- Então, já o mandou? - perguntou Monte-Cristo ao ver entrar Morrel.

- Sim e espero ficar um pouco mais tranquilo.

- Estou à espera de ouvir o que tem para me dizer - lembrou Monte-Cristo, sorrindo.

- Tem razão, escute. Uma noite encontrava-me num jardim, escondido por um renque de árvores, e ninguém desconfiava da minha presença ali. Duas pessoas passaram perto de mim. Permita-me que cale provisoriamente os seus nomes. Conversavam em voz baixa e no entanto eu tinha tanto interesse em ouvir as suas palavras que não perdia uma só das que diziam.

- O caso anuncia-se lugubremente, a julgar pela sua palidez e pela sua emoção, Morrel.

- Oh, sim, muito lugubremente, meu amigo! Acabava de morrer alguém em casa do dono do jardim onde me encontrava. Uma das duas pessoas cuja conversa escutava era o dono do jardim e a outra o médico. Ora, o primeiro confiava ao segundo os seus receios e os seus desgostos, porque era a segunda vez no espaço de um mês que a morte se abatia, rápida e imprevista, sobre aquela casa, que se diria designada por algum anjo exterminador à cólera de Deus.

- Ah, ah! - exclamou Monte-Cristo, olhando fixamente o rapaz e virando a sua poltrona num movimento imperceptível, de forma a ficar na sombra, enquanto

a luz batia no rosto de Maximilien.

- Sim - continuou este --, a morte entrara duas vezes naquela casa no espaço de um mês.

- E que respondia o médico? - perguntou Monte-Cristo.

- Respondia... respondia que aquela morte não fora natural e que era necessário atribuí-la...

- A quê?

- Ao veneno!

- Deveras? - disse Monte-Cristo, com a tossezinha ligeira que nos momentos de grande emoção lhe servia para disfarçar quer o seu rubor, quer a sua palidez, quer ainda a própria atenção com que ouvia.

- Maximilien, ouviu realmente dizer isso?

- Ouvi, meu caro conde, ouvi, e o médico acrescentou que se o caso se repetisse se julgaria obrigado a comunicá-lo à justiça.

Monte-Cristo escutava ou parecia escutar com a maior calma.

- Pois bem - prosseguiu Maximilien --, a morte feriu terceira vez e nem o dono da casa nem o médico fizeram nada. Agora a morte vai ferir talvez pela quarta vez. A que lhe parece que o conhecimento deste segredo me obriga?

- Meu caro amigo - disse Monte-Cristo --, parece-me que acaba de contar uma a ventura que ambos sabemos de cor. Conheço a casa onde ouviu isso, ou pelo menos conheço uma idêntica; uma casa onde há um jardim, um chefe de família, um médico... uma casa onde se verificaram três mortes estranhas e inesperadas... Bom, olhe para mim, que não interceptei nenhuma confidência, mas que no entanto sei tudo isso tão bem como o senhor; tenho porventura escrúpulos de consciência? Não! Isso não me diz respeito. Diz que um anjo exterminador parece designar essa casa à cólera do Senhor; pois bem, quem lhe garante que a sua suposição não é uma realidade? Não veja as coisas que não querem ver aqueles que têm interesse em vê-las. Se for a justiça e não a cólera de Deus, não passeie por essa casa, Maximilien, vire o rosto e deixe passar a justiça de Deus.

Morrel estremeceu. Havia qualquer coisa ao mesmo tempo lúgubre e solene, para não dizer terrível, no tom do conde.

- Aliás - prosseguiu este numa voz tão diferente que se diria que estas últimas palavras não saíram da boca do mesmo homem. - Aliás, quem lhe garante que isso continuará?

- Já continuou, conde! - exclamou Morrel. - Por isso corri para sua casa.

- Bom, que quer que eu faça, Morrel? Quer por acaso que previna o procurador régio?

Monte-Cristo articulou estas últimas palavras com tanta clareza e em tom tão vibrante que Morrel se levantou de súbito e gritou:

- Conde! Conde, o senhor sabe de quem estou falando, não sabe?!

- Perfeitamente, meu bom amigo, e vou provar-lhe pondo os pontos nos is, ou antes, dando os nomes aos homens. O senhor passeou uma noite no jardim do Sr. de Villefort. De acordo com o que me disse, presumo que foi na noite da morte da Sra de Saint-Méran. Ouviu o Sr. de Villefort conversar com o Sr. de Avrigny da morte do Sr. de Saint-Méran e da não menos surpreendente da marquesa. O Sr. de Avrigny dizia que acreditava num envenenamento e até em

dois envenenamentos. E ei-lo, meu caro Maximilien, homem honesto por excelência, ei-lo desde esse momento ocupado a tatear o seu coração, a sondar a sua consciência, para saber se deve revelar esse segredo ou calá-lo. Já não estamos na Idade Média, caro amigo, e já não existe Santa Vehme nem juízes francos. Que diabo pretende dessa gente? “Consciência, que me queres?", como diz Sterne. Vamos, meu caro, deixe-os dormir se dormem, deixe-os empalidecer nas suas insônias, se têm insônias, e, pelo amor de Deus, durma, visto não ter remorsos que o impeçam de
dormir.

Uma dor horrível transpareceu no rosto de Morrel, que pegou na mão do conde e repetiu:

- Mas aquilo continua!

- E então? - perguntou o conde, surpreendido com aquela insistência que não compreendia e olhando Maximilien atentamente. - Deixe continuar. É uma família de Atridas; Deus condenou-os e cumprirão a sentença; desaparecerão todos como aqueles frades que as crianças fazem com cartas dobradas e que
caem um após outro sob o sopro do seu criador, mesmo que sejam duzentos. Foi o Sr. de Saint-Méran há três meses; foi a Sra de Saint-Méran há dois meses; foi Barrois no outro dia, e hoje é o velho Noirtier ou a jovem Valentine.

- O senhor sabia?! - exclamou Morrel, num tal paroxismo de terror que Monte-Cristo estremeceu, ele que ficaria impassível se o céu desabasse. - O senhor sabia e não dizia nada!

- Que me interessava? - respondeu Monte-Cristo, encolhendo os ombros. - Conheço porventura essa gente, para salvar um à custa de perder outro? Palavra que entre o culpado e a vítima não tenho preferência.

- Mas eu, eu! - gritou Morrel, mal podendo conter a sua dor. - Eu a amo!

- Ama quem? - perguntou Monte-Cristo, pondo-se em pé de um salto e agarrando as mãos que Morrel erguia, torcendo-as, para o céu.

- Amo perdidamente, amo como um insensato, amo como um homem que daria todo o seu sangue para lhe poupar uma lágrima; amo Valentine de Villefort, que estão assassinando neste momento! Ouça bem: amo-a e pergunto a Deus e ao senhor como hei de salvá-la!

Monte-Cristo soltou um grito selvagem, do qual só poderão fazer idéia aqueles que já ouviram o rugido do leão ferido.

- Desgraçado! - exclamou torcendo as mãos por sua vez. - Desgraçado! Ama Valentine, amaessa filha de uma raça maldita?!

Nunca Morrel vira semelhante expressão; nunca olhar tão terrível chamejara diante de si; nunca o gênio do terror, que tantas vezes vira surgir nos campos de batalha ou nas noites homicidas da Argélia, lançara à sua volta raios mais sinistros.

Recuou apavorado.

Quanto a Monte-Cristo, depois desta explosão fechou um momento os olhos, como que deslumbrado por relâmpagos interiores, e entretanto recolheu-se com tanta força que se viu acalmar pouco a pouco a agitação que lhe fazia ondular o peito repleto de tempestades, como depois da passagem da nuvem negra carregada de chuva o sol doura as vagas turbulentas e espumosas.

Aquele silêncio, aquele recolhimento, aquela luta duraram cerca de vinte

segundos. Depois o conde ergueu a fronte pálida.

- Veja - disse numa voz já quase normal --, veja, caro amigo, como Deus sabe castigar com a sua indiferença os homens mais fanfarrões e mais frios perante os espetáculos terríveis que lhes proporciona. Eu que assistia, impassível e curioso, ao desenrolar dessa lúgubre tragédia; eu que, como o anjo mau, ria do mal que os homens praticam em segredo (e o segredo é fácil de guardar aos ricos e aos poderosos), sinto-me por minha vez mordido por essa serpente cujo movimento tortuoso observava, e mordido no coração!

Morrel soltou um gemido abafado.

- Vamos, vamos, basta de queixumes - continuou o conde. - Seja homem, seja forte, tenha esperança, porque eu estou aqui e velo por si.

Morrel abanou tristemente a cabeça.

- Disse-lhe que tivesse esperança! Compreendeu? - impacientou-se Monte-Cristo. - Sabe muito bem que nunca minto, que nunca me engano. É meio-dia, Maximilien; dê graças a Deus por ter vindo ao meio-dia em vez de vir à noite, em vez de vir amanhã de manhã. Ouça o que lhe vou dizer, Morrel: é meio-dia; se Valentine não morreu até agora, não morrerá.

- Oh, meu Deus, meu Deus! - exclamou Morrel. - Mas se a deixei moribunda!

Monte-Cristo levou uma das mãos à testa.

Que se passou naquela cabeça tão carregada de segredos horríveis?

Que disse àquele espírito simultaneamente implacável e humano o anjo da luz ou o anjo das trevas?

Só Deus o sabia!

Monte-Cristo levantou a cabeça mais uma vez, e desta vez estava tão calmo como uma criança ao acordar.

- Maximilien - disse --, volte tranquilamente para casa. Recomendo-lhe que não dê um passo, que não tente nenhuma diligência, que não consinta que lhe tolde o rosto a sombra de uma preocupação. Lhe mandarei notícias. Vá.

- Meu Deus! Meu Deus! - exclamou Morrel. - O senhor assusta-me conde, com esse sangue-frio. Pode alguma coisa contra a morte? É mais do que um homem? É um anjo? É Deus?

E o jovem, que nenhum perigo fizera recuar um passo, recuava diante de Monte-Cristo, dominado por indizível terror. Mas Monte-Cristo olhou-o com um sorriso ao mesmo tempo tão melancólico e meigo que Maximilien sentiu as lágrimas virem-lhe aos olhos.

- Posso muito, meu amigo - respondeu o conde. - Vá, tenho necessidade de ficar sozinho.

Morrel, subjugado pelo prodigioso ascendente que Monte-Cristo exercia sobre tudo o que o rodeava, nem sequer tentou subtrair-se-lhe. Apertou a mão ao conde e saiu.

Somente à porta se deteve para esperar Baptistin, que acabava de ver aparecer à esquina da Rua Matignon e que regressava a correr.

Entretanto, Villefort e Avrigny tinham-se apressado. Quando chegaram, Valentine continuava desmaiada e o médico observara a doente com o cuidado que as circunstâncias exigiam e com a profundidade imposta pelo seu conhecimento do segredo da doença.

Suspenso do olhar e dos lábios do médico, Villefort aguardava do resultado do exame. Noirtier, mais pálido do que a jovem e mais ansioso por uma solução do que o próprio Villefort, esperava igualmente e tudo nele era inteligência e sensibilidade.

Por fim, Avrigny disse lentamente:

- Ainda vive.

- Ainda! - exclamou Villefort. - Oh, doutor, que palavra terrível acaba de pronunciar!

- Sim - disse o médico --, e repito a minha frase: ainda vive, o que me surpreende muito.

- Mas salva-se? - perguntou o pai.

- Salva, visto ainda estar viva.

Neste momento, o olhar de Avrigny encontrou o de Noirtier, no qual brilhava uma alegria tão extraordinária e uma inteligência de tal modo rica e fecunda que o médico ficou impressionado.

Deixou a jovem voltar a cair na poltrona (Valentine tinha os lábios tão pálidos que mal se distinguiam no rosto) e ficou imóvel olhando para Noirtier, para quem qualquer gesto do médico se revestia de excepcional importância.

- Senhor - disse então Avrigny a Villefort --, chame a criada de quarto de Mademoiselle Valentine, por favor.

Villefort largou a cabeça da filha, que amparava, e correu ele próprio a chamar a criada.

Assim que Villefort fechou a porta, Avrigny aproximou-se de Noirtier.

- Tem alguma coisa a dizer-me? - perguntou.

O velho piscou expressivamente os olhos. Era, lembramos, o único sinal afirmativo que tinha à sua disposição.

- Só a mim?

- Sim - respondeu Noirtier.

- Bom, ficarei consigo.

Neste momento, Villefort regressou seguido da criada de quarto. Atrás desta vinha a Sra de Villefort.

- Mas que aconteceu a esta querida filha?! - exclamou. - Quando me deixou queixava-se de estar indisposta, mas nunca imaginei que o caso fosse tão grave.

E a jovem senhora, com as lágrimas nos olhos e todas as mostras de afeição de uma verdadeira mãe, aproximou-se de Valentine e pegou-lhe na mão. Avrigny continuou a fitar Noirtier. Viu os olhos do velho
dilatarem-se e arregalarem-se, as faces tornarem-se lívidas e tremer; o suor perlou-lhe a testa.

- Ah! - exclamou involuntariamente o médico, seguindo a direção do olhar de Noirtier, isto é, pousando os olhos na Sra de Villefort, que repetia:

- Esta pobre criança estará melhor na cama. Venha, Fanny, vamos deitá-la.

O Sr. de Avrigny, que via nesta proposta um meio de ficar só com Noirtier acenou com a cabeça a significar que era efetivamente o melhor que havia a fazer, mas proibiu que a doente tomasse fosse o que fosse sem ele ordenar.

Levaram Valentine, que recuperara os sentidos, mas que se encontrava incapaz de agir e quase de falar, de tal modo tinha os membros quebrados pelo abalo que acabava de experimentar. No entanto, ainda teve forças para se

despedir com a vista do avô, a quem pareciam arrancar a alma levando-a.

Avrigny seguiu a doente, receitou e ordenou a Villefort que se metesse num cabriole e fosse pessoalmente à farmácia mandar preparar na sua presença as poções prescritas, as trouxesse ele mesmo e o esperasse no quarto da filha.

Em seguida, depois de renovar a ordem de nada deixarem tomar a Valentine, voltou a descer aos aposentos de Noirtier, fechou cuidadosamente as portas e disse, depois de se assegurar que ninguém os escutava:

- Vejamos, sabe alguma coisa acerca da doença da sua neta?

- Sei - respondeu o velho.

- Ouça, não temos tempo a perder. Vou interrogá-lo e o senhor vai me responder.

Noirtier fez sinal de que estava pronto para isso.

- Previu o acidente que aconteceu hoje a Valentine?

- Previ.

Avrigny refletiu um instante e acrescentou, aproximando-se de Noirtier:

- Perdoe-me o que lhe vou dizer, mas nenhum indício deve ser esquecido na situação terrível em que nos encontramos. Viu morrer o pobre Barrois?

Noirtier ergueu os olhos ao céu.

- Sabe de que morreu? - perguntou Avrigny, pousando a mão no ombro de Noirtier.

- Sei - respondeu o velho.

- Acha que a sua morte foi natural?

Qualquer coisa como um sorriso esboçou-se nos lábios inertes de Noirtier.

- Nesse caso, ocorreu-lhe a idéia de Barrois ter sido envenenado?

- Sim.

- Parece-lhe que o veneno que o vitimou lhe era destinado?

- Não.

- E agora acha que tenha sido a mesma mão que feriu Barrois, embora querendo atingir outra pessoa a que feriu hoje Valentine?

- Sim.

- Ela vai portanto sucumbir também? - perguntou Avrigny, fixando o seu olhar profundo em Noirtier.

E esperou o efeito desta frase no velho.

- Não - respondeu o inválido com um ar de triunfo capaz de desorientar todas as conjecturas do mais hábil adivinho.

- Então tem esperança? - perguntou Avrigny com surpresa.

- Tenho.

- Em quê?

O velho deu a entender com os olhos que não podia responder.

- Ah, sim, é verdade! - murmurou Avrigny.

Depois, dirigindo-se a Noirtier, perguntou:

- Tem esperança em que o assassino se canse?

- Não.

- Então que o veneno não produza efeito em Valentine?

- Sim.

- Porque não lhe dou nenhuma novidade dizendo-lhe que tentaram envenenar Valentine, não é verdade? - acrescentou Avrigny.

O velho fez sinal com os olhos de que não tinha qualquer dúvida a tal respeito.

- Então como espera que Valentine se salve?

Noirtier manteve obstinadamente os olhos fixos no mesmo lugar. Avrigny seguiu-lhe a direção do olhar e viu que incidia numa garrafa que continha a poção que lhe davam todas as manhãs.

- Ah, ah! - exclamou Avrigny, assaltado por uma idéia súbita. - Terá o senhor se lembrado...

Noirtier não o deixou terminar.

- Sim - respondeu.

-... de a imunizar contra o veneno?...

- Sim.

- Habituando-a pouco a pouco...

- Sim, sim, sim - respondeu Noirtier, encantado por ser compreendido. - Com efeito, ouviu-me dizer que nas poções que lhe dou entrava a brucina, não é verdade?

- É.

- E habituando-a a esse veneno quis neutralizar os efeitos de outro?

A mesma alegria triunfante de Noirtier.

- E conseguiu-o, sem dúvida nenhuma! - exclamou Avrigny. - Sem essa precaução, Valentine estaria morta hoje, morta sem socorro possível, morta sem misericórdia. O abalo foi violento, mas não passou disso, e pelo menos desta vez Valentine não morrerá.

Uma alegria sobre-humana enchia os olhos do velho, erguidos ao céu com uma expressão de infinito reconhecimento. Neste momento, Villefort entrou.

- Pronto, doutor, aqui tem o que me pediu.

- Esta poção foi preparada na sua presença?

- Foi - respondeu o procurador régio.

- E não saiu das suas mãos?

- Não.

Avrigny pegou na garrafa, deitou algumas gotas da beberagem que ela continha na palma da mão e engoliu-as.

- Bem - disse --, subamos ao quarto de Valentine, onde darei as minhas instruções a todas as pessoas, e o senhor velará pessoalmente, Sr. de Villefort, para que ninguém se afaste delas.

No momento em que Avrigny entrava no quarto de Valentine acompanhado de Villefort, um padre italiano, de aspecto severo e palavras calmas e decididas, alugava para sua habitação a casa contígua ao palácio habitado pelo Sr. de Villefort.

Impossível saber devido a que transação os três inquilinos dessa casa se mudaram passadas duas horas; mas o boato que correu geralmente no bairro foi de que a casa se não encontrava muito solidamente assente nos seus alicerces e ameaçava ruína, o que de modo algum impediu o novo inquilino de se instalar com o seu modesto mobiliário, nesse mesmo dia por volta das cinco horas.

O arrendamento foi feito por três, seis ou nove anos pelo novo inquilino, o qual, conforme o hábito estabelecido pelos proprietários, pagou seis meses adiantados. O novo inquilino, que, como dissemos, era italiano, chamava-se

Signor giacomo Busoni.

Foram imediatamente chamados operários, e nessa mesma noite os raros transeuntes retardatários do cimo do arrabalde viram com surpresa os carpinteiros e os pedreiros ocupados a consertar de alto a baixo a casa vacilante.

Capítulo XCV

O pai e a filha

Vimos, no capitulo anterior, a Sra Danglars ir anunciar oficialmente à Sra de Villefort o próximo casamento de Mademoiselle Eugénie Danglars com o Sr. Andrea Cavalcanti.

Esse anúncio oficial. que indicava ou parecia indicar uma resolução tomada por todos os interessados nesse grande acontecimento, fora no entanto precedido de uma cena de que devemos dar conta aos nossos leitores.

Pedimo-lhes portanto que dêem um passo atrás e se transportem à própria manhã desse dia de grandes catástrofes, no belo salão cheio de dourados que lhes demos a conhecer e que era o orgulho do seu proprietário, o Sr. Barão Danglars.

Com efeito, nesse salão, por volta das dez horas da manhã, passeava havia alguns minutos, muito pensativo e visivelmente inquieto, o próprio barão, que olhava para todas as portas e se detinha a cada ruído.

Quando a sua reserva de paciência se esgotou, chamou o criado de quarto.

- Etienne - disse-lhe --, veja por que motivo Mademoiselle Eugénie me pediu que a esperasse no salão e informe-se porque me faz esperar há tanto tempo.

Expelido este acesso de mau humor, o barão recuperou um pouco a calma.

Efetivamente, Mademoiselle Danglars mandara pedir uma audiência ao pai logo que acordara e designara o salão dourado como o local dessa audiência. A singularidade de semelhante diligência, e sobretudo o seu carater “oficial", não tinham de modo algum surpreendido o banqueiro, que acedera imediatamente ao pedido da filha e fora o primeiro a chegar ao salão.

Etienne em breve regressou da sua embaixada.

- A criada de quarto da menina - disse - informou-me que a menina estava acabando de se arranjar e não tardaria a vir.

Danglars fez. um sinal de cabeça indicativo de que estava satisfeito. Perante a sociedade, e até perante a família, Danglars afetava ser um bonacheirão e um pai fraco. Era um aspecto do papel que se impusera na comédia popular que desempenhava, era uma máscara que adotara e que parecia convir-lhe, tal como convinha aos perfis direitos das máscaras das personagens do teatro antigo ter os lábios arrepanhados e risonhos, enquanto o lado esquerdo tinha os lábios descaídos e chorosos.

Apressamo-nos a dizer que na intimidade os lábios arrepanhados e risonhos desciam ao nível dos lábios descaídos e chorosos, de modo que na maior parte do tempo o bonacheirão desaparecia e entrava em cena o marido brutal e o pai déspota.

- Por que diabo essa louca quer me falar, segundo diz, não vai simplesmente ao meu gabinete? - murmurava Danglars. - E por que me quer falar?

Moía pela vigésima vez este pensamento inquietante no cérebro quando a porta se abriu e Eugénie apareceu, de vestido do cetim preto salpicado de flores mates da mesma cor, em cabelo e enluvada como se fosse ocupar a sua poltrona no Teatro Italiano.

- Então, Eugénie, que temos? - perguntou o pai. - E porquê o salão, com toda a sua solenidade, quando podia estar tão bem no meu gabinete particular?

- Tem toda a razão, senhor - respondeu Eugénie, fazendo sinal ao pai de que se podia sentar --, e acaba de fazer duas perguntas que resumem antecipadamente toda a conversa que vamos ter. Vou portanto responder a ambas. E contra as leis do hábito, primeiro à segunda, por ser a menos complexa. Escolhi
o salão, senhor, para local de encontro, a fim de evitar as impressões desagradáveis e as influências do gabinete de um banqueiro. Os livros de caixa, por mais dourados que sejam, as gavetas fechadas como portas de fortalezas, os maços de notas vindos ninguém sabe donde e as quantidades de cartas vindas de Inglaterra, da Holanda, da Espanha, da índia, da China e do Peru atuam em geral estranhamente sobre o espírito de um pai e fazem-no esquecer que existe no mundo um interesse maior e mais sagrado do que o da posição social e da opinião dos seus clientes. Escolhi portanto o salão, onde vê, sorridentes e felizes nas suas magníficas molduras, o seu retrato, o meu, o da minha mãe e todo o gênero de paisagens pastoris e bucólicas enternecedoras. Confio muito na influência das impressões exteriores. Talvez, sobretudo em relação ao senhor, seja um erro; mas que quer, não seria artista se me não restassem algumas ilusões.

- Muito bem - respondeu o Sr. Danglars, que escutara a tirada com imperturbável sangue-frio, mas sem compreender uma palavra, absorto como estava, como qualquer homem cheio de idéias preconcebidas, a procurar o fio da sua própria idéia nas idéias da interlocutora.

- Está portanto o segundo ponto esclarecido, ou quase - disse Eugénie, sem o menor constrangimento e com a desenvoltura muito masculina que o caracterizava --, e o senhor parece-me satisfeito com a explicação. Agora voltemos ao primeiro. Perguntava-me por que solicitara esta audiência. Vou dizer-lhe
em duas palavras. Ei-las, senhor: não quero casar com o Sr. Conde Andrea Cavalcanti.

Danglars deu um pulo na poltrona e, no impulso, levantou ao mesmo tempo os olhos e os braços ao céu.

- Meu Deus, sim, senhor - continuou Eugénie, sempre muito calma. - está surpreendido, bem vejo, porque desde que toda essa combinaçãozinha está em marcha não manifestei a mais pequena oposição, certa como estou sempre de, no momento apropriado, opor francamente às pessoas que em nada me
consultaram e às coisas que me desagradam uma vontade franca e absoluta. No entanto, desta vez, essa tranquilidade, essa passividade, como dizem os filósofos, tinha outra origem; provinha de, como filha submissa e dedicada... - um sorriso breve desenhou-se nos lábios carminados da jovem - tentar a obediência.

- E então? - perguntou Danglars.

- E então, senhor - prosseguiu Eugénie --, tentei até ao limite das minhas forças, e agora que chegou o momento, apesar de todos os esforços que empreguei sobre mim própria, sinto-me incapaz de obedecer.

- Mas enfim, Eugénie, a razão? - perguntou Danglars, que, espírito primário, parecia antes de mais nada esmagado pelo peso daquela lógica implacável, cuja fleuma denotava tanta premeditação e força de vontade. - Qual a razão dessa recusa?

- A razão? - replicou a jovem. - Oh, meu Deus, não é que o homem seja mais feio, mais estúpido ou mais desagrável do que outro, não. O Sr. Andrea Cavalcanti pode até passar, junto daqueles que apreciam os homens pelo rosto e pela figura, por ser um modelo muitíssimo aceitável. Também não é porque o meu coração esteja menos inclinado para ele do que para qualquer outro; isso seria uma razão de colegial que considero absolutamente abaixo de mim. Não amo absolutamente ninguém, senhor; sabe-o, não é verdade? Não vejo, portanto, por que motivo, sem disso ter absoluta necessidade, iria embaraçar a minha vida com um companheiro eterno. Não disse o sábio algures: “Nada de excessos!"? E em outro passo: “Trazei tudo convosco"? até aprendi estes dois aforismos em latim e em grego. Um é, creio, de Fedro, e o outro, de Bias. Pois bem, meu querido pai, no naufrágio da vida, porque a vida é um naufrágio eterno das nossas esperanças, lanço ao mar a minha bagagem inútil, muito simplesmente, e fico com a minha vontade, disposta a viver absolutamente só e portanto absolutamente livre.

- Desgraçada! Desgraçada! - murmurou Danglars, empalidecendo, pois conhecia por longa experiência a solidez do obstáculo com que deparava tão de repente.

- “Desgraçada! Desgraçada", diz o senhor? - prosseguiu Eugénie. - Mas não, na realidade, e a exclamação parece-me absolutamente teatral e afetada. Pelo contrário, feliz porque lhe pergunto: que me falta? A sociedade acha-me bela, e isso é qualquer coisa que merece ser acolhida favoravelmente Gosto dos bons acolhimentos: alegram as caras e os que me rodeiam parecem-me também menos feios. Sou dotada de algum espírito e de certa sensibilidade relativa, que me permite extrair da existência geral para o fazer entrar na minha o que nela encontro de bom, como faz o macaco quando parte a noz verde para lhe extrair o que contém. Sou rica, porque o senhor possui uma das maiores fortunas da França e porque sou sua filha única e o senhor não é tão teimoso como o são os pais da Porta Saint-Martin e da Gaieté, que deserdam as filhas por lhes não quererem dar netos. Aliás, a lei, previdente, tirou-lhe o direito de me deserdar, pelo menos por completo, tal como lhe tirou o poder de me obrigar a casar com o Sr. Fulano ou o Sr. Sicrano. Assim, bela,
espirituosa, possuidora de algum talento, como dizem nas operas cômicas, e rica... Mas é uma felicidade, senhor! Por que me chama desgraçada?

Danglars, vendo a filha sorridente e orgulhosa até à insolência, não pôde reprimir um gesto de brutalidade, acompanhado de alguns berros, mas mais nada. Debaixo do olhar interrogador da filha, diante daquele belo sobrolho negro, franzido pela interrogação, virou-se com prudência e acalmou-se imediatamente, domado pela mão de ferro da circunspecção.

- De fato, minha filha - respondeu com um sorriso -, você é tudo o que se

gaba de ser, exceto uma única coisa, minha filha. Não quero porém dizer-te qual demasiado bruscamente; prefiro deixar-te adivinha-la...

Eugénie olhou Danglars, muito surpreendida por lhe contestarem um dos florões da coroa de orgulho que acabava de colocar tão soberbamente na cabeça.

- Minha filha - continuou o banqueiro -, explicou-me perfeitamente quais eram os sentimentos que presidiam às resoluções de uma jovem como você quando decidia não se casar. Agora é o momento de dizer quais são os motivos de um pai como eu quando decide que a filha se casará.

Eugénie inclinou-se, não como filha submissa que escuta, mas sim como adversária prestes a discutir que espera.

- Minha filha - prosseguiu Danglars -, quando um pai pede à filha que tome um marido, tem sempre um motivo qualquer para desejar o casamento. Uns são dominados pela mania a que te referia há pouco, ou seja, a se verem reviver nos netos. Não tenho essa fraqueza, começo por te dizer, pois as alegrias da família são quase indiferentes. Creio que posso confessar isto a uma filha que sei ser bastante filósofa para compreender esta indiferença e não a considerar um crime.

- Com certeza - declarou Eugénie. - Falemos com franqueza, senhor, prefiro isso.

- Oh, bem vê que, sem compartilhar, de modo geral, a sua simpatia pela franqueza, me submeto a ela quando creio que as circunstâncias a tal me convidam! - perguntou Danglars. - Continuo, portanto. Te propus um marido, não por você, porque na verdade não pensava por nada deste mundo em você nesse momento
(gosta da franqueza, pois aqui a tem, suponho), mas sim porque necessitava que pressionasse esse marido o mais depressa possível no sentido de participar em certas combinações comerciais que estou em vias de estabelecer neste momento.

Eugénie fez um gesto.

- E como tenho a honra de te dizer, minha filha, e não me deve querer mal por isso porque foi você quem me obrigou a falar. É com pesar, como deve compreender, que entro nestas explicações aritméticas com uma artista como você, que receia entrar no gabinete de um banqueiro porque pode deparar com impressões ou sensações desagradáveis ou antipoéticas.

"Mas fique sabendo, minha querida menina, que nesse gabinete de banqueiro, em que, apesar de tudo, se dignou a entrar anteontem para me pedir os mil francos que lhee dou todos os meses para os teus alfinetes, se aprendem muitas coisas proveitosas até às jovens que não se querem casar. Aprende-se, por exemplo, e em atenção para com a tua susceptibilidade nervosa lhe explicarei neste salão, aprende-se, dizia, que o crédito de um banqueiro é a sua vida física e moral, que o crédito sustenta o homem tal como a respiração anima o corpo, e a tal respeito o Sr. de Monte-Cristo fez-me um dia um discurso que nunca mais esqueci. Aprende-se que à medida que o crédito desaparece o corpo se transforma em cadáver e que isso
deve acontecer dentro de muito pouco tempo ao banqueiro que honra ser pai de uma filha tão forte em lógica.

Mas Eugénie, em vez de se curvar, reagiu ao golpe.

- Arruinado! - exclamou.

- Encontrou a expressão exata, minha filha, a boa expressão - declarou

Danglars, coçando o peito com as unhas e conservando nas feições rudes o sorriso de homem sem coração, mas não sem espírito. - Arruinado! É isso.

- Ah! - exclamou Eugénie.

- Sim, arruinado! Pronto, eis portanto revelado esse segredo cheio de horror, como diz o poeta trágico.

Agora, minha filha, ouve da minha boca como esta desgraça se pode tornar mais pequena para você; não digo para mim, mas sim para você.

- Oh, o senhor é mau fisionomista se imagina que é por mim que deploro a catástrofe que me expõe! - exclamou Eugénie. Eu arruinada! E que me importa? Não me resta o meu talento? Não posso, como a Pasta, como a Malibran ou como a Grisi, conseguir o que o senhor nunca me daria, fosse qual fosse a sua fortuna, isto é, cem ou cento e cinquenta mil libras de rendimento, que deverei unicamente a mim, e que, em vez de me chegarem às mãos como chegam esses pobres doze mil francos que o senhor me dá com olhares impertinentes e palavras de censura pela minha prodigalidade, me virão acompanhados de aclamações,

de bravos e de flores? E quando não tivesse esse talento de que o seu sorriso me prova que desconfia, não me restaria ainda este profundo amor pela independência que me ocupará sempre o lugar de todos os tesouros e que domina em mim até o instinto da conservação?

"Não, não é por mim que fico triste, pois eu saberei sempre tirar-me de apuros; os meus livros, os meus lápis, o meu piano, são tudo coisas que não custam caro e que poderei sempre proporcionar-me, nunca me faltarão. Pensa talvez que me aflijo pela Sra Danglars?... Desiluda-se também. Ou eu me engano muito ou a minha mãe tomou todas as precauções contra a catástrofe que o ameaça e que passará sem a atingir.

Ela colocou-se ao abrigo dessa contingência, creio, e não foi velando por mim que descurou as suas preocupações de fortuna. Porque, graças a Deus, deixou-me toda a minha independência a pretexto de que eu amava a minha liberdade.

"Oh, não, senhor, desde a infância que vejo acontecerem muitas coisas à minha volta! E sempre as compreendi tão bem que a infelicidade nunca me causou mais impressão do que devia causar. Desde que me conheço que não sou amada por ninguém Claro que isso me levou muito naturalmente a não amar ninguém. Tanto melhor! Agora já tem a minha profissão de fé.

- Então - disse Danglars, pálido de uma cólera que não devia nada ao amor paterno ofendido --, então a menina persiste em querer consumar a minha ruína?

- A sua ruína! Eu consumar a sua ruína! - exclamou Eugénie. - Que quer dizer? Não o compreendo.

- Tanto melhor, pois isso deixa-me um raio de esperança. Escute...

- Estou escutando - respondeu Eugénie, olhando tão fixamente o pai que este teve de fazer um estorço para não baixar os olhos diante do olhar poderoso da filha.

- O Sr. Cavalcanti casa contigo - continuou Danglars - e casando contigo traz três milhões de dote, que coloca no meu banco.

- Ah, muito bem! - exclamou Eugénie com soberano desprezo e alisando as luvas uma sobre a outra.

- Julga que lhe ficarei com esses três milhões? - perguntou Danglars. - De modo nenhum Esses três milhões destinam-se a produzir pelo menos dez. Obtive

com um banqueiro meu colega a concessão de um caminho-de-ferro, a única indústria que nos nossos dias oferece as probabilidades fabulosas de êxito imediato que noutros tempos Law atribuiu, para levar à certa os pobres Parisienses, esses eternos anjinhos da especulação, a um Mississipi fantástico. Pelos meus cálculos, deve-se possuir um milionésimo de via férrea como antes se possuía uma jeira de terra em pousio nas margens do Ohio. Trata-se de um investimento hipotecário, o que é um progresso, como verá, pois teremos pelo menos dez, quinze, vinte, cem libras de ferro em troca do nosso dinheiro. Pois bem, pela minha parte tenho de depositar dentro de oito dias quatro milhões! Quatro milhões, te repito, que renderão dez ou doze.

- Mas durante a visita que lhe fiz anteontem, senhor, e de que se dignou lembrar-se - perguntou Eugénie --, vi-o receber em depósito (é este o termo, não é?) cinco milhões e meio. Até me mostrou esse dinheiro em dois saques sobre o Tesouro, e se admirou de que um papel de tão grande valor não me deslumbrasse como se fosse um relâmpago.

- Pois sim, mas esses cinco milhões e meio não me pertencem, são apenas uma prova da confiança que depositam em mim O meu titulo de banqueiro popular valeu-me a confiança dos hospitais, e os cinco milhões e meio são dos hospitais. Em outro tempo, não hesitaria em servir-me deles, mas hoje são conhecidos os grandes prejuízos; que tenho sofrido e, como te disse, o crédito começa a fugir-me. De um momento para o outro, a administração pode reclamar o depósito e se o tivesse empregado em outra coisa seria obrigado a abrir falência fraudulenta. Não receio as falências, acredita, mas as falências que enriquecem e não as que arruinam. Ora, se casar com o Sr. Cavalcanti e eu receber os três milhões do dote, ou mesmo só que acreditem que os recebi ou vou receber, o meu crédito restabelece-se e a minha fortuna, que há um ou dois meses se engolfou em abismos abertos sob os meus passos por uma fatalidade inconcebível, consolida-se. Compreende?

- Perfeitamente. Empenha-me por três milhões, não é?

- Quanto mais alta a importância, mais lisonjeira; dá uma idéia do teu valor.

- Obrigada. Só mais uma palavra, senhor: promete-me que, embora servindo-se à vontade do valor nominal do dote que deve trazer o Sr. Cavalcanti, não tocará no dinheiro? Não se trata de um caso de egoísmo, trata-se de um caso de delicadeza. Desejo muito ajudá-lo a recuperar a sua fortuna, mas não quero ser sua cúmplice na ruína dos outros.

- Mas se te digo que com esses três milhões... - começou a protestar Danglars.

- Acha que se pode tirar de apuros, senhor, sem necessitar mexer nesses três milhões?

- Assim espero, mas sempre com a condição do casamento consolidar o meu crédito.

- Poderá pagar ao Sr. Cavalcanti os quinhentos mil francos que me dá pelo meu contrato?

- Ele os receberá - assim que regressarmos do registro civil.

- Ótimo!

- Ótimo?... Que quer dizer?

- Quero dizer que, logo que assine, poderei dispor livremente da minha

pessoa?

- Absolutamente.

- Então, ótimo. Como lhe dizia, senhor, estou pronta a casar com o Sr. Cavalcanti.

- Mas quais são os seus projetos?

- Oh, isso é o meu segredo! Onde estaria a minha superioridade sobre o senhor se, conhecendo o seu, lhe revelasse o meu?

Danglars mordeu os lábios.

- Portanto, está pronta a fazer as poucas visitas oficiais que são absolutamente indispensáveis?

- Estou - respondeu Eugénie.

- E a assinar o contrato dentro de três dias?

- Sim.

- Nesse caso, é a minha vez de te dizer: ótimo!

E Danglars pegou na mão da filha e apertou-a entre as suas. Mas, coisa extraordinária, enquanto lhe apertava a mão, o pai não se atreveu a dizer. “Obrigado, minha filha!", nem a filha teve um sorriso para o pai.

- A conferência terminou? - perguntou Eugénie, levantando-se.

Danglars fez sinal com a cabeça de que não havia mais nada a dizer.

Cinco minutos mais tarde, o piano soava debaixo dos dedos de Mademoiselle de Armilly, e Mademoiselle Danglars cantava a maldição de Brabantio. No fim do trecho, Etienne entrou e anunciou a Eugénie que os cavalos estavam atrelados e que a baronesa a esperava para irem fazer visitas.

Vimos as duas mulheres passarem por casa de Villefort, donde saíram para continuarem as suas voltas.

Capítulo XCVI

O contrato

Três dias depois da cena que acabamos de contar, isto é, por volta das cinco horas da tarde do dia fixado para a assinatura do contrato de Mademoiselle Eugénie Danglars com Andrea Cavalcanti, que o banqueiro se obstinara em manter príncipe, quando uma brisa fresca agitava todas as folhas do jardinzinho situado diante da casa do conde de Monte-Cristo, no momento, em que este se preparava para sair e enquanto os seus cavalos esperavam batendo com as patas, seguros pela mão do cocheiro sentado havia já um quarto de hora no seu lugar, o elegante faeton com o qual já diversas vezes nos cruzamos e sobretudo durante a testa em Auteuil, transpôs rapidamente a porta de entrada e projetou, mais do que depositou, nos degraus da escadaria o Sr. Andrea Cavalcanti, tão feliz e radiante como se pela sua parte estivesse prestes a casar com uma princesa.

Informou-se da saúde do conde com a familiaridade que lhe era habitual e subiu agilmente ao primeiro andar, onde o encontrou pessoalmente ao cimo da escada. Ao ver o rapaz, o conde parou. Quanto a Andrea Cavalcanti, estava

lançado, e quando estava lançado nada o detinha.

- Eh, boa tarde, caro Sr. de Monte-Cristo! - disse ao conde.

- Ah, o Sr. Andrea! - respondeu este na sua voz meio zomboteira. - Como está?

- Ótimo, como vê. Venho conversar consigo acerca de inúmeras coisas. Mas primeiro diga-me: saía ou entrava?

- Saía, senhor.

- Então, para não o atrasar, subirei, se não se importar, para a sua caleça e Tom nos seguirá no meu faeton.

- Não - respondeu com um imperceptível sorriso de desprezo o conde, que não desejava ser visto na companhia do rapaz. - Não, prefiro ouvi-lo, aqui, caro Sr. Andrea. Conversa-se melhor numa sala, sem cocheiro que surpreenda as nossas palavras no ar.

O conde entrou portanto numa salinha que fazia parte do primeiro andar, sentou-se, cruzou as pernas e fez sinal ao jovem para se sentar também. Andrea tomou o seu ar mais risonho.

- Como sabe, caro conde - disse --, a cerimônia efetua-se esta noite. Às nove horas assina-se o contrato em casa do meu sogro.

- Sim?... - disse Monte-Cristo.

- Como, não sabia? Não foi prevenido da cerimônia pelo Sr. Danglars?

- De fato - respondeu o conde --, recebi ontem uma carta dele, mas não creio que indicasse a hora.

- É possível. O meu sogro terá contado com a notoriedade pública.

- Pronto, ei-lo feliz, Sr. Cavalcanti - declarou Monte-Cristo. - Vai contrair uma aliança das mais vantajosas e além disso Mademoiselle Danglars é bonita.

- Decerto - respondeu Cavalcanti, num tom cheio de modéstia.

- Ela é sobretudo muito rica, segundo creio, pelo menos - disse Monte-Cristo.

- Muito rica... Acha que sim? - inquiriu o rapaz.

- Sem dúvida. Diz-se que o Sr. Danglars esconde pelo menos metade da sua fortuna.

- E ele confessa possuir quinze ou vinte milhões - notou Andrea, com um olhar cintilante de alegria.

- Sem contar-acrescentou Monte-Cristo - que está em vésperas de entrar num gênero de especulação já um pouco gasto nos Estados Unidos e na Inglaterra, mas absolutamente novo na França.

- Sim, sim, sei a que se refere: o caminho-de-ferro cuja adjudicação acaba de obter, não é verdade?

- Exatamente! Ganhará pelo menos, é a opinião geral, pelo menos dez milhões nesse negócio.

- Dez milhões! Acha? É magnífico! - exclamou Cavalcanti, inebriado com este ruído metálico de palavras douradas.

- Sem contar - prosseguiu Monte-Cristo - que toda essa fortuna irá parar às suas mãos, meu amigo, como é de justiça, visto Mademoiselle Danglars ser filha única. Aliás, a sua fortuna, meu caro, pelo menos segundo me disse o seu pai, é quase igual à da sua noiva. Mas ponhamos um pouco de parte os negócios de dinheiro. Sabe, Sr. Andrea, que conduziu um tanto lesta e habilmente todo esse

negócio?...

- Menos mal, menos mal - confessou o rapaz. - Nasci para diplomata.

- Pois nada impede que o metam na diplomacia! Como sabe, a diplomacia não se aprende, é uma questão de instinto... O coração está portanto preso?

- Na verdade, desconfio que sim - respondeu Andrea, no tom em que vira, no Teatro Francês, Dorante ou Valére responder a Alceste.

- Ama-a um bocadinho?

- Acho que sim, uma vez que me caso - respondeu Andrea, com um sorriso de vencedor. - No entanto, não esqueçamos um pormenor importante.

- Qual?

- Que fui singularmente ajudado em tudo isto.

- Ora!...

- Certamente.

- Pelas circunstâncias?

- Não, pelo senhor.

- Por mim? Não diga isso, príncipe - protestou Monte-Cristo, sublinhando com afetação o título. - Que podia eu fazer por si? Não bastavam o seu nome, a sua posição social e o seu mérito?

- Não - negou Andrea --, não. E por mais que diga, Sr. Conde, insisto que a posição de um homem como o senhor fez mais do que o meu nome, a minha posição social e o meu mérito.

- Engana-se completamente, senhor - disse Monte-Cristo, sentindo a astúcia pérfida do rapaz e compreendendo o alcance das suas palavras. - A minha proteção só lhe foi concedida depois de tomar conhecimento da influência e da fortuna do senhor seu pai. E quem me proporcionou, a mim que nunca os
tinha visto, nem a si nem ao autor dos seus dias, o prazer de os conhecer? Dois dos meus amigos, Lorde Wilmore e o abade Busoni. Quem me encorajou, não a servir-lhe de garantia, mas a patrociná-lo? O nome do seu pai, tão conhecido e respeitado na Itália. Pessoalmente, não o conhecia.

Esta calma e este perfeito à-vontade fizeram compreender a Andrea que se encontrava de momento seguro por uma mão mais musculosa do que a sua e que dispunha de uma força que não poderia ser facilmente quebrada.

- Claro, claro! - apressou-se a concordar Andrea. - Mas, então éverdade que o meu pai possui realmente uma enorme fortuna, Sr. Conde?

- Parece que sim, senhor - respondeu Monte-Cristo.

- Sabe se o dote que me prometeu já chegou?

- Já recebi a carta-aviso.

- Mas os três milhões?

- Os três milhões estão a caminho, muito provavelmente.

- Isso quer dizer que os receberei de fato?

- Ora essa! - exclamou o conde. - Parece-me que até agora lhe não faltou o dinheiro, senhor!

Andrea ficou de tal modo surpreendido que não pode se impedir de sonhar um momento.

- Visto isso - disse, saindo do seu alheamento --, só me resta, senhor, fazer-lhe um pedido, que decerto compreenderá, mesmo que lhe seja desagrável.

- Fale - disse Monte-Cristo.

- Graças à minha fortuna, relacionei-me com muitas pessoas distintas e tenho até de momento, pelo menos, inúmeros amigos. Mas casando-me, como me caso, perante toda a sociedade parisiense, devo ser apadrinhado por um nome ilustre, e à falta da mão paterna deverá ser uma mão poderosa a conduzir-me
ao altar. Ora o meu pai não vem a Paris, pois não?

- Está velho, coberto de feridas e sofre horrivelmente sempre que viaja - respondeu Monte-Cristo.

- Compreendo. Por isso lhe venho fazer um pedido...

- A mim?

- Sim, ao senhor.

- E qual, meu Deus?

- Que o substitua.

- Então, meu caro senhor, que é isso?... Depois das numerosas relações que tive a honra de ter consigo ainda me conhece tão mal que me faz semelhante pedido? Peça-me meio milhão emprestado e, embora tal empréstimo seja bastante raro, dou-lhe a minha palavra de honra de que me será menos
embaraçoso. Como sabe, pelo menos creio já lho ter dito, na sua participação, sobretudo moral, nas coisas deste mundo nunca o conde de Monte-Cristo deixou de conservar os escrúpulos, direi mais, as superstições de um homem do Oriente. Eu, que tenho um serralho no Cairo, outro em Esmirna e outro em Constantinopla, presidir a um casamento? Nunca!

- Portanto, recusa?

- Redondamente. E fosse o senhor meu filho ou meu irmão, recusaria da mesma maneira.

- Não me diga! - exclamou Andrea, decepcionado. - Mas então que fazer?

- Como o senhor mesmo acaba de dizer, tem centenas de amigos...

- De acordo, mas foi o senhor que me apresentou em casa do Sr. Danglars.

- Alto! Reponhamos os fatos em toda a sua verdade: fui eu que contribuí para que o senhor jantasse com ele em Auteuil, mas foi o senhor que se apresentou pessoalmente. Diabo, é muito diferente!

- Pois sim, mas o meu casamento... o senhor ajudou.

- Eu? Em coisíssima nenhuma, peço-lhe que acredite. Lembre-se do que lhe respondi quando veio solicitar-me que fizesse o pedido: “Oh, nunca me meto em casamentos, meu caro príncipe, é um princípio arraigado em mim!"

Andrea mordeu os lábios.

- Mas, enfim, ao menos assistirá? - perguntou.

- Toda a sociedade parisiense estar presente?

- Com certeza!

- Nesse caso, lá estarei, como toda a sociedade parisiense.

- Assinará o contrato?

- Não vejo nisso nenhum inconveniente. Os meus escrúpulos não vão tão longe.

- Enfim, uma vez que me não quer conceder mais, devo contentar-me com o que me dá. Só mais uma palavra, conde.

- Por que não?

- Um conselho.

- Cautela, um conselho é pior do que um favor.

- Oh, este pode dar-me sem se comprometer!

- Diga.

- O dote da minha mulher é de quinhentas mil libras.

- Foi a importância que o Sr. Danglars anunciou a mim mesmo.

- Devo recebê-lo ou deixá-lo nas mãos do tabelião?

- Vejamos como geralmente se passam as coisas quando se quer que se passem elegantemente: os dois tabeliões combinam encontrar-se no dia seguinte ou dois dias depois do contrato; no dia seguinte ou dois dias depois trocam os dotes, e se dão mutuamente recibo; uma vez o casamento realizado, põem os milhões à sua disposição, como cabeça de casal.

- É que - disse Andrea, com certa inquietação mal dissimulada - creio ter ouvido dizer ao meu sogro que tinha a intenção de colocar os nossos fundos nesse famoso negócio ferroviário de que o senhor me falava há pouco.

- Mas isso, segundo toda a gente afirma - respondeu Monte-Cristo -, é um meio de os seus capitais triplicarem num ano. O Sr. Barão Danglars é bom pai e sabe contar.

- Nesse caso - disse Andrea - tudo vai bem, exceto a sua recusa, que me causa um grande desgosto.

- Atribua-a apenas a escrúpulos muito naturais em semelhantes circunstâncias.

- Perfeitamente. Seja como quer. até logo, às nove horas.

- Até logo.

E, apesar de uma leve resistência de Monte-Cristo, cujos lábios empalideceram, mas que no entanto conservou o seu sorriso de cerimônia, Andrea pegou na mão do conde, apertou-a, saltou para o seu faeton e desapareceu.

Às quatro ou cinco horas que lhe restavam até às nove gastou-as Andrea em voltas, em visitas destinadas a interessar os amigos de que falara a aparecerem em casa do banqueiro com todo o luxo das suas carruagens, deslumbrando-os com promessas de ações que desde então fizeram todas as cabeças andar à roda e de que naquele momento Danglars tinha a iniciativa.

Com efeito, às oito e meia o grande salão de Danglars, a galeria contígua a esse salão e os três outros salões do mesmo andar estavam cheios de uma multidão perfumada que atraia muito pouco a simpatia, mas muito a irresistível necessidade de estar onde se sabe haver novidades.

Um acadêmico diria que as festas de sociedade são coleções de flores que atraem borboletas inconstantes, abelhas famintas e zangãos zumbidores. Desnecessário dizer que os salões estavam resplandecentes de velas, a luz jorrava das molduras douradas dispostas nas paredes forradas de seda e todo o mau gosto do mobiliário, que tinha apenas a seu favor a riqueza, resplandecia estrepitosamente.

Mademoiselle Eugénie estava vestida com a mais elegante simplicidade: vestido de seda branca e brocado da mesma cor, uma rosa branca meio escondida nos seus cabelos de um negro de azeviche, e pronto, era tudo quanto constituía a sua toilette, que não enriquecia a mais pequena jóia.

Poderia-se no entanto ler nos seus olhos uma segurança perfeita, que

desmentia o que aquela cândida toilette tinha de vulgarmente virginal a seus próprios olhos.

A Sra Danglars, a trinta passos dela, conversava com Debray, Beauchamp e Château-Renaud. Debray entrara naquela casa para assistir à grande solenidade, mas como todas as pessoas e sem nenhum privilégio especial.

O Sr. Danglars, rodeado de deputados e financeiros, explicava uma teoria de novas contribuições que esperava pôr em prática quando a força das circunstâncias obrigasse o governo a chamá-lo ao ministério.

Andrea, segurando pelo braço um dos mais elegantes dandys da Ópera, explicava-lhe com bastante impertinência, atendendo a que necessitava de ser insolente para parecer à vontade, os seus projetos de vida futura e os progressos de luxo que contava fazer com as suas setenta e cinco mil libras de rendimento na fashion parisiense.

A multidão geral percorria os salões como um fluxo e um refluxo de turquesas, rubis, esmeraldas, opalas e diamantes. Como sempre, notava-se serem as mulheres mais velhas as mais arrebicadas e as mais feias as que se exibiam mais obstinadamente. Se havia algum belo lírio branco ou alguma rosa suave e
perfumada, era necessário procurá-lo e descobri-lo, escondido em qualquer canto por uma mãe de turbante ou por uma tia com plumas de ave-do-paraíso.

A cada instante, no meio daquela balbúrdia, daquele burburinho, daqueles risos, a voz dos porteiros gritava um nome conhecido nas Finanças, respeitado no Exército ou ilustre nas Letras, enquanto um fraco movimento dos grupos acolhia esse nome.

Mas por cada um que tinha o privilégio de agitar aquele oceano de vagas humanas, quantos passavam acolhidos pela indiferença ou pelo riso desdenhoso! No momento em que o ponteiro do relógio maciço, do relógio que representava Endimião adormecido, marcava nove horas no mostrador dourado, e em que a campainha, fiel reprodutora do pensamento maquinal, soava nove vezes, soou também o nome do conde de Monte-Cristo e, como que impelida, pela flama elétrica, toda a assistência se virou para a porta.

O conde estava vestido de preto e com a sua simplicidade habitual. O colete branco desenhava-lhe o peito amplo e nobre; a sua gravata preta parecia de uma frescura singular, de tal modo sobressaía na máscula palidez do rosto; como única jóia trazia uma corrente no colete, tão delicada que o delgado fio de ouro mal se via no pique branco.

Fez-se imediatamente um círculo à roda da porta.

Num só relance de olhos o conde viu a Sra Danglars numa extremidade do salão, o Sr. Danglars na outra e Mademoiselle Eugénie diante de si.

Aproximou-se primeiro da baronesa, que conversava com a Sra de Villefort, que viera sozinha, pois Valentine continuava doente; e sem se desviar, de tal modo o caminho se abria diante dele, passou da baronesa a Eugénie, que cumprimentou em termos tão rápidos e reservados que a orgulhosa artista ficou surpreendida.

Junto dela encontrava-se Mademaiselle, Louise de Armilly, que agradeceu ao conde as cartas de recomendação que tão amavelmente lhe dera para a Itália e das quais contava, disse, servir-se frequentemente. Quando deixou as senhoras,

virou-se e encontrou-se perto de Danglars, que se aproximara para cumprimentá-lo.

Cumpridos estes três deveres sociais, Monte-Cristo deteve-se e passeou à sua volta o olhar firme, dotado dessa expressão característica das pessoas de certo meio, e sobretudo de certa capacidade, olhar que parecia dizer. “Fiz o que devia; agora os outros que façam o que me devem.”

Andrea, que se encontrava num salão contíguo, sentiu a espécie de frêmito que Monte-Cristo imprimira à multidão e correu a cumprimentar o conde.

Encontrou-o completamente cercado; os convidados disputavam-lhe as palavras, como acontece sempre com as pessoas que falam pouco e nunca dizem uma palavra sem valor. Os tabeliões entraram nesse momento e foram colocar os seus papéis garatujados em cima do veludo bordado a ouro que cobria a mesa preparada para a assinatura, mesa de madeira dourada.

Um dos tabeliões sentou-se, o outro ficou de pé. Ia-se proceder à leitura do contrato que metade de Paris, presente na solenidade, deveria assinar.

Cada um tomou o seu lugar, ou antes, as mulheres fizeram círculo, enquanto os homens, mais indiferentes no tocante ao estilo enérgico, como diz Boileau, comentavam a agitação febril de Andrea, a atenção do Sr. Danglars, a impassibilidade de Eugénie e a forma expedita e descontraída como a baronesa tratava aquele importante assunto.

O contrato foi lido no meio de profundo silêncio. Mas assim que a leitura terminou, o rumor recomeçou nos salões e a dobrar do que fora anteriormente. Aquelas importâncias avultadas, aqueles milhões rolando no futuro dos dois jovens e que vinham completar a exposição que se organizara, numa sala exclusivamente dedicada a esse fim, da corbelha da noiva e dos diamantes da jovem, tinham-se repercutido com todo o seu
prestígio na invejosa assistência.

Os encantos de Mademoiselle Danglars eram por isso duplos aos olhos dos jovens e de momento ofuscavam o brilho do Sol. Quanto às mulheres, descnecessário dizer que, embora cobiçando aqueles milhões, não achavam precisar deles para serem belas.

Andrea, perseguido pelos amigos, cumprimentado, adulado, começando a acreditar na realidade do sonho em que vivia, Andrea estava prestes a perder a cabeça. O tabelião pegou solenemente na pena, ergueu-a acima da cabeça e disse:

- Meus senhores, vamos assinar o contrato.

O barão devia ser o primeiro a assinar, seguido do procurador do Sr. Cavalcanti pai, da baronesa e dos futuros cônjuges, como se diz no estilo abominável usado no papel selado. O barão pegou a pena e assinou, e depois o procurador. A baronesa aproximou-se pelo braço da Sra de Villefort.

- Meu amigo - disse, pegando na pena --, não é desesperante? Um incidente inesperado, no caso, de assassínio e roubo, de que o Sr. Conde de Monte-Cristo esteve quase a ser vítima priva-nos da presença do Sr. de Villefort.

- Oh, meu Deus! - exclamou Danglars no mesmo tom em que diria: “Palavra que tudo isso me é absolutamente indiferente!"

- Meu Deus, receio muito ser a causa involuntária dessa ausência! - disse Monte-Cristo, aproximando-se.

- Como?... O senhor, conde? - admirou-se a Sra Danglars, assinando. - Se é assim, acautele-se, porque nunca lhe perdoarei.

Andrea arrebitava as orelhas.

- No entanto, se assim for, a culpa não será minha, como vão ter oportunidade de verificar - desculpou-se o conde.

Todos escutavam avidamente. Monte-Cristo, que tão raramente abria a boca, ia falar.

- Decerto se lembram - começou o conde no meio do mais profundo silêncio - que foi em minha casa que morreu o desgraçado que viera para me roubar e que ao sair foi morto, ao que se julga, pelo cúmplice?...

- Sim, lembramos - respondeu Danglars.

- Pois bem, para o socorrer, despiram-no e atiraram-lhe as roupas para um canto, onde a justiça as apanhou. Mas a justiça, quando tomou conta da sobrecasaca e das calças, para as depositar no cartório, esqueceu-se do colete.

Andrea empalideceu visivelmente e aproximou-se devagarinho da porta. Via surgir uma nuvem no horizonte, nuvem que lhe parecia trazer temporal.

- Bom, o malfadado colete foi encontrado hoje todo coberto de sangue e furado no lugar do coração.

As damas soltaram um grito e duas ou três prepararam-se para desmaiar.

- Trouxeram-me. Ninguém era capaz de adivinhar de onde viera semelhante trapo; só eu pensei que se tratava, provavelmente, do colete da vítima. De súbito, o meu criado de quarto, revistando com nojo e precaução a fúnebre relíquia, sentiu um papel na algibeira e tirou-o. Era uma carta dirigida a quem? Ao senhor, barão.

- A mim?! - exclamou Danglars.

- Oh, meu Deus, ao senhor, sim! Consegui ler o seu nome através do sangue que manchava a carta - respondeu Monte-Cristo no meio das exclamações de surpresa geral.

- Mas por que motivo isso reteve o Sr. de Villefort? - perguntou a Sra Danglars, olhando o marido com inquietação.

- É muito simples, minha senhora - respondeu Monte-Cristo. - O colete e a carta eram o que se chama provas materiais. Carta e colete foram por mim enviados ao Sr. Procurador régio, pois, como deve compreender, meu caro barão, a via legal é a mais segura em matéria criminal. Talvez se tratasse de alguma maquinação contra o senhor...

Andrea olhou fixamente Monte-Cristo e desapareceu no segundo salão.

- É possível - disse Danglars. - Esse homem assassinado não era um antigo forçado?

- Sim, era um antigo forçado chamado Caderousse - respondeu o conde.

Danglars empalideceu ligeiramente. Andrea deixou o segundo salão e alcançou a antecâmara.

- Mas assinem, assinem! - exclamou Monte-Cristo. - Verifico que a minha história impressionou a todos e peço-lhes humildemente perdão, Sra Baronesa e Mademoiselle Danglars.

A baronesa, que acabava de assinar, entregou a pena ao tabelião.

- O Sr. Príncipe Cavalcanti! - chamou o tabelião. - Onde está o Sr. Príncipe Cavalcanti?

- Andrea! Andrea! - repetiram várias vozes de jovens que tinham já chegado com o nobre italiano a esse grau de intimidade que permite tratar as pessoas pelo nome de batismo.

- Chame o príncipe, previna-o de que é ele a assinar! - gritou Danglars a um porteiro.

Mas ao mesmo tempo a multidão dos assistentes refluiu, aterrada, para o salão principal, como se algum monstro pavoroso tivesse entrado ali, quaerens quem devoret.

Havia efetivamente motivo para recuarem, se assustarem e gritarem. Um oficial de gendarmaria colocava dois guardas à porta de cada salão e avançava para Danglars, precedido de um comissário de polícia com a sua faixa à cintura. A Sra Danglars soltou um grito e desmaiou.

Danglars, que se julgava ameaçado (certas consciências nunca estão tranquilas), ofereceu aos olhos dos seus convidados um rosto descomposto pelo terror.

- Que se passa, senhor? - perguntou Monte-Cristo, indo ao encontro do comissário.

- Qual dos senhores - perguntou o magistrado, sem responder ao conde - se chama Andrea Cavalcanti?

Um grito de espanto partiu de todos os cantos do salão. Procuraram, interrogaram.

- Mas quem é afinal esse Andrea Cavalcanti? - perguntou Danglars quase alucinado.

- Um antigo forçado evadido das galés de Toulon.

- E que crime cometeu?

- É acusado - respondeu o comissário, na sua voz impassível - de ter assassinado um tal Caderousse, seu antigo companheiro de grilheta, no momento em que saía de casa do conde de Monte-Cristo.

Monte-Cristo olhou rapidamente à sua volta. Andrea desaparecera.

Capítulo XCVII

A estrada da Bélgica

Pouco depois da cena de confusão produzida nos salões do Sr. Danglars pelo aparecimento inesperado do oficial de gendarmaria e pela revelação que se lhe seguira, o vasto palácio esvaziara-se com uma rapidez idêntica à que teria provocado o anúncio de um caso de peste ou cólera-morbo verificado entre os convidados. Em poucos minutos, por todas as portas, por todas as escadas, por todas as saídas, todas as
pessoas se apressaram em retirar-se, ou antes, a fugir. Porque se estava perante uma dessas situações em que nem sequer se deve tentar dar as vulgares consolações, que tornam, nas grandes cat´sstrofes, os melhores amigos tão importunos.

Só ficaram no palácio do banqueiro o próprio Danglars, fechado no seu

gabinete, depondo perante o oficial de gendarmaria, a Sra Danglars, aterrada, no boudoir que já conhecemos, e Eugénie, que, de olhar altivo e lábios desdenhosos, se retirara para o seu quarto com a sua inseparável companheira, Mademoiselle Louise de Armilly.

Quanto aos numerosos criados, mais numerosos ainda naquela noite do que de costume, porque se lhes juntaram, por causa da festa, os sorveteiros, os cozinheiros e os chefes de mesa do Café de Paris, virando contra os patrões a cólera do que chamavam a sua afronta, estavam reunidos em grupos na copa, nas cozinhas e nos seus aposentos, pouquíssimo preocupados com o serviço, que, aliás, se encontrava muito naturalmente interrompido.

No meio destas diferentes personagens, movidas por interesses diversos, apenas duas merecem que nos ocupemos delas: Mademoiselle Eugénie Danglars e Mademoiselle Louise de Armilly.

A jovem noiva retirara-se, como já dissemos, com ar altivo e lábios desdenhosos, qual rainha ultrajada, seguida da companheira, mais pálida e impressionada do que ela. Quando chegaram ao seu quarto, Eugénie fechou a porta por dentro, enquanto Louise caía numa cadeira.

- Oh, meu Deus, meu Deus, que coisa horrível! - exclamou a jovem música. - Mas quem podia suspeitar? O Sr. Andrea Cavalcanti... um assassino... um evadido das galés... um forçado!

Um sorriso irônico crispou os lábios de Eugénie.

- Na verdade, estava predestinada - disse. - Escapei ao Morcerf para ir cair no Cavalcanti!

- Oh, não confunda um com o outro, Eugénie!

- Cale-se! Todos os homens são infames e sinto-me feliz por poder fazer mais do que detestá-los; agora desprezo-os.

- Que vamos fazer? - perguntou Louise.

- Que vamos fazer?

- Sim.

- Mas o que devíamos ter feito há três dias: partir...

- Assim, embora já se não case, continua a querer?...

- Escute, Louise: horroriza-me esta vida de sociedade, ordenada, compassada, pautada como o nosso papel de música. O que sempre desejei. ambicionei, quis, foi a vida de artista, a vida livre, independente, onde cada um só depende de si, onde só tem de dar contas a si próprio. Ficar para quê? Para daqui a um mês tentarem voltar a casar-me? E com quem? Talvez com o Sr. Dehray, como se chegou a aventar. Não, Louise; não, a aventura desta noite me servirá de pretexto. Não o procurei, nem o pedi; Deus manda-me este e é bem-vindo.

- Como você é forte e corajosa! - exclamou a loura e frágil moça à sua morena companheira.

- Ainda não me conhece? Vamos, Louise, tratemos das nossas coisas. A carruagem de posta...

- Nós a compramos sem dificuldade há três dias.

- Mandou levá-la para onde a devemos tomar?

- Mandei.

- O nosso passaporte?

- Está aqui!

Eugénie desdobrou um papel e leu, com a sua arrogância habitual: “Sr. Léon de Armilly, de vinte anos, de profissão artista, cabelos pretos, olhos pretos, que viaja com sua irmã..."

- Ótimo! Por intermédio de quem arranjou este passaporte?

- Quando fui pedir ao Sr. de Monte-Cristo cartas para os diretores dos teatros de Roma e Nápoles, exprimi-lhe os meus receios de viajar como mulher. Ele compreendeu-os perfeitamente e pôs-se à minha disposição para me arranjar um passaporte de homem, e dois dias depois recebi este, ao qual acrescentei pelo meu punho: “... que viaja com a sua irmã".

- Pronto, agora trata-se apenas de fazer as malas! - exclamou alegremente Eugénie. - Partimos na noite da assinatura do contrato em vez de partirmos na noite do casamento; é a única alteração.

- Pense bem, Eugénie...

- Oh, já pensei! Estou cansada de ouvir falar de prorrogações, de fins de mês, e alta, de baixa, de fundos espanhóis, de papel haitiano. Em vez disso, Louise, compreende, o ar, a liberdade, o canto dos passarinhos, as planícies da Lombardia, os canais de Veneza, os palácios de Roma, a praia de Nápoles.
Quanto temos?

A jovem Louise tirou de uma mesa entalhada uma carteirinha com fechadura, abriu-a e contou vinte e três notas de mil.

- Vinte e três mil francos - informou.

- E outro tanto, pelo menos, em pérolas, diamantes e jóias - disse Eugénie. - Estamos ricas! Com quarenta e cinco mil francos temos para viver como princesas durante dois anos, ou razoavelmente durante quatro. Mas antes de seis meses, você com a sua música e eu com a minha voz duplicaremos o nosso capital. Vamos, encarrega-te do dinheiro que eu encarrego-me do cofre das jóias. Assim, se uma tiver a pouca sorte de perder o seu tesouro, a outra terá o seu. Agora a mala. Despachemo-nos, a mala!

- Espere - pediu Louise, indo escutar à porta da Sra Danglars.

- Que receia?

- Que nos surpreendam.

- A porta está fechada.

- Que nos mandem abri-la.

- Pois que mandem; não a abriremos!

- É uma autêntica amazona, Eugénie!

E as duas jovens começaram com prodigiosa atividade, a meter numa mala todos os objetos de viagem que julgavam necessitar.

- Agora - disse Eugénie --, enquanto mudo de roupa, fecha a mala.

Louise carregou com toda a força das suas mãozinhas brancas na tampa da mala.

- Não posso! - exclamou. - Não tenho força suficiente. Feche-a você.

- Ah, tem razão! - perguntou Eugénie, rindo. - já me esquecia de que sou Hércules e você apenas a pálida ãnfale.

E a jovem apoiou o joelho na mala e retesou os braços brancose musculosos até os dois compartimentos da mala se juntarem e Mademoiselle de Armilly enfiar o cadeado. Terminada esta operação, Eugénie abriu uma cômoda de que tinha a chave e tirou uma manta de viagem de seda acolchoada.

- Tome - disse. - Como vê, pensei em tudo. Com esta manta não terá frio.

- E você?

- Oh, eu nunca tenho frio, bem sabe! De resto, vestida de homem...

- Vai se vestir aqui?

- Claro.

- E terá tempo?

- Não tenha medo, poltrona! Todo o pessoal está ocupado com o grande escândalo. Aliás, que tem de extraordinário, quando se pensa no desespero em que devo estar, que me tenha fechado?

- Nada, é verdade. Tranquiliza-me.

- Anda, vem ajudar-me.

E da mesma gaveta de onde tirara a manta que acabava de dar a Mademoiselle de Armilly e que esta já pusera pelos ombros, tirou um traje de homem completo, desde as botinas até à sobrecasaca, bem como uma provisão de roupa branca, onde não havia nada de supérfluo, mas onde se encontrava o necessário.

Então, com um desembaraço indicativo de que não era decerto a primeira vez que, por brincadeira, vestia as roupas do outro sexo, Eugénie calçou as botinas, vestiu as calças, deu o laço na gravata, abotoou até ao pescoço o colete alto e envergou uma sobrecasaca que lhe desenhava a cintura fina e arqueada.

- Oh, está muito bem! Sinceramente, está muito bem! - exclamou Louise, olhando-a com admiração. - Mas esses belos cabelos negros, essas tranças magníficas que faziam suspirar de inveja todas as mulheres, caberão num chapéu de homem como esse que vejo aí?

- Já vai ver - respondeu Eugénie.

E agarrando com a mão esquerda a trança grossa, na qual os seus longos dedos mal conseguiam fechar-se, pegou com a mão direita numa grande tesoura, e em breve o aço rangeu no meio da rica e esplêndida cabeleira, que caiu inteirinha aos pés da moça, inclinada para trás para não deixar cabelos na sobrecasaca.

Cortada a trança superior, Eugénie passou às das têmporas, que cortou sucessivamente, sem manifestar o mais pequeno pesar. Pelo contrário, os seus olhos brilharam mais cintilantes e alegres ainda do que de costume debaixo das sobrancelhas negras como o ébano.

- Oh, o teu magnífico cabelo! - exclamou Lonise, com pesar.

- Então não estou cem vezes melhor assim? - perguntou Eugénie, alisando as madeixas esparsas do penteado, agora muito masculino. - Não me acha mais bonita assim?

- Oh, você é bonita, é sempre bonita! - exclamou Louise. - Agora para onde vamos?

- Para Bruxelas, se quiser. É a fronteira mais próxima. De Bruxelas seguiremos para Liêge e Aix-la-Chapelle, subiremos o reno até Estrasburgo, atravessaremos a Suíça e entraremos em Itália pelo Saint-Gothard. Concorda?

- Claro.

- Para que está olhando?

- Para você. Na verdade, está adorável assim. Diria que vai me raptar...

- Meu Deus, e não deixa de haver certa razão nisso!

- Mas não era o que tinha me prometido, Eugénie?...

E as duas jovens, que toda a gente julgaria lavadas em lágrimas, uma por motivo próprio e a outra por dedicação à amiga, desataram a rir enquanto faziam desaparecer os vestígios mais visíveis da desordem que naturalmente acompanhara os preparativos da sua fuga.

Depois de apagarem as luzes, de olhos bem abertos, ouvido à escuta de pescoço estendido, as duas fugitivas abriram a porta de um quarto de vestir que dava para uma escada de serviço que descia até ao pátio. Eugénie caminhava à frente, segurando a mala com um braço, enquanto pela asa oposta Mademoiselle de Armilly mal a conseguia levantar com ambas as mãos. O pátio estava vazio. Dava meia-noite. O porteiro ainda velava.

Eugénie aproximou-se muito devagarinho e viu o digno suíço a dormir ao fundo do cubículo, estiraçado na sua poltrona. Voltou para junto de Louise, tornou a pegar na mula que por instantes pousara no chão, e ambas, seguindo a sombra projetada pela parede, alcançaram a abóbada.

Eugénie escondeu Louise no canto da porta, de maneira que, se por acaso o porteiro acordasse, só visse uma pessoa. Depois, expondo-se pessoalmente à luz do candeeiro que iluminava o pátio, gritou na sua mais deliciosa voz de contralto, batendo no vidro:

- A porta!

O porteiro levantou-se, como previra Eugénie, e deu até alguns passos para identificar a pessoa que saía. Mas vendo um rapaz que batia impacientemente nas calças com o pingalim, abriu imediatamente.

Ato contínuo, Louise esgueirou-se como uma cobra pela porta entreaberta e saltou agilmente para fora. Eugénie, aparentemente calma, embora, segundo todas as probabilidades, o seu coração desse mais pulsações do que no seu estado habitual, saiu por sua vez. Um moço de fretes que passava naquele momento prontificou-se a carregar a mala depois de as duas jovens lhe indicarem que iam para a Rua da Vitória, número 36. Seguiram o homem, cuja presença tranquilizava Louise; quanto a Eugénie, era forte como uma Judite ou uma Dalila.

Chegaram ao número indicado. Eugénie ordenou ao moço de fretes que pusesse a mala no chão, deu-lhe algumas moedas e, depois de bater no postigo, mandou-o embora. O postigo a que batia Eugénie era o de uma roupeira prevenida antecipadamente. Não estava ainda deitada e abriu.

- Menina, diga ao porteiro que tire a caleça da cocheira e que vá buscar os cavalos à estação de posta - ordenou Eugénie. - Aqui estão cinco francos pelo trabalho.

- Na verdade, admiro-te e quase diria que te respeito - confessou Louise.

A roupeira olhava, atônita. Mas como estava combinado que receberia vinte luíses, não fez qualquer observação. Passado um quarto de hora, o porteiro voltava com o postilhão e os cavalos, que num abrir e fechar de olhos foram atrelados à carruagem, na qual o porteiro prendeu a mala com uma corda e um torniquete.

- Aqui está o passaporte - disse o postilhão. - Que estrada tomamos, meu jovem burguês?

- A estrada de Fontainebleau - respondeu Eugénie, numa voz quase masculina.

- Que está dizendo? - perguntou Louise, surpreendida.

- É para despistar - respondeu Eugénie. - A mulher a quem demos vinte luíses pode nos trair por quarenta. No bulevar tomaremos outra direção.

E a jovem saltou para a brisca, transformada em excelente sege de viagem, sem quase tocar no estribo.

- Tem sempre razão, Eugénie - disse a professora de canto, instalando-se junto da amiga.

Um quarto de hora mais tarde, o postilhão, posto no caminho correto, transpunha, fazendo estalar o chicote, o portão da Barreira Saint-Martin.

- Ah! - exclamou Louise, respirando. - até que enfim saímos de Paris!

- Sim, minha querida, e o rapto está realmente consumado - respondeu Eugénie.

- Sim, mas sem violência - observou Louise.

- Farei valer isso como circunstância atenuante - declarou Eugénie.

Estas palavras perderam-se no meio do barulho que fazia a carruagem rodando no calcetamento da Villette.

O Sr. Danglars já não tinha filha.

Capítulo XCVIII

A estalagem do sino e da garrafa

E agora deixemos Mademoiselle Danglars e a amiga rodar pela estrada de Bruxelas e voltemos ao pobre Andrea Cavalcanti, tão malfadadamente detido no caminho da fortuna.

Apesar da sua idade ainda pouco avançada, o Sr. Andrea Cavalcanti era um rapaz muito hábil e inteligente.

Por isso, vimo-lo, aos primeiros rumores que penetraram no salão, aproximar-se gradualmente da porta, atravessar uma ou duas salas e por fim desaparecer.

Uma das circunstâncias que nos esquecemos de mencionar, e que, no entanto, não deve ser omitida, é que numa das duas salas atravessadas por Cavalcanti se encontrava exposta a corbelha da noiva, constituída por diamantes, xales de caxemira, rendas de Valenciennes, véus da Inglaterra... por tudo o que compõe, enfim, esse acervo de objetos tentadores cujo nome basta para fazer pular de alegria o coração das jovens e que se chama enxoval.

Ora, ao passar por essa sala, Andrea - o que prova que era não só rapaz muito inteligente e hábil, mas também previdente - apoderou-se do mais rico de todos os adereços expostos.

Munido desse viático, Andrea sentira-se metade mais leve para saltar pela janela e esgueirar-se por entre as mãos dos guardas. Alto e esbelto como um lutador antigo, musculoso como um espartano, Andrea empreendera uma corrida de um quarto de hora, sem saber para onde ia, apenas com o fito de se afastar do local onde estivera quase a ser preso.

Partido da Rua do Mont-Blanc, encontrara-se, com esse instinto das

barreiras que os ladrões possuem, tal como a lebre o da toca, ao fundo da Rua Lafayette. Aí, sufocado, arquejante, parou.

Estava absolutamente só e tinha à esquerda a tapada de Saint-Lazare, um vasto deserto, e à direita, Paris em toda a sua profundidade.

- Estarei perdido? - perguntou a si mesmo. - Não, se puder desenvolver uma soma de atividade superior à dos meus inimigos. A minha salvação não passa, portanto, muito simplesmente de uma questão de miriâmetros.

Neste momento viu, vindo do alto do Arrabalde Poissonoiêre, um cabriolé de praça cujo cocheiro, abatido e fumando o seu cachimbo, parecia querer regressar às extremidades do Arrabalde Saint-Denis, onde sem dúvida estacionava habitualmente.

- Eh, amigo! - chamou-o Benedetto.

- Que deseja o nosso burguês? - perguntou o cocheiro.

- O seu cavalo está cansado?

- Cansado? Pois bem!... Não fez nada todo o santo dia. Quatro péssimas corridas e vinte soldos de gorjeta; sete francos ao todo e tenho de entregar dez ao patrão!

- Quer juntar a esses sete francos estes vinte?

- Com prazer, burguês! Vinte francos não é coisa que se despreze. Que é preciso fazer para isso?

- Uma coisa muito fácil se o seu cavalo não estiver cansado.

- Garanto-lhe que voará como o vento; basta dizer para que lado deve voar...

- Para o lado de Louvres.

- Ah, ah, conheço! Terra do ratafia, não é?...

- Exatamente. Trata-se apenas de apanhar um dos meus amigos com quem devo caçar amanhã na Chapelle-en-Serval. Devia esperar-me aqui com o seu cabriolé até às onze e meia e , meia-noite. Deve-se ter cansado de esperar e partiu sozinho.

- É provável.

- Bom, quer tentar apanhá-lo?

- Não pretendo outra coisa.

- Mas se o não apanharmos daqui ao Bourget, receberá vinte francos, e se o não apanharmos daqui a Louvres, trinta.

- E se o apanharmos?

- Quarenta! - respondeu Andrea, que tivera um momento de hesitação, mas refletira que não arriscava nada em prometer.

- Vamos a isso! - disse o cocheiro. - Suba e a caminho. Prrrum!...

Andrea subiu para o cabriolé, que, numa corrida rápida, atravessou o Arrabalde Saint-Denis, seguiu ao longo do Arrabalde Saint-Martin, atravessou a barreira e meteu pela interminável Villette.

Embora estivessem bem livres de apanhar o quimérico amigo, de vez em quando Cavalcanti perguntava aos transeuntes retardatários ou nas tabernas ainda abertas se tinham visto passar um cabriolé verde puxado por um cavalo baio escuro; e como na estrada dos Países Baixos circulam muitos cabriolés.
nove décimos dos quais verdes, as informações choviam a cada passo.

Acabavam sempre de o ver passar; não levava mais de quinhentos,

duzentos ou cem passos de avanço; por fim, ultrapassavam-no e não era ele. Uma vez o cabriolé foi por seu turno ultrapassado por uma
caleça puxada rapidamente a galope por dois cavalos de posta.

- Ah, se tivesse aquela caleça, aqueles dois bons cavalos e sobretudo o passaporte que foi preciso para os alugar!... - suspirou Cavalcanti.

Aquela caleça era a que levava Mademoiselle Danglars e Mademoiselle de Armilly.

- Depressa! Depressa! - gritou Andrea. - Não deve faltar muito para o apanharmos.

E o pobre cavalo retomou o trote furioso em que viera desde a barreira e chegou todo fumegante a Louvres.

- Decididamente - disse Andrea --, não conseguirei apanhar o meu amigo e acabarei por matar o cavalo. Portanto, é melhor ficar por aqui. Tome os seus trinta francos; vou dormir no Cavalo Vermelho e seguirei na primeira carruagem em que tiver lugar. Boa noite, meu amigo.

E Andrea, depois de meter seis moedas de cinco francos na mão do cocheiro, saltou lestamente para a estrada.

O cocheiro, guardou alegremente o dinheiro e retomou a passo o caminho de Paris. Entretanto, Andrea fingiu dirigir-se para a Estalagem do Cavalo Vermelho; mas depois de parar um instante à porta a ouvir o cabriolé afastar-se até desaparecer no horizonte, retomou a sua corrida e, num passo de ginástica muito firme, percorreu mais duas léguas.

Depois, descansou. Devia estar muito perto da Chapelle-en-Serval, aonde dissera que ia.

Não fora a fadiga que obrigara Andrea Cavalcanti a parar; fora a necessidade de tomar uma decisão, de estabelecer um plano.

Meter-se na diligência era impossível; optar pela posta era igualmente impossível. Para viajar de qualquer das maneiras era indispensável um passaporte.

Permanecer no departamento do Oise, ou seja, num dos departamentos mais descampados e vigiados de França, era também impossível, sobretudo tratando-se de um homem tão experiente como Andrea em matéria criminal. Sentado no parapeito do fosso, Andrea deixou cair a cabeça entre as mãos e refletiu. Dez minutos depois levantou a cabeça; a sua resolução estava tomada.

Cobriu de pó todo um lado do sobretudo que tivera tempo de tirar do cabide na antecâmara e vestir por cima do traje de cerimônia. dirigiu-se para a Chapelle-en-Serval e foi bater ousadamente à porta da única estalagem da terra.

O estalajadeiro veio abrir.

- Meu amigo - disse Andrea --, ia de Montrelontaine para Senlis quando o meu cavalo, que é um animal difícil, saltou bruscamente de lado e atirou comigo a dez passos de distância. Ora eu tenho de chegar esta noite a Compiêgne, sob pena de causar as mais graves preocupações à minha família; tem um cavalo que me alugue?

Bom ou mau, um estalajadeiro tem sempre um cavalo.

O estalajadeiro da Chapelle-en-Serval chamou o moço de estrebaria, ordenou-lhe que selasse o Branco e acordou o filho, um garoto de sete anos, para que acompanhasse o cliente montado na garupa e trouxesse o quadrúpede de

volta.

Andrea deu vinte francos ao estalajadeiro e, ao tirá-los da algibeira, deixou cair um cartão de visita.

Esse cartão de visita era de um dos seus amigos do Café de Paris; assim, o estalajadeiro, quando Andrea partiu e apanhou o cartão que caíra da algibeira do rapaz, ficou convencido de que alugara o cavalo ao Sr. Conde de Mauicon, Rua de Saint-Dominique, 25, nome e endereço que figuravam no cartão.

O Branco não ia depressa, mas ia num passo igual e constante. Em três horas e meia, Andrea percorreu as nove léguas que o separavam de Compiêgne, e davam quatro horas no relógio da câmara municipal quando chegou à praça onde param as diligências.

Existe em Compiêgne uma excelente estalagem, de que se recordam mesmo aqueles que só lá ficaram uma vez.

Andrea, que lá se hospedara numa das suas excursões aos arredores de Paris, lembrava-se da Estalagem do Sino e da Garrafa. Orientou-se, viu à luz de um candeeiro a tabuleta indicadora e depois de mandar embora o garoto, a quem deu todo o dinheiro miúdo que trazia consigo, foi bater à porta da
estalagem, pensando com muito bom-senso que tinha diante de si três ou quatro horas e que o melhor era precaver-se, mediante um bom sono e uma boa ceia, contra as fadigas futuras.

Foi um criado quem veio abrir.

- Meu amigo - disse Andrea --, venho de Saint-Jean-au-Bois, onde jantei, e contava apanhar a carruagem que passa à meia-noite; mas perdi-me como um estúpido e há quatro horas que percorro a floresta. Dê-me pois um desses bonitos quartos que deitam para o pátio e mande levar-me lá um frango frio e
uma garrafa de vinho de Bordéus.

O criado não teve nenhuma suspeita: Andrea falava com a mais perfeita tranquilidade, de charuto na boca e com as mãos nas algibeiras do sobretudo. O seu traje era elegante, estava bem barbeado e as suas botas apresentavam-se impecáveis; tinha, quando muito, o ar de um habitante da terra retardatário.

Enquanto o criado lhe preparava o quarto, a estalajadeira levantou-se. Andrea acolheu-a com o seu mais encantador sorriso e perguntou-lhe se não poderia ficar no número 3, onde já pernoitara na sua última passagem por Compiêgne. Infelizmente, o número 3 estava ocupado por um rapaz que viajava com a irmã.

Andrea pareceu contrariado e só se conformou quando a estalajadeira lhe garantiu que o número 7, que lhe estavam preparando, tinha absolutamente a mesma disposição que o número 3. Assim, esperou, aquecendo os pés e conversando acerca das últimas corridas de Chantilly, que lhe viessem anunciar que o
quarto estava pronto.

Não fora sem motivo que Andrea falara dos bonitos quartos que davam para o pátio. De fato, o pátio da Estalagem do Sino, com a sua tripla fileira de galerias que lhe davam o ar de uma sala de espetáculos, com os seus jasmins e as suas clematites que subiam ao longo das suas colunatas, leves como uma
decoração natural, era uma das mais encantadoras entradas de estalagem existentes no mundo.

O frango estava ótimo, o vinho era velho e o lume crepitava alegremente. Andrea surpreendeu-se a cear com tanto apetite como se nada tivesse acontecido. Depois deitou-se e adormeceu quase imediatamente, num desses sonos implacáveis que o homem encontra sempre aos vinte anos, mesmo quando tem remorsos.

Ora somos forçados a confessar que Andrea poderia ter remorsos, mas não os tinha.

Eis qual era o plano de Andrea, plano que lhe dera a maior parte da sua tranquilidade: ao amanhecer, se levantaria e sairia da estalagem depois de pagar escrupulosamente a conta; se dirigiria para a floresta e compraria, a pretexto de se dedicar a estudos de pintura, a hospitalidade de um camponês; arranjaria um traje de lenhador e um machado, ou seja, despiria as galas de “leão" para envergar as vestes de operário. Depois, com as mãos terrosas, o cabelo escurecido por um pente de chumbo e o rosto bronzeado com um preparado de que os seus antigos camaradas lhe tinham dado a receita, alcançaria, de floresta em floresta, a fronteira mais próxima, caminhando de noite, dormindo de dia nos bosques ou nas pedreiras e só se aproximando de lugares habitados para comprar de vez em quando um pão.

Uma vez atravessada a fronteira, Andrea venderia os diamantes por uma importância a que juntaria uma dezena de notas que trazia sempre consigo para qualquer eventualidade e se encontraria ainda de posse de umas cinquenta mil libras, o que não parecia à sua filosofia um começo de vida demasiado rigoroso.

De resto, contava muito com o interesse que os Danglars teriam em extinguir o falatório acerca da sua desventura. Eis por que, além da fadiga, Andrea adormeceu tão depressa e dormiu tão bem.

No entanto, para acordar mais cedo, Andrea não fechara as persianas; limitara-se apenas a correr o fecho da porta e a deixar aberta, em cima da mesa-de-cabeceira, uma navalha aguçadíssima, cuja excelente têmpera conhecia e de que nunca se separava.

Por volta das sete da manhã, Andrea foi acordado por um raio de sol que lhe veio, tépido e brilhante, brincar no rosto.

Em qualquer cérebro bem organizado a idéia dominante - e existe sempre uma --, a idéia dominante, dizíamos, é a que, depois de ser a última a adormecer, é também a primeira que ilumina o despertar do pensamento. Ainda Andrea não abrira por completo os olhos e já o seu pensamento dominante se lhe impunha e segredava que dormira demais.

Saltou da cama e correu à janela. Um guarda atravessava o pátio.

Um guarda é um dos indivíduos mais impressionantes que existem no mundo, mesmo aos olhos de um homem que não tem nada a temer; mas para uma consciência assustada e que tem algum motivo para o estar, o amarelo, o azul e o branco de que se compõe o seu uniforme adquirem aspectos assustadores.

“Porquê um guarda ?", pensou Andrea.

De súbito, respondeu a si mesmo com a lógica que o leitor já lhe deve ter notado: “Um guarda não tem nada de extraordinário numa estalagem. Em todo o caso, vistamo-nos..."

E o jovem vestiu-se com uma rapidez que não conseguira fazer-lhe perder o seu criado de quarto durante os poucos meses de vida social que levara em Paris.

- Bom - disse Andrea enquanto se vestia esperarei que se vá embora e quando se for embora, escaparei.

E ditas estas palavras, Andrea, já calçado e engravatado, aproximou-se devagarinho da janela e soergueu pela segunda vez a cortina de musselina.

Não só o primeiro guarda não fora embora, como ainda surgiu aos olhos do jovem segundo uniforme azul, amarelo e branco, ao fundo da escada, a única pela qual poderia descer, enquanto um terceiro, a cavalo e de mosquetão em punho, se conservava de sentinela diante da grande porta da rua, a única pela qual poderia sair.

O terceiro guarda era deveras significativo, e isto porque atrás dele se estendia um semicírculo de curiosos que bloqueavam hermeticamente a porta da estalagem.

“Procuram-me!", foi o primeiro pensamento de Andrea. “Diabo!"

A palidez invadiu a fronte do rapaz; olhou à sua volta com ansiedade.

O seu quarto, como todos os daquele andar, só tinha saída para a galeria exterior, aberta a todos os olhares. “Estou perdido!", foi o seu segundo pensamento.

Com efeito, para um homem na situação de Andrea a prisão significava: julgamento, sentença e morte, a morte sem misericórdia e sem demora. Por instantes comprimiu convulsivamente a cabeça entre as mãos.

Durante esses instantes, quase enlouqueceu de medo.

Mas daquele mundo de pensamentos que se lhe entrechocavam na cabeça não tardou a brotar um pensamento de esperança. Nos lábios descorados desenhou-se-lhe um sorriso pálido, que lhe iluminou as faces contraídas.

Olhou à sua volta. Os objetos que procurava encontravam-se reunidos em cima do mármore de uma mesa: eram uma pena, tinta e papel.

Molhou a pena na tinta e escreveu com mão que se esforçou por tornar firme as seguintes linhas, na primeira folha do caderno:

Não tenho dinheiro para pagar, mas não sou um homem desonesto. Deixo em penhor este alfinete, que vale dez vezes a despesa que fiz.

Espero me desculpem Ter fugido ao amanhecer, tive vergonha!

Tirou o alfinete da gravata e colocou-o em cima do papel. Feito isto, em vez de deixar o fecho corrido, abriu-o, entreabriu mesmo a porta, como se tivesse saído do quarto e se houvesse esquecido de o fechar, metendo-se na chaminé como homem habituado àquele gênero de ginástica, puxou para si a antepara de papel que representava Aquiles com Deidamia, apagou com os próprios pés os vestígios dos seus passos nas cinzas e começou a escalar o tubo curvo que lhe oferecia a única via de salvação em que ainda podia ter alguma esperança.

Naquele preciso momento, o primeiro guarda que Andrea vira subia a escada, precedido pelo comissário de polícia, e apoiado pelo segundo guarda, que guardava o fundo da escada, o qual contava por seu turno com o apoio do que se encontrava à porta.

Eis a que circunstância Andrea devia a visita que com tanta dificuldade se dispunha a receber.

Ao amanhecer, os telégrafos tinham funcionado em todas as direções, e cada posto, prevenido quase imediatamente, avisara as autoridades e lançara a força pública em busca do assassino de Caderousse.

Compiêgne, residência real: Compiêgne, cidade de caça; Compiêgne, cidade de guarnição, estava abundantemente fornecida de autoridades, guardas e comissários de polícia. As buscas tinham portanto começado logo após a recepção da ordem telegráfica, e como a Estalagem do Sino e da Garrafa era o principal estabelecimento hoteleiro da cidade, começara-se muito naturalmente por ele.

Aliás, segundo o relatório das sentinelas que tinham estado durante a noite de guarda à câmara municipal (a câmara municipal ficava contígua à Estalagem do sino), segundo o relatório das sentinelas, dizíamos, verificara-se durante a noite a chegada de vários viajantes à estalagem.

A sentinela que fora rendida às seis da manhã recordava-se até de, no momento em que ocupara o seu posto, isto é, às quatro horas e poucos minutos, ter visto um jovem montado num cavalo branco e com um camponiozito na garupa, jovem que desmontara na praça, mandara embora o campônio e o cavalo e fora bater à porta da Estalagem do Sino, que se abrira diante dele e se fechara nas suas costas.

Fora sobre esse jovem tão singularmente retardatário que tinham recaído as suspeitas.

Ora, o jovem era precisamente Andrea.

E era baseados nestes dados que o comissário de polícia e o guarda, um cabo, se encaminhavam para a porta de Andrea, que estava entreaberta.

- Oh, oh, mau sinal uma porta aberta! - exclamou o cabo, velha raposa batida nas manhas da profissão. - Preferia vê-la fechada a sete chaves!

Com efeito, o bilhete e o alfinete deixados por Andrea em cima da secretária confirmaram ou, antes, apoiaram a triste realidade: Andrea fugira.

Dizemos apoiaram porque o cabo não era homem que se contentasse com uma única prova.

Olhou à sua volta, espreitou debaixo da cama, correu os cortinados, abriu os armários e por fim deteve-se diante da chaminé.

Graças às precauções de Andrea, nenhum vestígio da sua passagem ficara nas cinzas.

Contudo, era uma saída, e nas circunstâncias em que se encontravam, todas as saídas deviam ser objeto de rigorosa investigação.

O cabo mandou portanto trazer um molho de lenha e palha e encheu a chaminé como se fosse um morteiro. Em seguida largou fogo a tudo.

O lume fez estalar as paredes de tijolo e uma densa coluna de fumo subiu pela chaminé e foi expelida para o céu como o jato negro de um vulcão. Ninguém viu, porém, cair o fugitivo, como se esperava.

É que Andrea, desde a sua primeira juventude em luta com a sociedade, valia bem um guarda, ainda que esse guarda fosse um respeitável cabo: previra portanto o incêndio, alcançara o telhado e escondera-se atrás da chaminé.

Por momentos teve alguma esperança de se encontrar salvo, pois ouviu o

cabo chamar os dois guardas e gritar-lhes:

- Não está aqui !

Mas, estendendo cautelosamente o pescoço, viu que os dois guardas, em vez de se retirarem, como seria natural, à primeira chamada, viu, dizíamos, que, pelo contrário, os dois guardas redobravam de atenção.

Olhou por seu turno em redor: a câmara municipal, edifício colossal do século XVI, erguia-se diante de si como uma muralha sombria; à direita, pelas janelas do monumento, podiam-se observar lodos os cantos e recantos do telhado da estalagem, tal como do alto de uma montanha se vê o vale.

Andrea adivinhou que de um momento para o outro veria aparecer a cabeça do cabo de guardas em qualquer daquelas janelas. Descoberto, estaria perdido; uma perseguição nos telhados não lhe apresentava nenhuma probabilidade de êxito.

Resolveu portanto voltar a descer, não pelo mesmo caminho por onde viera, mas sim por um caminho análogo.

Procurou com a vista uma chaminé donde não saísse qualquer fumo, alcançou-a rastejando pelo telhado e desapareceu no orifício sem ser visto por ninguém

No mesmo instante abriu-se uma janelinha da câmara municipal e deu passagem à cabeça do cabo de guardas. Por momentos essa cabeça ficou imóvel como um dos relevos de pedra que decoravam o edifício, depois, com um longo suspiro de decepção, a cabeça desapareceu.

O cabo, calmo e digno como a lei que representava, passou sem responder às mil e uma perguntas da multidão aglomerada na praça e voltou a entrar na estalagem.

- Então? - perguntaram por sua vez os dois guardas.

- Então, meus rapazes, parece que de fato o bandido se distanciou de nós esta manhã ao nascer do dia - respondeu o cabo. - Mas vamos mandar pessoal para as estradas de Villers-Cotterets e Noyon e revistar a floresta, onde sem dúvida nenhuma o apanharemos.

O respeitável funcionário acabava de proferir estas palavras com a intonação característica dos cabos de guardas, quando um longo grito de terror, acompanhado do toque repetido de uma campainha, soou no pátio da estalagem.

- Oh ! Que é aquilo? - gritou o cabo.

- Ora aí está um viajante que parece cheio de pressa - comentou o estalajadeiro. - Em que número estão a tocar?

- No número 3.

- Corre, rapaz!

Neste momento, os gritos e os toques de campainha aumentaram. O criado desatou a correr.

- Não - disse o cabo, detendo o rapaz. - Quem toca parece pedir mais alguma coisa do que o criado e nós vamos mandar-lhe um guarda. Quem está hospedado no número 3?

- O jovem que chegou esta noite com a irmã numa sege de posta e pediu um quarto com duas camas.

A campainha tocou terceira vez com uma insistência cheia de angústia.

- Vamos, Sr. comissário! - gritou o cabo. - Siga-me o mais de perto possível.

- Um momento! - interveio o estalajadeiro. - Para o quarto número 3 há duas escadas: uma exterior e outra interior.

- Bom, irei pela interior - respondeu o cabo. - As carabinas estão carregadas?

- Estão, sim, cabo.

- Então, vigiem vocês o exterior e se ele tentar fugir, atirem-lhe. É um grande criminoso, segundo disse o telégrafo.

O cabo, seguido do comissário, desapareceu imediatamente na escada interior, acompanhado pelo sussurro que as suas revelações acerca de Andrea acabava de provocar na multidão.

Eis o que acontecera:

Andrea descera perfeitamente dois terços da chaminé, mas, chegado aí, o pé falhara-lhe e, apesar de se apoiar nas mãos, descera com mais velocidade e sobretudo com mais barulho do que desejaria. Isso não teria importância se o quarto estivesse vazio; mas, por infelicidade sua, estava ocupado.

Duas mulheres que dormiam na mesma cama tinham sido acordadas pelo barulho. Os seus olhos estavam cravados no ponto de onde viera o barulho e tinham visto aparecer um homem pela abertura da chaminé.

Fora uma das mulheres, a loura, que soltara o grito terrível que ecoara por toda a casa, enquanto a outra, que era morena, se agarrava ao cordão da campainha e dava o alarme, tocando com todas as suas forças.

Como se vê, Andrea estava em maré de azar.

- Por piedade! - gritou, pálido, desorientado, sem ver as pessoas a quem se dirigia. - Por piedade, não chamem, salvem-me! Não quero lhes fazer mal.

- Andrea, o assassino! - gritou uma das moças.

- Eugénie! Mademoiselle Danglars! - murmurou Cavalcanti, passando do terror ao espanto.

- Socorro! Socorro! - gritou Mademoiselle de Armilly, tirando a campainha das mãos inertes de Eugénie e tocando ainda com mais força do que a companheira.

- Salvem-me, perseguem-me! - suplicou Andrea juntando as mãos. - Por piedade, por compaixão, não me entreguem!

- É demasiado tarde, ouço subir - respondeu Eugénie.

- Então escondam-me em qualquer parte e digam que se assustaram sem motivo. Desviarão as suspeitas e me salvarão a vida.

As duas mulheres, agarradas uma à outra envoltas na roupa da cama, ficaram mudas àquela voz suplicante. Todas as apreensões, todas as repugnâncias se entrechocavam no seu espírito!

- Está bem, seja! - acedeu Eugénie. -Volte pelo caminho por onde veio, desgraçado. Parta e não diremos nada.

- Aqui está ele! Aqui está ele! - gritou uma voz no patamar. - Aqui está ele, estou vendo-o!

Com efeito, o cabo colara um olho à fechadura e vira Andrea de pé e suplicante.

Uma violenta coronhada fez saltar a fechadura e mais duas fizeram saltar o ferrolho. A porta, quebrada, caiu para dentro.

Andrea correu para a outra porta, a que deitava para a galeria do pátio,

abriu-a e preparou-se para saltar. Mas os dois guardas estavam lá com as suas carabinas e levaram-nas à cara.

Andrea parou bruscamente. De pé, pálido, com o corpo um pouco inclinado para trás, segurava a navalha, agora inútil, na mão crispada.

- Fuja! - gritou Mademoiselle de Armilly, no coração da qual entrava a piedade à medida que o terror saía. - Fuja!

- Ou mate-se! - acrescentou Eugénie no tom e na atitude de uma daquelas vestais que no circo ordenavam com o polegar, ao gladiador vitorioso, que acabasse com o seu adversário vencido.

Andrea estremeceu e fitou a jovem com um sorriso de desprezo, demonstrativo de que a sua corrupção não compreendia aquela sublime ferocidade da honra.

- Matar-me! - exclamou, largando a navalha. - Para quê?

- Mas você mesmo disse que o condenarão à morte e o executarão como o último dos criminosos! - gritou Mademoiselle Danglars.

- Ora!... - replicou Cavalcanti, cruzando os braços. - Tenho amigos...

O cabo avançou para ele de sabre em punho.

- Pronto, pronto, meu caro, meta isso na bainha! - disse Cavalcanti. - Não vale a pena tanto espalhafato, uma vez que me rendo...

E estendeu as mãos para as algemas.

As duas jovens assistiam com terror àquela horrível metamorfose que se operava diante dos seus olhos: a de um homem de sociedade que se despojava do seu invólucro e voltava à sua condição de forçado.

Andrea virou-se para elas e perguntou com um sorriso de impudência:

- Tem algum recado para o senhor seu pai, Mademoiselle Eugénie? Porque, segundo todas as probabilidades, regresso a Paris...

Eugénie escondeu o rosto nas mãos.

- Oh, não tem de que se envergonhar nem lhe quero mal por se ter metido numa carruagem e corrido atrás de mim!... - exclamou Andrea. - Não era quase seu marido?

E depois desta graçola, Andrea saiu deixando as duas fugitivas entregues às amarguras da vergonha e aos comentários dos curiosos.

Uma hora mais tarde, envergando ambas a sua indumentária feminina, subiam para a sua caleça de viagem.

Tinham fechado a porta da estalagem para as subtrair aos primeiros olhares, mas mesmo assim, quando a porta se abriu, tiveram de passar entre alas de curiosos de olhos chamejantes e lábios murmurantes. Eugénie desceu os estores; mas se já não via, continuava a ouvir os risos escarninhos.

- Oh, porque não será o mundo um deserto?! - exclamou, lançando-se nos braços de Mademoiselle de Armilly, com os olhos cintilantes da raiva que fazia desejar a Nero que o mundo romano tivesse apenas uma cabeça para a cortar de um só golpe. No dia seguinte hospedavam-se no Hotel da Flandres, em Bruxelas.

Andrea entrara na véspera na Conciergerie.

Capítulo XCIX

A lei

Já vimos com que tranquilidade Mademoiselle Danglars e Mademoiselle de Armilly tinham conseguido disfarçar-se e fugir. É que todos estavam demasiado ocupados com os seus problemas pessoais para se ocuparem dos delas.

Deixaremos o banqueiro, com a testa coberta de suor, alinhar perante o fantasma da falência as enormes colunas do seu passivo e seguiremos a baronesa, que, depois de ficar um instante esmagada pela violência do golpe que acabava de atingi-la, fora procurar o seu conselheiro habitual, Lucien Debray.

Com efeito, a baronesa contava com o casamento da filha para se libertar finalmente de uma tutela que, com uma moça do temperamento de Eugénie, não deixava de ser muitíssimo difícil. Porque, naquelas espécies de contratos tácitos que mantinham o vínculo hierárquico da família, a mãe só era na realidade senhora da filha com a condição de ser continuamente para ela um exemplo de sensatez e um tipo de perfeição.

Ora, a Sra Danglars temia a perspicácia de Eugénie e os conselhos de Mademoiselle de Armilly. Já surpreendera certos olhares desdenhosos lançados pela filha a Debray - olhares que pareciam significar que a filha conhecia todo o mistério das suas relações amorosas e pecuniárias com o secretário íntimo - é e uma interpretação mais sagaz e aprofundada desses olhares teria demonstrado à baronesa que Eugénie detestava Debray não por ser na casa paterna um pomo de discórdia e de escândalo, mas sim porque o classificava muito simplesmente na categoria dos bípedes que Diôgenes pretendia já não considerar homens e que Platão designava pela perífrase de animais de duas patas e sem penas.

Do seu ponto de vista - e infelizmente neste mundo cada um tem o seu ponto de vista que o impede de ver o ponto de vista dos outros -, a Sra Danglars lamentava portanto infinitamente que o casamento de Eugénie tivesse falhado, não por se tratar de um casamento conveniente e capaz de fazer a felicidade da filha, mas sim por ser um casamento que lhe restituía a liberdade.

Correu, portanto, como dissemos, a casa de Debray, que, depois de ter, como todas as pessoas em Paris, assistido à festa do contrato e ao escândalo que se seguira, se apressara a retirar-se para o seu clube, onde, com alguns amigos, conversava acerca do acontecimento que era àquela hora tema obrigatório de conversa de três quartos de uma cidade eminentemente mexeriqueira, a que chamam a capital do mundo.

No momento em que a Sra Danglars, de vestido preto e de véu, subia a escada que conduzia ao apartamento de Debray, apesar da certeza que lhe dera o porteiro de que o jovem se não encontrava em casa, Debray procurava repelir as insinuações de um amigo que tentava provar-lhe que depois do escândalo terrível que acabava de se verificar era seu dever de amigo da casa casar com Mademoiselle Eugénie Danglars e os seus dois milhões.

Debray defendia-se como um homem que não deseja outra coisa senão ser vencido; porque tal idéia lhe acudira por si mesma com frequência ao espírito. Depois, como conhecia Eugénie e o seu temperamento independente e altivo, retomava de vez em quando uma atitude completamente defensiva, dizendo que tal

união era impossível, embora intimamente se deixasse lisonjear pela sua eventualidade e cedesse a um mau pensamento, que, no dizer de todos os moralistas, preocupa incessantemente o homem mais probo e puro e vela no fundo da sua alma como Satanás vela atrás da cruz. O chá, o jogo e a conversa, interessante como se vê, uma vez que se discutiam tão graves interesses, duraram até à uma hora da manhã.

Entretanto, a Sra Danglars, recebida pelo criado de quarto de Lucien, esperava, velada e palpitante, na salinha verde, entre dois açafates de flores que ela própria mandara de manhã e que Debray, deve-se dizê-lo, dispusera, arranjara e cortara pessoalmente com um cuidado que fez perdoar a sua ausência à pobre mulher.

Às onze horas e quarenta minutos a Sra Danglars, farta de esperar inutilmente, voltou a meter-se num fiacre e regressou para casa. As mulheres de certa classe têm isso em comum com as costureirinhas galantes: não recolhem habitualmente depois da meia-noite. A baronesa entrou no palácio com tanta precaução como Eugénie tomara para sair e subiu ligeiramente, com o coração apertado, a escada que levava aos seus aposentos, contíguos, como se sabe, aos de Eugénie.

Temia tanto provocar qualquer comentário e acreditava tão firmemente - pobre mulher respeitável, pelo menos nesse ponto - na inocência da filha e na sua fidelidade ao lar paterno!...

Chegada aos seus aposentos, escutou à porta de Eugénie e depois, não ouvindo nenhum ruído, tentou entrar; mas os fechos estavam corridos. A Sra Danglars julgou que Eugénie, cansada das terríveis emoções da noite, se metera na cama e dormia. No entanto, chamou a criada de quarto e interrogou-a.

- Mademoiselle Eugénie - respondeu a criada - regressou aos seus aposentos com Mademoiselle de Armilly, tomaram chá juntas e depois mandaram-me embora dizendo que não precisavam mais de mim.

Desde então a criada de quarto estivera na copa e, como toda a gente, julgava as duas moças nos aposentos de Eugénie.

A Sra Danglars deitou-se sem a sombra de uma suspeita; mas, tranquila a respeito das pessoas, o seu espírito deteve-se nos acontecimentos. À medida que as idéias se lhe esclareciam na cabeça, as
proporções da cena do contrato aumentavam: já se não tratava de um escândalo, mas sim de uma indecência, nem de uma vergonha, mas sim de uma ignomínia.

Mal-grado seu, a baronesa lembrou-se então de que não tivera compaixão da pobre Mercedes, ferida recentemente, no marido e no filho, por uma desgraça também grande.

- Eugénie - disse para consigo - está perdida e nós também. O caso, tal como vai ser comentado, cobre-nos de opróbrio, porque numa sociedade como a nossa certos ridículos são chagas vivas, sangrentas, incuráveis. Ainda bem que Deus dotou Eugénie daquele temperamento estranho que tantas vezes me tem assustado!

E o seu olhar reconhecido ergueu-se ao céu, cuja misteriosa providência dispõe tudo antecipadamente, conforme os acontecimentos se devem suceder, e de um defeito, de um vício mesmo, faz às vezes uma virtude.

Depois o seu pensamento transpôs o espaço, como fazem, abrindo as

asas, as aves dos abismos, e deteve-se em Cavalcanti.

- O tal Andrea era um miserável, um ladrão, um assassino; e no entanto possuía maneiras que indicavam uma semieducação, senão uma educação completa. Ainda por cima, apresentou-se na sociedade aparentando possuir grande fortuna e com o apoio de nomes respeitáveis...

Como ver claro naquele dédalo? A quem se dirigir para sair daquela cruel situação?

Debray, para quem correra ao primeiro impulso da mulher que procura auxílio no homem que ama e que por vezes a perde, Debray só poderia dar-lhe um conselho. Era a alguém mais poderoso que devia recorrer. A baronesa pensou então no Sr. de Villefort.

Fora o Sr. de Villefort que decidira prender Cavalcanti; fora o Sr. de Villefort que, sem compaixão, levara a desventura ao seio da sua família como se fosse uma família estranha. Mas não; pensando melhor, o procurador régio não era um homem sem compaixão, era um magistrado escravo do seu dever, um amigo leal e firme que brutalmente, mas com mão segura, escalpelizara a corrupção. Não era um carrasco, era um
cirurgião, e um cirurgião que quisera isolar aos olhos do mundo a honra dos Danglars da ignomínia daquele rapaz perdido que tinham apresentado à sociedade como seu futuro genro.

Uma vez que o Sr. de Villefort, amigo da família Danglars, procedia assim, já não havia motivo para supor que o procurador régio soubera de alguma coisa antecipadamente e se prestara a qualquer manejo de Andrea.

Pensando bem, o comportamento de Villefort apresentava-se ainda à baronesa sob um aspecto mutuamente vantajoso. Mas a inflexibilidade do procurador régio deveria ficar por aí. No dia seguinte o procuraria e conseguiria, senão que faltasse aos seus deveres de magistrado, pelo menos que lhe concedesse toda a latitude da indulgência.

A baronesa invocaria o passado, rejuvenesceria as suas recordações e suplicaria em nome de um tempo culpado, mas feliz. O Sr. de Villefort abafaria o caso ou pelo menos deixaria (e para o conseguir só tinha de desviar os olhos para outro lado), ou pelo menos deixaria fugir Cavalcanti e só procederia judicialmente contra esse simulacro de crime chamado contumácia.

Só então adormeceu mais tranquila.

No dia seguinte, às nove horas, levantou-se e, sem tocar a chamar a criada de quarto, sem dar sinal de existência a quem quer que fosse, arranjou-se e, vestida com a mesma simplicidade da véspera, desceu a escada, saiu do palácio, foi a pé até à Rua da Provença, meteu-se num fiacre e fez-se conduzir a casa do Sr. de Villefort.

Havia um mês que aquela casa maldita apresentava o aspecto lúgubre de um lazareto onde a peste se tivesse declarado. Parte dos aposentos estavam fechados interior e exteriormente. As persianas corridas só se abriam um instante para renovar o ar. Nessas ocasiões, via-se então aparecer à janela o rosto assustada de um lacaio. Depois a janela fechava-se como a laje de um túmulo cai sobre um sepulcro e os vizinhos cochichavam: “Iremos ver hoje sair novamente um caixão da casa do Sr. Procurador régio?"

A Sra Danglars sentiu um arrepio perante o aspecto daquela casa

desolada. Apeou-se do fiacre e, com os joelhos pouco firmes, aproximou-se da porta fechada e tocou.

Só ao terceiro toque de campainha, cujo som lúgubre parecia participar da tristeza geral, apareceu um porteiro que entreabriu a porta apenas o indispens vel para deixar passar as suas palavras.

Viu uma mulher, uma mulher da alta, uma mulher elegantemente vestida, e no entanto a porta continuou a permanecer quase fechada.

- Abra! - ordenou a baronesa.

- Antes de mais nada, quem é a senhora? - perguntou o porteiro.

- Quem sou?... Mas você conhece-me muito bem?

- Já não conhecemos ninguém, minha senhora.

- Mas você enlouqueceu, meu amigo! - exclamou a baronesa.

- Da parte de quem vem?

- Oh, isto é de mais!

- Minha senhora, são ordens, desculpe. O seu nome?

- Sra Baronesa Danglars. Você já me viu mais de vinte vezes.

- É possível, minha senhora. Agora, que deseja?

- Oh, que impertinente! Hei-de queixar-me ao Sr. de Villefort da impertinência dos seus criados.

- Minha senhora, não se trata de impertinência, mas sim de precaução. Ninguém entra aqui sem licença do Sr. de Avrigny ou sem ter falado com o Sr. Procurador régio.

- Mas é precisamente com o Sr. Procurador régio que desejo falar.

- Assunto urgente?

- Pode bem calcular que sim, visto ainda não ter tomado a subir para a minha carruagem. Mas acabemos com isto: aqui tem o meu cartão, leve-o ao seu amo.

- A senhora espera que eu volte?

- Espero. Vá.

O porteiro fechou a porta e deixou a Sra Danglars na rua.

Verdade seja que a baronesa não esperou muito tempo. Pouco depois a porta voltou a abrir-se numa largura suficiente para dar passagem à baronesa. Ela entrou e a porta fechou-se novamente.

Chegada ao pátio, o porteiro, sem perder um instante a porta de vista, puxou de um apito de algibeira e apitou.

O criado de quarto do Sr. de Villefort apareceu na escadaria.

- Minha senhora, tenha a bondade de desculpar esse pobre homem - disse, vindo ao encontro da baronesa -, mas as suas ordens são rigorosas e o Sr. de Villefort encarregou-me de dizer à senhora que ele não podia fazer o contrário do que fez.

No pátio estava um fornecedor que fora introduzido com as mesmas precauções e cujas mercadorias examinavam.

A baronesa subiu a escadaria. Sentia-se profundamente impressionada com aquela tristeza, que aumentava por assim dizer o círculo da sua, e, sempre guiada pelo criado de quarto, introduziram-na, sem que o seu guia a perdesse de vista, no gabinete do magistrado.

Por mais preocupada que a Sra Danglars estivesse com o motivo que ali a

levava, a recepção que lhe dispensara toda a criadagem parecera-lhe tão indigna que começou por se queixar.

Mas Villefort levantou a cabeça, que o sofrimento vergara, e olhou-a com um sorriso tão triste que as queixas morreram-lhe nos lábios.

- Desculpe aos meus criados um terror de que os não posso culpar. Suspeitos, tornaram-se suspeitosos.

A Sra Danglars ouvira já falar muitas vezes, na sociedade, do terror a que se referia o magistrado, mas nunca suporia, se não visse com os seus próprios olhos, que semelhante sentimento pudesse chegar àquele ponto.

- O senhor também tem motivos para se sentir desventurado?

- Tenho, sim, minha senhora - respondeu o magistrado.

- Lamenta-me então?

- Sinceramente, minha senhora.

- E compreende o que me traz aqui ?

- Vem falar-me do que lhe aconteceu, não é verdade?

- Venho, sim, senhor; uma desgraça horrível.

- Quer dizer, uma contrariedade...

- Uma contrariedade?! - exclamou a baronesa.

- Ai de mim, minha senhora - respondeu o procurador régio com a sua calma imperturbável --, habituei-me a só chamar desgraça às coisas irreparáveis!

- Acha então que as pessoas esquecerão?...

- Tudo esquece, minha senhora - respondeu Villefort, - O casamento da sua filha acontecerá amanhã, se não acontecer hoje, ou daqui a oito dias, se não acontecer amanhã. E quanto a lamentar o futuro de Mademoiselle Eugénie, não creio que seja essa a sua idéia.

A Sra Danglars fitou Villefort, estupefata por lhe ver aquela tranquilidade quase zombeteira.

- Terei vindo procurar um amigo? - perguntou num tom cheio de dolorosa dignidade.

- Bem sabe que sim, minha senhora - respondeu Villefort, cujas faces se cobriram de um leve rubor ao fazer esta afirmação.

Com efeito, tal afirmação referia-se a outros acontecimentos e não àqueles que ocupavam naquele momento a baronesa e ele próprio.

- Nesse caso, seja mais afetuoso, meu caro Villefort - perguntou a baronesa. - Fale-me como amigo e não como magistrado, e quando me sinto profundamente infeliz não me diga que devo estar alegre.

Villefort inclinou-se.

- Quando ouço falar de desventuras, minha senhora, não posso deixar de me lembrar que adquiri há três meses o hábito de pensar nas minhas, e então, mal-grado meu, realiza-se no meu espírito essa egoísta operação do paralelo. É por isso que, comparadas com as minhas desventuras, as suas me parecem contrariedades. E é por isso também que, comparada com a minha funesta situação, a sua me parece invejável. Mas se isso a contraria, deixemo-lo. Dizia, minha senhora?...

- Venho pedir-lhe que me diga, meu amigo, em que pé se encontra o caso desse impostor - respondeu a baronesa.

- Impostor! - repetiu Villefort. - Decididamente, minha senhora, é pecha sua

atenuar certas coisas e exagerar outras. Impostor o Sr. Andrea Cavalcanti, ou antes o Sr. Benedetto! Engana-se, minha senhora, o Sr. Benedetto é realmente um assassino.

- Senhor, não nego a justeza da sua retificação; mas quanto mais severamente se encarniçar contra esse desgraçado, tanto mais prejudicará a nossa família. Vamos, esqueça-o por um momento; em vez de o perseguir, deixe-o fugir...

- Chegou demasiado tarde, minha senhora; as ordens já foram dadas.

- Nesse caso, se o apanharem... Acha que o apanham?

- Tenho essa esperança.

- Se o apanharem... ouça, sempre ouvi dizer que as prisões estão transbordando... Pois se o apanharem, deixe-o na prisão.

O procurador régio fez um gesto negativo.

- Pelo menos até a minha filha se casar - acrescentou a baronesa.

- Impossível, minha senhora. A justiça tem as suas formalidades.

- Mesmo para mim? - observou a baronesa, meio sorridente, meio séria.

- Para todos - respondeu Villefort. - E para mim mesmo como para os outros.

- Ah! - exclamou a baronesa, sem acrescentar em palavras o que o seu pensamento acabava de deixar transparecer nesta exclamação.

Villefort fitou-a com o olhar com que sondava os pensamentos.

- Sim, sei o que quer dizer - prosseguiu. - Refere-se a esses boatos terríveis espalhados na sociedade de que todas estas mortes que há três meses me vestem de luto e de que a morte à qual, como que por milagre, acaba de escapar Valentine não são naturais.

- Não pensava de modo algum nisso - replicou vivamente a Sra Danglars.

- Pensava, sim, minha senhora, e era justo, pois não podia deixar de pensar e dizer para consigo, baixinho: “Você, que persegue o crime, responde: "Porque se verificam à tua volta crimes que ficam impune?"

A baronesa empalideceu.

- Dizia isto para consigo, não é verdade, minha senhora?

- Sim... confesso.

-- Vou responder-lhe.

Villefort aproximou a sua poltrona da cadeira da Sra Danglars, apoiou as mãos na mesa e disse, numa intonação mais abafada do que de costume:

- Há crimes que permanecem impunes porque se não sabe quem são os criminosos e se receia atingir uma cabeça inocente em vez de uma cabeça culpada. Mas quando esses criminosos forem descobertos - e Villefort, estendeu a mão para um crucifixo colocado defronte da mesa -, quando esses criminosos forem descobertos - repetiu --, pelo Deus vivo, minha senhora, sejam quem forem, morrerão! Agora, depois do juramento que acabo de fazer e que cumprirei, minha senhora, ainda ousa pedir-me compaixão para esse miserável?

- Tem certeza de que é tão culpado como dizem? - inquiriu a Sra Danglars.

- Tenho aqui o seu processo. Escute: Benedetto, condenado inicialmente a cinco anos de galés por falsificação, aos dezesseis anos. (O rapaz prometia, como vê...) Depois evadido e em seguida assassino.

- E quem é esse desgraçado?

- Oh, isso sabe-se! Um vagabundo, um corso.

- Ninguém intercedeu por ele?

- Ninguém. Não se sabe quem são os seus pais.

- Mas esse homem que veio de Luca?

- Outro patife como ele; seu cúmplice, talvez.

A baronesa juntou as mãos.

- Villefort... - disse com a sua mais meiga e acariciadora intonação.

- Por Deus, minha senhora-respondeu o procurador régio com uma firmeza não isenta de secura --, por Deus, nunca me peça que tenha compaixão de um culpado!

"Quem sou eu? A lei. Ora a lei tem porventura olhos para ver a sua tristeza? Ouvidos para escutar a sua meiga voz? memória para aplicar a si própria os seus delicados pensamentos? Não, minha senhora, a lei ordena, e quando a lei ordena, fere.

"Me dirá que sou um ser vivo e não um código; um homem e não um volume. Olhe para mim, minha senhora, olhe à minha volta: os homens trataram-me como irmão? Amaram-me? Pouparam-me? Consideraram-me? Alguém pediu compaixão para o Sr. de Villefort e houve porventura quem concedesse a esse alguém perdão para o Sr. de Villefort? Não, não, não! Feriram-no, feriram-no sempre!

"Persiste, mulher, como sereia que é, em me falar com esse olhar encantador e expressivo que me recorda que devo corar. Sim, sem dúvida, corar do que sabe e talvez, talvez de mais outra coisa.

"Mas enfim, desde que eu próprio falhei, e talvez mais profundamente do que os outros, desde esse tempo tenho sacudido as roupas dos outros em busca da úlcera, e encontrei-a, e direi mais: encontrei-a com prazer, com alegria, esse sinal da fraqueza ou da perversidade humana.

"Porque cada homem que reconhecia culpado, e cada culpado que feria, parecia-me uma prova viva, uma nova prova de que eu não era uma hedionda exceção. Infelizmente - sim, infelizmente, infelizmente! - toda a gente é má, minha senhora; provemo-lo e firamos o mau!

Villefort pronunciou estas últimas palavras com raiva febril, que dava à sua linguagem uma eloquência feroz.

- Mas - prosseguiu a Sra Danglars, procurando tentar um último esforço - o senhor não diz que esse rapaz é um vagabundo, um orfão abandonado por todos?

- Tanto pior, tanto pior, ou antes, tanto melhor. A Providência fê-lo assim para ninguém ter de chorar por ele.

- Isso é encarniçar-se contra um fraco, senhor.

- Um fraco que assassina!

- A sua desonra recairia sobre a minha casa.

- Não tenho eu a morte na minha!

- Oh, senhor, da sua parte não há piedade para os outros! - exclamou a baronesa. - Pois bem, sou eu quem lhe diz, também não haverá piedade para si!

- Seja! - perguntou Villefort, erguendo, num gesto de ameaça, o braço do céu.

- Adie ao menos a causa desse desventurado, se ele for preso, para o próximo período judicial. Isso nos dará seis meses para que o caso seja

esquecido.

- Não - recusou Villefort. - Ainda tenho cinco dias; a instrução está concluída, e cinco dias é mais tempo do que necessito. Aliás, não compreende, minha senhora, que também necessito esquecer? Quando trabalho, e trabalho dia e noite, quando trabalho há momentos em que me esqueço, e quando me esqueço sou feliz como são os mortos. Mas mesmo .Assim isso é ainda preferível a sofrer.

- Ele fugiu, senhor. Deixe-o fugir. A inércia é uma clemência fácil.

- Mas se já lhe disse que era demasiado tarde! O telégrafo funcionou ao romper do dia, e a esta hora...

- Senhor - disse o criado de quarto, entrando --, um dragão traz este ofício do ministro do Interior.

Villefort pegou na carta e abriu-a vivamente. A Sra Danglars estremeceu de terror e Villefort de alegria.

- Preso! - exclamou Villefort. - Prenderam-no em compiêgne. Acabou-se.

A Sra Danglars levantou-se, fria e pálida.

- Adeus, senhor.

- Adeus, minha senhora - respondeu o procurador régio, quase alegre, acompanhando-a até à porta.

Depois, regressando à mesa, disse, batendo na carta com as costas da mão direita:

- Pronto, tinha uma falsificação, três roubos e dois incêndios. Só me faltava um assassínio. Ei-lo! A sessão será bela.

Capítulo C

A aparição

Como dissera o procurador régio à Sra Danglars, Valentine ainda não estava restabelecida.

Quebrada pela fadiga, conservava-se de cama e foi no seu quarto e da boca da Sra de Villefort que tomou conhecimento dos acontecimentos que acabamos de contar, isto é, da fuga de Eugénie e da prisão de Andrea Cavalcanti, ou antes de Benedetto, assim como da acusação de assassínio formulada contra ele.

Mas Valentine estava tão fraca que tais acontecimentos não produziram nela o efeito que talvez tivessem produzido se se encontrasse no seu estado de saúde habitual.

Efetivamente, tudo se resumiu a algumas idéias vagas, a algumas formas imprecisas, ainda por cima misturadas com idéias estranhas e fantasmas fugazes que se lhe formavam no cérebro doente ou lhe passavam diante dos olhos, e em breve até tudo isso se desvaneceu para só lhe deixar dedicar todas
as suas energias às sensações pessoais.

Durante o dia, Valentine mantinha ainda consciência da realidade graças à

presença de Noirtier, que se fazia conduzir aos aposentos da neta e lá permanecia, vigiando Valentine com o seu olhar paternal. Depois, quando regressava do palácio da Justiça, era Villefort quem, por sua vez, passava uma hora ou
duas com o pai e a filha.

Às seis horas, Villefort retirava-se para o seu gabinete; às oito chegava o Sr. de Avrigny, que trazia pessoalmente a poção noturna preparada para a jovem; depois, levavam Noirtier.

Uma enfermeira escolhida pelo médico substituía todas as pessoas e só se retirava quando, por volta das dez ou onze horas, Valentine adormecia.

Quando descia, entregava pessoalmente as chaves do quarto de Valentine ao Sr. de Villefort, de forma que dali em diante só se podia entrar no quarto da doente atravessando os aposentos da Sra de Villefort e o quarto do pequeno Edouard.

Morrel vinha todas as manhãs aos aposentos de Noirtier saber notícias de Valentine. Mas, coisa extraordinária, parecia de dia para dia menos inquieto.

Em primeiro lugar, apesar de dominada por uma violenta exaltação nervosa, Valentine estava cada vez melhor, depois, não lhe dissera Monte-Cristo, quando correra de cabeça perdida para casa do conde, que se Valentine não morresse dentro de duas horas, estaria salva?

Ora, Valentine ainda estava viva e já se tinham passado quatro dias.

A exaltação nervosa a que nos referimos perseguia Valentine até no sono ou, antes, no estado de sonolência que se sucedia à vigília. Era então que, no silêncio da noite e na semi-obscuridade que deixava reinar a lamparina pousada na chaminé, via passar as sombras que povoam o quarto dos doentes é que estimulam a febre com as suas asas frementes.

Então parecia-lhe ver aparecer ora a madrasta que a ameaçava, ora Morrel que lhe estendia os braços, ora seres quase estranhos à sua vida habitual, como o conde de Monte-Cristo. Nesses momentos de delírio até os móveis lhe pareciam mover-se. E isso prolongava-se assim até às duas ou três horas da manhã, momento em que um sono de chumbo se apoderava da jovem e a conduzia até ao dia.

Na noite que se seguiu à manhã em que Valentine soube da fuga de Eugénie e da prisão de Benedetto, e em que, depois de se terem confundido um instante com as sensações da sua própria
existência, esses acontecimentos lhe começavam a sair pouco a pouco da idéia; depois da sucessiva retirada de Villefort, de Avrigny e de Noirtier; quando soavam onze horas em Saint-Philippe du Roule e a enfermeira, após colocar ao alcance da mão da doente a beberagem preparada pelo médico e fechar a porta do quarto, escutava palpitante, na copa para onde se dirigira, os comentários dos criados, e guardava na
memória as histórias lúgubres que havia três meses alimentavam os serões da criadagem do procurador régio - verificou-se uma cena inesperada naquele quarto tão cuidadosamente fechado.

Havia já cerca de dez minutos que a enfermeira se retirara.

Valentine, presa havia uma hora da febre que a assaltava todas as noites. Deixava a cabeça, insubmissa à sua vontade, continuar o trabalho ativo,

monótono e implacável do cérebro, que se esgota a reproduzir incessantemente os mesmos pensamentos ou a conceber as mesmas imagens.

Da mecha da lamparina partiam milhares e milhares de irradiações, todas impregnadas de significados estranhos, quando de súbito, à sua chama trêmula, Valentine julgou ver a sua estante, colocada ao lado da chaminé, numa cavidade da parede, abrir-se lentamente sem que os gonzos em que parecia
girar produzissem o mais pequeno ruído.

Em outro momenot, Valentine teria pegado na campainha e puxado o cordão de seda a pedir socorro; mas já nada a surpreendia, na situação em que se encontrava. Tinha consciência de que todas as visões que a rodeavam eram fruto do seu delírio e esta convicção arreigara-se-lhe depois de verificar que, de manhã,
nunca restava qualquer vestígio dos fantasmas da noite, que desapareciam ao amanhecer.

Atrás da porta apareceu uma figura humana.

Devido à febre, Valentine estava demasiado familiarizada com semelhantes aparições para se assustar; arregalou apenas os olhos, esperando reconhecer Morrel. A figura continuou a aproximar-se da cama e depois parou e pareceu escutar com profunda atenção.

Nesse momento, um reflexo da lamparina iluminou o rosto do visitante nocturno.

- Não é ele!... - murmurou a jovem.

E esperou, convencida de que sonhava, que aquele homem, como acontece nos sonhos, desaparecesse ou se transformasse em qualquer outra pessoa.

Entretanto, apalpou o pulso e, sentindo-o bater violentamente, lembrou-se de que o melhor meio de fazer desaparecer aquelas visões importunas era beber: a frescura da bebida, preparada de resto para acalmar as agitações de que Valentine se queixara ao médico, contribuía, fazendo baixar a febre, para
renovar as sensações do cérebro. Depois de beber, sofria menos durante algum tempo.

Valentine estende pois a mão, a fim de pegar no copo do pires de cristal onde se encontrava. Mas no momento em que estendia fora da cama o braço trêmulo, a aparição deu novamente, com mais rapidez do que nunca, dois passos para a cama e chegou tão perto da jovem que esta ouviu-lhe a respiração e julgou sentir-lhe a pressão da mão.

Desta vez a ilusão, ou antes a realidade, ultrapassava tudo o que Valentine experimentara até ali; começou a considerar-se bem acordada e viva; teve consciência de se encontrar de posse de toda a sua razão e estremeceu.

A pressão que Valentine sentira destinava-se a deter-lhe o braço. Valentine retirou-o lentamente para si.

Então a figura, da qual não conseguia despregar os olhos, e que, de resto, parecia mais protetora do que ameaçadora, essa figura pegou no copo, aproximou-se da lamparina e observou a beberagem, como se quisesse apreciar-lhe a transparência e a limpidez.

Mas esta primeira prova não bastou.

O homem, ou antes o fantasma - porque andava tão suavemente que o

tapete abafava o ruído dos seus passos -, tirou do copo uma colher da beberagem e engoliu-a. Valentine observava o que se passava diante dos seus olhos com profundo espanto.

Estava convencidíssima de que tudo aquilo não tardaria a desaparecer para dar lugar a outro quadro; mas o homem, em vez de se sumir como uma sombra, voltou a aproximar-se, estendeu o copo a Valentine e disse-lhe numa voz cheia de emoção:

- Agora, beba!...

Valentine estremeceu.

Era a primeira vez que uma das suas visões lhe falava naquele timbre vibrante.

Abriu a boca para gritar.

O homem pôs-lhe um dedo no lábios.

- O Sr. Conde de Monte-Cristo!... - murmurou ela.

Pelo terror que transpareceu dos olhos da jovem, pela tremura das suas mãos e pelo gesto rápido que esboçou para se esconder debaixo dos lençóis, podia-se reconhecer a última luta da dúvida contra a convicção, de fato, a presença de Monte-Cristo no seu quarto a semelhante hora e a sua entrada misteriosa, fantástica, inexplicável, por uma parede, pareciam coisas impossíveis à razão abalada de Valentine.

- Não chame, não se assuste - disse o conde --, nem tenha sequer no fundo do coração a réstia de uma desconfiança ou a sombra de uma inquietação. O homem que vê diante de si (porque desta vez tem razão, Valentine, e não se trata de uma ilusão), o homem que vê diante de si é o mais terno pai e o mais respeitoso amigo que possa imaginar.

Valentine não soube que responder. Tinha tanto medo daquela voz que lhe revelava a presença real daquele que falava que temia associar-lhe a sua. Mas o seu olhar aterrado queria dizer. “Se as suas intenções são puras, porque está aqui?"

Com a sua maravilhosa sagacidade, o conde compreendeu tudo o que se passava no coração da jovem.

- Ouça-me - disse -, ou antes, olhe-me: vê os meus olhos avermelhados e a minho rosto ainda mais pálida do que de costume? É porque há quatro noites que não durmo um só instante; há quatro noites que velo por si, a protejo, a conservo ao nosso amigo Maximilien.

Uma onda de sangue subiu rapidamente às faces da doente; porque o nome que o conde acabava de pronunciar punha termo ao resto de desconfiança que ele lhe inspirara.

- Maximilien!... - repetiu Valentine, de tal forma lhe era agradável pronunciar esse nome. - Maximilien!... Quer dizer que ele lhe contou tudo?

- Tudo, Disse-me que a sua vida era a dele e prometi-lhe que Valentine viveria.

- O senhor prometeu-lhe que eu viveria?

- Prometi.

- De fato, senhor, acaba de falar de vigilância e proteção. Isso quer dizer que é médico?

- Quer, e o melhor que o Céu lhe poderia enviar neste momento, acredite.

- Diz que tem velado por mim? - perguntou Valentine, inquieta. - Onde? Nunca o vi...

O conde estendeu a mão na direção da estante.

- Tenho estado escondido atrás daquela porta - respondeu -, porta que dá para a casa contígua, que aluguei.

Num assomo de orgulho pudico, Valentine desviou os olhos e disse com soberano desprezo:

- O que fez, senhor, é de uma demência sem exemplo e essa proteção que me concedeu assemelha-se muito a um insulto.

- Valentine, durante a minha longa vigília apenas vi as pessoas que a visitavam, os alimentos que lhe preparavam, as bebidas que lhe serviam. Depois, quando essas bebidas me pareciam perigosas, entrava como entrei agora, despejava-lhe o copo e substituía o veneno por uma beberagem benéfica que, em vez da morte que lhe preparavam, fazia circular a vida nas suas veias.

- O veneno! A morte! - exclamou Valentine, julgando-se de novo sob o império de alguma febril alucinação. - Que quer dizer com isso, senhor?

- Cale-se, minha filha! - recomendou Monte-Cristo, levando o dedo aos lábios. - Disse o veneno; sim, disse a morte, e repito, a morte. Mas beba primeiro isto - e o conde tirou da algibeira um frasco que continha um licor vermelho de que deitou algumas gotas no copo. - Depois de beber, não tome mais nada esta noite.

Valentine estendeu a mão; mas assim que tocou no copo, retirou-a com terror.

Monte-Cristo pegou no copo, bebeu metade do líquido e apresentou-o a Valentine, que bebeu, sorrindo, o resto do licor que continha.

- Sim, reconheço o gosto das minhas beberagens noturnas, da água que restitua um pouco de frescura ao meu peito e um pouco de calma ao meu cérebro. Obrigada, senhor, obrigada.

- Aqui tem como viveu quatro noites, Valentine - disse o conde. - Mas eu, como vivi? Oh, que horas cruéis me fez passar! Oh, que horríveis torturas me infligiu quando via deitar-lhe no copo o veneno mortal, quando temia que tivesse tempo de bebe-lo antes de eu ter tempo de despeja-lo na chaminé!

- Diz - prosseguiu Valentine no cúmulo do terror - que sofreu mil torturas ao ver deitar no meu copo o veneno mortal? Mas se viu deitarem-me o veneno no copo, também viu a pessoa que o deitava?

- Também.

Valentine sentou-se na cama e, aconchegando ao peito, mais pálida do que a neve, a cambraia bordada, ainda úmida do suor frio do delírio, ao qual começava a juntar-se o suor ainda mais gelado do terror, repetiu.

- Viu-a?

- Vi - respondeu pela segunda vez o conde.

- O que me diz é horrível, senhor! O que pretende me fazer crer é algo infernal! O quê, na casa do meu pai, no meu quarto, no meu leito de dor continuam a assassinar-me?! Oh, retire-se, senhor! Isso é tentar a minha consciência, blasfemar da bondade divina, é impossível, não pode ser!

- É porventura a primeira pessoa que essa mão fere, Valentine? Não viu cair à sua volta o Sr. de Saint-Méran, a Sra de Saint-Méran, e Barrois? Não teria visto cair o Sr. Noirtier, se o tratamento que segue há cerca de três anos o não

protegesse, combatendo o veneno através da habituação ao veneno?

- Oh, meu Deus, será por isso que há perto de um mês o avozinho exige que compartilhe todas as suas bebidas?! - exclamou Valentine.

- E essas bebidas têm um gosto amargo como o da casca de laranja meio seca, não é verdade? - perguntou Monte-Cristo.

- Têm, sim, meu Deus, têm!

- Isso explica-me tudo - declarou Monte-Cristo. - Ele também sabe que se envenena aqui e talvez saiba quem envenena. Assim, preservou a neta bem amada contra a substância mortal, e a substância mortal perdeu grande parte da sua eficácia devido a esse princípio de habituação! Aí está porque se encontra ainda
viva, o que eu não compreendia, depois de ser envenenada há quatro dias com um veneno que habitualmente não perdoa.

- Mas quem é o assassino?

- Uma pergunta: nunca viu entrar ninguém, de noite, no seu quarto?

- Vi. Muitas vezes julguei ver passar como que umas sombras... essas sombras aproximarem-se, afastarem-se e desapareceram; mas tomava-as por visões da minha febre e ainda há pouco, quando o senhor mesmo entrou... Bom, julguei durante muito tempo que delirava ou sonhava.

- Portanto, não conhece a pessoa que lhe quer tirar a vida?

- Não - respondeu Valentine. - Porque havia alguém de me desejar a morte?

- Vai conhecê-la, então - respondeu Monte-Cristo, apurando o ouvido.

- Como assim? - perguntou Valentine, olhando com terror à sua volta.

- Porque esta noite a Valentine já não tem febre nem delira; porque esta noite está bem acordada, porque acaba de dar meia-noite, a hora dos assassinos.

- Meu Deus, meu Deus!... - murmurou Valentine, enxugando com a mão o suor que lhe perlava a testa.

Com efeito, soava lenta e tristemente a meia-noite e diria que cada pancada do martelo de bronze batia no coração da jovem.

- Valentine - continuou o conde --, chame todas as suas forças em seu socorro, comprima o coração no peito, contenha a voz na garganta, finja dormir... e verá, verá!

Valentine pegou na mão do conde.

- Parece-me ouvir um ruído - disse. - Retire-se!

- Adeus, ou antes até breve - respondeu o conde.

Depois, com um sorriso tão triste e tão paternal que o coração da jovem se sentiu cheio de reconhecimento, alcançou em pontas de pés a porta da estante.

Mas, virando-se antes de a fechar atrás de si, recomendou:

- Nem um gesto, nem uma palavra. É necessário que a julguem dormindo, pois de contrário talvez a matassem antes de eu ter tempo de acorrer.

E depois desta pavorosa recomendação, o conde desapareceu atrás da porta, que se fechou silenciosamente.

Capítulo CI

Locusta

Valentine ficou sozinha. Mais dois relógios, atrasados em relação ao de Saint-Philippe du Roule, deram ainda a meia-noite a distâncias diferentes.

Depois, excetuando o ruído de algumas carruagens distantes, tudo recaiu no silêncio.

Então, toda a atenção de Valentine se concentrou no relógio do quarto, cujo pêndulo mareava os segundos.

Pôs-se a contar esses segundos e notou que eram duas vezes mais lentos do que as pulsações do seu coração. E no entanto ainda duvidava. A inofensiva Valentine não podia conceber que alguém desejasse a sua morte. Porquê? Com que fim ? Que mal fizera que lhe tivesse suscitado um inimigo ?

Não havia receio de que adormecesse.

Uma única idéia, uma idéia terrível, ocupava o seu espirito tenso: a de que existia uma pessoa no mundo que tentara assassiná-la e que o ia tentar novamente.

Desta vez essa pessoa, cansada de ver a ineficácia do veneno, ia, como lhe dissera Monte-Cristo, recorrer ao ferro! Se o conde não tivesse tempo de lhe acudir... Se tivesse chegado o seu último momento... Se nunca mais tornasse a ver Morrel... Perante semelhantes pensamentos, que a cobriam ao mesmo tempo de uma palidez lívida e de um suor gelado, Valentine estava prestes a pegar no cordão da campainha e a pedir socorro.

Mas parecia-lhe ver cintilar, através da porta da estante, o olhar do conde, esse olhar que pesava na sua memória e que, quando pensava nele, a dominava tal vergonha que perguntava a si mesma se alguma vez o reconhecimento conseguiria apagar o penoso efeito da indiscreta amizade do conde.

Vinte minutos, vinte eternidades, passaram-se assim, e depois mais dez. Por fim o relógio rangeu com um segundo de antecedência e acabou por martelar uma vez o timbre sonoro. Nesse preciso momento um ruído de unhas quase imperceptível na madeira da estante avisou Valentine de que o conde velava e lhe recomendava que estivesse atenta. Com efeito, do lado oposto, isto é, para as bandas do quarto de Edouard, pareceu a Valentine ouvir ranger o parqué. Apurou o ouvido e conteve a respiração até quase sufocar. O puxador da porta rangeu e esta girou nos gonzos.

Valentine, que estava soerguida num cotovelo, só teve tempo de se deixar cair na cama e de esconder os olhos debaixo do braço.

Depois, trêmula, agitada, com o coração apertado por indizível terror, esperou.

Alguém se aproximou da cama e aflorou os cortinados. Valentine reuniu todas as suas forças e deixou ouvir e murmúrio regular da respiração que anuncia um sono tranquilo.

- Valentine! - chamou baixinho uma voz.

A jovem estremeceu até ao fundo do coração, mas não respondeu.

- Valentine! - repetiu a mesma vez.

Igual silêncio: Valentine prometera não acordar. Depois tudo permaneceu imóvel.

Valentine ouviu apenas o ruído quase imperceptível de um líquido caindo no copo que acabara de despejar. Então atreveu-se, a coberto do braço estendido, a entreabrir as pálpebras.

Viu uma mulher de penteador branco que deitava no copo um licor preparado antecipadamente num frasco. Durante esse curto instante, Valentine conteve talvez a respiração ou fez sem dúvida algum movimento porque a mulher deteve-se e inclinou-se sobre a cama para ver melhor se ela dormia realmente: era a Sra de Villefort.

Ao reconhecer a madrasta, Valentine foi atacada por calafrios intensos, que imprimiram movimento à cama. A Sra de Villefort afastou-se imediatamente ao longo da parede e aí, escondida atrás dos cortinados da cama, muda, atenta, espiou o mais pequeno movimento de Valentine.

Esta recordou-se das terríveis palavras de Monte-Cristo; parecera-lhe ver brilhar na mão que segurava o frasco uma espécie de punhal comprido e aguçado. Então, apelando para toda a força da sua vontade em seu auxílio, esforçou-se por fechar os olhos. Mas tal função do mais sensível dos nossos sentidos, tal função, habitualmente tão simples, tornava-se naquele momento quase impossível de executar, de tal modo a viva curiosidade se esforçava por repelir as pálpebras e atrair a verdade.

Entretanto, tranquilizada pelo silêncio em que recomeçara a ouvir-se o ruído compassado da respiração de Valentine, sinal de que esta dormia, a Sra de Villefort estendeu de novo o braço e, permanecendo meio escondida pelos cortinados apanhados à cabeceira da cama, acabou de deitar no copo de Valentine o conteúdo do frasco.

Depois retirou-se, sem que o mais pequeno ruído advertisse Valentine de que fora embora.

Esta vira apenas desaparecer o braço, mais nada; o braço fresco e torneado de uma mulher de vinte e cinco anos, jovem e bela que derramava a morte.

É impossível exprimir o que Valentine experimentou durante o minuto e meio que a Sra de Villefort permanecera no seu quarto.

O ruído de unhas na estante arrancou a jovem ao estado de torpor em que mergulhara e que se assemelhava à perda dos sentidos. Levantou a cabeça com esforço.

A porta, sempre silenciosa, girou segunda vez nos gonzos e o conde de Monte-Cristo reapareceu.

- Então, ainda duvida? - perguntou o conde.

- Oh, meu Deus! - murmurou a jovem.

- Viu?

- Infelizmente!

- Reconheceu a pessoa?

Valentine soltou um gemido.

- Reconheci, mas não posso acreditar - respondeu.

- Prefere então morrer e fazer morrer Maximilien!...

- Meu Deus, meu Deus! - repeliu a jovem, quase desvairada. - Mas não poderei deixar esta casa, salvar-me?...

- Valentine, a mão que a persegue a alcançará em qualquer lugar. A poder

de ouro comprar os seus criados e a morte lhe surgirá disfarçada sob todos os aspectos: na água que beber na fonte, no fruto que colher na árvore.

- Mas não me disse que a precaução do avozinho me imunizara contra o veneno?

- Contra um veneno e mesmo assim não empregado em dose forte. Mudará de veneno ou aumentará a dose.

Pegou no copo e molhou os lábios.

- E isso já foi feito! já não é com brucina que a envenenam, é com um simples narcôtico. Reconheço o gosto do álcool em que o dissolveram. Se tivesse bebido o que a Sra de Villefort acaba de deitar neste copo, Valentine, estaria perdida.

- Mas, meu Deus, por que motivo me persegue assim? - gritou a jovem.

- Como, é assim tão meiga, tão boa, tão pouco crente no mal que ainda não compreendeu, Valentine?

- Não, e nunca lhe fiz mal - respondeu a jovem.

- Mas a Valentine é rica! Tem duzentas mil libras de rendimento e impede que essas duzentas mil libras de rendimento sejam do filho dela!

- Como assim? A minha fortuna não lhe pertence, herdei-a da minha família.

- Claro, e foi por isso que o Sr. e a Sra de Saint-Méran morreram: para que a Valentine herdasse deles. E aí está por que motivo, no dia em que a fez sua herdeira, o Sr. Noirtier foi também condenado, e por que motivo a Valentine devia morrer por seu turno: para que o seu pai herdasse de si e o seu irmão, tornado filho único, herdasse do seu pai.

- Edouard! Pobre criança, é por ele que se cometem todos esses crimes?

- Compreende, finalmente!

- Mas, meu Deus, contanto que tudo isso não caia sobre ele!

- É um anjo, Valentine.

- Mas o meu avô, renunciaram a matá-lo?

- Refletiram que uma vez a Valentine morta a fortuna, a não ser que tivesse havido deserdação, reverteria naturalmente para o seu irmão e concluíam que o crime, além de inútil, era duplamente perigoso.

- E foi no espirito de uma mulher que semelhante combinação se forjou? Oh, meu Deus, meu Deus!

- Lembre-se de Perúsia, do caramanchão da estalagem da posta, do homem da capa escura que a sua madrasta interrogava acerca da aquatofana. Desde essa época que todo este projeto infernal amadurecia no seu cérebro.

- Oh, senhor, se é assim, bem vejo que estou condenada a morrer! - exclamou a meiga moça, lavada em lágrimas.

- Não, Valentine, não, porque previ todas as conspirações. Não, porque a nossa inimiga está vencida, uma vez que foi descoberta. Não, viverá, Valentine, viverá para amar e ser amada, viverá para ser feliz e tornar feliz um nobre coração. Mas para viver, Valentine, tem de ter confiança em mim.

- Ordene, senhor. Que devo fazer?

- Deve tomar cegamente o que lhe darei.

- Oh, Deus é testemunha de que se estivesse sozinha preferiria morrer! - exclamou Valentine.

- Não dirá nada a ninguém, nem mesmo ao seu pai.

- O meu pai não tem nada a ver com esta horrível conspiração, não é verdade, senhor? - perguntou Valentine, juntando as mãos.

- Não, e no entanto o seu pai, homem habituado às acusações criminais, o seu pai deve desconfiar de que todas estas mortes que desabam sobre a sua casa não são de modo algum naturais. Era ao seu pai que competia velar por si, era ele que devia estar a esta hora no lugar que ocupo; era ele que devia já ter despejado este copo; era ele que devia ter-se erguido contra o assassino. Fantasma contra fantasma... - murmurou à guisa de conclusão.

- Senhor - disse Valentine -, farei tudo para viver porque existem dois seres no mundo que me amam a tal ponto que morreriam se eu morresse: o meu avô e Maximilien.

- Velarei por eles como tenho velado por si.

- Sendo assim, senhor, disponha de mim -- disse Valentine, que acrescentou em voz baixa: - Oh, meu Deus, meu Deus, que irá me acontecer?!

- Seja o que for que lhe aconteça, Valentine, não se assuste. Mesmo que sofra e que perca a vista, o ouvido e o tato, nada receie. Se acordar sem saber onde está, não tenha medo, ainda que ao acordar se encontre em qualquer jazigo ou encerrada num caixão. Recupere rapidamente a sua presença de espírito e diga para consigo: “Neste momento um amigo, um pai, um homem que quer a minha felicidade e a de Maximilien, esse homem vela por mim."

- Valha-me Deus, que terrível extremidade!

- Valentine, prefere denunciar a sua madrasta?

- Preferiria morrer cem vezes! Oh, sim, morrer!

- Não, não morrerá, e seja o que for que lhe aconteça, prometa-me não se queixar, não perder a esperança?

- Pensarei em Maximilien.

- Valentine é a minha filha bem-amada. Só eu posso salvá-la e a salvarei.

No cúmulo do terror, Valentine juntou as mãos, porque sentia que chegara o momento de pedir coragem a Deus, e ergueu-se para rezar, murmurando palavras sem nexo e esquecendo que os seus ombros brancos não tinham mais nada a cobri-los além da sua comprida cabeleira e que se via pulsar o seu coração sob a renda fina da camisa de dormir.

O conde pousou suavemente a mão no braço da jovem, puxou-lhe até ao pescoço a colcha de veludo e disse com um sorriso paternal:

- Minha filha, confie na minha dedicação como confia na bondade de Deus e no amor de Maximilien.

Valentine pousou nele um olhar cheio de reconhecimento e permaneceu dócil como uma criança debaixo da colcha que a cobria.

Então o conde tirou da algibeira do colete a caixinha de esmeralda onde guardava as suas drageas, abriu a tampa de ouro e deitou a mão direita de Valentine uma pastilhazinha redonda, do tamanho de uma ervilha.

Valentine pegou-lhe com a outra mão e olhou o conde atentamente. Havia nas feições daquele intrépido protetor um reflexo da majestade e do poder divinos. Era evidente que Valentine o interrogava com a vista.

- Sim - respondeu ele.

Valentine levou a pastilha à boca e engoliu-a.

- E agora, até breve, minha filha - disse o conde. - Vou tentar dormir, porque está salva.

- Vá - disse Valentine. - Sei a o que for que me aconteça, prometo-lhe não ter medo.

Monte-Cristo conservou durante muito tempo os olhos fitos na jovem, que adormeceu pouco a pouco, vencida pela força do narcótico que o conde acabava de lhe dar. Então, este pegou no copo, despejou três quartas partes do seu conteúdo na chaminé, para que se pudesse crer que Valentine bebera o que faltava, e voltou a coloca-lo em cima da mesa-de-cabeceira. Em seguida dirigiu-se para a porta da estante e desapareceu, depois de lançar um derradeiro olhar a Valentine, que adormecia com a confiança e a candura de um anjo deitado aos pés do Senhor.

Capítulo CII

Valentine

A lamparina continuava a arder na chaminé de Valentine, consumindo as últimas gotas de azeite que ainda boiavam na água. Já um círculo mais avermelhado coloria o alabastro do globo e já a chama mais viva deixava escapar as derradeiras crepitações, que nas coisas inanimadas parecem as últimas convulsões da agonia, que tantas vezes comparamos com as das pobres criaturas humanas. Uma claridade pálida e sinistra
acabava de tingir de um tom de opala os cortinados brancos e os lençóis da cama da jovem.

Não se ouvia qualquer barulho na rua e o silêncio interior causava calafrios.

A porta do quarto de Edouard abriu-se então, e uma cabeça que já vimos apareceu no espelho oposto à porta: era a Sra de Villefort, que voltava para ver o efeito da beberagem.

Parou no limiar, escutou a crepitação da lamparina, único ruído perceptível naquele quarto, que se diria deserto, e em seguida dirigiu-se devagarinho para a mesa-de-cabeceira a fim de ver se o copo de Valentine estava vazio. Continha ainda um quarto do líquido, como dissemos.

A Sra de Villefort pegou-lhe e foi despejá-lo nas cinzas, que revolveu para facilitar a absorção do licor. Depois, lavou cuidadosamente o cristal, enxugou-o com o seu próprio lenço e recolocou-o na mesa-de-cabeceira.

Quem quer que pudesse olhar para dentro do quarto poderia verificar então que a Sra de Villefort hesitava em olhar para Valentine e em se aproximar da cama. Aquela claridade lúgubre, aquele silêncio, a terrível poesia da noite, conjugavam-se sem dúvida com a horrível poesia da sua consciência: a envenenadora tinha medo da sua obra.

Por fim, encheu-se de coragem, afastou o cortinado, encostou-se à cabeceira da cama e olhou Valentine. A jovem já não respirava, os seus dentes semidescerrados não deixavam escapar nenhum tomo de respiração denunciador de vida: os seus lábios esbranquiçados tinham deixado de tremer; os seus olhos,

cobertos de um tom roxo que parecia ter-se infiltrado através da pele, formavam uma saliência mais clara
no lugar onde o globo esticava a pálpebra, e as suas longas pestanas pretas destacavam-se numa pele já baça como a cera.

A Sra de Villefort contemplou aquele rosto de expressão tão eloquente na sua imobilidade. Afoitou-se então a levantar a colcha e a colocar a mão no coração da jovem. Estava parado e gelado. O que lhe pulsava debaixo da mão era a artéria dos dedos. Retirou a mão com um arrepio.

O braço de Valentine pendia fora da cama. Aquele braço, desde o ombro até ao sangradouro, parecia modulado pelo braço de uma das Graças de Germain Pilon: mas o antebraço estava ligeiramente deformado por uma crispação, e o punho, de uma forma tão pura, apoiava-se no mogno, um pouco rígido e com os
dedos afastados. A raiz das unhas apresentava-se azulada.

Para a Sra de Villefort não havia dúvida: tudo acabara, a obra terrível, a última de que se encarregara, estava enfim consumada.

A envenenadora já não tinha nada a fazer naquele quarto. Recuou portanto com tais precauções que era visível recear o ruído dos seus pés no tapete, mas mesmo recuando conservava ainda o cortinado da cama levantado, presa ao espetáculo da morte, que contém em si uma atração irresistível enquanto a
morte não é decomposição, mas apenas imobilidade, enquanto permanece mistério e não inspira ainda repugnância.

Os minutos passavam. A Sra de Villefort, não podia largar o cortinado, que mantinha suspenso como uma mortalha por cima da cabeça de Valentine. Pagou o seu tributo ao devaneio; o devaneio do crime deve ser o remorso. Naquele momento, as crepitações da lamparina aumentaram.

Ao ouvir tal ruído, a Sra de Villefort estremeceu e deixou cair o cortinado. No mesmo instante a lamparina apagou-se e o quarto mergulhou numa obscuridade assustadora. No meio dessa obscuridade, o relógio deu quatro e meia.

Apavorada com todas estas sucessivas comoções, a envenenadora alcançou a porta às apalpadelas e regressou ao seu quarto com o suor da angústia na testa. A obscuridade durou ainda mais duas horas.

Depois, pouco a pouco, uma claridade triste invadiu o quarto através das persianas. Em seguida, também pouco a pouco, a claridade aumentou e deu cor e forma aos objetos e aos corpos.

Foi neste momento que a tosse da enfermeira soou na escada e a mulher entrou no quarto de Valentine com uma xícara na mão.

Para um pai, para um apaixonado, o primeiro olhar seria decisivo: Valentine estava morta; para aquela mercenária, Valentine estava apenas dormindo.

- Bom - disse, aproximando-se da mesa-de-cabeceira --, bebeu uma parte da poção, pois o copo está dois terços vazio.

Em seguida dirigiu-se para a chaminé, acendeu o lume, instalou-se na sua poltrona e, embora tivesse acabado de se levantar, aproveitou o sono de Valentine para dormir mais uns instantes. O relógio acordou-a ao dar oito horas.

Então, surpreendida com o sono obstinado em que permanecia a jovem, e assustada com aquele braço pendente fora da cama que a dorminhoca ainda não

metera debaixo da roupa, avançou para a
cama e só então reparou naqueles lábios frios e naquele peito gelado.

Quis meter o braço na cama, junto do corpo; mas o braço só lhe respondeu com a rigidez medonha que não podia enganar uma enfermeira.

A mulher soltou um grito horrível.

Depois, correu para a porta a gritar:

- Socorro! Socorro!

- Quem é que pede socorro? - perguntou do fundo da escada a voz do Sr. de Avrigny.

Era a hora em que o médico tinha o hábito de vir.

- Quem está pedindo socorro? - gritou a voz de Villefort, o qual saiu precipitadamente do seu gabinete. - Não ouviu gritar por socorro, doutor?

- Ouvi, ouvi. Subamos - respondeu Avrigny. - Subamos depressa ao quarto de Valentine.

Mas antes de o médico e o pai entrarem, os criados, que se encontravam no mesmo andar, nos quartos e nos corredores, anteciparam-se e, vendo Valentine pálida e imóvel na cama, levantaram as mãos ao céu e cambalearam como se sentissem vertigens.

- Chamem a Sra de Villefort! Acordem a Sra de Villefort! - gritou o procurador régio da porta do quarto, no qual parecia não se atrever a entrar.

Mas os criados, em vez de obedecerem, olhavam para o Sr. de Avrigny, que entrara, correra para Valentine e a erguia nos braços.

- Mais esta!...-murmurou, deixando-a cair. - Oh, meu Deus, meu Deus, quando vos cansareis?!

Villefort entrou no quarto.

- Que diz o senhor, meu Deus? - gritou, erguendo as mãos ao céu. - Doutor!... Doutor!...

- Digo que Valentine morreu! - respondeu Avriany, numa voz solene e terrível na sua solenidade.

O Sr. de Villefort caiu de joelhos como se as pernas se lhe tivessem partido e escondeu o rosto no leito de Valentine.

Ao ouvirem as palavras do médico e os gritos do pai, os criados, aterrados, fugiram soltando imprecações abafadas. Ouviram-se nas escadas e nos corredores os seus passos precipitados, depois grande movimento nos pátios e em seguida mais nada; o ruído extinguiu-se. Do primeiro ao último, tinham
abandonado a casa maldita.

Neste momento, a Sra de Villefort, com um braço meio metido na manga do roupão, levantou a tapeçaria. Por um instante permaneceu no limiar, com ar de quem interroga os presentes e procurando chamar em seu auxílio algumas lágrimas rebeldes. De súbito deu um passo, ou antes um salto em frente, com os braços estendidos para a mesa.

Acabava de ver Avrigny inclinar-se curiosamente sobre o móvel e pegar o copo que estava certa de ter despejado durante a noite.

O copo encontrava-se um terço cheio, precisamente como estava quando ela despejara o seu conteúdo nas cinzas. O fantasma de Valentine erguido diante da envenenadora produziria menos efeito sobre ela.

De tato, era sem dúvida aquela a cor da beberagem que deitara no copo de

Valentine e que Valentine bebera, era sem dúvida aquele o veneno, que não podia enganar os olhos do Sr. de Avrigny e que o Sr. de Avrigny observava atentamente; fora sem dúvida um milagre, o que Deus fizera decerto para que ficasse,
apesar das precauções do assassino, um vestígio, uma prova, uma denúncia do crime.

Entretanto, enquanto a Sra de Villefort ficava imóvel como a estátua do Terror e Villefort, com o rosto escondida nos lençóis do leito mortuário, não via nada do que se passava à sua volta, Avrigny aproximava-se da janela para melhor poder examinar o conteúdo do copo e provar uma gota tirada com a ponta do dedo.

- Ah, agora já não se trata de brucina!... - murmurou. Vejamos o que é...

Correu para umdos armários do quarto de Valentine - armário transformado em farmácia --, tirou da sua caixinha de prata um frasco de ácido nítrico e deixou cair algumas gotas na opala do licor, que se transformou imediatamente num meio copo de sangue vermelho

- Ah!... - exclamou Avrigny, com o horror do juiz a quem se revela a verdade, de mistura com a alegria do sábio que descobre a solução de um problema.

A Sra de Villefort girou um instante sobre si mesma; os seus olhos chamejaram e depois tornaram-se mortiços; procurou, cambaleante, a porta com a mão e desapareceu. Pouco depois, ouviu-se o ruído distante de um corpo que caia no parqué.

Mas ninguém lhe prestou atenção. A enfermeira estava ocupada a olhar a análise química e Villefort continuava aniquilado. Apenas o Sr. de Avrigny seguira com a vista a Sra de Villefort e notara a sua saída precipitada.

Levantou a tapeçaria do quarto de Valentine e, através do quarto de Edouard, pôde observar os aposentos da Sra de Villefort, que viu caída, imóvel, no parqué.

- Vá socorrer a Sra de Villefort, - disse à enfermeira. - A Sra de Villefort sente-se mal.

- E Mademoiselle Valentine? - balbuciou a mulher.

- Mademoiselle Valentine já não necessita de socorro; Mademoiselle Valentine está morta.

- Morta! Morta! - suspirou Villefort no paroxismo de uma dor tanto mais dilacerante quanto mais nova, desconhecida e inaudita para aquele coração de bronze.

- Morta, diz o senhor?! - gritou terceira voz. - Quem disse que Valentine estava morta?

Os dois homens viraram-se e viram à porta Morrel, de pé, pálido, transtornado, terrível.

Eis o que acontecera:

À sua hora habitual, e pela portinha que levava aos aposentos de Noirtier Morrel apresentara-se em casa dos Villeforts. Contra o costume, encontrou a porta aberta, pelo que não teve de tocar, e entrou.

Esperou um instante no vestíbulo, depois de chamar um criado qualquer que o introduzisse junto do velho Noirtier. Mas ninguém respondeu; como sabemos, os criados tinham abandonado a casa.

Morrel não tinha naquele dia nenhum motivo especial para se sentir inquieto. Possuía a promessa de Monte-Cristo de que Valentine viveria e até ali essa promessa tora fielmente cumprida. Todas as noites o conde lhe dera boas noticias, que o próprio Noirtier confirmava no dia seguinte.

No entanto, aquele abandono pareceu-lhe singular. Chamou segunda vez, terceira, mas o silêncio persistiu. Então decidiu subir.

A porta de Noirtier estava aberta, tal como as outras portas.

A primeira coisa que viu foi o velho na sua poltrona, no sítio habitual. Os seus olhos dilatados pareciam exprimir um terror íntimo, confirmado ainda pela palidez estranha que lhe cobria o rosto.

- Como está, senhor? - perguntou o rapaz, não sem um certo aperto no coração.

- Bem! - respondeu o velho com o seu piscar de olhos. - Bem!

Mas a inquietação pareceu aumentar na sua fisionomia.

- Está preocupado - continuou Morrel. - Precisa de qualquer coisa. Quer que chame um criado?

- Sim - respondeu Noirtier.

Morrel puxou o cordão da campainha; mas mesmo que o puxasse até se partir, ninguém viria, nem veio. Virou-se para Noirtier, a palidez e a angústia iam crescendo no rosto do velho.

- Meu Deus! Meu Deus! - exclamou Morrel. - Porque será que ninguém aparece? Haverá alguém doente na casa?

Os olhos de Noirtier pareceram prestes a saltar-lhe das órbitas.

- Mas que tem o senhor? - continuou Morrel. - Assusta-me... Valentine? Valentine?...

- Sim! Sim! - acenou Noirtier.

Maximilien abriu a boca para falar, mas a sua língua não conseguiu articular nenhum som. Cambaleou e agarrou-se à parede. Depois estendeu a mão para a porta.

- Sim, sim, sim! - continuou o velho.

Maximilien correu para a escadinha, que subiu em dois saltos, enquanto Noirtier parecia gritar-lhe com a vista: “Mais depressa! Mais depressa!"

Um minuto bastou ao rapaz para atravessar várias salas, solitárias como o resto da casa, e chegar ao quarto de Valentine. Não necessitou de empurrar a porta, pois estava escancarada.

Um soluço foi o primeiro ruído que ouviu. Viu como que através de uma nuvem uma figura negra ajoelhada e com o rosto mergulhada num monte contuso de lençóis brancos. O medo, um medo horrível, pregava-o ao chão. Foi então que ouviu uma voz dizer que Valentine estava morta e segunda voz responder como um eco.

- Morta! Morta!

Capítulo CIII

Maximilien

Villefort levantou-se quase envergonhado de ter sido surpreendido no meio da sua dor.

A terrível função que exercia havia vinte e cinco anos acabara por fazer dele mais e menos do que um homem.

O seu olhar, por momentos alucinado, fixou-se em Morrel.

- Quem é o senhor, que se esquece que se não entra assim numa casa habitada pela morte? - perguntou. - Saia, senhor! Saia!

Mas Morrel continuou imóvel, sem poder desviar os olhos do espetáculo horrível daquela cama em desordem e da pálida figura nela deitada.

- Saia, ouviu?! - gritou Villefort, enquanto Avrigny se adiantava por seu turno para fazer sair Morrel.

Este olhou com ar enlouquecido o cad ver, os dois homens e todo o quarto, pareceu hesitar um instante e abriu a boca. Depois, não encontrando que dizer, apesar do imenso enxame de idéias fatais que lhe invadiam o cérebro, arrepiou caminho, metendo as mãos pelos cabelos, de tal forma que Villefort e
Avrigny, distraídos por momentos das suas preocupações, trocaram, depois de o seguir com a vista, um olhar que queria dizer; “é louco!"

Mas ainda não tinham passado cinco minutos ouviram-se gemer os degraus da escada debaixo de um peso considerável e viu-se Morrel carregar com força sobre-humana nos braços a poltrona de Noirtier e chegar com o velho ao primeiro andar da casa. Chegado ao cimo da escada, Morrel pousou a poltrona no chão e empurrou-a rapidamente até ao quarto de Valentine.

Toda esta manobra foi executada com força decuplicada pela exaltação frenética do rapaz.

Mas o que mais impressionava era a figura de Noirtier ao dirigir-se para a cama de Valentine empurrado por Morrel; sim, a figura de Noirtier, em que a inteligência desenvolvia todos os seus recursos e cujos olhos congregavam todo o seu poder para suprir as restantes faculdades. Por isso, aquele rosto pálido, de olhar incendiado, foi para Villefort uma temerosa aparição.

Todas as vezes que se encontrara com o pai passara-se sempre algo terrível.

- Veja o que fizeram! - gritou Morrel, com uma das mãos ainda apoiada nas costas da poltrona que acabava de empurrar até à cama e com a outra estendida para Valentine. - Veja, meu pai, veja!

Villefort recuou um passo e olhou com espanto aquele rapaz que lhe era quase desconhecido e que chamava pai a Noirtier.

Naquele momento toda a alma do velho pareceu refletir-se-lhe nos olhos, que se injetaram de sangue; depois, as veias do pescoço incharam-lhe e uma cor arroxeada como a que invade a pele dos epilépticos cobriu-lhe o pescoço, as faces e as têmporas. Àquela explosão interior de todo um ser só faltava um grito.

Esse grito saiu por assim dizer de todos os poros, no seu mutismo, pungente no seu silêncio.

Avrigny precipitou-se para o velho e fê-lo respirar um forte revulsivo.

- Senhor - gritou então Morrel, pegando na mão inerte do paralítico --, não me pergunte quem sou e que direito tenho de estar aqui! Meu Deus, vós que o sabeis. dizei-lho, dizei-lho!

E a voz do rapaz extinguiu-se em soluços. Quanto ao velho, a respiração arquejante sacudia-lhe o peito. Diria-se dominá-lo uma dessas agitações que precedem a agonia.

Por fim, as lágrimas brotaram dos olhos de Noirtier, mais feliz do que o jovem, que soluçava sem chorar. Como não podia inclinar a cabeça, fechou os olhos.

- Diga-lhe - continuou Morrel em voz estrangulada -, diga-lhe que era seu noivo; diga-lhe que ela era a minha nobre amiga, o meu único amor na Terra; diga-lhe... diga-lhe que este cadáver me pertence!

E o jovem, dando o terrível espetáculo de uma grande força que se quebra, caiu pesadamente de joelhos diante daquela cama, que os seus dedos crispados apertaram com violência.

Aquela dor era tão pungente que Avrigny se virou para ocultar a sua emoção e Villefort, sem pedir mais explicações, atraído pelo magnetismo que nos impele para aqueles que amaram os que choramos, estendeu a mão ao jovem. Mas Morrel não via nada. Pegara na mão, gelada de Valentine, e como não conseguia chorar, mordia os lençóis rugindo.

Durante algum tempo só se ouviu no quarto a luta dos soluços, das imprecações e das preces. E no entanto um ruído dominava todos eles: a respiração rouca e dilacerante, que parecia, a cada tomada de ar, quebrar um dos órgãos vitais do peito de Noirtier.

Por fim, Villefort, o mais senhor de si de todos, depois de ter por assim dizer cedido durante algum tempo o seu lugar a Maximilien, tomou a palavra.

- Senhor, diz que amava Valentine, que era seu noivo. Ignorava esse amor, assim como ignorava esse compromisso. E no entanto, eu, seu pai, perdoo-lhe, pois vejo que a sua dor é grande, real, verdadeira. Aliás, em minha casa a dor é demasiado grande para que sobre no meu coração lugar para a cólera. Mas, como vê, o anjo em que depositava as suas esperanças deixou a Terra; já só pode ser alvo da adoração dos homens, ela que a esta hora adora o Senhor. Faça pois as suas despedidas, senhor, ao pobre despojo que ela esqueceu entre nós, pegue-lhe pela última vez na mão que esperava e separe-se dela para sempre. Agora, Valentine só precisa do padre que deve abençoá-la.

- Engana-se, senhor! - gritou Morrel, levantando-se num joelho, com o coração traspassado por uma dor mais aguda do que todas as que experimentara até ali. - Engana-se: Valentine, morta como está, precisa não apenas de um padre, mas também de um vingador. Sr. de Villefort, mande buscar o padre; eu serei o vingador.

- Que quer dizer, senhor? - murmurou Villefort, tremendo perante esta nova inspiração do delírio de Morrel.

- Quero dizer - continuou Morrel - que há dois homens em si, senhor. O pai já chorou o bastante; agora é a vez de o procurador régio assumir as suas funções.

Os olhos de Noirtier cintilaram e Avrigny aproximou-se.

- Senhor - continuou o rapaz, recolhendo com os olhos todos os sentimentos que se revelavam no rosto dos presentes -, sei o que digo e o senhor sabe tão bem como eu o que vou dizer: Valentine morreu assassinada!

Villefort baixou a cabeça; Avrigny deu mais um passo; Noirtier disse “sim"

com os olhos.

- Ora, senhor - continuou Morrel --, no tempo em que vivemos, uma pessoa, mesmo que não fosse jovem, bela e adorável como era Valentine, não desaparece violentamente do mundo sem que se peçam contas do seu desaparecimento. Vamos, Sr. Procurador régio - acrescentou Morrel com crescente veemência --, nada de piedade! Denuncio-lhe o crime, procure o assassino!

E o seu olhar implacável interrogava Villefort, que, por sua vez, apelava com o olhar ora para Noirtier, ora para Avrigny. Mas em vez de encontrar auxílio no pai ou no médico, Villefort só encontrou neles um olhar tão inflexível como o de Morrel.

- Sim -- pestanejou o velho.

- Sem dúvida! - disse Avrigny.

- Senhor - replicou Villefort, procurando lutar contra aquela tripla vontade e contra a sua própria emoção --, senhor, está enganado, não se cometem crimes em minha casa. A fatalidade persegue-me, Deus põe-me à prova. É horrível pensar semelhante coisa, mas não se assassina ninguém!

Os olhos de Noirtier chamejaram e Avrigny abriu a boca para falar. Morrel estendeu o braço pedindo silêncio.

- E eu digo-lhe que se mata aqui! - replicou Morrel em voz baixa, mas que nada perdeu da sua vibração terrível. - Digo-lhe que esta é a quarta vítima em quatro meses. Digo-lhe que já uma vez, há quatro dias, tentaram envenenar Valentine, e que só o não conseguiram devido às precauções tomadas pelo Sr. Noirtier! Digo-lhe que duplicaram a dose ou mudaram de veneno, e que desta vez triunfaram! Digo-lhe que o senhor sabe tudo isto tão bem como eu, pois aquele senhor preveniu-o como médico e como amigo.

- O senhor delira! - protestou Villefort, debatendo-se em vão no círculo onde se sentia preso.

- Deliro?! - gritou Morrel. - Pois bem, recorro ao testemunho do próprio Sr. de Avrigny. Pergunte-lhe, senhor, se ainda se lembra das palavras que pronunciou no seu jardim, no jardim deste palácio, na própria noite da morte da Sra de Saint-Méran, quando ambos, o senhor e ele, julgando-se sós, conversavam acerca dessa morte trágica, na qual essa fatalidade de que fala e Deus, que acusa injustamente, só podem ser acusados de uma coisa: terem criado o assassino de Valentine!

Villefort e Avrigny entreolharam-se.

- Sim, sim, recordem-se - prosseguiu Morrel. - Porque essas palavras, que julgaram confiadas ao silêncio e à solidão, caíram nos meus ouvidos. Claro que nessa noite, ao ver a culpada complacência do Sr. de Villefort para com os seus, eu devia ter contado tudo às autoridades. Se o tivesse feito, não seria cúmplice, como sou neste momento, da sua morte, Valentine, minha querida Valentine! Mas o cúmplice se transformará em vingador. Esta quarta morte é flagrante e visível aos olhos de todos, e se o teu pai te abandonar, Valentine, serei eu, serei eu, Juro-te, que perseguirei o assassino.

E desta vez, como se a natureza tivesse enfim piedade daquela vigorosa constituição prestes a ser destruída pela sua própria força, as últimas palavras de Morrel morreram-lhe na garganta, o peito desentranhou-se em soluços, as lágrimas, durante tanto tempo rebeldes, brotaram-lhe dos olhos, dobrou-se sobre

si mesmo e caiu de joelhos, chorando, junto do leito de Valentine.

Foi então a vez de Avrigny.

- Também eu - disse com voz forte --, também eu me junto ao Sr. Morrel para pedir justiça contra o crime; porque o meu coração revolta-se à idéia de que a minha covarde complacência encorajou o assassino!

- Oh, meu Deus, meu Deus! - murmurou Villefort, aniquilado.

Morrel ergueu a cabeça e leu qualquer coisa nos olhos do velho, nos quais brilhava uma chama sobrenatural.

- Esperem, esperem. O Sr. Noirtier quer falar.

- Sim - confirmou Noirtier, com uma expressão tanto mais terrível quanto é certo todas as faculdades do pobre velho impotente se encontrarem concentradas no seu olhar.

- Sabe quem é o assassino? - perguntou Morrel.

- Sei - respondeu Noirtier.

- E vai ajudar-nos a descobri-lo? - perguntou o jovem, alvoroçado. - Ouçamos! Sr. de Avrigny, ouçamos!

Noirtier dirigiu ao pobre Morrel um sorriso melancólico, um daqueles ternos sorrisos dos olhos que tantas vezes tinham tornado Valentine feliz, e fitou-o intensamente. Depois, tendo cravado por assim dizer os olhos do seu interlocutor aos dele, virou os seus para a porta.

- Quer que eu saia, senhor? - perguntou dolorosamente Morrel.

- Quero - respondeu Noirtier.

- Então, então, senhor, tenha compaixão de mim!

Mas os olhos do velho permaneceram implacavelmente virados para a porta.

- Poderei ao menos voltar? - perguntou Morrel.

- Sim.

- Devo sair sozinho?

- Não.

- Quem devo levar comigo? O Sr. Procurador régio?

- Não.

- O doutor?

- Sim.

- Quer ficar só com o Sr. de Villefort?

- Sim.

- E ele conseguirá compreendê-lo?

- Sim.

- Oh, esteja tranquilo, compreendo muitíssimo bem o meu pai! - exclamou Villefort, quase alegre pela conversa se realizar à porta fechada.

Mas ao mesmo tempo que proferia estas palavras com a expressão de alegria que assinalamos, os dentes do procurador régio entrechocavam-se com violência. Avrigny pegou no braço de Morrel e levou o jovem para a divisão contígua.

Reinou então em toda a casa um silêncio mais profundo do que o da morte. Finalmente, passado um quarto de hora, ouviram-se passos incertos e Villefort apareceu no limiar da sala onde se encontravam Avrigny e Morrel, um absorto e o outro impaciente.

- Venham - disse.

E conduziu-os junto da poltrona de Noirtier. Morrel olhou então atentamente para Villefort.

O procurador régio estava lívido; grandes manchas cor de ferrugem cobriam-lhe a testa; nos dedos, uma pena torcida de mil maneiras desfazia-se aos poucos.

- Meus senhores - disse em voz estrangulada a Avrigny e Morrel -, peço-lhes a sua palavra de honra de que este horrível segredo ficará sepultado entre nós. Os dois homens fizeram um movimento.

- Suplico-lhes!...-continuou Villefort.

- Mas... o culpado?... O envenenador?... O assassino?... - perguntou Morrel.

- Esteja tranquilo, senhor, que a justiça será feita - respondeu Villefort. - O meu pai revelou-me o nome do culpado; o meu pai tem sede de vingança como o senhor e no entanto o meu pai suplica-lhes, como eu, que guardem o segredo do crime. Não é verdade, meu pai?

- É - respondeu resolutamente Noirtier.

Morrel deixou escapar um gesto de horror e incredulidade.

- Oh, se o meu pai, o homem inflexível que conhece, lhe faz este pedido, é porque sabe que Valentine será terrivelmente vingada! - exclamou Villefort, segurando Maximilien por um braço. - Não é verdade, meu pai?

O velho fez sinal que sim.

Villefort continuou:

- Ele conhece-me e foi a ele que dei a minha palavra. Tranquilizem-se, portanto, meus senhores. Três dias, peço-lhes três dias, menos do que lhes pediria a justiça, e dentro de três dias a vingança que tirarei do assassino da minha filha fará tremer até ao fundo do coração os homens mais empedernidos. Não é verdade, meu pai?

E, ao dizer estas palavras, rangia os dentes e abanava a mão insensível do velho.

- Tudo o que foi prometido será cumprido, Sr. Noirtier? - perguntou Morrel, enquanto Avrigny interrogava com o olhar.

- Sim - respondeu Noirtier, com uma expressão de sinistra alegria.

- Jurem portanto, meus senhores - disse Villefort, juntando as mãos de Avrigny e Morrel -, jurem que terão compaixão da honra da minha casa e que me deixarão o cuidado de a vingar...

Avrigny virou-se e murmurou um “sim" muito fraco, mas Morrel arrancou a sua mão das do magistrado, precipitou-se para a cama, colou os lábios aos lábios gelados de Valentine e fugiu com o longo gemido de uma alma que se engolfa no desespero. Dissemos que todos os criados tinham desaparecido.

O Sr. de Villefort viu-se portanto obrigado a pedir a Avrigny que se encarregasse das formalidades, tão numerosas e delicadas, que envolvem a morte nas nossas grandes cidades, e sobretudo a morte em circunstancias tão suspeitas.

Quanto a Noirtier, era qualquer coisa terrível ver aquela dor horrível, aquele desespero sem gestos, aquelas lágrimas sem voz.

Villefort regressou ao seu gabinete e Avrigny foi buscar o médico municipal, a quem competiam as funções de inspector dos óbitos, mas que o vulgo

designava com menos respeito e mais propriedade por “médico dos mortos".

Noirtier não se quis separar da neta.

Ao cabo de meia hora, o Sr. de Avrigny regressou com o colega. Tinham-se fechado as portas da rua e como o porteiro desaparecera com os outros criados, foi o próprio Villefort, que as abriu. Mas deteve-se no patamar; já não tinha coragem de entrar na câmara mortuária.

Os dois médicos entraram portanto sozinhos no quarto de Valentine. Noirtier estava junto da cama, pálido como a morta, imóvel e mudo como ela.

O médico dos mortos aproximou-se com a indiferença do homem que passa metade da vida com cadáveres, levantou o lençol que cobria a jovem e entreabriu-lhe apenas os lábios.

- Oh, a pobre pequena está bem morta! -- exclamou Avrigny, suspirando. - é verdade - respondeu laconicamente o médico, deixando cair o lençol que cobria o rosto de Valentine.

Noirtier emitiu um arquejo abafado.

Avrigny virou-se; os olhos do velho cintilavam. O bom doutor adivinhou que Noirtier exigia que lhe deixassem ver a neta. Aproximou-o da cama, e enquanto o médico dos mortos mergulhava em água cloretada os dedos que tinham tocado nos lábios da defunta, descobriu o rosto pálido e calmo que parecia de um anjo adormecido.

Uma lágrima que apareceu ao canto do olho de Noirtier foi o agradecimento que recebeu o bom doutor.

O médico dos mortos passou a sua certidão na ponta de uma mesa, no próprio quarto de Valentine, e, cumprida essa formalidade suprema, saiu acompanhado pelo doutor. Villefort, ouviu-os descer e apareceu à porta do seu gabinete.

Agradeceu em poucas palavras ao médico, e, virando-se para Avrigny, disse:

- E agora o padre.

- Tem algum eclesiástico que deseje encarregar mais especialmente de rezar por Valentine? - perguntou Avrigny.

- Não, vá buscar o mais próximo - respondeu Villefort.

- O mais próximo - disse o médico - é um bom abade italiano que reside há pouco tempo na casa contígua a esta. Quer que o previna quando passar?

- Avrigny, peço-lhe o favor de acompanhar este senhor - disse Villefort. - Aqui tem a chave para que possa entrar e sair à vontade. Traga o padre e encarregue-se de o instalar no quarto da minha pobre filha.

- Deseja falar-lhe, meu amigo?

- Desejo estar só. Desculpe-me, não é verdade? Um padre deve compreender todas as dores, mesmo a dor paterna.

E o Sr. de Villefort, depois de dar uma chave-mestra a Avrigny, cumprimentou pela última vez o outro médico e entrou no seu gabinete, onde se pôs a trabalhar. Para certas pessoas, o trabalho é remédio para todas as dores. No momento em que os médicos chegavam à rua, viram um homem de sotaina parado no limiar da porta vizinha.

- Aqui está o padre de quem lhe falei - disse o médico dos mortos a Avrigny.

Este dirigiu-se ao eclesiástico.

- Senhor, estaria disposto a prestar um grande favor a um pobre pai que acaba de perder a filha, ao Sr. Procurador régio Villefort?

- Ah, senhor, bem sei que a morte lhe entrou em casa! - respondeu o padre com acentuada pronúncia italiana.

- Então não preciso de lhe dizer que espécie de favor ele ousa esperar do senhor.

- Ia-me oferecer, senhor - disse o padre. - É nossa missão ir ao encontro dos nossos deveres.

- Trata-se de uma jovem.

- Sim, bem sei; soube-o pelos criados que vi fugirem de casa. Sei que se chamava Valentine e já rezei por ela.

- Obrigado, obrigado, senhor - disse Avrigny. - E uma vez que já começou a exercer o seu santo ministério, digne-se continuá-lo. Venha sentar-se junto da morta e toda uma família mergulhada em luto lhe ficará muito reconhecida.

- Vou já, senhor - respondeu o abade e ouso dizer que nunca quaisquer orações serão mais ardentes do que as minhas.

Avrigny pegou na mão do abade e, sem ver Villefort, encerrado no seu gabinete, conduziu-o ao quarto de Valentine, de quem os cangalheiros se apoderariam apenas na noite seguinte. Quando entrou no quarto, o olhar de Noirtier cruzou-se com o do abade, e sem dúvida julgou ler nele algo especial, pois nunca mais o deixou.

Avrigny recomendou ao padre não só a morta, mas também o vivo, e o padre prometeu a Avrigny dispensar as suas orações a Valentine e os seus cuidados a Noirtier.

O abade comprometeu-se a isso solenemente, e, sem dúvida para não ser incomodado nas suas preces e Noirtier perturbado na sua dor, assim que o Sr. de Avrigny deixou o quarto foi não só correr os fechos da porta por onde o médico acabava de sair, mas também os da que levava aos aposentos da Sra de Villefort.

Capítulo CIV

A assinatura de Danglars

O dia seguinte nasceu triste e nevoento.

Os cangalheiros tinham desempenhado durante a noite do seu fúnebre ofício e amortalhado o corpo depositado em cima da cama na mortalha que envolve lugubremente os defuntos, mas lhes empresta, seja o que for que se diga acerca da igualdade perante a morte, a última prova do luxo que apreciaram durante a vida.

A mortalha era nem mais nem menos do que uma peça de magnífica cambraia que a jovem comprara quinze dias antes

À noite, homens chamados para o efeito tinham transportado Noirtier do quarto de Valentine para o seu, e, contra toda a expectativa, o velho não levantara nenhuma dificuldade em ser afastado do corpo da neta. O abade Busoni velara

até de manhã e ao amanhecer retirara-se para sua casa sem chamar ninguém

Avrigny voltara cerca das oito da manhã. Encontrara Villefort, que se dirigia para os aposentos de Noirtier e acompanhara-o para saber como o velho passara a noite. Encontraram-no na grande poltrona que lhe servia de leito, dormindo um sono tranquilo e quase sorridente. Ambos se detiveram, atônitos, no limiar.

- Veja - disse Avrigny a Villefort, que olhava o pai adormecido. - Veja, a natureza sabe acalmar as mais vivas dores. Sem dúvida, ninguém dirá que o Sr. Noirtier não amava a neta; no entanto, dorme.

- Tem razão - respondeu Villefort, surpreendido. - Dorme, o que é muito estranho, pois a mais pequena contrariedade deixava-o acordado noites inteiras.

- A dor abateu-o - replicou Avrigny.

E ambos voltaram pensativos para o gabinete do procurador régio.

- Veja, eu não dormi - disse Villefort, mostrando a Avrigny a cama intacta. - A dor não me abateu, embora não me deite há duas noites. Mas, em compensação, veja a minha mesa: o que escrevi, meu Deus! Durante essas duas noites e esses dois dias, estudei este processo e redigi a acusação contra o assassino Benedetto!... Oh, o trabalho, o trabalho, é a minha paixão, a minha alegria, a minha raiva, só ele é capaz de
vencer todas as minhas dores!

E apertou convulsivamente a mão de Avrigny.

- Precisa de mim? - perguntou o médico.

- Não - respondeu Villefort. - Volte apenas às onze horas, peço-lhe; é ao meio-dia que se realiza... o funeral... Meu Deus! Minha pobre filha, minha pobre filha!

E o procurador régio, voltando a ser homem, ergueu os olhos ao céu e suspirou.

-Estará portanto no salão de recepção?

- Não, tenho um primo que se encarregará dessa triste honra. Eu trabalharei, doutor, quando trabalho tudo desaparece.

De fato, ainda o médico não chegara à porta e já o procurador régio se entregara ao trabalho.

Avrigny encontrou na escadaria o tal parente de que lhe falara Villefort, personagem tão insignificante nesta história como na família, um desses seres destinados desde o nascimento a desempenharem papéis insignificantes na vida.

Era pontual, vestia de preto, trazia um fumo no braço e comparecia em casa do primo com umo rosto estudada, que esperava conservar enquanto fosse preciso e deixar em seguida.

Às onze horas as carruagens fúnebres rodaram no empedrado do pátio e a Rua do Arrabalde Saint-Honoré encheu-se dos murmúrios da multidão, igualmente vida das alegrias e do luto dos ricos, e que corre para um funeral pomposo com a mesma pressa que para o casamento de uma duquesa.

Pouco a pouco o salão mortuário encheu-se e viu-se chegar primeiro uma parte dos nossos antigos conhecidos - isto é, Debray, Château-Renaud e Beauchamp - e depois todas as notabilidades da magistratura, das letras e do Exército, pois o Sr. de Villefort ocupava, menos pela sua posição social do
que pelo seu mérito pessoal, um dos primeiros lugares da sociedade parisiense.

O primo conservava-se à porta e mandava entrar todas as pessoas. Para

os indiferentes era um grande alívio, deve-se dizê-lo, ver ali uma figura desconhecida, que não exigia aos presentes uma fisionomia mentirosa ou lágrimas fingidas, como fariam um pai, um irmão ou um noivo. Aqueles que se conheciam chamavam-se com o olhar e reuniam-se em grupos.

Um desses grupos era constituído por Debray, Château-Renaud e Beauchamp.

- Pobre pequena! - exclamou Debray, pagando, como todos afinal o pagavam a seu pesar, tributo ao doloroso acontecimento.- Pobre pequena. tão rica, tão bela!... Lhe passaria pela cabeça, Château-Renaud, quando nos vimos pela última vez, há quanto tempo?... Três semanas ou um mês, no máximo na assinatura daquele contrato que acabou por não ser assinado, que uma coisa assim pudesse acontecer?

- Palavra que não - respondeu Château-Renaud.

- Conhecia-a?

- Falei uma ou duas vezes com ela no baile da Sra de Morcerf. Pareceu-me encantadora, embora dotada de um espírito um pouco melancólico. Onde está a madrasta? Sabe que é feito dela?

- Foi passar o dia com a mulher do digno cavalheiro que nos recebe.

- Quem é?

- Quem é quem?

- O cavalheiro que nos recebe. Um deputado?

- Não - respondeu Beauchamp. - Estou condenado a ver os nossos respeitáveis representantes todos os dias e a seu rosto me é desconhecido.

- Referiu esta morte no seu jornal?

- O artigo não é meu, mas falaram-me dele. Duvido até que seja agrável ao Sr. de Villefort. Creio que diz que se se tivessem verificado quatro mortes sucessivas em outro lugar em vez da casa do Sr. Procurador régio, o Sr. Procurador régio ficaria decerto mais impressionado.

- No entanto, o Dr. de Avrigny, que é o médico da minha mãe, diz que está muito acabrunhado - declarou Château-Renaud.

- Que procura, Debray?

- Procuro o Sr. Conde de Monte-Cristo - respondeu o jovem.

- Encontrei-o no bulevar ao dirigir-me para aqui. Ia a casa do seu banqueiro; parece que está de abalada - informou Beauchamp.

- A casa do seu banqueiro?... Mas o seu banqueiro não é o Danglars? - perguntou Château-Renaud a Debray.

- Creio que sim - respondeu o secretário particular com uma leve perturbação. - Mas o Sr. de Monte-Cristo não é o único que falta. Também não veio o Morrel.

- O Morrel conhecia-os? - perguntou Château-Renaud.

- Creio que fora apresentado apenas à Sra de Villefort.

- Não interessa, devia ter vindo - disse Debray. - De que falará esta noite? Este funeral é a notícia do dia... Mas calem-se que vem aí o Sr. Ministro da Justiça e dos Cultos, que vai se julgar obrigado a fazer o seu pequeno discurso ao primo lacrimoso

E os três rapazes aproximaram-se da porta para ouvir o pequeno discurso do Sr. Ministro da Justiça e dos Cultos. Beauchamp dissera a verdade: quando se

dirigia para casa de Villefort encontrara Monte-Cristo, que, pela sua parte, se dirigia para o palácio de Danglars, na rua da Chaussée-d'Antin.

O baqueiro vira da sua janela a carruagem do conde entrar no pátio e viera ao seu encontro com uma expressão triste, mas afável.

- Então, conde - disse, estendendo a mão a Monte-Cristo -, vem apresentar-me as suas condolências? Na verdade, a infelicidade persegue a minha casa, e de tal modo que quando o vi chegar perguntava a mim mesmo se não desejara a desgraça dos pobres Morcerfs, o que justificaria o provérbio: “Quem, mal quer, mal lhe acontece." Pois dou-lhe a minha palavra de honra de que não desejei mal ao Morcerf. Era talvez um bocado orgulhoso para um homem que viera do nada como eu e que como eu devia tudo a si mesmo, mas cada um tem os seus defeitos. Acautele-se, conde! Olhe que as pessoas da nossa geração!... Mas, desculpe, o senhor não é da nossa geração, é ainda um rapaz... As pessoas da nossa geração não são felizes este ano. Prova-o o nosso puritano procurador régio, prova-o Villefort, que acaba de perder também a filha. Portanto, recapitulando: Villefort, como dizíamos, perde toda a família de uma forma estranha; Morcerf, desonrado, suicida-se; eu sou coberto de ridículo por esse celerado do Benedetto, e ainda por cima...

- Ainda por cima, o quê? - perguntou Monte-Cristo.

- Então ainda não sabe?

- A que nova desgraça se refere?

- A minha filha...

- Mademoiselle Danglars?

- Eugénie deixou-nos.

- Oh, meu Deus, que diz o senhor?!

- A verdade, meu caro conde. Meu Deus, como o senhor é feliz por não ter mulher nem filhos!

- Acha?

- Ah, meu Deus!

- E diz que Mademoiselle Danglars...

- Não pôde suportar a afronta que nos fez esse miserável e pediu-me licença para ir viajar.

- E partiu?

- A noite passada.

- Com a Sra Danglars?

- Não, com uma parenta... Mas nem por isso a perdemos menos, a querida Eugénie, pois duvido que, com o caracter que lhe conheço, consinta alguma vez em regressar a França!

- Enfim, meu caro barão - disse Monte-Cristo --, desgostos de família, desgostos que seriam pungentes para um pobre diabo cuja filha fosse toda a sua fortuna, mas suportáveis para um milionário. Por mais que os filósofos preguem o contrário, os homens práticos os desmentirão sempre a tal respeito: o dinheiro consola de muitas coisas. E o senhor se consolará mais depressa do que qualquer outro, se admitir a virtude desse bálsamo soberano, porque o senhor é o rei da finança, o ponto de intersecção de todos os poderes!

Danglars olhou de soslaio para o conde, a fim de ver se zombava ou falava a sério.

- Sim, se de fato a fortuna consola, eu devo estar consolado: sou rico...

- Tão rico, meu caro barão, que a sua fortuna se assemelha às Pirâmides: quisse essem demoli-las, e não ousariam; ousassem, e não o conseguiriam...

Danglars sorriu da confiante bonomia do conde.

- Isso recorda-me - disse - que quando o senhor entrou estava passando cinco ordenzinhas. Já tinha assinado duas; me dá licença que passe as outras três?

- Com certeza, meu caro barão, com certeza.

Seguiu-se um instante de silêncio durante o qual se ouviu ranger a pena do banqueiro, enquanto Monte-Cristo observava as molduras douradas do teto.

- Ordens sobre Espanha, sobre o Haiti ou sobre Nápoles? - perguntou Monte-Cristo.

- Não. - respondeu Danglars, rindo presunçosamente - Ordens ao portador, sobre o Banco de França. Veja, Sr. Conde - acrescentou. - o senhor, que é o imperador da finança, tal como eu sou o rei, já viu muitos pedaços de papel deste tamanho valerem cada um deles um milhão?

Monte-Cristo tomou na mão, como que para os pesar, os cinco pedaços de papel que Danglars lhe estendia orgulhosamente e leu:

Praza ao Sr. Governador do Banco mandar pagar à minha ordem e sobre os fundos depositados por mim a quantia de um milhão, valor em conta. - Barão Danglars

- Um, dois, três, quatro, cinco - contou Monte-Cristo. - Cinco milhões! Apre, que desembaraço, Sr. Creso!

- Aqui tem como trato dos negócios - declarou Danglars

- É maravilhoso, sobretudo se, como, não duvido, essa importância for paga em numerário.

- Será- - perguntou Danglars.

- É bom ter semelhante crédito. Na verdade, só na França se vêem coisas assim: cinco pedaços de papel valem cinco milhões. Apetece ver para crer.

- Duvida?

- Não.

- Diz isso num tom... Olhe, tenha esse prazer: leve o meu tesoureiro ao banco e o verá sair com ordens sobre o Tesouro da mesma importância.

- Não - disse Monte-Cristo, dobrando as cinco ordens. - Assim, não o caso é deveras curioso e farei eu próprio a experiência. O meu crédito sobre o senhor era de seis milhões; levantei novecentos mil francos, deve-me cinco milhões e cem mil francos. Fico com os seus cinco pedaços de papel, que para considerar válidos me basta estarem assinados por si, e aqui tem um recibo total de seis milhões, que regulariza a
nossa conta. Passei-o antecipadamente porque devo confessar-lhe que tenho muita necessidade de dinheiro hoje.

E com uma das mãos Monte-Cristo meteu as cinco ordens na algibeira, enquanto com a outra estendia o recibo ao banqueiro. Um raio que tivesse caído aos pés de Danglars não o teria aterrado mais.

- O quê... o quê? - balbuciou. - O Sr. Conde leva esse dinheiro? Mas, perdão, perdão, é dinheiro que devo aos Hospícios, um depósito, e prometi pagá-lo esta manhã...

- Bom, isso é diferente - disse Monte-Cristo. - Não considero obrigatório receber precisamente nestas cinco ordens; pague-me em outros valores. Peguei estes apenas por curiosidade, a fim de poder dizer a todas as pessoas que, sem qualquer aviso, sem me pedir cinco minutos de espera, a casa Danglars pagara-me cinco milhões em numerário! Seria notável! Mas aqui tem os seus valores: repito-lhe, dê-me outros.

E estendia os cinco documentos a Danglars, que, lívido, estendeu primeiro a mão para os varões do cubículo do cofre, tal como um abutre estende as garras para defender a carne que lhe querem tirar.

De súbito reconsiderou, fez um esforço violento e conteve-se. Depois sorriu, suavizaram-se-lhe pouco a pouco os traços do rosto transtornado.

- De fato, o seu recibo é de dinheiro - observou.

- Evidentemente, meu Deus! E se o senhor estivesse em Roma, a casa Thomson & French, perante um recibo meu, não poria mais dificuldade em pagar-lhe do que o senhor mesmo pôs.

- Perdão, Sr. Conde, perdão.

- Posso portanto guardar este dinheiro?

- Pode - respondeu Danglars, limpando o suor que lhe perlava a raiz dos cabelos. - Guarde-o.

Monte-Cristo meteu as cinco ordens de pagamento na algibeira com essa intraduzível expressão fisionômica que quer dizer “Demônio, veja lá, se se arrependeu, ainda está a tempo!..."

- Não, não - disse Danglars. - Decididamente, guarde as minhas assinaturas. Mas, como sabe, ninguém é mais formalista do que um financeiro. Destinava esse dinheiro aos hospícios e julgaria roubá-los se lhes não desse precisamente esse, como se um escudo não valesse outro. Desculpe!

E desatou a rir ruidosamente, mas de nervoso.

- Desculpo e embolso - respondeu graciosamente Monte-Cristo.

E guardou as ordens na carteira.

- Mas não há mais uma verba de cem mil francos? - observou Danglars.

- Uma bagatela! - perguntou Monte-Cristo. - O ágio deve ascender mais ou menos a essa importância. Guarde-a e ficaremos quites.

- Conde, o senhor fala sério? - perguntou Danglars.

- Nunca brinco com os banqueiros - replicou Monte-Cristo com uma seriedade que raiava a impertinência. E encaminhou-se para a porta precisamente no momento em que o criado anunciava:

- O Sr. de Boville, recebedor-geral dos Hospícios.

- Demônio, parece que cheguei a tempo de beneficiar das suas assinaturas! - exclamou Monte-Cristo - Disputam-lhas.

Danglars empalideceu segunda vez e apressou-se a despedir-se do conde.

Monte-Cristo trocou um cumprimento cerimonioso com o Sr. de Boville, que se encontrava de pé na sala de espera e que, depois dele sair, foi imediatamente introduzido no gabinete do Sr. Danglars.

No rosto grave do conde brilhou um sorriso efêmero perante o aspecto da pasta que o Sr. Recebedor dos Hospícios trazia na mão. Encontrou à porta a sua carruagem e fez-se conduzir imediatamente ao banco.

Entretanto, Danglars dominava o seu nervosismo e vinha ao encontro do

recebedor-geral. Desnecessário dizer que o sorriso e a cortesia lhe estavam estereotipados nos lábios.

- Bom dia, meu caro credor, pois apostaria que é ao credor que devo esta visita.

- Adivinhou, Sr. Barão - respondeu o Sr. de Boville. - Os Hospícios apresentam-lhe na minha pessoa. As viúvas e os órfãos vêm pelas minhas mãos pedir-lhe uma esmola de cinco milhões.

- E ainda dizem que os órfãos são dignos de lástima! - exclamou Danglars, prolongando o gracejo. - Pobres crianças!

- Pois aqui estou em seu nome - insistiu o Sr. de Boville. - Decerto recebeu a minha carta de ontem?

- Recebi.

- Aqui está o meu recibo.

- Meu caro Sr. de Boville - disse Danglars --, as suas viúvas e os seus órfãos terão, se o senhor concordar, a bondade de esperar vinte e quatro horas, pois o Sr. de Monte-Cristo, que viu sair daqui... Viu-o, não é verdade?

- Vi, e depois?

- Depois... o Sr. de Monte-Cristo levou-me os seus cinco milhões!

- Como assim?...

- O conde tinha um crédito ilimitado sobre mim, crédito aberto pela casa Thomson & French, de Roma, e veio pedir-me cinco milhões de uma assentada. Dei-lhe uma ordem de pagamento sobre o Banco de França, onde estão depositados os meus fundos, e como o senhor deve compreender, receio que, retirando das mãos do Sr. Governador dez milhões no mesmo dia, isso lhe pareça muito estranho. Em dois dias - acrescentou Danglars, sorrindo - o caso é diferente.

- Homessa! - exclamou o Sr. de Boville no tom da mais completa incredulidade. - O senhor entregou cinco milhões a esse cavalheiro que saiu há bocadinho e que ao sair me cumprimentou como se o conhecesse?...

- Talvez ele o conheça sem que o senhor o conheça. O Sr. de Monte-Cristo conhece todo mundo.

- Cinco milhões!

- Aqui está o seu recibo. Faca como S. Tom,: veja e apalpe O Sr. de Boville pegou no papel que Danglars lhe apresentava e leu:

Recebi do Sr. Barão a quantia de cinco milhões e cem mil francos que lhe serão reembolsados quando quiser pela casa Thomson & French de Roma.

- É verdade! - exclamou o recebedor-geral.

- Conhece a casa Thomson & French?

- Conheço - respondeu o Sr. de Boville. - Fiz uma vez um negócio de duzentos mil francos com ela, mas depois disso nunca mais ouvi falar a seu respeito.

- É uma das melhores casas da Europa - declarou Danglars, atirando negligentemente para cima da mesa o recibo que acabava de recuperar das mãos do Sr. de Boville.

- E ele tinha assim, sem mais nem menos, um crédito de cinco milhões sobre o senhor? Caramba, deve ser algum nababo, esse conde de Monte-Cristo!

- O que é, não sei; mas tinha três créditos ilimitados: um sobre mim, um sobre Rothschild e um sobre Laffitte. E como vê - acrescentou negligentemente

Danglars - deu-me a preferência, deixando-me cem mil francos para o ágio.

O Sr. de Boville deu todos os indícios da maior admiração.

- Tenho de ir visitá-lo e de obter qualquer legado pio para nós - declarou. - Oh, é como se já o tivesse! Só as suas esmolas ascendem a mais de vinte mil francos por mês.

- Excelente! Aliás, lhe citarei o exemplo da Sra de Morcerf e do filho.

- Que exemplo?

- Doaram toda a sua fortuna aos Hospícios.

- Que fortuna?

- A sua fortuna, a do general de Morcerf; do defunto

- E a que propósito?

- A propósito de não quererem bens tão miseravelmente adquiridos.

- De que vivem então?

- A mãe retirou-se para a província e o filho alistou-se.

- Ora vejam que escrúpulos! - exclamou Danglars.

- Mandei registrar ontem a escritura de doação.

- Quanto possuíam?

- Oh, pouca coisa! Entre um milhão e duzentos mil e um milhão e trezentos mil francos. Mas voltemos aos nossos milhões...

- Pois sim - respondeu Danglars com a maior naturalidade deste mundo. - Tem portanto urgência desse dinheiro?

- Claro que tenho; a verificação das nossas caixas é feita amanhã.

- Amanhã? Porque não disse logo isso? Mas é um século, amanhã! A que horas é a verificação?

- Às duas horas.

- Mande buscar o dinheiro ao meio-dia - sugeriu Danglars, com um sorriso.

O Sr. de Boville não dizia sim, nem não; acenava afirmativamente com a cabeça e agitava a pasta.

- Oh, tenho uma idéia! - exclamou Danglars. - Faça melhor...

- Que quer que eu faça?

- O recibo do Sr. de Monte-Cristo vale dinheiro; apresente-o a Rothschild ou a Laffitte; e o aceitarão imediatamente.

- Apesar de ser reembolsável em Roma?

- Claro. Isso lhe custará apenas um desconto de cinco a seis mil francos.

O recebedor recuou de um salto

- Oh, assim não! Prefiro esperar para amanhã O senhor tem cada sugestão!

- Por um momento julguei... desculpe - disse Danglars com a maior impudência --, julguei que tivesse um deficezinho a cobrir...

- Oh! - exclamou o recebedor.

- Já tem acontecido, e nesse caso faz-se um sacrifício...

- Valha-me Deus, não! - perguntou o Sr. de Boville.

- Então, amanhã, não é verdade, meu caro recebedor?

- Sim, amanhã. Mas sem falta.

- Ora essa! Está brincando comigo? Mande buscar o dinheiro ao meio-dia e o banco estará prevenido.

- Virei eu próprio.

- Melhor ainda, pois isso me proporcionará o prazer de ve-lo.

Apertaram a mão.

- A propósito - disse o Sr de Boville --, não vai ao funeral da pobre Mademoiselle de Villefort, que encontrei no bulevar?

- Não - respondeu o banqueiro. - Sinto-me ainda um pouco ridículo depois do caso de Benedetto e não quero dar nas vistas.

- Ora, ora, deixe-se disso! Que culpa tem o senhor do que aconteceu?

- Ouça, meu caro recebedor: quando se tem um nome sem mácula como o meu, se é susceptível.

- Todas as pessoas o lamentam, garanto-lhe, e sobretudo todas as pessoas lamentam a menina sua filha.

- Pobre Eugénie! - exclamou Danglars com um profundo suspiro. - Sabe que resolveu professar?

- Não...

- Pois infelizmente é verdade. No dia seguinte ao que aconteceu, decidiu partir com uma religiosa sua amiga. Foi procurar um convento bastante severo na Itália ou na Espanha.

- Oh, isso é terrível!

E o Sr. de Boville retirou-se depois desta exclamação, apresentando ao pai mil cumprimentos de condolências. Mas ainda mal tinha transposto a porta quando Danglars exclamou, com um gesto enérgico que só compreenderão aqueles que viram representar Roberto Macário por Fréderick.

E fechando o recibo de Monte-Cristo numa carteirinha, acrescentou:

- Venha ao meio-dia, que ao meio-dia já estarei longe...

Em seguida fechou-se à chave, despejou todas as gavetas do cofre, reuniu uns cinquenta mil francos em notas, queimou diversos papéis, pôs outros em evidência e escreveu uma carta, que lacrou e endereçou “à Sra Baronesa Danglars".

- Esta noite a colocarei pessoalmente no seu toucador - murmurou.

Depois tirou um passaporte de uma gaveta e disse:

- Bom, ainda é válido por dois meses...

Capítulo CV

O Cemitério do Pêre-lachaise

O Sr. de Boville encontrara de fato o cortejo fúnebre que conduzia Valentine à sua última morada.

O tempo estava sombrio e enevoado, um vento ainda morno, mas já mortal para as folhas amarelecidas, arrancava-as dos ramos, que ficavam pouco a pouco nus, e as fazia turbilhonar sobre a
multidão imensa que enchia os bulevares.

O Sr. de Villefort, parisiense da gema, considerava o Cemitério do Pêre-Lachaise o único digno de receber os restos mortais de uma família parisiense. os outros pareciam-lhe cemitérios de aldeia, palácios arrebicados da morte. Só no Pêre-Lachaise um defunto de bons famílias podia ficar bem instalado.

Como já vimos, comprara a concessão perpétua em que erguera o jazigo, tão rapidamente ocupado por todos os membros da sua primeira família.

Lia-se na fronteira do mausoleu: famílias Saint-Méran e Villefort. E isto porque tal fora a última vontade da pobre Renée, mãe de Valentine.

Era portanto para o Pêre-Lachaise que se dirigia o pomposo cortejo saído do Arrabalde Saint-Honoré. Atravessou Paris de ponta a ponta, meteu pelo Arrabalde do Templo e depois pelos bulevares exteriores até ao cemitério. Mais de cinquenta carruagens particulares seguiam vinte carros fúnebres, e atrás dessas cinquenta carruagens ainda iam mais de quinhentas pessoas a pé.

Eram quase todas jovens, que a morte de Valentine fulminara como um raio e que, apesar da atmosfera glacial do século e do prosaísmo da época, sofriam a influência poética daquela bela, casta e adorável moça morta na flor da vida.

À saída de Paris todos viram chegar uma rápida equipagem de quatro cavalos, que se detiveram de súbito retesando os jarretes nervosos como molas de aço: era o Sr. de Monte-Cristo. O conde apeou-se da sua caleça e juntou-se à multidão que seguia a pé o carro funerário.

Château-Renaud viu-o, desceu imediatamente do seu cupe e se juntou a ele. Beauchamp deixou também o cabriole de praça em que vinha.

O conde olhava atentamente por todos os interstícios que deixava a multidão; era evidente que procurava alguém Por fim, não se conteve mais e perguntou:

-- Onde está Morrel? Algum dos senhores sabe onde ele está?

- Já perguntamos isso mesmo a nós próprios na sala mortuária - respondeu Château-Renaud -, precisamente porque nenhum de nós o viu.

O conde calou-se, mas continuou a olhar à sua volta. Chegaram por fim no cemitério.

O olhar penetrante de Monte-Cristo examinou num relance todos os renques de teixos e pinheiros e em breve perdeu toda a inquietação: uma sombra deslizara pelas escuras alamedas arborizadas e Monte-Cristo acabava, sem dúvida, de reconhecer quem procurava.

Todas as pessoas sabem como decorre um funeral naquela magnifica necrópole: grupos de preto espalhados pelas brancas alamedas, o silêncio do céu e da terra perturbado pelo estalar de algum ramo quebrado, de alguma sebe derrubada à volta de uma sepultura; depois, o canto melancólico dos padres, ao qual se junta, aqui e ali, um soluço escapado de um maciço de flores sob o qual se vê alguma mulher, absorta e de mãos postas.

A sombra que Monte-Cristo notara atravessou rapidamente o quincâncio disposto atrás do túmulo de Heloísa e Abelardo, veio colocar-se, com os moços de cangalheiro, à frente dos cavalos que puxavam a carreta e do mesmo passo chegou ao local escolhido para a sepultura.

Todas as pessoas olhavam para qualquer coisa.

Monte-Cristo só olhava para aquela sombra em que mal tinham reparado aqueles que a rodeavam.

O conde saiu por duas vezes do seu lugar para ver se as mãos daquele homem não procurariam alguma arma oculta no vestuário.

Quando o cortejo parou, verificou-se que a sombra era nem mais nem menos do que Morrel, que, com a sua sobrecasaca preta abotoada até acima, a

testa lívida, as faces encovadas e o chapéu amarrotado pelas mãos convulsas, se encostara a uma árvore situada num cabeço que dominava o jazigo, de forma a não perder nenhum dos pormenores da cerimônia fúnebre que se ia realizar.

Tudo se passou como de costume. Alguns homens, como sempre os menos impressionados, pronunciaram discursos. Uns lamentavam aquela morte prematura; outros dissertavam sobre a dor do pai, e alguns, bastante engenhosos, descobriram que por mais de uma vez a jovem solicitara ao Sr de Villefort compaixão para os culpados sobre a cabeça dos quais ele tinha suspenso o gládio da justiça. Enfim, esgotaram-se as metáforas floridas e os períodos dolorosos, interpretando de todas as maneiras as estrofes de Malherbe a Dupérier

Monte-Cristo não escutava nem via nada, ou antes, só via Morrel, cuja calma e imobilidade constituíam um espetáculo assustador. A única pessoa que podia ler o que se passava no fundo do coração do jovem oficial.

- Ali está Morrel - disse de súbito Beauchamp a Debray. - Onde diabo terá se metido?

E fizeram-no notar a Château-Renaud.

- Como está pálido - observou este, estremecendo.

- Deve ter frio - replicou Debray.

- Não - disse lentamente Château-Renaud. - Creio que está impressionado. Maximilien é um homem muito impressionável.

- Mas se mal conhecia Mademoiselle de Villefort! - estranhou Debray. - Foi você mesmo quem o disse...

- É verdade. No entanto, lembro-me de que nesse baile em casa da Sra de Morcerf dançou três vezes com ela. O senhor sabe, conde, aquele baile em que o senhor causou tanta impressão...

- Não, não sei - respondeu Monte-Cristo, sem sequer saber a quê nem a quem respondia, ocupado como estava a vigiar Morrel, cujas faces se animavam como acontece àqueles que comprimem ou retêm a respiração.

- Acabaram os discursos. Adeus, meus senhores - disse bruscamente o conde.

E deu o sinal de partida, desaparecendo sem que se soubesse por onde se esgueirara.

Terminada a cerimônia fúnebre, os presentes retomaram o caminho de Paris.

Château-Renaud ainda procurou um instante Morrel com a vista; mas enquanto seguira com o olhar o conde, que se afastava, Morrel deixara o seu lugar e Château-Renaud, depois de procurá-lo em vão, seguira Debray e Beauchamp.

Monte-Cristo correu para um renque de árvores e, oculto atrás de um grande túmulo, seguia os mais pequenos movimentos de Morrel, que pouco a pouco se aproximara do jazigo abandonado pelos curiosos e depois pelos coveiros. Morrel olhou à sua volta lenta e vagamente. Mas no momento em que o seu olhar abarcava a porção de círculo oposta à sua, Monte-Cristo aproximou-se mais de uma dezena de passos sem ser visto. O rapaz ajoelhou.

De pescoço estendido, olhos fixos e dilatados e as pernas dobradas como para se lançar ao primeiro sinal, o conde continuava a aproximar-se de Morrel.

Morrel inclinou a fronte até à pedra, agarrou o gradeamento com ambas as mãos e murmurou:

- Oh, Valentine!...

Estas duas palavras repercutiam-se profundamente no coração do conde, que deu mais um passo, bateu no ombro de Morrel e disse:

- Procurava-o, caro amigo...

Se esperava uma explosão, censuras, recriminações, Monte-Cristo enganava-se.

Morrei virou-se para o seu lado e disse com ar calmo:

- Como vê, rezava.

O olhar perscrutador do conde percorreu o rapaz dos pés à cabeça.

Depois deste exame pareceu mais tranquilo.

- Quer que o leve a Paris? - perguntou.

- Não, obrigado.

- Mas, enfim, deseja alguma coisa?

- Deixe-me rezar.

O conde afastou-se sem fazer uma única objeção, mas para ocupar novo posto de observação donde não perdia um único gesto de Morrel, que por fim se levantou, limpou os joelhos deixados brancos pela pedra e tomou o caminho de Paris sem virar uma única vez a cabeça. Desceu lentamente a Rua da Roquette.

O conde mandou embora a sua carruagem, estacionada no Pêre-Lachaise, e seguiu-o a cem passos. Maximilien atravessou o canal e entrou na Rua Meslay pelos bulevares. Cinco minutos depois de a porta ser fechada por Morrel, abriu-se para Monte-Cristo.

Julie estava à entrada do jardim a observar com a mais profunda atenção mestre Penelon, que, levando a sua profissão de jardineiro a sério, enxertava de estaca roseiras-de-bengala.

- Olha o Sr. Conde de Monte-Cristo! - exclamou com a alegria que habitualmente manifestavam todos os membros da família quando Monte-Cristo visitava a Rua Meslay.

- Maximilien acaba de entrar, não é verdade, minha senhora? - perguntou o conde.

- Sim, creio que o vi passar - confirmou a jovem senhora. - Mas, por favor, chame Emmanuel.

- Perdão, minha senhora, mas preciso subir imediatamente aos aposentos de Maximilien - respondeu Monte-Cristo -Tenho de lhe dizer uma coisa da mais alta importância.

- Então vá - disse ela, acompanhando-o com o seu sorriso encantador até o conde desaparecer na escada.

Monte-Cristo depressa transpôs os dois andares que separavam o térreo dos aposentos de Maximilien. Chegado ao patamar, escutou: não se ouvia nenhum ruído

Como na maioria das casas antigas habitadas por um único locatário, as divisões que deitavam para o patamar eram fechadas apenas por uma porta envidraçada.

Simplesmente, naquela porta envidraçada não havia nenhuma chave. Maximilien fechara-se por dentro e era impossível ver além da porta, pois um

cortinado de seda vermelha cobria os vidros. A ansiedade do conde manifestava-se por um vivo rubor, sintoma de emoção pouco habitual naquele homem impassível.

- Que fazer?... - murmurou.

Refletiu um instante.

- Tocar? - prosseguiu. - Oh, não! Muitas vezes o toque de uma campainha, isto é, de uma visita, acelera a resolução daqueles que se encontram na situação em que Maximilien se deve encontrar neste momento, e então ao toque da campainha responde outro ruído...

Monte-Cristo estremeceu dos pés à cabeça e, como em si a decisão tinha a rapidez do relâmpago, deu uma cotovelada num dos vidros da porta, que voou em estilhaços. Depois, levantou o cortinado e viu Morrel, que, diante da sua escrivaninha, com uma pena na mão, acabava de saltar na cadeira, surpreendido pelo barulho do vidro ao quebrar-se.

- Não é nada - disse o conde. - Mil perdões, meu caro amigo! Escorreguei e bati com o cotovelo no vidro. Agora, uma vez que se partiu, aproveito para entrar. Não se incomode, não se incomode!

E, metendo o braço pelo vidro quebrado, abriu a porta.

Morrel levantou-se imediatamente, contrariado, e veio ao encontro de Monte-Cristo, menos para o receber do que para lhe barrar a passagem.

- A culpa é dos seus criados - observou Monte-Cristo, esfregando o cotovelo. - Os seus soalhos brilham como espelhos...

- Feriu-se, senhor? - perguntou friamente Morrel.

- Não sei. Mas que fazia o senhor aqui? Escrevia?

- Eu?

- Tem os dedos sujos de tinta...

- É verdade, escrevia - respondeu Morrel. - Acontece-me, às vezes, por mais militar que seja.

Monte-Cristo deu alguns passos na sala. Maximilien viu-se abrigado a deixá-lo passar; mas seguiu-o.

- Escrevia? - repetiu Monte-Cristo, com um olhar que se impunha pela sua fixidez.

- Já tive a honra de lhe dizer que sim - respondeu Morrel.

O conde deitou um olhar à sua volta.

- Com as suas pistolas ao pé do tinteiro! - exclamou, indicando a Morrel as armas pousadas em cima da escrivaninha.

- Vou viajar - respondeu Maximilien.

- Meu amigo!... - disse Monte-Cristo, numa voz de uma doçura infinita.

- Senhor!

- Meu amigo, meu caro Maximilien, nada de soluções extremas, suplico-lhe!

- Eu, resoluções extremas? - perguntou Morrel, encolhendo os ombros. - E em quê, peço-lhe que me diga, uma viagem é uma resolução extrema?

- Maximilien - disse Monte-Cristo -, tiremos cada um pela sua parte a máscara que usamos. Maximilien, com a sua calma forçada não me engana mais do que eu o engano com a minha frívola solicitude. Compreende perfeitamente, não é verdade, que para fazer o que fiz, para partir vidros e violar a intimidade do quarto de um amigo, compreende, repito, que para fazer tudo isto era necessário

que tivesse uma preocupação real, ou antes uma convicção terrível. Morrel, o senhor quer se matar!

- Onde arranjou essas idéias, Sr. Conde! - perguntou Morrel, estremecendo.

- Repito-lhe que quer se matar! - continuou o conde no mesmo tom de voz. - E aqui está a prova.

E aproximando-se da escrivaninha, levantou a folha de papel branco que o jovem colocara sobre uma carta começada e pegou na carta.

Morrel correu para ele para a arrancar das mãos.

Mas Monte-Cristo, que previra esse gesto, impediu-o agarrando Maximilien pelo pulso e detendo-o como uma corrente de aço detém uma mola no meio da sua evolução.

- Bem vê que se queria matar, Morrel! está aqui escrito! - exclamou o conde.

- E depois? - perguntou Morrel, passando sem transição de uma aparência calma a uma expressão violenta. - E depois? Se assim fosse, se decidisse virar contra mim o cano de uma dessas pistolas, quem me impediria? Quem teria coragem de me impedir? Quando disser. “Todas as minhas esperanças estão arruinadas, o meu coração desfeito, a minha vida morta, já só existe luto e nojo à minha volta, a terra transformou-se em cinza, toda a voz humana me dilacera"; quando disser: “, um ato de piedade deixar-me morrer, porque se não me deixar morrer perderei a razão, enlouquecerei"; vamos, senhor, quando disser isto, quando vir que o digo com as angústias e as lágrimas do meu coração, ainda me responder : “Não tem razão"? Ainda me impedirá de não ser mais infeliz? Diga, senhor, diga: terá essa coragem?

- Sim, Morrel - respondeu Monte-Cristo numa voz cuja calma contrastava estranhamente com a exaltação do rapaz. - Sim, terei.

- O senhor?! - gritou Morrel com crescente expressão de cólera e censura. - O senhor, que me iludiu com uma esperança absurda; o senhor, que me deteve, embalou e adormeceu com vãs promessas, quando eu poderia, por meio de qualquer denúncia, de qualquer resolução extrema, salvá-la ou pelo menos vê-la morrer nos meus braços; o senhor, que finge possuir todos os recursos da inteligência, todos os poderes da matéria; o senhor, que desempenha, ou antes simula desempenhar o papel da Providência e que não teve sequer o poder de dar um contraveneno a uma moça envenenada! Na verdade, senhor, me inspiraria compaixão se me não inspirasse horror!

- Morrel...

- Disse-me que tirasse a máscara; pois bem, faça-se a sua vontade, tiro-a Sim, quando me seguiu no cemitério ainda lhe respondi porque o meu coração é bom, e quando entrou deixei-o vir até aqui. Mas, uma vez que o senhor abusa; uma vez que me vem desafiar até neste quarto para onde me retirara como se fosse a minha sepultura; uma vez que me traz uma nova tortura (a mim, que julgava tê-las experimentado todas) conde de Monte-Cristo, meu pretenso benfeitor; conde de Monte-Cristo, o salvador universal, fique satisfeito, veja morrer o seu amigo!

E Morrel, rindo como um louco, correu pela segunda vez para as pistolas.

Pálido como um espectro, mas com os olhos despedindo relâmpagos, Monte-Cristo estendeu a mão sobre as armas e gritou ao insensato:

- E eu repito-lhe que não se matará!

- Veja se me impede! - replicou Morrel, num novo impulso, que, como o primeiro, se quebrou contra o braço de aço do conde.

- Sim, o impedirei!

- Mas quem é afinal o senhor para se arrogar esse direito tirânico sobre criaturas livres e pensantes?! - gritou Maximilien.

- Quem sou? - repetiu Monte-Cristo - Ouça, sou o único homem no mundo que tenho o direito de lhe dizer: “Morrel, não quero que o filho do teu pai morra hoje!"

E Monte-Cristo, majestoso, transfigurado, sublime, avançou de braços cruzados para o jovem palpitante, que, dominado, mal-grado seu, pela quase divindade daquele homem, recuou um passo.

- Porque fala do meu pai? - balbuciou. - Porque confundir a memória do meu pai com o que me acontece hoje?

- Porque eu sou aquele que já salvou a vida ao teu pai num dia em que se queria matar como te queres matar hoje; porque sou o homem que mandei a bolsa à tua jovem irmã e o Pharaon ao velho Morrel; porque sou Edmond Dantés, o homem que te fez saltar, em criança, nos joelhos!

Morrel deu mais um passo atrás, cambaleando, sufocado, arquejante, esmagado. Depois as forças abandonaram-no e, com um grande grito, caiu de joelhos aos pés de Monte-Cristo.

De repente, naquela natureza admirável operou-se uma reviravolta regeneradora súbita e completa. Levantou-se, saltou para fora do quarto e precipitou-se para a escada, gritando a plenos pulmões:

- Julie! Julie! Emmanuel! Emmanuel!

Monte-Cristo quis segui-lo, mas Maximilien mais depressa se deixaria matar do que largaria o fecho da porta que fechara na cara do conde. Aos gritos de Maximilien, Julie, Emmanuel, Penelon e alguns criados acorreram assustados. Morrel pegou-lhes nas mãos, abriu a porta e gritou numa voz estrangulada pelos soluços:

- De joelhos! De joelhos! É o benfeitor, é o salvador do nosso pai, é...

Ia a dizer: “É Edmond Dantés!", mas o conde deteve-o agarrando-lhe no braço.

Julie lançou-se sobre a mão do conde; Emmanuel beijou-o como um deus tutelar; Morrel caiu pela segunda vez de joelhos e bateu com a testa no chão. Então o homem de bronze sentiu o coração dilatar-se no
peito, um jato de chama devoradora brotou-lhe da garganta e dos olhos, inclinou a cabeça e chorou!

Durante alguns instantes ouviu-se no quarto um concerto de lágrimas e suspiros sublimes, que decerto pareceu harmonioso aos anjos mais queridos do Senhor.

Mal se recompôs da profunda emoção que acabava de experimentar, Julie correu para fora do quarto, desceu um andar, correu à sala com alegria infantil e retirou o globo de cristal que protegia a bolsa dada pelo desconhecido das Alamedas de Meilhan. Entretanto, Emmanuel dizia ao conde, em voz entrecortada:

- Oh, senhor conde, como é que, vendo-nos falar tantas vezes do nosso benfeitor desconhecido, como é que vendo-nos rodear uma recordação de tanto

reconhecimento e adoração, como é que esperou até hoje para se dar a conhecer?! Foi uma crueldade para conosco e quase me atrevo a dizer, Sr. Conde, também
para consigo.

- Ouça, meu amigo - respondeu o conde - , posso tratá-lo assim porque, sem o saber, o senhor é meu amigo há onze anos: a descoberta deste segredo foi provocada por um grande acontecimento que deve ignorar. Deus é testemunha de que desejaria guardá-lo toda a vida no fundo da minha alma, mas o seu irmão Maximilien arrancou-lhe por meio de violências de que, estou certo, já se arrependeu.

Depois, vendo que Maximilien se atirara de lado para cima de uma poltrona, embora permanecendo de joelhos, acrescentou baixinho, apertando significativamente a mão de Emmanuel:

- Vele por ele...

- Porquê? - perguntou o rapaz, atônito.

- Não lhe posso dizer, mas vele por ele.

Emmanuel percorreu o quarto com um olhar circular e viu as pistolas de Morrel.

Os seus olhos cravaram-se assustados nas armas, que indicou a Monte-Cristo, levantando lentamente o dedo à sua altura. Monte-Cristo inclinou a cabeça. Emmanuel fez um movimento na direção das pistolas.

- Deixe-as - disse Monte-Cristo.

Depois aproximou-se de Morrel e estendeu-lhe a mão, os acontecimentos tumultuosos que pouco antes tinham agitado o coração do jovem haviam cedido o lugar a um entorpecimento profundo.

Julie voltou a subir, segurava na mão a bolsa de seda e duas lágrimas brilhantes e felizes corriam-lhe pelas faces como duas gotas de orvalho matinal.

- Aqui está a relíquia - disse. - Não julgue que me é menos querida desde que o salvador nos foi revelado.

- Minha filha - respondeu Monte-Cristo, corando -, permita-me que recupere essa bolsa. Desde que conhecem a minha cara, só quero ser recordado pela afeição que lhes peço me concedam.

- Oh, não não, suplico-lhe! - perguntou Julie apertando a bolsa ao coração. - Porque um dia poderá deixar-nos; porque infelizmente um dia nos deixará, não é verdade ?

- Acertou em cheio, minha senhora - respondeu Monte-Cristo, sorrindo. - Dentro de oito dias deixarei este país onde tantas pessoas que mereciam a vingança do céu viviam felizes, enquanto o meu pai morria de fome e dor.

Ao anunciar a sua próxima partida, Monte-Cristo tinha os olhos fixos em Morrel e notou que as palavras “deixarei este país" não tinham tirado Morrel da sua letargia. Compreendeu que devia travar uma derradeira luta com a dor do amigo e, pegando nas mãos de Julie e Emmanuel, que reuniu e apertou nas suas, disse-lhes com a suave autoridade de um pai:

- Meus bons amigos, deixem-me só, peço-lhes, com Maximilien.

Era um meio de Juile levar dali a relíquia preciosa de que Monte-Cristo se esquecia de voltar a falar.

Puxou vivamente o marido, dizendo:

- Deixemo-los.

O conde ficou com Morrel, que continuava imóvel como uma estátua.

- Então, volta a ser finalmente um homem, Maximilien? - perguntou o conde, tocando-lhe no ombro com um dedo.

- Volto, porque recomeço a sofrer.

O conde franziu a testa; parecia entregue a uma sombria hesitação.

- Maximilien! Maximilien! As idéias que te absorvem são indignas de um cristão.

- Oh, tranquilize-se, meu amigo - respondeu Morrel erguendo a cabeça e mostrando ao conde um sorriso cheio de inefável tristeza --, já não serei eu que procurarei a morte.

- Portanto, nada de armas, nada de desespero - disse Monte-Cristo.

- Não, porque tenho melhor para tratar da minha dor do que o cano de uma pistola ou a ponta de uma navalha.

- Pobre louco!... Tem o quê?

- Tenho a minha dor. Ela própria me matará.

- Amigo - atalhou Monte-Cristo com uma melancolia igual à dele -, escute-me. Um dia, num momento de desespero igual ao seu, porque implicava uma resolução idêntica, quis-me matar como você; outro dia, teu pai, igualmente desesperado, quis-se matar também Se alguém dissesse ao teu pai, no momento em que
dirigia o cano da pistola para a testa; se me dissessem a mim, no momento em que afastava da minha cama o pão do prisioneiro, em que não tocava havia três dias; se nos dissessem a ambos, enfim, nesse momento supremo: “Viva! Um dia virá em que será feliz e abençoará a vida"; fosse de onde fosse que viesse essa
voz, a acolheríamos com o sorriso da dúvida ou com a angústia da incredulidade, e no entanto quantas vezes, ao beijar-te, o teu pai não terá abençoado a vida, quantas vezes até ....

- Ah, mas o senhor só perdera a liberdade e o meu pai só perdera a fortuna! - exclamou Morrel, interrompendo o conde. - Eu perdi Valentine!

- Olha para mim, Morrel - pediu Monte-Cristo com a solenidade que em certas ocasiões o tomava tão grande e persuasivo. - Olha para mim: não tenho lágrimas nos olhos, nem febre nas veias, nem pulsações fúnebres no coração; contudo, te vejo sofrer, Maximilien, a ti que amo como amaria um filho! Pois bem, isto não te diz, Morrel, que a dor é como a vida e que há sempre qualquer coisa desconhecida para lá dela? Ora se te peço, se te ordeno que viva, Morrel, é na convicção de que um dia me agradecerá ter-te conservado vivo.

- Meu Deus! - exclamou o rapaz. - Meu Deus, que quer dizer com isso, conde? Cautela! Talvez o senhor nunca tenha amado...

- Criança! - respondeu o conde.

- De amor percebo eu - prosseguiu Morrel. - Como sabe, sou soldado desde que sou homem; cheguei aos vinte e nove anos sem amar, pois nenhum dos sentimentos que experimentei até então merecia o nome de amor. Aos vinte e nove anos conheci Valentine e durante cerca de dois anos amei-a, durante cerca de dois anos pude avaliar as virtudes da filha e da mulher inscritas pela própria mão do Senhor naquele coração aberto para mim como um livro.

"Conde, havia para mim, com Valentine, uma felicidade infinita, imensa,

desconhecida, uma felicidade demasiado grande, demasiado completa, demasiado divina para este mundo; uma vez que este mundo não me deu, conde, devo dizer-lhe que sem Valentine não existe para mim na Terra mais do que desespero e desolação.

- Disse-te que tivesses esperança, Morrel - insistiu o conde.

- Acautele-se então, insisto também - perguntou Morrel. - Porque o senhor tenta persuadir-me, e se me persuadir me fará perder a razão, porque me fará crer que posso tornar a ver Valentine.

O conde sorriu.

- Meu amigo, meu pai! - gritou Morrel, exaltado. - Acautele-se, repito-lhe pela terceira vez, porque o ascendente que tem sobre mim assusta-me; tome cautela com o sentido das suas palavras, pois, como vê, os meus olhos reanimam-se e o meu coração reacende-se e renasce; acautele-se, porque me faria acreditar em coisas sobrenaturais... Obedeceria se me mandasse levantar a lousa do sepulcro da filha de Jairo; caminharia sobre as águas como o apóstolo se o senhor me fizesse sinal com a mão para caminhar sobre as águas... Acautele-se, porque obedecerei.

- Tenha esperança, meu amigo - repetiu o conde.

- Ah! - exclamou Morrel, voltando a cair de toda a altura da sua exaltação no abismo da sua tristeza. - Ah, o senhor brinca comigo! Procede como essas boas mães, ou antes como essas mães egoístas que acalmam com palavras melífluas a dor dos filhos porque os seus gritos as incomodam. Não, meu amigo, não tinha razão em dizer-lhe que se acautelasse; não, não tema nada: sepultarei a minha dor com tanto cuidado no mais intimo do meu peito, a tornarei tão profunda, tão secreta, que o senhor nem sequer terá de se incomodar a lamentá-la. Adeus, meu amigo, adeus!

- Pelo contrário - perguntou o conde --, a partir deste momento, Maximilien, viverá junto de mim e comigo, não me deixará mais, e dentro de oito dias a França ficará para trás de nós.

- E continua a dizer-me que tenha esperança?

- Digo-te que tenha esperança porque conheço um meio de te curar.

- Conde, o senhor entristece-me ainda mais, se é possível. O senhor não vê mais do que uma dor vulgar no desgosto que me feriu e julga confortar-me com um meio também vulgar, a viagem.

E Morrel abanou a cabeça com desdenhosa incredulidade.

- Que quer que te diga? - perguntou Monte-Cristo. - Tenho fé nas minhas promessas, deixa-me experimentar.

- Conde, o senhor prolonga apenas a minha agonia, mais nada.

- Quer dizer, é tão fraco coração que não tem coragem de dar ao teu amigo alguns dias para a experiência que ele tenta! Vejamos, sabe porventura de que é capaz o conde de Monte-Cristo? Sabe que governa muitas forças terrestres? Sabe que possui suficiente fé em Deus para obter milagres. Daquele que disse que com a fé o homem podia mover montanhas? Pois bem, esse milagre em que tenho esperança espera-o ou então...

- Ou então... - repetiu Morrel.

- Ou então acautele-se, Morrel, ou o chamarei de ingrato.

- Tenha piedade de mim, conde.

- Tenho tanta piedade de ti, Maximilien, ouça, tanta piedade que, se não te curar dentro de um mês, dia por dia, hora por hora... guarde bem as minhas palavras, Morrel, te colocarei eu próprio diante dessas pistolas carregadas e de uma taça do mais seguro veneno italiano, de um veneno mais seguro e mais rápido, acredita, do que aquele que matou Valentine.

- Promete-me?

- Prometo, porque sou um homem; porque também, como te disse, quis morrer, e até muitas vezes, depois de a desventura ter deixado de me perseguir, sonhei com as delícias do sono eterno.

- Oh, é verdade que me promete isso, conde?! - gritou Maximilien, inebriado.

- Não te prometo, te juro - perguntou Monte-Cristo, estendendo a mão.

- Dentro de um mês, pela sua honra, se não estiver confortado, me deixará a liberdade de dispor da minha vida, e seja o que for que faça não me chamará ingrato?

- Dentro de um mês, dia por dia, Maximilien; dentro de um mês, hora por hora, e a data é sagrada, Maximilien. Não sei se pensou nisto, mas estamos hoje a 5 de Setembro. Faz hoje dez anos que salvei o teu pai, que queria morrer. Morrel pegou nas mãos do conde e beijou-as. O conde não se opôs, como se achasse que essa adoração lhe era devida.

- Dentro de um mês - continuou Monte-Cristo - terá na mesa diante da qual estaremos sentados um e outro boas armas e uma morte suave; mas, em contrapartida, promete-me esperar até lá e viver?

- Oh, também eu lhe juro! - exclamou Morrel.

Monte-Cristo atraiu o jovem ao coração e abraçou-o durante muito tempo.

- E agora - disse-lhe --, a partir de hoje vai viver comigo. Ocupará os aposentos de Haydée e assim ao menos a minha filha será substituída pelo meu filho.

- Haydée! - exclamou Morrel. - Que aconteceu a Haydée?

- Partiu esta noite.

- Para deixá-lo?

- Para me esperar... Prepara-se, pois, para ir ter comigo à Rua dos Campos Elísios e faça-me sair daqui sem que me vejam.

Maximilien, baixou a cabeça e obedeceu, como uma criança ou como um apóstolo.

Capítulo CVI

A partilha

No prédio da Rua Saint-Germain-des-Prés que Albert de Morcerf escolhera para a mãe e para si, o primeiro andar, constituído por um apartamentozinho completo, estava alugado a uma personagem muito misteriosa.

Essa personagem era um homem a quem nem mesmo o porteiro jamais vira o rosto, quer quando entrava, quer quando saía. Porque no Inverno metia o

queixo numa dessas gravatas encarnadas como as dos cocheiros das casas ricas que esperam os patrões à saída dos espetáculos e no Verão assoava-se sempre precisamente no momento em que poderia ser visto ao passar diante do cubículo. Desnecessário dizer que, contrariamente a todos os usos e costumes, esse habitante do prédio não era espiado por ninguém e que o boato que corria de que o seu incógnito ocultava um indivíduo muito altamente colocado e de braço comprido bastava para que respeitassem as suas misteriosas aparições.

As suas visitas eram habitualmente fixas, embora por vezes fossem antecipadas ou adiadas; mas quase sempre, de Inverno ou de Verão, era por volta das quatro horas que tomava posse do seu apartamento, no qual nunca passava a noite.

Às três e meia, no Inverno, o fogo era aceso pela criada discreta que cuidava do apartamentozinho; às três e meia, no Verão, as janelas eram abertas pela mesma criada. Às quatro horas, como dissemos, chegava a misteriosa personagem.

Vinte minutos depois dele, parava uma carruagem diante do prédio; uma mulher vestida de preto ou de azul-escuro, mas sempre envolta num grande vé, apeava-se, passava como uma sombra diante do cubículo e subia a escada sem que se ouvisse estalar um só degrau debaixo dos seus pés ligeiros. Nunca acontecera perguntarem-lhe aonde ia.

A seu rosto, tal como a do desconhecido, era portanto absolutamente estranha aos dois guardas da porta, porteiros modelo, talvez os únicos, na imensa confraria dos porteiros da capital, capazes de semelhante discrição. A mulher não ia além do primeiro andar. Aí, arranhava numa porta de forma especial, a porta abria-se, voltava a fechar-se hermeticamente e pronto. Para saírem do prédio, a mesma manobra que para entrarem.

A desconhecida saía primeiro, sempre velada, e metia-se na sua carruagem, que ora desaparecia por uma extremidade da rua, ora por outra. Depois, passados vinte minutos, saía por sua vez o desconhecido, enterrado na sua gravata ou oculto pelo seu lenço, e desaparecia igualmente.

No dia seguinte àquele em que o conde de Monte-Cristo visitara Danglars, dia do funeral de Valentine, o locatário misterioso entrou por volta das dez horas da manhã, em vez de entrar, como de costume, cerca das quatro horas da tarde. Quase imediatamente, e sem guardar o intervalo habitual, chegou uma carruagem de praça e a dama velada subiu rapidamente a escada.

A porta abriu-se e fechou-se. Mas ainda antes de a porta se fechar, a dama exclamou:

- Lucien, meu amigo!...

De modo que o porteiro, que ouviu sem querer tal exclamação, soube então pela primeira vez que o seu locatário se chamava Lucien. Mas como era um porteiro modelo, prometeu a si mesmo nada dizer nem sequer à mulher.

- Afinal, que aconteceu, querida amiga? - perguntou aquele de quem, na sua perturbação ou precipitação, a dama velada revelara o nome. - Vamos, diga!

- Meu amigo, posso contar consigo?

- Certamente, sabe-o muito bem. Mas que aconteceu? O seu bilhete desta manhã deixou-me numa perplexidade terrível. Nunca vi tanta precipitação e desordem nos seus escritos. Vamos, tranquilize-me ou assuste-me por completo!

- Lucien, uma grande novidade! - disse a dama, pousando em Lucien um olhar interrogador. - O Sr. Danglars partiu esta noite.

- Partiu?... O Sr. Danglars partiu? Para onde?

- Ignoro.

- Ignora? ... Quer dizer que partiu para não mais voltar?

- Sem dúvida! Às dez horas da noite os seus cavalos conduziram-no à Barreira de Charenton. Aí, encontrou uma berlinda de posta completamente atrelada, meteu-se nela com o seu criado de quarto e disse ao seu cocheiro que ia a Fontainebleau.

- E a senhora, que diz a isso?

- Espere, meu amigo. Ele deixou-me uma carta...

- Uma carta?...

- Sim. Leia.

E a baronesa tirou da bolsa uma carta aberta, que apresentou a Debray.

Antes de a ler, Debray hesitou um instante, como se procurasse adivinhar o que ela continha, ou antes como, fosse o que fosse que ela contivesse, estivesse decidido a tomar antecipadamente um partido.

Passados alguns segundos, decerto já com as suas idéias bem definidas, leu.

Eis o que continha a carta que lançara tão grande perturbação no espirito da Sra Danglars:

- *"Minha senhora e fidelíssima esposa."*

Sem querer, Debray deteve-se e olhou a baronesa, que corou quase até à raiz dos cabelos.

- Leia - insistiu ela.

Debray continuou:

Quando receber esta carta já não terá marido! Oh, não perca a cabeça!... já não terá marido, como já não terá filha, isto é, estarei numa das trinta ou quarenta estradas que levam para fora da França. Devo-lhe explicações, e como a senhora é mulher para as compreender perfeitamente, as darei.

Escute, pois:

Esta manhã tive de fazer um pagamento de cinco milhões; o fiz. Seguiu-se quase imediatamente outro da mesma importância; adiei-o para amanhã. hoje parto para evitar esse amanhã, que me seria muito desagrável suportar.

Compreende o que quero dizer, não é verdade, minha senhora e preciosíssima, esposa?

Repito:

Compreende, porque conhece tão bem como eu os meus negócios; conhece-os até melhor do que eu, atendendo a que se fosse preciso dizer o que foi feito de uma metade da minha fortuna, ainda há pouco bastante considerável, eu seria incapaz disso minha senhora, pelo contrário, estou certo de que o diria perfeitamente.

Porque as mulheres possuem instintos de uma certeza infalível e são capazes de explicar por meio de uma álgebra que inventaram o próprio maravilhoso. eu, que só conhecia as minhas contas, fiquei sem saber nada no dia que as minhas contas me enganaram.

Alguma vez estranhou a rapidez da minha queda, minha senhora? Ficou um pouco encandeada com a incandescente fusão dos meus lingotes?

Eu, confesso-o, só vi fogo; esperemos que a senhora tenha encontrado um pouco de ouro nas cinzas.

É com esta consoladora esperança que me afasto, minha senhora e prudentíssima esposa, sem que a minha consciência me censure nem um bocadinho por a abandonar. Restam-lhe amigos, as cinzas a que me referi e, para cúmulo da felicidade, a liberdade que me apresso a conceder-lhe.

No entanto, minha senhora, é o momento de colocar nesta carta uma palavra de explicação íntima.

Enquanto tive a esperança de que a senhora trabalhasse para o bem-estar da nossa casa, para a fortuna da nossa filha, fechei filosoficamente os olhos; mas como a senhora transformou a casa numa vasta ruína, não quero servir de alicerce à fortuna de outrem.

Recebi-a rica, mas pouco honrada.

Desculpe-me falar-lhe com esta franqueza, mas como provavelmente só para nós dois, não vejo por que motivo disfarçaria as minhas palavras.

Aumentei a nossa fortuna, que durante mais de quinze anos foi crescente, até ao momento em que catástrofes desconhecidas e ainda incompreensíveis para mim a atacaram e derrubaram sem que, posso dizê-lo, a culpa fosse de algum modo minha.

Pela minha parte a senhora trabalhou para aumentar a sua, o que conseguiu, estou moralmente convencido disso. Deixo-a portanto como a recebi: rica, mas pouco honrada.

Adeus.

Também eu vou a partir de hoje trabalhar por minha conta.

Creia em todo o meu reconhecimento pelo exemplo que me deu e que vou seguir.

Seu marido muito dedicado.

Barão Danglars.

A baronesa não tirara os olhos de Debray durante esta longa e penosa leitura. E, apesar do domínio bem conhecido que ele possuía sobre si mesmo, viu o rapaz mudar de cor uma ou duas vezes.

Quando acabou, Debray dobrou lentamente o papel e recaiu na sua atitude pensativa.

- Então? - perguntou a Sra Danglars, com uma ansiedade fácil de compreender.

- Então o quê, minha senhora? - perguntou maquinalmente Debray.

- Que idéia lhe inspira essa carta?

- Uma muito simples, minha senhora: inspira-me a idéia de que o Sr. Danglars partiu com suspeitas.

- Sem dúvida. Mas é tudo o que tem para me dizer?

- Não compreendo - disse Debray, com uma frieza glacial.

- Partiu! Partiu definitivamente! Partiu para não mais voltar!

- Não acredite nisso, baronesa - perguntou Debray.

- Não, digo-lhe eu, não voltará. Conheço-o, é um homem inquebrantável em

todas as resoluções que são de seu interesse. Se me julgasse útil para alguma coisa, teria me levado. Se me deixa em Paris é porque a nossa separação pode ser útil aos seus projetos. É portanto irrevogável e estou livre para sempre - acrescentou a Sra Danglars com a mesma expressão de súplica.

Mas Debray, em vez de responder, deixou-a na ansiosa interrogação do olhar e do pensamento.

- Então o senhor não me responde? - perguntou ela por fim.

- Só tenho uma pergunta a fazer-lhe: quais são os seus planos?

- Ia perguntar-lhe o mesmo --, respondeu a baronesa, com o coração palpitante. - Que devo fazer?

- Ah!... - exclamou Debray. - É portanto um conselho que me pede?

- Sim, é um conselho que lhe peço - respondeu a baronesa, com o coração apertado.

- Então se é um conselho que me pede - respondeu friamente o rapaz --, aconselho-a a ir viajar.

- Viajar!... - murmurou a Sra Danglars.

- Certamente. Como disse o Sr. Danglars, é rica e absolutamente livre. Uma ausência de Paris será indispensável, pelo menos segundo creio, depois do duplo escândalo da anulação do casamento de Mademoiselle Eugénie e do desaparecimento do Sr. Danglars. A única coisa que interessa agora é que todas as pessoas a saiba abandonada e a julguem pobre; porque ninguém perdoaria à mulher do falido a sua opulência e o estado da sua casa. Para o primeiro caso, basta que fique apenas quinze dias em Paris e que repita a todas as pessoas que foi abandonada. Diga-o às suas melhores amigas, que elas se encarregarão de espalhar na sociedade como tal abandono se deu. Depois, deixará o seu palácio, e nele as suas jóias, renunciará a qualquer indenização, e todos elogiarão o seu desinteresse e lhe cantarão louvores. Então, a considerarão pobre. porque só eu conheço a sua situação financeira e estou pronto a prestar-lhe contas como leal associado.

A baronesa empalideceu, aterrada, à medida que escutava este discurso com tanto, mais espanto e desespero quanto maior era a calma e a indiferença com que Debray o pronunciava.

- Abandonada! - repetiu ela. - oh, e bem abandonada!... Sim, tem razão, senhor, e ninguém duvidará do meu abandono.

Foram estas as únicas palavras que aquela mulher, tão orgulhosa e violentamente apaixonada, conseguiu responder a Debray.

- Mas rica, muito rica mesmo - prosseguiu Debray, tirando da carteira e espalhando-os em cima da mesa alguns papéis que continha.

A Sra Danglars esperou que ele acabasse, muito ocupada a conter as pulsações do coração e a reter as lágrimas que sentia perlarem-lhe as extremidades das pálpebras. Mas por fim o sentimento da dignidade levou a melhor na baronesa, e se não conseguiu conter o coração, conseguiu pelo menos não chorar.

- Minha senhora - disse Debray --, há cerca de seis meses que nos associamos. A senhora entrou com uma quota de cem mil francos. A nossa sociedade foi constituída em Abril deste ano. Em Maio iniciamos as nossas operações. E ainda em Maio ganhamos quatrocentos e cinquenta mil francos. Em

Junho, o
lucro ascendeu a novecentos mil. Em Julho, adicionamos-lhe um milhão e setecentos mil francos; foi, como sabe, o mês dos títulos da Espanha. Em Agosto, perdemos no começo do mês trezentos mil francos; mas em 15 desse mesmo mês tínhamos recuperado e no fim do mês tínhamos desforrado, pois as nossas contas, apuradas desde o dia da nossa associação até ontem, em que as fechei, nos dão um ativo de dois milhões e
quatrocentos mil francos, isto é, um milhão e duzentos mil francos para cada um. Agora - continuou Debray, compulsando a sua agenda com o método e a tranquilidade de um cambista - temos oitenta mil francos de juros compostos daquela importância que se encontra em meu poder...

- Mas - interrompeu-o a baronesa - que significam esses juros, se o senhor nunca aplicou esse dinheiro?

- Peço-lhe perdão, minha senhora - respondeu friamente Debray -, mas tinha procuração sua para o aplicar e utilizei a sua procuração. Tem portanto a haver quarenta mil francos de juros, mais os cem mil francos da quota inicial, isto é, um milhão trezentos e quarenta mil francos à sua parte. Ora, minha senhora - continuou Debray --, tomei a precaução de mobilizar anteontem o seu dinheiro; não há muito tempo, como
vê, e diria-se que já esperava ser chamado urgentemente a prestar-lhe contas. O dinheiro está aqui, metade em notas e metade em títulos ao portador. Digo aqui e é verdade, porque como não considerava a minha casa suficientemente segura, não achava os tabeliões bastante discretos e as propriedades falam ainda mais alto do que os tabeliões, e como, finalmente, a senhora não tem o direito de comprar nada nem de possuir seja o que for fora da comunhão de bens conjugal, guardei todo esse dinheiro, hoje a sua única fortuna, num cofre cravado no fundo deste armário, em que, para maior segurança, me encarreguei pessoalmente do trabalho de pedreiro.

"Agora - continuou Debray, abrindo primeiro o armário e depois o cofre --, agora, minha senhora, aqui tem oitocentas notas de mil francos cada uma, que como vê, parecem um grosso álbum encadernado em ferro... Juntei-lhes um cupão de juro de vinte e cinco mil francos e para saldo de contas, que, segundo creio, ascende a qualquer coisa como cento e dez mil francos, aqui tem uma ordem de pagamento à vista sobre o meu banqueiro, e como o meu banqueiro não é o Sr. Danglars, pode estar tranquila que a ordem será paga.

A Sra Danglars pegou maquinalmente na ordem à vista, no cupom e nas notas. Aquela enorme fortuna parecia muito insignificante espalhada ali em cima de uma mesa.

Com os olhos secos, mas o peito cheio de soluços, a Sra Danglars reuniu-a, guardou o estojo de aço na bolsa, meteu o cupom e a ordem de pagamento à vista na carteira, e de pé, pálida e muda, esperou uma palavra meiga que a consolasse de ser tão rica.

Mas esperou em vão.

- Agora, minha senhora - disse Debray -, tem uma existência magnífica, qualquer coisa como sessenta mil libras de rendimento, o que é enorme para uma mulher que não poderá ter casa senão daqui a um ano, pelo menos. É um privilégio para todos os caprichos que lhe passarem pela cabeça, sem contar que

se achar a sua parte insuficiente, em atenção ao passado que lhe escapa poderá recorrer à minha. Estou disposto a
oferecer-lhe, a título de empréstimo, bem entendido, tudo o que possuo, isto é, um milhão e sessenta mil francos.

- Obrigada, senhor, obrigada - respondeu a baronesa. - Como sabe, acaba de me entregar muito mais do que precisa uma pobre mulher que não conta, senão daqui a muito tempo, pelo menos, reaparecer na sociedade.

Debray mostrou-se momentaneamente surpreendido , mas recompôs-se e fez um gesto que se poderia traduzir como a forma mais delicada de exprimir esta idéia: “Como queira!"

Até ali, a Sra Danglars talvez esperasse ainda alguma coisa; mas quando viu o gesto indiferente que acabava de escapar a Debray e o olhar oblíquo com que esse gesto fora acompanhado, assim como a reverência profunda e o silêncio significativo que se seguiram, ergueu a cabeça, abriu a porta e, sem cólera,
sem nervosismo, mas também sem hesitação, dirigiu-se para a escada, desdenhando até honrar com um derradeiro cumprimento àquele que a deixava partir daquele modo.

- Ora, ora! - exclamou Debray depois dela sair. - Apesar de poder fazer belos projetos, ficará no seu palácio, lerá romances e jogará o seu lansquen, visto não poder jogar na bolsa.

Em seguida pegou na agenda e riscou cuidadosamente as importâncias que acabava de pagar.

- Resta-me um milhão e sessenta mil francos... Que pouca sorte Mademoiselle de Villefort ter morrido! Era a mulher que me convinha sob todos os aspectos para casar com ela.

E, fleumaticamente, conforme era seu hábito, esperou que a Sra Danglars tivesse saído há vinte minutos para se decidir a sair por sua vez.

Durante esses vinte minutos, Debray fez contas, com o relógio pousado a seu lado.

Essa personagem diabólica que qualquer imaginação aventurosa criaria com mais ou menos felicidade se Le Sage lhe não tivesse adquirido a prioridade na sua obra-prima; esse Asmodeu que levantava os telhados das casas para ve-las por dentro, teria gozado um singular espetáculo se erguesse, no momento em que Debray fazia as suas contas. O telhado do predio da Rua Saint-Germain-des-Prés.

Por cima do quarto em que Debray acabava de dividir com a Sra Danglars dois milhões e meio ficava outro também habitado por pessoas nossas conhecidas, as quais desempenharam papel muito importante nos acontecimentos que contamos até aqui e que por isso reencontramos com algum interesse.

Nesse quarto residiam Mercedes e Albert.

Mercedes mudara muito havia alguns dias. Não porque, mesmo no tempo da sua maior riqueza, alguma vez tivesse exibido o fausto orgulhoso que corta visivelmente com todas as condições
e faz com que se deixe de reconhecer imediatamente a mulher quando nos surge mais simplesmente vestida; nem porque tivesse caído nesse estado de depressão em que somos obrigados a envergar a libre da miséria. Não, Mercedes estava mudada porque os seus olhos já não brilhavam, porque a sua boca já não sorria,

porque finalmente um perpétuo enleio lhe detinha nos lábios a palavra pronta que denotava outrora um espírito sempre atento.

Não fora a pobreza que secara o espírito de Mercedes, nem era a falta de coragem que lhe tornava pesada a pobreza.

Mercedes, apeada do ambiente em que vivia, isolada na nova esfera que escolhera, como essas pessoas que saem de uma sala esplendidamente iluminada para entrarem de súbito nas trevas; Mercedes parecia uma rainha que passara do seu palácio para uma cabana e que, reduzida ao estritamente indispensável, não se reconhecia nem na louça de barro que era obrigada a pôr pessoalmente na mesa, nem no catre por que trocara o seu leito.

Efetivamente, a bela catalã, como a nobre condessa, já não tinha nem o seu olhar orgulhoso, nem o seu sorriso encantador, porque quando pousava os olhos no que a rodeava só via objetos pobres. Era um quarto forrado com um desses papeis em que predominam os tons cinzentos, que os senhorios econômicos escolhem de preferência por serem os que menos se sujam; não havia tapetes no chão e os móveis davam nas vistas e forçavam os olhos a deterem-se na pobreza de um falso luxo. Enfim, tudo coisas que quebravam com os seus tons garridos a harmonia tão necessária a olhos habituados a um conjunto elegante.

A Sra de Morcerf vivia ali desde que deixara o seu palácio. A cabeça andava-lhe à roda perante aquele silêncio eterno, como anda à roda ao viajante chegado à beira de um abismo. Notando que Albert a observava constantemente às escondidas, para descobrir o seu estado de espírito, obrigara-se a um monótono sorriso nos lábios, que, na ausência desse fogo tão suave do sorriso dos olhos, produz o efeito de uma simples reverberação de luz, isto é, de uma claridade sem calor.

Pela sua parte, Albert andava preocupado e sentia-se pouco à vontade, constrangido, com um resto de luxo que o impedia de assumir a sua condição atual. Queria sair sem luvas e achava as mãos demasiado brancas, queria percorrer a cidade a pé e achava as botas demasiado brilhantes.

No entanto, estas duas criaturas tão nobres e inteligentes, ligadas indissoluvelmente pelos laços do amor maternal e filial, tinham conseguido compreender-se sem falar de nada e economizar todos os rodeios usados entre amigos para estabelecer a verdade material de que depende a vida.

Albert pudera finalmente dizer à mãe sem a fazer empalidecer:

- Minha mãe, já não temos dinheiro.

Mercedes nunca conhecera verdadeiramente a miséria; muitas vezes, na sua juventude, ela própria falara de pobreza, mas isso não era a mesma coisa: pobreza e necessidade são sinônimos entre os quais há Um mundo de intervalo.

Entre os Catalães, Mercedes tinha necessidade de muitas coisas, mas nunca lhe faltavam outras. Enquanto as redes estavam boas, pescava-se o peixe; vendido o peixe, tinha-se fio para consertar as redes.

E depois, privada de afetos, tendo apenas um amor que em nada interferia nos pormenores materiais da situação, cada um pensava em si, só em si e em mais ninguém. Do pouco que tinha, Mercedes fazia o seu quinhão tão generosamente quanto possível; agora, tinha de fazer dois quinhões... a partir do nada.

O Inverno aproximava-se. Naquele quarto nu e frio, Mercedes não tinha aquecimento, ela a quem outrora um calorífero com inúmeras ramificações aquecia a casa desde as antecâmaras até ao boudoir. Não tinha nem uma pobre florinha, ela cujos aposentos eram uma estufa quente mantida a peso de ouro!

Mas tinha o seu filho...

A exaltação de um dever talvez exagerado sustentara-os até ali nas esferas superiores.

A exaltação é quase entusiasmo, e o entusiasmo torna as pessoas insensíveis às coisas terrenas.

Mas o entusiasmo esfriara e fora necessário descer pouco a pouco do país dos sonhos ao mundo das realidades. Era necessário falar do positivo, depois de ter esgotado todo o ideal.

- Minha mãe - dizia Albert, no preciso momento em que a Sra Danglars descia a escada --, deitemos contas a todas as nossas riquezas, por favor. Preciso de um total para traçar os meus planos.

- Total, nada - respondeu Mercedes com um sorriso doloroso.

- Na realidade, minha mãe, total, três mil francos, à primeira vista, e tenho a pretensão de, com esses três mil francos, proporcionar a ambos uma rica vida.

- Criança! - suspirou Mercedes.

- Por Deus, minha pobre mãe, infelizmente gastei-lhe dinheiro suficiente para lhe conhecer o valor! É enorme, acredite. Três mil francos... Com esta importância conseguirei um futuro miraculoso de eterna segurança.

- Fala assim, meu amigo - continuou a pobre mãe --, mas primeiro é preciso saber se aceitamos esses três mil francos.

- Parece-me que isso está assente - perguntou Albert em tom firme. - Aceitaremos, tanto mais que não os temos, pois estão, como sabe, enterrados no jardim dessa casa das Alamedas de Meilhan, em Marselha. Com duzentos francos, iremos ambos a Marselha.

- Com duzentos francos! - exclamou Mercedes. - E onde estão eles, Albert?

- Oh, quanto a isso não se preocupe! Informei-me nas diligencias e nos vapores e fiz os meus cálculos.

Reservamos lugar para Chalon na diligência; como vê, minha mãe, trato-a como um a rainha... São trinta e cinco francos.

Albert pegou numa pena e escreveu:

Diligência -- 35 francos

De Chalon a Lion, de vapor -- 6 francos

De Lion a Avinhão, também de vapor -- 16 francos De Avinhon a Marselha - 7 francos

Despesas de viagem -- 50 francos

Total -- 114 francos

- Ponhamos cento e vinte - acrescentou Albert, sorrindo. - Como vê, sou generoso, não é verdade, minha mãe?

- Mas e você, meu pobre filho?

- Eu? Não viu que me reservo oitenta francos? Um rapaz, minha mãe, não necessita de muitas comodidades. De resto, sei o que é viajar.

- Com a tua sege de posta e o teu criado de quarto.

- De todas as maneiras, minha mãe.

- Pois bem, seja - concordou Mercedes. - Mas onde estão esses duzentos francos?

- Esses duzentos francos estão aqui, e ainda mais duzentos... Olhe vendi o meu relógio por cem francos e os berloques por trezentos. Que sorte! Berloques que valiam três vezes o relógio. Sempre a eterna história do supérfluo! Estamos portanto ricos, pois em vez de cento e catorze francos para a sua viagem terá duzentos e cinquenta.

- Mas não devemos qualquer coisa aqui?

- Trinta francos, mas pago-os dos meus cento e cinquenta francos. Isso está resolvido. Aliás, bem vistas as coisas, não preciso de mais do que oitenta francos para a viagem. Como vê, estou nadando em dinheiro. Mas isto não é tudo. Que me diz a isto, minha mãe?

E Albert tirou de uma agendazinha de fecho de ouro, resto das suas antigas fantasias ou talvez mesmo terna recordação de alguma das mulheres misteriosas e veladas que batiam à portinha, uma nota de mil francos.

- Que é isso? - perguntou Mercedes.

- Mil francos, minha mãe. Oh, esteja descansada que são perfeitamente honestos!

- Mas onde os arranjou?

- Escute, mãe, e não se impressione demasiado.

E Albert levantou-se, beijou a mãe em ambas as faces e ficou parado a olhá-la.

- Não imagina, mãe, como a acho bonita! - declarou o rapaz com profundo sentimento de amor filial. - Na verdade, é não só a mais bonita, mas também a mais nobre mulher que jamais vi!

- Querido filho - murmurou Mercedes, procurando em vão reter uma lágrima que lhe brilhava ao canto da pálpebra.

- Realmente, só lhe faltava ser infeliz para transformar o meu amor em adoração.

- Não serei infeliz enquanto tiver o meu filho - declarou Mercedes.

- Muito bem! - disse Albert. - Mas aí é que começa a questão. Sabe o que está combinado?

- Combinamos alguma coisa? - perguntou Mercedes.

- Combinamos. Combinamos que a senhora ficaria morando em Marselha e que eu partiria para a Àfrica, onde, em vez do nome a que renunciei, honraria o nome que adotei.

Mercedes suspirou.

- Pois bem, minha mãe: desde ontem que estou alistado nos sipaios - acrescentou o rapaz, baixando os olhos com certa vergonha, pois nem ele próprio sabia tudo o que o seu rebaixamento tinha de sublime. - Ou antes, julguei que o meu corpo me pertencia inteiramente e que o podia vender. Desde ontem que substituo alguém. Vendi-me, como dizem, e - acrescentou tentando sorrir - mais caro do que estava
convencido que valia, ou seja por dois mil francos.

- Portanto, estes mil francos?... - disse, tremendo, Mercedes.

- São metade da importância, minha mãe. A outra virá daqui a um ano.

Mercedes ergueu os olhos ao céu com uma expressão que ninguém

saberia exprimir e as duas lágrimas que lhe brilhavam ao canto dos olhos transbordaram sob a sua emoção íntima e correram-lhe
silenciosamente ao longo das faces.

- O preço do teu sangue! - murmurou.

- Sim, se for morto - perguntou, rindo, Morcerf. - Mas garanto-lhe, boa mãe, que, pelo contrário, tenho a intenção de defender ferozmente a pele. Nunca senti tanta vontade de viver como agora.

- Meu Deus! Meu Deus! - exclamou Mercedes.

- Aliás, por que motivo havia de ser morto, minha mãe? Porventura Lamoriciére, esse outro Ney do Meio-Dia, foi morto? E Changarnier, foi morto? E Bedeau, foi morto? E Morrel, que nós conhecemos, foi morto? Pense pois na sua alegria, minha mãe, quando me vir regressar com o meu uniforme bordado! Declaro-lhe que nesse aspecto conto ser imponente e que escolhi aquele regimento por vaidade.

Mercedes suspirou e tentou sorrir. Aquela santa mãe compreendia que não lhe ficava bem deixar que o filho suportasse todo o peso do sacrifício.

- Portanto - prosseguiu Albert --, a mãe já tem mais de quatro mil francos garantidos. Ora, com quatro mil francos viverá bem dois anos...

- Acha? - disse Mercedes.

Estas palavras escaparam à condessa, e com uma dor tão verdadeira que o seu autêntico sentido não passou despercebido a Albert. Este sentiu o coração confranger-se e disse, pegando na mão da mãe, que apertou ternamente nas suas:

- Sim, viverá!

- Viverei! - exclamou Mercedes. - Mas você não partirá, não é verdade, meu filho?

- Minha mãe, partirei - respondeu Albert em voz calma e firme. - Ama-me demasiado para me querer junto de si ocioso e inútil. De resto, já assinei.

- Procederá como for da tua vontade; eu procederei conforme for da vontade de Deus.

- Não de acordo com a minha vontade, minha mãe, mas sim de acordo com a razão e a necessidade. Somos duas pessoas desesperadas, não é verdade? Que é a vida para si, hoje? Nada. Que é a vida para mim? Oh, muito pouco sem a senhora, minha mãe, acredite! Porque sem a senhora juro-lhe que esta vida
teria cessado no dia em que duvidei do meu pai e reneguei o seu nome! Enfim, viverei se me prometer ter ainda esperança; se me deixar o cuidado da sua felicidade futura, duplicará a minha energia. Procurarei o governador da Argélia, que é um coração leal e sobretudo essencialmente soldado, e lhe contarei a minha lúgubre história. Lhe pedirei que olhe de vez em quando para mim, e se me der a sua palavra de que o fará e apreciar o meu comportamento, dentro de seis meses serei oficial ou estarei morto. Se for oficial, o seu futuro estará assegurado, minha mãe, porque terei dinheiro para si e para mim, e além disso um novo nome de que ambos nos orgulharemos, pois esse será o seu verdadeiro nome. Se morrer... Bom, se morrer, então, minha mãe, morra também, se quiser, e as nossas desventuras acabarão devido ao seu próprio excesso.

- Está bem - respondeu Mercedes, fitando-o com o seu nobre e eloquente olhar. - Tem razão, meu filho: provemos a certas pessoas que nos observam e

esperam os nossos atos para nos julgar, provemo-lhes que somos pelo menos dignos de lástima.

- Mas nada de idéias fúnebres, querida mãe! - exclamou o jovem.- Juro-lhe que somos, ou pelo menos que podemos ser felizes. A senhora é ao mesmo tempo uma mulher cheia de inteligência e resignação; eu adquiri gostos simples e modestos, creio. Uma vez ao serviço, estarei rico; uma vez na casa do Sr. Dantés, a senhora estará tranquila. Tentemos! Peço-lhe, minha mãe, tentemos.

- Pois sim, tentemos, meu filho, porque você deve viver, porque deve ser feliz - respondeu Mercedes.

- Nesse caso, minha mãe, uma vez que as nossas divisões estão feitas, podemos partir hoje mesmo - acrescentou o rapaz, simulando uma grande descontração. - Vamos, como já lhe disse, marquei-lhe lugar.

- E o teu, meu filho?

- Eu devo ficar ainda dois ou três dias, minha mãe. É um princípio de separação e temos de nos ir habituando a isso...Preciso de algumas recomendações, de algumas informações acerca da Àfrica, e irei ter consigo a Marselha.

- Pois sim, partamos! - exclamou Mercedes, envolvendo-se no único xale que trouxera e que por acaso era de caxemira preta de alto preço. - Partamos!

Albert guardou à pressa os seus papéis, tocou para pagar os trinta francos que devia, ofereceu o braço à mãe e desceram a escada. Alguém descia adiante deles; esse alguém, ao ouvir o ruge-ruge de um vestido de seda virou-se.

- Debray! - murmurou Albert.

- Morcerf! - exclamou o secretário do ministro, parando no degrau em que se encontrava.

A curiosidade levou a melhor em Debray sobre o seu desejo de se conservar o incógnito. De resto, já fora reconhecido. Além disso, tinha a sua piada encontrar naquele prédio ignorado o rapaz cuja triste aventura acabava de causar tão grande escândalo em Paris.

- Morcerf? - repetiu Debray.

Depois, notando na semi-obscuridade o aspecto ainda jovem e o véu negro da Sra de Morcerf, acrescentou com um sorriso:

- Oh, perdão! Deixo-o, Albert...

Albert compreendeu o pensamento de Debray.

- Minha mãe - disse, virando-se para Mercedes --, é o Sr. Debray, secretário do ministro do Interior, um antigo amigo meu.

- Como antigo?... - balbuciou Debray. - Que quer dizer?

- Digo isto, Sr. Debray - respondeu Albert --, porque hoje já não tenho amigos nem devo voltar a tê-los. Agradeço-lhe muito ter-se dignado reconhecer-me, senhor.

Debray subiu dois degraus e veio dar um enérgico aperto de mão ao seu interlocutor.

- Creia, meu caro Albert - disse com a emoção de que era susceptível --, creia que senti profundamente a desventura que o atingiu e que estou ao seu dispor para tudo.

- Obrigado, senhor - respondeu Albert, sorrindo -, mas, apesar da nossa desventura, ficamos suficientemente ricos para não necessitarmos de recorrer a

ninguém. Deixamos Paris e, depois de paga a nossa viagem, restam-nos cinco mil francos.

O rubor subiu à testa de Debray, que tinha um milhão na carteira; e por pouco poético que fosse o seu espírito exato, não pôde deixar de refletir que no mesmo prédio tinham estado pouco antes duas mulheres, das quais uma, justamente desonrada, se considerava pobre com um milhão e quinhentos mil francos debaixo das pregas da sua capa, e outra, injustamente atingida, mas sublime na sua desgraça, se considerava rica com alguns francos.

Este paralelo deitou por terra os seus propósitos de cortesia; a filosofia do exemplo esmagou-o. Balbuciou algumas palavras de mera delicadeza e desceu rapidamente. Naquele dia, os amanuenses do ministério seus subordinados tiveram de lhe aturar resignadamente o mau humor.

Mas à tardinha tornava-se comprador de um belíssimo prédio situado no Bulevar da Madalena, que rendia cinquenta mil libras.

No dia seguinte, à hora em que Debray assinava a escritura, ou seja, por volta das cinco da tarde, a Sra de Morcerf, depois de beijar ternamente o filho e de ser ternamente beijada por ele, subia para a diligência, cuja porta se fechava atrás de si.

No pátio da empresa de transportes Laffitte encontrava-se um homem escondido atrás de uma das janelas arqueadas das sobrelojas. Esse homem viu Mercedes subir para a carruagem; viu partir a diligência; viu Albert afastar-se. Então passou a mão pela testa, cheio de dúvidas, e murmurou:

- Ai de mim, como hei de restituir àqueles dois inocentes a felicidade que lhes roubei? Deus me ajudará.

Capítulo CVII

O covil dos leões

Uma das seções da Force, aquela que encerra os presos mais comprometidos e perigosos, chama-se o pátio de S. Bernardo.

Na sua linguagem pitoresca, os presos deram-lhe o nome de Covil dos Leões, provavelmente porque os reclusos têm dentes que mordem muitas vezes as grades e não raro os guardas. É uma prisão dentro da prisão; as paredes têm o dobro da espessura das outras. Todos os dias um carcereiro verifica cuidadosamente as grades maciças, e reconhece-se pela estatura hercúlea e pelo olhar frio e penetrante dos guardas que foram escolhidos para reinar sobre o seu povo pelo terror e pela rapidez dos reflexos.

O pátio da seção está rodeado de muros altíssimos sobre os quais desliza obliquamente o sol quando se decide a penetrar naquele abismo de fealdades morais e físicas. E ali, no pavimento empedrado, que desde a alvorada vagueiam, pensativos, assustados, pálidos, como sombras, os homens que a justiça mantém curvados sob o cutelo que afia.

Vêem-nos encostar-se e agachar-se ao longo do muro que absorve e retém mais calor, e ficarem para ali, conversando dois a dois, ou, na maioria dos casos,

isolados, com o olhar constantemente atraído para a porta, que se abre a fim de chamarem algum dos habitantes do lúgubre recinto ou lançarem no abismo mais escória expelida pelo cadinho da sociedade.

O pátio de S. Bernardo tem o seu parlatório particular. Trata-se de um quadrilátero grande, dividido em duas partes por outros tantos gradeamentos colocados paralelamente a três pés um do outro, de forma que o viajante não possa apertar a mão ao preso ou passar-lhe qualquer coisa. O parlatório é sombrio, úmido e sob todos os aspectos horrível, sobretudo se pensarmos nas espantosas confidências que têm passado por
aquelas grades e enferrujado o ferro dos varões.

Mesmo assim, por mais horrível que seja, o local é o paraíso onde vêm retemperar-se numa companhia desejada, apreciada, os homens que têm os dias contados. E tão raro sair-se do Covil dos Leões para qualquer outro lado que não seja a Barreira de Saint-Jacques, as galés ou a prisão celular!

No pátio que acabamos de descrever, e onde imperava uma umidade fria, passeava de mãos nas algibeiras um rapaz observado com muita curiosidade pelos habitantes do Covil. Passaria por um homem elegante, graças ao corte da sua indumentária, se essa indumentária não estivesse em farrapos, embora tal estado se não devesse ao uso. Na verdade, o tecido, fino e sedoso nos lugares intatos, recuperava facilmente o lustro debaixo da mão acariciadora do preso, que procurava transformá-lo num traje novo.

Aplicava o mesmo cuidado a fechar uma camisa de cambraia que mudara consideravelmente de cor desde a sua entrada na prisão, e passava pelas botas de verniz a ponta de um lenço com iniciais bordadas e encimadas por uma coroa heráldica.

Certos hóspedes do Covil dos Leões observavam com notório interesse os requintes de toilette do preso.

- Olha, lá está o príncipe a pôr-se bonito - comentou um dos ladrões.

- Já é muito bonito naturalmente - disse outro --, e se tivesse só que fosse um pente e brilhantina eclipsaria todos os cavalheiros de luvas brancas.

- A casaca devia ser novinha em folha e as botas ainda reluzem lindamente. Para nós é lisonjeiro ter camaradas tão tirados das canelas. Os bandidos dos guardas são bem reles... Invejosos! Rasgarem uma roupa daquelas!

- Parece que é um dos águias - disse outro. - já fez de tudo, e em grande... Apesar de tão novo, até já esteve nas galés! Que tipo!

E o alvo desta admiração horrível parecia saborear os elogios, ou o murmúrio dos elogios, pois não ouvia as palavras. Terminada a toilette, aproximou-se do guiche da cantina, ao qual se encontrava encostado um guarda, a quem disse:

- Por favor, senhor, empreste-me vinte francos. Os pagarei em breve. Comigo ninguém corre riscos...
Lembre-se de que tenho parentes que possuem mais milhões do que o senhor soldos... Então, vinte francos, por favor. Para alugar um quarto particular e comprar um roupão. Custa-me horrivelmente andar sempre de casaca e botas. E que casaca, senhor, para um príncipe Cavalcanti!...

O guarda virou-lhe as costas e encolheu os ombros. Nem sequer riu do palavreado, que teria desenrugado todas as testas; porque já ouvira muitos outros,

ou antes, sempre ouvira a mesma coisa.

- Está bem, o senhor é um homem sem entranhas e lhe farei perder o seu lugar - ameaçou Andrea.

Esta saída fez virar o guarda, que desta vez soltou uma ruidosa gargalhada. Então os outros presos aproximaram-se e formaram círculo.

- Garanto-lhe - continuou Andrea - que com essa miserável importância poderei comprar uma casaca e alugar um quarto, a fim de receber decentemente a visita ilustre que espero, mais dia, menos dia.

- Tem razão! Tem razão! - gritaram os presos. - Demônio, vê-se bem que é um homem de classe.

- Então emprestem-lhe os vinte francos - perguntou o guarda. Apoiando-se no seu outro ombro colossal. - Não acham que devem isso a um camarada?

- Eu não sou camarada desta gente - replicou orgulhosamente o jovem. - Não me insulte, não tem esse direito.

Os ladrões entreolharam-se no meio de murmúrios abafados, e uma tempestade, levantada pela provocação do guarda, mais ainda do que pelas palavras de Andrea, começou a bramir sobre o preso aristocrata.

O guarda, certo de fazer o quos ego quando as vagas se tornassem demasiado alterosas, deixou-as crescer pouco a pouco para dar uma lição ao importuno solicitador e divertir-se um bocado durante o longo dia de guarda. Os ladrões começaram a aproximar-se de Andrea; uns gritavam:

- O chinelo! O chinelo!

Cruel operação que consiste em moer de pancada, não com um chinelo, mas sim com um sapato ferrado, um companheiro caído em desgraça. Outros propunham a “enguia", gênero de divertimento que
consiste em encher de areia, seixos ou soldos, quando os há, um lenço torcido, que os carrascos descarregam como um chicote nas costas e na cabeça do paciente.

- Chicoteemos o lindo cavalheiro! - gritaram alguns. - O senhor honesto!...

Mas Andrea virou-se para eles, piscou o olho, inflou a face com a língua e fez ouvir esse estalido de lábios que equivale a mil sinais de inteligência entre os bandidos impedidos de falar.

Era um sinal maçônico que lhe ensinara Caderousse. Os outros reconheceram um dos seus.

Os lenços desceram imediatamente; o sapato ferrado regressou ao pé do principal carrasco. Ouviram-se algumas vozes proclamar que aquele senhor tinha razão, que aquele senhor podia ser honesto à sua maneira, e que os presos queriam dar o exemplo da liberdade de consciência.

O temporal amainou. O guarda ficou de tal modo estupefato que agarrou imediatamente Andrea pelas mãos e pôs-se a revistá-lo, atribuindo a alguma manifestação mais significativa do que a fascinação a mudança súbita dos habitantes do Covil dos Leões.

Andrea deixou-se revistar, embora protestando.

De súbito, soou uma voz ao guiche.

- Benedetto! - gritou um inspector.

O guarda largou a presa.

- Quem me chama? - perguntou Andrea.

- Ao parlatório! - respondeu a voz.

- Vê como vêm visitar-me? Ah, meu caro senhor, vai ver se se pode tratar um Cavalcanti como um homem vulgar!

E Andrea, deslizando pelo pátio como uma sombra negra, correu para a porta do guiche, que se encontrava entreaberta, deixando embasbacados os companheiros e o próprio guarda.

Chamavam-no efetivamente ao parlatório, o que não deveria causar menos admiração do que ao próprio Andrea; porque o astucioso rapaz, desde a sua entrada na Force, em vez de utilizar, como a maioria dos companheiros, a faculdade de escrever para pedir auxílio, guardara o mais estóico silêncio.

- Sou - dizia ele - evidentemente protegido por alguém poderoso; tudo mo prova. Aquela fortuna súbita, a facilidade com que aplanei todos os obstáculos, uma família improvisada, um nome ilustre tornado meu, o ouro chovendo sobre mim, as alianças mais magníficas prometidas à minha ambição... Um infeliz esquecimento da minha sorte, uma ausência do meu protetor perdeu-me, sim, mas não por completo nem para sempre! A mão retirou-se por um momento, mas deve estender-se para mim e agarrar-me de novo quando me julgar prestes a cair no abismo.

"Porque arriscaria um passo imprudente? Talvez me alienasse o protetor! Tem duas maneiras de me tirar de apuros: a evasão misteriosa, paga a peso de ouro, e forçar a mão aos juízes para obter uma absolvição. Esperemos para falar, para agir, que me seja provado que me abandonaram por completo, e então...

Andrea traçara um plano que se podia considerar hábil; o miserável era intrépido no ataque e duro na defesa. Suportara a miséria, da prisão comum, as privações de todo o gênero, no entanto, pouco a pouco, o natural, ou antes o hábito, voltara à superfície. Andrea sofria por andar nu, sujo e faminto, a espera prolongava-se. Foi nesse momento de desanimo que a voz do inspetor o chamou ao parlatório.

Andrea sentiu o coração pular-lhe de alegria. Era demasiado cedo para se tratar da visita do juiz de instrução e demasiado tarde para ser uma chamada do diretor da prisão ou do médico. Era portanto a visita esperada.

Através do gradeamento do parlatório, onde foi introduzido, viu, com os olhos dilatados por uma curiosidade vida, o rosto sombrio e inteligente do Sr. Bertuccio, que olhava também, mas com uma espécie de surpresa dolorosa, as grades, as portas aferrolhadas e a sombra que se agitava atrás dos varões entrecruzados.

- Ah! - exclamou Andrea, impressionado.

- Bom dia, Benedetto - disse Bertuccio na sua voz cava e sonora.

- O senhor! O senhor! - exclamou o rapaz, olhando com terror à sua volta.

- Não me reconhece, pobre criança? - perguntou Bertuccio.

- Silêncio! Mas silêncio mesmo! - ordenou Andrea, que conhecia a finura de ouvido das paredes. - Meu Deus, meu Deus, não fale tão alto!

- Gostaria de conversar comigo a sós, não é verdade? - perguntou Bertuccio.

- Oh, sim! - respondeu Andrea.

- Está bem.

E Bertuccio procurou qualquer coisa na algibeira e fez sinal a um guarda que se encontrava atrás do vidro do guiche.

- Leia - disse.

- Que é isso? - perguntou Andrea.

- Ordem para te conduzirem a um quarto, te instalarem e deixarem-me comunicar contigo.

- Oh! - exclamou Andrea, pulando de alegria.

E, concentrando-se imediatamente em si mesmo, disse para consigo: “novamente o protetor desconhecido! Não me esqueceram! Procuram o segredo, uma vez que querem conversar comigo num quarto isolado. Tenho-os na mão... Bertuccio foi enviado pelo protetor."

O guarda conferenciou um momento com um superior, depois abriu as duas portas gradeadas e conduziu Andrea a um quarto do primeiro andar, com vista para o pátio. O rapaz não cabia em si de contente.

Tratava-se de um quarto caiado, como é habitual nas prisões. Tinha um ar alegre, que pareceu radioso ao preso: um fogão de aquecimento, uma cama, uma cadeira e uma mesa constituíam o mobiliário sumtuoso.

Bertuccio sentou-se na cadeira. Andrea atirou-se para cima da cama. o guarda retirou-se.

- Vejamos, que tem para me dizer? - perguntou o intendente.

- E o senhor? - perguntou por seu turno Andrea.

- Fale primeiro...

- Oh, não! O senhor é que deve ter muito para me dizer, uma vez que veio me procurar.

- Está bem, seja! Continuou a carreira dos seus crimes: roubou, assassinou...

- Bom, se foi para me dizer isso que me fez passar para um quarto particular, não era necessário se incomodar. Sei tudo isso. Mas há outras coisas que não sei. Falemos dessas, se não se importa. Quem o mandou aqui?

- Oh, oh, vai muito depressa, Sr. Benedetto!...

- E ao fim, não é verdade? Sobretudo, poupemos as palavras inúteis. Quem o mandou aqui?

- Ninguém.

- Como soube que estava preso?

- Há muito tempo que te reconheci no elegante insolente que frequentava tão graciosamente a cavalo os Campos Elísios.

- Os Campos Elísios!... Ah, ah, começamos a pôr os trunfos na mesa, como se diz ao jogo!... Os Campos Elísios... Muito bem, falemos um pouco do meu pai, quer?

- E que sou eu?

- O senhor, meu caro, é o meu pai adotivo... Mas calculo que não foi o senhor que dispôs a meu favor de uma centena de milhar de francos que devorei em quatro ou cinco meses; nem o senhor que me arranjou um pai italiano e fidalgo; nem o senhor que me fez entrar na sociedade e me convidou para certo jantar que julgo saborear ainda. Em Auteuil, com a melhor companhia de Paris e certo procurador régio de que fiz muito mal não cultivar a amizade, que me seria agora tão útil neste momento; nem o senhor, enfim, quem me caucionou por um

ou dois milhões quando me aconteceu o acidente fatal que levou à descoberta da marosca... Vamos, fale, respeitável corso, fale...

- Que quer que te diga?

- Eu o ajudo. Há pouco referiu-se aos Campos Elísios, meu digno pai adotivo.

- E depois?

- E depois ... nos Campos Elísios reside um cavalheiro muito, muito rico...

- Em casa de quem roubou e assassinou, não é verdade?

- Creio que sim.

- O Sr. Conde de Monte-Cristo?

- Foi o senhor que lhe citou o nome, como diz o Sr. Racine... Bom, devo lançar-me nos seus braços, aperta-lo muito ao peito e gritar: “meu pai! Meu pai!", como diz o Sr. Pixerecourt?

- Deixemos de gracejos - replicou gravemente Bertuccio - e que semelhante nome não seja pronunciado aqui como te atreveste a pronunciá-lo.

- Ora, ora! - exclamou Andrea, um pouco aturdido com a solenidade de Bertuccio. - Por que não?

- Porque a pessoa que usa esse nome está demasiado nas boas graças do céu para ser o pai de um miserável como você.

- Oh, lá vêm as grandes palavras!...

- E de grandes efeitos, se não se acautelar!

- Ameaças!... Não as temo. Direi...

- Julga que está lidando com pigmeus da tua espécie? - perguntou Bertuccio num tom tão calmo e com um olhar tão firme que Andrea ficou perturbado até ao fundo das entranhas. - Julga que está lidando com os teus habituais companheiros das galés ou com os papalvos da sociedade?... Benedetto, está em poder de uma mão terrível, mão que quer se abrir em seu proveito; aproveita a oportunidade. Não brinque com o raio
que ela largou por um instante, mas em que pode voltar a pegar se tentar prejudicar-lhe a liberdade de movimentos.

- O meu pai... quero saber quem é o meu pai - insistiu o teimoso. - Morrerei por isso, se for preciso, mas o saberei. Que me interessa a mim o escândalo, o bem... a reputação... a fama... como diz Beauchamp, o jornalista? Mas vocês, gente da alta, têm sempre alguma coisa a perder com o escândalo, apesar dos seus milhões e dos seus títulos nobiliárquicos... Portanto, quem é o meu pai?

- Vim aqui para lhe dizer.

- Sim?! - exclamou Benedetto com os olhos cintilantes de alegria.

Neste momento a porta abriu-se e o carcereiro dirigiu-se a Bertuccio:

- Perdão, senhor, mas o juiz de instrução espera o preso.

- É o encerramento do meu interrogatório - disse Andrea ao digno intendente. - Ao diabo o importuno!

- Voltarei amanhã - disse Bertuccio.

- Pois sim - respondeu Andrea. - Sr. guarda, estou à sua disposição... Ah, querido senhor, deixe uma dezena de escudos na mesa para que me forneçam aqui o que precisar!

- Assim farei - respondeu Bertuccio.

Andrea estendeu-lhe a mão. Bertuccio conservou a sua na algibeira e

limitou-se a fazer soar algumas moedas de prata.

- Era o que queria dizer - declarou Andrea, esboçando um sorriso, que mais parecia uma careta, mas completamente subjugado pela estranha tranquilidade de Bertuccio.

“Ter-me-ei enganado?", pensou ao subir para a carruagem oblonga e gradeada a que os presos chamavam a Ramona. “Veremos... "

- Então, até amanhã! - gritou, virando-se para Bertuccio.

- Até amanhã! - respondeu o intendente.

capítulo CVIII

O juiz

Lembramos que o abade Busoni ficara sozinho com Noirtier no quarto mortuário e que o velho e o padre se tinham constituído guardas do corpo da jovem.

Talvez as exortações cristãs do abade, talvez a sua suave caridade ou talvez a sua palavra persuasiva tivessem restituído a coragem ao velho; porque a partir do momento em que pudera conferenciar com o padre, em vez do desespero que se apoderara dele inicialmente, tudo em Noirtier denotara uma grande resignação e uma calma deveras surpreendente para todos aqueles que se recordavam da profunda afeição que dedicava a Valentine.

O Sr. de Villefort não tornara a ver o velho desde a manhã do falecimento. Toda a casa fora renovada: Villefort contratara novo criado de quarto para si e outro criado para Noirtier; ao serviço da Sra de Villefort tinham entrado duas novas criadas; todos, incluindo o porteiro e o cocheiro, ofereciam de novo caras que se tinham interposto por assim dizer entre os diversos patrões da casa maldita e interceptado as relações já bastante frias que existiam entre eles. De resto, os tribunais abriam dentro de três dias e Villefort, encerrado no seu gabinete, prosseguia com febril atividade a elaboração do processo contra o assassino de Caderousse. Este caso, como todos aqueles com que o conde de Monte-Cristo se encontrava relacionado, dera muito que falar na alta sociedade parisiense. As provas não eram convincentes, pois baseavam-se
em algumas palavras escritas por um forçado moribundo, antigo companheiro de galés do acusado, ao qual poderia querer incriminar por ódio ou por vingança. Somente a convicção do magistrado se encontrava formada: o procurador régio acabara por adquirir essa temível convicção e para ele Benedetto era culpado e, custasse o que custasse, havia de tirar dessa vitória difícil uma dessas satisfações de amor-próprio que só
por si revelavam um pouco de que fibra era feito o seu coração insensível

O processo ia pois sendo instruído graças ao trabalho incessante de Villefort, que queria abrir com ele o próximo período judicial. Isso obrigara-o a isolar-se mais do que nunca, para não ter de responder à quantidade prodigiosa de pedidos que lhe dirigiam para obter bilhetes de audiência.

E depois passara tão pouco tempo desde que a pobre Valentine fora

sepultada. a dor da família era ainda tão recente que ninguém se admirava de ver o pai tão severamente absorto no seu dever, isto é, na única distração que podia encontrar para o seu desgosto.

Apenas uma vez, no dia seguinte àquele em que Benedetto recebera a visita de Bertuccio, na qual este lhe deveria indicar o nome do pai, apenas uma vez, no dia seguinte a esse, que era um domingo, uma única vez, insistimos, Villefort vira o pai.

Fora num momento em que o magistrado, cansadíssimo, descera ao jardim do palácio, e sombrio, curvado a um pensamento implacável, qual Tarquínio abatendo com a sua chibata as papoulas mais altas, abatia com a bengala as longas hastes das malvas-rosas que se erguiam ao longo das alamedas como os espectros dessas flores tão brilhantes na estação que acabava de terminar.

Já por mais de uma vez chegara ao fundo do jardim, ou seja, ao famoso portão que dava para o recinto abandonado, voltando sempre pela mesma alameda e retomando o passeio com o mesmo passo e a mesma atitude, quando olhara maquinalmente para casa, na qual ouvia brincar ruidosamente o filho vindo do colégio para passar o domingo e a segunda-feira junto da mãe.

Nesse momento viu a uma das janelas abertas o Sr. Noirtier, que fizera rodar até ali a sua poltrona a fim de fruir os últimos raios de um Sol ainda quente que vinham saudar as flores moribundas dos volúveis e as folhas avermelhadas das vinhas-virgens que atapetavam a varanda.

O olhar do velho cravara-se, por assim dizer, num ponto que Villefort só distinguia imperfeitamente. Mas esse olhar de Noirtier era tão rancoroso, tão feroz, tão ardente de impaciência, que o procurador régio, habituado a captar todas as impressões daquele rosto, que conhecia tão bem, se afastou da linha que percorria para ver quem era a pessoa que o velho observava assim.

Viu então, debaixo de um maciço de tílias com os ramos já quase desguarnecidos, a Sra de Villefort, que, sentada com um livro na mão, interrompia de vez em quando a leitura para sorrir ao filho ou devolver-lhe a bola de borracha que ele atirava obstinadamente da sala para o jardim.

Villefort empalideceu, pois sabia o que queria o velho. Noirtier não tirava os olhos do mesmo alvo, mas, de súbito, o seu olhar desviou-se da mulher para o marido, e o próprio Villefort teve de suportar o ataque daqueles olhos fulminantes que, ao mudarem de alvo, mudaram também de linguagem, sem no entanto perderem nada da sua expressão ameaçadora.

A Sra de Villefort, alheia a todas aquelas paixões, cujos fogos cruzados lhe passavam por cima da cabeça, segurava naquele momento a bola do filho, ao qual fazia sinal para a vir buscar com um beijo. Mas Edouard fez-se rogar longamente. O mais provável era que a carícia maternal lhe não parecesse recompensa suficiente para o incômodo que ia ter. Por fim decidiu-se, saltou da janela para o meio de um canteiro de
heliotrôpios e rainhas-margaridas e correu para a Sra de Villefort com a testa coberta de suor. A Sra de Villefort limpou-a, pousou os lábios naquele marfim úmido e mandou o garoto embora com a bola numa das mão e um punhado de bombons na outra.

Levado por invencível atração, tal como o passarinho , atraído pela serpente, Villefort aproximou-se de casa. À medida que se aproximava, o olhar de

Noirtier baixava-se para segui-lo, e o fogo das suas pupilas parecia adquirir tal grau de incandescência que Villefort se sentia devorado por ele até ao fundo do coração. Com efeito, lia-se naquele olhar uma cruel censura, ao mesmo tempo que uma terrível ameaça. Então, as pálpebras e os olhos de Noirtier ergueram-se ao céu, como se recordasse ao filho um juramento esquecido.

- Está bem, senhor - replicou Villefort de baixo, do pátio -, está bem! Tenha paciência durante mais um dia. O que disse está dito.

Noirtier pareceu acalmar-se com estas palavras e os seus olhos viraram-se com indiferença para outro lado. Villefort desabotoou violentamente a sobrecasaca que o sufocava, passou a mão lívida pela testa e regressou ao seu gabinete.

A noite passou-se fria e tranquila; todas as pessoas se deitaram e dormiram como de costume naquela casa. Apenas, também como de costume, Villefort não se deitou ao mesmo tempo que os outros e trabalhou até às cinco da manhã, a rever os últimos interrogatórios feitos na véspera pelos magistrados instrutores, a compulsar os depoimentos das testemunhas e a burilar o seu libelo acusatório, um dos mais enérgicos e habilmente concebidos que até então redigira.

Era no dia seguinte, segunda-feira, que se devia realizar a primeira audiência. Villefort viu despontar esse dia baço e sinistro e a sua claridade acinzentada fez brilhar no papel as linhas traçadas a tinta vermelha. O magistrado adormecera um instante, enquanto o candeeiro dava os últimos suspiros. As crepitações da torcida acordaram-no, com os dedos úmidos e avermelhados como se os tivesse mergulhado em sangue.

Abriu a janela. Uma grande faixa alaranjada atravessava ao longe o céu e cortava em dois os álamos esguios que se perfilavam a negro no horizonte. No campo de luzerna, do outro lado do portão dos castanheiros, uma cotovia subia no céu, emitindo o seu canto claro e matinal.

O ar úmido do amanhecer inundou a cabeça de Villefort e refrescou-lhe a memória.

- Será hoje - disse com esforço. - Hoje, o homem que vai empunhar o gládio da justiça deve ferir onde quer que se encontrem os culpados.

O seu olhar dirigiu-se então, mal-grado seu, para a janela de Noirtier, que se projetava em ângulo reto, para a janela onde vira o velho na véspera.

O cortinado estava corrido.

E no entanto a imagem do pai estava-lhe de tal modo presente que se dirigiu à janela fechada como se estivesse aberta e visse ainda o velho ameaçador.

- Sim - murmurou --, sim, pode estar tranquilo!

A cabeça descaiu-lhe para o peito e com ela assim inclinada deu alguns passos no gabinete. Por fim; atirou-se vestido para cima de um canapé, menos para dormir do que para descontrair os membros insensibilizados pela fadiga e pelo frio, que lhe penetrara até à medula dos ossos.

Pouco a pouco todos se levantaram. Do seu gabinete, Villefort ouviu o sucessivos ruídos que constituíam por assim dizer a vida da casa: as portas maciças em movimento, o toque da campainha da Sra de Villefort a chamar a sua criada de quarto, os primeiros grilos do garoto, que se levantava alegre como nos levantamos habitualmente na sua idade. Villefort tocou por seu turno. o seu novo

criado de quarto entrou e entregou-lhe os jornais.

Juntamente com os jornais trouxe uma xícara de chocolate.

- Que me traz aí? - perguntou Villefort.

- Uma xícara de chocolate.

- Não a pedi. Quem tomou essa decisão por mim?

- A senhora. Disse-me que o senhor falaria decerto muito hoje, nesse caso de assassínio, e que necessitava recuperar forças.

E o criado pôs em cima da mesa colocada junto do canape - mesa, como todas as outras, carregada de papéis - a xícara de prata dourada

Depois, saiu.

Villefort olhou um instante a xícara, com ar sombrio, e depois, de súbito, pegou-lhe com um gesto nervoso e bebeu de um só trago a beberagem que continha. Diria esperar que a beberagem fosse mortal e que procurava a morte para o libertar de um dever que lhe ordenava coisa muito mais difícil do que morrer. Depois levantou-se e passeou no gabinete com uma espécie de sorriso, que seria terrível de ver se alguém o
visse. O chocolate era inofensivo e o Sr. de Villefort não experimentou nada.

Chegada a hora do almoço, o Sr. de Villefort não apareceu à mesa. O criado de quarto voltou a entrar-lhe no gabinete.

- A senhora manda prevenir o senhor de que acabam de dar onze horas e a audiência está marcada para o meio-dia.

- E depois? - perguntou Villefort.

- A senhora arranjou-se, está pronta, e pergunta se pode acompanhar o senhor.

- Onde?

- Ao palácio da Justiça.

- Para quê?

- A senhora diz que gostaria muito de assistir à audiência.

- Ah, ela disse isso?! - exclamou Villefort num tom quase assustador.

O criado recuou um passo e sugeriu:

- Se o senhor deseja ir só, eu vou dizer à senhora.

Villefort ficou um instante calado, cravava as unhas no rosto, em que sobressaía a barba, de um negro de ébano.

- Diga à senhora - respondeu por fim - que desejo falar-lhe e que lhe peço que me espere nos seus aposentos.

- Sim, senhor.

- Depois volte para me barbear e vestir.

- Imediatamente.

O criado de quarto saiu e, de fato, voltou pouco depois para barbear Villefort e vesti-lo solenemente de preto.

Quando terminou informou:

- A senhora disse que esperaria o senhor assim que o senhor acabasse de se vestir.

- Vou já.

E Villefort, com os processos debaixo do braço e o chapéu na mão, dirigiu-se para os aposentos da mulher. A porta parou um instante e enxugou com o lenço o suor que lhe brotava da fronte lívida.

Depois empurrou a porta.

A Sra de Villefort estava sentada numa otomana a folhear com impaciência jornais e brochuras que o jovem Edouard se entretinha a rasgar ainda antes de a mãe ter tempo de acabar de os ler. Encontrava-se completamente vestida para sair. O chapéu esperava-a pousado numa poltrona. Já calçara as luvas.

- Até que enfim, senhor! - exclamou, na sua voz natural e calma. - Meu Deus, como está pálido, senhor! Trabalhou toda a noite? Porque não foi almoçar conosco? Então, leva-me consigo ou vou sozinha com Edouard?

A Sra de Villefort multiplicou, como se vê, as perguntas para obter uma resposta; mas a todas as suas perguntas o Sr. de Villefort ficou frio e mudo como uma estátua.

- Edouard - disse Villefort, cravando no garoto um olhar imperioso -, vá brincar na sala, meu amigo, pois preciso falar com a sua mãe.

Ao ver esta atitude fria, este tom resoluto, estes preparativos preliminares estranhos, a Sra de Villefort
estremeceu. Edouard levantara a cabeça e olhara para a mãe. Depois, vendo que ela não confirmava a ordem do Sr. de Villefort, dedicara-se a cortar a cabeça dos seus soldados de chumbo.

- Edouard! - gritou o Sr. de Villefort tão asperamente que o garoto deu um salto no tapete. - Não me ouviu? Saia!

O pequeno, muito pouco habituado a ser tratado assim, levantou-se e empalideceu. Seria no entanto difícil de dizer se de cólera ou de medo. O pai foi ao seu encontro, agarrou-o por um braço e beijou-o na testa.

- Vá, meu filho, vá!...

Edouard saiu.

O Sr. de Villefort, dirigiu-se para a porta e fechou-a atrás do filho. Em seguida correu o fecho.

- Meu Deus! - exclamou a jovem senhora, olhando o marido até ao fundo da alma e esboçando um sorriso que a impassibilidade de Villefort lhe gelou nos lábios. - Que se passa?

- Minha senhora, onde guarda o veneno de que se serve habitualmente? - perguntou sem rodeios o magistrado, colocado entre a mulher e a porta.

A Sra de Villefort experimentou o que deve experimentar a cotovia quando vê o milhafre apertar por cima da sua cabeça os seus círculos mortais. Um som rouco, quebrado, que não era nem um grito nem um
suspiro, escapou-se do peito da Sra de Villefort, que empalideceu até à lividez.

- Senhor, não... não compreendo...

E como se tinha levantado num paroxismo de terror, num segundo paroxismo, mais forte sem dúvida do que o primeiro, deixou-se cair novamente no sofá.

- Perguntei-lhe - continuou Villefort em voz perfeitamente calma - em que lugar escondia o veneno com que matou o meu sogro, Sr. de Saint-Méran, a minha sogra, Barrois e a minha filha, Valentine.

- Meu Deus, que diz o senhor?! -- gritou a Sra de Villefort, juntando as mãos.

- Não lhe cabe interrogar-me, mas sim responder.

- Ao marido ou ao juiz? - balbuciou a Sra de Villefort.

- Ao juiz, minha senhora! Ao juiz!

Era um espetáculo medonho ver a palidez da mulher, a angústia do seu olhar, a tremura de todo o seu corpo.

- Senhor!... - murmurou. - Ah, senhor!... - foi tudo quanto disse.

- Não me respondeu, senhora! - gritou o terrível inquiridor.

Depois, acrescentou, com um sorriso ainda mais assustador do que a sua cólera:

- É verdade, pois nem se atreve a negá-lo!

A mulher esboçou um gesto. Villefort prosseguiu, estendendo a mão para ela como se a fosse prender em nome da justiça:

- Nem poderia negá-lo! A senhora cometeu esses vários crimes com impudente habilidade, mas que só poderia enganar as pessoas dispostas, devido à sua afeição, a deixarem-se cegar a seu respeito. Desde a morte da Sra de Saint-Méran que sabia existir um envenenador em minha casa; o Sr. de Avrigny avisara-me. Depois da morte de Barrois - Deus me perdoe! - as minhas suspeitas incidiram sobre alguém, sobre
um anjo! As minhas suspeitas, que, mesmo quando não existe crime, estão constantemente despertas no fundo do meu coração. Mas depois da morte de Valentine deixei de ter dúvidas, minha senhora, e não fui só eu que deixei de as ter, o mesmo aconteceu com outras pessoas. Assim o seu crime,é agora conhecido por duas pessoas e suspeitado por diversas, vai tornar-se público; e como lhe dizia há pouco, minha senhora,
já não é um marido que lhe fala, é um juiz!

A jovem senhora escondeu o rosto nas mãos.

- Oh, senhor, suplico-lhe que não acredite nas aparências!... - balbuciou.

- Será covarde? - perguntou Villefort em tom de desprezo. - Com efeito, sempre notei que os envenenadores eram covardes. Será covarde, a senhora que teve a horrível coragem de ver expirar diante de si dois velhos e uma jovem, assassinados por si?

- Senhor! Senhor!

- Será covarde - continuou Villefort, com crescente exaltação -, a senhora que contou um a um os minutos de quatro agonias, que imaginou os seus planos infernais e preparou as suas beberagens infames com uma habilidade e uma precisão tão miraculosas? A senhora, que tão bem calculou tudo, terá se
esquecido de calcular uma única coisa, isto é, aonde podia levá-la a revelação dos seus crimes? Oh, é impossível, e decerto guardou algum veneno mais suave, mais sutil e mais mortífero do que os outros para escapar ao castigo que lhe era devido!... Espero que ao menos tenha feito isso.

A Sra de Villefort torceu as mãos e caiu de joelhos.

- Bem sei... bem sei que confessa - prosseguiu o marido. - Mas a confissão feita a juízes, a confissão feita no último momento, a confissão feita quando já não se pode negar, essa confissão não diminui em nada o castigo que eles infligem ao culpado.

- O castigo! -- gritou a Sra de Villefort. - O castigo! É a segunda vez que o senhor pronuncia essa palavra...

- Sem dúvida. Seria por ser quatro vezes culpada que julgara escapar-lhe? Seria por ser a mulher daquele que reclama o castigo que se convenceu de que o

castigo não a atingiria? Não, minha senhora, não! Seja ela quem for, o cadafalso espera a envenenadora, sobretudo se, como lhe dizia há pouco, a envenenadora não teve o cuidado de conservar para si algumas gotas do seu veneno mais seguro.

A Sra de Villefort soltou um grito selvagem e um terror medonho e incontível invadiu-lhe as feições descompostas.

- Oh, não receie o cadafalso, minha senhora! - disse o magistrado. - Não quero desonrá-la, porque isso seria desonrar a mim mesmo. Não, pelo contrário, se me ouviu bem, deve ter compreendido que não pode morrer no cadafalso.

- Não, não compreendi. Que queria dizer? - balbuciou a pobre mulher, completamente aterrada.

- Queria e quero dizer que a mulher do primeiro magistrado da capital não conspurcará com a sua infâmia um nome sem mácula, nem desonrar ao mesmo tempo o marido e o filho.

- Não! Oh, não!

- Pois bem, minha senhora, será uma boa ação da sua parte, uma boa ação que lhe agradeço.

- Agradece-me?... E o quê?

- O que acaba de dizer.

- Que disse eu? Estou de cabeça perdida; já não compreendo nada. Meu Deus! Meu Deus!

E levantou-se, com o cabelo em desalinho e os lábios espumantes.

- Respondeu à pergunta que lhe fiz quando entrei aqui. Lembra-se que lhe perguntei onde estava o veneno de que se servia habitualmente, minha senhora?

A Sra de Villefort ergueu os braços ao céu e apertou convulsivamente as mãos uma na outra.

- Não! Não! - vociferou. - Não, o senhor não pode querer isso!

- O que não quero, senhora, é que morra num cadafalso, entende? - perguntou Villefort.

- Oh, senhor, perdão!

- O que quero é que seja feita justiça. Estou no mundo para castigar, senhora - acrescentou ele com um olhar chamejante. - A qualquer outra mulher, ainda que fosse uma rainha, a mandaria ao carrasco; mas consigo serei misericordioso. A si digo-lhe: “não é verdade, minha senhora, que guardou algumas gotas do seu veneno mais suave, mais rápido e mais seguro?"

- Oh, perdoe, senhor, deixe-me viver!

- Covarde! - gritou Villefort.

- Lembre-se de que sou sua mulher!

- O que é, é uma envenenadora!

- Em nome do céu!...

- Não!

- Em nome do amor que teve por mim!...

- Não, não!

- Em nome do nosso filho! Ah, pelo nosso filho, deixe-me viver!

- Não, não e não, já disse! Um dia, se a deixasse viver, talvez o matasse também, como aos outros.

- Eu matar o meu filho?! - gritou aquela mãe selvagem correndo para

Villefort. - Eu, matar o meu Edouard?!... Ah, ah!

E um riso horrível, um riso de demônio, um riso de louca concluiu a frase e terminou num estertor cruel.

A Sra de Villefort caíra aos pés do marido. Villefort aproximou-se dela.

- Tome bem nota disto, senhora: se no meu regresso não estiver feita justiça, a denunciarei por minha própria boca e a prenderei por minhas próprias mãos.

Ela escutava palpitante, abatida, esmagada; só o olhar vivia nela e alimentava um fogo terrível.

- Ouviu o que disse - prosseguiu Villefort. - Vou ao tribunal pedir a pena de morte para um assassino... Se no regresso a encontrar viva, dormirá esta noite na Conciergerie.

A Sra de Villefort soltou um suspiro; os nervos distenderam-lhe e caiu desamparada no tapete.

O procurador régio pareceu esforçar um gesto de piedade, olhou-a com menos severidade e inclinou-se ligeiramente diante dela.

- Adeus, minha senhora, adeus! - disse devagar.

Este adeus caiu como o cutelo mortal sobre a Sra de Villefort, que perdeu os sentidos.

O procurador régio saiu e fechou a porta à chave.

Capítulo CIX

No tribunal

O caso Benedetto, como se dizia então no palácio da Justiça e na sociedade, produzira enorme sensação. Frequentador assíduo do Caf, de Paris, do Bulevar de ganda e do Bosque de Bolonha, o falso Cavalcanti fizera inúmeros conhecimentos enquanto estivera em Paris e durante os dois ou três meses que durara o seu esplendor. Os jornais tinham contado as diversas fases da existência do réu, tanto na sua vida elegante como na sua vida de forçado, e dai resultara a mais viva curiosidade, sobretudo por parte daqueles que tinham conhecido pessoalmente o príncipe Andrea Cavalcanti. Por isso, estavam decididos a arriscar tudo para irem ver no banco dos réus o Sr. Benedetto, o assassino do seu camarada de grilheta.

Para muita gente, Benedetto era, senão uma vitima, pelo menos alvo de um erro da justiça. Houvera quem visse o Sr. Cavalcanti pai em Paris e esperasse vê-lo aparecer de novo para defender o seu ilustre rebento. Muitas pessoas que nunca tinham ouvido falar da famosa polaca com a qual se apresentara
em casa do conde de Monte-Cristo tinham ficado impressionadas com o ar digno, com a fidalguia e com a experiência da sociedade que mostrara o velho patrício, o qual, deve-se dizê-lo, parecia um perfeito cavalheiro quando não abria a boca nem se entregava a exercícios de aritmética.

Quanto ao próprio réu, muita gente se lembrava de o ter visto tão amável, tão belo e tão pródigo que preferia acreditar em qualquer maquinação da parte de

um inimigo, espécie que abunda neste mundo, onde as grandes fortunas elevam os meios de fazer o mal e o bem à altura do maravilhoso e o poder à altura do inaudito.

Todos acorreram portanto à audiência, uns para saborear o espetáculo, outros para o comentar. Desde as sete da manhã que havia fila no portão, e uma hora antes da abertura da audiência a sala já estava cheia de privilegiados.

Antes da entrada dos juízes, e mesmo muitas vezes depois, uma sala de audiência assemelha-se muito, nos dias de julgamento de causas importantes, a um salão onde numerosas pessoas se reconhecem e cumprimentam quando estão suficientemente perto umas das outras para não perderem os seus lugares, e se fazem sinais quando estão separadas por excessivo número de populares, advogados e guardas.

Estava um magnífico dia de Outono, daqueles que nos compensam por vezes de um Verão ausente ou curto. As nuvens que o Sr. de Villefort vira de manhã encobrir o Sol nascente tinham-se dissipado como que por magia e deixavam brilhar em toda a sua pureza um dos últimos e mais suaves dias de Setembro.

Beauchamp, um dos reis da imprensa, e que, por consequência, tinha o seu trono em toda a parte, olhava para a direita e para a esquerda. Viu Château-Renaud e Debray, que acabavam de conquistar as boas graças de um polícial e o tinham convencido a pôr-se atrás deles em vez de à frente, como era seu direito. O digno agente farejara o secretário do ministro e o milionário; mostrou-se portanto cheio de atenções para com os seus nobres vizinhos e até lhes permitiu irem cumprimentar Beauchamp, prometendo guardar-lhes os lugares.

- Então, vamos ver o nosso amigo? - perguntou Beauchamp.

- Sim, é verdade, meu Deus! - respondeu Debray. - O digno príncipe!... Que o diabo leve os príncipes italianos!

- Um homem que tivera Dante como genealogista e remontava a A Divina Comédia!

- Na nobreza de corda - observou fleumaticamente Château-Renaud.

- Será condenado, claro? - perguntou Debray a Beauchamp.

- Oh, meu caro, é a si, parece-me, que se deve perguntar isso! - respondeu o jornalista. - Conhece melhor do que nós o ambiente do ministério... Viu o juiz-presidente na última festa do seu ministro?

- Vi.

- Que lhe disse ele?

- Uma coisa que o vai admirar.

- Nesse caso, diga depressa, meu caro amigo, pois há muito tempo que me não dizem nada desse gênero.

- Bom, disse-me que Benedetto, considerado um fênix de subtileza, um gigante de astúcia, não passa de um vigarista muito subalterno e simplório, e absolutamente indigno das experiências que se farão depois da sua morte com os seus órgãos frenológicos.

- Ora, ora! - exclamou Beauchamp. - No entanto, desempenhava muito aceitavelmente o papel de príncipe.

- Para si, Beauchamp, que detesta os pobres príncipes e que fica encantado quando os apanha em falta; mas para mim, que farejo instintivamente

um gentil-homem e “levanto" uma família aristocrática, seja ela qual for, como um perdigueiro levanta a caça.

- Portanto, nunca acreditou no seu principado?

- No seu principado, sim; que ele fosse príncipe, não.

- Bem achado! Garanto-lhe no entanto que para qualquer outra pessoa podia passar perfeitamente por príncipe... Vi-o na casa dos ministros.

- Sim, claro - interveio Château-Renaud. - Mas atendendo ao que os ministros percebem de príncipes...

- Há muita verdade no que acaba de dizer, Château-Renaud - declarou Beauchamp, desatando a rir. - A frase é curta, mas agradável. Peço-lhe licença para a utilizar nos meus artigos.

- Utilize-a, meu caro Sr. Beauchamp, utilize-a - respondeu Château-Renaud. - Dou-lhe a minha frase pelo que ela vale.

- Mas se eu falei com o juiz - Presidente, você deve ter falado com o procurador régio, não? - perguntou Debray a Beauchamp.

- Impossível. Há oito dias que o Sr. de Villefort se fecha em casa, o que é muito natural, atendendo à série estranha de desgostos familiares, coroada com a morte misteriosa da filha...

- A morte misteriosa da filha?... Que quer dizer com isso, Beauchamp?

- Pois sim, arme em ignorante a pretexto de que o caso se passou com a nobreza de toga - perguntou Beauchamp, aplicando o monóculo no olho e obrigando-o a segurar-se sozinho.

- Meu caro senhor - disse Château-Renaud --, permita-me que lhe diga que para usar monóculo não possui a prática de Debray. Debray, dê umas lições ao Sr. Beauchamp.

- Vejam, creio que não me engano... - disse este último.

- Em quê?

- É ela.

- Ela, quem?

- Diziam que partira...

- Mademoiselle Eugénie? - perguntou Château-Renaud. - já terá regressado?

- Não, mas sim a mãe.

- A Sra Danglars?

- Impossível! - exclamou Château-Renaud. - Dez dias depois da fuga da filha e três dias depois da falência do marido!

Debray corou ligeiramente e seguiu a direção do olhar de Beauchamp.

- Então, então!... - protestou. - É uma mulher velada, uma dama desconhecida, alguma princesa estrangeira, talvez a mãe do príncipe Cavalcanti... Mas você dizia, ou antes ia dizer coisas muito interessantes, parece-me, Beauchamp.

- Eu?

- Sim. Falava da morte misteriosa de Valentine.

- Ah, sim, é verdade! Mas por que motivo não veio a Sra de Villefort?

- Pobre mulher! - disse Debray. - está sem dúvida ocupada a destilar água de melissa para os hospitais e a compor cosméticos para ela e para as amigas. Como sabem, gasta nessa brincadeira dois ou três mil escudos por ano, segundo

dizem. Mas de fato você tem razão: por que não terá vindo a Sra de Villefort? A veria com muito prazer. É uma mulher de quem gosto muito.

- Pois eu a detesto - disse Château-Renaud.

- Porquê?

- Não sei. Por que se ama? Por que se detesta? Detesto-a por antipatia.

- Ou por instinto, como sempre.

- Talvez... Mas voltemos ao que dizia, Beauchamp.

- Bom - prosseguiu o interpelado --, não têm curiosidade de saber, meus senhores, por que motivo se morre tão abundantemente em casa de Villefort?

- Abundantemente é bonito - comentou Château-Renaud.

- Meu caro, a palavra encontra-se em Saint-Simon.

- Mas a coisa passa-se na casa do Sr. de Villefort. Voltemos portanto a ela.

- Confesso - disse Debray - que há três meses não perco de vista essa casa, desde que o luto entrou nela, e ainda anteontem, a propósito de Valentine, a senhora me dizia...

- Qual senhora? - perguntou Château-Renaud.

- A mulher do ministro, apre!

- Ah, perdão! - desculpou-se Château-Renaud. - Não frequento a casa dos ministros, deixo isso aos príncipes.

- O senhor não e apenas belo, barão, é também resplandecente. Tenha piedade de nós ou ainda acaba por nos queimar, qual outro Júpiter.

- Não direi mais nada - declarou Château-Renaud. - Mas que diabo tenham compaixão de mim, não me dêem a deixa.

- Então, procuremos chegar ao fim do nosso diálogo, Beauchamp. Dizia-lhe que a senhora me pedia anteontem informações a tal respeito. Informe-me e eu a informarei...

- Bom, meus senhores, se se morre tão abundantemente (mantenho a palavra) em casa de Villefort é porque há um assassino na casa!

Os dois jovens estremeceram, pois já por mais de uma vez lhes ocorrera a mesma idéia.

- E quem é o assassino? - perguntaram

- O pequeno Edouard.

Uma gargalhada dos dois rapazes não perturbou absolutamente nada o orador, que continuou:

- Sim, meus senhores, o pequeno Edouard, criança fenomenal, que mata já como gente grande.

- Está brincando...

- De modo nenhum. Admiti ontem um criado saído de casa do Sr. de Villefort. Ouçam isto...

- Estamos ouvindo.

- E que vou despedir amanhã, porque o indivíduo come como uma frieira para se recompor do jejum de terror que se impunha em casa do anterior patrão. Mas dizia eu... Ah, sim! Parece que o querido menino deitou a mão a um frasco de qualquer droga, que utiliza de vez em quando contra aqueles que lhe desagradam. Primeiro foi o avozinho e a avozinha de Saint-Méran. que lhe desagradaram, e ele deitou-lhes três gotas do seu elixir: três gotas bastam; depois foi o simpático Barrois, velho criado do avozinho Noirtier, que de vez em quando tratava com

rispidez o amável garoto. Vai dai, o amável garoto deitou-lhe três gotas do seu elixir. O mesmo aconteceu à pobre Valentine, que não o tratava com maus modos, mas de quem ele tinha ciúmes: deitou-lhe também três gotas do seu elixir, e tanto para ela como para os outros tudo acabou.

- Mas que diabo de história é essa? - insurgiu-se Château-Renaud.

- Sim, uma história do outro mundo, não é verdade? - observou Beauchamp.

- Isso é absurdo - declarou Debray.

- Pronto, lá estão vocês procurando meios dilatórios! Que diabo, perguntem ao meu criado, ou antes àquele que amanhã já não será meu criado: era o que se dizia lá em casa.

- Mas esse elixir, onde está? Qual é?

- Com a breca, o garoto esconde-o!

- E onde o arranjou?

- No laboratório da senhora sua mãe.

- A mãe tem portanto venenos no seu laboratório?

- Sei l ! Vocês fazem-me perguntas de procurador régio. Eu repito o que me disseram e mais nada. Cito-lhes o meu autor: é tudo quanto posso fazer. O pobre-diabo já não comia de susto!

- É incrível!

- Mas não, meu caro, não tem nada de incrível! Não viram, o ano passado, aquele garoto da Rua de Richelieu que se entretinha matando os irmãos e as irmãs espetando-lhes um alfinete no ouvido enquanto dormiam? A geração que nos segue é muito precoce, meu caro.

- Meu amigo, aposto que não acredita numa única palavra do que acaba de nos contar... - disse Château-Renaud. - Mas não vejo o conde de Monte-Cristo... Como é que não está aqui?

- Está muito chocado - informou Debray. - Aliás, não querer aparecer diante de toda a sociedade depois de ser enganado pelos Cavalcanti, que, ao que parece, se lhe apresentaram com falsas cartas de recomendação. Resultado: ficou com uma hipoteca de uma centena de milhar de francos sobre o principado...

- A propósito, Sr. de Château-Renaud, como está Morrel? - perguntou Beauchamp.

- Procurei-o por três vezes em sua casa e não o encontrei - respondeu o gentil-homem. - Mas a irmã não me pareceu nada preocupada e até me disse com um ar muito descontraído que também não o via há dois ou três dias, mas que estava certa de que se encontrava bem.

- Ah, já descobri! O conde de Monte-Cristo não pode estar na sala - disse Beauchamp.

- Porquê?

- Porque é Ator no drama.

- Também assassinou alguém? - perguntou Debray.

- Claro que não. Pelo contrário, foi a ele que quiseram assassinar. Bem sabe que foi ao sair de casa dele que o bom Sr. Caderousse foi assassinado pelo seu amiguinho Benedetto. Também sabe que foi na casa dele que encontraram o famoso colete em que estava a carta que estragou a assinatura do contrato. Está vendo o colete? Está ali, todo ensanguentado, em cima da mesa, como prova de

acusação.

- Muito bem!

- Silêncio, meus senhores! Vem aí o tribunal. Vamos para os nossos lugares!

De fato, ouviu-se um grande barulho no pretório; o polícia chamou os seus dois protegidos com um “pst!" enérgico e o oficial de diligências apareceu à entrada da sala de deliberações e gritou com a voz esganiçada que os oficiais de diligências já tinham no tempo de Beaumarchais:

- O tribunal, meus senhores!

Capítulo CX

O libelo acusatório

Os juízes sentaram-se no meio do mais profundo silêncio; os jurados ocuparam os seus lugares: o Sr. de Villefort, alvo da atenção, e diremos quase da admiração geral, sentou-se de cabeça coberta na sua poltrona e passeou um olhar tranquilo à sua volta.

Todos olhavam com admiração aquela figura grave e severa, sobre cuja impassibilidade os sofrimentos paternais pareciam não ter qualquer influência, e também observavam com uma espécie de terror aquele homem estranho às emoções da humanidade.

- Guardas, tragam o réu! - ordenou o presidente.

Após estas palavras, a atenção do público redobrou e todos os olhares se fixaram na porta por onde Benedetto devia entrar. Em breve essa porta se abriu e o réu apareceu.

A impressão que causou foi a mesma em toda a gente e ninguém se enganou com a expressão da sua fisionomia.

O seu rosto não apresentava sinais dessa emoção profunda que faz refluir o sangue ao coração e descora a testa e as faces. As suas mãos, graciosamente pousadas, uma em cima do chapéu e a outra na abertura do colete de pique branco, não eram agitadas por nenhuma tremura; os seus olhos estavam calmos e até brilhantes. Assim que entrou na sala, o olhar do rapaz começou a percorrer todas as filas dos juízes e da
assistência, e demorou-se mais longamente no presidente e sobretudo no procurador régio.

Ao pé de Andrea sentou-se o seu advogado, advogado oficioso porque Andrea não quisera ocupar-se de tais pormenores, aos quais parecera não ligar nenhuma importância, um homem novo, de cabelo louro-deslavado e cara avermelhada por uma emoção cem vezes mais notória do que a do réu.

O presidente pediu a leitura do libelo acusatório, redigido, como sabemos, pela pena tão hábil como implacável de Villefort. Durante a leitura, que foi longa e que para qualquer outro seria acabrunhante, a atenção pública não cessou de incidir sobre Andrea, que lhe suportou o peso com a grandeza de alma de um espartano.

Talvez Villefort nunca tivesse sido tão conciso nem tão eloquente. O crime era apresentado sob as cores mais vivas; os antecedentes do réu, a sua transfiguração, a filiação dos seus atos desde uma idade bastante tenra, eram deduzidos com o talento que a prática da vida e o conhecimento do coração humano podiam fornecer a um espírito tão elevado como o do procurador régio.

Só com aquele preâmbulo, Benedetto estava para sempre perdido no conceito da opinião pública, que esperava vê-lo punido mais materialmente pela lei.

Andrea não prestou a mais pequena atenção às acusações que sucessivamente se erguiam e desabavam sobre ele. O Sr. de Villefort, que o observava com frequência e que sem dúvida continuava nele os estudos psicológicos que tantas vezes tivera ensejo de fazer nos acusados, o Sr. de Villefort não conseguiu uma só vez obrigá-lo a baixar os olhos, fosse qual fosse a fixidez e a profundidade do seu olhar.

Por fim a leitura terminou.

- Levante-se o réu! Como se chama? - perguntou o presidente.

Andrea levantou-se.

- Perdoe-me, Sr. Presidente - disse numa voz cujo timbre vibrava perfeitamente puro --, mas vejo que vai adotar uma ordem de perguntas em que o não posso seguir. Pretendo justificar mais tarde ser uma exceção aos réus vulgares. Peço-lhe portanto se digne permitir-me responder seguindo uma ordem diferente ou não responderei a nenhuma pergunta.

O presidente, surpreendido, olhou para os jurados, que olharam para o procurador régio. Uma grande surpresa manifestou-se em toda a assembléia, mas Andrea não pareceu nada impressionado com isso.

- A sua idade?-continuou o presidente.- Responde a esta pergunta?

- A essa pergunta, como às outras, responderei, Sr. Presidente, mas na sua vez.

- A sua idade? - repetiu o magistrado.

- Tenho vinte e um anos, ou antes os terei apenas daqui a uns dias, pois nasci na noite de 27 para 28 de Setembro de 1817.

O Sr. de Villefort, que estava tomando um apontamento, levantou a cabeça ao ouvir esta data.

- Onde nasceu? - continuou o presidente.

- Em Auteuil, perto de Paris - respondeu Benedetto.

O Sr. de Villefort levantou segunda vez a cabeça, olhou para Benedetto como se olhasse para a cabeça de Medusa e empalideceu. Quanto a Benedetto, passou graciosamente pelos lábios a ponta
bordada de um lenço de cambraia fina.

- A sua profissão? - perguntou o presidente.

- Primeiro fui falsário - respondeu Andrea com a maior tranquilidade do mundo --, em seguida fui ladrão e muito recentemente tornei-me assassino.

Um murmúrio, ou antes uma tempestade de indignação e surpresa ergueu-se em todos os pontos da sala. Os próprios juízes se entreolharam estupefatos e os jurados manifestaram a maior repugnância por aquele cinismo, tão pouco esperado num homem elegante.

O Sr. de Villefort pôs a mão na testa, que de pálida se tornara vermelha e

fervilhante. De súbito levantou-se e olhou à sua volta como um homem alucinado. Faltava-lhe o ar.

- Procura alguma coisa, Sr. Procurador régio? -- perguntou Benedetto com o seu mais obsequioso sorriso.

O Sr. de Villefort não respondeu e recompôs-se, ou antes voltou a deixar-se cair na sua poltrona.

- Será agora que estará disposto a dizer o seu nome? - perguntou o presidente ao réu. - A afetação brutal com que enumerou os seus vários crimes, que qualificou de confissão, e a espécie de ponto de honra que lhe atribui, coisa por que, em nome da moral e do respeito devido à humanidade, o tribunal o deve repreender severamente, são talvez o motivo que o levaram a não dizer imediatamente o seu nome; quis salientar esse nome com os títulos que o precedem.

- É incrível, Sr. Presidente - perguntou Benedetto, no tom de vez mais gracioso e com as maneiras mais delicadas --, como leu no fundo do meu pensamento. Foi com efeito com esse fim que lhe pedi que invertesse a ordem das perguntas.

O espanto atingira o cúmulo, já não havia nas palavras do réu nem bravata, nem cinismo. Impressionado, o auditório pressentia qualquer raio fulminante no fundo daquela nuvem sombria.

- Pois bem, o seu nome? - perguntou o presidente.

- Não posso lhe dizer o meu nome porque não sei; mas sei o do meu pai e esse posso dizer-lhe.

Um deslumbramento doloroso cegou Villefort; viram-se cair das faces gotas de suor ácidas e rápidas em cima dos papéis que revolvia com mão convulsa e desorientada.

- Diga então o nome do seu pai - prosseguiu o presidente.

Nem uma aragem. Nem um sopro, perturbavam o silêncio da imensa assembléia; todos esperavam.

- O meu pai é procurador régio - respondeu tranquilamente Andrea.

- Procurador régio?! - exclamou com estupefação o presidente, sem notar a transformação que se operava no rosto de Villefort. - Procurador régio?!

- Sim, e uma vez que deseja saber o seu nome, vou dizer-lhe: chama-se Villefort!

A explosão tão longamente contida pelo respeito que em audiência se dispensa à justiça brotou como um trovão do fundo de todos os peitos; o próprio tribunal não pensou em reprimir aquele movimento da multidão. As interjeições e as injúrias dirigidas a Benedetto, que permanecia impassível, os gestos enérgicos, a agitação dos guardas e o riso escarninho da parte lodosa que em todas as assembleias sobe à superfície nos momentos de perturbação e escândalo, tudo isso durou cinco minutos antes que os magistrados e os oficiais de diligências conseguissem restabelecer o silêncio. No meio de todo aquele barulho ouvia-se a voz do presidente, que gritava:

- O réu zomba da justiça e ousa dar aos seus concidadãos o espetáculo de uma corrupção que, numa época que no entanto não deixa nada a desejar a tal respeito, ainda não teve igual!

Dez pessoas afadigavam-se junto do Sr. Procurador régio, semi-esmagado

na sua poltrona, e enchiam-no de palavras de conforto e encorajamento e de protestos de zelo e simpatia. A calma restabelecera-se na sala, excetuando num ponto onde um grupo bastante numeroso se agitava e cochichava.

Dizia-se que uma mulher acabava de desmaiar; tinham-na feito respirar sais e voltara a si.

Durante o tumulto, Andrea virara-se sorridente para o público. Por fim, colocara uma das mãos na balaustrada de carvalho do seu lugar, numa atitude deveras graciosa, e dissera:

- Meus senhores, Deus não permitiria que me atrevesse a insultar o tribunal e a armar na presença do respeitável público um escândalo inútil. Perguntaram me que idade tinha e eu o disse; perguntaram-me onde nasci e eu respondi; perguntaram-me o meu nome e eu não posso dize-lo, porque os meus pais abandonaram-me. Mas posso, sem dizer o meu nome, porque o não sei, dizer o do meu pai. Ora, repito, o meu pai é o Sr. de Villefort e estou pronto a prová-lo.

Havia no tom do jovem uma certeza, uma convicção, uma energia, que reduziram o tumulto ao silêncio. Os olhares dirigiram-se por um momento para o procurador régio, que conservava no seu lugar a imobilidade de um homem que o raio acabasse de transformar em cadáver.

- Meus senhores - continuou Andrea, impondo silêncio com o gesto e com a voz --, devo-lhes a prova e a explicação das minhas palavras.

- Mas - gritou o presidente, irritado - o réu declarou na instrução chamar-se Benedetto, disse ser órfão e deu a Côrsega como sua pátria!

- Disse na instrução o que me conveio dizer na instrução, pois não queria que diminuíssem ou impedissem, o que não deixaria de acontecer, a repercussão solene que pretendia dar às minhas palavras. Agora repito-lhes que nasci em Auteuil na noite de 27 para 28 de Setembro de 1817 e que sou filho do Sr. Procurador régio Villefort. Querem pormenores? Vou dar-lhes.

"Nasci no primeiro andar da casa número 28 da Rua da Fontaine, num quarto forrado de damasco vermelho. O meu pai tomou-me nos braços dizendo à minha mãe que eu estava morto, enrolou-me numa toalha marcada com um H e um N e levou-me para o jardim, onde me enterrou vivo.

Um arrepio percorreu todos os presentes quando viram que a segurança do réu crescia para do pânico do Sr. de Villefort.

- Mas como sabe o réu todos esses pormenores? - perguntou o presidente.

- Vou dizer-lhe, Sr. Presidente. No jardim onde o meu pai acabava de me enterrar introduzira-se naquela mesma noite um homem que o odiava mortalmente e que o perseguia havia muito tempo para se vingar nele à maneira corsa. O homem eslava escondido num maciço, viu o meu pai enterrar qualquer coisa e apunhalou-o no meio dessa operação. Depois, julgando que o que fora enterrado fosse algum tesouro, abriu a cova e encontrou-me ainda vivo. Esse homem levou-me para o Albergue das Crianças Abandonadas, onde me inscreveram sob o número 57. Três meses depois a irmã do meu salvador veio de Rogliano a Paris procurar-me, reclamou-me como seu filho e levou-me. Aqui está como, apesar de nascido em Auteuil, fui criado na Córsega.

Houve um instante de silêncio, mas de um silêncio tão profundo que, sem a

ansiedade que pareciam respirar mil peitos, se julgaria a sala vazia.

- Continue - disse a voz do presidente.

- Claro - prosseguiu Benedetto - que poderia ter sido feliz em casa dessa boa gente, que me adorava. Mas a minha natural perversidade levou a melhor sobre todas as virtudes que a minha mãe adotiva tentou incutir-me. Cresci no mal e cheguei ao crime. Por fim, num dia em que amaldiçoava Deus por me ter feito tão mau e ter-me dado destino tão horrível, o meu pai adotivo disse-me: “Não blasfeme, desgraçado, pois Deus
deu-te a vida sem cólera! O crime vem do teu pai e não de ti; do teu pai que te votou ao Inferno, se morresse, e à miséria, se um milagre te restituísse à vida!" Desde então deixei de blasfemar contra Deus a amaldiçoei o meu pai. Por isso proferi aqui as palavras que me censurou, Sr. Presidente; por isso causei o escândalo que ainda faz tremer esta assembléia. Se se trata de mais um crime, punam-me por ele; mas se estão
convencidos, se consegui convencê-los de que desde o dia do meu nascimento o meu destino era fatal, doloroso, amargo, lamentável, se compadeçam de mim!

- Mas a sua mãe? - perguntou o presidente.

- A minha mãe julgava-me morto; a minha mãe não é de modo algum culpada. Não procurei saber o nome da minha mãe; não a conheço.

Neste momento soou um grito agudo, que terminou num soluço, no meio do grupo que rodeava, como já dissemos, uma mulher. Essa mulher teve um violento ataque de nervos e foi levada do pretório. Enquanto a levavam, o véu espesso que lhe cobria o rosto afastou-se e reconheceu-se a Sra Danglars.

Apesar do acabrunhamento, dos seus sentidos embotados e do zumbido que lhe vibrava aos ouvidos; apesar da espécie de loucura que lhe perturbava o cérebro, Villefort reconheceu-a e levantou-se.

- As provas! As provas! - exigiu o presidente. - Lembre-se o réu de que essa teia de horrores precisa de ser comprovada por provas esmagadoras.

- As provas? - perguntou Benedetto, rindo. - Quer provas?...

- Quero.

- Então olhe para o Sr. de Villefort e depois diga-me se ainda quer que lhe dê provas.

Todos se voltaram para o procurador régio, que, sob o peso de mil olhares cravados em si, avançou para o recinto do tribunal, cambaleante, com o cabelo em desordem e o rosto congestionado devido à pressão das unhas. A assistência em peso soltou um longo murmúrio de espanto.

- Pedem-me provas, meu pai - disse Benedetto. - Quer que as dê?

- Não, não - balbuciou o Sr. de Villefort em voz estrangulada. - Não, é inútil.

- Como, inútil?! - exclamou o presidente. - Que quer dizer?

- Quero dizer - perguntou o procurador régio - que me debato em vão sob a pressão mortal que me esmaga, senhores; estou, reconheço-o, na mão do Deus vingador. Nada de provas; não são necessárias. Tudo o que este rapaz acaba de dizer é verdade!

Um silêncio sombrio e pesado como o que precede as catástrofes da natureza envolveu no seu manto de chumbo todos os presentes, cujos cabelos se lhes punham em pé na cabeça.

- O quê, Sr. de Villefort - gritou o presidente --, não estará a ser vítima de

uma alucinação?! Tem certeza de que se encontra na plenitude das suas faculdades? Concebe-se que uma acusação tão estranha, tão imprevista, tão terrível, lhe tenha perturbado o espírito... Vamos, domine-se!

O procurador régio abanou a cabeça. Os seus dentes entrechocavam-se com violência, como os de um homem devorado pela febre, e no entanto estava de uma palidez mortal.

- Estou no gozo de todas as minhas faculdades, senhor - respondeu. - Só o corpo sofre, o que se compreende. Reconheço-me culpado de tudo o que este rapaz acaba de dizer contra mim e coloco-me desde já ao dispor, em minha casa, do Sr. Procurador régio meu sucessor.

E depois de pronunciar estas palavras em voz surda e quase abafada, o Sr. de Villefort dirigiu-se vacilante para a porta, que o oficial de diligência de serviço lhe abriu num gesto maquinal.

Toda a assistência ficou muda e consternada com revelação e a confissão que davam um desenlace tão terrível às várias peripécias que havia quinze dias agitavam a alta sociedade parisiense.

- Que me venham dizer agora que o drama não existe na vida real! - exclamou Beauchamp.

- Palavra de honra que preferiria acabar como o Sr. de Morcerf - disse Château-Renaud. - Um tiro de pistola parece uma ninharia comparado com semelhante catástrofe.

- Mas mata - observou Beauchamp.

- E eu que me passou pela cabeça casar com a filha! - declarou Debray. - Fez muito bem em morrer, meu Deus. Pobre criança!

- A audiência está levantada, meus senhores - disse o presidente -, e o julgamento adiado para a próxima sessão. O processo deve ser instruído de novo e confiado a outro magistrado.

Quanto a Andrea, sempre muito tranquilo e ainda mais interessante, saiu da sala escoltado pelos guardas, que involuntariamente o tratavam com deferência.

- Então, que me diz a isto, meu bom homem? - perguntou Debray ao polícial, metendo-lhe um luís na mão.

- Deve haver circunstâncias atenuantes - respondeu o guarda.

Capítulo CIX

Expiação

O Sr. de Villefort vira abrirem-se diante de si as fileiras da multidão, por mais compacta que esta fosse. As grandes dores são de tal respeitáveis que não há exemplo, mesmo nos tempos mais calamitosos, de a primeira reação de uma multidão não ter sido de simpatia perante uma grande catástrofe. Muitas pessoas odiadas têm sido assassinadas no meio de motins; raramente um desventurado, ainda que criminoso, foi insultado pelos homens que assistiam à sua condenação à morte.

Villefort atravessou portanto as alas de espectadores, guardas e

funcionários do palácio da Justiça, e retirou-se, reconhecido culpado por via da sua própria confissão, mas protegido pela sua dor.

Há situações de que os homens têm instintivamente consciência, mas que não podem comentar com a inteligência; o maior poeta, neste caso, é aquele que solta o grito mais veemente e natural. A multidão toma esse grito como se fosse um relato completo, e tem razão em contentar-se com ele, e mais razão ainda em o achar sublime quando é verdadeiro.

De resto, seria difícil dizer em que estado de alheamento se encontrava Villefort ao sair do palácio da Justiça, descrever a febre que lhe fazia pulsar cada artéria, lhe retesava cada fibra, lhe intumescia, a ponto de quase a rebentar, cada veia e lhe dissecava cada ponto do corpo mortal em milhões de sofrimentos.

Villefort arrastou-se ao longo dos corredores guiado apenas pelo hábito. Arrancou dos ombros a toga magistral, não por ver conveniência em tirá-la, mas sim porque lhe pesava como um fardo esmagador, porque era uma túnica de Nesso, fértil em torturas.

Chegou cambaleante ao pátio Dauphine, viu a sua carruagem, acordou o cocheiro ao abrir pessoalmente a portinhola, deixou-se cair nas almofadas e indicou com o dedo a direção do Arrabalde de Saint-Honoré. O cocheiro partiu.

Todo o peso do seu êxito em ruínas acabava de lhe desabar em cima da cabeça; esse peso esmagava-o, e ignorava com que consequências. Não as calculara; sentia-as, mas não interpretava o seu código como o íário assassino que comenta um artigo conhecido.

Tinha Deus no fundo do coração.

- Deus! - murmurava sem saber sequer o que dizia. - Deus! Deus!

Só via Deus atrás da derrocada que acabava de se verificar. A carruagem rodava velozmente. Sacudido nas almofadas, Villefort sentiu qualquer coisa magoá-lo.

Levou a mão ao objeto: era um leque esquecido pela Sra de Villefort entre o assento e o encosto da carruagem. O leque lembrou-lhe uma coisa, e essa lembrança foi como que um relâmpago no meio da noite.

Villefort lembrou-se da mulher...

- Oh! - gritou, como se um ferro em brasa lhe atravessasse o coração.

Com efeito, havia uma hora que só tinha diante dos olhos um aspecto da sua miséria, mas eis que de repente se lhe apresentava outra ao espírito, e uma outra não menos terrível.

Armara em juiz inexorável com a mulher e condenara-a à morte; e ela, cheia de terror, consumida pelos remorsos, mergulhada na infâmia que ele lhe fizera sentir com a eloquência da sua impecável virtude; ela, pobre mulher fraca e indefesa contra um poder absoluto e supremo, preparava-se talvez naquele momento para morrer!

Decorrera uma hora desde a sua condenação. Sem dúvida, naquele momento a mulher repassava na memória todos os seus crimes, pedia perdão a Deus, escrevia uma carta a implorar de joelhos o perdão do seu virtuoso marido, perdão que comprava com a sua morte...

Villefort soltou um novo grito de dor e de raiva.

- Oh, aquela mulher só se tornou criminosa porque casou comigo! - exclamou, agitando-se no cetim da carruagem. - Resumo crime e ela apanhou o

crime como se apanha o tifo, como se apanha a cólera, como se apanha a peste!... E eu castiguei-a!... Ousei dizer-lhe: “Arrependa-se e morre..." Eu! Oh, não, não! Ela viverá... me seguirá ... Vamos fugir, deixar a França, seguir em frente até onde a Terra possa nos levar.

Falei-lhe de cadafalso!... Grande Deus, como ousei pronunciar tal palavra? Mas o cadafalso também me espera a mim!... Fugiremos... Sim, me confessarei a ela! Sim, lhe direi todos os dias, humilhando-me, que também cometi um crime... Oh, a aliança do tigre com a serpente! Oh, digna mulher de um marido como eu!... É necessário que ela viva, que a minha infâmia empalideça a sua!

E Villefort partiu, em vez de descer o vidro da frente do cupe.

- Depressa, mais depressa! - gritou numa voz que fez saltar o cocheiro no assento.

Levados pelo medo, os cavalos voaram até casa.

- Sim, sim - repetia Villefort à medida que se aproximava de casa --, é necessário que essa mulher viva, que se arrependa, que crie o meu filho, o meu pobre filho, o único, juntamente com o indestrutível velho, que sobreviveu à destruição da família! Ela ama-o; foi por ele que fez tudo. Nunca se deve desesperar do coração de uma mãe que ama o filho. Se arrepender-á, ninguém saberá que é culpada. Os crimes cometidos em minha casa e de que a sociedade já murmura depressa serão esquecidos com o tempo. E se algum inimigo se lembrar deles... bom, o incluirei na minha lista de crimes. Um, dois ou três crimes mais que importa! A minha mulher se salvará e fugirá com o ouro, e sobretudo com o filho, para longe do abismo em que me parece que o mundo vai cair comigo. Viverá e será ainda feliz, pois todo o seu amor é para o filho e o filho não a deixará. Praticarei uma boa ação e isso conforta o coração.

E o procurador régio respirou mais livremente do que respirava havia muito tempo.

A carruagem parou no pátio do palácio.

Villefort saltou do estribo para a escadaria; viu os criados surpreendidos por o verem regressar tão cedo. Não leu mais nada nas suas fisionomias. Ninguém lhe dirigiu a palavra; pararam apenas diante dele, como de costume, para o deixarem passar, e mais nada.

Passou diante do quarto de Noirtier e distinguiu através da porta entreaberta como que duas sombras, mas não quis saber quem era a pessoa que estava com o pai; era para outro lado que as suas preocupações o puxavam.

- Vamos - disse, subindo a escadinha que conduzia ao patamar onde ficavam os aposentos da mulher e o quarto vazio de Valentine. - Nada mudou aqui...

Antes de mais nada fechou a porta do patamar.

- Não quero que ninguém nos incomode - disse. - Quero falar à vontade, acusar-me diante dela, dizer-lhe tudo...

Aproximou-se da porta e deitou a mão à maçaneta de cristal; a porta cedeu.

- Não está fechada! Bem... muito bem - murmurou.

E entrou na salinha onde à noite armavam uma cama para Edouard, pois, apesar de interno, Edouard vinha ficar em casa todas as noites, a mãe nunca quisera separar-se dele.

Abarcou num relance de olhos toda a salinha.

- Ninguém - disse. - está no quarto, sem dúvida...

E correu para a porta. Mas ali o fecho estava corrido. Parou tremendo.

- Heloise! - gritou.

Pareceu-lhe ouvir arrastar um móvel.

- Heloise! - repetiu.

- Quem é? - perguntou a voz da mulher.

Pareceu-lhe que a voz era mais fraca do que de costume.

- Abra! Abra! - gritou Villefort. - Sou eu!

Mas, apesar desta ordem, apesar do tom angustioso com que era dada, não abriram.

Villefort arrombou a porta com um pontapé.

A Sra de Villefort estava de pé à entrada da sala que dava para o seu boudoir, pálida, com as feições contraídas e com uma fixidez assustadora nos olhos.

- Heloise! Heloise! - gritou o marido. - Que tem? Fale! A jovem senhora estendeu-lhe a mão hirta e lívida.

- Está feito, senhor - disse num arquejo que pareceu dilacerar-lhe a garganta. - Que mais quer?

E caiu no tapete.

Villefort correu para ela e pegou-lhe na mão. A mão apertava convulsivamente um frasco de cristal com rolha de ouro. A Sra de Villefort estava morta.

Ébrio de horror, Villefort recuou até à entrada da sala e olhou o cadáver.

- Meu filho! - gritou de súbito. - Onde está o meu filho? Edouard! Edouard!

E precipitou-se para fora dos aposentos da mulher, gritando:

- Edouard! Edouard!

Pronunciava este nome com tal acento de angústia que os criados acorreram.

- O meu filho! Onde está o meu filho? - perguntou Villefort. - Afastem-no de casa; que não veja...

- O Sr. Edouard não está aqui em baixo, senhor - respondeu o criado de quarto.

- Deve estar brincando no jardim Vão ver! Vão ver!

- Não, senhor. A senhora chamou o filho há cerca de meia hora; o Sr. Edouard entrou nos aposentos da senhora e não voltou a descer.

Um suor gelado inundou a testa de Villefort, que escorregou no pavimento, e as idéias começaram a girar-lhe na cabeça como as engrenagens desordenadas de um relógio partido.

- Nos aposentos da senhora! - murmurou. - Nos aposentos da senhora!...

E voltou lentamente para trás, limpando a testa com uma das mãos apoiando-se com a outra nas paredes. Quando entrou na sala teve de tornar a ver o corpo da pobre mulher.

Para chamar Edouard teria de acordar os ecos daquela sala transformada em túmulo; falar era violar o silêncio da tumba. Villefort sentiu a língua paralisada na boca.

- Edouard, Edouard... - balbuciou.

O garoto não respondeu. Onde estaria o pequeno, que, no dizer dos

criados, entrara nos aposentos da mãe e não saíra?

Villefort deu um passo em frente.

O cadáver da Sra de Villefort estava caído atravessado na porta do boudoir em que inevitavelmente se devia encontrar Edouard. Aquele cadaver parecia velar no limiar com os olhos fixos e abertos e uma horrível e misteriosa ironia nos lábios.

Atrás do cadáver, o reposteiro levantado deixava ver parte do boudoir, um piano vertical e a ponta de um sofá de cetim azul. Villefort deu três ou quatro passos em frente e viu o filho deitado no canapé.

O garoto dormia, sem dúvida. O desgraçado teve um ímpeto de alegria indizível: um raio de pura luz descia ao inferno em que se debatia.

Era apenas necessário passar por cima do cadáver, entrar no boudoir, tomar o pequeno nos braços e fugir com ele para longe, para muito longe.

Villefort já não era o homem que, devido a uma requintada corrupção, conserva o tipo de homem civilizado; era um tigre ferido de morte que ficou com os dentes quebrados no último ferimento.

Já não tinha medo dos preconceitos, mas tinha-o dos fantasmas. Tomou impulso e saltou por cima do cadáver como se se tratasse de transpor um braseiro devorador.

Tomou o filho nos braços, apertou-o, sacudiu-o, chamou-o; o pequeno não respondeu. Colou os lábios vidos às faces de Edouard, mas elas estavam lívidas e geladas. Apalpou-lhe os membros hirtos. Pôs-lhe a mão no coração, mas este já não batia.

O garoto estava morto.

Um papel dobrado em quatro caiu do peito de Edouard. Fulminado, Villefort deixou-se cair de joelhos; o pequeno escapou-lhe dos braços inertes e rolou para o lado da mãe.

Villefort apanhou o papel, reconheceu a letra da mulher e percorreu-o avidamente.

Eis o que dizia:

Como sabe, era boa mãe, pois foi pelo meu filho que me tornei criminosa. Uma boa mãe não parte sem o filho!

Villefort não podia acreditar nos seus olhos; Villefort não podia acreditar na sua razão. Arrastou-se para o corpo de Edouard, que examinou mais uma vez com a atenção minuciosa com que a leoa olha o seu leãozinho morto. Depois escapou-lhe do peito um grito dilacerante.

- Deus! - murmurou. - Sempre Deus!...

Aquelas duas vítimas apavoravam-no e sentia apoderar de si o horror daquela solidão povoada por dois cadáveres.

Pouco antes amparava-o a raiva, essa imensa faculdade dos homens fortes, e o desespero, essa virtude suprema da agonia, que impelia os Titãs a escalar o céu e Ajax a mostrar o punho aos deuses.

Villefort curvou a cabeça sob o peso da dor, levantou-se, sacudiu os cabelos úmidos de suor e eriçados de terror, e ele, que nunca tivera piedade de ninguém, foi procurar o velho pai para ter, na sua fraqueza, alguém com quem

desabafar a sua desgraça, alguém junto de quem chorar. Desceu a escada que conhecemos e entrou nos aposentos de Noirtier.

Quando Villefort entrou, Noirtier parecia escutar com atenção e tão afetuosamente quanto lhe permitia a sua imobilidade o abade Busoni, sempre tão calmo e frio como de costume.

Ao ver o abade, Villefort levou a mão à testa. O passado acudiu-lhe à memória, como uma dessas vagas cujo furor levanta mais espuma do que as outras.

Recordou-se da visita que fizera ao abade dois dias depois do jantar de Auteuil e da visita que lhe fizera o próprio abade no dia da morte de Valentine.

- O senhor aqui? - observou. - Então só aparece para escoltar a morte?...

Busoni levantou-se. Ao ver a alteração do rosto do magistrado, o brilho feroz dos seus olhos, compreendeu ou julgou compreender que a cena do tribunal se verificara; ignorava o resto.

- Estive uma vez aqui para rezar perante o corpo da sua filha - respondeu Busoni.

- E hoje, que veio fazer aqui?

- Vim dizer-lhe que já me pagou suficientemente a sua dívida e que a partir deste momento vou rezar a Deus para que se dê por satisfeito, tal como eu me dou.

- Meu Deus! - exclamou Villefort, recuando com o pânico nos olhos. - Essa voz... não é a do abade Busoni!

- Não.

O abade arrancou a sua falsa tonsura, sacudiu a cabeça, e os seus longos cabelos negros, deixando de estar comprimidos, caíram-lhe sobre os ombros e emolduraram-lhe o rosto másculo.

- É o rosto do Sr. de Monte-Cristo! - gritou Villefort, com os olhos esgazeados.

- Ainda não é essa, Sr. Procurador régio; procure melhor e mais longe.

- Essa voz... essa voz!... Onde a ouvi pela primeira vez?

- Ouviu-a pela primeira vez em Marselha, há vinte e três anos, no dia do seu casamento com Mademoiselle de Saint-Méran. Procure nos seus arquivos.

- Não é Busoni... Não é Monte-Cristo... Meu Deus, é o inimigo oculto, implacável, mortal! Fiz qualquer coisa contra si em Marselha... Oh, como sou infeliz!

- Sim, tem razão, é isso - perguntou o conde, cruzando os braços no peito amplo. - Procure, procure!

- Mas que lhe fiz eu?! - gritou Villefort, cujo espírito pairava já no limite em que se confundem a razão e a demência, nessa neblina que já não é sonho, mas ainda não é despertar. - Que lhe fiz eu? Diga! Fale!

- Condenou-me a uma morte lenta e medonha, matou o meu pai e roubou-me o amor com a liberdade e a fortuna com o amor!

- Quem é o senhor? Quem é o senhor? Meu Deus!...

- Sou o fantasma do desventurado que o senhor sepultou nas masmorras do castelo de If. Esse fantasma, que conseguiu sair por fim da sua tumba, recebeu de Deus a máscara do conde de Monte-Cristo, e por Deus foi coberto de diamantes e ouro para que o senhor só hoje o reconhecesse.

- Ah, já te reconheço, já te reconheço! - exclamou o procurador régio. - O senhor é...

- Edmond Dantés!

- O senhor é Edmond Dantés! - gritou o procurador régio, agarrando o conde pelo pulso. - Então, vem!

E arrastou-o pela escada, na qual Monte-Cristo o seguiu, atônito, ignorando aonde o procurador régio o levava e pressentindo alguma nova catástrofe.

- Vê! Vê, Edmond Dantés! - disse, mostrando ao conde o cadáver da mulher e o corpo do filho. - Vê! Acha que está bem vingado?

Monte-Cristo empalideceu perante o horrível espetáulo. Compreendeu que acabava de ultrapassar os direitos da vingança; compreendeu que já não podia dizer: “Deus é por mim e está comigo."

Lançou-se com um sentimento de angústia inexprimível sobre o corpo do garoto, abriu-lhe os olhos, apalpou-lhe o pulso e correu com ele para o quarto de Valentine, que fechou à chave...

- O meu filho! - gritou Villefort. - Leva o cadáver do meu filho! Oh, maldição, maldição, que a morte caia sobre ti!

Quis correr atrás de Monte-Cristo; mas como num sonho, sentiu os pés criarem raízes, os olhos dilatarem-se-lhe a ponto de quase lhe saltarem das órbitas, e os seus dedos recurvados no peito cravaram-se gradualmente na carne até o sangue lhe avermelhar as unhas. Por fim, as veias das têmporas encheram-se de espíritos irrequietos, que lhe levantaram a abóbada muito estreita do crânio e lhe mergulharam o cérebro
num dilúvio de fogo.

Aquela imobilidade durou vários minutos, até se concluir a horrível subversão da razão.

Então, soltou um grande grito, seguido de uma longa gargalhada, e precipitou-se para a escada.

Um quarto de hora depois o quarto de Valentine voltou a abrir-se e o conde de Monte-Cristo reapareceu. Pálido, com os olhos tristes e o peito opresso, todas as feições daquele rosto habitualmente tão calmo e tão nobre estavam transtornadas pela dor. Trazia nos braços o garoto, ao qual nenhum socorro pudera restituir a vida.

Pôs um joelho no chão e depositou-o religiosamente ao pé da mãe, com a cabeça pousada no peito dela. Depois levantou-se, saiu e perguntou a um criado que encontrou na escada:

- Onde está o Sr. de Villefort?

Sem responder, o criado apontou para o lado do jardim. Monte-Cristo desceu a escadaria, encaminhou-se para o lugar indicado e viu, no meio dos criados que formavam círculo à volta dele, Villefort, de enxada na mão a revolver a terra com uma espécie de raiva.

- Ainda não é aqui - dizia. - Ainda não é aqui...

E cavava mais longe. Monte-Cristo aproximou-se dele e disse-lhe baixinho, em tom quase humilde:

- Perdeu um filho, mas...

Villefort interrompeu-o; não ouvira nem compreendera.

- Oh, hei-de encontrá-lo! - gritou. - Não está aqui, pois hei-de encontrá-lo

nem que tenha de procurá-lo
até ao dia do Juízo Final.

Monte-Cristo recuou aterrado.

- Enlouqueceu! - exclamou.

E como se receasse que as paredes da casa maldita se abatessem sobre si, correu para a rua, duvidando pela primeira vez que tivesse o direito de fazer o que fizera.

- Oh, basta, basta! - gritou. - Salvemos o último.

Ao chegar a casa, Monte-Cristo encontrou Morrel, que vagueava pelo palácio dos Campos Elísios, silencioso como um fantasma que esperasse o momento fixado por Deus para regressar ao seu túmulo.

- Prepare-se, Maximilien - disse-lhe com um sorriso. - Saímos de Paris amanhã.

- Já não tem mais nada a fazer aqui? - perguntou Morrel.

- Não - respondeu Monte-Cristo --, e Deus queira que não tenha feito demais.

Capítulo CXII

A partida

Os acontecimentos que acabavam de se verificar preocupavam todas as pessoas em Paris. Emmanuel e a mulher contavam-nos, com uma surpresa muito natural, na sua salinha da Rua Meslay, e
relacionavam umas com as outras as três catástrofes, tão súbitas como inesperadas, de Morcerf; Danglars e Villefort.

Maximilien, que os viera visitar, escutava-os, ou antes assistia à conversa mergulhado na sua insensibilidade habitual.

- Na verdade - dizia Julie --, não parece, Emmanuel, que todos esses ricaços, ontem tão felizes, esqueceram, no cálculo em que basearam a sua fortuna, a sua felicidade e a sua consideração, a parte do gênio mau, e que este, como as fadas más dos contos de Perrault, que se esqueceram de convidar para um casamento ou um batismo, apareceu de repente para se vingar desse fatal esquecimento?

- Que desastres! - dizia Emmanuel, pensando em Morcerf e Danglars.

- Que sofrimentos! - dizia Julie, recordando-se de Valentine, que, no seu instinto feminino, não queria citar diante do irmão.

- Se foi Deus quem os feriu - acrescentava Emmanuel -, foi porque Deus, que é a suprema bondade, não encontrou nada no passado dessa gente que merecesse atenuação da pena. Foi porque essa gente era maldita.

- Não estará sendo muito temerário no teu julgamento, Emmanuel? - perguntou Julie. - Quando o meu pai, de pistola em punho, estava prestes a estourar os miolos, se alguém tivesse dito como você dize agora: “Este homem mereceu a sua pena", esse alguém não estaria enganado?

- Sem dúvida, mas Deus não permitiu que o nosso pai sucumbisse, tal como não permitiu que Abraão sacrificasse o filho. Ao patriarca, como a nós, enviou um anjo que cortou a meio do caminho as asas da morte.

Ainda mal acabara de pronunciar estas palavras tocou a sineta. Era o sinal dado pelo porteiro para anunciar a chegada de uma visita. Quase no mesmo instante a porta da sala abriu-se e o conde de
Monte-Cristo apareceu no limiar. Os dois jovens soltaram um grito de alegria.

Maximilien levantou a cabeça e voltou a baixá-la.

- Maximilien - disse o conde, sem parecer notar as diferentes impressões que a sua presença produzia -, venho buscá-lo.

- Buscar-me? - repetiu Morrel, como se saísse de um sonho.

- Sim - respondeu Monte-Cristo. - Não estava combinado que o levaria comigo e não o preveni que estivesse pronto?

- Pois aqui estou - respondeu Maximilien. - Vim apenas despedir-me.

- E aonde vai, Sr. Conde? - perguntou Julie.

- Primeiro, a Marselha, minha senhora.

- A Marselha? - repetiram em coro os dois jovens.

- Sim, e levo o seu irmão.

- Veja se o restitui curado, Sr. Conde... - pediu Julie. Morrel virou-se para ocultar o seu rubor.

- Notou então que ele não estava bem? - inquiriu o Conde.

- Notei - respondeu a jovem senhora --, e receio que ele se aborreça conosco.

- Eu o distrairei - prometeu o conde.

- Estou pronto, senhor - disse Maximilien. - Adeus, meus bons amigos! Adeus Emmanuel! Adeus, Julie!

- Como adeus?! - exclamou Julie. - Parte assim de repente, sem ter nada preparado, sem passaporte?

- Os adiamentos duplicam o desgosto das separações - observou Monte-Cristo --, e Maximilien, estou certo disso, deve ter tomado todas as providências, como lhe recomendei.

- Tenho o meu passaporte e as minhas malas estão feitas - informou Morrel com a mesma tranquilidade alheada.

- Ótimo! - exclamou Monte-Cristo, sorrindo. - Nem outra coisa era de esperar de um bom soldado.

- E o senhor deixa-nos assim, de um momento para o outro? - perguntou Julie. - Não nos concede um dia, nem uma hora?

- A minha carruagem está à porta, minha senhora. Preciso estar em Roma dentro de cinco dias.

- Mas Maximilien não vai a Roma? - perguntou Emmanuel.

- Vou aonde o conde quiser ME levar - respondeu Morrel, com um sorriso triste. - Pertenço-lhe ainda por um mês.

- Oh, meu Deus, como ele diz aquilo, Sr. Conde!

- Maximilien acompanha-me; portanto, esteja tranquila a respeito do seu irmão - respondeu o conde com a sua persuasiva afabilidade.

- Adeus, minha irmã! - repetiu Morrel. - Adeus, Emmanuel!

- Aflige-me o seu alheamento - confessou Julie. - Oh, Maximilien,

Maximilien, esconde-nos qualquer coisa!

- Então, então!... - interveio Monte-Cristo. Prometo-lhes que o verão regressar alegre, risonho e feliz.

Maximilien deitou a Monte-Cristo um olhar quase desdenhoso, quase irritado.

- Partamos! - disse o conde.

- Antes de partir, Sr. Conde - atalhou Julie --, permita-me que lhe diga tudo o que no outro dia...

- Minha senhora - interrompeu-a o conde, pegando-lhe nas mãos -, tudo o que me dissesse nunca valeria o que leio nos seus olhos, nem o que o seu coração sente, nem o que o meu experimenta. Como os benfeitores de romance, devia ter partido sem a tornar a ver; mas tal virtude era superior às minhas forças, pois sou um homem fraco e vaidoso e o olhar úmido, feliz e terno dos meus semelhantes me faz bem. Agora parto e levo o egoísmo ao ponto de lhes dizer: não me esqueçam, meus amigos, porque provavelmente não tornarão a me ver.

- Não o tornaremos a ver?! - exclamou Emmanuel, enquanto duas grossas lágrimas rolavam pelas faces de Julie. - Não o tornaremos a ver! Mas nesse caso não é um homem, é um deus que nos deixa, e esse deus vai subir ao céu depois de aparecer na Terra para nela praticar o bem!

- Não diga isso - pediu vivamente Monte-Cristo. - Nunca digam isso, meus amigos Os deuses nunca fazem mal, os deuses param onde querem parar. O acaso não é mais forte do que eles, são eles que, pelo contrário, governam o acaso. Não, eu sou um homem, Emmanuel, e a sua admiração é tão injusta quanto as
suas palavras são sacrílegas.

E beijando a mão de Julie, que se lhe precipitou nos braços, estendeu a outra mão a Emmanuel. Depois, arrancando-se daquela casa, doce ninho que albergava a felicidade, fez sinal a Maximilien para o seguir; um Maximilien passivo, insensível e consternado, como ficara depois da morte de Valentine.

- Restitua a alegria ao meu irmão! - disse Julie ao ouvido de Monte-Cristo.

Monte-Cristo apertou-lhe a mão como a apertara onze anos antes na escada que conduzia ao gabinete de Morrel.

- Continua a confiar em Simbad, o Marinheiro? - perguntou-lhe sorrindo.

- Oh, sim!

- Então durma na paz e na confiança do Senhor.

Como dissemos, a sege de posta esperava-os. Quatro cavalos vigorosos agitavam as crinas e batiam na calçada com impaciência. Ali esperava ao fundo da escadaria, com o rosto brilhante de suor. Parecia chegar de uma longa corrida.

- Então, foi a casa do velho? - perguntou-lhe o conde em árabe.

Ali fez sinal que sim.

- E desdobrou a carta diante dos olhos, como te ordenei?

- Sim - respondeu também, respeitosamente, o escravo.

- E que disse ele, ou antes: que fez?

Ali colocou-se debaixo da luz, de forma que o amo o pudesse ver, e, imitando com a sua inteligência tão dedicada a fisionomia do velho, fechou os olhos como fazia Noirtier quando queria dizer “sim".

- Bem, aceita - disse Monte-Cristo. - Partamos!

Ainda mal proferira esta palavra e já a carruagem rodava e os cavalos arrancavam da calçada uma chuva de faúlhas. Maximilien acomodou-se no seu canto sem dizer palavra.

Passou meia hora. A caleça deteve-se de súbito; o conde acabava de puxar o cordão de seda que correspondia ao dedo de Ali. O núbio desceu e abriu a portinhola.

A noite cintilava de estrelas. Estavam no cimo da encosta de Villejuif, no planalto donde se vê Paris, como um mar sombrio, agitar os seus milhões de luzes, que parecem ondas fosforescentes. Ondas, efetivamente, ondas mais ruidosas, mais apaixonadas, mais volúveis, mais furiosas e mais vidas do que as do oceano irritado; ondas que não conhecem a calma, como as do vasto mar, ondas que se entrechocam constantemente, sempre espumando, sempre engolindo!...

O conde ficou só, e a um sinal de mão seu a carruagem avançou um pouco.

Então observou durante muito tempo, com os braços cruzados, aquele cadinho onde se fundiam, torciam e modelavam todas as idéias que brotam do abismo fervilhante para irem agitar o mundo. Depois de observar bem com o seu olhar poderoso aquela Babilônia que tanto fazia sonhar os poetas religiosos como os sarcásticos materialistas, murmurou, inclinando a cabeça e juntando as mãos, como se fosse rezar:

- Grande cidade. há menos de seis meses que transpus as suas portas. Creio que foi o espírito de Deus que me trouxe até aqui e que me permite retirar triunfante. Confiei a esse Deus, o único capaz de ler no meu coração, o segredo da minha presença dentro das tuas muralhas; só ele sabe que me retiro sem ódio e
sem orgulho, mas não sem pesar; só ele sabe que não utilizei em meu proveito nem em benefício de causas vãs o poder que me confiou. Ó grande cidade, foi no teu seio palpitante que encontrei o que procurava! Mineiro paciente, revolvi-te as entranhas para fazer sair o mal. Agora, a minha obra está concluída e a minha missão terminada; agora já me não pode oferecer nem alegrias nem dores. Adeus, Paris! Adeus!

O seu olhar passeou ainda sobre a vasta planície, como o de um gênio noturno. Em seguida passou a mão pela testa, voltou a subir para a carruagem, que se fechou atrás dele e desapareceu em breve do outro lado da encosta num turbilhão de pó e ruído.

Percorreram duas léguas sem pronunciar uma só palavra. Morrel sonhava, Monte-Cristo via-o sonhar.

- Morrel, está arrependido de ter me seguido?

- Não, Sr. Conde. Mas deixar Paris...

- Se soubesse que a felicidade o esperava em Paris, Morrel, o teria deixado lá.

- É em Paris que Valentine repousa, e deixar Paris é perdê-la segunda vez.

- Maximilien - disse o conde --, os amigos que perdemos não repousam na Terra, estão sepultados no nosso coração, e foi Deus que assim o quis para que estivessemos sempre acompanhados. Eu tenho dois amigos que me acompanham sempre assim um é aquele que me deu a vida, o outro o que me deu a

inteligência. O espírito de ambos vive em mim. Consulto-os quando tenho dúvidas, e se tenho feito algum bem é aos seus conselhos que o devo. Consulte a voz do seu coração, Morrel, e pergunte-lhe se deve continuar a mostrar-me tão má cara.

- Meu amigo - respondeu Maximilien --, a voz do meu coração é muito triste e só me promete desventuras.

- É próprio dos espíritos enfraquecidos ver todas as coisas através de um crepe. É a alma que abre a si própria os seus horizontes; como a sua alma está sombria, é ela que lhe mostra um céu tempestuoso.

- É provável que isso seja verdade - admitiu Maximilien. E voltou a cair no seu devaneio.

A viagem decorreu com a maravilhosa rapidez que era um dos poderes do conde. As cidades passavam como sombras ao longo da estrada; as árvores, sacudidas pelos primeiros ventos do Outono, pareciam vir ao encontro deles como gigantes desgrenhados, e desapareciam rapidamente assim que as
alcançavam. No dia seguinte de manhã chegaram a Chalon, onde os esperava o barco a vapor do conde. Sem perda de um instante, a carruagem foi transportada para bordo; os dois viajantes já tinham embarcado.

O barco, talhado para corrida, diria-se uma piroga índia. As suas duas rodas pareciam duas asas com as quais rasava a água como uma ave de arribação. O próprio Morrel experimentava essa espécie de embriaguez da velocidade, e às vezes o vento que lhe agitava os cabelos parecia prestes a afastar por um
momento as nuvens que lhe cobriam a testa. Quanto ao conde, à medida que se afastava de Paris parecia
envolvê-lo como que uma auréola uma serenidade quase sobre-humana. Diria-se um exilado que regressasse à pátria.

Em breve Marselha, branca, tépida, viva; Marselha, a irmã mais nova de Tiro e Cartago, às quais sucedeu no domínio do Mediterrâneo, Marselha, sempre mais nova à medida que envelhece, em breve lhes surgiu diante dos olhos. Não faltavam para ambos aspectos férteis em recordações, como a Torre
Redonda, o Forte de S. Nicolau, a Câmara Municipal de Puget e o porto de cais de tijolo onde um e outro tinham brincado na infância.

Por isso, de comum acordo, detiveram-se na Cannebiére.

Partia um navio para Argel. Os tardos e os passageiros empilhados na coberta, a chusma dos parentes e dos amigos que se despediam, gritavam e choravam, espetáculo sempre comovente mesmo para aqueles que assistem todos os dias a esse espetá culo, todo aquele movimento não conseguiu distrair
Maximilien de uma idéia que o assaltara no momento em que pusera pé nas grandes lajes do cais.

- Veja - disse, pegando no braço de Monte-Cristo foi aqui que meu pai parou quando o Pharaon entrou no porto; foi aqui que o excelente homem que o senhor salvara da morte e da desonra se lançou nos meus braços. Sinto ainda a impressão das suas lágrimas na minho rosto, e ele não chorava sozinho, muita gente
também chorava ao ver-nos.

Monte-Cristo sorriu.

- Eu estava ali - disse, mostrando a Morrel a esquina de uma rua.

Quando dizia isto, ouviu-se na direção indicada pelo conde um gemido doloroso e viu-se uma mulher fazer sinal a um passageiro do navio prestes a partir. A mulher estava velada. Monte-Cristo seguiu-a com a vista com uma emoção que Morrel teria facilmente notado se, ao contrário do conde, não tivesse os olhos fixos no navio.

- Oh, meu Deus, não estou enganado! - exclamou Morrel. - Aquele rapaz que acena com o chapéu... aquele rapaz fardado é Albert de Morcerf!

- Pois é - respondeu Monte-Cristo. - já o tinha reconhecido.

- Como assim? O senhor estava olhando para o lado oposto!

O conde sorriu como fazia quando não queria responder.

E os seus olhos voltaram à mulher velada, que desapareceu à esquina da rua.

Só então ele se virou e disse a Maximilien:

- Meu caro amigo, não tem nada que fazer nesta terra?

- Tenho de ir chorar sobre a sepultura do meu pai - respondeu surdamente Morrel.

- Então vá e espere-me no cemitério. Irei lá ter consigo.

- Deixa-me?

- Deixo... Também tenho uma piedosa visita a fazer.

Morrel deixou cair a mão na que lhe estendia o conde; depois, com um aceno de cabeça cuja melancolia seria impossível exprimir, deixou o conde e dirigiu-se para o leste da cidade.

Monte-Cristo deixou Maximilien afastar-se e permaneceu no mesmo lugar até ele desaparecer. Depois dirigiu-se para as Alamedas de Meilhan, em busca da casa que nos começos desta história se tornou familiar aos nossos leitores.

A casa erguia-se ainda à sombra da grande alameda de tílias que servia de passeio aos malsemeses ociosos, coberta de grandes maciços de vinha que cruzavam sobre a pedra amarelecida pelo sol ardente do Meio-Dia os seus ramos enegrecidos e retalhados pela idade. Dois degraus de pedra, gastos pelos pés, conduziam à porta de entrada, porta feita de três pranchas que nunca, apesar das suas reparações anuais,
tinham conhecido o betume e a pintura e esperavam que a umidade voltasse para as unir.

Aquela casa, encantadora a despeito da sua vetustez, e alegre a despeito da sua aparente miséria, era a mesma em que habitara outrora o pai de Dantés. Simplesmente, o velho habitava a mansarda e o conde pusera toda a casa à disposição de Mercedes.

Foi lá que entrou a mulher do longo véu que Monte-Cristo vira afastar-se do navio que ia partir. A mulher fechava a porta no preciso momento em que ele aparecia à esquina de uma rua, de forma que o conde a viu desaparecer quase no mesmo instante em que a avistou.

Para ele, os degraus gastos eram velhos conhecidos; sabia melhor do que ninguém abrir a velha porta, de que um prego de cabeça larga levantava o loquete interior.

Por isso entrou sem bater nem prevenir, como um amigo, como um hóspede.

Ao fundo de um carreiro pavimentado a tijolo abria-se, rico de calor, de sol e

de luz, um jardinzinho, o mesmo onde no sítio indicado Mercedes encontrara a importância cujo depósito a delicadeza do conde conservara durante vinte e quatro anos. Do limiar da porta da rua viam-se as primeiras árvores do jardim.

Chegado à entrada, Monte-Cristo ouviu um suspiro que parecia um soluço. Esse suspiro guiou-lhe o olhar e permitiu-lhe descobrir Mercedes, sentada, inclinada e chorando, debaixo de um caramanchão de jasmim-da-virgínia, de folhagem espessa e grandes flores cor de púrpura.

Levantara o véu e, sozinha perante o céu, com o rosto oculto nas mãos, dava livre curso aos suspiros e aos soluços tanto tempo reprimidos pela presença do filho.

Monte-Cristo deu alguns passos em frente; a areia rangeu-lhe debaixo dos pés.

Mercedes levantou a cabeça e soltou um grito de terror ao ver um homem diante de si.

- Minha senhora - disse o conde --, já não está na minha mão dar-lhe a felicidade, mas ofereço-lhe a consolação. Quer dignar-se aceitá-la como vinda de um amigo?

- Sou, de fato, muito infeliz - respondeu Mercedes. - Estou sozinha no mundo... Só tinha o meu filho e ele deixou-me.

- E fez bem, minha senhora - replicou o conde. - É um nobre coração. Compreendeu que todo o homem deve um tributo à pátria: uns os seus talentos, outros a sua indústria, estes as suas vigílias, aqueles o seu sangue. Se ficasse com a senhora, desperdiçaria a seu lado uma existência inútil e se habituaria a vê-la sofrer. Se tornaria rancoroso na sua impotência. Assim, se tornará grande e forte lutando contra a sua adversidade, que transformará em fortuna. Deixe-o reconstruir o futuro de ambos, minha senhora. Ouso
garantir-lhe que está em mãos seguras.

- Oh - disse a pobre mulher, abanando tristemente a cabeça -, a fortuna a que se refere, e que do fundo da minha alma peço a Deus que lhe conceda, não a gozarei! Quebraram-se tantas coisas em mim e à minha volta que me sinto perto da sepultura. Fez bem, Sr. Conde, em aproximar-me do lugar onde fui tão feliz: é onde fomos felizes que devemos morrer.

- Infelizmente, todas as suas palavras, minha senhora, caem amargas e escaldantes no meu coração, tanto mais amargas e escaldantes quanto é certo ter motivos para me odiar. Fui eu que causei todas as suas desventuras. Porque me lamenta em vez de me acusar? Me tornaria muito mais infeliz...

- Odiá-lo, acusá-lo, a você, Edmond?... Odiar, acusar o homem que salvou a vida do meu filho, porque era sua intenção fatal e cruel, não é verdade, matar ao Sr. de Morcerf o filho de que tanto se orgulhava? Oh, olhe para mim e veja se existe em mim a sombra de uma censura!

O conde levantou os olhos e pousou-os em Mercedes, que, semilevantada, estendia as mãos para ele.

- Sim, olhe para mim - continuou ela com profunda melancolia. - Hoje pode suportar o brilho dos meus olhos; já lá vai o tempo em que vinha sorrir a Edmond Dantés, que me esperava lá em cima, à janela da mansarda que habitava com o seu velho pai... Desde então, muitos dias dolorosos passaram que cavaram
como que um abismo entre mim e esse tempo. Acusá-lo, Edmond; odiá-lo, meu

amigo! Não, é a mim que acuso e odeio! Oh, como fui miserável! - exclamou, juntando as mãos e erguendo os olhos ao céu. - Fui punida... Possuía a religião, a inocência e o amor, essas três felicidades que fazem os anjos, e, miserável como sou, duvidei de Deus!

Monte-Cristo deu um passo para ela e estendeu-lhe silenciosamente a mão.

- Não - disse ela, retirando suavemente a sua --, não, meu amigo, não me toque. Poupou-me, e no entanto, de todos aqueles que o feriram, eu era a mais culpada. Todos os outros agiram por ódio, por cupidez, por egoísmo; eu agi por covardia. Eles desejavam, eu tive medo. Não, não me aperte a mão. Edmond, pensa em qualquer palavra afetuosa, adivinho-o; não a diga...Guarde-a para outra, pois já não sou digna de a ouvir. Veja... - disse, descobrindo por completo o rosto - veja, a desgraça encheu-me de cabelos grisalhos, os meus olhos verteram tantas lágrimas que estão cercados de veias roxas, e a testa cobriu-se de rugas. O senhor, pelo contrário, Edmond, continua jovem, sempre belo, sempre orgulhoso. Porque teve fé,
porque teve coragem, porque confiou em Deus e Deus amparou-o. Eu fui covarde, reneguei, Deus abandonou-me e veja o...

Mercedes desatou a chorar; o coração da mulher não resistia ao choque das recordações.

Monte-Cristo pegou-lhe na mão e beijou-a respeitosamente; mas ela própria sentiu que aquele beijo carecia de ardor, era como o que o conde depositaria na mão de mármore da estátua de uma santa.

- Existem vidas predestinadas cuja primeira falta destrói todo o futuro - continuou ela. - Julgava-o morto e por isso eu devia ter morrido. Porque, que adiantou ter trazido eternamente o seu luto no coração? Apenas transformar uma mulher de trinta e nove anos numa mulher de cinquenta, mais nada. Que adiantou que, tendo sido a única pessoa a reconhecê-lo, me tenha limitado a salvar o meu filho? Não deveria salvar também o homem, por mais culpado que fosse, que aceitara como marido? No entanto, deixei-o morrer. Que digo,
meu Deus? Contribui para a sua morte com a minha covarde insensibilidade, com o meu desprezo, não me lembrando, não querendo lembrar-me, de que fora por mim que se tomara perjuro e traidor! Que adiantou, finalmente, que tivesse acompanhado o meu filho até aqui, se aqui o abandonei, se aqui o deixei partir sozinho, se aqui o entreguei à terra devoradora da África? Oh, tenho sido covarde, garanto-lhe! Reneguei o meu amor e, como os renegados, trago a desgraça a tudo o que me rodeia!

- Não, Mercedes - disse Monte-Cristo --, não. Não persista nessa má opinião de si mesma. Não, a senhora é uma nobre e santa mulher, que me desarmara com a sua dor. Mas atrás de mim, invisível, desconhecido, irritado, havia Deus, do qual eu era apenas o mandatário, e que não quis deter o raio que eu
lançara. Oh, esse Deus aos pés do qual me prosterno todos os dias há dez anos sabe que lhe sacrificaria a vida, Mercedes, e com a vida os projetos que lhe estavam relacionados. Mas, digo-o com orgulho, Mercedes, Deus necessitava de mim e eu vivi. Examine o passado, examine o presente, procure adivinhar o futuro, e veja se não sou um instrumento do Senhor. A primeira parte da minha vida foi constituída pelas mais horríveis desventuras, pelos mais cruéis sofrimentos, pelo

abandono de todos aqueles que me amavam, pela perseguição daqueles que me não conheciam. Depois, de repente, após o cativeiro, o isolamento e a miséria, o ar, a liberdade e uma fortuna tão deslumbrante, tão prodigiosa, tão desmedida que, a menos que fosse cego, teria de admitir que Deus ma enviava com grandes desígnios. Desde então, essa fortuna pareceu-me ser um sacerdócio; desde então, nem mais um pensamento dedicado a essa vida de que a senhora, pobre mulher, saboreou algumas vezes a doçura; nem uma hora de calma, nem uma. Senti-me impelido como a nuvem de fogo que passa no céu para ir queimar as cidades malditas. Como esses
capitães aventureiros que embarcam para uma viagem perigosa, que planejam uma expedição arriscada, preparei os víveres, carreguei as armas, amontoei os meios de ataque e defesa habituando o meu corpo aos exercícios mais violentos, a minha alma aos choques mais rudes, e ensinando o meu braço a matar,
os meus olhos a ver sofrer e a minha boca a sorrir aos aspectos mais terríveis. De bom, de confiante, de generoso que era, tornei-me vingativo, dissimulado, mau; ou antes impassível como a surda e cega fatalidade. Então lancei-me no caminho que abrira, transpus o espaço, consegui os meus fins. Ai daqueles que cruzassem no meu caminho!

- Basta! - exclamou Mercedes. - Basta, Edmond! Acredite, aquela que foi a única capaz de o reconhecer foi também a única capaz de o compreender. Ora, Edmond, aquela que soube reconhecê-lo, aquela que foi capaz de o compreender, se a tivesse encontrado no seu caminho e a tivesse quebrado como
vidro, nem por isso deixaria de o admirar, Edmond! Assim como existe um abismo entre mim e o passado, também existe um abismo entre o senhor e os outros homens, e a minha mais dolorosa tortura, confesso-lhe, é estabelecer comparações. Porque não há nada no mundo que se lhe compare, nada que se pareça consigo. E agora, Edmond, diga-me adeus e separemo-nos.

- Antes de deixá-la, que deseja, Mercedes? - perguntou Monte-Cristo.

- Só desejo uma coisa, Edmond: que o meu filho seja feliz.

- Suplique-o ao Senhor, o único que tem a vida dos homens na mão, que afaste a morte dele. Do resto eu me encarrego.

- Obrigada, Edmond.

- Mas a senhora, Mercedes?

- Eu não preciso de nada, vivo entre duas sepulturas: uma, a de Edmond Dantés, que morreu há muito tempo; amava-o! Esta palavra já não assoma aos meus lábios murchos, mas o meu coração ainda se recorda dela e por nada deste mundo desejaria perder essa lembrança do coração. A outra é a de um homem que
Edmond Dantés matou; aprovo a morte, mas devo rezar pelo morto.

- O seu filho será feliz, minha senhora - repetiu o conde.

- Então, serei também feliz quanto o possa ser.

- Mas... enfim .. que fará?

Mercedes sorriu tristemente

- Se lhe dissesse que viveria nesta terra como a Mercedes de outrora, isto é, trabalhando, o senhor não acreditaria. Já só sei rezar, mas não tenho necessidade de trabalhar; o pequeno tesouro que o senhor enterrou encontrava-se no lugar indicado. As pessoas quererão saber quem sou, perguntarão o que

faço,
ignorarão como vivo. Que importa! Trata-se de assunto entre Deus, o senhor e eu.

- Mercedes - disse o conde --, não a censuro, mas exagerou o sacrifício renunciando a toda a fortuna acumulada pelo Sr. de Morcerf e metade da qual pertencia por direito à sua economia e à sua orientação?

- Adivinho o que me vai propor, mas não posso aceitar. Edmond, o meu filho me proibiria.

- Sendo assim, tomarei o cuidado de nada fazer pela senhora que não tenha a aprovação do Sr. Albert de Morcerf. Averiguarei as suas intenções e me submeterei a elas. Mas se aceitar o que pretendo fazer, o imitará sem repugnância?

- Bem sabe, Edmond, que já não sou uma criatura pensante; de determinação só tenho a de nunca mais cair em outra. Deus sacudiu-me de tal modo nas suas tempestades que perdi a vontade disso. Estou nas suas mãos como um pardal nas garras da águia. Ele não quer que morra, uma vez que vivo. Se me
enviar ajuda, será de sua vontade e a aceitarei.

- Cautela, senhora, não é assim que se adora Deus! - observou Monte-Cristo. - Deus quer que compreendamos e discutamos o seu poder: foi para isso que nos deu o livre arbítrio.

- Não me diga isso, desgraçado! - exclamou Mercedes. - Se acreditasse que Deus me dera o livre arbítrio, que me restaria para me salvar do desespero?

Monte-Cristo empalideceu ligeiramente e baixou a cabeça, esmagado pela veemência daquela dor.

- Não quer dizer-me até à vista? - perguntou, estendendo-lhe a mão.

- Quero - respondeu Mercedes, mas apontando para o céu solenemente. - Como vê, ainda tenho esperança...

E depois de tocar na mão do conde com mão trêmula, Mercedes correu para a escada e desapareceu.

Monte-Cristo saiu então lentamente da casa e tomou o caminho do porto.

Mas Mercedes não o viu afastar-se, embora estivesse à janela do quartinho do pai de Dantés. Os seus olhos procuravam ao longe o navio que levava o filho para o mar alto. Verdade sei a que a sua voz, como que a seu pesar, murmurava baixinho:

- Edmond, Edmond, Edmond!

Capítulo

O passado

O conde saiu com a alma magoada daquela casa onde deixava Mercedes para nunca mais a ver, segundo todas as probabilidades. Desde a morte do pequeno Edouard operara-se em Monte-Cristo
uma grande transformação. Chegado ao alto da sua vingança pela encosta lenta e tortuosa que seguira, vira do outro lado da montanha o abismo da dúvida.

Mas havia mais: a conversa que acabava de ter com Mercedes despertara tantas recordações no seu coração que elas próprias precisavam de ser combatidas. Um homem da têmpera do conde não podia entregar-se durante muito tempo a uma melancolia capaz de alimentar os espíritos vulgares dando-lhes uma originalidade aparente, mas que mata as almas superiores. O conde disse para consigo que para quase
ter chegado a censurar-se era porque algum erro se insinuara nos seus cálculos.

- Analiso mal o passado - disse. - Não posso ter-me enganado assim... Seria possível que me propusesse atingir um objetivo insensato? Terei seguido caminho errado durante dez anos? Não bastaria uma hora para provar ao arquiteto que a obra em que depositara todas as suas esperanças era uma obra impossível ou pelo menos sacrílega?

"Não me posso habituar a semelhante idéia; enlouqueceria. O que falta aos meus raciocínios atuais é a apreciação exata do passado, porque revejo o passado da outra extremidade do horizonte. Com efeito, à medida que avançamos o passado esbate-se, tal como a paisagem que atravessamos se esfuma à medida que nos afastamos. Acontece-me o que acontece às pessoas que se ferem em sonhos: vêem e sentem o ferimento, mas não se lembram de o ter recebido...

"Vamos, homem renovado; vamos, rico extravagante; vamos, dorminhoco acordado; vamos, visionário todo-poderoso, vamos, milionário invencível: retoma por instantes a perspectiva funesta da vida miserável e faminta; volta a passar pelos caminhos para onde a fatalidade te empurrou ou a desventura te conduziu e o desespero te recebeu. Demasiados diamantes, ouro e sorte brilham hoje no espelho em que Monte-Cristo vê Dantés. Esconde esses diamantes, cobre de lama esse ouro, apaga esse brilho; rico, volta a ser pobre; livre, volta a ser prisioneiro; ressuscitado, volta a ser cadáver.

Enquanto dizia isto a si mesmo, Monte-Cristo seguia pela Rua da Caisserie, a mesma pela qual vinte e quatro anos antes fora conduzido por uma guarda silenciosa e noturna. Aquelas casas, de aspecto risonho e animado, estavam naquela noite sombrias, mudas e fechadas.

- Mas são as mesmas - murmurou Monte-Cristo. - Só que então era de noite e hoje é de dia; é o sol que ilumina tudo isto e torna tudo isto alegre.

Desceu ao cais pela Rua de Saint-Laurent e encaminhou-se para a Consigne, o ponto do porto onde fora embarcado. Um barco de passeio passava com a sua cobertura de lona. Monte-Cristo chamou o patrão, que navegou imediatamente para ele, com a pressa que põem nesse exercício os barqueiros que farejam uma boa gorjeta.

O tempo estava magnífico e a viagem foi uma festa. No horizonte o Sol descia, vermelho e chamejante, nas vagas, que se incendiavam à sua aproximação. O mar, liso como um espelho, franzia-se por vezes devido aos saltos dos peixes, que, perseguidos por algum inimigo oculto, saltavam para fora de água a fim de procurarem a salvação em outro elemento. Finalmente, no horizonte viam-se passar, brancas e graciosas
como gaivotas de arribação, as barcas de pescadores que se dirigiam para Martigues ou os navios mercantes carregados que seguiam para a Córsega ou para a Espanha.

Apesar daquele lindo céu, daquelas barcas de contornos graciosos e da luz

dourada que inundava a paisagem, o conde, envolto na sua capa, recordava um a um todos os pormenores da terrível viagem aquela luz única e isolada que ardia nos Catalães, a vista do castelo de If que lhe revelou para onde o levavam, a luta com os guardas quando quis lançar-se ao mar, o seu desespero quando se sentiu vencido e a sensação fria do cano do rostobina encostado à têmpora, como um anel de gelo.

E pouco a pouco, como as nascentes secas no Verão que quando se acastelam as nuvens de Outono se umedecem lentamente e começam a correr gota a gota, o conde de Monte-Cristo sentiu igualmente nascer-lhe no peito o velho fel extravasado que outrora inundara o coração de Edmond Dantés.

A partir daí acabou-se para ele o céu bonito, as barcas graciosas, o sol quente; o céu velou-se de crepes fúnebres e o aparecimento do negro gigante chamado castelo de If fê-lo estremecer como se lhe tivesse surgido de súbito o fantasma de um inimigo mortal.

Chegaram.

Instintivamente, o conde recuou até à extremidade do barco. O patrão teve de lhe dizer com a sua voz mais diferente:

- Chegamos, senhor.

Monte-Cristo lembrou-se de que naquele mesmo local, naquele mesmo rochedo, fora violentamente arrastado pelos seus guardas e que o tinham obrigado a subir a rampa picando-lhe os rins com a ponta das baionetas.

O caminho parecera então muito longo a Dantés; Monte-Cristo achou-o muito curto. Cada remada fizera brotar, juntamente com a poalha úmida do mar, um milhão de pensamentos e recordações.

Desde a revolução de Julho que não havia prisioneiros no Castelo de If; apenas um posto destinado a impedir o contrabando se encontrava instalado na casa da guarda. Um porteiro recebia os curiosos à porta para lhes mostrar aquele monumento de terror transformado em monumento de curiosidade.

E no entanto, embora conhecesse pormenorizadamente o que ia ver, quando entrou debaixo da abóbada, quando desceu a escada negra, quando o conduziram às celas que pedira para ver, uma palidez fria invadiu-lhe a testa, cujo suor gelado lhe refluiu até ao coração.

O conde perguntou se ainda havia algum antigo carcereiro do tempo da Restauração; todos tinham sido reformados ou se dedicavam a outras profissões. O porteiro que o acompanhava estava ali desde 1830 apenas. Levaram-no a sua própria cela.

Reviu a luz baça filtrar-se através do estreito respiradouro; reviu o lugar onde estava a cama, retirada depois, e atrás da cama, embora tapada, mas ainda visível devido às pedras mais novas, a abertura praticada pelo abade Faria. Monte-Cristo sentiu as pernas fraquejarem-me; pegou num banco de madeira e sentou-se.

- Contaram-se algumas histórias acerca deste castelo além da relacionada com a prisão de Mirabeau? - perguntou o conde. - Existe alguma tradição relacionada com estas celas lúgubres, onde custa a crer que homens alguma vez tenham encerrado um homem vivo?

- Existe, sim, senhor - respondeu o porteiro -, e a respeito desta mesma cela o carcereiro Antoine transmitiu-me uma.

Monte-Cristo estremeceu.

O carcereiro Antoine era o seu carcereiro. Quase lhe esquecera o nome e o rosto, mas assim que o seu nome foi pronunciado reviu-o tal qual era, com o rosto rodeada de barba, o seu casaco escuro e o seu molho de chaves, cujo tilintar lhe parecia ainda ouvir.

O conde virou-se e julgou vê-lo na sombra do corredor, tornada mais densa pelo contraste com a luz do archote que ardia nas mãos do porteiro.

- O senhor quer que a conte? - perguntou o porteiro.

- Pois sim, conte - respondeu Monte-Cristo.

E pôs a mão no peito para comprimir as violentas pulsações do coração, assustado por ir ouvir contar a sua própria história.

- Conte - repetiu.

- Esta cela - prosseguiu o porteiro - era ocupada por um prisioneiro, há muito tempo, um homem perigosíssimo, ao que parece, e tanto mais perigoso quanto lhe não faltava engenho. Nessa altura, havia outro homem no castelo, mas esse não era mau, era um pobre padre louco.

- Ah, sim, louco!... - repetiu Monte-Cristo. - E qual era a sua loucura?

- Oferecia milhões se lhe restituíssem a liberdade.

Monte-Cristo ergueu os olhos ao céu, mas não viu o céu: havia um véu de pedra entre ele e o firmamento. Pensou que houvera um véu não menos espesso entre os olhos daqueles a quem o abade Faria oferecia tesouros e os tesouros que lhes oferecia.

- Os prisioneiros podiam ver-se? - perguntou Monte-Cristo.

- Oh, não, senhor, era expressamente proibido! Mas eles eludiram a proibição abrindo uma galeria que ia de uma cela à outra.

- E qual dos dois abriu a galeria?

- O mais novo, com certeza - respondeu o porteiro. - O rapaz era engenhoso e forte, ao passo que o pobre abade era velho e fraco. Além disso, tinha o espírito demasiado vacilante para seguir uma idéia.

- Cegos!... - murmurou Monte-Cristo.

- Seja como for - continuou o porteiro -, o mais novo abriu a galeria. Com quê? Ninguém sabe. Mas abriu-a, e a prova é que ainda se vêem sinais dela. Repare, não os vê?

E aproximou o archote da parede.

- Sim, realmente... - respondeu o conde, com a voz embargada pela emoção.

- Daí resultou que os dois prisioneiros comunicaram um com o outro. Quanto tempo durou a comunicação? Ninguém sabe. Ora, um dia o prisioneiro velho adoeceu e morreu. Adivinha o que fez o novo? - perguntou o porteiro, interrompendo-se.

- Diga.

- Apoderou-se do defunto, que deitou na sua própria cama com a cara virada para a parede, voltou à cela vazia, tapou o buraco e meteu-se no saco do morto. Já viu semelhante idéia?

Monte-Cristo fechou os olhos e sentiu-se passar de novo por todas as impressões que experimentara quando aquela tela grosseira, ainda impregnada do frio do cadáver, lhe tocara na cara.

O porteiro continuou:

- Veja o senhor qual era o seu plano: julgava que enterravam os mortos no Castelo de If, e como estava convencido de que não gastavam dinheiro com caixões para os presos, contava levantar a terra com os ombros. Mas infelizmente havia no castelo um costume que prejudicava o seu plano: não enterravam os mortos; limitavam-se a prender-lhes um peso aos pés e a lançá-los ao mar. Foi o que se fez e o nosso homem foi lançado à água do alto da galeria. No dia seguinte encontraram o verdadeiro morto na sua cama e adivinharam tudo, porque os coveiros disseram então o que se não tinham atrevido a dizer até ali, isto é, que no momento em que o corpo fora lançado no vácuo tinham ouvido um grito terrível, abafado imediatamente
pela água, na qual desaparecera.

O conde respirou penosamente. O suor corria-lhe pela testa e a angústia apertava-lhe o coração.

- Não - murmurou --, não! A dúvida que experimentei era um princípio de esquecimento. Mas aqui o coração sangra de novo e volta a sentir-se faminto de vingança. E o prisioneiro, nunca mais ouviram falar dele? - perguntou.

- Nunca por nunca ser. Compreende, das duas uma: ou caiu de chapa de cinquenta pés de altura e morreu imediatamente...

- Disse que lhe tinham prendido um pelouro aos pés; portanto, deve ter caído de pé.

- Ou caiu de pé - prosseguiu o porteiro e então o peso do pelou o arrastou-o para o fundo, onde ficou, pobre homem!

- Lamenta-o?

- Claro que sim, embora morresse no seu elemento.

- Que quer dizer?

- Que corria o boato de que o desgraçado fora, no seu tempo, um oficial de marinha preso por bonapartista.

- É verdade - murmurou o conde para consigo. - Deus fê-la flutuar à superfície das vagas e das paixões, e assim o pobre marinheiro vive na memória de alguns narradores. Conta-se a sua terrível história ao canto da lareira e estremece-se no momento em que ele fende o espaço para mergulhar no mar profundo.

- Nunca souberam o seu nome? -- perguntou o conde em voz alta.

- Ah. sim. claro!... - respondeu o guarda. - Como? Era só conhecido pelo número 34.

- Villefort, Villefort... - murmurou o conde. - O que não terá pensado quando o meu fantasma importunava as tuas insônias...

- O senhor quer continuar a visita? - perguntou o porteiro.

- Sim, sobretudo se me quiser mostrar a cela do pobre abade.

- Ah! A do número 27?

- Sim, a do número 27 - repetiu Monte-Cristo.

E pareceu-lhe ouvir ainda a voz do abade Faria quando lhe perguntara o seu nome e ele lhe gritara o número através da parede.

- Venha.

- Espere, deixe-me dar uma última vista de olhos à cela.

- Calha bem - disse o guia --, porque me esqueci da chave da outra.

- Vá buscá-la.

- Deixo-lhe o archote.

- Não, leve-o.

- Mas fica sem luz...

- Enxergo bem no escuro.

- Olha, é como ele!...

- Ele quem?

- O número 34. Dizem que estava tão habituado às trevas que era capaz de ver um alfinete no canto mais escuro da cela.

- Mas precisou de dez anos para o conseguir - murmurou Monte-Cristo.

O guia afastou-se com o archote.

O conde dissera a verdade: bastaram-lhe apenas uns segundos na escuridão para distinguir tudo como em pleno dia. Então olhou a toda a volta de si e reconheceu realmente a sua cela.

- Sim, aqui está a pedra em que me sentava! E aqui a marca dos meus ombros escavada na muralha! E aqui uns restos do sangue que me correu da testa no dia em que quis partir a cabeça contra a parede! Oh, estes números!... Lembro-me deles... Fi-los num dia em que calculava a idade do meu pai, para saber se o encontraria vivo, e a idade de Mercedes, para saber se a encontraria livre ... Tive um momento de esperança depois de fazer estes cálculos ... Não contava com a fome nem com a infidelidade!

E um riso amargo saiu da boca do conde. Acabava de ver, como num sonho, o pai a ser conduzido à sepultura... E Mercedes dirigindo-se para o altar! No outro lance da muralha deu com os olhos numa inscrição.

Ainda se destacava, a branco, na parede esverdeada: “meu deus, conserva-me a memória!"

- Oh, sim, era esta a minha única prece nos últimos tempos! - exclamou. - já não pedia a liberdade, pedia a memória, receava enlouquecer e esquecer. Meu Deus, conservaste-me a memória e lembrei-me. Obrigado, obrigado, meu Deus!

Neste momento a luz do archote refletiu-se nas paredes; era o guia que descia.

Monte-Cristo foi ao seu encontro.

- Siga-me - disse o homem.

E sem necessitar de vir à superfície, fê-lo seguir por um corredor subterrâneo que o conduziu a outra entrada. Também ali Monte-Cristo foi assaltado por um mundo de pensamentos.

A primeira coisa que lhe saltou à vista foi o meridiano traçado na muralha, com o auxílio do qual o abade Faria contava as horas; depois os restos da cama em que o pobre prisioneiro morrera.

Ao ver isto, em vez das angústias que o conde experimentara na sua cela, um sentimento suave e terno, um sentimento de reconhecimento, encheu-lhe o coração e duas lágrimas rolaram-lhe dos olhos.

- Era aqui que estava o abade louco - informou o guia. - Era por ali que o rapaz vinha ter com ele - e mostrou a Monte-Cristo a entrada da galeria, que daquele lado ficara aberta. - Pela cor da pedra - continuou - um sábio descobriu que devia haver mais ou menos dez anos que os dois prisioneiros comunicavam um com o outro. Pobres homens, muito se devem ter aborrecido durante esses

dez anos!

Dantés tirou alguns luíses da algibeira e estendeu a mão para o homem que pela segunda vez o lamentava sem o conhecer. O porteiro aceitou-os, julgando receber algumas moedas de pouco valor mas à luz do archote verificou que o visitante lhe dera muito dinheiro.

- Senhor - disse-lhe -, deve ter se enganado...

- Como assim?

- Deu-me moedas de ouro.

- Bem sei.

- Sabe?!

- Sim.

- Era sua intenção dar-me este ouro?

- Era.

- E posso guardá-lo com a consciência tranquila?

- Pode.

O porteiro olhou atônito para Monte-Cristo.

- E honestidade - acrescentou o conde, como Hamlet.

- Senhor - tornou o porteiro, que não ousava acreditar na sua sorte --, senhor, não compreendo a sua generosidade...

- É fácil de compreender, meu amigo - perguntou o conde. - Fui marinheiro e a sua história comoveu-me mais do que qualquer outra.

- Então, senhor - disse o guia --, já que é tão generoso, merece que lhe ofereça qualquer coisa.

- Que tem para me oferecer, meu amigo? Conchas, objetos de palha? Obrigado.

- Não, senhor; não, senhor! Qualquer coisa que se refere à história que lhe contei há pouco.

- Deveras?! - exclamou o conde, entusiasmado. - O quê?

- Ouça, vou contar-lhe o que aconteceu - disse o porteiro. - Pensei aqui para comigo: “Encontra-se sempre qualquer coisa numa cela onde um prisioneiro permaneceu quinze anos..." E pus-me a sondar as paredes.

- Ah! - exclamou Monte-Cristo. Lembrando-se do duplo esconderijo do abade. - Com efeito.

- À força de procurar - continuou o porteiro --, descobri que a parede soava a oco à cabeceira da cama e na lareira da chaminé.

- Claro, claro - disse Monte-Cristo.

- Levantei as pedras e encontrei...

- Uma escada de corda? Ferramentas? - antecipou-se o conde.

- Como sabe? - perguntou o porteiro, surpreendido.

- Não sei, mas calculo - respondeu o conde. - Habitualmente, esse gênero de coisas que se encontra nos esconderijos dos prisioneiros.

- Exato, senhor, uma escada de corda e ferramentas - confirmou o guia.

- E ainda as tem? - perguntou Monte-Cristo.

- Não, senhor. Vendi esses objetos, que eram muito curiosos, a visitantes. Mas resta-me outra coisa...

- O quê? - perguntou o conde com impaciência.

- Resta-me uma espécie de livro escrito em tiras de pano.

- Oh, ainda tem esse livro?! - exclamou Monte-Cristo.

- Não sei se é um livro - respondeu o porteiro. -- Mas ainda o tenho, como lhe disse.

- Vá buscá-lo, meu amigo, vá - pediu o conde. - E se for o que presumo, não se arrependerá...

- Vou num pé e venho noutro, senhor.

E o guia saiu.

Então, Monte-Cristo foi ajoelhar-se piedosamente diante dos restos daquela cama de que a morte fizera para ele um altar.

- Óh meu segundo pai - disse --, tu que me deste a liberdade, a ciência e a riqueza; tu que, a exemplo das criaturas de essência superior à nossa, conhecias a ciência do bem e do mal, se no fundo da sepultura resta alguma coisa de nós que estremeça ao ouvir a voz daqueles que ficaram na Terra; se na transfiguração que sofre o cadaver alguma coisa animada paira nos lugares onde muito amamos e sofremos, nobre coração, espírito supremo, alma profunda, por uma palavra, por um sinal, por uma revelação qualquer, conjuro-te, em nome do amor paternal que me concedias e do respeito filial que te dedicava, a tirar-me este resto de dúvida que, a não se transformar em convicção, se transformar em remorso.

O conde baixou a cabeça e juntou as mãos.

- Veja, senhor! - disse uma voz atrás dele.

Monte-Cristo estremeceu e virou-se.

O porteiro estendia-lhe as tiras de pano em que o abade Faria registrara todos os tesouros da sua ciência. Aquele manuscrito era a grande obra do abade Faria acerca da realeza na Itália.

O conde pegou-lhe sofregamente e os seus olhos pousaram em primeiro lugar na epígrafe. Leu: “Arrancará os dentes do dragão e calcarás aos pés os leões, disse o Senhor."

- Ah, aqui está a resposta! - exclamou. - Obrigado, meu pai, obrigado!

Depois disse, tirando da algibeira uma carteirinha que continha dez notas de mil francos cada uma:

- Tome, aceite esta carteira.

- O senhor a está me dabdo?

- Dou, mas com a condição de só ver o que tem dentro depois de me ir embora.

E apertando ao peito a relíquia que acabava de recuperar e que tinha para ele o valor do mais rico tesouro, saiu do subterrâneo e meteu-se na barca.

- Para Marselha! - ordenou.

E enquanto se afastava, disse com os olhos cravados na sombria prisão:

- Ai daqueles que me mandaram encerrar naquela prisão e daqueles que esqueceram que lá estive encerrado!

Quando voltou a passar diante dos Catalães, o conde virou-se, envolveu a cabeça na capa e murmurou um nome feminino.

A vitória era completa; o conde vencera duas vezes a dúvida. O nome que pronunciara com uma expressão de ternura que era quase de amor fora o nome de Haydée.

Assim que pôs pé em terra, Monte-Cristo dirigiu-se para o cemitério, onde sabia encontrar Morrel.

Também ele, dez anos antes, procurara piedosamente uma sepultura naquele cemitério, e procurara-a em vão. Ele, que regressava a França com milhões, não conseguira encontrar a sepultura do pai morto de fome.

Morrel bem mandara lá colocar uma cruz., mas a cruz caíra e o coveiro queimara-a, como fazem todos os coveiros a toda a madeira velha que encontram caída nos cemitérios. O digno negociante fora mais feliz: morto nos braços dos filhos, fora, levado por eles, dormir o sono eterno junto da mulher, que o precedera dois anos na eternidade.

Duas grandes lajes de mármore com os seus nomes encontravam-se colocadas uma ao lado da outra num pequeno recinto fechado por uma balaustrada de ferro e sombreado por quatro ciprestes. Maximilien estava encostado a uma das árvores e olhava sem ver para as duas sepulturas. A sua dor era profunda, quase desvairada.

- Maximilien, não é para ai que deve olhar, é para ali - disse-lhe o conde, indicando-lhe o céu.

- Os mortos estão em toda a parte -- perguntou Morrel. - Não foi o que me disse quando me trouxe de Paris?

- Maximilien - disse o conde --, pediu-me durante a viagem que lhe permitisse ficar uns dias em Marselha. Continua a ser essa a sua vontade?

- Já não tenho vontade, conde, mas parece-me que esperarei menos penosamente aqui do que em outro lugar.

- Tanto melhor, Maximilien, porque vou deixá-lo, mas levo comigo a sua palavra, não é verdade?

- Oh, a esquecerei, conde, a esquecerei! - respondeu Morrel.

- Não, não a esquecera porque acima de tudo é um homem honrado, Morrel; porque jurou e porque vai jurar novamente.

- Conde, tenha compaixão de mim! Sou tão infeliz, conde!

- Conheci um homem mais infeliz do que o senhor, Morrel.

- Impossível.

- Claro! - exclamou Monte-Cristo, - É um dos orgulhos da nossa pobre humanidade cada homem julgar-se mais infeliz do que outro infeliz que chora e geme a seu lado.

- Quem pode ser mais infeliz do que o homem que perdeu o único bem que amava e desejava no mundo?

- Ouça, Morrel - disse Monte-Cristo -, e fixe um instante o espírito no que lhe vou dizer. Conheci um homem que, tal como o senhor, depositara todas as suas esperanças de felicidade numa mulher. Esse homem era novo e tinha um velho pai que amava e uma noiva que adorava. Ia casar com ela quando de súbito um desses caprichos do destino que fariam duvidar da bondade de Deus se Deus se não revelasse mais tarde mostrando que tudo é para ele um meio de conduzir à sua unidade infinita, quando de súbito um capricho do destino lhe roubou a liberdade, a amada e o futuro com que sonhava e que julgava pertencer-lhe, pois, cego como estava, só podia ler no presente, e o lançou no fundo de uma masmorra.

- Pois sim, mas sai-se de uma masmorra ao fim de oito dias, de um mês, de um ano... - observou Morrel.

- Ele ficou lá catorze anos, Morrel - disse o conde, pousando a mão no

ombro do rapaz..

Maximilien estremeceu.

- Catorze anos!... - murmurou.

- Catorze anos - repetiu o conde. - Também ele, durante esses catorze anos, teve muitos momentos de desespero. Também ele, como o senhor, Morrel, julgando-se o mais infeliz dos homens, quis se matar.

- E depois? - perguntou Morrel.

- E depois? No momento supremo Deus se revelou por um meio humano. Porque Deus já não faz milagres. Talvez à primeira vista (os olhos velados de lágrimas precisam de tempo para se abrir por completo) não tenha compreendido a misericórdia infinita do Senhor, mas enfim, encheu-se de paciência e esperou. Um dia saiu miraculosamente da tumba, transfigurado, rico, poderoso, quase um deus. O seu primeiro pensamento foi para o pai, mas o pai morrera!

- A mim também me morreu o meu pai - observou Morrel.

- Sim, mas o seu pai morreu-lhe nos braços, amado, feliz, respeitado, rico, vergado ao peso dos anos, ao passo que o pai dele morrera pobre, desesperado, duvidando de Deus; e quando dez anos depois da sua morte o filho lhe procurou a sepultura, a sua própria sepultura desaparecera e ninguém lhe pôde dizer: “é aqui que repousa no Senhor o coração que tanto te amou."

- Oh! - exclamou Morrel.

- Ele era portanto mais infeliz filho do que o senhor, Morrel, pois nem sequer sabia onde fora sepultado o pai.

- Mas - disse Morrel - restava-lhe a mulher que amara, ao menos.

- Engana-se, Morrel. Essa mulher...

- Também morrera? - atalhou Maximilien.

- Pior do que isso: fora infiel, casara com um dos perseguidores do noivo. Bem vê, Morrel, que esse homem era mais infeliz, como apaixonado, do que o senhor...

- E Deus mandou consolação a esse homem? - perguntou Morrel.

- Mandou-lhe pelo menos calma.

- E esse homem ainda poderá ser feliz um dia?

- Tem essa esperança, Maximilien.

O jovem deixou cair a cabeça para o peito.

- Tem a minha promessa - disse, após um instante de silêncio e estendendo a mão a Monte-Cristo. - Mas lembre-se...

- Em 5 de Outubro, Morrel, espero-o na ilha de Monte-Cristo. Em 4, um iate o esperará no porto de Bástia; um iate chamado Eurus. Apresente-se ao capitão, que o levar junto de mim. Está combinado, não é verdade, Maximilien?

- Está combinado e farei o que está combinado. Mas lembre-se que em 5 de Outubro...

- Criança, que ainda não sabe o que é a promessa de um homem... já lhe disse vinte vezes que nesse dia, se quiser morrer, até o ajudarei, Morrel. Adeus.

- Deixa-me?

- Deixo. Tenho que ir a Itália. Deixo-o sozinho, sozinho em luta com a desventura, sozinho com essa águia de asas poderosas que o Senhor envia aos seus eleitos para os transportar a seus pés. A história de Ganimedes não é uma fábula, Maximilien, é uma alegoria.

- Quando parte?

- Imediatamente. O navio a vapor espera-me e daqui a uma hora já estarei longe de si. Acompanha-me até ao porto, Morrel?

- Estou às suas ordens, conde.

- Abrace-me.

Morrel acompanhou o conde até ao porto. O fumo já saía como um penacho imenso da chaminé negra que o lançava ao céu. Pouco depois o navio partiu, e uma hora mais tarde, como dissera Monte-Cristo, o mesmo penacho de fumo esbranquiçado raiava, quase invisível, o horizonte oriental, escurecido pelas primeiras neblinas da noite.

Capítulo CXIV

Peppino

No preciso instante em que o navio a vapor do conde desaparecia para lá do cabo Morgiou, um homem em viagem pela estrada de Florença a Roma acabava de deixar para trás a cidadezinha de Aquapendente. A sua velocidade era a suficiente para percorrer boa distância sem no entanto se tornar suspeito.

Envergando uma redingote, ou antes um sobretudo que a viagem pusera em muito mau estado, mas que ainda deixava ver, brilhante e fresca, uma fita da Legião de Honra, repetida na sobrecasaca, o homem, não só por esse duplo sinal, mas também pela pronúncia com que falava ao postilhão, devia ser francês.

Mais uma prova de que nascera no pais da língua universal: não sabia outras palavras italianas a não ser essas palavras de música que podem, como o godman de Fígaro, substituir todas as sutilezas de determinada língua.

- Alegro! - dizia ao postilhão em cada subida.

- Moderato! - gritava em cada descida.

E Deus bem sabe se há subidas e descidas na estrada de Florença a Roma por Aquapendente!...

De resto, aquelas duas palavras faziam rir muito a boa gente a quem eram dirigidas.

Perante a cidade eterna, isto é, à chegada a Storta, ponto de onde se vê Roma, o viajante não experimentou esse sentimento de curiosidade entusiástica que leva todos os estrangeiros a levantarem-se do seu lugar para tentarem ver a famosa cúpula de S. Pedro, que se descobre muito antes de distinguir outra coisa. Não, tirou apenas uma carteira da algibeira, e da carteira um papel dobrado em quatro, que desdobrou e dobrou com uma atenção respeitosa, e limitou-se a dizer:

- Bom, ainda o tenho...

A carruagem transpôs a Porta del Popolo, virou à esquerda e deteve-se no Hotel de Espanha.

Mestre Pastrini, nosso velho conhecido, recebeu o viajante no limiar da porta e de chapéu na mão.

O viajante apeou-se, encomendou um bom jantar e informou-se do endereço da casa Thomson & French, que lhe foi indicado imediatamente, visto essa casa ser uma das mais conhecidas de Roma.

Estava situada na Via dei Banchi, perto de S. Pedro.

Em Roma, como em toda a parte, a chegada de uma sege de posta é um acontecimento. Dez jovens descendentes de Mário e dos gracos, descalços e de cotovelos rotos, mas de mão na anca e com o braço pitorescamente curvado por cima da cabeça, observavam o viajante, a sege de posta e os cavalos. A esses garotos da cidade por excelência tinham-se juntado uns cinquenta basbaques dos Estados de Sua Santidade, daqueles que fazem rodas e cospem para o Tibre do alto da Ponte de Santo Angelo quando o Tibre leva água. Ora, como os garotos e os basbaques de Roma, mais felizes do que os de Paris, compreendem todas as línguas, e sobretudo a língua francesa, perceberam o viajante pedir um quarto, pedir
de jantar e pedir, finalmente, o endereço da casa Thomson & French.

Dai resultou que quando o recém-chegado saiu do hotel com o cicerone da praxe, um homem separou-se do grupo de curiosos e, sem ser notado pelo viajante e sem parecer ser notado pelo guia, caminhou a curta distância do estrangeiro, seguindo-o com tanta perícia que talvez causasse inveja a um agente da
polícia parisiense.

O francês tinha tanta pressa de visitar a casa Thomson & French que nem sequer esperara que os cavalos fossem substituídos; a carruagem deveria apanhá-lo no caminho ou esperá-lo à porta dos banqueiros.

Chegaram antes de a carruagem os apanhar.

O francês entrou e deixou na antecâmara o guia, que imediatamente meteu conversa com dois ou três desses industriais sem indústria, ou antes de mil indústrias, que se encontram em Roma à porta dos banqueiros, das igrejas, das ruínas, dos museus e dos teatros.

Ao mesmo tempo que o francês entrou também o homem que se separara do grupo de curiosos. O francês bateu no guichê dos escritórios e entrou na primeira sala; a sua sombra fez outro tanto.

- Os Srs. Thomson & French? - perguntou o estrangeiro.

Uma espécie de lacaio levantou-se a um sinal de um empregado de confiança, guarda solene do primeiro escritório.

- Quem devo anunciar? - perguntou o lacaio, preparando-se para caminhar à frente do estrangeiro.

- O Sr. Barão Danglars - respondeu o viajante.

- Acompanhe-me - disse o lacaio.

Abriu-se uma porta e o lacaio e o barão desapareceram por ela. O homem que entrara atrás de Danglars sentou-se num banco de espera.

O empregado continuou a escrever durante cerca de cinco minutos; durante esses cinco minutos, o homem sentado guardou o mais profundo silêncio e a mais completa imobilidade. Depois a pena do empregado deixou de ranger no papel; o homem levantou a cabeça, olhou atentamente à sua volta e disse, após se assegurar de que estavam sós:

- Ah, ah!... Por aqui , Peppino?

- É verdade - respondeu laconicamente este último.

- Farejou alguma coisa que valha a pena nesse gordo?

- Não tive grande mérito nisso: fomos avisados.

- Sabe portanto o que vem fazer aqui? Curioso...

- Por Deus, vem receber! Apenas falta saber quanto.

- Saberemos daqui a pouco, amigo.

- Muito bem; mas que não aconteça como no outro dia, em que me deste uma informação falsa.

- Quer fazer o favor de me dizer do que está falando? Será daquele inglês que levantou há dias três mil escudos?

- Não. Esse tinha efetivamente os três mil escudos e nós encontramos-lhos. Refiro-me ao príncipe russo.

- E então?

- Então? Falou-nos em trinta mil libras e nós só lhe encontramos vinte e duas.

- É porque procuraram mal.

- Foi Luigi Vampa em pessoa quem o revistou.

- Nesse caso, é porque pagara as suas dívidas...

- Um russo?

- Ou gastou o dinheiro.

- É possível, no fim de contas.

- É certo. Mas deixe-me ir ao meu observatório antes de o francês concluir a transação sem eu saber a importância exata.

Peppino acenou afirmativamente, tirou um rosário da algibeira e pôs-se a resmonear uma prece enquanto o empregado saía pela mesma porta que dera passagem ao lacaio e ao barão. Passados cerca de dez minutos, o empregado voltou radiante.

- Então? - perguntou Peppino, ao amigo.

- Alerta, alerta! - disse o empregado. - A importância é alta...

- Cinco a seis milhões, não é verdade?

- Sim. Sabe a importância?

- Sobre um recibo de Sua Excelência o conde de Monte-Cristo.

- Conhece o conde?

- Crédito sobre Roma, Veneza e Viena.

- Exato! - exclamou o empregado. - Como é que está tão bem informado?

- Já te disse que fomos prevenidos antecipadamente.

- Então porque veio ter comigo?

- Para ter a certeza de que é de fato o homem que esperavamos.

- Não há dúvida que é ele... Cinco milhões. Uma bonita quantia, não é verdade, Peppino?

- É.

- Nunca possuiremos tanto.

- Pelo menos teremos algumas migalhas - respondeu filosoficamente Peppino.

- Cale-se! Vem aí o nosso bem.

O empregado voltou a pegar na pena e Peppino no seu rosário. Um escrevia e o outro rezava quando a porta se abriu. Danglars apareceu radiante,

acompanhado do banqueiro, que o levou até à porta.

Peppino saiu atrás de Danglars.

De acordo com o combinado, a carruagem que devia ir buscar Danglars esperava-o já diante da casa Thomson & French. O cicerone segurava a portinhola aberta. O cicerone é um indivíduo muito prestável e que se pode utilizar no que se quiser.

Danglars saltou para a carruagem com a agilidade de um rapaz de vinte anos. O cicerone fechou a portinhola e subiu para junto do cocheiro.

Peppino subiu para o acento da retaguarda.

- Sua Excelência quer ver S. Pedro? - perguntou o cicerone.

- Para quê?... - respondeu o barão.

- Demônio, para ver!

- Não vim a Roma para ver - disse Danglars em voz alta, e depois acrescentou baixinho e com o seu sorriso cúpido: - Vim para receber.

E tocou na carteira, em que acabava de guardar uma carta.

- Então, Sua Excelência vai...?

- Para o hotel.

- Casa Pastrini - disse o cicerone ao cocheiro.

E a carruagem partiu rápida, como uma carruagem particular.

Dez minutos mais tarde o barão entrava nos seus aposentos e Peppino instalava-se no banco existente na fachada do hotel, depois de dizer algumas palavras ao ouvido de um dos descendentes de Mário e dos Gracos a que nos referimos no princípio deste capítulo, o qual descendente tomou o caminho do Capitólio a toda a velocidade das suas pernas.

Danglars estava cansado, satisfeito e ensonado. Deitou-se, meteu a carteira debaixo da almofada e adormeceu. Peppino tinha tempo de sobra. Jogou à morra com uns facchini, perdeu três escudos e para se consolar bebeu uma garrafa de vinho de Orvieto.

No dia seguinte, Danglars acordou tarde, apesar de ter se deitado cedo. Mas havia cinco ou seis noites que dormia muito mal, quando dormia. Almoçou, e pouco interessado, como dissera, em ver as belezas da cidade eterna, pediu os seus cavalos de posta para o meio-dia.

Mas Danglars não contara com as formalidades da polícia nem com a preguiça do homem da posta.

Os cavalos só chegaram às duas horas e o cicerone só voltou com o passaporte visado às três horas.

Os descendentes dos Gracos e de M rio também não faltaram ao bota-fora.

O barão atravessou triunfalmente os grupos, que lhe chamavam Excelência para apanharem um bajocco.

Como Danglars, homem popularíssimo, como sabemos, se contentara até ali que o tratassem por barão e ainda não fora tratado por Excelência, este titulo lisonjeou-o e por isso distribuiu uma dúzia de pauls a toda aquela canalha, mais que disposta, por outros doze pauls, a tratá-lo por Alteza.

- Por que estrada? - perguntou o postilhão em italiano.

- Estrada de Ancona - respondeu o barão.

Mestre Pastrini traduziu a pergunta e a resposta e a carruagem partiu a galope.

Danglars queria, efetivamente, chegar a Veneza, receber aí parte da sua fortuna e, depois de Veneza, alcançar Viena, onde realizaria o resto.

A sua intenção era fixar-se nesta última cidade, que lhe tinham garantido ser uma cidade de prazeres.

Mal percorreu três léguas na campina de Roma começou a anoitecer. Danglars não esperara partir tão tarde, pois de contrário teria ficado. Assim, perguntou ao postilhão quanto faltava para chegaram à próxima cidade.

- Non capisco - respondeu o postilhão.

Danglars fez um gesto com a cabeça que queria dizer: “Muito bem! "

A carruagem continuou o seu caminho.

“Na primeira posta o mandarei parar", disse Danglars para consigo.

Danglars experimentava ainda um resto do bem-estar que sentira na véspera e lhe proporcionara tão boa noite. Estava estiraçado molemente numa boa caleça inglesa de molas duplas, sentia-se levado pelo galope de dois bons cavalos e a distância entre cada muda era de sete léguas e ele sabia-o. Que fazer quando se é banqueiro e se teve a sorte de falir?

Danglars pensou dez minutos na mulher que deixara em Paris, outros dez minutos na filha correndo o mundo com Mademoiselle de Armilly, concedeu mais dez minutos aos seus credores e à forma como empregaria o seu dinheiro, e depois, não tendo mais nada em que pensar, fechou os olhos e adormeceu.

No entanto, de vez em quando, sacudido por um solavanco mais forte do que os outros, Danglars abria por um momento os olhos. Mas continuava a sentir-se, transportado com a mesma velocidade através da campina romana, toda salpicada de aquedutos em ruínas, que pareciam gigantes de granito petrificados no meio da sua corrida. Além disso, a noite estava fria, escura e chuvosa, e era muito mais agradável para
um homem meio adormecido permanecer no fundo da sua sege de olhos fechados do que deitar a cabeça fora da portinhola para perguntar onde estavam a um postilhão que só sabia responder. “non capisco."

Danglars continuou portanto a dormir, dizendo para consigo que teria sempre tempo de acordar na muda.

A carruagem parou. Danglars pensou que chegara finalmente ao ponto tão desejado.

Abriu os olhos, olhou através do vidro e esperou encontrar-se no meio de qualquer cidade ou pelo menos de qualquer aldeia. Mas não viu nada, exceto uma espécie de casebre isolado, e três ou quatro homens que iam e vinham como fantasmas.

Danglars esperou um instante que o postilhão que acabara de chegar lhe viesse pedir o dinheiro da posta. Tencionava aproveitar a oportunidade para pedir algumas informações ao seu novo condutor. Mas os cavalos foram desatrelados e substituídos sem que ninguém viesse pedir dinheiro ao viajante. Danglars, surpreendido, abriu a portinhola; mas uma mão vigorosa empurrou-o imediatamente para dentro e a sege
pôs-se em andamento.

O barão, estupefato, acordou por completo.

- Eh! - gritou ao postilhão. - Eh, mio caro!

Era ainda o italiano de romança, que Danglars fixara quando a filha cantava

duos com o príncipe Cavalcanti.

Mas o mio caro não respondeu. Danglars limitou-se então a abrir o vidro.

- Eh, amigo! Aonde vamos? - perguntou, metendo a cabeça pela abertura.

- Dentro la testa! - gritou uma voz grave e imperiosa, acompanhada de um gesto de ameaça.

Danglars compreendeu que dentro la testa queria dizer “cabeça para dentro". Fazia, como vemos, rápidos progressos no italiano.

Obedeceu, não sem inquietação, e como a inquietação aumentava de minuto a minuto, passados alguns instantes o seu espírito, em vez do vácuo que assinalamos no momento da partida e que o levara a adormecer, o seu espírito, dizíamos, encontrou-se cheio de inúmeros pensamentos, uns mais próprios do que outros para manterem desperto o interesse de um viajante, e sobretudo de um viajante na situação de Danglars.

Os seus olhos adquiriram nas trevas o grau de acuidade que transmitem no primeiro momento as emoções fortes e que se embota mais tarde por excesso de utilização. Antes de se ter medo, vê-se bem; enquanto se tem medo, vê-se a dobrar, e depois de se ter medo vê-se nublado. Danglars viu um homem envolto numa capa que galopava à portinhola da direita.

- Algum guarda - murmurou. - Terei sido assinalado pelos telégrafos franceses às autoridades pontifícias?

Resolveu sair de semelhante ansiedade.

- Para onde me levam? - perguntou.

- Dentro la testa! - repetiu a mesma voz no mesmo tom de ameaça.

Danglars virou-se para a portinhola da esquerda. Outro homem a cavalo galopava à portinhola da esquerda.

“Decididamente", pensou Danglars com a testa coberta de suor, “decididamente, fui apanhado..."

E recostou-se no fundo da caleça, desta vez não para dormir, mas sim para pensar.

Pouco depois a Lua surgiu no céu.

Do fundo da caleça olhou para os campos; tornou a ver então os grandes aquedutos, fantasmas de pedra que notara ao passar; simplesmente, em vez de os ter à direita, tinha-os agora à esquerda.

Compreendeu que tinham obrigado a carruagem a dar meia volta e que o levavam novamente para Roma.

- Que pouca sorte - murmurou --, devem ter obtido a extradição!

A carruagem continuava a correr com espantosa velocidade. Passou uma hora terrível, pois em cada novo ponto de referência que via à sua passagem o fugitivo reconhecia, sem sombra de dúvida, que o reconduziam ao ponto de partida. Por fim distinguiu uma massa sombria contra a qual lhe pareceu que a carruagem ia chocar. Mas a carruagem virou e contornou essa massa sombria, que não passava da cintura de muralhas que rodeia Roma.

- Oh, oh! - murmurou Danglars. - Não entramos na cidade, o que prova que não estou nas mãos da justiça. Meu Deus, será que...?

Os cabelos eriçaram-se lhe.

Recordou-se das interessantes histórias de bandidos romanos, tão pouco acreditadas em Paris, que Albert de Morcerf contara à Sra Danglars e a Eugenie

quando o jovem visconde ainda aspirava a ser genro de uma e marido da outra.

- São talvez ladrões! - murmurou.

De repente, a carruagem rodou sobre qualquer coisa mais dura do que o chão de um caminho arenoso. Danglars arriscou um olhar aos dois lados da estrada. Distinguiu monumentos de forma estranha e o seu pensamento, preocupado com a história de Morcerf, que lhe surgia agora em todos os seus pormenores,
o seu pensamento disse-lhe que devia estar na Via Ápia.

À esquerda da carruagem, numa espécie de vale, via-se uma escavação circular.

Era o Circo de Caracala.

A uma ordem do homem que galopava à portinhola da direita, a carruagem parou.

Ao mesmo tempo, a portinhola da esquerda abriu-se.

- Scendi! - ordenou uma vez.

Danglars desceu imediatamente. Ainda não falava italiano, mas já o entendia.

Mais morto do que vivo, o barão olhou à sua volta. Rodeavam-no quatro homens, sem contar com o postilhão.

- Di quà - disse um dos quatro homens, descendo um carreirinho que levava à Via Ápia, no meio das desigualdades do terreno da campina romana.

Danglars seguiu o seu guia, sem discussão, e não teve necessidade de se virar para saber que o seguiam mais três homens.

Pareceu-lhe no entanto que esses homens se detinham como sentinelas a distâncias pouco mais ou menos iguais. Após cerca de dez minutos de caminho, durante os quais Danglars não trocou uma única palavra com o seu guia, encontrou-se entre um cabeço e uma moita de ervas altas. Três homens de pé e calados formavam um triângulo de que ele era o centro.

Quis falar, mas a língua embaraçou-se-lhe.

- Avanti - disse a mesma voz de tom breve e imperioso.

Desta vez, Danglars compreendeu duplamente: compreendeu pela palavra e pelo gesto, pois o homem que vinha atrás empurrou-o tão rudemente para diante que ele foi de encontro ao guia.

O guia era o nosso amigo Peppino, que se meteu através das ervas altas por uma sinuosidade que só os furões-bravos e os lagartos seriam capazes de reconhecer como um caminho aberto. Peppino deteve-se diante de uma rocha encimada por uma moita espessa. Essa rocha, entreaberta como uma pálpebra, deu
passagem ao rapaz, que desapareceu nela como desaparecem nos seus alçapões os diabos das nossas mágicas.

A voz e o gesto do que seguia Danglars “convidaram" o banqueiro a fazer o mesmo. Não havia que duvidar: o falido francês estava as contas com os bandidos romanos.

Danglars decidiu-se como um homem colocado entre dois perigos terríveis e a quem o medo dá coragem. Apesar de a sua barriga o não ajudar muito a entrar nas grutas da campina de Roma, lá se introduziu atrás de Peppino e, deixando-se escorregar de olhos fechados, conseguiu cair em pé.

Logo que tocou no solo abriu os olhos.

O caminho era amplo, mas escuro. Peppino, pouco preocupado em esconder-se, agora que estava em “casa", petiscou fogo e acendeu um archote.

Mais dois homens desceram atrás de Danglars, formando a retaguarda, os quais, empurrando o banqueiro quando por acaso parava, o fizeram chegar por uma rampa suave ao meio de uma encruzilhada de aspecto sinistro.

Com efeito, as paredes, escavadas em forma de túmulos sobrepostos, pareciam no meio das pedras brancas, órbitas negras e profundas como as das caveiras.

Uma sentinela bateu com a mão esquerda no fuste do rostobina.

- Quem vem lá ? - perguntou a sentinela.

- Amigo, amigo! - respondeu Peppino. - Onde está o capitão?

- Ali - respondeu a sentinela, indicando por cima do ombro uma espécie de grande sala aberta na rocha e cuja luz se refletia no corredor através de grandes aberturas arqueadas.

- Boa presa, capitão; boa presa - disse Peppino em italiano.

E agarrando Danglars pela gola da redingote, conduziu-o para uma abertura semelhante a uma porta e pela qual se penetrava na sala em que o capitão parecia alojar-se.

- É esse o homem? - perguntou o capitão, que lia muito atentamente a Vida de Alexandre, de Plutarco.

- O próprio, capitão; o próprio.

- Muito bem. Mostre-me.

Cumprindo esta ordem, Aliás bastante impertinente, Peppino aproximou tão bruscamente o archote do rosto de Danglars que este recuou sobressaltado, para não ficar com as sobrancelhas queimadas. O seu rosto transtornado apresentava todos os indícios de um pálido e abjeto terror.

- Esse homem está cansado - disse o capitão. - Conduzam-no à sua cama.

- Oh! - murmurou Danglars. - A cama é provavelmente um dos túmulos escavados na parede e o sono a morte que um dos punhais que vejo cintilar na sombra me vai dar.

Com efeito, nas profundezas escuras da imensa sala soerguiam-se nas suas camas de ervas secas ou de peles de lobo os companheiros do homem que Albert de Morcerf encontrara a ler os Comentários de César e que Danglars encontrava lendo a Vida de Alexandre.

O banqueiro soltou um gemido abafado e seguiu o seu guia. Não tentou suplicar nem gritar. Já não tinha nem coragem, nem vontade, nem força, nem sensibilidade; iria para onde o arrastassem.

Tropeçou num degrau e, compreendendo que havia uma escada na sua frente, baixou-se instintivamente para não partir a cabeça e encontrou-se numa cela talhada em plena rocha.

A cela estava limpa, apesar de vazia, e seca, apesar de situada debaixo da terra a uma profundidade incomensurável. Uma cama de ervas secas cobertas de peles de cabra encontrava-se, não erguida, mas estendida, num canto da cela. Ao vê-la, Danglars julgou ver o símbolo radioso da sua salvação.

- Deus seja louvado, é uma verdadeira cama! - murmurou. Era a segunda vez numa hora que invocava o nome de Deus, coisa que lhe não acontecia havia

dez anos.

- Ecco - disse o guia.

E empurrou Danglars para dentro da cela e fechou a porta.

Rangeu um ferrolho, Danglars estava prisioneiro.

De resto, mesmo que não houvesse ferrolho seria necessário ser S. Pedro e ter por guia um anjo do céu para passar através da guarnição que ocupava as Catacumbas de S. Sebastião e acampava à volta do seu chefe, no qual os nossos leitores já certamente reconheceram o famoso Luigi Vampa.

Danglars também reconhecera o bandido, em cuja existência não quisera acreditar quando Morcerf tentara descrevê-lo em França. Não só o reconhecera, como também reconhecera a cela em que Morcerf estivera encerrado e que, segundo todas as probabilidades, era o alojamento dos estranhos.

Estas recordações, nas quais, de resto, Danglars se comprazia com certa satisfação, restituíam-lhe a tranquilidade. Uma vez que o não tinham matado imediatamente, era porque os bandidos não tencionavam mesmo matá-lo.

Tinham-no capturado para roubar, e como só trazia consigo alguns luíses, lhe exigiriam com certeza algum resgate.

Recordou-se de que Morcerf fora taxado em qualquer coisa como quatro mil escudos; como se atribuía um aspecto muito mais importante do que Morcerf; fixou pessoalmente no seu espírito que o seu resgate seria de oito mil escudos.

Oito mil escudos correspondiam a quarenta mil libras.

Ficava-lhe ainda qualquer coisa como cinco milhões e cinquenta mil francos.

Com isso, um homem safava-se em qualquer parte.

Portanto, quase certo de se tirar de apuros, atendendo a que não havia exemplo de alguma vez se ter taxado um homem em cinco milhões e cinquenta mil libras, Danglars deitou-se na sua cama, onde, depois de se virar duas ou três vezes, adormeceu com a tranquilidade do herói cuja história Luigi Vampa estudava.

capítulo CXV

A ementa de Luigi Vampa

Todo o sono que não seja aquele que Danglars temia tem o seu despertar. Danglars acordou.

Para um parisiense habituado aos cortinados de seda, às paredes aveludadas e ao perfume que deita a lenha a arder esbranquiçada na chaminé e que cai das abóbadas de cotim, o acordar numa gruta de pedra gredosa deve ser como que um sonho de mau agouro.

Ao tocar nas suas cortinas de pele de bode, Danglars devia julgar que dormira com samoiedos ou lapões. Mas em semelhante circunstância, um segundo bastou para transformar a dúvida mais firme em certeza.

- Sim, sim - murmurou -, estou nas mãos dos bandidos de que nos falou Albert de Morcerf.

O seu primeiro movimento foi respirar, a fim de se assegurar de que não

estava ferido. Era um meio que descobrira no D. Quixote, o único livro, não que tivesse lido, mas de que retivera alguma coisa.

- Não, não me mataram nem feriram, mas talvez me tenham roubado...

E levou vivamente as mãos às algibeiras. Estavam intactas: os cem luíses que reservara para a viagem de Roma a Veneza encontravam-se na algibeira das calças e a carteira que continha a carta de crédito de cinco milhões e cinquenta mil francos estava na algibeira da redingote.

- Singulares bandidos, que me deixam a bolsa e a carteira! Como dizia ontem quando me deitei, vão exigir-me resgate. Olha, também tenho o relógio!... Vejamos que horas são.

O relógio de Danglars, obra-prima de Bréguet, a que dera cuidadosamente corda na véspera, antes de iniciar a viagem, deu cinco e meia da manhã. Sem ele, Danglars teria ficado completamente às aranhas a respeito das horas, pois a luz não penetrava na sua cela.

Deveria provocar uma explicação por parte dos bandidos?

Deveria esperar pacientemente que lha dessem? A última alternativa era a mais prudente. Danglars esperou. Esperou até ao meio-dia.

Entretanto, uma sentinela guardara-lhe a porta. Às oito da manhã a sentinela fora rendida.

Danglars sentira então vontade de ver quem o guardava.

Notara que raios de luz, não do dia, mas sim de lanterna, se filtravam através das tábuas da porta mal juntas. Aproximou-se de uma dessas aberturas no preciso momento em que o bandido bebia algumas goladas de aguardente, a qual, devido ao odre de pele que a continha, exalava um cheiro que repugnou muito a Danglars.

- Puf! - exclamou, recuando até ao fundo da cela.

Ao meio-dia o homem da aguardente foi substituído por outra sentinela. Danglars teve curiosidade de ver o seu novo guarda e aproximou-se mais uma vez das juntas.

Aquele era um bandido atlético, um Golias de grandes olhos, lábios grossos e nariz achatado. A cabeleira ruiva pendia-lhe sobre os ombros em madeixas encaracoladas como cobras.

- Oh, oh, este parece mais um papão do que uma criatura humana! - disse Danglars. - Em todo o caso, sou velho e bastante duro; branco gordo não presta para comer.

Como se vê, Danglars tinha ainda suficiente presença de espírito para gracejar. No mesmo instante, como que para lhe provar que não era um papão, o guarda sentou-se diante da porta da cela, tirou da sacola pão escuro, cebolas e queijo e começou incontinente, a devorá-los.

- Diabos me levem - disse Danglars, deitando através das fendas da porta uma olhadela ao almoço do bandido -, diabos me levem se compreendo como se podem comer semelhantes porcarias.

E foi sentar-se nas peles de bode, que lhe recordavam o cheiro da aguardente da primeira sentinela.

Mas, por mais esquisito que Danglars fosse, os segredos da natureza são incompreensíveis e há muita eloquência em certos convites materiais dirigidos pelas mais grosseiras substâncias aos estômagos em jejum.

Danglars sentiu de súbito que o seu não tinha fundo naquele momento e achou o homem menos feio, o pão menos negro e o queijo mais fresco.

Finalmente, as cebolas cruas, horrível alimentação do selvagem, recordaram-lhe certos molhos Robert e certas carnes aceboladas que o seu cozinheiro preparava de forma superior quando Danglars lhe dizia: “Sr. Deniseau, faça-me para hoje um bom pratinho canalha."

Levantou-se e foi bater à porta.

O bandido ergueu a cabeça.

Danglars viu que fora ouvido e insistiu.

- Che cosa? - perguntou o bandido.

- Ouça, ouça, amigo - disse Danglars, tamborilando com os dedos na porta --, parece-me que já é tempo de pensarem em dar-me também de comer!

Mas, fosse por não ter compreendido, fosse por não ter ordens a respeito da alimentação de Danglars, o gigante voltou ao seu almoço.

Danglars sentiu o seu orgulho ferido e, não querendo mais conversa com o bruto, deitou-se nas suas peles de bode e não disse mais nada.

Passaram quatro horas e o gigante foi substituído por outro bandido. Danglars, que experimentava horríveis espasmos de estômago, levantou-se devagarinho, aplicou mais uma vez o olho às fendas da porta e reconheceu o rosto inteligente do seu guia.

Era com efeito Peppino que se preparava para levar a guarda o mais agradavelmente possível sentando-se diante da porta e pousando entre os joelhos um tacho de barro contendo, quentes
e cheirosos, grão e toucinho de fricassé.

Junto do tacho, Peppino pousou ainda um lindo cesto de uvas de Veletri e uma garrafa de vinho de Orvieto.

Decididamente, Peppino era um gastrônomo. Ao ver aqueles preparativos gastronômicos, Danglars sentiu crescer-lhe água na boca.

- Ah, ah! - exclamou o prisioneiro. - Vejamos se este é mais tratável do que o outro...

E batou delicadamente na porta.

- Lá vamos - respondeu o bandido, que, devido à frequência da casa de mestre Pastrini, acabara por aprender o francês, incluindo os seus idiotismos.

De fato, foi abrir.

Danglars reconheceu-o como aquele que lhe gritara furioso: “Cabeça para dentro!" Mas não era altura para recriminações. Mostrou, pelo contrário, a seu rosto mais agrável e perguntou com um sorriso gracioso:

- Perdão, senhor, mas tencionarão não me dar também de jantar?

- Como, V. Exª estará por acaso com fome? - estranhou Peppino.

- Essa do “por acaso" está boa - murmurou Danglars. - Há precisamente vinte e quatro horas que não como...

Depois, erguendo a voz, acrescentou:

- Mas claro, senhor, que tenho fome, e até muita fome!

- E V. Exª quer comer?

- Imediatamente, se for possível.

- Nada mais fácil - respondeu Peppino. - Aqui arranja-se tudo o que se queira, pagando, bem entendido, como acontece entre todos os cristãos honestos.

- Claro! - exclamou Danglars. - Embora, na verdade, as pessoas que nos prendem e conservam prisioneiros devessem ao menos alimentar-nos.

- Ah, Excelência, não é costume! - perguntou Peppino.

- Parece-me uma razão muito pouco convincente - volveu-lhe Danglars, que contava amaciar o seu guarda com a sua amabilidade --, mas conformo-me com ela. Então, quando me dão de comer?

- Imediatamente, Excelência. Que deseja?

E Peppino pousou o tacho no chão, de tal forma que o fumo subiu diretamente às narinas de Danglars.

- Vamos, peça!

- Têm cozinhas aqui? - perguntou o banqueiro.

- Se temos cozinhas?! Temos cozinhas completas!

- E cozinheiros?

- Excelentes!

- Então, tragam-me um frango, peixe, caça... qualquer coisa, contanto que eu coma.

- Como V. Ex. queira. Um frango, está bem?

- Sim, um frango.

Peppino levantou-se e gritou a plenos pulmões:

- Um frango para Sua Excelência!

A voz de Peppino ainda vibrava nas abóbadas e já aparecia um rapaz, belo, esbelto, e seminu como os peixeiros antigos. Trazia um frango numa travessa de prata, frango que se segurava sozinho na cabeça.

- Parece que estamos no Café de Paris - murmurou Danglars.

- Pronto, Excelência - disse Peppino, tirando o frango das mãos do jovem bandido e colocando-o em cima de uma mesa carunchosa, que, com um banco e a cama de peles de bode, constituía todo o mobiliário da cela. Danglars pediu um garfo e uma faca.

- Aqui tem, Excelência - disse Peppino, oferecendo-lhe uma faquita de ponta romba e um garfo de buxo.

Danglars pegou na faca com unia das mãos e no garfo com a outra e começou a trinchar a ave.

- Perdão, Excelência - disse Peppino, pousando a mão no ombro do banqueiro --, mas aqui paga-se antes de comer. As pessoas podem não ficar satisfeitas no fim...

- Ah, ah, já não é como em Paris, sem contar que provavelmente vão-me esfolar! - exclamou Danglars. - Mas façamos as coisas à grande... Sempre ouvi dizer que a vida é barata na Itália; um frango deve valer doze soldos em Roma... Aqui tem - acrescentou, atirando um luís a Peppino.

Peppino apanhou o luís e Danglars; aproximou a faca do frango.

- Um momento, Excelência - disse Peppino, endireitando-se. - Um momento. V. Exª ainda me fica a dever qualquer coisa...

- Não dizia eu que me esfolariam? - comentou Danglars para consigo.

Depois, resolvido a ver até onde ia a extorsão, perguntou:

- Vejamos, quanto lhe fico a dever por esta ave esquelética?

- V. Exª deu um luís por conta.

- Um luís por conta de um frango?

- Sem dúvida, por conta.

- Bom, bom, não me venha com essa!...

- V. Exª fica-me ainda a dever apenas quatro mil novocentos e noventa e nove luíses.

Danglars esbugalhou os olhos ao ouvir tão gigantesca pilhéria.

- Muito engraçado, não há dúvida... - murmurou.

E quis continuar a trinchar o frango. Mas Peppino deteve-lhe a mão direita com a mão esquerda e estendeu a outra mão.

- Vamos - disse.

- O quê, não estava brincando?! - perguntou Danglars.

- Nós nunca brincamos, Excelência - respondeu Peppino, sério como um quacre.

- Como, cem mil francos este frango?!

- Excelência, é incrível o trabalho que dá criar galináceos nestas malditas grutas.

- Está bem, está bem! - atalhou Danglars. - Acho isso muito cômico, muito divertido, na verdade, mas, como tenho fome, deixe-me comer. Olhe, tome lá mais um luís para si, meu amigo.

- Então agora só fica a dever quatro mil novecentos e noventa e oito luíses - disse Peppino, conservando o mesmo sangue-frio. - Com paciência, chegaremos lá...

- Oh, quanto a isso - perguntou Danglars, revoltado com aquela perseverança em o desfrutar -, quanto a isso nunca! Vá para o diabo! Não sabe com quem está tratando...

Peppino fez um sinal, o rapaz estendeu as mãos e retirou rapidamente o frango. Danglars atirou-se para cima da sua cama de peles de bode, Peppino, voltou a fechar a porta e continuou a comer o seu grão com toucinho.

Danglars não podia ver o que fazia Peppino, mas o bater dos dentes do bandido não devia deixar ao prisioneiro qualquer dúvida acerca do exercício a que se dedicava. Era evidente que comia; embora comesse ruidosamente e como um homem mal educado.

- Alarve! - gritou Danglars.

Peppino fez de conta que não ouvira, e sem sequer virar a cabeça continuou a comer com propositada lentidão. Danglars tinha a sensação de ter o estômago furado como o tonel das Danaides e desconfiava que nunca o conseguiria encher.

No entanto, armou-se de paciência durante mais meia hora; mas é justo dizer que essa meia hora lhe pareceu um século. Levantou-se e dirigiu-se de novo para a porta.

- Vejamos, senhor, não abusem mais tempo da minha paciência e digam-me imediatamente o que querem de mim

- Mas, Excelência, diga antes o que quer de nós... Dê-nos as suas ordens e as cumpriremos.

- Então abra primeiro.

Peppino abriu.

- Quero... - começou Danglars. - Irra, quero comer!

- Tem fome?

- Bem sabe que tenho.

- Que deseja comer V. Exª ?

- Um naco de pão seco, visto os frangos serem demasiado caros nestes malditos subterrâneos.

- Pão? Seja - concordou Peppino. - Olá, pão! - gritou.

O rapaz trouxe um pãozinho.

- Pronto! - disse Peppino.

- Quanto? - perguntou Danglars.

- Quatro mil novecentos e noventa e oito luíses. Há dois luíses pagos adiantados.

- Como, um pão cem mil francos?...

- Cem mil francos - repetiu Peppino.

- Mas também me pediu cem mil francos por um frango!

- Nós não servimos à lista, mas sim a preço fixo. Quer se coma pouco, quer se coma muito, quer se peçam dez pratos, quer se peça só um, paga-se sempre o mesmo.

- Outra brincadeira! Meu caro amigo, declaro-lhe que tudo isto é absurdo, estúpido! Diga-me de uma vez que querem que morra de fome e acabaremos mais depressa.

- Mas não, Excelência! V. Exª é que se quer suicidar... Pague e comerá.

- Pagar com quê, grande animal? - perguntou Danglars, exasperado. - Julga que alguém traz cem mil francos na algibeira?

- O senhor traz cinco milhões e cinquenta mil francos na sua, Excelência... - observou Peppino. - Isso dá para cinquenta frangos a cem mil francos e para meio frango a cinquenta mil...

Danglars estremeceu; a venda caiu-lhe dos olhos: continuavam a brincar com ele, mas finalmente compreendia a brincadeira.

E até de justiça que se diga que já a não achava tão chata como pouco antes.

- Vejamos, vejamos... Se lhes der os cem mil francos ficarei quite e poderei comer à minha vontade?

- Sem dúvida - respondeu Peppino.

- Mas como hei-de dá-los? - perguntou Danglars, respirando mais livremente.

- Nada mais fácil. O senhor tem um crédito aberto na casa Thomson & French, Via dei Banchi, Roma. Dê-nos uma ordem de pagamento de quatro mil novecentos e noventa e oito luíses sobre esses senhores e o nosso banqueiro a cobrará. Danglars quis ao menos atribuir-se o mérito da boa vontade; pegou na pena e no papel que lhe apresentava Peppino, escreveu a ordem e assinou-a.

- Pronto, aqui tem a sua ordem ao portador.

- E o senhor aqui tem o seu frango.

Danglars trinchou a ave suspirando; parecia-lhe muito magra para tão elevada quantia.

Quanto a Peppino, leu atentamente o papel, guardou-o na algibeira e continuou a comer o grão.

Capítulo CXVI

O PERDÃO

No dia seguinte, Danglars voltou a ter fome, o ar daquela caverna abria o apetite. Naquele dia, porém, o prisioneiro julgou que não teria de fazer qualquer despesa, pois, como um homem econômico, escondera metade do frango e um naco de pão num canto da cela.

Mas, mesmo sem comer, teve sede, coisa com que não contara. Lutou contra a sede até sentir a língua ressequida pegar-see ao céu-da-boca.

Então, não podendo resistir mais ao fogo que o devorava, chamou.

A sentinela abriu a porta; era um rosto novo.

Pensou que era preferível tratar com um antigo conhecido e chamou Peppino.

- Aqui me tem, Excelência - disse o bandido, apresentando-se com uma rapidez que pareceu de bom augúrio a Danglars. - Que deseja?

- Beber - respondeu o prisioneiro.

- Excelência, como sabe, o vinho é caríssimo nos arredores de Roma... - observou Peppino.

- Então dê-me gua - pediu Danglars, procurando aparar a estocada.

- Oh, Excelência, a água ainda é mais rara do que o vinho! Tem estado uma tal seca!...

- Pronto, vamos recomeçar, ao que parece... - disse Danglars para consigo.

E embora sorrindo para ter o ar de gracejar, o desgraçado sentia o suor umedecer-lhe as têmporas.

- Então, meu amigo - disse Danglars, vendo que Peppino permanecia impassível --, só lhe peço um copo de vinho; será capaz de me recusar?

- Já lhe disse, Excelência - respondeu gravemente Peppino -, que não vendíamos a retalho.

- Nesse caso, dê-me uma garrafa.

- De qual?

- Do menos caro.

- São todos do mesmo preço.

- E qual é o preço?

- Vinte e cinco mil francos a garrafa.

- Será melhor dizerem que me querem arrancar a pele e acabarem depressa com isto do que devorarem-me assim, pedaço a pedaço! - protestou Danglars com uma amargura que só Harpagão seria
capaz de notar no diapasão da voz humana.

- É possível - admitiu Peppino - que seja esse o projeto do chefe.

- Quem é o chefe?

- Aquele à presença de quem o conduziram anteontem.

- E onde está ele?

- Aqui.

- Gostaria de lhe falar.

- É fácil.

Pouco depois, Luigi Vampa estava diante de Danglars.

- Chamou-me? - perguntou ao prisioneiro.

- O senhor é que é o chefe das pessoas que me trouxeram para cá?

- Sou, sim, Excelência.

- Que resgate deseja de mim? Fale.

- Apenas os cinco milhões que traz consigo.

Danglars sentiu um espasmo horrível apertar-lhe o coração.

- Só tenho isso no mundo, senhor, e é o resto de uma enorme fortuna. Se a tirar, tira-me a vida.

- Estamos proibidos de derramar o seu sangue, Excelência.

- Proibidos por quem?

- Por aquele a quem obedecemos.

- Obedecem portanto a alguém?

- Sim, a um chefe.

- Julgava que o chefe fosse o senhor.

- Eu sou o chefe destes homens; mas há outro homem que é meu chefe.

- E esse chefe obedece a alguém?

- Obedece.

- A quem?

- A Deus.

Danglars ficou um momento pensativo.

- Não o compreendo - confessou.

- É possível.

- E foi esse chefe que lhes mandou tratarem-me assim?

- Foi.

- Com que fim?

- Não sei.

- Mas a minha bolsa se esgotará ...

- É provável.

- Vejamos, quer um milhão? - perguntou Danglars.

- Não.

- Dois milhões?

- Não.

- Três milhões? Quatro? Vejamos, quatro? Dou-lhes com a condição de me deixar ir embora.

- Porque nos oferece quatro milhões pelo que vale cinco? - perguntou Vampa. - Isso é usura, Sr. Banqueiro, ou eu não percebo nada dessas coisas.

- Fiquem com tudo! Fiquem com tudo, já disse! - gritou Danglars. - E matem-me!

- Então, então, acalme-se, Excelência. Assim ativa a circulação do sangue e arranja um apetite que é capaz de comer um milhão por dia... Seja mais econômico, com a breca!

- E quando não tiver dinheiro para lhes pagar? - gritou Danglars, exasperado.

- Passará fome...

- Passarei fome? - repetiu Danglars, empalidecendo.

- É provável - respondeu fleumaticamente Vampa.

- Mas o senhor disse que não queriam me matar...

- E não queremos.

- Mas querem deixar-me morrer de fome?

- Não é a mesma coisa.

- Miseráveis! - gritou Danglars. - Pois eu frustrarei os seus cálculos infames! Morrer por morrer, prefiro morrer já. Façam-me sofrer, torturem-me, matem-me, mas não terão mais a minha assinatura!

- Como quiser, Excelência - perguntou Vampa.

E saiu da cela.

Danglars atirou-se, rugindo, para cima das peles de bode. Quem eram aqueles. homens? Quem era o chefe invisível? Que projetos tinham a seu respeito? E quando todas as pessoas se podiam resgatar, por que motivo só ele não podia?

Oh, sim, a morte, uma morte rápida e violenta, era um bom meio de enganar os seus inimigos encarniçados que pareciam submetê-lo a uma vingança incompreensível!

Pois sim, mas morrer!...

Talvez pela primeira vez, na sua longa carreira, Danglars pensasse na morte simultaneamente com o desejo e o receio de morrer. Mas chegara para ele o momento de deter a vista no espectro implacável que existe em toda a criatura, que a cada pulsação do coração diz a si mesma: “Morrerá!"

Danglars assemelhava-se àquelas feras que a caça anima, que depois desespera, e que, à força de desespero, conseguem por vezes salvar-se. Danglars pensou numa evasão.

Mas as paredes eram a própria rocha; mas na única saída fora da cela um homem lia, e atrás desse homem viam-se passar e repassar sombras armadas de espingarda.

A sua resolução de não voltar a assinar durou dois dias, passados os quais pediu alimentos e ofereceu um milhão.

Serviram-lhe um jantar magnífico e levaram-lhe o milhão.

Desde então, a vida do pobre prisioneiro foi uma divagação perpétua. Sofrera tanto que já não queria expor-se a sofrer e suportava todas as exigências. Passados doze dias, numa tarde em que almoçara como nos seus belos dias de fortuna, fez as suas contas e verificou que passara tantas ordens de pagamento ao portador que já só lhe restavam cinquenta mil francos.

Então, operou-se nele uma reação estranha: o homem que abrira mão de cinco milhões tentou salvar os cinquenta mil francos que lhe restavam. Em vez de dar esses cinquenta mil francos, resolveu voltar a uma vida de privações e teve momentos de esperança que raiavam a loucura. Ele, que havia tanto tempo
esquecera Deus recordou-o para dizer para consigo que às vezes Deus fazia milagres: que a caverna podia desmoronar-se; que os carabineiros pontifícios podiam descobrir aquele esconderijo maldito e vir em seu socorro; que então ainda lhe restariam cinquenta mil trancos para impedir um homem de morrer de fome.
E pediu a Deus que lhe conservasse os cinquenta mil francos, e enquanto suplicava chorou.

Passaram-se assim três dias, durante os quais o nome de Deus esteve

constantemente, senão no seu coração, pelo menos nos seus lábios. De vez em quando tinha momentos de delírio em que julgava ver, através das janelas, num pobre quarto, um velho agonizar num catre.

Esse velho também morria de fome.

Ao quarto dia já não era um homem, era um cadáver vivo. Apanhara do chão as últimas migalhas das suas antigas refeições e começara a devorar a esteira que cobria o chão.

Então suplicou a Peppino, como se suplica ao anjo-da-guarda, que lhe desse qualquer coisa de comer, e ofereceu-lhe mil francos por um naco de pão.

Peppino não respondeu.

Ao quinto dia arrastou-se até à entrada da cela.

- Mas você não é um cristão? - perguntou, erguendo-se nos joelhos. - Quer assassinar um homem que é um irmão perante Deus? Oh, os meus amigos de outros tempos, os meus amigos de outros tempos!... - murmurou.

E caiu de bruços no chão.

Depois levantou-se com uma espécie de desespero e gritou:

- O chefe! O chefe!

- Aqui estou - disse Vampa, aparecendo de repente. - Que mais deseja?

- Tome o meu último ouro - balbuciou Danglars estendendo-lhe a carteira - e deixe-me viver aqui, nesta caverna; já não peço a liberdade, só peço que me deixem viver.

- Sofre muito? - perguntou Vampa.

- Oh, sim, sofro, e cruelmente!

- Pois há homens que ainda sofreram mais do que o senhor.

- Não acredito.

- Pois pode acreditar. Aqueles que morreram de fome.

Danglars pensou no velho que, durante as suas horas de alucinação, via através das janelas do seu pobre quarto gemer no seu leito. Bateu com a testa no chão e gemeu.

- Sim, é verdade, há quem tenha sofrido ainda mais do que eu, mas esses ao menos eram mártires.

- Está pelo menos arrependido? - perguntou uma voz sombria e solene, que fez eriçar os cabelos na cabeça de Danglars.

O seu olhar enfraquecido procurou distinguir os objetos e viu atrás do bandido um homem envolto numa capa e oculto na sombra de uma coluna de pedra.

- Arrependido de quê? - balbuciou Danglars.

- Do mal que fez - disse a mesma voz.

- Oh, sim, estou arrependido, estou arrependido! - gritou Danglars.

E bateu no peito com o punho emagrecido.

- Então perdoo-lhe - disse o homem, tirando a capa e dando um passo para se colocar debaixo da luz.

- O conde de Monte-Cristo! - exclamou Danglars, mais pálido de terror do que estava um momento antes de fome e miséria.

- Engana-se, não sou o conde de Monte-Cristo.

- Quem é então?

- Sou aquele que o senhor vendeu, entregou, desonrou; sou aquele cuja

noiva o senhor infamou; sou aquele que o senhor calcou para se erguer até à fortuna; sou aquele cujo pai o senhor fez morrer de fome, que condenou a morrer de fome, e que no entanto lhe perdoa porque necessita de ser também perdoado, sou Edmond Dantés!

Danglars soltou apenas um grito e caiu prosternado.

- Levante-se - disse o conde. - Tem a vida salva. A mesma sorte não tiveram os seus dois outros cúmplices: um enlouqueceu e o outro morreu! Guarde os cinquenta mil francos que lhe restam e que lhe ofereço; quanto aos seus cinco milhões roubados aos hospícios, já foram restituídos por mão desconhecida. E agora coma e beba; esta noite é meu hóspede. Vampa, quando este homem estiver refeito, será livre.

Danglars permaneceu prosternado enquanto o conde se afastava. Quando levantou a cabeça só viu uma espécie de sombra desaparecer no corredor, diante da qual se inclinavam os bandidos.

Como o conde ordenara, Danglars foi servido por Vampa, que lhe mandou trazer o melhor vinho e os mais belos frutos da Itália, e que, depois de o meter na sua sege de posta, o abandonou na estrada encostado a uma árvore.

Ali ficou até amanhecer, ignorando onde estava.

Quando nasceu o dia, verificou que se encontrava junto de um ribeiro. Tinha sede e arrastou-se até lá.

Quando se baixou para beber, descobriu que o cabelo lhe embranquecera.

Capítulo CXVII

O 5 de Outubro

Eram cerca de seis horas da tarde. Uma claridade cor de opala, na qual um belo sol de Outono infiltrava os seus raios dourados, descia do céu sobre o mar azulado.

O calor do dia extinguira-se gradualmente e começava-se a sentir essa ligeira brisa que parece a respiração da natureza ao acordar depois da sesta ardente do meio-dia, aragem deliciosa que refresca as costas do Mediterrâneo e leva de margem em margem o perfume das árvores de mistura com o cheiro acre do mar.

Naquele imenso lago que se estende de Gibraltar aos Dardanelos e de Tunes a Veneza, um iate ligeiro, de linhas puras e elegantes, navegava entre as primeiras neblinas da noite. O seu movimento lembrava o do cisne que abre as asas ao vento e parece deslizar à superfície da água. Avançava, ao mesmo tempo rápido e gracioso, deixando atrás de si uma esteira fosforescente.

Pouco a pouco o Sol, cujos últimos raios saudamos, desapareceu no horizonte ocidental; mas, como que para dar razão aos sonhos brilhantes da mitologia, os seus clarões indiscretos, reaparecendo na crista de cada vaga, pareciam revelar que o deus do fogo acabava de se esconder no seio de Anfitrite, que em vão procurava ocultar o amante nas pregas do seu manto azulado.

O iate avançava rapidamente, embora na aparência houvesse apenas

vento suficiente para agitar a cabeleira anelada de uma jovem. De pé, à proa, um homem alto, de rosto bronzeado e olhar fixo, via aproximar-se a terra sob a forma de uma massa sombria disposta em cone, que saía do meio das vagas como um enorme chapéu catalão.

- É ali Monte-Cristo? - perguntou, numa voz grave e impregnada de profunda tristeza, o viajante às ordens de quem o pequeno iate parecia encontrar-se momentaneamente.

- É, sim, Excelência - respondeu o patrão. - Estamos chegando.

- Estamos chegando! - murmurou o viajante, com indefinível acento de melancolia.

Depois acrescentou em voz baixa:

- Sim, será ali o porto...

E voltou a absorver-se nos seus pensamentos, traduzidos num sorriso mais triste do que as lágrimas.

Passados alguns minutos distinguiu-se em terra um clarão que se extinguiu imediatamente e chegou até ao iate o estampido de uma arma de fogo.

- Excelência - disse o patrão -, é o sinal de terra. Quer responder pessoalmente?

- Que sinal? - perguntou o interpelado.

O patrão estendeu a mão para a ilha, nos flancos da qual subia, isolado e esbranquiçado, um grande floco de fumo, que se ia desfazendo e espalhando.

- Ah, sim, quero! - respondeu como se saísse de um sonho.

O patrão estendeu-lhe umo rostobina carregada. O passageiro pegou-lhe, levantou-se lentamente e fez fogo para o ar.

Dez minutos depois colhiam as velas e ancoravam a quinhentos passos de um portinho.

O escaler estava já no mar, com quatro remadores e o piloto. O passageiro desceu e, em vez de se sentar à popa, guarnecida para ele de um tapete azul, conservou-se de pé com os braços cruzados. Os remadores esperavam, com os remos semilevantados, como aves com as asas a secar.

- Vamos - disse o viajante.

Os oito remos mergulharam no mar simultaneamente e sem fazerem brotar uma gota de gua. Depois o escaler, cedendo ao impulso, deslizou rapidamente. Chegaram num instante a uma enseadazinha formada por um recorte natural; o escaler tocou num fundo de areia fina.

- Excelência - disse o piloto --, suba para os ombros de dois dos nossos homens, que o levarão para terra.

O jovem respondeu ao convite com um gesto de completa indiferença, pôs as pernas fora do escaler e deixou-se escorregar para a água, que lhe subiu até à cintura.

- Ah, Excelência - murmurou o piloto --, não devia ter feito isso! Assim, o patrão ralha conosco...

O jovem continuou a avançar para a margem, seguindo dois marinheiros, que escolhiam o melhor fundo.

Ao cabo de uns trinta passos chegaram a terra. O jovem sacudiu os pés num terreno seco ao mesmo tempo que procurava com os olhos, à sua volta, o caminho que provavelmente lhe iam indicar, pois entretanto anoitecera por

completo. No momento em que virava a cabeça pousou-lhe uma mão no ombro e uma voz lê-lo estremecer.

- Boa noite, Maximilien - disse essa voz. - Foi pontual; obrigado.

- E o senhor também, conde! - exclamou o jovem, com expressão que parecia de alegria e apertando com ambas as mãos a mão de Monte-Cristo.

- Sim, como vê, tão pontual como você. Mas está encharcado, meu caro amigo! Tem de mudar de roupa, como diria Calipso a Telemaco. Venha, há por aqui aposentos preparados para você em que esquecerá fadigas e frio.

Monte-Cristo viu Morrel virar-se e esperou.

Com efeito, o jovem via com surpresa que nem uma palavra tora pronunciada por aqueles que o tinham trazido, que lhes não pagara e que no entanto se tinham ido embora. Ouviam-se já, até, os remos do escaler, que regressava ao iatezinho.

- Procura os seus marinheiros, não é? - perguntou o conde.

- Sem dúvida. Não lhes dei nada e no entanto foram-se embora.

- Não se preocupe com isso, Maximilien - perguntou, rindo, Monte-Cristo. - Tenho um contrato com a marinha nos termos do qual o acesso à minha ilha está isento de qualquer direito de transporte e viagem. Tenho uma avença, como dizem nos países civilizados.

Morrel olhou o conde com espanto.

- Conde, o senhor já não é o mesmo que era em Paris.

- Como assim?

- É verdade. Aqui, o senhor ri.

A fronte de Monte-Cristo nublou-se de súbito.

- Fez bem em me chamar a atenção para isso, Maximilien. Tornar a vê-lo foi uma felicidade Para mim e esqueci-me de que toda a felicidade é passageira.

- Oh, não, não, conde! - exclamou Morrel, pegando de novo nas mãos do amigo. - Pelo contrário, ria, seja feliz, e prove-me com a sua despreocupação que a vida só é má para aqueles que sofrem. O senhor é caridoso, é bom, é grande, meu amigo, e é para me dar coragem que simula essa alegria.

- Engana-se, Morrel; de fato, sentia-me feliz.

- Então, foi porque se esqueceu de mim Tanto melhor!

- Como assim?

- Claro! Como dizia o gladiador ao entrar no circo, dirigindo-se ao sublime imperador, também eu lhe digo, meu amigo: “Aquele que vai morrer saúda-te."

- Não está conformado? - perguntou Monte-Cristo, com um olhar estranho.

- Oh! - exclamou Morrel com um olhar cheio de amargura. - Acreditou realmente que isso fosse possível?

- Ouça - disse o conde. - Compreenda bem as minhas palavras, não é verdade, Maximilien? Não me considera um homem vulgar, um tolo que emite sons vagos e vazios de sentido. Quando lhe pergunto se está conformado, falo-lhe como um homem para quem o coração humano já não tem segredos. Pois bem, Morrel,

desçamos ambos ao fundo do seu coração e o sondemos. Sente ainda essa impaciência ardente e dolorosa que faz saltar o corpo como salta o leão picado pelo mosquito? Continua a experimentar essa sede devoradora que só se extingue na sepultura? Domina-o essa fantasia da saudade que lança o vivo fora

da vida em busca da morte? Ou trata-se apenas de prostração, de coragem esgotada, de contrariedade que sufoca o raio de esperança que procura brilhar? Ou da perda da memória que leva à impotência das lágrimas? Oh, meu caro amigo, se é isso, se já não pode chorar, se julga morto o seu coração embotado, se já só tem confiança em Deus, olhares apenas para o céu, então, amigo, ponhamos de parte as palavras, demasiado inexpressivas para o sentido que lhes dá a nossa alma! Maximilien, você está conformado, já não se lamenta.

- Conde - respondeu Morrel, na sua voz suave e firme ao mesmo tempo. - Conde, ouça-me como se ouve um homem que fala de dedo estendido para a terra e olhos erguidos para o céu: vim ter consigo para morrer nos braços de um amigo. Claro que existem pessoas que amo: amo a minha irmã Julie, amo o seu marido, Emmanuel; mas necessito que se me abram braços fortes e que me sorriam nos meus derradeiros instantes. A minha irmã desataria a chorar e desmaiaria; a veria sofrer e já sofri bastante. Emmanuel me arrancaria a arma das mãos e encheria a casa com os seus gritos. O senhor, conde, de quem tenho a palavra, o senhor, que é mais do que um homem, o senhor, a quem chamaria um deus se não fosse mortal, o senhor me conduzirá suave e ternamente até às portas da morte, não é verdade?

- Meu amigo - disse o conde --, ainda me resta uma dúvida: teria tão pouca coragem que fosse capaz de recorrer ao orgulho para exibir a sua dor?

- Não, veja, sou sincero - respondeu Morrel, estendendo a mão ao conde --, e o meu pulso não bate nem mais depressa nem mais devagar do que de costume. Não, sinto-me no fim do caminho; não, não irei mais longe. Disse-me que esperasse e tivesse esperança; sabe o que fez, pobre sábio que é? Esperei um mês, isto é, sofri um mês! Tive esperança (o homem é uma pobre e miserável criatura), mas esperança em quê? Não sei, em algo desconhecido, absurdo, insensato! Num milagre... mas em qual? Só Deus o pode dizer, ele que juntou à nossa razão essa loucura chamada esperança. Sim, esperei; sim, tive esperança, conde, e desde que falamos, há um quarto de hora, o senhor, sem o saber, torturou-me, dilacerou-me cem vezes o coração, porque cada uma das suas palavras provou-me que já não existe esperança para mim. Óh conde, como repousarei doce e voluptuosamente na morte!

Morrel pronunciou as últimas palavras com uma explosão de energia que fez estremecer o conde.

- Meu amigo - continuou Morrel, vendo que o conde se calava --, indicou-me o dia 5 de Outubro como termo do prazo que me pediu... Meu amigo, é hoje o dia 5 de Outubro...

Morrel puxou do relógio.

- São nove horas, ainda tenho três horas de vida.

- Seja - respondeu Monte-Cristo. - Venha.

Morrel seguiu maquinalmente o conde. Estavam já na gruta mas Maximilien ainda não dera por isso.

Encontrou tapetes debaixo dos pés; uma porta abriu-se, sentiu-se envolto em perfumes e uma luz viva feriu-lhe os olhos. Morrel parou, hesitou em avançar; desconfiava das delícias excitantes que o rodeavam.

Monte-Cristo puxou-o suavemente.

- Não será melhor empregarmos as três horas que nos restam como os

antigos romanos, que, condenados por Nero, seu imperador e seu herdeiro, se sentavam à mesa coroados de flores e aspiravam a morte com o perfume dos heliotrópios e das rosas?

Morrel sorriu.

- Como queira - disse. - A morte é sempre a morte, isto é, o esquecimento; isto é, o repouso; isto é, a ausência da vida e por conseguinte da dor.

Sentou-se e Monte-Cristo sentou-se diante dele. Encontravam-se na maravilhosa sala de jantar que já
descrevemos e em que estátuas de mármore traziam à cabeça cestas cheias de flores e de frutos. Morrel olhara tudo vagamente e era provável que não tivesse visto nada.

- Conversemos como homens - disse, olhando fixamente o conde.

- Fale - respondeu Monte-Cristo.

- Conde - prosseguiu Morrel --, o senhor reúne em si todos os conhecimentos humanos e dá-me a impressão de provir de um mundo mais avançado e adiantado do que o nosso.

- Há um pouco de verdade nisso, Morrel - respondeu o conde, com o sorriso melancólico que lhe ficava tão bem - Provenho de um planeta chamado dor.

- Acredito em tudo o que o senhor me diz sem procurar aprofundar-lhe o sentido, conde; e a prova é que o senhor me disse que vivesse e eu tenho vivido; que me disse que tivesse esperança e eu quase tenho tido esperança. Ousarei portanto perguntar-lhe, como se o senhor já tivesse morrido uma vez: conde, custa muito?

Monte-Cristo fitava Morrel com indefinível expressão de ternura.

- Sim - respondeu. - Sim, sem dúvida, custa muito se quebrarmos brutalmente o invólucro mortal que deseja obstinadamente viver. Se fizermos gritar a nossa carne nos dentes imperceptíveis de um punhal. Se furarmos com uma bala ininteligente e sempre pronta a enganar-se no caminho o nosso cérebro, que o mais pequeno choque magoa. Claro que sofrerá e deixará odiosamente a vida, que no meio da sua agonia
desesperada lhe parecerá melhor do que um repouso adquirido tão caro.

- Sim, compreendo - disse Morrel. - A morte, como a vida, tem os seus segredos de dor e volúpia: o principal é desvendá-los.

- Exatamente, Maximilien; acaba de dizer a palavra certa. A morte é, conforme o cuidado que ponhamos em nos darmos bem ou mal com ela, ou uma amiga que nos embala tão suavemente como
uma ama, ou uma inimiga que nos arranca violentamente a alma do corpo. Um dia, depois de o nosso mundo viverá mais um milhar de anos, quando dominarmos todas as forças destrutivas da natureza para as pormos ao serviço do bem-estar geral da humanidade; quando o homem conhecer, como você dizia há pouco,
os segredos da morte, a morte se tornará tão agradável e voluptuosa como o sono saboreado nos braços da nossa bem-amada.

- E se o senhor quisesse morrer, conde, saberia morrer assim?

- Saberia.

Morrel estendeu-lhe a mão.

- Compreendo agora por que motivo me marcou encontro aqui, nesta ilha

desolada, no meio do mar, neste palácio subterrâneo, sepulcro capaz de fazer inveja a um faraó: foi porque gosta de mim, não é verdade, conde? Foi por gostar de mim o suficiente para me dar uma dessas mortes de que me falava há pouco, uma morte sem agonia, uma morte que me permitirá morrer pronunciando o nome de Valentine e apertando
a sua mão, conde?

- Sim, adivinhou, Morrel - respondeu o conde com simplicidade.

- E é assim que eu a entendo.

- Obrigado. A idéia de que amanhã já não sofrerei é agradável ao meu pobre coração.

- Não leva saudades de ninguém? - perguntou Monte-Cristo.

- Não - respondeu Morrel.

- Nem mesmo de mim? -- insistiu o conde, com profunda emoção.

Morrel deteve-se. Os seus olhos tão puros embaciaram-se de súbito; depois brilhou neles um relâmpago desusado e uma grossa lágrima brotou e rolou, deixando-lhe um sulco prateado na face.

- O quê, leva uma saudade da Terra e quer morrer?! - observou o conde.

- Suplico-lhe - pediu Morrel em voz fraca --, nem mais uma palavra, conde; não prolongue o meu suplício!

O conde julgou que Morrel traquejava.

Esta impressão momentânea ressuscitou em si a horrível dúvida já vencida uma vez no castelo de If.

“Procuro", pensou, “restituir a felicidade a este homem e encaro essa restituição como um peso posto na balança para equilibrar o prato onde coloquei o mal. Mas se me enganasse, se este homem não fosse suficientemente infeliz para merecer a felicidade? Que seria de mim, que só posso esquecer o mal praticando o bem?"

- Escute, Morrel: a sua dor é enorme, bem vejo; mas no entanto você crê em Deus e não quer arriscar a salvação da sua alma...

Morrel sorriu tristemente.

- Conde, bem sabe que não faço poesia a frio; mas juro-lhe que a minha alma já não me pertence.

- Ouça, Morrel: não tenho nenhum parente no mundo, como sabe. Habituei-me a olhá-lo como um filho. Pois bem, para salvar o meu filho sacrificaria a vida e com mais forte razão a fortuna.

- Que quer dizer?

- Quero dizer, Morrel, que você quer deixar a vida porque não conhece todos os prazeres que a vida permite a uma grande fortuna. Morrel, possuo cerca de cem milhões; dou-lhes. Com semelhante fortuna, poderá alcançar todos os resultados que se propuser. E ambicioso? Todas as carreiras lhe estarão abertas. Revolva o mundo, mude-lhe a face, entregue-se a práticas insensata, seja criminoso se for preciso, mas viva.

- Conde, tenho a sua palavra - respondeu friamente Morrel; e acrescentou, tirando o relógio: - São onze e meia.

- Morrel! Pensa morrer diante dos meus olhos, na minha casa?

- Então, deixe-me partir - perguntou Maximilien sombriamente - ou julgarei que não gosta de mim por mim, mas sim por si.

E levantou-se.

- Está bem - disse Monte-Cristo, cujo rosto se desanuviou ao ouvir aquelas palavras. - Você assim o quer, Morrel, e é inflexível sim, é profundamente infeliz e, como disse, só um milagre o poderia curar. Sente-se, Morrel, e espere.

Morrel obedeceu. Monte-Cristo levantou-se por seu turno e foi buscar a um armário cuidadosamente fechado e de que trazia a chave suspensa de uma corrente de ouro uma caixinha de prata maravilhosamente esculpida e cinzelada, cujos cantos representavam quatro figuras curvadas, semelhantes a essas cariátides de ar desolado, figuras de mulheres, símbolos de anjos que aspiram ao céu.

Pousou a caixinha em cima da mesa.

Depois abriu-a e tirou outra caixinha de ouro cuja tampa se levantava comprimindo uma mola secreta.

Esta caixa continha uma substância gordurosa, meio sólida e de cor indefinível graças ao reflexo do ouro polido, das safiras, dos rubis e das esmeraldas que guarneciam a caixa. Era como que uma cintilação de azul, púrpura e ouro.

O conde tirou uma pequena quantidade da tal substância com uma colher de prata dourada e ofereceu-a a Morrel, fitando-o longamente.

Viu-se então que a substância era esverdeada.

- Aqui tem o que me pediu - disse. - Aqui tem o que lhe prometi.

- Ainda vivo - disse o jovem tomando a colher das mãos de Monte-Cristo --, agradeço-lhe do fundo do meu coração.

O conde pegou outra colher e meteu-a na caixa de ouro.

- Que vai fazer, meu amigo? - perguntou Morrel, detendo-lhe a mão.

- Palavra, Morrel - disse-lhe sorrindo --, creio, Deus me perdoe, que também estou tão cansado da vida como você, e uma vez que se apresenta a oportunidade...

- Pare! - gritou o rapaz. - Oh, o senhor que ama e é amado, o senhor que tem a fé da esperança!... Oh, não faça isso! Da sua parte seria um crime. Adeus, meu nobre e generoso amigo, vou dizer a Valentine tudo o que fez por mim.

E lentamente, sem nenhuma hesitação, com uma pressão da mão esquerda que estendia ao conde, Morrel engoliu, ou antes saboreou a misteriosa substância oferecida por Monte-Cristo.

Então, ambos se calaram. Ali, silencioso e atento, trouxe o tabaco e os narguilés, serviu o café e desapareceu.

Pouco a pouco as lanternas empalideceram nas mãos das estátuas de mármore que as empunhavam e o perfume dos defumadores pareceu menos penetrante a Morrel. Sentado diante de Monte-Cristo, que o olhava do fundo da sombra, Morrel via apenas brilhar os olhos do conde.

Uma dor imensa apoderou-se do jovem; sentia o narguilé fugir-lhe das mãos; os objetos perdiam insensivelmente a forma e a cor; os seus olhos nublados viam abrir-se como que portas e reposteiros na parede.

- Amigo, sinto que morro; obrigado.

Fez um esforço para lhe estender a mão pela última vez, mas a mão, sem força, caiu junto dele.

Então pareceu-lhe que Monte-Cristo sorria, não já com o seu riso estranho

e assustador, que várias vezes lhe deixara entrever os mistérios daquela alma profunda, mas sim com a benevolente compaixão que os pais têm para com os filhos pequenos que fazem disparates.

Ao mesmo tempo, o conde cresceu a seus olhos; a sua figura, quase duas vezes mais alta, desenhava-se nas tapeçarias vermelhas. Atirara para trás os cabelos negros e surgia de pé e orgulhoso como um desses anjos com que se ameaçam os maus no dia do Juízo Final.

Vencido, dominado, Morrel caiu numa poltrona; um torpor suave insinuou-se-lhe nas veias. Uma mutação de idéias enriqueceu-lhe por assim dizer o cérebro, tal como uma nova disposição de desenhos enriquece o caleidoscópio.

Deitado, nervoso, arquejante, Morrel não sentia mais nada vivo em si do que esse sonho; parecia-lhe entrar a todo o pano no vago delírio que precede esse outro desconhecido chamado morte.

Tentou mais uma vez estender a mão ao conde, mas desta feita a mão nem sequer se mexeu; quis articular um supremo adeus, mas a língua enrolou-se-lhe pesadamente na boca, como uma pedra que fechasse um sepulcro.

Os seus olhos carregados de languidez fecharam-se, mal-grado seu. Contudo, atrás das pálpebras agitava-se uma imagem, que reconheceu apesar da escuridão que julgava envolvê-lo. Era o conde que acabava de abrir uma porta.

Imediatamente unia imensa claridade que brilhava numa sala contígua, ou antes num palácio maravilhoso, inundou a sala onde Morrel se entregava à sua suave agonia. Então viu aparecer no limiar da sala, no limite dos dois aposentos, uma mulher de uma beleza maravilhosa.

Pálida e suavemente sorridente, parecia o anjo da misericórdia conjurando o anjo das vinganças.

- Será já o céu que se abre para mim? - murmurou o moribundo. - Este anjo parece-se com o que perdi...

Monte-Cristo indicou com o dedo à jovem o sofá onde repousava Morrel. Ela dirigiu-se para ele, de mãos postas e com um sorriso nos lábios.

- Valentine! Valentine! - gritou Morrel do fundo da alma.

Mas a sua boca não proferiu um som; e como se todas as suas forças estivessem unidas naquela emoção interior, suspirou e fechou os olhos. Valentine precipitou-se para ele.

Os lábios de Morrel esboçaram ainda um movimento.

- Chama-a - disse o conde. - Chama-a do fundo do seu sono aquele a quem confiara o seu destino e de quem a morte a quis separar. Mas por sorte eu estava lá e venci a morte! Valentine, daqui em diante não devem separar-se mais na Terra; porque para a tornar a ver ele precipitava-se na sepultura. Sem mim, morreriam ambos; restituo-os um ao outro. Assim possa ter em conta a meu favor estas duas existências que salvo!

Valentine pegou na mão de Monte-Cristo e, num impulso de alegria irresistível, levou-a aos lábios.

- Oh, agradeça-me muito! - pediu o conde. - Repita-me, sem se cansar de me repetir, repita-me que a tornei feliz? Não imagina quanto necessito dessa certeza.

- Sim, sim, agradeço-lhe de toda a minha alma - respondeu Valentine. - E se dúvida da sinceridade dos meus agradecimentos, pergunte a Haydée,

interrogue a minha querida irmã Haydée, que desde a nossa partida de França me tem feito esperar pacientemente, falando-me do senhor pelo feliz dia que brilha hoje por mim.

- Ama então Haydée? - perguntou Monte-Cristo, com uma emoção que em vão se esforçava por dissimular.

- Oh, com toda a minha alma!

- Nesse caso, escute, Valentine - disse o conde. - Tenho um pedido a fazer-lhe.

- A mim, Santo Deus? Merecerei tamanha felicidade?...

- Merece, sim. Chamou a Haydée sua irmã; que ela seja sua irmã de fato, Valentine. Pague-lhe a ela tudo o que julga dever-me a mim. Protejam-na, Morrel e a menina, porque... - a voz do conde quase lhe morreu na garganta - no futuro ela estará sozinha no mundo.

- Sozinha no mundo! - repetiu uma voz atrás do conde. - E porquê?

Monte-Cristo virou-se.

Haydée estava ali, de pé, pálida e siderada, a olhar o conde com uma expressão de mortal espanto.

- Porque amanhã, minha filha, será, livre - respondeu o conde. - Porque retomará no mundo o lugar que te é devido. Porque não quero que o meu destino obscureça o teu. Filha de príncipe, restituo-te as riquezas e o nome do teu pai!

Haydée empalideceu, abriu as mãos diáfanas como faz a virgem que se encomenda a Deus e perguntou, com a voz embargada pelas lágrimas:

- Quer dizer, meu senhor, que me deixa?

- Haydée! Haydée! É jovem e bela; esquece inclusivamente o meu nome e seja feliz.

- Está bem - respondeu Haydée --, as suas ordens serão cumpridas, meu senhor; esquecerei inclusivamente o seu nome e serei feliz.

E deu um passo atrás para se retirar.

- Oh, meu Deus! - exclamou Valentine, amparando no ombro a cabeça adormecida de Morrel. - Não vê como ela está pálida, não compreende como ela sofre?

Haydée perguntou-lhe com uma expressão pungente:

- Como quer que me compreenda, minha irmã? Ele é o meu senhor e eu sou sua escrava; tem o direito de não ver nada.

O conde estremeceu ao ouvir o tom desta voz, que fez vibrar mesmo as fibras mais íntimas do seu coração. Os seus olhos encontraram os da jovem e não puderam suportar-lhe o brilho.

- Meu Deus, meu Deus, será então verdade o que me deixaste suspeitar? Haydée, seria feliz se me não deixasse?

- Sou nova - respondeu ela meigamente --, amo a vida que sempre me tornaste tão agrável, e lamentaria morrer.

- Quer dizer que se te deixasse, Haydée...

- Morreria, meu senhor, morreria!

- Amas-me então?

- Oh, Valentine, pergunta-me se o amo! Valentine, diga-lhe você se ama Maximilien!

O conde sentiu o peito dilatar-se, e com ele o coração. Abriu os braços e

Haydée soltou um grito e lançou-se neles.

- Oh, sim, te amo! - exclamou a jovem. - Te amo-te como se ama um pai, um irmão e um marido! Te amo como se ama a vida, como se ama Deus, porque é para mim o mais belo, o melhor e o maior dos seres da criação!

- Seja então feita a sua vontade, meu anjo querido - respondeu o conde. - Deus, que me instigou contra os meus inimigos e me tornou vingador, Deus, bem o vejo, não quer que haja arrependimento no fim da minha vitória. Queria castigar-me; Deus quer perdoar-me. Ama-me, pois, Haydée! Quem sabe, talvez o teu amor me faça esquecer o que devo esquecer.

- Que quer dizer com isso, meu senhor? - perguntou a jovem.

- Quero dizer que uma palavra tua, Haydée, me esclareceu mais do que vinte anos da minha lenta aprendizagem. Só tenho a você no mundo, Haydée; por você volto a prender-me à vida, por você posso sofrer, por você posso ser feliz.

- Ouve-o, Valentine? - atalhou Haydée. - Diz que pode sofrer por mim! Por mim, que daria a vida por ele!

O conde recolheu-se um instante.

- Entrevi a verdade? Meu Deus, não importa! Recompensa ou castigo, aceito o meu destino. Vem, Haydée, vem...

E passando o braço à roda da cintura da jovem, apertou a mão a Valentine e saiu.

Passou cerca de uma hora, durante a qual, arquejante, calada, de olhos fixos, Valentine permaneceu junto de Morrel. Por fim, sentiu o coração dele bater, um sopro imperceptível abrir-lhe os lábios e o leve frêmito que anuncia o regresso à vida percorreu todo o corpo do jovem.

Por fim abriu os olhos, ao princípio fixos e como que enlouquecidos; depois, a vista voltou-lhe, precisa, real, e com a vista a sensação e com a sensação a dor.

- Oh, ainda estou vivo, o conde enganou-me! - exclamou com acento de desespero.

E a sua mão estendeu-se para a mesa e pegou numa faca.

- Amigo - disse Valentine, com o seu sorriso adorável -- acorda e olha para mim.

Morrel soltou um grande grito e delirante, cheio de dúvidas, mas deslumbrado como que por uma visão celeste, caiu de joelhos.

No dia seguinte, ao amanhecer, Morrel e Valentine passeavam de braço dado na margem. Valentine contou a Morrel como Monte-Cristo aparecera no seu quarto, como lhe revelara tudo, como lhe fizera tomar conhecimento do crime e finalmente como a salvara miraculosamente da morte conseguindo que tudo fizesse crer que estava de fato morta.

Tinham encontrado aberta a porta da gruta e saído; no céu brilhavam no azul matinal as últimas estrelas da noite. Então Morrel viu na penumbra de um grupo de rochedos um homem que esperava um sinal para avançar e indicou esse homem a Valentine.

- É Jacopo, o comandante do iate - disse ela. E chamou-o com um gesto.

- Tem alguma coisa para nos dizer? - perguntou Morrel. - Devo entregar-lhes esta carta da parte do conde.

- Do conde?... - murmuraram os dois jovens.

- Sim, leiam.

Morrel abriu a carta e leu:

Meu caro Maximilien:

Há um falucho ancorado à disposição de ambos. Jacopo os levará a Liorne, onde o Sr. Noirtier espera a neta para a abençoar antes de ela o acompanhar ao altar. Tudo o que se encontra nessa gruta, meu amigo, bem como a minha casa dos Campos Elísios e o meu palacete de Tréport, são o presente de casamento de Edmond Dantés ao filho do seu patrão Morrel. Mademoiselle de Villefort poderá ficar com metade, pois suplico-lhe que dê aos pobres de Paris toda a fortuna do lado do pai, que enlouqueceu, e do lado do irmão, falecido em Setembro último juntamente com a mãe.

Diga ao anjo que vai velar pela sua vida, Morrel, que reze algumas vezes por um homem que, qual Satanás, se julgou por momentos igual a Deus e que reconheceu, com toda a humildade de um cristão, que só nas mãos de Deus se encontram o poder supremo e a infinita sabedoria. Talvez essas preces suavizem o remorso que ele traz no fundo do coração.

Quanto a si, Morrel, aqui tem todo o segredo da minha conduta para consigo: não existe felicidade nem infelicidade neste mundo, existe apenas a comparação de um estado com outro e mais nada. Só aquele que experimentou o extremo infortúnio se encontra apto a experimentar a extrema felicidade. É necessário ter querido morrer, Maximilien, para saber como é bom viver.

Vivam pois e sejam felizes, filhos queridos do meu coração, e nunca esqueçam que até ao dia em que Deus se dignar desvendar o futuro ao homem, toda a sabedoria humana residirá nestas palavras:

Esperar e ter esperança!

Seu amigo,

Edmond Dantés,

Conde de Monte-Cristo.

Durante a leitura desta carta, que lhe revelava a loucura do pai e a morte do irmão - morte e loucura que ignorava -, Valentine empalideceu, escapou-lhe um doloroso suspiro do peito, e lágrimas, que não eram menos pungentes por serem silenciosas, rolaram-lhe pelas faces. A sua felicidade saía-lhe muito cara.

Morrel olhou à sua volta com inquietação.

- Mas... na verdade, o conde exagera a sua generosidade; Valentine se contentará com a minha modesta fortuna. Onde está o conde, meu amigo? Leve-me à sua presença.

Jacopo estendeu a mão para o horizonte.

- O quê! Que quer dizer? - perguntou Valentine. - Onde está o conde? Onde está Haydée?

- Vejam - respondeu Jacopo.

Os olhos dos dois jovens fixaram-se na linha indicada pelo marinheiro, e nessa linha de um azul-escuro que separava no horizonte o céu do Mediterrâneo viram uma vela branca do tamanho das asas de uma gaivota.

- Partiu! - exclamou Morrel. - Partiu! Adeus, meu amigo, meu pai!

- Partiu! - murmurou Valentine. - Adeus, minha amiga! Adeus, minha irmã!

- Quem sabe se alguma vez os tornaremos a ver? - observou Morrel,

limpando uma lágrima.

- Meu amigo - disse Valentine --, o conde não acaba de nos dizer que a sabedoria humana reside por completo nestas palavras: Esperar e ter esperança!?